ILÍADA

HOMERO

ODISSEIA

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

Box Homero
ISBN: 9788520924082

Contém os livros:

Ilíada
ISBN: 9788520924075

Odisseia
ISBN: 9788520924051

Editora Nova Fronteira, 2015.

SUMÁRIO

ILÍADA

Introdução — A Questão Homérica

Canto I: A Peste e a Ira
Canto II: Sonho, Teste e Beócia ou O Catálogo das Naus
Canto III: Juramentos, Muralhas de Observação e o Combate Singular de Alexandre e Menelau
Canto IV: A Quebra do Juramento e Revista de Agamémnone
Canto V: Os Feitos Heroicos de Diomedes (Aristia de Diomedes)
Canto VI: O Encontro de Heitor com Andrômaca
Canto VII: O Combate Singular de Heitor e Ajaz e a Remoção dos Mortos
Canto VIII: A Luta Interrompida
Canto IX: Honra para Aquiles e Preces
Canto X: Os Feitos de Dolão (Doloneia)
Canto XI: Os Feitos Heroicos de Agamémnone (Aristia de Agamémnone)
Canto XII: O Ataque aos Muros
Canto XIII: A Luta Junto aos Navios

Canto XIV: O Engano de Zeus
Canto XV: A Revanche Rumo aos Navios
Canto XVI: Os Feitos de Pátroclo (Patrocleia)
Canto XVII: Os Feitos Heroicos de Menelau (Aristia de Menelau)
Canto XVIII: A Feitura das Armas
Canto XIX: A Renúncia à Ira
Canto XX: A Luta dos Deuses
Canto XXI: A Luta Junto ao Rio
Canto XXII: A Retirada de Heitor
Canto XXIII: Prêmios em Honra de Pátroclo
Canto XXIV: O Resgate de Heitor

Notas
Apêndice
Sobre o Autor

ODISSEIA

Prefácio
Nota do Revisor
PRELÚDIO
Canto I: Assembleia dos Deuses, Conselhos de Atena a Telêmaco e Festa dos Pretendentes

PARTE I
A Viagem de Telêmaco
Canto II: A Assembleia em Ítaca e a Partida de Telêmaco
Canto III: Em Pilo

Canto IV: Na Lacônia e a Emboscada dos Pretendentes

PARTE II

Os Relatos na Casa de Alcínoo — Odisseu na Ilha de Calipso e na Feácia

Canto V: A Caverna de Calipso e a Balsa de Ulisses
Canto VI: Odisseu Chega à Feácia
Canto VII: Entrada de Odisseu na Casa de Alcínoo
Canto VIII: Recepção de Odisseu pelos Feácios

PARTE III

O Relato de Odisseu

Canto IX: Os Cíconos, os Lotófagos e o Ciclope
Canto X: Acerca de Éolo, os Lestrigões e Circe
Canto XI: Consultando os Mortos
Canto XII: As Sereias, Cila, Caribde e os Bois de Hélio

PARTE IV

O Retorno de Odisseu

Canto XIII: A Chegada a Ítaca
Canto XIV: Odisseu Chega à Casa de Eumeu
Canto XV: Telêmaco Chega à Casa de Eumeu
Canto XVI: Reconhecimento de Odisseu por Telêmaco

PARTE V

Odisseu no Palácio

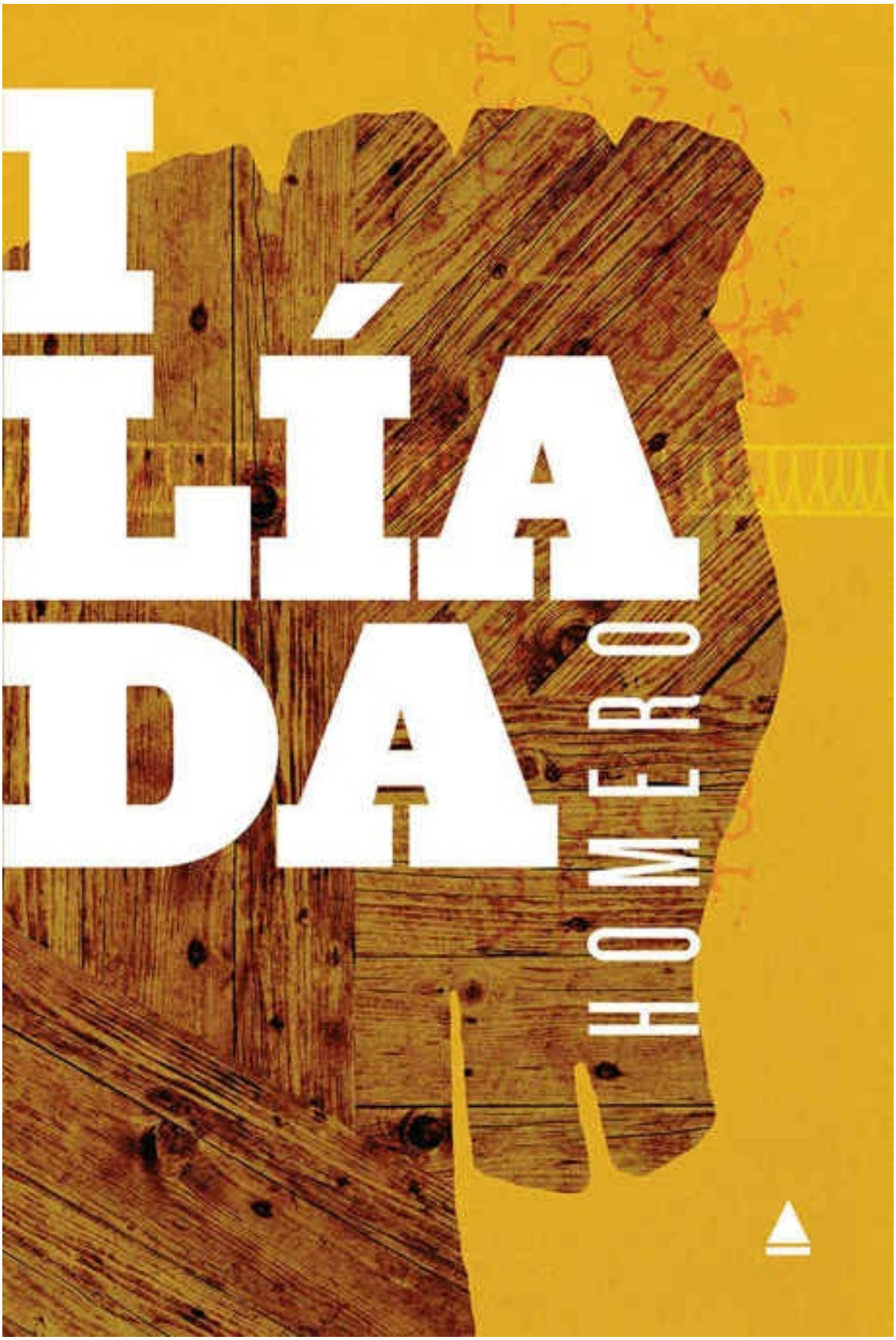
Canto XVII: Na Cidade
Canto XVIII: A Luta de Iro e Odisseu
Canto XIX: Encontro de Penélope e Odisseu e a Lavagem dos Pés
Canto XX: Acerca da Morte dos Pretendentes

PARTE VI

A Vingança de Odisseu

Canto XXI: A Apresentação do Arco
Canto XXII: A Chacina dos Pretendentes
Canto XXIII: Penélope Reconhece Odisseu
Canto XXIV: Segunda Descida ao Hades e o Tratado de Paz

Notas
Apêndice
Sobre o Autor


ILÍADA
HOMERO

ΟΜΗΡΟΣ
ΟΜΗΡΟΣ

ILÍADA

HOMERO

Tradução de

CARLOS ALBERTO NUNES

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 — CEP 21042-235
Bonsucesso — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Homero
Ilíada / Homero ; tradução e introdução Carlos Alberto Nunes. - [25.ed.] - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2015.
536 p. ; 23 cm.

Tradução de: Liás
Apêndice
ISBN 9788520924075

1. Poesia grega. I. Nunes, Carlos Alberto. II. Título.

14-18214

CDD 881
CDU 821.14’021

SUMÁRIO

Introdução — A Questão Homérica

Canto I: A Peste e a Ira
Canto II: Sonho, Teste e Beócia ou O Catálogo das Naus
Canto III: Juramentos, Muralhas de Observação e o Combate Singular de Alexandre e Menelau
Canto IV: A Quebra do Juramento e Revista de Agamémnone
Canto V: Os Feitos Heroicos de Diomedes (Aristia de Diomedes)
Canto VI: O Encontro de Heitor com Andrômaca
Canto VII: O Combate Singular de Heitor e Ajaz e a Remoção dos Mortos
Canto VIII: A Luta Interrompida
Canto IX: Honra para Aquiles e Preces
Canto X: Os Feitos de Dolão (Doloneia)
Canto XI: Os Feitos Heroicos de Agamémnone (Aristia de Agamémnone)
Canto XII: O Ataque aos Muros
Canto XIII: A Luta Junto aos Navios
Canto XIV: O Engano de Zeus
Canto XV: A Revanche Rumo aos Navios
Canto XVI: Os Feitos de Pátroclo (Patrocleia)

Canto XVII: Os Feitos Heroicos de Menelau (Aristia de Menelau)
Canto XVIII: A Feitura das Armas
Canto XIX: A Renúncia à Ira
Canto XX: A Luta dos Deuses
Canto XXI: A Luta Junto ao Rio
Canto XXII: A Retirada de Heitor
Canto XXIII: Prêmios em Honra de Pátroclo
Canto XXIV: O Resgate de Heitor

Apêndice
Sobre o Autor

INTRODUÇÃO
A QUESTÃO HOMÉRICA

Surgidas nos primórdios da literatura europeia, a *Ilíada* e a *Odisseia* ainda conservam todo o seu frescor primitivo, como se os milênios, muito longe de ofuscar-lhes o brilho, só contribuíssem para exaltar-lhes a beleza intrínseca. Encheria bibliotecas o que se tem escrito sobre esses poemas tão justamente famosos, que, por sua maneira decisiva, exerceram influência nas grandes literaturas que se formaram sob o estímulo benéfico do pensamento grego. Sobre o valor da poesia e de sua importância social ninguém falou melhor do que o próprio Homero, quando insistentemente promete a seus heróis a imortalidade que lhes assegurava a arte divina. Tão grande é a consciência de seu valor, ou, digamos, de sua missão, que chega a declarar que só aconteceram tantas calamidades — a Guerra de Troia, o entrechoque de dois continentes, a morte de tantos heróis — para que ele as fixasse em seus versos imorredouros. É o que também Helena declara, com os olhos na posteridade, com relação ao seu destino e ao de Páris, causa mais próxima das calamidades que afligiam Troia:

> Triste destino Zeus grande nos deu, para que nos celebrem,
> nas gerações porvindoiras, os cantos excelsos dos vates.
>
> [*Ilíada*, VI, 357-8]

Mas, de início, cumpre-me declarar que não me proponho a fazer um estudo sobre a poesia de Homero, rastreando-lhe as características, nem a chamar a atenção dos leitores para as passagens conhecidas, que, pelo menos como “trechos de ouro” das seletas, opulentam nosso patrimônio cultural. Meu intuito é mais modesto, podendo, mesmo, a um juízo superficial, parecer demolidor; porque, muito longe de entoar loas à beleza imperecível da *Ilíada* e da *Odisseia*, pretendo demonstrar que essas duas epopeias não fogem às vicissitudes das produções congêneres, e que são muito condicionadas: humanas, demasiadamente humanas.

Quero dizer com isso que, em vez de convidar os leitores para nos extasiarmos diante das belezas desses monumentos literários, que há três milênios adquiriram a fama de modelos inigualáveis de poesia, disponho-me a estudá-los sob um prisma diferente. Vou apreciar a formação da *Ilíada* e da *Odisseia* à luz da denominada Questão Homérica, a célebre questão que há um século e meio domina soberana o campo da filologia clássica. E, a meu ver, a melhor maneira de considerarmos esse assunto não deverá consistir na enumeração das várias teorias que têm surgido para explicar a formação dos dois poemas, mas o processo parcial e apaixonado dos próprios militantes do memorável pleito. Quero dizer que pretendo tomar posição no debate, para filiar-me à corrente que, a meu ver, está com a verdade, e apresentar uma tentativa de explicação da gênese da *Ilíada* e da *Odisseia*.

A afirmativa de que esta explicação não passa de uma tentativa equivale à confissão de que estamos longe de um acordo, tanto no tema principal como em muitas questões subsidiárias. Depois de um século e meio de estudos, qual mais profundo e interessante, os combatentes ainda defendem com igual ardor os seus redutos primitivos, não se dobrando os unitários — isto é, os partidários da unidade intransigente dos poemas — aos argumentos dos analíticos, que se esforçam em achar um critério estilístico que nos permita distinguir na trama complexa desses poemas os elementos heterogêneos que convergiram para a estruturação de sua unidade.

Parecerão, talvez, paradoxais as conclusões a seguir, uma vez que pretendo defender a unidade da concepção da *Ilíada* e a pluralidade da *Odisseia*.

Mas espero que seja possível apresentar as razões de semelhante atitude, que se origina de reflexões amadurecidas, já no decurso do trabalho da tradução dos dois poemas, já no estudo especializado nesse setor da filologia clássica. Sobre os pontos fundamentais da Questão Homérica, estão divididos os dois grupos, o dos unitários e o dos analistas, não aceitando seus componentes, insuladamente considerados, as conclusões dos do lado oposto, no que respeita à gênese dos poemas. Para os unitários intransigentes — Karl Rothe, Drerup ("o gigantesco trabalho de Drerup", na frase expressiva de Bowra com relação ao grande merecimento desse investigador) e, mais recentemente, Renata von Scheliha, em seu livro *Patroklos* (Basileia, 1943), verdadeira joia de estilo e erudição —, para os componentes desse grupo, dizia, a *Ilíada* e a *Odisseia* são composições de um único autor, tendo chegado até nós, essencialmente, o texto desses poemas tal como brotou da mente privilegiada do poeta. Se há discrepância entre alguns, refere-se a questões secundárias: época em que teria vivido Homero e uma ou outra concessão quanto a interpolações tardias. Para os analistas avançados — Wilamowitz Moellendorf, Erich Bethe, Eduard Schwartz, para só mencionar os de maior renome — é apenas aparente a unidade dos dois poemas, que se formaram pela união mal-ajeitada de composições menores, de fácil identificação.

Sobre o problema da formação da *Odisseia* já me externei em 1941, em três palestras dirigidas a um auditório composto quase exclusivamente de médicos, no anfiteatro da clínica obstétrica do professor Raul Briquet. Não foram publicadas, mas a ocorrência constou de ata especial. Com relação ao problema da *Ilíada* e de sua gênese, em fevereiro de 1944 fiz duas palestras à Sociedade Filológica de São Paulo, então sob a presidência do professor Otoniel Mota. Mas as considerações aqui têm por base uma conferência realizada em novembro de 1950, na Biblioteca Municipal, na mesma cidade, e que três anos depois foi publicada, sem essa indicação, na revista cultural *Anhembi*.

Com relação à *Ilíada*, foi decisiva em meu espírito a influência dos trabalhos de Ernst Howald e de Pestalozzi, adiante citados, que vieram dar unidade às visões parciais a que eu já tinha chegado, conduzindo-me rapidamente a uma solução que se me afigura definitiva, e que tem, ainda, o mérito de fazer inteira

justiça à tese dos defensores da unidade do poema. Sobre a formação da *Odisseia*, só serviu para consolidar ainda mais a tese defendida nesse estudo a leitura do grande livro de Merkelbach, *Untersuchungen zur Odyssee* (Munique, 1951). A coincidência das conclusões, que desce até particularidades, pode ser invocada como argumento a favor da veracidade da doutrina defendida.

Por último, observarei que não foram tomados em consideração no presente estudo sobre a *Ilíada* os recentes trabalhos de Kakridis e de Von der Mühll, porque de publicação ou de aquisição tardia: Johannes T. Kakridis, *Homeric Researches*, Lund, 1949, e Peter von der Mühll, *Kritisches Hypommema zur Ilias*, Basileia, 1952.

I

Para entrarmos logo no assunto, declaro-me, de início, partidário dos corizontes, daqueles que desde a Antiguidade eram assim denominados por atribuírem autoria diferente à *Ilíada* e à *Odisseia*. Por ordem cronológica, quando do aparecimento dos dois poemas como dos acontecimentos que comemoram, eu deveria estudar em primeiro lugar a *Ilíada*. Mas para nos mantermos fiéis ao propósito inicial de “falar mal” de Homero, vou inverter essa ordem e começar pela *Odisseia*, cuja análise, sob alguns aspectos, é mais atraente e de mais fácil compreensão. Desse modo, poderemos mudar de atitude na segunda parte, para nos reabilitarmos, ou melhor, para reabilitarmos o poeta. Posto isso, apresentarei minha primeira proposição apodítica, que será demonstrada durante as presentes considerações: tanto a *Ilíada* como a *Odisseia* representam a fase última do movimento épico da Grécia, firmando-se ambos os poemas em copioso material preexistente, isto é, em poemas de proporções menores, em sagas, lendas, mitos de origem variada, que iam sendo incorporados a conjuntos cada vez mais complexos. Mas no caso da *Ilíada*, um grande poeta — que poderá ser o tão discutido Homero histórico — conseguiu uma síntese admirável com esse material heterogêneo, a que imprimiu o cunho do seu grande gênio. Para a *Odisseia* a nossa conclusão terá de ser um pouco

desanimadora: o redator final do poema se revela inferior ao esplêndido material que lhe fora ter às mãos.

Ainda no domínio das generalidades, direi que os dois poemas se distinguem também quanto ao gênero literário: a *Ilíada é* uma epopeia, e a *Odisseia*, um romance. Isto é, na *Ilíada* vamos encontrar tradições militares das tribos do mundo helênico, em suas variadas etnias, com certa base histórica, ainda que transfigurada pelos mitos, ao passo que o tema da *Odisseia* é um tema universal, que ocorre na literatura de muitos povos e cuja ação se passa em toda parte e ao mesmo tempo em parte alguma. Isso explica o fato de serem tão fecundos os achados arqueológicos no que se refere à *Ilíada*, ao passo que têm sido desesperadoramente negativas as escavações levadas a cabo nas duas ilhas — Tiaki e Leucas — que os entendidos identificam com a tradicional Ítaca. E tanto a *Odisseia é* um romance de tema universal que o seu enredo pode ser apresentado sem que se faça menção ao herói, conforme demonstrou Wilamowitz. Repitamos a prova.

Ao partir para a guerra, um famoso barão medieval chamou sua esposa e disse-lhe: “O inimigo é poderoso; a guerra promete ser longa; o resultado é incerto. Por isso, se eu perecer na luta, ou se, decorridos vinte anos, não tiver voltado, ficarás com liberdade de casar-se de novo, para entregares a casa a nosso filho.” Feitas essas recomendações, ele partiu. À medida que os anos se passavam, vinham sendo trazidas notícias pelos bardos que percorriam os castelos dos senhores e cantavam as variadas fases do pleito memorável, até que, depois de dez anos, chegou a hora em que ela se decidisse por novas núpcias. Sem esperança alguma do retorno do marido, premida pelas circunstâncias e até mesmo pela insistência do filho, que via os seus bens serem devorados pelos pretendentes, resignou-se a esposa a dar aquele passo doloroso: tendo apresentado um arco que pertencera ao marido, declarou que se casaria com quem pudesse manejá-lo. A resistência da madeira e as demais condições da prova tornavam o pleito dificílimo. Nenhum dos pretendentes conseguiu dobrar o arco e, muito menos, completar a prova, o que foi feito com facilidade por um mendigo que ali aparecera dias antes e a quem ninguém prestara atenção, tendo se patenteado depois que esse mendigo era, justamente, o famoso guerreiro que

chegara disfarçado à sua casa, para vir salvar a esposa na ocasião de maior perigo.

É esse o tema da *Odisseia*, tema de natureza universal, que tanto podia ser imaginado tendo ocorrido na Grécia como no tempo das Cruzadas, ou até mesmo entre nós, na época das Bandeiras. De Raposo Tavares conta-se que ele depois de percorrer o sertão por muitos anos, ao voltar para São Paulo encontrava-se tão desfigurado que a própria família não o reconheceu. Se pensássemos em mitos, como os gregos, e sublimássemos o passado, com pequeno esforço de imaginação poderíamos concretizar ao redor do nome desse bandeirante mais uma variante da *Odisseia*. O nome Ulisses, ou Odisseu,[1] foi apenas o nome feliz que congregou em torno de si as lendas de um povo de navegadores, de mistura com temas de origem francamente continental.

É óbvio que as primeiras narrativas das aventuras desse herói — quero dizer, as primeiras Odisseias — foram de proporções modestas, não podendo abranger doze mil versos, como a nossa *Odisseia* tradicional. Em vários séculos de tradição épica, muitas deviam ter sido as variantes dessas aventuras. E mais, pelo que nos é permitido concluir da literatura comparada: depois de cantadas as proezas do principal herói, passavam os vates à enumeração das de seu filho, como se verificou com os romances de cavalaria de Espanha e de Portugal, esgotadas as façanhas dos Amadises e dos Palmeirins, vinham seus filhos, e até mesmo os netos, encher o ócio e a imaginação dos leitores, sempre interessados pelo relato de novas aventuras. O mesmo fenômeno se verificou na epopeia grega: depois das aventuras de Odisseu, vieram as de Telêmaco, sendo fácil demonstrar dentro da trama da *Odisseia* tradicional a existência de um poema independente — a Telemaquia — de incorporação tardia. Chegou até nós a notícia, ainda, de uma Telegonia, atribuída a Êugamon de Pérgamo: Telêgono, filho de Ulisses e Circe, depois de crescido, sai em busca de notícias do pai. Ao desembarcar em Ítaca, é atacado pelo próprio Ulisses, que julgou tratar-se de pirata. Ulisses é ferido e morre. Esse tema, da morte do pai pelo próprio filho, em duelo, sem se conhecerem, ocorre nas literaturas persa e germânica. Do antigo poema germânico só nos restam fragmentos — o denominado fragmento da “Canção de Hildebrant”, escrito em caracteres do século IX, na sobrecapa de

um livro teológico da biblioteca do Convento de Fulda, em que vem narrado o encontro de Hildebrant e de Hadubrant. Essas referências visam apenas à confirmação do que foi dito acima: que o tema da *Odisseia* brota mais da fantasia dos poetas do que de fatos propriamente históricos.

Qualquer leitor desapaixonado verificará que a *Odisseia* começa duas vezes: embora o poeta anuncie no proêmio que tratará das aventuras de Ulisses, e no concílio dos deuses com que se inicia o poema, constitua a preocupação máxima de Atena a sorte do herói detido em Ogígia pela ninfa Calipso, ao baixar do Olimpo dirige-se a deusa a Ítaca para ocupar-se apenas com Telêmaco, durante quatro longos cantos. Somente no segundo concílio, no início do Canto V, é que se inicia a *Odisseia* propriamente dita, quando Atena torna a queixar-se a Zeus da sorte de Ulisses, cujo palácio fora invadido pelos pretendentes. Na resposta de Zeus nota-se um certo azedume diante das recriminações injustas, uma vez que Atena já obtivera, no concílio anterior, consentimento para proceder como bem entendesse:

> Filha, por que tais palavras de encerro da boca soltaste?
> Não foste tu que, por própria deliberação, resolveste
> que se vingasse Odisseu deles todos, ao vir de tornada? [...]
>
> [*Odisseia*, V, 22-4]

Percebe-se que o poeta está em dificuldade para iniciar a história, movimentando duas vezes a sua máquina.

É fácil verificar que a Telemaquia e a *Odisseia*, propriamente ditas, se passam em diferentes épocas do ano. Telêmaco navega durante a noite, de Ítaca a Pilo, para visitar o velho Nestor, de quem esperava notícias do pai. De Pilo a Lacedemônia faz a viagem por terra, a todo correr do cavalo, em dois dias, com parada em Feras, em casa de Diocles. A viagem é descrita em versos estereotipados, que se repetem de volta:

> O dia inteiro galopam e o jugo, incessantes, sacodem.

E, quando o Sol se deitou e as estradas a sombra cobria [...]

[*Odisseia*, III, 486-7; XV, 184-5]

No entanto, a ação da *Odisseia* se passa em pleno inverno, havendo a indicação precisa de que a vingança de Ulisses, isto é, o morticínio dos pretendentes, se deu no dia dos festejos a Apolo, que corresponde ao nosso 25 de dezembro. Há mais: quando o porqueiro Eumeu se dispõe a contar ao falso mendigo a sua história, justifica-se com a declaração de que as noites eram muito compridas: “Para dormir, sobra tempo, depois de uma boa conversa. Sono demais prejudica [...]” (*Odisseia*, XV, 393-4). E, no dia seguinte, ao se dispor a levar o suposto mendigo para a cidade, convida-o a partirem logo, porque escurece cedo e, com a tarde, a temperatura cai (XVII). Nessa época do ano, Telêmaco não poderia viajar por terra a todo correr do cavalo, nem navegar à noite, como o fez para evitar a curiosidade dos pretendentes e a cilada que estes lhe prepararam à sua volta.

Mas há mais; vejamos agora um trecho do Canto IV e, logo a seguir, um do Canto XV, para nos convencermos de que este é a sequência natural daquele, quando a primitiva Telemaquia ainda não fora desmembrada para ser incorporada à *Odisseia*. Telêmaco se encontra na corte de Menelau, e este lhe dá notícias de Odisseu: está com vida, detido na Ilha de Calipso, sem meios de voltar para Ítaca. Soubera isso de Proteu. São notícias um tanto vagas; mas já permitiam alguma esperança de que o herói voltasse para restabelecer a ordem em casa. Como de praxe, Menelau oferece um bom presente ao hóspede: um cavalo de corrida. Telêmaco, como filho de tal pai, recusa o presente, sob a alegação de que Ítaca era de solo pedregoso, impróprio para a criação de cavalos, propondo uma troca. Menelau louva a desenvoltura do rapaz e dispõe-se a substituir o mimo, oferecendo-se, até, a sair com Telêmaco pelas cidades da Hélade, a fim de angariar outros presentes. Nenhum dos senhores das redondezas se recusaria a homenagear o filho de tão grande herói. Nessa altura, chamo a atenção dos leitores para esse traço característico do homem grego: o apego aos objetos de valor. O próprio Ulisses confessa a Alcínoo, na Esquéria, que seria muito mal-recebido em casa se voltasse de mãos vazias:

[...] Mais estimado hei de ser e acolhido com mais reverência
por quantos homens em Ítaca à minha chegada assistirem.

[*Odisseia*, XI, 360-1]

Mas ouçamos Menelau, nos dois trechos que constituíam uma única fala na primitiva redação do poema:

Que és de bom sangue, meu caro, se vê pelo modo que falas.
Outros presentes vou dar-te em lugar dos primeiros, que o posso.
De quantas coisas preciosas em casa se encontram guardadas,
quero ofertar-te a mais bela e de mais extremada valia.
Dou-te uma taça de fino trabalho e de linhas bem-feitas,
toda de prata, com bordas, porém, de ouro puro batidas,
obra de Hefesto, presente de Fédimo, ousado guerreiro,
rei dos Sidônios, no tempo em que estive em sua casa hospedado,
quando da viagem de volta. Essa, agora, desejo ofertar-te.

[...] Mas, se pela Hélade queres passar de retorno e por Argos,
para que eu próprio te siga, farei preparar os cavalos.
Pelas cidades dos homens iremos; ninguém — é certeza —
há de deixar-nos partir sem nos dar um bonito presente,
ou seja trípode, ou seja caldeira construída de bronze,
ou taça de ouro maciço, ou parelha de mulas robustas.

[*Odisseia*, IV, 611-9; XV, 80-5]

Não precisarei perguntar se os leitores notaram qualquer salto na passagem dos trechos: a sequência é perfeita, o que vem demonstrar que eles faziam parte de uma narrativa seguida, que, nesta altura, foi cortada com tesoura — ou de

qualquer jeito, para que não me objetem que os gregos não conheciam esse instrumento —, tendo jogado o compilador, entre ambas as partes, dez cantos movimentados da *Odisseia* propriamente dita, ou melhor, das Odisseias em que baseava a sua compilação.

Devemos esse achado ao grande Wilamowitz Moellendorf, talvez o maior helenista alemão de todos os tempos, e até mesmo talvez porque sobre todos os aspectos do pensamento grego escreveu uma obra fundamental. Sobre a Questão Homérica escreveu duas, além de trabalhos de menor vulto: *Homerische Untersuchungen*, publicada em 1884, em que estuda a *Odisseia*, e *Die Ilias und Homer*, em 1916. Mais adiante voltaremos a tratar desse autor e do valor de suas investigações do domínio da Questão Homérica.

Nesta exposição vou seguir mais de perto a orientação de um de seus discípulos, Eduard Schwartz, que teve a ideia de designar por letras os autores dos poemas que podem ser isolados dentro da *Odisseia*. Desse modo, daremos o nome de "T" ao autor da Telemaquia, para designar pelas letras "O" e "K" os autores de duas narrações primitivas de aventuras de Odisseu, compiladas pelo redator a quem devemos a *Odisseia* tradicional, e que receberá o nome de "B". Essa letra vem, provavelmente, da palavra alemã *Bearbeiter* (compilador); não sei dar a razão da escolha das outras duas. Mas o que é fora de dúvida é que o processo facilita a exposição, permitindo-nos, quase, individualizar os respectivos autores, com suas peculiaridades de estilo e suas idiossincrasias. A ideia pegou; num trabalho relativamente recente (*Die Odyssee*, 1943), Friedrich Fock, apesar de rejeitar a "hipótese de redator" e muitas outras afirmações de Schwartz, joga com a sua tecnologia, sem indicação de origem, por pressupor nos leitores o conhecimento de tais particularidades. Eduard Schwartz fala, ainda, em "F" e "L", autores de fragmentos que não chegam a constituir poemas bem-delimitados. Mas isso poderá complicar a nossa exposição. Vou deixá-los de lado, para jogarmos apenas com os elementos apontados. Para facilidade da exposição, apresento o seguinte esquema, cujas vantagens se farão sentir:

"O": Trinácria — feácios — tesprotos — Ítaca
"K": Trinácria — Calipso — feácios — Ítaca

“T”: Telemaquia

Voltando, agora, nossa atenção para o assunto da *Odisseia* propriamente dita, vamos tomar como fio orientador o itinerário do herói, de certa parte em diante de suas peregrinações. Acompanhando-se sem preconceitos através do texto da *Odisseia* tradicional, encontrá-lo-emos, de início (Canto V), na Ilha de Ogígia, onde há sete anos Calipso o retém. Depois de obtidos os meios de se pôr ao largo e de ver a sua jangada desfazer-se na tempestade suscitada por Posido, e lançado na Esquéria, região dos feácios, descendentes dos deuses, onde em quatro cantos admiráveis ele relata as suas aventuras e as de seus companheiros, no retorno de Troia, até a morte dos remanescentes, com a destruição da última nau, depois do sacrifício dos bois do rebanho sagrado de Hélio, que suscitou a tempestade em que todos pereceram, com exceção de Ulisses, então lançado na Ilha de Calipso. O episódio dos bois de Hélio deu-se na Trinácria, provavelmente a moderna Sicília. Da Esquéria os feácios o levaram diretamente para Ítaca, como cumpria a esse povo fabuloso, cuja missão principal consistia em repatriar os navegantes extraviados. Convém prestar atenção a esta pequena particularidade: que os feácios o levaram “diretamente” para Ítaca. É o itinerário que vemos indicado na segunda linha do nosso quadro: Trinácria — Calipso — feácios — Ítaca. Portanto, vamos ver se é possível encontrar, dentro da própria *Odisseia*, elementos que nos permitam levantar itinerário diferente.

Já vimos que o astucioso guerreiro chegou a Ítaca disfarçado de mendigo, para poder estudar de perto a situação, tendo, primeiro, procurado informar-se junto ao porqueiro Eumeu, que o levou, depois, ao palácio ocupado pelos 108 pretendentes de Penélope. Logo na primeira noite Ulisses teve oportunidade de conversar com Penélope e de dar-lhe notícias do marido, que ele, o suposto mendigo, dizia ter hospedado em Creta, quando de sua viagem para Troia. Diz-nos o poeta que sua fala era um misto de mentiras e de verdades(*mendacia multa dicens*, *veri similia*, para citarmos o tradutor latino). Ora, evidentemente fantasiosas eram as referências ao suposto mendigo, que se dizia natural de Creta, irmão de Idomeneu e que teria viajado pelo longínquo Egito. Mas, por outro lado, tinham de ser verdadeiros os dados relativos ao próprio Ulisses, na

terceira pessoa, sem o que o mendigo falharia no intento de convencer Penélope do retorno iminente do marido, sendo natural que em sua situação mencionasse o que se passara com ele mesmo nos últimos escalões de sua peregrinação: de Fidão, rei dos tesprotos, tivera notícias fidedignas de Odisseu, que já se achava de volta para casa, estando pronta, mesmo, a nave que deveria reconduzi-lo. Chegara a admirar os tesouros que Odisseu angariava por toda parte. Mas o herói resolvera ir primeiro a Dodona, para consultar o carvalho sagrado sobre a melhor maneira de aparecer em casa: às claras ou por modo encoberto. É no começo desta fala que ele nos ministra os elementos de que carecemos:

> [...] Já tive, certo, notícia da volta do herói Odisseu,
> que se acha perto, na terra fecunda dos homens Tesprotos,
> ainda com vida, e conduz para casa preciosos tesouros,
> que em toda parte angariou. Mas a nau de costado escavado
> e os companheiros queridos, perdeu-os no mar cor de vinho,
> ao se afastar da Trinácria [...].
> Todos a Morte encontraram no meio das ondas furiosas.
> Ele, porém, preso à quilha, jogado se viu contra a praia
> da região dos Feácios, que são descendentes dos deuses. [...]
>
> [*Odisseia*, XIX, 270-6, 277-80]

Nesse relato, duas particularidades chamam, imediatamente, nossa atenção: ter sido Odisseu jogado na Trinácria para a região dos feácios, sem passar por Ogígia, e não ter vindo dali diretamente para Ítaca. Essa diferença de itinerário permitirá concluir pela existência de um texto diferente do da *Odisseia* tradicional? Prossigamos na análise, em busca de algum reforço para a conclusão afirmativa.

Há uma passagem no Canto VIII que carecerá absolutamente de sentido, se não aceitarmos essa conclusão. É quando Arete, esposa de Alcínoo, chama Ulisses e lhe recomenda que preste atenção na maneira de fechar o baú em que ela acabara de depositar os ricos presentes que lhe tinham sido reservados:

Nota tu próprio o feitio da tampa e lhe passa um bom laço,
de forma tal que ninguém no caminho te lese, ainda mesmo
que durmas sono agradável, de novo, no escuro navio.

[*Odisseia*, VIII, 443-5]

É incompreensível. Ulisses ia ser reconduzido a Ítaca pelos marinheiros de Arete. No entanto, é ela mesma que admite a possibilidade de poder ser o seu hóspede roubado durante a viagem. Seria absurdo em qualquer circunstância, mormente em se tratando dos feácios descendentes dos deuses. Mas a observação deixará de ser o que parece, uma advertência inepta, se aceitarmos a diferença de itinerário: Arete sabe que Ulisses não vai diretamente para Ítaca; ele mesmo indicara o ponto em que desejava ficar, digamos, a Tesprótia, de onde os feácios retornariam, uma vez terminada a honrosa e grata missão.

Desse modo transforma-se em certeza a afirmação tímida no começo da *Odisseia* de "O", a primeira relação mais ampla das aventuras do herói, o itinerário diferia do que nos foi transmitido na redação final. Não só faltava nesse poema o episódio de Calipso, por ser lançado Ulisses diretamente da Trinácria para a terra dos feácios, como não era ele conduzido a Ítaca pelos marinheiros lendários, tendo preferido alongar um pouco as suas peregrinações para maior segurança do retorno. Pertence ao mesmo autor a cena do reconhecimento na corte de Alcínoo, que nos é relatada na passagem do oitavo para o nono canto da nossa *Odisseia*, cena admiravelmente traçada, em que a situação parece periclitar, quando o herói não pode conter as lágrimas diante da narração de Demódoco, ao cantar este as suas aventuras. Nossa emoção chega ao clímax quando o herói se dá a reconhecer, na muito citada passagem: "Eu sou Odisseu, filho de Laertes, e a minha glória atingiu o alto céu." Quer dizer: em um momento ficam invertidas as situações; aquele desconhecido, náufrago, que ali fora ter quase morto de cansaço e de fome, era o grande herói que combatera em Troia e por cuja astúcia caíra a fortaleza de Príamo; e muito longe, agora, de ser ele quem pedia alguma coisa, era quem dava honra à corte de Alcínoo e a seu

povo de marinheiros. Como vemos, estamos diante de um poeta de verdade, que sabe o que quer e que dispõe de uma técnica segura.

Mas, como se dá nas grandes literaturas, em sua fase de crescimento, esse poema despertou imediatamente a emulação de outros escritores. Lembrarei, de passagem, que depois de publicada a primeira parte do *Don Quixote*, de Cervantes, apareceu na Espanha uma suposta continuação das aventuras do cavaleiro manchego, por um tal bacharel Fernandez de Avellaneda — criptônimo, evidentemente. O mesmo se deu na Grécia: depois de conhecida a *Odisseia* de "O", surgiu outro poema em que as aventuras do herói eram tratadas por um prisma diferente.

Já demos o nome de "K" a esse poeta, que em pujança de intelecto nada ficava a dever a "O". Se "K" não podia expandir-se numa criação espontânea e livre, dispunha da vantagem da não despiciência dos que vêm em segundo lugar, isto é, de poder observar os erros de seu antecessor. Foi assim que "K" se propôs a corrigir essas irregularidades. Em primeiro lugar, era de necessidade justificar melhor o tempo de ausência do herói, para que se conservasse o prazo tradicional de vinte anos: dez anos de guerra ao redor dos muros de Troia, dez de peregrinações, não bastando, nesta segunda parte, aumentar o número de aventuras que, por vezes, exigiam apenas algumas horas. E foi aí que o poeta criou, com toda a pujança de seu gênio, o episódio de Calipso, em Ogígia, onde o herói teria ficado retido durante sete anos. O nome Calipso serve para indicar as intenções do poeta. Compreendeu, ainda, que tudo o que se interpusesse entre a estação dos feácios e o retorno para Ítaca atuaria como elemento de retardamento, tendo suprimido o desvio pela região dos tesprotos e a consulta ao oráculo de Dodona, para fazer com que o herói fosse reconduzido diretamente pelos marinheiros de Alcínoo. E ainda não é tudo, porque no poema de "K" as aventuras de Odisseu são apresentadas sob um único prisma, da cólera de Posido, o que não acontecia na primeira relação, em que os episódios se sucediam sem nexo interior.

Ao refundir o episódio do ciclope, "K" leva o herói a cometer duas imprudências. A primeira foi quando Odisseu revela o seu nome, sem necessidade alguma, por pura bazófia. Podemos considerar esse ato como o

“pseudopróton” de sua vida aventureira, ao dizer ao gigante de único olho: “Polifemo! Se alguém te perguntar quem te privou da vista, dize que foi Odisseu, filho de Laertes!” De posse do nome de Odisseu, Polifemo se encontrava apto para lançar sua maldição, porque nas culturas mágicas é o nome que deixa alguém entregue aos exorcismos de seus inimigos. O outro erro que culmina em verdadeira blasfêmia foi Odisseu dizer que nem Posido, um dos deuses, poderia restituir a vista a Polifemo, o que chama contra si a cólera do deus e justifica a imprecação última do gigante, quando pede a Posido que prive Odisseu do retorno à pátria. Mas se for dos Fados, diz ele — e até os deuses se submetiam às Moiras indiferentes —, se for dos Fados que ele deva rever Ítaca, que o faça tarde e que até em casa vá encontrar trabalho. De passagem observarei que o autor da Telemaquia desconhecia o motivo da cólera de Posido, sem o que não teria Atena invocado a proteção direta daquele deus para o sucesso do empreendimento de seu pupilo (III).

Como veem, o poema ganhou extraordinariamente em coesão, porque até as últimas aventuras, isto é, os trabalhos do herói com os moços que lhe haviam invadido o palácio, já se encontram justificadas no proêmio. Até no tratamento dos episódios clássicos o autor da segunda *Odisseia* procura manter sua originalidade, quando não entra em franca polêmica com seu antecessor, do que é exemplo eloquente o diálogo entre Ulisses e o porqueiro, no Canto XIV. Aqui, também, o mendigo conta mentiras e verdades, como fará adiante na conversa com Penélope, com mais eloquência nas primeiras, para ser verídico no fim, ao relatar os fatos mais recentes: Fidão, Dodona e tudo o mais que já é do nosso conhecimento.

A incredulidade de Eumeu não se dobra diante da eloquência das provas aduzidas pelo mendigo; nada o convence de que o patrão está com vida e que poderá voltar para restabelecer a ordem em casa e em seus domínios. Depois de dar expansão a seus sentimentos compassivos em relação à sorte do suposto mendigo, manifesta o seu ceticismo em relação às notícias referentes ao próprio Ulisses: “Por que, sendo tu desse modo, mentes sem ser necessário? Melhor do que tu, tenho ciência quanto ao retorno do caro senhor [...]” (XIV, 364-6). É como se o autor dissesse: corre por aí uma relação das aventuras de Odisseu que

não vale dois caracóis. Melhor do que o seu autor, eu sei contar como essas coisas se passaram. Lembrarei, ainda, e isso para completar o exemplo anterior, que quando Cervantes escreveu a segunda parte do seu poema já contava com o *Don Quixote* apócrifo de Avellaneda e joga com elementos tirados dele, em franca polêmica com o seu autor. Não ele, Cervantes, em notas ou no prefácio, mas o próprio Dom Quixote: “Esse sujeito escreveu que eu estive nas justas de Saragoça? Pois bem: não irei a Saragoça, só para demonstrar que ele é um escritor mentiroso.” E, assim, em muitas outras passagens cômicas irresistíveis.

Mas o melhor exemplo de polêmica dentro da obra literária nos poderá ser fornecido pelo teatro grego, na fase áurea da tragédia. Vale a pena a digressão que, parecendo afastar-nos do nosso estudo, nos levará, de fato, até o âmago do problema. Ésquilo, no início das *Coéforas*, nos mostra Electra diante do túmulo de Agamémnone, quando percebeu que alguém realizara ali um sacrifício. Surpresa, descobre em cima da lápide do túmulo uma mecha de cabelos: compara-os com os seus e certifica-se de que são perfeitamente iguais; examina ao redor do túmulo e descobre marcas de pés, em que os seus se adaptam perfeitamente, de onde se conclui que Orestes voltara para vingar a morte do pai, morto por Clitemnestra e Egisto. É ingênua, confessemos, a técnica do poeta, na apresentação do tema do reconhecimento, do *anagnorismós*, para usarmos o termo preciso. Eurípides retoma o mesmo motivo e o desenvolve da seguinte maneira: de uma feita, o preceptor de Electra — e na tragédia grega há sempre um velho, a que dão o nome de pedagogo — procura açodado para dizer que alguém sacrificara sobre o túmulo de Agamémnone. Não terá sido Orestes, que voltou às ocultas para vingar o assassínio do pai? Entusiasmado com a ideia que lhe ocorrera, aconselha Electra a ir certificar-se do que ele dissera. Quem sabe, pergunta, se Orestes não deixou sobre a lápide uma mecha de cabelos? Do confronto com os teus poderás tirar alguns elementos para identificação do dono. Ou pela marca dos pés, uma vez que ele deve ter rodeado o túmulo, deixando no solo as impressões dos pés. Até pela própria roupa seria possível reconhecê-lo, uma vez que fora Electra quem lhe facilitara a fuga no dia do sacrifício de Agamémnone. Todas essas indicações são feitas num diálogo animado, de que eu retenho apenas a essência. A cada sugestão do velho preceptor Electra

responde quase com uma gargalhada: como será possível identificar dois irmãos pela cor dos cabelos? Ou pelo tamanho dos pés? Concebe-se que as jovens e os rapazes tenham pés do mesmo tamanho? Absurdo manifesto! E a roupa? Seria preciso que Orestes não tivesse trocado de roupa durante vinte anos, e que esta tivesse crescido com o corpo... maior absurdo ainda!

Não se faz mister grande sagacidade para compreender que estamos diante de um legítimo caso de polêmica literária. O que Eurípides intenta com os seus argumentos capciosos é lançar ridículo na técnica de Ésquilo, como a demonstrar que este não sabia desenvolver o tema do reconhecimento, do *anagnorismós*, de tanta aplicação na epopeia e no drama, não passando o terceiro exemplo de exagero elevado à caricatura, pois não ocorrera a Ésquilo dizer que Orestes usara uma só roupa durante vinte anos. Eurípides exorbita na sua função de crítico, sendo certo que não passariam despercebidos aos espectadores suas intenções malévolas. No entanto, decorridos milênios, ainda nos comovemos com a simplicidade verdadeiramente genial de Ésquilo e ficamos indiferentes com os sofismas de seu talentoso opositor.

Pois bem, o tema do reconhecimento permite-nos penetrar mais a fundo no segredo da composição da *Odisseia*, por mostrar-nos os poetas “O” e “K” em toda sua originalidade e a natureza do processo de compilação do redator final. No poema de “O”, o reconhecimento de Ulisses dava-se antes do morticínio dos pretendentes, tendo se identificado o mendigo por meio de uma cicatriz no joelho, cuja história vem contada com particularidades. Na relação de “K” o reconhecimento dá-se depois da vingança de Ulisses, sendo a própria Penélope quem submete o mendigo à última prova: revelando-se conhecedor de particularidades sobre a feitura do leito do casal, construído por ele mesmo, Ulisses consegue remover as dúvidas que impediam Penélope de reconhecer o esposo. São duas ilustrações diferentes para desenvolver o mesmo tema, o que condiciona diferença essencial na exposição do assunto, conservando cada autor sua originalidade. Coube a “B” a fusão das duas variantes em uma só relação. Na fase de declínio da epopeia, cuidavam os compiladores de fazer apenas composições volumosas. A *Ilíada* aí estava com suas dimensões tentadoras. Daí apresentar-nos a *Odisseia* tradicional o tema da cicatriz, para abandoná-lo em

certa altura, sem chegar ao reconhecimento do herói; é que era necessário incluir, também, a variante do reconhecimento pelos sinais do leito, que pelo grande efeito emocional não podia ser posta de lado. Vejamos as consequências dessa fusão arbitrária.

Se a cicatriz não serviria para o reconhecimento do herói, por que razão ela é trazida à baila? As coisas, no poema de "B", isto é, na *Odisseia* tradicional, se passam da seguinte maneira: depois de haver Penélope ouvido do mendigo as notícias a respeito da volta do esposo, manda que uma das suas criadas lhe lave os pés, para que ele fosse deitar-se. Odisseu recusa, dizendo que não permitiria que nenhuma moça lhe tocasse o corpo; só aceitaria semelhante serviço, continua, de alguma velha, bem velha, caso houvesse no palácio alguma criada nessa condição, que como ele houvesse sofrido muito. Percebe-se que está conduzindo a ação para que Euricleia venha fazer-lhe esse serviço, precisamente porque deseja ser reconhecido pela cicatriz no joelho, que a velha ama não poderia deixar de perceber. É conhecido o fato de possuírem as amas memórias muito vivas a respeito das marcas no corpo de seus filhos de criação. Essa cicatriz lhe viera de uma caçada ao javali no monte Parnaso, quando fora em visita ao avô materno, Autólico, ao contar os seus dezenove anos.

No entanto, ao julgarmos pela exposição de "B", Ulisses não desejava ser reconhecido: Euricleia identifica imediatamente seu amo ao ver a cicatriz no joelho. Mas Ulisses, segurando-a pelo pescoço, ameaçou-a de morte se viesse a revelar a alguém aquele segredo, que fora descoberto por sua própria irreflexão. Por esse descuido, apenas, desmerecia o herói do epíteto tradicional, que nos é familiar desde o primeiro verso da *Odisseia*: o herói solerte, astucioso, fecundo em ardis, revelara-se agora de uma inépcia monumental. Outra prova da incapacidade de "B" é o modo por que justifica o fato de não ter Penélope notado nada do que se passava a dois passos de distância. Quando Euricleia reconheceu a cicatriz ficou tão atarantada que deixou cair a perna do herói; esta bateu na bacia, que soltou um som forte e lhe escapou das mãos, entornando a água. Foi um rebuliço. No entanto, Penélope não percebeu coisa alguma, porque Atena lhe desviou a atenção. Como veem, é um recurso inferior: o poeta, não sabendo como sair da situação provocada por sua imperícia, chama em socorro a

deusa, como há de fazer muitas vezes no desenrolar da história.

Com a fusão das duas variantes ficam modificados os próprios fundamentos psicológicos da cena do reconhecimento. Na relação de "O" dava-se o reconhecimento antes da chacina dos pretendentes. Após combinação prévia com Ulisses é que Penélope propõe aos moços a prova do arco, declarando que se casaria com quem pudesse realizá-la. Na *Odisseia* de "K" o reconhecimento era feito por meio dos sinais do leito, depois da *mnesterofonia*, a morte dos pretendentes, na cena comovedora que nos foi conservada no Canto XXII. Os fundamentos de ambas as cenas são perfeitamente justificados: a falsidade da situação só se patenteia depois da fusão das duas variantes.

É muito fácil provar que na redação primitiva o reconhecimento dos esposos se deu antes do morticínio. No Canto XXIV, na denominada segunda *Nekyia*, ao baixarem para o Hades, as almas dos pretendentes encontram em diálogo animado as sombras dos heróis da guerra troiana, Aquiles, Agamémnone, o grande Ajaz, que recordavam os feitos realizados em vida. Admirado com a composição do cortejo, perguntava Agamémnone a uma das sombras, de Anfimedonte, de quem já fora hóspede em Ítaca, o motivo de baixarem, a um só tempo, tantas almas de moços para as regiões tenebrosas. Anfimedonte narra-lhe o que se passara no palácio de Odisseu: como lhe requestavam a esposa, instando para que ela se decidisse por novas núpcias, e como Penélope procurara iludi-los com o artifício da tela que ela tecia durante o dia e desfazia de noite. Depois conta que algum demônio funesto trouxera de algures o herói, que combinou com o filho a morte de todos eles e foi levado ao palácio disfarçado de mendigo, sem que ninguém pudesse suspeitar da sua identidade. Nem mesmo os velhos da ilha o reconheceram. Por algum tempo Odisseu aguentou no seu próprio palácio insultos e pancadas; mas, no momento preciso, fez retirar por Telêmaco da sala de banquetes as armas e combinou com a mulher a prova do arco, pondo em prática, assim, seu plano diabólico. São palavras textuais da exposição de Anfimedonte:

Com refalsada malícia à consorte, depois, ele ordena
que a prova do arco e dos ferros aos moços, então, propusesse,

o que a nós todos seria o começo do fim ditoso.

[*Odisseia*, XXIV, 167-9]

Nesta altura da minha exposição, peço permissão para abrir um parêntese, a fim de observar que no texto das duas edições anteriores de minha tradução da *Odisseia*, em vez de “ordena” encontra-se “sugere”, o que faz parecer que o reconhecimento ainda não se dera. Segundo essa inteligência, o mendigo, na qualidade de forasteiro, teria aconselhado a Penélope a prova do arco, sem deixar entrever todo o partido que pretendia tirar da situação. Não é isso. No original grego lemos *ánogen*, que foi vertido pelo tradutor latino como *jussit*, “ordena”. Em alemão é *befehlen*. Não remanesce a menor dúvida; houve descuido nessa passagem. O reconhecimento já se dera; ao apresentar aos pretendentes a prova do arco, Penélope dava cumprimento às determinações do marido, que ali estava para ampará-la a qualquer perigo; e é confiante no seu amparo que ela se declara disposta a desposar o que se saísse galhardo da difícil prova.

Na *Odisseia* de “K” os fundamentos psicológicos são diferentes. É por estar desesperada e desesperançada que Penélope se decidiu àquela prova, como o único meio de pôr um termo à sua situação angustiante. Penélope não acredita que o marido possa voltar algum dia. Em várias passagens podemos surpreender seu estado de espírito, em que se retrata o desespero que lhe vai na alma. Quando se refere a Troia, diz sempre: “[...] foi para a Troia infeliz, cujo nome dizer não consigo” (XIX, 597; XXIII, 19). Quando fala em deixar o palácio, diz que até em sonhos há de revê-lo com saudades (XIX). É nesse estado de alma que comunica aos moços a sua intenção de cumprir as disposições do marido, entregando o palácio ao filho, que já atingira a idade de dirigir os próprios haveres. Para ela, portanto, foi surpresa verificar que o marido já se encontrava em Ítaca e que era o mendigo que expurgara o palácio dos moços turbulentos.

Na *Odisseia* de “B” essas premissas se destroem. Penélope não tem justificativa para proceder como faz. Nunca estivera tão esperançosa, como depois da conversa com o falso mendigo, que lhe trouxera provas eloquentes de que o marido não tardaria a voltar: “[...] ainda no curso deste ano há de vir

Odisseu de retorno; antes de a lua apagar-se e ficar novamente redonda" (XIV, 306-7), a ponto de Penélope dizer que o mendigo, daí por diante, não seria considerado pessoa estranha em seu palácio, mas membro da família (XIX, 253-4). E é assim esperançosa, é assim alegre, que vai propor aos moços uma prova arriscada, declarando que se casaria com o que saísse vencedor da compita. E se um deles se revelasse à altura da difícil prova, não ficaria estragada a brincadeira? Penélope deveria contar com essa possibilidade.

Como veem os leitores, os absurdos se acumulam sobre absurdos, as incongruências sobre incongruências. E tudo isso por uma causa única: é que a *Odisseia* tradicional não é um produto espontâneo de um poeta de gênio, mas um arranjo de poemas diferentes, uma compilação, em suma. Seria muito fácil para mim aduzir outros exemplos de repetições de temas. Mas não haverá necessidade de nos alongarmos. Direi apenas que a análise da *Odisseia* revela dupla redação em todos os episódios fundamentais. O disfarce de Odisseu, por exemplo, é apresentado sob duplo aspecto: ora se processa verdadeira transformação física, ao toque da varinha de Atena: enrugada a pele macia, amortecidos os olhos, ausente a cabeleira loura... ora se apresenta o herói apenas com a modificação causada pelo tempo e pelo trabalho. A luta com os pretendentes é também narrada em duas fases distintas: com arco e flecha e em combate de perto, com escudo, espada e lança. Até mesmo no episódio de Nausícaa, tão espontâneo e natural, é possível descobrirmos indícios de remodelação: o herói banha-se e almoça à beira de um rio, depois da acolhida da princesa, para, momentos depois, no palácio de Alcínoo, reclamar por comida, que o ventre cínico e molesto a isso o impelia (VII, 216), e deleitar-se com outro banho, declarando, textualmente, o poeta, que o herói não havia provado a delícia de tal conforto desde que deixara a ninfa de belos cabelos (VIII, 452). Observemos, contudo, que dessa vez se tratava de um banho morno; talvez se encontre nisso a justificativa do compilador.

Em linhas gerais, a meu ver, é essa a solução do problema da *Odisseia*. Seria a ocasião de declarar-me unitário, também com referência à composição desse poema, cuja análise nos revela os elementos que contribuíram para a sua unidade. Mas os unitários intransigentes não admitem que toquemos no edifício

majestoso, cujo material deveria ter sido lavrado *in loco* até nas últimas minúcias, tendo em mira o plano preestabelecido por um único arquiteto. Quer isso dizer que o problema da *Odisseia*, como também o da *Ilíada*, ou melhor, a Questão Homérica, começa onde os unitários terminam; porque não basta dizer que a *Ilíada* e a *Odisseia* são criações poéticas que obedecem a uma ideia diretriz; é preciso que as estudemos em seus elementos componentes e lhes tracemos as características. Nesta exposição ative-me, em linhas gerais, às conclusões da denominada Escola Analítica, cujos representantes diferem apenas em particularidades, não em princípios. É a orientação que vem de Kirchhof, em meados do século XIX, e chega até os nossos dias com Von der Mühll e Fock, com visível tendência para simplificação do problema. Para Friedrich Fock, a análise da *Odisseia* revela elementos isolados nos "Cantos do Apólogo", uma *Odisseia* primitiva, de "O", e a Telemaquia de "T". Fock rejeita, decidido, a "hipótese do redator", para atribuir a "T" a compilação final. Em tese, é a solução proposta por Finsler, cuja obra é ainda hoje indispensável para quantos se ocupam com a poesia de Homero. O trabalho de Von der Mühll é anterior ao de Fock, mas só me chegou às mãos algum tempo depois (Peter von der Mühll: *Der Dichter der Odyssee*, Aarau, 1940). Para Von der Mühll, na *Odisseia* tradicional podemos distinguir um poema primitivo, de origem jônica, que ele designa pela letra "A", e a *Odisseia* ática, de "B". A originalidade de Von der Mühll consiste em atribuir a "B" maior capacidade artística e, por assim dizer, plástica, do que o fizeram os analistas anteriores, com Kirchhof à testa. "Como no caso do Hino a Apolo e do Escudo de Hesíodo, trata-se de uma estruturação ampla, em que o material antigo — como na porção central da Basílica de São Pedro, concluída por Miguel Ângelo — é incluído organicamente ao conjunto, sem que possamos falar em uma simples justaposição de partes." Contudo, esse processo de assimilação sofre uma exceção de vulto: na inclusão da Telemaquia ("T"), que, como o reconhece o autor, constituía um poema independente, conforme desde 1830 já o demonstrara G. Hermann, e que o redator final não soube incorporar em seu poema com a mesma habilidade com que procedera com a *Odisseia* primitiva. Apesar de suas dimensões modestas — uma simples conferência realizada em Baden —, o trabalho de Von der Mühll é considerado

por Merkelbach um passo decisivo nesses estudos.

Com o livro de Reinhold Merkelbach (*Untersuchungen zur Odyssee*, Munique, 1951) voltamos com melhor argumentação à concepção mestra de Schwartz, sendo de lastimar, apenas, pela confusão daí resultante, que o autor houvesse adotado novas letras para designar os autores dos diferentes poemas que podem ser isolados no corpo tradicional da *Odisseia*. Mas o poema de "A" (que já vem de Von der Mühll) e o de "R", de Merkelbach, se identificam com os poemas que designamos acima pelas letras "K" e "O", respectivamente, e que, com a Telemaquia de "T", contribuíram para a compilação volumosa de "B", a *Odisseia* tradicional. Pelo menos a identidade de "A" com o poeta "K" da análise de Schwartz é reconhecida em extensa nota apologética, em que Merkelbach rebate alguns exageros da crítica injusta de Fock em relação aos resultados da análise de Schwartz. Para o problema da formação da *Odisseia*, devem ser consideradas definitivas muitas das conclusões de Merkelbach, que só poderão ser rejeitadas por quem não se der ao trabalho de estudá-las. Essa atitude, aliás, de desconhecimento dos problemas fundamentais da Questão Homérica, é encontrada entre os defensores da unidade dos poemas, o que não raramente se revela na maneira por que são apresentados os assuntos, em que são defendidos, com insistência, pontos que já se encontram definitivamente refutados. Como observa, com acerto, Merkelbach, a violência das expressões de Wilamowitz, em referência a seus opositores, não se explica por simples agastamento de quem vê rejeitadas suas ideias, mas pelo enfado, direi melhor, pelo desânimo, que se apodera do autor, que verifica ter sido baldado o esforço para fazer-se compreender.

II

Mas é tempo de passarmos ao estudo da *Ilíada*, campo de acalorada e incessante polêmica desde o trabalho inicial de Wolff. A análise da *Ilíada* tem sido mais fecunda em hipóteses, todas elas de duração efêmera, alicerçando-se cada vez mais a convicção da unidade da concepção do poema. A *Liedertheorie*,

a hipótese da “*Ilíada* primitiva” (*Urilias*), da qual teria surgido a *Ilíada* por simples justaposição de elementos estranhos, a teoria das poesias insuladas(*Einzegedichte*) têm cedido campo à concepção de complexos cada vez maiores, até firmar-se a tese dos unitários, mas agora sob melhor base e mais firme argumentação, de um poema uniforme, firmado em copioso material preexistente, de que dispôs soberanamente um poeta de gênio. Será o Homero da tradição grega. Se aceitarmos a concepção dos separatistas, mais do que um poeta de gênio, teria sido Homero um poeta de sorte, um eleito da Fortuna, para ter encontrado, prontas para a sua compilação, tão grande número de poesias que se completavam com tamanha docilidade, o que não seria menor milagre do que o da composição do conjunto.

O mais interessante no estudo da composição da *Ilíada* é ver que voltamos ao ponto de partida, isto é, que após um século e meio de debates, viemos a dar na concepção de Christian Gottlob Heyne, apresentada em 1802, quando da publicação de sua edição monumental do poema. Pela primeira vez era feita uma análise do poema; para o professor da Universidade de Göttingen, todo o complexo material de que se compõe a *Ilíada* adquire unidade por ser tratado sob o prisma do tema da cólera de Aquiles, a *Menis* do verso inicial, que o poeta jamais perde de vista. A interferência dos deuses serve para aproximar esses elementos, a que também unifica certa igualdade de sentimento. Heyne afasta a hipótese da “*Ilíada* primitiva”, para ver na feitura do poema o esforço de um único poeta. Essa concepção poderia ter sido de orientação fecunda, mas presentemente só tem valor histórico por ter passado despercebida quando de sua publicação. É que Wolff, sete anos antes, havia desencadeado a tempestade para outro lado. Além do mais, Heyne não quis abrir luta com seu discípulo ingrato e inimigo figadal: de temperamento tímido, cometeu, ainda, a fraqueza de aceitar em parte as conclusões de Wolff, no que respeita ao suposto desconhecimento da escrita antes do século VI a.C. e à redação dos poemas no tempo de Pisístrato, o que enfraquecia suas próprias conclusões.

De fato, ainda que o título do poema inculque um assunto mais amplo, declara o poeta que no proêmio iria tratar das consequências funestas da discórdia surgida entre Agamémnone e Aquiles. Mas com um tema tão ingrato, e por

demais restrito, soube, na verdade, tratar de toda a Guerra de Troia, já pelo que nos relata dos acontecimentos anteriores à discórdia, já pelo que deixa entrever quanto ao destino do famoso burgo e de seus defensores. O afastamento de Aquiles do campo da luta permite o aparecimento, em primeiro plano, de outros chefes aquivos, oportunidade felicíssima para incluir na efabulação do poema a aristia de guerreiros de várias procedências e até mesmo estranhos, primitivamente, aos acontecimentos de Troia.

Agastado com Agamémnone, por lhe ter este tomado a escrava, a elegantíssima Briseide, retira-se Aquiles dos combates, ameaçando, até, de retornar para Ftia, seu torrão natal. Por sua instância, sobe Tétis ao Olimpo, para pedir a Zeus que daí em diante concedesse aos troianos a vitória, para que os acaios viessem sentir a falta de Aquiles. Com a primeira derrota séria ("Cumpriu-se de Zeus o desígnio [...]", I, 5), na batalha do Canto VIII, que culmina em virem os troianos acampar fora dos muros da cidade, o que em nove anos de cerco jamais havia acontecido, reconhece Agamémnone o seu erro e resolve enviar uma comitiva a Aquiles, composta dos seus amigos mais chegados, para ver se o demoviam do propósito. Aquiles fica surdo aos pedidos, só tendo cedido, mais tarde, às súplicas de Pátroclo, a quem empresta as próprias armas, deixando que leve seus homens, para afastar das naus o incêndio e desafogar os aquivos da pressão do inimigo. Mas Pátroclo é vencido por Heitor, que se apodera das armas de Aquiles, razão de pedir Tétis a Hefesto que fabrique novas armas para o filho. Com a perda do amigo, Aquiles se esquece de tudo, só tendo em mira matar o assassino de Pátroclo, apesar da advertência de Tétis, de que logo após a morte de Heitor era fatal que ele também viesse a perder a vida. O último canto é dedicado ao resgate, por Príamo, do cadáver de Heitor. A *Ilíada* termina com acordes brandos, após a reconciliação dos dois inimigos figadais. Os últimos versos são dedicados aos funerais de Heitor.

É esse o assunto da *Ilíada*, numa súmula brevíssima, mas suficiente para nos fornecer os principais pontos de referência. Antes, porém, de tentarmos uma explicação da formação da *Ilíada*, será necessário ampliarmos os horizontes e coligirmos material para melhor fundamentar nossas conclusões. Para tanto, teremos de fazer uma pequena digressão bibliográfica.

Na imensa bibliografia sobre a Questão Homérica, será justo ressaltar a obra de Wilamowitz (*Die Ilias und Homer*, 1916), considerada por Eduard Tièche como marco divisório na história desses estudos, por haver imprimido nova orientação às pesquisas nesse setor. (Num capítulo complementar da obra de Finsler: *Homer*, 1924, três volumes, Teubner, Leipzig.) Mais recentemente, Schadewaldt não se cansa de enaltecer-lhe os méritos. Vale a pena, pois, demorarmo-nos na apreciação de sua teoria.

Wilamowitz distingue na *Ilíada* tradicional várias camadas e procede como verdadeiro arqueólogo, de cima para baixo, isto é, discriminando os acréscimos mais recentes, até identificar a *Ilíada* de Homero com a quinta faixa subposta, que, por sua vez, revela formação heterogênea. Não procedeu de outro modo Schliemann em suas escavações na Tróada, até distinguir os alicerces de oito cidades superpostas e identificar Troia VI com o burgo histórico destruído pela coligação aquiva. Homero viveu na Jônia, na segunda metade do século VIII a.C., época do apogeu do movimento épico. A fase eólica da epopeia era então simples reminiscência histórica, carecendo de importância, para Wilamowitz, o Homero ático, da hegemonia de Atenas. Valendo-se de material copioso e de grande antiguidade, como revela a feitura do hexâmetro, coube a Homero a primeira síntese grandiosa, em que emprestava feição monumental a epopeias menores, imprimindo-lhes cunho pessoal. Compete aos investigadores de agora não somente distinguir os poemas que contribuíram para a formação da epopeia, como isolar as camadas que vieram sobrepor-se à verdadeira *Ilíada*, cujo desfecho ficou perdido, para dar lugar à conclusão pacífica que lemos no Canto XXIV. Porque, para Wilamowitz, a *Ilíada* termina com a morte de Aquiles, desfecho natural a que o poeta alude com tanta insistência em todo o decurso do poema. Dentro de pouco tempo veremos o que há de verdadeiro nessa conclusão.

Deixando de lado o estudo dos elementos que contribuíram para a formação da *Ilíada* de Wilamowitz, vejamos apenas, em esforço rápido, quais foram as camadas que vieram sobrepor-se ao poema, modificando-lhe, essencialmente, a fisionomia. Isso nos dará ideia suficiente do método do autor. Para Wilamowitz, a *Ilíada* de Homero se compunha dos sete primeiros cantos da *Ilíada* tradicional (Canto VII) e dos cantos XI a XXIII (deste último), com exclusão dos episódios

da troca das armas, da descrição do escudo e da batalha dos deuses. A cena da reconciliação foi modificada, não sendo sua primitiva feitura a que lemos no Canto XIX. Essa primeira ampliação é devida ao compilador que incluiu no traçado a descrição do escudo (Canto XVIII), trabalho independente e que não se relacionava com Aquiles. A segunda camada compreende a batalha dos deuses, que se distingue pelo estilo empolado, de todo aberrante das demais partes do poema. Mas interessante particularidade: seu autor revela o conhecimento local da Tróada! "Ele, e somente ele, visitou o vale do Escamandro." A terceira recompilação compreende o resgate do corpo de Heitor (Canto XXIV), com seu final sereno, cabendo ao mesmo poeta a inclusão dos jogos do funeral de Pátroclo (Canto XXIII). A última, por fim, e mais recente, consiste no trabalho do poeta que compôs a denominada Segunda Batalha (Canto VIII), com o fim precípuo de incluir no poema o Canto da Embaixada (Canto IX) e a Doloneida (Canto X), episódios primitivamente independentes.

Não ouso dizer que o que aí fica seja um resumo da famosa teoria, que vem exposta num livro de quinhentas páginas de leitura difícil. Mas parece-me suficiente para nossa finalidade. O grande merecimento de Wilamowitz consiste em nos ter restituído um Homero vivo, que se integra num movimento épico de grandes proporções, com o apogeu na Jônia do século VIII, movimento que não se circunscreve apenas à atividade de Homero. Antes e depois dele, muitos poetas integravam o movimento épico da Grécia. Natural de Esmirna, viveu e fez poesias particularmente em Quio, tendo causado tão profunda impressão entre os seus contemporâneos, que os pósteros lhe atribuíram a autoria da *Tebaida* e de outras epopeias. "É necessário", conclui Wilamowitz, "identificar o Homero da tradição com o poeta da *Ilíada*". É a conclusão que se me afigura vitoriosa e a que venho tendendo desde o começo deste estudo, muito embora não aceite todos os resultados da análise acima apresentada.

Uma das mais interessantes fontes da *Ilíada* foi recentemente identificada por Heinrich Pestalozzi, num trabalho a que me permito transferir o elogio de Finsler-Tièche, por constituir, de fato, marco divisório na história da Questão Homérica (Heinrich Pestalozzi: *Die Achileis als Quelle der Ilias*, Zurique, 1945). Trata-se de um simples folheto de 52 páginas, mas páginas preciosas, que nos

trazem a prova da existência de um poema sobre a morte de Aquiles, de que a tradição nos conservara apenas o nome, a *Etiópida*, fonte literária da *Ilíada*, se não quanto à efabulação do poema, por lhe ter fornecido temas e sugestões.

Era conhecida a existência dos poemas "cíclicos", assim denominados por completarem o assunto da lenda de Troia, quer quanto aos antecedentes do grande pleito, quer quanto aos acontecimentos posteriores à queda da cidade. O poema *Ta Kypria* relatava os acontecimentos desde o ovo de Leda até o desembarque dos gregos na planície de Troia. Desse poema só nos restam fragmentos e notícias desencontradas sobre o seu autor. Nessa altura será conveniente observar que o poema do mesmo nome, recentemente publicado na Alemanha, *Die Kyprien*, do helenista Thassilo von Scheffer, não é tradução, mas criação livre de um apaixonado pela poesia grega. *A pequena Ilíada, A tomada de Ílio, A Amazônia* e outros completavam a narrativa dos feitos dos heróis gregos ao redor dos muros de Troia, sendo contado o retorno aos respectivos lares numa série de "*Nostoi*", da qual a *Odisseia* foi a variante mais feliz. O poema *A Amazônia* traía o seu propósito de apresentar-se como continuação da *Ilíada*, por iniciar-se pelo último verso desta:

Os funerais estes foram de Heitor, domador de cavalos.

[*Ilíada*, XXIV, 803]

Cantava a vinda de Pentesileia, depois da morte de Heitor, para auxiliar Príamo. Assim, tirada a última parte do verso, era feita a ligação imediata com o novo tema:

Os funerais estes foram de Heitor. A Amazona famosa,
Pentesileia, chegou, filha de Ares, flagelo dos homens.

Duas conclusões pareciam definitivamente assentadas em relação aos poemas cíclicos: a prioridade dos poemas de Homero e a inferioridade de todos eles em confronto com a *Ilíada* e a *Odisseia*. O grande merecimento de Pestalozzi

consiste em ter provado a prioridade da *Aquileida*, ou que outro nome se lhe dê: *Etiópida*, e também *Memnônia*, do herói principal. Memnão, filho da Aurora e de Títono, que veio em socorro de Príamo conduzindo seus guerreiros etíopes. Justificava-se o auxílio pelo parentesco dos avós. Logo de início, Memnão mata Antíloco, filho de Nestor, escudeiro e amigo dileto de Aquiles. Aquiles vinga a morte do amigo, apesar da advertência de Tétis, de que ele morreria logo após a morte de Memnão, como, de fato, morre, pela seta de Páris. Da relação de Próclo, autor de uma crestomatia em que nos foi conservada a súmula de todos os poemas cíclicos, pelo reflexo em Píndaro e, sobretudo, pela interpretação da pintura de vasos, restabelece Pestalozzi em linhas gerais a trama do poema. Tétis e a Aurora sobem ao Olimpo para pedir a Zeus a vitória dos respectivos filhos; Zeus consulta a balança do fado; sobe o prato com o destino de Aquiles, baixando para a terra o prato da sorte de Memnão. Desesperada, a Aurora vai procurar o Sono e a Morte, para entregar-lhes o corpo de Memnão e assegurar-lhe a imortalidade da fama. Outro quadro decisivo nos mostra o combate sobre o corpo de Aquiles: o grande Ajaz sustenta sobre os ombros o corpo, enquanto Odisseu apara o embate de quatro troianos, que procuram apoderar-se dele, para despojá-lo das armas: Eneias, Páris, Glauco e Laódoco.

É interessante observar como Homero procede com esses quatro guerreiros: de Laódoco só menciona o nome por haver Atena tomado sua forma quando baixou do Olimpo com a intenção de achar Pândaro, para incitá-lo a quebrar as tréguas juradas e ferir traiçoeiramente Menelau:

> Palas Atena, entretanto, nas filas dos Teucros penetra,
> sob a figura do forte lanceiro Antenórida, Laódoco.
>
> [*Ilíada*, IV, 86-7]

Mas desse “forte lanceiro” a *Ilíada* nada nos diz que justifique o epíteto: é que seus feitos eram cantados em outra parte. Os outros três aparecem em cena, na *Ilíada*, mas o poeta tem o cuidado de não deixar que sucumbam; e a razão é muito simples: é que todos já figuravam em um poema que relatava

acontecimentos posteriores aos relatados na *Ilíada*. O caso de Eneias, então, é, sob esse aspecto, escandaloso: havendo esse guerreiro ousado defrontar-se com Aquiles, o próprio Posido, protetor declarado dos gregos, sugere a Apolo que o tire do campo de batalha, "por ser do fado que ele sobreviva ao destino de Troia". Vê-se que o poeta está atado pela concorrência de outros poemas e que não pode dispor do assunto como bem entender.

Nesse resumo o conhecedor da *Ilíada* irá encontrar muitos temas familiares: o pedido de Tétis a Zeus, a pesagem do destino (a denominada *querostasia*), o Sono e a Morte irmãos, que na *Ilíada* cuidam do corpo de Sarpédone, a luta ao redor do corpo de Pátroclo, mas dessa vez com os defensores em número duplicado: dois gregos sustentam o corpo, Menelau e Meríones, enquanto os dois Ajazes aparam o embate dos troianos. Homero amplia o modelo, sem que possa remanescer dúvida sobre qual seja o original. A isso acrescentaremos que Memnão, como Aquiles, era filho de uma deusa e de um mortal, e que, como aquele, possuía armas fabricadas por Hefesto, *Hephaistóteukton panoplian*, na expressão de Próclos.

Não admira que do próprio Memnão a *Ilíada* nada nos conte, por ser da técnica homérica não antecipar os fatos. Mas o verso inicial do Canto XI, que também ocorre no começo do Canto V da *Odisseia*:

> Alça-se a Aurora do leito onde dorme o preclaro Títono [...]
>
> [*Ilíada*, XI, 1; Odisseia, V, 1]

é indício eloquente de que esta feição do mito não era desconhecida do poeta. A *Odisseia*, também, nos fala da morte de Antíloco,

> [...] a quem o filho admirável da Aurora brilhante matara.
>
> [*Odisseia*, IV, 188]

e do combate ao redor do corpo de Aquiles, recordado por Ulisses, quando a ponto de perecer no naufrágio suscitado por Posido. Os funerais de Aquiles, os

jogos fúnebres, a chegada de Tétis, o coro das Musas são relatados no Canto XXIV, na segunda *Nekyia*.

Resumindo, direi que o grande merecimento de Pestalozzi consiste em ele haver firmado, pela primeira vez na história da Questão Homérica, um ponto de referência para o estudo da *Ilíada* e da *Odisseia* fora desses próprios poemas que até então passavam como sendo os mais antigos monumentos da literatura grega, transmitidos durante séculos por tradição oral. No entanto, aí temos um poema perfeitamente definido, que termina com a morte de Aquiles, como o queria Wilamowitz para a *Ilíada* de sua reconstrução. Nesse poema não se inspirou Homero para o assunto propriamente dito de sua epopeia — que os acontecimentos eram posteriores aos da *Ilíada* —, mas fez mais: foi buscar nele temas e sugestões. Essa conclusão poderá ser de consequências imprevisíveis para a fixação da data que Homero teria vivido, isto é, o autor da síntese majestosa, a última redação da *Ilíada*. Apesar de muito recente, o trabalho de Pestalozzi já encontrou consagração: em estudo de data posterior, o humanista Ernst Howald de tal modo se imbuiu dos ensinamentos ali contidos, que se declara dispensado de citar a obra de Pestalozzi no decorrer de sua exposição: esses ensinamentos lhe permitiram nova perspectiva para a interpretação da *Ilíada* (Ernst Howald: *Der Dichter der Ilias*, Zurique, 1946). Há mais: na segunda edição de seu livro, *Von Homers Welt und Werk* (Stuttgart, 1951), Schadewaldt dedica um capítulo especial à "Memnônia" identificada por Pestalozzi, e reforça a tese do autor, desenvolvendo-lhe os argumentos e aprofundando-lhe as conclusões.

Somente agora, depois dessa excursão bibliográfica, nos encontramos aptos para estudar a origem do tema inicial, a cólera de Aquiles, que nos é indicada na invocação do poema, o que nos permitirá penetrar a fundo na oficina do poeta, para desvendar-lhe os métodos de composição. Grande é a dívida de Homero em relação a seus predecessores, de que ele mesmo não fazia mistério, por ser estranho ao movimento épico da Grécia o conceito moderno da originalidade a todo custo; a originalidade, então, consistia na nova apresentação de um assunto conhecido, em que ocorriam transcrições longas de episódios e cenas, dispostos sob nova perspectiva. É o que se dá com o poema da cólera de Meléagro, que

sugeriu ao poeta um tema para sua composição mais vasta, e é o que se dá, também, com a descrição do escudo de Aquiles, composição primitivamente independente do assunto da *Ilíada*, com a batalha dos deuses, a descrição dos funerais — ampliada, para maior glória de Pátroclo —, e até mesmo com episódios que, parecendo intimamente ligados à concepção do poema, revelam, por sua colocação no traçado geral, origem duvidosa. É assim que Jachmann, fazendo reviver com nova argumentação a Teoria das Canções Isoladas (*Einzellieder*), demonstrou a autonomia primitiva do episódio da despedida de Heitor e Andrômaca, que devia anteceder de pouco à morte do herói e que, em falta de lugar mais apropriado, foi inserida pelo poeta no Canto VI (Günther Jachmann: *Homerische Einzellieder*. *Simbola Coloniensia*; Colônia, 1949).

Mas o melhor exemplo do vasto trabalho de compilação de Homero nos será dado pelo poema à cólera de Meléagro, que vem indicado no Canto IX, o famoso Canto da Embaixada, na fala de Fenice, o velho amo de Aquiles, de caráter visivelmente parenético. Fenice conta a história de Meléagro, para exemplo de como o seu pupilo não deveria proceder na sua teimosia de abster-se dos combates. Com muita felicidade, Finsler observou que Homero cita nessa altura o poema à cólera de Meléagro, como o faz um autor moderno, que indica no rodapé da página as fontes em que foi abeberar-se.

O estudo do Canto IX vai nos mostrar que o episódio da embaixada sofreu modificações em sua redação final. Primitivamente, os embaixadores eram apenas dois: Odisseu e Ajaz, sendo muito provável, ainda, que a embaixada se realizasse durante o dia, e não de noite, conforme se passa na redação tradicional. Fenice foi incluído por Homero, estarei quase dizendo inventado por Homero, pela necessidade de pôr esse discurso na boca de alguém de maior autoridade, perante Aquiles, do que os seus próprios comilitões. Peleu encontrava-se distante; Tétis estava impossibilitada de incumbir-se de semelhante missão pela sua própria condição divina. Fazia-se mister de alguém de autoridade quase paterna, que pudesse admoestar Aquiles e, por assim dizer, chamá-lo à ordem, mostrando o absurdo de sua teimosia. Daí ter sido criada a figura de Fenice, que deverá ter se incumbido da educação de Aquiles, e a quem este devia obediência e respeito.

Inicialmente causa estranheza encontrarmos Fenice na tenda de Agamémnone, ao lado dos demais chefes aquivos. Na qualidade de condutor de uma das divisões dos mirmídones à partida de Pátroclo com os homens de Aquiles, deveria estar inativo como todos os outros, que a ofensa feita ao chefe atingia seus cabos. A explicação dessa anomalia é encontrada no verso a seguir, por onde se vê que os embaixadores eram apenas dois. Depois de receberem instruções do velho Nestor sobre a melhor maneira de convencer o divino Pelida, puseram-se a caminho, dizendo expressamente o poeta:

Ambos, então, pela praia do mar ressoante se foram.

Dez versos adiante, depois de chegados à tenda de Aquiles, repete-se a indicação:

Ambos, então, avançaram; servia Odisseu como guia.

Mas ainda não é tudo, que na saudação de Aquiles se nos depara a indicação precisa quanto ao número de comissários:

“Salve! Bem grave é, sem dúvida, a causa de aqui terdes vindo.
Ainda que muito agastado, sois ambos os que eu mais distingo.”

[*Ilíada*, IX, 182; 192; 197-8]

Por felicidade, dispõe a língua portuguesa desse resquício do dual, que nos permitiu conservar uma particularidade do texto grego, verdadeiro flagrante da modificação por que passou a redação do episódio.

Depois de apresentar as suas credenciais de velho preceptor, numa introdução que se dirige mais aos ouvintes do que ao próprio Aquiles, passa Fenice a tratar do exemplo de Meléagro, e o faz como quem recorre a copioso material lendário, numa legítima citação bibliográfica:

“As próprias gestas de heróis das idades corridas nos dizem

que, quando, acaso, ficavam possuídos de cólera grande,
eram sensíveis a brindes, dobrando-se à força suasória [...].”

E, ao passar a contar o caso de Meléagro, dirige-se aos presentes, num gesto de orador contumaz que sabe dominar o auditório:

[...] Ora, meus caros amigos, me ocorre contar-vos um caso
nada recente, bem velho, tal como se deu, em verdade.
De certa vez os Curetes e os fortes Etólios [...]

[*Ilíada*, IX, 524-6; 527-9]

combatiam ao redor dos muros de Calidona. Resumindo a citação, direi que enquanto Meléagro tomou parte na luta, ao lado dos etólios, o destino foi contrário aos assaltantes; mas quando se absteve dos combates, por causa da maldição materna, os curetes passaram à ofensiva, ficando Calidona ameaçada de cair. Meléagro matara o tio materno, na disputa suscitada pela posse da pele do famoso javali de Calidona, para cuja caçada se reunira a fidalguia da redondeza. É impressionante a cena da maldição de Alteia, posta de joelhos, banhando o rosto de lágrimas quentes, a percutir a terra e a invocar o nome de Hades e de Perséfone, para que fizessem morrer o filho. Meléagro sabia que as Erínias não deixariam de dar cumprimento à maldição de Alteia; por isso se absteve dos combates, surdo aos pedidos dos amigos, dos velhos da terra, das irmãs, como também de Eneu, seu pai, e até da própria Alteia, só tendo cedido às súplicas da esposa, Cleópatra, dos belos artelhos, que entre lágrimas lhe evocou o quadro do sofrimento de todos e dela mesma, se a cidade viesse a cair aos assaltos do inimigo. Meléagro cede, consciente do seu destino, que não nos é relatado. Fenice só objetivava mostrar a Aquiles as consequências de sua teimosia, em relação aos presentes magníficos que lhe eram oferecidos, para que aceitasse os mimos valiosos e retornasse à luta: por isso termina mostrando que Meléagro não recebeu de seus concidadãos as dádivas prometidas no início, porque não desistira do seu propósito ao pedido dos amigos, mas de *motu*

próprio. Não precisarei insistir no paralelo das situações: o tema da cólera encontra no poema de Meléagro magnífica ilustração.

Mas, se bem considerarmos, esse poema não forneceu a Homero apenas o tema, senão material abundante para a estruturação da *Ilíada*. Com isso entramos num assunto de palpitante interesse, que tem dado pábulo para discussões sem fim: o do célebre muro construído pelos acaios, para proteção dos navios, a conselho do velho Nestor de Pilo. Isso se dá ao final do Canto VIII, de maneira abrupta, sem que a situação justificasse semelhante medida. O duelo entre Heitor e Ajax, de puro espírito cavaleiresco, terminara com pequena vantagem para o último; o ânimo dos aquivos estava elevado com a recente traição de Pândaro e o consequente perjúrio dos troianos, o que lhes selava a destruição inevitável. Logo adiante ocorre a embaixada por parte dos troianos, com propostas de paz, que foi unanimemente rejeitada. É nessas condições que o velho Nestor propõe pequena trégua para a queima dos mortos e para que se construíssem “depressa”, a partir da pira em que fossem queimados os cadáveres, torres e muros, com fosso e portas suficientemente amplas para a passagem de carros e cavalos. É uma construção gigantesca. Tão grande é essa construção que o próprio Posido se mostra enciumado, com medo de que os mortais viessem a esquecer-se dos muros de Troia que ele ajudara a levantar. No entanto, de certa altura em diante, essa construção gigantesca desaparece. No Canto XVI, quando Pátroclo sai em auxílio dos gregos, trava-se a batalha campal, sem nenhum obstáculo, desde a nave combusta de Protesilau até os muros da cidade, não havendo empecilho no caminho para deter a fuga dos troianos; no Canto XXIV, quando Príamo vai resgatar o cadáver de Heitor, atravessa a extensa planície, passa o vau do Escamandro e atinge a tenda de Aquiles; o mesmo seja dito em relação ao canto dos funerais de Pátroclo, em que as competições dos jogos são feitas em campo aberto.

Conquanto haja referências a esse muro em várias passagens, é no Canto XII que ele adquire capital importância, pela batalha decisiva que se lhe trava ao redor. Salta aos olhos que a narrativa lucrou muito com esse recurso, que permite variar as descrições dos combates, que adquirem feição nova no cenário movimentado: os embates de Glauco e de Heitor, o ataque dos lícios, aliados dos

troianos, levados pelo intemerato Sarpédone, de quem até então nada se sabia, mas que irá ocupar lugar preeminente na *Patrocleida* quando de sua morte pelo escudeiro de Aquiles; Sarpédone segura com mão forte o parapeito, deixando o muro desguarnecido por cima. Mas é Heitor quem consegue arrombar uma das portas, firmadas por dentro com duas barras em cruz e com ferrolho, atirando contra ela uma grande pedra, das muitas que havia no campo, pedra que dois homens de hoje dificilmente poderiam mover: rompem-se as barras com a força do golpe e abrem-se as folhas da porta, franqueando a passagem cobiçada. Na situação aflitiva em que se achavam, os gregos mandam chamar Ajaz, que vem agachado, pelo lado de dentro do muro, postar-se no ponto de maior perigo. “[...] em toda a muralha o barulho era imenso.” (XII, 289)

Mas a qualquer leitor ocorrerá, imediatamente, que essa descrição animada não diz respeito a uma batalha campal: as personagens nos são conhecidas das outras fases do cerco demorado, das batalhas dos Cantos V e VIII, mas o cenário é diferente. É que o poeta faz um empréstimo vultoso, copiando com mão larga de um poema rico de descrições de assaltos a uma cidade, cujos moradores se defendiam do alto de suas muralhas, das torres, parapeitos, merlões, reforçando as portas, cavando fossos, levantando toda sorte de obstáculos para impedir que fosse invadida a cidade, justamente como Fenice nos resume no excerto do poema à cólera de Meléagro e dos combates ao redor dos muros de Calidona. Presentemente não é possível apontar as porções tiradas ao poema anterior, porque Homero não trabalhava com tesoura e cola: ainda que nos indique honestamente as fontes de inspiração, imprimia cunho próprio ao material emprestado.

Mas, uma vez conseguida a finalidade estilística, de introduzir variedade nas descrições dos combates, desaparece de seu horizonte poético o motivo do muro, voltando a ação a desenrolar-se em pleno campo, como se nada tivesse acontecido. E coisa curiosa! O próprio Homero sabia que esse motivo poético constituía uma violência ao traçado da epopeia, razão por que ele mesmo se incumbe de justificar o seu desaparecimento, violando um dos seus mais notáveis e característicos preceitos de composição, como antecipar os fatos, para contar-nos o destino ulterior do muro. Os próprios deuses se incumbiram de

destruí-lo, para que de sua permanência não resultasse quebra do crédito de Posido. Sim, a *Ilíada* jamais ultrapassa sua própria moldura, não passando de vagas indicações o que se diz sobre a queda iminente de Troia e o destino dos seus moradores, assunto particularizado dos poemas cíclicos. A única exceção é esta, em que se conta como os deuses se incumbiram de fazer desaparecer da face da Terra a construção gigantesca. Apolo reuniu a força de oito rios, jogando-os contra a muralha: o Reso, o Heptáporo, o Ródio estuoso, o Careso tranquilo, o divino Escamandro, o Grânico, o Esepto e o Simoente, tendo feito Zeus chover durante nove dias, enquanto o próprio Posido,

> [...] tridente na mão, ia à frente
> e os alicerces de troncos e pedras, que tanto trabalho
> tinham custado aos Argivos, às ondas do mar os jogava,
> té que deixou tudo plano na margem do belo Helesponto.
>
> [*Ilíada*, XII, 27-30]

“Isto, em futuro [...]”, adverte o poeta; porque por enquanto ainda ardia ao redor das muralhas bem-feitas o clamoroso combate, ressoando nas torres as traves. Não há mais belo exemplo do poder da imaginação: para introduzir variedade na ação do poema e incorporar nele opulento material de empréstimo, levanta o poeta um muro onde não pode existir muro, fazendo-o desaparecer por antecipação, quando já se tornara desnecessário para a sua finalidade. Desse modo, também, aparava possíveis objeções dos ouvintes. A Tróada já estava sendo frequentada, com a colonização helênica, que transpusera a passagem dos estreitos e criara postos avançados no mar Negro. De volta dessas viagens por longínguas terras os marinheiros de Lesbos e Mitilene que haviam acampado no vale do Escamandro podiam objetar ao poeta, nos festejos anuais em que eram recitados os poemas dos feitos da gente argiva, que ainda se viam as ruínas do burgo imponente de Príamo, mas que não havia vestígio da muralha gigantesca que os gregos haviam construído para amparo das naves. Violando, portanto, um dos seus mais notáveis preceitos estilísticos, com a antecipação dos

acontecimentos e fazer desaparecer o muro, Homero tinha em vista inutilizar essas objeções impertinentes, sendo concebível a existência de uma primitiva redação da *Ilíada* sem os versos iniciais do Canto XII, que podem ser afastados sem prejuízo da narração.

Já penetramos suficientemente na oficina do poeta, para nos abalançarmos a apresentar uma síntese final da *Ilíada* sob a perspectiva indicada, do tema da *Menis*, a cólera. Nessa altura convém lembrar que o grande Finsler avançou em qualquer parte do seu trabalho de que quem partir da *Menis* não poderá reconstruir a *Ilíada*. São outras as premissas do autor na sua interpretação do poema, não me sobrando, agora, vagar para uma excursão ilustrativa. Vejamos se é possível apresentar uma explicação da *Ilíada* nessas bases, apesar de tão valiosa opinião em contrário.

Foi Erich Bethe quem chamou a atenção para a posição, na arquitetura do poema, dos Cantos IX e XIX, respectivamente, o Canto da Embaixada e o da Reconciliação, que, como duas colunas simetricamente dispostas, dividem a *Ilíada* em três partes. É evidente o paralelismo estilístico desses cantos, o que nos poderá servir de exemplo da acribia do poeta, e que constitui desmentido formal do conceito romântico da epopeia espontânea, de nascimento anônimo, que se forma por si mesma e cresce como as plantas. Uma formação desse gênero é incompatível com tamanha minúcia na execução de um plano preconcebido. Para o tema da cólera não se fazia indispensável a reconciliação com Agamémnone: uma vez morto Pátroclo, Aquiles voltaria para a luta, a fim de vingar quanto antes a morte do amigo. Mas o poeta queria purificar Agamémnone de qualquer senão, apresentando-o como perfeito soberano. Os presentes enumerados no Canto IX são apresentados na cena da reconciliação, bem como a própria Briseide, causa involuntária da discórdia entre os dois chefes, realizando, então, Agamémnone o juramento que se dispusera a fazer dois dias antes, de que não havia tocado na jovem, nem por força de amores, nem por outra causa qualquer (XIX). Em uma e em outra cena aparecem versos repetidos. Em ambos os cantos é Odisseu quem admoesta Agamémnone, quando na segunda assembleia fora de esperar semelhante atitude do velho Nestor de Gerena. Na própria fala de Agamémnone é evidente o paralelismo, ao se lembrar

do exemplo de Zeus, enganado pela Culpa, quando do nascimento de Héracles, complemento natural da fala de Fenice, no Canto IX, na enumeração dos efeitos da terrível deusa no ânimo dos mortais, e da ação reparadora das Súplicas (Erich Bethe: *Homer*, 1º vol., p. 70, e também Bowra: *Tradition and Design in the Iliad*, Oxford, 1930).

Mas, se considerarmos mais de perto essa divisão do poema, iremos descobrir particularidades interessantes. É que parece a divisão natural para a recitação de toda a *Ilíada* em três seções, ou, com mais propriedade, em três dias. Sendo certo que a *Ilíada* e a *Odisseia* eram recitadas em festejos públicos, a princípio por episódios desconexos, conforme o exigia a preferência do auditório, sem que fosse obedecida a ordem dos acontecimentos, depois na sequência natural da fábula, é aceitável que no caso da *Ilíada* esse recitativo se desse com as pausas indicadas, no fim dos cantos VIII e XVIII. Um recitativo de seis ou oito cantos da *Ilíada* por dia não tomaria mais tempo do que a representação de uma tetralogia completa, que também exigia o dia todo, sendo possível que os rapsodos se revezassem. E, particularidade interessante: esses cantos se encerram justamente com o cair da tarde, coincidindo a hora em que os ouvintes se dispersavam com a interrupção forçada da ação movimentada do poema, pela chegada da noite divina, a que era forçoso obedecer. Mas ainda não é tudo, que essas três partes conservam uma certa autonomia, apresentando cada uma delas um aspecto diferente do tema da cólera, que pode ser considerado um todo de acabamento artístico perfeito, que se integra na unidade maior do plano preestabelecido pelo poeta e executado com precisão admirável.

Façamos um apanhado dessas partes para termos uma ideia perfeita da unidade da *Ilíada*. Apresentarei neste escorço apenas um apanhado muito por cima dos episódios fundamentais, que a ocasião não nos permite análise mais demorada. Desde os antigos louva-se em Homero a habilidade com que ele narra os acontecimentos da Guerra de Troia sem começar "*ab ovo*", iniciando-se o poema depois de nove anos de cerco. Há quem veja no estilo nervoso do primeiro canto características do gênero das baladas, com a ausência das imagens tão frequentes nos outros cantos e a peculiaridade do diálogo, em que as falas das personagens se entrechocam com vivacidade única. Esse canto foi

composto pelo autor do proêmio como introdução para o tema da cólera, causa de terem sofrido os aquivos inúmeros trabalhos e de baixarem para o Hades muitas almas de heróis esclarecidos, enquanto “eles mesmos”, isto é, seus corpos, serviam de pasto às aves e aos cães. Isso tudo se deu em cumprimento do desígnio de Zeus, que passou a favorecer os troianos, a pedido de Tétis, com o fim de enaltecer Aquiles. É perfeita a sequência entre os episódios: a rixa entre Aquiles e Agamémnone, a tentativa frustrada por parte de Nestor de reconciliar os dois chefes, a queixa de Aquiles a Tétis e a subida desta ao Olimpo. Confirmada a promessa com um sinal de cabeça, o mais seguro penhor com que o deus sumo se obrigava perante os demais deuses do Olimpo, reflete Zeus na maneira mais eficiente de dar início ao seu plano para abater os gregos. No entanto, a não ser no começo do Canto II, por muito tempo desaparece do horizonte poético o tema da cólera, ocupando-se o poeta com vitórias sucessivas dos aquivos, que atingem o clímax no Canto VI, em que o sentimento geral dos troianos pressagiava a queda iminente da cidade.

Mas é apenas aparente esse descuido; o poeta abandona por momentos o tema anunciado para apresentar as personagens do drama e incorporar no seu traçado gigantesco o copioso material em que vinham narrados os acontecimentos anteriores à discórdia. A fábula ganha em extensão e em profundidade. Muitas poesias isoladas, sagas de tribos distantes, são incorporadas, assim, à lenda de Troia, numa “deslocação de mitos” que se impunha à vista do prestígio alcançado pela narrativa do famoso cerco.

No entanto, a incorporação de tão numerosos elementos não se faz de maneira canhestra, tendo sido baldados os esforços dos analistas para isolar os poemas de proporções menores em sua primitiva autonomia, que todos eles passaram por modificações sensíveis no ato da criação poética. Percebe-se que o poeta dispunha de copioso material e que muitas vezes pressupõe no ouvinte particularidades da fábula que deixa de mencionar. É assim que no início Pátroclo nos é apresentado simplesmente como “o filho de Menécio”, descuido evidente na redação da cena inicial. Mas são pequenos lapsos que não afetam a estruturação do poema, não conseguindo a mais exigente análise deslocar os blocos fundamentais do edifício, sem prejuízo sensível do plano geral. Como

exemplo, lembrarei apenas a cena do encontro de Heitor e Andrômaca, narrada no Canto VI, muito distanciada, na opinião de vários críticos, da morte do herói, e, por isso mesmo, deslocada naquela altura. Adiante voltaremos a essa passagem, quando tratarmos do cuidado com que o poeta preparava os ouvintes para o desenlace de determinados temas, iniciando-os com muita antecedência. Heitor nos é apresentado no Canto VI sob perspectiva inesperada, como filho, irmão e esposo, porque na última parte do poema todo o interesse se concentra em torno de sua figura.

Já houve quem dissesse que a introdução da *Ilíada* se estende até o Canto VII; realmente, só depois da apresentação completa das personagens é que o poeta se decide a dar cumprimento ao tema anunciado. O tema da cólera impunha o afastamento temporário de Aquiles, o que dá oportunidade a outros heróis de aparecerem no primeiro plano. Ressalta, também, o patriotismo do poeta em todas as suas descrições de combates; o auditório exigia a vitória dos aquivos, razão precípua de se sucederem as relações dos feitos heroicos dos confederados, que contrastavam com os troianos pela disciplina, eloquência e pela própria escolha das armas. Entre os aquivos, apenas Teucro — daí a escolha do nome! — manejava o arco; todos os outros só lutavam de lança e espada. Com exceção de Pátroclo, não morre do lado dos aquivos nenhum herói de primeira grandeza, e assim mesmo, no caso de Pátroclo, foi preciso que Apolo tomasse a iniciativa para tontear o herói e que Euforbo o ferisse à traição, depois do que pôde Heitor levar a cabo a vitória fácil. Em toda a *Ilíada* morrem 189 troianos em combate singular, contra apenas 53 aquivos, sendo estes quase sempre obscuros, vultos que só aparecem pela necessidade da narrativa.

Afinal, no Canto VIII começa a concretizar-se o desígnio de Zeus com a derrota dos aquivos. Mas ainda aqui a ação não é decisiva: por mais de uma vez os troianos estiveram a ponto de ser encurralados na cidade; em certa altura o próprio Zeus lança um raio aos pés de Diomedes, para que este parasse na sua arrancada vitoriosa, em perseguição aos troianos, advertência também para o poeta, observa um comentador, a fim de que se decidisse a cumprir o doloroso dever de contar a derrota dos gregos. E é o que se dá, afinal; pela primeira vez, depois de nove anos de cerco, vêm acampar os troianos fora dos muros da

cidade, após uma luta que só foi interrompida pelo advento da noite divina. As fogueiras do acampamento dos troianos são comparadas com as estrelas que refulgem com brilho indizível ao redor da lua, quando o céu está límpido e os ventos sossegados, descortinando-se os cabos, grutas e matas pelas baixadas, o que enche de gozo o pastor. Chegamos, desse modo, a uma pausa natural da narrativa; os ouvintes que se dispersaram para suas casas, ao cair da noite, levavam a certeza da próxima derrota dos aquivos, em cumprimento do desígnio de Zeus. Eram as primeiras consequências do tema da cólera: com o afastamento de Aquiles, invertera-se a situação: os troianos passaram à ofensiva e vieram encurralar os gregos dentro do próprio acampamento, sendo-lhes defesa precária a soberba muralha construída para proteção das naves. Grande deveria ser a ansiedade dos ouvintes, no dia subsequente, quando voltavam a congregar-se ao redor do vate para ouvirem a continuação da narrativa.

A segunda parte começa com a noite, no Canto IX, o célebre Canto da Embaixada, início muito natural para os gregos, que contavam os dias diferentemente do modo que fazemos. Nós dizemos: dois dias e duas noites, enquanto eles invertiam a posição dos termos, começando a indicação pelo período noturno: *Niktas te kai hemar*, para dizermos isso no próprio dialeto homérico. Nessa segunda parte, também, copioso material é incorporado ao poema, sendo o Canto X, a Doloneida, sob esse aspecto, bastante ilustrativo. “Se esse episódio tivesse sido casualmente perdido”, observa Leaf, “nunca poderíamos supor que em algum tempo houvesse existido”. Seu próprio estilo lhe empresta caráter *sui generis* dentro da composição do poema. É o único canto da *Ilíada* em que não há repetição de versos, particularidade de grande peso se considerarmos que dos 28 mil hexâmetros dos dois poemas, um quarto é de repetições. No entanto, sua inserção nessa altura da narrativa não foi feita sem razões ponderáveis, não sendo possível excluí-lo, sem prejuízo para o equilíbrio do poema. Essa excursão noturna, de feição acentuada de gangsterismo, serve para levantar o ânimo dos aquivos. Sem essa pequena vitória recomeçariam a luta do Canto XI em condições desvantajosas, depois do desfecho da batalha do Canto VIII e, principalmente, do fiasco da embaixada.

Toda a *Patrocleida* se inclui também nessa segunda parte, sendo de notar o

cuidado com que o poeta conduz os acontecimentos. Com muita antecedência, prepara o motivo da troca das armas, para poder incluir a descrição do escudo feito por Hefesto, o que se dá no Canto XVIII. Mas para isso era necessário que Aquiles perdesse as suas armas, emprestadas a Pátroclo, que é vencido por Heitor. Desde o Canto XI o velho Nestor sugere a Pátroclo a ideia de vir em socorro dos gregos com as armas de Aquiles. Qual a necessidade de semelhante empréstimo? No nono ano de luta estaria Pátroclo sem armas de combate? Inconcebível. Seria o caso de lembrar as palavras de Idomeneu, quando Meríones foi lhe pedir uma lança:

> "Lanças, se tal desejares, não uma, somente, mas vinte
> dentro da tenda acharás, encostadas no muro esplendente.
> Lanças Troianas são todas, tomadas dos nossos imigos [...]."
>
> [*Ilíada*, XIII, 260-2]

Mas não havia outra opção, para poder ser incorporada à famosa descrição do escudo, que, de início, não se relacionava com Aquiles. Pátroclo fora à tenda de Nestor a instâncias do próprio Aquiles, que, de cima da popa de sua nau, vira passar o velho de Gerena com um guerreiro ferido. Observaremos rapidamente que a situação é incompatível com a existência do muro, que impediria a visão do que ocorria na planície. Afastado dos combates, o grande herói não estava indiferente à sorte dos companheiros de armas. Daí ter chamado Pátroclo, para que este fosse saber o nome do ferido. Pátroclo acorre ao chamado do amigo. "O início foi esse de sua desgraça", observa o poeta com bastante antecedência (XI, 604). No entanto, a ideia sugerida por Nestor só é retomada no início do Canto XVI, depois de vencida a resistência do muro e de haver chegado a luta ao recinto das naves. Outra particularidade interessante, que permite derivar a situação de um poema anterior ao tema da cólera: na fala de Pátroclo, repetição, nesse ponto, das palavras de Nestor, admite-se a possibilidade de Aquiles estar afastado dos combates por injunção materna, talvez pelo receio da predição que o fadava a uma vida curta e gloriosa ou a uma velhice apagada:

Se te retrais, porventura, em virtude de algum vaticínio
pela mãe nobre contado da parte de Zeus poderoso [...].

[*Ilíada*, XVI, 36]

É só na resposta de Aquiles que se faz a ligação com o tema da cólera, ao negar ele aquela possibilidade, para lembrar a verdadeira causa de sua abstenção, espraiando-se em particularidades, como se Pátroclo desconhecesse o motivo da rixa:

A bela escrava que os fortes Aquivos por prêmio me deram,
por minha lança adquirida ao destruir bem-murada cidade,
o poderoso Agamémnone veio arrancar-me dos braços,
como se eu fosse adventício de todo o valor destituído.

[*Ilíada*, XVI, 56-9]

Assim, em toda a *Patrocleia* é perseverante o trabalho de Homero no preparo dos episódios e na justificação dos temas, chegando até o poeta a abandonar sua objetividade costumeira para emitir opinião pessoal quanto à atitude de Pátroclo, que com a sua insistência apressava o fim desditoso:

Que irreflexão era a sua! O insensato pedia, insistente,
que se cumprisse o seu fado, atraindo a precípite Morte.

[*Ilíada*, XVI, 46-7]

Este exemplo é característico. Por aí vemos como Homero trabalhava e como se apropriava de material estranho. A morte de Pátroclo é narrada em grande estilo, no fim de sua arrancada vitoriosa desde a nave de Protesilau. Contra o querer do Destino, os aquivos obtiveram vantagem; por três vezes Pátroclo arremete contra os muros da cidade; mas, na quarta, Apolo intervém, para cercear o ímpeto do herói. “Nessa hora, Pátroclo, aos olhos o termo *luziu-te* da

vida.” (XVI, 787) Até o verbo é escolhido, de acordo com a dignidade do herói. Só depois de tonteado por Apolo, que lhe arranca da cabeça o elmo, e de ferido à traição por Euforbo, é que aparece Heitor, para consumar a vitória. Já vimos como a descrição do combate ao redor do cadáver de Pátroclo foi inspirada na *Aquileida*, com ampliação do tema. No Canto XVIII levanta-se Aquiles de sua inação, após o recebimento da notícia da perda do amigo. É incorporada nessa altura a descrição do escudo, após a ida de Tétis à forja de Hefesto, para pedir ao divino ferreiro que fabricasse para o filho armas dignas dele. O cadáver de Pátroclo é salvo graças à simples ação de presença de Aquiles: doze troianos dos mais nobres perecem feridos por suas próprias armas, em virtude da confusão causada pelo aparecimento do herói à beira do fosso. Palas Atena lhes reforça o brado e faz surgir-lhe ao redor da cabeça uma chama inextinguível. Aproveitando-se do efeito causado pelo eácida ilustre, os aquivos retiram o cadáver e o conduzem para o acampamento, enquanto Hera obrigava o sol incansável a baixar para o ocaso, a seu malgrado, para que os aquivos pudessem descansar. Assim, com o advento da noite sagrada, termina a segunda parte do poema da cólera, mas agora de consequências fatais para o próprio Aquiles: por culpa exclusivamente sua perdera o amigo que ele mesmo enviara para combater em seu lugar, sem que lhe houvesse sido possível ampará-lo na hora do perigo. Como a primeira parte, temos um poema perfeitamente delimitado, de traçado gigantesco, para cuja recitação era necessário um dia inteiro, de grandes emoções. De volta para seus lares, os cidadãos podiam comentar as consequências funestas para o próprio Aquiles, de sua teimosia.

A terceira parte é o poema da vingança de Aquiles e da anulação do tema da cólera, pela reconciliação com Príamo. A ação se interioriza em notas até então desconhecidas da tradição épica. Pisamos em terreno novo, onde o gênio de Homero vai revelar-se em toda a sua pujança. Não me deterei na apreciação das cenas da vingança propriamente dita, a luta entre Aquiles e Heitor, o rancor, direi melhor, a ferocidade de Aquiles diante do assassino do amigo e, posteriormente, em relação aos maus tratos infligidos ao seu cadáver. Imponentes, ainda, são os jogos fúnebres em honra de Pátroclo, que ocupam quase todo o Canto XXIII, de acordo com a importância do morto. Detenhamo-nos apenas na cena final do

encontro de Príamo e Aquiles, quando o velho monarca se abala a ir em pessoa à tenda do inimigo, reclamar o cadáver do filho.

Todo o Olimpo se movimenta, para demover Aquiles do propósito de deixar insepulto o cadáver de Heitor, tendo resolvido Zeus, afinal, convocar Tétis para que convencesse o filho a aceitar o resgate, porque ao corpo fossem prestadas as honras fúnebres de estilo. Em toda essa parte nota-se um deslocamento de interesse: Heitor, agora, ocupa o centro de nossa simpatia, constituindo a sorte de seu cadáver o assunto primacial do canto. Vencidas as barreiras patrióticas, Homero vai tornar-se poeta universal. Mas esse deslocamento do campo de interesse não se dá por acaso e à última hora, porque, como de costume, os temas são preparados com antecedência. Desde o Canto VI já nos habituamos a ver em Heitor uma figura diferente, concentrando-se em torno dele a nossa simpatia. Na fala de Andrômaca, naquela ocasião, já estão contidos os temas de sua lamentação, no Canto XXII, e do treno sobre o cadáver do esposo, nos últimos acordes do poema. Lembrarei apenas o que já ficou dito acima, que nas cenas de combate dos cantos XX a XXII desaparece por completo o tema do muro, desenrolando-se a luta sem empecilho na planície. O Escamandro volta a correr entre a cidade e o acampamento grego, muito embora à chegada de Príamo se faça menção rápida ao fosso e aos muros que cingiam as tendas.

A súplica de Príamo e a resposta de Aquiles são por demais imponentes para poderem ser resumidas neste comentário. Direi apenas que foi profundo o efeito das palavras do velho monarca ao fazer Aquiles lembrado de seu próprio pai, “da mesma idade que a dele, e, portanto, já velho também”. Essa fala culmina com a confissão da mais dolorosa humilhação, por parte de Príamo, e de sacrifício sobre-humano, ao ele beijar a mão que matara seus próprios filhos.

Grande saudade do pai no Pelida o discurso desperta;
toma das mãos do monarca, afastando-o de si com brandura.
Ambos choravam; o velho, lembrado de Heitor valoroso,
num soluçar convulsivo, de Aquiles aos pés enrolado,
que, ora o pai velho chorava, ora a perda do amigo dileto,

Pátroclo [...].

[*Ilíada*, XXIV, 506-11]

Na resposta de Aquiles é que vamos encontrar a muito famosa e para sempre célebre imagem dos dois tonéis do limiar no Olimpo, de males e de bens, as dádivas de Zeus. Se, ao nascimento, alguém recebe uma mistura desses dons, atravessa, de acordo, a existência: ora a sofrer, ora com fases de relativa felicidade. Mas, se recebe apenas males, torna-se desprezado por todos e ludíbrio permanente dos homens e dos deuses. É de notar que Aquiles não menciona a terceira possibilidade: de receber algum mortal, ao nascimento, apenas dádivas do tonel de bens, pois a condição humana é incompatível com essa disposição:

Sempre viver em tristeza, eis a sorte que os deuses eternos
de descuidada existência aos mortais infelizes dotaram.

[*Ilíada*, XXIV, 524-5]

Nessa passagem Homero se revela verdadeiro precursor da tragédia que havia de brotar do próprio solo da Grécia alguns séculos depois, bastando uma citação como essa para desfazer a ideia romântica de que os gregos tinham uma concepção muito risonha da existência.

Minha última citação neste estudo consistirá dos versos em que se nos apresentam os dois inimigos já reconciliados, depois de recebido o resgate, por parte de Aquiles, e de haver Príamo consentido em aceitar a refeição simbólica à mesa do assassino de seus filhos. Ambos se contemplam em silêncio, sem poder nenhum deles esconder o espanto que lhe causavam a visão do adversário:

Príamo, o velho Dardânida, o vulto de Aquiles admira,
sua imponência e estatura, que um deus imortal parecia.
Não menor pasmo de Aquiles se apossa ante a vista de Príamo,
vendo-lhe a nobre aparência e escutando-lhe os nobres conceitos.

[*Ilíada*, XXIV, 628-31]

São versos de eterna beleza, porque fixam momentos da alma humana de rara profundidade.

Assim termina a *Ilíada*, como uma grandiosa sinfonia. Ficaram para trás os movimentos agitados; no andante final as discordâncias se harmonizam em acordes serenos. Já observei que não é possível nos determos na apreciação dessas passagens para sempre famosas; observarei apenas que as cenas mais profundamente humanas, que se afirmam como criações de beleza inexcedível, são justamente as de criação livre, que independem de qualquer tradição histórica ou que possam ser consideradas sublimação das gestas: o encontro de Heitor e Andrômaca, as lamentações de Príamo e de Hécabe, bem como as da própria Andrômaca e de Helena sobre o cadáver de Heitor, a cena final do resgate do cadáver de Heitor e, sobretudo, a figura de Tétis, a deusa imortal que tantas vezes põe em ligação o mundo tranquilo dos deuses e o cenário agitado dos mortais e que se revela tão humana na capacidade de suportar a dor da perda iminente do filho.

Por isso mesmo repugna-me aceitar a hipótese de uma *Ilíada* primitiva, da autoria de Homero, de que ficassem excluídas tantas joias de inexcedível beleza. Não; a síntese grandiosa é justamente a *Ilíada* tradicional, cujos episódios se acham concatenados de maneira tão sábia que têm sido baldadas todas as tentativas de eliminar qualquer deles ou de dispô-los sob perspectiva diferente. Desse modo chegamos à conclusão da unidade da *Ilíada*. Ainda que composta de material heterogêneo, da mais variada procedência, sente-se que sua feitura obedeceu a um plano arquitetônico de linhas sóbrias e de equilíbrio perfeito. Por ser o livro tradicional, em que muitas gerações trabalharam, na redação final ressalta a orientação firme de um poeta de gênio, que, sabendo aproveitar o material deixado pelos seus antecessores, imprimiu-lhe o cunho do seu gênio insuperável.

Por último, permito-me algumas considerações em defesa própria, ou melhor, do método seguido na apreciação dos dois poemas, para repelir as acusações dos que, dizendo-se defensores da unidade intransigente da *Ilíada* e da *Odisseia*, rejeitam o processo da análise, por prejudicial à apreciação estética daqueles

poemas. Carece de fundamento semelhante acusação. Não é ociosa a questão da origem e do processo de formação da *Ilíada* e da *Odisseia*. Por serem poemas únicos, de perfeição sem-par, não caíram feitos do céu. O método analítico, fazendo ressaltar os temas e aprofundando os motivos poéticos, permite-nos surpreender o poeta, ou os poetas, no próprio ato de sua criação. Além do mais, em virtude dos séculos interpostos, não nos é possível essa apreciação ingênua dos poemas; para lhes sentirmos a beleza, faz-se necessário esforço de nossa parte no afã de vencermos as barreiras da barbárie moderna e de nos transportarmos para a idade heroica, de que deveria surgir a civilização helênica, o denominado "milagre grego", que continua sendo as culturas subsequentes, até nossos dias, paradigma inatingível. Lembrarei, ainda, uma palavra de Kant, que embora apresentada noutras conexões, encontra aplicação nestes estudos: "Só compreendemos o que construímos." Então, se quisermos compreender a *Ilíada* e a *Odisseia*, teremos de construí-las, isto é, acompanhá-las em seu processo formador, desde a gênese dos primitivos elementos até a síntese final. Mas para isso não basta a leitura ingênua, como faríamos com um romance de nossos dias. Precisamos, antes de mais nada, desmontar os dois poemas em seus elementos. O grande merecimento da Escola Analítica foi, justamente, o de facilitar-nos essa tarefa, sendo apreciáveis os resultados acumulados em um século e meio de estudos. Pouco importam as conclusões contraditórias a que por vezes chegam os investigadores, sendo mesmo muito provável que, em virtude da complexidade e da natureza dos problemas, nunca cheguemos a um resultado definitivo. A última palavra, nesse terreno, como em tudo o mais, ficará para a última geração. Contentemo-nos com a própria alegria da pesquisa e em podermos cooperar modestamente para a elucidação de um dos problemas mais interessantes da nossa cultura, porque só aparentemente se ocupa a denominada Questão Homérica com um tema delimitado no espaço e no tempo: procurando rastrear o processo da formação da *Ilíada* e da *Odisseia*, nada mais fazemos, de fato, do que tentar surpreender os mistérios, em nosso íntimo, da própria gênese da poesia. [2]

Carlos Alberto Nunes

CANTO I

A PESTE E A IRA

“Invocação às Musas. Crises, sacerdote de Apolo, vem ao campo dos Gregos para recuperar sua filha, que era escrava de Agamémnone. Não a conseguindo, e sendo até insultado pelo rei, pede a Apolo para ser vingado. Uma peste é então enviada a toda a tropa Grega. Aquiles convoca a assembleia e Calcante, um adivinho, revela a causa da peste e indica o remédio: devolver a filha de Crises. Ocorre uma briga entre Agamémnone e Aquiles. Agamémnone devolve Criseide, mas leva Briseide, a escrava de Aquiles. Este, irado contra o ultraje, sai da Guerra de Troia. Tétis, sua mãe, a seu pedido, vai até Zeus para pedir que os Gregos saiam perdedores na guerra para que todos vejam a falta que Aquiles faz. Zeus concede a Tétis que os Troianos saiam vencedores. Ocorre uma briga entre Hera e Zeus sobre o destino da guerra.”

Canta-me a Cólera — ó deusa! — funesta de Aquiles Pelida,
causa que foi de os Aquivos sofrerem trabalhos sem conta
e de baixarem para o Hades as almas de heróis numerosos
e esclarecidos, ficando eles próprios aos cães atirados
e como pasto das aves. Cumpriu-se de Zeus o desígnio
desde o princípio em que os dois, em discórdia, ficaram cindidos,
o de Atreu filho, senhor de guerreiros, e Aquiles divino.

Qual, dentre os deuses eternos, foi causa de que eles brigassem?
O que de Zeus e de Leto nasceu, que, com o rei agastado,
peste lançou destruidora no exército. O povo morria,
por ter o Atrida Agamémnone a Crises, primeiro, ultrajado,
o sacerdote. Este viera, até as céleres naus dos Aquivos,
súplice, a filha reaver. Infinito resgate trazia,
tendo nas mãos as insígnias de Apolo, frecheiro infalível,
no cetro de ouro enroladas. Implora aos Aquivos presentes,
sem exceção, mas mormente aos Atridas, que povos conduzem:
"Filhos de Atreu, e vós outros, Aquivos de grevas bem-feitas,
deem-vos os deuses do Olimpo poderdes destruir as muralhas
da alta cidade de Príamo, e, após, retornardes a casa.
A minha filha cedei-me, aceitando resgate condigno,
e a Febo Apolo, nascido de Zeus, reverentes mostrai-vos."
Os heróis todos Aquivos, então, logo ali concordaram
em que se o velho acatasse, aceitando os presentes magníficos.
Somente ao peito do Atrida Agamémnone o alvitre desprouve,
que o repeliu com dureza, assacando-lhe insultos pesados:
"Velho, que nunca te venha a encontrar junto às céleres naves,
quer te detenhas agora, quer voltes aqui novamente,
pois as insígnias do deus e esse cetro de nada te valem.
Não na liberto, está dito. Que em Argos, mui longe da terra
do nascimento, há de velha ficar em o nosso palácio,
a compartir do meu leito e a tecer-me trabalhos de preço.
Não me provoques, retira-te, caso desejes salvar-te."
Isso disse ele, medroso, o ancião se curvou às ameaças,
e, taciturno, se foi pela praia do mar ressoante,
onde, de um ponto afastado, dirige oração fervorosa
a Febo Apolo, nascido de Leto de belos cabelos:
"Ouve-me, ó deus do arco argênteo, que Crisa, cuidoso, proteges,
e a santa Cila, e que tens o comando supremo de Tênedo!

Ajudador! Já te tenho construído magníficos templos,
bem como coxas queimado de pingues ovelhas e touros.
Ouve-me, agora, e realiza este voto ardoroso, que faço:
possas vingar dos Aqueus, com teus dardos, o pranto que verto.”
Isso disse ele na súplica; ouvido por Febo foi logo.fidry
O coração indignado, se atira dos cumes do Olimpo;
atravessado nos ombros leva o arco e o carcás bem-lavrado.
A cada passo que dá, cheio de ira, ressoam-lhe as flechas
nos ombros largos; à Noite semelha, que baixa terrível.
Longe das naves se foi assentar, donde as flechas dispara.
Do arco de prata começa a irradiar-se um clangor pavoroso.
Primeiramente, investiu contra os mulos e os cães velocíssimos;
mas, logo após, contra os homens dirige seus dardos pontudos,
exterminando-os. Sem pausa, as fogueiras os corpos destruíam.
Por nove dias, as setas do deus dizimaram o exército;
mas, no seguinte, chamou todo o povo para a ágora, Aquiles.
Hera, de braços brilhantes, lhe havia inspirado esse alvitre,
pois tinha pena dos Dânaos, ao vê-los morrer desse modo.
Quando ao chamado acudiram e todos se achavam reunidos,
alça-se Aquiles, de rápidos pés, concionando desta arte:
“Filho de Atreu, quero crer que nos cumpre voltar para casa
sem termos nada alcançado, no caso de à Morte escaparmos,
pois os Aquivos, além das batalhas, consome-os a peste.
Sus! Consultemos, sem mora, qualquer sacerdote ou profeta,
ou quem de sonhos entenda — que os sonhos de Zeus se originam —,
para dizer-nos a causa de estar Febo Apolo indignado:
se por não termos cumprido algum voto ou, talvez, hecatombes,
ou se lhe apraz, porventura, de nós receber o perfume
de pingues cabras e ovelhas, a fim de livrar-nos da peste.”
Tendo isso dito, assentou-se. Levanta-se, então, do seu posto,
logo, Calcante, nascido de Téstor, de sonhos intérprete,

que conhecia o passado, bem como o presente e o futuro,
e que os navios guiara dos nobres Acaios para Ílio,
graças aos dons de profeta com que Febo Apolo o brindara.
Cheio de bons pensamentos, lhe diz, arengando, o seguinte:
"Mandas-me, Aquiles, querido de Zeus, que te diga o motivo
de estar colérico Apolo, o senhor que dispara certeiro.
Vou revelar-to; atenção presta e escuta. Mas quero que jures
que me darás proteção com teu braço, ou, sequer, com palavras,
pois estou certo de que há de irritar-se o guerreiro que manda
nos Aqueus todos e a quem os Argivos de grado obedecem.
Contra os pequenos, se acaso se agasta, é o rei sempre excessivo.
Pois, muito embora refreie os impulsos da cólera um dia,
continuamente revolve no peito o rancor incontido,
té que o consiga saciar. Vê, portanto, se auxílio me prestas."
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, o seguinte, em resposta:
"Podes dizer, sem receio, o que na alma vidente souberes.
Por Febo Apolo, querido de Zeus, a quem preces diriges,
nobre Calcante, que possas contar aos Aqueus teus augúrios,
enquanto eu vivo estiver e na terra gozar da existência,
nunca nenhum dos Argivos, ao lado das céleres naves,
há de violência fazer-te, ainda mesmo que penses no Atrida,
que, no momento, se orgulha de ser o melhor de nós todos."
Com mais coragem, então disse o vate preclaro o seguinte:
"Não se irritou por não termos cumprido algum voto ou hecatombe,
mas por haver Agamémnone ao seu sacerdote ofendido,
visto não ter recebido o resgate da filha, entregando-lha.
Por essa causa, nos deu e há de dar sofrimentos Apolo,
sem que dos Dânaos pretenda afastar o terrível flagelo,
antes de haverdes ao pai a donzela de olhar refulgente
restituído, sem prêmio nenhum, outrossim conduzindo
a Crises uma hecatombe. Talvez, desse modo, o aplaquemos."

Tendo isso dito, assentou-se. Levanta-te, então, do seu posto
o nobre filho de Atreu, Agamémnone, rei poderoso,
com torvo aspecto. De trevas a cólera o peito lhe enchia,
a transbordar. Pareciam-lhe os olhos dois fogos brilhantes.
Ameaçador, para o vate Calcante se vira, increpando-o:
"És só profeta de males; jamais me agradou tua fala;
sempre encontraste prazer em prever-nos apenas desgraças;
nunca disseste ou cumpriste qualquer vaticínio benéfico,
bem como agora, que aos Dânaos revelas, sob forma de oráculos,
que os sofrimentos do exército são por Apolo causados,
pelo motivo de eu ter recusado o resgate magnífico
da bela filha de Crises, em vista de ser do meu gosto
junto mantê-la de mim, que a antepunha, sem dúvida alguma,
a Clitemnestra, legítima esposa, que em nada lhe cede
no porte altivo, em beleza e nas prendas variadas do sexo.
Restituí-la, no entanto, me apraz, por ser mais vantajoso,
pois salvação só desejo ao meu povo, não vê-lo destruído.
Mas, sem demora, aprestai-me outro prêmio, que fora injustiça,
entre os Argivos, só eu não ter parte no espólio de guerra.
Todos podeis confirmar que meu prêmio, desta arte, me tomam."
O divo Aquiles, de rápidos pés, em resposta lhe disse:
"Filho notável de Atreu, mais que todos os homens avaro,
por que maneira os Aqueus poderão novo prêmio ofertar-te?
Conhecimento não temos de espólio abundante ainda intacto,
pois das cidades saqueadas já estão distribuídas as presas
nem há de o povo querer novamente reunir isso tudo.
Ao deus entrega a donzela, que três e mais vezes, sem dúvida,
te pagaremos os nobres Aqueus, quando for da vontade
de Zeus potente que os muros dos Troas, alfim, conquistemos."
O poderoso Agamémnone disse o seguinte, em resposta:
"Conquanto sejas astuto, divino Pelida, não penses

que poderás enganar-me com teus subterfúgios e manhas.
Queres guardar o teu prêmio, mas pensas que eu deva a donzela
ao sacerdote mandar, desse modo ficando sem nada?
Seja! Contanto que um novo presente os Aquivos magnânimos,
de igual valia, me cedam, conforme o desejo que expendo.
Caso a mo dar se recusem, pretendo em pessoa ir buscá-lo,
quer seja o prêmio de Ajaz, ou o do grande Odisseu, ou até mesmo
o que tiveste por sorte. A visita há de ser-lhe amargosa.
A esse respeito, porém, voltaremos depois, mais de espaço.
Ora, convém nau ligeira nas ondas divinas lançarmos.
Os remadores, sem perda de tempo, reunamos, e as vítimas
logo ponhamos a bordo e a donzela graciosa de Crises,
de belas faces. Comande o navio um dos chefes do exército,
Idomeneu, o fortíssimo Ajaz. Odisseu, porventura,
ou mesmo tu, nobre Aquiles, o herói mais que todos terrível,
para aplacar o frecheiro por meio da sacra oferenda.”
Com torvos olhos, Aquiles, de rápidos pés, lhe responde:
“Alma despida de pejo, que só de interesse se ocupa!
Como é possível que algum dos Aqueus ao teu mando obedeça,
quer em caminho se pondo, quer seja enfrentando outros homens?
Não foi por causa dos fortes Troianos que vim para Troia,
para guerreá-los, pois nunca motivo para isso me deram.
Deles, nenhum das manadas um boi me roubou, nem cavalos,
nem no terreno de Ftia, nutriz de guerreiros, tampouco,
minhas colheitas destruíram, pois grandes montanhas escuras
e o vasto mar sonoroso entre nós de permeio se estendem.
Para teu gáudio, grandíssimo despudorado, seguimos-te,
cão sem nenhum descortino, a vingar-te do ultraje dos Troas
a Menelau. Mas sequer te perturbas, nem cuidas de nada.
E, para cúmulo, ameaças de vires a escrava arrancar-me,
que dos Acaios obtive por prêmio de grandes trabalhos.

Nunca meu prêmio se iguala ao que obténs, quando os nobres Argivos
uma cidade povoada, dos Troas, acaso conquistam.
É bem verdade que a parte mais dura dos prélios sangrentos
a estes meus braços compete; mas quando se passa à partilha,
sempre o quinhão mais valioso te cabe, enquanto eu me contento
com recolher-me ao navio, alquebrado, com paga mesquinha.
Mas para Ftia resolvo voltar, que é bem mais vantajoso
ir para casa nas naves recurvas. Não julgo decente
permanecer ultrajado e de bens e riquezas prover-te.”
Disse-lhe, então, em resposta, Agamémnone, rei poderoso:
“Foge, se o teu coração te compele, que não te suplico,
por minha causa, ficares. Muita honra me vem, em verdade,
de outros guerreiros, mas, principalmente, de Zeus prudentíssimo.
És, dos monarcas alunos de Zeus, a quem mais ódio tenho.
Sempre encontraste prazer em contendas, combates e lutas.
Se de robusto te orgulhas, tua força de um deus é presente.
Volta nas naves recurvas com todos os teus; nos Mirmídones
o mando exerce em tua casa, que disso me importo bem pouco.
Mossa, também, não me faz teu rancor; mas observo o seguinte:
Visto me haver Febo Apolo da filha de Crises privado,
acompanhada pretendo enviá-la em navio ligeiro,
mas em pessoa hei de o prêmio ir buscar à tua tenda, a Briseide
de belas faces, que, alfim, possas ver por esse ato de força
quanto te sou superior e, também, para que outros se corram
de se igualarem comigo e quererem de frente ameaçar-me.”
Enfurecido com essas palavras ficou o Pelida,
o coração a flutuar, indeciso, no peito veloso,
sobre se a espada cortante, ali mesmo, do flanco arrancasse
e, dispersando os presentes, o Atrida, desta arte, punisse,
ou se o furor procurasse conter, dominando a alma nobre.
Enquanto no coração e no espírito assim refletia,

e a grande espada de bronze arrancava, do Céu baixou prestes
Palas Atena, mandada por Hera, de braços muito alvos,
que a ambos prezava e cuidava dos dois por maneira indistinta.
Por trás de Aquiles postando-se, os louros cabelos lhe agarra,
a ele visível somente; nenhum dos presentes a via.
Cheio de espanto, o Pelida virou-se; porém pelo brilho
que se lhe expande dos olhos, conhece que é Palas Atena.
Volta-se, então, para a deusa, e lhe diz as palavras aladas:
"Filha de Zeus tempestuoso, que causa te trouxe até Troia?
Ver os ultrajes que o Atrida Agamémnone me faz neste instante?
Ora te digo com toda a clareza o que vai realizar-se:
Vai a existência custar-lhe essa grande arrogância de agora."
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Para acalmar-te o furor, tão somente, ora vim do alto Olimpo;
caso me atendas, enviada por Hera, de braços muito alvos
que, por igual, a ambos preza e dos dois, cuidadosa, se ocupa.
Vamos, refreia tua cólera, deixa em repouso essa espada.
Mas, quanto o queiras, com termos violentos o cobre de injúrias.
Ora te digo com toda a clareza o que vai realizar-se:
Prêmios três vezes mais belos virás a alcançar muito em breve,
por esse insulto de agora. Contém-te, portanto, e obedece."
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, o seguinte, em resposta:
"Deusa, é razoável que às ordens das duas me mostre obediente,
ainda que muito irritado me sinto. É, de fato, mais útil.
Os deuses folgam de ouvir aos que sempre submissos se mostram."
A mão robusta, então, logo baixou sobre o punho da espada,
e a grande espada encaixou na bainha, sem que se esquecesse
do que lhe Atena dissera, que foi para o Olimpo, a ajuntar-se
aos outros deuses celestes, na casa de Zeus tempestuoso.
Mais uma vez o Pelida se vira com termos violentos
para Agamémnone, a quem ainda a cólera o peito enfunava:

“Bêbedo, que tens a vista do cão e a coragem do veado,
nunca a armadura envergaste para ir combater como os outros,
nunca às ciladas te atreves, ao lado dos nobres Aquivos,
que no imo peito tens medo pois sabes que a Morte te espera.
Mais lucrativo, de fato, é correr todo o exército Aquivo,
para esbulhar dos seus prêmios a quem se atrever a objetar-te.
Devorador do teu povo! Não fosse imprestável, Atrida,
toda esta gente, e ficara como último ultraje esse de hoje.
Mas uma coisa assevero e com jura solene o confirmo:
Por este cetro que ramos nem folhas jamais, em verdade,
reproduziu, dês que foi, na montanha, do tronco arrancado,
e que jamais brotará, pois o bronze, de vez, arrancou-lhe
a casca e as folhas — a vida — e que os filhos dos nobres Aquivos,
quando em função de juízes, empunham, fazendo que valham
as leis de Zeus e os preceitos — solene é, repito, esta jura! —
há de chegar o momento em que todos os nobres Aquivos
hão de gritar por Aquiles, sem vires, então, nenhum modo
de protegê-los, no tempo em que às mãos desse Heitor homicida
uns sobre os outros caírem. Por dentro hás de, então, remoer-te
de desespero, por teres o Aqueu mais ilustre injuriado.”
O cetro, Aquiles, depois de falar, adornado com cravos
de ouro, atirou contra o solo, indo, após, novamente assentar-se.
O nobre filho de Atreu continuava colérico. Entanto,
alça-se o velho Nestor, o orador delicioso dos Pílios,
de cuja boca fluíam, mais doces que o mel, as palavras.
Gerações duas de seres de curta existência já vira
desaparecer que com ele nasceram no solo arenoso
da sacra Pilo; qual rei, na terceira, ora o mando exercia.
Cheio de bons pensamentos, lhes disse, arengando, o seguinte:
“Deuses! que dor indizível se abate nos povos da Acaia!
Príamo grande alegria, por certo, há de ter e seus filhos,

todos os outros Troianos, também, ficarão muito alegres,
quando notícia tiverem de que ambos, desta arte, contendem,
os mais distintos heróis nos conselhos de guerra e nas pugnas.
Ora atendei-me, que muito mais moços do que eu sois, sem dúvida.
Já convivi, noutros tempos, com mais vigorosos guerreiros
do que vós ambos; no entanto, nenhum inferior me julgava.
Não, nunca vi, nem presumo que possa ainda ver algum dia,
homens do porte de Driante, pastor de guerreiros, Pirítoo,
o grande Exádio, Ceneu, e o que aos deuses é igual, Polifemo,
e ainda Teseu, que de Egeu descendia, de formas divinas.
Esses, realmente, os mais fortes heróis que na terra viveram.
Não foram fortes, somente: lutaram com fortes guerreiros,
monstros alpestres, a todos matando por modo terrível.
Fui companheiro de todos nas lutas de então, pois chamado
por eles próprios me vira de Pilo longínqua, arenosa.
Sim, quanto me era possível, lutei, pois dos homens que a terra
ora alimenta, nenhum suportava confronto com eles.
Obedeciam-me, entanto; meu voto era sempre acatado.
Obedecei-me, também, que é melhor aceitar bons conselhos.
Mas, forte embora, não queiras, Atrida, tomar ao Pelida
a bela escrava, alto prêmio que os fortes Aqueus lhe entregaram.
Nem tu, Pelida, presumas que podes, assim, antepor-te
ao soberano, porque sempre toca por sorte mais honras
ao rei que o cetro detém, a quem Zeus conferiu glória imensa.
Se és, em verdade, robusto, e uma deusa por mãe te enaltece,
este é bem mais poderoso, porque sobre muitos domina.
Faze cessar teu furor, nobre Atrida, te peço; não deixes
ir para adiante tua cólera contra o Pelida, pois ele
tem sido o amparo dos povos Aqueus contra os males da guerra.”
O poderoso Agamémnone disse o seguinte, em resposta:
“Todas as tuas palavras, ancião, foram ditas com senso.

Este indivíduo, porém, sempre quer sobrepor-se a nós todos,
nos outros todos mandar, arrogar-se a gerência de tudo,
e leis ditar inconteste, o que muitos, suponho, lhe negam.
Se as divindades eternas guerreiro de prol o fizeram,
por isso, só, permitiram que os mais insultar possa, impune?”
Interrompendo-o, lhe disse em resposta o divino Pelida:
“Sim, merecera me visse apodado de fraco e imprestável,
se me deixasse dobrar ao capricho de tudo o que dizes.
Leis continua a ditar para quem te aprouver: mas teu mando
em mim cessou, pois estou decidido a negar-te obediência.
Ora outra coisa te vou revelar, fixa-a bem no imo peito:
Por causa, certo, da escrava, não hei de lutar nem contigo
nem com ninguém; que ma vens retomar pós ma haveres cedido.
Mas, das riquezas que tenho no barco veloz de cor negra,
não levarás parte alguma, jamais, contra minha vontade.
Experimenta, se o queres fazer, que os presentes o vejam:
na minha lança há de, logo, correr o teu sangue anegrado.”
Pós ambos terem, desta arte, impropérios trocado, levantam-se,
pondo remate à assembleia, que junto das naus se reunira.
Foi o Pelida, a seguir, para as tendas e naves simétricas,
em companhia do filho do grande Menécio e dos sócios.
Lança, entrementes, o Atrida nas ondas um barco ligeiro,
para o qual vinte remeiros já havia escolhido. A hecatombe
de Febo Apolo mandou para bordo, assim como a Criseide
de faces belas. O mando ao sagaz Odisseu ele entrega.
Esses, depois de embarcados, as úmidas vias cortaram,
enquanto o Atrida dava ordens a todos que banho tomassem.
Purificaram-se todos, jogando no mar as escórias,
e a Febo Apolo ofertaram, de cabras e touros seletos,
uma hecatombe completa, na praia do mar incansável.
Nas espirais da fumaça até o Céu o perfume subia.

Em todo o exército os Dânaos assim se esforçavam. No entanto
não se esquecia da ameaça, que a Aquiles fizera, Agamémnone.
Vira-se para Taltíbio e, também, para Euríbates, ambos
mui diligentes ministros e arautos, e diz o seguinte:
"Ide, sem perda de tempo, até a tenda de Aquiles Peleio,
e me trazei pela mão, sem violência, a graciosa Briseide.
Há de entregar-ma, que em caso contrário, hei de eu próprio ir
buscá-la, com muitos outros guerreiros, o que será pior para Aquiles.
Dessa maneira os envio, porque as ordens terríveis cumprissem."
A seu mau grado, eles foram ao longo da praia sonora,
té que alcançaram as tendas e naus dos heroicos Mirmídones.
Foram achá-lo sentado do lado de fora, bem perto
da negra nau. Não gostou, certamente, de os ver o Pelida.
Ambos receosos ficaram, mostrando respeito ao monarca,
Sem se atreverem, sequer, a o motivo alegar da visita.
Mas entendeu-o logo Aquiles, que aos dois se dirige, dizendo:
"Sede bem-vindos, arautos de Zeus poderoso e dos homens!
Aproximai-vos, que culpa não tendes; sim, tem-na Agamémnone,
que vos mandou até aqui porque a filha de Crises levásseis.
Pátroclo, aluno de Zeus, traze a jovem, sem perda de tempo,
e aos dois arautos a entrega. Sereis testemunhas, sem dúvida,
junto dos deuses eternos, dos homens de curta existência
e desse odiento monarca, se for necessário algum dia
que eu próprio venha a intervir para aos outros poupar a vergonha
de uma derrota; que o rei por completo se encontra enfuriado
e inteiramente incapaz de julgar o passado e o futuro,
para que junto das naves, a salvo, os Aquivos combatam."
Obedeceu logo Pátroclo às ordens do amigo dileto,
e conduziu para fora da tenda a formosa Briseide,
indo entregá-la aos arautos, que para os navios voltaram
com a escrava; bem contra a vontade os seguia. Entrementes,

dos companheiros Aquiles se afasta, a chorar, assentando-se
perto da praia do mar espumoso. A fixar o infinito
pélago, à mãe diletíssima implora, estendendo-lhe os braços:
“Mãe, já que vida de tão curto prazo me deste, seria
justo que ao menos tivesse honras muitas de Zeus poderoso
que no alto troa! Ele, entanto, de todo de mim não se importa,
pois consentiu que o potente senhor, de Atreu filho, Agamémnone,
me desonrasse; meu prêmio tomou, de que, ufano, se goza.”
O que ele assim reclamava, a chorar, pela mãe foi ouvido,
que se encontrava no fundo do mar, junto ao pai venerando.
Rapidamente, emergiu dentre as ondas espúmeas, qual névoa;
ao lado dele assentou-se, que em pranto se achava desfeito,
e acariciando-o com a mão, pôs-se logo a falar, e lhe disse:
“Qual a razão de teu choro, meu filho? Que dor te acabrunha?
Ora me conta sem nada ocultar-me; desejo sabê-lo.”
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, a gemer fundamente:
“Já tens de tudo ciência; por que repetir o que sabes?
Tebas, cidade sagrada de Eecião foi por nós assaltada,
completamente destruída e espoliada das muitas riquezas.
Com equidade foi tudo entre os homens Aqueus dividido,
tendo tocado a Agamémnone a jovem donosa, Criseide.
Crises, então, sacerdote de Apolo, frecheiro infalível,
veio até as céleres naus dos Acaios, de bronze vestidos,
súplice, a filha reaver. Infinito resgate trazia,
tendo nas mãos as insígnias de Apolo, frecheiro infalível,
no cetro de ouro enroladas. Implora aos Acaios presentes,
sem exceção, mas mormente aos Atridas, pastores de povos.
Os heróis todos Aquivos, então, logo ali concordaram
em que se o velho acatasse, aceitando os presentes magníficos.
Somente ao peito do Atrida Agamémnone o alvitre desprouve,
que o repeliu com dureza, assacando-lhe insultos pesados.

Crises, o ancião, indignado, dali se retira; mas Febo
as preces logo lhe ouviu, que especial afeição lhe dicava.
Epidemia funesta lançou nos Argivos; morriam
muitos do povo, pois nunca cessavam os raios de Apolo
de dizimar as extensas fileiras do exército Acaio.
Mas eis que um sábio adivinho os orác'los do deus nos revela.
Aconselhei logo que o nume aplacar procurássemos.
Mas Agamémnone fica irritado; de pé levantando-se,
fez-me terrível ameaça, que acaba de ser realizada:
Em nau veloz os Aqueus de olhos claros a jovem já foram
ao velho pai restituir, com presentes que ao deus oferecem.
De minha tenda, porém, neste instante, arrancaram-me arautos
a bela filha de Brises, que a mim, como prêmio, coubera.
Ora te cumpre amparar a teu filho, que o podes, sem dúvida.
Sobe até o Olimpo e a Zeus suplica, fazendo-o lembrado
de quanto grata lhe foste, por meio de ações e palavras,
pois muitas vezes te ouvi, no palácio paterno, gloriar-te
de que entre os deuses eternos tu, só, preservaras o grande
filho de Crono, que as nuvens cumula, de fim desditoso,
quando outros deuses do Olimpo em liames quiseram prendê-lo,
Hera e Posido, de escuros cabelos, e Palas Atena.
Tu, porém, deusa, acorreste e o livraste das fortes cadeias,
e para o Olimpo muito amplo fizeste que viesse o Centímano,
que pelos deuses é dito Briareu, mas Egeu pelos homens,
e que mais força apresenta que o próprio Posido, pai dele.
Ele, orgulhoso do cargo, assentou-se ali a par de Zeus Crônida,
medo inspirando aos eternos, que logo dos elos desistem.
Faze-o de tudo lembrado, abraçando-lhe os joelhos; procura-o,
porque se mostre inclinado a prestar todo o apoio aos Troianos,
para que possam premir os Acaios té as popas e as ondas,
e eles assim destroçados, do chefe que têm se gloriem.

Veja, com isso, Agamémnone, o filho de Atreu, poderoso,
quão cego estava ao querer desprezar o maior dos Aquivos.”
Tétis, então, a chorar, lhe responde as seguintes palavras:
“Ai, caro filho, por que te criei, se te dei vida infausta?
Já que nasceste fadado a tão curta existência, prouvera
que junto às naves vivesses, sem dor conheceres, nem lágrimas.
Mas, em vez disso, tua vida fugaz é a mais rica de dores.
Para um destino infeliz te dei vida no nosso palácio.
Hei de subir até o Olimpo cercado de neve, e a Zeus grande
tudo, sem falha, contar, para ver se consigo dobrá-lo.
Perto das naves velozes, entanto, conserva-te e a cólera
contra os Aqueus alimenta; de vez, dos combates te afasta,
pois Zeus, de fato, foi ontem, seguido de todos os deuses,
para o banquete dos puros Etíopes, que moram no oceano.
Somente após doze dias de novo estará no alto Olimpo.
Dirigir-me-ei, nesse tempo, à morada de Zeus esplendente,
para os joelhos cingir-lhe, esperando poder comovê-lo.”
Logo depois de falar, retirou-se, deixando-o sozinho,
cheio de dor, a pensar na Briseide de porte gracioso,
que, a seu mau grado, lhe haviam tirado. Odisseu, entretanto,
tinha chegado até Crises, levando a sagrada hecatombe.
Logo depois de alcançada a porção mais profunda do porto,
a vela amainam depressa, deitando-a na nau de cor negra,
e, com o soltar as adriças, o mastro ao comprido deitaram
rapidamente, levando com remos a nau para o porto.
A âncora logo soltaram, firmando as amarras traseiras.
Desembarcaram na praia sonora do mar, depois disso,
com a hecatombe sagrada, que a Apolo frecheiro traziam.
Desce, também, do navio veloz a donzela de Crises,
a qual o astuto Odisseu conduziu para junto das aras
e ao pai querido a entregou, dirigindo-lhe afável discurso:

“Crises, a ti me mandou Agamémnone, rei poderoso,
para que a filha te viesse trazer e ofertasse hecatombe
a Febo Apolo da parte dos Dânaos, que o deixe benigno,
que ele os Argivos, agora, por modo tão grave castiga.”
Tendo assim dito, nas mãos lha entregou. Crises, grato, recebe
a filha amada. Entretanto, a sagrada hecatombe
em ordem punham ao lado do altar de formosa feitura.
Água lustral receberam nas mãos e a cevada espalharam.
Ambos os braços alçando, o ancião implorou em voz alta:
“Ouve-me, ó deus do arco argênteo, que Crises, cuidoso, proteges,
e a santa Cila, e que tens o comando supremo de Tênedo!
Do mesmo modo que ouviste o pedido que fiz no outro dia,
e me deste honra, infligindo castigo ao exército Acaio,
mais uma vez te suplico atenderes-me ao que ora te peço:
livra os Argivos da peste terrível que as hostes dizima.”
Isso disse ele na súplica; ouvido por Febo foi logo.
Dessa maneira, concluída a oração e espalhada a farinha,
as reses, postas a jeito, degolam, o couro lhes tiram,
as coxas cortam, peritos, e em dupla camada da própria
graxa as envolvem, jogando por cima pedaços de músculos.
Assa-as na lenha o ancião, tendo vinho por cima aspergido;
com garfos de cinco pontas, ao lado os rapazes o ajudam.
Quando queimadas as coxas e as vísceras todas comidas,
logo o restante retalham, espetos enfiam nas postas,
e cuidadosos as tostam, tirando-as, depois, dos espetos.
Quando concluído o trabalho, e o convívio, desta arte, aprontado,
se banquetearam, ficando cada um com a porção respectiva.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
té pelas bordas escravos as taças encheram de vinho,
distribuindo por todos os copos as sacras primícias.
Por todo o resto do dia, depois, para o deus aplacarem,

o canto em honra a Apolo entoaram os moços Argivos,
a celebrar o frecheiro: escutando-os, o deus se alegrava.
Logo que o Sol se acolheu, e baixou sobre a terra o crepúsculo,
foram-se todos deitar junto à popa da célere nave.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
eis que de novo zarparam, rumando ao exército Argivo.
Vento ponteiro lhes deu Febo Apolo, frecheiro infalível.
O mastro, então, levantaram, prendendo-lhe a cândida vela.
Logo se enfuna no meio com o vento, e ao redor da querena
da nau, que avança, ressoam ruidosas as ondas inquietas.
Corre veloz sobre as ondas, fazendo o caminho do estilo.
Quando, afinal, alcançaram o forte arraial dos Acaios,
a nau veloz de cor negra no seco puseram, puxando-a
muito para o alto, na areia, firmando-a com paus apropriados.
Todos, então, se espalharam por entre os navios e as tendas.
Junto da nave ligeira, entretanto, se achava agastado
o divo Aquiles, de céleres pés, de Peleu descendente,
sem frequentar a assembleia, onde os homens de glória se cobrem,
nem tomar parte nas lutas. Ralado de fundo despeito,
só pelos gritos de guerra e sangrentos combates ansiava.
Quando a dozena manhã prometida raiou matutina,
para o alto Olimpo voltaram os deuses de vida perene,
todos, com Zeus grande à frente. Não pôde do filho esquecer-se
Tétis, do que lhe pedira; emergindo das ondas marinhas,
em névoa envolta, ao céu alto subiu e ao Olimpo altanado,
onde foi dar com o filho de Crono, que ao longe discerne,
dos demais deuses à parte, no pico mais alto do monte.
Ao lado dele assentando-se, passa-lhe em torno dos joelhos
o braço esquerdo, e, tomando-lhe o queixo na destra, afagando-o,
desta maneira a Zeus grande, nascido de Crono, suplica:
“Se já algum dia, Zeus pai, te fui grata entre os deuses eternos,

seja por meio de ações ou palavras, atende-me agora:
honra concede a meu filho, fadado a tão curta existência,
a quem o Atrida Agamémnone, rei poderoso, de ultraje
inominável cobriu: de seu prêmio, ora, ufano, se goza.
Compensação lhe concede, por isso, Zeus sábio e potente;
presta aos Troianos o máximo apoio, até quando os Acaios
a distingui-lo retornem e de honras condignas o cerquem.”
Nada lhe disse, em resposta, Zeus grande, que as nuvens cumula.
Quedo e silente ficou. Tétis, logo, lhe os joelhos abraça
mais firmemente, insistindo outra vez no primeiro pedido:
“Abertamente concede, ou recusa o que venho pedir-te,
pois desconheces o medo. Que obtenha, desta arte, a certeza
de que, em verdade, entre os deuses eu sou a que menos distingues.”
Muito abalado lhe diz Zeus potente que as nuvens cumula:
“Coisa mui grave me pedes, que vai contra mim chamar o ódio
de Hera, que tem por costume irritar-me com ditos molestos.
Té sem motivo lhe apraz, ante os numes eternos, lançar-me
acusações, com dizer-me parcial, nesta guerra, aos Troianos.
Trata de ir logo daqui: não suceda que sejas por ela
reconhecida, que tomo ao meu cargo fazer o que pedes.
Para que tenhas confiança, far-te-ei o sinal com a cabeça,
que é o mais seguro penhor com que aos deuses eternos me obrigo.
Pois fatalmente se cumpre, jamais pode ser duvidoso
nem revogável quando eu prometer sacudindo a cabeça.”
As sobrancelhas escuras franziu o nascido de Crono,
a cabeleira divina ondulou sobre a fronte altanada,
o potentíssimo deus, abalando os pilares do Olimpo.
Pós este acordo, apartaram-se. Tétis, então, sem demora,
das luminosas cumeadas do Olimpo saltou para as ondas.
Para o palácio foi Zeus. Os mais deuses, entanto, dos tronos
se levantaram, saindo ao encontro do pai. Nenhum deles

indiferença mostrou e a saudá-lo, em conjunto, avançaram.
No trono, entanto, assentou-se. Mas de Hera à visão desconfiada
não escapara a conversa que Zeus mantivera com Tétis
de pés de prata, nascida do Velho das Águas Marinhas.
Para Zeus Crônida vira-se, e ditos pungentes lhe assaca:
"Qual dentre as deusas, doloso, contigo tramou novos planos?
Sempre do agrado te foi entreter clandestinas conversas,
quando acontece eu achar-me distante. Jamais te resolves
a revelar-me, uma parte sequer, do que na alma ponderas."
O pai dos homens e deuses lhe disse o seguinte, em resposta:
"Hera, não penses que podes saber quanto na alma concebo,
pois, apesar de me seres esposa, ser-te-ia difícil.
Antes de ti, ninguém vem a saber o que é lícito ouvir-se,
nem entre os deuses eternos do Olimpo nem mesmo entre os homens.
Mas do que à parte resolvo ocultar, sem que os deuses o saibam,
averiguar não presumas, nem faças perguntas inúteis."
Hera, a magnífica, de olhos bovinos, lhe disse, em resposta:
"Crônida terribilíssimo, como me falas desta arte?
Creio que até este momento jamais tendo sido importuna.
Sem molestar-te, te deixo fazer o que na alma concebes.
Mas tenho muito receio que te haja vencido, alfim, Tétis
de pés de prata, a donzela donosa do Velho Marinho.
Em névoa envolta, sentou-se ao teu lado e tocou-lhe os joelhos.
Ora suspeito de que hajas anuído a que Aquiles se torne
cheio de glória e que muitos Acaios nas naves pereçam."
Disse-lhe, então, em resposta, Zeus grande, que as nuvens cumula:
"Alma danada, hás de sempre sondar-me com tuas suspeitas!
Mas coisa alguma consegues com isso, senão afastar-te
cada vez mais do meu peito, o que muito mais grave há de ser-te.
Se, como dizes, tudo isso se der, é que quis assim mesmo.
Senta-te, agora; sossega e reflete bem nisso que digo.

Nem mesmo todos os deuses do Olimpo valer-te puderam,
se minhas mãos invencíveis em ti suceder que se abatam.”
Hera, a magnífica, de olhos bovinos, ficou temerosa,
e foi sentar-se calada, refreando o rancor do imo peito.
Na sala grande de Zeus perturbaram os deuses do Olimpo.
O fabro célebre, Hefesto, começa a dizer, então, logo,
para sua mãe consolar, Hera nobre, de braços reluzentes:
“Desagradável, realmente, e de forma nenhuma aceitável,
é que por causa dos homens fiqueis a tal ponto em discórdia
e que os mais deuses, também, se aborreçam. Dos gratos banquetes
há de cessar a alegria se as coisas ruins prevalecem.
Por isso, à mãe aconselho, por mais que se mostre sensata,
que a Zeus procure agradar, porque não aconteça que venha
de novo o pai a irritar-se e conturbe o prazer dos banquetes.
Pois facilmente Zeus grande, que os raios maneja, a nós todos
destes assentos jogara, se tanto fazer decidisse.
Vamos, procura aplacá-lo com gestos e vozes afáveis,
para que o Olímpico a todos se torne de novo propício.”
Disse, e se ergueu. E, tomando uma taça com alças ornada,
à mãe querida a ofertou, prosseguindo no afável discurso:
“Mãe, tem paciência e acomoda-te, embora ofendida te encontres.
Não seja dado aos meus olhos, pois muito te estimo, de novo
verem-te, assim, castigada, que, então, não me fora possível
em teu auxílio sair, pois com Zeus contender é muito árduo.
Já da outra vez, quando quis defender-te e acorri pressuroso,
por um dos pés me agarrou, dos celestes umbrais atirando-me.
O dia todo rolei; mas, no tempo em que o sol cai no ocaso,
fui ter a Lemno, sem dar quase mostras de ainda estar vivo,
onde, ao cair, agasalho me deram os Síntios bondosos.”
Hera, de braços luzentes, sorriu ao lhe ouvir tais palavras;
e, sorridente, aceitou logo a taça que o filho lhe dava.

Pela direita começa a deitar para os deuses presentes
O doce néctar, que a ponto retira de grande cratera.
Em gargalhada infinita rebentam os deuses beatos
ao perceberem Hefesto solícito, assim, pela sala.
Por todo o resto do dia, até o sol acolher-se no poente,
se banquetearam, ficando cada um com a porção respectiva.
Todos, prazer encontravam na lira de Apolo, belíssima,
quando, com as Musas, com voz deliciosa, alternados cantavam.
Mas, quando a luz radiante do sol já se havia escondido,
foram dormir, procurando cada um sua própria morada,
onde, para eles, palácios construíra, com senso elevado,
o ínclito Hefesto, famoso ferreiro de braços robustos.
Foi para o leito, também, Zeus potente, que os raios dispara,
onde soía deitar-se ao lhe vir, agradável, o sono.
Para ali sobe; ao seu lado a de trono dourado, Hera estava.

CANTO II

SONHO, TESTE E BEÓCIA OU O CATÁLOGO DAS NAUS

“Zeus persiste na sua promessa a Tétis e envia um Sonho enganoso a Agamémnone de que este conquistaria Troia. Agamémnone faz um teste com seus homens e os manda voltar para casa. Atena, enviada por Hera, inspira Odisseu a incitar os homens junto a Nestor para que eles se preparem para a batalha. Enumeração das naus e chefes dos Gregos e dos Troianos.”

Os outros deuses e os homens, que em carros combatem, dormiam
a noite toda. Somente Zeus pai não gozava do sono,
a revolver no imo peito a maneira de honrar o Pelida
e de morrerem à volta das naves Acaios inúmeros.
Dos vários planos pensados, alfim o melhor pareceu-lhe
ao poderoso Agamémnone um Sonho mandar mentiroso.
Vira-se, então, para o Sonho, e lhe diz as palavras aladas:
“Vai, Sonho falso, até as naves velozes dos homens Acaios,
e, quando a tenda alcançares do filho de Atreu, Agamémnone,
exatamente o recado lhe dá, que ora passo a dizer-te:
Manda que apreste os guerreiros Aquivos, de soltos cabelos,
sem perder tempo; é o momento, talvez, de expugnar a cidade

ampla dos homens Troianos, que os deuses do Olimpo cindidos
não mais se encontram, pois Hera, afinal, conseguiu convencê-los
com suas súplicas. Sobre os Troianos as dores impendem."
O Sonho, logo, dali se partiu, pós ouvir o recado.
Rapidamente, aos navios velozes chegou aos Acaios,
e para o Atrida Agamémnone foi, que se achava deitado,
dentro da tenda, a dormir, pelo sono divino cercado.
Sob a figura do velho Neleio, Nestor, lhe aparece,
dos conselheiros aquele que o Atrida entre todos prezava.
Disse-lhe o Sonho divino, depois de tomar essa forma:
"Dormes, Atrida prudente e viril, domador de cavalos?
Não fica bem para um príncipe em quem todo o povo confia
e de quem tudo depende, dormir, sem parar, toda a noite.
Presta atenção ao que digo; da parte de Zeus sou mandado,
que se interessa por ti, muito embora distante, e se apiada.
Manda que aprestes os homens Aquivos, de soltos cabelos,
sem perder tempo; é o momento, talvez, de expugnar a cidade
ampla dos homens Troianos, que os deuses do Olimpo cindidos
não mais se encontram, pois Hera, afinal, conseguiu convencê-los
com suas súplicas. Sobre os Troianos as dores impendem,
que Zeus lhes manda. Retém na memória todo este recado;
não aconteça o esqueceres, no instante de o sono deixar-te."
Tendo isso dito, voltou logo o Sonho, deixando Agamémnone
a refletir no imo peito o que nunca viria a cumprir-se.
Imaginava, o insensato, tomar a cidade dos Troas
no mesmo dia, ignorante dos planos que Zeus concebera.
Este, realmente, aprestara iminentes trabalhos e dores
para os Aqueus e os Troianos, que os duros combates trariam.
Do sono, pois, despertou, o recado de Zeus ainda ouvindo;
salta do leito, com pressa, e vestiu logo a túnica fina,
nova e brilhante, por cima da qual pôs um manto bem cômodo;

calça, a seguir, as formosas sandálias nos pés delicados,
nos ombros largos a espada lançou, cravejada de prata,
e o cetro, alfim, empunhando, que herdara do pai, incorrupto,
foi para as naves dos homens Aqueus, revestidos de bronze.
A diva Aurora, entrementes, já estava a caminho do Olimpo,
para que a Zeus e às demais divindades o dia anunciasse,
quando Agamémnone ordena aos divinos arautos que chamem
para a assembleia os Acaios de soltos cabelos nos ombros.
Gritam, sem mora, o pregão; apressados, aqueles concorrem.
Primeiramente, o conselho reuniu dos magnânimos velhos
junto da nave do sábio Nestor, que reinava nos Pílios.
Vendo-os ali reunidos, por modo discreto lhes disse:
"Caros, ouvi-me! No sono me veio uma imagem divina,
na noite suave, que o ilustre Nestor por demais parecia,
não só na altura e no aspecto, também na imponência do gesto.
Junto, bem junto à cabeça, me disse as seguintes palavras:
'Dormes, Atrida, prudente e viril domador de cavalos?
Não fica bem para um príncipe em que todo o povo confia
e de quem tudo depende, dormir, sem parar, toda a noite.
Presta atenção ao que digo; da parte de Zeus sou mandado,
que se interessa por ti, muito embora distante, e se apiada.
Manda que aprestes os homens Aquivos de soltos cabelos,
sem perder tempo; é o momento, talvez, de expugnar a cidade
ampla dos homens Troianos, que os deuses do Olimpo cindidos
já não se encontram, pois Hera, afinal, conseguiu convencê-los
com suas súplicas. Sobre os Troianos as dores impendem,
que Zeus lhes manda. Retém na memória todo esse recado.'
Disse e voou, no momento em que o sono se foi, justamente.
Eia! Vejamos se armar conseguimos os homens Aquivos.
Procurarei com palavras, primeiro, como é mais factível,
aconselhar a que fujam nas naves providas de remos.

Por outro lado, vós todos tentai da intenção demovê-los.”
Tendo isso dito, voltou novamente a assentar-se. Levanta-se
logo Nestor, o monarca de Pilo de solo arenoso.
Cheio de bons pensamentos, lhes diz, arengando, o seguinte:
“Vós, conselheiros e guias dos povos Acaios, ouvi-me!
Se outro qualquer dos Argivos houvesse contado este sonho,
de mentiroso eu o tachara, sem dar-lhe importância nenhuma.
Mas quem afirma que o viu é o mais nobre dos chefes Acaios.
Eia! Vejamos se armar conseguimos os homens Aquivos.”
Tendo isso dito, foi ele o primeiro a sair do conselho.
Obedientes ao filho de Atreu, os demais reis cetrados
se levantaram, também. Acudiu, logo, o povo em balbúrdia.
Do mesmo modo que enxames copiosos de abelhas prorrompem
do oco da pedra, zumbindo, a que bandos, sem pausa, se seguem,
e umas, pendentes em cachos, à volta se ficam das flores
primaveris, enquanto outras variados caminhos percorrem:
dessa maneira afluíram das tendas e naves simétricas
povos sem conta, ao comprido da praia do mar, mui profunda,
para a assembleia. Inflamara-se entre eles a Fama ligeira,
a mensageira de Zeus, concitando-os de novo a reunirem-se.
A ágora tumultuava; rimbomba o chão duro ao sentarem-se
tantos guerreiros; por tudo é algazarra; esforçavam-se arautos,
nove a um só tempo, por ver se o tumulto aplacar conseguiam,
para que ouvidos os reis, descendentes de Zeus, fossem logo.
A multidão, afinal, se conteve; sentaram-se todos;
cessa, de vez, o barulho. Levanta-se o forte Agamémnone,
nas mãos o cetro que Hefesto com muito artifício forjara
para presente fazer a Zeus pai, que de Crono nascera.
O mensageiro veloz, por sua vez, foi por Zeus presenteado,
Hermes, que a Pélope o entrega, o senhor domador de cavalos;
Pélope, então, o passou para Atreu, o pastor de guerreiros,

que para Tiestes o deixa ao morrer, opulento em rebanhos;
para Agamémnone Tiestes o deu, porque, firme, o empunhasse
e em muitas ilhas o mando tivesse, bem como em toda Argos.
Nele apoiando-se, vira-se para os Argivos e fala:
"Caros amigos, heroicos Aqueus, de Ares forte sequazes!
O grande Crônida, Zeus, em terrível desgraça me enleia,
ele, o maldoso, que havia asselado, antes disso, a promessa
de retornar para a pátria, depois de destruir Ílio forte.
Ora resolve enganar-me, ordenando que volte, de novo,
sem nenhum brilho para Argos, depois de perder tanta gente.
Isso, por certo, há de ser agradável a Zeus poderoso,
que já estruiu muitos muros e grandes e fortes cidades,
e há de arrasar outras mais, pois imenso é o poder de seu braço.
Té mesmo aos pósteros há de chegar o labéu vergonhoso
de que um exército Acaio, de tantos e fortes guerreiros,
haja sem êxito feito esta guerra, conquanto lutando
contra tão poucos imigos, sem nunca lhe vermos o cabo.
Pois, em verdade, se os Troas e Aquivos quiséssemos todos
tréguas jurar para, assim, facilmente, contar nossos homens,
caso os Troianos o número exato dos seus nos dissessem,
e dividíssemos, logo, os Acaios, em várias dezenas,
e cada grupo elegesse escanção um dos homens de Troia,
a muitas décadas, certo, faltaria quem vinho mexesse.
Por tal maneira, presumo, ultrapassam os homens Aquivos
aos moradores dos muros de Troia. Porém numerosos
auxiliares lanceiros lhes vieram de muitas cidades,
que por maneira sensível me impedem de ao plano dar corpo
de Ílio sagrada expugnar, o baluarte de muros fortíssimos.
Já são corridos nove anos, mandados por Zeus poderoso;
os lenhos todos já podres se encontram, delidos os cabos;
nossas esposas queridas e os filhos infantes, ainda,

em nossas casas se encontram, saudosos, enquanto nós outros
vemos frustrada esta empresa, que a todos em Troia reúne.
Ora façamos conforme o aconselho; obedeçam-me todos:
para o torrão de nascença fujamos nas céleres naves,
pois é impossível tomar a cidade espaçosa dos Teucros.”
O coração no imo peito ficou sobremodo abalado
de toda a turba, que ausente se achara ao conselho dos velhos.
A ágora, então, se agitou, como o fazem as ondas furiosas
no Ponto Icário, que são percutidas por Euro e por Noto,
quando das nuvens irrompem, mandados por Zeus poderoso.
Do mesmo modo que Zéfiro agita uma grande lavoura,
impetuoso a soprar, e as espigas, forçadas, se curvam:
a multidão correu logo, revolta, com grande alarido,
em direção dos navios velozes. Bastante poeira
os pés faziam subir; afanosos, exortam-se todos
para lançar mãos às naves e às ondas sagradas deitá-las.
Todos, os regos alimpam e as naus dos espeques libertam.
Sobe ao Céu alto o alarido dos que para casa voltavam.
E para a pátria, talvez, retomassem, pesar do Destino,
se para Atena divina, Hera, alfim, não tivesse falado:
“Palas Atena indomável, donzela de Zeus poderoso,
é, então, possível, que fujam, desta arte, os guerreiros Argivos
no dorso extenso do mar, para a terra dos pais, extremosa?
E deixarão que Troianos e Príamo tanto enaltecem,
a Argiva Helena, por quem tantos homens Aquivos morreram
longe da pátria, jogados nas vastas planícies de Troia!
Vamos! Dirige-te aos homens Acaios, vestidos de bronze,
e com palavras afáveis procura detê-los a todos,
não consentindo que lancem ao mar os navios simétricos.”
A de olhos glaucos, Atena, ao conselho, sem mais, lhe obedece.
Célere baixa, passando por cima dos cumes do Olimpo.

Rapidamente, chegou aos navios Acaios velozes;
quedo encontrou a Odisseu, que de Zeus tinha o sendo elevado.
Nem levemente ele havia tocado em sua nave coberta,
de cor escura, que dor excruciante lhe o peito angustiava.
A de olhos glaucos, Atena, lhe foi deste modo dizendo:
"Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso!
É, então, possível que todos fujais para a pátria querida,
precipitando-vos, cegos, nas naves providas de remos?
E deixareis que Troianos e Príamo tanto enaltecem,
a Argiva Helena, por quem tantos homens Aquivos morreram
longe da pátria, jogados nas vastas planícies de Troia?
Vamos! Dirige-te aos homens Acaios, sem perda de tempo,
e com palavras afáveis procura detê-los a todos,
não consentindo que lancem ao mar os navios simétricos."
Isso disse ela; Odisseu compreendeu que era a voz de uma deusa.
Corre, atirando de si longe o manto, que foi por Euríbates,
o fiel arauto, apanhado, Itacense, que a ponto o acompanha.
Chega-se para Agamémnone, o filho de Atreu poderoso,
e o incorruptível bastão lhe tomou, que de Atreu recebera.
Com ele foi para as naves dos fortes guerreiros Aquivos.
Se, porventura, encontrava um dos reis, ou pessoa graduada,
com termos brandos tentava detê-lo, embargando-lhe os passos:
"Não fica bem, caro amigo, mostrar o temor do homem baixo;
cuida, isso sim, de acalmar-te; concita essa gente a assentar-se,
pois desconheces em todo o seu âmbito os planos do Atrida.
Ora procura tentar-nos, mas breve há de a pena infligir-nos.
Nem todos nós percebemos o que ele externou no conselho.
Não aconteça, colérico, males causar aos Argivos.
Sempre é violento o rancor do monarca de Zeus descendente.
A majestade e o poder ele os herda de Zeus poderoso."
Mas se encontrava, a gritar, um qualquer dentre os homens do povo,

o percutia com o cetro, increpando-o, desta arte, em voz alta:
“Para essa bulha, covarde, e atenção presta aos ditos dos outros,
que são melhores que tu, pois te mostras imbele e sem préstimo.
Não vales nada na guerra, ou, sequer, nas reuniões dos Argivos.
Reis não queiramos ser todos que, aqui, nos achamos reunidos.
É mau que muitos comandem; um, só, tenha o posto supremo;
um, seja o rei, justamente a quem Zeus, descendente de Crono,
deu cetro e leis, para o mando no povo exercer inconteste.”
Como senhor, percorria ele as filas. Reflui novamente
a multidão, que concorre das tendas e naves simétricas,
tumultuando, tal como onda grande do mar ressoante
vem sobre a praia quebrar-se, fazendo que o mar todo ecoe.
Todos, então, se sentaram calados, cada um no seu posto.
Unicamente Tersites sem pausa a falar continuava,
pois tinha sempre o bestunto repleto de frases ineptas,
que contra os reis costumava atirar, sem propósito ou regra,
contanto que provocasse dos nobres Argivos o riso.
Era o mais feio de quantos no cerco de Troia se achavam.
Pernas em arco, arrastava um dos pés; as espáduas, recurvas,
se lhe caíam no peito e, por cima dos ombros, em ponta,
o crânio informe se erguia, onde raros cabelos flutuavam.
Tanto Odisseu como o divo Pelida ódio grande lhe tinham,
pois, de contínuo, os pungia. Mas ora insultava Agamémnone
com voz de timbre estridente, com quem os guerreiros Acaios
aborrecidos estavam e muito agastados no espírito.
Em altos berros, portanto, a Agamémnone increpa insultuoso:
“Por que resmungas, Atrida, e que mais, ainda, julgas faltar-te?
As tuas tendas transbordam de bronze e de lindas escravas,
todas a dedo escolhidas, que os homens Aqueus te ofertamos
sempre em primeiro lugar, ao tomarmos alguma cidade.
Ou, porventura, desejas mais ouro, que, acaso, um Troiano

da alta cidade te traga, em resgate do filho querido
que, porventura, eu prendesse, ou qualquer dos guerreiros Aquivos.
Ou nova escrava ambicionas, que, à parte, sozinho, retenhas
para saciar teus amores? Não fica decente a um monarca,
que o mando exerce, lançar os Acaios em tantas desgraças.
Bando covarde e imprestável de aquivas, não digo de Aquivos!
Sim, para casa voguemos, deixando-o nos plainos de Troia,
a digerir quantos dons lhe couberam por sorte. Que sinta
se de vantagem lhe somos, ou não, nos perigos da guerra,
já que o divino Pelida, que tão superior lhe é em tudo,
muito ofendeu: sua escrava tomou e dela, ora, se goza.
Mas esse Aquiles mostrou ser pessoa sem fel; é indolente.
Caso contrário, Agamémnone, o último ultraje fora esse."
Por esse modo, Tersites o Atrida possante insultava.
Mas sem demora o divino Odisseu veio pôr-se-lhe ao lado,
e com terrível olhar, encarando-o, increpou-o desta arte:
"Néscio Tersites, conquanto orador de palavra fluente,
cala essa boca, não queiras sozinho com reis abarbar-te.
És o mais vil e insolente de quantos guerreiros vieram
para lutar sob os muros de Troia, seguindo os Atridas.
Não queiras vir concionar tendo o nome de rei nessa boca,
nem cumulá-lo de insultos, cuidando somente da fuga.
Ainda ignoramos, ao certo, que fim há de ter isso tudo,
se para os homens Acaios a volta será vantajosa.
Cessa, portanto, de insultos lançar no pastor de guerreiros,
o grande filho de Atreu, a quem muitos Argivos distinguem
com copiosos presentes. Somente a ti coube insultá-lo.
Vou revelar-te com toda a clareza o que vai realizar-se.
Ao te encontrar novamente dizendo impropérios como esses
não mais nos ombros de herói Odisseu continue a cabeça,
nem mais me orgulhe de ser designado por pai de Telêmaco,

se sobre ti não puser logo as mãos, arrancando-te as vestes,
o manto e a própria camisa e o que mais as vergonhas encobre,
para enviar-te, depois, a chorar, para as rápidas naves,
das reuniões expulsando-te com boa dose de açoites."
Ao dizer isso, golpeou-o com o cetro nas costas e espáduas,
o que o obrigou a encurvar-se, nadando-lhe os olhos em lágrimas.
Incha-lhe, logo, nas costas sanguíneo vergão da pancada
do cetro de ouro. Sentar-se foi ele a tremer, temeroso,
apatetado, a enxugar, dolorido, dos olhos as lágrimas.
Riram-se todos do mísero, embora enfadados se achassem.
Muitos dentre eles falavam, virando-se para o mais próximo:
"Que maravilha! Odisseu já se orgulha de inúmeros feitos,
quer como bom conselheiro, quer quando os combates dirige.
Mas esta ação, por sem dúvida, a todas as outras supera,
pois obrigou a calar-se de vez esse vil maldizente.
O coração temerário não mais quererá, com certeza,
sobre a pessoa do rei atirar insultuosas palavras."
A chusma assim se expressava. Odisseu, eversor de cidades,
o cetro empunha, de pé. Sob a forma do arauto, ao seu lado,
a de olhos glaucos, Atena, ordenava silêncio às fileiras,
para que todos os homens Acaios, de perto e de longe,
suas palavras ouvissem e, após, orientar-se soubessem.
Cheio de bons pensamentos lhe diz, arengando, o seguinte:
"Filho de Atreu, soberano, os guerreiros Aquivos desejam
que ante o universo dos homens mortais infamado tu fiques.
Não querem dar cumprimento às promessas com que se empenharam
ao virem de Argos, nutriz de corcéis, sob o teu regimento:
que voltariam somente depois de destruir Ílio forte.
Como se fossem mulheres a quem falta o esposo, ou crianças,
uns para os outros se queixam, chorando o almejado retorno.
Grande é, realmente, a fadiga, e o desejo da volta, explicável.

Quem fica apenas um mês afastado da esposa querida,
muito se queixa na nave provida de remos, se acaso
as tempestades do inverno no mar o detêm agitado.
Nós, entretanto, já vimos nove anos completos passarem,
sempre detidos aqui. Não censuro, por isso, aos Acaios
por se angustiarem nas naves recurvas. Mas é vergonhoso
com mãos vazias voltarmos depois de demora tão longa.
Caros amigos, paciência! Esperai mais um pouco, até vermos
se de Calcante os augúrios nos saem verazes ou falsos.
Sim, todos vós, que da Morte escapastes, ainda no espírito
tendes presente a ocorrência, do que podeis dar testemunho.
Ontem, parece, ou anteontem, se achavam reunidos em Áulide
as naves todas que a Príamo e a Troia a desgraça trouxeram.
Junto das aras sagradas, ao pé de uma fonte, nós todos
às divindades do Olimpo hecatombes perfeitas fazíamos,
sob a frescura de um plátano, donde fluía água límpida.
Nisso, um prodígio nos veio: uma serpe com dorso sanguíneo,
monstro terrível, que à luz fora enviado por Zeus poderoso.
Do supedâneo surgindo, do altar, subiu logo pela árvore,
onde a ninhada se achava de um pássaro, míseros seres,
sob as folhinhas ocultos, no ramo mais alto do plátano;
oito eram eles; incluindo-se a mãe, que os gerou, nove ao todo.
Por entre pios sentidos ali devorou todos eles
e a própria mãe, que, gemente, esvoaçava ao redor dos filhinhos:
o bote atira-lhe o monstro, apanhando-a por uma das asas.
Mas, pós haver o dragão os filhotes e a mãe devorado,
foi pelo deus, que o enviara, mudado num grande prodígio;
petrificou-o ali mesmo o nascido de Crono tortuoso.
Quantos ao fato assistíamos, cheios de espanto ficamos.
Mas, vaticínios Calcante começa ali mesmo a tecer-nos
sobre o terrível prodígio, que em meio do ofício nos viera:

‘Por que calados ficastes, Aquivos de soltos cabelos?
Esse prodígio por Zeus grande e sábio nos foi enviado.
Vai demorar; veio tarde; mas fama vai ter sempiterna.
Do mesmo modo que o drago os filhotes matou e a mãe deles —
oito eram eles, incluindo-se a mãe, que os gerou, nove ao todo —
o mesmo número de anos devemos passar nesta guerra,
mas no dezeno, haveremos de entrar a cidade espaçosa.’
Foi esse o seu vaticínio, que se há de cumprir sem demora.
Por isso tudo, esforçados Acaios, ficai mais um pouco,
té que possamos tomar a espaçosa cidade de Príamo.”
Dessa maneira concluiu, provocando estrondosos aplausos
dos Aqueus todos, grevados, que as naves recurvas atroam;
tão agradável lhes fora o discurso do divo Laertíada.
O domador de cavalos, Nestor, de Gerena, lhes disse:
“Caso inaudito, que todos faleis como crianças ingênuas,
que não possuem nenhuma experiência das coisas da guerra!
Para onde as juras se foram, e os votos, que todos fizemos?
Sejam lançados ao fogo os desígnios e planos de todos,
as libações impolutas e apertos de mão, que trocamos.
Só com palavras sabemos brigar, sem que achemos caminho
para as ações eficientes, pesar de aqui estarmos há muito.
Como o costumas, Atrida, mantém teu propósito firme,
e para os prélios terríveis conduze os guerreiros Argivos.
Que este e outros poucos se percam, que têm por costume aos Acaios
dar maus conselhos. Porém jamais hão de alcançar seus intentos,
de retornarmos para Argos, sem termos obtido, primeiro,
de Zeus potente a certeza se falso ou veraz prometeu-nos.
Sou de opinião, entretanto, que o filho potente de Crono
nos falou certo no dia em que as naves entramos velozes
para trazer a estas gentes de Troia o extermínio e a desgraça:
fez-nos surgir um relâmpago à destra, sinal infalível.

Por isso tudo, ninguém mais insista em voltar para a pátria,
sem que, primeiro, haja ao leito subido de esposa Troiana
e ressarcido os trabalhos e o choro por causa de Helena.
Mas se houver quem ainda insista em voltar para a pátria querida,
e ouse tocar no navio anegrado, de boa coberta,
seja o primeiro a ser presa do Fado inditoso e da Morte.
Eia, senhor, aconselha-te bem, mas aceita outros planos,
que não será de somenos valor o que passo a dizer-te:
Teus homens todos, Atrida, por tribos divide e famílias
que cada tribo se ajude e uns aos outros os membros de um grupo.
Caso me aceites o alvitre, e os Acaios, também, te obedeçam,
fácil será de saber qual dos chefes, qual dentre os do povo,
fraco, ou de prol, se revela; que à parte eles todos combatem.
Hás de, então, ver se a cidade resiste por causa dos deuses,
ou por fraqueza dos homens, nas coisas da guerra inexpertos."
Disse-lhe, então, em resposta Agamémnone, rei poderoso:
"Tornas, ó ancião, a vencer os Acaios com tua eloquência.
Fosse do gosto de Zeus, e de Palas Atena, e de Apolo,
dez conselheiros assim nas fileiras Acaias mostrarem-me!
Em pouco tempo cairia a cidade potente de Príamo,
por nossos braços vencida e por nós arrasada e saqueada.
Mas sofrimentos me deu Zeus potente, nascido de Crono,
com me lançar em litígios inúteis e vão falatório.
Por causa, sim, de uma escrava, eu e Aquiles Peleio brigamos
com termos ásperos, tendo partido de mim as ofensas.
Mas se algum dia concordes ficarmos de novo, não há de
demorar muito a ruína de Troia, um momento que seja.
Ide, no entanto, comer, porque logo encetemos a luta.
Todos, as lanças agucem; a ponto os escudos preparem;
Deem ração abundante aos cavalos de patas velozes
e aos carros passem revista, pensando no próximo embate,

pois todo o dia teremos de a luta manter espantosa.
Pausa nenhuma há de haver, um momento sequer de repouso,
enquanto a Noite não vier aplacar o furor dos guerreiros.
Há de correr muito suor pelo bálteo dos altos escudos,
e, do maneio da lança, hão de os braços tombar de cansados;
muito hão de suar os cavalos, do esforço de os carros puxarem.
Mas se eu alguém vir do prélio sangrento afastado, querendo
nas curvas naus ocultar-se, remédio nenhum, com certeza,
há de livrá-lo de pasto tornar-se de cães e de abutres.”
Disse; os Argivos romperam em grande alarido, tal como
quando vem onda quebrar-se, por Noto impelida, de encontro
a promontório elevado; outras muitas, constantes, o cercam,
que, pelos ventos, de todos os lados, ali são jogadas:
em direção dos navios, desta arte, eles todos se espalham,
fogo nas tendas acendem e logo ao repasto se entregam.
Quem, sacrifícios a um deus; quem, a um outro, perfeitos, fazia,
a suplicarem que de Ares sangrento e da Morte o salvassem.
O próprio Atrida Agamémnone, chefe prestante, uma vítima
sacrificou de cinco anos ao filho de Crono tortuoso.
Para o conselho dos velhos fez vir os mais nobres Acaios:
o velho Pílio Nestor em primeiro lugar; depois dele,
Idomeneu, os Ajazes e o filho do grande Tideu;
sexto, fez vir Odisseu, que de Zeus tinha o senso elevado.
Vem Menelau sem convite, o guerreiro de voz retumbante,
pois bem sabia os cuidados que na alma do irmão se agitavam.
Com bolos sacros nas mãos, ao redor do animal se postaram.
Súplice a voz levantou Agamémnone, rei poderoso:
“Máximo Zeus poderoso, que no éter as nuvens cumulas,
dá que não desça o Sol fúlgido, nem sobre nós venha a Noite,
sem que eu atire por terra a cumeeira de Príamo, escura
pela fuligem, e às chamas ardentes as portas entregue;

sem que do peito de Heitor rasgue a túnica brônzea com minha
lança, e em redor dele os sócios, também, veja todos de bruços,
uns sobre os outros, na areia amontoados, mordendo o chão duro.”
Por esse modo, implorava; mas Zeus não lhe atende o pedido:
o sacrifício aceitou, mas trabalhos sem conta lhe apresta.
Tendo concluída a oração e espalhada a farinha do rito,
as reses, postas a jeito, degolam, os couros lhes tiram,
as coxas, cortam, peritos, e em dupla camada da própria
graxa as envolvem, jogando por cima pedaços de músculos,
que, depois disso, na lenha, de folhas privada, queimaram.
Nas labaredas, enfim, espetadas, as vísceras tostam.
Quando queimadas as coxas e as vísceras todas comidas,
logo o restante retalham, espetos enfiam nas postas,
e cuidadosos as queimam, tirando-as, depois, dos espetos.
Findo todo esse trabalho, e o convívio, desta arte, aprontado,
se banquetearam, ficando cada um com a porção respectiva.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
pôs-se a falar o Gerênio Nestor, domador de cavalos:
“Filho de Atreu, gloriosíssimo, chefe de heróis, Agamémnone,
não prossigamos com ocas palavras, nem fique mais tempo
sem ser levada a bom termo esta empresa, que um deus nos destina.
Faze que logo os arautos convoquem por todas as naves,
em altos brados, as gentes aquivas, de túnicas brônzeas.
Nós, entretanto, corramos ao longo das filas do exército,
para que logo espertemos em todos o ardor dos combates.”
Obedeceu-lhe ao conselho Agamémnone, rei poderoso.
Manda, sem mora, aos arautos, de voz penetrante, que chamem
para os combates os homens Aquivos, de soltos cabelos.
Gritam, de fato, o pregão; apressados, aqueles concorrem.
Os reis, alunos de Zeus, reunidos à volta do Atrida,
os ordenavam prestantes, com Palas Atena a ajudá-los;

a égide sacra e imortal empunhava, de preço infinito,
da qual pendiam cem franjas, trabalho de fino traçado,
de ouro sem mescla, valendo cada uma o que valem cem bois.
A sobraçá-la, irradiante, atravessa as fileiras Acaias,
a estimular os guerreiros, fazendo acordar-lhes no peito
o irresistível ardor de aos combates, sem pausa, entregarem-se.
Para eles todos, realmente, mais doce era entrar nos combates
do que voltar para a pátria querida nas côncavas naves.
Tal como o fogo voraz que se ateia em floresta densíssima
pelas cumeadas de um monte, espalhando o fulgor a distância:
do mesmo modo pelo éter o brilho até o Céu alcançava,
das armaduras infindas, que, à marcha, ainda mais, esplendiam.
Bem como bando infinito de seres alados, revoantes,
gansos ou gralhas ou cisnes dotados de longos pescoços,
que no Ásio plaino se abate, ao redor do Caístro sinuoso,
alegremente estadeando a plumagem de um lado para outro,
té se assentarem com grande alarido, que o prado estremece:
número infindo de heróis, desse modo, das naus e das tendas
para a planície concorre do Xanto, de forma que o solo
terrivelmente retumba ao passar dos heróis e cavalos.
Nas veigas, pois, do Escamandro florido eles se acham, quais folhas
primaveris, infinitas, e flores que nascem vivazes.
Do mesmo modo que enxames de moscas, de número infindo,
pelos currais dos pastores volteiam, sem pausa nenhuma,
na primavera, no tempo em que os jarros de leite transbordam:
tantos guerreiros Aquivos, de coma flutuante, se viam
pela planície dos Teucros, sedentos de a todos vencerem.
Tal como um hábil pastor facilmente põe ordem nos fatos
esparramados de cabras, quando estas, no prado, se mesclam:
os comandantes, assim, os guerreiros, cuidosos, dispunham
para a batalha. No meio se achava Agamémnone, ao grande

fulminador semelhante, no olhar e feitio do rosto,
a Ares no talho do cinto e a Posido no peito fortíssimo.
Bem como o touro de grande manada, que a todos os outros
bois sobre-excede, e após si vai levando, reunidas, as vacas:
tal aparência emprestou nesse dia Zeus grande a Agamémnone,
para que fosse o primeiro entre tantos heróis excelentes.
Musas, que o Olimpo habitais, vinde agora, sem falhas, contar-me
pois sois divinas e tudo sabeis; sois a tudo presentes;
nós, nada vimos; somente da fama tivemos notícia —
os nomes, sim, revelai-me, dos chefes supremos dos Dânaos.
Da multidão não direi coisa alguma, nem mesmo os seus nomes,
em que tivesse dez bocas e dez, também, línguas tivesse,
voz incansável e forte, e de bronze infrangível o peito,
se vós, ó Musas, nascidas de Zeus portador da grande égide,
não me quisésseis nomear os que os campos de Troia pisaram.
Dos chefes, pois, dos navios, direi, do conjunto das naves.
Vieram trazidos, os homens da Beócia, por Lito valente,
Arcesilau, Peneleu, Protoénor e Clônio fortíssimo,
de Áulide pétrea habitante, dos campos da Hiria e de Esqueno,
os de Eteono, de montes e selvas, de Escono e de Escolo,
Téspio, também, Micalesso, de vastas campinas, e Graia;
mais: os que à volta habitavam de Iléssio, de Eritras e de Harma;
os moradores, ainda, de Eleona, Peteona, Ocaleia,
de Hila e Medeona, cidade de muros de forte estrutura,
Copas, Eutrésis e Tisbe, onde pombas adejam ruidosas:
de Coroneia os que moram na ervosa Haliarto vieram,
os de Plateia habitantes, bem como os campônios de Glissa;
os de Hipotebas, ainda, cidade de aspecto imponente,
da sacra Onquesto, onde o bosque se encontra do divo Posido:
de Arne, também, pampinosa, chegaram, da extensa Mideia,
Nisa divina e de Antedo postrema, lugar fronteiriço:

todos, armaram cinquenta navios, e cada um dos cascos
com cento e vinte guerreiros da Beócia se achava pejado.
Os moradores de Orcómeno Mínia e da fértil Asplédone
vieram trazidos por Iálmeno e Ascálafo, filhos de Astíoque,
na casa de Áctor, o filho de Azeu, e do deus Ares forte,
que ao aposento do andar superior conseguiu esgueirar-se,
onde, às ocultas, do leito partilha da virgem pudica:
esses, em trinta navios dispostos em fila, embarcaram.
Aos moradores da Fócida, Epístrofo e Esquédio trouxeram,
de Ífito filhos, magnânimo, e netos de Náubolo grande;
de Ciparisso, também, de Pitão, região pedregosa,
Crisa divina e de Dáulide, assim como de Panopeia;
vieram, também, de Anemória, os que vivem à volta do Hiâmpole,
e os que nas margens do divo Cefisso as moradas construíram,
bem como os que pelas fontes dele, ainda, em Lilaia, habitavam:
todos, quarenta navios perfazem, de casco anegrado.
Os comandantes, os homens Focenses, cuidosos, dispunham
ao lado esquerdo dos Beócios, que juntos nos prélios entrassem.
O leste Ajaz, descendente de Oileu, trouxe os Lócrios pugnazes.
De bem menor estatura que o Ajaz Telamônio era esse outro;
sim, bem menor; cobre o corpo franzino com roupa de linho,
mas os Acaios vencia e os Helenos no jogo da lança.
Os Lócrios, pois, de Opoenta e Caliaro vieram, de Cino,
de Bessa e Escarfe, bem como de Augeia de amena paisagem,
de Trônio e Tarfe, que se acham construídas nas margens do Boágrio:
esses, quarenta navios de casco anegrado perfazem;
vieram das terras que se acham além da ilha sacra de Eubeia.
Os corajosos Abantes chegaram, guerreiros de Eubeia,
Cálcide, Erétria e Istieia, onde as uvas são sempre abundantes,
Dio rochosa e Cerinto, que à beira do mar foi construída;
Vieram, também, de Caristo os guerreiros, os homens de Estira,

por Elefénor mandados, guerreiro que de Ares descende,
o Calcodôncio valente, que rege os guerreiros Abantes,
sim, os Abantes, que deixam crescer os cabelos na nuca,
todos armados de lanças de freixos, vibrando sedentos
de atravessar a couraça, que o corpo do imigo protege:
esse, quarenta navios de casco anegrado perfazem.

Vieram, também, os guerreiros de Atenas, cidade bem-feita,
gente do herói Erecteu de alma grande, nascido da terra
e por Atena educado, a donzela do pai poderoso,
no próprio templo magnífico, dentro dos muros de Atenas,
onde, anualmente, nas festas, os moços nativos procuram
com sacrifícios de bois e de ovelhas torná-lo propício.
Por Menesteu, de Peteu descendente, eram todos mandados.
Homem nenhum, sobre a terra arrumar, tal como ele, sabia
os combatentes de carro e os que lutam armados de escudo,
com exceção de Nestor, por ser muito mais velho do que ele:
esse, cinquenta navios de casco anegrado perfazem.

De Salamina Ajaz trouxe, também, doze naves simétricas,
indo postá-las a par com as falanges dos homens de Atenas.

De Argos os homens, heróis de Tirinto, por muros cingida,
os moradores de Hermíone e Asina, no golfo profundo,
os de Trezena, os de Eione e Epidauro, abundosa em vinhedos,
bem como os moços Acaios guerreiros de Egina e Maseta,
por Diomedes vieram trazidos, de voz poderosa,
e por Esténelo, o filho do herói Capaneu valoroso.
Como terceiro, guiava-os Euríalo, qual um dos deuses,
que descendia do rei Mecisteu, o viril Talaiônida.
Era, porém, de Diomedes, o forte, o comando supremo:
esses, oitenta navios de casco anegrado perfazem.

Os moradores, também, de Micenas, de bela feitura,
os da opulenta Corinto, os de Cleona, de casas bem-feitas,

os que lavravam de Ornias a terra, os da bela Aretira,
e os de Sicíone amena, onde Adrasto reinou, a princípio,
os de Hiperésia, bem como os heróis de Gonoessa altanada,
os de Pelene habitantes, os de Egio, também, moradores,
e, finalmente, os de Egíalo e os da zona extensíssima de Hélice,
em cem navios chegaram, trazidos pelo alto Agamémnone.
O continente melhor esses formam, em número e brio.
Cheio de orgulho, no meio das tropas, o bronze ardoroso
ele envergava, entre os fortes guerreiros o mais distinguido,
por nobilíssimo ser e haver gente infinita trazido.
Os que moravam no vale escavado de Lacedemônia,
dentro de Esparta, de Fáride e Messa, cidade de pombas;
os habitantes, também, de Brísias e Augias amena,
e os que em Amicla demoram e em Helo, cidade marítima,
bem como os homens de Etilo e os que os muros de Laia habitavam,
trá-los o irmão de Agamémnone, o herói Menelau de voz forte,
dentro de naves sessenta; a de parte eles todos se armavam.
No próprio ardor confiado, as fileiras o chefe percorre,
a estimulá-los. Pedia-lhe o peito ardoroso vingar-se
dos sofrimentos passados por causa do rapto de Helena.
Vieram de Pilo os guerreiros, bem como os de Arena agradável,
os de Épi bem-construída e os de Trio, onde o Alfeu dá passagem,
os de Anfigênia habitantes e os homens de Ciparessenta,
os de Pteleu, de Elo forte e os de Dório, onde vieram as Musas
o Trácio vate Tamíris buscar e o privarem do canto,
quando da casa voltava do alto Eurito, nado na Ecália.
Vangloriava-se, sim, de vencer em compita até mesmo
as próprias Musas, as filhas de Zeus, se com ele cantassem.
Elas, por isso, indignadas, da vista o privaram, fazendo
que das canções se esquecesse e, também, de pulsar o instrumento:
pelo Gerênio Nestor, domador de cavalos, trazidos,

esses, ao todo, perfazem noventa navios bojudos.

Os que na Arcádia moravam, nas faldas do monte Cilena,
perto da campa de Epítio, guerreiro de prol todos eles;
os de Feneu e de Orcómeno, zona em rebanhos mui rica,
os de Estratia e de Ripa, bem como os de Enispa ventosa,
de Mantineia formosa os guerreiros, da fértil Tegeia,
os moradores de Estínfalo e quantos Parrásio habitavam,
sob o comando do filho de Anceu, Agapénor, chegaram
em naus sessenta. Pejadas se achavam de ousados guerreiros,
homens da Arcádia eles todos, famosos no ofício da guerra.
O poderoso Agamémnone, chefe de heróis, lhes cedera
naus resistentes, que por sobre o mar cor de vinho trouxessem,
pois ignoravam, de todo, os problemas das lidas marinhas.

Os de Buprásio, os guerreiros que na Élide sacra habitavam,
desde a cidade de Hirmine até a sede postrema de Mírsino,
que a pétrea Olênia limita, bem como a cidade de Alísio,
com quatro chefes chegaram. Cada um conduzia dez naves
de veloz curso, equipados com muitos Epeios famosos.
Uns, o comando recebem de Anfímaco e Tálpio; este, filho
de Eurito, o grande; de Ctéato, aquele; ambos de Áctor nasceram.
Diores, o filho do forte Amarinco, outro grupo comanda.
O quarto, alfim, traz Políxeno, o herói de presença divina,
filho de Agástenes, rei que de Áugias possante descende.

Os de Dulíquio habitantes e os homens das sacras Equínades,
ilhas que se acham mui longe no mar, defrontando com a Élide,
vêm por Megete mandados, no porte semelho a Ares forte,
que de Fileu picador descendia, querido dos deuses,
o qual, brigado com o pai, em Dulíquio assentou o palácio:
esses, perfazem quarenta navios de casco anegrado.

Os Cefalênios magnânimos traz Odisseu astucioso,
de Ítaca os homens, também, e os de Nérito, monte frondoso,

de Crocileia os guerreiros, bem como os da pétrea Egilipe,
os de Zacinto habitantes, de Samo e de seus arredores,
do continente, e os que pastos possuem na terra fronteira:
trá-los o divo Odisseu, no saber só a Zeus comparável:
doze navios de casco vermelho ao seu mando obedecem.

Toante, de Andrêmone filho, os guerreiros da Etólia comanda,
que nas cidades moravam de Oleno. Pilene e Pleurona,
em Calidona fragosa e onde Cálcide as ondas refletem.
Visto já terem morrido os dois filhos de Eneu de alma grande,
é o próprio Eneu, como o louro Meléagro, no Hades se acharem,
fora-lhe dado o comando de todos os homens da Etólia:
esses perfazem quarenta navios de casco anegrado.

Idomeneu, de hasta invicta, nos homens de Creta imperava,
que demoravam em Cnosso e em Gortina cingida por muros,
Licto, Mileto e Licasto de solo calcário brilhante,
em Rítio e Festo, também, ambas elas de aspecto magnífico,
e outras das cem povoações que pela Ilha de Creta se encontram.
Idomeneu, de hasta invicta, o comando sobre estes exerce
como Meríones forte, igual a Ares Eniálio homicida:
esses, oitenta navios de negro costado equipavam.

O valoroso e membrudo Tlepólemo, de Héracles filho,
nove navios comanda, pejados de Ródios pugnazes.
Rodes era a ilha de origem, em três povoações dividida:
Lindo, uma delas; Ialiso; e a terceira, Camiro fulgente.
Nestes, o mando exercia Tlepólemo, de hasta invencível,
filho da bela Astioqueia, que de Héracles forte o gerara,
que a trouxe de Éfira, sita na margem do rio Seloente,
quando destruiu numerosas cidades de heróis distinguidos.
Pós ter crescido Tlepólemo dentro da casa bem-feita,
a morte ao tio materno do pai, a Licímnio, deu ele,
que já alcançara a velhice e era de Ares aluno preclaro.

Sem perder tempo, equipou várias naus, reuniu muita gente,
para, desta arte, escapar, que o ameaçavam os filhos e netos
de Héracles forte, de peito leonino, se acaso o encontrassem.
Pós trabalhosa viagem, consegue chegar até Rodes.
Três povoações fundou logo, segundo as famílias, benquistas
todas de Zeus, que dos deuses o império detém e dos homens.
Fez-lhes chover abundantes riquezas o filho de Crono.
Trouxe Nireu da cidade de Sime três naves simétricas.
De ser nascido de Aglaia, Nireu se orgulhava, e de Cáropo.
Era Nireu o mais belo, debaixo dos muros de Troia,
entre os do exército Acaio, se excluirmos o grande Pelida;
mas era imbele; bem poucos heróis perfaziam-lhe o séquito.
Os de Nisiro habitantes, de Crápato e Caso, bem como
os da cidade de Eurípilo, Cós, da ilha bela Calidna,
vieram trazidos por Ántifo e Fídipo, filhos de Téssalo,
rei poderoso e valente, que de Héracles forte nascera:
estes, em trinta navios dispostos em fila, embarcaram.
Ora, menção seja feita dos de Argos Pelasga habitantes,
dos do Alo e Alope, de Ftia, e de quantos Trequina cultivam,
bem como os da Hélade, célebre pelas mulheres formosas,
como Mirmídones todos nomeados, Helenos e Aquivos:
destes, cinquenta navios Aquiles herói conduzira.
Mas deslembrados agora se achavam dos prélios horríssonos,
pois careciam de chefe que a todos guiasse às batalhas.
O divo Aquiles, de céleres pés, junto às naves estava,
a suspirar pela filha de Brises, de belas madeixas,
que de Lirnesso, com grande trabalho, trouxera cativa,
quando a cidade destruiu e as muralhas altivas de Tebas,
e de Minete e de Epístrofo a doce existência tirara,
filhos de Evénor, o rei por Selépio famoso gerado.
Ela o tornara inativo, mas breve haveria de alçar-se.

Os moradores de Fílace e Píraso, terra de flores,
sacra a Deméter, de Itone que nutre rebanhos de ovelhas,
os da marítima Antrona e os de Ptéleo de prados vistosos,
Protesilau, quando vivo, o notável herói, comandava.
A terra negra, porém, já acolhera em seu meio o guerreiro.
Ambas as faces, em Fílace, a esposa a arranhar deixou ele
e, inacabado, o palácio; matou-o um guerreiro Dardânio,
quando saltou do navio muito antes dos outros Acaios.
Ainda que o chefe chorassem, sem guia os heróis não se achavam,
pois instrução de Podarces lhes vinha, discípulo de Ares,
de Íficlo filho, nascido de Fílaco, chefe opulento,
que era legítimo irmão do magnânimo Protesilau,
mas bem mais moço; nascido primeiro e mais forte era aquele,
Protesilau! grande herói! Entretanto, sem chefe os seus homens
não se encontravam; sua grande virtude, contudo, choravam.
Esses, perfazem quarenta navios de casco anegrado.
Os moradores de Feras, ao lado do lago de Bébide,
os da cidade bem-feita de Iaolco, de Gláfira e Beba,
em onze naus, com Eumelo, nascido de Admeto, chegaram.
Fora sua mãe a divina entre todas as jovens, Alceste,
a mais formosa de quantas nasceram de Pélias guerreiro.
Os que lavravam Metone, bem como os heróis de Taumácia,
de Melibeia, também, e Olizona de chão pedregoso,
por Filoctetes trazidos chegaram, archeiro famoso,
em sete naves, contendo cada uma cinquenta remeiros,
todos dotados de força e habituados ao tiro com o arco.
Ele, entretanto, ficara a sofrer indizíveis tormentos
na Ilha de Lemno divina, onde o haviam deixado os Acaios
vítima de úlcera feita por dente de serpe nociva.
Lá se encontrava, a gemer; mas em breve, ao redor de seus barcos,
de Filoctetes haviam lembrar-se os Aquivos guerreiros.

Ainda que o chefe chorassem, sem guia os heróis não se achavam,
pois de Medonte, bastardo de Oileu, instrução recebiam,
devastador de cidades, que o teve de Rena formosa.
Os moradores de Trica e de Itome de vários andares,
e os da cidade de Ecália, onde o mando exercia o grande Êurito,
sob o comando dos filhos de Asclépio vieram, Macáone
e Podalírio, ambos médicos e ambos, também, já famosos:
esses, em trinta navios dispostos em fila, embarcaram.
Os da cidade de Ormênia, bem como os de Fonte Hipereia
e os moradores de Astéria e os do cimo do branco Titânio,
trá-lo Eurípilo, o filho preclaro de Evémone excelso:
esses, perfazem quarenta navios de casco anegrado.
Os moradores de Argissa e os guerreiros, também, de Girtone,
bem como os de Orta e de Elone e os da branca cidade de Oloossona,
sob o comando do herói Polípetes intrépido vieram,
filho do grande Pirítoo, de Zeus imortal descendente.
Fora nascido, realmente, da bela e gentil Hipodâmia,
no mesmo dia em que o pai castigara os hirsutos Centauros.
Longe do Pélio os tocou, para o meio dos povos Etícios.
Compartilhava do mando Leonteu, o discípulo de Ares,
neto de Cene magnânimo e filho do grande Corono:
esses, perfazem quarenta navios de casco anegrado.
Em vinte e dois barcos veio Guneu da cidade de Cifo,
com os Eniênios guerreiros e heróis destemidos Perebos;
junto a Dodona moravam, região de muito áspero inverno;
os que morada assentaram nos campos amenos do rio
de Titareso, que ao claro Peneu vai levar suas águas,
sem que, no entanto, se mesclem no curso argentino desse último;
sim, sobrenadam naquele, tal como se de óleo elas fossem,
pois são do Estige um dos braços, o rio da jura terrível.
Prótoo conduz os Magnetas, o filho do forte Tentrédone,

que ao derredor do Peneio e do Pélio frondoso moravam.
Esses, ao mando de Prótoo obedecem, o herói velocíssimo:
todos, quarenta navios de casco anegrado perfazem.
Os condutores dos Dânaos, os chefes supremos, são estes.
Musa, revela-me, agora, qual era o melhor dos guerreiros
que com o Atrida vieram, bem como os mais fortes cavalos.
Entre os corcéis distinguiam-se as éguas de Eumelo, de Feras,
filho de Admeto, velozes tal como se pássaros fossem.
Eram de igual pelo as duas, bem como do mesmo tamanho.
Por Febo Apolo, o frecheiro que vibra o arco argênteo, elas ambas
foram criadas; consigo o terror das batalhas levavam.
Entre os guerreiros, Ajaz Telamônio era o mais distinguido
enquanto Aquiles esteve afastado, o mais forte de todos
e possuidor dos melhores cavalos; em tudo primava.
Mas esse, agora, se achava nas naves recurvas e céleres,
estomagado com o chefe de heróis, o possante Agamémnone,
filho de Atreu. Junto à praia do mar sonoroso seus homens
se divertiam no jogo dos discos, de flechas e lanças.
Junto dos carros de guerra se achavam, também, os cavalos,
que aipo palustre, inativos, pastavam, e o loto gostoso.
Dentro das tendas, cobertos se achavam os carros, enquanto
os heróis todos, sentidos com a ausência do chefe aguerrido,
desorientados vagavam, mas sem combater, pelo campo.
Os outros Dânaos avançam qual fogo que o solo abrasasse.
Tal como a Terra, que geme ao mostrar-se agastado Zeus grande,
que como os raios se apraz, quando em torno a Tifeu a vergasta,
entre os Arimos, local onde se acha Tifeu, é o que dizem:
do mesmo modo estrondava com o peso dos pés o chão todo,
quando os heróis avançavam, cortando, ligeiros, o campo.
Íris, de pés mais velozes que o vento, de Zeus por mandado,
que a égide vibra, aos Troianos baixou com uma triste notícia.

Esses, em frente ao palácio de Príamo estavam reunidos
em assembleia, eles todos, os moços e os velhos da terra.
Íris, de rápidos pés, aproxima-se deles e fala,
tendo imitado as feições de Polites, nascido de Príamo,
que era o atalaia dos Teucros. Confiado nos pés ligeiríssimos,
no alto do túmulo vinha postar-se o velho Esietes,
sempre a espreitar o momento em que os Dânaos das naus se moviam.
Íris, de rápidos pés, sob a forma aludida, lhes fala:
"Como se em paz estivéssemos, velho, te agradam discursos
intermináveis: a guerra, no entanto, nos calca impiedosa.
Certo, em muitíssimas pugnas achado me tenho presente,
mas tais e tantos guerreiros, como esses, jamais tenho visto.
Mais semelhantes à areia do mar ou às folhas das matas,
movem-se todos no plaino, visando a atacar nossos muros.
Por isso, Heitor, recomendo-te agora que faças desta arte:
muitos aliados se encontram na grande cidade de Príamo,
de diferentes países, e línguas de vária estrutura.
Que cada grupo receba instrução de seus guias nativos,
que hão de saber coordená-los e à guerra, depois, conduzi-los."
Reconheceu, logo, Heitor que provinha de um deus o conselho;
fez dissolver a assembleia: os guerreiros às armas correram;
abrem-se todas as portas, porque se franqueasse a saída,
aos combatentes de pé e aos de carro era imenso o estrupido.
Há na planície uma excelsa coluna, fronteira à cidade,
completamente isolada e visível de todos os lados,
denominada Batieia por todos os homens terrenos,
mas pelos deuses eternos, o túmulo da ágil Mirina.
Lá, se puseram em ordem os Teucros e seus aliados.
Sobre os Troianos Heitor comandava, o herói de elmo ondulante,
filho de Príamo. Muitos guerreiros, dos mais distinguidos,
com ele as armas empunham, de a pugna encetar desejosos.

Sobre os Dardânios o mando exercia o nascido de Anquises
e da divina Afrodite, o guerreiro notável Eneias,
pós haver no Ida selvoso a um mortal uma deusa se unido.
Mas de Antenor os dois filhos, do mando, também, compartilham,
ambos prudentes varões, Acamante e o notável Arquéloco.
Os de Zeleia habitantes, da falda contérmina do Ida,
gente opulenta, que as águas escuras do Esepo bebiam,
sob o comando se achavam de Pândaro, o filho notável
do alto Licáone, o mesmo a quem Febo o arco dera em lembrança.
Os habitantes dos muros de Adresta, os do povo de Apeso,
os de Pitieia e os que moram no monte escarpado de Téria,
ordens cumpriam de Adrasto e de Anfião, de couraça de linho,
ambos de Mérope filhos, o herói de Percote, o mais sábio
dos adivinhos. Opôs-se, em verdade, a que os filhos partissem
para a campanha sangrenta; contudo nenhum quis ouvir-lhe
os bons conselhos, que à lívida Morte o Destino os levava.
Os de Percote e os que as margens do Práctio cuidosos lavravam,
os moradores de Sesto e de Abido, os da Arisba divina,
vieram por Ásio trazidos, o Hirtácida, chefe eminente,
de Hírtaco o filho notável, que veio de Arisba, em carruagem,
desde o Seloente revolto, puxado por fulvos ginetes.
Os valorosos lanceiros Pelasgos Hipótoo comanda,
esses que as casas construíram nos campos da fértil Larissa.
Compartilhava do mando Pileu, de Ares forte discípulo,
filho, também, do Teutâmida Leto, Pelasgo valente.
Píroo e Acamante valentes conduzem os homens da Trácia,
quantos guerreiros demoram nas margens do estuoso Helesponto.
Os heróis Cíconos fortes, Eufemo galhardo chefia,
que de Trezeno provinha, a Zeus caro, nascido de Ceas.
Trouxe de longe, de Amídone, Piracme, os Peônios belazes,
de arcos recurvos, que no Áxio demoram, de curso imponente,

o Áxio, o mais belo dos rios que, ufanos, se alargam na terra.
Os Paflagônios Pilêmenes trouxe, de peito veloso.
Ênetos, sim, da região onde mulas selvagens se criam.
Esses moravam em Cítoro, os campos lavravam de Sésamo,
e do Partênio nas várzeas, magníficas casas construíram,
em Crômnia e Egilo e na celsa Eritina, de solo vermelho.
Os Halizônios, Epístrofo e Odio de longe conduzem,
lá da cidade de Alibe, onde prata em jazidas se encontra.
Os Mísios vieram trazidos por Crômis e o arúspice Enomo,
cujo saber não o livrou de ser presa da lívida Morte;
vítima foi do Pelida de pés velocíssimos, quando
no próprio rio privou da existência a outros muitos Troianos.
Fórcis e Ascânio divino trouxeram da Ascânia longínqua
Frígios guerreiros, que só desejavam entrar em combate.
Ántifo e Mestle guerreiros o mando dos Meônios dividem.
De Talamenes provinham, bem como da ninfa Gigeia.
Esses, os chefes dos Meônios oriundos da fralda do Tmolo.
Nastes os Cários comanda, guerreiros de bárbara língua,
homens de Ftiro e Mileto, região montanhosa e de matas;
os da corrente do Meandro e os dos picos do monte Micale,
sob o comando chegaram de Anfímaco e Nastes guerreiros,
Nastes e Anfímaco, os filhos preclaros do grande Momíone.
Veio o primeiro com ouro bastante, qual moça enfeitada.
Tolo! de nada serviu para a Morte o livrar dolorosa
o ouro, que vítima foi, finalmente, do Eácida, quando
no próprio rio o alcançou. Toma as joias Aquiles prudente.
Os Lícios, Glauco sem-par e Sarpédone exímio conduzem
da terra Lícia longínqua, das margens do Xanto revolto.

CANTO III

JURAMENTOS, MURALHAS DE OBSERVAÇÃO E O COMBATE SINGULAR DE ALEXANDRE E MENELAU

“Alexandre (Páris) provoca os Gregos mais fortes para que lutem com ele, mas acaba recuando diante de Menelau. Heitor o reprova veementemente e Alexandre decide combater Menelau. É feito um juramento, sancionado por Príamo, que aquele que vencer a batalha levará Helena. Esta sobe a muralha do palácio e aponta a Príamo os heróis Gregos. No combate de Alexandre e Menelau, este último sai vencedor, no entanto Afrodite salva Alexandre e o leva aos braços de Helena, a salvo atrás das muralhas de Troia. Helena o reprova e Agamémnone reclama vitória.”

Logo que todos os homens e os chefes em ordem ficaram,
põem-se em marcha os Troianos, com grita atroante, quais pássaros,
do mesmo modo que a bulha dos grous ao Céu alto se eleva,
no tempo em que, por fugirem do inverno e da chuva incessante,
voam, com grita estridente, por cima do curso do oceano,
à geração dos Pigmeus conduzindo o extermínio e a desgraça,
para, mal surja a manhã, a batalha funesta iniciarem.
Silenciosos, furor respirando, os Aquivos avançam,

no coração desejosos de auxílio uns aos outros prestarem.
Tal como névoa que Noto nos cumes dos montes ajunta,
pouco, ao pastor, agradável, sim, grata ao ladrão mais que a noite,
por não poder nada ver-se à distância de um tiro de pedra:
sob as passadas, desta arte, a poeira do solo se erguia
quando os heróis avançavam, cortando, ligeiros, o campo.
Quando os dois corpos do exército perto se acharam um do outro,
adiantou-se das forças Troianas o divo Alexandre
com arco e espada, nos ombros a pele de um grande leopardo
e duas lanças na mão, revestidas de ponta de bronze,
desafiando, desta arte, os melhores guerreiros Acaios
a que com ele se viessem medir em duelo terrível.
Logo que o viu Menelau, o guerreiro discípulo de Ares,
como avançava com passo arrogante na frente do exército,
muito exultante ficou, como leão esfaimado que encontra
um cervo morto, de pontas em galho, ou uma cabra selvagem;
avidamente o devora, ainda mesmo que cães mui ligeiros
lhe venham vindo no encalço e pastores de aspecto robusto:
dessa maneira, exultou Menelau quando Páris, o belo,
teve ante os olhos, pensando que iria, por fim, castigá-lo.
Rapidamente do carro pulou, sem que as armas soltasse.
Quando o formoso Alexandre, que um deus imortal parecia,
o viu à frente dos outros, sentiu conturbar-se-lhe o peito
e para o meio dos seus recuou, escapando da Morte.
Como se dá quando alguém nos convales dos montes estaca
em frente de uma serpente, a tremerem-lhe as pernas e os joelhos,
e retrocede de um salto, com o rosto sem cor, todo medo:
por esse modo afundou para o meio dos Teucros valentes
Páris, o divo Alexandre, do filho de Atreu temeroso.
Foi por Heitor percebido, porém, que de insultos o cobre:
“Páris funesto, de belas feições, sedutor de mulheres!

Bem melhor fora se nunca tivesses nascido, ou se a Morte
antes das núpcias te houvesse levado. Mais lucro tivéramos,
do que nos seres opróbrio e de escárnio servires aos outros.
Riem-se à grande os Aquivos de soltos cabelos nos ombros.
Um dos primeiros julgavam que fosses, por seres de físico
tão primoroso; no entanto, careces de força e coragem.
Como é possível que, sendo qual és, em navios velozes
o mar houvesses cruzado, reunido prestantes consócios
e a gente estranha chegado, da qual a raptar te atreveste
uma formosa mulher, peregrina, cunhada de príncipes,
para desgraça de teu próprio pai, da cidade e do povo,
mofa tornando-te, assim, dos imigos, que exultam com isso?
Não te atreveste a enfrentar Menelau, de Ares forte discípulo?
Fora a ocasião de saberes de quem a mulher seduziste.
Esses cabelos, a cítara, os dons de Afrodite, a beleza,
não te valeram de nada ao te vires lançado na poeira.
Se tão medrosos não fossem os Teucros, há muito vestiras
uma camisa de pedras, por quantas desgraças causaste."
Páris, de formas divinas, lhe disse, em resposta, o seguinte:
"É justo, Heitor, o que dizes; contrário à razão não discorres.
Teu coração é tão duro quanto o aço: semelha ao machado
que, manejado pelo homem lhe aumenta o poder e no tronco
mui facilmente penetra, talhando-o para o uso das naves.
Resolução tão intrépida encerras, assim, no imo peito.
Não me censures por causa dos mimos da loura Afrodite,
pois desprezíveis não são os presentes valiosos que os deuses,
de seu bom grado, concedem; que, à força, ninguém os alcança.
Mas, uma vez que desejas que eu vá combater novamente,
faze que todos os homens de Troia e os Acaios se sentem,
para que eu possa no meio do campo lutar com o aluno
de Ares, o herói Menelau, por Helena e suas muitas riquezas.

O que provar que é o mais forte, vencendo o adversário na luta,
leve consigo os tesouros e a casa conduza a consorte.
Vós, entretanto, jurada a amizade, na Tróade fértil
continuareis: os demais, para a Acaia de belas mulheres
retornarão, ou para Argos, de solo de pingues pastagens.”
Grande alegria, ao ouvir tais palavras, Heitor manifesta;
e, começando a correr, com a lança segura no meio,
manda que os Teucros parassem, os quais, prontamente, obedecem.
Mas os Aquivos, de soltos cabelos nos ombros, sem pausa
pedras contra ele atiravam e setas dos arcos recurvos,
té que o potente Agamémnone a todos desta arte gritasse:
“Homens de Acaia, parai! resistentes Argivos, detende-vos!
que se dispõe a falar-nos Heitor, de penacho ondulante.”
Isso disse ele: os guerreiros sustaram a ação belicosa
e se aquietaram; Heitor, avançando para eles, falou-lhes:
“Ora, guerreiros Troianos, grevados Acaios, vos digo
o que vos manda propor Alexandre, fautor desta guerra:
Pede que todos os homens Aqueus e Troianos deponham
as belas armas na terra, nutriz de infinitos guerreiros,
para que possa no meio do campo lutar com o discípulo
de Ares, o herói Menelau, por Helena e suas muitas riquezas.
O que provar que é o mais forte, vencendo o adversário na luta,
leve consigo os tesouros e a casa conduza a consorte.
Com juramento firmemos nós outros a paz duradoura.”
Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram.
Vira-se, então, Menelau, de voz forte, e lhes diz o seguinte:
“A mim, também, atenção concedei, porque a dor, mais que a todos,
o coração me angustia. Concordo que Teucros e Aquivos
devem pôr fim à discórdia, que muito já tendes sofrido
por minha causa e da ofensa provinda do divo Alexandre.
Que morra logo o que está pelo negro Destino fadado

a perecer; conciliem-se os outros, sem mais perder tempo.
Presto um cordeiro trazei para o Sol, de cor branca, e uma ovelha
preta, também, para a Terra; que a Zeus um terceiro daremos.
A majestade de Príamo desça, também, para as juras
solenizar; que os seus filhos soberbos não são de confiança.
Não venha alguém, com perjúrios, destruir o que Zeus prometer-nos.
O coração dos mancebos costuma ser sempre volúvel,
mas quando um velho intervém, o passado e o futuro perscruta,
para que tudo decorra do modo melhor para todos."
Isso disse ele; os Aqueus e os Troianos alegres ficaram,
pela certeza de verem concluída a campanha funesta.
Os carros todos em fila puseram; depois, apeando-se
e as armaduras despindo, de encontro ao chão duro as deixaram,
umas bem perto das outras, que exíguo era o espaço entre todas.
Dois mensageiros Heitor mandou logo à cidade de Troia,
para que a Príamo fossem chamar e os cordeiros trouxessem.
Por sua vez, o potente Agamémnone incumbe a Taltíbio
de outro cordeiro trazer do navio de casco anegrado.
Executado foi logo o mandado do Atrida Agamémnone.
Íris a Helena, de braços bonitos, foi dar a notícia,
tendo assumido as feições da cunhada Laódice, esposa
do grande chefe Helicáone, filho do justo Antenor,
a mais formosa e elegante entre todas as filhas de Príamo.
Foi encontrá-la na sala, sentada no tear, quando um duplo
manto tecia de púrpura. Nele bordava os combates
que os picadores Troianos e Aqueus de couraça de bronze,
por sua causa, travavam sob o ímpeto de Ares violento.
Aproximando-se-lhe, Íris, de pés mui velozes, lhe fala:
"Vem, cara filha, também contemplar as proezas magníficas
dos picadores Troianos e Aqueus de couraça de bronze,
eles, que até este momento, na vasta planície, pelo ímpeto

de Ares lutuoso, cuidavam somente de pugnas lutuosas,
ora se encontram calados, firmados nos grandes escudos;
as lanças se acham no solo espetadas; a guerra está finda.
Somente Páris e o herói Menelau, de Ares forte discípulo,
vão, por tua causa, lutar, de hastas firmes e longas munidos.
Hás de chamar-te consorte do herói que sair vitorioso."
Na alma as palavras da deusa infundiram-lhe doce saudade
do seu primeiro marido, dos pais e da pátria grandiosa.
Ei-la que o rosto recobre com o nítido véu, apressada,
e, a derramar ternas lágrimas, sai do aposento luxuoso,
mas não sozinha, que duas criadas ao lado a acompanham,
Clímene de olhos de boi e Etra, filha do grande Piteu.
Das Portas Ceias, assim, dentro em pouco o local alcançaram.
Junto de Príamo estavam os velhos Timetes e Panto,
Lampo e, assim, Clício e Hicetáone, de Ares aluno dileto.
Ucalegonte e Antenor, ambos sábios, também se encontravam
das Portas Ceias, sentados, na torre. Eles todos, por velhos,
já se encontravam isentos das lutas; contudo primavam
pela eloquência eles todos, tal como cigarras, que o canto
claro e agradável, pousadas nos ramos das árvores, soltam.
Os chefes, pois, dos Troianos, na torre se achavam reunidos.
Ao perceberem Helena, que vinha apressada para eles,
uns para os outros, baixinho, palavras aladas disseram:
"É compreensível que os Teucros e Aquivos de grevas bem-feitas
por tal mulher tanto tempo suportem tão grandes canseiras!
Tem-se, realmente, a impressão de a uma deusa imortal estar vendo.
Mas, ainda assim, por mais bela que seja, de novo reembarque;
não venha a ser, em futuro, motivo da ruína dos nossos."
Isso diziam, mas Príamo a Helena chamou em voz alta:
"Vem, minha filha; aqui mesmo bem perto de mim vem sentar-te,
porque o primeiro marido, os parentes e amigos revejas.

Não és culpada de nada; os eternos, somente, têm culpa,
que nos mandaram a guerra dos fortes Aqueus, lacrimosa.
Vem revelar-me quem seja aquele homem de aspecto imponente:
como se chama esse Acaio tão belo e de tal corpulência?
Outros heróis, é evidente, mais altos do que ele percebo;
mas os meus olhos jamais admiraram tão belo conspecto,
nem majestade tão grande; assemelha-se, é fato, a um monarca."
Disse-lhe Helena, a divina mulher, em resposta, o seguinte:
"Sinto por ti, caro sogro, respeito e vergonha a um só tempo.
Bem melhor fora se a Morte terrível me houvesse levado,
antes de haver consentido em seguir o teu filho, deixando
o lar e o esposo, minha única filha e as gentis companheiras.
Mas não devia assim ser; essa a causa de todo o meu choro.
Ora te vou responder a respeito do que perguntaste.
Esse é Agamémnone, rei poderoso, de Atreu descendente,
tão grande rei, chefe de homens, quão forte e notável guerreiro.
Foi meu cunhado, se o foi algum dia, com minha cegueira!"
A essas palavras, o velho, admirado, lhe disse, em resposta:
"Ó venturoso Agamémnone, filho dileto dos deuses,
que sobre tantos guerreiros Acaios o mando exercitas!
Já estive, certo, na Frígia, região de vinhedos famosos,
onde um sem-número vi de nativos heróis cavaleiros,
homens de Otreu e de Mígdone, herói semelhante a um dos deuses,
que nesse tempo acampavam nas margens do rio Sangário.
Como aliado tomei, também, parte com eles na guerra
contra as viris Amazonas, no dia em que aqui elas vieram.
Mas muito mais numerosos são esses Aqueus de olhos vivos."
Logo depois, a Odisseu divisando, pergunta de novo:
"Filha querida, revela-me, agora, quem seja aquele outro,
cuja estatura é menor que a do filho de Atreu, Agamémnone;
mas é de espaldas mais largas de ver e de peito mais amplo.

As armaduras deitou sobre a terra nutriz de guerreiros.
Como um carneiro, percorre as fileiras em vários sentidos.
Eu, pelo menos, só sei compará-lo a um guieiro veloso,
quando no meio de um grande rebanho de ovelhas vistosas.”
Disse-lhe Helena, nascida de Zeus, em resposta, o seguinte:
“Esse é Odisseu, de Laertes nascido, astucioso guerreiro,
de Ítaca oriundo, apesar de ser ilha de chão pedregoso,
em toda sorte de ardis entendido e varão prudentíssimo.”
O experiente Antenor, em resposta, lhe disse o seguinte:
“Tuas palavras, mulher, correspondem à estrita verdade.
Embaixador, por tua causa, uma vez Odisseu já aqui esteve
em companhia do herói Menelau, de Ares forte discípulo.
Por isso mesmo que os dois hospedei no meu próprio palácio,
de ambos fiquei conhecendo a figura exterior e o intelecto.
Quando, nos nossos conselhos, de pé eles se mantinham
os ombros largos do herói Menelau sobranceiros ficavam;
ambos sentados, porém, Odisseu era mais imponente.
Mas se a falar se dispunham, tecendo apropriados discursos,
com certa pressa exprimia-se o herói Menelau, é verdade,
e por maneira concisa, porém num tom claro; conquanto
muito mais moço, sabia falar sem do intento desviar-se.
Quando, porém, Odisseu, o astucioso, assumia a postura
para falar, vista baixa e olhos fixos no chão pedregoso,
como indivíduo bisonho que o cetro na mão mantivesse
sempre no mesmo lugar, sem movê-lo de um lado para o outro,
imaginaras, talvez, ser pessoa inexperta ou insensata.
Mas se do peito fazia soar a voz forte e agradável
e um turbilhão de palavras, qual neve no tempo do inverno,
com Odisseu ninguém mais suportara qualquer paralelo.
Todos, então, esquecíamos sua anterior aparência.”
Príamo, a Ajaz divisando, terceira pergunta formula:

“Como se chama esse Acaio tão belo e de tal corpulência,
de bem maior estatura e de espaldas mais largas que os outros?”
Disse-lhe Helena, de peplo elegante, a divina criatura:
“Esse é o baluarte dos homens Aquivos, Ajaz, o gigante.
Idomeneu do outro lado diviso, qual um dos eternos
entre os Cretenses, cercado por todos os chefes de Creta.
Mais de uma vez Menelau, de Ares forte discípulo, o teve
em nossa casa hospedado, ao chegar de viagem de Creta.
Posso, também, distinguir muitos outros Aqueus de olhos vivos.
Reconhecê-los ser-me-ia mui fácil, nomear a eles todos.
Só perceber não consigo os dois chefes insignes de povos,
o domador de cavalos, Castor, e o belaz Polideuces,
o pugilista, os meus caros irmãos, de uma só mãe nascidos.
Ou não vieram da terra saudosa de Lacedemônia,
ou para aqui os trouxeram as naves de rápido curso,
mas resolveram de todo evitar as batalhas dos homens,
envergonhados da grande desonra que a todos fui causa.”
Eles, porém, pela terra, que a vida produz incessante,
já se encontravam cobertos, na pátria querida, a Lacônia.
Pela cidade os arautos, no entanto, as ovelhas levavam,
bem como o vinho jucundo, produto da terra frutífera,
num odre feito de pele de cabra; Ideu traz a cratera,
o nobre arauto de Príamo, e os cálices de ouro maciço.
Apresentando-se ao velho, o apressou, com dizer-lhe o seguinte:
“Sus, Laomedôncio, levanta-te, que os mais notáveis guerreiros
dos picadeiros Troianos, e Aqueus de couraça de bronze,
pedem que desças, a fim de firmares os pactos solenes.
Somente Páris e o herói Menelau, de Ares forte discípulo,
vão por Helena lutar, de hastas firmes e longas munidos.
O que sair vencedor, ficará com a mulher e as riquezas;
nós, entretanto, jurada a amizade, na Tróade fértil

continuaremos; os mais, para a Acaia de belas mulheres
retornarão, ou para Argos, de solo de pingues pastagens.”
Estremeceu, ante a nova, o bom velho; mas logo deu ordem
aos companheiros que o carro aprontassem, no que lhe obedecem.
Príamo sobe primeiro, tomando nas mãos, logo, as rédeas;
ao lado dele Antenor assentou-se, no carro belíssimo.
Os corredores velozes a vasta planície atravessam.
Quando, porém, aos guerreiros Troianos e Aqueus alcançaram,
da carruagem desceram, pisando a alma terra fecunda,
sempre a avançar pelo espaço deixado entre Aquivos e Teucros.
Põe-se de pé, sem detença, Agamémnone, rei poderoso,
e o mui solerte guerreiro Odisseu; os arautos magníficos
trazem as vítimas sacras a um ponto; na grande cratera,
mesclam o vinho, deitando, depois, água às mãos dos monarcas.
O nobre filho de Atreu, Agamémnone, tira o cutelo
que sempre ao lado da bainha da espada cortante trazia,
e das ovelhas o pelo da testa cortou, que os arautos
distribuíram por todos os nobres Aquivos e Teucros.
No meio deles o Atrida alça as mãos, implorando em voz alta:
“Zeus pai, que no Ida demoras, senhor poderoso e supremo,
Hélio, que tudo divisas e todas as coisas escutas,
rios e terra, também, e vós outros, ó deuses de baixo,
que castigais nas moradas subtérreas os homens perjuros,
vós testemunhas nos sede e fiadores dos votos sagrados:
se a Menelau conseguir Alexandre matar na contenda,
dono de Helena há de ser e de todas as suas riquezas,
enquanto nós cruzaremos, de novo, nas naves, as ondas.
Se o louro Atrida, porém, da existência privar a Alexandre, de
presto nos deem os Troianos a Helena, assim como as riquezas,
sobre se verem forçados a multa pagar aos Argivos,
porque a memória do feito entre as gentes vindouras se estenda.

Se se escusarem, porém, uma vez Páris morto, ou vencido,
Príamo e os filhos, porque não me paguem a multa devida,
hei de seguir combatendo, visando a cobrar essa multa,
sem nos movermos daqui, até vermos o fim da contenda.”
Tendo assim dito, com bronze cruel degolou as ovelhas,
que, sobre a terra feraz colocou, nos arrancos agônicos,
todas da vida privadas, que o bronze o vigor dissolvera.
O vinho, logo depois, da cratera, nos copos deitaram
e suplicaram aos deuses eternos e beatos do Olimpo.
Os Teucros todos e os homens Acaios desta arte imploraram:
“Zeus gloriosíssimo e forte, e vós outros, ó deuses eternos!
que se derramem, tal como este vinho, no chão os miolos
de quantos quebrem as juras solenes firmadas nesta hora,
e os de seus filhos, ficando as mulheres escravas de estranhos.”
Isso diziam; mas Zeus não lhes quis atender o pedido.
Príamo, o neto de Dárdano, aos outros, então, se dirige:
“Ora, guerreiros Troianos, grevados Acaios, ouvi-me!
Vou retornar para Troia, a cidade varrida por ventos,
por me faltar a coragem de ver com meus olhos a luta
que com o herói Menelau vai travar meu querido Alexandre.
Zeus, porventura, já sabe, e os mais deuses eternos e beatos,
a qual dos dois o Destino reserva ser presa da Morte.”
Com majestade divina, no carro as ovelhas coloca
Príamo e sobe primeiro, tomando nas mãos, logo, as rédeas;
ao lado dele Antenor assentou-se no carro belíssimo.
Rapidamente voltaram para Ílio, batida por ventos.
O nobre filho de Príamo, Heitor, e Odisseu astucioso
primeiramente o terreno mediram; depois agitaram
o elmo de bronze, no qual duas marcas haviam deposto,
para que a sorte apontasse o primeiro a atirar a aênea lança.
Súplices, todos imploram, aos deuses as mãos elevando.

Os Aqueus todos e os homens Troianos desta arte imploravam:
“Zeus pai, que no Ida demoras, senhor poderoso e supremo!
faze que venha a encontrar o fim triste e para o Hades afunde
o causador desta guerra, que veio por sobre nós todos.
Mas, alcançada a concórdia, os demais amizade juremos.”
Isso diziam; Heitor, entrementes, as sortes agita
no elmo, com o rosto virado; saltou a marcada por Páris.
Todos, então, sem quebrar as fileiras, no chão se assentaram,
onde os cavalos briosos se achavam e as armas lavradas.
O divo Páris, marido de Helena de belos cabelos,
em torno aos membros ajusta a armadura de fino trabalho:
as caneleiras, primeiro, lavradas, nas pernas ataca,
belas de ver, por fivelas de prata maciça ajustadas;
em torno ao peito coloca, depois, a couraça magnífica,
que a seu irmão pertencia, Licáone, e bem se lhe ajusta;
lança nos ombros a espada de bronze com cravos de prata
e um grande escudo sobraça, maciço e de largos contornos:
o elmo de fino lavor na cabeça admirável coloca,
no qual, por modo terrível, penacho de crina ondulava;
toma, por fim, de uma lança bem forte, de fácil manejo.
Do mesmo modo se armou Menelau, de Ares forte discípulo.
Quando os aprestos concluíram, cada um no seu campo, avançaram
pelo terreno deixado entre os homens Aqueus e os Troianos,
ambos com aspecto terrível; o espanto se apossa de todos,
dos picadores Troianos e Aquivos de grevas bem-feitas.
Precisamente no meio da liça eles dois se encontraram,
as lanças ambos brandindo, sem que o ódio ocultar conseguissem.
Páris primeiro jogou sua lança de sombra comprida,
a qual no escudo redondo do filho de Atreu foi dobrar-se,
sem que o metal o rompesse, contudo, que a ponta se amolga
na resistência do escudo. Atirou Menelau, em seguida,

a sua lança, também, dirigindo a Zeus grande uma súplica:
“Dá-me, Zeus pai, que consiga castigo infligir a Alexandre,
causa de minha desonra! Que sob meus golpes sucumba,
para de exemplo servir aos vindouros, que horror manifestem
de retribuir com vilezas a lhana e amistosa hospedagem.”
Joga, ao dizer esta súplica, a lança de sombra comprida,
que foi bater bem no escudo redondo do filho de Príamo.
A arma terrível o escudo de aspecto brilhante atravessa,
indo encravar-se na cota de bela e variada textura,
e atravessando, também, junto ao flanco, a preciosa camisa.
Páris, entanto, encurvou-se, escapando da lívida Morte.
O nobre filho de Atreu sacou logo da espada e, elevando-se,
na crista do elmo tremenda pancada atirou; mas a espada
veio ali mesmo fazer-se pedaços, das mãos lhe escapando.
O louro herói Menelau para o céu volta os olhos e exclama:
“Zeus pai, nenhum dos eternos te pode vencer em crueldade,
pois esperava, realmente, vingar-me da injúria de Páris!
Mas, em vez disso, quebrou-se-me a espada nas mãos e, frustrânea,
foi minha lança atirada, sem ter o alvo certo atingido.”
Tendo isso dito, de um salto o elmo, ornado de crina, segura,
e para os homens Aquivos procura arrastar Alexandre.
O delicado pescoço apertado ficou pela tira
que, por debaixo da barba, servia de freio para o elmo.
E, porventura, o arrastara, colhendo, com isso, alta glória,
se o não tivesse Afrodite, a donzela de Zeus, percebido,
que fez romper-se a correia tirada de um boi morto à força.
O elmo vazio, as mãos fortes do herói, tão somente, acompanha,
que o fez rolar para o meio dos homens Aquivos, ornados
de belas grevas; os fidos consórcios depressa o acolheram.
Dá Menelau novo salto, disposto a matar o inimigo
com a lança brônzea; porém Afrodite dali — era deusa —

mui facilmente o afastou. Em espessa neblina envolvendo-o,
foi colocá-lo no tálamo odoro e de enfeites ornado.
Passa a chamar logo Helena. Encontrou-a, realmente, num quarto
da torre excelsa, rodeada por muitas mulheres Troianas.
Toca-lhe, então, levemente, nas vestes de essência divina,
tendo assumido a feição exterior de uma velha encurvada,
que lã sabia cardar e que muitos trabalhos para ela,
quando em Esparta, fizera, entre todas a mais distinguida.
Tendo essa forma assumido, Afrodite lhe disse o seguinte:
"Vem, cara filha, comigo, que Páris chamar-te mandou-me.
Ele te espera no quarto, onde se acha, no leito torneado,
belo de ver, irradiante e vestido a primor; não disseras
que de um combate saiu, senão que ora, cuidoso, se apresta
para ir dançar ou que, lasso do baile, ao repouso se entrega."
Essas palavras revolta no peito de Helena espertaram.
Reconheceu logo a deusa, com ver-lhe o pescoço belíssimo,
os seios ricos de encantos e os olhos inquietos e vivos.
Fica tomada de espanto; depois, a increpou deste modo:
"Falsa, por que procurar iludir-me com tantos embustes?
Naturalmente, com o fim de poderes mais longe levar-me,
à bem-construída cidade da Frígia ou da Meônia formosa,
onde dileto mortal, destituído de senso, escolheste.
Por isso mesmo que o herói Menelau derrotou em combate
ao divo Páris, e quer para a casa fatal conduzir-me,
vieste até aqui meditando iludir-me com novas insídias?
Vai tu, sozinha, e a seu lado te assenta; dos deuses te afasta:
não voltes mais a pisar o caminho altanado do Olimpo,
mas permanece ao seu lado, sofrendo e cuidando só dele,
té que, por fim, como esposa te aceite, ou, talvez, como escrava.
Não voltarei para o tálamo, pois vergonhoso seria
participar-lhe do leito; as Troianas, sem dúvida, haviam

de murmurar; já sobejam as dores que na alma suporto.”
Cheia de cólera, a deusa Afrodite lhe disse, em resposta:
“Não me provoques, criatura infeliz, porque não aconteça
que te abandone e te venha a odiar quanto agora te prezo.
Se entre os Acaios e Teucros fizesse surgir ódio infausto
contra tu própria, haverias de ter um destino bem triste.”
Cheia de medo ficou a nascida de Zeus poderoso,
e, sem dizer mais palavra, se foi, no véu branco envolvida,
sem que as Troianas a vissem; servia de guia o demônio.
Logo que o belo palácio do divo Alexandre alcançaram,
para os trabalhos usuais retornaram depressa as criadas,
enquanto Helena, a divina, ingressava no esplêndido tálamo.
Uma cadeira Afrodite, dos risos amante, lhe trouxe,
indo depô-la defronte de Páris, o divo Alexandre.
Senta-se Helena, a nascida de Zeus, sem olhar para o lado
onde o marido se achava. Começa exprobrando-o desta arte:
“Como! voltaste da guerra? Prouvera que a Morte encontrasses
sob as mãos fortes do herói valoroso que foi meu marido.
Antes da guerra gabavas-te, sim, de que tinhas mais força
que Menelau, mais arrojo e destreza no jogo da lança.
Vai provocar, então, logo, o discípulo de Ares potente,
para, outra vez, vos medirdes em duelo. Aliás, aconselho-te
a que não faças tamanha tolice, pensando que podes
com o louro herói Menelau contender numa luta corpórea,
que em pouco tempo sua lança potente há de ao solo prostrar-te.”
O divo Páris, então, lhe retruca as seguintes palavras:
“Não me acabrunhes o peito, mulher, com teus ditos sarcásticos.
Por esta vez Menelau me venceu com o auxílio de Atena,
mas amanhã serei eu o vencedor, que outros deuses nos prezam.
Ora, concordes, gozemos do amor as carícias, no leito,
pois nunca tive os sentidos tomados por tanta ebriedade,

nem mesmo quando em navios velozes te trouxe da pátria,
Lacedemônia querida, no tempo em que foste raptada
e de numa ilha rochosa o primeiro conúbio gozarmos.
Hoje, mais doce paixão, por tua casa, de mim se apodera.”
Tendo isso dito, subiu para o leito; seguiu-o a consorte.
Enquanto os dois, no belíssimo leito, do sono fruíam,
o louro filho de Atreu, Menelau, percorria as fileiras,
como uma fera, à procura de Páris, de formas divinas.
Mas nem os Teucros, nem mesmo seus fidos aliados, podiam
ao grande herói Menelau indicar onde estava Alexandre,
que se o tivesse enxergado, nenhum, por amor, o ocultara,
pois como a lívida Morte era odiado, realmente, por todos.
O nobre Atrida Agamémnone, então, se expressou deste modo:
“Teucros, Dardânios e aliados, agora atenção concedei-me!
É incontestável que coube ao herói Menelau a vitória.
Cumpre-vos, Teucros, por isso, entregar-nos Helena e os tesouros
acrescentados de multa vultosa, que ao caso convenha,
porque a memória do feito entre as gentes vindouras se estenda.”
Isso disse ele: os guerreiros Acaios em peso o aplaudiram.

CANTO IV

A QUEBRA DO JURAMENTO E REVISTA DE AGAMÉMNONE

“Hera, na assembleia dos deuses, obtém de Zeus que a luta recomece entre Gregos e Troianos e que estes últimos paguem pela derrota de Páris. Atena desce à Terra e faz com que Pândaro, o Lício, desrespeite o juramento, acertando Menelau com uma flecha. Atena salva a vida de Menelau, que fica apenas ferido. As duas partes se preparam para a guerra e Agamémnone faz a revista de sua tropa, distribuindo elogios e reprovações. Começa uma batalha terrível, onde Ares e Apolo estão ao lado de Troia e Atena e outras divindades ao lado dos Gregos.”

Junto de Zeus, entretanto, se achavam reunidos os deuses,
no soalho de ouro sentados. De néctar enchia Hebe augusta
os copos de ouro maciço, que todos recebem, trocando
brindes corteses, enquanto a cidade de Troia admiravam.
A Hera, de súbito, o filho potente de Crono provoca,
com frase irônica, que pronunciou sem para ela virar-se:
“Ao louro filho de Atreu, Menelau, duas deusas amparam,
Hera, que em Argos cultuam, e Atena, a auxiliar poderosa.
Ambas, no entanto, a de parte ficaram, prazer encontrando

só no espetác'lo da luta. A Alexandre a risonha Afrodite
não abandona jamais, protegendo-o da lívida Morte,
tal como o fez nesse instante, ao julgar-se ele próprio perdido.
Mas é evidente que o herói Menelau alcançou a vitória.
Ora é mister refletir de que modo fazer precisamos:
se novamente devemos a guerra e as contendas funestas
encarniçar, ou se é bem que a amizade entre os povos impere.
Caso aceitemos esse último alvitre, por justo e exequível,
bem, continue povoada a cidade elevada de Príamo
e volte Helena ao poder do discípulo de Ares potente."
A essas palavras as deusas morderam os lábios com força.
Juntas se achavam, planejando a extinção dos guerreiros Troianos!
Palas Atena calada ficou, sem dizer coisa alguma,
ainda que contra Zeus pai transbordasse de raiva selvagem.
Hera, porém, explodiu sem corte o rancor do imo peito:
"Zeus prepotente, nascido de Crono, que coisa disseste?
Vãs, por acaso, desejas que fiquem, sem fruto de todo,
minhas fadigas e o suor derramado? Estafei meus cavalos
para reunir muitos povos que a Príamo e os filhos punissem.
Seja, se o queres; conquanto nós outras jamais te aprovemos."
Disse-lhe Zeus, indignado, que as nuvens no Olimpo cumula:
"Deusa implacável, que ofensa tão grave de Príamo e os filhos
te compungiu, para, assim, te afanares, com tanta insistência,
em destruir a cidade de Troia, de bela feitura?
Se conseguisses entrar a cidade potente e suas portas,
e, vivo, Príamo e os filhos e os outros Troianos comesses,
provavelmente acalmaras a fúria que o peito te abrasa.
Faze conforme o desejas; não seja esta rixa motivo
de originar-se entre nós, em futuro, discórdia insanável.
Ora outra coisa te quero dizer; guarda-a bem no imo peito:
caso me ocorra o desejo, em qualquer ocasião, de algum burgo

vir a destruir, habitado por homens, que a ti sejam caros,
deixa-me agir livremente, não quero que venhas obstar-me,
que esta consinto destruas bem contra o que eu próprio quisera.
Entre as cidades que os homens nascidos da terra construíram
sob a luz viva do Sol e as estrelas do Céu, refulgentes,
nenhuma tanto prezava como Ílio de muros sagrados,
bem como Príamo e o povo do velho monarca lanceiro.
Em meus altares jamais sacrifícios condignos faltaram,
nem libações, nem perfumes, as honras, em suma, devidas.”
Hera, a magnífica, de olhos bovinos, lhe disse, em resposta:
“Três prediletas cidades, meu peito, realmente, distingue:
Argos, Esparta e Micenas, construída com ruas muito amplas.
Todas destrói, quando odiosas, enfim, para ti se tornarem,
que não pretendo a isso opor-me, ou pedir-te, sequer, que o não faças.
Pois se, realmente, tentasse evitar que destruídas ficassem,
nada obteria, pois muito mais que eu és dotado de força.
Os meus trabalhos, contudo, não devem ficar infrutuosos.
Sou, também, deusa imortal e a ascendência que tens também tenho,
filha mais velha de Crono, deidade de mente tortuosa.
Sim, não somente por esse motivo; também por chamar-me
tua consorte e imperares em todos os deuses eternos.
Reciprocar concessões é, por isso, dever de nós ambos:
cedo-te um pouco; outro pouco me cede, que o exemplo, sem dúvida,
hão de os demais imitar. Ora cumpre que Atena despaches
para a terrível batalha dos homens Aqueus e Troianos,
porque os Troianos primeiro aos Aqueus exultantes ofendam,
com se tornarem perjuros, quebrando a aliança firmada.”
O pai dos homens e deuses de pronto aceitou esse alvitre
e, para Atena voltado, lhe disse as palavras aladas:
“Baixa, sem perda de tempo, às fileiras dos Teucros e Aquivos,
porque os Troianos primeiro aos Aqueus exultantes ofendam,

em se tornarem perjuros, quebrando a aliança firmada.”
Essas palavras a Atena ainda mais excitada deixaram;
célere baixa, passando por cima dos cumes do Olimpo.
Tal como estrela cadente, que o filho de Crono astucioso
manda, em sinal, para os nautas e os homens no campo da luta,
cheia de vivo esplendor, desferindo faúlhas inúmeras:
Palas Atena, da mesma maneira, baixou para a Terra,
em meio ao campo caindo. Tomados de espanto ficaram
os picadeiros Troianos e Aquivos de grevas bem-feitas.
Uns para os outros palavras aladas, então, pronunciaram:
“Ou vai haver, novamente, contendas funestas e guerra,
ou vai fazer Zeus potente que a paz entre todos impere,
ele que é o árbitro sumo das lutas sangrentas dos homens.”
Os Aqueus todos e os homens Troianos, desta arte, falavam.
Palas Atena, entretanto, nas filas dos Teucros penetra,
sob a figura do forte lanceiro Antenórida, Laódoco,
com a intenção de achar Pândaro, o Lício, de formas divinas.
Foi encontrar, em verdade, de pé, o notável guerreiro,
filho do forte Licáone, junto das filas dos Lícios,
que, com escudos possantes, das margens do Esepo o seguiram.
Chega-se bem para perto e lhe diz as palavras aladas:
“Pândaro, herói prudentíssimo, queres ouvir-me um conselho?
Atrever-te-ás, porventura, a atirar uma seta ligeira
em Menelau? Glória excelsa obterás e o favor dos Troianos,
mas, sobretudo, do Príncipe Páris, o divo Alexandre.
Dele, em primeiro lugar, obtiveras magníficos brindes,
se visse o filho de Atreu, Menelau, de Ares forte discípulo,
por tua seta domado, subir para a triste fogueira.
Vamos! dispara uma seta no herói Menelau valoroso,
e a Febo Apolo, o notável archeiro nascido na Lícia,
uma hecatombe promete de ovelhas de menos de um ano,

quando estiveres de novo nos muros sagrados de Zélia.”
Essas palavras de Atena suadiram o néscio guerreiro.
Sem mais demora o arco forte tomou, preparado dos chifres
de um cervo agreste e impetuoso, por ele apanhado em tocaia,
quando o ferira no esterno, ao pular de um rochedo para outro.
O coração traspassado, da pedra caiu, ressupino.
Dezesseis palmos haviam os chifres na fronte crescido,
os quais, um no outro, com muita perícia ajustou o torneiro,
para, depois, o lavrar e lhe apor o anel de ouro num lado.
O arco, com muito cuidado, no solo depôs o guerreiro,
para entesá-lo; os consócios, na frente os escudos puseram,
com a intenção de evitar que os valentes Aqueus o assaltassem
antes de ser Menelau atingido, o discípulo de Ares.
Tira, depois, do carcás, pós o haver destapado, uma seta
nova e provida de pena, fautora de dores atrozes.
Sem mais demora esse dardo amargoso na corda ele adapta
e a Febo Apolo, o notável archeiro nascido na Lícia,
uma hecatombe promete de ovelhas de menos de um ano,
quando de novo se achasse nos muros sagrados de Zélia.
Puxa a um só tempo da corda e da parte chanfrada da seta;
no peito a corda encostou, no arco a ponta aguçada do ferro.
Quando o grande arco adquiriu o feitio de um círculo grande,
forte vibrou; zune a corda possante, a silvar disparando
a flecha aguda, sedenta de voar para a turba inimiga.
Não se esqueceram de ti, Menelau, os eternos e beatos
deuses, mormente a donzela de Zeus, a imortal predadora,
que, pressurosa, de ti pôde a seta desviar aguçada.
Frustra-lhe a mira, de fato, tal como procede afetuosa
mãe afastando uma mosca do filho que dorme tranquilo,
e para o ponto a dirige em que as áureas fivelas do cinto
se superpõem, formando, desta arte, uma dupla couraça.

No cinto bem-ajustado encravou-se-lhe o dardo amargoso,
atravessando, no impulso em que vinha, sua bela textura,
bem como a forte couraça, trabalho de fino remate.
A própria malha, que o rei costumava trazer sobre o corpo
como anteparo, por certo, eficaz, foi, também, transpassada;
mas a epiderme somente esflorada ficou pelo dardo,
ainda que o sangue corresse, anegrado, do corte, então, feito.
Como se dá quando serva da Meônia, ou da Cária, de púrpura
tinge o marfim, que vai pôr, como enfeite, nas cambas de um freio,
que deixa exposto na sala a acender a cobiça de muitos
equitadores — a um rei, entretanto, é que está destinado,
para adornar-lhe o cavalo e acender o entusiasmo do auriga:
desta maneira as tuas coxas, ó herói Menelau, se tingiram
de vivo sangue, que às pernas desceu, e depois aos maléolos.
Treme de susto Agamémnone, rei de infinitos guerreiros,
ao ver o sangue de cor anegrada escorrer da ferida;
treme, também, Menelau, o discípulo de Ares potente.
Ao perceber, entretanto, que as farpas e o nervo que liga
o ferro à vara visíveis estavam, cobrou novo alento.
Entre sentido clamor dos presentes, o herói Agamémnone
a Menelau pela mão segurou, suspirando, e lhe disse:
“À Morte, assim, caro irmão, minhas juras te haviam sagrado,
ao aceitares a luta, por nós, contra os homens de Troia?
Foste por eles ferido, que, assim, as alianças violaram.
Vãs, entretanto, essas juras não foram, o sangue das vítimas,
as libações e os apertos de mão que, confiados, trocamos.
Ainda que o filho de Crono se abstenha de, agora, puni-los,
há de lhes dar o castigo adequado, mais tarde acrescido,
pois vai custar-lhes a vida e a das próprias esposas e filhos.
O coração claramente mo diz e a razão mo confirma:
há, sim, de o dia chegar de caírem os muros de Troia,

bem como Príamo e o povo do velho monarca lanceiro.
Zeus poderoso, que no éter demora, nascido de Cronos
a égide fosca há de, certo, agitar lá de cima contra eles,
vendo a traição cometida; cumprido há de ser isso tudo.
Mas grande dor, Menelau, por tua causa, meu peito angustiara,
caso o Destino fatal te atingisse, entregando-te à Morte.
A Argos sequiosa voltara coberto de eterna vergonha,
pois aos Aqueus ocorrera, de pronto, tornar para a pátria,
abandonando, aos Troianos e a Príamo, Helena, motivo
certo de toda esta guerra; teus ossos, nos campos de Troia,
hão de esfazer-se, sem teres levado até o fim essa empresa.
Há de dizer, porventura, algum Teucro de mente soberba,
a espezinhar, insultuoso, do herói Menelau o sepulcro:
‘Possa Agamémnone, em todos sempre a ira saciar deste modo,
como ao trazer para aqui seu inútil exército Aquivo,
para, depois, ser forçado a voltar para a terra da pátria
com suas naves vazias, privado do irmão valoroso!’
Que a terra vasta me suma bem antes de assim se jactarem.”
O louro herói Menelau tranquiliza-o, falando desta arte:
“Ânimo, irmão! Não consternes, sem causa, os guerreiros Aquivos.
A seta, agora, não deu em lugar perigoso, porque antes
foi pela malha detida, a couraça de aspecto brilhante
e o cinturão, que o bronzista forjou com bastante perícia.”
Disse-lhe, então, em resposta, Agamémnone, rei poderoso:
“Ó Menelau, caro irmão, oxalá seja tudo assim mesmo!
Que venha um médico, logo, explorar a ferida e cobri-la
com salutíferas drogas, que possam da dor libertar-te.”
Vira-se, então, para o arauto divino, Taltíbio, e lhe fala:
“Corre, Taltíbio, e nos traze, sem perda de tempo, Macáone,
médico irrepreensível, o filho notável de Asclépio,
para que o filho de Atreu, Menelau valoroso, examine,

que um dos archeiros de Troia, ou da Lícia, feriu, com perícia,
glória para ele, sem dúvida, mas, para nós, mágoa imensa.”
Obedeceu-lhe Taltíbio, sem perda de tempo, ao mandado,
pondo-se, logo, à procura do forte Macáone, em meio
dos esquadrões dos guerreiros Aquivos. De pé, finalmente,
entre as fileiras, o vê, dos heróis que o haviam seguido,
com seus escudos possantes, de Troia, nutriz de cavalos.
Chega-se bem para perto e lhe diz as palavras aladas:
“Corre, Asclepíade! Chama-te o grande guerreiro Agamémnone,
para que vejas o herói Menelau, chefe insigne de povos,
que um dos archeiros de Troia, ou da Lícia, feriu com perícia,
glória para ele, sem dúvida, mas, para nós, mágoa imensa.”
Essas palavras o peito abalaram do forte Macáone;
sem perder tempo, atravessa as fileiras dos homens Aquivos.
Quando, afinal, alcançou o lugar onde estava o guerreiro
filho de Atreu, vulnerado, cercado por todos os chefes,
com divinal compostura avançou para o meio do círculo.
A seta, então, sem demora, do cinto apertado retira,
ainda que as farpas agudas, quando ele puxou, se virassem.
A malha, após, retirou, a couraça de aspecto brilhante
e o cinturão que o bronzista, com muita perícia, forjara.
Pondo patente a ferida que o dardo amargoso fizera,
chupa-lhe o sangue, cobrindo-a, depois, habilmente, com bálsamo,
cujo segredo Quirão, por afeto, a seu pai ensinara.
Enquanto todos cuidavam do herói Menelau, de voz forte,
rompem a marcha os guerreiros Troianos munidos de escudos.
Os Aqueus todos às armas correram, lembrados da pugna.
Nessa ocasião não puderas tachar o divino Agamémnone
de sonolento, ou covarde, ou propenso a evitar os combates,
sim, pressuroso de entrar na batalha que aos homens dá glória.
O carro, cheio de enfeites de bronze, deixou a de parte

com seus fogosos corcéis, aos cuidados do auriga prudente,
Eurimedonte, do herói Ptolomeu Piraída nascido.
Dera-lhe o Atrida instruções de o seguir e o tomar, quando os membros
pelo cansaço, de tanto girar invadidos se vissem.
A pé, entretanto, partiu, revistando as fileiras Aquivas.
Quando encontrava guerreiros dispostos a entrar em combate,
estimulava-lhes mais, ainda, o brio, desta arte, falando:
"Não afrouxeis, homens de Argos, jamais do valor impetuoso,
que nunca Zeus poderoso se pôs dos perjuros ao lado!
Sempre tem sido repasto de cães e de abutres as carnes
tenras de quantos primeiro violaram os pactos firmados.
Quando tivermos os muros entrado, haveremos de levar-lhes
em nossas naves as caras esposas e os tenros filhinhos."
Se descuidados os via, evitando a batalha funesta,
os censurava com termos violentos, falando desta arte:
"Envergonhai-vos, Aqueus, que somente alardeais valentia!
Qual a razão por que venho encontrar-vos atônitos como
tímidas corças que param, cansadas, depois de correrem
pela planície, sem terem no peito coragem de nada?
Atarantados, assim, vos mostrais, sem entrar nos combates.
Ou, porventura, aguardais que os Troianos as naves alcancem,
largas, de boas cobertas, na praia do mar cor de cinza,
para saberdes se Zeus se compraz em a mão estender-vos?"
Desse feito, corria as fileiras dos homens Acaios.
Por entre a turba de heróis, foi bater nos Cretenses que à volta
de Idomeneu se aprestavam, guerreiro de méritos grandes.
Este se achava nas filas da frente, qual forte javardo;
a estimular as fileiras de trás se encontrava Meríones.
Vendo-os, o chefe de heróis, Agamémnone, fica exultante,
e a Idomeneu, com palavras afáveis, contente saúda:
"Idomeneu, mais que aos outros Aqueus picadores te prezo,

não só na guerra, também nos negócios à paz pertinentes
e nos banquetes magníficos, quando os Aquivos mais nobres
o vinho rútilo bebem, mesclado nas grandes crateras.
Todos os outros Aqueus, de ondulantes cabelos, recebem
a sua parte somente; teu copo, porém, sempre se acha
a transbordar, como o meu, porque possas beber à vontade.
Vamos, confirma na luta o valor que de ter te orgulhavas."
Idomeneu, chefe insigne dos homens de Creta, lhe disse:
"Filho de Atreu, Agamémnone, fiel companheiro hei de ser-te,
tal como sempre me viste e de acordo com o meu juramento.
Trata, porém, de espertar os demais combatentes Aquivos,
para que logo comece a batalha, uma vez que as sagradas
juras os Teucros violaram. A Morte a eles todos espera,
por terem sido os primeiros a os pactos violar sacrossantos."
O coração satisfeito, prossegue a revista Agamémnone,
tendo alcançado os Ajazes, depois de cortar pela turba.
Ambos se armavam, seguidos por nuvem de peões belicosos.
Tal como quando o pastor, num penedo postado, divisa
nuvem que avança do mar, pelo sopro tocada de Zéfiro,
que se lhe antolha, daquela distância, que o pez mais escura,
quando se adianta no mar, conduzindo violenta procela,
e apavorado recolhe e uma gruta o dileto rebanho:
do mesmo modo os dois fortes Ajazes, de Zeus descendentes,
densas e escuras colunas de heróis para a guerra levavam,
todos num grupo eriçado de lanças e fortes escudos.
Vendo-os, o chefe de heróis, Agamémnone, fica exultante;
e aproximando-se de ambos, palavras aladas lhes fala:
"Vós, ó notáveis Ajazes, mentores dos fortes Aquivos,
necessidade não vejo de vos excitar ou dar ordens,
pois bem sabeis ser exemplo e inflamar vossos fiéis companheiros.
Fosse do gosto de Zeus, e de Palas Atena, e de Apolo,

que pensamentos como esses em todos os peitos se achassem!
Em pouco tempo cairia a cidade potente de Príamo,
por nossos braços vencida e por nós abrasada e saqueada.”
Deixa-os, depois de os saudar, e para outras fileiras prossegue,
onde o eloquente Nestor encontrou, da cidade de Pilo,
que seus guerreiros em ordem dispunha e a lutar incitava.
Hémone, Crômio, o viril Pelagonte e o fortíssimo Biante
nessa tarefa o ajudavam, bem como o admirável Alastor.
Os cavaleiros dispunha, e os cavalos e os carros, na frente,
e a infantaria na parte de trás, numerosa e escolhida,
para servir de baluarte; os mais fracos no meio coloca,
que, a seu mau grado, se vissem forçados a entrar na batalha.
Aos que combatem de carro, primeiro instruções transmitia,
para os cavalos susterem, não fossem correr as fileiras:
“Não queira alguém, por confiar na perícia e na própria coragem,
só, das fileiras distantes, lutar contra os homens de Troia;
que não recue ninguém; facilmente seríeis vencidos.
Uso só faça da lança o guerreiro que o carro do imigo
perto do seu observar, que há de ser muito mais vantajoso.
Nossos maiores puderam entrar em cidades e muros
por terem sempre adotado essa norma, ardorosos, na luta.”
Tira da antiga experiência o saber com que inflama os seus homens.
Vendo-o, exultante se mostra Agamémnone, rei poderoso,
e, aproximando-se dele, lhe diz as palavras aladas:
“Se conservasses, ó velho, nos membros a antiga energia
e a agilidade dos joelhos, tal como a coragem conservas!
Mas a velhice, que a todos oprime, em ti pesa. Quem dera
que se passasse para outro, deixando-te moço de novo!”
Disse-lhe, então, o Gerênio Nestor, condutor de cavalos:
“Eu próprio, ó filho de Atreu, desejara de novo encontrar-me
com o vigor daquela época, quando privei da existência a

Ereutalião. Mas os deuses nem tudo aos humanos concedem.
Era, então, moço; mas ora a velhice nos ombros me pesa.
Apesar disso, estarei sempre junto dos meus cavaleiros
com minhas ordens e alvitres, que é sempre este o ofício dos velhos.
Como lanceiros, disponho os mais moços, do que eu bem mais ágeis
e que nos prélios revelam confiança na própria coragem."
O coração satisfeito, prossegue a revista Agamémnone.
O picador Menesteu foi achar, de Peteu descendente,
sempre de pé, tendo à volta os guerreiros famosos de Atenas.
Perto se achava, também, Odisseu, o guerreiro solerte,
pelas fileiras cercado dos fortes heróis Cefalênios.
Todos estavam parados; nenhum o sinal percebera,
pois as falanges dos Teucros e Aquivos somente de pouco
tinham o avanço iniciado, que a pugna encetasse. Esperavam,
por consequência, que uma outra coluna dos seus avançasse
contra os guerreiros de Troia, porque se iniciasse a peleja.
Vendo-os, com termos violentos censura-os o Atrida Agamémnone,
e, aproximando-se deles, palavras aladas profere:
"Ó filho insigne do forte Peteu, por Zeus grande nutrido,
e tu, também, caviloso e entendido em toda arte de embustes,
por que ficais a de parte, esperando que o exemplo vos deem?
O lugar que a ambos compete é na frente das filas Acaias,
no mais aceso da pugna; ali, sim, é que estar deveríeis.
Quando há banquete, sois vós os primeiros a ouvir meu convite,
sempre que festa os Aqueus para os nossos anciões preparamos.
Tendes prazer em comer nessas festas opimos assados
e de esvaziar vossos copos repletos de vinho gostoso,
e ora ficais esperando que dez esquadrões dos Aquivos
vos antecedam com o bronze cruel para a luta encetarem?"
Com torvo aspecto lhe disse, em resposta, Odisseu, o seguinte:
"Filho de Atreu, que palavras do encerro da boca soltaste?

Por que disseste que somos remissos? Por quê? Poderias,
sempre que os homens Aqueus a Ares forte nos Troas espertam,
ver, caso o queiras, é claro, e se algum interesse achas nisso,
como ante as hostes Troianas o pai de Telêmaco avança
entre os primeiros. Carecem de senso teus ditos sarcásticos.”
Logo que o Atrida notou que se tinha com ele agastado,
rindo-se a ofensa desfez, com dizer-lhe, em resposta, o seguinte:
“Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu, engenhoso,
não pretendia ofender-te, ou, sequer, ministrar-te conselhos,
pois reconheço que abrigas no peito, por tudo que é nosso,
só sentimentos benévolos; temos iguais pensamentos.
Vamos! se alguma palavra mais áspera, acaso, te disse,
resolveremos depois; que os eternos aos ventos a entreguem.”
Deixa-o, depois de falar, e para outras fileiras prossegue.
O valoroso Diomedes achou, de Tideu descendente,
de pé, no sólido carro puxado por lindos ginetes,
os quais Esténelo, o filho do herói Capaneu, refreava.
Vendo-o, com termos violentos censura-o o Atrida Agamémnone,
e, aproximando-se dele, palavras aladas profere:
“Filho do grande Tideu domador de cavalos, que espias?
Por que motivo examinas, desta arte os caminhos franqueáveis?
Não costumava Tideu trepidar, por maneira nenhuma;
sim, motivo adiante de seus companheiros, o inimigo enfrentava.
É o que me dizem os homens que o viram lutar; que eu, de fato,
nunca ante os olhos o tive; era sempre entre os seus o primeiro.
De certa vez — como amigo, porém — em Micenas esteve
com Polinice divino, com o fim de reunir companheiros,
pois nesse tempo cercavam os muros sagrados de Tebas.
Muito insistiram porque lhe arranjassem prestantes aliados.
Os de Micenas queriam o auxílio impetrado ceder-lhe;
mas com funestros presságios faz Zeus que mudassem de intento.

Ao retornarem, porém, perfazendo o caminho de volta,
quando alcançaram o Asopo de juncos e prados ervosos,
de embaixador foi mandado Tideu pelos homens de Acaia.
Obedeceu-lhes Tideu, tendo achado Cadmeios inúmeros
dentro da casa de Etéocles forte, num lauto banquete.
Ainda que fosse estrangeiro no meio de tantos Cadmeios,
o domador de cavalos, Tideu, não ficou perturbado,
sim, desafiando-os, a todos venceu em diversos torneios
mui facilmente, que Atena o amparava por modo eficiente.
Os picadeiros Cadmeios ficaram, com isso, indignados,
e cinquenta homens, quando ele voltava, em cilada puseram,
num grupo só, comandados por dois distinguidos guerreiros,
Méone, de Hémone filho, no porte semelho a um dos deuses,
e Polifonte Autofônio, de nome entre os seus, excelente.
Ignominioso destino, contudo, Tideu soube dar-lhes;
a todos eles matou, consentindo que Méone, apenas,
vivo pudesse voltar, acatando sinais dos eternos.
Tal foi o Etólio Tideu; mas a um filho gerou bem somenos
nas conjunturas da guerra, se bem que orador excelente.”
Nada lhe disse em resposta Diomedes, o forte guerreiro,
mas suportou com respeito a censura do rei venerando.
O filho, entanto, do herói Capaneu, lhe retruca o seguinte:
“Conscientemente, Agamémnone, torces os fatos verídicos.
Temos orgulho de ser mais prestantes que os nossos maiores.
De sete portas, foi Tebas por nós facilmente expugnada,
com pouca gente, lançada de encontro às possantes muralhas,
pois nos sinais dos eternos confiamos e em Zeus poderoso,
ao passo que eles morreram por ímpios se terem mostrado.
Não queiras, pois, comparar à dos nossos avós nossa glória.”
Com os olhos fixos no chão o adverte o possante Diomedes:
“Cala-te, Esténelo; fica quieto e obedece ao que digo.

De forma alguma censuro Agamémnone, rei poderoso,
por exortar para a luta os Aquivos de grevas bem-feitas.
Dele será toda a glória se os fortes Acaios entrarem
os muros de Ílio sagrada, vencendo os guerreiros Troianos;
mas dele o opróbrio, também, se os Aquivos vencidos ficamos.
Vamos, pensemos, agora, no ardor impetuoso da guerra."
Ao dizer isso, do carro pulou, sem que as armas soltasse.
Tão rijamente soava no peito do herói a armadura,
quando marchava, que até nos mais fortes pavor causaria.
Tal como quando na praia do mar ressoante se elevam
ondas frequentes, movidas da força impetuosa de Zéfiro:
primeiramente, a distância elas se alçam; depois, impetuosas,
com grande estrondo se quebram na praia, encurvando-se à volta
dos promontórios, e espuma salgada nas margens atiram:
por esse modo esquadrões sucessivos os Dânaos moviam
para os combates, sem pausa, guiados, cada um, por um chefe,
que ordens transmite; os guerreiros, calados, os seguem; difícil
fora saberdes se aquilo era exército de homens em marcha,
de voz dotado. Nenhum som se ouvia, que aos chefes temiam.
Com o movimento da marcha refulge a armadura variada.
Os picadeiros Troianos, da mesma maneira que ovelhas,
balam, sem pausa, no estábulo de homens de muitos haveres,
quando ordenhadas vão ser, ao ouvirem a voz dos cordeiros:
por todo o exército de Ílio a chamada os guerreiros repetem.
Não era idêntico o acento; a palavra, também, diferia;
línguas diversas falavam, pois vinham de troncos variados.
Estimulava a uns, Atena; a outros, Ares, o deus poderoso,
pelo Terror secundados, e a Fuga, e a Discórdia insaciável,
a companheira e irmã de Ares, que dele jamais se despega,
e que, ao passar pela terra, mal se ergue, a princípio, do solo,
indo, porém, logo após, entestar com o Céu estrelado.

O Ódio semeava exicial pelo meio da turba guerreira,
multiplicando, por onde passava, os gemidos dos homens.
Quando os imigos exércitos vieram, num ponto, a encontrar-se,
lanças e escudos se chocam, bem como a coragem dos homens
com armaduras de bronze; broquéis abaulados se chocam
uns contra os outros; estrépito enorme se eleva da pugna.
Dos vencedores os gritos de júbilo se ouvem e as queixas
dos que tombavam vencidos; de sangue se encharca o chão duro.
Como dois rios, oriundos de um grande degelo dos montes,
numa bacia, somente, o volume das águas despejam,
para reuni-las, depois, nas entranhas do côncavo abismo,
de onde o barulho vai longe, ao pastor, que num monte se encontra:
tal era a grita e o trabalho dos dois combatentes exércitos.
Foi o primeiro a prostrar a um dos Troas guerreiros Antíloco,
que, na vanguarda, a Equepolo matou, de Talísio nascido.
Na crista do elmo ondulante certeira pancada lhe assesta,
que fez o crânio partir-se-lhe, entrando até o cérebro a ponta
aênea da lança potente; cobriram-lhe as trevas os olhos.
Como se efunde uma torre, tombou na batalha terrível.
No mesmo instante o puxou pelos pés Elefénor, gerado
por Calcodonte, magnânimo chefe dos fortes Abantes,
para tirá-lo do alcance dos dardos, e, mais facilmente,
o despojar da armadura; contudo, a intenção foi fugace,
pois Agenor, de alma nobre, notou que, ao querer debruçar-se
sobre o cadáver, o escudo um dos flancos deixara visível:
fere-o com a ponta de bronze, solvendo-lhe a força dos joelhos.
A alma o deixou; em redor ainda mais se incrementa a batalha,
entre os guerreiros Troianos e os fortes Aqueus; como lobos
uns contra os outros se atiram, travando-se luta corpórea.
O grande Ajaz Telamônio feriu a Simoésio florente,
o Antemiônio garboso, que a mãe deu à luz junto à margem

do Simoente, num dia em que fora com os pais do monte Ida
para ajudá-los no afã de vigiar os vistosos rebanhos.
Daí lhe chamaram Simoésio: aos pais não lhe foi, pois, possível
retribuir os cuidados na curta existência que teve,
pois deveria cair sob a lança de Ajaz de alma grande.
Quando avançava na frente, o feriu junto ao seio direito
o Telamônio, na espádua sair indo a lança de bronze.
Ei-lo que tomba na poeira, tal como se abate um grande álamo,
que se criara e crescera na beira de um lago espaçoso,
de tronco liso, que em ramos inúmeros no alto se alarga.
O carpinteiro, depois, a estes corta com ferro brilhante,
para dobrá-los em rodas de um carro de bela feitura;
o tronco, entanto, na margem do lago a secar é deixado:
por esse modo despoja das armas ao filho de Antêmio,
o Telamônio. Entrementes, um Teucro de bela armadura,
Ántifo, filho de Príamo, a lança ligeiro lhe atira,
sem que o atingisse, no entanto, que a Leuco acertou na virilha,
Leuco, do herói Odisseu companheiro, que a um morto arrastava:
das mãos o solta, sobre ele caindo de braços abertos.
Vendo sem vida tombar, assim, Leuco, Odisseu, indignado,
corta através das primeiras fileiras, em bronze envolvido;
para defronte do imigo, examina em redor, e desfere
a lança aênea pontuda; abaixaram-se os homens Troianos
ante o disparo do herói; mas frustrâneo não foi este golpe,
pois atingiu um bastardo de Príamo, o herói Democoonte,
que, recém-vindo de Abido, deixara seus belos cavalos.
Enraivecido Odisseu por motivo da morte do amigo,
na fronte a lança lhe acerta, saindo-lhe a ponta de bronze
no lado oposto da testa. Cobriram-lhe as trevas os olhos.
Com grande estrondo caiu, ressoando-lhe em torno a armadura.
Os combatentes da frente recuaram e Heitor esplendente.

Grita os Argivos elevam; os mortos do campo retiram,
e, denodados, avançam. Indigna-se Apolo frecheiro,
que das alturas do Pérgamo olhava, e gritou aos Troianos:
"Ânimo, Teutros valentes; deveis enfrentar os Aquivos,
pois nenhum deles tem corpo de ferro ou de pedra, que nada
possa ceder, ao tocar-lhes a fúria do bronze cortante.
Não mais o filho de Tétis, Aquiles, com eles se encontra,
sim, ruminando nas tendas a bile que o peito lhe amarga."
Do alto dos muros, Apolo terrível procura inflamá-los;
a Tritogênia, no entanto, as fileiras corria, incitando
para o combate os Acaios que via indecisos ou fracos.
Diores, o filho do herói Amaríncio, foi presa do Fado.
No tornozelo da perna direita se viu atingido
por uma pedra pontuda que o Imbrásida Píroo atirou-lhe,
chefe dos homens da Trácia, que de Eno chegara de pouco.
Os tendões ambos e os ossos a pedra angulosa de todo
esmigalhou; cai de costas na areia, e a vida ali deixa,
quando ainda, súplice, os braços tentava soerguer para os sócios
fiéis companheiros. Mas Píroo, que o tinha ferido, saltando,
junto do umbigo lhe a lança enterrou; pelo solo derramam-se
os intestinos; cobriram-lhe as trevas os olhos brilhantes.
Mas, ao recuar, Píroo foi atacado por Toante da Etólia,
junto ao seio, com fúria, indo o bronze o pulmão alcançar-lhe.
Aproximando-se dele, o guerreiro da Etólia arrancou-lhe
do peito a lança; em seguida, sacando da espada cortante,
fere-lhe o ventre, com o que, mais depressa, o privou da existência.
Mas espoliá-lo não pôde que os sócios da Trácia, de tufos
no alto do crânio, o cercaram, armados de lanças compridas,
os quais, conquanto soberbo e de grande estatura ele fosse,
o repeliram dali. Cede à força do número toante.
Dessa maneira ficaram deitados na poeira os dois chefes,

um, dos guerreiros Epeios de vestes de bronze; outro, Trácio.
À volta de ambos inúmeros outros heróis pereceram.
De forma alguma dissera tratar-se de feitos somenos
quem, sem se ver atingido por golpes do bronze cortante,
atravessasse a batalha levado por Palas Atena,
que, pela mão segurando-o, o livrasse da fúria dos dardos,
pois numerosos guerreiros Troianos e Acaios naquele
dia se achavam sem vida na poeira, uns ao lado dos outros.

CANTO V

OS FEITOS HEROICOS DE DIOMEDES (ARISTIA DE DIOMEDES)

“Atena convence Ares a abandonar a guerra aos homens, e, assim, os Gregos sobrepujam os Troianos. Diomedes, ferido por Pândaro, e protegido por Palas Atena, se sobressai ainda mais. Lutando com Pândaro e Eneias, mata o primeiro e quase mata o segundo, que é salvo por Afrodite. No entanto, Diomedes fere a própria Afrodite. Apolo cura Eneias e Ares volta ao combate, reanimando os Troianos. Os Gregos começam a perder e Hera e Atenas os ajudam. Diomedes, ajudado por Atena, fere o próprio Ares, que vai ao Olimpo reclamar com Zeus da ousadia de Diomedes.”

Palas Atena, a donzela de Zeus, em Diomedes infunde
força e coragem sem-par, para que entre os Argivos pudesse
sobressair mais que todos e glória imortal conquistasse.
Inextinguível luzeiro faz do elmo surgir e do escudo,
de brilho igual ao da estrela que, mais do que as outras, no outono
incontrastável esplende, depois de banhar-se no oceano:
com tal fulgor ao redor da cabeça e das largas espáduas,
faz ela o herói avançar para o ponto mais denso da pugna.
Certo Darete vivia entre os Teucros, em muita abastança,

ínclito antiste de Hefesto: dois filhos distintos possuía,
que eram: Ideu e Fegeu, mestres, ambos, nas artes da guerra.
Estes, que estavam de carro, adiantaram-se dos companheiros
na direção de Diomedes, que, a pé, sobre o solo, avançava.
Quando, desta arte, um para o outro avançando, mais perto ficaram,
joga, primeiro, Fegeu a sua lança de sombra comprida.
Pelo ombro esquerdo do grande Tidida a hasta longa e pontuda,
sem o tocar, perpassou. Por sua vez, joga o bronze Diomedes,
com força ingente, sem que lhe partisse da mão, frustra, a lança,
pois bem no peito o inimigo atingiu, derrubando-o do carro.
Rapidamente, Ideu salta, largando o belíssimo carro,
sem ter coragem de junto do corpo do irmão vir postar-se.
Ele também deveria ser presa da lívida Morte;
mas por Hefesto foi salvo, que logo o envolveu num nevoeiro,
para que o velho abatido não fosse por dor excessiva.
Apoderou-se Diomedes dos belos cavalos, passando-os
aos companheiros, que os fossem levar para as côncavas naves.
Ao perceberem os Teucros a um filho do claro Darete
junto do carro, sem vida, enquanto o outro escapara, fugindo,
cheios de medo ficaram. Tomando da mão de Ares forte,
a de olhos glaucos, Atena, lhe disse as palavras aladas:
"Ares guerreiro, dos homens flagelo, eversor de cidades,
não nos seria possível deixar que os Troianos e Aquivos
digladiassem, té vermos a quem Zeus concede a vitória?
Nós a de parte fiquemos, a Zeus não façamos ofensa."
A Ares terrível, então, retirou da batalha sangrenta,
e o fez sentar-se num alto da margem do rio Escamandro.
Cedem os Troas aos homens Aqueus; cada herói põe por terra
um inimigo. Primeiro de todos, o Atrida Agamémnone
dos Halizônios o príncipe, Odio, derruba do carro;
quando tentava fugir, atirou-lhe, nas costas, a lança,

entre as espáduas, no peito saindo-lhe a ponta aguçada.
Com grande estrondo caiu, ressoando-lhe em torno a armadura.
Idomeneu mata a Festo, Meônio, nascido de Boro,
que, havia pouco, chegara de Tarne, de solo ubertoso.
Quando tentava subir para o carro, o famoso lanceiro
Idomeneu o feriu no ombro esquerdo com a lança comprida:
precipitou-se do carro; envolveu-o caligem sinistra.
Pelos criados do herói, da armadura foi logo despido.
Ao caçador mui famoso, Escamândrio, nascido de Estrófio,
com a sua lança fraxínea, também, Menelau pôs por terra.
Era excelente mateiro, que fora instruído por Ártemis
na arte de as feras caçar, que nas abas dos montes vagueiam.
Mas, desta vez, nem a deusa frecheira lhe foi de vantagem,
nem a perícia de exímio frecheiro que tanto o exaltava,
pois o nascido de Atreu, Menelau, mui famoso lanceiro,
quando tentava fugir, o atingiu com a lança, nas costas,
entre as espáduas, no peito saindo-lhe a ponta aguçada.
Tomba no solo, de bruços, ressoando-lhe em torno a armadura.
Foi por Meríones morto o nascido de Téctone Harmônida,
Féreclo, em todas as artes manuais mui notável artífice.
A de olhos glaucos, Atena, especial afeição lhe dicava.
O fabricante ele fora das naves de Páris simétricas,
que tinham sido o princípio da grande desgraça dos Teucros
e dele próprio, por ter desprezado os orác’los divinos.
Tendo Meríones saído no encalço de Féreclo exímio,
fere-o do lado direito, na nádega; a ponta da lança
veio sair sob o pube, depois de passar a bexiga.
Cheio de dor ajoelhou-se, envolvendo-o a caligem da Morte.
Mata Megete ao guerreiro Pedeu, de Antenor descendente.
Em que bastardo ele fosse, a divina Teano o criara
sem distinção de seus filhos, a fim de agradar ao marido.

O valoroso Filida no encalço lhe foi, enterrando-lhe
a lança aênea bem no alto da nuca, de forma que a ponta
veio sair pelo meio dos dentes, cortando-lhe a língua.
O frio bronze entre os dentes aperta, ao tombar na poeira.
O nobre Eurípilo, filho de Evémone, prostra sem vida
ao forte Ipsénor, antiste do rio Escamandro; acatava-o
como a um dos deuses, o povo; do estulto Dolópio era filho.
A esse, o notável Eurípilo, filho de Evémone claro,
quando tentava fugir, alcançou, para um golpe atirar-lhe
no ombro, com a espada cortante, cerceando-lhe o braço pesado,
que pelo chão foi rolando, vermelho de sangue. Apodera-se-lhe
a Morte rubra dos olhos, cedendo-o ao Destino implacável.
Por esse modo, eles todos, no prélio terrível, lutavam.
Não poderíeis dizer se o Tidida se achava do lado
dos picadores de Troia ou dos nobres Aquivos guerreiros.
Corta, furioso, através da planície, tal como corrente
pelo degelo engrossado, que pontes arrasta, precípite;
os próprios diques, construídos em fila, não podem retê-la,
nem mesmo os valos à volta dos campos cobertos de flores,
quando impetuosa extravasa no tempo em que Zeus manda as chuvas,
a destruir as lavouras formosas dos homens industres:
as densas turmas Troianas, assim, pelo forte Diomedes
eram desfeitas; ainda que muitas, cediam-lhe ao ímpeto.
Logo que o viu o rebento notável do herói Licaônio,
enfurecido, no campo, e, dispersas, as Teucras falanges,
o arco recurvo, depressa, ajeitou contra o bravo Tidida,
no ombro direito atingindo-o, ao saltar para a frente, impetuoso.
A seta amarga passou pelo cavo da coura, indo a ponta
do lado oposto sair; a couraça tingiu-se de sangue.
Grita, exultante, o belíssimo filho do heroico Licáone:
“Ora avançai, impertérritos Troas, valentes ginetes,

pois já se encontra ferido o melhor dos Aqueus; muito tempo
não poderá resistir ao poder do meu dardo, se é fato
que foi o filho de Zeus quem me fez vir da Lícia querida.”
Por esse modo, exultava. Diomedes, porém, não caíra;
sim, recuando para onde os cavalos e o carro se achavam,
diz para Esténelo, o filho do herói Capaneu preclaríssimo:
“Filho do herói Capaneu, caro Esténelo, desce do carro,
para que a seta amargosa consigas tirar-me da espádua.”
Isso disse ele; do carro pulou, para a terra, o guerreiro,
e, logo, o dardo arrancou, que se achava encravado na espádua.
Sangue jorrou da ferida, banhando-lhe as malhas da túnica.
Súplice, então, o Tidida, de voz retumbante, suplica:
“Ouve-me, Atena, donzela indomável de Zeus poderoso!
Se hás, em verdade, ajudado a meu pai nas batalhas cruentas,
mostra-te — ó deusa — também generosa no transe em que me acho.
Faze que com minha lança consiga atingir o indivíduo
que me asseteou em primeiro lugar e, ora, ufano, assevera
que a luz fulgente do sol eu não hei de gozar muito tempo.”
A fervorosa oração foi ouvida por Palas Atena;
leves lhe torna ela os membros, os braços e as pernas robustas,
e, ao lado dele se pondo, lhe disse as palavras aladas:
“Podes, com todo o teu brio, lutar com os Troianos, Diomedes,
pois no imo peito te faço nascer a indomável coragem,
própria do grande Tideu picador, quando o escudo vibrava.
Vou desfazer a caligem que os olhos brilhantes te cobre,
que distinguir, facilmente, consigas os deuses e os homens.
Não te aventures, jamais, a lutar contra os deuses eternos,
caso te venha tentar algum nume do Olimpo elevado;
contra nenhum; mas se a filha de Zeus poderoso, Afrodite,
se aventurar a lutar, então fere-a com o bronze afiado.”
A de olhos glaucos, Atena, afastou-se ao dizer tais palavras.

Mais uma vez, o Tidida voltou para as linhas de frente.
Se antes já ardia em desejos de aos Teucros vencer nos combates,
três vezes mais ardoroso se achava. Um leão parecia,
a que o pastor, que se encontra de guarda às lanzudas ovelhas,
fere, ao querer escalar o curral, sem, contudo, prostrá-lo,
só conseguindo espertar-lhe a coragem. Sem ter mais defesa,
corre o pastor a esconder-se no estáb'lo, largando o rebanho;
apavoradas, comprimem-se a um canto as balantes ovelhas.
A fera, entanto, furiosa, o redil abandona, de um salto:
com igual fúria, o Tidida as fileiras Troianas penetra.
Logo de início, ali prostra os caudilhos Hipírone e Astínoo,
a hasta de bronze, potente, encravando no peito deste último,
e no ombro do outro assestando, bem junto à clavícula, um golpe
com a espada, que a um tempo o apartou do pescoço e das costas.
Deixa-os, saindo, depois, à procura de Abante e Políido,
de Euridamante nascidos, intérprete exímio de sonhos,
que não lhes fez vaticínio nenhum, quando foi da partida.
A ambos, Diomedes, o forte, despiu da bonita armadura.
Contra os irmãos Xanto e Tóone, após, arremete, de Fénopo
ambos nascidos, na extrema velhice; acabrunha-se o velho
por não ter tido outro filho a quem possa deixar seus haveres.
A ambos Diomedes privou da armadura e da vida preciosa,
ao pai deixando tristezas, somente, e suspiros magoados,
por não os ter acolhido com vida, de volta da guerra.
Pelos parentes remotos seus bens divididos ficaram.
Dá, logo após, com dois filhos de Príamo, o neto de Dárdano,
que num só carro se achavam, Equéfronte e Crômio galhardos.
Tal como um leão que se atira no meio do gado que pasta
no prado ervoso, e espedaça a cerviz de um bezerro ou de um touro,
a ambos, assim, o Tidida, do carro arrancou com violência,
por vergonhosa maneira, espoliando-os das armas preciosas.

Aos companheiros deu ordens que às naus os cavalos levassem.
Foi por Eneias notado como ele as fileiras destruía;
corta o guerreiro a batalha, onde as lanças, mais densas, se agitam,
com a intenção de achar Pândaro, o Lício de formas divinas.
Ao belo filho do heroico Licáone achou, finalmente;
para defronte do herói, e lhe diz as seguintes palavras:
"Pândaro, acaso perdeste teu arco, tuas setas aladas
e tua fama sem-par, que nenhum dos Troianos contesta?
Nem mesmo os Lícios guerreiros presumem que possam vencer-te.
Vamos, eleva teus braços a Zeus e dispara uma seta
contra o varão destemido que tanta desgraça nos causa,
com dissolver o vigor de tão nobres e fortes Troianos.
Temo que seja um dos deuses que se ache zangado, por termos
com sacrifícios faltado; é terrível de um deus, sempre, a cólera."
Disse-lhe o filho do heroico Licáone, então, o seguinte:
"Príncipe Eneias, mentor dos Troianos de vestes de bronze,
os sinais todos me dizem tratar-se do grande Tidida;
sim, pelo escudo o conheço, pelo elmo de quatro saliências,
e pelos próprios cavalos. Ao certo não sei se é um dos deuses.
Se se tratar de um varão, como penso, o prudente Diomedes,
não sem o auxílio de um deus tantas coisas comete, que se acha
perto do herói, escondido, sem dúvida, em névoa densíssima,
e que de pouco o livrou de uma seta que o havia tocado.
Já lhe mandei uma seta amargosa, que foi atingi-lo
no ombro direito, furando a couraça na chapa escavada.
Já me gloriava de o haver enviado para o Hades sombrio,
mas foi baldada esperança; é-me hostil um dos deuses, sem dúvida.
Não tenho aqui nem cavalos nem carros, que possam servir-me;
onze, no entanto, se encontram na casa do heroico Licáone,
todos construídos de pouco, sem uso nenhum, protegidos
por belas mantas, com uma parelha, cada um, de cavalos,

que de centeio e de espelta, com muito regalo, se nutrem.
Bem que Licáone, o velho guerreiro, comigo instou muito,
recomendando insistente, ao me vir do palácio bem-feito,
para que carros trouxesse e cavalos possantes, e o mando
dos picadores Troianos houvesse de ter nas batalhas.
Mas não lhe quis aceitar o conselho — quão útil me fora! —,
porque poupasse os cavalos, com bom tratamento habituados,
pelo receio de vir a faltar-lhes forragem no assédio.
Por isso tudo os deixei, tendo vindo de pé para Troia,
no arco, somente, confiando, que inútil, aliás, me seria.
Já disparei duas vezes, visando excelentes guerreiros,
o louro Atrida e Diomedes, e de ambas, com toda certeza,
vi correr sangue; no entanto, só pude, ainda mais, excitá-los.
Foi em má hora que o arco do gancho tirei, por sem dúvida,
quando pensei em trazer para Troia os meus Lícios valentes,
a fim de a Heitor, o guerreiro divino, agradável mostrar-me.
Mas se algum dia eu voltar para a terra dos meus ascendentes,
e contemplar, novamente, a querida consorte e o palácio,
pode qualquer estrangeiro a cabeça dos ombros cortar-me,
se não jogar ali mesmo, nas chamas, este arco, após tê-lo
feito em pedaços. Bem má companhia me fez até agora.”
Disse-lhe Eneias, o chefe dos Teucros, então, em resposta:
“Não continues assim, que tudo isto alterar não se pode,
sem que nós dois para o carro subamos e contra aquele homem
nos decidamos a ir, para as armas com as dele medirmos.
Vem para cá, porque vejas, alfim, como são excelentes
estes cavalos de Trós, que tão rápidos correm no plaino,
quer quando cumpre fugir, quer no encalço do imigo ligeiro.
Ainda que Zeus a Diomedes de glória cobrir determine
mais uma vez, hão de aos muros de Troia levar-nos incólumes.
Faze uso, tu, do chicote e das rédeas de bela feitura,

que eu descerei para a pé, facilmente, of’recer-lhe combate;
ou, se o preferes, enfrenta-o, ficando a meu cargo os cavalos.”
Disse-lhe o filho do heroico Licáone, então, o seguinte:
“É preferível, Eneias, que as rédeas dirijas e os brutos,
que, sob o auriga habitual, puxarão mais velozes o carro
curvo, no caso de ser necessário fugir de Diomedes.
Temo que possam a voz estranhar e, sentindo tua falta,
não nos retirem, com tempo, da luta, tomados de espanto.
Fora, então, fácil saltar contra nós o Tidida magnânimo
e nos privar da existência, ficando com os dois corredores.
Guia tu próprio os cavalos e o carro recurvo; pertencem-te.
Com minha lança aguçada hei de o embate iminente amparar-lhe.”
Sobem, depois de falar, para o carro variado, e os cavalos
guiam, sequiosos de a pugna encetar contra o grande Tidida.
Viu-os Esténelo, o filho do herói Capaneu preclaríssimo;
para Diomedes virando-se, diz-lhe as palavras aladas:
“Ó claro filho do grande Tideu, diletíssimo amigo,
dois inimigos percebo, que vêm contra ti, denodados,
ambos de força infinita: um, frecheiro de fama inconcussa,
Pândaro, que se gloria de ser filho do heroico Licáone;
o outro é o notável Eneias, que tem grande orgulho em chamar-se
filho de Anquises guerreiro e da deusa imortal Afrodite.
Sobe, também, para o carro; fujamos; se, a pé, continuas
a na vanguarda te expor, é certeza perderes a vida.”
Com torvo olhar lhe responde Diomedes, o forte guerreiro:
“Fuga? Presumes que possa deixar-me suadir porventura?
Não se coaduna com minha coragem fugir do inimigo,
ou trepidar; o consueto vigor ainda tenho no peito.
Peja-me de ter de subir para o carro; tão só, como me acho,
hei de enfrentá-los, que Palas Atena tremer não me deixa.
Dificilmente a eles dois poderão conduzir para longe

os corredores velozes, embora escapar um consiga.
Ora uma coisa te vou revelar, guarda-a bem no imo peito:
caso a imortal de prudentes conselhos, Atena, essa glória
me conceder, de tirar-lhes a vida, detém aqui mesmo
os corredores, e prende, puxando-as, as rédeas no carro.
Que não te esqueça, depois, aos cavalos de Eneias lançar-te
e para o campo dos fortes Acaios grevados tocá-los,
que eles provêm dos cavalos que Zeus deu a Trós como paga
de Ganimedes, seu filho, os melhores, sem dúvida alguma,
de quantos já contemplaram os raios do Sol ou da Aurora.
Sem Laomedonte saber, pôde Anquises, senhor de guerreiros,
a raça deles roubar, conseguindo que os mesmos cobrissem
seis éguas suas, que número igual lhe pariram de potros.
Desses, nos próprios estábulos, quatro criou com carinho;
os outros dois deu a Eneias; semeiam terror nas batalhas.
Grande será nossa glória se, acaso, pudermos tomá-los.”
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos trocavam.
Eis que os velozes corcéis para perto os imigos trouxeram.
Foi o primeiro a falar o nascido do heroico Licáone:
“Filho prudente do forte Tideu, corajoso guerreiro,
já que meu dardo amargoso não pôde, de fato, prostrar-te,
exp’rimentemos a lança; vejamos se posso atingir-te.”
Tendo isso dito, atirou-lhe a sua lança de sombra comprida.
Esta, no escudo bateu do Tidida, de forma que a ponta
brônzea passou-lhe a defesa e na coura, afinal, encravou-se.
O claro filho do heroico Licáone exclama com júbilo:
“Foste ferido na ilharga! Não hás de of’recer resistência
por muito tempo; este feito vai dar glória imensa ao meu nome.”
Sem mostrar medo, lhe disse, em resposta, o robusto Diomedes:
“Não me feriste; ainda erraste. Mas não cessareis, vejo-o agora,
de importunar, antes de um, pelo menos, cair no chão duro,

para, com o sangue, a Ares forte saciar, o guerreiro potente.”
A lança atira-lhe, então, que, por Palas Atena guiada,
foi atingir-lhe o nariz, junto aos olhos, quebrando-lhe os dentes.
A língua, o duro farpão, na raiz também corta, indo a ponta
aparecer, novamente, na parte inferior da mandíbula.
Tomba do carro, de bruços, ressoando-lhe em torno a armadura
cheia de brilho e vistosa; assustados, os dois corredores
saltam de lado; a alma e a força abandonam-lhe o corpo, ali mesmo.
Para evitar que os Aquivos as armas do morto pilhassem,
com lança e escudo saltou, logo, Eneias do carro bem-feito,
e, como leão que na força confia, ao redor do cadáver
pôs-se a girar, protegendo-o com a lança e o broquel bem redondo,
com grandes gritos de morte ameaçando os imigos que ousavam
aproximar-se do corpo. O Tidida, no entanto, uma pedra
nas mãos tomou — grande empresa que dois dos guerreiros de agora
mal abalar poderiam; sozinho a atirou, facilmente,
indo atingir o guerreiro, nascido de Anquises, no ponto
justo — de nome acetáb’lo — em que o fêmur se encaixa na pelve,
que estraçalhado ficou juntamente com os dois tendões fortes.
A áspera pedra a epiderme rasgou; cai o herói de joelhos,
mas ainda assim, contra o solo apoiou-se com ambas as mãos.
Cobre-lhe os olhos brilhantes, depressa, a caligem da Noite.
E o chefe de homens, Eneias, talvez perecesse ali mesmo,
se o não tivesse notado Afrodite, de Zeus a donzela,
mãe carinhosa, que o havia de Anquises, pastor, concebido.
Os braços níveos lançou, logo, à volta do filho querido,
numa das dobras do manto luzente envolvendo-lhe o corpo,
que lhe servisse de amparo, se, acaso, um dos Dânaos tentasse
a arma aguçada no peito enterrar-lhe, arrancando-lhe a vida.
Enquanto o filho, desta arte, Afrodite da pugna afastava,
lembram a Esténelo, o filho do herói Capaneu, as precisas

indicações que lhe dera Diomedes, de voz retumbante.
Os corredores detém, apartados do prélio terrível;
no parapeito do carro, puxando-as, as rédeas amarra,
salta aos cavalos de Eneias, de crina vistosa e tratada,
e para o campo os tocou dos guerreiros Aquivos grevados,
onde a Deípilo os deu, o fiel companheiro, que tanto
entre os equevos, prezava, por serem de iguais pensamentos
para que às côncavas naus os levasse. Depois, pressuroso,
torna a subir para o carro, das rédeas nitentes retoma
e os corredores fustiga, de cascos robustos, que partem
na direção de Diomedes. A Cípria, com bronze impiedoso,
era seguida por este, que vira ser deusa indefesa,
bem diferente das outras que os prélios dos homens frequentam,
tal como Palas Atena ou Enió, eversora de muros.
Quando, afinal, a alcançou pelo meio dos fortes guerreiros,
pula o magnânimo filho do grande Tideu para a frente,
e a extremidade da mão delicada, com a lança pontuda,
fere de leve. Foi fácil ao bronze riscar a epiderme,
pós ter o manto divino, que as Graças teceram, rasgado,
junto ao punho. Escorreu, logo, o icor imortal da deidade,
sangue que corre nas veias de todos os deuses eternos.
Não se alimentam de pão; roxo vinho não bebem; por isso
sangue não têm, como os homens, que deuses eternos lhe chamam.
Um grito solta Afrodite, deixando cair logo o filho.
No mesmo instante, as mãos ambas Apolo estendeu, envolvendo-o
em nuvem negra, com o fim de evitar que algum Dânao tentasse
a arma aguçada no peito enterrar-lhe, arrancando-lhe a vida.
Em altos brados lhe disse Diomedes, de voz retumbante:
“Filha de Zeus poderoso, conserva-te longe da luta.
Ou seduzir não te basta mulheres privadas de força?
Se ainda sentires desejo de ver um combate de perto,

creio que só o nome ‘guerra’ há de grande pavor inspirar-te.”
Atormentada, Afrodite, enquanto ele falava, afastou-se.
Íris, veloz como o vento, a envolveu, retirando-a do prélio,
mesta e gemente, murchada as cores da cute famosa.
No lado esquerdo do campo da luta encontrou Ares forte,
que numa nuvem a lança e os velozes corcéis apoiara.
A bela deusa, enlaçando-se aos joelhos do irmão diletíssimo,
pede, com súplica instante, os corcéis de frontal de ouro fino:
“Mano querido, protege-me, empresta-me teus corredores,
para que o Olimpo consiga alcançar, sede augusta dos deuses.
Dói-me a ferida que um homem mortal me causou há momentos,
o filho, sim, de Tideu, que até ao próprio Zeus pai se atrevera.”
Ares, sem mora, lhe entrega os corcéis de frontal de ouro fino.
O coração angustiado, subiu para o carro Afrodite;
Íris sentou-se-lhe ao lado, tomando nas mãos, logo, as rédeas;
com chicotada os cavalos esperta, que partem velozes.
Em pouco tempo ao Olimpo chegaram, sede alta dos deuses,
Íris, veloz como o vento, refreia os fogosos ginetes,
tira-os do carro esplendente e lhes deita alimento ambrosíaco.
Corre a acolher-se a divina Afrodite ao regaço de Dione.
Toda desvelos, a mãe carinhosa nos braços a ampara
e, acariciando-a, lhe diz as seguintes palavras aladas:
“Qual das deidades urânias te fez esse dano, querida,
como se à vista de todos houvesses um mal praticado?”
Disse-lhe a deusa dos risos amante, Afrodite, em resposta:
“Foi o arrogante Diomedes, do grande Tideu descendente,
por ter querido livrar a meu filho do prélio funesto,
meu caro Eneias, a quem especial afeição diquei sempre.
Não se restringe aos Troianos e Aquivos a guerra, somente;
té contra os deuses eternos os Dânaos, agora, se atrevem.”
Disse-lhe Dione, a imortal admirável, então, em resposta:

“Ainda que muito te aflija, querida, suporta paciente.
Que de aflições indizíveis, os deuses, por causa dos homens,
já suportamos, causando uns aos outros trabalhos sem conta!
Ares, também, já sofreu, quando foi em possantes cadeias
acorrentado por Oto e Efialtes, de Aloeu descendentes.
Por treze meses esteve metido num cárcere brônzeo.
E, porventura, perdera a existência o insaciável guerreiro,
se Peribeia, a formosa, madrasta dos dois, a ocorrência
a Hermes houvesse ocultado. Este, a furto livrar ainda pôde
a Ares exânime quase, que assaz as prisões o abatiam.
Hera, também, já sofreu quando o herói Anfitriônio no seio
destro a feriu com uma seta dotada de três farpas ásperas.
Dor insofrível teve ela de, então, padecer, em verdade.
Hades, o monstro, também, sofreu muito, em virtude de um dardo
por esse mesmo homem forte atirado, de Zeus descendente,
no próprio sólio dos mortos, causando-lhe dor infinita.
O coração angustiado, com dor indizível, foi ele
para o palácio de Zeus, no vastíssimo Olimpo. Encravara-se-lhe
no ombro possante o fautor do sofrer que lhe o peito excruciava.
Péone, logo, deitou eficaz lenitivo na chaga,
que o fez sarar, pois, de fato, não era de estirpe terrena.
Ímpio e malvado, que não se corria de feitos tão graves,
indo até o ponto de flechas lançar nos que moram no Olimpo.
A este acirrou contra ti, por sem dúvida, Palas Atena.
Néscio mostrou ser o filho do grande Tideu, em verdade,
por ignorar que não têm vida longa os que lutam com os deuses.
Nunca os filhinhos ‘papai’ lhes dirão, nos joelhos sentados,
quando dos prélios terríveis, alfim, para casa tornarem.
Ora reflita o Tidida, conquanto mui forte ele seja,
não aconteça antepor-se-lhe um deus do que tu bem mais forte,
pois, neste caso, a prudente Egialeia, nascida de Adrasto,

com seus lamentos o sono turvara de toda a família,
quando chorar a condigna consorte do grande Diomedes
a triste sorte do herói mais galhardo do exército Aquivo.”
Tendo isso dito, com ambas as mãos enxugou o icor, logo.
Sara a ferida, de pronto; acalmaram-se as dores pungentes.
Hera, a magnífica, e Atena, que o fato observavam, se voltam
para Zeus grande, com termos mordazes, tentando irritá-lo.
A de olhos glaucos, Atena, primeiro, desta arte lhe fala:
“Não ficarás agastado, Zeus pai, com o que eu vou revelar-te?
Creio que a Cípria tentou, novamente, saudar uma Acaia
para passar-se aos Troianos, aos quais tanto afeto dedica.
Quando animava uma dessas Aquivas de manto bem-feito,
a delicada mãozinha espetou na dourada fivela.”
O pai dos homens e deuses sorriu ao ouvir tais palavras,
e, para perto chamando Afrodite, lhe disse o seguinte:
“Cara, não são para ti essas ações belicosas;
volve a atenção, isso sim, para os doces trabalhos das núpcias.
Ares, o rápido, e Atena se incumbem da guerra, a contento.”
Enquanto os deuses do Olimpo conceitos, desta arte, trocavam,
insta Diomedes, o herói gritador, contra o príncipe Eneias.
Ainda que houvesse notado que Apolo o amparava cuidoso,
a um deus tão grande não tinha receio de opor-se, ambiciando
somente a Eneias matar e das armas fulgentes privá-lo.
Por vezes três arremete sequioso de a vida tirar-lhe;
mas por três vezes no escudo brilhante de Apolo ele bate.
Quando, porém, pela quarta avançou, qual se fosse um demônio,
com voz terrível lhe diz Febo Apolo, o frecheiro infalível:
“Entra em ti mesmo, Diomedes; afasta-te; é absurdo pensares
que és como os deuses; em caso nenhum podem ser comparados
os moradores do Olimpo com os homens que rojam na Terra.”
A essas palavras, o forte Diomedes recuou poucos passos,

para evitar o rancor do frecheiro infalível, Apolo.
Febo tirou logo a Eneias da luta, depondo-o na sacra
Pérgamo, dentro do templo que fora para ela construído,
no ádito grande do qual dele cuidam, deixando-o mais belo,
Ártemis, deusa frecheira infalível, e Leto amorável.
Nesse entrementes, Apolo, o deus do arco de prata, um fantasma
mui semelhante, no gesto e nas armas, a Eneias, formara.
Em torno dele os Troianos e os divos Acaios a luta,
de novo, acendem, talhando os arneses de couro bovino,
os manejáveis broquéis e os escudos redondos e fortes.
Vira-se Febo para Ares terrível e diz o seguinte:
"Ares guerreiro, dos homens flagelo, eversor de cidades,
não te seria possível tirar dos combates esse homem,
digo, o Tidida, que ao próprio Zeus pai, porventura, enfrentara?
Primeiramente, achegando-se à Cípria, feriu-a no carpo;
logo depois, contra mim se atirou, qual se fosse um demônio."
No alto de Pérgamo após ter falado foi ele assentar-se.
Ares as filas Troianas penetra, visando a excitá-las,
sob a figura do chefe dos Trácios, o forte Acamante.
Os nobres filhos de Príamo, alunos de Zeus, ele incita:
"Filhos de Príamo, alunos de Zeus, até quando, dizei-me,
consentireis que os Aqueus a matar nossa gente prossigam?
Esperareis que a batalha até as sólidas portas se estenda?
Já vulnerado se encontra o guerreiro que a Heitor, em apreço
equiparávamos, filho de Anquises magnânimo, Eneias.
Vamos, salvemos do prélio terrível o fiel companheiro."
Por esse modo incitava o furor e a coragem de todos.
Vira-se, então, para Heitor, censurando-o acremente, Sarpédone:
"Para onde foi, divo Heitor, a coragem que sempre mostraste?
Não afirmavas que té sem aliados, sem povo, podias,
só com os cunhados e irmãos, defender a cidade altanada?

Ora, em que muito me esforce, nenhum deles vejo ou percebo.
Trêmulos todos estão, como em frente do leão cachorrinhos.
Nós combatemos, conquanto sejamos apenas aliados.
Enquanto a mim, como aliado de terra distante sou vindo,
sim, das longínquas paragens da Lícia, no Xanto revolto,
onde deixei a dileta consorte, o filhinho inocente
e bens inúmeros, causa de inveja de quem não tem nada.
Mas, ainda assim, estimulo os meus Lícios, ardendo em desejos
de me enfrentar com o inimigo, apesar de não ter coisa alguma
que pelos homens Aqueus possa ser conduzido ou levado.
Ficas, no entanto, inativo; sequer estimulas os outros
a resistência of'recer, defendendo as esposas e os filhos.
Tende cuidado! Bem cedo nas malhas de rede finíssima
presa vireis a ficar e rapina de vossos imigos.
Hão de tomar, dentro em pouco, a cidade altanada, que é vossa.
A ti compete pensar em tudo isso, de noite e de dia,
e concitar os guerreiros aliados, de fama excelente,
para que firmes resistam, deixando de lado as censuras."
Essas palavras do Lício a alma nobre de Heitor mordiscaram.
Rapidamente, do carro pulou, sem que as armas soltasse,
e, duas lanças brandindo, correu as fileiras do exército,
a concitar para a luta os guerreiros; a pugna se instaura.
Mais uma vez os Troianos aos homens Aquivos enfrentam;
estes, compactos, resistem, sem dar mostra alguma de medo.
Como, pela eira sagrada, em remoinhos a palha se eleva,
quando os campônios padejam, no tempo em que a loura Deméter
ao sopro forte do vento separa do grão toda a palha,
que se amontoa, alvejando o terreiro: desta arte os Aquivos
brancos ficaram por causa do pó que de sob as fileiras
se levanta até a abóbada brônzea, ao pisar dos cavalos,
pois os aurigas, de novo, os faziam voltar para a pugna.

Travam-se todos os homens; a fim de ajudar aos Troianos,
Ares, o forte, envolveu a batalha nas trevas da Noite,
a toda parte acudindo, cuidoso de dar cumprimento
à ordem de Febo, da espada dourada, que o tinha incitado
a estimular os Troianos, depois que dali se afastara
Palas Atena, que auxílio levara aos guerreiros Acaios.
Febo, entrementes, a Eneias do tempo suntuoso impelia,
força espertando no peito do herói e incontida coragem.
Aos companheiros Eneias correu a reunir-se, que mostras
deram de muita alegria ao revê-lo, com vida e refeito,
sobre-esforçado; contudo ninguém lhe dirige perguntas,
pois o impedia o trabalho espertado pelo alto frecheiro.
Ares, o grande homicida, e a Discórdia que nunca se aplaca.
Os dois Ajazes, Diomedes, e o forte Odisseu os Aquivos
estimulavam, conquanto nenhum se mostrasse receoso
do ímpeto grande dos Teucros, nem mesmo dos gritos que davam.
Firmes, quedaram-se à espera, qual nuvem que Zeus deixa imóvel,
por ocasião de bonança, nos picos mais altos dos montes,
sem se mexer, quando Bóreas ao sono se entrega e os restantes
ventos de força impetuosa que soem fazer dissiparem-se,
quando sibilam violentos, as nuvens de aspecto sombrio:
firmes, os Dânaos, desta arte, sem medo aos Troianos aguardam.
Por entre as filas o Atrida corria, dando ordens diversas:
"Sede homens, caros amigos, e ardor demonstrai combativo!
Possa o respeito recíproco a todos na pugna dar ânimo.
São mais poupados na guerra os que sabem morrer briosamente,
ao passo que os fugitivos nem glória obterão, nem defesa."
Disse, e atirou logo a lança, que foi atingir na vanguarda
a Diecoonte, o consórcio de Eneias de espírito grande,
filho de Pérgaso, a quem como aos filhos de Príamo os Teucros
honras prestavam, por ser impetuoso e pugnar na dianteira.

A este no escudo acertou a hasta forte do Atrida Agamémnone.
Não resistiu nada o escudo, que a lança de bronze o atravessa,
indo cravar-se no ventre, depois de o talim ter quebrado.
Com grande estrondo caiu, ressoando-lhe em torno a armadura.
Por sua vez mata Eneias dois fortes guerreiros Argivos,
os caros filhos de Diocles, Orsíloco e Crétone. Casa
na bem-construída cidade de Feras os pais tinha pronta,
opulentíssima. Era ele da estirpe do Alfeio divino,
o grande rio que corre através do terreno dos Pílios.
Rei poderoso era Orsíloco, oriundo do Alfeio divino;
por sua vez gera Orsíloco a Diocles, de espírito grande:
Diocles, por último, foi genitor dos dois gêmeos galhardos,
Crétone e Orsíloco, em todas as artes da guerra sabidos.
Ambos, no viço da idade, aos Argivos seguiram, quando estes
em naus escuras vieram para Ílio, nutriz de ginetes,
a fim de a injúria vingar, feita aos filhos de Atreu, Agamémnone
e Menelau. A ambos eles a Morte impiedosa recobre.
Como dois fortes leões pela mãe, com desvelos, criados
no mais espesso das matas que os picos dos montes revestem,
que bois costumam, depois, assaltar, e vistosas ovelhas,
e as propriedades dos homens devastam, té virem a Morte,
por sua vez, a encontrar pela mão de robustos pastores:
do mesmo modo eles dois, pelo braço de Eneias feridos,
sobre o chão duro caíram, tal como dois grandes abetos.
Vendo-os tombar, teve dó Menelau, de Ares forte discípulo.
Corta através das primeiras fileiras, em bronze envolvido,
a lança forte a brandir. Incitava-o, por esse caminho,
Ares, a fim de que fosse cair aos ataques de Eneias.
Mas por Antíloco foi percebido, o Nestórida ilustre;
corre para ele, receando que viesse a sofrer qualquer coisa,
frustres deixando a eles todos os prêmios dos grandes trabalhos.

Já frente a frente os dois cabos de guerra se achavam, com as lanças
alevantadas, querendo dar ambos início ao combate.
Chega-se Antíloco para onde estava o pastor de homens fortes;
retrocedeu, logo. Eneias, conquanto guerreiro animoso,
quando viu juntos, dispostos contra ele, os dois fortes guerreiros.
Estes então, para os homens Aquivos os corpos levaram
desventurados, deixando-os a cargo de seus companheiros,
e retornaram, sem mora, a lutar nas fileiras da frente.
Matam Pilémenes, logo, notável discípulo de Ares,
cabo viril dos heróis Paflagônios, armados de escudos.
A esse, que estava de pé, com a lança bem junto à clavícula
fere o nascido de Atreu, Menelau, mui famoso lanceiro.
Por sua vez, fere Antíloco ao claro cocheiro Midonte,
filho de Antímnio valente, quando ele desviara os cavalos.
Do cotovelo no meio o alcançou grande pedra, escapando-se-lhe
das mãos as rédeas de enfeites ebúrneos, que tombam na poeira.
Salta, ferindo-o na fonte, com a espada, o notável Nestórida.
Estertorando, o guerreiro, do carro de bela feitura
cai de cabeça, na poeira, onde o crânio, até os ombros, enterra.
Por algum tempo ficou desse jeito — que a areia era muita —,
té que os cavalos ao solo o fizeram rolar, quando Antíloco
os chicoteou para ao campo levá-los dos homens Acaios.
Viu-os Heitor entre as filas dos seus, e sobre eles lançou-se
com grandes gritos, seguido por muitas falanges Troianas,
irresistíveis; Enió e Ares forte serviam de guia.
Leva a primeira, consigo, o Tormento feroz da batalha;
Ares avança, também, manejando uma lança monstruosa,
ora passando na frente de Heitor, ora vindo após ele.
Vendo-o, Diomedes, de voz retumbante, ficou receoso.
Como o viandante, de meios privado, em planície extensíssima,
para ante o curso impetuoso de um rio que ao mar se despenha,

vendo-o espumoso a ressoar, e desanda, sem mais, o caminho:
por este modo o Tidida recuou, dirigindo-se aos sócios:
"Caros amigos, realmente, espantado me sinto ante o modo
de o grande Heitor manejar a hasta longa e avançar impetuoso.
Sempre ao seu lado se encontra algum deus, que dos golpes o livra.
Ares agora, que o vulto assumiu de um mortal, o defende.
Por isso tudo recuemos, sem dar aos Troianos as costas;
não é prudente querer contra os deuses usar de violência."
Os picadores Troianos já próximos deles se achavam.
Nesse momento Heitor mata a dois fortes e excelsos guerreiros,
que num só carro se achavam, Menestes e Anquíalo bravos.
O grande Ajaz Telamônio da sorte dos dois apiedou-se;
junto dos corpos se pôs e atirou contra os Troas a lança,
que em Anfião foi cravar-se, de Sélago o filho, que tinha
casa e terrenos em Peso; porém induzido ele fora
pelo Destino a socorro trazer para Príamo e os filhos.
O grande Ajaz Telamônio o atingiu bem na altura do cinto,
indo encravar-se no ventre a hasta longa de sombra comprida.
Com grande estrondo caiu; salta Ajaz, o guerreiro notável,
para privá-lo das armas; os Teucros, porém, lhe atiraram
dardos em número grande que, em parte, no escudo se encravam.
A lança o herói conseguiu arrancar do cadáver, firmando-o
com o calcanhar; mas não pôde dos ombros tirar-lhe a armadura
de alto lavor, que se via alvejada por tiros sem conta.
Teve, de fato, receio do ataque dos Teucros valentes,
que, numerosos e fortes, armados de lança, o cercaram
e a recuar o obrigaram, conquanto galhardo ele fosse
e de grandíssimo vulto; fremindo de raiva, recua.
Por esse modo, eles todos, no prélio terrível lutavam.
Leva o Destino potente a lutar contra o divo Sarpédone,
o destemido Tlepólemo, de Héracles forte nascido.

Logo que os dois combatentes em frente se acharam um do outro,
filho e o neto de Zeus poderoso, que as nuvens cumula,
pôs-se Tlepólemo, logo, a falar, tendo dito o seguinte:
"Chefe dos Lícios guerreiros, Sarpédone, quem te concita
a vir mostrar-te medroso, se nada de guerra conheces?
Não falam certo os que dizem que és filho de Zeus poderoso,
pois não revelas virtudes que tua pessoa equiparem
aos varões fortes nascidos de Zeus nas idades passadas.
Bem diferente, por certo, é o que de Héracles forte se conta,
meu audacíssimo pai, de coragem leonina dotado,
que já aqui esteve, uma vez, por motivo dos fortes cavalos
de Laomedonte, em seis naves somente e com bem pouca gente,
quando destruiu a cidade, deixando as estradas desertas.
Alma covarde te anima; teu povo tem sido destruído.
Tenho certeza de que pouco auxílio trouxeste da Lícia
para os guerreiros Troianos, embora valor estardeies.
Ora, por mim jugulado, o limiar do Hades negro atravessas."
O comandante dos Lícios, Sarpédone, disse, em resposta:
"Ílio sagrada, Tlepólemo, foi destruída por Héracles
em consequência da própria estultícia do herói Laomedonte,
que benefícios daquele pagou com palavras violentas,
com recusar-lhe os cavalos que viera buscar de tão longe.
Digo-te, entanto, que a lívida Morte hás de, agora, de minha
mão receber; minha espada, prostrando-te, vai dar-me excelsa
fama, mandando tua alma para Hades, de claros ginetes."
Ainda falava Sarpédone, e a lança de freixo Tlepólemo
já levantara; a um só tempo eles ambos as lanças jogaram.
A de Sarpédone o imigo atingiu bem no meio do colo,
de forma tal, que a hasta acerba foi logo sair do outro lado.
Noite escuríssima, então, sobre os olhos lhe desce, envolvendo-os.
Na coxa esquerda, no entanto, também foi ferido Sarpédone

pela hasta longa, que as carnes, sequiosa, do herói atravessa,
té raspar o osso. Seu pai, dessa vez, o salvou do perigo.
Os companheiros galhardos do divo Sarpédone, entanto,
o retiraram da pugna. Afligia-o, demais, a hasta longa
que era forçado a arrastar, pois ninguém se lembrou de, lá mesmo,
da coxa o freixo arrancar-lhe, que fácil lhe fosse mover-se,
tanta era a azáfama e a pressa ao redor do esforçado guerreiro.
Por outro lado, os Aquivos do campo o cadáver tiraram
do companheiro; esse foi pelo divo Odisseu conhecido,
o sofredor, que sentiu na alma grande incontida revolta.
No coração e no espírito pôs-se a pensar o guerreiro
sobre se fora melhor ir no encalço do filho de Zeus
de voz tonante, ou se a muitos dos Lícios prostrasse sem vida.
Mas o Destino assentara que o filho de Zeus poderoso
não pelo bronze do grande Odisseu perecer deveria.
Palas Atena, por isso, o desviou para a chusma dos Lícios,
onde sem vida a Cerano deixou, ressupino, no campo,
Crômio, Hálio, Alcandro, Noémone, Alástor e Prítanis forte.
E, porventura, a outros Lícios o divo Odisseu prostraria,
se por Heitor, de penacho ondulante, notado não fosse.
Corta através das primeiras fileiras, em bronze envolvido;
aos Dânaos leva o terror; alegrou-se, no entanto, Sarpédone,
filho de Zeus, à sua vista, e lhe fala com voz lamentosa:
“Filho de Príamo, faze que eu presa não seja dos Dânaos,
abandonado; socorre-me! Possa colher-me, após isso,
em vossos muros, a Morte, uma vez que o Destino me nega
ver novamente, na pátria querida, meu rico palácio,
e à cara esposa e aos filhinhos levar novamente alegria.”
Sem se deter, nada disse em resposta a essas suas palavras
o grande filho de Príamo, Heitor, desejoso, somente,
de repelir os Argivos e a muitos privar da existência.

Os companheiros galhardos do divo Sarpédone, entanto,
para debaixo da faia de Zeus poderoso o levaram,
onde o fiel Pelagonte, dos sócios o mais acatado,
a hasta comprida fraxínea, sem mais, arrancou-lhe da coxa.
Perde os sentidos o herói; densas trevas aos olhos lhe baixam,
mas logo volta a viver, que de Bóreas o sopro agradável
pôde insuflar novo alento no espírito pronto a evolar-se.
Ainda que sob a pressão de Ares forte e de Heitor, os Argivos
nem procuravam fugir para o lado das naves escuras,
nem conseguiam forçar o inimigo; mas cedem, recuando,
por terem visto que ao lado dos Teucros lutava Ares forte.
Qual o primeiro, qual o último, ali, da existência privaram
Ares de bronze e o alto Heitor, o guerreiro nascido de Príamo?
O domador de cavalos, Orestes, o divo Teutrante,
Treco, lanceiro da Etólia, o magnânimo Enómao, Heleno,
filho de Enópio e, por último, Orésbio, do cinto brilhante,
que em Hile tinha o palácio pejado de grandes tesouros,
junto do lago Cefísio, onde muitos vizinhos contava,
homens da Beócia, que pingues campinas, ali, cultivavam.
Hera, a magnânima deusa dos cândidos braços, notando
como os Argivos, na pugna terrível, tombavam sem vida,
súbito a Palas Atena dirige as palavras aladas:
“Palas Atena indomável, donzela de Zeus poderoso,
não passará de promessa o que ao rei Menelau predissemos,
de que faria o retorno depois de destruir Ílio forte,
se consentirmos que, assim, Ares fero prossiga, furioso.
Vamos, depressa, também, tomar parte na pugna terrível.”
A de olhos glaucos, Atena, aceitou-lhe o conselho, de pronto.
Os corredores, ornados com belo frontal de ouro puro,
foi Hera, logo, atrelar, que de Crono potente nascera
Hebe, sem perda de tempo, adaptou no eixo férreo do carro

as rodas curvas de bronze, nas quais oito raios se viam.
As pinas, de ouro maciço eram feitas, e o círculo extremo
era composto de bronze infrangível, espanto dos olhos;
de prata pura, os dois cubos, que giram para ambos os lados;
de tiras de ouro e de prata enlaçadas a caixa é formada,
que protegida se achava por dois parapeitos; do carro
sai o timão, feito todo de prata; na ponta do mesmo
os jugos de ouro afirmou, adaptando, por último, neles,
os peitorais, também de ouro. Os velozes cavalos, por último.
Hera conduz para o jugo, sequiosa de entrar em combate.
A de olhos glaucos, Atena, donzela de Zeus poderoso,
deixa cair logo o peplo no soalho brilhante do Olimpo,
obra de fino lavor, que ela própria tecera e enfeitara.
Veste a loriga de Zeus atroante, que as nuvens cumula,
e as demais armas empunha, adequadas às guerras lutuosas.
A égide ornada de franjas, então, sobre os ombros coloca,
coisa espantosa de ver, pelo frio Terror circundada,
pela Discórdia, a Violência e, também, pelo Assalto horroroso,
bem como pela cabeça da Górgona, monstro terrível,
horripilante espetác’lo, do Crônida Zeus maravilha.
O elmo de dupla cimeira e de quatro saliências coloca,
de ouro, que os homens de cem fortalezas cobrir poderia.
Logo subiu para o carro brilhante, tomando da lança
grande, pesada e robusta, com que derrotar costumava
turmas de heróis, ao zangar-se a nascida do pai poderoso.
Hera os cavalos velozes com o látego, logo, estimula.
Por próprio impulso, rangeram as portas do Céu, que se encontram
sob a custódia das Horas, que têm a incumbência, no Olimpo
e no Céu vasto, de abrir ou fechar a cortina das nuvens.
Estimulando os cavalos, depressa por elas passaram,
indo a Zeus Crônida achar, que sentado sozinho se via,

dos demais deuses à parte, no pico mais alto do Olimpo.
Hera, de cândidos braços, detém, nesse ponto, os ginetes,
e para o Crônida sumo se vira, dizendo o seguinte:
"Indignação não te causa, Zeus pai, ver como Ares se excede?
Já destruiu muitos homens Acaios, dos mais afamados,
sem conveniência nenhuma, ao acaso, o que muito me aflige.
A Cípria, entanto, se alegra e, assim, Febo, o deus do arco de prata,
que a esse demente, das leis ignorante, a tal ponto excitaram.
Provocarei, porventura, tua cólera, Zeus, retirando
a Ares do meio da pugna e infligindo-lhe duro castigo?"
Disse-lhe, então, em resposta, Zeus grande, que as nuvens cumula:
"Seja; mas é preferível que Palas atires contra ele,
a predadora, que está acostumada a lhe dar tais castigos."
Hera, de cândidos braços, de pronto aceitou-lhe o conselho;
com chicotada os cavalos esperta, que partem, velozes,
pelo caminho que fica entre a terra e o Céu vasto e estrelado.
Quanto consegue com a vista alcançar, no horizonte, indivíduo
que, da alta penha, procure esguardar o amplo mar cor de vinho,
tanto, de um salto, os cavalos das deusas, nitrindo, avançaram.
Mas, quando o plaino de Troia alcançaram e o ponto em que as águas
o Simoente e o Escamandro divino, confluentes, misturam,
Hera, de cândidos braços, deteve os fogosos ginetes,
desatrelou-os e espessa neblina em redor lhes atira.
Pasto divino fez logo, para eles, brotar do Simoente.
As duas deusas, então, como trépidas pombas, se foram,
impacientes de auxílio levar aos guerreiros Argivos.
Mas, ao chegarem ao ponto em que turmas de heróis se apinhavam
em torno da força do grande Diomedes, que doma cavalos,
densos, num grupo, quais leões voradores de carne cruenta,
ou javalis, cuja força não é para ser desprezada,
Hera, de cândidos braços, parou, dando um grito terrível,

sob a figura de Esténtor, o herói de voz brônzea, tão forte
como o clamor que cinquenta mortais, em conjunto, elevassem:
“Ó geração de covardes de bela presença, que opróbrio!
Enquanto Aquiles divino nos prélios convosco se achava,
nunca os Troianos ousaram sair pelas Portas Dardânias,
pois medo tinham da lança terrível do herói valoroso.
Ora se luta bem longe dos muros, ao lado das naves.”
Por esse modo excitava o furor e a coragem de todos.
A de olhos glaucos, Atena, correu para o grande Diomedes.
Junto do carro e dos belos cavalos achou o guerreiro
que procurava acalmar a ferida causada por Pândaro.
Muito o afligia o suor sob o peso do escudo redondo
de bálteo largo; cansado o deixava e com o braço impotente.
O bálteo afasta da chaga, abstergendo-a dos cruores escuros.
Toca nos freios a deusa, e dirige a palavra ao guerreiro:
“Em nada o filho do grande Tideu se parece com ele.
Era Tideu, em verdade, pequeno, mas forte e impetuoso.
Lembra-me, sim, que o proibi, certa vez, de lutar e, até mesmo,
de procurar distinguir-se, quando ele sem outros Aquivos
a Tebas fora, qual núncio, onde achou numerosos Cadmeios.
Quieto insisti que ficasse na sala dos lautos banquetes;
ele, porém, que no peito abrigava o valor consueto,
nos mais variados torneios venceu os nascidos de Cadmo
sem grande esforço, que sempre o amparava por modo eficiente.
Ora me encontro ao teu lado e procuro, zelosa, ajudar-te,
expressamente ordenando que contra os Troianos combatas.
Mas o cansaço opressivo teus membros domina de todo,
ou pelo frio temor inibido te encontras. Por isso,
vejo que o filho não és do guerreiro de Eneu descendente.”
Disse-lhe o forte Diomedes, então, em resposta, o seguinte:
“Eu te conheço, sem dúvida, filha de Zeus que sustenta

a égide. Quero, por isso, falar-te sem mais subterfúgios.
Nem indeciso me sinto, nem fraco por causa do medo;
mas ainda tenho presente o que há pouco tu própria ordenaste,
ao me proibires lutar contra os deuses eternos do Olimpo,
sem distinção; mas se a filha de Zeus poderoso, Afrodite,
na pugna entrasse, podia feri-la com bronze afiado.
Por essa causa, recuei, tendo a todos os outros Argivos
aconselhado a que viessem reunir-se-me onde ora me encontro,
pois vejo que Ares, também, toma parte na luta terrível."
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Ó claro filho do grande Tideu, diletíssimo amigo,
não tenhas medo nem de Ares, nem de outro qualquer dos eternos
deuses do Olimpo, que sempre te assisto por modo eficiente.
Vamos, dirige contra Ares os teus ardorosos ginetes,
e, bem de perto, o acomete, sem ter complacência nenhuma
com esse louco furioso, inconstante, a maldade em pessoa,
que prometeu a Hera augusta e a mim própria, não faz muito tempo,
contra os Troianos lutar, protegendo os guerreiros Aquivos,
e ora do lado daqueles se encontra, esquecido dos outros."
Mal acabou de falar, para trás, com a mão, puxa a Esténelo
para tirá-lo do carro; este, lestes, saltou para o solo.
A deusa, entanto, ardorosa, subiu para o carro, postando-se
a par do divo Diomedes. Com o peso da deusa terrível
e de tão grande guerreiro, estalou o eixo forte de faia.
Toma das rédeas e empunha o chicote, sem perda de tempo,
Palas, e os brutos de cascos possantes, contra Ares, dirige,
que a Perifante membrudo, das armas, nessa hora, espoliava,
o belo filho de Oquésio e o mais forte dos homens da Etólia.
Ares sanguíneo o espoliava. Com o fim de tornar-se invisível
ao deus terrível, Atena depressa cingiu o elmo de Hades.
Quando o flagelo dos homens notou que o divino Diomedes

vinha para ele, no mesmo lugar logo o corpo abandona
de Perifante membrudo, que tinha, de pouco, matado,
indo direto ao encontro do grã-cavaleiro Diomedes.
Logo que os dois combatentes em frente se acharam um do outro,
Ares, primeiro, inclinado por cima do jugo e das rédeas,
a lança brônzea jogou, desejando da vida privá-lo.
Palas Atena, porém, de olhos glaucos, com a mão a desvia,
de forma que ela, frustrânea, passou por debaixo do carro.
Foi o segundo a atirar a sua lança de bronze o guerreiro
de voz possante, Diomedes, a qual, por Atena guiada,
no baixo-ventre foi dar de Ares forte, onde o cinto o apertava.
Nesse lugar o feriu, tendo a pele macia rasgado,
Palas, de novo, a arma extrai; Ares brônzeo soltou tão grande urro
como o alarido que soem fazer nove ou dez mil guerreiros,
de uma só vez, quando se acham travados em dura batalha.
Amedrontados, tremeram os homens Aquivos e Teucros,
tão formidável o grito do deus insaciável da guerra.
Tal como fica todo o ar, recoberto por nuvens escuras,
quando o excessivo calor faz soprar algum vento impetuoso:
tal ao Tidida Diomedes o vulto do deus Ares brônzeo
apareceu, ao subir para o céu, pelas nuvens envolto.
Rapidamente à morada dos deuses chegou, no alto Olimpo,
indo sentar-se, de par com Zeus grande, agastado no espírito,
a quem o sangue imortal, que manava da chaga, revela.
Rompe, depois, em queixumes, dizendo as palavras aladas:
“Indignação não te causa, Zeus pai, assistir tanto abuso?
Por comprazer os mortais, nós, os eternos, estamos sujeitos
a indescritíveis tormentos, que a mútua discórdia nos causa.
De tudo a culpa tens tu, pois geraste uma filha funesta
e destituída de senso, a quem ímpias ações só comprazem.
Todos os deuses eternos, que moram no Olimpo vastíssimo,

te obedecemos, de grado, e acatamos, submissos, tuas ordens.
A ela, somente, nenhuma censura ou castigo incomoda,
se é que não serves de estímulo à peste por ti concebida.
Neste momento acabou de excitar contra os deuses eternos
a esse insensato, Diomedes, que vem de Tideu valoroso.
Primeiramente, achegando-se à Cípria, feriu-a no carpo;
logo depois contra mim se atirou, qual se fosse um demônio.
Se não me houvessem livrado meus rápidos pés, certamente
por muito tempo ficaria a sofrer entre as rimas de mortos,
ou, vivo embora, sem ânimo, aos golpes da lança de bronze.”
Com torvo aspecto lhe disse Zeus grande, que as nuvens cumula:
“Cessa, leviano; não venhas, de novo, com tuas lamúrias.
És, entre todos os deuses, aquele a quem mais ódio tenho.
Sempre encontraste prazer em combates, contendas e lutas.
De tua mãe, por sem dúvida, o gênio indomável herdaste
e insuportável, que a minhas palavras a custo obedece.
De seus conselhos, presumo, teus males origem tiveram.
Mas, ainda assim, não desejo que sofras por tempo mais longo;
és de meu sangue também; tua mãe te gerou de mim próprio.
Se, tal como és, tão nefasto, tivesses por pais outros deuses,
há muito, sim, te encontrarias mais baixo que os filhos de Urano.”
Manda que Péone, então, sem demora, ali mesmo, o curasse.
Péone, logo, deitou sobre a chaga eficaz lenitivo,
que o fez sarar, pois, de fato, não era de estirpe terrena.
Como o queijeiro, que o leite, antes líquido, faz que coagule
em pouco tempo, agitando-o, depois de lançar nele o coágulo,
Ares violento, desta arte, depressa curado encontrou-se.
Hebe, depois, lhe deu banho, envolvendo-o em magníficas vestes.
Junto do Crônida Zeus foi sentar-se, radiante de glória.
Para a morada de Zeus poderoso, também, retornaram
Hera, que em Argos cultuam, e Atena, a auxiliar poderosa,

pós terem feito que a sanha homicida do deus se acalmasse.

CANTO VI

O ENCONTRO DE HEITOR COM ANDRÔMACA

“O exército Troiano começa a se curvar diante das forças Gregas. Heitor vai, pelo conselho de Heleno, pedir à sua mãe que invoque a proteção de Atena para que ela retire Diomedes da guerra. Diomedes encontra-se com Glauco, e reconhecem que são descendentes de famílias amigas. Os heróis trocam armas. As mulheres Troianas seguem em procissão até o Templo de Palas Atena. Heitor exorta Páris a retornar ao combate, e procura, então, sua esposa, Andrômaca, e a encontra perto das Portas Ceias.”

Ficam sozinhos na luta os Troianos e os Dânaos grevados,
recrudescendo na vasta planície a terrível batalha.
Uns contra os outros, as lanças de bronze os guerreiros atiram,
entre a corrente do Xanto divino e do belo Simoente.
Primeiramente, o baluarte dos Gregos, Ajaz Telamônio,
rompe a falange dos Troas, abrindo uma luz para os sócios,
com derrubar o melhor dos guerreiros chegados da Trácia,
o destemido e membrudo Acamante, nascido de Eussoro.
Na crista do elmo ondulante certeira pancada lhe assesta,
indo encravar-se na testa do herói a hasta longa de bronze,
atravessando-lhe os ossos; as trevas os olhos lhe envolvem.

Mata Diomedes, de voz retumbante, o admirável Axilo,
filho do forte Teutrante, que tinha em Arisbe a morada
bem-construída e opulenta; por todos era ele estimado,
pois para todos sua casa, na beira da estrada, era franca.
Mas nenhum desses amigos lhe veio servir de anteparo,
para livrá-lo da Morte; Diomedes a vida tirou-lhe
e ao próprio pajem Calésio que, então, dirigia os cavalos,
na qualidade de auriga; ambos eles à terra baixaram.
Priva das armas brilhantes Eurílalo a dois, Dreso e Oféltio,
indo, depois, contra Pédaso e Esepo que, outrora, uma náiade,
Abarbareia, gerou do formoso pastor Bucolionte,
de Laomedonte divino o mais velho dos filhos, embora
de nascimento sem brilho, provindo de amores furtivos.
Quando cuidava das belas ovelhas, à náiade uniu-se,
de quem, ali concebidos, dois gêmeos famosos nasceram.
Mas o vigor lhes dissolve dos joelhos e membros o filho
de Mecisteu, que dos ombros as armas, também, lhes retira.
A morte a Astíalo deu Polipetes, guerreiro ardoroso;
com sua lança de bronze Odisseu tira a vida a Pedites,
nado em Percote; Aretáone divo por Teucro foi morto;
foi pela lança brilhante de Antíloco, o moço Nestórida,
Áblero morto; Agamémnone a Elato, também, prostra exânime
o qual em Pédaso excelsa morava, nas margens do rio
Sátnio, de bela corrente, ao fugir, foi por Lito alcançado
Fílaco; as armas Eurípilo toma do escuro Melântio.
Por Menelau gritador foi Adrasto com vida apanhado;
desobedientes ao freio, corriam no plaino os cavalos,
os quais levaram o carro recurvo a chocar contra um galho
de tamargueira, o que fez que o timão se partisse; assustados,
para a cidade os cavalos retornam, no rasto dos outros.
Cai o guerreiro de bruços, bem junto da roda do carro.

indo de boca no chão; logo perto se achou dele o louro
filho de Atreu, Menelau, com sua lança de sombra comprida.
Passa-lhe os braços à volta dos joelhos Adrasto e suplica:
"Ó Menelau, não me mates; aceita resgate condigno.
Em seu palácio, meu pai acumula preciosos tesouros,
bem trabalhados objetos de ferro, e ouro e bronze abundantes.
Meu genitor te dará, de boamente, um resgate elevado,
quando souber que me encontro com vida nas naus dos Aquivos."
Isso disse ele, abalando, sem dúvida, o peito do Atrida,
que já inclinado se achava a entregá-lo a um dos servos, que o fosse
para os navios velozes levar, quando o Atrida Agamémnone
chega, apressado, e o impediu, com dizer-lhe, em voz alta, o seguinte:
"Ó Menelau compassivo, por que para os homens te mostras
tão sem vigor? Belas coisas, de fato, em tua casa fizeram
esses Troianos! Por isso da Morte escapar não deixemos
quantos às mãos nos caírem, sendo homens, embora ainda se achem
no próprio ventre materno. Que todos pereçam bem longe
de Ílio destruída, sem túmulo algum, nem memória, deixarem."
Essas palavras do herói, de fatais e prudentes conceitos,
fazem que o peito mudasse do irmão, que, com o braço, repele
o suplicante. Este foi pelo forte guerreiro Agamémnone
no baixo-ventre ferido, caindo de costas; o Atrida
sobe-lhe em cima do peito, arrancando a hasta longa de freixo.
Em altas vozes Nestor os guerreiros Argivos exorta:
"Dânaos guerreiros, amigos diletos, discípulos de Ares!
Nenhum se deixe ficar para trás, tendo em vista, somente,
presas valiosas levar para as naves de casco anegrado.
Ora, inimigos maternos; depois, com vagar, na planície
procurareis os cadáveres, para das armas despi-los."
Por esse modo incitava o furor e a coragem de todos.
E, porventura, os Troianos teriam para Ílio fugido,

sob a pressão dos Acaios valentes, em franco desânimo,
se para Eneias e Heitor não tivesse falado nesta hora
o nobre filho de Príamo, Heleno, excelente adivinho:
"Em vós, Eneias e Heitor, os Troianos e os Lícios confiam
os mais pesados trabalhos da guerra, por terdes em tudo
a iniciativa, não só nos combates, também nos conselhos.
Ora, detende-vos para correr as fileiras e os nossos
homens conter ante as portas, se não todos eles aos braços
se atirarão das mulheres, objetos de mofa do imigo.
Mas, uma vez as falanges em ordem, de novo, e inflamadas,
procuraremos, também, contra os Dânaos lutar aqui mesmo,
ainda que muito cansados, que o aperto é, de fato, imperioso.
Para a cidade, depois, Heitor corre, e instruções leva logo
à nossa mãe, que, sem perda de tempo, as matronas reúna
no alto da rocha, onde o templo se encontra de Palas Atena.
Pós ter franqueado com a chave o recesso sagrado do templo,
tome no manto maior que na régia bem-feita se encontra,
o de mais fino lavor e que ao peito mais caro lhe seja,
e sobre os joelhos de Atena, de belos cabelos, deponha.
Mais: doze vacas prometa imolar no interior do santuário
ainda indomadas, apenas de um ano, sendo ela benigna
para a cidade, as esposas dos Teucros e nossos filhinhos,
longe mantendo dos muros sagrados de Troia o Tidida,
suscitador poderoso do Medo, selvagem guerreiro,
o qual, afirmou-o, é o mais forte de todos os homens Acaios.
Tanto pavor nem de Aquiles sentimos, senhor de guerreiros,
filho, segundo se diz, de uma deusa. Porém tanta é a fúria
deste, que fora estultícia a um dos nossos querer enfrentá-lo."
Obedeceu, logo, Heitor ao conselho que Heleno lhe dera.
Rapidamente do carro pulou, sem que as armas soltasse,
e, duas lanças brandindo, correu as fileiras do exército,

a concitar para a luta os guerreiros; a pugna se instaura.
Voltam agora os Troianos, de novo, a enfrentar aos Aquivos
que, por sua vez, retrocedem; cessou desse modo a matança.
Imaginaram que algum dos eternos do Céu se atirara
para ajudar os Troianos, que insólito ardor manifestam.
Em altos brados Heitor se dirige aos guerreiros Troianos:
"Vós, corajosos Troianos e aliados de fama excelente!
Sede homens, caros amigos, e força mostrai impetuosa,
enquanto vou à cidade falar aos anciões do conselho
e a nossas caras esposas, que preces aos deuses elevem,
a todos eles perfeita hecatombe ofertar prometendo."
Tendo assim dito, afastou-se, a agitar o penacho do casco.
Nos calcanhares e no alto da nuca o debrum lhe batia,
de couro preto, que à volta se achava do escudo de umbigo.
Glauco, nascido de Hipóloco, e o grande e valente Tidida,
cheios de ardor, se avistaram no meio do teatro da luta,
e, caminhando um para o outro, afinal frente a frente ficaram.
Disse Diomedes, de voz retumbante, falando primeiro:
"Homem de grande valor, de que estirpe mortal te originas?
Ainda não tive ocasião de te ver nas batalhas, que aos homens
glória concedem; no entanto, os demais, em coragem, superas,
pois vens, agora, enfrentar a minha lança de sombra comprida.
Os que se medem comigo são filhos de pais sem ventura.
Mas, se um dos deuses tu fores, que moram no Olimpo vastíssimo,
sabe que contra os eternos não quero em combate medir-me.
Nem mesmo o filho de Driante, Licurgo valente, mui longa
vida alcançou, por haver contra os deuses celestes lutado.
Ébrio, uma vez, de Dioniso ele as amas, violento, repele
do sacro monte de Nisa. Tomadas de medo indizível,
quando o homicida Licurgo, contra elas, brandiu a aguilhada,
os tirsos jogam no chão. Aterrado, nas ondas marinhas

corre Dioniso a lançar-se, onde, trêmulo, Tétis ao seio
o recolheu, que assaz medo sentia do herói com seus gritos.
Mas, depois disso, contra ele irritaram-se os deuses felizes,
tendo-o cegado Zeus Crônida. A vida bem curta ele teve,
por se ter feito odioso aos eternos que moram no Olimpo.
Por isso tudo, não quero lutar contra os deuses beatos.
Mas se, contrário, és humano e te nutres dos frutos da terra,
chega-te, e logo hás de ver-te, por certo, no extremo funesto.”
Disse-lhe, então, em resposta o preclaro rebento de Hipóloco:
“Grande Tidida, por que saber queres a minha ascendência?
As gerações dos mortais assemelham-se às folhas das árvores,
que, umas, os ventos atiram no solo, sem vida; outras, brotam
na primavera, de novo, por toda a floresta viçosa.
Desaparecem ou nascem os homens da mesma maneira.
Já que desejas, porém, conhecer meus avós, vou dizer-te
qual seja a minha progênie, por muitos, decerto, sabida.
No centro de Argos, nutriz de cavalos, os muros se elevam
de Éfira, sob o comando do mais astucioso dos homens,
Sísifo, de Éolo filho; de Sísifo Glauco proveio.
Belerofonte, o admirável, de Glauco a existência recebe.
Deram-lhe os deuses beleza e vigor varonil aliado
a gênio afável. Mas Preto, insidioso, da pátria o repele,
pois tinha mais influência do que ele entre os homens Argivos,
por os haver submetido ao seu cetro o nascido de Crono.
A diva Anteia, consorte de Preto, em desejos ardia
de, às escondidas, unir-se-lhe, sem ter, contudo, abalado
Belerofonte prudente, de castos e leais pensamentos.
Vira-se, então, para o esposo, e, falseando a verdade, lhe disse:
‘Ou tira a vida de Belerofonte, ou consente em morreres.
Preto, por ter querido ele obrigar-me a um ilícito amplexo.’
A essas palavras, o rei foi tomado de cólera ingente.

Não quis da vida privá-lo, por ter, em verdade, receio;
mas para a Lícia o enviou, tendo escrito uns sinais mui funestos
em duas tábuas fechadas, que ao sogro mandou que entregasse,
para que viesse a morrer, visto morte os sinais inculcarem.
Em companhia dos deuses, se pôs a caminho o guerreiro.
Quando, porém, alcançou a corrente do Xanto, na Lícia,
foi pelo rei do amplo reino, por modo benigno, acolhido.
Em nove dias matou nove bois, que aos celestes oferta:
mas, quando, ao décimo, a Aurora de dedos de rosa surgiu,
fez-lhe perguntas, de ver os sinais desejoso mostrando-se
que de seu genro, da parte de Preto, lhe tinha trazido.
Logo, porém, que o sentido aventou dos fatais caracteres,
primeiramente, a incumbência lhe deu de extinguir a Quimera
originária, não de homens mortais, mas de estirpe divina:
era, na frente, leão; drago, atrás, e, no meio, quimera,
que borbotões horrorosos de fogo lançava das fauces.
Certo do amparo dos deuses, sozinho, ele o monstro aniquila.
Teve, depois, de lutar contra os Sólimos fortes, sozinho,
seu mais terrível encontro, segundo ele próprio o dizia.
Como terceira incumbência, destruiu as viris Amazonas.
Outra perfídia contra ele, ao voltar, o hospedeiro excogita:
tendo escolhido os melhores guerreiros da Lícia vastíssima,
numa emboscada os postou; não reviu nenhum deles a pátria;
Belerofonte, o impecável, a todos privou da existência.
Reconhecendo, afinal, que um dos deuses o tinha gerado,
soube retê-lo no reino, fazendo-o casar com a filha
e dividindo com ele a honraria e o poder da realeza.
Deram-lhe os Lícios, também, um pedaço excelente de terra,
própria, igualmente, para uso do arado e cultivo de frutas.
Três filhos teve da esposa o magnânimo Belerofonte;
foram: Hipóloco, Isandro e Laodâmia gentil e formosa.

A esta se uniu, em conúbio amoroso, Zeus grande e prudente,
tendo gerado ao guerreiro esforçado, o divino Sarpédone.
Mas, quando, alfim, se tornara também, pelos deuses, odiado,
e pelos campos Aleios famosos vagava sozinho,
a alma por dentro a roer e a fugir do convívio dos homens,
Ares, o deus insaciável, a Isandro privou da existência
em um combate com os Sólimos fortes, de fama excelente.
Ártemis, das rédeas de ouro, zangada, matou a Laodâmia.
Enquanto a mim, tenho orgulho de filho chamar-me de Hipóloco,
que me mandou para Troia sagrada, insistindo comigo
para ser sempre o primeiro e de todos os mais distinguir-me,
sem desonrar a linhagem dos nossos, que sempre entre os fortes
de Éfira foram contados, bem como na Lícia vastíssima.
Esse o meu sangue, essa a estirpe, que só de nomear me envaideço.”
Isso disse ele; alegrou-se Diomedes, de voz retumbante;
finca a hasta brônzea na terra, de heróis a nutriz generosa,
e, com palavras afáveis, saudou o pastor de guerreiros:
“Hóspede és meu desde o tempo de nossos avós, vejo-o agora.
Por vinte dias seguidos Eneu, o divino, agasalho
deu em seu belo palácio ao magnânimo Belerofonte,
tendo ambos dons hospedais, de subido valor permutado.
Foi o penhor da amizade de Eneu cinturão purpurino;
Belerofonte lhe deu uma copa, adornada com alça,
de ouro, que em casa deixei quando tive de vir para Troia.
Quanto a Tideu, não me lembro, pois era criança quando ele
foi para Tebas e o exército Acaio ficou destruído.
Por essa antiga amizade, és meu hóspede em Argos, ao passo
que me farás grato hospício se um dia eu chegar até a Lícia.
Cumpre, portanto, que, em meio da pugna, um ao outro poupemos.
Para matar, não me faltam Troianos excelsos e aliados, quem
quer que um deus me conceda, ou quem chegue a alcançar na carreira;

sobram-te Aqueus, outrossim, para a muitos privares da vida.
Ora troquemos as armas, porque possam todos os outros
reconhecer que nós dois nos gloriamos da avita amizade.”
Ambos dos carros desceram, depois de assim terem falado,
e, logo, apertos de mão, como prova de afeto, trocaram.
Foi quando o Crônida Zeus o juízo de Glauco conturba,
por ter querido trocar com Diomedes as armas que tinha,
ouro por bronze, o valor de cem bois pelo preço de nove.
Às Portas Ceias Heitor, entrementes, e à faia chegando,
pelas esposas e filhas dos Teucros se viu circundado,
que pelos seus perguntavam, ansiosas, por filhos e manos,
primos e esposos. Heitor recomenda que aos deuses orassem,
em procissão; mas a muitos já havia a desgraça atingido.
Logo depois, alcançou o palácio mui belo de Príamo,
todo ladeado de pórticos feitos de pedras lavradas.
Nele cinquenta aposentos se viam, de mármore polido,
todos contíguos, nos quais, numerosos, os filhos de Príamo
do grato sono fruíam ao lado de suas esposas.
Do lado oposto do pátio, de frente para estes, havia
doze aposentos, também, para as filhas, de mármore polido,
todos contíguos. Os genros de Príamo, ali, do repouso
grato fruíam, ao lado de suas esposas legítimas.
Foi nessa altura que a mãe amorosa ao encontro lhe veio,
que acompanhava até a casa a mais bela das filhas, Laódice.
Toma-lhe a mão e, falando, lhe diz as seguintes palavras:
“Filho, a que vens até aqui? Por que causa deixaste o combate?
Sim, certamente é mui grande a pressão dos malditos Acaios
contra a cidade sagrada. Por isso, teu peito te trouxe,
para que do alto da Acrópole a Zeus as mãos ambas alçasses.
Para, aqui, um pouco, que vinho mais doce que o mel vou buscar-te,
para que libes a Zeus e às demais divindades eternas,

e tuas forças restaures, também, pós haveres bebido.
Tônico é o vinho, excelente, para o homem no extremo das forças,
tal como te achas, de tanto lutar em defesa da pátria.”
Disse-lhe Heitor em resposta, o guerreiro do casco ondulante:
“Mãe veneranda, não tragas a doce bebida; receio
que os fortes braços me enerve, vindo eu a perder toda a força.
A reverência me impede de vinho ofertar a Zeus grande
com mãos impuras. É impróprio, assim, sujo de poeira e de sangue,
preces alçar ao que nuvens cumula no Olimpo vastíssimo.
Com muito incenso, no entanto, dirige-te ao templo de Palas,
a predadora, depois de as matronas haveres reunido.
Toma do manto maior que na régia bem-feita encontrares,
o de mais fino lavor e que ao peito mais caro te seja,
e sobre os joelhos de Atena o coloca, de belos cabelos.
Mais: doze vacas promete imolar no interior do santuário,
ainda indomadas, apenas de um ano, sendo ela benigna
para a cidade, as esposas dos Teucros e nossos filhinhos,
longe mantendo dos muros sagrados de Troia o Tidida,
suscitador poderoso do Medo guerreiro selvagem.
Ao templo, pois, te dirige, de Palas Atena indomável,
enquanto eu vou à procura de Páris, a fim de incitá-lo
para o combate, se ouvidos me der. Ah, se a terra se abrisse
subitamente! Um fautor de desgraças nascer fez o Olimpo
para o magnânimo Príamo, os filhos e o povo Troiano.
Se concedido me fosse assistir-lhe à descida para o Hades,
esquecer-se-ia minha alma, por certo, dos males presentes.”
Disse; ela, então, para casa voltou, tendo às servas dado ordens
que as venerandas matronas, por toda a cidade, chamassem.
Ao aposento flagrante baixou, logo após, onde peplos
inumeráveis se achavam de grande brancura, tecidos
pelas mulheres Sidônias. O divo Alexandre os trouxera

da populosa Sidão, justamente no tempo em que Helena,
de nobilíssimo pai, por caminhos extensos raptara.
Hécabe um desses tomou para a Palas Atena ofertá-lo,
o mais bonito e maior, que se achava por baixo de todos,
de brilho igual ao dos astros e enfeites de fino trabalho.
Pelas matronas seguida, a caminho se pôs, sem demora.
Logo que o templo de Atena alcançaram, no burgo elevado,
Teano formosa, nascida do claro Cisseu, lhe abre as portas,
filha e consorte do forte Antenor, domador de cavalos.
Sacerdotisa a elegeram, de Palas Atena, os Troianos.
Todas a Palas elevam as mãos e, bradando, suplicam.
Tendo tomado do peplo, Teano, de faces formosas,
foi colocá-lo nos joelhos de Atena, de belos cabelos,
e, em prece ardente, implorou à nascida de Zeus poderoso:
"Ó venerável Atena, defesa de nossa cidade,
quebra do forte Diomedes a lança, ou o derruba tu própria
das Portas Ceias em frente, de bruços no solo fecundo,
que doze vacas ao templo, sem mora, viremos trazer-te,
ainda indomadas, apenas de um ano, se fores benigna
para a cidade, as esposas dos Teucros e nossos filhinhos!"
Não foi a súplica, entanto, por Palas Atena acolhida.
Enquanto à filha de Zeus poderoso elas todas oravam,
encaminhava-se Heitor ao palácio do divo Alexandre,
belo de ver, que ele próprio construíra com a ajuda de artífices
de fama excelsa, os melhores da terra abençoada de Troia.
Estes, o tálamo e a sala elevaram, e o pátio espaçoso,
perto dos paços de Príamo e Heitor, no ponto alto da Acrópole.
Entra o guerreiro, a Zeus caro, no belo palácio, levando
a forte lança na mão, de onze cúbitos, com reluzente
extremidade de bronze firmada por círculo de ouro.
Acha a Alexandre no tálamo, atento no exame das armas

de primorosa feitura, a apalpar o arco forte e brunido.
A Argiva Helena se achava a seu lado, no meio das servas,
a dirigir os trabalhos que todas, cuidosas, faziam.
Vendo-o, com termos violentos, Heitor o censura, dizendo:
"Recomendáveis não são, ó infelizes, esses teus sentimentos.
Fora dos muros, o povo perece na crua peleja.
Por tua causa, acendeu-se esta guerra, que em volta de Troia
arde, sem pausa nenhuma. Tu próprio, quiçá, te indignaras,
caso encontrasses alguém que fugisse à defesa da pátria.
Vamos; se não, logo, logo, há de a chama inimiga atingir-nos."
Páris, de formas divinas, lhe disse, em resposta, o seguinte:
"É justo, Heitor, o que dizes; contrário à razão não me falas.
Por isso vou contestar-te, pedindo que ouvido me prestes.
Certo, não foi achar-me agastado com os Troas, que ao tálamo
me recolhi, mas por causa da dor que me o peito angustia.
Neste momento, com doces palavras, a cara consorte
me aconselhava a voltar para a luta. Eu, também, já pensara
que é bem melhor desse modo. A vitória tem suas mudanças.
Por uns instantes espera que as armas de guerra eu envergue;
ou melhor, vai; que em teus passos já sigo, esperando alcançar-te."
Nada lhe disse, em resposta, o guerreiro do casco ondulante.
Vira-se Helena para esse, com termos afáveis, e fala:
"Caro cunhado da pobre que apenas desgraças espalha!
Fora melhor, bem melhor, que, no dia em que a luz vi do mundo,
arrebatado me houvesse de casa terrível procela,
para nos montes lançar-me, ou nas ondas do mar ressoante,
que me teriam tragado, evitando esta grande catástrofe.
Mas já que os deuses quiseram que tudo, desta arte, se desse,
fosse-me, então, destinado marido melhor, que as censuras
dos companheiros sentisse e a desonra daí decorrente.
Este, porém, nunca teve firmeza, nem nunca há de tê-la.

Por isso mesmo, estou certa, há de os frutos colher dentro em breve.
Mas entra, um instante sequer, e repousa sobre esta cadeira,
caro cunhado, que mais do que todos suportas o peso
das consequências de minha cegueira e da culpa de Páris.
Triste destino Zeus grande nos deu, para que nos celebrem,
nas gerações porvindoiras, os cantos excelsos dos vates."
Disse-lhe Heitor, em resposta, o guerreiro do casco ondulante:
"Não é possível, Helena, aceitar-te o convite amigável,
pois o meu peito me incita a correr em ajuda dos nossos,
que já se encontram, por certo, impacientes com a minha demora.
A este, porém, manda-o logo, ou se apresse, espontâneo, a vestir-se,
para que possa alcançar-me ainda dentro dos muros de Troia,
enquanto a casa, de bela feitura, dirijo-me para
mais uma vez ver os criados, a esposa dileta e o filhinho.
É, por sem dúvida, incerto se possa voltar a revê-los,
ou se por mão dos Aquivos os deuses à Morte me entregam."
Tendo assim dito, afastou-se, a agitar o penacho do casco.
Pouco depois alcançava o palácio de bela feitura;
mas não achou no interior do aposento a formosa consorte,
que, juntamente com o filho e uma serva de manto vistoso,
no alto da torre se fora postar, a chorar aflitíssima.
Não tendo Heitor no palácio encontrado a impecável Andrômaca,
para a saída retorna, apressado, e às escravas pergunta:
"Toda a verdade, donzelas, dizei-me, sem nada ocultar-me:
para onde foi a senhora, se dentro de casa não se acha?
Foi, porventura, em visita às cunhadas de peplos formosos,
ou, com as outras Troianas, ao templo de Palas Atena,
onde procuram a deusa tremenda aplacar com pedidos?"
A despenseira, solícita, disse-lhe, então, em resposta:
"Já que me mandas, Heitor, informar-te de toda a verdade,
nem em visita se encontra às cunhadas de peplos formosos,

nem, com as outras Troianas, no templo de Palas Atena,
onde procurem a deusa tremenda aplacar com pedidos.
Foi, sim, à torre altanada, depois de saber que os Troianos
cedem terreno ante a força maior dos guerreiros Acaios.
Fora de si, para os muros correu, onde, agora, se encontra,
como uma louca; o menino pela ama, também, foi levado."
A essas palavras da serva, Heitor sai, novamente, de casa,
a desandar o caminho de bela feitura, apressado.
Quando, depois de correr pela grande cidade, alcançara
as Portas Ceias, por onde devia passar para o campo,
sai-lhe ao encontro, a correr, a consorte de dote copioso,
a nobre filha de Eecião, o guerreiro magnânimo, Andrômaca,
o grande Eecião, que o palácio construíra no Placo selvoso
e comandava os Cilícios em Tebas, chamada a Hipoplácia.
A filha a Heitor, como esposa, entregara, o guerreiro arnesado.
Esta, ao encontro lhe veio, seguida de uma ama solícita,
a qual nos braços trazia o filhinho de Heitor, ainda infante,
só comparável à vista inefável de um astro fulgente.
O nome, Heitor, de Escamândrio, lhe pôs; mas as outras pessoas,
o de Astianacte, que o pai era o amparo dos muros de Troia.
Ao ver o filho, o guerreiro sorriu, sem dizer coisa alguma.
Pôs-se-lhe ao lado a impecável Andrômaca, em pranto desfeita;
toma-lhe a mão e, falando, lhe diz as seguintes palavras:
"Tua coragem te perde, cruel! Não te apiadas, ao menos,
de teu filhinho inocente, ou de minha desdita, ficando
cedo viúva de ti quando os feros Aqueus te matarem?
A ti, somente, eles visam. Bem mais vantajoso me fora
que, antes de vir a perder-te, se abrisse o chão duro. Nenhuma
outra esperança me resta, colhendo-te o negro Destino.
Dores, somente; nem pai ora tenho nem mãe veneranda.
Foi por Aquiles divino meu pai da existência privado,

quando a cidade imponente dos homens Cilícios destruiu,
Tebas, de portas muito altas. Aquiles a Eecião tira a vida,
sem despojá-lo das armas, contudo; a consciência o impediu.
Tendo-o queimado na pira com as armas de fino trabalho,
um monumento lhe fez erigir, que as Oréades, logo,
de olmos vistosos cercaram, as filhas de Zeus poderoso.
Meus sete irmãos, que comigo viviam em nosso palácio,
em um só dia baixaram para o Hades de aspecto sombrio,
o divo Aquiles, de rápidos pés, a eles todos deu morte,
quando guardavam bois tardos e ovelhas de velo argentino.
A minha mãe, tão somente, senhora do Placo selvoso,
que para aqui ele trouxe, com seus opulentos haveres,
deu liberdade, depois de exigir um vultoso resgate;
ela, no entanto, por Ártemis foi no palácio frechada.
És para mim, caro Heitor, assim pai como mãe veneranda,
és meu irmão, de igual modo, e marido na idade florente.
Tem, pois, piedade de mim; fica um pouco na torre; não queiras
órfão o filho deixar, nem viúva a consorte querida.
Junto da grande figueira coloca mais gente, onde há acesso,
para a cidade, mais fácil, que o muro permite escalada.
Já por três vezes tentaram subi-lo os heróis mais valentes
da companhia dos fortes Ajazes, dos claros Atridas,
de Idomeneu valoroso e do forte e preclaro Tidida,
ou por conselho de algum sabedor do fatal vaticínio,
ou pela própria coragem a assim proceder impelidos.”
Disse-lhe Heitor em resposta, o guerreiro do casco ondulante:
“Tudo isso, esposa, também me preocupa; mas quanta vergonha
dos outros homens e, assim, das Troianas de peplos compridos,
eu sentiria se, infame, fugisse às pelejas cruentas.
Isso meu peito proíbe, ensinando-me a ser valoroso
e a combater sempre à frente dos fortes guerreiros de Troia,

para mor lustre da glória paterna e de meu próprio nome.
O coração claramente mo diz e a razão mo confirma:
dia virá em que Troia sagrada será destruída,
bem como Príamo e o povo do velho monarca lanceiro.
Menos, porém, me acabrunha o destino que aos Teucros espera,
ou mesmo o de Hécabe, ou a sorte que a Príamo está reservada,
e a meus irmãos numerosos, que, embora valentes, na poeira
hão de jogados ficar, sob os golpes de imigos ferozes,
que imaginar-te arrastada por um desses duros Aquivos
de vestes brônzeas, em prantos, sem nada dos dias felizes.
Às ordens de outra mulher hás de, em Argos, tecer belos panos,
ou te verás obrigada a trazer, de Hipereia ou Messeida,
água, bem contra a vontade, agravada por doestos pesados.
E, porventura, dirá quem te vir humilhada chorando:
‘Eis aí a esposa de Heitor, o guerreiro mais forte e galhardo,
quando, ao redor das muralhas de Troia, incessante era a luta.’
Isso dirão, aumentando-te a dor de não teres esposo,
o homem capaz de livrar-te dos dias do vil cativeiro.
É preferível que a terra fecunda meu corpo recubra,
a ter de ouvir-te os lamentos, ao seres levada de rastos.”
Disse, e estendeu para o filho as mãos ambas, visando a abraçá-lo.
Mas teve medo a criança do aspecto do pai; e, gritando,
ao seio da ama acolheu-se, de bela cintura. Estranhara
o inusitado fulgor do elmo aêneo de grande cimeira,
pelo galhardo e oscilante penacho de crina encimado.
O pai e a mãe veneranda, a um só tempo, sorriram, de gozo.
O refulgente elmo, então, da cabeça tirou o guerreiro,
pondo-o, cuidoso, depois, ao seu lado, na terra fecunda.
E, logo, o filho nos braços tomando, depois de beijá-lo,
a Zeus e a todos os deuses eternos suplica, fervente:
“Zeus poderoso, e vós outros, ó deuses eternos do Olimpo,

que venha a ser o meu filho como eu, distinguido entre os Teucros,
de igual vigor, e que em Ílio, depois, venha a ter o comando.
E que, ao voltar dos combates alguém diga, ao vê-lo: ‘É mais
ainda, que o pai!’ Possa a mãe veneranda à sua vista alegrar-se
pós ter matado o inimigo, pesado de espólios cruentos!”
Disse, e nos braços da esposa dileta depõe o filhinho.
Ela, afetuosa, o acolheu e o afagou no fragrante regaço,
rindo, entre lágrimas. Mui comovido ante o quadro, o guerreiro,
acariciando-a com a mão, lhe dirige as seguintes palavras:
“Minha tolinha, por que, desse modo, afliges tua alma?
Homem nenhum poderá, contra o Fado, mandar-me para o Hades,
pois quero crer que a ninguém é possível fugir ao destino,
desde que nasça, seja ele um guerreiro de prol ou sem préstimo.
Para tua casa recolhe-te e cuida dos próprios lavores,
roca e tear, assim como às criadas transmite tuas ordens,
para que tudo executem, que aos homens que em Troia nasceram,
mormente a mim, está afeto pensar quanto à guerra concerne.”
O elmo de equino penacho depois retomou o guerreiro.
Para o palácio retorna, entrementes, a esposa, virando-se
a cada passo, a verter, pela estrada, amaríssimo pranto.
Quando chegou ao palácio de bela feitura do insigne
e incontrastável guerreiro, cercada se viu pelas servas,
que prorromperam, também, a chorar, quando aflita a enxergaram.
Na própria casa de Heitor, ainda vivo, por morto o choravam,
pois esperança não tinham de que ele voltar conseguisse
salvo das mãos dos Aquivos, à fúria da guerra escapando.
Páris, também, não ficou muito tempo na estância elevada,
mas, tendo as armas de bronze vestido, de fino trabalho,
corta, apressado, a cidade, nos rápidos pés confiado.
Como galopa um cavalo habituado no estábulo, quando
pode do laço escapar e, fogoso, a planície atravessa

para ir banhar-se, impaciente, na bela corrente do rio,
cheio de orgulho, soleva a cabeça; por sobre as espáduas
bate-lhe a crina, agitada; consciente da própria beleza,
levam-no os pés para o prado, onde os outros cavalos se reúnem:
Páris, o filho de Príamo, assim, desce do alto da Acrópole
da sacra Pérgamo, envolto em couraça que a vista ofuscava.
Vem exultante; seus rápidos pés o conduzem em pouco
tempo aonde Heitor se encontrava, o divino guerreiro, que tinha
precisamente deixado o local em que à esposa falara.
Foi o primeiro a falar Alexandre, de formas divinas:
"Mano, bem vejo que muito te fiz esperar, quando tinhas
tão grande pressa; não fui diligente, conforme o ordenaste."
Disse-lhe Heitor, em resposta, o guerreiro do casco ondulante:
"Páris, nenhuma pessoa de espírito justo pudera
desconhecer teu valor nos combates, porque és corajoso.
Mas, voluntário, te escusas; não queres lutar. Isto o peito
muito me punge, quando ouço as censuras que soem fazer-te
os picadores Troianos, que tanto por ti têm sofrido.
Mas, por agora, sigamos; que disso, depois, cuidaremos,
quando Zeus pai consentir que ofertemos a grande cratera
da liberdade aos eternos, nos nossos palácios bem-feitos,
quando dos muros de Troia expulsarmos os fortes Aquivos."

CANTO VII

O COMBATE SINGULAR DE HEITOR E AJAZ E A REMOÇÃO DOS MORTOS

“O retorno de Heitor e de Páris dá vantagem aos Troianos. Heleno, inspirado por Atena e Apolo, aconselha Heitor a pelejar com o melhor entre os Gregos, mas nenhum dos Gregos se manifesta. Com o apelo de Nestor, nove heróis se apresentam, sendo Ajaz Telamônio escolhido. Ele e Heitor lutam até o anoitecer, quando há uma trégua. Decide-se, então, enterrar os mortos e os Gregos aproveitam para fazer um muro diante dos navios. Posido se ofende com este trabalho.”

As Portas Ceias Heitor atravessa, o guerreiro esplendente,
acompanhado do irmão Alexandre. Impacientes estavam
na alma os dois cabos Troianos de entrar em combates e lutas.
Do mesmo modo que nautas, ansiosos, recebem propício
vento, que um deus lhes envia, ao se acharem no mar espumoso,
completamente esgotados no rude trabalho dos remos:
aos dois guerreiros, assim, os Troianos, ansiosos, recebem.
Páris, ali, matou logo a Menéstio, nascido de Areítoo,
o porta-clava que em Arne palácio suntuoso possuía,
Filomedusa, a formosa consorte, este filho lhe dera.

Por sua vez, Heitor fere a Eioneu com a lança pontuda,
sob a celada de bronze, no colo, tirando-lhe a vida.
Glauco, nascido de Hipóloco, chefe dos Lícios guerreiros,
no ombro de Ifínoo Dexíada a lança de bronze arremessa,
quando, na crua peleja, tentava subir para o carro.
Tomba o guerreiro no chão; dissolveu-se-lhe a vida dos membros.
A de olhos glaucos, Atena, donzela de Zeus, percebendo
como os Argivos, na pugna terrível, caíam sem vida,
célere baixa, passando por cima dos picos do Olimpo,
para Ílio santa. Mas do alto de Pérgamo veio encontrá-la
Febo, que estava a pensar na vitória dos homens de Troia.
Aproximando-se um do outro, encontraram-se junto à figueira.
Foi o primeiro a falar o nascido de Zeus, Febo Apolo:
"Filha de Zeus poderoso, por que, novamente, baixaste,
com tanta pressa, do Olimpo? Que nova paixão te comove?
Queres fazer que a indecisa batalha se mude em vitória
para os Aqueus? Não tens pena, bem sei, dos Troianos que morrem.
Fora bem mais proveitoso que, agora, um conselho me ouvisses:
tréguas façamos, por hoje somente, aos combates e lutas:
mas, amanhã, reinicie-se a fera peleja, até que Ílio
ponham por terra os Aqueus, visto que ambas — ó deusas eternas! —
determinastes que seja destruída esta bela cidade."
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse, em resposta, o seguinte:
"Seja assim mesmo, frecheiro infalível; baixei do alto Olimpo,
para os Troianos e Aqueus, justamente a pensar neste plano.
Mas de que jeito, pergunto, imaginas pôr fim a esta pugna?"
Disse-lhe, então, em resposta, o nascido de Zeus, Febo Apolo:
"A alma ardorosa de Heitor, o ginete esforçado, incitemos
a provocar para duelo a qualquer dos Aquivos guerreiros
que, porventura, se atreva a lutar corpo a corpo com ele.
Penso que, cheios de espanto, os Acaios de grevas bem-feitas

incitarão um dos seus a enfrentar o divino guerreiro.”
A de olhos glaucos, Atena, ao conselho, de pronto, obedece.
Na alma sentiu, logo, Heleno, nascido de Príamo, quanto
era agradável aos deuses a ideia que, então, lhe ocorrera.
Junto de Heitor se deteve e lhe disse as seguintes palavras:
“Filho de Príamo, Heitor, semelhante a Zeus grande no engenho
na qualidade de irmão, poderei ministrar-te um conselho?
Faze que cesse a peleja entre os homens Aqueus e os Troianos
e, para duelo, provoca inimigo mais forte e valente
que, porventura, se atreva a lutar corpo a corpo contigo.
Ainda no momento não veio de a Morte funesta encontrares,
que isso me foi revelado na voz das eternas deidades.”
Grande alegria, ao ouvir tais palavras, Heitor manifesta,
e, começando a correr, com a lança segura no meio,
manda que os Teucros parassem, os quais prontamente obedecem.
Fez Agamémnone, então, que os Acaios grevados parassem.
Palas Atena, a donzela de Zeus, e o deus do arco de prata
a forma de aves tomaram, de abutres de voo altanado,
e se assentaram na faia dicada a Zeus, que a égide vibra,
de onde os guerreiros admiram, que em densas fileiras pararam,
completamente eriçadas de escudos e lanças pontudas.
Como se dá quando Zéfiro se alça e provoca arrepios
na superfície do mar, que se torna, de pronto, anegrado:
da mesma forma ondulavam Troianos e Acaios valentes
pela planície. Avançando para eles, Heitor assim fala:
“Ora guerreiros Troianos, grevados Acaios, prestai-me
toda a atenção, que no peito me ordena falar-vos o espírito!
Os juramentos não quis Zeus potente que fossem mantidos,
pois nos reserva, sem dúvida, muitos e graves trabalhos,
té que possais submeter a cidade de torres altivas,
ou que vencidos fiqueis junto às naves de rápido curso.

Em vosso meio se encontram os homens mais fortes da Acaia.
Desses, o que se atrever a medir-se, em duelo, comigo,
saia das filas e, como adversário de Heitor, se enalteça.
Seja Zeus grande o fiador do que a todos, agora, proponho:
caso, com bronze afiado, me venha a matar, que me tire
esse guerreiro a armadura e a deponha em seu barco ligeiro;
mas restitua meu corpo, que possam, depois, os Troianos
e as venerandas consortes à pira sagrada entregá-lo.
Se Febo Apolo, porém, me fizer vencedor do adversário,
despojá-lo-ei da armadura e, levando-a para Ílio sagrada,
no templo irei pendurá-la de Apolo, frecheiro infalível,
mas o cadáver será restituído aos navios simétricos,
para que os fortes Aquivos cacheados lhe deem sepultura
e um monumento lhe elevem na margem do largo Helesponto,
para que possam dizer as pessoas dos tempos vindoiros,
quando, em seus barcos de remos, cruzarem o mar cor de vinho:
‘Eis o sepulcro de um homem que a vida perdeu há bem tempo;
pelo admirável Heitor, em combate esforçado, foi morto.’
Isso dirão, certamente; imortal há de ser minha glória.”
Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram.
De recusar, tinham pejo; porém de anuir, muito medo.
Té que, por fim, Menelau se levanta e, com termos violentos,
os companheiros censura, pois sua aflição era grande:
“Bando covarde de Acaios, não digo de Aqueus, bons de língua!
Para nós todos será grande opróbrio, o mais grave e humilhante,
que nenhum Dânao revele coragem de a Heitor contrapor-se.
Em água e terra virar se pudésseis, em vez de ficarem
todos sentados, assim, onde se acham, com medo e sem honra!
Pois cingirei minhas armas para ir combatê-lo, que, é certo,
só dos eternos do Olimpo depende alcançar a vitória.”
Tendo isso dito, envergou, logo ali, a armadura brilhante.

E, por sem dúvida, o fim, Menelau, da existência encontraras
nas mãos de Heitor, por ser ele dotado de muito mais força
se não tivessem corrido a sustá-lo os mais nobres Aquivos,
conjuntamente com o rei Agamémnone, rei poderoso,
que, pela destra o tomando, lhe diz as seguintes palavras:
"Enlouqueceste, discíp'lo de Zeus? Não estamos em tempo
de praticar desatinos. Embora não possas, contém-te.
Não te aventures, por coisa de nada, a lutar com o preclaro
filho de Príamo, Heitor, de quem outros, também, se receiam.
O próprio Aquiles, que muito te excede em virtude guerreira,
mostra receio de vir a encontrá-lo no prélio homicida.
Volta, por isso, a sentar-te no meio de teus companheiros,
pois, contra Heitor, um adversário faremos, sem dúvida, alçar-se.
Ainda que impávido seja e se mostre sequioso de lutas,
tenho certeza de que há de dobrar os joelhos, embora
possa, com vida, escapar do recontro e da ardente peleja."
Essas palavras do herói, de fatais e prudentes conceitos,
fazem que o irmão se arrefeça. Obedece. Mostrando-se alegres,
os escudeiros as armas brilhantes dos ombros lhe tiram.
Vira-se, entanto, Nestor, para os outros Argivos e fala:
"Deuses, que dor indizível se abate nos povos Acaios!
Como há de o velho Peleu picador suspirar de contínuo,
o conselheiro e fecundo orador dos valentes Mirmídones,
ele, que tanta alegria mostrou, certa vez, em sua casa,
ao me inquirir sobre a raça e a prosápia dos homens Aquivos!
Mas se ele viesse a saber que ora todos de Heitor mostram medo,
elevaria, sem dúvida, as mãos para os deuses, pedindo
que, da existência privado, o mandassem para o Hades sombrio.
Fosse do gosto de Zeus, e de Palas Atena, e de Apolo,
que remoçasse de novo, qual era no tempo em que os Árcades
e os fortes Pílios lutaram ao pé do veloz Celadonte,

junto dos muros de Feias, nas ribas florentes do Járdano!
Ereutalião vinha à frente daqueles, semelho a um dos deuses,
nos ombros largos trazendo a armadura de Areítoo potente,
o divo Areítoo, também conhecido entre os seus pela alcunha
de ‘Porta-clava’, que os homens e as belas mulheres lhe deram,
por não usar nos combates nem lança temível nem arco,
sim grande clava de ferro, com a qual as falanges rompia.
Foi por Licurgo da vida privado, à traição, não por força,
em um local muito estreito, onde a clava de ferro da Morte
não o podia livrar. Adiantou-se Licurgo, primeiro,
atravessando-lhe o corpo com a lança. Ao cadáver, supino,
tira-lhe a bela armadura, presente do próprio Ares brônzeo,
a qual, depois, tão somente na guerra vestir costumava.
Quando a velhice, porém, no palácio alcançou a Licurgo,
a Ereutalião, seu fiel sócio, o despojo entregou como dádiva.
Este com tal armadura, os mais fortes heróis provocava.
Todos, porém, tinham medo e tremiam; ninguém se arriscava.
Eu, tão somente, o mais moço de todos, me leva a enfrentá-lo
o coração ardoroso, confiado na audácia nativa.
Sim, defrontamo-nos; Palas Atena me deu a vitória.
Grande e fortíssimo era ele; no entanto o privei da existência:
ei-lo a ocupar área enorme com sua invulgar estatura.
Se remoçar conseguisse e o vigor aos meus membros tornasse,
não vacilara em sair contra Heitor, de elmo altivo e ondulante.
Vós, entretanto, que sois os mais fortes guerreiros da Acaia,
não demonstrais ardimento de Heitor enfrentar valoroso!”
Essas censuras do velho fizeram que nove guerreiros
se levantassem: primeiro de todos, o Atrida Agamémnone;
logo depois, o Tidida Diomedes, de forte estatura;
os dois Ajazes, depois, revestidos de força guerreira;
Idomeneu, a seguir, o seu fiel companheiro, Meríones,

que tinha de Ares funesto a figura exterior e a imponência;
segue-se Eurípilo, o filho preclaro de Evémone ilustre;
Toante, por fim, de Andremão descendente, e Odisseu valoroso.
Todos a o ínclito Heitor enfrentar se mostraram dispostos.
Volta a falar-lhes o velho guerreiro, Nestor de Gerena:
"Ora vejamos, por meio da sorte, quem há de bater-se.
Agradecidos ser-lhe-ão os Acaios, de grevas bem-feitas,
sobre ser útil, também, para si, caso ao campo retorne
salvo, escapando, com vida, do encontro e da fera peleja."
Obedeceram-lhe prestes, marcando cada um uma pedra,
que, depois, no elmo vistoso lançaram do Atrida Agamémnone.
Súplices, todos imploram, aos deuses as mãos elevando.
Muitos, olhando para o alto, diziam seus votos ferventes:
"Que seja Ajaz Telamônio, Zeus pai, o sorteado, ou Diomedes,
ou faze a escolha cair no monarca da rica Micenas!"
Por esse modo, imploravam; o Pílio Nestor sacode o elmo;
do elmo saltou logo a sorte de Ajaz, a que todos pediam.
Pela direita começa, então, logo, um dos fortes arautos
a percorrer as fileiras, mostrando-a aos preclaros Aquivos.
Todos, porém, recusavam pegá-la, que sua não era.
Mas, quando o arauto, depois de por todos passar, chegou perto
do próprio autor do sinal posto no elmo, de Ajaz impecável,
este a mão, logo, estendeu, sua sorte tomando do arauto,
pois conhecera que a senha era sua, com isso alegrando-se.
Lança-a, depois, para o chão, junto aos pés, prorrompendo desta arte:
"É minha, amigos, a marca, o que imensa alegria me causa,
pois desse encontro com Heitor ainda espero sair vitorioso.
Vamos! Enquanto me ocupo em vestir a armadura brilhante,
endereçai fervorosa oração a Zeus, filho de Crono,
mas em silêncio, que nada o percebam os homens Troianos,
ou, se o quiserdes, às claras, que nada nos causa receio.

Certo, uma vez decidido, ninguém poderá, nem por arte,
nem pela força, obrigar-me a recuar, pois nascido e educado
em Salamina não fui, para ser indivíduo sem préstimo.”
Isso disse ele; os demais, obedientes, a Zeus imploraram.
Muitos, olhando para o alto, diziam seus votos ferventes:
“Zeus pai, que no Ida demoras, senhor poderoso e supremo!
Que saia Ajaz vencedor! Dá que fama gloriosa ele alcance!
Mas, se tiveres cuidado de Heitor, se afeição lhe dedicas,
que ambos, então, se equilibrem no esforço e na fúlgida glória.”
Isso diziam. Ajaz, entrementes, o bronze vestira.
Logo que o corpo ficou recoberto por toda a armadura,
ei-lo que avança, com Ares terrível fazer tem por hábito,
ao penetrar nas batalhas dos homens, que o filho de Crono
uns contra os outros atira, em conflito de atroz extermínio.
Por esse modo, avançava o baluarte dos fortes Acaios,
com um terrível sorriso no rosto, alternando passadas
largas e firmes, e a lança de sombra comprida brandindo.
Encorajados e alegres, os homens Aqueus o contemplam;
mas os Troianos sentiram nos membros correr-lhes o Medo.
Ao próprio Heitor, palpitou-lhe o viril coração no imo peito;
mas impossível lhe fora recuar, ou acolher-se às fileiras
dos companheiros, por ter sido o duelo proposto por ele.
Como uma torre era o escudo que Ajaz sobraçava, todo ele
de couro e bronze, composto que fora por Tíquio, o mais hábil
dos correeiros, que em Hila morada opulenta possuía.
De sete couros de bois bem-nutridos o escudo fizera,
e, com oitava camada, o cobrira com bronze batido.
O grande Ajaz Telamônio, mantendo este escudo ante o peito,
para defronte de Heitor e lhe diz em tom firme de ameaça:
“Dentro de pouco hás de ver, grande Heitor, claramente, o que em luta
de homem contra homem conseguem fazer os guerreiros Acaios,

ainda na ausência de Aquiles, o herói de coragem leonina.
Mas esse, agora, se encontra nas naves recurvas e céleres,
estomagado com o chefe de heróis, o preclaro Agamémnone.
Muitos e muitos dos nossos te podem fazer, por sem dúvida,
frente em qualquer circunstância. Ora sus! iniciemos o duelo.”
Disse-lhe Heitor, em resposta, o guerreiro do casco ondulante:
“Ó grande Ajaz Telamônio, pastor muito ilustre de gentes,
não me intimides assim, qual se eu fosse criança indefesa,
ou mulher fraca, que nada entendesse de coisas da guerra.
Tenho bastante experiência de como prostrar o inimigo.
Sei sustentar meu escudo de pele de boi tanto à destra
como à sinistra, que é o modo de sempre lutar com bravura.
Precipitar-me sei bem no tumulto dos céleres carros
e, no combate a pé firme, dançar pela música de Ares.
Por isso mesmo, não quero atacar com nenhuma artimanha
um inimigo como és, mas, lealmente, tentar alcançar-te.”
Tendo isso dito, atirou-lhe a hasta longa de sombra comprida,
que foi no escudo terrível de Ajaz encravar-se, de sete
couros de boi, transpassando a camada de fora, de bronze.
Mais seis camadas de couro o metal, terebrante, atravessa,
indo deter-se só na última. Atira, também, por seu lado,
o Telamônio divino a hasta longa de sombra comprida,
que foi bater bem no escudo redondo do filho de Príamo.
A arma terrível o escudo de aspecto brilhante atravessa,
indo encravar-se na cota de bela e variada textura,
e interessando, também, junto ao flanco, a preciosa camisa.
Ele, porém, se encurvou, escapando da lívida Morte.
Ambos, então, novamente arrancando a hasta longa de bronze,
vão um para o outro, no jeito de leões voradores de carne,
ou javalis, que dotados não são de vigor despiciendo.
Um golpe Heitor logo atira no meio do escudo redondo,

sem que o furasse, porém, porque a ponta, no bronze, encurvou-se.
O Telamônio, de um salto, a hasta longa fincou-lhe no escudo,
atravessando-o; obrigado se viu a recuar o Troiano,
com o pescoço esfrolado, de forma que o sangue escorria.
Mas, nem assim, deixa Heitor de lutar, o guerreiro preclaro.
Retrocedendo, com as mãos vigorosas agarra uma pedra
áspera e escura, que estava no campo, de enorme tamanho,
e bem no meio do umbigo do escudo de Ajaz atirou-a,
feito de sete camadas; o bronze ressoou fortemente.
O Telamônio, porém, um penedo maior do chão pega
e, remoinhando, lançou-o com força infinita contra o outro:
fica amolgado o pavês, qual se pedra de moinho o apertasse.
Dobra os joelhos Heitor, que no solo caiu ressupino,
sem que do escudo largasse. Endireita-o, porém, Febo Apolo.
Ambos, então, das espadas sacando, se aprestam de novo,
mas os arautos, que são mensageiros de Zeus e dos homens,
se interpuseram, Ideu, pelos Troas valentes; Taltíbio,
pelos Acaios vestidos de bronze. Ambos eles sensatos.
Põem os cetros no meio dos dois contendores, dizendo
o mensageiro Troiano, sabido em prudentes conselhos:
“Filhos diletos, parai; ponde um fim a essa luta homicida;
a ambos Zeus grande, que as nuvens cumula, afeição tem mostrado.
Sois igualmente esforçados; nós todos assaz o admiramos.
Já veio a Noite; será conveniente mostrar-lhe obediência.”
Disse-lhe Ajaz Telamônio, o guerreiro preclaro, o seguinte:
“Essas palavras a Heitor dirigi; parta dele a proposta,
por ter sido ele o primeiro a os Aqueus provocar para duelo.
Que ele decida, portanto; farei como for de seu gosto.”
Disse-lhe Heitor em resposta, o guerreiro do casco ondulante:
“Deram-te os deuses, Ajaz, estatura magnífica, força
e valentia sem-par. Dos Aqueus és o mais destemido.

Interrompamos, por hoje somente, os combates e lutas;
mas amanhã reinicie-se a luta até vir a ser ela
por um dos deuses julgada, e a vitória a um de nós concedida.
Já veio a Noite; será conveniente mostrar-lhe obediência.
Para os navios simétricos volta, levando a alegria
aos Aqueus todos, mormente aos parentes e aos fiéis companheiros.
Por minha vez, voltarei para o burgo altanado de Príamo,
para alegrar os Troianos e suas formosas esposas
que, porventura, por mim a rezar ora estão pelos templos.
Mas, antes disso, façamos permuta de belos presentes,
para que possam dizer os Troianos e os fortes Aquivos:
'Como inimigos de morte lutaram, com sanha terrível;
mas, pós haverem trocado presentes, em paz se apartaram.'"
Tendo isso dito, uma espada ofertou-lhe com cravos de prata,
o talabarte de bela feitura e a bainha vistosa.
Cinto esplendente de púrpura, Ajaz, em retorno, lhe oferta.
Um dos guerreiros, depois de apartados, procura os Aquivos;
o outro voltou para o meio dos Troas, que, cheios de júbilo,
o receberam, ao vê-lo chegar sem nenhum ferimento,
da ira e das mãos invencíveis de Ajaz, afinal, libertado.
Para a cidade o levaram, sem crerem que salvo estivesse.
Ao Telamônio, exultante com sua vitória, os Acaios,
por sua vez, conduziram para onde se achava Agamémnone.
Quando eles todos chegaram à tenda do filho de Atreu,
fez este um touro matar, que cinco anos contava, ofertando-o
a Zeus potente, nascido de Crono, que as nuvens cumula.
Prestes, mui prestes, o esfolam e, logo em seguida, o esquartejam;
todo o restante retalham, espetos enfiam nas postas
e, cuidadosos, as tostam, tirando-as, depois, dos espetos.
Quando concluído o trabalho e o convívio, desta arte, aprontado,
se banquetearam, ficando cada um com a porção respectiva.

A melhor parte cortou para Ajaz, a saber, todo o lombo,
o grande filho de Atreu, Agamémnone, rei poderoso.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
foi o primeiro a tecer argumentos Nestor de Gerena,
cuja opinião, desde muito, julgada a melhor era sempre.
Cheio de bons pensamentos, lhe diz, arengando, o seguinte:
"Filho de Atreu, e vós outros, distintos e fortes Argivos!
Muitos Acaios de soltos cabelos já a vida perderam;
Ares, o deus impetuoso, espargiu-lhes o sangue anegrado
no amplo Escamandro, baixando suas almas para o Hades sombrio.
Faze, portanto, mal surja a manhã, suspender os combates.
Com bois e mulos, depois, os cadáveres todos nos carros
transportaremos, a fim de queimá-los na pira sagrada,
um pouco longe das naves, que os ossos possamos a cada
filho entregar, quando à pátria querida, por fim, regressarmos.
Um monumento comum, na planície, depois, construamos
perto da pira e, a partir desse ponto, erijamos, depressa,
torres excelsas, amparo eficaz para nós e os navios.
Que sejam elas providas, também, de mui sólidas portas,
porque passagem tenhamos, assim, para os carros de guerra.
A par, do lado de fora, cavemos um fosso profundo,
que todo o muro circunde, capaz de refrear os cavalos,
para não sermos levados pelo ímpeto grande dos Teucros."
Isso disse ele; aplaudiram-no todos os chefes presentes.
Junto das portas de Príamo, no alto da Acrópole de Ílio,
em tumultuosa assembleia os Troianos, também, se reuniam.
Foi o primeiro a falar Antenor, de prudentes conselhos:
"Teucros, Dardânios e aliados, agora atenção prestai todos
ao que vos digo e no peito me ordena a falar-vos o espírito.
É conveniente aos dois nobres Atridas Helena e os tesouros
restituir, pois forçoso será combater, dora avante,

como perjuros que somos. Nenhuma esperança alimento
de qualquer bem, se negardes anuência a esta minha proposta.”
Tendo isso dito, voltou novamente a assentar-se. Levanta-se
Páris, o divo Alexandre, marido de Helena cacheada,
e lhe dirige, em resposta, as seguintes palavras aladas:
“Quanto disseste, Antenor, está longe de ser-me agradável.
Penso que fora possível fazeres proposta mais digna.
Mas, se tudo isso de há pouco foi dito, realmente, em tom sério,
é que os eternos do Olimpo fizeram que o juízo perdesses.
Ora desejo, também, dirigir-me aos guerreiros Troianos:
nunca hei de a esposa entregar; isso digo com toda a clareza;
mas os objetos que de Argos, então, carreguei para Troia,
em restituir não me oponho, acrescidos de joias inúmeras.”
Tendo isso dito, voltou novamente a sentar-se. Levanta-se
Príamo, filho de Dárdano, igual, no intelecto, a um dos deuses.
Cheio de bons pensamentos, lhe diz, arengando, o seguinte:
“Teucros, Dardânios e aliados, agora atenção prestai todos
ao que vos digo e no peito me ordena falar-vos o espírito.
Ora ide cear na cidade sagrada, conforme é do estilo;
todos se ocupem da guarda: um por um se conserve acordado.
Mas amanhã, logo cedo, enviemos Ideu aos navios,
para dizer aos dois chefes insignes, os claros Atridas,
o que lhes manda propor Alexandre, fautor desta guerra,
e ainda mais, perguntar-lhes se querem — e é justo — dar tréguas
ao fragoroso combate, até termos queimado os cadáveres,
reiniciando-se a fera peleja no dia seguinte,
té que um dos deuses decida a quem venha a caber a vitória.”
Obedeceram-lhe todos, depois de, em silêncio, o escutarem.
Sem desfazer as fileiras, nos ranchos, da ceia cuidaram.
Mal a manhã despontou, para as naves Ideu se dirige
em assembleia encontrando os Argivos, discípulos de Ares,

junto da popa da nave do Atrida. Depois de encontrar-se
no meio deles, falou-lhes o arauto canoro desta arte:
“Filhos de Atreu, e vós outros, distintos e fortes Acaios,
Príamo e os outros Troianos ilustres aqui me enviaram
para dizer-vos, no caso de grata vos ser a notícia,
o que vos manda propor Alexandre, fautor desta guerra.
Tudo quanto ele — prouvera que a Morte, antes disso, o alcanças
— trouxe nas naves simétricas para a cidade de Príamo,
acha-se pronto a entregar, acrescido de inúmeras joias.
Mas quanto àquela que, virgem, o herói Menelau desposara,
em restituir não consente, apesar de que os Teucros o pedem.
Trago, também, perguntar-vos se acaso aos combates horríssonos
tréguas quereis conceder, até termos queimado os cadáveres,
reiniciando-se a fera peleja no dia seguinte,
té que um dos deuses decida a quem venha a caber a vitória.”
Isso disse ele; calados e quedos os outros ficaram,
té que, por fim, fala o grande Diomedes, de voz poderosa:
“Não se receba nenhum dos presentes propostos por Páris,
nem mesmo Helena, por ser mais do que claro, até às próprias crianças,
que sobre os homens de Troia a ruína fatal já desaba.”
Isso disse ele, e os Aqueus prorromperam em grita estrondosa,
de assentimento às palavras do forte guerreiro Diomedes.
Vira-se, então, para Ideu, o potente senhor Agamémnone:
“Ouves, Ideu, com teus próprios ouvidos, o que te respondem
nossos guerreiros. E grata a resposta também ao meu peito.
No que concerne aos cadáveres, não lhes recuso a fogueira;
impedimento nenhum costumamos fazer aos defuntos,
mas, extinguido o vigor, procuramos aplacá-los com o fogo.
Zeus, de Hera esposo, de voz atroante, confirme esta jura.”
O cetro, então, levantando, invocou logo os deuses eternos.
Para a cidade sagrada de Troia Ideu, logo, retorna.

Na ágora todos se achavam sentados, Dardânios e Teucros,
em reunião, cheios de ânsia, a esperar pela volta do arauto.
Este, avançando até o meio da praça, lhes faz um relato
do que lhe fora incumbido. Aprontaram-se todos, depressa:
uns, para lenha acervar; para os corpos trazer, outros tantos.
Parte também, dos Argivos, deixando os navios, cuidava
de recolher os cadáveres; parte, com a lenha se ocupa.
Logo que o Sol começou a ferir com seus raios o campo,
pós ter deixado a corrente profunda e tranquila do oceano,
para galgar o alto céu, encontraram-se Aquivos e Teucros.
Era tarefa difícil identificar os cadáveres,
sem que, primeiro, com água os coalhos de sangue tirassem.
Por entre choro sentido os colocam, depois, nas carretas.
O grande Príamo, entanto, proibiu gritaria: em silêncio,
o coração angustiado, às fogueiras os corpos entregam.
Logo depois de queimados, voltaram para Ílio sagrada.
Do mesmo modo os Acaios, de grevas bem-feitas, procedem:
o coração angustiado, às fogueiras os corpos entregam;
logo depois de queimados, às côncavas naus retornaram.
Antes que a Aurora tivesse surgido, ainda em pleno crepúsculo,
grupo escolhido de Aqueus ao redor da fogueira se reúne.
Um monumento comum, na planície, depois, construíram,
perto da pira e, a partir desse ponto, erigiram, depressa,
torres excelsas, amparo eficaz para os homens e as naves.
Portas, depois, de feitura mui sólida, em todas puseram,
que para os carros de guerra, desta arte, o caminho franqueassem.
A par, do lado de fora, cavaram um fosso profundo,
grande, bem largo, provido todo ele de fortes estacas.
Azafamavam-se, assim, os Acaios de soltos cabelos.
Todos os deuses ao lado de Zeus se encontravam sentados,
fulminador, a admirar a grande obra dos fortes Argivos.

Foi o primeiro a falar o que a terra sacode, Posido:
“Conceber-se-á, Zeus potente, que exista algum homem na Terra
que, previamente, revele a um de nós seus intuitos e planos?
Vês como agora, de novo, os Acaios de soltos cabelos
muro ao redor dos navios construíram, cingido por fosso,
sem que aos eternos houvessem solene hecatombe ofertado?
Tal como a Aurora, há de a fama sem-par desse muro estender-se,
e em esquecimento cairão as muralhas que Apolo e eu construímos
com tanto esforço e canseira no burgo do herói Laomedonte.”
Disse-lhe Zeus, indignado, que as nuvens no Olimpo cumula:
“Abalador poderoso da terra, que ditos são esses!
Tal pensamento pudera ocorrer a um qualquer dos eternos
destituído de força e de braços que os teus menos fortes.
Té onde a Aurora se estenda, também chegará tua glória.
Sê comedido, que quando os Aquivos, de soltos cabelos,
para o torrão de nascença voltarem, nas naves simétricas,
tens o poder de arrasar a muralha, levando os escombros
para o amplo mar e cobrindo a área grande de areia infinita,
de todo estruindo a grande obra, Posido, dos fortes Aquivos.”
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos diziam.
E, quando o Sol se deitou, os Aqueus o trabalho concluíram.
Bois, junto às tendas, imolam; depois, cuidam todos da ceia.
Nisso, chegaram de Lemno navios inúmeros, cheios
de vinho rútilo, todos de Euneu e por ele enviados,
filho do chefe de povos, Jasão, e de Hipsípile bela.
Determinara o pastor de guerreiros, Euneu, para os nobres
filhos de Atreu mil medidas de vinho, presente valioso.
Vinho soíam comprar-lhe os Aquivos de soltos cabelos;
uns, davam bronze de volta; outros, barras de ferro brilhante;
peles de bois, alguns poucos, e reses, ainda, outros, com vida,
ou, mesmo, escravos. Banquetes opimos, depois, aprontavam.

Por toda a noite, em festins, os Acaios de soltos cabelos
se banqueteavam e, assim, na cidade, os Troianos e aliados.
Graves incômodos Zeus, toda a noite, para eles pensava,
a trovejar por maneira terrível. De todos o pálido
Medo se apossa; derramam no solo a bebida; não ousa
vinho beber ninguém mais, sem que a Zeus poderoso libasse.
Foram deitar-se, depois, e os presentes do Sono lograram.

CANTO VIII

A LUTA INTERROMPIDA

“Zeus proíbe futuras intervenções dos deuses na guerra e vai ao monte Ida assistir aos combates. Os Troianos, então, sobrepujam os Gregos. Diomedes tenta, sem sucesso, recuperar a vitória para os Gregos. Estes são empurrados até suas naves. Hera e Atena, descendo para ajudar os Gregos, são impedidas por Zeus, enviando Íris, que as obriga a voltar para o Olimpo. A noite interrompe a batalha.”

O cróceo manto já abrira na Terra a solícita Aurora,
quando Zeus grande, que os raios dispara, os eternos convoca
para a assembleia no pico mais alto do Olimpo cumeoso.
Zeus se pôs logo a falar; toda a Corte celeste o escutava:
“Deuses eternos, e deusas, agora atenção prestai todos
ao que vos digo e no peito me ordena dizer-vos o espírito.
Nenhum dos deuses, nem mesmo nenhuma das deusas se atreva
a contestar meu discurso, mas, todos, concordes se mostrem,
para que eu possa, sem perda de tempo, acabar esta empresa.
Quem quer que seja disposto, a de parte dos outros eternos,
a socorrer os Troianos, ou, ainda, os grevados Aquivos,
há de se ver fustigado, aqui mesmo, por modo irrisório,

se eu o não lançar, sem nenhuma cautela, no Tártaro escuro,
esta voragem profunda que embaixo da terra se encontra,
de érea soleira munida e de portas de ferro, tão longe
do Hades sombrio quanto há de permeio entre a Terra e o Céu vasto.
Por esse modo há de ver quanto sou, mais que todos, potente.
Caso queirais pôr à prova o que digo, será proveitoso:
por uma ponta amarrai no Céu vasto áurea e grande cadeia,
e, da outra ponta, reunidos, ó deuses e deusas, forçai-a.
Por mais esforço que nisso apliqueis, impossível a todos
vos há de se arrastar a Zeus grande, o senhor inconteste.
Mas se, ao contrário, eu quiser, seriamente, puxar para cima,
a própria terra e o mar vasto, convosco trarei desde de baixo.
Mais: ser-me-á fácil no pico mais alto do Olimpo amarrar-vos
nessa corrente, deixando pendente tudo isso no espaço;
tanto supero os mortais, tanto os deuses eternos supero.”
Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram,
estupefatos perante a violência de suas palavras.
A de olhos glaucos, Atena, por fim a falar se resolve:
“Crônida, pai de nós todos, senhor poderoso e supremo,
sobejamente sabemos que força invencível possuis,
o que não priva nos causem piedade os lanceiros Argivos,
por vermos como perecem, cumprindo o Destino funesto.
Se determinas, porém, que afastados fiquemos das lutas,
simples conselhos permite aos Argivos, então, ministrarmos,
para evitar que tua ira, afinal, a eles todos dizime.”
Disse-lhe, a rir, em resposta, Zeus grande que as nuvens cumula:
“Ó Tritogênia, acomoda-te; quando falei, foi produto,
certo, da cólera; mas para ti quero ser mais sereno.”
Disse, e no carro atrelou os cavalos de rápido curso,
de crina de ouro ondulante e de cascos de bronze infrangível.
Veste a armadura, também, de ouro puro, empunhando depressa

áureo chicote de fino lavor, e subiu para o carro.
Com chicotada os cavalos esperta, que partem, velozes,
pelo caminho que fica entre a Terra e o Céu vasto estrelado.
O Ida, afinal, alcançou, rico em fontes, de feras abrigo,
onde, no Gárgaro, altar possuía num bosque virente.
O genitor dos mortais e dos deuses refreia os cavalos,
tira-os do carro, ali mesmo, envolvendo-os em densa neblina,
e foi sentar-se radiante de glória, no pico mais alto,
a contemplar a cidade dos Teucros e as naus dos Argivos.
As refeições os Acaios de soltos cabelos tomaram,
rapidamente, nas tendas, armando-se logo em seguida.
Por sua vez na cidade, os Troianos também se aprontaram,
em menor número, é certo, mas todos sequiosos de lutas
a que a defesa dos filhos e esposas decerto os forçava.
A multidão, pelas portas franqueadas, então, se apinhava,
os que lutavam de carro e os peões, era grande o alarido.
Quando os imigos exércitos vieram, num ponto, a encontrar-se,
lanças e escudos se chocam, bem como a coragem dos homens
com armaduras de bronze; broquéis abaulados embatem-se
uns contra os outros; estrépito enorme se eleva da pugna.
Dos vencedores os gritos de júbilo se ouvem e as queixas
dos que tombavam vencidos; de sangue se encharca o chão duro.
Enquanto o dia sagrado crescia e a manhã não cessara,
cruzam-se dardos de todas as partes e a turba perece.
Mas, quando o Sol a porção mediana alcançou do Céu alto,
toma Zeus grande de uma áurea balança, nos pratos coloca
as duas sortes da Morte funesta, de dor infindável,
dos picadores Troianos e Aquivos de vestes de bronze,
e pelo meio librou: baixa o dia fatal dos Aquivos.
A sorte, sim, dos Acaios bater foi na terra fecunda;
a dos Troianos, porém, para o céu foi depressa levada.

Nesse momento, um rimbombo se ouviu; do Ida, Zeus poderoso
um raio atira no meio dos homens Aqueus; espantaram-se
com o prodígio eles todos, ficando tomados de medo.
Idomeneu não ousou continuar, nem o próprio Agamémnone,
nem os Ajazes valentes, discípulos de Ares guerreiro.
Permaneceu tão somente Nestor, o baluarte dos Gregos,
não por vontade, mas, sim, por haver-lhe ferido um cavalo
Páris, o divo Alexandre, marido de Helena cacheada,
precisamente na altura onde a crina a crescer principia,
no alto da testa, o lugar, por sem dúvida, mais perigoso.
Um salto deu o animal, pois a flecha lhe entrara até o cérebro,
e, estrebuchando, produz confusão entre os outros cavalos.
Enquanto os loros o velho tentava talhar com a espada,
os corredores velozes de Heitor, pela turba cortando,
se aproximaram, trazendo do herói o animoso cocheiro
e o próprio Heitor. E, sem dúvida, o velho ali mesmo ficara,
se não houvesse notado o perigo Diomedes, o forte,
que em altas vozes exclama, incitando Odisseu para a luta:
"Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
voltas as costas e foges tal como os cobardes o fazem?
Toma cuidado, não vá acontecer que te firam nas costas.
Vem ajudar-me a livrar de adversário terrível o velho."
Mas o paciente e sofrido Odisseu atenção não prestando
a essas palavras, cortou para as naus dos Acaios grevados.
Ainda que só, vem Diomedes meter-se entre as turmas da frente
e, junto ao carro parando do velho Nestor de Gerena,
põe-se a falar-lhe, dizendo as seguintes palavras aladas:
"Muito te apremam, Nestor, inimigos no viço da idade.
Emurcheceu teu vigor, pois infausta velhice te oprime.
Tens um auriga de pouco expediente e corcéis muito lerdos.
Vem para cá, porque vejas, alfim, como são excelentes

estes cavalos de Trós, que tão rápidos correm no plaino,
quer quando cumpre fugir, quer no encalço do imigo ligeiro.
Arrebatei-os de Eneias, há tempo; o terror eles levam.
Deixa aos cuidados dos servos os teus corredores, porque estes
nos levarão para os fortes Troianos, a fim de que veja
Heitor que a lança que eu vibro dispara, em verdade, com fúria."
De boamente, o Gerênio Nestor aceitou-lhe os conselhos.
Eurimedonte e o impecável Esténelo, fiéis escudeiros,
dos corredores velozes do velho Nestor se ocuparam.
Os dois heróis para o carro do nobre Diomedes subiram.
Toma das rédeas brilhantes o velho Nestor, espertando,
com chicotada, os cavalos; em pouco, de Heitor se aproximam,
que para os dois avançava; atirou-lhe Diomedes a lança,
sem que o atingisse. No auriga escudeiro acertou, entretanto,
junto do seio, de frente, quando ele os corcéis dirigia,
filho do grande e animoso Tebaio, Eniopeu preclaríssimo.
Estrepitoso, do carro caiu, espantando os cavalos
de pés velozes; a vida e o vigor, ali mesmo, lhe fogem.
Grande pesar sente Heitor com a morte do auriga preclaro;
mas, muito embora sentisse sua perda, no solo o abandona,
para outro auriga animoso ir buscar. Muito tempo não ficam
os corredores sem guia, pois logo a Arqueptólemo encontra,
de Ífito o filho extremado, que fez para o carro flexível,
sem mais demora, subir, entregando-lhe as rédeas brilhantes.
Irreparável catástrofe, então, sucedera aos Troianos,
que encurralados seriam, quais fracas ovelhas, em Ílio,
se pelo pai dos mortais e dos deuses não fosse notado
o que passava, Zeus, troando terrível, um raio dispara
do alto, que veio cair junto dos fortes corcéis do Tidida:
chama horrorosa elevou-se do enxofre que, então, crepitava.
Cheios de susto, os corcéis, sob o carro, em desordem, se metem;

caem as rédeas brilhantes das mãos de Nestor, que sentindo
o coração palpitar-lhe a Diomedes se volta e lhe fala:
“Toma, Diomedes, das rédeas e faze virar os cavalos,
pois não estás vendo que Zeus nos denega alcançar a vitória?
O grande Crônida a Heitor hoje glória concede perene;
mas amanhã, se o quiser, far-nos-á vencedores de novo.
Nunca os desígnios de Zeus alterar jamais pôde algum homem,
por mais valente e galhardo, pois ele é o poder infinito.”
Disse-lhe, então, em resposta, Diomedes, de voz atroante:
“Todas as tuas palavras, ancião, foram ditas com senso;
mas sofrimento indizível o peito, nesta hora, me oprime,
por ver que em meio aos Troianos Heitor possa um dia jactar-se:
‘Veem? O Tidida de mim já fugiu, acolhendo-se às naves!’
Sorva-me a terra, primeiro que assim venha, ufano, a gloriar-se.”
Disse-lhe, então, o Gerênio Nestor, condutor de cavalos:
“Como é possível que o filho do grande Tideu assim fale?
Ainda que Heitor te acoimasse de imbele e covarde, impossível,
fora-lhe a alguém convencer, não somente Dardânios e Teucros,
mas as mulheres de tantos guerreiros de peito animoso,
cujos maridos, no viço da idade, prostraste na poeira.”
Pós ter falado, a voltar obrigou os velozes cavalos
por onde os outros fugiam. Heitor e os Troianos, nessa hora,
com sobre-humano alarido, atiraram-lhe setas pungentes.
Em grandes brados Heitor, do penacho ondulante, lhe grita:
“Os Dânaos todos, Diomedes, te honravam nas festas, cedendo-te
a cabeceira e ofertando-te assados e vinho abundante.
Ora dar-te-ão só desprezo, pois como mulher te portaste.
Foge, donzela pudica! Jamais hei de o passo ceder-te;
nunca hás de os muros sagrados subir-nos, nem nossas mulheres
para os navios levar, que, antes disso, dar-te-ei morte infausta.”
Isso disse ele; indeciso se mostra o valente Diomedes,

quanto a virar o cavalo e enfrentar o inimigo impetuoso.
Na mente e no ânimo o herói, indeciso, reflete três vezes;
três vezes do Ida aprazível rimbomba Zeus, filho de Crono,
para anunciar aos Troianos que deles seria a vitória.
Em altos brados Heitor se dirige aos guerreiros Troianos:
"Lícios, Dardânios e Teucros, viris combatentes de perto,
sede homens, caros amigos, e força mostrai impetuosa.
Vi claramente que Zeus é por nós, tendo anuído em ceder-nos
fama preexcelsa e a vitória, e aos Argivos apenas trabalhos,
estes ingênuos, que a ideia tiveram de um muro altanado,
sem resistência, construir, irrisório empecilho ao meu braço,
pois meus corcéis hão de o fosso profundo transpor facilmente.
E, quando as naus alcançarmos de rápido curso, na praia,
fique ao cuidado de todos prover que haja fachos a jeito,
para que nelas o fogo lancemos, e, aos próprios Aquivos,
pela fumaça estonteados, matemos ao pé dos navios."
Tendo isso dito, aos corcéis se pôs logo a falar, animando-os:
"Étone e Lampo divinos, Podargo veloz, Xanto altivo,
ambos deveis retribuir-me nesta hora os cuidados por parte
da nobre filha de Eecião, o guerreiro magnânimo, Andrômaca,
que muitas vezes, primeiro que a mim, vos deu pão saboroso
em doce vinho embebido, ao sentirdes a sede abrasar-vos,
em que marido me orgulhe de ser-lhe, no viço da idade.
Eia, arrancai contra o imigo, porque consigamos, agora,
o áureo broquel de Nestor conquistar, que tem de ouro maciço
as braçadeiras; há muito, o alto Céu alcançou sua fama.
Dos largos ombros, também, de Diomedes, o forte, arranquemos
a primorosa couraça, que Hefesto forjou com paciência.
Se conseguirmos tomar essas armas, estou que os Acaios
ainda esta noite hão de entrar para as naves de rápido curso."
A indignação de Hera explode ante o voto do herói jactancioso;

no trono de ouro agitou-se, fazendo tremer todo o Olimpo.
Vira-se, então, para o grande Posido e lhe diz o seguinte:
“Abalador poderoso da terra, confessa-me: acaso
não te apiadas dos Dânaos, ao vê-los morrer desse modo?
Eles, entanto, copiosos e gratos presentes te levam
a Hélice e a Egas; justiça é pensar em lhes dar a vitória.
Se todos nós, protetores dos Dânaos, acordes ficássemos
em expulsar os Troianos, embora Zeus grande os proteja,
em pouco tempo ele, no Ida, sozinho, amargar haveria.”
O abalador poderoso, indignado, lhe disse, em resposta:
“Não tens medida, insensata? Que nova ousadia proferes?
Não, jamais hei de lutar contra o filho de Crono, ainda mesmo
que todos contra ele estivessem, pois é muito mais poderoso.”
Enquanto os deuses do Olimpo conceitos, desta arte, trocavam,
em todo o espaço que vai dos navios às torres e ao fosso
em confusão se amontoavam guerreiros de carro e pedestres.
Atropelava-os o filho de Príamo, Heitor, semelhante
a Ares potente, a quem Zeus concedia alcançar a vitória.
E, certamente, incendiara os navios de rápido curso,
se não tivesse no peito do Atrida esforçado, Agamémnone,
Hera lançado o desejo de aos outros Aqueus dar coragem.
O manto escuro e vistoso lançando no braço robusto,
pôs-se a correr os navios e tendas dos homens Aquivos.
Junto do monstro da proa da nau de Odisseu se deteve,
que era no centro de todas, porque sua voz fosse ouvida
nos dois extremos opostos, na tenda de Ajaz Telamônio
e na de Aquiles, os quais no valor e ousadia confiados
tinham postado seus barcos nos pontos extremos do campo.
Desse lugar, para os Dânaos, com voz retumbante, assim brada:
“Ó geração de covardes de bela presença, que opróbrio!
Onde as jactâncias se encontram, de que éreis os mais valorosos,

quando, sem fim nem propósito, em Lemno discurso fazíeis,
comodamente a comer muita carne de bois de aspas longas,
e a esvaziar sucessivas crateras de vinho gostoso?
Todos juráveis poder, nos combates, um cento de Teucros,
ou mesmo dois, enfrentar. Mas, agora, um homem só nos faz frente,
o forte Heitor, que há de em breve, sem dúvida, as naus lançar fogo.
Entre os cetrados monarcas, Zeus pai, houve algum, porventura,
que, como a mim, castigasses, privando-o de glória perene?
Por teus altares, no entanto, jamais transitei descuidado,
quando, por minha desgraça, aqui vim nos meus barcos de remos.
Sim, neles todos queimei muitas coxas de bois, e gordura,
pelo desejo de os muros destruir resistentes de Troia.
Ó Zeus! ao menos por mim, dá-me ouvidos à súplica de hoje:
que permitido nos seja escapar deste instante perigo,
sem consentires que os homens de Troia aos Acaios dizimem.”
Isso disse ele, a chorar; Zeus potente abalado se mostra,
e consentiu, com um sinal, que seu povo não fosse destruído.
Uma águia, logo, mandou, dentre as aves a mais auspiciosa,
que um gamozinho de corça veloz carregava nas garras,
o qual soltou, ao passar pelo altar, onde ofertas opimas
ao deus que a tudo responde soíam trazer os Aquivos.
Estes, então, compreendendo o sinal que Zeus grande mandara,
com novo ardor belicoso atiraram-se contra os Troianos.
Nenhum dos Dânaos — tentaram-no muitos — então ufanou-se
de ter vencido o Tidida no afã de incitar os cavalos
para transporem os fossos e, assim, frente a frente, lutarem.
Pelo contrário: de início, o Troiano Agelau ele fere,
filho de Frádmone, quando os cavalos já havia virado,
precisamente ao voltar-se, enterrando-lhe a lança de bronze
entre as espáduas, de forma que a ponta no peito saiu:
tomba do carro de bruços, ressoando-lhe em torno a armadura.

Vão-lhe no encalço os dois filhos de Atreu, Menelau e Agamémnone;
os dois Ajazes, depois, revestidos de força guerreira;
Idomeneu, a seguir, e seu fiel companheiro Meríones,
que tinha de Ares funesto a figura exterior e a aparência;
segue-se Eurípilo, o filho preclaro de Evémone ilustre.
Vai Teucro em nono lugar, manejando o arco forte e flexível,
mas sob o escudo gigante de Ajaz Telamônio abrigado.
Um pouco Ajaz levantava o pavês; logo, o herói, cauteloso,
em torno espiava; e se algum dos imigos, no meio da chusma,
era atingido, ali mesmo, sem vida, era ao solo jogado.
Como criança que corre a esconder-se no seio materno,
Teucro voltava a abrigar-se no escudo de Ajaz lampejante.
Qual o primeiro Troiano por Teucro infalível foi morto?
Foi o maior entre todos, Orsílico; Détor e Crômio,
Ormeno, após, e Ofelestes, e mais Licofonte divino
e Melanipo e Amopáone, filho do grande Poliémone;
uns sobre os outros, no solo fecundo, privou da existência.
Muito exultante se mostra Agamémnone, rei poderoso,
por ver como ele, com o arco, as falanges Troianas destruía.
Vai para junto do herói, e lhe diz as seguintes palavras:
"Teucro dileto, viril Telamônio, senhor de guerreiros,
dessa maneira prossegue; sê luz para os homens Acaios
e o genitor Telamão, que te criou desde muito pequeno,
em que bastardo tu fosses, com os filhos, no próprio palácio.
Ainda que longe te encontres, aumenta-lhe a glória perene.
Ora te digo com toda a clareza o que vai realizar-se:
se Zeus, o filho de Crono, e mais Palas Atena me derem
que Ílio consiga destruir, escalando seus muros soberbos,
o prêmio de honra hás de ter, logo após o que a mim for cedido,
ou bela trípode, ou carro bem-feito, com seus corredores,
ou mesmo escrava donosa que possa subir ao teu leito."

Teucro, o frecheiro notável, lhe disse, em resposta, o seguinte:
"Por que me incitas, Atrida glorioso, se eu próprio me esforço
quanto possível? Não deixo, um momento, que o ardor se arrefeça,
mas, desde o instante em que o imigo, de novo, para Ílio empurramos
com este meu arco não cesso de ao solo atirar inimigos.
Já disparei oito flechas munidas de pontas agudas,
que foram todas cravar-se nos corpos de heróis destemidos.
No cão raivoso, somente, não posso acertar nenhum tiro."
Disse; e, de novo, uma seta da corda dispara, visando
o nobre Heitor muita vez alvejado; ansiava matá-lo,
sem que o pudesse inda agora; foi dar no viril Gorgitíono,
o grande filho de Príamo, a seta, que o peito lhe fere.
De Castianira venusta, a uma deusa imortal semelhante,
que para as núpcias de Esima viera, nascera esse filho.
De um lado inclina a cabeça o ferido, tal como a papoula
na primavera, ao ventar, sob o peso das novas sementes:
por esse modo a cabeça inclinou, agravada pelo elmo.
Teucro, de novo, uma seta da corda dispara, visando
o nobre Heitor muita vez alvejado; ansiava matá-lo,
sem que o pudesse ainda agora, pois que, por Apolo desviada,
a seta fere a Arqueptólemo, o auriga de Heitor extremado,
junto ao seio, de frente, quando ele na pugna ingressava.
Tomba, ruidoso, do carro o ferido, espantando os cavalos
de pés velozes; a vida e o vigor, ali mesmo, lhe fogem.
Grande pesar teve Heitor com a morte do auriga preclaro;
mas, muito embora lhe a perda sentisse, no solo o abandona,
dando a Cebríones ordens, o irmão que ali perto se achava,
para que as rédeas tomasse; este ao mando, de pronto, obedece.
Salta Heitor, logo, do carro, na bela armadura, gritando
terrivelmente, e apanhando uma pedra do chão, para Teucro
se dirigiu, que o viril coração o incitava a atacá-lo.

Este já havia tirado da aljava uma seta amargosa
e sobre a corda ajeitado; porém, logo que ia atirá-la,
a pedra Heitor lhe lançou perto do ombro, lugar perigoso,
onde, do colo a clavícula o peito limita e separa.
A áspera pedra aí foi dar, quando Teucro o disparo aprontava.
Rompe-se a corda; sem força, dormente, sentiu logo o punho
e, o arco deixando da mão escapar, cai o herói de joelhos.
O forte Ajaz não descuida do irmão que no solo tombara;
corre para ele e o protege, antepondo-lhe o escudo gigante.
Dois companheiros diletos, então, logo a Teucro ampararam,
o divo Alástor e o filho de Equio, o viril Mecisteu,
que para as côncavas naves o levam, gemente e ofegante.
Mais uma vez Zeus Olímpico anima os guerreiros Troianos,
que para o fosso profundo os Aqueus a recuar obrigaram.
Um dos primeiros, Heitor, avançava, orgulhoso da força.
Tal como fero mastim que, nos rápidos pés confiado,
corre no encalço de um leão ou de um porco selvagem, mordendo-lhe
o flanco e as coxas, atento em qualquer movimento de volta:
por igual modo, no encalço se achava dos Dânaos Heitor,
a derrubar, sempre, os últimos; fogem, com medo, os restantes.
Quando, a correr, conseguiram passar as estacas e o fosso,
ainda que muitos guerreiros às mãos dos Troianos caíssem,
perto das côncavas naves, alfim, se reuniram, chamando
uns pelos outros. A todos os deuses as mãos levantando,
súplices, cada um dos Dânaos fazia promessa em voz alta.
Por toda parte, os cavalos crinados Heitor revolvia,
com olhar igual ao da Górgona ou de Ares, o deus homicida.
Hera, de cândidos braços, piedade sentiu dos Aquivos;
súbito, a Palas Atena dirige as palavras aladas:
“Palas Atena indomável, donzela de Zeus, seguiremos
sem demonstrar compaixão aos Aquivos, em tal apertura?

Vemos como eles perecem, cumprindo o Destino funesto,
pela maldade somente de Heitor, este filho de Príamo.
É intolerável a fúria que tantas crueldades comete.”
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta:
“Há muito, sim, já deveras o vigor ter perdido e a existência,
no próprio solo da pátria prostrado por um dos Aquivos.
Mas para os Dânaos meu pai não se mostra benigno, o insensato!
Sempre teimoso e cruel, tem prazer em se opor aos meus planos.
Não se recorda das vezes que o filho salvei, quando estava
sob o rigor de Euristeu, a sofrer indizíveis trabalhos.
Quando ele as mãos para o Céu levantava e implorava, chorando
para que viesse ajudá-lo, mandava-me Zeus do alto Olimpo.
Se, quanto agora se passa, tivesse previsto em minha alma,
quando incumbido ele foi de baixar até as portas escuras,
para que do Érebo à luz arrancasse o cão de Hades funesto,
dificilmente escapara das águas revoltas do Estige.
Hoje, demonstra ter-me ódio, anuindo ao pedido de Tétis,
que soube os joelhos beijar-lhe, com a mão afagando-lhe o manto,
a suplicar que lhe o filho exaltasse, eversor de cidades.
Há de volver, deixa estar, a chamar-me de sua ‘olhos verdes’!
Vamos, aprestar-nos, logo, os cavalos de cascos robustos,
enquanto eu vou ao palácio altanado de Zeus que traz a égide,
para envergar minhas armas potentes. Desejo, realmente,
ver se esse Heitor, de penacho ondulante, nascido de Príamo,
mostra alegria ao nos ver ingressar nos caminhos da guerra,
ou se ainda as carnes e as pingues entranhas de muitos Dardânios
junto das naus dos Aquivos abutres e cães não sustentam.”
Hera, de cândidos braços, de pronto aceitou o conselho.
Os corredores, ornados com belo frontal de ouro puro,
foram logo ao carro atrelar a nascida de Zeus poderoso.
A de olhos glaucos, Atena, donzela de Zeus poderoso,

deixa cair, logo, o peplo no soalho brilhante do Olimpo,
obra de fino lavor, que ela própria tecera e enfeitara;
veste a loriga de Zeus atroante, que as nuvens cumula,
e as demais armas empunha, adequadas às guerras lutuosas.
Pronta, subiu para o carro fulgente, tomando da lança
grande, pesada e robusta, com que derrubar costumava
turma de heróis, ao zangar-se a nascida de Zeus poderoso.
Hera, os cavalos velozes com o látego, logo, estimula.
Por próprio impulso, rangeram as portas do céu, que se encontram
sob a custódia das Horas, que têm a incumbência, no Olimpo
e no céu vasto, de abrir ou fechar as densíssimas nuvens.
Estimulando os cavalos, depressa por elas passaram.
O pai dos homens e deuses as viu do Ida augusto. Indignado,
manda-lhes, presto, mensagem por Íris veloz, de asas de ouro:
"Íris, depressa! Consegue que voltem; não deixes que cheguem
para mais perto, pois grave será que entre nós haja luta.
Ora te vou revelar outra coisa que vai realizar-se:
paralisados debaixo do carro verás os cavalos
e, dos assentos jogando-as, o carro farei em pedaços.
Mesmo depois que seu curso dez anos deixarem completos,
não poderão guarnecer das feridas que o raio causar-lhes.
Que a de olhos glaucos o saiba, se ousar com seu pai defrontar-se.
Menos sentido com Hera e com menos rancor ora me acho,
por ser vezeira em se opor ao que no imo do peito excogito."
Disse; Íris, logo, voou, para dar cumprimento ao mandado,
e, do Ida augusto atirando-se, foi para o Olimpo vastíssimo.
Junto da porta do Olimpo de muitas gargantas achando-as,
fê-las parar e de Zeus poderoso o recado transmite:
"Para onde, assim, vos lançais? Que furor vos agita o imo peito?
Não é do gosto de Zeus que leveis aos Acaios auxílio.
Fez ele a ameaça seguinte, a que, certo, há de dar cumprimento

paralisados debaixo do carro vereis os cavalos
e, dos assentos jogadas, o carro fará em pedaços.
Mesmo depois que seu curso dez anos deixarem completos,
não podereis guarnecer das feridas causadas do raio,
para que tu, de olhos claros, o saibas, se ao pai te opuseres.
Menos zangado contra Hera e com menos rancor ele se acha,
por ser vezeira em se opor ao que no imo do peito excogita.
Mas tu, cadela sem pejo, atrevida serás, em verdade,
se a enorme lança quiseres alçar contra o filho de Crono."
Íris daí retornou, pós haver a mensagem cumprido.
Hera magnífica, então, para Atena se vira e lhe fala:
"Palas Atena indomável, donzela de Zeus poderoso,
não vale a pena lutar com Zeus grande por causa dos homens.
Como o Destino quiser, assim seja; uns a Morte arrebata,
outros prossigam com vida. Entre Aquivos e Teucros, somente
Zeus distribua a justiça, conforme lhe o peito comande."
Vira, depois de falar, os cavalos de sólidos cascos.
Os corredores comados as Horas do jugo retiram
e para o divo presepe, depois, cuidadosas, os levam.
Na refulgente parede apoiaram o carro flexível.
O coração angustiado, elas duas então se assentaram
em tronos de ouro, no meio das outras deidades eternas.
Zeus, do Ida augusto, os cavalos e o carro de rodas velozes
para o alto Olimpo guiou, alcançando a assembleia dos deuses.
Tira Posido, que a terra sacode, os cavalos do jugo.
Junto ao altar põe o carro e o cobriu com um pano de linho.
No trono de ouro Zeus grande, de voz atroante, assentou-se.
Treme-lhe embaixo dos pés a mole do Olimpo altanado.
Palas Atena, somente, e Hera augusta, a de parte ficaram
do sumo Zeus, silenciosas; nenhuma pergunta lhe fazem.
Ele, que tudo advertira, se volta para elas e fala:

“Hera, por que te consomes? Atena, que na alma te punge?
Não mais vos vejo, esforçadas, nas lutas que aos homens exaltam,
a dizimar os Troianos, que tanto rancor vos provocam.
Vós todos, deuses do Olimpo, jamais podereis demover-me,
tal o vigor de meus braços invictos, e tal minha força.
Ambas teríeis, primeiro, sentido tremer-vos os membros,
antes de haverdes a guerra enxergado e seus duros trabalhos.
Ora vos quero dizer o que, certo, cumprir haveria;
pelo meu raio atingidas, jamais voltaríeis de carro
para o alto Olimpo, onde a sede se encontra dos deuses eternos.”
A essas palavras, as deusas morderam os lábios com força.
Juntas se achavam, planejando a extinção dos guerreiros Troianos.
Palas Atena calada ficou, sem dizer coisa alguma.
Ainda que contra Zeus pai transbordasse de raiva selvagem,
Hera, porém, explodiu, sem conter o rancor no imo peito:
“Zeus prepotente, nascido de Crono, que coisa disseste?
Sobejamente sabemos que força possuis invencível.
Apesar disso, os lanceiros Argivos nos causam piedade,
por vermos como perecem, cumprindo o Destino funesto.
Se determinas, porém, que afastadas fiquemos das lutas,
simples conselho permite aos Argivos, então, ministrarmos,
para evitar que a tua ira, afinal, a eles todos dizime.”
Disse-lhe, a rir, em resposta, Zeus grande, que as nuvens cumula:
“Hera magnífica, de olhos bovinos, verás logo cedo,
caso o desejes, o filho de Crono, de força invencível,
destroçar as fileiras dos fortes lanceiros Argivos.
Nem há de Heitor, o terrível, deixar de acossá-los, enquanto
junto das naves Aquiles, de rápidos pés, não tivermos,
no dia em que for levado o conflito até as popas recurvas
e em pouco espaço houver luta ao redor do cadáver de Pátroclo.
Esse, o decreto divino. Aliás, pouca mossa me causa

a tua cólera, embora te fosses para o último extremo
do mar imenso e da terra, onde Jápeto e Crono demoram,
sem que os alente o fulgor inefável do Sol Hiperiônio,
nem frescas auras, que o abismo sem fundo do Tártaro os cinge.
Ainda que, errante, até lá fosses ter, pouca conta faria
de teus latidos, por seres despida de toda a vergonha.”
Hera, de cândidos braços, então nada disse em resposta.
Baixa, entrementes, a luz fulgurante do sol para o oceano,
e a escuridão após si sobre os campos ferazes estende.
Veem, com pesar, os Troianos a luz se afundir; mas os Dânaos
a Noite fosca, aliviados, acolhem, que tanto invocavam.
Fez convocar a assembleia dos Teucros Heitor valoroso,
longe das naves, ao pé da ribeira do rio revolto,
num lugar limpo, onde livre de mortos se achava o terreno.
Todos, então, dos cavalos apeando-se, a ouvir se puseram
avidamente as palavras de Heitor, caro a Zeus, que sustinha
a forte lança na mão, de onze cúbitos, com reluzente
extremidade de bronze firmada por círculo de ouro.
Nela apoiando-se, pôs-se a falar para os Troas guerreiros:
“Teucros, Dardânios e aliados, agora atenção concedei-me.
Já imaginara que fosse possível voltarmos para Ílio
pós o extermínio completo dos homens Aqueus e seus barcos.
A escuridão, porém, veio antes disso, salvando os Argivos
e as naus de boas cobertas que se acham na praia marinha.
À negra Noite, entretanto, convém demonstrar obediência.
A refeição preparemos; tirai os cavalos de belas
crinas dos carros, e a todos, depois, aprestai alimento.
Ide buscar na cidade bois tardos e ovelhas vistosas,
sem mais delongas; farinha abundante trazei e bom vinho
de vossas casas. Depois, empilhai muita lenha aqui perto,
para podermos queimar toda a noite, até a volta da Aurora,

pilhas sem conta, e se eleve até o céu o esplendor das fogueiras,
para que os Dânaos de belos cabelos não possam, durante
a Noite escura, fugir pelo dorso do mar extensíssimo.
Sem muitas dores, ao menos, não devem subir para as naves.
Vejam-se alguns obrigados, depois de em suas casas se acharem,
a digerir as feridas das flechas e lanças pontudas
que nos navios ganharam. E que isso a outros sirva de exemplo,
quando quiserem trazer para os Teucros o choro da guerra.
Ora à cidade mandai mensageiros, a Zeus sempre caros,
para dizer que os rapazes florentes e os cândidos velhos
velem nos muros e torres que os deuses eternos construíram,
enquanto as fracas mulheres, cada uma em seu próprio palácio
fogo bem vivo mantenha, pois urge ter guardas alertas,
para que o imigo não entre na cidade na ausência do exército.
Faça-se tudo, magnânimos Teucros, conforme vos disse,
pois estas minhas palavras só visam ao bem de vós todos.
Quando romper a manhã, voltarei, novamente, a falar-vos.
Hei de implorar a Zeus grande e às demais sempiternas deidades
que enxotem todos os cães portadores do Fado inditoso,
que nos navios escuros a Morte e a Desgraça trouxeram.
Enquanto a Noite durar, de vigília fiquemos nós todos;
mas, amanhã, logo cedo, enverguemos as armas luzentes
para fazer espertar junto às naves o deus Ares forte.
Hei de, então, ver se me força a recuar o robusto Diomedes
para as muralhas, deixando os navios, ou se eu, com meu bronze,
não o deixo morto, levando comigo suas armas cruentas.
Sim, amanhã há de ter ocasião de mostrar sua força,
quando com a lança me vir. Mas espero que, logo na frente,
caia ferido, cercado por muitos dos fiéis companheiros,
mal surja o Sol no Oriente. Pudesse eu ter vida perene
e, para sempre, ficar libertado da triste velhice,

com honrarias divinas iguais às de Atena e de Apolo,
como é certeza trazer a manhã para os Dânaos o luto.”
Esse, o discurso de Heitor; os Troianos, em peso, o aplaudiram.
Os corredores, banhados de suor, libertaram do jugo,
mas junto aos carros de guerra os ataram com fortes correias.
Foram buscar na cidade bois tardos e ovelhas vistosas,
sem mais delongas; farinha abundante e bom vinho trouxeram
de suas casas. Depois, muita lenha empilharam no campo.
Logo, hecatombes perfeitas aos deuses do Olimpo oferecem.
Nas espirais da fumaça é levado até o Céu, pelos ventos,
o suave odor da gordura. Os eternos, porém, recusaram
o sacrifício, que a todos odiosa era Troia sagrada,
Príamo e, assim, todo o povo do velho monarca lanceiro.
Estes, porém, toda a noite, animados de grande esperança,
permaneceram no campo, onde muitas fogueiras ardiam.
Como, na calma dos ventos, se torna o éter límpido e puro,
e em torno à Lua as estrelas refulgem com brilho indizível,
descortinando-se todos os cabos, e grutas, e as matas
pela baixada, ao se abrir, de repente, o Céu claro e infinito,
e os astros todos rebrilham, deixando o pastor enlevado:
do mesmo modo, entre o curso revolto do Xanto e os navios,
em frente de Ílio, as fogueiras dos Troas guerreiros brilhavam.
Mil fogos ardem na extensa planície, e, de cada um à volta,
à luz da chama agradável, cinquenta guerreiros se agrupam.
Junto dos carros, os fortes cavalos espelta e cevada
comem, tranquilos, à espera da Aurora de trono dourado.

CANTO IX

HONRA PARA AQUILES E PRECES

“Agamémnone forma um conselho e sugere, desesperado, o retorno à Grécia. Diomedes e Nestor o acusam de covardia e de injustiça com o melhor dos Gregos, Aquiles. Agamémnone concorda e resolve devolver Briseide a Aquiles junto com uma grande recompensa. É enviada uma comissão, composta por Odisseu, Ajaz e Fenice, a Aquiles. Odisseu e Fenice conversam com Aquiles, que se mostra inflexível. Diomedes reanima os Gregos.”

Por esse modo os Troianos velavam. No entanto, os Aquivos
pensam na Fuga, somente, comparsa do Medo gelado.
Té mesmo os mais destemidos guerreiros a dor os abate.
Como o oceano piscoso batido por ventos furiosos,
Zéfiro e Bóreas, no tempo em que sopram do lado da Trácia,
subitamente, fazendo que as ondas escuras se empolem,
acavaladas, e de algas a areia da praia revestem:
o coração dos Acaios, assim, se encontrava agitado.
O grande filho de Atreu, cujo peito a aflição consumia,
foi procurar os arautos de voz harmoniosa e lhes disse
que, pelos nomes, chamassem para a ágora os fortes guerreiros,
mas sem gritar. Dava exemplo ele próprio, também, esforçando-se.

Cheios de mágoa, assentaram-se. O Atrida levanta-se logo,
a derramar muitas lágrimas, como de fonte profunda
se precipita água escura de cima de penha altanada.
Vira-se para os Aqueus, a gemer fundamente, e lhes fala:
"Vós, conselheiros e guias dos homens Argivos, ouvi-me!
O grande Crônida, Zeus, em desgraça terrível me enleia,
ele, o maldoso, que havia asselado, antes disto, a promessa
de eu retornar para a pátria, depois de destruir Ílio forte.
Presentemente resolve enganar-me, ordenando que volte
sem glória alguma, para Argos, depois de perder tanta gente.
Isso, por certo, há de ser agradável a Zeus poderoso,
que já destruiu muitos muros e grandes e fortes cidades,
e há de arrasar muitas mais, pois imenso é o poder de seu braço.
Ora façamos conforme o aconselho; obedeçam-me todos:
para o torrão de nascença fujamos nas céleres naves,
pois é impossível tomar a cidade espaçosa dos Teucros."
Isso disse ele; calados e quedos os outros ficaram.
Por muito tempo em silêncio mantêm-se os turvados Aquivos,
té que, por fim, fala o grande Diomedes, de voz poderosa:
"Do meu direito valendo-me, Atrida, começo insurgindo-me
contra tua ideia insensata, sem que isso provoque tua cólera.
Foste o primeiro a acoimar-me de fraco, na frente dos Dânaos,
de ser imbele e de pouco valor. Mas, sobre isso, os Argivos,
tanto os anciões como os moços, já têm uma ideia formada.
Zeus poderoso, nascido de Crono, negou-te uma dádiva:
deu-te, sem dúvida, um cetro, o mais alto penhor do comando,
mas não te deu a coragem, sem dúvida a força mais nobre.
Pensas, então, infeliz, que os Aqueus sejam tão destituídos
de varonil decisão para vires propor tal medida?
Se o coração te concita, realmente, a viajar de tornada,
parte: o caminho está franco; na beira da praia os navios

que de Micenas trouxeste, incontáveis, a jeito se encontram.
Outros Acaios aqui ficarão, de cabelos cacheados,
para que os muros de Troia arrasemos; mas mesmo que todos
queiram voltar para a pátria querida nas céleres naves,
nós, a saber, eu e Esténelo, a luta levar haveremos
té que Ílio santa destruamos, que um deus favorável nos trouxe."
Isso disse ele; os Aqueus prorromperam em grita estrondosa,
de assentimento às palavras do forte guerreiro Diomedes.
No meio deles, então, se levanta Nestor e assim fala:
"Nobre Tidida, na guerra és, sem dúvida alguma, o mais forte,
e nos conselhos excedes a quantos equevos te sejam.
Não poderá, dos Acaios presentes, nenhum censurar-te
por teu discurso, nem mesmo objetar-te; mas foste incompleto.
E que ainda tens pouca idade; podias, até, ser meu filho,
sim, o mais moço de todos. Contudo, falaste com senso.
Quanto disseste aos guerreiros Argivos foi muito oportuno.
Cabe-me, pois tenho orgulho de ser o mais velho de todos,
ora expor tudo com mais suficiência. Ninguém menospreze
minhas palavras, nem inda Agamémnone, o rei poderoso.
Sem ligações de família, ou de tribo, sem lei, sobretudo,
vive quem folga com as lutas terríveis que o povo atormenta.
À negra Noite, no entanto, convém demonstrar obediência.
A refeição preparemos; depois, sentinelas se postem
junto dos fossos abertos do lado de fora dos muros.
Isso aos mais moços inculco; o restante, Agamémnone, arranja
como te for mais do agrado, por seres o chefe supremo.
Ceia aos anciões oferece; isso te orna; não te é vergonhoso.
Cheias as tendas te vejo de vinho, que as naus dos Acaios
dia por dia, através do mar vasto, da Trácia transportam.
Sobram-te dons hospedais, porque em muitos o mando exercitas.
Segue, depois de reunires um número grande de chefes,

o parecer mais prudente, que assaz os Aqueus necessitam
de quem lhes dê bons conselhos, pois junto das naus os imigos
muitas fogueiras mantêm. A quem pode alegrar este quadro?
Ou salvação ou extermínio esta noite trará para o exército."
Isso disse ele; os presentes, de pronto ao conselho obedecem.
Saem depressa, depois de se armarem, os homens da guarda,
sob o comando do grande Nestórida, o herói Trasimedes,
de Iálmeno, o forte, também, e de Ascálafo, de Ares discípulos,
de Licomedes divino, nascido do forte Creonte,
e dos guerreiros Deípiro, o nobre Afareu e Meríones.
Cada um dos sete guerreiros da guarda cem homens comanda,
todos em fila, munidos de lanças de sombra comprida.
Postam-se todos no espaço que fica entre os muros e o fosso,
e, tendo fogo acendido, cada um o repasto prepara.
Em sua tenda, Agamémnone reúne os anciões do conselho,
aos quais se esmera em servir copioso e variado banquete.
Todos as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
foi o primeiro a tecer argumentos Nestor de Gerena,
cuja opinião, desde muito, era sempre julgada a mais certa.
Cheio de bons pensamentos, lhes diz, arengando, o seguinte:
"Filho glorioso de Atreu, Agamémnone, rei poderoso,
em ti termino; visando-te, vou dar princípio ao discurso,
por comandares a tantos Aquivos e teres do Crônida
o cetro e as leis recebido e o dever de aplicá-las com senso.
Cumpre-te, pois, não somente falar, mas saber dar ouvidos,
sim, conceder atenção, quando alguém for levado a propor-te
algo razoável. Depende de ti pôr em prática a ideia.
Ora pretendo falar como julgo ser mais proveitoso.
Mais salutar opinião não presumo que alguém apresente,
que a defendida por mim, não de agora, somente, de muito,

desde o momento em que tu, nobre garfo de Zeus, foste à tenda
do estomagado Pelida e lhe a jovem de Brisa tiraste,
contra a opinião de nós todos. Ao menos, no que me respeita,
dissuadir-te tentei; mas, levado por teu alto espírito,
o prestantíssimo herói, que até os deuses honrar têm por hábito,
menosprezaste, tomando-lhe o prêmio, que ainda conservas.
Excogitemos, agora, no modo de o herói aplacarmos:
ou com palavras afáveis, ou com valiosos presentes.”
Disse-lhe, então, em resposta, Agamémnone, rei poderoso:
“Nessa censura aos meus erros, ó velho! não vejo exagero!
A minha falta foi grande, não posso negá-lo. Por muitos
vale o guerreiro a quem Zeus poderoso dedica alto afeto,
tal como agora o distingue, destruindo as fileiras Aquivas.
Mas, se errei tanto, levado por meu pensamento funesto,
quero aplacar o guerreiro com ricos e infindos presentes.
Diante de todos farei relação dessas dádivas grandes:
trípodes sete, sem uso de fogo, dez áureos talentos,
vinte caldeiras brilhantes e doze cavalos robustos,
acostumados a prêmio ganhar, campeões de corrida.
Fora impossível dizer que de campos aráveis carece,
ou do ouro muito apreciado, o indivíduo que vier a possuí-los,
tal a importância dos prêmios que os fortes corcéis me ganharam.
Dou-lhe, outrossim, sete escravas prendadas, trazidas de Lesbo,
quando ele próprio aquela ilha arrasou, e que a mim reservara
por serem todas formosas acima das outras mulheres.
Dou-lhas; mas, a estas, a filha de Crises, ainda, acrescento,
que lhe tirara, fazendo, aqui mesmo, uma jura solene,
de nunca ter ao seu leito subido, nem com ela deitado,
como é costume entre os homens, varões a mulheres se unindo.
Isso darei desde já; mas se os deuses eternos um dia
me permitirem tomar a cidade altanada de Príamo,

entre ele os muros, também, quando a presa os Aqueus dividirmos,
e de ouro e bronze a mancheias seu barco bojudo carregue.
Vinte mulheres Troianas, pode ele apartar, além disso,
as mais formosas depois da mais bela de todas, Helena.
Se para os campos ubérrimos de Argos de Acaia voltarmos,
seja meu genro; honrá-lo-ei, sem fazer distinção, como a Orestes,
meu filho amado, que vive cercado de grande opulência.
Três filhas tenho em meu bem-construído palácio: Crisótemis,
Ifinassa e Laódice. Aquela que for do seu gosto,
sem que se veja obrigado a pagar dote algum, para casa
leve ao velho Peleu. Preciosíssimos dons lhe acrescento,
em tanta cópia, tal como jamais alcançou filha alguma.
Sete cidades também lhe darei, populosas e belas:
Hira de prados ervosos, Enope e, também, Cardamila,
Feras divina, a dos prados famosos e pingues; Anteia,
Pédaso, célebre por suas vinhas, e Epeia risonha,
todas marinhas, não longe da Pilo de solo arenoso.
Muitos senhores de gado infinito e de armentos vistosos
nelas demoram, que, certo, o honrarão qual a um deus do alto Olimpo,
e que, ao seu cetro submissos, tributos dar-lhe-ão copiosíssimos.
Tudo isso dele será, se quiser dominar sua cólera.
Deixe-se, pois, convencer que, por ser implacável e duro,
Hades é o deus mais odiado por todos os homens terrenos.
Ceda, submeta-se a mim, pois que sou mais potente do que ele,
sobre orgulhar-me, também, da vantagem de ser mais idoso.”
Disse-lhe, então, o Gerênio Nestor, condutor de cavalos:
“Filho glorioso de Atreu, Agamémnone, rei poderoso,
o que ofereces a Aquiles, de fato, não é despiciendo.
Ora, sem perda de tempo, emissários a jeito escolhamos,
para os enviar com recados à tenda de Aquiles Peleio.
Deixa que eu próprio os nomeie; ninguém objeções anteponha.

A direção tome o herói predileto dos deuses, Fenice;
o grande Ajaz, depois, venha, e Odisseu, o divino guerreiro.
Sigam, também, como arautos, Odio e o impecável Euríbates.
As mãos lavemos; observe-se em tudo completo silêncio,
quando imploramos a Zeus que há de ter de nós todos piedade.”
Foi o discurso do velho Nestor agradável a todos.
Fazem vir água, e os arautos por cima das mãos a despejam.
Té pelas bordas escravos as taças encheram de vinho.
Distribuindo por todos os copos as sacras primícias.
Logo que todos haviam comido e bebido à vontade,
os emissários deixaram a tenda do Atrida Agamémnone.
Observações a eles todos o velho Nestor faz ainda,
acompanhadas de olhar expressivo, a Odisseu com mais ênfase,
sobre a maneira melhor de suadir o divino Pelida.
Ambos, então, pela praia do mar ressoante se foram,
preces alçando a Posido, que os muros da terra sacode,
para que fosse possível dobrar o Pelida altanado.
Quando chegaram às tendas e naves dos fortes Mirmídones,
aí enlevado o encontraram tangendo uma lira sonora
de cavalete de prata, toda ela de bela feitura,
que ele do espólio do burgo de Eecião para si separara.
O coração deleitava, façanhas de heróis decantando.
Em frente dele, somente, calado, encontrava-se Pátroclo,
pacientemente a esperar que o Pelida concluísse o seu canto.
Ambos, então, avançaram; servia Odisseu como guia.
Param defronte do herói. Espantado de vê-los, Aquiles,
sem que o instrumento soltasse, a cadeira, de um salto, abandona.
O mesmo Pátroclo fez, ao notar a presença de estranhos.
A ambos, Aquiles veloz cumprimenta, dizendo o seguinte:
“Salve! Bem grave é, sem dúvida, a causa de aqui terdes vindo.
Ainda que muito agastado, sois ambos os que eu mais distingo.”

Tendo isso dito, o divino Pelida os convida a assentar-se
em escabelos forrados com belos tapetes de púrpura.
E, para o herói que se achava ao seu lado, virando-se, fala:
"Pátroclo, põe sobre a mesa uma grande cratera e prepara
vinho bem forte; depois uma taça a cada um oferece.
Sob meu teto ora se acham varões a quem muito distingo."
Obedeceu, logo, Pátroclo às ordens do amigo dileto.
E, junto ao lar, colocando uma grande e vistosa travessa,
lombos põe nela de cabra e de ovelha de velo nitente,
e o dorso inteiro de um porco selvagem, com muita gordura.
Automedonte o auxiliava; ele próprio as porções determina.
Logo os pedaços retalha e nas postas espetos enfia.
Pátroclo, igual a um dos deuses, prepara uma grande fogueira;
e, quando a lenha ficou toda gasta e o braseiro apagado,
a cinza quente espalhando, assadores sobre ela coloca.
O nobre Aquiles, depois, espalhou sal divino na carne.
Quando toda ela ficou bem assada, nos pratos a deita.
Pão alvo, então, trouxe Pátroclo, em cestas de bela feitura,
que sobre a mesa coloca; o Pelida reparte os assados,
indo sentar-se, a seguir, encostado, no muro do fundo,
em frente ao divo Odisseu. As primícias, então, manda Pátroclo,
seu companheiro, que aos deuses oferte; este, ao fogo as atira.
Todos, as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
ao forte Ajaz fez Fenice um sinal: Odisseu compreendeu-o;
cheio de vinho um dos copos, a Aquiles, desta arte, saúda:
"Salve, Pelida! De lautos banquetes, de fato, não temos
tido carência. Tal como os do filho de Atreu, Agamémnone,
este que agora nos dás é notável, à vista da grande
variedade de assados. Contudo, em festins não pensamos.
Na expectativa de enormes desgraças, ó aluno de Zeus!

temos receio; é fatal o dilema: ou salvamos as naves,
ou as perdemos, se não te vestires de toda a tua força.
Junto das naves, bem junto, e dos muros, o campo assentaram
os orgulhosos Troianos e aliados de fama excelente.
Por todo o exército queimam fogueiras sem conta. Mais ainda:
dizem que nada os impede de ir ter aos navios escuros.
Zeus poderoso lhes manda sinais favoráveis, fazendo
que lhes troveje à direita. Ensoberba-se Heitor sem medida,
por sua grande bravura; confiando em Zeus forte, não teme
deuses nem homens; terrível furor dele, agora, se apossa.
Pede e deseja que a Aurora divina depressa apareça,
e, ameaçador, já promete cortar os aplustres das naves,
a estas destruir pelo fogo voraz, e os guerreiros Aquivos,
pela fumaça estonteados, matar junto às naves simétricas.
Grande receio de mim se apodera, que os deuses permitam
que essas ameaças se cumpram, se acaso assentou o Destino
que longe de Argos fecunda morramos, nos campos de Troia.
Vamos, levanta-te, caso tenciones salvar os Aquivos,
ainda que tarde, da grande pressão dos guerreiros Troianos.
Grande aflição tu, também, hás de ter, que é impossível remédio
para a desgraça passada encontrar. Antes pensa no modo
como se possam livrar os Acaios do dia funesto.
Lembra-te, caro, de quanto te disse Peleu no momento
em que de Ftia te enviou para o filho de Atreu, Agamémnone:
‘Filho querido, Hera e Atena te deem força ingente, no caso
de o desejarem; mas seja teu firme propósito o orgulho
na alma refrear. É melhor que te mostres em tudo mais brando.
A Ira, fautora de males, de ti sempre afasta que possam
moços e velhos Aqueus conceder-te atenção respeitosa.’
Esse, o conselho do velho, de que te esqueceste. Refreia
a ira que tua alma consome. Agamémnone manda ofertar-te

dons preciosíssimos, caso aplacares a cólera grande.
Se te encontrares disposto a escutar-me, dir-te-ei tudo quanto
ele, hoje mesmo, na tenda nos disse que havia de dar-te:
"Trípodes sete, sem uso de fogo, dez áureos talentos,
vinte caldeiras brilhantes e doze cavalos robustos
acostumados a prêmios ganhar, campeões de corrida.
Fora impossível dizer que de campos aráveis carece,
ou do ouro muito apreciado, o indivíduo que vier a possuí-los,
tal a importância dos prêmios que os fortes corcéis lhe ganharam.
Dá-te, outrossim, sete escravas prendadas, trazidas de Lesbo,
quando tu próprio aquela ilha arrasaste; ficaram para ele,
por serem todas formosas acima das outras mulheres.
Tuas serão; mais ainda: acrescenta a Briseide, formosa,
que te tirara, fazendo, de grado, uma jura solene
de nunca ter ao seu leito subido, nem com ela deitado,
como é de costume, ó Pelida! varões a mulheres se unirem.
Isso dar-te-á desde já; mas se os deuses eternos, um dia,
nos permitirem tomar a cidade altanada de Príamo,
hás de presente ficar quando a presa os Aqueus dividirmos,
e de ouro e bronze a mancheias prover teu navio bojudo.
Vinte mulheres Troianas, também, ficarão à tua escolha,
as mais formosas depois da mais bela de todas, Helena.
Se para os campos ubérrimos de Argos de Acaia voltarmos,
genro hás de ser-lhe; honrar-te-á, sem fazer distinção, como a Orestes,
seu filho amado, que vive cercado de grande opulência.
Três filhas tem em seu bem-construído palácio: Crisótemis,
Ifianassa e Laódice. Aquela que for de teu gosto,
sem que te vejas forçado a pagar dote algum, para casa
podes levar de Peleu. Preciosíssimos dons te oferece
e em tanta cópia, tal como jamais alcançou filha alguma.
Sete cidades também te dará, populosas e belas:

Hira de prados ervosos, Enope e, também, Cardamila,
Feras divina, a dos prados famosos e pingues, Anteia,
Pédaso, célebre por suas vinhas, e Epeia risonha,
todas marinhas, não longe da Pilo de solo arenoso.
Muitos senhores de gado infinito e de armentos vistosos
nelas demoram, que, certo, honrar-te-ão qual um deus do alto Olimpo,
e que, ao teu cetro submissos, tributos dar-te-ão copiosíssimos.
Tudo isso, disse, dar-te-á, se acalmares tua cólera grande,
mas, se no peito só abrigas rancor contra o Atrida Agamémnone
e seus presentes, apiada-te ao menos da grande apertura
de todo o exército. Qual um dos deuses serás venerado
pelos Aqueus e hás de glória infinita alcançar entre todos.
Ora te fora possível prender esse Heitor, que funesta
raiva conduz para perto de ti e se diz, jactancioso,
muito mais forte que quantos Aqueus nossas naus conduziram.”
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, em resposta, o seguinte:
“Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
é necessário dizer-vos, agora, com toda a clareza,
meu pensamento e a intenção em que me acho de em prática pô-lo,
para evitar que aturdir não me venham de todos os lados.
Tal como do Hades as portas, repulsa me causa a pessoa
que na alma esconde o que pensa e outra coisa na voz manifesta.
Ora pretendo falar como julgo ser mais proveitoso.
Nem Agamémnone, certo, nem outro qualquer dos Aquivos,
conseguirá convencer-me, pois graça nenhuma me veio
de meu esforço incessante ao lutar contra os nossos imigos.
Tanto ao ocioso, que ao mais esforçado, iguais prêmios são dados;
as mesmas honras se outorgam ao fraco e ao herói mais galhardo.
Morre da mesma maneira o inativo e o esforçado guerreiro.
Vede! Nenhuma vantagem me veio de tantos trabalhos,
a pôr em risco a existência nos mais temerosos combates.

Tal como aos filhos implumes costumava levar a avezinha
grato alimento depois de o encontrar, sem que em si mesma pense:
de igual maneira tenho eu muitas noites insones passado
e dias cheios de sangue no horror dos combates, lutando
contra inimigos, somente por causa de suas mulheres.
Com minhas naus destruí doze grandes e fortes cidades,
e onze por terra, asseguro-o, nos plainos fecundos de Troia.
De todas elas voltei carregado de espólio magnífico,
que, sempre, ao filho de Atreu, Agamémnone, era uso, levava,
o qual soía ficar para trás, junto às céleres naves.
Disso, bem pouco entre nós dividia; ficava com tudo,
do que, depois, presenteava os heróis mais distintos e os chefes.
Estes, ainda conservam seus prêmios; eu, só dos Aquivos
fui despojado; tirou-me a querida consorte. Pois goze-a!
durma com ela! Qual foi o motivo de Aqueus e Troianos
digladiarem? Por que tanta gente reuniu Agamémnone
e para cá transportou? Não por causa de Helena formosa?
Ou, porventura, entre os homens, somente os Atridas demonstram
ter às esposas afeto? Qualquer indivíduo de senso
e bem-nascido, à consorte demonstra afeição, como o faço,
que a minha muito adorava, apesar de ser presa de guerra.
Ora que veio enganar-me, tirando-me o prêmio devido,
não julgue nunca poder convencer-me, pois bem o conheço;
mas, juntamente contigo, Odisseu, e os demais comandantes,
pense no modo de as naves livrar da voragem do fogo.
Sem meu auxílio já pôde fazer muitas coisas grandiosas;
sim, conseguiu construir esse muro e, ainda mais, protegido
por fosso largo e profundo, provido de fortes estacas.
Mas nem assim pode a força deter desse Heitor homicida.
Enquanto parte eu tomava nas lutas, ao lado dos outros,
nunca ele quis combater muito longe dos muros de Troia.

Té às Portas Ceias chegava e à figueira que perto lhe fica,
onde, uma vez, me esperou; por bem pouco escapou de meu ímpeto.
Ora que nada me induz a lutar contra Heitor, o divino,
cedo, amanhã sacrifícios farei a Zeus grande e aos eternos,
e deitarei meus navios nas ondas, depois de providos.
Tu próprio, certo, hás de ver, se o quiseres e se isso te importa.
pelo Helesponto piscoso, bem cedo, eles todos partirem
e, neles, homens alegres, à força de remo impelindo-os.
E se Posido, que a terra sacode, nos der ventos prósperos,
no solo fértil de Ftia estaremos no dia terceiro.
Quando, por minha desgraça, parti, lá deixei bens inúmeros,
que aumentarei com o que levo, muito ouro e, também, bronze rubro,
ferro brilhante e formosas escravas de bela cintura,
quanto ganhei nas partilhas. O que ele, o possante Agamémnone,
me tinha dado, valendo-se agora da força, tomou-me.
Publicamente lhe faze um relato completo de tudo
quanto te disse, porque outros Acaios, também, se revoltem,
caso ele tenha intenção de enganar mais alguém entre os Dânaos,
com sua usual imprudência. Contudo, não teve coragem,
esse cachorro, de olhar-me, apesar de despido de brio.
Cooperação é impossível haver, por palavras ou obras,
pois me enganou e ofendeu. Não me venha enganar novamente
com seus discursos inúteis. Já basta! Sozinho, acompanhe
o seu destino funesto; do senso o privou Zeus potente.
São-me seus brindes odiosos e abaixo do mínimo preço.
Ainda que o décuplo viesse ofertar-me e até mesmo outro tanto,
quanto possui no presente e o que possa ganhar em futuro,
as coisas todas que afluem para Orcómeno ou para a famosa
Tebas Egípcia, onde as casas pejadas de bens sempre se acham,
e que cem portas ostenta, cada uma das quais dá passagem
a combatentes duzentos, seus carros de guerra e cavalos;

ainda que mais me ofertasse que a poeira ou que a areia das praias,
nem mesmo assim poderia a vontade dobrar-me, Agamémnone,
sem que, primeiro, té o fim, tal ofensa pesada me pague.
Com a donzela do Atrida jamais firmarei sacras núpcias,
mesmo que fosse dotada de encantos, como a áurea Afrodite,
e à de olhos glaucos, Atena, igualar-se em trabalhos de preço
não a quisera esposar. Entre os moços Acaios deve ele
genro escolher que lhe seja condigno e de igual importância.
Se eu conseguir, com a ajuda dos deuses, voltar para a pátria,
há de Peleu, por sem dúvida, esposa saber escolher-me.
Muitas donzelas Acaias em Ftia se encontram, e na Hélade,
filhas de grandes heróis, defensores de nossas cidades.
Da que me for mais do agrado, farei minha fiel companheira.
O coração generoso já mostra desejos, há muito,
de que legítima esposa, afinal, a escolher me resolva,
para gozar das riquezas que o velho Peleu tem em casa.
A minha vida, sem dúvida, vale bem mais do que quanto
dizem que Troia possuía, a cidade de belo traçado,
antes, em tempo de paz, sem que houvessem chegado os Aquivos
e dos tesouros que dentro se encontram da pétrea soleira
de Febo Apolo, o frecheiro esplendente, na rocha de Pito.
Arrebanhar bois tardonhos e ovelhas vistosas é fácil,
trípodes belas comprar ou cabeças de louros ginetes;
mas a alma humana, uma vez escapada do encerro dos dentes,
não mais se deixa prender, sem podermos, de novo, ganhá-la.
Tétis, a deusa dos pés argentinos, de quem fui nascido,
já me falou sobre o dúplice Fado que à Morte há de dar-me;
se continuar a lutar ao redor da cidade de Troia,
não voltarei mais à pátria, mas glória hei de ter sempiterna;
se para casa voltar, para o grato torrão de nascença,
da fama excelsa hei de ver-me privado, mas vida mui longa

conseguirei, sem que o temor da Morte mui cedo me alcance.
A todos vós quero dar o conselho, também, de embarcardes
e para a pátria seguirdes; jamais podereis ver o termo
de Ílio escarpada, que a mão protetora sobre ela Zeus grande,
de voz potente, estendeu, reforçando a coragem do povo.
Ide, entretanto, anunciar aos mais nobres guerreiros Aquivos
minha resposta — que é esse o dever dos anciões do conselho —,
para que possam pensar noutro plano de mais eficiência,
que lhes permita salvar os navios e os homens que se acham
junto das naves recurvas, que o que eles, agora, tentaram,
é impraticável; não tenho intenção de afrouxar do propósito.
Deixe-se, entanto, Fenice ficar entre nós esta noite,
para que possa, amanhã, retornar para a pátria, se acaso
for do seu gosto; a ninguém levarei contra a própria vontade.”
Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram,
estupefatos perante a violência de sua resposta,
té que, chorando, a falar começou o ginete Fenice,
pois tinha muito receio que às naus algum mal sucedesse:
“Se, nobre Aquiles, de fato, pretendes voltar para a pátria,
e te recusas, de todo, a livrar os navios Acaios
do voraz fogo, uma vez que ainda a cólera o peito te inflama,
como é possível, meu filho, pensares que eu possa ter vida
longe de ti? Por Peleu fui mandado seguir-te, no dia
em que de Ftia te enviou para o filho de Atreu, Agamémnone,
ainda na infância, igualmente inexperto nas guerras penosas
e nos discursos das ágoras, onde os heróis se enaltecem.
Sua intenção foi que viesse contido, porque te ensinasse
como dizer bons discursos e grandes ações pôr em prática.
Por isso tudo, meu filho, sem ti continuar não desejo,
ainda que um deus, em pessoa, me viesse fazer a promessa
de me tirar a velhice e, de novo, o vigor restituir-me

da mocidade que na Hélade tinha, de belas mulheres,
quando fugi, por brigar com meu pai, filho de Ormeno, Amíntor,
que ódio me tinha por causa da amante de belos cabelos.
A essa, afeição dedicava, esquecendo a consorte legítima,
que me era mãe e vivia a pedir-me, abraçando-me os joelhos,
que à bela escrava eu me unisse, porque esta voltasse ódio ao velho.
Obedeci-lhe, alcançando o almejado. Meu pai, quando o soube,
amaldiçoou-me, e chamou contra mim as odiosas Erínias,
para que nunca tivesse nos joelhos um neto a brincar-lhe,
de mim nascido; atenderam-lhe a súplica os deuses eternos,
Hades, o deus subterrâneo, e Perséfone, deusa terrível.
Tive o desígnio de a vida tirar-lhe com bronze afiado;
mas a ira um deus me acalmou, dando-me azo, a que, então, refletisse
na triste fama com que passaria a viver entre o povo,
se ‘parricida’ ao meu nome juntasse entre os homens da Acaia.
O coração, no imo peito, não quis que, por tempo mais longo,
me demorasse na casa em que odioso ao meu pai me tornara,
ainda que muitos parentes e primos assaz se esforçassem
à minha volta, com o fim de evitar que deixasse o palácio.
Muitas ovelhas vistosas e bois que se arrastam tardonhos
sacrificaram, e infindos cevados de flórido lardo,
que, para assarem, passavam por cima da chama de Hefesto.
Quantos pichéis de bom vinho do velho infeliz não beberam?
Por nove noites seguidas dormiram alguns ao meu lado,
a se alternarem na guarda e mantendo dois fogos constantes,
um, junto ao pórtico, dentro do pátio de cerca bem-feita,
e no vestíb’lo, o segundo, defronte da porta do quarto.
Mas, quando a décima noite, afinal, tenebrosa nos chega,
uma das sólidas portas do quarto arrombar, enfim, pude,
e do aposento esgueirar-me, saltando o cercado do pátio,
sem que o advertissem os guardas nem mesmo as serventes da casa.

Daí, fugitivo, percorro toda a Hélade de amplas estradas,
té dar no solo fecundo de Ftia, nutriz de rebanhos,
onde me acolhe o potente Peleu com benévolo espírito.
Teve-me grande afeição, como pai poderoso a filho único,
único herdeiro de infinita riqueza para ele acervada,
e cumulou-me de bens, sobre dar-me o comando de gentes,
pois sobre os Dólopes tive o governo, no extremo de Ftia.
Qual és, Aquiles divino, nesta hora, por mim foste feito,
por mim, com terna afeição. Ninguém mais ao teu lado querias,
tanto como hóspede, fora, ou à mesa, nos nossos banquetes,
té que em meus joelhos, alfim, te pusesse, e cortasse os assados
em pedacinhos, com o que te saciasses e vinho te desse.
Não poucas vezes, de vinho, no peito molhaste-me a túnica,
que borrifavas por cima de mim, com capricho de criança.
Por tua causa vê só que trabalhos sofri, que de incômodos!
Considerando que os deuses um filho me haviam negado,
como se filho me fosses, Aquiles divino, criei-te,
para que um dia amparar-me pudesses da ruína e do opróbrio.
"Vamos, Aquiles, o orgulho domina; aspereza tão grande
não fica bem para ti, pois se deixam dobrar até os deuses,
com terem mais dignidade, poder superior e virtude.
Apesar disso, conseguem os homens obter-lhes as graças
com libações e gordura queimada, com preces e vítima,
se, porventura, cometem qualquer infração ou pecado.
Pois são as Preces, nascidas do Crônida Zeus poderoso,
coxas, de pele enrugada e de olhar indeciso e desviado,
as quais se afanam no encalço da Culpa, tentando alcançá-la.
Esta é, porém, vigorosa e de pés mui velozes; por isso
a todas elas se adianta, causando, onde quer que se encontre,
dano aos mortais, ao que as Preces procuram, depois, dar remédio.
Quem, a estas filhas de Zeus, ao chegarem, demonstra respeito,

delas obtém só vantagens, por serem seus votos ouvidos.
Mas se, obstinados, os homens ouvidos, acaso, lhes negam,
as Preces, logo, a Zeus Crônida sobem e, instantes, suplicam
que sempre a Culpa os torture e que tenham, com o dano, o castigo.
Por isso, Aquiles, concede a essas filhas de Zeus o devido
acatamento, que heróis valorosos já têm conquistado.
Se não te houvesse Agamémnone dons ofertado, além de outros
que te promete, mas ainda insistisse em mostrar-se zangado,
não te viria exortar, certamente, a suster a tua cólera
para ajudar os Acaios, embora careçam de auxílio.
Dá-te, porém, muitas coisas, e dons mais valiosos promete,
e te mandou, com pedido, em seu nome, os varões mais conspícuos
do acampamento, escolhendo os Argivos que mais estimavas.
Não menosprezes, portanto, seus passos e quanto disseram,
que, antes, a tua atitude nós todos assaz a exculpávamos.
"As próprias gestas de heróis das idades corridas nos dizem
que, quando, acaso, ficavam possuídos de cólera grande,
eram sensíveis a brindes, dobrando-se à força suasória.
Ora, meus caros amigos, me ocorre contar-vos um caso
nada recente, bem velho, tal como se deu, em verdade.
De certa vez os Curetes e os fortes Etólios, à volta de
Calidona lutavam, causando recíproco estrago.
Estes, lutando em defesa da bela cidade; os Curetes,
só desejosos de que Ares entrar as muralhas lhes desse.
Foi provocada a contenda por Ártemis do trono de ouro,
que se indignara por não ter de Eneu recebido as primícias
dos agros pingues, quando este ofertou hecatombes aos deuses
todos do Olimpo, excetuando-se a filha de Zeus, tão somente,
ou por descuido, ou de caso pensado, o que a fez irritar-se.
Por isso, pois, agastada, a donzela que flechas dispara,
um javali de alvos dentes, selvagem, envia contra ele,

que, destruidor habitual, as culturas de Eneu danifica.
Árvores grandes fazia tombar pelo solo e, com elas,
suas raízes, no tempo em que a flor prometia sementes.
Foi por Meléagro, filho de Eneu, o animal, então, morto,
pós haver feito reunir caçadores de muitas cidades
e seus mastins; impossível a poucos seria vencê-lo,
tão grande ele era, pois muitos já à pira funesta mandara.
Entre os Etólios galhardos e os homens Curetes valentes
a deusa, então, suscitou clamorosa contenda, por causa
da pele hirsuta do grande javardo e da enorme cabeça.
"Enquanto o forte Meléagro esteve a lutar, o Destino
para os Curetes foi sempre contrário, pois fora dos muros,
ainda que em número grande, lhes era impossível manter-se.
Mas, quando o peito do herói foi tomado pela ira que a muitos
outros, também, já turvara, dotados, embora, de siso,
e contra Alteia, sua mãe, irritado ficou o guerreiro,
foi para junto da esposa legítima, a bela Cleópatra,
filha da filha de Eveno, Marpessa, dos belos artelhos,
e do grande Idas, o herói mais robusto de quantos outrora
na terra extensa viveram, que até contra Febo tomara
do arco, por causa da noiva estimada, de artelhos venustos.
A esta, por isso, no belo palácio, o apelido de Alcíone
os próprios pais lhe puseram, porque o sofrimento dessa ave
à mãe coubera, também, que profundos lamentos soltava,
quando se vira raptada por Febo, o frecheiro infalível.
Junto da esposa, agastado, deixou-se ficar, por motivo
das maldições de sua mãe, que do irmão tendo a morte sentido,
aos deuses todos do Olimpo, sem pausa, orações dirigia.
Vezes sem conta à alma Terra com a mão percutiu, invocando
o nome de Hades escuro e Perséfone, a deusa tremenda,
posta de joelhos e o seio banhado de lágrimas quentes,

para que o filho fizessem morrer. Pelas duras Erínias,
que andam nas trevas, desde o Érebo, foi, logo, a súplica ouvida.
"Em torno às portas, entanto, o barulho e o clamor recrudescem;
as torres foram forçadas. Os velhos Etólios, nessa hora,
e os sacerdotes sagrados de mais reverência lhe pedem
que a defendê-los se ponha, ofertando-lhe muitos presentes.
Em Calidona aprazível, lhe dizem, um campo escolhesse,
onde terreno mais fértil achasse, podendo cinquenta
jeiras, ao todo, marcar; para vinha, do chão a metade;
a outra metade, sem árvores, só de terreno lavrável.
O velho Eneu picador também fez insistentes pedidos.
De pé, no umbral do aposento de teto elevado, sacode
as folhas firmes da porta, a chamar pelo nome do filho.
Muito, também, as irmãs lhe pediram e a mãe veneranda.
Mais firmemente, porém, se negava Meléagro. Pedem-lhe
os companheiros, com muita insistência, e os mais caros amigos.
O coração no imo do peito, porém, ninguém pôde abalar-lhe,
antes de o fogo lhe haver atingido o aposento e os Curetes
às altas torres subido e iniciado a conquista dos muros.
Foi nesse instante que a esposa do herói, de cintura bem-feita,
por entre choro lhe exora, fazendo relato completo
dos sofrimentos dos homens, se viesse a cair a cidade:
da morte vil e cruel que teriam, do incêndio das casas,
a servidão em que iriam ficar as mulheres e as crianças.
À relação desses males, alfim, comovido se mostra.
Sem mais detença correu a envergar a armadura brilhante.
Dessa maneira, afastou dos Etólios o dia funesto,
por próprio impulso levado. Sem paga os livrou do perigo,
pois dos presentes de grande valia nenhum lhe foi dado.
"Essa maneira de ver, caro amigo, não deve ser tua.
Nenhum demônio te instigue. Seria, sem dúvida, inglório

ir em defesa das naus incendiadas. Aceita os presentes
que te ofertaram. Os Gregos ter-te-ão como um deus do alto Olimpo.
Pois se enfrentasses a guerra homicida sem dádivas grandes,
honra menor te coubera, ainda mesmo que o imigo afastasses.”
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, em resposta, o seguinte:
“Velho Fenice, nutrido por Zeus, de tais honras não curo;
são dispensáveis. Confio, isso sim, nos favores do Crônida,
que me farão demorar junto às naves recurvas, enquanto
sopro no peito tiver e os joelhos puderem mover-se.
Ora outra coisa te quero dizer; guarda-a bem no imo peito:
o coração não me venhas turvar com lamentos e queixas,
para ao Atrida agradares. Não deves amá-lo desta arte,
se não quiseres em ódio mudar a afeição que te voto.
Fica-te bem retribuir com ofensa a quem vier a ofender-me.
Vem partilhar do comando comigo; iguais honras te caibam.
Estes dirão a resposta. Aqui, pois, permanece, e ao macio
leito recolhe-te. Logo que a Aurora surgir, pensaremos
no que convém escolher; se ficar, se voltar para a pátria.”
Com o sobrecenho, depois, sem falar, fez a Pátroclo aceno
para que o leito mandasse aprontar, de Fenice, que, logo,
os outros dois no retorno pensassem, Ajaz Telamônio,
de forma igual à de um deus, proferiu as seguintes palavras:
“Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
vamos! Não creio que nosso propósito alcance algum êxito
por esta via. Ora cumpre, sem perda de tempo, a resposta
comunicar aos Argivos, embora bem ruim ela seja,
que eles, por certo, ainda estão reunidos, à espera. O Pelida,
de ira selvagem, somente inundou o magnânimo peito.
Homem cruel, que não preza a amizade dos fidos consócios,
essa com que o distinguíamos, junto de nossos navios!
Sem compaixão! É comum aceitar-se o resgate, até mesmo

pelo assassínio do irmão, pela morte do filho querido.
Fica o ofensor no país, quando multa adequada se acorda,
pois o ofendido refreia no peito a paixão excruciante
com receber os presentes. Rancor implacável e duro
no coração te puseram os deuses por causa, tão somente,
de uma cativa. No entanto, te damos sete outras, belíssimas,
e muitas dádivas mais. Assossega, portanto, o teu peito,
e tua casa respeita; encontramo-nos sob este teto
por comissão dos Acaios. Julgávamos, todos, te fôssemos
os mais prezados amigos no grande arraial dos Argivos."
Disse-lhe Aquiles, dos rápidos pés, em resposta, o seguinte:
"Dominador poderoso de povos, Ajaz Telamônio!
Com quase todas as tuas palavras meu peito concorda.
O coração, porém, sinto indignar-se ao lembrar-me do insulto
que me atirou Agamémnone, em face do exército Aquivo,
como se eu fosse adventício de todo o valor destituído.
Ora fazei-vos de volta, e a resposta, que dei, transmiti-lhe.
Não tomarei decisão de tornar para a guerra cruenta,
antes que Heitor, o divino, de Príamo sábio nascido,
chegue até perto das tendas e naus dos heroicos Mirmídones,
e, a dizimar os guerreiros Aquivos, as naus incendeie.
Mas quero crer que aqui perto da tenda em que me acho e da nave
de cor escura há de Heitor valoroso refrear seus propósitos."
Isso disse ele. Então, todos, tomando dos copos, libaram
junto das naus, regressando; servia Odisseu como guia.
Pátroclo, então, disse às servas e a seus companheiros que fossem
o leito cômodo, logo, aprontar para o velho Fenice.
Obedientes às ordens, o leito aprontaram, forrando-o
com velo e colcha macia e coberta de linho finíssimo.
O velho ilustre deitou-se, aguardando a chegada da Aurora.
Deita-se Aquiles, também, no recesso da tenda bem-feita,

com uma jovem ao lado, que havia trazido de Lesbo,
filha do grande Forbante, Diomeda de faces rosadas.
Pátroclo, no lado oposto, também se deitou, tendo ao lado
Ífis, de bela cintura, que Aquiles divino lhe dera
quando a cidade de Enieu valoroso, a alta Esciro, saqueara.
Logo que os dois emissários chegaram à tenda do Atrida,
viram-se pelos Argivos cercados, que, alçando-se prestes,
com taças de ouro os saudavam, ansiosos por tudo saberem.
Foi o primeiro a falar Agamémnone, rei poderoso:
"Dize-me logo, Odisseu meritíssimo, glória da Acaia,
se ele consente em livrar os navios do fogo inimigo,
ou se se nega, por ter ainda o peito tomado pela ira?"
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu sofredor de trabalhos:
"Filho glorioso de Atreu, Agamémnone, rei poderoso.
não só persiste na cólera, como se mostra tomado
pelo furor, recusando os presentes e tuas propostas.
Acha que deves, com os outros Argivos, pensar na maneira
de as naus e o exército Acaio salvar do perigo iminente.
Sim, chegou mesmo a ameaçar de que, logo que a Aurora se eleve,
há de puxar para as ondas as naves de boa coberta.
Acrescentou que aconselha aos demais que se façam de volta
para o torrão de nascença, que o termo jamais acharemos
de Ílio escarpada, que a mão protetora, sobre ela, Zeus, grande,
de voz potente, estendeu, reforçando a coragem do povo.
Meus companheiros, aqui, poderão confirmar o que digo,
o Telamônio e os arautos dotados de grande prudência.
O venerando Fenice ficou, a conselho de Aquiles,
para partir, juntamente com ele, amanhã muito cedo,
caso deseje, que contra a vontade, não há de levá-lo."
Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram,
estupefatos perante a violência de suas palavras.

Por muito tempo em silêncio mantêm-se os turvados Aquivos,
té que, por fim, fala o grande Diomedes, de voz poderosa:
"Filho glorioso de Atreu, Agamémnone, rei poderoso!
Antes nenhuma proposta tivesses ao grande Pelida
apresentado, nem feito tão grandes promessas. Se já era
insuportável, tornou-se ainda mais insolente com isso.
Não mais devemos com ele ocupar-nos, quer volte, realmente,
quer se decida a ficar. Há de, alfim, reingressar nos combates,
quando lhe o peito ordenar ou algum deus o incitar a fazê-lo.
Satisfaçamos, primeiro, o desejo, com vinho e alimentos,
para irmos, logo, dormir, que isso as forças restaura e a coragem.
E, quando a Aurora, de dedos de rosa, surgir no horizonte,
a postos põe, junto às naves, os homens e os carros de guerra,
e para a luta os incita; tu próprio lhes sê alto exemplo."
Todos os chefes presentes romperam em francos aplausos
de assentimento às palavras do forte guerreiro Diomedes.
As libações completadas, às tendas, depois, se acolheram,
onde gozaram, deitados, dos gratos presentes do Sono.

CANTO X

OS FEITOS DE DOLÃO (DOLONEIA)

“Agamenon e Menelau, sem conseguir dormir, vão acordar os chefes Gregos novamente e resolvem enviar espiões para o campo dos Troianos. Diomedes vai com Odisseu e no caminho encontram Dolão, um Troiano que tinha sido enviado para espionar os Gregos. Os dois Gregos prendem Dolão, exigindo que ele lhes conte os planos dos Troianos, e depois o matam. Vão, então, matar Reso, chefe da Trócia, e seus soldados recém-chegados com novos corcéis. Estes, os dois Gregos roubam. Retorno de Diomedes e Odisseu ao acampamento Grego.”

À noite dormiam os chefes do exército Aquivo,
junto das naus, dominados, alfim, pelo plácido Sono.
Somente o filho de Atreu, Agamémnone, rei poderoso,
não repousava, que muitos cuidados lhe o peito agitavam.
Tal como quando Zeus grande, marido da deusa cacheada,
crebo lampeja, aprontando infinito aguaceiro, granizo,
ou neve em flocos, que os campos extensos e arados branquejam,
ou quanto alhures as fauces monstruosas da guerra escancara:
com tal frequência escapavam suspiros do peito do Atrida,
dos penetras da alma grande, tremendo-lhe no imo as entranhas.
Sempre que o olhar para o campo dos Teucros volvia, admirava-se

da quantidade de fogos que em frente de Troia brilhavam,
dos sons das flautas e gaitas, do grande tumulto dos homens.
Mas quando olhava, depois, para as naves e as gentes da Acaia,
muitos cabelos, em mechas, da própria cabeça arrancava,
o nobre peito a gemer, para Zeus, no alto Olimpo, voltando-se.
Dos vários planos pensados, alfim pareceu-lhe o mais certo
ir procurar o Neleio Nestor, o primeiro dos homens,
para, com ele, quiçá, combinar algum plano eficiente,
que conseguisse livrar do infortúnio os guerreiros Argivos.
Pondo-se logo, de pé, veste a túnica fina e macia;
calça, a seguir, as formosas sandálias nos pés delicados,
e a pele escura de um fulvo leão, que até os pés lhe chegava,
sobre as espáduas coloca, tomando de lança potente.
Cheio de medo, também, Menelau se encontrava — às pálpebras
não vinha o sono pousar-lhe —, pensando que alguma desgraça
acontecesse aos Argivos, que mar tão extenso cortaram
por sua causa, com o fim de valor patentear nessa guerra.
Nos ombros largos a pele manchada, primeiro, ele atira
de uma pantera; a seguir, na cabeça depõe a viseira
brônzea e, com a mão poderosa, a lança potente segura.
Foi logo o irmão despertar, que imperava com grande prestígio
sobre os guerreiros Aquivos, os quais como a um deus o acatavam
as belas armas. Alegra-se o rei à chegada do mano.
Foi o primeiro a falar Menelau, de voz forte na guerra:
“Qual o motivo de as armas vestires? Mandar ora intentas
um dos guerreiros a espiar o arraial dos Troianos? Receio
que ninguém queira aceitar essa empresa e fazer-te a promessa
de, sem nenhum companheiro, na Noite divina, esgueirar-se
por entre gente inimiga. Isso tudo requer muita audácia.”
O poderoso Agamémnone disse o seguinte, em resposta:
“Para ambos nós, Menelau, de Zeus grande discíp’lo, faz falta

um bom conselho, que venha amparar e salvar os navios
e todo o exército, dês que os desígnios de Zeus se alteraram.
Os sacrifícios de Heitor lhe são muito mais caros agora.
Não, jamais vi, ou sequer me contaram, que um homem, sozinho
e em um só dia, chegasse a fazer tais e tantas proezas
como as que Heitor, caro a Zeus, realizou contra os homens Aquivos,
e isso, sem ter ele sido por deus ou por deusa gerado.
Hão de os Argivos guardar, estou certo, a lembrança de todas
estas façanhas, tal foi o prejuízo que aos Dânaos causaram.
Mas, ainda assim, corre às naus, para Ajaz convocar sem demora
e Idomeneu, que hei de eu próprio ir chamar o divino Nestor
e estimular a que se alce, no caso de ser-lhe do gosto
ir até o corpo sagrado dos guardas, a dar bons conselhos.
Mais do que aos outros lhe mostram respeito. Seu filho é quem se acha
com o comando da guarda, e Meríones, fiel companheiro
de Idomeneu. A ambos eles confiamos a empresa difícil."
Disse-lhe, então, Menelau, de voz forte, em resposta, o seguinte:
"Por que maneira pretendes que eu dê cumprimento a essas ordens?
Ao lado deles me deixo ficar, aguardando-te, ou devo
vir procurar-te de novo, depois de haver dado o recado?"
Disse-lhe, então, em resposta, Agamémnone, rei poderoso:
"Fica lá mesmo; não vá suceder que não mais nos achemos,
pois todo o campo é cortado por número infindo de ruas.
Quando passares por fora, em voz alta a eles todos esperta;
chama a cada um pelo nome dos pais, demonstrando, com isso,
que a todos sabes honrar; não reveles soberba em teus atos.
Demos exemplo de esforço, aceitando canseira, de grado,
pois desde o berço nos tem reservado trabalhos Zeus grande."
Dessa maneira ao irmão despediu, pós o haver instruído,
indo ele em busca do velho Nestor, chefe insigne de povos,
o qual achou junto à nave de casco anegrado, deitado

no brando leito. Ao seu lado se achavam as armas vistosas,
as duas lanças, o escudo redondo e a luzente cimeira.
Próximo o bálteo se achava, brilhante, com que se cingia
o velho ilustre, ao tomar parte ativa na guerra homicida,
pois, sem ceder à velhice inamável, guiava seus homens.
Alça a cabeça o Neleio Nestor, apoiando-a no cúbito,
e, para o Atrida virado, lhe diz as seguintes palavras:
"Quem é que corre, no escuro da noite, sozinho, os navios
e o acampamento, no tempo em que os outros mortais ainda dormem?
Andas atrás de algum mulo, ou, quiçá, de um dos teus camaradas?
Fala; calado, não dês mais um passo. De que necessitas?"
Disse-lhe, então, em resposta, Agamémnone, rei poderoso:
"Máxima glória dos povos Aquivos, Nestor de Gerena,
em mim conhece Agamémnone a quem Zeus legou sofrimentos
mais do que a todos os homens, e que hão de durar, até quando
no peito alento sentir e puderem os joelhos mover-se-lhe.
Vago errabundo, desta arte, que os olhos o sono agradável
não me visita; preocupa-me a guerra e o penar dos Aquivos.
Por causa deles, realmente, o receio de mim se apodera.
Fico indeciso; parece que sinto do peito saltar-me
o coração; tenho os membros robustos, agora, impotentes.
Já que não dormes, também, se tiveres em mente algum plano,
às sentinelas baixemos, então, pois convém que vejamos
se elas não foram vencidas do mole cansaço, entregando-se
ao Sono, assim, deslembradas, de todo, dos próprios deveres.
O acampamento inimigo está perto, e ninguém saber pode
se dele ataque jamais nos virá no período da noite."
Disse-lhe, então, o Gerênio Nestor, condutor de cavalos:
"Filho glorioso de Atreu, Agamémnone, rei poderoso,
Zeus prudentíssimo, certo, não pensa em dar corpo aos desígnios
todos de Heitor, tal como este o deseja. Maiores trabalhos

que os de antes, certo, virão, e em quantia maior, quando Aquiles
o coração generoso aliviar dessa cólera ingente.
Sim, já te sigo; mas antes convém que outros mais despertemos,
não só o Tidida de lança famosa, Odisseu valoroso,
o velocíssimo Ajaz, e o do grande Fileu descendente.
Ora mandemos algum mensageiro chamar, sem demora,
a Idomeneu, chefe insigne de povos, e Ajaz Telamônio,
cujos navios mui longe se encontram, não perto do centro.
Mas Menelau, muito embora lhe tenha afeição e o respeite,
censurá-lo-ei — não te agastes, que fora impossível conter-me —
por ter ficado a dormir, entregando-te todo o trabalho.
Nesse momento fiava-lhe bem insistir com pedidos
junto dos chefes Aqueus, por ser grande, em verdade, o perigo."
Disse-lhe, então, em resposta, Agamémnone, rei poderoso:
"Velho, por vezes eu próprio a que o vás censurar te concito,
pois é, amiúde, indolente e procura fugir às canseiras,
não por incúria, decerto, ou por ser de inferior intelecto, mas por
olhar-me frequente e esperar que de mim parta o exemplo.
Antecipou-se, porém, desta vez, e chamou-me ele próprio,
tendo ido, agora, à procura dos chefes que há pouco nomeaste.
Vamos, que a todos, por certo, devemos de achar junto às portas,
com as sentinelas. Foi lá que assentamos deviam reunir-se."
Disse-lhe, então, o Gerênio Nestor, condutor de cavalos:
"Ora hão de sempre os guerreiros, acordes, prestar-lhe obediência,
quando lhes vier ordem dele ou por ele exortados se virem."
O peito, após ter falado, na túnica fina protege;
calça, a seguir, as formosas sandálias nos pés delicados,
e com o colchete afirmou sobre os ombros o manto de púrpura,
amplo e bastante comprido, adornado com felpa lanosa.
Pega da lança potente, munida de ponta de bronze,
e para as naves se foi dos Acaios, vestidos em bronze.

O velho Pílio Nestor, domador de cavalos, primeiro
em altas vozes desperta a Odisseu, semelhante a Zeus grande
no entendimento; depressa atingiu-lhe a consciência o chamado.
Da tenda o herói saiu logo e as seguintes palavras profere:
"Que é que corre, na Noite divina, sozinho, os navios
e o acampamento? Que causa tão grave a esse passo o compele?"
Disse-lhe, então, o guerreiro Nestor, domador de cavalos:
"Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
não te molestes, que é grande o pesar que os Acaios oprime.
Segue-nos; vamos chamar mais alguns, os que têm por ofício
deliberar sobre o grave dilema: ou combates ou fuga."
A essas palavras, na tenda reentrou Odisseu astucioso;
põe sobre os ombros o escudo, voltando a juntar-se aos guerreiros.
Daí, o Tidida Diomedes procuram, o qual encontraram
fora da tenda, com as armas ao lado; dormiam-lhe à volta
os companheiros fiéis, que apoiavam no escudo a cabeça.
Fixas no chão pelos cantos as lanças estavam, que ao longe,
tal como raios de Zeus, reluziam. Deitado no couro
de boi selvagem, no solo estendido, dormia Diomedes,
tendo a cabeça pousada num belo e brilhante tapete.
Aproximou-se-lhe o velho Nestor, domador de cavalos,
e, sacudindo-o com o pé, despertou-o e lhe disse, em censura:
"Vamos, Tidida, levanta-te! Como dormir toda a noite?
Pois não ouviste que os Teucros dominam de um alto a planície,
perto das naus, e que espaço pequeno de nós os separa?"
Isso disse ele; de pronto, Diomedes do sono desperta,
e, para ele virando-se, diz-lhe as palavras aladas:
"Velho, és, de fato, admirável! Não dás aos teus membros repouso.
Não haveria, entre os filhos da Acaia, guerreiros mais moços
que se incumbissem da ronda e, também, de fazer que despertem
todos os príncipes? És, em verdade, incansável, ó velho!"

Disse-lhe, então, o Gerênio Nestor, domador de cavalos:
"Quanto disseste, meu filho, concorda com a estrita verdade.
Filhos, por certo, admiráveis possuo, e auxiliares bastantes,
que poderiam fazer esta ronda e chamar a vós todos.
Mas é excessivo o perigo que os nobres Acaios oprime.
Ou para todos a Morte lutuosa, ou com vida seguirmos,
eis o dilema que pende nesta hora do fio da espada.
Vamos, então. Vai chamar o veloz Telamônio e o Filida,
já que és mais moço do que eu e te mostras, assim, compassivo."
A pele escura de um leão, que lhe vinha até os pés, ele a atira
logo às espáduas e, sôfrego, toma da lança potente.
Pôs-se a caminho, aos heróis despertou e os guiou de tornada.
Quando, afinal, o local alcançaram do corpo da guarda,
nenhum, sequer, dos guerreiros, entregues ao sono encontraram,
sim, todos eles despertos estavam, com as armas a jeito.
Tal como cães que, de manso redil em penosa vigia,
ao perceberem que fera voraz há dos montes baixado
e pelas matas avança, despertos, enorme algazarra
de vozes de homens provocam, sem mais se lembrarem do sono:
do mesmo modo esfizera-se o sono agradável nas pálpebras
dos que velavam na noite funesta; voltados se achavam
para a planície a atentarem nos ruídos do campo Troiano.
Vendo-os, o velho alegrou-se e, com o fim de lhes dar mais estímulo
para eles todos voltando-se, disse as palavras aladas:
"Bravos, meus filhos! Vigiai sempre assim; que ninguém ceda ao sono,
para não virmos a ser objeto de escárnio do imigo."
Eis que salta o fosso, ao falar, sendo logo seguido por todos
os soberanos Argivos que para o conselho chamara.
A eles, depois, se agregam Merfones e o alto Nestórida,
que tinham sido invitados, também, para aquele conselho.
O fosso tendo transposto, eles todos, então, se sentaram

num lugar limpo, onde livre o terreno se achava dos mortos
que ali tombaram, no ponto preciso em que Heitor desistira
de dizimar os Argivos, ao ser pela noite envolvido.
Nesse lugar assentados, trocaram prudentes conselhos.
Foi o primeiro a falar o senhor de Gerena, Nestor:
"Caros amigos, não há, por acaso, entre vós, quem se atreva,
só na coragem confiado, a ir ao campo dos Teucros altivos?
Fora possível, talvez, apanhar qualquer guarda avançada,
ou surpreender os Troianos reunidos, quiçá, em conselho,
para ficarmos sabendo quais sejam seus planos, se intentam
perto dos nossos navios o campo fixar, ou se ao burgo
já de tomada se encontram, contentes por terem vencido.
Caso obtivesse os informes e, incólume, após, retornasse,
atingiria sua glória, sem dúvida, o céu, espalhando-se
entre os mortais, sobre vir a alcançar um presente magnífico;
cada um dos chefes preclaros, de quantos as naves comandam,
sem exceção, lhe daria uma ovelha com seu cordeirinho,
negra, sem mancha, presente difícil de ser comparado,
e nos banquetes e festas teria lugar de relevo."
Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram,
té que, por fim, fala o grande Diomedes, de voz poderosa:
"Meu coração e meu ânimo altivo, Nestor, me compelem
a ir até o campo de nossos imigos Troianos, tão próximo.
Mas, se tivesse ao meu lado um qualquer dos guerreiros Aquivos,
bem mais seguro ficaria e com mais decisiva coragem.
Quando são dois, se um não vê, o outro logo percebe o caminho
mais vantajoso; sozinho qualquer indivíduo prudente
de inteligência mais tarda se torna e de ação menos pronta."
Muitos, então, se mostraram dispostos a ir com o Tidida:
os dois Ajazes avançam, diletos do deus Ares forte;
quis secundá-los Meríones, mais o Nestórida ilustre,

bem como o forte lanceiro nascido de Atreu, Menelau.
Quis, finalmente, o paciente Odisseu penetrar nas fileiras
dos inimigos, pois era inclinado às ações arriscadas.
Pôs-se Agamémnone, rei poderoso, a falar deste modo:
"Ó claro filho do grande Tideu, diletíssimo amigo!
Ora de acordo com teu parecer faze a escolha do sócio
para a arriscada entrepresa; são muitos os que se apresentam.
Nenhum motivo te leve a deixar de escolher o mais digno,
e um menos apto apontar, por vergonha, talvez, ou respeito,
só pela estirpe levado ou, quiçá, por tratar-se de um príncipe."
Isso dizia, receando que a escolha no irmão recaísse.
Pôs-se a falar, novamente, Diomedes, de voz atroante:
"Se decidis que seja eu que hei de a escolha fazer do meu sócio,
como é possível que venha do divo Odisseu a esquecer-me,
cuja coragem, nos grandes perigos, e o espírito ardente
sempre se afirmam, o herói, distinguido por Palas Atena?
Tendo-o por meu companheiro, até mesmo das chamas ardentes
retornaremos ilesos, por ser mais que todos astuto."
Disse-lhe o divo e solerte Odisseu o seguinte, em resposta:
"Não me elogies, Tidida, demais, nem de mim faças pouco,
pois te diriges aos chefes Argivos, que assaz me conhecem.
Vamos! A Noite já vai adiantada; aproxima-se a Aurora;
os astros acham-se muito avançados, e mais de dois terços
já transcorreram da Noite; somente nos resta uma parte."
Ambos, depois de falar, envergaram as armas terríveis.
Deu Trasimedes, o herói belicoso, ao Tidida uma espada
de duplo fio — que a deste ficara na nave simétrica —
e um belo escudo. Depois, a cabeça cingiu-lhe com um elmo
simples, de couro, sem crista, achatado, de nome "catétix",
apropriado a servir de anteparo à cabeça dos moços.
O arco e o carcás e uma espada ao divino Odisseu deu Meríones;

um capacete de pele, depois, lhe adaptou na cabeça,
que, pela parte de dentro, era todo forrado com loros
bem distendidos; por fora se viam comilhos sem conta
de javalis de alvos dentes, dispostos em filas cerradas,
muito habilmente; no meio, o enchimento era todo de feltro.
Um dia Autólico pôde roubar esse casco de Amíntor,
de Ormeno filho, em Eleona, arrombando-lhe o forte palácio.
A Anfidamante, depois, o entregou, de Citera, em Escândia,
o qual a Molo, a seguir, com grato presente oferece;
ao filho amado este o entrega, Meríones, para que o usasse,
que, por sua vez, na cabeça do divo Odisseu o coloca.
Pós terem ambos os chefes as armas terríveis vestido,
iniciaram o caminho, deixando os Acaios ilustres.
Palas Atena uma graça enviou-lhes ao longo da estrada,
pela direita. Impossível lhes era, em verdade, enxergá-la
na noite escura; mas mui claramente o gazeio lhe ouviram.
Ledo, Odisseu, com o presságio, dirige-se a Palas Atena:
“Ouve-me, filha de Zeus poderoso, que em todas as minhas
dificuldades me assistes, a quem não se ocultam meus passos,
Palas Atena! Ora mais do que nunca propícia me ajuda.
Dá que possamos, cobertos de glória, voltar para as naves,
pós grande feito acabarmos que há de lembrar sempre os Teucros.”
Por sua parte, Diomedes, de voz poderosa, suplica:
“Ouve-me, Atena, também, nobre filha de Zeus poderoso!
Segue-me como seguiste meu pai, o divino Tideu,
quando ele em Tebas esteve em missão dos guerreiros Aquivos.
No rio Asopo deixara os Argivos de vestes de bronze,
e razoáveis propostas levou para os filhos de Cadmo.
Feito terrível, porém, conseguiu realizar, ao retorno,
graças a ti, grande deusa, que sempre o amparaste benévola.
Sê-me propícia, igualmente, e, cuidosa, ao meu lado te ponhas.

Hei de imolar-te vitela de um ano, de fronte espaçosa,
e não domada jamais por ninguém, nem vergada no jugo;
hei de ofertar-te uma assim, após ter-lhe dourado os dois chifres!”
Isso disseram, na súplica; Palas Atena os ouviu.
Pós terem ambos orado à donzela de Zeus poderoso,
como dois leões se puseram a andar pelo escuro da noite,
atravessando os estragos, cadáveres, armas e sangue.
Os valorosos Troianos, Heitor não deixou, por seu lado,
que repousassem. Convoca depressa os mais célebres chefes,
os conselheiros do povo e os que tinham na guerra o comando.
Tendo-os ali reunidos, propôs-lhes sensato conselho:
“Qual dentre vós quererá pôr em prática o plano que tenho,
para ganhar alto prêmio? Obterá recompensa condigna.
Um belo carro de guerra, com dois ardorosos cavalos,
os do mor preço das naves velozes Acaias prometo
a quem ousar — alta glória, com isso, há de obter, por sem dúvida —
aproximar-se das naves de curso veloz, porque vejam
se ainda os Aqueus continuam guardando os navios velozes
ou se alquebrados por causa das perdas que a todos levamos,
e pelo extremo cansaço vencidos, combinam a fuga,
sem se importarem de a guarda noturna fazer neste instante.”
Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram.
Um tal Dolão entre os Teucros se achava, nascido de Eumedes,
o divo arauto; muito ouro, de fato, possuía, e, assim, bronze.
Exteriormente era pouco agradável, porém velocíssimo.
Com cinco irmãs, era ele o único varão no palácio.
Vira-se, então, para Heitor e os Troianos e diz o seguinte:
“Meu coração e meu ânimo, Heitor destemido, me levam
a aproximar-me das naves de curso veloz para espiá-las.
Quero, porém, que, primeiro, me jures, alçando o teu cetro,
que me darás cavalos e o carro de adornos de bronze

que nos combates Aquiles conduz, o guerreiro admirável.
Tua confiança verás confirmada; não sou mau esculca,
pois pretendo ir pelo campo inimigo, até perto da nave
do grande Atrida Agamémnone, onde, quiçá, se reuniram
para pensar no dilema: ou fugir ou aceitar o combate.”
Isso disse ele; tomando do cetro, jurou Heitor, logo:
“O testemunho ora invoco de Zeus atroador, de Hera esposo,
de que jamais outro bravo Troiano será transportado
por tais corcéis; tu, somente, hás de ter, para sempre, essa glória!”
Foi vã, sem dúvida, a jura, que, aliás, a Dolão deu coragem.
O arco recurvo, sem perda de tempo, nos ombros atira,
a pele enverga de um lobo cinzento, que os membros lhe cobre,
gorro de fuinha coloca e, tomando de um dardo pontudo,
o acampamento deixou, dirigindo-se às naves simétricas,
donde jamais haveria voltar para a Heitor dar notícias.
Quando distante da bulha se viu dos corcéis e dos homens,
cheio de ardor pôs-se a andar. O divino Odisseu notou logo
que vinha alguém e, virando-se para Diomedes, lhe fala:
“Esse homem, caro Tidida, vem vindo do campo Troiano,
provavelmente com o fim de ir direto espiar os navios
ou para o corpo espoliar dos que a vida no campo perderam.
Vamos deixar que de nós ele um pouco se adiante, no campo,
para, depois, atrás dele corrermos e, logo, prendê-lo.
Ainda que pés mais velozes possua e nos leve vantagem,
cada vez mais afastado dos seus, para as naus, vou forçá-lo
com minha lança, impedindo que volte a abrigar-se nos muros.”
Ambos, depois de falar, se desviaram da estrada, agachando-se
entre os cadáveres; nestes, o incauto por eles perpassa.
Mas quando o espaço alcançou que lavrar duas mulas costumam
sem se deterem — são tais alimárias que os bois bem melhores
para com sólido arado na terra abrir sulco profundo —,

ambos no encalço lhe foram. Ouvindo barulho, deteve-se,
por presumir que do campo Troiano um dos fiéis companheiros
vinha chamá-lo da parte de Heitor, para aos seus ir de volta.
Mas, quando os teve à distância de tiro de lança, ou mais perto,
reconheceu que era gente inimiga. Depressa puseram-no
em fuga os joelhos. Os dois, também, logo, a correr começaram.
Como dois cães de colmilhos agudos, mui destros na caça,
pela floresta perseguiram, sem dar-lhes descanso, uma corça
ou veloz lebre, que à frente lhes corre, a guinchar, rapidíssima;
da mesma forma Diomedes e o grande eversor de cidades
o perseguiam, sem trégua, fazendo-o alongar-se do campo.
Quando, porém, a correr para as naves, estava a chocar-se
com as sentinelas, Atena insuflou decisão no Tidida,
porque nenhum dos guerreiros Aquivos de vestes de bronze
o antecipasse na glória de ser o primeiro a feri-lo.
Sempre a correr, manejando alto a lança, lhe grita Diomedes:
“Para, ou há de aí mesmo alcançar-te esta lança. Não creio que
possas por muito tempo evitar que meu braço te dê morte horrível.”
A arma, ao falar, lhe atirou, sem, contudo, querer atingi-lo.
Pós haver o ombro direito passado, encravou-se na terra
a ponta fina. A tremer, ali mesmo Dolão se deteve;
dobram-lhe as pernas; os dentes lhe batem com força uns nos outros,
pálido o rosto, de medo. Ofegantes, os dois o alcançaram,
pondo-lhe as mãos logo em cima. Dolão, entre lágrimas, disse:
“Não me mateis; aceitai meu resgate, que em casa possuo
bem trabalhados objetos de ferro e ouro e bronze abundantes.
Meu genitor vos dará de boamente um resgate elevado,
quando souber que me encontro com vida nas naus dos Aquivos.”
Disse-lhe o muito solene Odisseu o seguinte, em resposta:
“Cria coragem; a ideia da Morte não deve afligir-te.
Vamos! Agora me fala e responde conforme a verdade:

qual o motivo de o campo deixares, no escuro da noite,
em direção dos navios, no tempo em que todos repousam?
É para o corpo espoliar dos que a vida no campo perderam,
ou por Heitor, porventura, mandado, com o fim de os navios
curvos espiar? Ou moveu-te a esta empresa teu ânimo próprio?”
Disse, a tremer, o Troiano de rápidos pés o seguinte:
“O entendimento turvou-me, com muitas promessas, Heitor,
quando me disse que havia de dar-me os robustos cavalos
do grande Aquiles, além de seu carro de enfeites de bronze.
Deu-me instruções para vir pelo escuro da noite até perto
dos inimigos infestos, a fim de saber com certeza
se ainda os Aqueus continuam guardando os navios velozes,
ou se, alquebrados por causa das perdas que a todos levamos,
e pelo extremo cansaço vencido, combinam a fuga,
sem se importarem de a guarda noturna fazer neste instante.”
Disse-lhe, então, a sorrir, Odisseu, o guerreiro solene:
“Grande é, em verdade, o presente que no coração anelavas:
os corredores do Eácida ilustre! Difícil empresa
para qualquer dos mortais, a não ser para Aquiles, que teve
por genitora uma deusa, é no carro contê-los e guiá-los.
Vamos! Agora me fala e responde conforme a verdade:
quando saíste do campo, onde Heitor, chefe de homens, deixaste?
Onde suas armas de guerra, onde o carro e os cavalos ficaram?
E de que modo os Troianos vigiam, ou como acamparam?
Dize-nos, para que o plano fiquemos sabendo, se intentam
perto dos nossos navios no campo ficar, ou se ao burgo
vão retornar, satisfeitos por terem vencido os Aquivos.”
Disse Dolão, que de Eumedes nascera, em resposta, o seguinte:
“Sem o menor subterfúgio pretendo contar-te a verdade.
Neste momento Heitor se acha reunido com os chefes do povo,
junto do túmulo de Ilo, onde tratam de assuntos de guerra,

longe do ruído dos homens. As guardas, herói, que perguntas,
não nas puseram de modo especial, para o campo vigiarem,
sim, ao redor das fogueiras que vês, é fatal que se encontrem
homens alguns, que despertos procuram manter um aos outros.
Os auxiliares, porém, de paragens inúmeras vindo,
dormem, deixando o trabalho aos Troianos de o campo vigiarem,
pois junto deles não têm nem mulheres nem filhos pequenos.”
Torna a fazer-lhe pergunta Odisseu, o solerte guerreiro:
“De que maneira eles dormem: no meio dos homens de Troia,
ou separados? De tudo me informa com pura verdade.”
Disse Dolão, que de Eumedes nascera, em resposta, o seguinte:
“Toda a verdade pretendo dizer-te, tal como me pedes.
Os Peônios de arco recurvo se encontram do lado da praia,
mais os Caucônios, os Cários, os divos Pelasgos e os Léleges.
Os Lícios perto de Timbre ficaram e os Mísios guerreiros,
os picadores da Frígia e os Meônios que em carro combatem.
Mas por que causa inquirir-me, com tanta minúcia, de tudo?
Se penetrar resolvestes, de fato, no campo Troiano,
tendes, na ponta de cá, recém-vindos, os Trácios, e, entre eles,
Reso, potente senhor, de Eioneu descendentes. Cavalos
como os que trouxe, jamais contemplei, tão bonitos e grandes:
mais do que a neve são alvos; tão rápidos são como o vento.
Carro de guerra admirável possui, de ouro e prata adornado;
de ouro, também, a armadura gigante, dos olhos espanto,
que trouxe ao vir; para os homens mortais, por sem dúvida imprópria,
só para os deuses eternos, que moram no Olimpo, adequadas.
Para os navios, agora, de rápido curso, levai-me,
ou, se o quiserdes, em laços cruéis, aqui mesmo, prendei-me;
té que sejais de retorno, depois de tirardes a prova
se nalgum ponto menti, ou se tudo, sincero, vos disse.”
Com torvo olhar lhe retruca Diomedes, o forte guerreiro:

“Tira, Dolão, de tua alma a ilusão de que podes, ainda,
de nossas mãos escapar, em que dados preciosos nos deste.
Se te soltarmos, agora, ou se belo resgate aceitarmos,
hás de voltar contra as naves velozes dos homens Aquivos,
ou como espia, de novo, ou com o fim de atacar-nos de frente.
Mas, se vencido por mim, vieres logo a perder a existência,
não mais terás ocasião de causar nenhum dano aos Aquivos.”
Disse; ao querer ele a barba, com a mão vigorosa, tocar-lhe,
num gesto súplice, a espada arrancando, Diomedes o fere,
violentamente, no colo, cortando-lhe os dois tendões fortes:
ainda a falar, a cabeça do Teucro rolou na poeira.
As armas todas então lhe tiraram: o gorro de fuinha,
o arco recurvo, a hasta longa e, por último, a pele de lobo.
Tudo isso a Palas Atena o divino Odisseu oferece,
a predadora; as mãos ambas levanta e, desta arte, suplica:
“Mostra-te alegre com isto! Entre os deuses do Olimpo hás de sempre
ser a primeira a invocarmos. Agora nos guia até dentro
do acampamento dos Trácios, seus leitos e belos ginetes.”
Isso disse ele, e, afastando os despojos de si, em um galho
de tamargueira os prendeu, junto à qual pôs sinal bem visível,
cenas e ramos viçosos cortados ali, porque à volta
não sucedesse enganar-se no escuro da rápida noite.
Ambos, então, avançando através da sangueira e das armas,
logo alcançaram o ponto onde as coortes dos Trácios se achavam.
Pelo cansaço vencidos, dormiam; as armas, ao lado,
em três fileiras dispostas, se achavam, no solo, arrumadas
com muito gosto. Cada um tinha a par dois formosos cavalos.
Reso dormia no meio; ao seu lado, os velozes ginetes
no parapeito do carro com loros atados se achavam.
Foi o primeiro a enxergá-lo Odisseu, que falou ao Tidida:
“Este, Diomedes, é o homem; por certo os cavalos são estes

de que Dolão nos falou, cuja vida tiramos há pouco.
Vamos, agora dá provas de tua coragem; não fica
bem continuares armado e inativo. Desata os cavalos,
ou, se o quiseres, dos homens se incumbe, deixando-me os brutos.”
A de olhos glaucos, Atena, infundiu em Diomedes coragem.
Golpes vibra ele ao redor; os que a espada atingia soltavam
fundos lamentos; o sangue a escorrer, o chão duro corava.
Do mesmo modo que o leão, quando um fato de cabras ou ovelhas
a que o pastor não vigia, com ânimo hostil acomete,
salta o Tidida no meio dos Trácios e os vai arrasando,
té que a uma dúzia privou da existência. Odisseu, entretanto,
o mui solerte, o seguia e, à medida que o forte Diomedes
os estoqueava, afastava-os por ambos os pés arrastando-os,
para que os belos cavalos de crina ondulante pudessem,
mais facilmente, passar, sem ficarem tomados de susto,
pois a pisar em cadáveres eles afeitos não estavam.
Quando o Tidida chegou junto ao rei — deu ele um suspiro,
pois, por influxo de Atena, pairava-lhe junto à cabeça
um sonho ruim, nessa noite, a figura do próprio Diomedes.
Por esse tempo Odisseu desprendia os robustos cavalos.
Com a própria rédea ligando-os, tirou-os do meio da chusma,
do arco valendo-se para bater-lhes, pois tinha esquecido
o primoroso chicote no carro de bela feitura.
Assobiando, fez ele um sinal ao divino Diomedes.
Este se achava indeciso, a pensar em maiores empresas:
se o belo carro, onde as armas formosas se achavam, puxasse
pelo timão, ou se, no ar levantando-o, dali o tirasse,
ou se da vida privasse, ainda, a muitos guerreiros da Trácia.
Enquanto o divo Diomedes assim refletia, indeciso,
apresentou-se-lhe Palas Atena e lhe disse o seguinte:
“Filho do grande Tideu, pensa, agora, em voltar para as naves

de bojo côncavo; certo é melhor que fugires, se acaso
um dos eternos fizer que os guerreiros Troianos despertem.”
Compreendeu logo Diomedes que deusa imortal lhe falara.
Nos corredores montaram, depressa, Odisseu, fazendo uso
do arco, os tocou para as naves velozes dos homens Aquivos.
Mas não vigiava debalde a deidade que traz rédeas de ouro:
ao perceber Febo Apolo que Atena auxiliava Diomedes,
aborrecido contra ela ficou. Baixa às filas Troianas,
e a Hipocoonte desperta, sensato caudilho dos Trácios,
primo de Reso. Quando ele, do sono saído, vazio
viu o lugar em que estavam, primeiro, os velozes ginetes,
e, palpitantes, os Trácios em meio de horrível sangueira,
o companheiro querido chamou pelo nome, gemendo.
Gritos e grande tumulto se elevam da parte dos Teucros,
que, em confusão, acorrem, ao verem o feito audacíssimo
pelos varões realizado, que, após, para as naus retornaram.
Quando alcançaram o ponto em que o espia de Heitor fora morto,
os corredores velozes o divo Odisseu faz que parem.
Salta Diomedes, e as armas cruentas do chão levantando,
ao companheiro as entrega, voltando a montar novamente.
Com chicotada os cavalos esperta, que partem velozes
na direção dos navios, para onde a vontade os levava.
O velho Pílio, o trotar dos cavalos ouvindo, assim fala:
“Vós, conselheiros e guias dos homens Acaios, ouvi-me!
Minto ou verdade enuncio? A falar me compele a vontade.
Ouço as batidas dos cascos velozes de bons corredores.
Quem nos dissesse que o divo Odisseu e o valente Diomedes
do acampamento Troiano nos trazem robustos cavalos!
Mas sinto na alma indizível receio de que sucedera
algo aos dois grandes Argivos, em meio da chusma dos Teucros.”
Ainda não tinha Nestor acabado, e eis que os dois se aproximam.

Rapidamente saltaram. Alegres, os chefes Argivos
trocam apertos de mão e os saúdam com termos afáveis.
Foi o primeiro a falar-lhes o velho de Pilo, Nestor:
"Dize-me, logo, ó paciente Odisseu, glória excelsa da Acaia,
como estes belos cavalos pudestes obter? Penetrando
no acampamento Troiano? É presente, quiçá, de um dos deuses?
Que brilho têm! Só aos raios do sol podem ser comparados.
Tenho lutado de perto com os homens de Troia, pois penso
que não me deixo ficar no meu barco, apesar da velhice;
mas de cavalos como esses notícia nenhuma ainda tive.
Dádiva julgo de um deus que vos haja ao encontro saído,
pois não somente Zeus Crônida, como sua filha indomável,
a de olhos glaucos, Atena, a ambos têm afeição demonstrado."
Disse-lhe o muito solerte Odisseu o seguinte, em resposta:
"Máxima glória dos povos Aquivos, Neleio Nestor!
Fácil seria a um dos deuses, se fosse de sua vontade,
dar-nos mais belos cavalos do que estes, pois são poderosos.
Mas estes, velho, a respeito dos quais me perguntas, são Trácios
e recém-vindos. O forte Diomedes matou-lhes o dono
e mais doze homens dos seus, todos eles de nome preclaro.
Um desses Teucros, Dolão, que tentou penetrar às ocultas
no acampamento dos nossos, por ordem de Heitor e dos outros
chefes Troianos matamos a pouca distância das naves."
Tendo isso dito, os cavalos forçou a que o fosso passassem,
cheio de júbilo; os outros Aquivos, contentes, o seguem.
Logo que à tenda bem-feita do grande Diomedes chegaram,
os corredores velozes ataram com tiras de couro
à manjedoura onde estavam, também, os corcéis mui velozes
do alto guerreiro Diomedes, que trigo mui doce comiam,
enquanto o espólio sangrento do Teucro na popa da nave
foi colocado Odisseu, para a Atena, depois, dedicá-lo.

Ambos se metem no mar, a seguir, para o suor alimparem,
que da cerviz lhes corria, das pernas robustas e coxas.
Logo que as ondas do mar as escórias mais crassas tiraram
dos membros todos, sentiram-se os dois refrescados e leves.
Em bem-polidas banheiras entraram, depois, e lavaram-se.
O banho, assim, terminado e depois de se ungirem com óleo,
à mesa foram sentar-se, e empunhando uma grande cratera
cheia de vinho agradável, a Palas Atena libaram.

CANTO XI

OS FEITOS HEROICOS DE AGAMÉMNONE (ARISTIA DE AGAMÉMNONE)

“Logo que surge a Aurora, Agamémnone prepara seu exército para o combate. Do outro lado, Heitor caminha contra as tropas dos Gregos. Heitor, aconselhado por Zeus, se retira da luta até Agamémnone fazer o mesmo. Este realiza feitos heroicos e mata muitos Troianos. É, no entanto, ferido e tem de deixar a batalha. Os Troianos retomam a vantagem e os principais Gregos são feridos: Odisseu, Diomedes e o médico Macáon. Nestor, então, suplica a Aquiles que volte à batalha ou que empreste sua armadura para Pátroclo poder lutar. Pátroclo ajuda Eurípilo, ferido na guerra.”

Alça-se a Aurora do leito onde dorme o preclaro Títono,
para levar luz aos deuses e aos homens de curta existência.
Zeus a Discórdia cruel para as naves mandou dos Aquivos,
a qual nas mãos sustentava o terrível sinal das batalhas.
Junto do monstro da proa da nau de Odisseu se deteve,
que era no centro de todas, porque sua voz fosse ouvida
nos dois extremos opostos, na tenda de Ajaz Telamônio
e na de Aquiles, os quais, no valor e ousadia confiados,
tinham postado seus barcos nos pontos extremos do campo.

Aí para a deusa, afinal, emitindo som alto e estridente,
brado horroroso, que foi despertar nos guerreiros Aquivos
o irresistível desejo de à luta, sem pausa, entregarem-se.
Para eles todos, realmente, mais doce era, então, dar combates
do que voltar para a pátria querida nas côncavas naves.
A voz o Atrida elevou, ordenando aos Aqueus que se armassem.
Ele, entrementes, vestia a armadura de bronze brilhante:
as caneleiras, primeiro, lavradas, nas pernas ataca,
belas de ver, por fivelas de prata maciça ajustadas;
em torno do peito coloca, depois, a couraça magnífica
que, hospitaleiro, lhe havia Ciniras, outrora, ofertado.
Tinha chegado até Chipre a notícia inaudita da viagem
que em seus navios os homens Aqueus atacar iam Troia;
para exprimir gratidão ao monarca, lhe dera essa dádiva.
Era adornada com dez riscos finos de esmalte lustroso;
doze eram de ouro as estrias, e vinte, em conjunto, a de estanho;
junto ao pescoço as cabeças erguiam três serpes cerúleas
de cada lado, dispostas como o arco que o filho de Crono
nas nuvens sói colocar, para os homens sinal portentoso.
Em torno dos ombros a espada lançou, na qual tachas se viam
de ouro brilhante; de prata maciça era feita a bainha;
como a bainha, eram de ouro as cadeias que ao ombro a prendiam.
Toma do escudo, depois, bem-lavrado, que o corpo lhe cobre,
forte e mui belo de ver, por dez orlas de bronze cercado
e vinte umbigos de estanho muito alvo, dispostos à volta
da superfície; era de aço cinzento a porção mais do meio.
Como coroa se via a cabeça espantosa da Górgona
de olhar terrível; a Fuga e o Terror ao seu lado se achavam.
Era argentada a correia ao comprido da qual se estendia
drago de cor azulada; com três horrorosas cabeças
entrelaçadas, nascidas de um grande pescoço somente.

O elmo coloca, de quatro saliências e dupla cimeira,
no qual, por modo terrível, penacho de crina ondulava.
Toma, por fim, duas lanças, munidas de ponta de bronze,
de brilho tal, que o fulgor até o céu estrelado atingia.
Do alto do Olimpo Hera e Palas fizeram que, então, trovejasse,
só para honrarem ao rei poderoso da rica Micenas.
Aos seus aurigas os chefes instruem, que, junto do fosso,
em boa ordem, os carros mantenham e os fortes cavalos.
Eles, entanto, de pé, na armadura de bronze envolvidos,
se precipitam; imenso alarido antes da alva se eleva.
Muito mais cedo que os carros, em frente do fosso já estavam;
de perto os carros os seguem. Sinistro rumor fez alçar-se
o grande filho de Crono, fazendo que orvalho de sangue
do alto caísse, por ter a intenção de enviar muitas almas
de combatentes ilustres para o Hades de portas escuras.
Numa eminência de grande planície reuniram os Teucros.
Polidamante e o alto filho de Príamo, Heitor, juntamente
com o grande Eneias, a quem, como a um deus, os do povo
acatavam, e mais os três Antenóridas: Pólibo, o divo Agenor
e o moço e forte Acamante, semelhos aos deuses eternos.
À frente, Heitor avançava, munido de escudo redondo.
Tal como estrela exicial que aparece entre as nuvens, por vezes
com muito brilho, e outras vezes se oculta entre nuvens escuras:
via-se Heitor, desse modo, ora à frente surgir dos Troianos,
ora a dar ordens, atrás. Todo o corpo com bronze coberto,
resplandecia qual raio vibrado por Zeus poderoso.
Como caminhos opostos, no campo de um homem de posses,
os segadores percorrem, ceifando fileiras de trigo
ou de cevada, e abundantes espigas no chão se acumulam:
uns contra os outros, assim, digladiavam Troianos e Acaios,
sem que nenhuma das partes pensasse na fuga funesta.

Equilibrava-se a pugna; investiam-se os homens tal como
lobos furiosos; exulta a Discórdia lutuosa ante o quadro,
a única, dentre os eternos, que parte tomava na luta.
Não se encontravam presentes as outras deidades; mas, calmas,
permaneciam nos belos salões dos palácios bem-feitos
que todos eles possuíam nos vales amenos do Olimpo.
Todos culpavam o filho de Crono, que nuvens escuras
sói cumular, por estar resolvido a dar glória aos Troianos.
O pai dos deuses, porém, não lhes dava atenção; a de parte
dos demais deuses se achava, orgulhoso de sua alta glória,
a contemplar a cidade, os Troianos, as naus dos Aquivos,
os que atacavam, os mortos e o brilho das armas de bronze.
Enquanto o dia sagrado crescia e a manhã não cessara,
cruzam-se dardos de todas as partes e a turba perece.
Mas, ao chegar o momento em que sói, no mais denso dos montes
o lenhador aprontar o alimento, com o braço cansado
de árvores grandes cortar, de fadiga ofegante já o peito
e a alma tomada do anelo de ao grato repasso entregar-se,
na própria força confiados, os Dânaos o imigo repelem,
pelas fileiras chamando os consócios. O Atrida Agamémnone
rompe na frente de todos, matando Bianor, chefe de homens,
e o condutor de cavalos, Oileu, seu fiel companheiro.
Este, de um pulo, saltara do carro, querendo enfrentá-lo;
mas, no momento em que vinha para ele, com a lança ferido
fica na fronte; não pôde a celada deter a aênea lança;
atravessada foi logo e, assim, o osso e, por último, o cérebro,
que se desfez por completo; caiu na arrancada audaciosa.
Deixa-os o Atrida, de povos pastor, ali mesmo, com os peitos
resplandecentes, depois de os haver despojado das túnicas,
para a armadura tirar de Ántifo e Iso, dois filhos de Príamo,
um, do consórcio nascido, outro, filho bastardo. Encontravam-se

ambos num carro somente; o bastardo regia os cavalos;
Ántifo, cheio de glória, lutava. Com juncos flexíveis,
num bosque do Ida os havia amarrado o Pelida, ao achá-los
a apascentar seus rebanhos; soltou-os mediante resgate.
Nesse momento o possante senhor, Agamémnone, o Atrida,
a Iso com a lança feriu, bem no peito, por cima do seio,
e a Ántifo junto da orelha, com a espada, tirando-o do carro.
Das belas armas, depois, aprestado, os despoja; sabia
quem eles eram, que junto das naves escuras os tinha
visto no dia em que ao Ida os trouxera o Pelida ligeiro.
Do mesmo modo que o leão corçozinhos velozes assalta
mui facilmente, ao entrar no redil e, com dentes agudos,
os colhe e faz em pedaços, privando-os da tenra existência;
a mãe, conquanto bem perto se encontre, de nada lhes vale,
que ela, também, sente os membros tomados por trêmulo medo,
e, velozmente, através de cipoais e das matas se atira,
a transpirar, ofegante, escapando da fera terrível:
a ambos, assim, nenhum Teucro consegue livrar do extermínio,
pois todos eles fugiam, com medo dos fortes Acaios.
Prostra a Pisandro, depois, e o nas pugnas intrépido, Hipóloco,
filhos de Antímaco, o sábio, que, mais do que todos, fazia
oposição para Helena não ser restituída ao marido —
fruto de belos presentes por parte de Páris, muito ouro.
Seus dois rebentos, no entanto, o possante Agamémnone prostra.
Ambos, num carro somente, tentavam sustar os cavalos,
amedrontados, que as rédeas brilhantes das mãos lhes fugiram.
Contra eles, tal como um leão, vem o filho de Atreu, Agamémnone.
No próprio carro ajoelhados, os dois lhe suplicam desta arte:
“Filho de Atreu, não nos mate; aceita resgate condigno.
Muitos tesouros Antímaco acerva em seu belo palácio,
bem trabalhados objetos de ferro e ouro e bronze abundantes.

De boamente dar-te-á nosso pai um resgate elevado,
quando souber que, com vida, nas naus dos Aquivos estamos.”
Ao soberano, desta arte, a chorar, eles dois se dirigem,
com termos brandos; amarga resposta, porém, obtiveram:
“Se filhos sois, em verdade, de Antímaco, o herói experiente,
que, de uma feita, opinou em reunião dos Troianos que a vida
a Menelau se tirasse, quando ele e Odisseu a Ílio foram
como legados, que vivo jamais aos Aqueus retornasse;
ora ides ambos o preço pagar dessa injúria paterna.”
Isso disse ele e, a Pisandro tirando do carro, com a espada
junto do seio o feriu; cai no chão, ressupino, o guerreiro.
Lança-se Hipóloco ao solo, onde o Atrida o privou da existência;
com duros golpes de espada, o pescoço e os dois braços lhe corta
e, para o meio da turba a rolar, longe o tronco repele.
Deixa-os, saltando para onde as falanges imigas mais densas
se lhe antepunham, seguido por muitos Acaios grevados.
Matam infantes a infantes, que à fuga obrigados se viam,
os de cavalo aos Troianos ginetes — envolve-os poeira
inumerável que os cascos sonoros do chão levantavam —
o bronze estragos fazia. Não cessa Agamémnone forte
de dizimar o inimigo, exortando os guerreiros Argivos.
Tal como quando em floresta fechada edaz fogo se ateia,
que para todos os lados o vento propaga, e no solo,
desarraigados os galhos atira, que as chamas colheram:
dos fugitivos Troianos, assim, as cabeças caíam
ante Agamémnone; muitos cavalos de colos esbeltos,
carros vazios puxavam, cortando, ruidosos, o campo,
sem seus aurigas valentes, os quais sobre o solo jaziam,
vista mais grata aos abutres, por certo, que às tristes esposas.
Zeus, entrementes, a Heitor protegia dos tiros, da poeira,
da gritaria terrível, do sangue e da luta funesta.

Segue-o, no entanto, Agamémnone, aos seus instruções transmitindo.
Pela planície os Troianos corriam já tendo passado
a baforeira e o sepulcro antiquíssimo de Ilo Dardânia,
só desejos de aos muros chegar. Perseguia-os o Atrida
vociferando, com as mãos invencíveis manchadas de sangue.
As Portas Ceias, porém, ao chegarem e à faia ali posta,
param, por fim, os guerreiros Troianos, à espera uns dos outros.
Mas pelo plaino ainda muitos corriam, quais tímidas vacas
amedrontadas por leão que do fundo da noite surgisse,
todas, embora só uma a precípite Morte quisesse,
uma a que a fera a cerviz retalhasse com os dentes agudos,
para, depois, todo o sangue chupar e saciar-se de vísceras:
do mesmo modo aos Troianos persegue o potente Agamémnone,
a derrubar, sempre, os últimos; fogem, com medo, os restantes.
Quem, ressupino, caía; quem, prono, de cima do carro,
sob seus golpes; a lança vibrava por modo terrível.
Mas, quando estava no ponto de os muros tocar da cidade
sacra de Príamo, o pai dos mortais e dos deuses eternos,
Zeus poderoso, baixou do alto Olimpo, indo no Ida sentar-se,
de muitas fontes; o raio brilhante na mão sustentava,
prestes enviando mensagem por Íris veloz, de asas de ouro:
“Íris veloz, dize a Heitor, sem mais perda de tempo, o seguinte:
enquanto vir ao Atrida, pastor muito ilustre de povos,
a combater na dianteira, destruindo fileiras de bravos,
deve das lutas abster-se, cuidando, somente, de aos Teucros
estimular, para o imigo enfrentarem na pugna terrível.
Mas, quando for atingido, por lança ou por seta, Agamémnone,
e para o carro subir, hei de grande vigor insuflar-lhe,
para poder os Acaios matar, té chegar aos navios
e o Sol deitar-se, estendendo-se a Noite sagrada por tudo.”
Íris, de pés mais velozes que o vento, ao recado obedece,

e do monte Ida, depressa, baixou, para Troia sagrada.
E, tendo a Heitor encontrado, o divino rebento de Príamo,
junto dos fortes cavalos, no carro de bela feitura,
pôs-se-lhe ao lado a veloz mensageira e lhe disse o seguinte:
"Filho de Príamo, Heitor, semelhante a Zeus grande no engenho,
o pai dos homens e deuses te manda o seguinte recado:
enquanto vires o Atrida, pastor muito ilustre de povos,
a combater na dianteira, destruindo fileiras de bravos,
deves das lutas abster-se, cuidando, somente, de aos Teucros
estimular para o imigo enfrentarem na pugna terrível.
Mas, quando for atingido, por lança ou por seta, Agamémnone,
e para o carro subir, há de grande vigor insuflar-te,
para poderes Acaios matar té chegares às naves
e o Sol deitar-se, estendendo-se a Noite sagrada por tudo."
Íris dali retornou, pós haver a mensagem cumprido.
Desce do carro Heitor, logo, porém com as armas em punho,
e duas lanças brandindo, cortou as fileiras do exército,
a concitar para a luta os guerreiros; a pugna se instaura.
Mais uma vez os Troianos aos homens Acaios enfrentam.
Por sua vez os Argivos as suas falanges reforçam.
Trava-se nova batalha; equilibram-se as forças; o Atrida
lança-se à frente, sequioso de a todos passar nos combates.
Musas, que o Olimpo habitais, revelai-me, sem falhas, agora,
quem se antepôs, em primeiro lugar, ao divino Agamémnone,
quer dos Troianos ilustres, quer mesmo dos nobres aliados?
Ifidamante membrudo, do claro Antenor descendente,
que fora criado na Trácia fecunda, nutriz de rebanhos.
Desde pequeno o educara Ciseu em seu próprio palácio,
pai de Teano de faces formosas, que o havia gerado.
Mas, quando o viu atingir a medida da idade gloriosa,
a filha cara lhe entrega, com o fim de o reter ao seu lado.

Ele, porém, deixa o tálamo logo depois, à notícia
de que os Acaios chegaram. Com doze navios partiu,
doze navios escuros que tinha em Percote deixado
para, por terra, seguir até os muros sagrados de Troia.
Ora vinha ele antepor-se a Agamémnone, filho de Atreu.
Quando, um para o outro a avançar, afinal, frente a frente se viram,
o golpe o Atrida perdeu, pois frustrânea desviou-se-lhe a lança;
Ifidamante, no entanto, por baixo da coira, o atingiu,
e a arma premindo com a mão poderosa, secunda a investida,
sem conseguir perfurar o talim, pois que a ponta da lança,
como se fosse de chumbo, na chapa de prata se verga.
Com decisão, Agamémnone, rei poderoso, segura
a hasta; puxando-a com força leonina, arrancou-lha das mãos
e no pescoço ferindo-o, dos membros a vida lhe tira.
Dessa maneira ficou a dormir o infeliz éreo sono,
onde auxiliara os Troianos, distante da esposa legítima,
de quem nenhuma alegria obtivera, apesar dos presentes:
dera, primeiro, cem bois, prometendo, depois, de crescença,
mais mil ovelhas e cabras das muitas que tinha no pasto.
A esse Agamémnone forte privou da querida existência.
Leva-lhe a bela armadura através das fileiras Aquivas.
Tudo isso foi por Coão percebido, preclaro guerreiro,
filho mais velho do herói Antenor. Enturvou-se-lhe a vista
com dor imensa, por causa da sorte do irmão, que tombara.
Sem que o notasse Agamémnone, pôs-se-lhe ao lado e, com a lança,
próximo do cotovelo, o antebraço no meio feriu-lhe,
atravessando-o com a ponta aguçada do hastil reluzente.
Estremeceu Agamémnone, nobre pastor de guerreiros,
mas, não obstante, não quis desistir dos combates e lutas.
Sim, com a lança que os ventos nutriam, a Coonte se atira,
que, pelos pés, nesse instante, o cadáver do irmão agarrara,

e procurava arrastá-lo, a gritar pelos mais valorosos.
Mas sob o escudo Agamémnone o fere, com a lança, quando ele
ia puxar o cadáver e o mata por cima do próprio
Ifidamante, cortando-lhe, após, a donosa cabeça.
Os filhos, pois, de Antenor, pelas mãos de Agamémnone a sorte
tendo cumprido, baixaram para o Hades de portas escuras.
Pelas fileiras dos outros guerreiros prossegue Agamémnone,
ora a vibrar lança e espada, ora pedras enormes jogando,
enquanto o sangue manava, ainda quente, da grande ferida.
Mas, logo que esta secou, quando o sangue não mais escorria,
dores pungentes, então, sobrevieram ao filho de Atreu.
Tal como sofre a mulher em trabalho de parto, ao lhe enviarem
as filhas de Hera, as cruéis Ilitiias, seus dardos acerbos,
estas deidades que têm provisão de trabalhos pungentes:
dores, assim, pungentíssimas, cortam o peito do Atrida,
o qual, de um salto, subiu para o carro, ordenando ao cocheiro
que para as naus retornasse; indignado em excesso se achava.
Um brado, então, atroante soltou, dirigindo-se aos Dânaos:
"Vós, conselheiros e guias dos homens Argivos, ouvi-me!
Ora vos cumpre afastar dos navios de curso ligeiro
a cruel peleja, que a mim não concede Zeus grande e prudente
que contra os Teucros combata até o Sol no Ocidente deitar-se."
A essas palavras, o auriga espertou com o chicote os cavalos
que, para as naves escuras, de grado, velozes, partiram.
O peito cheio de espuma, envolvidos por nuvem de poeira,
para bem longe do prélio o sofrido monarca levaram.
Logo que Heitor percebeu que do campo Agamémnone saíra,
em altos brados gritou para os Lícios guerreiros e os Troas:
"Lícios, Dardânios e Teucros, viris combatentes de perto,
sede homens, caros amigos, e força mostrai impetuosa!
Foi-se o melhor dos guerreiros; Zeus Crônida glória magnífica

me concedeu. Dirigi contra os Dânaos galhardos, agora,
vossos cavalos, a fim de vitória ganhardes esplêndida.”
Por esse modo incitava o furor e a coragem de todos.
Tal como açula o monteiro seus cães de alvos dentes recurvos
contra javardo possante e selvagem ou leão das montanhas:
desta arte os Teucros magnânimos contra os Acaios incita
o grande filho de Príamo, Heitor, semelhante a Ares forte.
Cheio de alentos, avança ele próprio entre os homens da frente
e na batalha se atira, tal como procela, que do alto
se precipita das nuvens e o mar ferrugíneo revolve.
Qual o primeiro, qual o último foi por Heitor imolado,
o grande filho de Príamo, a quem Zeus cedeu essa glória?
Antes de todos, Aseu, os dois cabos Opites e Autónoo,
Dólope filho de Clício, Agelau, depois deles Oféltio,
o forte Esimno e Oronte e, por último, Hipónoo guerreiro.
Estes os chefes: mas, logo em seguida, o guerreiro se atira
à multidão. Como Zéfiro as nuvens agita e dispersa
que Noto claro reunira, causando violento remoinho
e ondas enormes atira, a rolar, que em espuma se esfazem,
no alto jogada, com a força do vento, de um lado para outro:
muitas cabeças, assim, ante Heitor, dos do povo, caíam.
Irreparável catástrofe, então, sucedera aos Acaios,
que chegariam, por certo, na fuga, até as naves escuras,
se não houvesse Odisseu ao Tidida Diomedes falado:
“Qual o motivo, Diomedes, de estarmos do brio esquecidos?
Vem, caro amigo, e aqui ao lado te pões. Há de ser grande opróbrio
para nós todos, que Heitor se apodere dos nossos navios.”
Disse-lhe o forte Diomedes, então, em resposta, o seguinte:
“Fico, e hei de tudo arriscar, muito embora pequena vantagem
ora possamos obter, pois Zeus grande, que as nuvens cumula,
quer conceder a vitória aos Troianos, privando-nos dela.”

Ao dizer isso, do carro derruba Timbreu valoroso,
no seio esquerdo enterrando-lhe a lança pontuda. Ao auriga
dele, Molião, Odisseu, por sua vez, joga ao solo sem vida.
Fora da pugna, assim, postos, os corpos lá mesmo deixaram.
Voltam, depois, a investir contra a chusma, terror espalhando,
como dois feros javardos que enfrentam cães fortes de caça.
Em novo assalto, desta arte, aos Troianos matavam. Respiram,
mais aliviados, os Dânaos, fugindo do filho de Príamo.
Tomam um carro, depois, com dois fortes e insignes guerreiros,
filhos de Méropo, rei de Percote, adivinho, de dotes
extraordinários, que, certo, se opôs a que os filhos tomassem
parte na guerra homicida; mas vãos foram todos os votos,
pois pelas Queres da lívida Morte eram ambos levados.
A ambos Diomedes lanceiro, do grande Tideu descendente,
a alma do corpo arrancou, despojando-os das armas brilhantes.
Mata Odisseu mais dois Teucros insignes: Hipíroco e Hipódamo.
O grande filho de Crono que do Ida a batalha admirava,
equilibrada a deixou; uns aos outros estragos causavam.
Vibra Diomedes um golpe com a lança na coxa de Agástrofo,
filho de Péone, o qual, imprudente, não tinha deixado
perto os cavalos velozes com que conseguisse livrar-se;
longe, afastados, o auriga os retinha, enquanto ele, sozinho,
na dianteira lutava até vir a perder a existência.
Para as fileiras Heitor lança o olhar, percebendo os dois Dânaos;
grita, e para eles se atira, seguido por muitas falanges.
Ao vê-lo treme Diomedes, guerreiro de voz retumbante.
Vira-se para Odisseu, que bem perto lhe estava, e lhe fala:
“Eis um alude a rolar sobre nós, o terrível Heitor!
Vamos, façamos pé firme e tentemos sustar-lhe a investida.”
Tendo isto dito, atirou-lhe a sua lança de sombra comprida,
que foi bater na cabeça do herói, onde a mira pusera,

bem no alto do elmo, poupando, contudo, a epiderme macia,
que o bronze o bronze desviou; protegeu-a, sem dúvida, a tríplice
crista com tufos, presente de Apolo, frecheiro infalível.
Retrocedeu, logo, Heitor, para o meio da turba dos Teucros,
indo de joelhos cair; mas no solo com as mãos apoiou-se.
Cobrem-lhe os olhos brilhantes as trevas espessas da Noite.
Enquanto o forte Diomedes corria até as fileiras da frente
na direção de seu dardo que fora cravar-se na terra,
restabelece-se Heitor, que, de um pulo, saltou para o carro,
e, para a chusma tocando, da Morte sinistra livrou-se.
De lança em riste, Diomedes, o forte, lhe diz o seguinte:
"Mais uma vez, cão danado, escapaste da Morte! Passou-te
perto a desgraça. Livrou-te, sem dúvida, Febo de novo,
de quem obténs real amparo, ao entrares no ardor dos combates.
Hei de dar cabo de ti onde quer que, de novo, te encontres,
se, porventura, um dos deuses quiser, igualmente, auxiliar-me.
A outros Dardânios, agora, pretendo arrancar-lhes a vida."
Disse, e do corpo do filho de Péone as armas retira.
Páris, o divo Alexandre, marido de Helena cacheada,
numa coluna apoiado, por homens no túmulo posta
de Ilo Dardânida, ancião do conselho de tempos passados,
o arco armou contra o Tidida Diomedes, pastor de guerreiros.
A retirar, justamente, a armadura vistosa este estava
do largo peito de Agástrofo exímio, dos ombros o escudo
e o sólido elmo da fronte. Puxando pelo arco, Alexandre
fez o disparo; das mãos não lhe sai frustro o dardo ligeiro:
no pé direito, no tarso, foi dar, transpassando-lhe os ossos
e indo cravar-se na terra. Soltando risada de júbilo,
do esconderijo Alexandre saiu e, a jactar-se, gritou-lhe:
"Foste ferido! Frustrâneo não foi meu disparo. Quem dera
que na virilha te houvesse acertado, tirando-te a vida!

Respirariam, sem dúvida, os Teucros em tanta apertura,
a quem inspiras o medo que o leão causa a fracas ovelhas.”
Sem revelar nenhum susto, lhe disse Diomedes, o forte:
“Fútil frecheiro, de cachos frisados, espião de mulheres,
se te atrevesses, armado, a lutar, frente a frente, comigo,
nenhum amparo acharias nesse arco e nas setas inúmeras.
Só por me haveres riscado no pé fazes tanto barulho,
ao que dou tanto valor como a tiro de criança ou de moça.
Vã, sempre, é a flecha que um ser desprezível e imbele dispara.
Bem diferente se dá com meus tiros que, embora de leve
o dardo atinja o inimigo, sem mais, da existência o despoja;
as róseas faces não cessa, na dor, de arranhar a consorte;
órfãos os filhos lhe ficam, e, o solo tingindo de sangue,
a apodrecer, tão só abutres atrai, não mais belas mulheres.”
Isso disse ele; Odisseu, o galhardo lanceiro, antepôs-se-lhe,
a protegê-lo: assentando-se o herói por trás dele, extraiu-lhe
o dardo agudo do pé; dor pungente traspassa-lhe as carnes.
Logo, de um salto, subiu para o carro, ordenando ao cocheiro
que para as naus retornasse; indignado em excesso se achava.
Fica sozinho o lanceiro galhardo Odisseu; nenhum Dânao
perto se achava, que o Medo de todos se havia apossado.
Cheio de angústia, desta arte falou ao magnânimo peito:
“Pobre de mim, que farei? Se fugir, com receio da turba,
é grande mal; mas vergonha maior é vir eu a ser preso
sem mais ninguém, que nos Dânaos o Crônida medo ora infunde.
Mas para que, coração, entregares-te a tais pensamentos?
Sei que somente as pessoas covardes a pugna abandonam.
Quem valoroso se mostra, só tem de conduta uma norma,
que é resistir decidido, quer fira, quer seja ferido.”
Enquanto no coração e no espírito assim refletia,
turmas de Troas guerreiros, armados de escudos, chegaram

e vieram pôr-se-lhe à volta, entregando-se à Morte a si mesmos.
Tal como quando rapazes e cães ardorosos açulam
um javali que há surdido do mais intrincado da mata,
a bater forte nas curvas queixadas os alvos colmilhos;
todos, à volta, o espicaçam, ouvindo-os os dentes rangerem,
e, porque o medo os domina, o acometem por várias maneiras:
do mesmo modo os Troianos à volta do divo Odisseu
fazem pressão; mas, de um salto, primeiro, ele fere na espádua
a Deiopites preclaro, enterrando-lhe a lança pontuda.
Tira, depois, a armadura brilhante de Tóone e de Énomo;
Quersidamante, também, por debaixo do escudo ele atinge,
quando saltava do carro, ferindo-o a lança no umbigo:
tomba o guerreiro na poeira, apertando nas mãos o chão duro.
Deixa-os ali, para a lança enterrar no belaz filho de Hípaso,
Cáropo, o irmão, justamente, de Soco, de nobre progênie.
Este, qual deus imortal, em socorro do irmão correu logo;
chega até perto do herói e as seguintes palavras lhe fala:
“Muito famoso Odisseu, insaciável de ardis e de lutas,
ora um dilema te aguarda: ou matares, num dia somente,
os filhos de Hípaso, e assim, espoliá-los das armas brilhantes,
ou, por meu dardo ferido, perderes a cara existência.”
A essas palavras, a lança lhe atira no escudo redondo;
a arma terrível o escudo de aspecto brilhante atravessa,
indo encravar-se na cota de bela e variada textura,
toda a epiderme do flanco esflorando. Mas Palas Atena
não permitiu que as entranhas do herói alcançar fosse o bronze.
Logo Odisseu compreendeu que a ferida não era de morte;
dá para trás alguns passos e a Soco falou deste modo:
“Mísero, a Morte precípite vieste encontrar nesse instante.
Sim, conseguiste fazer que eu saísse do campo de luta.
Digo-te, entanto, que a lívida Morte hás de, agora, de minha

mão receber; minha espada, prostrando-te, vai dar-me excelsa
fama, mandando tua alma para Hades de claros ginetes.”
Isso disse ele; voltando-se, pôs-se a fugir o ágil Soco.
Joga-lhe a lança Odisseu, quando, assim, já se achava de costas,
entre as espáduas, de forma que a ponta no peito aparece.
Com grande estrondo, caiu; exclamou Odisseu, exultante:
“Ó viril Soco, que vens do grande Hípaso, o forte ginete,
a destruição te alcançou; não pudeste da Morte esquivar-te.
Infortunado! Ao morreres, o pai nem a mãe veneranda
vieram fechar os teus olhos, mas corvos virão lacerar-te
as tenras carnes, aos bandos, batendo, ruidosos, as asas.
Morra eu, porém, e os Aquivos dar-me-ão sepultura condigna.”
Logo depois de falar, da ferida e do escudo abaulado,
a grande lança de Soco o preclaro guerreiro retira.
Jorra-lhe sangue ao puxá-la; de dor sente o peito afligir-se.
Logo que os Teucros magnânimos sangue no herói enxergaram,
a se exortarem, de todos os lados, vieram contra ele.
Retrocedendo, Odisseu pede o auxílio dos nobres Acaios.
Quanto a cabeça comporta, três vezes o brado ele solta;
por vezes três Menelau percebeu-lhe o aflitivo chamado.
E para Ajaz, que se achava ao seu lado, virando-se, disse:
“Ó Telamônio preclaro. Ajaz forte, pastor de guerreiros,
vem-me aos ouvidos o grito do forte e constante Odisseu,
como se em grande aflição se encontrasse e os guerreiros Troianos
encurralado o tivessem num ponto qualquer da batalha.
Vamos, cortemos a turba; o melhor é levar-lhe socorro.
Temo que, achando-se só, venha a ser pelos Teucros vencido,
ainda que forte é decerto. Dor grande, isso, aos Dânaos causara.”
Disse e partiu, por Ajaz secundado, o guerreiro divino.
Logo a Odisseu encontraram, por Zeus distinguido, cercado
por muitos Teucros que, como vermelhos chacais, nas montanhas,

em torno ficam de um veado-galheiro ferido por flecha
de caçador. É verdade que deste escapar conseguira,
enquanto, tépido, o sangue corria e o sustinham os joelhos.
Mas quando, alfim, dominado se viu pelo dardo pontudo,
os carniceiros chacais dele pasto fizeram na mata
fresca dos montes, até que um dos deuses um leão lhes mandasse,
que, dispersando-os, ficasse com a presa e, ali mesmo, a comesse:
do mesmo modo o valente e astucioso Odisseu numerosos
e destemidos Troianos cercavam. Contudo, o guerreiro
o dia escuro afastar conseguia, a vibrar a hasta longa.
Aproximou-se-lhe Ajaz, com o pavês semelhante a uma torre,
e veio pôr-se-lhe ao lado; dispersam-se, logo, os Troianos.
Toma a Odisseu Menelau pela mão e da pugna o retira,
té que seu fiel escudeiro trouxesse os corcéis para perto.
O grande Ajaz acomete os Troianos, a Dóriclo mata,
filho bastardo de Príamo, para, depois, ferir Pândoco,
Píraso, o forte, Lisandro e Pilartes, guerreiros de nome.
Tal como baixa dos montes ao vale torrente impetuosa
e irresistível, que a chuva de Zeus faz crescer mais ainda,
e árvores secas arrasta, carvalhos e pinhos inúmeros,
que, de mistura com lodo, no mar, com grande ímpeto, atira;
o Telamônio, desta arte, corria a planície, assolando-a,
a matar homens e belos corcéis. Disso Heitor não tivera
ainda notícia, que à esquerda, em verdade, da pugna se achava,
na margem, sim, do Escamandro, onde mais numerosas cabeças
de combatentes caíam e a grita mais alto estrondava
de Idomeneu ao redor e do velho Nestor de Gerena.
No meio deles, Heitor realizava trabalhos difíceis,
ora com a lança, ora a carro, destruindo falanges dos moços.
Mas, ainda assim, não teriam recuado os divinos Aquivos,
se não houvesse Alexandre, marido de Helena cacheada,

o afastamento causado do forte caudilho Macáone,
ao qual, com dardo trissulco, na espádua direita feriu.
Medo sentiram, por certo, os Aqueus, que respiram coragem,
não fosse o herói perecer, caso a sorte da luta virasse.
Idomeneu, logo, logo, ao divino Nestor se dirige:
"Máxima glória dos povos Aquivos, Nestor de Gerena,
toma o teu carro, depressa; ao teu lado coloca Macáone,
e para as naves escuras dirige os velozes cavalos,
pois é sabido que um médico vale por muitos guerreiros,
que sabe dardos extrair e calmantes deitar nas feridas."
Disse; o Gerênio Nestor lhe obedece, sem mais, ao conselho;
rapidamente subiu para o carro, ao seu lado assentando-se
o grande chefe Macáone, filho do médico Asclépio.
Com chicotada os cavalos esperta, que partem velozes
em direção dos navios, para onde a vontade ora os leva.
Tendo Cebríones visto, do carro de Heitor, como os Teucros
em debandada corriam, para este virando-se, disse:
"Enquanto nós, caro Heitor, neste extremo da horríssona pugna
contra os Argivos lutamos, os outros Troianos se veem
confusamente arrastados de envolta com os próprios cavalos.
Cedem a Ajaz Telamônio, que bem daqui mesmo o conheço
pelo pavês gigantesco que traz sobre os ombros. Depressa,
nossos cavalos, também, dirijamos para onde se trava
com mais ardor a batalha, e os guerreiros de pé e os de carro
dano produzem recíproco em meio de grande alarido."
Tendo assim dito, os cavalos de crina tratada estimula
com o sibilante chicote; sensíveis ao golpe, arrastaram
o veloz carro por entre fileiras dos Teucros e Aquivos,
sobre cadáveres e armas pisando. O eixo, logo, se mostra
completamente coberto de sangue e, assim à volta do assento,
o parapeito, dos pingos que os cascos dos brutos e as rodas

em movimento jogavam. Achava-se o herói ansioso
de pela turba romper e quebrar as falanges. Tumulto
inenarrável aos Dânaos levou, sem poupar a hasta longa.
Corre as fileiras dos outros guerreiros o filho de Príamo,
ora a vibrar lança e espada, ora pedras enormes jogando.
Somente o encontro procura evitar com Ajaz Telamônio,
que Zeus ficava irritado quando ele a um mais forte atacava.
Zeus, que domina as alturas, temor em Ajaz incutiu.
Primeiramente, indeciso parou; logo, o escudo de sete
couros de boi para as costas atira e, a fixar sempre a turba,
como uma fera a recuar começou, cauteloso e sem presta.
Do mesmo modo que fulvo leão longe do estábulo
por camponeses e cães é enxotado, que, em ronda noturna
não lhe dão azo a que possa saciar-se nas pingues vitelas;
ávida, a fera, de carne, contudo, acomete bem vezes,
sem conseguir coisa alguma, que mãos vigorosas contra ela
abrasadores tições arremessam e dardos pontudos,
o que lhe infunde algum medo, apesar da coragem nativa;
na alba, afinal, se retira, sentindo angustiar-se-lhe o peito:
o Telamônio, desta arte, cedia terreno aos Troianos,
a seu mau grado; afligia-o a sorte das naus dos Argivos.
Do mesmo modo que um asno teimoso num campo de trigo
caso nenhum faz de crianças que varas lhe quebram no dorso
e se sacia de espaço, na messe abundante, conquanto
chovam sobre ele pauladas, que mossa nenhuma lhe fazem,
sendo que, farto, afinal se dispõe a ceder aos que o enxotam:
o grande Ajaz Telamônio, da mesma maneira, acossava
os corajosos Troianos e aliados de fama excelente,
dardos, sem pausa, jogando, que em meio ao escudo batiam.
O Telamônio, porém, dava provas do ardor belicoso:
volta, por vezes, e as densas falanges dos Teucros enfrenta,

para detê-los no avanço; por vezes, prossegue na fuga.
A todos ele, o passo aos navios, sozinho impedia,
por se interpor, a lutar, entre os fortes Aquivos e os Teucros,
furiosamente. Das lanças jogadas por mãos vigorosas,
umas, com força atiradas, no escudo gigante se encravam;
muitas, bem antes de a branca epiderme atingir-lhe, caíam
no chão, frustrâneas, sedentas, debalde, de sangue inimigo.
Logo que Eurípilo, o filho preclaro de Evémone ilustre,
viu como Ajaz pela cópia de dardos se achava oprimido,
veio ao seu lado postar-se, a esgrimir a hasta longa e brilhante,
que jogou contra o caudilho Apisáone, ilustre Fausíada,
sob o diafragma, no fígado, as forças solvendo-lhe aos joelhos.
Um salto Eurípilo deu, para as armas dos ombros tirar-lhe.
Mas, quando Páris, o divo Alexandre, notou que ele estava
a despojar da armadura Apisáone, logo contra ele
o arco aprestou, indo a seta feri-lo na coxa direita.
Parte-se a cana da seta; pesada tornou-se-lhe a perna.
Volta a abrigar-se entre os seus companheiros, da morte escapando
e um brado, então, atroante, soltou, dirigindo-se aos Dânaos:
"Vós, conselheiros e guias dos homens Acaios, ouvi-me!
Retrocedei, para o dia funesto de Ajaz afastarmos,
que ora oprimido se vê por inúmeros tiros. Não creio
que, vivo, possa escapar da batalha estrondosa. Vós todos
vinde postar-vos em torno de Ajaz Telamônio, o magnânimo."
Isso disse ele, ao sentir-se ferido. Os demais vieram logo
pôr-se-lhe à volta, apoiando os escudos no peito e mantendo
altas as lanças. Para eles, Ajaz veio logo, tornando
a fazer face ao inimigo, depois de entre os seus encontrar-se.
Como edaz fogo, prosseguem na luta os preclaros guerreiros.
As fortes éguas Neleias, cobertas de suor, entrementes,
tiram do prélio ao Neleio Nestor e a Macáone ilustre.

O divo Aquiles, de pés mui velozes, dos dois se apercebe,
pois se encontrava de pé sobre a popa da nave bojuda,
a contemplar o combate terrível e o triste recuo.
A voz, então, levantou, do navio em que estava, chamando
Pátroclo, seu companheiro, o qual veio da tenda, depressa,
com o porte de Ares. O início foi esse de sua desgraça.
Quando ao seu lado chegou, disse o filho viril de Menécio:
"Por que motivo me chamas, Aquiles? De que necessitas?"
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, em resposta, o seguinte:
"Filho divino do grande Menécio, que ao peito me és caro,
creio ser a hora chegada de ver a meus pés os Acaios,
a suplicar-me, que imensa opressão a eles todos aflige.
Corre, querido de Zeus, vai ao Pílio Nestor e pergunta
qual dos Acaios retira ele, agora, ferido, da pugna.
Vendo-o por trás, assemelha-se em tudo ao guerreiro Macáone,
filho de Asclépio; contudo, não pude as feições distinguir-lhe,
pois em carreira excessiva por mim os cavalos passaram."
Obedeceu, logo, Pátroclo às ordens do amigo dileto,
indo, a correr, para as naves e tendas dos nobres Aquivos.
À tenda, entanto, do Pílio Nestor os guerreiros chegaram;
saltam, depressa, do carro, pisando o terreno fecundo.
Eurimedonte, criado do velho, os corcéis desatrela.
Ambos, entanto, de pé, frente à brisa da praia ficaram,
para que o suor enxugassem das túnicas finas. Na tenda
entram de novo, a seguir, assentando-se em belas cadeiras.
Doce bebida lhes trouxe Hecamede, de belos cabelos,
filha de Arsínoo magnânimo, a qual os Aquivos ao velho
ofereceram, por ser nos conselhos o mais distinguido,
quando a cidade de Ténedo foi por Aquiles saqueada.
Primeiramente, na frente lhes pôs uma mesa bonita,
toda lavrada, com pés de aço azul; uma cesta de bronze

em cima desta coloca, e cebolas, que ao vinho convidam;
mel, também, pálido, e flor ali pôs de sagrada farinha,
e uma belíssima copa que o velho de casa trouxera,
com cravos de ouro adornada, munida, outrossim, de quatro alças,
com duas pombas ao lado de cada uma delas, perfeitas,
de ouro, a bicar; dois suportes por baixo da copa se viam.
Cheia, ninguém, sem trabalho, podia da mesa movê-la;
mas levantava-a, sem custo, Nestor, o ancião de Gerena.
Nela mistura a mulher, semelhante na forma a uma deusa,
vinho de Prâmnio, no qual raspou queijo de leite de cabra
num ralo aêneo, ajuntando farinha, por fim, muito branca.
Pronta a mistura agradável, convida-os a dela provarem.
Logo que a sede ardentíssima os dois com a bebida acalmaram,
em agradável colóquio puseram-se, então, discreteando.
Pátroclo à porta, nessa hora, surgiu, semelhante a um dos deuses.
Vendo-o, de um salto Nestor abandona a brilhante cadeira
e, pelo braço tomando-o, o convida a assentar-se com eles.
Pátroclo, entanto, o convite declina, falando desta arte:
"Não poderás convencer-me, discíp'lo de Zeus, a assentar-me;
temo e respeito ao que aqui me enviou porque informes colheste
sobre quem seja o ferido que há pouco trouxeste; mas posso
reconhecer com os olhos o grande caudilho Macáone.
Ora me cumpre voltar para dar a notícia ao Pelida,
pois tu bem sabes, ó aluno de Zeus, como ele é de temer-se,
homem violento, que ao próprio inocente culpar poderia."
Disse-lhe o velho Nestor de Gerena o seguinte, em resposta:
"Qual o motivo de, agora, o Pelida ter dó dos Aquivos
que vulnerados se encontram? No entanto, não faz uma ideia
de todo o luto do exército. Os mais distinguidos guerreiros,
ou por espada ou por seta feridos, às naus se acolheram.
Asseteado se encontra o Tidida valente, Diomedes;

jaz Odisseu vulnerado por lança, assim como Agamémnone;
na coxa Eurípilo foi por um dardo, também, vulnerado.
Este que eu próprio acabei de tirar da batalha se encontra
por uma seta ferido. O Pelida, no entanto, guerreiro
de incontrastável valor, compaixão nem piedade demonstra.
Vai, porventura, esperar que os navios velozes na praia,
contra o querer dos Acaios, incêndio voraz os destrua?
Ou que nós todos a Morte encontramos? Não sinto alentar-me
os membros ágeis, agora, o vigor com que outrora os movia.
"Se remoçado me visse e com toda a firmeza que tinha,
quando se deu a contenda entre nós e os Eleios, por causa
de um grande furto de bois, e da vida privei o Hiperóquida
Itimoneu, grande cabo que em Élide tinha morada!
Em represália, eu trazia o seu gado; corre ele em defesa,
mas, logo à frente dos seus, por meu dardo atingido, no solo
tomba, sem vida. Os campônios, transidos de medo, fugiram.
Presa incontável, então, reunimos na vasta planície:
varas de porcos, cinquenta; outras tantas manadas de gado;
número igual de rebanhos de ovelhas e fatos de cabras.
Cento e cinquenta éguas baias ao todo, também, reunimos,
muitas das quais ainda estavam com seus potrozinhos de mama.
Toda essa presa, então, logo fizemos tocar para Pilo,
aonde chegamos de noite. Alegrou-se Neleu sobremodo,
por ver o espólio que, em vão verdes anos, da guerra eu trouxera.
Logo que a Aurora aparece, os arautos canoros convocam
os cidadãos a quem Élide tem de pagar certa dívida.
Os dirigentes do povo de Pilo, então, logo, se reúnem,
e dividiram o espólio; os Epeios a muitos deviam.
Éramos poucos em Pilo e levávamos vida muito áspera,
pois entre nós, alguns anos atrás, a potência surgira
de Héracles forte, que a muitos dos nobres da terra matara.

Sim, doze filhos perfeitos Neleu, nesse tempo, contava.
Eu, tão somente, com vida fiquei; os demais pereceram.
Aproveitando-se disso, os Epeios de vestes de bronze
nos insultavam e iníquas ações contra nós praticavam.
O velho, então, reservou para si muitas vacas vistosas
e três centenas de cabras, que vieram com seus condutores,
tudo em lugar do que os divos Eleios lhe estavam devendo:
quatro cavalos, afeitos a prêmios ganhar, com seu carro,
que para os jogos mandara com o fim de correr uma trípode.
Os corredores Áugias reteve, senhor de guerreiros,
mas o cocheiro deixou que partisse, a chorar seus cavalos.
Por isso tudo irritado, palavras e fatos, o velho
parte excelente escolheu; tudo mais entre o povo divide,
que não ficasse ninguém defraudado do que lhe tocara.
"Feita a partilha da presa, por toda a cidade pusemo-nos
a oferecer sacrifícios aos deuses. Porém, ao terceiro
dia, reunidos, chegaram guerreiros de pé e de carro,
com muito ardor. Os Moliões, arnesados, com eles vieram,
ambos mui jovens, com pouca experiência das lidas da guerra.
Há uma cidade chamada Trioessa, no cimo de um monte,
longe do Alfeu, porém perto da Pilo de solo arenoso,
a que eles cerco puseram, com o fim de tomá-la e destruí-la.
Mas, quando toda a planície já tinha vastado, chegou-nos
Palas Atena, de noite, que vinha do Olimpo a dizer-nos
que nos armássemos. Nada remissos, os Pílios encontra,
sim, desejosos de entrar em combate. Neleu não queria
que armas eu fosse vestir, tendo feito esconder meus cavalos.
Inexperientes nas coisas da guerra julgava que eu fosse.
Mas distingui-me entre os nossos guerreiros de carro, conquanto
sem meus cavalos me achasse, que Palas servia de guia.
Perto de Arena, onde o rio Minieio no mar deságua,

com os combatentes de carro ficamos, à espera da Aurora.
Aos poucos veio ajuntar-se-nos gente de pé, infinita.
Sem mais delongas, dali nos partimos, armados, chegando
já meio dia passado, à sagrada corrente do Alfeu,
e sacrifícios magníficos, logo, ao supremo Zeus Crônida
oferecemos, um touro a Alfeu, outro, ao divo Posido,
e à de olhos glaucos, Atena, vitela escolhida e ainda intacta.
As refeições pelo campo tomamos, dispostos em filas,
e nos deitamos, depois, a dormir, junto à margem do rio,
sem nos despirmos das armas. Entanto, os Epeios magnânimos
o cerco mais estreitavam, querendo destruir a cidade.
"Mas eis que à frente lhes surge um dos grandes obstáculos de Ares,
pois, mal o Sol resplandecente por cima da terra assomara,
a Zeus e a Atena implorando, ao combate, então, demos começo.
Logo no início da luta entre os Pílios e os fortes Epeios,
um inimigo prostrei na vanguarda e os corcéis tomei dele,
Múlio, guerreiro famoso. Era genro de Áugias, casado
com sua filha mais velha, Agamede, de louros cabelos,
que conhecia a virtude de todas as plantas da terra.
Aproximando-me dele, atirei-lhe a hasta longa de bronze.
Ei-lo que tomba na poeira; de um salto subi para o carro,
e na dianteira me pus a lutar. Os Epeios magnânimos,
desorientados, fugiram, ao verem cair justamente
o nobre chefe dos homens de carro, guerreiro fortíssimo.
Qual furacão, contra o imigo atirei-me, na frente de todos,
carros tomando cinquenta. Domados por minha hasta longa,
de cada carro os dois homens a poeira do solo morderam.
E, porventura, também de Molíone os filhos e de Áctor
exterminara, não fosse tirá-los da pugna, envolvidos
em densa névoa, Posido, seu pai, imortal poderoso.
Zeus, nesse instante, inspirou força ingente nos homens de Pilo,

a dizimá-los sem tréguas e espólio abundante reunindo,
té que lançamos os nossos cavalos à fértil Buprásio,
à pétrea Olênia e onde se acha a colina chamada de Alésio.
Foi desse ponto que Palas Atena voltar fez o povo,
onde sem vida prostrei o último homem. Então, os Aquivos
os corredores tocaram da fértil Buprásio até Pilo,
glorificando, entre os deuses, Zeus grande, e, entre os homens, Nestor.
"Esse fui eu — custa crer! — entre os homens. Aquiles, no entanto,
só para si guarda o prêmio do seu heroísmo, o que lhe há de
amargamente pesar, quando o exército vier a perder-se.
Lembras-te, caro, de quanto te disse Menécio, no dia
em que de Ftia te enviou para as tropas do Atrida Agamémnone?
Eu e o divino Odisseu nos achávamos dentro da sala
do alto palácio, razão por que ouvimos o que ele, então, disse.
Tínhamos ido até o belo palácio do velho Peleu
quando aliciávamos gente na Acaia de solo fecundo.
Dentro da casa encontramos o grande guerreiro Menécio
contigo, Pátroclo, e Aquiles. O velho Peleu aí se achava
dentro do pátio, a queimar coxas pingues de um touro a Zeus grande,
fulminador. Áurea copa, na destra, ele, então, empunhava,
a derramar roxo vinho nas chamas da pira sagrada.
Vós sustentáveis a carne. Mas, vendo que nós, no vestíbulo,
sem avançar nos achávamos, alça-se Aquiles, surpreso,
pela mão veio buscar-nos, mandou-nos sentar sem demora,
e, como de uso com os hóspedes, deu-nos repasto excelente.
Quando já tínhamos todos comido e bebido à vontade,
a que viésseis conosco exortei, dando início ao discurso.
Ambos ficastes contentes; conselhos vos deram os velhos.
Que se esforçasse insistiu muitas vezes Peleu com Aquiles
para ser sempre o primeiro e de todos os mais distinguir-se.
O filho de Áctor, Menécio, também te falou deste modo:

“‘Em relação às estirpes, meu filho, supera-te Aquiles;
mas és mais velho do que ele. Em vigor ele muito te excede.
Dá-lhe, portanto, conselhos prudentes, admoesta-o e o instrui,
que, para o bem dele próprio, por ti há de ser conduzido.’
“Esse o conselho do velho, de que te esqueceste. Exp’rimenta,
mais uma vez, convencê-lo; é possível que ouvidos te preste.
Quem nos dirá que um dos deuses não venha ajudar-te a movê-lo?
A exortação de um amigo é de grande poder persuasório.
Mas se se abstém, porventura, em virtude de algum vaticínio
pela mãe nobre contado da parte de Zeus poderoso,
que pelo menos à frente te envie dos fortes Mirmídones.
Para os guerreiros Aquivos serias a luz salvadora.
Deixe-te entrar em combate levando sua bela armadura,
para que os Teucros te tomem por ele e das lutas se abstenham,
e os belicosos Aquivos, que tão abatidos se encontram,
possam tomar algum fôlego; embora pequeno, é o bastante.
Pois poderá gente fresca, o inimigo, que lasso se encontra,
para seus muros tocar, afastando-o das naus e das tendas.”
Isso disse ele, abalando, sem dúvida, o peito de Pátroclo,
que para o Eácida Aquiles, ao longo das naves, se apressa.
Mas, quando, em plena carreira alcançou de Odisseu o navio
o divo Pátroclo, da ágora em frente, onde fora instituído
o tribunal e erigidos altares dos deuses eternos,
viu como Eurípilo, o filho preclaro de Evémone ilustre,
vinha a coxear, em sentido contrário. Deixara a batalha
por encontrar-se ferido. Da testa e dos ombros corria-lhe
o suor em bagas, brotando-lhe sangue anegrado e abundante
da dolorosa ferida. Contudo, ainda firme era o espírito.
Ao vê-lo, o filho do grande Menécio sentiu-se apiedado
e, a suspirar fundamente, lhe disse as palavras aladas:
“Vós, conselheiros e guias dos Dânaos, heróis infelizes,

ides morrer, assim longe da pátria e dos entes queridos
e alimentar os sabujos de Troia com vossa gordura?
Vamos, Eurípilo, herói a Zeus caro, a verdade me narra,
se o formidável Heitor os Aquivos deter conseguiram,
ou se domados vão sendo e destruídos por sua hasta longa.”
Disse-lhe Eurípilo, então, em resposta, ferido, o seguinte:
“Pátroclo, aluno de Zeus, já não há esperança; os Aquivos
todos terão de morrer junto às naves de casco anegrado.
Quantos, primeiro, na pugna, bravura e valor demonstravam,
ora se encontram nas naves, feridos por lanças e setas
dos inimigos. A fúria dos Teucros vai sempre aumentando.
Salva-me, entanto, conduz-me para o meu negro navio,
tira-me a lança da coxa, absterge-me o sangue da chaga
com água tépida, e unguentos calmantes no talho coloca,
desses que Aquiles te fez sabedor, é o que todos proclamam,
cujo segredo aprendeu com Quirão, o Centauro mais justo.
Pois dos dois médicos hábeis que temos nas naves, Macáone
e Podalírio, um se encontra, assim penso, na tenda, ferido,
necessitando, também, de um bom médico, enquanto o segundo
se acha no campo da luta a sustar o furor dos Troianos.”
Disse-lhe o filho do grande Menécio, em resposta, o seguinte:
“Como é possível, Eurípilo? Como ajudar poderemos?
Ia, a correr, para a Aquiles prudente levar um recado
de que Nestor me incumbiu, de Gerena, baluarte dos nossos;
mas, ainda assim, não te hei de, ora, deixar em aperto tão grande.”
Disse; e, tomando-o por baixo do peito, o levou para a tenda,
onde o escudeiro cuidadoso estendeu grande pele bovina.
Sobre ela fê-lo deitar-se e, com a espada, tirou-lhe da coxa
o dardo agudo e pungente. Depois, limpa o sangue anegrado
com água morna, depondo na chaga raiz amargosa
que machucara nas mãos, bom calmante, que todas as dores

logo tirou. Para o sangue, secando, de pronto, a ferida.

CANTO XII

O ATAQUE AOS MUROS

“Heitor e os Troianos encurralam os Gregos para trás do fosso e do muro. Polidamante sugere que os Troianos avancem a pé pelo fosso e Heitor concorda. Polidamante tem um mau presságio, mas Heitor caçoa disto e eles continuam a avançar. Os Gregos, e principalmente os dois Ajazes, defendem bravamente o acampamento. Depois de uma luta indecisa, os Troianos fazem uma brecha na muralha, mas não conseguem passar. Heitor, então, quebra o portão e muitos Troianos encurralam os Gregos em seus navios.”

Enquanto, dentro da tenda, cuidava de Eurípilo o ilustre
filho do grande Menécio, os guerreiros Aqueus e os Troianos
em confusão combatiam. Por muito mais tempo a estes últimos
não poderiam, decerto, a muralha contê-los e o fosso
que, como amparo das naves, os Dânaos haviam construído
sem que hecatombes perfeitas aos deuses eternos trouxessem,
para que todos a salvo ficassem, bem como os navios
e a presa opima. Isso tudo, porém, não durou muito tempo,
que fora contra a vontade dos deuses eternos construído.
Enquanto Heitor vivo esteve, o Pelida se achava agastado
e, inabalável, de pé se manteve a cidade de Príamo,

permanecendo, também, firme a muralha dos homens Aquivos.
Mas, quando os Teucros mais fortes já haviam tombado sem vida —
dos combatentes Aqueus, uns com vida, outros mortos ficaram —
e, ao décimo ano, depois de destruída a cidade de Príamo,
para o torrão de nascença os Argivos nas naus retornaram,
logo, dois deuses, Apolo e Posido, num modo pensaram
de destruir esses muros, reunindo a potência de quantos
rios do vértice do Ida despejam no mar suas águas:
o Reso, o Heptáporo, o Ródio estuoso e o Careso tranquilo,
mais o divino Escamandro e, além destes, o Grânico, o Esepo
e o Simoente, nas margens do qual muitos cascos caíram,
muitos escudos de couro e uma estirpe de heróis semideuses.
De todos eles Apolo reuniu as correntes, jogando-as,
por nove dias, de encontro à muralha. Incessante chovia
Zeus, porque logo submersa no mar a estrutura ficasse,
enquanto o próprio Posido, tridente na mão, ia à frente
e os alicerces de troncos e pedras, que tanto trabalho
tinham custado aos Argivos, às ondas do mar os jogava,
té que deixou tudo plano na margem do belo Helesponto.
Pós haver a obra destruído, cobriu com areia infinita
toda a planície, fazendo que os rios, então, retornassem
para seus leitos, e límpidas fluíssem, de novo, aí as águas.
Isso, em futuro, devia ser feito por Febo e Posido;
mas, por enquanto, ainda ardia ao redor das muralhas bem-feitas
o clamoroso combate e nas torres as trevas ressoavam,
quando atingidas. Por Zeus flagelados, os nobres Aquivos
se amontoavam nas côncavas naves, fugindo de Heitor,
suscitador poderoso do Medo, guerreiro selvagem,
que um turbilhão parecia, ao lançar-se, ardoroso, na luta.
Tal como um leão ou javardo, que, em meio de feros sabujos
e caçadores, se volta, orgulhoso da força nativa,

quando, agrupados em torre, eles todos se ajuntam, fazendo-lhe
frente e atirando-lhe setas em número grande, com braço
de comprovado vigor, sem que a fera temor manifeste
no coração valoroso — a morrer o levava a coragem —
pois muitas vezes se volta, tentando assaltar as fileiras
dos inimigos, que cedem no ponto em que avança contra eles:
do mesmo modo entre a turba agitava-se Heitor, exortando
os companheiros ao passo transporem. Contudo, os cavalos,
que não podiam franqueá-lo, paravam, nitrindo, indecisos,
junto da borda. A largura do fosso pavor lhes infunde.
Fácil não era galgá-lo de um salto, ou passar de corrida,
pois escarpados barrancos por todo o circuito se viam,
de ambos os lados, munidos, na parte de cima, de filas
de hirtos estrepes, que os fortes Acaios haviam fincado,
em grande cópia, alinhados, defesa eficaz contra o inimigo.
Dificilmente os cavalos, na frente dos carros flexíveis,
o franqueariam; os próprios pedestres receavam transpô-lo.
Polidamante, virando-se, então, para Heitor, assim fala:
“Filho de Príamo, Heitor, e vós chefes dos Teucros e aliados,
é insensatez impelir os cavalos por dentro do fosso.
É intransponível, pois se acha eriçado de estacas agudas,
por trás das quais se levanta a muralha dos fortes Aquivos.
Modo não vejo de luta travarmos e ao fundo chegarmos-lhe
com nossos carros; naquela apertura seremos vencidos.
Se Zeus, que no alto troveja, de fato, pretende arruiná-los
completamente, e aos Troianos deseja amparar neste passo,
certo, eu também desejara que tudo nesta hora se desse,
que, longe de Argos, sem glória, os Acaios aqui perecessem.
Caso, porém, se detenham, voltando de novo a enfrentar-nos
e nos repilam das naves, lançando-nos todos no fosso,
penso que a forte pressão dos Aquivos tornara impossível

sobreviver um, sequer, que à cidade levasse a notícia.
Que todos vós me obedeçam, fazendo o que passo a dizer-vos:
Junto do fosso os aurigas contenham os fortes cavalos;
nós, entretanto, de pé, na armadura de bronze envolvidos,
todos em ordem, sigamos a Heitor. Resistir os Acaios
não poderão, se entre as peias da Morte, em verdade, se encontram."
Foi pelo intrépido Heitor o conselho do herói aprovado.
Rapidamente do carro saltou, sem que as armas largasse.
Dentro dos carros, também, não ficaram os outros Dardânios,
sim, para terra saltaram, no rastro de Heitor impecável.
Aos seus aurigas os chefes instruem, que junto do fosso,
em boa ordem, os carros e os fortes corcéis mantivessem.
Os combatentes, então, separando-se, em cinco colunas
se dividiram, guiada cada uma por um dos caudilhos.
Uns, por Heitor eram guiados, e pelo guerreiro preclaro
Polidamante, sem dúvida os mais numerosos, sedentos
de passo abrir na muralha e lutar junto às côncavas naves;
era o terceiro, Cebríones, que por Heitor fora posto,
em seu lugar, um auriga de menos valia do que ele.
Outra coluna, por Páris, Alcátoo e Agenor é levada.
Vai por Heleno guiada a terceira e o divino Deífobo,
filhos de Príamo, aos quais se juntou, a seguir, Ásio ilustre,
de Hírtaco o filho notável, que veio de Arisba em carruagem,
desde o Seloente revolto, puxada por fulvos ginetes.
O nobre filho de Anquises, Eneias, a quarta levava,
conjuntamente com dois descendentes do grande Antenor,
hábeis nas artes da guerra, Acamante e o admirável Arquéloco.
A última, enfim, dos gloriosos aliados, Sarpédone guia;
Asteropeu pugnacíssimo e Glauco o secundam no mando,
que os reputava os mais fortes, depois dele próprio, entre todos
os companheiros. A ele, em verdade, ninguém se igualava.

Todos, unidos, então, sobraçando os escudos de couro,
cheios de ardor, avançaram, pensando que os Dânaos nenhuma
oposição lhes fariam, correndo nas naus a abrigar-se.
Dessa maneira executam o plano de ataque do heroico
Polidamante os Troianos valentes e os fortes aliados.
Ásio, porém, filho de Hírtaco, chefe de fortes guerreiros,
não quis o carro deixar aos cuidados do auriga escudeiro,
sim, procurou, como estava, acercar-se das naves escuras.
Tolo! que não deveria livrar-se das Parcas funestas
nem retornar orgulhoso de junto das naves recurvas
com seus cavalos e o carro para Ílio por ventos batida.
Não, que antes disso o Destino odioso o envolveu, pela lança
de Idomeneu, o preclaro Deucálida, herói excelente.
Tenta forçar pela esquerda das naves, por onde os Aquivos
com seus cavalos e carros passavam, de volta do campo.
Por essa parte os cavalos e o carro lançou, sem que as portas
viesse fechadas achar, ou seguras com fortes ferrolhos.
Escancarado as haviam Argivos alguns, para o caso
de recolher os consócios que abrigo nas ruas procurassem.
Por essa porta os cavalos lançou, sendo logo seguido
pelos Troianos, em grita, pensando que os Dânaos nenhuma
oposição lhes fariam, correndo nas naus a abrigar-se.
Tolo! na porta encontrou dois guerreiros, dos mais distinguidos
filhos soberbos de Lápitas fortes, lanceiros famosos,
um, Polipetes robusto, do grande Pirítoo nascido,
outro, Leonteu, semelhante a Ares forte, aos mortais pernicioso,
os quais estavam postados defronte da porta altanada
como dois fortes carvalhos, de copa elevada, na serra,
que todo dia por ventos e chuvas batidos se veem,
com suas longas e fortes raízes no solo firmadas:
do mesmo modo eles dois, confiados na força e no braço,

sem medo algum esperavam por Ásio, guerreiro preclaro.
Contra a muralha bem-feita, com grande alarido, avançavam
os inimigos, que no alto os paveses redondos sustinham,
em torno de Ásio agrupados, potente senhor, e de Orestes,
de Iámeno, Tóone, Adamante, que de Ásio nascera, e de Enómao.
Té esse momento, da parte de dentro, exortavam os Lápitas
aos bem-grevados Acaios a virem das naus em defesa;
mas, ao notarem que os Teucros, em número grande, avançavam
contra a muralha e que os Dânaos, tomados de medo, fugiam,
de um salto os dois para fora da porta a lutar se puseram,
como dois fortes javardos à espera, nos montes, do encontro
de caçadores e cães que com bulha terrível avançam;
obliquamente, acometem; estragos produzem na selva
e árvores grandes arrancam, ouvindo-se longe o barulho
dos alvos dentes, até que, atingidos, a vida ali deixam:
do mesmo modo ressoava a armadura brilhante dos cabos,
quando atacados de frente, pois ambos lutavam com brio,
nos companheiros confiados e, assim, no valor costumeiro.
Pedras, realmente, os Aquivos de cima do muro atiravam,
em defesa da existência, do campo e dos próprios navios
de veloz curso. Da mesma maneira que flocos de neve
em grande número caem na terra, ao soprar incessante
vento de força impetuosa que as nuvens escuras espalha:
dos fortes braços, assim, dos Aqueus e dos Troas choviam
tiros sem conta. Atingido por pedras enormes, som seco
os abaulados escudos soltavam e os cascos brilhantes.
Ásio viril, filho de Hírtaco, solta um profundo suspiro
e cheio de ira, nas coxas batendo, desta arte prorrompe:
“Este és, Zeus pai, que também te revelas adepto extremado
de falsidades! Jamais presumi que os heroicos Aquivos
resistiriam ao ímpeto de nossas mãos invencíveis!

Eles, entanto, quais vespas de corpo cintado e flexível,
ou como abelhas que o ninho construíram em rocha escarpada,
e que, mais presas ao cavo refúgio, ao se verem defronte
de tiradores de mel, em defesa da prole os atacam:
com serem dois, simplesmente, estes homens, assim, não nos deixam
franca passagem, a menos que mortos ou presos aí sejam.”
Essas palavras, contudo, os desígnios de Zeus não mudaram,
que a só o intrépido Heitor assentara ceder essa glória.
Em outras portas, entanto, outros fortes guerreiros lutavam.
Muito difícil me fora contar, como um deus, tantos feitos,
que em todo o muro de pedras o incêndio divino se alçara,
pois os Argivos, conquanto oprimidos, se viam forçados
a defender os navios. Aflitos estavam os deuses
que nos combates soíam tomar o partido dos Dânaos.
De todo jeito, o inimigo enfrentavam os Lápitas fortes.
Pela viseira de bronze do casco de Dâmaso a lança
mete o viril Polípetes, do grande Pirítoo nascido.
O elmo de bronze, contudo, não pôde deter a aênea lança;
atravessado ficou, bem como o osso e, por último, o cérebro,
que se desfez por completo; no arranco audacioso o derruba.
A Ormeno e Pílone, após, da armadura brilhante os despoja.
Por sua parte, Leonteu, germe de Ares, feriu com a lança
ao forte filho de Antímaco, Hipômaco, junto do cinto.
Saca, em seguida, da espada cortante e, atirando-se a Antífates,
por entre a turba, primeiro o feriu, numa luta de perto,
com tal violência, que ao solo o jogou, ressupino, sem vida.
Vai contra Orestes, depois, contra Iámeno e o forte Menão,
uns sobre os outros jogando, sem vida, na terra fecunda.
Enquanto aos mortos, após, espoliavam das armas esplêndidas,
Polidamante e o alto Heitor com seus homens estrênuos chegaram,
fortes guerreiros, em número grande e, também, desejosos

de brecha abrir na muralha e de fogo lançar aos navios.
Mas, ao chegarem à beira do fosso, indecisos, pararam;
é que, quando iam transpô-lo, por eles uma ave perpassa;
águia de altíssimo voo, que à esquerda fechou todo o exército,
a qual nas garras a imano dragão cor de sangue estringia,
vivo, a mexer-se, que não se esquecera dos cruentos combates,
pois, para trás encurvando-se, junto do colo, no peito,
a ave feriu. Trespassada de dor excruciante, esta, logo,
violentamente o jogou para longe, no meio do povo.
Grito estridente solta a águia, partindo com o sopro do vento.
Estremeceram os Teucros, ao verem no meio do campo,
como portento de Zeus, a serpente de cores cambiantes.
Polidamante de Heitor se aproxima e lhe diz o seguinte:
"Sempre me increpas, Heitor, nas reuniões dos Troianos, embora
úteis as minhas propostas, pois aí, em verdade, é imprudência
gente do povo exceder-se, quer seja nos nossos conselhos,
quer se cogite da guerra; tua força aumentar só desejas.
Ora pretendo dizer-te o que julgo ser mais proveitoso:
não prossigamos, a fim de lutar junto às naves, com os Dânaos.
Posso prever o futuro, se foi um sinal, como penso,
a ave que aos Teucros baixou no momento de o fosso transpormos,
a águia de altíssimo voo, que à esquerda fechou todo o exército,
a qual nas garras a imano dragão cor de sangue estringia,
vivo, soltando-o muito antes de alçar-se até o ninho querido,
sem que lhe fosse possível aos filhos, por cibo, levá-lo.
Do mesmo modo há de dar-se conosco: se as portas e o muro
à viva força rompermos e os Dânaos, dali, repelirmos,
retornaremos, depois, pelo mesmo caminho, sem ordem,
e deixaremos inúmeros Teucros, que os fortes Aquivos
hão de fazer perecer, defendendo os navios escuros.
Era o que, certo, diria qualquer adivinho dos que andem

mais inteirados de augúrios e gozem de grande conceito.”
Com torvo olhar lhe responde o guerreiro do casco ondulante:
“Polidamante, essas tuas palavras em nada me agradam.
Penso que fora possível fazeres proposta mais digna.
Mas se tudo isso de há pouco foi dito, realmente, em tom sério,
é que os eternos do Olimpo fizeram que o juízo perdestes.
Queres, então, que me venha a esquecer dos desígnios de Zeus,
que peremptória promessa me fez e asselou com a cabeça?
Ao invés disso, desejas que fé demonstremos às aves
de altos remígios, com que não me ocupo! Bem pouco me importam
quer para a destra se vão, para o lado do Sol e da Aurora,
quer para a esquerda, do lado do Ocaso de sombras espessas?
Sim, obedientes sejamos somente aos conselhos de Zeus,
que sobre todos os homens e os deuses eternos impera.
O mais propício sinal é lutar em defesa da pátria.
Por que te mostras medroso de lutas e prélios sangrentos?
Ainda que todos a vida perdêssemos junto das naves,
por mão dos fortes Aquivos, não deves ter medo da Morte,
visto não teres coragem de o inimigo enfrentar nos combates.
Mas se deixares a luta, ou se, acaso, tentares, por meio
de teus discursos, influir sobre alguém nesse mesmo sentido,
por minha lança atingido hás de, logo, perder a existência.”
Tendo assim dito, partiu na dianteira; os demais o seguiram
com bulha imensa. Dos píncaros do Ida, nessa hora, Zeus grande,
que com os raios se apraz, fez soprar um tufão borrascoso,
que contra as naus atirou muita poeira. Os Argivos confusos
deixa com isso, e aos Troianos e a Heitor glória imensa concede,
os quais, confiados no grande prodígio e na força consueta,
tentam fazer uma brecha na forte muralha dos Dânaos.
Os parapeitos destroem; por terra os merlões são jogados,
com alavancas arrancam do solo os salientes pilares

que tinham sido fincados à guisa de amparo das torres.
As próprias torres abalam, tentando romper, desse modo,
o grande muro. Os Acaios, contudo, não cedem caminho,
mas com os escudos de pele de boi protegidos, feriam
do alto do muro os imigos que embaixo a lutar se encontravam.
Os dois Ajazes as torres percorrem, dando ordens aos sócios
e procurando elevar a coragem dos fortes Aquivos,
a uns com palavras afáveis, mas a outros com termos violentos,
a outros que pouca vontade tivessem de entrar em combate:
"Caros, conquanto nem todos na guerra possam ser grandes —
uns, preexcelentes heróis; outros, médios; alguns, de coragem
mais reduzida —, ora cumpre que todos se mostrem capazes,
como, sem dúvida, vedes que a luta o requer. Ninguém volte
para os navios, ninguém, pós haverdes ouvido o comando,
mas, sempre avante, a lutar, exortai-vos, que Zeus, porventura,
fulminador, há de dar-nos poder sustar este assalto
e repelir o inimigo até os muros de Troia altanada."
Por esse modo, a gritar, exortava os Aquivos à luta.
Tal como flocos de neve, abundantes, que caem no inverno,
quando Zeus grande nascido de Crono resolve que neve,
para mostrar aos humanos os dardos de sua potência,
calam-se os ventos, a neve não cessa, até serem cobertos
os altos picos e as cristas das grandes montanhas, bem como
prados cobertos de loto e as lavouras florentes dos homens;
só pelos portos da costa e nas praias do mar espumoso
é pelo embate das ondas a neve quebrada; o mais tudo
completamente coberto se vê quando Zeus faz que neve:
os contendores, assim, jogam pedras em basto granizo;
contra os Troianos, os Dânaos; da parte, também, dos Troianos,
contra os Aquivos; em toda a muralha o barulho era imenso.
Mas, ainda assim, os Troianos e o intrépido Heitor não teriam

arrebentado a alto muro e os possantes ferrolhos da porta,
se não tivesse mandado Zeus grande a seu filho Sarpédone
contra os Aqueus, como leão que surgisse entre nédios bovinos.
Diante de si, logo o escudo redondo o guerreiro sustenta,
todo de bronze batido, de bela feitura, trabalho
de hábil bronzista que peles de boi colocara por dentro,
por varas de ouro seguras em toda a extensão da orla grande.
Com duas hastas na mão sustentando esse escudo na frente,
lança-se o herói, como leão montanhês que privado de carne
por longo tempo estivesse e, levado pelo ânimo altivo,
fosse arriscar-se em rebanho fechado, em redil protegido;
ainda que estejam lá dentro pastores armados de lanças,
com seus rafeiros, de guarda ao rebanho e dispostos à luta,
não se resigna a afastar-se sem ter dado o bote; por isso,
para o cercado saltando, ou consegue apanhar uma presa,
ou cai sem vida ali mesmo, atingido por dardo certeiro:
o coração do divino Sarpédone, assim, o levava
a, contra o muro, atirar-se, animoso, e romper-lhe a estrutura.
Vira-se, então, para Glauco, nascido de Hipóloco, e diz-lhe:
“Ouve-me, Glauco: por que somos ambos honrados na Lícia
com os primeiros lugares nas festas, assados e vinho
sempre abundante, e os do povo nos veem como a deuses eternos?
Deram-nos junto das margens do Xanto, também, um terreno,
próprio, igualmente, para uso do arado e cultivo de frutas.
Por isso tudo nos cumpre ocupar na vanguarda dos Lícios
o posto de honra e estar sempre onde a luta exigir mais esforço
para que possa dizer qualquer Lício de forte armadura:
‘Sem grandes títulos de honra não é que na Lícia governam
os nossos reis, e consomem vitelas vistosas, bebendo
vinho de doce paladar. E bem grande o vigor que demonstram,
quando na frente dos nossos guerreiros o imigo acometem.’

Ah, caro amigo, se, acaso, escapando da guerra terrível,
livres ficássemos sempre da triste velhice e da Morte,
não me verias, por certo, a lutar na dianteira dos nossos,
nem te faria ingressar nas batalhas que aos homens dão glória.
Mas, ao invés disso, cercados estamos por muitos perigos
e pela Morte, da qual escapar ninguém pode ou eximir-se.
Vamos, portanto, a dar glória a qualquer, ou de alguém recebê-la."
Não volta Glauco dali, pós ouvir-lhe o discurso; obedece;
e ambos se põem a guiar as fileiras compactas dos Lícios.
Vendo-os, o grande Pelida, o viril Menesteu, assustou-se,
pois para a torre em que estava os dois cabos à ruína levavam.
A vista ao longo dos muros, inquieto, lançou, à procura
de qualquer chefe preclaro, que amparo dos sócios servisse.
Os dois Ajazes, de fato, enxergou, insaciáveis de lutas,
de pé, na pugna, e, assim, Teucro, que viera da tenda e se achava
perto dos dois. Mas, por mais que gritasse nenhum o escutava.
Grande, demais, era o estrépito; os gritos o Céu atingiam.
Ruídos ouviam-se de elmos batidos, de escudos, das portas
que tinham sido fechadas, em frente das quais o inimigo
se colocara, tentando arrombá-las e entrar com violência.
Logo aos Ajazes envia Tootes, o arauto preclaro:
"Corre, divino Tootes, e faze que Ajaz aqui venha;
ambos, aliás, se possível; que muito melhor será tê-los
perto de nós, porque ameaça a este lado iminente ruína.
Os chefes Lícios, de fato, aqui fazem pressão, conhecidos
pela maneira impetuosa com que nos combates se portam.
Se ambos, porém, estiverem a braços, também, com trabalhos,
venha ajudar-nos, ao menos, Ajaz Telamônio preclaro,
acompanhado de Teucro, que o arco maneja perito."
Obedeceu-lhe Tootes, sem perda de tempo, ao mandado;
corre ao comprido do muro dos fortes Aqueus, e parando

junto dos nobres Ajazes, lhes diz as palavras aladas:
"Nobres Ajazes, mentores dos brônzeos guerreiros Argivos,
manda pedir o notável Pelida, nutrido por Zeus,
da parte de ambos ajuda, ainda mesmo que seja por pouco.
Se for possível, os dois; que é melhor, por, sem dúvida, ter-vos
perto de nós, porque ameaça a esse lado iminente perigo.
Os chefes Lícios, de fato, ali fazem pressão, conhecidos
pela maneira impetuosa com que nos combates se portam.
Mas, se ambos vós estiverdes a braços, também, com trabalhos,
venha ajudar-nos, ao menos, Ajaz Telamônio preclaro,
acompanhado de Teucro, que o arco maneja perito."
O grande Ajaz Telamônio de grado acedeu ao pedido,
e para o filho de Oileu disse logo as palavras aladas:
"Tu, forte Ajaz, e o viril Licomedes, aqui vou deixar-vos,
para animardes os divos Aqueus a lutarem com brio,
enquanto eu vou para ajuda levar onde o embate é mais forte.
Logo, estarei de tornada, depois de passado o perigo."
O grande Ajaz, ao dizer tais palavras, se pôs em caminho,
com Teucro, irmão que, como ele, nascera do herói Telamão.
O arco recurvo de Teucro Pandião valoroso o carrega.
Em pouco tempo chegaram à torre do herói Menesteu,
pelo interior progredindo; oprimidos, de fato, se achavam,
que os parapeitos já haviam galgado, qual negra procela,
os conselheiros e guias notáveis dos Lícios guerreiros.
Chocam-se as hostes imigas; enorme alarido se eleva.
O grande Ajaz Telamônio a um dos Troas primeiro derruba,
o companheiro do grande Sarpédone, Epicles magnânimo.
Áspera pedra atirou-lhe, que dentro do muro se via,
no parapeito, bem no alto. Não fora possível a um homem,
desses de agora, conquanto no viço da idade soerguê-la
com as duas mãos. Ele, entanto, a elevou e de cima atirou-lha.

Rompe-se o casco de quatro saliências; racharam-se os ossos
todos do crânio de Epicles, que do alto da torre revira
como em mergulho; abandona-lhe os ossos o espírito altivo.
Com flecha, Teucro, também, fere a Glauco, nascido de Hipóloco,
quando ele vinha impetuoso, a querer escalar o alto muro:
vendo-lhe o braço desnudo, de novos encontros o afasta.
Do alto saltou, ocultando-se, Glauco; não fosse notado
o ferimento por um dos Aquivos, que, certo, o vaiara.
Aborreceu-se Sarpédone, quando notou que da pugna
Glauco saíra, sem que isso o fizeste esquecido da luta.
A hasta de bronze enterrou em Alcmáone o forte Testórida,
e, novamente, a retira; seguindo-a, no impulso, o guerreiro
tomba de bruços, ressoando sobre ele a armadura brilhante.
O parapeito, Sarpédone, então, com a mão forte apanhando
puxa, arrastando uma grande porção; fica o muro por cima
desguarnecido de todo, franqueando passagem muito ampla.
Contra ele Ajaz se atirou, secundado por Teucro, que o fere
com uma flecha, no peito, por cima da bela correia
do grande escudo. Mas Zeus da precípite Morte resguarda
ao próprio filho, não fosse cair junto às naves recurvas.
De um pulo Ajaz atirou-lhe no escudo a aênea lança, que fica
nele pregada, obrigando o guerreiro a parar, vacilante.
Do parapeito alguns passos recuou, sem parar, no entretanto,
na arremetida, que o peito o levava a esperar glória imensa.
Vira-se, então, para os Lícios divinos e a todos exorta:
“Lícios, por que nos esquece nesta hora o valor impetuoso?
É-me bastante difícil, por mais vigoroso que eu seja,
brecha sozinho no muro rasgar e franquear-vos o passo.
Vamos, avante! Onde muitos ajudam, a empresa é mais fácil.”
A essas palavras pungentes, os Lícios, tomados de pejo,
estimulados se agruparam em torno do insigne guerreiro.

Dentro do muro, também, reforçavam as suas falanges
os combatentes Aquivos; muito árduo trabalho os premia.
Nem conseguiam os Lícios preclaros o muro dos Dânaos
desmantelar e franquear para as naves, a todos, o passo,
nem os lanceiros Argivos podiam forçar aos da Lícia
a que largassem o muro, uma vez o lugar conquistado.
Do mesmo modo que dois camponeses altercam sem pausa,
com a medida na mão, quando em campo comum põem divisas
e em faixa estreita discutem, iguais pretensões defendendo:
no parapeito, desta arte, em porfia se travam, e a pugna,
de novo, acendem, talhando os arneses de couro bovino,
os manejáveis broquéis e os escudos redondos e fortes.
Muitos ficaram ali pelo bronze cruel transpassados,
quer quando, acaso, virando-se, o dorso deixavam desnudo,
na acre peleja, quer mesmo de frente, através dos escudos.
Os parapeitos e as torres se achavam manchados de sangue
de ambos os grupos dos nobres Aqueus e dos fortes Troianos.
Mas nem assim conseguiam em fuga lançar-se aos Aquivos.
Tal como honesta fiandeira que no alto segura a balança,
e num dos pratos a lã, noutro o peso devido coloca,
para o mesquinho salário ganhar, com que os filhos sustente:
os contendores, desta arte, indecisa a batalha deixavam,
antes de haver Zeus ao filho de Príamo, Heitor, concedido
a glória excelsa de ser o primeiro a saltar o alto muro.
Para os Troianos voltando-se, grito estridente lhes manda:
“Acometei, valorosos Troianos! Rompamos o muro,
e nos navios recurvos lancemos o fogo divino.”
Isso disse ele, na orelha de todos o brado rimbomba.
Cheios de brio, formados em corpo, atiraram-se todos
com as aêneas lanças na mão, escalando os merlões altanados,
enquanto Heitor de uma pedra tomou que se achava na frente

da grande porta, achatada na base e de ponta afilada.
Dificilmente dois homens do povo, dos mais esforçados,
conseguiriam movê-la do chão e depô-la no carro —
homens dos de hoje. Ele, entanto, sozinho a maneja galhardo.
Leve a deixou Zeus potente, nascido de Crono tortuoso.
Tal como a pele de um grande carneiro o pastor facilmente
pode na mão carregar, sem que o peso lhe cause fadiga:
a pedra, Heitor, desse modo, levanta e nas tábuas atira
das duas folhas da porta elevada, que estavam fechadas
solidamente. Da parte de dentro encontravam-se duas
barras em cruz com um ferrolho, somente, a fixá-las no meio.
Junto da porta detém-se; alargando os dois pés e afirmando-se,
para maior eficiência do tiro, a atingiu bem no meio.
Rompem-se os quícios de baixo e de cima; com todo o seu peso
cai dentro a pedra; alto, a porta rimbomba, sem que resistissem
as duas barras; com a força do golpe, quebradas, abriram-se
ambas as folhas. O fúlgido Heitor, que no rosto trazia
a veloz Noite, saltou para dentro, luzindo-lhe as armas
brônzeas, que os membros lhe cingem, por modo terrível, com duas
lanças na mão. A não ser um dos deuses, ninguém poderia,
nesse momento, antepor-se-lhe; os olhos, em chama, brilhavam-lhe.
Grita, voltando-se, então, para a chusma dos Teucros, mandando
que transpusessem o muro. Obedientes às ordens do chefe,
uns a parede galgaram depressa, enquanto outros, em massa,
pela abertura da porta afluíram. Voltaram-se os Dânaos
em fuga para os navios, no meio de grande alarido.

CANTO XIII

A LUTA JUNTO AOS NAVIOS

“Enquanto Zeus se vira e olha para outras regiões, Posido vai até a planície de Troia. Disfarçado, ora com Calcante, ora com generais Gregos, incita-os coragem para guerrear. Os Gregos se fortalecem e começam a se sobressair. Idomeneu e Meríones defendem a esquerda dos navios e os dois Ajazes, a direita. Um sangrento combate se dá, onde Gregos e Troianos morrem. Idomeneu, combatendo Eneias, faz prodígios na batalha. Os Troianos começam a recuar, mas Heitor decide continuar a luta. Ajaz Telamônio desafia Heitor e aparece um bom presságio para os gregos.”

Logo que Zeus fez Heitor e os Troianos as naus alcançarem,
os combatentes deixou aos trabalhos e dores entregues.
Os olhos fúlgidos volve, depois, para longe, passando
a contemplar a região dos ginetes da Trácia, dos Mísios
que só combatem de perto, dos belos heróis Hipomolgos
que se alimentam de leite e a dos Ábios, os homens mais justos.
Para a planície de Troia não mais volve os olhos brilhantes,
pois no imo peito jamais esperou que qualquer dos eternos
viesse auxiliar os Troianos ou os nobres guerreiros Aquivos.
Mas não vigiava debalde o deus forte que a terra sacode,

que a contemplar se encontrava, admirado, os combates e lutas,
do pico mais elevado de Samo, na Trácia, coberta
de muitas selvas, de onde ele esguardar o Ida todo podia,
a fortaleza de Príamo e as naus dos guerreiros Acaios.
Ao sair da água, assentara-se ali, lastimando a derrota
dos combatentes Aqueus. Contra Zeus indignado em excesso,
sem mais demora baixou do penedo escarpado em que estava,
com passos rápidos. Tremem florestas espessas e montes
ao pisar forte dos pés imortais do divino Posido.
Dá três passadas, assim, para a meta atingir com mais uma,
Egas, em cujos recessos, no porto, palácio possui
de áureos enfeites ornado, luzente e de eterna estrutura.
Aí, sob o jugo pôs logo os cavalos de cascos de bronze
com crinas de ouro, ondulantes, de rápido curso; a armadura
de ouro vestiu, empunhando o chicote, também de ouro fino,
de trabalhada feitura e, subindo, depois, para o carro,
por sobre o mar o guiou. Conhecendo o senhor, surgem ledos
dos mais profundos abismos cetáceos que, aos saltos, o cercam.
Com alegria apartaram-se as ondas, correndo a parelha
tão velozmente que o eixo do carro sequer se molhava.
Em pouco tempo os cavalos às naus dos Aqueus o levaram.
Uma espaçosa caverna de belo traçado se encontra
perto de Tênedo e de Imbro rochosa, no fundo das águas.
O abalador nesse ponto deteve os fogosos cavalos;
tira-os do jugo, alimento divino lhes deita, passando-lhes
em torno aos pés peias de ouro, inquebráveis não só, com
certeza, mas impossíveis de abrir. Ficariam os brutos aí presos,
té que ele viesse de novo. Depois, para as naus foi depressa.
Tal como chama voraz, ou procela, os Troianos, num grupo,
ao filho seguem de Príamo, Heitor, com furor implacável.
Grande algazarra levantam, julgando que fácil lhes fosse

as naus tomar dos Aqueus e matar os guerreiros mais fortes.
O deus Posido, no entanto, que os térreos pilares sacode,
tendo do oceano emergido, os Aqueus para a luta concita,
pós ter a voz de Calcante indefesa e a figura assumido.
Aos dois Ajazes estrênuos primeiro dirige a palavra:
"Vós, incansáveis Ajazes, salvar os Aqueus poderíeis,
se, deslembrados do medo, pensásseis na própria coragem.
As mãos galhardas dos Teucros nenhures temor me despertam,
ainda que tenham os muros galgado em fileiras compactas,
que os bem-gravados Aquivos detêm a avançada de todos.
Mas sobremodo receio de que nos suceda algum dano
onde a escalada dirige esse louco que incêndio parece,
o ínclito Heitor, que alardeia ser filho de Zeus potentíssimo.
Possa um dos deuses no peito exaltar-vos a força, fazendo
que ofereçais resistência, exortando os demais a imitar-vos.
Conseguireis, deste modo, afastá-lo das naus corredoras,
por mais furioso que esteja e ainda mesmo que Zeus o estimule."
Isso dizendo, Posido, que a terra sacode, com o cetro
em ambos, logo, tocou, infundindo-lhes força invencível;
leves lhes torna ele os membros, os braços e as pernas robustas.
Como alça o voo gavião de asas lestes e no alto das penhas
de talho abrupto se posta, esguardando de lá todo o plano,
para, depois, atirar-se no encalço de outra ave mais fraca:
do mesmo modo Posido, que a terra sacode, se afasta.
Reconheceu-o, logo, Ajaz, o veloz descendente de Oileu,
e, para Ajaz Telamônio virando-se, disse o seguinte:
"Ó Telamônio, um dos deuses do Olimpo altanado nos manda,
sob as feições do adivinho, lutar em defesa das naves.
Não foi Calcante, sem dúvida, a arúspice e a sábio profeta.
Pelas pegadas o vi, pelo jeito das pernas, quando ele
já se afastava de nós. Fácil é conhecermos os deuses.

No coração e no peito, ademais, sinto ardente desejo,
tal como nunca o senti, de atirar-me aos combates e lutas.
Fremem-me os pés; impacientes, os braços já querem mover-se-me.”
Disse-lhe Ajaz Telamônio preclaro, em resposta, o seguinte:
“Noto, também, neste instante, que junto da lança me treme
a destra invicta: a coragem me exalta; percebo que querem
os pés levar-me. Enfrentar, eu, também, já desejo, sozinho,
forte filho de Príamo, Heitor, com furor implacável.”
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos trocavam, ledos
por causa do ardor combatido que um deus lhes trouxera.
O abalador prosseguia, entretanto, a animar os Aquivos
que reparavam as forças nas filas de trás, junto às naves.
Lassos os membros sentiam por causa do esforço excessivo,
sobre invadir-lhes o peito o desânimo, ao verem que os Teucros
o grande muro já haviam galgado em tropel, numerosos.
Dos cílios descem-lhes lágrimas ante o avançar do inimigo,
sem que escapar esperassem da ruína iminente. Mas logo
o abalador interveio, excitando, de novo, as falanges.
A Teucro exorta primeiro, passando a animar, em seguida,
Toante animoso, o viril Peneleu. Leito forte e Deípiro,
e, finalmente, Meríones forte e o notável Antíloco.
E, concitando-os à luta, lhes disse as palavras aladas:
“Envergonhai-vos, mancebos Argivos! De fato, esperava
que só no vosso valor estiveste salvar os navios.
Se, desse modo, evitais atirar-vos à luta terrível,
já nos surgiu a manhã de nos vermos vencidos dos Teucros.
Deuses do Olimpo, que enorme prodígio ora aos olhos me avulta!
Nunca jamais se previra sequer tão estranho sucesso:
virem lutar junto às naus os Troianos que, até este momento,
se assemelhavam a corças imbeles, tomadas de susto,
que, vagueando por entre os perigos de densas florestas,

presas vão ser de chacais, e panteras, e lobos vorazes.
Do mesmo modo os Dardânios até hoje, por pouco que fosse,
não tinham tido coragem de o braço enfrentar dos Aquivos.
Ora se luta distante dos muros, à volta das naves,
por culpa só do comando supremo e a abstenção de alguns homens
que, porque se acham brigados com o chefe, os baixéis não defendem
de veloz curso, deixando-se todos matar junto deles.
Mas, ainda mesmo que seja culpado de tudo o potente
filho de Atreu, Agamémnone, senhor de domínios vastíssimos,
por ter a Aquiles, de céleres pés, ultrajado, primeiro,
não fica bem, para nós, desertar, desse modo, da pugna.
O erro sanemos que é próprio dos bons procurar corrigir-se.
É censurável, pois não?, descuidardes, assim, dos combates,
que sois do exército os mais valorosos. Eu próprio, indignado,
nunca podia mostrar-me, se visse da luta afastar-se
um dos guerreiros somenos; mas vossa inação me revolta.
Vamos, covardes! Em pouco, fareis com tamanha desídia
que o mal se agrave. Deixai que se aninhe no peito de todos
o sentimento do pejo, pois dura batalha se trava.
Junto das naus já se encontra, a lutar, esse Heitor, com denodo,
de voz possante, depois de quebrar a alta porta e os ferrolhos.”
O abalador, desse modo, exortava e admoestava os Aquivos.
Em torno aos fortes Ajazes, entanto, falanges se agrupam
com tal denodo, que Atena e Ares, certo, se ali se encontrassem,
francos aplausos para elas teriam. De Heitor a investida
e dos Troianos os mais destemidos heróis aguardavam,
lanças firmadas em lanças, pavês a pavês recobrindo,
elmos e escudos unidos, guerreiros em filas compactas.
Tocam-se no alto os penachos de crina das cristas brilhantes,
quando agitados, tão juntos se achavam os fortes guerreiros.
Círculos traçam as lanças, por mãos valorosas vibradas.

Todos os peitos incende o desejo de à pugna atirar-se.
Densos, os Teucros irrompem; Heitor os comanda, sequioso
de, contra os Dânaos, lançar-se, tal como penedo que rola
devastador, de alto monte, arrancado pelo ímpeto da água,
quando a torrente solapa o alicerce de imano penedo.
Aos tombos desce, ruidoso, atroando cá embaixo a floresta
sempre a rolar, sem nenhum empecilho, até vir na planície
desfalecer, que lhe quebra a violência, obrigando-o a deter-se:
o ínclito Heitor, desse modo, ameaçava chegar até a praia
mui facilmente, através dos baixéis e das tendas Aquivas,
a dizimá-los; mas quando alcançou as falanges compactas,
num grande choque, deteve-se. Enfrentam-no os homens Argivos
os quais, brandindo as espadas e as lanças de dúplices pontas,
o repeliram, forçando-o, desta arte, a recuar, vacilando.
Vira-se, então, para os Troas e grita com voz penetrante:
"Lícios, Dardânios e Teucros, viris combatentes de perto,
vamos, que muito mais tempo os Acaios não podem deter-me!
Ainda que todos se agrupem qual torre de forte estrutura,
à minha lança hão de, em breve, ceder, se é verdade que o esposo
de Hera, de voz poderosa, o deus máximo, é que me impulsiona."
Por esse modo excitava o furor e a coragem de todos.
Vinha na frente dos Teucros, impando de orgulho, Deífobo,
filho de Príamo; o escudo redondo mantinha na frente
e, protegido por ele, com passo ligeiro avançava.
Pondo-lhe a mira, Meríones joga-lhe a lança brilhante,
com pontaria certeira, atingindo-lhe a grande rodela
feita de couro de boi, sem, contudo, a furar. Ao tocá-la,
a hasta comprida partiu-se na ponta. Afastado do corpo
o táureo escudo o guerreiro manteve, temendo, em verdade,
a arma do forte Meríones, que, por sua vez, para o meio
dos companheiros recuou, duplamente agastado no espírito,

pela vitória perdida e pela arma que ali se quebrara.
Foi, a correr, para as naves e tendas dos homens Acaios,
para tomar outra lança, das muitas que havia na tenda.
Na luta os outros prosseguem; enorme alarido se eleva.
Teucro, primeiro que todos, prostrou a um dos Troas guerreiros,
da geração de Mentor opulento em corcéis, Ímbrio forte,
que antes do início da guerra em Pedeu residia e esposara
a uma das filhas espúrias de Príamo, Medesicasta.
Mas à chegada das naves recurvas dos homens da Acaia,
para Ílio sacra voltou, distinguindo-se muito entre os Teucros,
e residia com Príamo, o qual como a filho o estimava.
O Telamônio o feriu sob a orelha, com a lança comprida,
que, novamente, puxou. Como freixo que no alto crescera
do pico excelso visível de todos os lados, que as folhas
tenras ao solo projeta, quando é pelo bronze cerceado:
tomba o guerreiro, desta arte, ressoando a armadura de bronze.
Teucro acorreu, desejando das armas formosas despi-lo.
Mas, nesse instante, a hasta brônzea o impecável Heitor atirou-lhe;
ele, porém, que o notara, desviou-se da lança brilhante,
que foi bater em Anfímaco, filho de Ctéato ilustre
e de Actor neto, ferindo-o no peito quando ele avançava.
Com grande estrondo caiu, ressoando-lhe em torno a armadura.
Salta, no mesmo momento, o impecável Heitor, para que o elmo
bem adaptado à cabeça de Anfímaco ali lhe arrancasse.
Quando, porém, avançava, a hasta lúcida Ajaz Telamônio
lhe desferiu, sem que a pele atingisse, que o bronze terrível
a protegia por todos os lados. Na copa do escudo
a hasta com força bateu, a recuar obrigando o guerreiro
e a abandonar os dois corpos que os homens da Acaia levaram.
Cuidam de Anfímaco Estíquio divino e o viril Menesteu,
Atenienses, que para os Aqueus os levaram zelosos.

O corpo de Ímbrio os Ajazes carregam, sequiosos de lutas.
Como dois leões que uma cabra arrancaram dos dentes agudos
de feros cães e a transportam por dentro de espessa floresta,
sempre do solo suspensa, firmada nas fortes maxilas:
os dois Ajazes, assim, o cadáver carregam, tirando-lhe
as belas armas. O filho de Oileu, pela morte de Anfímaco
ainda irritado, do tenro pescoço a cabeça lhe corta.
Como uma bola, depois, a jogou pelo meio da turba,
té que, na poeira a rolar, junto aos pés do alto Heitor se deteve.
Imensamente enraivado Posido nesta hora se mostra,
ao ver que o neto na pugna terrível a vida perdera.
Foi, a correr, pelas tendas e naus dos guerreiros Acaios
a estimular os Aqueus; para os Teucros o luto aprestava.
A Idomeneu de hasta invicta encontrou logo adiante, de volta,
de acompanhar um dos sócios que havia tirado da pugna,
o qual em pleno jarrete ferido por lança se achava.
Pós tê-lo aos fidos consócios entregue e instruções dado aos médicos,
à tenda corre, que logo voltar para o prélio queria.
O abalador poderoso lhe fala nessa hora, assumindo
a voz e o gesto de Toante, nascido de Andrêmone ilustre,
que de Pleurona os Etólios trouxera, bem como os guerreiros
de Calidona e honras fruía entre o povo qual um dos eternos:
"Idomeneu, conselheiro de Creta, onde estão as ameaças
que contra os Teucros soíam fazer os guerreiros da Acaia?"
Idomeneu, dos Cretenses o chefe, lhe disse, em resposta:
"Toante, até onde é possível julgar, não presumo que caiba
culpa a um dos nossos, pois todos sabemos lutar com denodo.
O Medo vil não refreia a nenhum; ninguém, só por desídia,
foge da guerra funesta; mas é da vontade de Zeus,
provavelmente, o senhor poderoso nascido de Crono,
que longe de Argos, sem nome nem glória, os Aquivos pereçam.

Tu, porém, Toante, que sempre o inimigo enfrentaste com brio,
e dás estímulo a quantos, acaso, remissos encontras,
como até agora, prossegue, indefeso, a exortar os consócios.”
O abalador poderoso lhe disse, em resposta, o seguinte:
“Idomeneu, que de Troia não possam, jamais, para a terra
de nascimento voltar, mas por pasto dos cães fiquem todos
quantos nessa hora saírem da luta por próprio alvedrio.
Vai logo as armas buscar e retorna; em conjunto, é forçoso
que algo façamos de bom, muito embora só dois nós sejamos.
Ainda que de homens imbeles reunida é vigor a fraqueza.
Ambos sabemos lutar contra imigos de força provada.”
Volta a ingressar nos trabalhos dos homens, depois dessa fala.
Idomeneu, quando alfim alcançou sua tenda bem-feita,
as belas armas vestiu e, de um par de hastas longas tomando,
torna a voltar, parecendo um dos raios que o filho de Crono,
Zeus poderoso, nas mãos sói vibrar no alto e fúlgido Olimpo,
como sinal para os homens; ao longe o fulgor se irradia:
do mesmo modo, a correr, a armadura no peito lhe esplende.
Perto da tenda encontrou o fiel escudeiro, Meríones,
que para lá também ia, com o fim de tomar uma lança.
Idomeneu, quando o viu, as seguintes palavras lhe disse:
“Filho de Molo, de rápidos pés, caro amigo, Meríones,
por que motivo aqui vens, retirando-te, assim, da batalha?
Achas-te, acaso, ferido, pungindo-te ponta de dardo,
ou, porventura, recado me trazes? Ocioso não quero,
dentro da tenda, ficar, mas de novo voltar para a luta.”
Disse-lhe, então, em resposta, o prudente escudeiro Meríones:
“Idomeneu, conselheiro dos fortes guerreiros de Creta,
venho por uma hasta brônzea, se acaso nas tendas alguma
sobressalente guardaste; a que tinha, partiu-se-me há pouco,
quando a atirei contra o escudo de fero e arrogante Deífobo.”

Idomeneu, dos Cretenses o chefe, lhe disse, em resposta:
“Lanças, se tal desejares, não uma, somente, mas vinte
dentro da tenda acharás, encostadas no muro esplendente.
Lanças Troianas são todas, tomadas dos nossos imigos,
pois nunca luto a não ser frente a frente com meu adversário.
Por isso tenho abundância de lanças, de escudos copados,
elmos e belas couraças que vivo fulgor irradiam.”
Disse-lhe, então, em resposta, o prudente escudeiro Meríones:
“Tenho, também, belo espólio tomado dos Teucros, na tenda
e no navio anegrado; mas longe demais ambos ficam,
pois deslembrado não sou, quero crer, do valor que me é próprio,
sim, nos combates que aos homens dão glória, costumo postar-me
sempre nas filas da frente, ao travar-se a batalha terrível.
A muitos outros Aquivos de vestes de bronze isso pode
ter escapado, mas penso que sabes qual seja o meu brio.”
Idomeneu, dos Cretenses o chefe, lhe disse, em resposta:
“Sei muito bem quanto vales; por que, pois, falar de tal coisa?
Se os mais valentes guerreiros ficássemos junto das naves,
numa emboscada, onde mais se assinala a coragem dos homens
e onde melhor se distingue um poltrão de um guerreiro valente
a cor do rosto do vil de momento a momento se altera;
de ânimo inquieto no peito, não pode tranquilo manter-se,
dobram-lhe os joelhos, titubeia, mudando de pé a toda hora;
batem-lhe os dentes, de medo saltando-lhe dentro do peito
o coração, com violência, ante a ideia das Queres da Morte.
O corajoso, ao contrário, nem muda de cor, nem se mostra
desfalecido desde a hora em que o posto assumiu da emboscada,
só desejando o momento de entrar no combate funesto —
certo, ninguém te faria censura à coragem e ao braço.
Se, porventura, chegares a ser por um dardo atingido,
não há de a nuca, por trás, alcançar-te, sem dúvida alguma;

em pleno peito, isso sim, ou no ventre no instante em que à testa
dos mais valentes guerreiros a ruína ao imigo levares.
Mas, por que causa aqui estamos, desta arte, a falar como crianças,
e a perder tempo, passíveis de alguma censura amargosa?
Vai logo à tenda escolher uma lança de sombra comprida."
Isso disse ele, como Ares veloz, corre à tenda Meríones,
rapidamente, onde escolhe uma lança, voltando a ajuntar-se
a Idomeneu, desejoso somente de entrar em combate.
Tal como ingressa na guerra o deus Ares, aos homens funesto,
acompanhado do filho, o Terror, audacioso e potente,
que medo infunde até mesmo no herói de maior resistência,
e ambos, armados, da Trácia partindo, aos Efiros se ajuntam,
ou aos magnânimos Flégias, sem dar atenção aos instantes
votos das classes em luta, só à eleita ensejando a vitória:
Idomeneu, desse modo, e Meríones, bravos caudilhos,
em bronze fúlgido envoltos, na luta terrível entraram.
Ao companheiro, Meríones fala, primeiro, o seguinte:
"Por onde, caro Deucálida, vais ingressar nos combates:
pela direita do exército, ao centro do imigo investindo,
ou pela esquerda? Receio que aqui, mais que alhures, a luta
desvantajosa se mostre aos Aquivos de soltos cabelos."
Idomeneu, dos Cretenses o chefe, lhe disse, em resposta:
"Junto dos barcos do centro notáveis guerreiros se encontram,
os dois Ajazes e Teucro, o melhor dos archeiros Aquivos
e lutador esforçado nos duros embates de frente.
Penso que bastam para o ímpeto grande deter da investida
do nobre filho de Príamo, Heitor, valoroso guerreiro.
Há de lhe ser mui difícil, embora de lutas sequioso,
sobrepujar-lhes a fúria e vencer-lhes as mãos poderosas,
para lançar fogo às naves; a menos que o próprio Zeus Crônida
um facho aceso resolva arrojar nos navios velozes.

O grande Ajaz Telamônio ninguém poderá dominá-lo,
desde que seja mortal e se nutra dos grãos de Deméter,
e possa ser vulnerado por bronze ou por pedra violenta.
Não cederia terreno, em combate de perto, nem mesmo
ao próprio Aquiles; medir-se com este no curso é impossível.
No lado esquerdo fiquemos, portanto, tal como ora estamos,
para podermos dar glória a qualquer, ou de alguém recebê-la.”
Disse; Meríones, célere como o deus Ares, apressa-se,
té penetrar nas fileiras por onde lhe fora indicado.
Idomeneu, quando o viram os Teucros, qual o fogo violento,
com o escudeiro esforçado, vestido em armas fulgentes,
uns pelos outros chamando, contra eles, num grupo, avançaram.
Junto das popas das naus alastrou-se terrível refrega.
Tal como quando as estradas se encontram cobertas de poeira
e tempestade se eleva, tocada por ventos sonoros,
que, remoinhando, uma nuvem de pó fazem, logo, elevar-se:
os contendores, assim, se travaram, ardendo em desejos
de exterminar o adversário e com bronze aguçado prostrá-lo.
Oferecia a batalha homicida aparência espantosa
pelas inúmeras lanças que as carnes cortavam. De todos
embaralhava-se a vista com o brilho dos elmos de bronze,
as armaduras polidas de fresco, os escudos luzentes,
quando, em tropel, avançavam. Somente audaciosos guerreiros
a esse espetáculo, em vez de tristeza, prazer mostrariam.
Mas com desígnios opostos os dois descendentes de Crono
para os guerreiros mortais maquinavam trabalhos e agruras.
Zeus para os Teucros e Heitor desejava, de fato, a vitória,
para exaltar o Pelida veloz, sem querer, no entretanto,
a destruição, diante de Ílio, de todos os homens da Acaia.
Tétis e o filho magnânimo, apenas, honrar desejava.
Por outro lado, agregou-se aos Aqueus, exortando-os, Posido,

pós ter saído do mar, às ocultas. Doía-lhe vê-los
pelos Troianos vencidos. Assaz contra Zeus se irritava.
Eram de origem idêntica, certo: um só pai ambos tinham;
mas Zeus nascera primeiro e, por isso, sabia mais coisas.
Eis por que às claras auxílio aos Acaios levar não queria;
em forma humana, porém, percorria as fileiras, oculto.
Alternamente, na pugna terrível e horrenda batalha,
tiram os dois pelas pontas extremas da corda inquebrável
e resistente que a muitos os joelhos solver haveria.
Aí, apesar de grisalho, a chamar pelos Dânaos, avança
Idomeneu contra os Teucros, lançando o terror neles todos.
Prostra, de início, Otrioneu, de Cabeso, que viera de pouco
para Ílio sacra, ao chegar-lhe a notícia da guerra famosa,
e ao velho Príamo a filha mais bela pedira, Cassandra,
mas sem pagar dote algum, prometendo fazer alto feito
violentamente expulsar os Aquivos dos plainos de Troia.
O velho ilustre acedeu ao pedido; querendo à promessa
dar cumprimento, estava ele a lutar pela causa de Troia.
Quando, porém, avançava Otrioneu, com a lança potente
Idomeneu o atingiu, sem que amparo lhe fosse nessa hora
a aênea armadura; ferido no meio do ventre pela arma,
com grande estrondo caiu; exultando, exclamou o adversário:
“És, Otrioneu, entre os homens, sem dúvida, o mais venturoso,
se conseguires manter a palavra que deste ao Dardânida
Príamo, quando este fez a promessa de a filha entregar-te.
Sim, nós, também, não ficamos atrás e a palavra empenhamos
de, como noiva, entregar-te a mais bela das filhas do Atrida,
pós conduzirmo-la de Argos, se, acaso, quiseres ao nosso
lado te pôr e expugnar as muralhas altivas de Troia.
Segue-nos, logo, que dentro das naus firmaremos o trato;
intermediários sovinas, de noivos, por certo, não somos.”

Por um dos pés segurando-o, depois de falar, arrastou-o
Idomeneu, pelo campo. Corre Ásio a vingá-lo, sozinho.
Tão perto dele, porém, os cavalos o auriga mantinha,
que lhes sentia nos ombros o bafo. Atingir desejava
a Idomeneu, mas, frustrando-lhe o intento, por baixo da barba
a lança o herói lhe enterrou, indo o bronze nas costas sair-lhe.
Tomba o guerreiro, qual choupo, ou carvalho, ou pinheiro frondoso,
que o carpinteiro no monte, a machado, derruba, com o intento
de um belo mastro, do tronco, fazer, de navio ligeiro;
frente aos cavalos e o carro, desta arte, caiu estendido.
Urra, apertando entre os dedos crispados a poeira sangrenta.
Completamente aterrado mostrou-se o escudeiro prudente,
sem que lhe a ideia ocorreste, sequer, de desviar os cavalos
para escapar ao inimigo. Nessa hora o incansável Antíloco
no corpo a lança lhe atira, sem que a aênea armadura pudesse
o ímpeto da arma deter, que no ventre encravada lhe fica.
Estertorando, do carro bem-feito caiu o guerreiro.
Os corredores, Antíloco, filho do grande Nestor,
tira do meio dos Teucros e, destro, os levou para os Dânaos.
De Idomeneu se aproxima Deífobo, ainda irritado
com a morte de Ásio; a hasta longa e brilhante, de perto, lhe atira.
Ele, porém, que o notara, desviou-se da lança de bronze,
com se acolher sob o escudo redondo por todos os lados,
feito de peles de boi recobertas com bronze lustroso,
de alto lavor, com dois fortes braçais colocados por dentro.
Livra-se, assim, agachando-se; a lança de bronze desviou-se,
pós ter no escudo batido, que então desferiu um som seco.
Mas não debalde da mão vigorosa escapara a hasta longa;
no filho de Hípaso, Hipsénor, guerreiro de prol, encravou-se,
sob o diafragma, no fígado; logo o vigor lhe dissolve.
Em altas vozes Deífobo pôs-se a jactar-se desta arte:

“Ásio, de fato, caiu; mas encontra-se, agora, vingado.
Quando para o Hades descer, estou certo, de sólidas portas,
há de alegrar-se, por ver que lhe dei companheiro de viagem.”
A essas palavras de pura jactância, os Aqueus se irritaram;
mais do que todos, Antíloco sente abalar-se-lhe o peito.
Mas, apesar da aflição, não descuida do caro consócio;
corre a ampará-lo, antepondo-lhe, provido, o fúlgido escudo.
Dois companheiros diletos o corpo dali carregaram,
o divo Alástor e o filho de Equio, o viril Mecisteu,
que para as côncavas naves o levam, gemente e ofegante.
Idomeneu, entretanto, o consueto vigor não perdera,
só desejando envolver a um dos Teucros nas trevas eternas,
ou cair morto ali mesmo e livrar os Aquivos da ruína.
O forte aluno de Zeus, caro filho de Esietes, Alcátoo,
logo prostrou — genro era ele de Anquises, que a filha mais velha
como consorte lhe dera, Hipodâmia, de todas as filhas
a mais querida, não só pelo pai, pela mãe veneranda,
por exceder em talentos, beleza e prudência, às donzelas
da mesma idade. Por esse motivo a escolhera o guerreiro
mais valoroso de quantos em Troia altanada moravam.
Tendo Posido assentado que viesse a cair pela lança
de Idomeneu, paralisa-lhe os membros e a vista lhe ofusca,
sem que pudesse virar-se ou fugir, nem do golpe desviar-se;
e enquanto imóvel se achava, como alta coluna ou frondosa
árvore, atira-lhe a lança no meio do peito o incansável
Idomeneu, lacerando-lhe a bela armada de bronze
que tantas vezes o havia livrado da morte, mas que ora
um ruído seco soltou ao redor da hasta aênea quebrada.
Com grande estrondo caiu, pois a lança se achava fixada
no coração que, a bater ainda um pouco, oscilar a fazia,
té que Ares forte, por fim, fez que a força impetuosa perdesse.

Idomeneu solta um grito exultante, e em voz alta prorrompe:
"Não te parece, Deífobo, bela resposta matarmos
três, por um só que perdemos e que ansa te deu de vanglória?
Vem, desgraçado, prostrar-te defronte de mim, para veres
qual filho Zeus enviou para as plagas Troianas, pois ele
primeiramente ao senhor dos Cretenses gerou, Minos forte;
a Deucalião, o impecável, deu Minos, depois, a existência;
deste nasci, para o mando exercer sobre inúmeros povos
na vasta Creta; ora as naves velozes aqui me trouxeram
para teu mal, de teus pais e dos outros guerreiros Troianos."
Isso disse ele; Deífobo, então, no imo do peito vacila
entre voltar para as filas, a um Teucro valente chamando
para auxiliá-lo, e enfrentar, como estava, a arriscada entrepresa.
Como tais coisas pensasse, afinal pareceu-lhe mais certo
ir por Eneias, que viu junto às últimas filas do exército,
pois de contínuo se achava irritado com o velho monarca,
que lhe negava o devido valor a ele sempre tão forte.
Ao lado dele, postando-se, disse as palavras aladas:
"Vem, conselheiro dos Teucros, Eneias, é tempo de o corpo
do teu cunhado livrares, se acaso te dói vê-lo morto.
Segue-me, para que possas a Alcátoo vingar, que, de criança,
em sua casa te criou, por haver tua irmã desposado.
Idomeneu, o lanceiro famoso, o privou da existência."
Isso disse ele, abalando, sem dúvida, o peito de Eneias
que foi o imigo buscar, desejoso de entrar em combate.
Idomeneu não se pôs a correr, como as crianças o fazem;
põe-se a esperá-lo, qual fero javardo consciente da força,
que os assaltantes aguarda em lugar solitário, ouriçando
as duras cerdas, quando estes em grande tropel se aproximam.
Brilham-lhe os olhos de modo especial; os colmilhos aguça,
de rechaçar desejos a matilha e os monteiros que o investem:

Idomeneu, desse modo, o lanceiro notável, o embate
do grande Eneias espera. Contudo, em redor esguardando,
chama em auxílio os consócios Deípiro, Ascálafo e Antíloco,
mais Afareu e Meríones, todos campeões nos combates.
A estimulá-los, lhes disse as seguintes palavras aladas:
"Vinde em socorro, meus caros, que me acho sozinho; receio
imensamente a investida de Eneias de pés muito rápidos,
de robustez inconcussa para homens matar nos combates,
sobre possuir mocidade, sem dúvida a máxima força.
Se, com este brio que tenho, pudesse igualá-lo na idade,
presto haveria ganhar um de nós uma grande vitória."
A essas palavras, os sócios, levados de igual sentimento,
vieram para onde ele estava, apoiando os escudos nos ombros.
Os companheiros Eneias, também, em redor esguardando,
chama em voz alta os caudilhos dos Teucros: Deífobo, Páris,
e o divinal Agenor. Os guerreiros as tropas seguiram
tal como segue o rebanho, depois de bem farto, a um carneiro,
e vai à fonte beber, alegrando o pastor que o contempla:
grande cortejo de heróis caminhou pós Eneias, que tinha
o coração exultante, ao se ver desse modo atendido.
Logo, com lanças compridas, à volta do corpo de Alcátoo
rude batalha travaram; nos peitos o bronze ressoava
terrivelmente à violência dos golpes que, então, recebiam.
Os dois mais fortes guerreiros, iguais ao deus Ares em tudo,
Idomeneu e o nascido de Anquises, Eneias, ansiavam
reciprocar duros golpes, os membros cortando com bronze.
Idomeneu foi visado, em primeiro lugar, por Eneias;
tendo-o notado, porém, desviou-se da lança de bronze.
A hasta de Eneias, então, foi cravar-se na terra, oscilando,
pós ter partido debalde da mão poderosa do Teucro.
Idomeneu crava a lança no meio do ventre de Enómao:

rompe-se o cavo da coira, enterrando-se o bronze nas vísceras.
Tomba na poeira o Troiano, apertando nas mãos o chão duro.
Idomeneu do cadáver a lança de sombra comprida
puxa, sem ter ocasião de tirar-lhe a armadura brilhante
dos ombros largos, que o imigo, em verdade, o acossava com tiros.
Visto que as juntas dos pés já não tinha flexíveis, e em busca
da própria lança saltar nem desviar-se dos golpes podia,
a Morte cruel evitava galhardo nas lutas de perto;
mas, quando urgia fugir, bem pesados os pés se tornavam.
Enquanto, a passo, recuava, Deífobo a lança brilhante
lhe desferiu, por estar ainda, e sempre, irritado com ele.
Mas novamente falhou, indo a lança bater em Ascálafo,
filho de Eniálio; entre os ombros, a ponta nas costas saiu-lhe.
Tomba na poeira, apertando o chão duro nos dedos crispados.
Ares terrível, de voz penetrante, não tinha sabido
ainda que o filho dileto a existência na pugna perdera,
pois se encontrava no pico do Olimpo, envolvido por nuvem
de ouro, detido por Zeus; outros deuses, também, lá se achavam,
sem que a nenhum fosse lícito parte tomar nos combates.
Rude batalha travaram à volta do corpo de Ascálafo,
a quem Deífobo pôde arrancar da cabeça o elmo claro.
Mas, nesse instante, Meríones, rápido como o próprio Ares,
de um salto o braço lhe fere com a lança, a soltar obrigando-o
o elmo de quatro saliências, que cai, rimbombando, por terra.
Salta, de novo, Meríones, qual velocíssimo abutre,
a hasta impetuosa do braço arrancou-lhe, da parte mais alta,
e para o meio dos seus retornou. Da peleja terrível
tira Polites o irmão, cuidadoso passando-lhe o braço
pela cintura e levando-o para onde os cavalos se achavam,
de veloz curso, que atrás da batalha e da pugna horrorosa
o condutor os detinha com o carro de bela feitura.

Para a cidade, gemente, os cavalos, depressa, o levaram,
muito abatido; do golpe recente escorria-lhe sangue.
Na luta os outros prosseguem; enorme alarido se eleva.
Contra Afareu, descendente do forte Calétor, que o investe,
lança-se Eneias, ferindo-o de rijo no tenro pescoço.
Cai para o lado a cabeça; escapou-se-lhe o escudo e, com ele,
o elmo, cercando-o por todos os lados a Morte funesta.
Tóone volta-se e tenta fugir; mas Antíloco, ao vê-lo
já pelas costas, de um salto o feriu, cerceando-lhe a veia
que todo o dorso percorre, chegando até o alto da nuca.
Corta-a de todo; ao recuar, o guerreiro, perdendo o equilíbrio,
tomba de costas na poeira, a estender para os sócios os braços.
Num salto Antíloco arranca-lhe a bela armadura dos ombros,
sempre a esguardar em redor. Os Troianos, de todos os lados,
lhe desferiam disparos no escudo brilhante, conquanto
não conseguisse o cruel bronze atingir-lhe a epiderme macia,
que junto ao filho do Pílio Nestor se encontrava Posido,
o abalador poderoso, a ampará-lo dos golpes do imigo.
Dos adversários jamais se encontrava afastado o guerreiro.
Sempre para eles voltado, a hasta longa em repouso não deixa;
vibra-a sem pausa, na mente a volver decisões rapidíssimas
sobre a quem fira com flecha ou a quem possa atirar-se de perto.
Por Adamante foi visto como ele, entre a turba, atirava,
o filho de Ásio, que o fere de perto no meio do escudo,
com o bronze afiado. Contudo, Posido, de escuros cabelos,
quebra-lhe a força do golpe, negando-lhe a vida do imigo.
Fica uma parte da lança pregada no escudo de Antíloco,
tal como lenha queimada; a outra parte no chão foi jogada.
Para os consócios recua Adamante, escapando da morte;
mas, nesse instante, entre o pube e o umbigo, seguindo-o, Meríones
a hasta pontuda atirou-lhe, a região, por, sem dúvida, em

que Ares com dores mais excruciantes atinge os mortais infelizes.
Aí a hasta longa lhe enterra; seguindo-a, o guerreiro estorceu-se.
Do mesmo modo que o boi, quando os peões nas montanhas o lançam
e, ainda que muito resista, nas cordas de rasto é levado:
por pouco tempo, não muito, o guerreiro, desta arte, estrebucha,
té que Meríones, mais para perto chegando-se, a lança
lhe despregou das entranhas; de trevas os olhos se cobrem.
Um talho Heleno em Deípiro imprime, na fonte, com o grande
Trácio espadão, esfazendo-lhe o casco de quatro saliências,
que, para longe atirado, caiu a rolar pelo solo,
por entre os pés dos guerreiros, até que o pegasse um dos Dânaos.
Sobre Deípiro a noite baixou, envolvendo-lhe os olhos.
Muito irritado ficou Menelau, de voz forte na guerra,
e, ameaçador, contra Heleno partiu, o notável guerreiro,
a brandir a hasta pontuda; o adversário o arco, logo, prepara.
Os contendores se enfrentam; ferir um deseja o adversário
com a lança aguda; outro a flecha cravar no inimigo deseja.
O Teucro, logo, no Atrida atirou, desferindo-lhe um dardo;
a seta amarga desviou-se, depois de bater na couraça.
Tal como na eira espaçosa os ervanços e as favas escuras
saltam do largo forcão, pelo impulso tocados do forte
ventilador e da força constante dos ventos sonoros:
do mesmo modo da coira do herói Menelau glorioso
foi para longe atirada, desviando-se a seta amargosa.
O grande filho de Atreu, por sua parte, feriu o adversário
na destra que o arco lavrado sustinha, de um lado para o outro
atravessando-o e indo nele empregar-se a hasta longa de bronze.
Para os consócios o Teucro recua, escapando da Morte.
Cai-lhe, sem força, a mão, da qual a hasta de freixo pendia.
Tira-lhe a flecha, depois, Agenor, o magnânimo, e passa-lhe
uma atadura de lã bem-tecida na mão, enfaixando-a,

da funda que para o grande caudilho o escudeiro levava.
Nisso atacou Menelau, rei glorioso, ao Troiano Pisandro,
pelo Destino funesto levado à soleira da Morte,
para por ti, Menelau, ser privado da cara existência.
Quando, um para o outro a avançar, os dois chefes bem perto ficaram
frustra-se o golpe do filho de Atreu, por desviar-se-lhe a lança.
Joga Pisandro no escudo do herói Menelau a hasta longa,
sem que pudesse, entretanto, furá-lo de um lado para o outro,
pois no pavês resistente quebrou-se o pontal da hasta aênea.
Na alma alegrou-se o guerreiro, esperando alcançar a vitória.
Mas Menelau desnudou logo a espada de cravos de prata
e arremeteu contra o imigo que, sob o pavês, segurava
uma secure de bronze especial, bem fixada num cabo
feito de pau de oliveira mui longo; a um só tempo disparam.
Sob o penacho, somente, Pisandro atingiu o adversário,
na crista do elmo. Entretanto, o marido de Helena lhe alcança
no alto, o nariz, cujos ossos, partindo-se, estalaram; na poeira
caem-lhe os olhos, sangrando, bem perto dos pés. A estorcer-se
tomba o guerreiro. Calcando-lhe o peito com o pé, Menelau
as belas armas lhe tira e, a exultar, com a vitória, prorrompe:
“Sequer assim deixareis os navios velozes dos Dânaos,
Teucros soberbos, a quem não saciam jamais os combates!
De vós, cadelas!, me vieram as mais revoltantes ofensas,
como a que contra o meu lar praticastes, sem terdes receio
de Zeus de voz poderosa, que ampara o direito dos hóspedes,
e que há de um dia, decerto, destruir-vos o burgo altanado.
Sobre me haverdes roubado riqueza infinita, trouxestes
minha legítima esposa, apesar de vos ter hospedado.
E ainda por cima quereis destruir-nos as naves ligeiras
com edaz fogo e privar os Argivos da cara existência!
Mas algum dia haveremos de frear-vos o ardor belicoso.

Dizem, Zeus pai, que superas os homens e os deuses com tua
sabedoria; no entanto, provêm de ti, só, tais vilezas,
por tal maneira a estes homens de mente soberba demonstras
parcialidade, os Troianos de espírito sempre perverso
e que jamais se saciam da guerra que a todos iguala.
De tudo os homens se fartam, do amor, do repouso agradável,
do belo canto e das danças graciosas de ritmo sereno,
coisas que mais do que os feros combates a gente deseja.
Tudo sacia. Estes Teucros, somente, não cansam de lutas!”
Tendo isso dito, tirou do cadáver a cruenta armadura
e aos companheiros o filho impecável de Atreu a transmite,
para de novo lutar, entre os seus, nas fileiras da frente.
Salta contra ele Harpalião, que nascera do forte Pilémenes,
e em companhia do qual para Troia sagrada viera,
sem que devesse jamais retornar para a pátria querida.
Fere de perto com a lança no meio do escudo do Atrida,
sendo, entretanto, impossível furá-lo com a ponta de bronze.
Para os consócios o Teucro recua, escapando da Morte,
sempre a esguardar em redor, pelo medo de ser vulnerado.
Mas, perseguindo-o, Meríones joga-lhe a seta de bronze,
pela direita, em a nádega; a seta a bexiga perpassa,
indo sair do outro lado, na frente, por baixo do pube.
No mesmo instante sentou-se e, nos braços dos sócios derreado,
a alma expirou, como verme ficando estendido na terra.
Corre-lhe o sangue de cor anegrada, banhando o chão duro.
Os Paflagônios magnânimos põem-se à volta do corpo,
que sobre um carro colocam, levando-o para Ílio sagrada,
cheios de dor. A chorar, segue o pai o cadáver do filho,
sem que nenhuma vingança lhe fosse, no entanto, possível.
Páris sentiu grande dor com o trespasso do amigo, porque entre
os Paflagônios, há tempos, tinha ele seu hóspede sido.

Muito indignado, uma seta de bronze atirou contra o imigo.
Um tal Euquénor, Coríntio, se achava entre os fortes Aquivos,
nobre e de muitos haveres, nascido do vate Políido,
que para a nave subira consciente do negro Destino
pois muitas vezes o velho Políido lhe havia contado
que vitimado por doença haveria de morrer no palácio,
ou, junto às naus dos Aquivos, ferido por um dos Troianos.
Dessa maneira evitou, a um só tempo, o labéu de covarde
e a triste doença, porque não queria sofrer dores na alma.
Sob a mandíbula Páris o fere; dos membros o espírito
rapidamente lhe foge, envolvendo-o funesta caligem.
Os contendores assim prosseguiam, qual fogo ardoroso.
Ainda ao invencível Heitor, caro a Zeus, a notícia não fora
de que os seus homens à esquerda das naus se encontravam premidos
pelos Argivos, que dentro de pouco alta glória obteriam,
de tal maneira Posido, que a terra sacode, animava
os combatentes Aqueus, sobre ser-lhes de auxílio eficiente.
Do que passava ignorante, onde a porta e a muralha quebrara
ele se achava, no ponto em que as hostes imigas rompera,
junto da praia do mar espumoso, onde as naves recurvas
Protesilau e os Ajazes haviam deixado de início.
Nesse lugar fora o muro construído mais baixo, travando-se
muito impetuosa contenda entre os homens de pé e os de carro.
Os combatentes Beócios e os Jônios de vestes talares,
bem como os Lócrios e os Ftios e os fortes e ilustres Epeios,
dificilmente continham o embate de Heitor, sem poderem
das naus o fogo impetuoso afastar do divino guerreiro.
Dos Atenienses os mais distinguidos aí se encontravam,
sob o comando do herói Menesteu, de Peteu descendente.
Biante o acompanha e, também, o alto Estíquio e Fidante. Os Epeios
por Drácio e Anfião são levados, e o forte Filida Megete.

Os destemidos Medonte e Podarces aos Ftiotas comandam.
Este Medonte era filho bastardo de Oileu, caro aos deuses,
de um dos Ajazes irmão. Em bem-feita morada vivia
na fértil Fílace, longe da pátria, por ter dado a morte
a um indivíduo parente de Eriópide, esposa de Oileu.
De Íficlo o outro era filho, o notável guerreiro Filácida.
À frente, pois, dos Ftiotas, armados, os dois se encontravam,
junto dos homens da Beócia, em defesa das naves escuras.
O ágil Ajaz, descendente de Oileu, não queria afastar-se,
por um momento que fosse, do lado de Ajaz Telamônio.
Como do arado, em terreno maninho, dois bois de cor negra
tiram, com força, com ânimo igual, o que faz porejar-lhes
em torno à base dos chifres erectos o suor abundante,
e vão, assim, a abrir sulco profundo até o fim do terreno,
sem separar-se poderem um do outro, por causa do jugo:
os dois Ajazes, assim, se encontravam contínuo bem juntos.
O grande Ajaz Telamônio por muitos e fiéis companheiros
era auxiliado, aos quais ele entregava o pavês gigantesco
sempre que o suor e o cansaço até os joelhos flexíveis chegavam.
Mas não seguiam os Lócrios ao filho indefeso de Oileu,
por carecerem do ardor para luta de perto enfrentarem;
elmos de bronze de equinos penachos não tinham, de fato,
nem mesmo escudos redondos e lanças compridas de freixo;
tão simplesmente com arcos e fundas de lã bem-tecidas
tinham ido eles aos campos de Troia. Com tiros certeiros
desbaratavam, amiúde, aguerridas falanges de Teucros.
Enquanto, pois, nas fileiras da frente, os demais, arnesados,
contra os Dardânios e Heitor de couraça de bronze lutavam,
eles, ocultos atrás, disparavam seus dardos. Aos Troas
não mais a luta lembrava, aturdidos com tantos disparos.
E, porventura, os Troianos as naves e as tendas teriam

abandonado e corrido para Ílio ventosa, se acaso
Polidamante viril, para Heitor, não houvesse falado:
"É bem difícil, Heitor, ministrar-te conselho prudente.
Porque de um deus recebeste o vigor que te exalta na guerra,
pensas que até nas reuniões em prudência aos demais te avantajas.
Mas é impossível que todos os dotes reunir conseguisses.
A divindade faz que este em ações belicosas se extreme;
danças a este outro concede e, ainda, a cítara e o canto, a terceiros;
bons pensamentos Zeus grande no peito de um outro coloca,
do que os demais tiram grande proveito, que a vida de muitos
salva com sua prudência, apreciando ele o mérito próprio.
Ora falar-te pretendo como acho que seja mais útil.
Vês como o incêndio da guerra se alastra por todas as partes.
Mas, pós haverem transposto a muralha os Troianos valentes,
uns já recuaram com as armas, dispersos no meio das naves;
outros forçados se veem a lutar contra muitos imigos.
Acho que deves recuar e reunir os heróis mais valentes.
Aí deveremos, então, ponderar toda sorte de alvitres,
se é aconselhável cair sobre as naves providas de remos,
caso a vitória um dos deuses nos dê, ou se é mais conveniente
sem grandes perdas deixar os navios. Receio, de fato,
que os combatentes Aquivos nos paguem a dívida de ontem,
pois junto às naus ainda se acha um guerreiro insaciável de lutas
que, por sem dúvida, não ficará muito tempo inativo."
Foi agradável a Heitor o discurso de Polidamante.
Rapidamente do carro pulou, sem que as armas soltasse,
e, para o sócio virando-se, diz-lhe as palavras aladas:
"Polidamante, reúne aqui mesmo os mais fortes guerreiros,
que para aquele outro lado vou logo a lançar-me na luta;
mas voltarei, pós haver transmitido instruções adequadas."
Disse, e partiu, semelhando montanha coberta de neve.

Com grandes gritos as filas dos Teucros e aliados perpassa.
Obedientes às ordens de Heitor, os caudilhos circundam
Polidamante, o magnânimo herói que de Panto nascera,
enquanto Heitor a vanguarda dos seus inspeciona, à procura
do robustíssimo Heleno, possante senhor, de Deífobo,
de Ásio, que de Hírtaco é filho, e Adamante que de Ásio nascera.
Mas nenhum deles ileso encontrou, ou da Morte liberto;
uns, junto às últimas naves dos homens Acaios jaziam,
mortos às mãos dos Argivos; por lanças, de perto, ou por setas,
outros feridos se achavam e aos muros de Troia acolhidos.
No lado esquerdo, porém, da batalha lutuosa ele encontra
Páris, o divo Alexandre, marido de Helena cacheada,
o qual os fiéis companheiros procura animar para a luta.
Chega-se Heitor para perto e de insultos pesados o cobre:
"Páris funesto, de belas feições, sedutor de mulheres,
onde se encontra Deífobo, e Heleno, senhor poderoso?
Onde Ásio, de Hírtaco o filho? Adamante, gerado por Ásio?
Que é de Otrioneu? Do fastígio a altanada cidade dos Teucros
hoje desaba, envolvendo-te, alfim, a precípite Morte."
Páris, de formas divinas, lhe disse, em resposta, o seguinte:
"Teu coração impetuoso te leva a culpar um inocente.
Ainda que em outros momentos me houvesse esquivado da luta,
não me gerou minha mãe de coragem viril destituído.
Desde que à frente dos sócios a guerra aos navios trouxeste,
temos aqui resistido, sem pausa nenhuma, aos Argivos.
Os companheiros a que te referes, a vida perderam.
Desses, apenas Deífobo e a força prestante de Heleno
se recolheram; feridos nos braços por lanças compridas
ambos estão; mas da morte os livrou o nascido de Crono.
Ora comanda, de acordo com teu coração valoroso,
que, de bom grado, te iremos no encalço. Não creio que o brio

venha a faltar-nos, enquanto o vigor animar-nos os membros.
Ainda que o queira, ninguém luta mais do que a força o permite.”
Essas palavras de Páris o peito do irmão abrandaram.
Ei-los que vão para o ponto onde a luta era mais atroadora;
Polidamante aí se achava, o guerreiro ardoroso, e Cebríones,
Falces, Orteu, Polifetes, igual a um dos deuses eternos,
Pálmis, e Móris, e Ascânio, os três filhos do heroico Hipotião,
que tinham vindo de Ascânia feraz, para que outros voltassem
precisamente na véspera. Zeus, ora, à luta os levava.
Iam da mesma maneira que ventos num grande remoinho,
sob o trovão de Zeus Crônida, quando no plaino se abatem
e com barulho terrível às águas se mesclam, fazendo
que ondas inúmeras surjam no dorso do mar atroante
em sucessão infindável, recurvas, com cristas de espuma:
os combatentes Troianos, assim, em fileiras cerradas,
resplandecentes de bronze, aos preclaros caudilhos seguiam.
Segue Heitor, filho de Príamo, à frente dos seus, semelhante
a Ares funesto aos mortais, o pavês sustentando na frente
com muitos couros forjado e uma espessa camada de bronze.
O elmo luzente de belo penacho adornava-lhe as fontes.
Sob o alvo escudo abrigado, movia-se Heitor, procurando
por várias partes fazer que as falanges imigas cedessem.
Mas não logrou abalar a coragem nos peitos Argivos.
A passos largos Ajaz o procura, primeiro, reptando-o:
“Vem para perto, demônio! Por que procurar meter medo
nos combatentes Aquivos? Não somos na guerra inexpertos.
O que sofremos agora é castigo de Zeus tão somente.
Sei que alimentas, há muito, a esperança de um dia destruíres
nossos navios; contudo ainda temos defesa nos braços.
Mas, antes disso, hás de ver a altanada cidade dos Teucros
por nossas mãos conquistada e seus bens pelos Dânaos levados.

Enquanto a ti, julgo próximo o instante em que devas, fugindo,
preces a Zeus levantar e às demais sempiternas deidades,
para que vençam aos próprios gaviões teus vistosos cavalos,
quando no plaino fizerem que poeira infindável se eleve.”
Nesse entrementes, uma águia de altíssimo voo passou-lhe
pela direita. Os Aqueus levantaram um grito de júbilo,
encorajados. Heitor lhe responde, o alto filho de Príamo:
“Que proferiste, profeta infeliz, charlatão sem medida?
Se eternamente eu pudesse viver como filho de Zeus
fulminador e me houvesse, também, Hera augusta gerado,
com honrarias divinas iguais às de Atena e de Apolo,
como é certeza este dia trazer para todos os Dânaos
a destruição! Tu, também, cairás morto, se, acaso, enfrentares
a minha lança comprida, que a pele macia em retalhos
te deixará. Junto às naus dos Acaios, então darás pasto
com tuas pingues entranhas aos cães e aos abutres de Troia.”
Isso dizendo, adiantou-se; seguiram-no os chefes preclaros
com altos gritos: a tropa os imita com grande alarido.
Grande alvoroto, também, entre os Dânaos se eleva, sem que a
eles o garbo próprio esquecesse, aguardando dos Teucros o embate.
Chega até o éter e a Zeus resplendente o clamor dos exércitos.

CANTO XIV

O ENGANO DE ZEUS

“Nestor, que curava Macáone, sai para ver uma gritaria e encontra Agamémnone, Diomedes e Odisseu feridos. Então, fazem uma reunião e Agamémnone decide fugir. Odisseu é contra e Diomedes sugere voltar ao combate. Posido acalma Agamémnone. Hera, então, se prepara para seduzir Zeus. Pedindo emprestado um cinto de Afrodite e pedindo ajuda ao Sono, acaba conseguindo adormecer o esposo. Posido insufla força aos Gregos, que ganham vantagem. Ajaz fere Heitor, que se retira da batalha. Os Gregos expulsam os Troianos para longe dos navios, e Ajaz, o Oileu, os persegue com muito furor.”

Não escapou a Nestor o tumulto, conquanto estivesse
ainda a beber. Para o filho de Asclépio, virando-se, fala:
“Que desenlace presumes vão ter estas coisas, Macáone?
Mais alto a grita dos jovens ao pé dos navios se eleva.
Fica sentado aqui dentro, bebendo do vinho espumoso,
té que água quente Hecamede de tranças bonitas apreste
para banhar-te e dos grumos de sangue limpar-te as feridas.
Eu, sem demora, de um ponto apropriado, vou ver o que passa.”
Tendo isso dito, Nestor lança mão do broquel bem-lavrado
que o picador Trasimedes, seu filho, deixara na tenda,

por ter levado o do ancião; era todo de bronze esplendente.
Pega da lança possante, munida de ponta de bronze,
e para fora corre, contemplando o espetáculo triste:
de um lado, em fuga, os Aquivos; impando de orgulho, os
do outro, a acossá-los, depois de passada a defesa do muro.
Do mesmo modo que o mar se escurece e os impulsos refreia,
quando pressente o violento caminho dos ventos sonoros,
quieto, sem que onda nenhuma permita que túmida se alce,
té que um dos ventos furiosos não seja mandado por Zeus:
o coração de Nestor, indeciso, igualmente, se mostra,
entre agregar-se aos consócios, os fortes guerreiros da Acaia,
e ir à procura do Atrida Agamémnone, rei poderoso.
Como tais coisas pensasse, afinal pareceu-lhe mais certo
em pós do Atrida sair. Entrementes, prosseguem na luta
os contendores, fazendo que o bronze das armas ressoasse
nos fortes peitos, aos golpes de espadas e lanças compridas.
Descem das naus, nesse instante, saindo ao encontro do velho
Pílio, Nestor, os monarcas preclaros que estavam feridos:
o nobre Atrida Agamémnone, o divo Odisseu e o Tidida,
que, antes de todos, haviam as naus para o seco puxado,
longe do campo de luta, na beira do mar espumoso.
O muro fora construído por trás da que estava mais no alto,
que não podia a ribeira, ainda que ampla, em verdade, ela fosse,
todas as naus comportar em tamanha apertura de gentes.
Em diferentes fileiras estavam dispostas, ao longo
de toda a praia extensíssima que entre os dois cabos se encontra.
Os três preclaros guerreiros, a par, apoiados nas lanças,
iam, com o fim de observar a batalha, sentindo apertar-se-lhes
o coração no imo peito. A chegada do velho Nelida
deixa mais grave no peito dos chefes Aquivos a angústia.
Pondo-se o Atrida a falar, a Nestor a palavra dirige:

“Máxima glória dos povos Acaios, Nestor de Gerena,
por que motivo deixaste a batalha homicida e aqui vieste?
Temo que Heitor, desta vez, em verdade, consiga dar corpo
plenariamente às ameaças que fez na reunião dos Troianos,
de não voltar para Troia sem ter, antes disso, os navios
todos queimado e extinguido aos Argivos a cara existência.”
Isso disse ele; e, em verdade, ora a tudo vai dar cumprimento.
Pobre de mim, pois bem vejo que, assim, como Aquiles, magoados
se acham agora comigo os Acaios de grevas bem-feitas,
pois já não querem lutar junto às popas das naves escuras.”
Disse-lhe, então, o Gerênio Nestor, condutor de cavalos:
“Quanto disseste, em verdade, já está consumado; nem Zeus
fulminador poderia, já agora, fazer de outro modo.
Jaz arruinado o alto muro em que tanto confiávamos, certos
de que seria defesa eficaz para as naus e os guerreiros.
Ao lado, agora, dos nossos navios a luta prossegue.
Ainda que muito esguardasses, saber te seria impossível
para que banda os Aqueus, destroçados, em fuga se foram,
tão baralhada é a peleja, atingindo o alarido o céu alto.
Deliberemos, entanto, o que importa fazer em futuro,
se de algo valem conselhos, pois julgo imprudência voltarmos
para o combate; os feridos são pouco eficientes na luta.”
Disse-lhe, então, em resposta, Agamémnone, rei poderoso:
“Visto, Nestor, já lutarem os nossos nas popas das naves,
sem que de auxílio nenhum lhes servisse o alto muro e o profundo
fosso que os Dânaos construíram com tanta fadiga, confiantes
de que seriam defesa eficaz para as naus e os guerreiros,
é que, sem dúvida, a Zeus potentíssimo deve ser grato
que longe de Argos, sem glória e sem nome, os Acaios pereçam.
Antes, bem via que aos Dânaos, benigno, ele sempre auxiliava;
mas como deuses eternos, agora, ele exalta os Troianos,

nossos imigos, e os braços e as forças com peias nos tolhe.
Ora façamos conforme eu o disser; obedeçam-me todos.
Sem mais demora arrastemos as naus que se encontram mais perto
da praia extensa e as lancemos às ondas divinas, bem longe,
onde o mar for mais profundo, firmando-as com as pedras das âncoras,
para aguardarmos a Noite imortal. Caso os Teucros se abstenham
de combater, poderemos, talvez, pôr a nado elas todas.
Não é vergonha fugir, ainda mesmo que seja de noite.
É preferível da ruína escapar a ser presa do imigo.”
Com torvo olhar lhe responde Odisseu, o guerreiro solerte:
“Filho de Atreu, que palavras soltaste do encerro dos dentes?
Fora mais certo, infeliz, exerceres teu mando em covardes
do que mandares em nós, a quem Zeus destinou desde os anos
mais florescentes té a extrema velhice, té vir a extinguir-se
a luz da vida, enfrentar os trabalhos terríveis da guerra.
Pensas, então, seriamente, em deixar a cidade espaçosa
desses Troianos, por causa da qual tantas dores sofremos?
Cala-te! não aconteça que os outros Aquivos escutem
essas palavras. Jamais ciciá-las, sequer, poderia
quem de prudência dotado, soubesse dizer o que pensa,
máxime sendo monarca cetrado, como és, de quem tantos
povos as ordens escutam, senhor dos guerreiros Aquivos.
Só me provoca à censura essa tua proposta imprudente.
Ora que a dura peleja ainda se acha indecisa, aconselhas
a que arrastemos as naus para o mar! Isso mesmo os Troianos
desejariam, nesta hora em que força tamanha demonstram.
Mas, para nós, será a ruína, que os homens Aquivos, é certo,
desistirão do combate, se as naus para as ondas puxarmos,
sim, procurando recuar, mostrar-se-ão descuidados e imbeles.
É por demais pernicioso esse plano, pastor de guerreiros.”
Disse-lhe o chefe de heróis, Agamémnone, o seguinte, em resposta:

“Tua censura, Odisseu, rigorosa, calou-me no espírito.
Não tencionava, contudo, obrigar os guerreiros Aquivos,
a seu mau grado, a puxarem as naus para as ondas divinas.
Se ora encontrássemos quem aventasse mais grato conselho,
ou moço ou velho guerreiro, dar-lhe-ia a atenção merecida.”
Disse-lhe, então, em resposta, Diomedes, de voz poderosa:
“Não percais tempo, que esse homem bem perto se encontra,
se ouvido ora quiserdes prestar-lhe, sem sombra de zanga ou
despeito, só pelo fato de eu ser o mais moço dos chefes presentes,
que me envaideço, também, de progênie preclara, pois filho
sou do valente Tideu, que ora jaz sob o solo de Tebas.
Três filhos teve Porteu, todos eles de fama excelente,
que em Calidona e Pleurona seus belos palácios construíram:
Ágrio, Melante, o alto Eneu, o viril domador de cavalos,
pai de meu pai, que os valentes irmãos em valor excedia.
Esse na pátria ficou: pós vagar algum tempo, para Argos
veio meu pai, por desígnio de Zeus e das outras deidades,
onde casou com uma filha de Adrasto e morada construiu
rica de todos os bens. Possuía, além disso, agros férteis
com alamedas dispostas à volta, de plantas frutíferas,
e numerosos rebanhos; na lança excedia os Argivos.
Certo já ouvistes falar de tudo isso que acabo de expor-vos.
Não deveis, pois, presumir que de estirpe somenos, provenho,
para negardes, por isso, atenção ao meu plano acertado.
Eia! volvamos à liça conquanto feridos; é urgente;
mas conservemo-nos sempre a de parte, ao abrigo dos tiros,
porque não venha ninguém a sofrer mais alguma ferida.
Estimulemos, contudo, os demais, exortando os que cedem
às indolentes propostas, abstendo-se, assim, dos combates.”
Isso disse ele; os presentes, de pronto, ao conselho obedecem,
pondo-se em marcha; guiava-os o chefe de heróis, Agamémnone.

Mas não vigiava debalde o deus grande que a terra sacode.
Por sua vez, assumindo a figura de um velho, no meio
deles, entrou, tomou a destra do filho de Atreu, Agamémnone,
e, principiando a falar, lhe dirige as palavras aladas:
"Há de exultar, Agamémnone, certo, no peito de Aquiles,
o coração pernicioso, ao ver ele a derrota dos Dânaos,
pois se revela privado de todo o resquício de senso.
Ah! se ele viesse a morrer e um dos deuses lhe a vista apagasse!
Enquanto a ti, os eternos não se acham de todo zangados.
Dentro em pouco hão de príncipes Teucros e seus conselheiros
de poeira o plaino cobrir; hás de ver com teus olhos como eles
as naus e as tendas nos deixam, correndo em demanda dos muros."
Pós ter falado, se pôs a correr, levantando alto grito.
Com alarido que soem fazer nove ou dez mil guerreiros
de uma só vez quando se acham travados em dura batalha,
o abalador poderoso, desta arte, soltou do imo peito
a voz pujante, insuflando vigor nos guerreiros Aquivos,
para que firmes lutassem e a luta até o fim conduzissem.
Do alto de um pico do Olimpo, Hera augusta, do trono dourado,
o que passava no plaino admirava. De pronto a Posido
reconheceu na peleja que aos homens dá glória. Cunhado
e ao mesmo tempo irmão lhe era. A essa vista alegrou-se-lhe o peito.
A Zeus percebe, porém, logo após, no Ida augusto sentado,
de muitas fontes, turvando-se-lhe a alma com fundo desgosto.
A deusa de olhos bovinos se pôs a pensar na maneira
como lhe fosse possível a Zeus iludir poderoso.
No imo do espírito, alfim, parece-lhe o melhor artifício
ir até o Ida, depois de ataviar-se por modo impecável,
para ver se ele mostrava desejos de ao lado deitar-se-lhe
e ela pudesse, depois, derramar-lhe profundo e agradável
sono nas pálpebras firmes e, assim, no sagaz pensamento.

Foi, logo, para o aposento que Hefesto, seu filho, construíra,
nos fortes quícios a porta de bela feitura adaptando,
com fechadura secreta, a nenhum outro deus revelada.
Pós ter entrado no tálamo, a porta brilhante ela fecha.
Primeiramente, com ambrosia lavou todo o corpo excitante,
para deixá-lo sem mancha, passando na cute, em seguida,
óleo divino, de tanta fragrância dotado, inefável,
que, só com ser agitado no sólio de bronze de Zeus,
o céu e a Terra deixava, de pronto, por ela impregnado.
Logo que os membros venustos de ungir acabou Hera augusta,
e de pentear os cabelos, as tranças brilhantes ajeita,
belas de ver e divinas, que o rosto imortal lhe emoldavam.
Cinge, depois, as magníficas vestes que Atena lhe havia
com diligência tecido, adornando-a com muitos recamos,
e com fivela dourada prendeu-a na frente do peito.
O cinto passa, em seguida, enfeitado com cem belas franjas,
e nas orelhas de furos bem-feitos coloca pingentes,
cada um com tríplice gema ofuscante, de graça indizível.
De brilho igual ao do Sol era o véu de feitura recente
com que a magnífica deusa cobriu o semblante divino.
Calça, a seguir, as formosas sandálias nos pés delicados.
Pós ter o corpo ataviado com todos os belos adornos,
do quarto a deusa saiu, e, chamando Afrodite a de parte
dos outros deuses eternos, lhe disse as seguintes palavras:
“Filha querida, achar-te-ás inclinada a fazer-me um obséquio,
ou me dirás que é impossível, zangada, porque favoreço
os combatentes Aquivos e tu dás auxílio aos Troianos?”
Disse-lhe a filha de Zeus, Afrodite, o seguinte, em resposta:
“Hera, a quem muito venero, nascida de Zeus poderoso,
fala o que queres, que o perito me manda acatar-te o desejo,
se for, de fato, exequível e em mim estiver realizá-lo.”

Com solapada intenção Hera augusta lhe disse, em resposta:
"Dá-me o desejo e o feitiço do amor com que sempre domaste
todos os deuses eternos e os homens de curta existência.
Tenho o propósito de ir visitar, nos confins da alma Terra,
o pai de todos os deuses eternos, o Oceano, e a mãe Tétis,
que em seu palácio com muito carinho me criaram, tomando-me
das mãos de Reia, no tempo em que Zeus que mui longe discerne
pôs Crono embaixo da terra fecunda e do mar incansável.
Vou visitá-los, com o fim de compor-lhes antiga discórdia.
Há muito que ambos o leito apartaram, desta arte se abstendo
dos gratos elos do amor, por se acharem inflados de cólera.
Se conseguisse acalmar-lhes o peito com minhas palavras
e os demovesse a reatar os liames do amor inefável,
muito mais digna de apreço e estimada por ambos seria."
Disse-lhe, então, em resposta, Afrodite, dos risos amante:
"Não poderei recusar o que pedes; seria injustiça,
porque repousas nos braços do filho de Crono tortuoso."
O cinto, então, recamado, depois de falar, ela tira,
onde reunidos soía trazer toda sorte de encantos:
nele os desejos, o amor nele havia, os colóquios suasórios
dos namorados, que aos mais circunspectos o senso conturba.
Ao lho entregar, Afrodite lhe disse as seguintes palavras:
"Toma-o; no seio tu própria ora deves guardá-lo, cuidosa,
que toda sorte de encantos encerra; não creio que voltes
sem que consigas levar a bom termo o que na alma excogitas."
Hera, a magnífica, de olhos bovinos, sorriu, escutando-a;
e sempre um riso a esboçar, ocultou logo o cinto no seio.
Enquanto a filha de Zeus, Afrodite, reentrava na régia,
Hera, de um salto, baixou das cumeadas do Olimpo altanado.
Passa por cima de Piéria, da fértil paragem de Emátia
e pelos campos nervosos dos Trácios que criam cavalos,

sempre a pairar sobre os picos, sem nunca roçar no chão duro.
Do Atos, enfim, para o mar espumoso baixando, ela alcança
Lemno, a bela cidade de Toante, o divino guerreiro.
Quando esse ponto alcançou, viu o Sono, que irmão é da Morte:
toma-lhe a mão, logo, a deusa, e lhe diz as seguintes palavras:
“Sono, que todos os deuses dominas e todos os homens,
como de feita anterior, ora deves, também, dar ouvidos
ao que te passo a dizer; ficar-te-ei sempre grata por isso.
Faze que os olhos brilhantes de Zeus adormeçam nas pálpebras,
logo que o vires nos brincos do amor ao meu lado deitado.
Em recompensa, hei de dar-te um belíssimo trono, perene,
de ouro maciço, trabalho de Hefesto, meu filho robusto,
de primorosa feitura, provido, também, de escabelo
para que os pés delicados descanses nos lautos banquetes.”
Disse-lhe o Sono agradável, então, o seguinte, em resposta:
“Hera, a quem muito venero, nascida de Zeus poderoso,
a qualquer outro dos deuses, dotados de eterna existência,
adormecera de grado, ainda mesmo que fosse a corrente
do rio Oceano, que é a origem primeira de todos os seres.
A aproximar-me, porém, não me atrevo do filho de Crono,
para fazer que adormeça, a não ser que ele próprio o ordenasse.
Tua incumbência anterior me ensinou a ser mais comedido,
quando, depois de destruir a cidade dos Teucros, o filho
muito animado de Zeus se afastou das paragens Troianas.
O entendimento de Zeus embotei, difundindo-lhe à volta
suave torpor. Para que Héracles forte, então, viesse a perder-se,
hórridos ventos fizeste baixar sobre o mar agitado,
que à populosa cidade do Cós, afinal, o atiraram
longe dos seus. Despertando, furioso se mostra Zeus grande;
os outros deuses maltrata, buscando-me em todos os cantos,
e destruir-me-ia, talvez, atirando-me do éter às ondas,

não fosse a Noite salvar-me, que os deuses e os homens impera.
A ela me acolho, refreando Zeus Crônida a cólera imensa,
pelo receio de à rápida Noite causar desagrado.
E ora desejas, de novo, atirar-me ainda à empresa arriscada?”
Hera, a magnífica, de olhos bovinos, lhe disse, em resposta:
“Sono, por que tais conceitos, agora, na mente avivares?
Pensas, então, que Zeus se acha disposto a amparar os Troianos,
tal como quando enraivou por amor de seu filho, o grande Héracles?
Vamos, em paga prometo entregar-te a mais moça das Graças,
para que esposa te seja e lhe dês esse nome afetuoso,
sim, Pasiteia, por quem tens mostrado paixão desde muito.”
O Sono, alegre acolhendo as palavras da deusa, lhe disse:
“Feito! Mas, jura-me, então, pelas águas do Estige funesto,
uma das mãos encostando na terra que nutre os viventes
e a outra no mar cintilante, porque testemunha nos sejam
as subterrâneas deidades que à volta de Crono demoram,
de que a promessa me fazes de dar-me a mais moça das Graças,
sim, Pasiteia, por quem desde muito me sinto inflamado.”
Hera, de cândidos braços, de pronto obediente se mostra,
e o juramento prestou, como o Sono o pedira, invocando
todos os deuses de nome Titãs, habitantes do Tártaro.
Tendo ela, pois, completado as palavras da fórmula sacra,
deixam os dois, Imbro e Lemno, envolvidos em nuvem espessa
que os ocultava; com rápido curso o caminho perfazem.
O Ida alcançaram, por fim, rico em fontes, de feras abrigo,
e junto a Leto saíram do mar, prosseguindo por terra.
Tremem-lhe embaixo dos pés, agitadas, as copas das árvores.
Nesse lugar para o Sono, não fosse Zeus grande avistá-lo,
onde subiu para altíssimo abeto que, mais do que as outras
árvores, no Ida crescera, expandindo-se no ar até o éter.
Entre a ramagem espessa do abeto vultoso ocultando-se,

a forma toma de um gárrulo pássaro, próprio dos montes.
Cálcis é o nome que os deuses lhe dão, mas os homens, Cimíndis.
Hera aproxima-se, entretanto, apressada, da ponta do Gárgaro,
no Ida altanado. Enxergou-a Zeus grande, que as nuvens cumula,
e, logo, o espírito sente envolvido por cálido anelo,
como se deu, quando os dois, num só leito enlaçados, fruíram,
às escondidas dos pais, as primícias do amor, inefáveis.
Logo, avançando para ela, lhe disse as seguintes palavras:
"Hera, que causa te trouxe do Olimpo até aqui? Que desejas?
Não vejo o carro, os cavalos não vejo, que possa levar-te."
Com solapada intenção Hera augusta lhe disse, em resposta:
"Tenho o propósito de ir visitar, nos confins da alma Terra,
o pai de todos os deuses eternos, o Oceano, e a mãe Tétis,
que em seu palácio bem-feito com muito carinho me criaram.
Vou visitá-los, com o fim de compor-lhes antiga discórdia.
Há muito que ambos o leito apartaram, desta arte se abstendo
dos gratos elos do amor, por se acharem inflados de cólera.
Os corredores deixei-os no pé do Ida augusto, de fontes
inumeráveis, que me hão de levar pelo mar e por terra.
Ora do Olimpo desci simplesmente com o fim de avisar-te,
para evitar que ficasses zangado se, acaso, me fosse
sem nada dizer ao palácio do Oceano de curso profundo."
Disse-lhe, então, em resposta, Zeus grande, que as nuvens cumula:
"Hera, bem podes adiar algum tanto a visita que dizes.
Ora subamos ao leito e os prazeres do amor desfrutemos.
Nunca uma deusa ou mulher fez nascer-me paixão tão violenta
como a que o peito me invade nesta hora e o subjuga, inundando-o.
Nem a consorte de Ixião, de quem tive, já há tanto, Pirítoo,
entre os mortais qual um deus, de intelecto divino exornado;
nem mesmo Dânae, de belos artelhos, a filha de Acrísio,
de quem Teseu foi gerado, varão de excelente virtude;

nem, ainda, a filha do muito afamado Fenice, que Minos
e Radamanto gerou, semelhantes aos deuses eternos;
nem a princesa de Tebas, Alcmena, nem Semele, ainda —
Héracles forte, de peito leonino, proveio daquela;
desta, Dioniso, chamado na Terra Delícia dos Homens —
nem a querida Deméter, rainha de tranças venustas,
nem Leto amada, a gloriosa, nem mesmo tu própria, antes de hoje,
gratos anelos em mim despertou, como os que ora me inflamam.”
Com solapada intenção Hera augusta lhe disse, em resposta:
“Filho de Crono terrível, por que deste modo me falas?
Queres, realmente, deitar-te ao meu lado, em conúbio amoroso,
no cimo do Ida, lugar devassável de todos os pontos?
E se, entrementes, alguma deidade de eterna existência
nos visse juntos no leito e, em seguida, saísse a contá-lo
aos outros deuses?! Não mais poderia voltar ao palácio,
pós levantar-me, que mui censurável seria tal coisa.
Mas se o quiseres, realmente, e se gozo te der isso ao peito,
ao teu dispor tens o quarto que Hefesto, teu filho dileto,
com muito zelo construiu, de mui sólidas portas provido.
Para esse quarto nos vamos, se tanto o conúbio te agrada.”
Disse-lhe, então, em resposta, Zeus grande, que as nuvens:
cumula: “Fica tranquila; não tenhas receio de que homens nem
deuses te possam ver, pois farei que te envolva uma nuvem dourada,
densa o bastante, de forma que invisos fiquemos té, ainda,
ao próprio Sol, cujos raios brilhantes por tudo penetram.”
Pós ter falado, nos braços Zeus grande apertou a consorte.
Fez, logo, que erva florida da terra divina crescesse,
loto rociado e virente, açafrão prazenteiro e jacinto
que, numa alfombra adensados, o par solevou do chão duro.
Ambos aí se deitaram, cobertos por nuvem dourada,
bela de ver, donde gotas de orvalho luzente caíam.

O pai, desta arte, dormia, tranquilo, no cimo do Gárgaro,
sob a potência do amor e do Sono, nos braços da esposa.
O Sono suave depressa correu até as naves Aquivas
para recado levar ao deus forte que a terra sacode.
Pôs-se-lhe ao lado e lhe disse as seguintes palavras aladas:
"Ao teu alvitre, Posido, socorre os Aquivos e dá-lhes
glória, ainda mesmo que seja por pouco, que Zeus poderoso
se acha emergido em profundo letargo, por mim produzido.
Hera o induziu a deitar-se-lhe ao lado, em conúbio amoroso."
Tendo isso dito, às nações se dirige dos homens famosos,
pós ter ao divo Posido incitado a ajudar os Acaios,
que para as filas avança da frente, a exclamar imperioso:
"Mais uma vez cederemos, Argivos, a Heitor a vitória,
para que as naus nos destrua e alta glória a alcançar assim venha?
É o que ele ameaça, jactando-se, até, que o fará, dês que Aquiles
se recolheu aos navios bojudos, tomado de cólera.
Falta sensível, porém, este Aqueu não fará, se estivermos
todos alertas e dispostos a apoio prestar-nos recíproco.
Ora façamos conforme eu o disser; obedeçam-me todos.
Os mais prestantes escudos, de mor amplitude, embracemos,
e nas cabeças ponhamos os elmos de brilho mais forte.
Isso acabado, empunhemos as lanças de sombra comprida
e contra o imigo marchemos. Serei vosso guia; não creio
que possa Heitor resistir-nos, conquanto guerreiro esforçado.
Os que estiverem providos de escudos pequenos, por outros
façam barganha com quem nos combates mais fracos se mostre."
Isso disse ele; os presentes, de pronto, ao conselho obedecem.
Os três monarcas, conquanto feridos, também se aprestaram,
o nobre Atrida, o divino Odisseu e o Tidida valente,
que, percorrendo as fileiras, cuidavam da troca das armas,
aos mais valentes as boas, aos fracos as menos prestantes.

Logo que os membros cingiram com o lúcido bronze, a caminho
todos se lançam; guiava-os Posido de escuros cabelos,
uma terrível espada vibrando, de folha comprida,
relampagueante. No prédio imiscuir-se, em verdade, com ela,
era defeso; contudo, terror infundia no imigo.
Os picadores Troianos, Heitor, por seu lado, alinhava.
Por esse modo a batalha terrível em ordem dispunham
o incomparável Heitor e Posido de escuros cabelos,
a pró dos Teucros, aquele; este, ao lado dos homens de Acaia
túmido, o mar sobe às tendas e naus dos guerreiros Argivos;
os contendores se chocam no meio de grande alarido.
Tão fortemente não bramam as ondas nas praias sonoras,
quando no pelasgo Bóreas começa a soprar impetuoso;
nem tanto estrépito as chamas levantam de incêndio vorace,
que nos convales dos montes destroem florestas virentes;
nem tal barulho produzem nas copas dos altos carvalhos,
quando os agitam, os ventos que mais fortemente ressoam,
como o fragor horroroso que as vozes dos homens Aquivos
e dos Troianos causavam, quando eles o assalto iniciaram.
Logo de entrada, o impecável Heitor joga a lança comprida
no Telamônio que vinha contra ele, sem que o alvo perdesse,
pois acertou bem no ponto em que os bálteos no peito cruzavam,
o do pavês e o da espada adornada com cravos de prata,
que de defesa serviram à pele macia. Indignado
se mostra Heitor, quando viu que, frustrânea, a hasta longa jogara.
Para as fileiras dos seus retrocede, escapando da morte.
O grande Ajaz, enquanto ele recuava, atirou-lhe uma pedra,
das numerosas que havia no campo e serviam de calço
para os navios. Soerguendo-a de junto dos pés, acertou-lhe
sob o pescoço, no peito, por cima da borda do escudo,
o que o obrigou a rodar como um pião, sem poder dominar-se.

Tal como, sob a violência do raio de Zeus, vem abaixo
roble gigante, espalhando ao redor cheiro forte de enxofre —
dificilmente a coragem manter conseguiria quem perto
dele, nessa hora, se achasse, que o raio de Zeus é terrível —,
o robustíssimo Heitor, desse modo, rolou na poeira.
Foge-lhe a lança da mão; o elmo e o escudo por cima lhe caem,
e alto ressoa-lhe à volta a armadura de bronze lavrado.
Com grandes gritos os homens da Acaia para ele acorreram,
certos de o corpo arrastar; crebros dardos em torno, choviam-lhe,
sem que ninguém conseguisse, contudo, de perto ou de longe
o cabo insigne ferir, pois cercaram-no, logo, os caudilhos
mais valorosos: Eneias, o divo Agenor, Glauco forte,
Polidamante, caudilho dos Lícios e o claro Sarpédone.
Os demais Teucros, também, não remissos, o cercam, cobrindo-o
com os manejáveis broquéis. Os consócios o braço lhe passam
pela cintura e o levaram para onde os cavalos se achavam,
de veloz curso, que atrás da batalha e da pugna horrorosa
o condutor conservava com o carro de bela feitura.
Para a cidade, gemente, os cavalos, depressa, o levaram.
Mas, quando o vau alcançaram do rio de bela corrente,
o divo Xanto, revolto, que Zeus sempiterno gerara,
logo do carro o tiraram e o rosto com água lhe aspergem.
Recuperou, presto, Heitor, os espíritos; olha à sua volta
e, sobre os joelhos alçando-se, vômito negro expeliu.
Volta a cair, ressupino, no solo, cobrindo-lhe os olhos
noite pesada, porque a alma ainda o golpe violento a oprimia.
Quando os Argivos notaram que Heitor da peleja saíra,
com novo ardor belicoso atiraram-se contra os Dardânios.
Antes de todos, Ajaz, o veloz descendente de Oileu,
de um pulo a Sátnio feriu com a lança aguçada, guerreiro
por uma ninfa mui bela com Énopo forte gerado,

quando este os próprios rebanhos pascia nas margens do Sátnio.
A ele achegando-se, o claro lanceiro de Oileu descendente
a hasta no flanco lhe enterra; desaba o guerreiro; terrível
luta entre Aquivos e Teucros à volta do corpo se ateia.
Polidamante, o lanceiro famoso, acorreu em defesa,
filho de Panto, que no ombro direito atirou a hasta longa
de Protoénor, de Areílico nado, onde fica oscilando. Ei-lo que tomba
na poeira, apertando nas mãos o chão duro.
Polidamante, a gritar jubiloso, desta arte prorrompe:
"Penso que o braço robusto do filho valente de Panto
não desferiu sem proveito a hasta longa de sombra comprida.
Um dos Argivos no corpo a acolheu; vai servir-lhe de báculo,
creio, na viagem que empreende para o Hades de portas sombrias."
Cheios de dor os Argivos ficaram com essa jactância.
Mais do que todos, Ajaz Telamônio sentiu conturbar-se-lhe
a alma ardorosa, que o fiel Protoénor caíra ao seu lado.
Sem perder tempo, de um salto, a hasta longa e brilhante arremessa.
Salta de viés o caudilho dos Lícios, fugindo da Parca;
mas foi no corpo do filho do grande Antenor, o alto Arquéloco,
a hasta encravar-se, que à Morte já os deuses o haviam fadado.
O bronze o atinge no ponto em que se une o pescoço à cabeça,
na última vértebra, os dois ligamentos ali seccionando,
de forma tal que, primeiro que as coxas do herói e os joelhos,
a testa, a boca e o nariz, ao tombar, no chão duro tocaram.
Por sua vez grita Ajaz Telamônio ao caudilho dos Lícios:
"Polidamante, sê franco, uma vez pelo menos, e dize-me
se a morte deste varão não compensa a do herói Protoénor.
Vil não parece ele ser, nem de pais despiciendos oriundo,
mas, por sem dúvida, irmão de Antenor, domador de cavalos,
ou, talvez, filho, que um ar de família nos traços revela."
Disse de caso pensado; aos Troianos a dor invade a alma.

Mas, logo após, Acamante a hasta longa enterrou no Beócio
Prómaco, quando este o corpo do irmão arrastar procurava.
Com voz estrídula, exclama Acamante, a exultar, deste modo:
"Dânaos, heróis fanfarrões, que somente alardeais valentia,
não simplesmente aos Dardânios trabalhos e dores afligem;
heis de ser presa, também, algum dia, da Parca funesta.
O vosso Prómaco, vede-o a dormir no chão duro, vencido
por minha lança, que a paga da morte do irmão diletíssimo
não padecesse demora. Por isso o homem forte deseja
que no palácio lhe fique um parente capaz de vingá-lo."
Cheios de dor os Argivos ficaram com essa jactância.
Mais do que todos, o herói Peneleu sente o peito abalar-se-lhe.
Lança-se contra o Troiano, que o impulso do herói valoroso
não sustentou. Joga o rei a hasta longa no Teucro Ílioneu,
filho do rico Forbante, a quem mais do que aos outros Dardânios
Hermes prezava, razão por que haveres sem conta lhe dera.
Dele, como único gênito, a esposa a Ílioneu concebera.
Da sobrancelha por baixo o feriu Peneleu, bem no cavo
do olho, que a lança transpassa, vazando a pupila e indo a ponta
no alto da nuca sair. Ílioneu cai sentado, estendendo
ambas as mãos; mas o imigo, arrancando da espada cortante,
golpe violento assestou-lhe no meio do colo, cerceando-lhe,
junto com o elmo, a cabeça, que rola por terra, com a lança
no olho ainda presa. Levanta-a o guerreiro como a uma papoula
e, para os Teucros virado, jactando-se, disse o seguinte:
"De minha parte, Troianos, aos pais de Ílioneu valoroso
a triste nova levai, para que eles em casa o pranteiem.
Nem há de alegre ficar a consorte de Prómaco, filho
do alto Alegénor, no instante em que os homens da Acaia subirmos
para os navios recursos e as plagas Troianas deixarmos."
Isso disse ele; o temor se difunde nos membros dos Teucros.

Todos procuram um meio de à morte escapar perniciosa.
Musas, que o Olimpo habitais, vinde, agora, sem falha, contar-me
quais dos Acaios espólios cruentos ao imigo tomaram,
pós ter a sorte desviado o deus grande que a terra sacode.
O grande Ajaz Telamônio, primeiro, feriu a Írtio excelso,
filho de Gírtio, o caudilho dos Mísios, de peito leonino;
Mérmero e Falces, Antíloco priva das armas brilhantes;
ao viril Móris e a Hipótio, sem vida Meríones prostra;
Teucro a Protoão e ao viril Perifetes ao solo derruba;
o grande Atrida na ilharga feriu ao pastor de guerreiros,
o alto Hiperénor, cortando-lhe o bronze terrível as vísceras;
pela abertura do golpe, aprestado, escapou-se-lhe o espírito,
escuridão sempiterna envolvendo-lhe os olhos brilhantes;
a muitos o ágil Ajaz, descendente de Oileu, tira a vida,
pois em compita com ele ninguém na carreira o vencia,
quando no encalço do imigo a quem Zeus incutira o desânimo.

CANTO XV

A REVANCHE RUMO AOS NAVIOS

“Zeus, acordando, percebe que foi enganado por Hera. Depois de ameaçá-la e relatar-lhe todos os acontecimentos até o final da batalha, ordena-lhe que vá ao Olimpo e envie Íris e Apolo para ajudar os Troianos. Ares toma conhecimento da morte do seu filho, Ascálafo, mas Atena o consola. Íris vai pedir a Posido que se retire da batalha e Apolo cura Heitor, que retorna com toda força ao acampamento dos Gregos, com Apolo na frente das falanges Troianas. Pátroclo deixa Eurípilo e vai implorar ajuda a Aquiles. Os Gregos fazem uma defesa desesperada enquanto Heitor se prepara para incendiar o navio de Protesilau.”

Quando, na fuga, as estacas e o fosso já haviam transposto,
pós terem muitos a vida deixado nas mãos dos Acaios,
juntos dos carros, alfim, a carreira os Troianos pararam,
cheios de medo e ofegantes. Nesta hora acordou Zeus potente,
nos picos do Ida, onde estava a dormir junto de Hera de trono
de ouro. De um salto elevando-se, os Dânaos distingue e os Troianos;
estes, em fuga e dispersos; aqueles, no encalço, a segui-los,
e entre os Aqueus, a ajudá-los, Posido, que a terra sacode.
No plaino a Heitor distinguiu, ressupino; cercavam-no amigos;
a respirar com trabalho, estonteado, expelia no vômito

sangue anegrado. Não fora ferido por Dânao somenos.
A esse espetác'lo apiedou-se o que os homens e os deuses gerara.
E, para a esposa, virando-se, encara-a torvado e lhe fala:
"Hera, fautora de enganos, por tua perfídia, somente,
fora do campo Heitor se acha e seus homens dispersos e em fuga.
Não sei, contudo, se tu não serás a colher a primeira
o fruto dessa perfídia, com seres por mim vergastada.
Ou não te lembras do tempo em que no alto ficaste, suspensa,
com duas grandes bigornas, nos pés amarradas, e algemas
de ouro, infrangíveis, nos punhos? Pendeste das nuvens, desta arte
indignação provocando nos deuses do Olimpo, sem que eles
aproximar-se pudessem com o fim de ajudar-te, que fora,
certo, jogado do sólio divino o que às mãos me caísse,
té vir na terra bater, sem sentidos, conquanto isso alívio
quase nenhum me causasse por causa de sorte inditosa
de Héracles forte, que ao mar insemeável, maligna, atiraste
conjuntamente com Bóreas, depois de um tufão levantardes,
que para Cós bem-construída o jogou, mui desviado da rota.
Dessas paragens salvar ainda o pude, apesar dos trabalhos,
reconduzindo-o para Argos, nutriz de afamados ginetes.
Faço-te disso lembrada, porque dos embustes desistas,
antes que venhas do prêmio a gozar que te o leito e as carícias
proporcionaram, dolosa, às ocultas dos deuses do Olimpo."
Hera, a magnífica, de olhos bovinos, de medo estremece;
e, principalmente a falar, lhe dirige as palavras aladas:
"Que tome a Terra ciência, bem como o Céu vasto de cima
e a água do Estige que se precipita — esta é a máxima jura
e a mais terrível de todos os deuses bem-aventurados —,
tua cabeça sagrada e, também, nosso leito de núpcias,
que num perjúrio, jamais, poderia invocar falsamente:
não por meus rogos e instâncias Posido, que a terra sacode,

dana aos Troianos e a Heitor, e aos Argivos na pugna auxilia.
Provavelmente, incitado se viu, por seu ânimo próprio
a socorrer os Acaios que perto das naus padeciam.
Mas estou pronta a instruções transmitir-lhe, a seguir induzindo-o
somente a via por onde, Zeus grande, quiseres levá-lo."
A essas palavras o pai dos mortais e dos deuses sorriu;
e, para a deusa voltando-se, disse-lhe, então, em resposta:
"Hera, magnífica, de olhos bovinos, se acaso, ao meu lado,
com pensamentos iguais, no concílio dos deuses sentasses,
em pouco tempo Posido, conquanto o contrário deseje,
de orientação mudaria, adaptando-se aos nossos desígnios.
Mas se falaste sincera e teu peito enunciou a verdade,
bem; nesse caso dirige-te à tribo dos deuses e manda-me
Íris aqui, juntamente com Apolo, o frecheiro infalível.
A ela a incumbência darei de baixar às fileiras Acaias,
para dizer a Posido, senhor poderoso, que o campo
deixe da guerra e se acolha, de novo, ao seu belo palácio.
A Apolo incumbe o impecável Heitor excitar para a pugna,
força outra vez lhe insuflando e deixando-o esquecido das dores
que tanto lhe a alma excruciam. Deve ele, também, nos Aquivos
medo incutir, obrigando-os, assim, a volverem as costas
em fuga inerme, até a nave alcançarem, provida de remos,
do grande Aquiles Peleio, que, então, mandará para a luta
Pátroclo, o amigo dileto, que a lança de Heitor valoroso,
vai, junto de Ílio prostrar, pós ter ele a inimigos inúmeros
a morte dado, entre os quais o meu filho, o divino Sarpédone.
O divo Aquiles a Heitor matará, ante o feito indignado.
Nesse momento farei que, das naves repulsos, os Teucros,
sem mais descanso, se vejam, até que os Aquivos escalem
os muros lisos de Troia, por traça de Palas Atena.
Mas, antes disso, repito-o, não hei de sofrear minha cólera,

nem deixarei que nenhum imortal os Argivos socorra,
té que não venha a cumprir-se o desejo ardoroso de Aquiles,
como o afirmei que o faria e o asselei com o sinal da cabeça,
quando, abraçando-me Tétis os joelhos, pediu, insistente,
que ao filho Aquiles honrasse, o famoso eversor de cidades."
Hera, de cândidos braços, de pronto ao conselho obedece,
e, do Ida augusto atirando-se, foi para o Olimpo vastíssimo.
Tão velozmente como homem que, tendo viajado por longe,
em pensamento repassa aprazíveis paragens, dizendo
"bem desejara estar neste ou naquele lugar", saudoso:
Hera, a magnífica, assim, apressada, perfaz o caminho.
Ao alcançar o alto Olimpo, na casa de Zeus, em concílio,
aos imortais encontrou. Todos eles, ao verem-na, prestes
os tronos de ouro abandonam e néctar, gentis, lhe oferecem.
Ela, porém, rejeitando as dos outros, a taça de Têmis
de belas faces aceita, porque esta, primeiro, acorrera,
e para a deusa voltada, lhe diz as palavras aladas:
"Hera, que causa te trouxe? Pareces-me um tanto agastada.
De teu marido, nascido de Crono, te veio algum susto?"
Hera, de cândidos braços, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Têmis, nenhuma pergunta me faças; tu própria conheces
qual o seu gênio, como ele arrogante e inclemente se mostra.
Faze que os deuses na sala prossigam no grato banquete,
pois vais ouvir, juntamente com as outras deidades eternas,
as coisas graves que Zeus nos ameaça. Presumo que a nova
o coração de ninguém deixará prazenteiro, seja homem,
seja imortal, ainda mesmo que alegre em banquetes se encontre."
Hera, de cândidos braços, depois de falar foi sentar-se.
Na grande régia de Zeus alteraram-se os deuses. Sorria,
mas só com os lábios, a deusa, que à testa, franzida, encimava
as sobrancelhas escuras. Por fim, explodiu, irritada:

“É grande inépcia supor ser possível a Zeus nos opormos
e aproximarmo-nos dele com o fim de torcer-lhe a vontade,
ou por violência ou com rogos, que à parte se fica, sem dar-nos
a mais pequena atenção, nem de nós ocupar-se, jactando-se
de que em poder e vigor ultrapassa as demais divindades.
Mostre-se, pois, conformado quem vier a sofrer algum dano.
A Ares, ao menos, suponho, já coube por sorte um desgosto,
pois no combate perdeu a existência seu filho dileto,
o grande Ascálafo, a quem tanto e tanto nomear exultava.”
Ares, de pronto, nas coxas bateu com as mãos espalmadas,
violentamente, e de dor trespassado desta arte prorrompe:
“Deuses que o Olimpo habitais, não fiqueis indignados comigo
se, para a morte vingar de meu filho, baixar aos navios,
mesmo que seja fatal pelo raio de Zeus ser prostrado
e rolar morto na poeira e no sangue, por entre cadáveres.”
Tendo isso dito, ordenou logo à Fuga e ao Terror que apressassem
os corredores, enquanto tomava das rédeas brilhantes.
De consequências mais graves, talvez para os deuses eternos,
a indignação de Zeus grande explodira, sua cólera imensa,
se, pela sorte de todos os deuses solícita, Atena
não se apressasse a correr para a porta, deixando o áureo trono.
O elmo arrancou-lhe, sem mais, da cabeça, dos ombros o escudo;
das mãos a lança de bronze tomou, colocando-a a de parte,
e, para o deus iracundo voltada, desta arte o repreende:
“Louco de todo, procuras a ruína! De nada te serve
teres ouvidos e ouvir, pois perdeste a prudência e o juízo.
Não escutaste o que a deusa de cândidos braços nos disse,
Hera, que veio do lado do Olímpico Zeus neste instante?
Tua medida de dores desejas, então, que transborde?
Medo não tens de voltar para o Olimpo, em tristezas imerso,
males sem conta aprestando, também, para as outras deidades?

Zeus, na mesma hora, deixara os Troianos soberbos e os Dânaos,
para vir contra nós todos, causando alvoroço no Olimpo,
não se lhe dando de pena infligir a culpado ou inocente.
Tem-te, suplico; modera o desgosto da morte do filho.
Outros melhores do que ele e de braço mais forte já caíram
e hão de outros muitos cair nos combates. Difícil empresa
é preservar do declínio a linhagem e a prole dos homens."
A Ares violento, depois de falar, conduziu para o trono.
Nesse entrementes, chamou para fora da sala Hera a Apolo
e à veloz Íris, os dois mensageiros dos deuses eternos,
e a ambos, então, dirigindo-se, disse as palavras aladas:
"Ao Ida augusto Zeus grande vos chama, o mais presto possível.
Logo que lá vos achardes e houverdes a Zeus contemplado,
obedecei, sem detença, a quanto ele disser e ordenar-vos."
Hera, de cândidos braços, retorna depois dessa fala,
indo sentar-se no trono. Os dois deuses depressa alcançaram
os mananciais do Ida augusto, que feras sem conta alimentam,
onde encontraram, sentado no pico mais alto do Gárgaro,
Zeus retumbante, coroado por nuvem de odor inefável.
Quando se viram na frente de Zeus, que bulcões acumula,
ambos pararam. Ao vê-los, o deus serenado sentiu-se,
por ter notado que os dois ao recado da esposa acorreram.
A Íris, primeiro, dirige as seguintes palavras aladas:
"Íris veloz, vai depressa dizer a Posido potente
quanto te vou relatar; não me sejas falaz mensageira:
Que da batalha se afaste depressa e procure a assembleia
celestial, ou recolha aos seus paços nas ondas divinas.
Se desprezar meu mandado, negando-se a dar-me obediência,
no imo do espírito, então, considere e reflita bastante
se poderá contrastar-me, por mais vigoroso que seja,
pois o supero, de muito, em vigor, sobre ser mais idoso,

ainda que tenha o desplante de na alma dizer que em potência
a mim se iguala, a quem temem as outras deidades do Olimpo.”
Íris, de pés mais velozes que o vento, ao recado obedece,
e do monte Ida, depressa, baixou para Troia sagrada.
Do mesmo modo que neve ou gelado granizo das nuvens
cai sob o impulso do sopro de Bóreas, que do éter proveio:
Íris, de rápidos pés, desse modo, o caminho percorre.
Chega-se ao deus que sacode os pilares da terra e lhe fala:
“Abalador, de cabelos escuros, aqui me acho agora
com um recado de Zeus poderoso, que a égide vibra.
Manda que saias da pugna e procures a grata assembleia
dos outros deuses, ou o paço em que moras, nas ondas divinas.
Se desprezares, porém, a mensagem, em vez de a acatares,
faz-te saber que há de vir em pessoa medir-se contigo.
Acha, contudo, que deves o braço potente evitar-lhe,
pois te supera, de muito, em vigor, sobre ser mais idoso;
teu coração generoso, por certo, não há de levar-te
a te igualar à deidade a quem temem as outras do Olimpo.”
O abalador poderoso, indignado, lhe disse, em resposta:
“Céus, que arrogância! Conquanto potente ele seja, é excessivo
querer, assim, violentar-me, pois temos igual dignidade,
que três irmãos somos nós, filhos todos de Reia e de Crono:
Zeus, depois eu, e Hades forte, o terceiro, que os mortos comanda.
Foi dividido em três partes o mundo; cada um teve a sua.
Postas em sorte, me coube morar para sempre no reino
do mar espúmeo; a Hades foram as trevas sombrias entregues;
o vasto Céu, pelas nuvens cercado e pelo éter, a Zeus.
A terra imensa e o alto Olimpo, em comum para todos ficaram.
Não me sujeito, por isso, a fazer-lhe as vontades; contente-se
com o que lhe coube por sorte, por mais poderoso que seja.
Seu forte braço temor não me incute, que medo não tenho.

Fora melhor que as ameaças e termos violentos deixasse
para seus filhos e filhas; gerados por ele, se veem
na obrigação de lhe as ordens cumprir, muito embora o não queiram.”
Íris, de pés mais velozes que o vento, lhe disse, em resposta:
“Abalador poderoso, desejas que a Zeus, em verdade,
dê, de tua parte, um recado tão duro e insolente como esse?
Não será bom refletires? Os homens sensatos são dóceis.
Sabes que sempre as Erínias lutuosas estão com os mais velhos.”
Disse-lhe o grande Posido, que a terra sacode, em resposta:
“Íris divina, realmente sensato foi quanto disseste.
É sempre bom quando o núncio compreende o que é mais conveniente.
A alma, porém, sinto e o peito por dor indizível opressos,
ao ver que Zeus se propõe a humilhar com palavras violentas
quem recebeu do Destino igual sorte e direitos aos dele.
Por esta vez cederei, muito embora irritado me sinto.
Mas uma coisa te digo, afirmando que a ameaça é sincera:
se ele pretende, a despeito de mim e de Palas Atena,
bem como de Hera e de Hefesto potente e, assim, de Hermes veloce,
os muros íngremes de Ílio poupar, não deixando, portanto,
que sejam eles destruídos e os Dânaos, com isso, exaltados,
fique sabendo que cólera imensa há de encher-nos o peito.”
O abalador deixa as hostes Acaias, depois dessa fala,
no mar extenso afundando com grande pesar dos Argivos.
Vira-se, então, para Apolo Zeus grande, que as nuvens reúne:
“Vai, caro Febo, à procura de Heitor revestido de bronze,
que o abalador poderoso já foi para as ondas sagradas,
onde acabou de imergir, evitando antepor-se-me à cólera.
Caso contrário, a notícia de nosso recontro chegara
té mesmo aos deuses de baixo, que vivem em torno de Crono.
Muito melhor foi, para ambos, de fato, que assim procedeste,
ainda que muito irritado se encontra, evitando-me o braço

irresistível, que sem muito suor não findara esse choque.
A égide cheia de franjas, porém, toma logo e a sacode
sobre os Aquivos, de modo que infunda terror neles todos.
Deixo ao teu cargo, frecheiro, cuidares de Heitor valoroso.
Grande vigor lhe desperta, até vires que os chefes Aquivos
às naus velozes e ao vasto Helesponto, na fuga, se acolhem.
Hei de empregar as medidas que importam, depois, para que eles
possam, libertos da grande opressão, respirar mais folgados."
Febo mostrou-se obediente ao mandado de Zeus poderoso.
Do Ida, depressa, baixou, semelhante ao gavião que persegue
as fracas pombas e a que nenhuma ave no voo ultrapassa,
indo encontrar o divino rebento de Príamo, Heitor,
já reanimado, de pouco, não mais sobre o solo; sentado,
já conhecia os amigos que à volta lhe estavam, liberto
do suor profuso e das ânsias, que Zeus novamente o espertara.
Febo, que ao longe asseteia, achegou-se-lhe e disse o seguinte:
"Filho de Príamo, Heitor, por que causa, afastado dos outros,
esmorecido te encontras? Oprime-te algum sofrimento?"
Sem forças quase, responde-lhe Heitor de penacho ondulante:
"Deus de bondade, quem és, que a mim vens e me fazes perguntas?
Pois já não sabes que Ajaz valoroso, quando eu lhe matava
os companheiros, ao lado das naves dos Dânaos, enorme
pedra atirou-me no peito, de todo o vigor me privando?
Sim, cheguei mesmo a pensar que hoje iria parar entre os mortos,
no reino de Hades escuro, que estive a exalar, quase, o espírito."
Disse-lhe Febo, em resposta, o deus claro que ao longe asseteia:
"Cobra coragem, que um bom protetor do Ida augusto te envia
o grande filho de Crono, com o fim de assistir-te e ajudar-te,
Febo, de espada brilhante, que sempre se pôs ao teu lado,
para guardar-te e a cidade de Troia de lisas muralhas.
Os numerosos amigos concita depressa, animando-os

a dirigirem os brutos no rumo das naves escuras.
Eu próprio hei de ir sempre à frente dos belos corcéis, para a estrada
livre deixar e induzir os heroicos Aquivos à fuga.”
Incontrastável poder no pastor de guerreiros insufla.
Como galopa um cavalo habituado no estábulo, quando
pode do laço escapar e, fogoso, a planície atravessa,
para ir banhar-se, impaciente, nas límpidas águas do rio:
cheio de orgulho soleva a cabeça: por sobre as espáduas
bate-lhe a crina, agitada; consciente da própria beleza,
levam-no os pés para o prado onde os outros cavalos se reúnem:
os pés e os joelhos Heitor, desse modo, movia, dando ordens
aos seus amigos, depois de ele a voz ter ouvido de Febo.
Como se dá quando cães barulhentos e fortes pastores
cabra-montesa perseguem ou veado-galheiro que pode
deles, por fim, escapar, acolhendo-se ao pico de rocha
íngreme, ou a bosque sombrio, por ser do Destino salvar-se,
pois os latidos atraem a leão guedelhudo que a todos
rapidamente dispersa, apesar de animosos se acharem:
dessa maneira, até então, os Argivos em massa apertaram
os inimigos, a golpes de espada e lanças pontudas;
mas, quando viram, de súbito, a Heitor avançar entre os Teucros,
ânimo aos pés lhes caiu, com o pavor que então todos sentiram.
Toante, nascido de Andrémone, vira-se para os Aquivos.
Era ele o Etólio mais forte, o mais hábil no jogo de lança
e nos combates de perto; bem poucos Aqueus na assembleia
o conseguiam vencer, quando os moços porfiavam discursos.
Cheio de bons pensamentos, pôs-se ele a falar-lhes desta arte:
“Deuses, que enorme prodígio ante os olhos, agora, me surge!
Pôde livrar-se das Parcas Heitor e ei-lo, agora, que avança
completamente refeito! Em verdade esperávamos todos
que o braço forte de Ajaz Telamônio o tivesse prostrado.

Mais uma vez um dos deuses salvou a esse filho de Príamo,
o grande Heitor, que solveu já os joelhos de muitos Aquivos,
e ainda há de a muitos matar, pois não creio que sem a vontade
de Zeus atroante ele avance animoso, na frente dos Teucros.
Ora façamos conforme eu o disser, obedeçam-me todos.
Que para as naves recurvas o grosso das tropas retorne.
Mas, todos nós que no exército somos, decerto, os melhores,
alto façamos aqui, para o embate esperar, conservando
no reste as lanças. Não creio que, embora animoso, se atreva
a penetrar no mais denso das turmas dos nossos guerreiros.”
A todos eles foi grato o conselho, a que, pronto, obedecem.
De Idomeneu poderoso puseram-se ao lado, de Teucro,
de Ajaz, Megete de forma ao deus Ares semelho, Meríones,
os quais, chamando aos mais fortes, em ordem os põem de batalha
contra os Troianos e Heitor. Como fora ordenado, retira-se
a multidão para as naves escuras dos fortes Aquivos.
Seguem os Teucros em turmas compactas a Heitor, que avançava
a grandes passos. Apolo o antecede, escondidos os ombros
em nuvem densa, a brandir, circundada por franjas, a horrível
égide; Hefesto, o habilíssimo fabro, a Zeus grande a entregara
para que medo incutisse nos homens de curta existência.
Numa das mãos segurando-a, os guerreiros Apolo guiava.
Em formações, também, densas, o ataque os Aquivos esperam.
Gritos elevam-se de ambas as partes; os arcos despedem
setas velozes e braços robustos, inúmeras lanças,
uma das quais se encravaram nos corpos dos ágeis guerreiros,
para muitas outras, vem antes de a cândida cute atingirem,
frustras no chão se fincaram, conquanto de sangue sequiosas.
Enquanto Apolo nas mãos sustentava o terrível escudo,
dardos se cruzam recíprocos, gente incontável perece;
logo, porém, que o mostrava aos Aqueus de cavalos velozes,

dando um fortíssimo grito, a coragem no peito dos Dânaos
amolecia, esquecidos deixando-os da força extremada.
Tal como quando, de súbito, surgem, no meio da noite,
quando está ausente o pastor, duas feras que em fuga dispersam
grande manada de bois ou rebanho de gordas ovelhas:
desanimados, desta arte, os Acaios fugiam, que Apolo
lhes incutia terror, concedendo vitória aos Troianos.
Quando espalhada a batalha, combates pessoais se travaram.
A Arcesilau priva Heitor da existência e ao intrépido Estíquio;
chefe era aquele dos fortes Beócios de vestes de bronze;
de Menesteu de alma grande era fiel companheiro o segundo.
Iaso e Medonte perderam a vida nas mãos do alto Eneias.
Esse Medonte era filho bastardo de Oileu, caro aos deuses:
de um dos Ajazes era irmão. Em bem-feita morada vivia
na fértil Fílace, longe da pátria, por ter dado a morte
a um indivíduo parente de Eriópide, esposa de Oileu.
Iaso dizia-se filho de Esfelo Bucólida e viera
para a campanha no posto de chefe dos homens de Atenas.
Logo nas filas da frente Polites a Equio derruba;
Polidamante, ao viril Mecisteu; Agenor mata a Clônio.
Páris, por trás, atingiu a Deíoco, no ombro, quando ele
se retirava, indo a ponta do bronze na frente sair-lhe.
Enquanto aos mortos as armas sacavam, dispersos, os outros
Dânaos fugiam. No fosso profundo, por entre as estacas
se comprimiam, forçados a abrigo buscar no alto muro.
Em altos brados Heitor se dirige aos guerreiros Troianos:
“Para os navios! Deixai, por enquanto, os espólios cruentos.
Quem quer que alhures encontre, afastado das naves escuras,
a morte, logo, hei de dar-lhe. Os amigos e amigas, não hão de
os funerais aprestar-lhe, entregando o cadáver às chamas,
sim, ficará para pasto de cães ante os muros de Troia.”

Disse, e por cima dos ombros açoita os velozes ginetes,
de fila em fila a chamar os Troianos, que afluíam, guiando
os corredores velozes dos carros de guerra, com gritos
atroadores. À frente de todos, Apolo sem custo
com os pés desfaz o barranco elevado do fosso que fica
cheio de terra, formando uma ponte espaçosa e comprida
como a distância que vai de um guerreiro que a lança jogasse,
para provar seu vigor, e o lugar onde o bronze caísse.
Em formações adensadas avançam; Apolo, na frente,
a égide sempre a vibrar, derrubava o alto muro dos Dânaos.
Como criança que, estando a brincar pela praia arenosa
e em pueril inocência construído tivesse um castelo,
para depois derrubá-lo com as mãos ou com os pés, por brinquedo:
tão facilmente, frecheiro infalível, o muro destruíste
dos esforçados Aquivos e em fuga inditosa os lançaste.
Perto das naves, alfim, a carreira detêm os Argivos,
a se exortarem reciprocamente. Elevando para o alto
as mãos, em súplica, votos ferventes aos deuses faziam.
Mais fervoroso que todos, implora Nestor de Gerena;
para o alto céu estrelado as mãos tende e, desta arte, prorrompe:
"Zeus pai, se algum dos Aquivos, em Argos, de trigo abundante,
coxas de ovelhas e bois em tuas aras queimou, suplicando
salvo poder retornar, e seus votos, benigno, acolheste,
lembra-te, Olímpio, a promessa, e nos livra do dia funesto,
não sofras serem os Dânaos vencidos às mãos dos Troianos."
Isso disse ele; um trovão, a essa súplica, Zeus providente
fez ressoar, pós ouvir o pedido do velho Nelida.
Quando os Troianos ouviram o estrondo de Zeus poderoso,
contra os Acaios mais firmes insistem lembrados da luta.
Do mesmo modo que uma onda gigante no mar extensíssimo
salta por cima da borda da nave, ao se ver pela fúria

do vento forte impelida, que sói levantar alto as ondas:
galgam o muro, desta arte, os Troianos; com grande algazarra,
estimulando os corcéis, junto às popas das naves pelejam
com suas lanças de dúplice ponta, de cima dos carros,
enquanto do alto das naus os Aqueus se defendem com fustes
longos, munidos de ponta de bronze, dos muitos que acharam
pelos navios escuros, e às lutas do mar adequados.
Pátroclo, enquanto os Troianos e os Dânaos, furentes, lutavam
em torno ao muro, distante das naves de casco anegrado,
permanecia na tenda de Eurípilo, herói prestantíssimo,
a distraí-lo, em colóquio amistoso, depondo na chaga
um lenitivo apropriado a livrá-lo das dores acerbas.
Quando, porém, percebeu que os Troianos o muro tomavam
e que os Acaios fugiam no meio de grande alarido,
solta um suspiro e, com as mãos espalmadas nas coxas batendo
violentamente, de dor trespassado, desta arte prorrompe:
"Não é possível, Eurípilo, aqui demorar-me, conquanto
muito precises de mim; irrompeu decisiva batalha.
Cuide de ti o escudeiro, que eu corro até a tenda de Aquiles
para tentar persuadi-lo a voltar para a luta cruenta.
Quem nos dirá que um dos deuses não venha ajudar-me a movê-lo?
A exortação de um amigo é de grande poder persuasório."
Disse, e levaram-no os rápidos pés. Os Aquivos aguardam
firmes o embate dos Teucros, conquanto impossível lhes seja,
ainda que mais numerosos, das côncavas naus repeli-los.
Por sua vez os Troianos as densas falanges dos Dânaos
não conseguiam romper, para as tendas e as naus alcançarem.
Tal como fica bem teso o cordel, pela mão aplicado
de carpinteiro sagaz que conhece os preceitos de Atena,
quando nivela uma prancha para uso de negro navio:
tensa, desta arte, se achava a batalha entre Dânaos e Teucros.

À volta, todos, das naus, uns com os outros em luta se travam.
Ao Telamônio terrível Heitor se antepôs decidido.
Ambos lutavam do barco em redor; nem Heitor conseguia
o Telamônio expulsar e lançar fogo edaz ao navio,
nem rechaçar este àquele, depois que o trouxera um demônio.
O ínclito Ajaz joga a lança em Calétor, nascido de Clítio,
quando ele fogo trazia com o fim de incendiar o navio.
Com grande estrondo caiu e das mãos escapar deixa o facho.
Logo que Heitor percebeu ante os olhos, na poeira estendido,
junto da nave anegrada, o cadáver do primo dileto,
para os Troianos e os Lícios, com voz atroante, virou-se:
"Lícios, Dardânios e Teucros, viris combatentes de perto,
não desistais do combate em tamanha apertura, mas vinde
para que o filho de Clítio salvemos, a fim de evitarmos
que lhe despojem as armas, pós ter junto às naves tombado."
Tendo isso dito, atirou contra Ajaz hasta longa que, errando
o alvo, em Licófrone acerta, Mastórida nado em Citera,
do grande Ajaz escudeiro, com quem desde pouco morava,
pós ter deixado Citera bendita, por crime de morte.
Junto de Ajaz encontrava-se; a ponta de bronze da lança
entra-lhe o crânio, por cima da orelha; o guerreiro na poeira
cai, ressupino, ante a popa da nave; fraquearam-lhe os membros.
O grande Ajaz estremeceu, e desta arte ao irmão se dirige:
"Teucro dileto, nesta hora perdemos um fiel companheiro,
o grande filho de Mástor, que em nosso palácio acatávamos,
como se filho lhe fôssemos, dês que deixara Citera.
A vida Heitor lhe tirou, o impecável herói. Onde se acham
o arco e as mortíferas flechas que Febo te deu, o frecheiro?"
Teucro, às palavras do irmão, veio pôr-se-lhe ao lado, depressa,
o arco flexível na mão e o carcás bem provido de flechas.
Contra os Troianos, sem perda de tempo, seus dardos dispara.

A Clito, logo, feriu, claro filho do heroico Pisénor,
fiel companheiro do filho de Panto, o alto Polidamante,
que, para ser agradável a Heitor e aos Troianos, guiava
os corredores para onde, em tropel, as falanges mais densas
se entrechocavam. Contudo, depressa o alcançou a desgraça,
da qual ninguém poderia livrá-lo, por mais que o quisesse,
pois pela nuca enterrou-se-lhe a flecha fautora de lágrimas.
Tomba, ruidoso, o guerreiro, espantando os cavalos, que o carro,
logo, vazio, arrastaram. Porém observou tudo o dono,
Polidamante, que, à frente saltando dos brutos ardegos,
ao Protiaônio notável, Astínoo, os entrega, dizendo
que sempre perto os tivesse, sem nunca perdê-los de vista.
Para as fileiras da frente, depois de falar, ele volta.
Teucro apanhou novamente uma flecha, disposto a atirá-la
contra o impecável Heitor; e remate ao combate daria
junto das naus dos Aquivos, se acaso no herói acertasse.
Mas não deixou de o notar Zeus prudente, que a Heitor amparava;
tira a esperança de Teucro, do herói Telamão oriundo,
com provocar a ruptura da corda bem-feita no liso
arco, no instante em que o herói apontava. Pesada de bronze
vai longe a flecha cair, escapando-se-lhe o arco recurvo.
O grande Teucro estremece e ao irmão se dirige desta arte:
“Deuses! Por certo um demônio procura frustrar-nos os planos!
O arco polido arrancou-me das mãos neste instante, rompendo
o forte nervo trançado, que eu próprio tecera de pouco,
esta manhã, para tê-lo eficiente em disparos sem conta.”
O grande Ajaz Telamônio lhe disse o seguinte, em resposta:
“O arco, meu caro, a de parte coloca e essas rápidas flechas,
já que um dos deuses, por ser-nos contrário, as tornou imprestáveis.
Toma uma lança comprida, nos ombros o escudo coloca
e, sem deixar de lutar contra os Teucros, os nossos anima.

Ainda que venham a ser vencedores, sem muito trabalho
não tomarão nossas naus. Insistamos, portanto, na luta.”
Teucro obedece ao conselho, na tenda o arco, logo, deixando;
põe sobre os ombros o escudo de quatro camadas de pele,
o elmo de fino lavor na cabeça admirável coloca,
no qual, por modo terrível, penacho de crina ondulava;
toma da lança potente, munida de ponta de bronze,
e regressou apressado, bem junto de Ajaz colocando-se.
Logo que Heitor viu as setas de Teucro no chão, todas frustras
para os Troianos e os Lícios, com voz atroante, virou-se e disse:
“Teucros, Dardânios e Lícios, viris combatentes de perto,
sede homens, caros amigos, e força mostrai impetuosa
junto das naves recurvas, que acabo de ver com meus olhos
como o arco e as flechas de exímio guerreiro quebrou Zeus potente.
De conhecer é mui fácil o influxo de Zeus poderoso,
quer quando exalta a um mortal, concedendo-lhe glória infinita,
quer quando os homens abate, negando-se a dar-lhes socorro,
tal como agora os Aqueus debilita e os Troianos reforça.
Vamos! à volta das naus combatei num só corpo. E se deve
ser alguém presa da morte, ferido de longe ou de perto,
que morra, então, pois é glória morrer em defesa da pátria,
mas ficarão protegidos a esposa dileta e os filhinhos,
bem como intacto o palácio e os haveres copiosos, se os Dânaos
para o torrão de nascença em seus barcos velozes voltarem.”
Por esse modo excitava o furor e a coragem de todos.
Os companheiros Ajaz, por seu lado, também, concitava:
“Dânaos, que imensa vergonha! Morramos agora ou salvemo-nos,
das naus velozes a ruína impendiosa, afinal, afastando.
Imaginais, porventura, se Heitor se apossar dos navios,
que poderemos a pé regressar para a terra nativa?
Pois não ouvis como o herói em voz alta seus homens anima,

só desejando lançar voraz fogo nas naves recurvas?
Não os invicta, por certo, a dançar, mas que à pugna se atirem.
O pensamento melhor, para nós, e o mais viável conselho,
é corpo a corpo lugar, mão por mão com o inimigo travando-nos.
É preferível morrer logo, logo ou vencer o inimigo,
a continuar tanto tempo em desgaste constante de forças,
junto das céleres naus, contra imigo de pouca valia.”
Dessa maneira excitava a coragem e a fúria de todos.
O ínclito Heitor mata a Esquédio, senhor dos Focenses e filho
de Perimedes; Ajaz tira a vida ao viril Laodamante,
chefe de peões destemidos e filho do grande Antenor.
Polidamante a Oto prostra sem vida, guerreiro Cilênio,
do alto Megete comparsa e caudilho dos fortes Epeios.
Polidamante, ao se ver atacado pelo alto Filida,
obliquamente saltou, ainda a tempo, pois Febo se opunha
a que morresse entre os homens dianteiros o filho de Panto,
indo enterrar-se a hasta longa no meio do peito de Cresmo,
que cai no chão, ressupino, arrancando-lhe o imigo a armadura.
Dólope, entanto, guerreiro experiente, para ele se apressa,
filho de Lampo e o melhor dos mortais. Esse Lampo era filho
de Laomedonte. Guerreiro extremado, em verdade, era Dólope,
que, bem de perto atacando, no meio do escudo a hasta enterra
do alto Megete. Salvou-o a couraça de bronze chapeada,
que sobre o corpo soía vestir nos combates. Fileu
tinha-a trazido de Efira, cidade no rio Seloente.
Como penhor de hospedagem Eufetes potente lha dera
para na guerra servir-lhe de amparo ante os golpes imigos.
Ao próprio filho, nessa hora, da morte salvou, por sem dúvida.
Fere Megete o adversário, também, com a lança comprida,
sobre a cimeira do casco munido de crina ondulante,
de forma tal que o penacho lhe arranca, jogando-o por terra,

onde na poeira mistura, o frescor de seu brilho purpúreo.
Enquanto o Teucro enfrentava, o adversário, esperando vencê-lo,
veio, em socorro do herói, Menelau glorioso, que ao lado
se pôs de Dólope, inviso, enterrando-lhe no ombro a hasta longa.
Ávida, a lança, no impulso em que vinha, atravessa-lhe o peito,
indo no esterno sair; cai de rosto o guerreiro no solo.
Precipitaram-se os dois, arrancando-lhe as armas brilhantes
dos ombros largos. Heitor, que o notara, chamou os consócios,
todos, mormente o que tinha por pai o preclaro Hicetáone,
o varonil Melanipo. Este lúcidos bois em Percote
apascentava no tempo em que o imigo ainda estava distante.
Quando, porém, os Aquivos chegaram nas naves recurvas,
veio para Ílio, tomando lugar principal entre os Teucros,
onde morava com Príamo, que como a filho o estimava.
Para ele, pois, dirigindo-se, Heitor interpela-o e exorta-o:
“Tão indolentes seremos assim, Melanipo? Não sentes
o coração abalar-se-te à vista do primo espoliado?
Não vês o afã do inimigo por causa das armas de Dólope?
Segue-me, pois; distanciados dos Dânaos não mais lutaremos;
com destemor combatamos até que possamos vencê-los,
ou que eles Ílio destruam e a todos os homens imolem.”
Disse, e marchou. Melanipo o seguiu qual um deus na aparência.
O grande Ajaz Telamônio, também, os Aqueus exortava:
“Sede homens, caros amigos, e na alma o pudor tende sempre!
Possa o respeito recíproco a todos dar brio na pugna.
São mais poupados na guerra os que sabem morrer bravamente;
os fugitivos nem glória jamais obterão, nem defesa.”
Disse; os consócios que já antes queriam mostrar resistência,
suas palavras acolhem. Em torno das naves formaram
muro de bronze; a escalá-lo Zeus grande os Troianos incita.
Vira-se o herói Menelau para Antíloco e diz, concitando-o:

“Dos Dânaos jovens, Antíloco, és tu o mais moço de todos;
nenhum te vence nos rápidos pés ou na força do embate.
Se acometeres os Teucros, hás de algum derrubar, com certeza.”
Tendo isso dito, voltou para os outros, chispante de brio.
O valoroso mancebo saltou para a frente e, orientando-se,
a hasta brilhante na turba atirou. Os Troianos recuaram
diante da lança que frustra, por certo, não foi atirada;
em Melanipo foi dar, claro filho do grande Hicetáone,
junto do seio, de frente, quando ele avançava galhardo.
Tomba, atroante, no solo, ressoando-lhe em torno a armadura.
Salta-lhe Antíloco em cima, tal como o rafeiro que pula
sobre um cervato ferido que, ao vir, em carreira, da cova,
no caçador atingiu, dissolvendo-lhe a força dos membros;
dessa maneira, também, Melanipo, atirou-se-te, Antíloco,
para privar-te das armas. Heitor, o divino, o percebe
e, pelo meio da pugna a correr, veio pôr-se-lhe em frente.
Ágil embora, o Nestórida não se atreveu a esperá-lo.
Musca-se como uma fera depois de causar sérios danos
e o vigilante pastor trucidar com seus fortes rafeiros,
junto dos bois, antes que outros pastores lhe saiam no encalço:
do mesmo modo o Nestórida foge. Heitor e os Troianos
dardos acerbos lhe atiram em meio de enorme alarido.
Só quando aos sócios chegou, volta a olhar o inimigo de frente.
Tal como leões voradores de carne, os Troianos se atiram
para os navios escuros, de Zeus os desígnios cumprindo,
que não cessava de o ardor aumentar-lhes, enquanto os Aquivos
debilitava, negando-lhes todo o esplendor da vitória,
pois no imo peito assentara que Heitor, o alto filho de Príamo,
glória haveria de colher, quando o fogo incansável lançasse
nas naus simétricas, para que o voto funesto de Tétis
êxito pleno obtivesse. Por isso Zeus grande esperava

somente ver o esplendor de uma nau por incêndio destruída.
Quando isso houvesse alcançado, era sua intenção dar início
à retirada dos Teucros, cedendo alta glória aos Aquivos.
Tendo isso assim resolvido, incitava a atirar-se aos navios
o ínclito filho de Príamo, Heitor, de incontida ousadia.
Enfurecia-se Heitor tal como Ares lanceiro ou daninha
chama alastrada em floresta viçosa no cimo de um monte.
Cheios os lábios de espuma, brilhavam-lhe os olhos debaixo
das sobrancelhas escuras. Em torno da fronte espaçosa
o elmo ondulava por modo terrível, quando ele os Acaios
acometia. Desde o éter Zeus grande era a sua defesa,
que somente a ele amparava entre tantos guerreiros estrênuos,
glória e honra dando-lhe excelsas, que pouco ainda tinha de vida
visto que Palas Atena apressava o momento fatídico
em que devia cair pelo braço do grande Pelida.
Tenta o guerreiro romper as fileiras dos homens Aquivos,
onde mais densas falanges achava e mais lúcidas armas,
sem que o pudesse fazer, apesar de mostrar-se esforçado,
pois como torre, bem juntos, os Dânaos a tudo resistem.
Tal como enorme penedo, na beira do mar espumoso,
que, firme, apara a violência do curso dos ventos sonoros
e das maretas gigantes que tombam sobre ele, rugindo:
sem repedarem, os Dânaos, aos Teucros, assim, resistiam.
Lança-se, então, o guerreiro, a brilhar como fogo, no centro
da turba imiga, tal como se abate em navio ligeiro
onda impetuosa que ventos engrossam; a nave coberta
fica de espuma, soprando furioso nas velas rasgadas
o furacão. Trespassados de medo, a tremer se põem todos
os marinheiros que, a custo, conseguem da morte livrar-se:
o coração dos Aquivos, desta arte, abalado se mostra.
Cai sobre os Dânaos Heitor como leão carniceiro que ataca

bois que a pastar se encontrassem nas margens de extenso palude.
São incontáveis; o moço pastor, que não tem muita prática
de defender os cornígeros bois contra o ataque das feras,
ora procura atender os que ficam na frente, ora corre
para os que se acham atrás. Mas o leão bem no centro atirando-se
um boi devora, aterrando os demais: os Aquivos, desta arte,
por Zeus e Heitor atacados, tomados de medo sagrado,
fogem sem tino. A um, somente, Heitor mata, o belaz Perifetes,
filho dileto daquele Copreu, que Euristeu muitas vezes
a Héracles forte soía mandar, por ser bom mensageiro.
De pai somenos proveio um rebento de méritos grandes,
rico em virtudes; não só velocíssimo, experto na luta,
e em perspicácia contado, em Micenas, como um dos primeiros.
Com sua morte ele deu glória excelsa ao guerreiro Troiano,
pois ao voltar-se, disposto a fugir, na orla extrema tropeça
do grande escudo que aos pés lhe chegava, defesa eficiente.
Atrapalhando-se, cai ressupino, ressoando na queda,
por modo horrível, o casco que a fronte do herói circundava.
Rápido, Heitor o notou; correu logo para ele, conquanto
perto dos seus estivesse e no peito a hasta longa enterrou-lhe.
Ainda que mestos, os sócios ajuda nenhuma lhe deram,
pois se sentiram tolhidos à vista do herói impecável.
Por entre as naves, agora, lutavam, no meio das proas
das que mais no alto se achavam; os Teucros no encalço os perseguem.
Dessa primeira carreira de naus veem-se os Dânaos forçados
a recuar; mas à volta das tendas se apinham, num corpo,
sem que a vagar pelo campo, dispersos, corressem; vergonha
e medo, a um tempo, os continha. Animavam-se todos, sem pausa.
Mormente o velho Nestor, de Gerena, baluarte dos Dânaos,
dos próprios pais os fazia lembrados, falando a eles todos:
“Sede homens, caros amigos, e na alma acolhei a vergonha

ante os demais companheiros. Lembrai-vos, também, das esposas,
de vossos bastos haveres, dos pais, dos filhinhos queridos,
quer se achem vivos, ainda, quer mortos, acaso, já estejam.
Por todos esses ausentes conjuro-vos uma e mais vezes
a resistirdes com brio, evitando a vergonha da fuga.”
Por esse modo excitava o furor e a coragem de todos.
Palas Atena, nessa hora, dos olhos a nuvem divina
lhes dissipou, podendo eles, então, distinguir tudo à volta,
junto das naves não só, mas também, na indecisa batalha.
Viram a Heitor, o guerreiro de voz atroante, e seus cabos,
tanto os que atrás se encontravam, sem parte tomar na peleja,
como os que ao pé dos navios em luta se achavam travados.
Ao coração do magnânimo Ajaz não foi grato deixar-se
por muito tempo no ponto a que os outros Aqueus se acolheram,
mas um dos fustes compridos tomando, de vinte e dois cúbitos,
para combate naval apropriado, de anéis adornado,
sobre a coberta das naus alternava mui largas passadas.
Qual saltador habituado a montar em cavalos, que quatro
dos mais vistosos corcéis dentre muitos houvesse escolhido,
e, em disparada, no plaino, os conduz para grande cidade,
pelo caminho trilhado; a admirá-lo concorrem mulheres
e homens em número grande, enquanto ele, certeiro, se atira
de um dos cavalos para outro, que rápidos voam na estrada:
o grande Ajaz, de convés em convés dos navios velozes,
dessa maneira, saltava. Até o éter chegavam seus gritos,
pois não parava de os fortes Aqueus incitar, atroante,
a defender os navios e as tendas. Heitor, igualmente,
não se deixava ficar entre as turmas dos Teucros armados.
Como águia fulva que tomba precípite em meio a outras aves,
que descuidadas se encontram na margem relvosa de um rio,
bando de gansos, ou grous, ou de cisnes de longos pescoços:

do mesmo modo Heitor cai sobre um barco de proa anegrada,
diretamente. A mão forte de Zeus por detrás o impelia,
que despertava no povo o desejo, também, de segui-lo.
Junto das naus, novamente, uma luta renhida se trava.
Imaginar poderias que todos de fresco e indefesos
digladiavam, tal era o furor que mostravam no embate.
Mui diferente certeza a cada um sustentava: os Aquivos
não esperavam com vida escapar, mas morrer ali mesmo;
no coração dos Troianos a grata esperança aninhava-se
de porem fogo aos navios e os fortes Acaios matarem.
Eis a razão por que todos sem pausa a lutar se empenhavam.
Pôde Heitor, o ínclito, a popa tocar de uma nau sulcadora,
bela e de rápido curso, que tinha para Ílio trazido
Protesilau, sem dever, de tornada, contudo, levá-lo.
Matam-se em luta corpórea os Troianos e os Dânaos à volta
desse navio por que ora lutavam, sem mais aguardarem
tiros de flechas jogadas de longe, ou de lanças pontudas;
mas, bem de perto lutando e animados de um só pensamento,
às machadinhas recorrem, afiadas bipenes, enormes
e resistentes espadas e lanças de dúplice ponta.
Muitas espadas vistosas, munidas de punhos escuros,
caem por terra, saltando das mãos ou dos ombros robustos
dos combatentes; no chão sangue negro, abundante, escorria.
O ínclito Heitor, uma vez aferrada a alta popa, não deixa
de, firme, o aplustre agarrar. Para os Teucros virando-se, brada:
“Fogo trazei e, a um só tempo, animai para a pugna uns aos outros.
Hoje nos dá Zeus um dia que todos os outros compensa;
vamos tomar os navios que contra a vontade dos deuses
males a todos trouxeram, por causa da frieza dos velhos
que, sempre que eu desejava lutar junto às naus, me retinham,
não consentindo, tampouco, me dessem auxílio os do povo.

Se Zeus atroante, porém, nos turvou, nesse tempo, o intelecto,
hoje é ele próprio que o manda e nos faz avançar para a luta.”
Disse, e com mais ardimento os Troianos aos Dânaos atacam.
O grande Ajaz não resiste; forçado por tiros sem conta,
retrocedeu pouco espaço, temendo morrer ali mesmo.
Abandonando o convés para um banco, passou, de remeiros,
de sete pés e, abrigado, ficou a arredar dos navios
com o fuste longo os Troianos que o fogo incansável traziam.
Horrendamente, sem pausa, os Aqueus para a luta chamava:
“Caros heróis, destemidos consócios, discípulos de Ares,
sede homens, caros amigos, e força mostrai impetuosa.
Imaginamos, talvez, que dispomos, atrás, de defesa
ou de muralha capaz de evitar a ruína do exército?
Perto não temos cidade munida de torres altivas
que nos ampare e proveja com gente pugnaz de reserva.
É na planície dos Teucros que estamos, de fortes couraças;
temos o mar pelas costas, mui longe da terra nativa.
Somente o braço nos pode salvar; sem fraqueza lutemos.”
Isso disse ele, vibrando, furioso, a hasta longa e pontuda.
Quantos Troianos, ao mando de Heitor obedientes, tentavam
apropinquar-se das côncavas naves com fachos acesos,
vinha encontrá-los Ajaz e os feria com a lança gigante.
A doze Teucros, assim junto às naves, de perto, derruba.

CANTO XVI

OS FEITOS DE PÁTROCLO (PATROCLEIA)

“Pátroclo implora pelas armas de Aquiles, que as concede, mas com a condição de apenas proteger os navios Gregos e de não levar mais adiante a ofensa contra os Troianos. O navio de Protesilau é incendiado. Quando Pátroclo surge com o exército dos Mirmídones, os Troianos o confundem com Aquiles. Sarpédone é morto por Pátroclo e grande luta é feita ao redor do seu corpo. Fogem, então, os Troianos. Pátroclo se esquece da promessa a Aquiles e os persegue até as muralhas de Troia. Apolo defende Troia e reanima Heitor, que marcha contra Pátroclo. Este faz grande chacina, mas acaba sendo desarmado por Apolo e morto por Heitor. Heitor e Pátroclo conversam.”

Por esse modo lutavam à volta das naves recurvas.
Pátroclo, entanto, apresenta-se a Aquiles, pastor de guerreiros,
a derramar muitas lágrimas, como de fonte profunda
se precipita água escura de cima da pedra altanada.
Vendo-o, apiedou-se o divino Pelida, de pés muito rápidos,
e, começando a falar, lhe dirige as seguintes palavras:
“Pátroclo, por que motivo a chorar, deste modo, te encontras,
como menina que insiste com a mãe para ser carregada,
pelo vestido detendo-a, conquanto apressada ela esteja,

e lagrimosa a contempla até que ela nos braços a tome?
Como ela, Pátroclo, lágrimas ternas derramas sem pausa.
Tens, porventura, aos Mirmídones algo a dizer, ou a mim próprio?
Novas soubeste de Ftia, talvez, que os demais desconheçam?
Vivo se encontra Menécio, assim, dizem, que de Áctor proveio,
bem como o Eácida, o claro Peleu, entre os fortes Mirmídones,
cujo trespasso, sem dúvida, grande aflição nos causara.
Ou, porventura, lastimas a sorte dos nobres Aquivos,
que junto às naves perecem por causa da própria injustiça?
Ora me conta, sem nada ocultar-me, que o saiba eu contigo.”
A suspirar, respondeste-lhe Pátroclo, excelso ginete:
“Ó grande Aquiles Pelida, o primeiro entre os fortes Acaios,
não me censures por ter aos Aqueus grande exício atingido.
Quantos, primeiro, na pugna, bravura e valor demonstravam,
ou por espada ou por seta feridos, às naus se acolheram.
Asseteado se encontra o Tidida valente, Diomedes;
jaz Odisseu vulnerado por lança, assim como Agamémnone;
na coxa Eurípilo foi por um dardo, também, vulnerado.
Conhecedores dos simples, os médicos tentam curá-los,
a lhes pensar as feridas. No entanto, prossegues, Aquiles,
inexorável. Jamais se apodere de mim tão grande ira.
Metes-me medo. A quem podes, depois, ser de alguma vantagem,
se não proteges os nobres Argivos na ruína iminente?
Sem coração! Não provéns do ginete Peleu, por sem dúvida,
nem do regaço de Tétis; geraram-te as ondas cerúleas
e os escarpados rochedos, que tens implacável espírito.
Se te retrais, porventura, em virtude de algum vaticínio
pela mãe nobre contado da parte de Zeus poderoso,
ao menos deixa que eu leve as falanges dos fortes Mirmídones
para lutar; hei de ser para os Dânaos a luz salvadora.
Deixa que à volta dos membros eu cinja tua bela armadura, para

que os Teucros me tomem por ti e da luta se abstenham,
e os belicosos Aquivos, que tão abatidos se encontram,
possam haurir novo alento; conquanto pequeno, é valioso.
Pois poderá gente fresca, sem muito trabalho, o inimigo
que tão cansado se encontra, das naus repelir para os muros.”
Que irreflexão era a sua! O insensato pedia, insistente,
que se cumprisse o seu fado, atraindo a precípite Morte.
Muito indignado, responde-lhe Aquiles, de pés muito rápidos:
“Pátroclo, herói da linhagem de Zeus, que palavras disseste?
Não me retraio, por certo, em virtude de algum vaticínio
pela mãe nobre contado da parte de Zeus poderoso.
O que me indigna, em verdade, e a tal ponto me pugna o imo peito,
é ver a alguém abusar do poder e privar a um dos pares
da recompensa que obteve, tomando-lhe o prêmio devido.
Isso, de fato, me ofende, excruciando-me o peito deveras.
A bela escrava que os fortes Aquivos por prêmio me deram,
por minha lança adquirida ao destruir bem-murada cidade,
o poderoso Agamémnone veio arrancar-me dos braços,
como se eu fosse adventício de todo o valor destituído.
Mas o passado esqueçamos; possível não é perpétuo ódio
no imo abrigar. Meu propósito, disse, e ainda agora o confirmo,
era que não cederia até o instante em que viesse até junto
de nossos próprios navios o estrondo e o furor dos combates.
Cobre teus membros, portanto, com minha armadura magnífica
e para o campo da luta conduz os valentes Mirmídones,
que nuvem negra de Teucros ataca os navios com grande
ímpeto, e os fortes Aquivos na praia do mar ressoante
se acham premidos. Somente lhes resta uma nesga de terra.
Toda a cidade dos Troas saiu para vir atacá-los,
confiadamente, que há muito brilhar o frontal não têm visto
do elmo que a testa me cinge. Se o forte Agamémnone houvesse

sido mais brando comigo, os Troianos, agora, encheriam
as depressões do terreno, ao invés de o cercarem nos barcos.
Não mais a mão do Tidida Diomedes a lança comprida
vibra furiosa livrando os Acaios da ruína iminente,
nem mais a voz irritante de odiosa cabeça do Atrida
aos meus ouvidos ressoa. De Heitor homicida somente
a voz atroante percebo, a animar os Troianos que ocupem
toda a planície e os Aquivos derrotem nos duros recontros.
Mas, ainda assim, com todo o ímpeto, Pátroclo, atira-te a eles,
para livrarmos as naves. Não deve lançar o inimigo
fogo nos lenhos e o grato retorno, com isso, frustrar-nos.
Grava, porém, no imo peito o que passo, insistente, a dizer-te,
para que junto dos Dânaos eu possa alcançar alta glória
e honras sem-par, e eles próprios me venham trazer a belíssima
filha de Crises, e infindos presentes de grande valia.
Logo que os Teucros das naus repelires, retorna. Ainda mesmo
que o de Hera esposo, de voz retumbante, alta glória te ceda,
sem mim não queiras levar mais avante o combate ardoroso
contra os Dânaos valentes; ser-me-ia desdouro, por certo;
nem aconteça, exaltado no ardor do combate, levares
o morticínio até os muros de Troia, por ventos batida,
pois poderia descer do alto Olimpo um dos deuses eternos,
que Febo Apolo, o frecheiro, aos Troianos é muito afeiçoado.
Volta, depois de levares a luz aos navios velozes
e de salvá-los; que os outros no plaino o combate prossigam.
Fosse do gosto de Zeus, e de Palas Atena, e de Apolo,
que nenhum Teucro pudesse fugir da precípite Morte,
nem os Acaios, tampouco, escapando nós dois, tão somente,
para que as torres de Troia sagrada por terra jogássemos!”
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos trocavam.
O grande Ajaz não resiste, forçado por tiros infindos;

pela vontade de Zeus e a pressão incessante dos Teucros
assoberbado se via. Ao redor da ampla testa soava-lhe
o elmo fulgente, por modo terrível, em cujas saliências
golpes sem conta choviam. Cansado já tinha o ombro esquerdo
de sustentar com firmeza o pavês reluzente, conquanto
não conseguissem desviá-lo por mais que o cobrissem de tiros.
Já o sufocava a fadiga; abundante suor escorria-lhe
dos membros todos, sem azo, sequer, de tomar novo alento,
que ininterruptos males de todos os lados lhe chegam.
Musas, que o Olimpo habitais, vinde agora sem falhas contar-me
de que maneira se ateou nos navios Acaios o incêndio.
Perto de Ajaz colocando-se, Heitor deu-lhe um golpe de espada
na hasta fraxínea, quebrando-a no ponto preciso em que o bronze
no caule se une, de modo que o filho do herói Telamão
fica a vibrar, simplesmente, uma vara estroncada, que a cúspide
aênea saltou para longe, ruidosa por terra caindo.
Reconheceu logo Ajaz na alma grande ser obra divina
quanto se dera, assustando-se, ao ver que Zeus grande lhe os planos
todos frustrava, empenhado em dar glória aos guerreiros de Troia.
Fora do alcance dos tiros se pôs; os Troianos lançaram
fogo no barco, alastrando-se logo indomável incêndio.
Ao ver Aquiles a flama elevar-se na popa da nave,
bate nas coxas e diz para o neto ilustríssimo de Áctor:
“Pátroclo, herói da linhagem de Zeus, impecável ginete,
sus! Já percebo que o fogo voraz irrompeu nos navios.
Não aconteça ficarmos privados dos meios de fuga.
Veste a armadura, depressa, que eu vou congregar logo os sócios.”
Pátroclo o bronze brilhante cingiu, obediente ao Pelida.
As caneleiras, primeiro, lavradas, nas pernas, ataca,
belas de ver, por fivelas de prata maciça ajustadas;
em torno ao peito coloca, depois, a couraça magnífica

do veloz Eácida, cheia de ornatos em forma de estrela;
lança nos ombros a espada de bronze com cravos de prata,
e um grande escudo sobraça, maciço e de largos contornos;
o elmo de fino lavor na cabeça admirável coloca,
no qual, por modo terrível, penacho de crina ondulava;
toma, por fim, de uma lança bem forte, de fácil manejo.
Só não tomou a hasta longa do Eácida, o herói impecável,
grande, maciça e pesada; nenhum dos robustos Aquivos
a manejava; o Pelida, somente, o fazia sem custo.
Dera-a Quirão a Peleu, para exício de heróis, por afeto;
foi tirada do tronco de um freixo do cimo do Pélio.
A Automedonte ordenou que atrelasse os velozes cavalos;
era-lhe amigo dileto, estimando-o depois do Pelida,
por ser de inteira confiança ao seu lado, nos duros embates.
Automedonte depressa os fogosos cavalos atrela,
Xanto e Balio, que os ventos velozes no curso igualavam.
Tinham a Harpia Podarga por mãe, concebidos de Zéfiro
quando ela, outrora, pascia, nas margens do rio Oceano.
Pédaso atrela, também, em correias ao lado, o cavalo
que da cidade de Eecião, ao destruí-la, o Pelida trouxera,
e que mortal, muito embora, aos corcéis imortais se emparelha.
Corre, entrementes, Aquiles, as tendas e o campo e aos Mirmídones
manda, insistente, que se armem. Tal como carnívoros lobos,
que têm perfeita consciência do grande vigor que os distingue,
quando, alcançando um veado-galheiro, nos montes o prostram
e o despedaçam; escorre-lhes sangue das fortes mandíbulas;
em alcateia, depois, se dirigem à fonte sombria,
e a superfície da escura corrente com as línguas delgadas
lambem, cruor estilando que as águas enturva; o intestino
se lhes dilata, mas grande coragem no peito conservam:
os conselheiros e guias, assim, dos valentes Mirmídones,

se congregavam em torno do amigo prestante do neto
de Eaco. Aquiles, o herói belicoso, no meio das turmas
estimulava os guerreiros de carro e os que a pé combatiam.
Eram cinquenta os navios que Aquiles veloz, a Zeus caro,
tinha trazido para Ílio. Cada uma das naves recurvas
com cinquenta homens nos bancos dos remos se achava provida.
Cinco varões de confiança havia ele entre os seus elegido
para o comando exercerem, mas dele era o império supremo.
A uma das turmas comanda Menéstio de arnês reluzente,
filho do rio Esperqueio, que as chuvas celestes engrossam,
e da gentil Polidora, nascida do forte Peleu.
Era ela humana; contudo, deitou-se no leito do rio;
tinha, no entanto, por pai toda a gente o Periérida Boro,
que ricamente a dotara, esposando-a por modo solene.
Sob o comando de Eudoro outra turma se achava; este, espúrio,
de Polimela nascera, a gentil dançarina nascida
do alto Filante. O Argicida potente tornara-se dela
enamorado no dia em que a vira a dançar entre as jovens
no coro de Ártemis de áureos remessos nas caças bulhentas.
Hermes, o deus benfeitor, às ocultas subiu para o quarto
e se deitou com a jovem, de quem teve o filho impecável
de nome Eudoro, excelente guerreiro e de pés mui velozes.
E quando as cruéis Ilitiias, que aos partos presidem, o filho
à luz trouxeram, ferindo-lhe os raios do sol os olhinhos,
a grande força do Actórida Equecles levou Polimela
para seu belo palácio, pagando-lhe dote riquíssimo.
O alto Filante, no entanto, ficou com a criança e educou-a,
grande afeição dedicando-lhe, como se filho lhe fosse.
Sobre o terceiro esquadrão comandava Pisandro Memálida,
hábil no jogo da lança; entre os fortes e estrênuos Mirmídones
era o primeiro, se o amigo do claro Pelida excetuarmos.

O venerável Fenice, o comando do quarto detinha,
e Alcimedonte o do quinto, de Laertes o filho impecável.
Logo que Aquiles em ordem dispôs de batalha os guerreiros
e os comandantes, por modo severo começa a falar-lhes:
"Não aconteça esquecerem as grandes ameaças, Mirmídones,
feitas aos Teucros por vós, aqui mesmo nos barcos, enquanto
a ira de mim se apossou. Inculpáveis-me todos, dizendo:
'Filho cruel de Peleu, fel materno, somente, bebeste,
que a seu mau grado reténs junto às naves os teus companheiros.
Dá-nos, ao menos, voltar para casa nas naus sulcadoras,
já que a funesta paixão te invadiu desse modo a alma nobre.'
Isso dizíeis amiúde, falando de mim. Eis chegada
a hora da grande entrepresa que há tanto aneláveis. Pelejem,
pois, contra os Teucros os que coração valoroso possuírem."
Por esse modo incitava o furor e a coragem de todos.
Cerram fileiras, depois de as palavras do rei escutarem.
Tal como o obreiro, ao construir as paredes de um alto palácio,
pedras miúdas dispõe, para a força do vento ampararem:
elmos, assim, e abaulados paveses bem juntos se achavam,
cascos e escudos unidos, guerreiros em filas compactas.
Tocam-se no alto os penachos de crina dos elmos brilhantes,
quando agitados, tão juntos se achavam os fortes guerreiros.
Diante de todos, armados, dois cabos achavam-se, Pátroclo
e Automedonte; um desejo, somente, abrigavam: ao prélio
reconduzir os Mirmídones. Logo depois o Pelida
vai para a tenda, onde a tampa levanta de uma arca belíssima,
que fora posta para ele, na nau corredora, por Tétis
de pés de prata, provida de túnicas finas, e mantas
que o resguardassem dos ventos, e belos tapetes felpudos.
Dela uma copa retira de fino lavor; nessa copa
vinho purpúreo a ninguém era dado beber, fora Aquiles,

que em libações para Zeus, tão somente, dela uso fazia.
Pós tê-la da arca tirado, passando-lhe enxofre, primeiro,
a purifica, lavando-a, depois, numa fonte bem clara,
onde as mãos lava, também. Cheia a copa de vinho brilhante,
pôs-se no meio do sacro recinto e, libando, suplica
a Zeus que no alto troveja, sem que este deixasse de ouvi-lo:
"Zeus, rei Dodôneo, Pelasgo, que longe de todos demoras,
e tens o império em Dodona gelada, onde os Selos que dormem
no áspero chão e que os pés nunca lavam te servem de intérpretes!
Do mesmo modo que ouviste o pedido que fiz há algum tempo
e me deste honra, infligindo castigo ao exército Acaio,
mais uma vez te suplico atenderes-me ao que ora te peço.
Junto das naves, de fato, me deixo ficar, mas envio
para a batalha sangrenta, seguido dos fortes Mirmídones,
o companheiro dileto. Concede-lhe, Zeus, alta glória
e o coração lhe reforça no peito, que Heitor julgar possa
se sabe o fiel companheiro, sozinho, enfrentar o inimigo,
ou se suas mãos invencíveis só podem mover-se com fúria,
quando ao seu lado me encontro nos duros embates da guerra.
Mas logo que ele das naus afastar o tumulto e a peleja,
faze que ileso regresse, afinal, aos navios velozes,
com suas armas e os sócios, viris combatentes de perto."
Isso disse ele na súplica. Zeus conselheiro, no entanto,
do que pedira somente uma parte concede; outra nega:
dá-lhe que Pátroclo afaste das naves a luta sangrenta,
mas não consente que o herói possa, vivo, tornar do combate.
Pós ter libado e ter feito o pedido que a Zeus dirigira,
à tenda Aquiles retorna; repõe na arca a lúcida copa
e para fora de novo tornou, pois ardia em desejos
de presenciar o combate entre os fortes Aquivos e os Teucros.
À testa Pátroclo e em ordem, movidos de ardor belicoso,

lançam-se os fortes Mirmídones, té nos Troianos baterem.
Logo se espalham, no jeito de vespas que o ninho construíram
junto da estrada, se crianças, acaso, assanhadas as deixam,
tal como têm por costume com quantos vespeiros enxergam,
a muitas outras pessoas incômodo grave aprestando,
pois se acontece passar um viandante que o ninho sacode
sem o querer, todas elas se lançam no rosto do mísero,
por grande ardor animadas, da prole querida em defesa:
o coração, desse modo, inflamado, os Mirmídones saem
das curvas naus, levantando clamor que às alturas atroa.
Pátroclo, então, para os seus, em voz alta, desta arte, lhes fala:
"Bravos Mirmídones, sócios de Aquiles, o forte Pelida,
sede homens, caros amigos, e força mostrai impetuosa,
para de glória cobrirmos o mais valoroso dos Dânaos
que nos navios se encontram, bem como de seus companheiros,
e possa ver Agamémnone, o forte senhor de Atreu filho,
quão cego estava ao querer desprezar o maior dos Aquivos."
Por esse modo incitava o furor e a coragem de todos.
Em formações adensadas, atiram-se aos Teucros; eleva-se
grita dos fortes Acaios, que as naves recurvas atroa.
Logo que os Teucros o filho enxergaram do grande Menetes,
com seu valente escudeiro, vestidos em lúcidas armas,
o coração lhes tremeu, começando a ceder as falanges,
por presumirem que Aquiles veloz dos navios saíra
por ter a cólera grande deposto e tornado ao bom senso.
Todos à volta esguardaram, visando a escapar da desgraça.
Pátroclo, logo de início, a hasta longa de bronze remessa
contra as falanges do imigo, onde mais adensadas se achavam,
junto do monstro da popa do barco em que viera o magnânimo
Protesilau. A arma alcança a Piracme, que trouxe os famosos
équites Peônios de Amídone, ao pé do Áxio belo construída.

No ombro direito o atingiu; tomba o herói, ressupino, na poeira,
dando um gemido. Assustados, em fuga, correram os Peônios,
pois neles todos terror incutira o viril Menecíada,
por ter-lhes morto o caudilho, guerreiro de excelsa virtude.
Das naus o imigo repele, apagando a voraz chama ardente.
Meio queimado o navio ficou. Fogem, logo, os Troianos,
em confusão indizível; no encalço, os perseguem os Dânaos,
que dos navios irrompem, no meio de grande alarido.
Tal como quando faz Zeus fulgurante afastar-se do pico
alto de um monte elevado os bulcões adensados que o cercam,
descortinando-se todos os cabos e grutas e as matas
pela baixada, ao se abrir, de repente, o céu claro e infinito:
do mesmo modo, aliviados, os fortes Aquivos respiram,
vendo já livres do fogo os navios. Contudo, a peleja
ainda prossegue, que os Teucros não fogem das naves escuras
sob a pressão dos guerreiros Aquivos, mas, sempre lutando,
aos poucos cedem terreno, deixando, forçados, as naves.
Quando espalhada a batalha, combates pessoais se travaram
entre os caudilhos. O filho admirável do grande Menetes
logo na frente a hasta longa na coxa enterrou de Areílico,
que procurava fugir; atravessa-lhe as carnes o bronze
e o osso fratura, caindo o guerreiro, de bruços, por terra.
O louro filho de Atreu, Menelau, fere a Toante, no peito,
onde o percebe desnudo, tirando-lhe a força dos membros.
A Ânflico nota o Filida que vinha contra ele; habilmente
antecipou-se-lhe e o fere bem no alto da perna, onde o músculo
é mais espesso; ante a ponta aguçada da lança partiram-se-lhe
os nervos todos; os olhos do herói recobriu a caligem.
Com sua lança pontuda o Nestórida Antíloco a Antímnio
fere, passando-lhe o flanco a hasta longa de bronze.
Tomba de frente o guerreiro; com a morte do irmão irritado,

Máris, postando-se diante do corpo, saltou contra Antíloco
para lanceá-lo. Porém, Trasimedes, o divo Nestórida,
antes que a lança partisse, o feriu, sem que a mira falhasse,
no alto da espádua. Os tendões separou a hasta longa e pontuda
da extremidade do braço, fazendo em pedaços os ossos.
Com grande estrondo caiu; densas trevas cobriram-lhe os olhos.
Por dois irmãos, desse modo, prostrados, baixaram para o Érebo
os companheiros notáveis do claro Sarpédone, filhos
de Amisodaro, o famoso lanceiro que criara a Quimera,
monstro invencível, que a muitos heróis da existência privara.
De um salto Ajaz, de Oileu filho, com vida a Cleóbulo surpreende,
que pela turba se achava impedido; o vigor, porém, logo
lhe dissolveu, enterrando-lhe a espada brilhante no colo:
quente de sangue ficou toda a lâmina; aos olhos lhe baixa,
com o violento Destino indomável, a Morte purpúrea.
Pós os hastis atirarem o herói Peneleu e o alto Lico,
sem que um no outro acertasse, pois de ambos falhou o arremesso,
sacam dos gládios e investem-se. Lico desfere um violento
golpe no casco do imigo; mas junto do punho quebrou-se-lhe
a forte lâmina. O herói Peneleu, sob a orelha, no colo,
tão fundamente o montante lhe enterra, que a pele somente
fica a suster a cabeça inclinada. Amolecem-lhe os membros.
Com pés velozes Meríones pôde alcançar Acamante,
no ombro direito ferindo-o, quando ele subia no carro.
Tomba o ferido na poeira, coberto de trevas os olhos.
O bronze cruel justamente na boca enterrou de Erimante
Idomeneu, trespassando-lhe a lança comprida a cabeça
e indo por baixo do cérebro a ponta de bronze, que os brancos
ossos lhe quebra, bem como inda os dentes; os olhos se lhe enchem
de negro sangue, que jorra abundante das fauces abertas
e das narinas. A nuvem da morte envolveu o guerreiro.

Cada um dos chefes Aquivos, assim, um imigo derruba.
Tal como lobos rapaces que atacam, de súbito, ovelhas
ou cabritinhos, se, acaso, o pastor imperito permite
que pelo monte se espalhem; ao vê-los, apanham-nos, presto,
e os dilaceram de espaço, que imbeles e fracos são todos:
os fortes Dânaos, assim, sobre os Teucros carregam; do brio
todos então olvidados, só pensam na horríssona Fuga.
O grande Ajaz desejava vibrar contra Heitor arnesando
a hasta possante. Mas este, guerreiro experiente, as espáduas
sempre trazia abrigadas no escudo de peles taurinas,
de ouças atentas no ruído das setas bem como no dos dardos.
Via o Troiano que a sorte da guerra já estava mudada;
mas, ainda assim, resistia, tentando salvar os consócios.
Tal como no éter divino se estende uma nuvem, do Olimpo
para o céu, quando Zeus tempestade violenta prepara:
dessa maneira os Troianos, em grita, deixando os navios,
desordenados repassam o fosso; os cavalos e o carro
em que lutava, ali, Heitor retiraram possantes; contudo
deixa ele os sócios, retidos, então, pelas forças imigas.
Muitos cavalos de rápido curso, o temão já partido,
dentro do fosso deixavam os carros dos príncipes Teucros.
Pátroclo, então, os seguia, a exortar vivamente os Aquivos,
só desejando matar os Troianos, que, em fuga e gritando,
em debandada as estradas enchiam. Remoinhos de poeira
às altas nuvens se elevam: deixando os navios e as tendas
em direção da cidade, os cavalos velozes disparam.
Pátroclo o carro atirava para onde em maior barafunda
via as falanges imigas. Por baixo dos eixos caíam
muitos guerreiros, virados os carros de rodas para o alto.
O fosso vencem de um salto os cavalos eternos e rápidos
que os imortais a Peleu tinham dado — presente magnífico! —

sempre a avançar. A coragem do herói o levava à procura
do ínclito Heitor que os corcéis para longe da pugna conduzem.
Como no tempo do outono se abate terrível procela
na terra escura, ao mandar Zeus potente infinito aguaceiro,
quando irritado se encontra com os homens e quer castigá-los,
por ver que torcem no foro a justiça e sentenças proferem
desrespeitando o direito, sem medo dos deuses eternos;
os largos rios, então, engrossados, dos álveos transbordam,
e a correnteza impetuosa colinas envolve e as solapa,
precipitando-se do alto dos montes no mar cor de púrpura,
estrepitosa, a rugir, assolando a lavoura dos homens:
do mesmo modo, a correr, relinchavam as éguas Troianas.
Tendo cortado do corpo do exército os homens da frente,
Pátroclo os força a fugir para o lado das naus, embargando-lhes
a volta para a cidade. Impetuoso os ataca no espaço
entre a corrente, os navios e o muro altanado, privando
da vida a muitos Dardânios, em vingança da morte dos Dânaos.
Primeiramente, no peito de Prónoo enterrou a hasta longa,
onde desnudo o percebe, tirando-lhe a força dos membros.
Tomba, ruidoso, o guerreiro. A seguir, contra Téstor se atira,
de Énopo o filho que, cheio de medo, se havia agachado
no belo carro de guerra e deixara escapar, aturdido,
das mãos as rédeas. De perto o feriu na maxila direita,
atravessando-lhe os dentes a lança brilhante. Puxando-a,
traz nela presa o Troiano por cima da borda do carro.
Tal como um peixe sagrado, de cima de rocha saliente
o pescador sói fisgar com anzol reluzente e com linha:
de boca aberta, desta arte, do carro, com a lança, arrancando-o,
joga-o de rosto no chão. Perde a vida o guerreiro, no tombo.
Contra Erilau, a seguir, que para ele corria, uma pedra
em meio à testa jogou, dividindo-lhe em dois a cabeça

dentro do casco pesado. Por terra, de bruços, o Teucro
cai, repentino, envolvendo-o, nessa hora, a caligem da morte.
Passa, daí, a atacar Polimelo de Argeias nascido,
Píris e Ifeu; depois destes, Anfótero, Evipo e Tlepólemo,
o Damastórida, Epaltes, Equio e Erimante; a eles todos,
uns sobre os outros, na terra fecunda sem vida ele prostra.
Ao ver Sarpédone que os companheiros de curtas couraças
eram ceifados por Pátroclo, o filho do grande Menécio,
apostrofou os divinos guerreiros da Lícia, exortando-os:
"Lícios, para onde fugis? Que vergonha! Lutar é forçoso.
Eu próprio irei ao encontro desse homem, porque me convença
quem é esse forte guerreiro que tanto os Troianos maltrata
e aos nossos mais esforçados consócios privou da existência."
Tendo isso dito, do carro saltou, sem que as armas largasse.
Pátroclo, vendo-o, também do seu carro desceu apressado.
Como dois corvos de bico recurvo e de garras aduncas,
que brigam no alto de rocha escarpada, grasnando estridentes:
atroadores, assim, um para o outro os guerreiros se atiram.
Vendo-os, sentiu-se apiedado o nascido de Crono astucioso,
e para a irmã e consorte virando-se, diz-lhe o seguinte:
"Pobre de mim, o Destino asselou que o mais caro dos homens,
o meu Sarpédone, tombe hoje aos golpes de Pátroclo exímio!
O coração sinto, agora, indeciso entre dois pensamentos:
levá-lo-ei para longe da pugna lugente, e o coloco
neste momento, com vida, entre o povo opulento dos Lícios,
ou deixarei que o vigor lhe despoje o viril Menecíada?"
Hera, a magnífica, de olhos bovinos, lhe disse, em resposta:
"Zeus prepotente, nascido de Crono, que coisa disseste?
Tens a intenção de livrar novamente da morte funesta
ao lutador que se encontra fadado a morrer há já muito?
Seja, se o queres, conquanto nós outras jamais te aprovemos.

Ora outra coisa te quero dizer, guarda-a bem no imo peito:
se resolveres enviar para casa a Sarpédone, vivo,
não aconteça quererem, também, retirar outros deuses
seus caros filhos do meio dos duros combates e pugnas,
pois ao redor das muralhas de Príamo lutam muitíssimos
filhos de deuses; entre estes farás vicejar a discórdia.
Se lhe dedicas afeto, e seu fado, em verdade, te punge,
deixa que seja prostrado sem vida na pugna terrível
pela potência de Pátroclo, o filho do claro Menécio.
Logo, porém, que a alma e a vida lhe o corpo robusto deixarem,
manda que o Sono agradável e a Morte o retirem do campo,
e para a Lícia o conduzam, de extensas e pingues campinas,
onde os irmãos e os parentes exéquias condignas lhe façam,
com cipo e túmulo, as honras devidas a quantos se extinguem.”
O pai dos homens e dos deuses de pronto aceitou esse alvitre.
Gotas de sangue fez logo cair sobre a terra fecunda,
em honra ao filho dileto, que estava a morrer condenado
às mãos de Pátroclo, longe da pátria, nos plainos de Troia.
Logo que os dois combatentes em frente se acharam um do outro,
Pátroclo a lança atirou, acertando em Trasímelo forte,
o valoroso escudeiro do grande monarca Sarpédone;
a hasta no ventre lhe entrou, dissolvendo-lhe a força dos membros.
Joga em segundo lugar a hasta longa e brilhante Sarpédone,
sem que no imigo acertasse, indo a lança possante encravar-se
na pá direita de Pédaso, o qual, relinchando, jogou-se
a estrebuchar no chão duro, exalando nas vascas o espírito.
Encabritaram-se os outros cavalos, ao verem por terra
o balancim; baralharam-se as rédeas; o jugo alto estrala.
Automedonte, porém, logo encontra o remédio adequado:
saca da espada cortante de junto da coxa robusta
e, decidido, os tirantes cortou do cavalo do lado.

Os outros dois se endireitam e ao freio, de novo, obedecem.
Mais uma vez os heróis se defrontam na pugna homicida.
A lança aênea Sarpédone, frustra, de novo arremessa;
pelo ombro esquerdo de Pátroclo a ponta de bronze desliza
sem atingi-lo, porém. Com mão certa dispara o seu dardo
Pátroclo. Vão, por sem dúvida, o bote não foi que o hastil longo
no coração de Sarpédone entrou, onde o envolve o diafragma.
Ei-lo que tomba por terra, tal como carvalho, ou pinheiro,
ou choupo altivo, que ao truz de afiado e possante machado
para uso náutico o obreiro numa alta montanha derruba:
em frente ao carro, desta arte, caído ele se acha, rangindo
os alvos dentes, e a terra sanguínea a apertar entre os dedos.
Do mesmo modo que um touro vermelho e animoso, colhido
por um leão que, de súbito, assalta manada flexípede
muge, ao se ver entre as fortes maxilas da fera terrível:
já mortalmente ferido por Pátroclo, assim, irritado,
geme o caudilho dos Lícios, chamando por seu companheiro:
"Glauco querido, guerreiro famoso entre os homens, agora
deves mostrar-se invencível, vibrando galhardo a hasta longa.
Se és denodado, somente prazer pode a guerra causar-te.
Os condutores dos Lícios, primeiro, de todos os lados
chama e os exorta a que venham lutar ao redor de Sarpédone;
com tua lança de bronze, depois, corre em minha defesa.
Causa de grande desonra e de opróbrio ser-te-ei para sempre,
constantemente, se, acaso, ao cair junto às naus, em combate,
da reluzente armadura me vierem privar os Aquivos.
Firme, portanto, peleja, e os demais, como cumpre, estimula."
Disse, no instante em que a Morte, com o manto de trevas, os olhos
lhe recobriu e o nariz. Pondo Pátroclo o pé sobre o tórax,
tira-lhe a lança do corpo, à qual segue aderente o diafragma.
Ao mesmo tempo que a lança, desta arte, a alma arranca a Sarpédone.

Os ardorosos corcéis do guerreiro os Mirmídones prendem,
que, por se verem sem dono, a correr sem destino se achavam.
Glauco sentiu aflição indizível à voz de Sarpédone;
o coração abalou-se-lhe, ao ver-se incapaz de ajudá-lo.
Com a mão o braço ofendido apertava, pois muito sofria
com a ferida que um Teucro, em defesa de seus companheiros,
lhe produzira, quando ele escalava o alto muro dos Dânaos.
A Febo Apolo, ao que longe asseteia, desta arte suplica:
"Ouve, Senhor, meu pedido, quer te aches na Lícia fecunda,
quer entre os homens de Troia. De todas as partes escutas
aos que, como eu, te suplicam em meio de grande desdita.
Olha-me! Tenho esta grave ferida e padeço de dores
insuportáveis no braço; não vejo maneira de o sangue
negro deixar de correr; o ombro sinto pesado e sem força.
Já não consigo vibrar a hasta longa e enfrentar, denodado,
os inimigos. Um grande guerreiro sem vida se encontra,
germe de Zeus, justamente, Sarpédone, e Zeus o abandona!
Mas tu, Senhor, vem curar-me esta imana ferida, alivia-me
de tantas dores, e força me infunde, porque eu chamar possa
os companheiros da Lícia, os exorte a voltar para a luta,
e eu próprio ajude, afinal, a livrar o cadáver do amigo!"
Isso disse ele na súplica; ouvido por Febo foi logo,
que lhe acalmou prontamente a tortura; da chaga dorida
o negro sangue detém e no peito lhe infunde energia.
Glauco sentiu logo o efeito, alegrando-se no íntimo da alma,
por ver que o deus se apressara a atender-lhe o pedido aflitivo.
Os condutores dos Lícios, primeiro, de todos os lados
chama e os exorta a que venham lutar ao redor de Sarpédone,
e a grandes passos, depois, para o meio se foi dos Troianos:
Polidamante, nascido de Panto, e Agenor procurava,
o grande Eneias e Heitor, o guerreiro de vestes de bronze.

Ao lado deste postando-se, disse as palavras aladas:
"Muito esquecido, sem dúvida, Heitor, dos aliados te encontras,
que por tua causa aqui morrem, distantes da pátria querida
e dos amigos. Não levas jamais a nenhum teu auxílio.
Morto se encontra Sarpédone, o chefe dos Lícios guerreiros,
que com rigor e inteireza na Lícia fecunda imperava.
Ares, o brônzeo, o matou com a ajuda da lança de Pátroclo.
Vamos, amigos, para onde o cadáver se encontra; indignai-vos
no coração de que as armas lhe dispam e o corpo os Mirmídones
lhe encham de opróbrio, irritados por causa de tantos Aquivos
que, junto às naus, nossas lanças à Morte funesta levaram."
Isso disse ele; tomados de dor os Troianos ficaram,
incomportável e imensa, que, embora estrangeiro, Sarpédone
era o baluarte de Troia; por muitos guerreiros seguido,
nos duros prélios seu grande valor entre todos luzia.
Contra os Aquivos, então, animosos, avançam; comanda-os
o ínclito Heitor, irritado com a morte do chefe dos Lícios.
Pátroclo os seus dirigia, animando os guerreiros Acaios.
Primeiramente aos Ajazes, de si tão valentes, exorta:
"Bravos Ajazes, o imigo enfrentar ora tendes a cargo,
com a virtude que sempre mostrastes, os mais, se possível.
Jaz morto o herói que, primeiro, o alto muro escalou dos Aquivos,
o valoroso Sarpédone. Fosse possível tirar-lhe
dos ombros largos as armas, cobrir o cadáver de ultrajes
e os companheiros que o cercam, com bronze matar implacável!"
Independente do apelo, ambos eles ansiavam por lutas.
Pós terem todos os chefes as suas falanges disposto,
Lícios e Teucros de um lado, os Aquivos e os bravos Mirmídones
do outro, iniciaram terrível peleja ao redor do cadáver.
Era indizível o estrondo das armas e os gritos dos homens.
Noite funesta Zeus grande estendeu sobre a pugna terrível,

para que, em torno do corpo do filho, maior fosse a luta.
Cedem de início o terreno os Aqueus de olhos ágeis dotados,
quando caiu Epigeu, claro filho de Ágacles magnânimo,
que não seria, por certo, o somenos dos bravos Mirmídones.
Primeiramente em Budeia morava, cidade belíssima;
quando, porém, a um dos primos notáveis privou da existência,
súplice o paço procura do nobre Peleu e de Tétis,
que juntamente com Aquiles, o herói valoroso, o mandaram
para lutar contra os Teucros, nos campos ferazes de Troia.
Ao pôr a mão no cadáver, Heitor valoroso uma pedra
em meio à testa lhe atira, partindo-lhe em dois a cabeça
dentro do casco pesado. Por cima do corpo, de bruços,
cai repentino, envolvendo-o nessa hora a caligem da Morte.
Pátroclo, cheio de dor pela morte do amigo, atirou-se
por entre as filas dianteiras dos Troas, gavião parecendo
de rapidíssimo voo, ao caçar estorninhos e gralhos:
contra os Dardânios e os Lícios, assim, domador de cavalos,
Pátroclo heroico, irrompeste, irritado por causa do amigo.
Logo de início, uma pedra pontuda atirou no pescoço
de Estenelau, de Itemenes nascido, e os tendões lhe fratura.
Retrocederam os Teucros da frente e o impecável Heitor.
Quanto percorre um comprido venáb'lo que um homem robusto
joga com o fim de provar seu vigor, em compita amigável,
ou nos combates cruentos, premido por tiros do imigo:
tanto os Troianos perderam e os fortes Argivos ganharam.
Foi o primeiro a voltar-se o famoso caudilho dos Lícios,
Glauco, da vida privando a Baticles, o herói magnânimo,
filho de Cálcone; na Hélade um belo palácio possuía
e entre os Mirmídones era acatado por suas riquezas.
Glauco, virando-se de súbito, a lança de bronze enterrou-lhe
em pleno peito, quando ele pensava que iria alcançá-lo.

Estrepitoso, caiu; grande dor os Acaios sentiram
ante o destino do herói; rejubilam-se, entanto, os Troianos,
e para perto acorreram de Glauco. Os Aquivos, contudo,
não se esqueceram do próprio valor, investindo impetuosos.
Mata Meríones, logo, a um dos mais distinguidos Troianos,
Laógono, o filho valente de Onétor, notável antiste
de Zeus Ideu, e acatado qual nume imortal pelo povo.
Fere-o por baixo do queixo e da orelha; depressa dos membros
a alma lhe sai, recobrindo-lhe os olhos as trevas horrendas.
Contra Meríones a hasta de bronze o alto Eneias atira,
certo de morto prostrá-lo, quando ele avançava arnesado.
Este, porém, que o notara, desviou-se da lança brilhante.
Em tempo inclina-se o herói para a frente, indo a lança encravar-se
no chão, por trás do guerreiro, ficando a oscilar algum tempo,
té que Ares forte, afinal, fez que a força impetuosa perdesse.
A hasta de Eneias, assim a oscilar, encravou-se na terra,
pós ter partido, debalde, da mão poderosa do Teucro.
O coração irritado, desta arte, explodiu o alto Eneias:
"Ainda que fosses, Meríones, hábil na dança, meu dardo
te deixaria parado, se acaso te houvesse atingido."
Disse-lhe, então, em resposta, o lanceiro famoso, Meríones:
"Ainda que sejas, Eneias, guerreiro de prol, não presumas
que sempre possas a força apagar dos varões que saírem
ao teu encontro na pugna; és, também, de feitura terrena.
Se em pleno corpo pudesse atingir-te meu bronze afiado,
posto que sejas robusto e confies no braço, tua alma
fama dar-me-ia, baixando para o Hades de claros ginetes."
Mas, censurando-o, lhe diz o alto filho do forte Menécio:
"Por que, Meríones, forte como és, perdes tantas palavras?
Só com insultos, meu caro, jamais obteremos que os Teucros
soltem o corpo. Primeiro cobrir há de a muitos a terra.

Nas reuniões os discursos decidem; nas guerras, o braço.
Não fica bem perder tempo em falar, sim, lutar com denodo.”
Disse, e partiu, pelo divo Meríones, logo, seguido.
Do mesmo modo que ao longe ressoa o barulho dos golpes
dos lenhadores, nos vales, quando árvores grandes abatem:
na terra, assim, de amplas vias, soava o clangor da peleja,
das armas brônzeas, dos largos paveses de couro bovino,
e o ruído seco dos gládios, das lanças de dúplices pontas.
Fora impossível, embora a indivíduo avisado, a Sarpédone
reconhecer, porque o corpo se achava, dos pés até a fronte,
completamente coberto de pó, de sangueira e de tiros.
Movimentavam-se todos à volta do corpo, do mesmo
modo que moscas volteiam no estáb’lo ao redor das vasilhas,
na primavera, no tempo em que o leite transborda dos tarros.
Dessa maneira apinhavam-se em torno do morto. Zeus grande
não afastava da pugna terrível o olhar penetrante.
E enquanto as fases da luta seguia, ocupava-se no íntimo
em revolver vários planos acerca da morte de Pátroclo:
se deveria ali mesmo, na pugna terrível, Heitor
junto do corpo do divo Sarpédone morto prostrá-lo
com sua lança e dos ombros tirar-lhe a armadura brilhante,
se deixaria que a muitos, ainda, aprestasse canseiras.
Tendo assim, pois, refletido, afinal pareceu-lhe mais certo
que para os muros de Troia, de novo, o escudeiro de Aquiles
irresistível levasse as falanges Troianas e Heitor
de armas de bronze, e que a muitos guerreiros da vida privasse.
Frio desânimo, logo, no peito de Heitor ele insufla,
que, para o carro subindo, depressa, concita os Troianos
a que o imitassem, pois vira alterar-se de Zeus a balança.
Nem mesmo os Lícios ousaram ficar, muito embora valentes;
todos em fuga se põem, ao verem ferido o monarca,

no coração, numa rima de mortos, pois muitos sobre ele
tinham caído, ao tornar Zeus potente mais rija a batalha.
Logo os Argivos tiraram dos ombros do claro Sarpédone
a reluzente armadura, que o filho viril do Menécio
aos companheiros entrega, mandando que às naus a levassem.
A Febo Apolo, então, fala Zeus grande, que as nuvens cumula:
"Febo dileto, retira Sarpédone, logo, do alcance
dos crebros dardos e o corpo lhe limpa do sangue anegrado
na água corrente de um rio, em lugar bem distante da pugna;
unge-o com óleo divino, de roupa imortal o reveste
e aos condutores velozes, depois, encarrega que o levem
o Sono e a Morte, irmãos gêmeos. Sem perda de tempo estes devem
depositá-lo no solo fecundo e sagrado da Lícia,
onde os irmãos e os parentes exéquias condignas lhe façam,
com cipo e túmulo, as honras devidas a quantos se extinguem."
Febo mostrou-se obediente ao mandado de Zeus poderoso:
do cimo do Ida, depressa, baixou para a fera batalha,
tira do alcance dos dardos o corpo do divo Sarpédone,
limpa-o na clara corrente de um rio distante da clade,
unge-o com óleo divino, com roupa imortal o reveste
e aos condutores velozes, depois, incumbiu que o levassem,
o Sono e a Morte, irmãos gêmeos, que, logo, da pugna o tiraram
e o depuseram no solo fecundo da Lícia sagrada.
A Automedonte dava ordens, entanto, e aos fogosos ginetes
Pátroclo, para que em pós dos Troianos e Lícios seguissem.
Cego! Se houvesse prestado atenção ao conselho de Aquiles,
provavelmente teria escapado da Morte sinistra.
Mas a vontade de Zeus é mais forte que o arbítrio dos homens,
pois fácil lhe é pôr em fuga o mais bravo e negar-lhe a vitória,
ainda que fosse ele próprio que houvesse a lutar instigado.
Brio, desta arte, ele agora, no peito de Pátroclo inflama.

Qual o primeiro, qual o último herói foi por ti despojado,
Pátroclo, quando a morrer te chamaram os deuses eternos?
O forte Adrasto, primeiro, os robustos Autónoo e Equeclo,
Périmo, filho de Megas, Epístor, o herói Melanipo;
Élaso, logo depois, e Pilartes, e Múlio valentes.
A estes matou; os demais se lembraram da rápida Fuga.
E pelo pulso de Pátroclo os Dânaos teriam tomado
as altas portas de Troia, tão grandes estragos causava,
se Febo Apolo na torre elevada não viesse postar-se,
na ruína dele a pensar e no amparo aos guerreiros Troianos.
Três vezes Pátroclo tenta escalar um dos âng'los da torre
alta e bem-feita; três vezes Apolo a recuar o compele,
dando com a mão imortal vários golpes no escudo luzente.
Quando, porém, pela quarta avançava, semelho a um demônio,
com voz terrível o deus lhe profere as palavras aladas:
"Pátroclo, germe de Zeus, para trás! Não consente o Destino
que por teu braço se renda a cidade gloriosa dos Teucros,
nem por Aquiles, herói do que tu muito mais valoroso."
Pátroclo, ouvindo-o, recuou muitos passos, então, de onde estava,
para evitar o rancor do frecheiro infalível, Apolo.
Nas Portas Ceias Heitor os cavalos robustos deteve,
a refletir se devia voltar para a luta, de novo,
ou se aos Troianos dissesse que abrigo nos muros buscassem.
Enquanto assim se encontrava, indeciso, aparece-lhe Febo
sob a feição de um mancebo, robusto e no viço da idade,
Ásio, um dos tios maternos de Heitor, domador de cavalos;
junto do rio Sangário, na Frígia, o palácio construíra,
de Hécuba irmão, e ambos filhos do claro guerreiro Dimante.
Tendo esta forma assumido, falou-lhe, então, Febo, o seguinte:
"Por que te absténs dos combates, Heitor? Não convém que assim faças.
Se te excedeste em vigor quanto em forças realmente me excedes,

bem ruim te fora nesta hora o deixares o campo da luta.
Vamos! dirige sem medo os robustos corcéis contra Pátroclo;
vê se consegues vencê-lo; é possível que Febo te exalte.”
Para as canseiras dos homens o deus, novamente, retorna.
O ínclito Heitor a Cebríones disse, o cocheiro prudente,
que chicoteasse os corcéis para a pugna. Entrementes, Apolo
se mistura entre a chusma de heróis, suscitando nos Dânaos
o frio Medo; aos Troianos e a Heitor aprestava alta glória.
Este deixava os Aqueus, desprezando tirar-lhes as armas;
só contra Pátroclo os fortes corcéis dirigia, ardoroso.
Pátroclo, ao vê-lo, do carro saltou para o chão; na sinistra
a hasta brilhante vibrava; e colhendo com a destra uma pedra
branca e pontuda, que mal lhe cabia na mão vigorosa,
pós afirmar-se, a jogou. Muito tempo sem alvo não fica,
nem foi baldado o seu tiro: o projétil bateu no cocheiro
do ínclito Heitor, que os corcéis dirigia, e que filho bastardo
era de Príamo. Na testa o atingiu o anguloso projétil.
A sobrancelha arrancou-lhe, sem que nem os ossos ao menos
o detivessem; na poeira caíram-lhe os olhos sangrentos,
junto dos pés. Vem abaixo do carro elegante o guerreiro,
qual nadador em mergulho; abandona-lhe o espírito os ossos.
Pátroclo, o forte ginete, a zombar, o seguinte lhe disse:
“Vejam como ágil é este homem! E como tão frágil mergulha!
Certo, se acaso estivesse no mar abundoso de peixes
e se atirasse da nave para ostras pescar, ainda em meio
de ondas bravias, pudera, de fato, saciar muita gente:
tal a presteza com que ele do carro saltou para o campo!
Mergulhadores de fama, por certo, entre os Teucros se encontram.”
Pós ter falado, atirou-se a correr para o claro Cebríones,
como leão cheio de ira, que à Morte conduz a coragem,
em pleno peito ferido depois de arrasar um rebanho:

sobre Cebríones, Pátroclo, assim te atiraste, impetuoso.
Nesse entrementes, Heitor, do seu carro, também, já saltara.
Ambos em torno do morto iniciaram terrível peleja,
como dois leões esfaimados e cheios de ardor que no cimo
de um alto monte disputam o corpo da corça abatida:
sobre Cebríones lutam, desta arte, dois fortes guerreiros,
Pátroclo, o filho do claro Menécio, e o impecável Heitor,
ambos querendo ferir o adversário com o bronze funesto.
Pela cabeça o cadáver Heitor segurou, sem largá-lo,
enquanto Pátroclo o aferra do pé. Os demais combatentes,
Teucros e Argivos, em torno do corpo a lutar continuam.
Como Euro e Noto, por vezes, em grotas profundas contendem
porfiadamente, fazendo abalar nas sombrias florestas
os cortiçosos cornisos, as faias altivas e os freixos,
e uns contra os outros os galhos compridos se chocam, ouvindo-se
longe o estralar continuado de quantos, no embate, se quebram:
dessa maneira os Troianos e os Dânaos em fúria acometem,
sem que nenhum se lembrasse, nessa hora, da Fuga nociva.
Lanças inúmeras vêm encravar-se ao redor de Cebríones,
setas aladas sem conta, que partem dos arcos recurvos;
pedras enormes abalam os fortes escudos de quantos
lutam em torno do corpo, que jaz num remoinho de poeira
em área enorme, de todo esquecido de guiar os cavalos.
Enquanto o Sol até o meio do céu percorria o caminho,
cruzam-se dardos de todas as partes e a turba perece;
mas, quando o Sol se inclinou, já no tempo em que os bois vão ser soltos,
contra o querer do Destino os Aqueus obtiveram vantagem.
Do mais renhido da luta e do alcance dos dardos o corpo
do generoso Cebríones tiram, despindo-lhe as armas,
enquanto Pátroclo, cheio de ardor, contra os Teucros investe.
Por vezes três acomete, como Ares veloz na aparência,

com grandes urros; nove homens, três vezes, sem vida ele prostra.
Quando, porém, pela quarta avançava, semelho a um demônio,
nessa hora, Pátroclo, aos olhos o termo luziu-te da vida.
No mais aceso da luta saiu contra ti Febo Apolo,
torvo, sem ser pelo herói percebido no meio da chusma,
pois avançava para ele envolvido em caligem espessa.
Por trás se pondo do herói, com a mão espalmada, nos ombros
e nas espáduas lhe bate, causando-lhe aos olhos vertigem.
O capacete, também, Febo Apolo da fronte lhe tira;
alto rimbomba ao rolar pelo chão, entre os pés dos cavalos,
o elmo de quatro saliências, manchando-se a crina ondulante
de sangue e poeira. Até então não se havia sujado de terra
esse elmo ornado de crina vistosa, que o Fado o vedava,
por proteger a cabeça venusta de Aquiles divino.
Ora deixou Zeus potente que Heitor na cabeça o pusesse,
por já estar perto o momento em que o herói perecer deveria.
Na mão de Pátroclo a lança de sombra comprida se quebra,
grande, pesada e robusta, com ponta de bronze. Rompeu-se-lhe
o boldrié; cai-lhe o escudo comprido dos ombros robustos,
e o próprio filho de Zeus, Febo Apolo, a couraça lhe tira.
O entendimento enturvou-se-lhe; os membros sem força ficaram.
Para, aturdido, o guerreiro. Por trás, entre os ombros, na espádua,
de perto, a lança lhe enterra um dos cabos Dardânios. Euforbo,
filho de Panto, que a todos os Teucros equevos vencia
na arte de os carros guiar, na carreira e no jogo da lança.
Como aprendiz, nesse dia, ingressara na pugna e já vinte
homens sem vida fizera baixar de seus carros de guerra.
Foi esse, Pátroclo, insigne ginete, o primeiro a ferir-te,
sem que te houvesse prostrado. Corre ele a ocultar-se entre a chusma,
pós ter a lança de freixo arrancado da chaga; receio
tinha de a Pátroclo opor-se, apesar de ele estar indefeso.

Enfraquecido com o golpe e a pancada que o deus lhe assestara,
para as fileiras dos seus recuou, procurando salvar-se.
Logo que Heitor percebeu que o magnânimo Pátroclo fora
por bronze agudo atingido e que a salvo tratava de pôr-se,
por entre as filas cortando, achegou-se-lhe e a lança lhe enterra
no baixo-ventre, indo a ponta aguçada nas costas sair-lhe.
Tomba, ruidoso, causando aflição aos guerreiros Acaios.
Do mesmo modo que um leão vence em luta a incansável javardo,
quando, ardorosos, pelejam no cimo de um monte, por causa
de fonte exígua, onde a sede abrasante aplacar ambos querem,
té que o javardo, a ofegar, ante a força do leão cai vencido:
o ínclito Heitor, desse modo, que perto, com a lança a existência
tira do filho do claro Menécio, que a muitos matara.
Cheio de júbilo, então, lhe dirige as palavras aladas:
"Pátroclo, certo, pensava que havia de as casas pilhar-nos,
e poderia levar à Acaia, nas naves recurvas,
nossas mulheres, depois de privadas dos dias felizes.
Néscio! Os cavalos velozes de Heitor ainda, em sua defesa,
correm no campo da luta. Entre os bravos Trianos, distingo-me
por minha lança, que afasta de todos o cruel cativeiro.
De ti, no entanto, os abutres de Troia farão bom repasto.
De nada, mísero, pode valer-te o Pelida, que, certo,
te deu prudentes conselhos, na tenda, ao manter-te sem ele:
'Pátroclo, exímio ginete, não penses em vir de tornada
para os navios, sem teres, primeiro, rasgado a couraça
no próprio peito de Heitor homicida, tingindo-a de sangue.'
Ele, por certo, assim disse, suadindo-te, néscio, a este ponto."
Pátroclo, nobre ginete, em tom débil disseste-lhe, ainda:
"Jactas-te Heitor, desse modo, por teres obtido a vitória
de Zeus potente e de Apolo, que, fácil, puderam vencer-me,
pois foram eles que as armas, alfim, me tiraram dos ombros.

Se, tal como és, vinte Teucros me houvessem buscado de frente,
com minha lança aqui mesmo os teria prostrado sem vida.
Mata-me a Moira funesta e o de Leto nascido, bem como,
entre os humanos, Euforbo; és somente o terceiro a espoliar-me.
Ora outra coisa te quero dizer, guarda-a bem no imo peito:
não tens, também, muito tempo de vida, que já se aproxima
de ti o Fado implacável e a sombra da lívida Morte.
Às mãos de Aquiles terás de morrer, o impecável Eácida.”
Pós ter falado, cobriu-o com o manto de trevas a Morte,
e a alma, dos membros saindo, para o Hades baixou, lastimando
a mocidade e o vigor que perdera nessa hora funesta.
Para o cadáver voltando-se Heitor, o admirável, responde:
“Por que motivo me fazes agouro tão fúnebre, Pátroclo?
Quem nos dirá que o impecável Aquiles, o filho de Tétis
de belas tranças, não venha a morrer, por meu gládio ferido?”
Pós ter falado, assentou sobre o morto um dos pés e a hasta longa
com toda a força puxou, atirando de costas o corpo.
A Automedonte, depois, se dirige, com a lança a apontar-lhe,
o hábil e divo escudeiro do Eácida, o herói velocíssimo,
pois desejava feri-lo; mas presto os velozes ginetes
que os imortais a Peleu tinha dado, bem longe o puseram.

CANTO XVII

OS FEITOS HEROICOS DE MENELAU (ARISTIA DE MENELAU)

“Menelau mata Euforbo, que tentava levar as armas de Pátroclo. Então, chama Ajaz para defender o cadáver da investida de Heitor e este último cede. No entanto, retorna animado por Glauco e pelos melhores Troianos. Ocorre longa luta ao redor do cadáver de Pátroclo. Os cavalos de Aquiles são feridos e Zeus tem piedade. Apolo ajuda os Troianos e Atena, os Gregos. Com os Gregos em desvantagem, Ajaz pede auxílio a Zeus. Menelau manda Antíloco avisar Aquiles da desgraça. Menelau e Meríones acabam por conseguir pegar o corpo de Pátroclo, protegidos pelos dois Ajazes.”

O nobre filho de Atreu, Menelau, valoroso guerreiro,
ciência tivera de que Pátroclo aos golpes dos Troas caíra.
Corta, envolvido de bronze, através das fileiras da frente,
e ao derredor do cadáver se pôs a girar, qual novilha
inexperiente do parto, que muge rodeando o bezerro:
o louro Atrida, desta arte, circunda o cadáver de Pátroclo,
a defendê-lo, mantendo sobre ele o pavês e a hasta longa,
pronto a sem vida prostrar o inimigo que ousasse antepor-se-lhe.
Não se descuida, também, do cadáver do herói prestantíssimo

o alto Pantoida, lanceiro extremado; para ele achegando-se,
a Menelau valoroso dirige as seguintes palavras:
"Filho de Atreu, Menelau, chefe de homens, de Zeus alto aluno,
deixa o cadáver, afasta-te, entrega-me o espólio sangrento.
Antes de mim, na renhida peleja, nenhum dos Troianos,
ou dos altivos aliados, em Pátroclo usou a hasta longa.
Deixa, portanto, que eu venha alcançar alta glória entre os Teucros:
não se me imponha ferir-te, arrancando-te a doce existência."
O louro Atrida, indignado, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Não é bonito, por Zeus, a vanglória a tal ponto exaltada.
Nem a pantera, nem mesmo o leão de vigor indomável,
nem o javardo possante que alberga no peito grande auso,
os quais, conscientes do próprio valor, orgulhosos se mostram,
tanta jactância estadeiam como estes valentes Pantoidas.
De que serviu mocidade e vigor ao preclaro Hiperénor,
quando me veio esperar para insultos pesados jogar-me?
Tinha afirmado que eu era o mais fraco dos homens da Acaia.
Penso, porém, que não pôde voltar com seus pés para casa,
aos genitores levando alegria e à dileta consorte.
Do mesmo modo, estou certo, hei de o orgulho abater-te, se vieres
ora, de frente, atacar-me. Aconselho-te, aliás, a que fujas
por entre a turba; arrostar-me não venhas, se queres salvar-te,
enquanto é tempo; somente aos estultos os fatos ensinam."
Não persuadiu Menelau ao Troiano, que, logo, retruca:
"Eis o momento, progênie de Zeus, de pagares a morte
do meu irmão, ato cruel de que falas com tanta jactância.
Viúva deixaste-lhe a esposa na casa construída de pouco;
nos genitores fizeste nascer a vontade do choro;
mas lenitivo eu seria aos coitados, no luto em que se acham,
se conseguisse levar-te a cabeça e a armadura brilhante,
e no regaço as lançasse de Panto e de Fróntide excelsa.

Não ficarás diferido mais tempo este nosso combate,
sem que se prove quem deve fugir ou a quem cabe a vitória.”
Tendo isso dito, a hasta longa no escudo redondo arremessa,
sem que o metal o rompesse, contudo, que a ponta se amolga
na resistência do escudo. Depois, Menelau arremessa
a sua lança, também, dirigindo a Zeus grande uma súplica.
E quando Euforbo recuava, na base do colo ferindo-o,
lança calca de rijo, confiado nos nervos do braço.
Do lado oposto do tenro pescoço saiu a hasta aguda.
Tomba estrondoso no solo, ressoando-lhe em torno a armadura.
Sangue lhe suja os cabelos, que, como os das Graças, trazia,
em belos cachos trançados com fios de prata e ouro fino.
Como acontece com broto de tenra oliveira plantado
pelo colono em lugar solitário de muita umidade,
que logo surto admirável adquire — a ramagem os ventos
de toda classe a inquietam, coberta de brancas florinhas —
té que com muitos remoinhos de súbito um vento se eleve,
que a árvore, enfim, desarreiga e a projeta, estendida, no solo:
por Menelau, desse modo, o lanceiro habilíssimo Euforbo,
filho de Panto, foi morto e da bela armadura espoliado.
Quando o leão, que nos montes crescera, confiado na força,
rouba do pasto a mais bela novilha de todo o rebanho —
primeiramente lhe quebra a cerviz nas possantes mandíbulas
e, lacerando-a, a seguir, todo o sangue e as entranhas lhe chupa —
e ao derredor a matilha e os pastores se postam, fazendo
grande barulho, mas sempre de longe, sem terem coragem
de acometê-lo, que o pálido Medo de todos se apossa:
do mesmo modo nenhum dos Troianos no peito abrigava
disposição de enfrentar o glorioso e viril Menelau.
E o louro Atrida, sem dúvida, as armas do filho de Panto
mui facilmente levara, se Apolo, de inveja movido,

contra ele Heitor não tivesse incitado, o guerreiro preclaro.
Sob a figura de Mentes, o chefe dos fortes Cicônios,
chega-se para o guerreiro e lhe diz as palavras aladas:
"É inatingível, Heitor, o que intentas pegar neste instante:
os corredores do Eácida ilustre. É tarefa muito árdua
para os humanos de curta existência forçá-los ao jugo,
se excetuarmos Aquiles, por deusa imortal concebido.
Perdes o tempo e, enquanto isso, o viril Menelau, de Atreu filho,
em torno a Pátroclo a vida a um troiano eminente cerceia,
o claro Euforbo Pantoida, extinguindo-lhe o ardor belicoso."
Pós ter falado, mistura-se o deus no tumulto dos homens.
Grande aflição envolveu a alma nobre de Heitor, conturbando-a.
Pelas fileiras o olhar alongando, ao Atrida percebe
atarefado em tirar a armadura vistosa de Euforbo,
e este no solo, estendido, escorrendo-lhe sangue da chaga.
Corta através das fileiras da frente, soltando altos gritos,
em bronze fúlgido envolto, qual chama terrível de Hefesto,
inextinguível. Ouviu-lhe o clamor o alto filho de Atreu.
Cheio de angústia ao magnânimo peito falou deste modo:
"Pobre de mim! Se abandono estas armas soberbas e Pátroclo,
que, por vingar-me, aqui jaz estendido no solo, sem vida,
temo que algum dos Aqueus, ao notá-lo, de mim escarneça.
Mas se os Troianos e Heitor enfrentar, por ceder à vergonha,
só, como estou, é certeza ficar pela turba cercado.
O ínclito Heitor para cá traz o exército inteiro dos Troas.
Mas para que, coração, entregares-te a tais pensamentos?
Quem se atrever a lutar, desprezando a vontade dos deuses,
contra um guerreiro que um nume protege, à desgraça se atira.
Não poderá censurar-me nenhum dos Acaios guerreiros
que vir de Heitor esquivar-me que é certo ampará-lo um dos deuses.
Ah! se eu pudesse saber onde Ajaz admirável se encontra,

presto estaríamos ambos de volta, a lutar decididos,
ainda que contra um dos deuses. Se ao menos levar conseguíssemos
para o Pelida o cadáver! Seria menor o infortúnio.”
No coração e no espírito enquanto desta arte pensava,
turmas de Teucros armados avançam; Heitor os guiava.
Retrocedendo, o cadáver o Atrida deixou; mas amiúde
volta a enfrentar o inimigo. Assemelha-se a leão majestoso,
que do curral é enxotado por cães entre ladros e tiros,
e homens dispostos, e a mal de seu grado o redil abandona,
o coração valoroso sentindo no peito angustiar-se-lhe:
o louro Atrida, desta arte, abandona o cadáver de Pátroclo.
Para ao chegar às fileiras dos seus, e, virando-se, o filho
de Telamão, sem cessar, o admirável Ajaz procurava.
No lado esquerdo da crua peleja, afinal, o divisa,
a encorajar a companhia, exortando-a a lutar briosamente,
que em todos eles Apolo o sagrado Terror infundira.
Corre para ele e, alcançando-o, lhe disse as palavras aladas:
“Vem, caro Ajaz; aprestemo-nos para onde se acha, sem vida,
Pátroclo; ao menos o corpo levemos para o alto Pelida,
nu, como está, porque Heitor despojou-o das armas brilhantes.”
Essas palavras o peito abalaram de Ajaz Telamônio,
que para a frente da pugna correu, pelo Atrida seguido.
Pós ter despido o cadáver de Pátroclo, Heitor o arrastava
para poder decepar-lhe a cabeça com o bronze afiado,
e o corpo, assim mutilado, jogar para os cães da cidade.
Aproximou-se-lhe Ajaz, de pavês a alta torre semelho;
o ínclito Heitor retrocede, acolhendo-se às Teucras fileiras;
salta, depois, para o carro, mandando que as armas de Pátroclo
para Ílio sacra levassem, como alto sinal de triunfo.
Com o pavês defendia o cadáver Ajaz Telamônio,
sem trepidar, como leoa em defesa de seus cachorrinhos

inexperientes, se acaso os conduz pela mata e se defronta
com caçadores; do grande vigor, de pronto, ela consciente,
as sobrancelhas contrai, ocultando nas dobras os olhos:
em torno, assim, do cadáver de Pátroclo, Ajaz se movia.
Pôs-se-lhe ao lado o viril Menelau, de Ares forte discípulo,
em cujo peito a tristeza, incessante, aumentava, angustiando-o.
Glauco, nascido de Hipóloco, chefe dos Lícios guerreiros,
com torvo olhar, para Heitor dirigindo-se, o increpa desta arte:
"Com belas formas, Heitor, te revelas privado de ousio.
Tens muita fama, é verdade, mas pensas somente na fuga.
De agora em diante, procura a cidade amparar como possas,
com os teus braços e a ajuda somente dos homens de Troia,
pois contra os Dânaos não mais lutarão os guerreiros da Lícia,
ao pé dos muros altivos, que paga nenhuma recebem
os que, sem tréguas, se arriscam por vós, contra gentes imigas.
Como admitir que te esforces e exponhas, no ardor das refregas,
para salvar os guerreiros obscuros, se o claro Sarpédone,
que foi teu hóspede e amigo, abandonas às mãos dos Aquivos?
Enquanto esteve com vida, serviu-te, e à cidade, de amparo;
e ora permites que seja o cadáver aos cães atirado?
Por isso tudo, se os Lícios me ouvisse, a casa voltáramos,
e a mais terrível catástrofe, então, sobre Troia caíra.
Se coração varonil e ousadia os Troianos possuíssem,
tal como soem mostrar os que a pátria querida defendem
contra inimigo tenaz, suportando canseiras e lutas,
já para Troia teriam levado o cadáver de Pátroclo.
Caso nos fora possível tirá-lo do meio da pugna
e para dentro levá-lo da grande cidade de Príamo,
não só as armas do grande Sarpédone os Dânaos trariam
para o resgate; o cadáver, também, com certeza obteríamos,
pois era o morto o escudeiro do herói mais prestante de quantos

ao pé das naves se encontram; só gente esmerada o acompanha.
Não tens coragem, no entanto, de Ajaz enfrentar valoroso
em meio à pugna terrível, olhá-lo de frente e com as dele
as tuas forças medir, por ser ele de muito mais força.”
Com torvo aspecto retruca-lhe Heitor, do penacho ondulante:
“Glauco, por que, sendo o que és, com tamanha arrogância te exprimes?
Que decepção! Sempre tive que fosses o herói mais sensato
de quantos moram nas plagas sagradas da Lícia fecunda;
mas ora faço juízo mesquinho de ti, por dizeres
que não me atrevo a enfrentar o terrível Ajaz Telamônio.
Nunca tremi nos combates e em meio ao fragor dos cavalos.
Mas sempre vence em tudo isso a vontade de Zeus poderoso,
pois fácil lhe é pôr em fuga o mais bravo e negar-lhe a vitória,
ainda que lhe haja ele próprio acendido o desejo da luta.
Vem ao meu lado postar-te, meu caro, e meus atos contempla,
para julgares se eu sou, como dizes, guerreiro sem préstimo,
ou se não sei obrigar muitos Dânaos, té mesmo os mais fortes,
a desistirem da pugna ao redor do cadáver de Pátroclo.”
Tendo isso dito, os Troianos exorta com voz atroante:
“Lícios, Dardânios e Teucros, viris combatentes de perto,
sede homens, caros amigos, e força mostrai impetuosa,
té que nos ombros eu ponha a armadura brilhante de Aquiles,
que como espólio adquiri, pós haver morto a Pátroclo exímio.”
Tendo falado, o impecável Heitor, do ondulante penacho,
deixa a batalha funesta. Depressa, com céleres passos,
os companheiros alcança — não muito distantes se achavam —
que para a grande cidade a armadura levavam de Aquiles.
Aí, da batalha lugente apartado, trocou ele as armas.
Aos belicosos Troianos a sua entregando, para Ílio
manda que a levem; depois, envergou a imortal armadura
do grande Aquiles, presente que os deuses celestes haviam

feito a Peleu; ao chegar à velhice, a entregou este ao filho,
que envelhecer não devia lutando com as armas paternas.
Quando Zeus grande, que as nuvens cumula, observou do alto Olimpo
que ele a armadura brilhante envergara de Aquiles Peleio,
move a imponente cabeça e consigo murmura o seguinte:
"Mísero, sem dedicares nenhum pensamento à funesta
Morte, que te anda a rondar, a armadura imortal envergaste
de um valoroso guerreiro, de quem todos tremem de medo.
A morte deste ao seu sócio benévolo e forte, tirando-lhe
por modo indécoro as armas da fronte e das largas espáduas.
Mas por agora farei que consigas obter alta glória,
em recompensa de ser-te vedado voltar do combate
e, pois, a Andrômaca as armas do claro Pelida entregares."
As sobrancelhas escuras franziu o alto filho de Crono.
Fez que a armadura magnífica ao corpo de Heitor se ajustasse.
Ares Eniálio no herói se infundiu, invadindo-lhe os membros
força e vigor. Dando gritos de júbilo, vai para o meio
dos companheiros ilustres, aos olhos dos quais parecia
na fulgurante armadura, o magnânimo Aquiles Peleio.
Corre as fileiras do exército e os sócios ilustres incita:
Mestles e Glauco valentes, Medonte, depois, e Tersíloco,
Asteropeu, o notável ginete Disénor, Hipótoo,
Enomo, o ilustre adivinho, e, por último, Forco e o alto Crômio.
Para animá-los, profere as seguintes palavras aladas:
"Tribos sem conta de nossos vizinhos e aliados, ouvi-me!
Não foi por causa do número, ou para vos ter ao meu lado,
que vos chamei das cidades nativas e aqui vos conservo;
mas para que de bom ânimo as Teucras esposas e os filhos
nos defendêsseis do ataque dos fortes guerreiros Acaios.
Por isso esgoto o meu povo, exigindo alimentos e dádivas,
para que todos possais lutar sempre com zelo extremado.

Sem vacilar, pois, deveis atirar-vos de encontro ao inimigo,
para viver ou morrer, que esta é a sorte de toda batalha.
Quem conseguir arrastar para Troia o cadáver de Pátroclo
e o Telamônio obrigar a afastar-se, metade do espólio
de minhas mãos obterá; para mim há de ser a outra parte.
Honras iguais há de ter, no alto feito, desta arte, comigo.”
Todos, então, pós ouvi-lo, se atiram de encontro aos Acaios,
lanças no reste, afagando no peito a esperança de ser-lhes
fácil a Ajaz Telamônio arrancar o cadáver do Pátroclo.
Néscios! que a muitos devia ele a vida tirar sobre o morto.
Vira-se Ajaz para o Atrida de voz atroante e lhe fala:
“Ó diletíssimo aluno de Zeus, Menelau, não presumo
que consigamos com vida escapar da batalha funesta.
Não tanto cuido me causa o destino do corpo de Pátroclo,
que vai servir de alimento aos cachorros e abutres de Troia,
como o perigo receio que sobre a cabeça nos pende,
pois o bulcão das batalhas, Heitor, em redor tudo cobre.
É manifesto que a Morte funesta de nós se aproxima.
Chama os heroicos Aqueus, é possível que alguém nos escute.”
De boamente obedece-lhe o herói Menelau glorioso;
com voz possante chamou pelos fortes guerreiros Aquivos:
“Vós, conselheiros e guias dos fortes Acaios, ouvi-me
quantos à custa do povo bebeis nos banquetes dos claros
filhos de Atreu e exerceis sobre os vossos soldados o mando,
vós, a quem Zeus poderoso honra e glória perene concede!
É-me impossível andar à procura, um por um, dos caudilhos,
tal é o furor com que a chama da guerra por tudo se alastra.
Vinde espontâneos; revolta no peito abrigai ante a ideia
de se atirar o cadáver de Pátroclo aos cães dos Troianos.”
Mui claramente chegou aos ouvidos de Ajaz esse apelo,
filho de Oileu, que, muito antes dos outros correu para a pugna.

Idomeneu vem depois, e Meríones, fiel companheiro,
que tinha de Ares funesto a figura exterior e a imponência.
A quem seria possível, no entanto, nomear de memória
os que acorreram depois, reanimando a batalha dos Dânaos?
Densos, os Teucros avançam; comanda-os Heitor valoroso.
Como na foz majestosa de um rio, por Zeus engrossado,
ondas ingentes se chocam de encontro à corrente e rimbombam
ambas as margens, cobertas de espuma do mar incansável:
toa dos Teucros, assim, a avançada. Os Aquivos, entanto,
com um só ânimo, à volta se postam do corpo de Pátroclo,
por trás dos brônzeos escudos. Em torno dos elmos brilhantes
o grande filho de Crono caligem espessa derrama,
pois jamais ódio tivera ao viril Menecíada, enquanto
com vida esteve e serviu de escudeiro ao divino Pelida.
Desagradava-lhe ser o cadáver aos cães atirado.
Os companheiros do morto, por isso, excitou para a luta.
Logo de entrada, os Troianos fizeram que os Dânaos cedessem,
os quais, deixando o cadáver, se põem a correr; nenhum
deles foi perseguido, apesar do desejo que aos Teucros anima,
que logo tratam de o corpo arrastar. Pouco tempo, contudo,
longe os Acaios não ficam, que Ajaz retornar os fez logo,
o mais valente e o mais belo de todos os Dânaos guerreiros,
se excetuarmos, apenas, o herói impecável, Aquiles.
Corta por entre as fileiras da frente, semelho em possança
a javali que nos montes cachorros e moços dispersa
mui facilmente ao voltar-se para ele no espesso das matas:
o grande Ajaz Telamônio consegue espalhar, desse modo,
as formações adensadas dos fortes guerreiros Troianos,
que se encontravam à volta do corpo de Pátroclo, certos
de para Troia o arrastarem e fama alcançarem perene.
O incomparável Hipótoo, Pelasgo, de Leto nascido,

para tornar-se agradável a Heitor e aos Troianos, o corpo
já pelo campo arrastava, seguro no pé pelo bálteo,
que em torno dos fortes maléolos atara. Mas logo desgraça
lhe sobreveio, da qual nenhum Teucro o livrou: o alto filho
de Telamão, apressado cortando por entre os guerreiros,
de perto a lança lhe mete pelo elmo de faces de bronze.
O elmo cornado se rompe ao redor da hasta longa e pontuda,
ante a violência do golpe vibrado por destra robusta:
cérebro ao longo do caule da lança escorreu, misturado
com o sangue vivo; extinguiu-se-lhe a força; das mãos do guerreiro
o pé de Pátroclo exímio escapou, contra o solo batendo.
Sobre o cadáver, também, cai de bruços o forte Troiano,
longe da fértil Larissa, sem ter tido tempo de aos velhos
recompensar os cuidados que com ele tiveram, pois breves
foram seus dias. A lança de Ajaz o privou da existência.
O ínclito Heitor contra Ajaz atirou a hasta longa e pontuda;
este, porém, que o notara, consegue, ainda em tempo, desviar-se,
indo a arma brônzea encravar-se em Esquédio, notável Focense
de Ífito claro nascido, que tinha na célebre Pânope
bela morada, exercendo o comando em guerreiros inúmeros.
No alto do peito o atingiu, na clavícula, o dardo certeiro,
indo sair o inquebrável hastil do outro lado, sob o ombro.
Tomba ruidoso o guerreiro, ressoando-lhe em torno a armadura.
Forco, nascido de Fénope, foi por Ajaz atingido
em pleno ventre, ao tentar defender o cadáver de Hipótoo.
Rompe-se a chapa da coira, enterrando-se o bronze nas vísceras.
Ei-lo que tomba na poeira, apertando nas mãos o chão duro.
O ínclito Heitor e os Troianos que estavam na frente recuaram.
Com grandes gritos, então, os Acaios os corpos arrastam
de Forco e Hipótoo, despindo-os, depressa, das armas brilhantes.
E, porventura, os Troianos teriam para Ílio fugido

sob a pressão dos Acaios valentes, em franco desânimo,
glória perene cedendo aos Aquivos, mau grado Zeus grande,
graças à força nativa, se Apolo frecheiro não viesse
ao grande Eneias falar, sob a forma do herói Perifante,
filho de Epítio, arauto notável, de bons sentimentos,
que envelhecera a serviço do pai venerando daquele.
Febo, nascido de Zeus, transmudado, lhe disse o seguinte:
"Como é possível, Eneias, salvar Ílio excelsa, conquanto
a isso se oponha Zeus grande? A outros homens já vi, certamente,
que, só no ardor e denodo confiados, bem como na cópia
de seus guerreiros, até contra Zeus seus domínios salvaram.
Ora, apesar de conosco estar Zeus e aos Aquivos infenso,
vejo que todos de medo fugis; ninguém fica na luta."
Reconheceu, logo, Eneias, o deus que de longe asseteia,
pós ter-lhe visto as feições. A gritar, para Heitor se dirige:
"Ínclito Heitor, e vós outros, caudilhos dos Teucros e aliados,
grande vergonha há de fugirmos para Ílio sagrada,
ante os Aqueus valorosos, vencidos por nossa fraqueza.
Mas, para mim achegando-se há pouco, um dos deuses me disse
que Zeus, o máximo juiz, ora se acha do lado dos Teucros.
Contra os Aqueus atiremo-nos, pois, não lhes seja mui fácil
para os navios escuros levar o cadáver de Pátroclo."
Isso disse ele, e, de um pulo, alcançou, logo, um posto dianteiro.
Voltam os Teucros, então, a enfrentar os guerreiros da Acaia.
Logo de entrada a Leócrito Eneias feriu com sua lança,
de Licomedes o sócio e do heroico Arisbante nascido.
Vendo-o no chão, Licomedes sentiu apertar-se-lhe o peito
e, para perto achegando-se, atira a hasta longa e brilhante,
que em Apisáone Hipásida, chefe preclaro, se encrava,
sob o diafragma, no fígado, as forças dos joelhos tirando-lhe.
Viera o guerreiro da Peônia, região de ferazes campinas;

se a Asteropeu excetuarmos, era ele o mais forte dos Peônios.
Asteropeu, vendo-o morto, sentiu apertar-se-lhe o peito,
e contra os Dânaos, também, se dispôs a lutar denodado,
sem conseguir vulnerá-los, que em volta do corpo de Pátroclo, de
lanças em riste, se achavam, por trás da muralha de escudos.
O grande Ajaz percorria as fileiras, dando ordens diversas,
sem consentir que os Aquivos o corpo deixassem, nem, ainda,
que se adiantassem, no afã de altos feitos, então, realizarem.
Sim, todos juntos, deviam lutar ao redor do cadáver.
Essas as ordens de Ajaz, o gigante; empapava-se a terra
de negro sangue, caindo, sem vida, os guerreiros, em barda,
tanto do lado dos Teucros e seus valorosos aliados,
como dos Dânaos, porque estes, também, não lutavam sem perdas.
Mas em menor quantidade morriam, que a todos lembrava
sempre, na luta, uns aos outros dos riscos da morte ampararem-se.
Como edaz fogo a batalha fervia; teríeis pensado
que tanto o Sol como a Lua não mais no éter puro brilhavam;
densa neblina envolvia, realmente, os preclaros guerreiros,
que sem cessar combatiam à volta do corpo de Pátroclo.
Os demais Teucros e os fortes Aquivos de grevas bem-feitas
com o céu sereno lutavam, sem peias, que o Sol irradiava
fúlgida luz, sem que nuvem nenhuma pairasse por sobre
montes e vales. No embate, porém, permitiam-se pausas,
e, de distância prudente, evitavam ser alvo das setas
dos inimigos. No centro, porém, grandemente sofriam
a ação da densa neblina e dos dardos de bronze impiedosos
os mais prestantes heróis. Trasimedes, apenas, e Antíloco,
dois extremados guerreiros, até esse momento não tinham
tido notícia da morte de Pátroclo excelso. Julgavam
que ainda se achasse com vida, a lutar nas fileiras da frente.
Ambos à parte lutavam, da morte e da fuga amparando

os companheiros desde a hora em que o Pílio Nestor, dos navios
de bojo escuro, os enviara a tomar parte ativa na pugna.
Para os demais, entretanto, que à volta do corpo lutavam
do fiel e bom escudeiro do Eácida exímio, o combate
o dia todo durava, escorrendo-lhe suor abundante
dos fortes joelhos, que as pernas e os pés lhes banhava; de poeira
sujas as mãos eles tinham, as faces e os olhos brilhantes.
Tal como quando um senhor aos seus homens ordena que espichem
um belo couro de boi, onde muita gordura pusera,
e eles em círculo postos, de todos os lados o esticam,
e em pouco tempo a umidade se esvai, penetrando a gordura,
graças ao esforço de tantos, que a pele bem tensa, alfim, deixam
de ambos os lados, assim, o cadáver puxavam de Pátroclo,
em reduzido terreno, esperando os Troianos levá-lo
para a cidade espaçosa de Príamo, e os Dânaos guerreiros
para os navios bojudos. Selvagem tumulto se eleva.
Nem Ares forte, que os povos excita, nem Palas Atena,
mesmo que irados, se os vissem, nenhuma censura fariam.
Esses os graves trabalhos que Zeus em tal hora estendera
sobre o cadáver de Pátroclo. Ao divo Pelida a notícia
ainda não tinha chegado da morte do amigo dileto,
que muito longe das naus se travava a terrível peleja,
sob as muralhas de Troia. Não cria, portanto, que morto
ele se achasse, mas vivo, e que, logo, de ao pé da cidade,
retornaria, pois não suspeitava que seu escudeiro,
nem por si só, nem com ele, pudesse jamais expugná-la,
que ser empresa impossível a mãe muitas vezes lhe dissera,
quando dos grandes decretos de Zeus só com ele falava.
Nada, porém, lhe contara a respeito da grande desgraça
que se acabava de dar, do traspasso do amigo extremado.
Matam-se, entanto, sem pausa, ao redor do cadáver, os Teucros

e os fortes Dânaos, armados de lanças de cúspide afiada.
Um dos Aquivos de vestes de bronze desta arte se exprime:
"Mui vergonhoso será, meus amigos, buscarmos refúgio
nas naus simétricas; é preferível que a terra nos trague,
antes que tal aconteça. Fora isso, melhor para todos
que consentirmos levarem o corpo os valentes Troianos
para a cidade murada, alcançando, com isso, alta glória."
Por modo idêntico fala, também, um dos Teucros magnânimos:
"Caros amigos, ninguém abandone seu posto, ainda mesmo
que tenha a Moira assentado que todos morrer aqui vamos."
Os companheiros, desta arte, excitar eles todos procuram.
Dessa maneira prosseguem; o estrépito férreo das armas
até o céu brônzeo subia, pelo éter vazio e infrutuoso.
Os dois cavalos do Eácida, à parte da luta, choravam,
desde que tinham sabido que o seu condutor se encontrava
no duro chão, pelos golpes de Heitor homicida prostrado.
Em vão procura excitá-los, fazendo vibrar o chicote,
Automedonte, o valente cocheiro de Diores nascido,
ora empregando expressões de carinho, ora termos severos.
Eles, porém, nem queriam voltar para o vasto Helesponto,
nem para o meio da pugna, onde os fortes Aqueus se encontravam.
Do mesmo modo que, firme, se eleva uma bela coluna
na sepultura de um ente querido, mulher ou mesmo homem,
eles, imóveis, assim, junto ao carro magnífico estavam,
com a cabeça inclinada. Dos cílios, a flux, lhes corriam
lágrimas quentes. No jugo, o traspasso do auriga bondoso
ambos choravam, saudosos, pendendo-lhes da alva coleira,
sujas, as crinas, outrora vistosas, que ao solo tocavam.
Vendo-os chorar, apiedado sentiu-se o alto filho de Crono,
e, sacudindo a cabeça, consigo desta arte conversa:
"Pobres criaturas! Por que, sendo isentas do Tempo e da Morte,

ao soberano Peleu, que é mortal, tive a ideia de dar-vos?
Para que viésseis, também, a sofrer da miséria dos homens?
Tão infeliz quanto os homens não há de ser algum, por sem
dúvida, entre os que vivem na face da Terra e sobre ela
movem-se. Não deixarei, entretanto, que seja no carro magnífico
por vós Heitor triunfalmente levado, o alto filho de Príamo.
Pois não lhe basta a armadura, que tanta vanglória lhe causa?
Na alma e nos joelhos tamanho vigor vou fazer que vos nasça,
que a Automedonte possais da refrega salvar, conduzindo-o
para os navios recurvos, pois ainda pretendo aos Troianos
dar muita glória, até que eles consigam chegar aos navios
quando descer o Sol fúlgido e as Trevas sagradas baixarem.”
Tendo isso dito, vigor singular inspirou nos ginetes,
os quais sacodem a poeira da crina, levando, velozes,
por entre os Teucros e os Dânaos, o carro de bela feitura.
Tal como abutre entre gansos, no meio dos Teucros se arroja
Automedonte, apesar de enlutado com a morte do amigo,
ora fugindo das filas compactas das hostes imigas,
ora, de novo, atirando-se contra as falanges dos Teucros.
Mas não matava ninguém, muito embora encalçasse muitíssimos,
por ser de todo impossível, sozinho no carro sagrado,
os ardorosos corcéis dirigir e vibrar a hasta longa.
Foi, finalmente, notado por um dos fiéis companheiros,
Alcimedonte, nascido de Laertes, viril filho de Hémone,
que veio atrás colocar-se do carro e lhe disse o seguinte:
“Automedonte, que deus te inspirou tão inútil propósito
no coração, despojando-te, assim, da prudência consueta,
para que intentes, sozinho, atacar as fileiras Troianas?
Teu companheiro foi morto e a brilhante armadura do neto
de Eaco se acha nos ombros de Heitor, o alto filho de Príamo.”
Automedonte, de Diores nascido, lhe disse, em resposta:

“Alcimedonte, qual dentre os Aqueus dirigir poderia
estes corcéis imortais e no jugo domar-lhes a fúria,
a não ser Pátroclo, enquanto viveu, o guerreiro prestante,
de senso olímpico, e tu? Ora, a Morte privou-nos de Pátroclo.
Faze, então, uso do açoite e das rédeas de bela feitura,
que eu vou descer porque possa de jeito enfrentar o inimigo.”
Alcimedonte, de um pulo, subiu para o carro, tomando
com decisão do chicote e das rédeas de lúcido aspecto;
Automedonte saltou; o alto Heitor percebeu logo tudo;
vira-se, então, para Eneias, que perto lhe estava, e lhe fala:
“Príncipe Eneias, mentor dos Troianos de vestes de bronze,
por condutores de pouca experiência guiados, acabo
de distinguir os cavalos de Aquiles de pés velocíssimos.
Tenho esperança de vir a tomá-los, se, acaso, quiseres
nesta entrepresa ajudar-me. Nenhuma coragem, por certo,
demonstrarão os aurigas, se contra eles dois nos jogarmos.”
Obediente mostrou-se ao conselho o alto filho de Anquises.
Ambos, então, se adiantaram, com as largas espáduas envoltas
em couros secos de boi, recobertos por fúlgido bronze.
Vieram juntar-se-lhes Crômio, guerreiro notável, e Areto,
de forma igual à dos deuses, pensando que fácil lhes fosse
os dois aurigas matar e arrastar os corcéis indomáveis.
Néscios! Sem perda de sangue escapar impossível lhes fora
de Automedonte, que a Zeus, fervoroso, dirige uma súplica,
logo sentindo vigor nas entranhas escuras estuar-lhe.
Volta-se, então, para o fiel companheiro e lhe diz o seguinte:
Alcimedonte, afastados de mim não conserves os brutos;
quero sentir-lhes o bafo nas costas, pois tenho certeza
de que não há de o alto filho de Príamo, Heitor, refrear o ímpeto
com que ora vem contra nós, sem, primeiro, ou tirar-nos a vida
e para o carro de Aquiles divino subir, espalhando

entre os Aqueus o terror, ou, lutando, cair na dianteira.”
Pós ter falado, em voz alta chamou Menelau e os Ajazes:
“Ínclitos chefes Aquivos, Ajazes, e tu, Menelau,
ora entregai a defesa do morto aos Aquivos mais fortes,
que possam, firmes, rodeá-lo, livrando-o do assalto inimigo,
e de nós dois, que vivemos, o dia afastai do extermínio,
pois aqui faz em pressão, na batalha de prantos fecunda,
os mais temíveis guerreiros Troianos, Heitor e o alto Eneias.
As consequências, porém, ainda se acham nos joelhos dos deuses.
Vou, denodado, atacar; aos cuidados de Zeus fica o resto.”
Tendo isso dito, jogou a hasta longa de sombra comprida,
que foi bater bem no meio do escudo redondo de Areto.
Não resistiu nada o escudo; a hasta brônzea saiu da outra banda,
e tendo o cinto passado, no ventre do herói foi cravar-se.
Do mesmo modo que um jovem, com bem-afiada secure,
por trás um golpe desfere entre os cornos de um touro selvagem,
e os tendões corta, abatendo-se o touro, de um pulo, no solo:
cai, ressupino, desta arte, o guerreiro, ainda tendo nas vísceras
a hasta pontuda a vibrar, que lhe as forças dos membros dissolve.
A Automedonte Heitor visa, atirando-lhe o dardo brilhante;
este, porém, que o notara, consegue desviar-se do bote.
Em tempo inclina-se o herói para a frente, indo a lança encravar-se
no solo, atrás do guerreiro, ficando a oscilar algum tempo,
té que Ares forte fizesse que a força impetuosa perdesse.
E ambos, então, se teriam à espada, de perto, agredido,
se, no mais árduo da pugna, apartar não os vieste os Ajazes,
por entre a chusma dos seus, acorrendo ao apelo do amigo.
Para as fileiras dos Teucros recuaram, tomados de medo
Crômio, semelho a um dos deuses eternos, Heitor, o alto Eneias,
abandonando o cadáver de Areto, com a lança fincada
no coração. A armadura brilhante tirou-lhe dos ombros

Automedonte veloz, que se jacta do feito, exclamando:
"Ainda que seja um guerreiro somenos, a queda deste homem
me desafoga algum tanto da dor pela morte de Pátroclo!"
Pós ter falado, a armadura cruenta coloca no carro,
para onde logo subiu, tendo os pés e as mãos fortes cobertos
de negro sangue, qual leão que uma rês devorado tivesse.
Trava-se mais uma vez temerosa e lugente batalha
em volta do corpo de Pátroclo; Atena do céu logo desce
para excitar a peleja e auxiliar os Aquivos, por parte
do pai Troante, que tinha mudado outra vez de desígnio.
Tal como o arco-íris purpúreo que Zeus para os homens distende
no firmamento, sinal portentoso de guerra impiedosa,
ou tempestade seguida de frio tão grande que obriga
a interromper os trabalhos do campo e contrista os rebanhos,
da mesma cor era a nuvem que a Palas Atena envolvia,
quando ela à turba dos Dânaos baixou para o brio espertar-lhes.
A Menelau valoroso, em primeiro lugar, se dirige,
o nobre filho de Atreu — por estar-lhe mais perto que os outros —
pós ter a voz de Fenice, incansável, e a forma assumido:
"Humilhação e vergonha, viril Menelau, por sem dúvida,
hás de sentir se rasgarem os cães sob os muros de Troia
o companheiro prestante de Aquiles de pés mui velozes.
Vamos! confirma teu prisco valor e os guerreiros exorta!"
Vira-se, então, Menelau, de voz forte, e lhe diz o seguinte:
"Ó venerável Fenice, se Palas Atena quisesse
força infundir-me nos membros, dos dardos do imigo amparando-me,
decidir-me-ia a ficar defendendo o cadáver de Pátroclo,
pois sua morte me causa indizível angústia no peito.
Mas esse Heitor se assemelha a uma chama voraz, não cessando
de dizimar nossos homens, que Zeus lhe concede alta glória."
A de olhos glaucos, Atena, sentiu-se deveras contente

por ver que fora invocada em primeiro lugar pelo Atrida.
Força incontida nos joelhos, nas largas espáduas lhe infunde,
pondo-lhe a audácia da mosca teimosa no peito, que volta
vezes e vezes sem conta a picar-nos, embora com afinco
seja enxotada, que o sangue dos homens mui doce lhe sabe:
de igual audácia as entranhas escuras a deusa lhe infunde.
Pondo-se junto de Pátroclo, o dardo luzente desfere.
Entre os Troianos achava-se Podes, o filho de Eecião,
rico e valente guerreiro, que Heitor mais que a todos prezava
entre os do povo, por ser-lhe comparsa mui grato nas festas.
O louro Atrida no cinto o atingiu, no momento em que estava
para fugir, traspassando-lhe o corpo a hasta longa de bronze.
Estrepitoso, caiu; logo o Atrida o cadáver retira
de entre os Troianos, levando-o para onde os consócios se achavam.
Aproximou-se de Heitor Febo Apolo, com o fim de animá-lo,
sob a aparência de Fénope, de Ásio nascido, dos hóspedes
o mais prezado, que belo palácio em Ábido possuía.
Tendo essa forma assumido, lhe disse o frecheiro infalível:
“Qual dos Aquivos, Heitor, de ora avante haverá de temer-te,
se Menelau, que até então tinha fama de ruim combatente,
medo a esse ponto te causa? Sozinho tomar ele pôde
dos Teucros todos o corpo de Podes, teu fiel companheiro,
filho de Eecião, que sem vida tombou nas fileiras da frente?”
Nuvem de dor envolveu a alma nobre do chefe Troiano,
que para a frente da pugna avançou, revestido de bronze.
A égide, então, resplendente, de franjas ornada, agitando
Zeus poderoso, o Ida augusto de nuvens escuras envolve,
e fuzilando contínuo e troando terrível, os Teucros
para a vitória estimula, infundindo terror nos Aquivos.
Foi o primeiro a fugir Peneleu, cabo excelso dos Beócios,
quando se viu no alto do ombro ferido, ao lutar na dianteira;

Polidamante o atacou bem de perto; riscou-lhe de leve
o osso a hasta aguda de bronze, depois de esflorar-lhe a epiderme.
O ínclito Heitor mete a lança, de perto, no corpo de Lito,
filho viril de Alectríone, obrigando-o a afastar-se da luta.
Foge, angustiado, o guerreiro, esguardando em redor, e afigura-se-lhe
que nunca mais poderia vibrar contra os Teucros a lança.
Vendo que Heitor lhe saíra no encalço, a hasta longa atirou-lhe
Idomeneu, indo o bronze atingi-lo bem perto do seio,
mas na coiraça partiu-se; os Troianos em gritos prorrompem.
O ínclito Heitor, por sua vez, joga a lança no heroico Deucálida,
que se encontrava no carro, de pé; mas errando-o por pouco,
foi em Cerano encravar-se o hastil longo, do forte Meríones
o inseparável cocheiro, que viera de Licto altanada.
Idomeneu saíra a pé, dos navios, no encalço dos Teucros;
e, porventura, alta glória aprestara aos guerreiros Troianos,
se para perto Cerano os corcéis não houvesse trazido.
Foi-lhe o escudeiro, sem dúvida, luz salvadora nessa hora,
mas sob o golpe de Heitor homicida perdeu a existência,
que sob a orelha o feriu, na maxila, arrancando-lhe os dentes
e atravessando-lhe a língua a hasta brônzea de sombra comprida.
Tomba o guerreiro, deixando que as rédeas ao solo caíssem,
as quais Meríones, logo, inclinando-se, apanha de novo,
e a Idomeneu dirigindo-se, diz-lhe as palavras aladas:
“Faze uso, agora, do látego, até que aos navios cheguemos;
tu próprio vês que a vitória não mais com os Aquivos se encontra.”
Idomeneu toca os brutos, depressa, seguindo-lhe o alvitre,
para os navios recurvos, que o Medo no peito lhe entrara.
Não escapou ao magnânimo Ajaz e ao viril Menelau
que Zeus havia mudado e que aos Teucros, agora, amparava.
Vira-se Ajaz para o Atrida e lhe diz as seguintes palavras:
“Deuses! té mesmo as pessoas mais simples, decerto, veriam

que o próprio Zeus é que está protegendo os guerreiros Troianos,
pois sempre acertam seus tiros, quer partam das mãos de covardes,
quer das de heróis destemidos, que Zeus os dirige para o alvo.
Todos os nossos, no entanto, frustrâneos no solo se espalham.
Consideremos, agora, qual seja o recurso mais certo
para podermos livrar o cadáver e, assim, retirarmo-nos
salvos da pugna terrível, levando alegria aos amigos
que para cá, certamente, angustiados, se voltam, julgando
ser impossível sustar as mãos fortes de Heitor, impedindo
que, assoladoras, se abatam em nossos navios escuros.
Ah, se nos fosse possível mandar para o claro Pelida,
com muita urgência, um recado! Porque ele, estou certo, ainda ignora
de todo a triste notícia da morte do amigo dileto.
Mas distinguir não consigo ninguém apropriado para isso,
pois os cavalos e os homens espessa neblina os envolve.
Zeus poderoso! liberta os Acaios das trevas que os cercam!
O firmamento serena, concede-lhes luz para os olhos!
Morram, se assim te é agradável, mas que isso se passe no claro!”
Por esse modo falou. Apiedado Zeus pai do seu pranto,
a escuridão logo esfez, dissipando a neblina funesta.
Brilha o Sol claro; a batalha, de pronto, visível se torna.
Vira-se Ajaz para o Atrida de voz atroante e lhe fala:
“Vê, Menelau, se descobres ainda com vida, entre os Dânaos,
o claro Antíloco, filho do velho Nestor de Gerena,
para que a Aquiles prudente, sem perda de tempo, transmita
a triste nova da morte do amigo entre todos dileto.”
De boamente obedece-lhe o herói Menelau, glorioso,
e se afastou como um leão que do estábulo, alfim, se retira,
lasso de cães enfrentar e pastores, no curso da noite,
que não lhe dão azo algum de saciar-se nas pingues vitelas.
Esfomeada, acomete, contudo, bem vezes, a fera,

sem conseguir coisa alguma, que mãos vigorosas contra ela
abrasadores tições arremessam e dardos pontudos,
o que lhe infunde algum medo apesar da coragem nativa;
na alba, afinal, se retira, sentindo angustiar-se-lhe o peito:
dessa maneira se afasta do corpo de Pátroclo o Atrida,
a seu mau grado, pois tinha receio que os homens da Acaia,
do frio medo vencidos, o corpo ao imigo entregassem.
Com os Ajazes, por isso, e Meríones, fala insistente:
"Ínclitos chefes Aquivos, Ajazes, valente Meríones,
ora a vós todos compete lembrar o boníssimo Pátroclo,
esse infeliz que se fez tão amado de todos nós outros,
enquanto vivo, e ora vítima se acha da Moira funesta."
O louro Atrida, depois de falar, se pôs logo em caminho,
a examinar cuidadoso de todos os lados, como a águia,
a ave, assim dizem, de mais penetrante visão, que ainda mesmo
quando muito alto se encontre, distingue uma lebre ligeira
dentro de moita frondosa escondida; sobre ela caindo,
súbito a apanha e lacera, privando-a da cara existência:
o mesmo, aluno de Zeus, com teus olhos fulgentes se dava,
que pela turba dos homens Aquivos passavam, tentando
ver se vivia, entre eles, o insigne, o preclaro Nestórida.
Subitamente, o enxergou na ala esquerda da fera batalha,
a reanimar os Aqueus, incitando-os a entrar em combate.
O louro herói Menelau foi postar-se-lhe perto e lhe disse:
"Vem para cá, nobre Antíloco, aluno de Zeus, para que ouças
uma notícia bem triste — prouvera que fosse inverdade!
Tu próprio, aliás, poderás convencer-te, se a vista lançares
para o combate, que Zeus sobre os Dânaos desgraças cumula
e dá a vitória aos Troianos. Morreu o melhor dos Aquivos,
Pátroclo. É imenso o pesar que a nós todos nos punge nesta hora.
Corre até as naus dos Acaios e a Aquiles a nova transmite,

para que venha, com pressa, salvar pelo menos o corpo,
nu, como se acha, que Heitor o espoliou da armadura brilhante.”
Estarrecido a notícia deixou ao Nestórida ilustre;
por algum tempo não pôde falar; marejaram-lhe lágrimas
nos belos olhos; a voz lhe ficou embargada de todo.
Mas, ainda assim, não lhe esquece a incumbência que o Atrida lhe dera.
Logo se pôs a correr, tendo as armas a Laódoco entregue,
o companheiro preclaro que perto os cavalos refreava.
Da sanguinária batalha o arrebatam os pés velocíssimos,
e ele a chorar leva a infausta notícia ao divino Pelida.
Não permitiu, Menelau, teu viril coração que em defesa
dos afanosos guerreiros de Pilo ficasses mais tempo,
ainda que muito sentissem a ausência do chefe preclaro.
A direção entregando-os, segura, do herói Trasimedes,
volta, de novo, a correr, para junto do corpo de Pátroclo.
Quando os Ajazes alcança, lhes diz, sem rodeios, o Atrida:
“Já foi enviada notícia do fato aos navios velozes,
para o Pelida de rápidos pés o saber. Mas não creio
que venha o herói auxiliar-nos, por mais que ódio a Heitor o arrebate.
Não lhe seria possível, sem armas, lutar contra os Teucros.
Consideremos, agora, o partido melhor e exequível
para tomarmos aos Teucros o corpo de Pátroclo exímio
e nos livrarmos da clade horrorosa, escapando da Morte.”
O grande Ajaz Telamônio lhe disse, em resposta, o seguinte:
“Com muito juízo e prudência, viril Menelau, discorreste.
Vamos, abaixa-te, agora, auxiliado pelo alto Meríones,
e com presteza retira o cadáver da pugna terrível,
que nós, atrás, haveremos de opor-nos a Heitor e aos Troianos.
Pois habituados já estamos a o risco enfrentar dos combates;
temos idêntico nome e sentir, também, temos idêntico.”
Com destemor, os dois chefes, então, segurando o cadáver,

no alto o elevaram. Em grande alarido os Troianos prorrompem
ao perceberem que os Dânaos o corpo dali transportavam.
Contra eles, todos carregam, no jeito de cães animosos,
que aos caçadores se adiantam, em pós de um javardo ferido.
Vão-lhe no encalço, a princípio, querendo em pedaços fazê-lo;
mas, quando a fera, confiada na força, para eles se vira,
a caniçalha, a tremer, para todos os lados dispara;
dessa maneira, até então, os Troianos, em massa, apertavam
os inimigos, a golpes de espada e lanças pontudas;
mas, quando os dois formidáveis Ajazes se voltam para eles,
pálidos todos se mostram, nenhum revelando coragem
de prosseguir na disputa do corpo de Pátroclo exímio.
Dessa maneira o cadáver tiravam da pugna, levando-o
para os navios. À volta de todos se inflama a peleja,
tal como incêndio selvagem que, de súbito, se alça em cidade
de homens industres, derruindo edifícios no meio da imensa
flama, que os ventos furiosos atiçam num crebro estralido:
do mesmo modo, cavalos e peões, num tumulto incessante,
dificultavam a marcha dos dois valorosos Aquivos.
Como dois mulos robustos, usando do máximo esforço,
trazem, por ínvias picadas, no espesso dos montes, um tronco
ou viga excelsa para uso das naves, e o suor e a fadiga
o coração lhes oprime, no afã de o caminho vencerem:
ambos, assim, o cadáver carregam. Atrás se conservam
os dois Ajazes e os Teucros, detêm, como dique sombreado
que, numa linha contínua, na extensa planície, represa
a água impetuosa, estuante, dos rios de curso revolto
e lhes desvia a corrente, espalhando-os no plaino fecundo,
sem que o volume das águas consiga romper a barreira:
os dois Ajazes, assim, aos Troianos valentes detinham:
estes, contudo, insistiam, mormente os dois chefes, Eneias,

filho de Anquises, e Heitor, o guerreiro do belo penacho.
Como debanda uma nuvem de gralhos, com gritos atroantes,
ou de estorninhos bulhentos, se ao longe um gavião é notado,
cuja presença é sinal da ruína das aves pequenas,
do mesmo modo, ante Eneias e Heitor, os guerreiros Aquivos,
de combater esquecidos, com gritos atroantes debandam.
Não poucas armas famosas, dos Dânaos que à fuga se entregam,
rolam no fosso; prossegue a peleja com fúria crescente.

CANTO XVIII

A FEITURA DAS ARMAS

“Aquiles se desespera diante da notícia da morte de Pátroclo. Sua mãe, Tétis, o consola, prometendo-lhe uma nova armadura, feita pelo próprio Hefesto. Aquiles sai de sua tenda e afugenta os Troianos apenas com seus gritos e aspecto terrível. Os Gregos passam a noite lamentando a morte de Pátroclo. Tétis vai à casa de Hefesto e recebe a descrição das novas armas de Aquiles.”

Enquanto a luta prossegue, qual chama voraz, chega Antíloco,
de pés velozes, a Aquiles, levando a notícia funesta.
Este se achava sentado ante as naves de popas eretas,
a pressentir no imo peito a desgraça de havia ainda pouco.
Cheio de angústia, ao magnânimo peito falou deste modo:
“Céus, que significa os Aquivos de belos cabelos cortarem,
dessa maneira, a planície, à procura das naves recurvas?
Não seja o caso de os deuses haverem cumprido a desgraça
por minha mãe anunciada, ao dizer que, ainda eu vivo na terra,
de contemplar a luz clara do Sol deixaria o mais forte
dos valorosos Mirmídones, pelos Troianos vencido.
Provavelmente morreu o alto filho do grande Menécio.
Louco! Ordenei-lhe que para os baixéis regressasse,

logo que o fogo extinguisse, sem vir com Heitor a bater-se.”
No coração e no espírito enquanto desta arte pensava,
aproximou-se-lhe o filho preclaro do velho Neleio,
que, a derramar quentes lágrimas, disse as palavras funestas:
“Nobre e prudente Pelida, é forçoso que nova bem triste
tenhas agora de ouvir — oh! prouvera que fosse inverdade! —,
Pátroclo a vida perdeu; ferve a luta ao redor do cadáver,
nu, como se acha, que Heitor o espoliou da armadura brilhante.”
Nuvem de dor envolveu a alma nobre do grande Pelida,
que, tendo terra anegrada tomado nas mãos, a derrama
pela cabeça, desta arte as graciosas feições afeando.
De cinza escura manchado também fica o manto nectáreo.
Logo na poeira se estende, ocupando grande área no solo,
e os ondulados cabelos com ambas as mãos arrepela.
Vendo-o, as escravas que Aquiles e Pátroclo haviam presado,
mestas, em altos lamentos prorrompem e, a tenda deixando,
vieram cercar o prudente Pelida. A punhadas, os seios
todas contundem, sentindo que a força dos joelhos lhes falta.
Chora, também, o Nestórida ilustre, apertando entre as suas
as mãos de Aquiles, que fundos lamentos no peito agitava,
visto recear que ele o tenro pescoço com o ferro cortasse.
Solta gemidos terríveis; ouvi-os a mãe veneranda
das profundezas do mar, onde ao lado do pai se encontrava.
Em altos gritos prorrompe; cercaram-na, logo, afanosas,
todas as deusas nereidas, que o fundo do mar habitavam.
Glauce e Talia chegaram, Cimódoce, a amiga das ondas,
logo seguidas de Espio e Neseia, de Toe e de Halia
de olhos bovinos, Acteia e Cimótoe, numa onda mais célere,
Iera, Anfítoe, Agave, Limnórea Melita graciosa,
e Dinamene impetuosa, Ferusa de curso veloce,
e Calianira; depois, Dexamene, a impecável Anfínome,

e Galateia famosa, seguida de Pánope e Dóride,
da senhoril Calianassa, Nemertes verídica e Doto,
Clímene, Apseudes, Ianassa, a senhora dos risos, Mera,
Proto, Oritiia, Amatia de tranças venustas, Ianira,
e muitas outras nereides, que o fundo do mar habitavam.
Enche-se a gruta luzente de ninfas, que, mestas, golpeavam
os seios cândidos. Tétis dá logo princípio aos lamentos:
"Sede-me atentas, nereides irmãs, para que possais todas
as aflições conhecer que o imo peito me afligem. Que sina
ter dado à luz ao maior dos heróis, para um Fado tão triste!
Como oliveira vistosa meu filho cresceu, de beleza
e robustez adornado, o primeiro entre todos os próceres.
Pós haver dele cuidado qual planta em terreno propício,
para Ílio o enviei nos navios recurvos, a fim de bater-se
contra os Troianos. No entanto, jamais deverei recebê-lo,
de volta à pátria, na casa do velho Peleu, carinhosa.
E enquanto vive e contempla a luz bela do Sol, pesadumes
tem de sofrer, sem que eu o possa aliviar, muito embora o procure.
Hei de rever o meu filho; desejo saber o motivo
que tanto o aflige, apesar de afastado saber da guerra encontrar-se."
Em companhia de todas as ninfas da gruta retira-se,
pós ter falado. Em redor dela afastam-se as ondas marinhas.
Logo que a altura alcançaram do solo fecundo de Troia,
uma após outra saíram na praia, onde as naus dos Mirmídones
em torno ao barco de Aquiles se achavam, em filas dispostas.
Chega-se para o guerreiro, que fundo gemia, a divina
mãe; dando gritos agudos de dor, abraçou-lhe a cabeça,
e entre lamentos sentidos lhe diz as palavras aladas:
"Qual a razão de teu choro, meu filho? Que dor te acabrunha?
Ora me conta sem nada ocultar-me; de Zeus obtiveste
quanto pediste, para o alto, na súplica, as mãos elevando:

que contra as popas premidos, sofrendo trabalhos indignos,
falta sentissem de ti, grande falta, os guerreiros de Acaia.”
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, a gemer fundamente:
“Sim, minha mãe, é verdade que o Olímpio me fez isso tudo;
mas, que prazer posso eu ter, se perdi o mais caro dos sócios,
Pátroclo, o amigo que acima de todos prezava, estimando-o
como a mim próprio? Perdi-o, e a armadura admirável, encanto
de nossos olhos, Heitor ao privá-lo da vida tomou-lha,
a que a Peleu, como dádiva excelsa, os ternos doaram
no dia em que eles no leito de um homem mortal te puseram.
Fora melhor que entre as ninfas do mar a viver continuasses,
e que Peleu uma esposa mortal escolhido tivesse.
Mas quis o Fado que dor a sofrer também venhas, infinda,
quando perderes o filho, que nunca, de volta da guerra,
hás de acolher no palácio. Viver, continuar entre os homens,
certo, não posso, diz-me a alma, se a Heitor não tirar a existência
com minha lança pontuda, e não vir, desse modo, vingada
a grande perda de Pátroclo, o filho do claro Menécio.”
Tétis, então, a chorar, lhe responde as seguintes palavras:
“Curta existência terás, caro filho, a assim resolveste,
pois logo após o trespasso de Heitor, quer o Fado que morras.”
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, a gemer fundamente:
“Que seja logo, uma vez que não pude servir para nada
ao companheiro querido; morreu mui distante da pátria,
sem ter-me ao lado no instante em que mais precisava de amparo.
Ora que à pátria querida não devo voltar, nem a Pátroclo
apareci como luz salvadora, nem mesmo aos fiéis sócios
que às mãos do filho de Príamo, Heitor, a existência perderam,
mas junto às naves fiquei, peso inútil na terra, que importa
na luta cruenta exceder venha, acaso, os valentes Aquivos
de vestes brônzeas, conquanto outros possam brilhar nos concílios?

Se se extinguisse a Discórdia entre os homens e os deuses eternos,
e a irresistível Vingança, que aos próprios cordatos irrita
e, mais suave que o mel, quando escorre dos favos repletos,
no peito do homem se expande, qual fumo que ameaça asfixiá-lo!...
Dessa maneira irritou-me Agamémnone, rei poderoso.
Não mais falemos, porém, do passado; refreemos a mágoa
dentro do peito, por mais que me aflija, que assim é preciso.
Ora a esse Heitor vou buscar, o assassino da cara cabeça.
Quanto ao meu fim, estou pronto a acolher o momento funesto,
logo que Zeus o quiser e as demais divindades eternas.
A força de Héracles não conseguiu subtrair-se da Morte,
em que mui caro ele fosse a Zeus grande, nascido de Crono;
de Hera a vingança terrível e a Moira, afinal, o alcançaram.
Hei de baixar ao sepulcro, também, se o Destino igual sorte
me reservou; mas desejo, antes disso, alcançar alta glória,
para que muitas Dardânias e Teucras de baixa cintura,
com as mãos ambas das faces rosadas e tenras enxuguem
o pranto mesto e copioso, desfeitas em fundos suspiros,
e reconheçam que estive afastado dos prélios sangrentos.
Não me procures deter, muito embora me estimes; é inútil.”
Disse-lhe Tétis, de pés argentinos, então, em resposta:
“É muito justo, meu filho, o que dizes; louvável, por certo,
é libertar da ruína impiedosa os aflitos consócios.
Mas os Troianos se encontram de posse de tua armadura
bela, de bronze esplendente; nos ombros Heitor ora a leva,
cheio de orgulho, o guerreiro do excelso penacho. Mas curta
satisfação há de ter, que ao seu lado já a Morte se encontra.
Mas não te apresses a entrar nos pesados trabalhos da guerra
sem que ante os olhos me tenhas, aqui, novamente de volta.
Antes de o Sol despontar, amanhã voltarei à luz da alva,
para trazer-te a armadura formosa de Hefesto potente.”

Do filho amado, depois de falar, afastou-se, voltando-se
para as nereides irmãs, e lhes disse as seguintes palavras:
"No largo seio das águas deveis mergulhar, para verdes
o branco Velho Marinho em seu belo palácio e contar-lhe
tudo o que aqui se passou, enquanto eu subo à sede dos deuses,
para saber do admirável artífice, Hefesto, se ao filho
caro ele quer aprestar armadura de lúcido aspecto."
Obedecendo-lhe, as ninfas nereides no mar submergiram,
enquanto Tétis, a deusa marinha, subiu ao Olimpo
para ir buscar a armadura brilhante do filho querido.
Levam-na os pés para o Olimpo altanado. Entrementes, os Dânaos,
com prodigioso alarido, de Heitor homicida fugiram
em direção do Helesponto e das naves, que breve alcançaram,
sem que, da fúria Troiana, o cadáver houvessem de Pátroclo,
o ínclito e forte escudeiro de Aquiles, tirar conseguido,
pois os cavalos e os peões novamente no encalço lhes iam,
sob o comando de Heitor, que uma chama voraz parecia.
Três vezes pega do pé o cadáver, Heitor, por trás dele,
para arrastá-lo dali, concitando os Troianos à luta;
os dois Ajazes, três vezes, de ardor indomável vestidos,
o repeliram do corpo; mas ele, na força confiado,
ora de um salto, cortava o tumulto, ora, em gritos horríssonos,
se conservava parado, sem nunca recuar de onde estava.
Como pastores em ronda noturna, não podem da presa
a um fulvo leão repelir, pela fome imperiosa acossado:
do mesmo modo, impossível aos dois arnesados Ajazes
era fazer que do corpo de Pátroclo Heitor se afastasse.
E, porventura, o arrastara, colhendo, com isso, alta glória,
se Íris, de pés mais velozes que o vento, do Olimpo não viesse,
da parte de Hera, às ocultas de Zeus e das outras deidades,
para dizer ao Pelida que as armas fulgentes vestisse.

Aproximando-se-lhe, Íris, de rápidos pés, assim disse:
“Alça-te, filho do claro Peleu, dos heróis o mais forte;
corre em defesa de Pátroclo, em torno do qual, junto às naves,
pugna terrível se ateou; uns aos outros, ali, se trucidam;
de um lado, os fortes Aqueus, desejosos de o corpo trazer-te,
do outro, os Dardânios, que o querem levar para os muros de Troia.
O ínclito filho de Príamo, Heitor, mais que todos, se esforça
para arrastar o cadáver, que o peito a cercear o concita
do tenro colo a cabeça e ultrajá-la, espetando-a num poste.
Não mais ocioso prossigas; que tua alma de horror estremeça
de poder ser o cadáver de Pátroclo aos cães atirado.
Tua a vergonha há de ser, se lhe o corpo, desta arte, ultrajarem.”
Disse-lhe Aquiles divino, de rápidos pés, em resposta:
“Íris veloz, qual dos deuses aqui te mandou como núncia?”
Íris, de pés mais velozes que o vento, lhe disse, em resposta:
“Hera foi quem me mandou, do alto Zeus a gloriosa consorte,
sem que de minha incumbência soubesse o alto filho de Crono,
nem as demais divindades que moram no Olimpo nevoso.”
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, o seguinte, em resposta:
“Como é possível lutar? Minhas armas as têm os Troianos,
e minha mãe me proibiu que armaduras de guerra envergasse
sem que, primeiro, ante os olhos, aqui, novamente, a tivesse.
Fez-me a promessa de dar-me outras armas, trabalho de Hefesto.
Não sei de qual dos heróis poderia envergar a armadura,
se excetuarmos o escudo de Ajaz Telamônio; mas este,
penso, se encontra também a lutar nas fileiras da frente,
com sua lança, em defesa do corpo de Pátroclo exímio.”
Íris, de pés mais velozes que o vento, lhe disse, em resposta:
“Não ignoramos que os Teucros tomaram tua bela armadura.
Mas aparece aos Troianos na beira do fosso, tal como
te achas; talvez da batalha desistam, do Medo apossados,

e os belicosos Aquivos consigam tomar novo alento,
ainda que lassos; embora pequeno, o descanso é valioso.”
Íris daí retornou, pós haver a mensagem cumprido.
Alça-se o herói, a Zeus caro; ao redor das espáduas robustas
a égide horrível lhe pôs, de cem franjas ornada;
cinge-lhe a deusa preclara, em seguida, a cabeça, com nuvem
de ouro, fazendo que chama brilhante do herói se irradiasse.
Como de grande cidade, numa ilha, pelo éter se eleva
fumo que ao longe se vê, quando o sítio os imigos apertam,
e o dia todo, das altas muralhas, a luta sustentam
os moradores; mas quando a luz clara do Sol desaparece,
grandes fogueiras acendem; para o alto o esplendor logo sobe,
porque das ilhas vizinhas, se acaso de longe for visto,
tragam, nas naves recurvas, auxílio eficaz e oportuno:
chega até o éter, assim, o esplendor da cabeça de Aquiles,
que, tendo o muro deixado, avançou para o fosso apartado
dos valorosos Aqueus, obediente aos conselhos de Tétis.
Aí se deteve e gritou, reforçando-lhe Palas o brado,
que nos guerreiros Troianos terror indizível espalha.
Como ressoa distinta a trombeta sonora que o alarma
quando toca em cidade cercada por cruel inimigo:
soa, desta arte, bem claro, o alto brado do Eácida ilustre.
Ficam tomados de medo os Troianos no instante em que a aênea
voz escutaram; os próprios cavalos de crinas tratadas
retrocederam, que o dano iminente já então pressagiavam.
Tremem de susto os aurigas preclaros, ao verem a chama
inextinguível em torno à cabeça do claro Pelida;
a de olhos glaucos, Atena, fazia que ardesse incessante.
Por sobre o fosso três vezes gritou o Pelida divino;
por vezes três os Troianos e os fidos aliados recuaram
com tal balbúrdia, que doze guerreiros distintos morreram

por suas lanças feridos ou sob seus carros. Os Dânaos,
mais aliviados, da pugna retiram o corpo de Pátroclo,
numa padiola o colocam, que os fiéis companheiros circundam,
em pranto desfeitos. Aquiles, de rápidos pés, os seguia,
a derramar quentes lágrimas, pós ter o amigo enxergado
sobre seu leito de morte, por bronze cruel trespassado.
Com seus cavalos o enviara, no carro de guerra, ao combate,
sem que lhe fosse possível ainda uma vez abraçá-lo.
Hera, a magnânima, de olhos bovinos, o Sol incansável,
a seu mau grado, obrigou a afundar na corrente do oceano.
Deita-se o Sol, descansando, afinal, os divinos Aquivos
do cruel combate e dos árduos trabalhos da guerra funesta.
Os picadores Troianos, também, por seu lado interrompem
o duro prélio, os cavalos velozes retiram dos carros
e em assembleias se reúnem, sem mesmo pensarem na ceia.
De pé mantêm-se ele, todos durante a reunião, sem que ousasse
nenhum sentar-se; invadira-os o Medo desde a hora em que Aquiles
reaparecera, que há muito da pugna afastado se achava.
Polidamante, o Pantoida prudente, dá início aos debates,
conhecedor experiente do tempo passado e do futuro.
Na mesma noite nascera que Heitor, a quem era afeiçoado;
este, guerreiro mais hábil; aquele, orador primoroso.
Cheio de bons pensamentos lhes diz, arengando, o seguinte:
"Urge pensar na escolha, meus caros. Por minha
parte aconselho a voltarmos, em vez de aguardarmos no plaino,
junto das naves, a Aurora, que os muros mui longe se encontram.
Enquanto esse homem se achava irritado com o divo Agamémnone,
muito mais fácil nos era enfrentar os guerreiros Aquivos.
Foi para mim, também, grato passar junto às naves a noite,
por presumir que seria possível tomar os navios.
Ora me sinto receoso de Aquiles de pés muito rápidos.

Sendo impetuoso como é, com certeza não há de no campo
por muito tempo ficar, onde os Teucros e os fortes Aquivos
com sorte vária equilibram os duros sucessos da guerra.
Não, lutará para os muros tomar-nos e as nossas mulheres.
Para a cidade voltemos; assim há de dar-se, é certeza:
a sacra Noite por ora deteve o Pelida veloce;
mas, quando as armas tomar, ao romper da manhã, se no plaino
ainda estivermos, os nossos terão de travar mais de perto
conhecimento com ele. Felizes dos que conseguirem
Ílio sagrada alcançar. Quantos Teucros de cães e de abutres
não serão pasto? Jamais ao ouvido me chegue tal nova.
Ainda que muito nos pese, façamos conforme o aconselho.
Na ágora, enquanto faz noite, reunamos os nossos soldados,
que a fortaleza de Troia será defendida por suas
torres com traves seguras e barras de lúcido aspecto.
Mas amanhã, logo cedo, enverguemos as armas luzentes
e nos postemos nas torres. Ser-lhe-á muito dura a experiência,
se se afastar dos navios e vier combater sob os muros.
Pós ter em vão fatigado os cavalos em torno às muralhas
altas de Troia, há de alfim retornar para as naves simétricas.
Nem com o ardor que o distingue, jamais poderá ter acesso
à fortaleza; tentando-o, há de ser para os cães atirado.”
Com torvo olhar, lhe responde o guerreiro do casco ondulante:
“Polidamante, essas tuas palavras em nada me agradam.
Aconselhaste a que para a cidade, de novo recuemos?
Não vos cansais, porventura, de tanto viverdes fechados?
Antes, os homens falavam na rica cidade de Príamo,
em ouro e bronze abundantes e trabalhos de fina feitura;
mas atualmente vazias de joias as casas se encontram,
pois foram todas vendidas na Frígia e na Meônia agradável,
desde que Zeus poderoso ficou irritado conosco.

E ora que o filho de Crono astucioso permite que excelsa
glória eu conquiste, expulsando até o mar os guerreiros Aquivos,
não tens, estulto, outra coisa a propor na reunião dos Troianos?
Assentimento nenhum obterás, que contra isso me oponho.
Ora façamos conforme eu o aconselho; obedeçam-me todos.
Sem dispensar as falanges, no campo, da ceia se cuide;
todos se ocupem da guarda; a ninguém se consente que durma.
E se a algum Teucro as riquezas por modo excessivo preocupam,
traga-as, então, e as divida entre o povo, que é muito mais útil
serem por nós consumidas a caírem nas mãos dos Acaios.
Mas amanhã logo cedo enverguemos as armas luzentes
para fazer espertar junto às naves o deus Ares forte.
Se o divo Aquiles, de fato, pretende afastar-se das naves,
dura experiência há de ter, que não penso em fugir do recontro
dolorosíssimo; sim, arrostando-o com ânimo firme,
hei de alcançar alta glória ou fazer que alta glória ele alcance.
Ao matador, é frequente, o próprio Ares tirar a existência.”
Esse o discurso de Heitor; os Troianos, em peso, o aplaudiram.
Néscios! a todos Atena privara do são raciocínio,
pois aceitaram os planos ruinosos de Heitor, sem que ao sábio
Polidamante ninguém a menor atenção concedesse.
No próprio campo cuidaram da ceia. Os Aquivos a noite
toda gastaram em prantos, à volta do corpo de Pátroclo.
As servas mãos colocando no peito do extinto consócio,
lamentações principiou de fazer o Pelida, mescladas
de mui sentidos suspiros, no jeito de leão gadelhudo,
a que no espesso das matas, predador de ágeis gamos roubado
tenha os cachorros queridos. O leão, ao voltar para a grota,
se desespera e, saindo à procura de rastos desse homem,
só desejosos de achá-lo, percorre convales e montes:
para os Mirmídones fala, desta arte, a gemer, o Pelida:

“Vãs foram minhas palavras em nosso palácio, no dia
em que tentava afastar os temores do claro Menécio.
Sim, prometi-lhe que a Opunta haveria de o filho levar-lhe,
com sua parte da presa, depois de Ílio fértil destruirmos.
Mas nem a todos os votos dos homens atende Zeus grande.
Quer o Destino impiedoso que a terra de Troia tinjamos
ambos de sangue, e que o velho Peleu picador nunca possa
grata acolhida me dar novamente em seu belo palácio,
nem a mãe Tétis. Aqui há de a terra em seu seio abrigar-me.
Mas, doce Pátroclo, visto tocar-me viver ainda um pouco,
só te farei as exéquias depois que trouxer a cabeça
e bem assim a armadura de Heitor, causador de tua morte.
Diante da pira sagrada pretendo imolar doze Teucros,
dos de mais lúcida estirpe, por terem causado a tua morte.
Mas até lá deverás continuar junto às naves recurvas,
e, noite e dia, ao redor de teu corpo, com pranto copioso
se postarão as Dardânias e as Teucras de baixa cintura,
as mesmas, sim, que presamos com muita fadiga e hastas longas,
quando arrasamos os burgos dos homens de curta existência.”
Aos companheiros, depois de falar, o divino Pelida
manda que ponham, sem mora, no fogo, uma trípode grande,
para limpar da sangueira o cadáver de Pátroclo exímio.
Põem, de fato, a chaleira de banho nas brasas ardentes,
enchem-na de água até a boca, queimando ao redor muita lenha.
Lambem as chamas o bojo da trípode; aquece-se o líquido.
Quando no lúcido bronze começa a ferver a água clara,
limpam do cruor o cadáver; com óleo, depois, o ungem todo
e nas feridas unguento derramam de mais de nove anos.
No leito, então, o colocam, cobrindo-o, dos pés à cabeça,
com branco linho, por cima do qual alvo manto depõem.
Junto de Aquiles veloz toda a noite levantam lamentos

em volta ao corpo de Pátroclo exímio os Mirmídones fortes.
Vira-se o Crônida Zeus para a irmã e consorte e lhe fala:
“Hera magnânima, de olhos bovinos, alfim conseguiste
que reingressasse na pugna o Pelida de pés muito rápidos.
São, certamente, teus filhos os Dânaos de soltos cabelos.”
Hera, a magnânima, de olhos bovinos, lhe disse, em resposta:
“Zeus prepotente, nascido de Crono, que coisa disseste?
Se pode um homem levar a bom termo o que faz contra o próximo,
ainda que seja mortal e me ceda em saber e cordura,
como é possível que eu, sendo a primeira das deusas eternas —
e não somente por esse motivo, também por chamar-me
tua consorte e imperares em todos os deuses do Olimpo —,
não cause mal aos Troianos, se me acho irritada contra eles?”
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos trocavam.
Tétis, entanto, chegou ao palácio que Hefesto, o deus coxo,
para si próprio construíra, a mais bela das casas dos deuses,
imperecível, de bronze, e que luz estelar irradiava.
Azafamado, coberto de suor, entre os foles o encontra,
a fabricar vinte trípodes, todas de bela feitura,
para dispô-las ao longo do muro da estância soberba,
todas providas de rodas nos pés, de ouro puro, com que elas,
por próprio impulso, até o meio dos deuses pudessem mover-se
e retornar para casa, espetác’lo, em verdade, admirável.
Quase completas estavam; apenas as asas magníficas
ainda faltava pregar, para o que ele ora os cravos batia.
Enquanto o fabro engenhoso com o máximo ardor trabalhava,
aproximou-se-lhe Tétis, a deusa dos pés argentinos.
Viu-a chegar a consorte do fabro de membros robustos,
Cáris, a deusa venusta, que um belo diadema trazia.
Toma-lhe a mão e, falando, lhe diz as seguintes palavras:
“Tétis, do manto luzente, que tanto venero e respeito,

qual o motivo de tua visita? Aqui vens raramente.
Antes, porém, me acompanha, que dons hospitais te ofereça.”
Tendo isso dito, conduz para dentro a angustíssima deusa,
oferecendo-lhe um trono enfeitado com cravos de prata,
belo de ver; escabelo, também, para os pés lhe apresenta.
O ínclito artífice, Cáris chamou logo após, em voz alta:
“Vem até aqui, caro Hefesto, que Tétis deseja falar-te.”
Disse-lhe, então, em resposta, o deus coxo de braços possantes:
“Acha-se, então, aqui em casa, a deidade que estimo e venero,
que me acolheu quando tive o infortúnio de cair do alto Olimpo,
por minha mãe imprudente atirado, que, assim, pretendia
de mim livrar-se, tão só! Por ser coxo! Teria sofrido
imensamente, a não ser recolhido por Tétis e Eurínome —
a bela Eurínome, filha do Oceano que a terra circunda.
Junto das duas, nove anos, vivi numa gruta escavada,
a fabricar-lhes objetos de bronze, fivelas, colares,
e braceletes, e brincos. Fluía a corrente do oceano
à minha volta, espumosa, com seu incessante murmúrio.
Homem nenhum, nenhum deus onde certo eu me achava sabia,
a não ser Tétis e Eurínome, as duas que ali me ocultavam.
E ora que Tétis, de tranças venustas, vem ver-me em visita,
é simplesmente um dever procurar compensar-lhe a bondade.
Dons hospitais primorosos apresta-lhe e mesa abundante,
enquanto os foles afasto do fogo e os demais instrumentos.”
Alça-se, logo, do banco da incude o disforme ferreiro,
a coxear, afanoso, nas pernas recurvas e bambas.
Tira das chamas os foles, depondo os demais utensílios,
com que folgava ocupar-se, numa arca de prata maciça.
Com uma esponja, depois, limpa o suor e as escórias do rosto,
de ambas as mãos, do pescoço robusto, do peito veloso,
e pós vestir alva túnica, sai a coxear da oficina,

num cetro forte apoiado, ladeado por duas estátuas
de ouro, semelhas a moças dotadas de vida, pois ambas
entendimento possuíam, alento vital e linguagem,
sobre entenderem das obras que aos deuses eternos são gratas.
O amo elas duas ladeiam, cuidosas. Coxeando, o ferreiro
foi para junto de Tétis, num trono luzente assentou-se,
toma-lhe a mão e, falando, lhe disse as seguintes palavras:
"Tétis, de manto luzente, que tanto venero e respeito,
qual o motivo de tua visita? Aqui vens raramente.
Fala o que queres, que o peito me manda acatar-te o desejo,
se for, de fato, exequível e em mim estiver realizá-lo."
Tétis, então, a chorar, lhe responde as seguintes palavras:
"Há, porventura, entre as deusas, Hefesto, do Olimpo altanado,
uma que tenha no peito abrigado tão grandes pesares
quantos o Crônida Zeus mais que a todas me tem propinado?
A mim, somente, obrigou entre todas as deusas marinhas
Zeus a casar com Peleu, de mortal condição, filho de Eaco,
e a partilhar-lhe o leito. Ora, a triste velhice o domina
e em seu palácio se encontra, abatido. Outros males me tocam,
pois consentiu que eu gerasse e educasse o mais belo dos filhos.
Como oliveira vistosa cresceu, de beleza adornado.
Pós haver dele cuidado, qual planta em terreno propício,
para Ílio o enviei nos navios recurvos, a fim de bater-se
contra os Troianos. No entanto, jamais deverei recebê-lo,
de volta à pátria, na casa do velho Peleu, carinhosa.
E enquanto vive e contempla a luz bela do Sol, pesadumes
tem de sofrer, sem que eu possa, por mais que me esforce, aliviá-lo.
A bela escrava que, em prêmio, os Aqueus outorgado lhe haviam,
pelo possante Agamémnone foi-lhe dos braços tirada.
Cheio de dor, consumia-se à parte. Os Troianos, entanto,
vieram até junto às naus, não deixando que os Dânaos saíssem

para a planície. Deprecam-lhe auxílio os mais nobres Aquivos,
inumeráveis presentes de preço infinito ofertando.
Ele, inflexível, se nega a livrá-los da ruína iminente;
mas consentiu que sua própria armadura o escudeiro vestisse,
Pátroclo, e, junto a outros homens, o enviou em socorro aos Dânaos.
Das Portas Ceias em frente, até o oceano a batalha estirou-se.
E nesse dia a cidade teriam tomado, se Pátroclo,
quando maiores estragos causava, não fosse vencido,
bem na dianteira dos seus por Apolo, que a Heitor cede a glória.
Por isso agora a teus joelhos me tens. Venho ver se desejas
para o meu filho de curta existência aprestar elmo e escudo,
grevas formosas de belas fivelas, que bem se lhe adaptem,
e cintilante couraça, que o amigo perdeu isso tudo.
O coração excruciado, na poeira o meu filho se encontra.”
Disse-lhe Hefesto, de braços robustos, então, em resposta:
“Ânimo! Que isso não seja motivo de mais te afligires.
Se em meu poder estivesse mantê-lo escondido da Morte
dolorosíssima, quando o Destino vier procurá-lo,
como é certeza poder aprestar-lhe tão bela armadura,
que para todos os homens que a virem será grande espanto.”
Deixa-a, depois de falar, dirigindo-se para os seus foles,
que pôs no fogo, ordenando que logo o trabalho iniciassem.
Vinte eram eles ao todo, e em fornalhas também de igual número.
Logo se põem a soprar por maneira contínua e variável
com mais vigor, quando Hefesto animado ficava; mais lentos,
quando o que queria o ferreiro, ou o trabalho dessa arte o exigia.
Bronze infrangível não cessa de ao fogo lançar, duro estanho,
ouro de grande valor e, também, muita prata. Em seguida,
pôs sobre o cepo a maior das incudes, e o malho pesado
numa das mãos sustentando, a tenaz na outra, firme, segura.
Grande e maciço, primeiro, fabrica o admirável escudo,

com muito esmero, lançando-lhe à volta orla tríplice e clara,
de imenso brilho. De prata, a seguir, fez o bálteo vistoso.
Cinco camadas o escudo possuía, gravando na externa
o hábil artífice muitas figuras de excelso traçado.
Nela o ferreiro engenhoso insculpiu a ampla terra e o mar vasto,
o firmamento, o sol claro e incansável, a lua redonda
e as numerosas estrelas, que servem ao céu de coroa.
Pôs nela as Plêiades todas, Orião robustíssimo, as Híades,
e mais, ainda, a Ursa, também pelo nome de Carro chamada,
a Ursa que gira num ponto somente, a Orião sempre espiando,
e que entre todas é a única que não se banha no oceano.
Duas cidades belíssimas de homens de curta existência
grava, também. Numa delas celebram-se bodas alegres.
Saem do tálamo os noivos, seguidos por seus convidados,
pela cidade, à luz clara de archotes; os hinos ressoam.
Ao som das flautas e cítaras moços dançavam, formando
roda, em cadência agradável. Nas casas, de pé, junto às portas,
viam-se muitas mulheres que o belo cortejo admiravam.
Cheio se achava o mercado, que dois cidadãos contendiam
sobre quantia a ser paga por causa de um crime de morte:
um declarava ante o povo que tudo saldara a contento;
o outro negava que houvesse, até então, recebido a importância.
Ambos um juiz exigiam, que fim à contenda pusesse.
O povo, à volta, tomava partido, gritando e aplaudindo.
A multidão os arautos acalmam; no centro, os mais velhos
em um recinto sagrado, sentados em pedras polidas,
nas mãos os cetros mantêm dos arautos de voz sonorosa.
Fala cada um por seu turno, de pé, e o seu juízo enuncia.
Quem decidisse com mais equidade, dois áureos talentos
receberia, que ali já se achavam, no meio de todos.
À volta da outra cidade se veem dois imigos exércitos

com reluzente armadura, indecisos nos planos propostos:
ou devastá-la de todo, ou fazer por igual a partilha
das abundantes riquezas que dentro das casas se achavam.
Os cidadãos não se rendem, contudo, e emboscada preparam.
E enquanto as caras esposas, as crianças e os velhos cansados,
cheios de ardor se defendem de cima dos muros bem-feitos,
seguem os homens guiados por Ares e Palas Atena.
Altos e belos, armados tal como convém aos eternos
e facilmente distintos da turba dos homens pequenos,
de ouro ambos eram e de ouro, também, os luzentes vestidos.
Logo que o ponto alcançaram, que haviam adrede escolhido,
perto de um rio vistoso, onde vinha beber todo o armento,
sem se despirem das armas luzentes, se põem de emboscada.
Duas vigias colocam dali a pequena distância,
para avisá-los se ovelhas e reses tardonhas viessem.
Dentro de pouco aparecem, trazidos por dois condutores,
que ao som de gaitas se alegram, sem nada cuidarem da insídia.
Os da emboscada acometem de súbito e, em pouco, se apossam
dos tardos bois, das ovelhas vistosas dotadas de lúcido
velo, tirando a existência aos incautos e imbeles pastores.
Os sitiadores que estavam reunidos em junta, ao ouvirem
a gritaria do assalto aos rebanhos, depressa abalaram
em seus velozes corcéis, alcançando na margem do rio
aos da cidade, e travando com eles renhida batalha,
onde aêneas lanças furiosas causaram recíprocos danos.
Via-se a fera Discórdia, o Tumulto e a funesta e inamável
Parca, que havia agarrado a um ferido, a um guerreiro ainda ileso,
e pelos pés arrastava um terceiro, que a vida perdera.
Dos ombros pendem-lhe as vestes manchadas de sangue dos homens.
Como se fossem mortais, comportavam-se na áspera luta
e arrebatavam das mãos uns dos outros os corpos dos mortos.

Para a lavoura apropriado, um terreno, também, representa
largo e amanhado três vezes, no qual lavradores inúmeros
juntas de bois conduziam no arado, de um lado para o outro.
E quantas vezes o extremo do campo lavrado atingiam,
vinha encontrá-los um homem, que um copo de mosto lhes dava,
doce e agradável. Depois de beber, novos sulcos abriam,
só desejosos de o linde alcançar do agro pingue e profundo.
Preta era a terra que atrás lhes ficava, apesar de ser de ouro,
e parecia revolta, espetác'lo, em verdade, estupendo.
Um campo real, também, grava, onde meste alourada se via
e os segadores, que a ceifam, na mão tendo foices afiadas.
Molhos caíam, sem pausa, por terra, ao comprido dos sulcos.
Os molhos juntam em feixes, ligados com junco flexível,
três atadores; aos pés uns meninos braçados de molhos
continuamente lhes jogam, que ao longo dos sulcos recolhem.
O coração satisfeito, de pé, bem no meio de um sulco,
o rei se achava, sem nada dizer, sustentando áureo cetro.
Sob um carvalho os arautos um boi corpulento já haviam,
para o banquete, imolado; as mulheres o almoço aprontavam
dos segadores, cobrindo os assados com branca farinha.
Representou uma vinha, também, carregada e belíssima;
de ouro brilhante era a cepa e de viva cor negra os racimos,
que sustentados se achavam por muitas estacas de prata.
De aço era o fosso gravado em redor; mas a cerca de cima
de puro estanho. Um caminho, somente, ia dar até a vinha,
que os vinhateiros percorrem no tempo da bela vindima.
Moços e moças, no viço da idade, de espírito alegre,
o doce fruto carregam em cestas de vime trançado.
Com uma lira sonora, no meio do grupo, um mancebo
o hino de Lino entoava com voz delicada, à cadência
suave da música, e todos, batendo com os pés, compassados,

em coro, alegres, o canto acompanham, dançando com ritmo.
De boi de chifres erectos manada vistosa ali grava.
Uns animais eram de ouro; outros feitos de estanho luzente.
Saem do estáb'lo nessa hora, a mugir, para o pasto, que ao lado
se acha de um rio sonoro com margens de canas flexíveis.
Quatro pastores os bois conduziam, também de ouro puro;
por nove cães protegidos, de rápidos pés, vinham todos.
Mas, de repente, dois leões formidáveis o gado acometem
e o touro empolgam, que o espaço atroava com tristes mugidos,
enquanto os leões o arrastavam; mancebos e cães os perseguem.
As duas feras, porém, pós haverem a rês lacerado,
o negro sangue e as entranhas lhe chupam. Em vão os pastores
os cães contra eles açulam, pavor intentando incutir-lhes.
Não se atreviam, contudo, os forçudos mastins a atacá-los,
mas, esquivando-se sempre dos leões, só com ladros investem.
Um grande prado, também, representa o ferreiro possante,
num vale ameno, onde muitas ovelhas luzentes se viam,
bem como apriscos, e estáb'los, e choças de boas cobertas.
Plasma um recinto de dança, ainda, o fabro de membros robustos,
mui semelhante ao que Dédalo em Cnosso de vastas campinas
fez em louvor de Ariadne formosa, de tranças venustas.
Nesse recinto mancebos e virgens de dote copioso
alegremente dançavam, seguras as mãos pelos punhos.
Elas traziam vestidos de linho; os rapazes com túnicas
mui bem-tecidas folgavam em óleo brilhante embebidas.
Belas grinaldas as frontes das virgens enfeitam; os moços
de ouro as espadas ostentam, pendentes de bálteos de prata.
Ora eles todos à volta giravam, com pés agilíssimos,
tal como a roda do oleiro, quando este, sentado, a exp'rimenta,
dando-lhe impulso com as mãos para ver se se move a contento,
ora, correndo, formavam fileiras e a par se meneavam.

Muitas pessoas, à volta, o bailado admirável contemplam,
alegremente. Cantava entre todos o aedo divino,
ao som da cítara, ao tempo em que dois saltadores, a um tempo,
cabriolavam, seguindo o compasso no meio da turba.
Plasma, por fim, na orla extrema do escudo de bela feitura
a poderosa corrente do oceano, que a terra circunda.
Pós ter o artífice o escudo maciço, desta arte, aprontado,
fez a couraça, de brilho mais forte que os raios do fogo,
o elmo, com ricos lavores, mui sólido e belo, que às fontes
bem se ajustasse, provido de uma áurea e luzente cimeira,
e, finalmente, umas grevas formadas de dúctil estanho.
Logo que as armas o artífice ilustre aprontou, sobraçando-as,
foi colocá-las aos pés da mãe triste de Aquiles divino.
Como um gavião, desceu ela do Olimpo nevoso, trazendo
a refulgente armadura que Hefesto potente forjara.

CANTO XIX
A RENÚNCIA À IRA

“Tétis entrega as novas armas a seu filho e cuida do corpo de Pátroclo. Aquiles convoca uma assembleia, declara seus sentimentos e pede para retornar à batalha. Agamémnone reconhece seus erros e se lamenta, enviando de volta Briseide e ricos presentes a Aquiles, que os recebe das mãos de Odisseu. Atena lhe infunde grande força, ele veste sua armadura e sobe em seu carro. Xanto, seu cavalo, lhe prevê a morte em breve, logo após matar Heitor.”

De cróceo manto já a Aurora do seio do oceano se alçara
para que a luz aos eternos, bem como aos mortais, conduzisse,
quando aos navios a deusa chegou com o presente de Hefesto,
indo a seu filho encontrar abraçado ao cadáver de Pátroclo,
em pranto esfeito, cercado por muitos dos fiéis companheiros.
Tétis, a deusa de pés argentinos, para ele achegou-se,
toma-lhe a mão e, falando, lhe disse as seguintes palavras:
“Filho, por mais que tristeza te cause, deixemos o morto
a descansar, pois tudo isso se deu por vontade dos deuses.
Ora essas armas recebe. São tuas. Hefesto aprontou-as.
Armas como estas decerto ninguém nunca pôs sobre os ombros.”
Pós ter falado, na frente de Aquiles a deusa coloca

a refulgente armadura; ressoam as armas divinas.
Os valorosos Mirmídones ficam tomados de medo,
sem que nenhum se atrevesse a fixá-la, a tremer afastando-se.
O divo Aquiles, ao vê-la, sentiu aumentar-se-lhe ainda
a grande cólera; os olhos, nas pálpebras, chispas emitem.
Cheio de gozo, recebe o presente do deus, primoroso.
Logo que a dádiva esplêndida havia a contento admirado,
para a mãe nobre se vira e lhe diz as palavras aladas:
"Mãe, estas armas que Hefesto me enviou dizem bem com os trabalhos
dos imortais; nenhum homem seria capaz de forjá-las.
Vou para a luta aprontar-me, envergando-as; mas tenho receio
de que entrementes as moscas penetrem nas chagas abertas
pelo cruel bronze no corpo do filho do claro Menécio
e criem larvas, afeando, desta arte, o cadáver do amigo —
ah, sem mais vida nenhuma — e estragando-lhe a bela aparência."
Tétis, dos pés argentinos, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Filho querido, não seja isso causa de o peito afligir-te.
Fica a meu cargo afastar dele as tribos de moscas selvagens,
que se alimentam dos homens que tombam nos campos da luta.
Ainda que fosse preciso jazer pelo espaço de um ano,
como se encontra ficara seu corpo, ou melhor, porventura.
Cuida, porém, de reunir a assembleia dos fortes Aquivos
para anunciar-lhes o fim de tua cólera contra Agamémnone,
e vai lutar logo após, do consueto vigor revestido."
Grande e indomável coragem, depois de falar, ela infunde-lhe,
e nas narinas do corpo de Pátroclo ambrosia e vermelho
néctar instila, a seguir, para os membros deixar-lhe incorruptos.
O divo Aquiles, entanto, se foi pela praia marinha,
com grandes gritos fazendo espertar os guerreiros Aquivos.
Té mesmo os homens que sempre soíam ficar nos navios,
os remadores das naus e os que os remos do leme cuidavam,

bem como os fiéis despenseiros que o pão entre os mais distribuem,
para a assembleia acorreram nessa hora, por causa de Aquiles
que para a luta voltava, depois de uma ausência tão longa.
Vêm, manquejando, os dois nobres alunos do deus Ares forte,
o valoroso Tidida e Odisseu, o divino e astucioso,
nas lanças longas firmados, pois ainda as feridas os pungem.
Num dos primeiros lugares, na frente, ambos foram sentar-se.
Veio por último o Atrida Agamémnone, o de homens caudilho,
que vulnerado se achava, também, pois, na pugna terrível,
com sua lança de bronze, o ferira Coão Antenórida.
Logo que todos os homens da Acaia reunidos se acharam,
alça-se Aquiles de rápidos pés e lhes diz o seguinte:
"Esta reconciliação, Agamémnone, fora mais útil
para nós dois, se levada a bom termo no dia em que fomos
pela Discórdia vencidos, por causa, tão só, de uma escrava.
Fora melhor que no dia em que os muros entrei de Lirnesso,
em nossos barcos a vida lhe fosse tirada por Ártemis.
Pelos imigos vencidos enquanto eu me achava irritado,
muitos Aqueus não teriam, sem dúvida, a poeira mordido.
Lucro somente os Troianos e Heitor obtiveram. Por muito
tempo os Aqueus hão de nossa discórdia lembrar, é certeza.
Mas o passado é passado. O dever me concita, nessa hora,
ainda que muito irritado, a refrear o rancor do imo peito.
Da ira desisto; não me orna, em verdade, mostrar-me implacável
por muito tempo. Mas vamos! agora incitar te compete
para o combate os Aquivos de soltos cabelos nos ombros.
Quero encontrar, novamente, os Troianos e ver se ainda insistem
em pernoitar junto aos nossos navios; mas penso que muitos
hão de, aliviados, os joelhos dobrar, quando escapos se virem
da fúria insana da guerra e de nossa hasta longa e invencível."
Isso disse ele; os Acaios de grevas bem-feitas exultam

por ver do grande Pelida acalmado o rancor, finalmente.
Disse aos Aquivos, então, Agamémnone, rei poderoso,
sem avançar para o meio, do próprio lugar onde estava:
"Meus valorosos Aquivos, alunos do deus Ares forte,
é decoroso em silêncio escutardes-me agora; até mesmo
os oradores mais hábeis aparte importuno os perturba.
Como é possível que em meio ao barulho falar alguém possa,
ou ser ouvido, ainda mesmo dotado de voz retumbante?
Vou dirigir-me ao Pelida; mas quero que todos os homens
de Argos me escutem e, atentos, reflitam nas minhas palavras.
Frequentemente inculpavam-me os fortes Argivos; contudo,
culpa não tenho nenhuma, senão, tão somente, Zeus grande,
a fatal Moira e as Erínias que vagam nas trevas espessas.
Uma cegueira feroz me ensejaram tais deuses no peito,
a qual me fez no conselho, ao Pelida privar do alto prêmio.
Como pudera eu reagir? São os deuses que tudo dispõem.
A Culpa é filha de Zeus, deusa excelsa que os homens conturba,
nume funesto de pés muito leves, que a terra não roça,
ao caminhar, mas passeia por sobre a cabeça dos homens,
ocasionando tropeços. Té seres mais altos enleia.
O próprio Zeus poderoso, que os deuses e os homens supera,
em suas malhas se viu de uma feita, no dia em que a esposa,
Hera, conquanto mulher, o enganou com sutil artifício.
Foi quando Alcmena, de insigne beleza, à luz dar deveria
Héracles forte no burgo de Tebas de belas muralhas.
Zeus, exultante, dirige-se a todos os numes, e fala:
'Deuses eternos e deusas, agora atenção prestai todos
ao que eu vos digo e no peito me ordena falar-vos o espírito.
As Ilitiias, que as dores do parto presidem, hão de hoje
à luz trazer refulgente um varão que vai ter o comando
sobre os vizinhos, por ser de uma estirpe que em mim se origina.'

Com solapada intenção, Hera augusta lhe disse, em resposta:
‘Tenho certeza de que não tencionas fazer o que dizes.
Mas, se, em verdade, assim pensas, Olímpio, é preciso jurares
que há de comando exercer sobre todos os povos vizinhos
o alto varão que entre os pés de mulher a cair vier, acaso,
desde que seja da estirpe que tu, claro Zeus, engrandeces.’
Sem suspeitar-lhe a dolosa intenção, fez a jura solene
Zeus poderoso, do que lhe adviria, depois, muito dano.
Hera, de um salto, baixou das cumeadas do Olimpo nevoso,
a Argos da Acaia de belas mulheres chegando, onde estava
a venerável consorte de Esténelo, o nobre Perseida.
De sete meses estava ela grávida; a deusa lhe trouxe
o filho à luz, apesar de imaturo, e cessar fez de pronto
as dores fortes de Alcmena, detendo as cruéis Ilitiias.
Tudo isso pronto, voltou para o Olimpo e falou a Zeus grande:
‘Zeus pai que os raios dominas, notícia especial quero dar-te:
já veio à luz o varão que será dos Argivos o chefe,
filho de Esténelo, o nobre Perseida, a saber, Euristeu.
É de teu sangue e, assim, digno de ser dos Argivos o chefe.’
Dor muito aguda Zeus na alma sentiu, ao ouvir a notícia.
Súbito a Culpa aferrou pela fronte de tranças macias,
e num momento de cólera jura solene profere
de que jamais no alto céu estrelado e no Olimpo entraria
de novo a Culpa, que a mente dos homens e deuses transforma.
Rodopiando-a com força, depois de jurar, atirou-a
do alto do Olimpo, e ela veio a cair entre os homens industres.
Muito, depois, suspirava Zeus pai, quando via o dileto
filho nos duros trabalhos que o forte Euristeu a ele impunha.
Do mesmo modo comigo se deu, quando Heitor arnesado
desbaratava os Aquivos ao lado das naves recurvas,
sem que pudeste da Culpa esquecer-me que em mim se exercia.

Por ter ficado, porém, conturbado, que Zeus me cegara,
quero sanar o mal feito, depondo a teus pés muitas dádivas.
Para os combates levanta-te, pois, e os Aquivos anima,
que, por meu lado, confirmo os presentes magníficos que ontem
em tua tenda o divino Odisseu te ofertou em meu nome.
Ou, se o desejas, detém-te, conquanto de lutas sequioso,
para que os meus escudeiros das naves recurvas te tragam
quanto te foi prometido e te alegres à vista dos brindes.”
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, em resposta, o seguinte:
“Filho de Atreu, nobilíssimo, rei poderoso, Agamémnone,
deixo ao teu cargo esse ponto: ou mandares-me os brindes — e é justo —
ou com eles todos ficares. Agora somente pensemos
na dura guerra. A falar aereamente, de braços cruzados,
não poderemos ficar; ainda está por fazer o grande ato,
para que vejam a Aquiles, de novo, na frente de todos,
a desfazer com sua lança de bronze as falanges dos Teucros,
e isso em vós todos desperte o desejo de ir contra o inimigo.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Por mais valente que sejas, Aquiles divino, é prudência
não exortar os Aqueus para a luta ante os muros de Troia,
pois certamente não há de durar pouco tempo o combate,
quando as falanges contrárias a pugna encetarem e brio
irresistível um deus inspirar em Troianos e Aquivos.
Antes, ordena que junto das naus os Acaios se fartem
de doce vinho e alimento, que a força e a coragem restauram.
Não há ninguém que consiga, em jejum, prosseguir na batalha
o dia todo, enfrentando o inimigo até o Sol ocultar-se,
pois ainda mesmo que o espírito forte a lutar o concite,
sem que o perceba fraquejam-lhe os membros, a fome e a abrasante
sede o acometem, e os joelhos, de fracos, se lhe negam.
Mas o que teve a sua parte de vinho e alimento consegue

o dia todo lutar contra o imigo, sem fraco sentir-se;
o coração no imo peito indefeso persiste, e a fadiga
nos fortes membros não lhe entra até o fim da renhida peleja.
Vamos! dissolve a assembleia e aos soldados ordena que cuidem
da refeição. Quanto aos ricos presentes, que o Atrida Agamémnone
os mande vir para o meio da praça, que todos possamos
vê-los com os olhos e tu no mais íntimo alegre te sintas.
Diante de todos, de pé, faça o Atrida uma jura solene
de nunca haver partilhado do leito da filha de Crises,
como varão e mulher, Agamémnone, unir-se costumam.
Que o coração se te mostre no peito, com isso, abrandado.
Em sua tenda, depois, deve um lauto banquete ofertar-te,
para que as honras devidas te sejam sem falha prestadas.
E, de futuro, Agamémnone, trata de ser mais cordato
para com todos. Um rei não se avilta se, acaso, apresenta
satisfações quando foi o primeiro a ofender sem motivo.”
Disse-lhe, então, em resposta, Agamémnone, rei poderoso:
“Muito me alegra, Laercíada, ouvir essas tuas palavras,
pois discorreste com senso e equidade a respeito de tudo.
Sim, juramento pretendo fazer, que a isso o peito me incita,
sem que perjuro me torne ante os deuses. Demore-se Aquiles
um pouco mais, apesar de querer entrar logo em combate.
Todos os outros, também, permaneçam, até que da tenda
mande eu buscar os presentes e a jura solene profira.
Tu próprio, ilustre Odisseu, tomarás a teu cargo a incumbência,
conjuntamente com os moços mais nobres do exército Aquivo,
de irdes às naus e trazerdes os dons que por mim ontem foram
oferecidos a Aquiles. Que venham, também, as escravas.
Traga Taltíbio, depressa, do vasto arraial dos Acaios,
o javali que imolado há de ser a Zeus grande e ao Sol claro.”
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, em resposta, o seguinte:

“Filho de Atreu, nobilíssimo, rei poderoso, Agamémnone,
em qualquer outra ocasião ficará bem melhor isso tudo,
quando se der uma pausa qualquer na batalha homicida
e no imo peito não seja tão forte esse ardor que me abrasa.
Ainda se encontram no campo os valentes Aqueus que tombaram
aos golpes do ínclito Heitor, quando glória lhe deu Zeus potente
e aconselhais que comamos! Por mim, mandaria que todos
os valorosos guerreiros da Acaia ingressassem na pugna,
sem que do almoço cuidassem. Somente ao Sol posto, um banquete
lauto seria aprestado, depois de tomada vingança.
De modo algum, antes disso, há de vinho e alimentos tocar-me
de leve os lábios. Na tenda, por bronze cruel traspassado,
o corpo se acha do amigo dileto, com os pés estendidos
na direção do vestíbulo; os fidos consócios, à volta,
mestos o choram. Por isso não cuido de tais pensamentos,
mas de matança e de sangue e dos tristes suspiros dos homens.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Ínclito Aquiles Pelida, o mais forte de todos os Dânaos,
és mais robusto do que eu e no jogo da lança não pouco
me sobrepujas; contudo te sou superior nos conselhos,
por ter nascido primeiro e ter mais experiência das coisas.
Que o coração se te acalme e se mostre atencioso ao que digo.
Presto, no campo da luta sangrenta os guerreiros se cansam,
quando, apesar de jogarem por terra abundância de palha,
é muito escassa a colheita, ao fazer inclinar-se a balança
para o outro lado Zeus grande, que a sorte dos prélios decide.
Com sacrifício do ventre é impossível que os mortos choremos.
Se não têm conta os que caem, diariamente sem vida, na luta,
quando encontrar o momento em que livres da dor nos vejamos?
É necessário, com ânimo firme, levar para o túmulo
os que tombaram, chorando-os apenas o espaço de um dia.

Quantos, porém, conseguirem livrar-se da pugna funesta,
devem pensar em comer e beber, porque, mais facilmente,
todos possamos, sem pausa, vestidos do rígido bronze,
acometer os imigos. Então, aguardar ninguém deve
para sair, que outrem venha chamá-lo, porque o reiterado
incitamento a desgraça há de ser para quantos ficarem
nas naus Argivas. Adiante! Num corpo, somente, corramos
a despertar Ares forte no meio dos bravos Troianos.”
Por companheiros, depois de falar, escolheu os rebentos
do velho Pílio, Nestor, Melanipo, o alto herói Licomedes,
filho de Creonte, Megete, Meríones e o insigne Toante.
Todos, então, para a tenda do Atrida a caminho se põem.
Rapidamente puseram em obra a missão recebida:
trípodes sete da tenda escolheram, conforme o assentado,
doze corcéis vigorosos e vinte luzentes caldeiras;
logo apartaram, também, sete escravas de prendas variadas,
às quais Briseide, de faces rosadas, a oitava, ajuntaram.
Os dez talentos que havia pesado, Odisseu é quem leva;
seguem-no os moços Aqueus, conduzindo os presentes magníficos.
Foi tudo exposto no meio da praça. Nessa hora Agamémnone
se pôs de pé, vindo ao lado postar-se-lhe o arauto Taltíbio,
de voz igual à dos deuses, o qual segurava o javardo.
O nobre filho de Atreu, Agamémnone, tira o cutelo
que sempre junto à bainha da espada cortante trazia,
e, pós cortar as primícias do pelo da vítima, as palmas
a Zeus estende, e suplica, ficando os restantes Aquivos,
como de praxe, em silêncio, sentados, a ouvir o monarca,
que, contemplando o céu vasto, profere a oração deste modo:
“Saiba, primeiro, o maior e o mais forte dos numes, Zeus grande,
e a Terra, e o Sol, e as Erínias, também, que nos reinos subtérreos
têm por função castigar quem houver perjurado na vida:

nunca na jovem Briseide toquei, nem por força de amores,
nem porque em mim tenha atuado outra força qualquer porventura.
Em minha tenda, durante esse tempo, ficou ela intacta.
Se quanto digo é inverdade, que os deuses me deem sofrimentos
indescritíveis, tal como costumam punir os perjuros.”
Tendo assim dito, degola com bronze cruel o javardo,
que logo o arauto Taltíbio, fazendo-o voltear, às espúmeas
ondas jogou, para pasto dos peixes. Aquiles, no entanto,
fica de pé, dirigindo-se para os valentes Acaios:
“Zeus pai, é grande a cegueira que aos homens enviar tens por hábito!
A não ser isso, jamais em meu peito teria Agamémnone
a ira profunda inflamado, ou sequer conseguido arrancar-me
da tenda a jovem, usando de força. Mas Zeus desejava,
certo, que muitos Acaios a Morte funesta apressasse.
Ora cuidai de comer; para a luta, depois, reiniciarmos.”
Isso disse ele; e, sem mais circunlóquios, dissolve a assembleia.
E, enquanto os outros Aquivos procuram as naves recurvas,
os corajosos Mirmídones, logo, dos brindes se ocupam
e para o barco de Aquiles divino, cuidosos, os levam,
dentro da tenda os dispõem, e os postos às servas indicam.
Os servidores os belos corcéis para o pasto levaram.
Logo que a bela Briseide, tão bela quanto a áurea Afrodite,
viu, pelo bronze cruel trespassado, o cadáver de Pátroclo,
a soluçar fundamente sobre ele caiu, lacerando
as pulcras faces, e o peito, e o pescoço elegante e macio.
Sempre a chorar, diz a escrava que deusa imortal parecia:
“Pátroclo, deste infeliz coração companheiro caríssimo,
vivo ficaste no dia em que vieram buscar-me na tenda,
e ora, ao voltar, deste modo te encontro, pastor de guerreiros!
Os infortúnios, assim, sempre novos, me seguem de perto.
Diante de nossa cidade, por bronze cruel trespassado,

vi tombar morto o marido a que o pai e a mãe nobre me deram;
meus três irmãos diletíssimos, todos de um tronco nascidos,
no mesmo dia, também, alcançou o Destino funesto.
Não me deixaste chorar, quando Aquiles de pés muito rápidos
a meu marido matou, de Minete assolando a cidade,
e prometeste que havias de obter do divino Pelida
me conduzisse, tal como legítima esposa, em seu barco,
e entre os Mirmídones fortes, em Ftia, o festim celebrasse.
Foste-me sempre bondoso; por isso hei de sempre chorar-te."
Todas as outras cativas a morte chorando de Pátroclo,
ao mesmo tempo choravam o grande e pessoal infortúnio.
Reúnem-se à volta de Aquiles os chefes Aqueus, insistindo
para que algum alimento aceitasse; mas ele recusa:
"Se entre vós outros há quem obediente se mostre ao que digo,
que ninguém venha falar-me em tomar alimento ou bebida,
pois infinito é o infortúnio que o peito nesta hora me oprime.
Hei de aguentar a fadiga até ver o Sol claro afundar-se."
Pós ter falado, despede o Pelida os demais soberanos.
Os dois Atridas, somente, e o divino Odisseu permanecem,
Idomeneu, o Gerênio Nestor e Fenice galhardo,
a distraí-lo. Contudo, nenhum lenitivo aceitava,
sem que, primeiro, ingressasse na boca sanguínea da guerra.
Do caro amigo lembrado, entre fundos suspiros dizia:
"Imaginar, infeliz companheiro do meu peito aflito,
que muitas vezes, na tenda, tu próprio os festins me aprestaste,
pronto e solícito, sempre que os fortes Aqueus tinham pressa
de retornar para o embate lutuoso com os Teucros valentes!
Ora te encontras aqui, pelo bronze cruel traspassado,
sem que a tristeza me deixe aceitar alimento ou bebida,
ainda que os tenha de sobra. Mais grave infortúnio é impossível,
mesmo que a nova me viesse de haver meu bom pai falecido,

que ora se encontra, sem dúvida, em Ftia, a chorar, incessante,
a longa ausência do filho, que em terra estrangeira, por causa
da abominável Helena combate os guerreiros de Troia,
ou se meu filho morrer, que em Esciro está sendo criado,
caso ainda veja a luz bela do Sol o divino Neoptólemo.
Antes, o peito abrigava a esperança de estar eu somente
predestinado a morrer longe de Argos, nutriz de ginetes,
nestas campinas de Troia, e que tu para Ftia voltasses,
para em Esciro tomares meu filho em teu barco ligeiro,
de negro casco e, depois, lhe mostrares meus bens numerosos,
os servos todos da casa e o palácio de teto elevado.
O coração me anuncia que morto Peleu já se encontra;
mas, caso um pouco de vida ainda os membros lhe anime, consome-o
a irremediável velhice e a suspeita constante de ser-lhe
dada a notícia funesta de que haja eu descido para o Hades."
Entre soluços falava; os presentes, também, soluçavam,
ante a lembrança de quanto em seus belos palácios deixaram.
Vendo-os chorar, apiedou-se de todos o filho de Crono,
e, para Atena, virando-se, diz-lhe as palavras aladas:
"Filha querida, por que te descuidas do herói valoroso?
Ou, porventura, tua alma não mais com Aquiles se ocupa?
Acha-se junto das naves de proas erectas chorando
seu companheiro extremado. Os demais combatentes Aquivos
foram cuidar do repasto; ele, só, sem comer continua.
Vai para onde ele se encontra e lhe deita no peito agradável
néctar e ambrosia, que livre se veja da fome imperiosa."
Palas, que só desejava isso mesmo, sentiu-se animada.
Como falcão de amplas asas e grito estridente, atirou-se
do céu a deusa, pelo éter. E, enquanto os valentes Aquivos
no acampamento a armadura cingiam, a deusa no peito
do alto Pelida, instilou néctar puro e agradável ambrosia,

para que a fome molesta não viesse afracar-lhe os joelhos.
Para a morada esplendente do pai, depois, disso retorna.
Longe dos seus corredores os fortes Aqueus se reuniram.
Do mesmo modo que flocos de neve por Zeus enviados
caem sob o impulso do sopro de Bóreas, que do éter proveio:
tão numerosos, assim, dos navios recurvos saíam
cascos brilhantes, escudos ornados de umbigos, sem conta,
fortes e belas couraças e lanças compridas de freixo.
Té o alto Céu chega o brilho das armas; com o lúcido bronze
ri toda a terra, ressoando ao barulho dos passos dos homens.
O divo Aquiles as armas vestia no meio do exército.
Rangem-lhe os dentes, sem pausa; dos olhos centelhas lhe saem,
como de chama vivaz, angustiando-lhe o peito dorido
insuportável tristeza. Desta arte, a pensar nos Troianos,
as belas armas vestia, que Hefesto para ele aprestara.
As caneleiras, primeiro, lavradas, nas pernas ataca,
belas de ver, por fivelas de prata maciça ajustadas;
em torno ao peito coloca, depois, a couraça magnífica;
lança nos ombros a espada de bronze com cravos de prata,
e o grande escudo sobraça, inteiriço e de largos contornos,
que, como a lua fulgor difundia, até grande distância.
Tal como chega no mar, até os nautas aflitos o brilho
que, da fogueira acendida no cimo de um monte, se espalha
em solitária paragem, enquanto nas ondas piscosas
a tempestade a afastarem-se os força dos caros parentes:
do mesmo modo até o éter atinge o esplendor que do escudo
belo de Aquiles se expande. Depois, na cabeça coloca
o elmo potente, adornado com belo penacho de crina,
que como estrela brilhava, esvoaçando-lhe em torno a plumagem
de ouro que Hefesto pusera na forte e brilhante cimeira.
Fez o divino Pelida, depois, experiência das armas,

se lhe iam bem e se os membros podia mover a contento:
eram como asas bem firmes que no alto o pastor mantivessem.
A hasta fraxínea, depois, de Peleu, vai buscar na hastaria,
grande, maciça e pesada. Nenhum dos robustos Aquivos
a manejava; o Pelida, somente, o fazia sem custo.
Dera-a Quirão a Peleu, para exício de heróis numerosos;
fora tirada do tronco de um freixo do cimo do Pélio.
Automedonte, ajudado por Alcimo, entanto, os cavalos
punham no jugo; formosas correias aos peitos lhe prendem;
freios, depois lhes colocam; e as rédeas, alfim, repuxando,
as amarraram no assento bem-feito. O chicote magnífico
Automedonte no punho mantendo, saltou para o carro.
Sobe, também, logo após, o divino Pelida, nas armas
resplandecentes vestido, que luzem tal como o sol fúlgido.
Com voz terrível, Aquiles afala os cavalos paternos:
"Xanto e Balio, notáveis rebentos da Harpia Podargo,
por modo bem diferente cuidai de trazer vossa auriga
para as fileiras dos Dânaos, depois de saciado de lutas.
Não aconteça eu ficar, como Pátroclo, morto no campo."
Xanto, de rápidos pés, lhe responde, do jugo onde estava,
com a cabeça inclinada, pendendo-lhe da alva coleira
a bela crina tratada, que vinha tocar no chão duro.
Hera, de cândidos braços, o fez deste modo expressar-se:
"Hoje, impetuoso Pelida, serás por nós salvo, sem dúvida;
mas já tens próximo o dia em que deves morrer, não nos culpes,
que nisso a culpa será de um deus forte e da Moira impiedosa.
Se os bravos Teucros as armas tiraram dos ombros de Pátroclo,
não foi por causa de nossa preguiça ou porque demorássemos;
o deus possante, nascido de Leto de belos cabelos,
bem na dianteira da vida o privou, glória a Heitor aprestando.
Nós mais velozes seremos, por certo, que o sopro de Zéfiro,

que é o mais ligeiro de todos os ventos, se diz. Mas é força que
venham breve tirar-te a existência de um dos deuses e um
homem.” As poderosas Erínias, da voz, depois disso, o privaram.
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, a gemer fundamente:
“Xanto, por que me predizes a morte? Não deves fazê-lo.
Sei meu destino qual é, perecer aqui mesmo, distante
do pai querido e de Tétis. Contudo, só penso em deter-me
em meio à pugna, por ter anulado o vigor dos Troianos.”
Tendo isso dito, lançou para a frente os fogosos ginetes.

CANTO XX

A LUTA DOS DEUSES

“É convocado o conselho universal dos deuses. Zeus diz que todos os deuses estão livres para tomar o partido de quem bem lhes aprouver na guerra. Os deuses se espalham pelo campo de batalha. Apolo aconselha Eneias a se valer contra Aquiles e Posido sugere que os deuses apreciem a batalha. Antes de Eneias morrer, Posido o salva. Furioso, Aquiles mata muitos Troianos, inclusive Polidoro, filho caçula de Príamo. Heitor, vingando seu irmão, quer lutar com Aquiles, mas Apolo o impede. Depois de Aquiles matar vários Troianos, Heitor ataca Aquiles, mas quando o filho de Príamo fica em perigo, é salvo por Apolo.”

Enquanto junto das naves de proas recurvas os Dânaos
à tua volta se armavam, Pelida insaciável de pugnas,
numa eminência do plaino os de Troia, também, se apercebem.
A Têmis Zeus ordenou do alto Olimpo que para a assembleia
os deuses beatos chamasse. Correndo por todas as partes,
aos deuses ela anuncia que a casa de Zeus procurassem.
Não faltou rio nenhum, se excetuarmos, apenas, o Oceano,
nem mesmo as ninfas graciosas, que moram nos bosques floridos,
pelas nascentes dos rios e prados virentes e ervosos.
Pós o palácio alcançarem de Zeus, que bulcões acumula,

todos se sentam no pórtico liso que havia construído
o ínclito Hefesto, famoso ferreiro de braços robustos.
Reúnem-se os deuses, assim, no palácio de Zeus. Movimenta-se
o abalador ao chamado de Têmis; das ondas emerge,
em meio aos outros se senta e de Zeus o conselho interroga:
"Fulminador poderoso, por que esta assembleia reuniste?
Tens, porventura, algum plano a respeito dos Teucros e dos
Aquivos, cuja contenda voraz está prestes a ser consumida?"
Zeus, que bulcões acumula, lhe disse, em resposta, o seguinte:
"Adivinhaste, Posido, o motivo de eu ter-vos chamado.
Ainda que estejam fadados à morte, com todos me ocupo.
Nos altos cumes do Olimpo pretendo ficar, deleitando-me
com a visão dos combates. Vós todos, porém, para o meio
ide dos homens de Troia e dos fortes Aquivos, conforme
vos aprouver, para auxílio levardes a quem vos for grato.
Porque se Aquiles, sozinho, devesse lutar, os Troianos
nem um instante ao Pelida eficaz resistência oporiam,
pois sua vista, somente, lhes causa pavor indizível.
E ora que se acha irritado por causa da morte do amigo,
temo que, contra o Destino, consiga expugnar a cidade."
Essas palavras do Crônida enorme batalha provocam.
Entram os deuses no campo da luta, em dois bandos cindidos:
Hera desceu para as naves, ao lado de Palas Atena,
do abalador poderoso, Posido, e do nume benéfico,
Hermes, insigne por ser exornado de espírito culto.
Em sua força confiado, também, desce Hefesto com eles,
a coxear, afanoso, nas pernas recurvas e débeis.
Ares, do casco brilhante, se foi para os Teucros, seguido
de Ártemis, deusa frecheira, de Febo de intonsos cabelos,
de Leto e o Xanto, e da bela Afrodite, dos risos amante.
Enquanto os deuses à parte ficaram dos homens, os Dânaos,

ledos, exultam por causa de Aquiles que, alfim, retornara
para os combates, depois de afastado por tempo tão longo;
mas os Troianos sentiram correr-lhes nos ombros o Medo,
trêmulos, quando o Pelida de rápidos pés perceberam
em suas armas luzentes, como Ares aos homens funesto.
Mas, quando os deuses do Olimpo na chusma dos Teucros e Aquivos
se misturaram, agita a Discórdia os guerreiros, e Atena
grita, atroadora, ora junto do fosso, por fora dos muros,
ora da banda dos altos penhascos, ao longe ressoantes.
Grita Ares forte, também, semelhando bulcão tempestuoso,
a concitar os Troianos, já do alto das grossas muralhas,
já da Colina Formosa e das margens do belo Simoente.
Fazem os deuses eternos e beatos, assim, que se choquem
os contendores, renhida batalha entre todos ateando.
Do alto troveja, terrível, o pai dos mortais e dos deuses,
enquanto, embaixo, Posido, de escuros cabelos, sacode
a terra imensa e as excelsas montanhas de picos altivos.
O Ida de múltiplas fontes treme com todos os vales,
os altos picos, o burgo dos Teucros e as naus dos Acaios.
Treme, angustiado, Edoneu, rei dos vastos domínios subtérreos,
e, dando um grito, do trono saltou, receando que a terra
sobre ele o deus de cabelos escuros, Posido, rasgasse,
escancarando, desta arte, à visão dos mortais e dos deuses,
seu tenebroso palácio, que até pelos numes é odiado.
Tal o fragor no momento em que os deuses na luta ingressaram.
Com o carcás transbordante de flechas, Apolo atirou-se
ao soberano Posido, que a terra, violento, sacode;
a de olhos glaucos, Atena, o terrível Eniálio acomete;
a Hera magnífica a irmã do frecheiro brilhante persegue,
Ártemis de áurea naveta, das grandes caçadas amiga;
Leto contra Hermes, o deus dadivoso e potente, se atira;

e contra o artífice Hefesto se eleva a corrente impetuosa
que os deuses Xanto nomeiam e os homens mortais Escamandro.
Enquanto os deuses contendem, Aquiles ardia em desejos
de com Heitor defrontar-se, na chusma, nascido de Príamo,
que o coração o levava, em verdade, a saciar no seu sangue
a Ares terrível, o deus que jamais de combates se farta.
Febo, que as hostes excita, de súbito a Eneias atira
contra o Pelida, insuflando-lhe grande coragem no peito.
Sob as feições de Licáone, o filho aguerrido de Príamo,
e a mesma voz, dirigiu-se-lhe o filho de Zeus, Febo Apolo:
"Onde as ameaças, Eneias, mentor dos Troianos, se encontram,
que costumavas fazer nos banquetes dos príncipes Teucros,
quando afirmavas que a Aquiles Peleio haverias de opor-te?"
Disse-lhe Eneias, o filho de Anquises, então, em resposta:
"Filho de Príamo, qual o motivo de assim me incitares,
contra o meu próprio desejo, a enfrentar o terrível Pelida?
Não seria esse o primeiro rencontro que tenho com ele.
Já de outra vez sua lança comprida terror infundiu-me,
no Ida abundoso de fontes, ao vir assaltar-nos o gado,
e de Lirnesso e de Pédaso os muros destruir. Mas salvou-me
Zeus poderoso, infundindo-me força e presteza nos joelhos.
Sem isso, às mãos me veria de Aquiles e Palas Atena,
que o precedia, levando o final da vitória e o animava
a exterminar, com sua lança de bronze, os Troianos e os Lélegas.
Homem nenhum, sei-o bem, é capaz de se opor ao Pelida,
pois sempre ao lado lhe está qualquer deus, que o protege da morte.
Mas, além disso, seu dardo vai sempre direto; não para
sem que se encrave no corpo do imigo. Se um deus o combate
equilibrado deixar, muito fácil vitória, por certo,
não há de obter, muito embora se fie na couraça de bronze."
O soberano frecheiro, nascido de Zeus, lhe responde:

“Ínclito herói, faze aos deuses eternos, também, teu pedido,
pois dizem todos que és filho da filha de Zeus, Afrodite,
enquanto Aquiles provém de uma deusa de menos valia;
uma de Zeus se origina; outra é filha do Velho Marinho.
Joga, certeiro, contra ele tua lança infrangível; não fiques
amedrontado com suas ameaças e doestos pesados.”
Incontrastável poder no pastor de guerreiros insufla,
que para a frente avançou, na armadura de bronze envolvido.
Hera, de cândidos braços, notou quando o filho de Anquises
contra o Pelida marchava através das falanges compactas.
Os outros deuses, depressa, reunindo, lhes disse o seguinte:
“Considerai no imo espírito, Atena e Posido, estas coisas,
e revelai-me o destino que, presto, vai ter a aventura.
Vede que Eneias, em bronze envolvido, a lutar se decide
contra o Pelida de rápidos pés, instigado por Febo.
A retirar-se o obriguemos, forçando-o a deixar o guerreiro,
ou, se o julgardes melhor, um de vós fique ao lado de Aquiles
e grande força lhe infunda, de modo que nada lhe falte
na alma de escol, para que ele perceba que são valorosos
os deuses todos que o ajudam, ao passo que um sopro não valem
quantos ao lado dos Teucros nos prélios e pugnas se encontram.
Se a tomar parte na fera batalha descemos do Olimpo,
foi com o fim de fazer que hoje, ao menos, Aquiles não sofra
dano nenhum. Que lhe venha, depois, o que o Fado impiedoso
desde o princípio teceu, quando foi pela mãe à luz dado.
Se pela voz de um dos deuses não for informado ora Aquiles,
há de recear quando alguma deidade o atacar nos combates,
pois, em verdade, é tremenda a aparência dos deuses eternos.”
Disse-lhe, entanto, Posido, que a terra sacode, o seguinte:
“Hera, não fiques assim irritada, que em nada isso te orna.
Eu, pelo menos, não quero que a luta entre os deuses se inflame,

isto é, que nós principiemos, por sermos os mais poderosos.
Numa daquelas alturas é mais vantajoso sentarmo-nos
fora do prélio, a observá-lo; deixemos aos homens a guerra.
Se Febo Apolo, porém, der início à peleja, ou mesmo Ares,
ou se o Pelida impedirem de entrar impetuoso na pugna,
nós, nesse caso, devemos contra eles sair decididos.
Renunciarão, logo, todos à luta, estou certo, voltando
para a assembleia das outras deidades, no Olimpo altanado,
por nossas mãos poderosa, assim, fatalmente vencidos.”
O deus que a terra sacode, depois de falar, os dirige
para a muralha elevada que os Teucros e Palas Atena
tinham para Héracles divo construído com o fim de refúgio
facilitar-lhe se, acaso, do monstro fugir precisasse,
quando das ondas do mar irrompesse e o atacasse no firme.
Nessa muralha, Posido e as demais divindades se assentam,
impenetrável neblina ao redor das espáduas lançando.
Os outros deuses se foram sentar na Colina Formosa
em torno, Febo, de ti e do grande eversor, Ares forte.
Por esse modo, em dois grupos, os deuses ficaram, volvendo
vários conselhos, conquanto nenhum a iniciar se atrevesse
a dura guerra, apesar de Zeus, no alto, os haver exortado.
Eis que se encheu todo o plaino de peões e de carros, ao brilho
do bronze fúlgido. Aos passos de tantos guerreiros retumba
a terra imensa. No espaço deixado entre as hostes, dois homens
marcham, visando a encontrar-se, ambos eles sedentos de lutas,
o divo Aquiles e Eneias, o filho preclaro de Anquises.
Parte de Eneias o exemplo, com porte minaz avançando,
a sacudir o elmo grande. O pavês resistente segura
diante do peito, na destra agitando a hasta longa de bronze.
Marcha para ele o Pelida veloz, como leão valoroso
contra o qual todos os homens de um pago se reúnem, sequiosos

de dar-lhe caça e da vida privá-lo. A princípio, ele segue
sem que atenção lhes conceda; mas, quando um dos moços valentes
de lança o fere, recolhe-se, as fauces dilata, mostrando
os dentes cheios de espuma. No válido peito lhe freme
o coração; com a cauda o costado e os ilhais açoitando,
para a batalha procura animar-se, até quando, rodando
os glaucos olhos, o salto desfere terrível, ou para
um caçador apanhar, ou perder ali mesmo a existência:
o coração valoroso de Aquiles, assim, e o alto brio
o concitavam a ir contra Eneias de peito magnânimo.
E caminhando um para o outro, afinal frente a frente ficaram.
Fala em primeiro lugar o Pelida de pés rapidíssimos:
"Ínclito Eneias, por que te adiantaste dos outros guerreiros
para arrostar-me? Pretendes, acaso, provar-te comigo,
esperançoso de vires a ser rei dos Teucros com as honras
do velho Príamo? Entanto, ainda mesmo que as armas me tires,
não obterás, só por isso, o comando que Príamo exerce,
pois o monarca tem filhos e juízo perfeito demonstra.
Ofereceram-te, acaso, os Troianos um belo terreno,
próprio, igualmente, para uso do arado e cultivo de frutas,
se conseguires matar-me? Ser-te-á, quero crer, bem difícil.
Já de outra feita, parece-me, em fuga te pôs esta lança.
Ou não te lembras que, achando-te só, fiz que os bois tu largasses,
e que teus rápidos pés te fizeram baixar do Ida augusto,
sem que um momento sequer para trás a cabeça volvestes?
Nessa ocasião conseguiste acolher-te em Lirnesso, que logo
pude escalar com a ajuda de Zeus e de Palas Atena.
Do dia livre as mulheres privei, como escravas levando-as.
A ti salvou Zeus potente e as demais divindades eternas.
Mas não presumo que venham de novo salvar-te, conforme
creio que pensas. A que te retires, instante, aconselho,

para as fileiras dos teus; não te arrojes a vir encontrar-me,
enquanto é tempo; somente aos estultos os fatos ensinam.”
Disse-lhe Eneias, então, em resposta, as seguintes palavras:
“Não penses, ínclito Aquiles, que tuas palavras me assustam,
como se criança ainda eu fosse. Eu, também, poderia estirar-me
em palavrões insultuosos e termos de pura bazófia.
Ambos um do outro sabemos os nomes de nossos maiores,
por ser assunto que a voz dos mortais divulgou, muito embora
nunca eu teus pais enxergasse, nem tu nunca os meus também
visses. Ouço dizer que do nobre Peleu és rebento prestante,
e da alva Tétis, a deusa marinha de tranças venustas.
Por minha parte me orgulho de ser descendente de Anquises
de coração valoroso e da deusa imortal Afrodite.
Há de haver pais, hoje, certo, que pela morte do filho pranteiem,
pois não presumo que seja bastante, para ambos, deixarmos,
sem combater, este campo, depois de trocarmos insultos.
Já que desejas, porém, conhecer donde venho, qual seja
minha progênie dir-te-ei, com certeza por muitos sabida.
Por Zeus, que as nuvens cumula, gerado primeiro foi Dárdano,
o fundador da Dardânia, no tempo em que não existia
ainda no plaino Ílio augusta, baluarte de fortes guerreiros,
que por todo o Ida habitavam, orando de fontes inúmeras.
Um filho Dárdano teve, o monarca possante Erictônio,
que foi o mais opulento de todos os homens da terra,
pois três mil éguas possuía, que, ufanas de seus potrozinhos,
num plaino extenso pasciam, na margem de um pântano pingue.
Enamorado de algumas, ao vê-las pastar, inflamou-se
Bóreas, que sob a figura de escuro corcel a uma dúzia
delas juntou-se, que doze potrinhos, então, conceberam.
Quando estes, ledos, brincavam no prado de mestes viçosas,
pelas espigas corriam sem que elas, com isso, vergassem;

ou quando, acaso, folgavam no dorso do mar infinito,
por sobre a crista das ondas os pés só de leve tocavam.
Trós, rei dos Teucros, nasceu do opulento monarca Erictônio.
De Trós provieram três filhos, de forma e intelecto perfeitos:
Ilo, depois deste, Assáraco e, alfim, Ganimedes deiforme,
que entre os mortais foi, sem dúvida, o herói de mais bela aparência.
Os deuses a este raptaram, por causa de sua beleza,
para que a Zeus de copeiro servisse e vivesse no Olimpo.
De Ilo nasceu Laomedonte, o monarca de forma impecável,
que descendentes deixou preclaríssimos, Lampo, Títono,
Príamo, Clício e Icetáone, de Ares aluno dileto.
Cápis provém do impecável Assáraco; Anquises, de Cápis;
nado de Anquises sou eu; vem de Príamo Heitor valoroso.
Esse o meu sangue, essa a estirpe, que só de nomear me envaideço.
É Zeus quem faz aumentar ou minguar o valor de nós todos,
como lhe apraz, por ser ele dos deuses o mais poderoso.
Mas por que causa aqui estamos, desta arte, a falar como crianças,
completamente inativos, enquanto a peleja se alastra?
Ambos dispomos de tal provisão de impropérios e insultos,
que cobriria o calado de nau de cem bancos dotada.
Muito flexível é a língua dos homens, mui rica em discursos
de toda espécie, que para as palavras o campo é infinito.
Como sair teu discurso, assim, logo, ouvirás a resposta.
Mas que vantagem nos vem de ficarmos aqui deste modo,
nesta contenda irrisória de meras palavras, tal como
fracas mulheres pela ira assanhadas, que vêm para a rua
e de impropérios se cobrem, citando, entre fatos verídicos,
coisas que nunca se deram, que a ira a mentir as compele?
Não obterás com teus ditos que o ardor se me aplaque no peito,
antes de as forças provarmos. Mas vamos! Sem mores delongas
as duras lanças de bronze provemos e a força consueta.”

A lança ingente, depois de falar, atirou contra o escudo
terribilíssimo, que alto ressoa à pancada do bronze.
Com a mão possante o Pelida manteve afastado do corpo
o grande escudo, temendo que a lança de sombra comprida
do ínclito Eneias pudesse as camadas furar-lhe sem custo.
Não lhe ocorreu — que simplório! — ao espírito e ao peito a
lembrança de que para os homens de curta existência não é muito
fácil os dons excelsos dos deuses romper ou, sequer, amolgá-los.
A hasta possante de Eneias não pôde furar a rodela,
pois foi detida pela áurea camada, de um deus grato mimo.
Duas camadas furou, mas três outras ainda restavam,
pois cinco chapas havia o ferreiro aleijado batido:
duas de bronze, as de fora; outras duas de estanho por dentro;
de ouro maciço a terceira, que a lança de freixo deteve.
Joga em segundo lugar o Pelida a hasta longa e pontuda,
que foi bater no meio do escudo redondo de Eneias,
próximo da orla exterior, onde é fina a camada de bronze
e a táurea pele, também, mais delgada. Atravessa-o a pesada
lança de freixo do Pélio, fazendo-o ressoar fortemente.
O ínclito Eneias se agacha, medroso, afastando a rodela;
a hasta passou-lhe por cima do dorso, depois de os dois círculos
fortes do amparo dos homens furar, indo longe encravar-se
na terra dura. Depois de livrar-se da lança, o guerreiro
fica um momento aturdido, sentindo que a vista lhe foge,
por ver que a lança caíra ali perto. O Pelida, no entanto,
salta furioso contra ele, sacando da espada pontuda,
com grandes gritos. O filho de Anquises, então, uma pedra
nas mãos tomou — grande empresa! que dois dos guerreiros de agora
mal abalar poderiam; sozinho a atirou, sem trabalho.
E, certamente, de longe teria acertado em Aquiles,
no elmo ou no escudo, que o herói salvariam da morte funesta,

mas tirar-lhe-ia a existência, sem dúvida, a espada do Acaio,
se o não tivesse notado Posido, que a terra sacode,
o qual, de súbito, para os eternos se vira e lhes fala:
"Como me causa pesar o destino de Eneias magnânimo,
que, por Aquiles vencido, para o Hades baixar vai depressa,
só por ter dado atenção às palavras de Apolo frecheiro!
Tolo! que o deus não lhe serve de amparo no instante funesto.
Mas por que causa, inocente como é, padecer ele deve
pelos gemidos dos outros? É fato que foram seus mimos
sempre acolhidos por todos os deuses do Olimpo vastíssimo.
Vamos fazer que ele possa ficar ao abrigo da morte,
para não vir a gastar-se o alto filho de Crono, se Aquiles
da alma o privar, que o Destino ordenou que ele seja poupado,
para que não desapareça sem rastro nenhum a progênie
nobre de Dárdano, o filho que Zeus tempestuoso prezava
mais do que quantos nasceram do amor de mulheres terrenas.
Já os descendentes de Príamo são pelo Crônida odiados;
mas há de o mando exercer nos Troianos Eneias, o forte,
e quantos filhos, depois, de seus filhos a luz contemplarem."
Hera, a magnífica, de olhos bovinos, lhe disse, em resposta:
"Abalador poderoso, tu próprio no peito resolve
o que melhor entenderes: ou salve-se Eneias, ou deixe-se
que, não obstante seu grande valor, caia aos golpes de Aquiles.
Que eu, juntamente com Palas Atena, por vezes inúmeras
fiz juramento solene, na frente de todos os deuses,
de nunca o dia funesto afastar dos guerreiros Troianos,
nem mesmo quando a cidade estivesse tomada das chamas
assoladoras, que os fortes Aquivos lhe houvessem lançado."
Quando Posido, que a terra sacode, lhe ouviu o conselho,
pela batalha cortou, perpassando o tumulto das armas,
té que o lugar alcançou onde Eneias e Aquiles estavam.

No mesmo instante nos olhos atira de Aquiles Pelida
densa neblina, tirando do escudo de Eneias magnânimo
a hasta comprida de freixo provida de ponta de bronze,
a qual depois colocou junto aos pés do Pelida veloce.
Fez, em seguida, que Eneias de um salto do chão se elevasse,
de forma tal que o Troiano, com o impulso do deus, atravessa
muitas fileiras de heróis, muitos carros e fortes ginetes,
ao lado extremo do campo do prélio lugente chegando,
onde vestiam as armas de guerra os intrépidos Cáucones.
Aproximando-se, então, do Anquisíada, o deus poderoso
que os muros térreos sacode, lhe diz as aladas palavras:
"Ínclito Eneias, que deus te levou a fazer tão patente
insensatez de querer enfrentar o Pelida animoso?
É ele mais forte que tu, sobre ser predileto dos deuses.
Deves recuar quantas vezes o vires no campo da luta,
se não quiseres baixar, contra o Fado, para o Hades escuro.
Mas, quando Aquiles morrer, por haver o Destino cumprido,
podes, confiado, passar a lutar nas fileiras da frente,
que nada tens a temer dos demais combatentes Aquivos."
Deixa-o Posido, depois de lhe haver ministrado conselhos,
e, logo após, a caligem divina dos olhos de Aquiles
tira, esfazendo-a. Depois que consegue enxergar, o Pelida,
cheio de angústia, ao magnânimo peito falou deste modo:
"Deuses, que enorme prodígio ante os olhos agora me surge!
É minha a lança que se acha aqui perto; contudo, não posso
ver o varão contra o qual a atirei, com a intenção de matá-lo.
É, por sem dúvida, Eneias querido dos deuses eternos.
E eu a julgar que só fosse jactância o que há pouco ele disse!
Salve-se, pois não terá mais coragem de vir enfrentar-me
quem pôde, alegre, escapar uma vez de minha hasta possante.
Ora desejo exortar os valentes Aqueus para a luta

e procurar outros Teucros a fim de com eles provar-me.”
Disse, e as fileiras percorre, exortando os guerreiros Acaios:
“Não demoreis por mais tempo afastados dos Teucros, Aquivos,
mas, relembrados da luta, investi contra os fortes Troianos.
É-me bastante difícil, por mais vigoroso que eu seja,
toda esta massa enfrentar e lutar contra tantos imigos.
Ares, tampouco, apesar de ser deus, nem Atena guerreira,
conseguiriam as fauces domar da espantosa batalha.
Quanto em mim cabe fazer, ou com os pés, ou com os braços e a força,
tudo farei, sem que nunca me possam tachar de remisso.
Vou já romper as fileiras imigas; nenhum dos Troianos
há de mostrar-se contente, se a tiro de lança ficar-me.”
Isso dizia, a exortá-los. Os Teucros Heitor belicoso
estimulava, dizendo que iria sair contra Aquiles:
“Teucros magnânimos, não reveleis medo algum do Pelida.
Só com palavras, até contra os deuses eu próprio lutara;
mas com a lança é impossível, porque são bem mais poderosos.
Não poderá, certo, Aquiles, fazer tudo quanto promete;
há de umas coisas fazer, deixando outras a meio caminho.
Vou-lhe ao encontro, e fora, ainda que mãos como fogo possuísse,
mãos como fogo possuísse, e vigor como o ferro luzente.”
Isto disse ele, animando-os; os Teucros as lanças calaram;
dura refrega se trava, elevando-se o grito de guerra.
Chega-se, então, Febo Apolo para o ínclito Heitor e lhe fala:
“Não te aventures, Heitor, a lutar só por só contra Aquiles,
mas a investida lhe aguarda no meio dos outros guerreiros,
para que não te lanceie, ou de perto, com a espada, te fira.”
A essas palavras, Heitor se retrai para o meio dos Teucros,
amedrontado, que a voz claramente escutara de um nume.
Lança-se Aquiles de encontro aos Troianos, vestido de força,
com grandes gritos, estreando-se logo no claro Ifitíone,

o valoroso Atrintida, regente de povos inúmeros,
que de uma náiade ninfa e do grande Otrinteu descendia,
nos campos de Hida, ferazes, na base do Tmolo gelado.
Quando para ele avançava, o Pelida com a lança comprida
fere-o no meio da testa, partindo-lhe em dois a cabeça.
Tomba ruidoso o guerreiro; gloria-se Aquiles divino:
"Eis-te no chão, Otrintida, dos homens o mais formidável.
A morte aqui vieste achar, muito embora tivesses nascido
junto do lago Gigeu, onde se acha o solar da família,
nas margens do Hilo, abundante em pescado, e dos vórtices do Hermo."
Isso disse ele, a jactar-se. Enoitaram-se os olhos do Teucro.
Espedaçou-se-lhe o corpo nas rodas dos carros dos Dânaos,
no primo embate. Sobre ele o Pelida matou a Demoleonte,
filho do claro Antenor e campeão na dura arte da guerra.
Pela viseira luzente do casco o feriu, bem na fronte;
o elmo de bronze, contudo, não pôde deter a aênea lança;
atravessado ficou, bem como o osso e, por último, o cérebro,
que se desfez; perde a vida o guerreiro no arranco audacioso.
A Hipodamante, depois, que saltara do carro e em sua frente
desabalado corria, no dorso a hasta Aquiles enterra.
Ao exalar o almo espírito, ruge o guerreiro, tal como
o belo touro no instante em que vai para o altar, arrastado,
do soberano Helicônio, exultando Posido com isso:
ruge, desta arte, o guerreiro, ao fugir-lhe a alma nobre dos ossos.
A Polidoro divino o Pelida atacou com a lança.
Filho de Príamo era ele; o monarca, até então, se negara
em consentir que ingressasse na pugna, por ser o mais moço
e o filho seu mais amado; ninguém na carreira o vencia.
Por pueril petulância, confiado nos pés muito rápidos,
entre os da frente corria, até vir a perder a existência.
Em pleno dorso, ao passar, atirou-lhe o Pelida veloce

a hasta, que foi encravar-se onde as áureas fivelas do cinto
se superpõem, formando, desta arte, uma dupla couraça.
A arma o atravessa, indo a ponta sair-lhe na altura do umbigo.
Geme o mancebo, ajoelhando-se; nuvem de trevas o envolve,
enquanto as quentes entranhas procura deter na ferida.
No mesmo instante em que Heitor viu o irmão Polidoro no solo,
a rebolcar-se, sustendo nas mãos as entranhas escuras,
sente enturvar-se-lhe a vista, não mais consentindo-lhe o peito
longe de Aquiles ficar na peleja. Para ele adiantando-se,
vibra a hasta brônzea, que fogo parece. O divino Pelida,
ao percebê-lo, saltou para a frente e exclamou a gloriar-se:
"Eis, finalmente, o indivíduo que chama me abriu no imo peito,
com o trespasso do amigo dileto. Mais tempo, decerto,
nas vastas pontes da luta não mais fugiremos um do outro."
E com turvadas feições, para Heitor, o divino, assim disse:
"Chega-te, e logo hás de ver-te, por certo, no extremo funesto."
Sem mostrar medo, o impecável Heitor, em resposta, lhe disse:
"Não penses, ínclito Aquiles, que tuas palavras me assustam,
como se criança ainda eu fosse. Eu, também, poderia estirar-me
em palavrões insultuosos e termos de pura bazófia.
Sei que és valente e que muito inferior do que tu sou, sem dúvida.
Mas o futuro ainda se acha nos joelhos dos deuses eternos.
Ainda que eu seja inferior, poderei da existência privar-te
com minha lança, que até este momento provou ser pontuda."
Vibra, ao falar, a hasta longa, atirando-a com força. Mas Palas,
com um simples sopro, a desvia de Aquiles, o herói valoroso,
sopro mui tênue, que junto de Heitor a coloca de novo,
indo cair-lhe ante os pés. Nesse instante lançou-se o Pelida
cheio de fúria, a gritar, contra o célebre filho de Príamo,
só desejando matá-lo. Mas Febo o levou para longe,
mui facilmente — era deus —, envolvendo-o em caligem espessa.

Por três vezes ainda o ataca, investindo com a lança, o divino
e velocíssimo herói; por três vezes bateu contra a nuvem.
Quando, porém, pela quarta avançava, semelho a um demônio,
com voz terrível o insulta, dizendo as palavras aladas:
"Mais uma vez, cão danado, escapaste da Morte! Passou-te
perto a desgraça. Livrou-te, sem dúvida, Febo, de novo,
de quem obténs real amparo, ao entrares no ardor dos combates.
Hei de dar cabo de ti, onde quer que de novo te encontre,
se, porventura, um dos deuses quiser, igualmente, auxiliar-me.
A outros Dardânios, agora, pretendo arrancar-lhes a vida."
Pós ter falado, a hasta longa atirou no pescoço de Dríope,
que lhe caiu junto aos pés. Mas, deixando-o ali mesmo, acomete
o alto e possante Demuco, nascido do claro Filétor.
Fê-lo parar, atirando-lhe a lança nos joelhos; ferindo-o
com o montante depois, despojou-o da vida preciosa.
Lança-se, após, contra os filhos de Biante, Laógono e Dárdano,
os quais, com grande violência, do carro atirou contra o solo;
a um tira a vida com a lança; a outro, à espada, matou mais de perto.
Trós Alastórida veio abraçar-se-lhe aos joelhos, pedindo
que dele houvesse piedade e o prendesse, deixando-o com vida.
Da mesma idade de Aquiles ele era; levasse isso em conta.
Néscio! ignorava que com ele era inútil qualquer argumento,
pois brando peito e intelecto maleável não tinha o Pelida,
sim coração rancoso. Abraçava-lhe o mísero os joelhos,
a suplicar; mas no fígado Aquiles a espada lhe enterra.
Pela ferida escapou-se-lhe a víscera; sangue anegrado
lhe cobre o peito; ao perder os sentidos desceram-lhe aos olhos
trevas espessas. Já perto de Múlio, o Pelida enterrou-lhe
num dos ouvidos a lança, saindo-lhe a ponta de bronze
no lado oposto. A seguir, contra Equeclo magnânimo investe,
de Antenor filho, descendo-lhe a espada no meio da fronte;

quente de sangue ficou toda a lâmina; aos olhos lhe baixa
com o violento Destino indomável a Morte purpúrea.
A Deucalião, logo após, acomete, enterrando-lhe a lança
no cotovelo, onde os fortes tendões o antebraço articulam.
O Teucro imóvel se queda, com o braço pesado, sentindo
aproximar-se-lhe a morte. De um golpe na nuca o Pelida
o elmo e a cabeça lhe corta, jogando-os por terra: a medula
da branca vértebra escorre, estendendo-se o tronco na terra.
Lança-se o forte Pelida, depois, contra Rigmo, excelso
filho de Píroo, que viera da Trácia de solo fecundo.
No baixo-ventre o feriu, enterrando-lhe a lança nas vísceras
e derrubando-o do carro. Depois, vendo Areítoo, o escudeiro,
que os corredores fazia virar, pelas costas enfia-lhe
a hasta, jogando-o por terra; os corcéis, espantados, se empinam.
Como nas grotas profundas de um árido monte se ateia
fogo voraz, que impetuoso devora a floresta virente,
e cujas chamas o vento, por todas as partes, impele:
do mesmo modo o Pelida, semelho a um demônio, com a lança
leva aos imigos a Morte; o chão negro se tinge de sangue.
Tal como quando o campônio uma junta de bois põe no jugo
para que o trigo debulhe numa cira espaçosa, pisando
logo as espigas dos bois mugidores, que, presto, as separam;
guia, desta arte, o Pelida os cavalos, que o carro arrastavam
sobre cadáveres e armas. Em cima, o eixo, logo, se torna
completamente coberto de sangue e, assim, à volta do assento,
o parapeito, dos pingos que os cascos dos brutos e as rodas
em movimento jogavam. Sequioso de glória, o Pelida
vociferava, com as mãos invencíveis molhadas de sangue.

CANTO XXI

A LUTA JUNTO AO RIO

“Os Troianos fogem. Licáone, filho de Príamo, morre. Alguns Troianos fogem para dentro do rio Xanto e há ali uma chacina. Aquiles luta contra o rio Xanto. Posido e Atena encorajam Aquiles. Hera envia seu filho, Hefesto, para livrar Aquiles das ondas de Xanto. Os deuses lutam uns contra os outros. Depois retornam ao Olimpo, menos Apolo, que fica cuidando dos Troianos. Estes entram pelas muralhas de Troia. Agenor e Aquiles lutam.”

Mas quando vau alcançaram no rio de bela corrente,
o divo Xanto revolto, que Zeus sempiterno gerara,
corta os Troianos Aquiles, forçando a correr um dos grupos
para a cidade, através da planície, por onde na véspera
tinham fugido os Aqueus ante a fúria de Heitor primoroso.
Em debandada corriam; mas Hera, de espessa neblina,
para detê-los, os cobre. O outro grupo, aturdido, fugia
em direção da corrente profunda de vórtices claros.
Aí se despenham, ruidosos, ressoando a corrente impetuosa;
alto os barrancos retumbam e, em grande alarido, os Troianos,
desorientados, bracejam nos torvos remoinhos do rio.
Como acossados por chama voraz, que de súbito se alça,

os gafanhotos o rio procuram e na água se atiram,
quando a violência do fogo incansável, sem pausa, os persegue:
tal, pela fúria de Aquiles, ao leito de Xanto profundo
lançam-se os Teucros, enchendo-o, de envolta com belos cavalos.
Deixa o divino guerreiro a hasta longa encostada num tronco
de tamargueira e, sacando da espada, saltou para o rio,
como demônio enfuriado, terríveis ações maquinando.
Golpes desfecha por todos os lados; gemidos e gritos
soltam os Teucros feridos e as águas se tingem de sangue.
Tal como diante do imano delfim, fogem todos os peixes,
e enchem, medrosos, os seios de um porto de bela ancoragem,
onde devora os que venha a apanhar o cetáceo impiedoso,
do mesmo modo se agacham os Teucros, transidos de medo,
junto das margens do Xanto. Depois de cansados os braços,
doze mancebos, com vida, o Pelida das águas retira
para em vingança da morte de Pátroclo excelso imolá-los.
Quais enhos fracos e atônitos, presto os arrasta do rio;
e, pós haver-lhes as mãos para trás amarrado nas fortes
e bem-trançadas correias que todos traziam nas túnicas
para que às naus os levassem, aos sócios, então, os confia.
Volta, a seguir, para o rio, sequioso de novos estragos.
Aí foi achar a um dos filhos de Príamo, o moço Licáone,
quando tentava escapar e que já de uma feita prendera
numa surtida noturna que aos campos do pai realizara.
Com bronze afiado Licáone os galhos mais novos cortava
de baforeira, com o fim de trançar para um carro de guerra
o parapeito. Sobre ele o Pelida caiu nesse instante,
como um flagelo improviso, mandando-o, depois, embarcado,
para que em Lemno o vendessem. Comprou-o de Jasão um dos filhos.
De lá um amigo de Príamo, Eecião, natural de Imbro Trácica,
por grande preço o comprou, para Arisba divina mandando-o.

Pôde, afinal, por caminhos ocultos, chegar até em casa.
Por onze dias, depois do regresso de Lemno, se goza
da companhia dos seus; mas no dia seguinte um dos deuses
nas mãos de Aquiles o entrega, que enviá-lo, por certo, devia
para o Hades negro, por mais que lhe fora essa viagem odiosa.
Logo que Aquiles divino, de rápidos pés, o percebe,
completamente despido, sem elmo, sem pavês e sem lança,
porque ele tudo arrojara de si, quando da água saíra,
pelo cansaço vencido — coberto de suor tinha os membros —
muito indignado, ao magnânimo peito falou deste modo:
"Deuses, que enorme prodígio ante os olhos agora me surge!
Certo hão de vir novamente das trevas escuras do Tártaro,
pelo que vejo, os Troianos que eu mesmo privei da existência,
uma vez que este do dia fatal conseguiu libertar-se,
ainda que em Lemno o tivesse vendido. Não pôde retê-lo
o mar espúmeo, que a tantos impede de a pátria reverem.
Mas desta vez quero dar-lhe a provar minha lança aguçada,
para que na alma, afinal, venha a obter a certeza de que ele
dessas paragens consegue voltar, ou de que a terra fértil
o reterá desta vez, como a muitos heróis já tem feito."
Isso pensava, parado; o Troiano, aturdido, achegou-se-lhe
com a intenção de abraçar-lhe os joelhos, pois na alma o desejo
ainda afagava de vir a escapar da precípite Morte.
O divo Aquiles, de rápidos pés, a hasta longa levanta,
para feri-lo. Agachado, Licáone aos pés se lhe atira;
a hasta comprida passou-lhe por cima do dorso, encravando-se
no duro solo, num corpo qualquer desejando saciar-se.
Súplice, os joelhos de Aquiles com uma das mãos ele abraça,
enquanto a lança aguçada com a outra sustém, obstinado.
E, começando a falar, lhe dirige as palavras aladas:
"Peço-te, Aquiles divino, de joelhos, piedade e respeito.

Qual suplicante, alto aluno de Zeus, ora deves tratar-me,
pois já comi em tua casa dos grãos de Deméter, no dia
em que pudesse apanhar-me no campo de bela cultura
e me mandaste vender muito longe dos meus e de Príamo,
em Lemno sacra, o valor de cem bois nessa venda ganhando.
Três vezes isso obterás desta vez, se resgate aceitares.
Há doze auroras, somente, depois de infindáveis trabalhos,
pude para Ílio voltar, e ora o Fado impiedoso me entrega
em tuas mãos novamente! E que Zeus me tem ódio, por certo,
para que assim aconteça. Fadado a mui curta existência
me trouxe Laótoe à luz, a princesa que de Altes é filha,
de Altes que em Pédaso alpestre o palácio possuía, no Sátniois,
e como rei dominava nas turmas dos Léleges fortes.
Entre outras muitas esposas, a filha o alto Príamo obteve,
da qual dois filhos nasceram, que a morte de ti receberam.
Já a Polidoro, de formas divinas, da vida privaste,
com tua lança aguçada, entre as turmas dos peões da dianteira.
Ora a desgraça chegou para mim, que esperança não tenho de ainda
viver, que um demônio em tuas mãos me entregou neste instante.
Mas uma coisa ainda quero dizer, e guarda-a bem no imo peito:
poupa-me a vida, que irmão uterino não sou do alto Heitor,
que da existência privou teu bondoso e esforçado consócio.”
Por esse modo falava o preclaro guerreiro Troiano,
com termos súplices; mas muito dura resposta recebe:
“Tolo! Não percas o tempo, nem venhas falar-me em resgate.
Antes que a Pátroclo houvesse descido o momento funesto,
era-me grato, por vezes, poupar aos Troianos a vida.
A muitos, vivos, prendi, comprazendo-me, após, em vendê-los.
Mas de ora avante é impossível poupar a existência a um que seja
dos picadores Troianos que um deus me entregar prisioneiro
ante as muralhas de Troia, mormente aos nascidos de Príamo.

Morre, também, caro amigo, por que lastimares-te tanto?
Não morreu Pátroclo, herói do que tu muito mais importante?
Vê como sou bem-formado e de grande estatura; provenho
de genitor valoroso; uma deusa imortal me deu vida.
Fica sabendo, no entanto, que a Morte já me anda no encalço.
Não está longe o momento, no meio do dia, ou seja isso
pela manhã ou de tarde, em que a vida alguém venha tirar-me,
seja com lança, de perto, ou com seta que do arco dispare."
A essas palavras os joelhos e o peito do Teucro esmorecem.
Abandonando a hasta, as mãos estendeu para Aquiles divino.
Mas o Pelida arrancou do montante pontudo e assestou-lhe
golpe no colo, onde se acha a clavícula, entrando-lhe a folha
de duplo gume nas carnes. De bruços na terra, Licáone
fica estendido, escorrendo-lhe o sangue, que banha o chão duro.
Por um dos pés segurando-o, atirou-o, depois, o Pelida
dentro do rio e, a exultar, proferiu as palavras aladas:
"Fica-te, agora, entre os peixes, que, estranhos às lutas dos homens,
te hão de lamber a ferida. Tua mãe não virá lamentar-se
sobre o teu leito de morte, que as águas do turvo Escamandro
te arrastarão nos seus vórtices para o amplo seio marinho.
É bem possível que saia das ondas escuras um peixe
para sorver a gordura amarela do forte Licáone.
Que todos vós perecêsseis, até que Ílio sacra alcançássemos;
vós, a fugir; eu, atrás, sem cessar, grande estrago fazendo.
Não poderá proteger-vos nem mesmo o amplo rio Escamandro,
a quem inúmeros bois a imolar vos achais habituados,
e em cujas ondas, com vida, jogais resistentes ginetes.
Apesar dele, há de a morte alcançar-vos, até terdes todos
a triste morte de Pátroclo expiado e os prejuízos sem conta
que em minha ausência causastes aos fortes Aqueus, junto às naves."
Extremamente indignado sentiu-se o Escamandro a essas vozes,

pondo-se na alma a pensar como havia de pôr o Pelida
fora da luta e amparar os Troianos no extremo funesto.
Nesse entrementes, Aquiles, com lança, investiu contra o heroico
Asteropeu, desejando no solo, sem vida, prostrá-lo.
De Pelagão era filho, que do Áxio imponente nascera
e Peribeia, a mais velha das filhas do forte Acessámeno,
que se juntara, às ocultas, com o rio de curso revolto.
Contra ele Aquiles avança. Nas mãos duas lanças, o Teucro
sai da corrente, a esperá-lo. No peito coragem lhe infunde
o Xanto, ainda irritado com a morte de tantos guerreiros,
que sem piedade o Pelida em seu leito sagrado atirara.
Quando, desta arte, um para o outro avançando, bem perto ficaram,
foi o primeiro a falar o Pelida de pés muito rápidos:
“De onde provéns, qual teu nome e por que te atreveste a enfrentar-me?
Filhos de pais infelizes são quantos procuram opor-se-me.”
Disse-lhe o filho admirável do herói Pelegão, em resposta:
“Por que perguntas quem sou, nobre filho do grande Peleu?
Nas fertilíssimas plagas nasci da Peônia longínqua;
sou o caudilho dos Peônios que lanças compridas manejam.
Há onze auroras, somente, chegamos a Troia sagrada.
Minha linhagem se estronca no rio de curso imponente,
o Áxio, o mais belo dos rios, que, ufanos, se alargam na terra.
O Áxio engendrou o viril Pelagão, mui famoso lanceiro;
deste, assim dizem, nasci. Mas lutemos, Aquiles glorioso.”
Ameaçador, expressava-se. O divo Pelida levanta
a hasta de freixo do Pélio; a um só tempo desfere-lhe as lanças
Asteropeu valoroso, por ser ambidestro mui hábil.
Um dos hastis foi no escudo bater, sem contudo furá-lo,
que a áurea camada o deteve, presente valioso de Hefesto.
O cotovelo direito o outro apenas esflora, fazendo
sangue anegrado escorrer; mui por cima do herói passa a lança,

que foi na terra cravar-se, apesar de anelar carne humana.
Contra o inimigo, então, joga o Pelida a hasta longa de freixo,
em voo reto, querendo privá-lo da cara existência,
sem que, no entanto, acertasse, indo no alto barranco da margem
a hasta de sombra comprida enterrar-se até o meio do cabo.
Saca da espada cortante de junto da coxa o Pelida,
para o adversário avançando, que embalde arrancar procurava
com a mão forte, da borda escarpada, a hasta longa de freixo.
Três vezes tenta abalá-la, no afã de arrancá-la da terra;
três desfalecem-lhe as forças. Na quarta, pensou que, vergando-a,
conseguiria quebrar a hasta longa de freixo do Eácida.
Mas, antes disso, de perto, o Pelida a existência truncou-lhe.
Junto do umbigo, no ventre, o feriu, derramando-se as vísceras
pelo chão duro. Anelante, o caudilho caiu, recobrindo-lhe
densa caligem os olhos. Pisando-lhe Aquiles o peito,
as belas armas lhe tira e, a jactar-se, lhe diz o seguinte:
"Fica onde estás; enfrentar os que nascem de Zeus poderoso
é mui difícil, até para quantos provenham de rios.
Tu te dizias nascido de um rio de curso imponente;
pois eu me orgulho de ser de progênie que em Zeus se origina.
Meu genitor foi o grande Peleu, filho de Eaco e chefe
dos valorosos Mirmídones; Eaco vem de Zeus grande.
E quanto Zeus é mais forte que todos os rios revoltos,
tanto seus filhos aos filhos de um rio em vigor ultrapassam.
Tens ao teu lado uma grande corrente; que venha auxiliar-te.
Mas é impossível lutar contra o filho de Crono astucioso.
Rio nenhum se lhe iguala, nem mesmo o possante Aqueloo,
nem, ainda, a força inconteste do Oceano de leito profundo,
que os mares todos da Terra alimenta e, assim, todos os rios,
bem como os poços escuros e as fontes de ledo murmúrio.
O próprio Oceano, contudo, tem medo dos raios de Zeus,

teme o espantoso trovão, quando no alto do Olimpo rimbomba.”
A hasta de bronze, depois de falar, arrancou do barranco,
abandonando ali mesmo, estendido no solo, sem vida,
a Asteropeu, cujo corpo a água escura da margem recobre.
Em pouco tempo cercaram-no peixes, enguias vorazes,
para lamber-lhe a gordura que à volta dos rins se acumula.
Volta-se Aquiles de rápidos pés contra os Peônios ginetes,
que pelas margens fugiam do rio de vórtices túrbidos,
logo que viram que ao chefe esforçado, em terrível peleja,
o forte braço de Aquiles, com a espada, privara da vida.
Mata ali mesmo Tersíloco, Astípilo e ao forte Midonte,
mais Mneso e Trásio e, a seguir, Ênio altivo e o membrudo Ofeletes.
E a muitos mais, por sem dúvida, Aquiles veloz prostraria,
se indignação não sentisse a corrente de vórtices túrbidos,
que, forma de homem tomando, do fundo das ondas lhe fala:
“Ínclito Aquiles, superas a todos os homens em força
e em ações ímpias, também, porque sempre os eternos te amparam.
Se te concedes Zeus grande que todos os Teucros destruas,
sai do meu leito e esses atos horríveis no plaino executa,
que minha bela corrente se encontra entulhada de mortos.
Não me é possível levar para as ondas divinas as águas,
que me represam os corpos; e tu de matar não desistes!
Meu grande espanto confesso; é o bastante, senhor poderoso!”
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, o seguinte, em resposta:
“Divo Escamandro, que Zeus alimenta, será como queres.
Não cessarei de matar, entretanto, os Teucros soberbos,
sem que para Ílio os repila e me venha a encontrar com Heitor,
para, de perto, ser morto por ele, ou deixá-lo sem vida.”
Como um demônio, depois de falar, sai no encalço dos Teucros.
Vira-se, então, para Apolo a corrente de vórtices túrbidos:
“Filho de Zeus, do arco argênteo, nenhuma atenção concedeste

ao que te disse o alto filho de Crono, que, aliás, insistente,
te encarregou de amparar os Troianos, até que o crepúsculo
lento na terra se estenda, cobrindo de sombras o campo.”
Disse; o Pelida de lança famosa saltou da alta margem
para o mais fundo do rio. Mas este, de súbito, as águas
intumescendo, revolve-se iroso e, arrastando os cadáveres
dos picadores Troianos que Aquiles nas ondas lançara,
fora do leito os jogou, a mugir como touro sanhudo,
enquanto aos vivos procura salvar, ocultando-os nas dobras
e depressões dos revoltos remoinhos da bela corrente.
Contra o divino Pelida, terríveis, as ondas avançam,
e com tal força no escudo brilhante lhe batem, que muito
dificilmente podiam firmar-se-lhe os pés. O guerreiro
tenta agarrar-se num olmo robusto; mas este, arrancado
pela raiz, rompe a borda escarpada, e, no rio caindo,
fica-lhe, à guisa de ponte, obstruindo a hialina corrente
com a ramagem vistosa. O guerreiro, de um salto, se livra
do torvelinho, lançando-se rápido para a planície,
amedrontado. Porém não desiste a deidade possante,
que ondas escuras levanta, com o fim de obrigar o Pelida
a retirar-se da luta, livrando, desta arte, os Troianos.
Cerca de um tiro de lança o Pelida consegue adiantar-se,
num só disparo, como águia impetuosa e rapace, anegrada,
que vence todas as aves, em força e no rápido voo:
dessa maneira avançava o Pelida; no peito ressoava-lhe
terrivelmente a armadura. De esguelha procura livrar-se;
mas a corrente no encalço o persegue, com grande estrupido.
Se fontaneiro conduz desde a fonte profunda água límpida
por entre as plantas viçosas, em horto de belo traçado,
e, com enxada na mão, de calhaus desentope o regueiro:
a água começa a correr, abalando as pedrinhas que encontra,

e, quando alcança declive mais forte, murmura, adiantando-se,
té que ultrapassa, sem custo, o próprio homem que o leito lhe abrira:
as ondas grandes do rio, desta arte, o Pelida alcançavam,
em que veloz ele fosse, que os deuses o são mais que os homens.
Sempre que Aquiles divino, de rápidos pés, se detinha
para tentar enfrentá-lo e saber se a fugir o obrigavam
os demais deuses eternos, que moram no Olimpo vastíssimo,
as grandes ondas do rio que as chuvas de Zeus alimentam,
o fustigavam nos ombros. Aflito, o guerreiro saltava,
mas a corrente impetuosa, por baixo, cansava-lhe os joelhos,
continuamente roubando-lhe às plantas a areia do fundo.
Para o céu vasto virando-se, então, geme o claro Pelida:
"Zeus pai, nenhum dos eternos virá libertar-me do rio
nesta emergência? Que eu venha a sofrer tudo mais, depois disto.
De nada disso, porém, faço cargo a deidade nenhuma;
é minha mãe a culpada, que sempre queria enganar-me,
quando dizia que junto às muralhas dos Teucros valentes
me matariam as flechas velozes de Apolo certeiro.
Antes Heitor, o mais forte dos Teucros, me houvesse matado;
fora das armas privar um herói a outro herói, nobremente.
Quer o Destino, no entanto, que eu morra de estúpida morte,
por este rio cercado, tal como um menino porqueiro,
no atravessar um regato que as águas do inverno engrossaram."
Ao perceberem-lhe as queixas, humanas feições assumindo,
vieram se pôr junto dele, mui prestes, Atena e Posido;
e pelas mãos segurando-o, confiança no peito lhe infundem.
Foi o primeiro a falar o deus grande que a terra sacode:
"Ânimo, claro Pelida; receio nenhum ora mostres.
Como auxiliares, agora, ao teu lado dois numes se encontram,
Palas Atena e Posido, que Zeus poderoso o permite.
Não pode ser teu destino morrer nesse rio impetuoso,

que deixará de ameaçar-te; hás de a tudo assistir em pessoa.
Ora desejo que aceites o nosso prudente conselho:
que não descanse teu braço jamais nesta horrível batalha,
antes de haveres nos muros de Troia altanada encerrado
quantos da morte escaparem. Pós teres a Heitor dado a morte,
para os navios retorna. Dar-te-emos ganhar glória imensa."
Ambos, depois de falar, para o meio dos deuses voltaram.
Mais animado com isso, o Pelida prossegue, correndo
pela planície, que, então, se encontrava de todo alagada.
Armas brilhantes de moços que a vida perderam flutuavam,
corpos em número infindo. O Pelida os joelhos levanta,
contra a corrente a avançar, sem que o rio gigante o impedisse,
que incontrastável vigor a donzela de Zeus lhe infundira.
Mas não desiste o Escamandro da cólera imensa; irritado
cada vez mais contra Aquiles, a crista das ondas alteia;
e o Simoente chamando, com grande alarido lhe fala:
"Vamos, irmão predileto, reunidas as forças, a este homem,
já contrapor-nos; se não, dentro em breve a cidade de Príamo
há de cair, que os Troianos não podem, na pugna, enfrentá-lo.
Corre depressa a auxiliar-me; enche o leito com as águas das fontes,
os ribeirões estimula, também, para que ondas furiosas
possas para o alto atirar. Com estrondo espantoso desloca
pedras e troncos, a fim de refrearmos este homem feroce,
que ora estadeia coragem mais própria dos deuses eternos.
Não há de, agora, valer-lhe o vigor e a beleza, estou certo,
nem essas armas brilhantes, que em breve, no fundo cenoso
vai recobri-las o limo. A ele próprio em tal monte de areia
esconderei, derramando-lhe em torno infinito cascalho,
que nem ossos, sequer, poderão recolher os Aquivos.
Tal a camada de saibro que em cima hei de, em breve, amontoar-lhe,
que em monumento farei, sem que os seus compatriotas precisem,

por ocasião das exéquias, mais digno sepulcro erigir-lhe.”
Logo depois de falar, contra o forte Pelida arremete,
encapelado e a mugir espumoso, entre sangue e cadáveres.
As foscas ondas do rio que as chuvas de Zeus alimentam
por modo tal avançavam, tentando arrastar o guerreiro,
que Hera, receando que viesse a morrer o divino Pelida
nos torvelinhos revoltos, um grito emitiu, angustiada,
e para o filho amantíssimo, Hefesto, virando-se, disse:
“Alça-te, coxo, amantíssimo filho! Adversário condigno
nesta batalha, estou certa, no Xanto revolto encontraste.
Corre em socorro, depressa, e por tudo tuas chamas ostenta.
Zéfiro, entanto, farei levantar-se e, assim, Noto fulgente,
para que feia borrasca do lado do mar nos conduzam,
e na voragem das chamas os corpos dos Teucros e as armas
sejam tragados. Abrasa o arvoredo das margens do Xanto,
lança-lhe fogo no leito, e que ameaças nem termos melífluos
possam, jamais, conseguir que do intento iniciado desistas.
Somente quando me ouvires gritar, avisando-te, a fúria
abrasadora atenua e consente que o fogo se extinga.”
A essas palavras, ateou ardentíssimas chamas Hefesto.
Primeiramente, incendiou todo o plaino, queimando os cadáveres
inumeráveis dos Teucros que Aquiles privara da vida.
A água brilhante deixou de correr pelas margens do rio.
Tal como um campo irrigado se enxuga depressa, no outono,
ao soprar Bóreas, e alegre se mostra quem vai cultivá-lo:
seca-se toda a planície, ficando queimados os corpos.
Contra a corrente, depois, vira Hefesto a potência do fogo.
As tamargueiras viçosas, os olmos, os belos salgueiros
o fogo abrasa; arde o junco e a morraça, arde o loto,
que em abundância crescia nas margens da bela corrente.
Sofrem tormento as enguias e os peixes nos vórtices túrbidos,

desorientados, saltando por todos os lados, opressos
pela violência do sopro de Hefesto de engenho fecundo.
Queima-se a força do rio, também, que falou deste modo:
“Nenhum dos deuses, Hefesto, é capaz de medir-se contigo.
Não poderei contrastar o furor de tuas chamas ardentes.
Cessa! Que o divo Pelida os imigos expulse de Troia.
A mim que importa esta guerra, ou qualquer tentativa de auxílio?”
Clama, abrasada, a corrente, elevando-se, em bolhas as ondas.
Tal como a banha de um gordo cevado depressa se funde
num caldeirão colocado nas chamas de lenha bem seca,
e, pela ação do calor, cresce e ameaça ao redor derramar-se,
ferve, desta arte, a corrente nas chamas vivazes de Hefesto.
Não mais podendo avançar, para o Xanto a corrente, oprimido
pelo vapor abrasado do sábio ferreiro. Virando-se,
súplice, então, para a deusa, lhe disse as palavras aladas:
“Hera, por que só a mim, entre todos os deuses, teu filho
desta maneira atormenta? No entanto, não sou tão culpado
como as demais divindades que aos fortes Troianos protegem.
Bem, deixarei de ajudá-los, se assim determinas que o faça;
mas que ele cesse, também. Juramento solene profiro
de nunca o dia funesto afastar dos guerreiros de Troia,
nem mesmo quando a cidade estiver sendo presa das chamas
assoladoras, que os fortes Aquivos lhe houverem lançado.”
Hera, de cândidos braços, ouviu o pedido angustioso,
e, para Hefesto virando-se, o filho dileto, lhe disse:
“Ínclito Hefesto, é bastante! Não é conveniente que sofra
dessa maneira um dos deuses, por causa dos homens terrenos.”
Obedecendo-lhe, Hefesto extinguiu a potência do fogo;
plácido, volta o Escamandro a correr entre as margens graciosas.
Os contendores se apartam, depois de aplacada a violência
do belo Xanto; continha-o a deusa, apesar de irritada.

Mas, espantosa e renhida peleja entre as outras deidades
se levantou, por estarem em duas facções divididas.
Com grande estrépito ali se travaram; ressoa a ampla terra;
soa por tudo o alto céu, como grande trombeta, o que logo
foi percebido por Zeus, de onde estava, no Olimpo, alegrando-se-lhe
o coração ante a luta iminente dos deuses eternos.
Por muito tempo afastados não ficam; dá início à peleja
Ares, que fura paveses, o qual contra Atena se atira
com uma lança de bronze, assacando-lhe doestos pesados:
"Mosca canina, por que, novamente, ante os deuses pretendes,
com tua audácia incansável atear a terrível Discórdia?
Ou não te lembras, talvez, que animaste o Tidida Diomedes
a me ferir, e lhe guiaste, em presença de todos, tu própria,
a arma terrível, que veio, ainda assim, tão só a pele esflorar-me?
Ora pretendo vingar as ofensas que então me fizeste."
Logo depois de falar, joga a lança contra a égide horrenda,
cheia de franjas, que até ao próprio raio de Zeus resistira.
Ares, o deus homicida, contra ela atirou a hasta longa.
Retrocedendo, com as mãos vigorosas Atena uma pedra
áspera e negra levanta do solo, de enorme tamanho,
que como marca do campo os antigos ali tinham posto.
De Ares em pleno pescoço a atirou, dissolvendo-lhe as forças.
Em sete jeiras estira-se o deus homicida; empoeiram-se-lhe
os resplendentes cabelos; ressoam-lhe as armas. Gloriando-se,
entre risadas, Atena lhe diz as palavras aladas:
"Não compreendeste ainda, estulto, que sou muito mais vigorosa,
para que tenhas a audácia de vir medir forças comigo?
Ficas, desta arte, a sofrer o castigo das severas Erínias,
que contra ti tua mãe invocou, por haveres a causa
dos fortes Dânaos deixado, passando-te para os Troianos."
Para outra parte, depois de falar, volve os olhos brilhantes.

A Ares conduz pela mão Afrodite, de Zeus descendente.
Com muito custo recobra o sentido, a gemer, o deus forte.
Hera, a magnânima, deusa dos cândidos braços, ao vê-los,
súbito a Palas Atena dirige as palavras aladas:
"Palas Atena indomável, donzela de Zeus poderoso,
mais uma vez essa mosca canina livra a Ares terrível
dos dissabores da guerra, afastando-o da luta. Vai a eles."
Palas Atena, de fato, com grande alegria, os encalça,
e, junto deles, no peito da deusa vibrou, com mão forte,
rija pancada que os joelhos lhe dobra e lhe tira o sentido.
Ficam desta arte estendidos na terra fecunda os dois deuses.
Vangloriando-se, Atena as palavras aladas profere:
"Fossem, como estes, os homens que vêm em auxílio dos Teucros
contra os Acaios valentes munidos de vestes de bronze;
como Afrodite mostrasse tão grande firmeza, no instante
de a Ares socorro prestar, atrevendo-se a vir defrontar-se-me,
e, desde muito, esta guerra estaria acabada e a cidade
dos picadores Troianos por nós conquistada e saqueada."
Hera, a magnífica, de olhos bovinos, sorriu, escutando-a.
Vira-se, então, para Apolo, o deus forte que a terra sacode:
"Febo, por que nos deixamos ficar a de parte, se os outros
deuses já deram o exemplo? Vergonha há de ser retornarmos
para a morada de Zeus, no alto Olimpo, sem termos lutado.
Já que és mais moço, começa. Não fica decente que eu o faça,
por ter nascido primeiro e ser mais do que tu experiente.
Néscio, por que te revelas, assim, destituído de senso?
Já te esqueceste, talvez, de que fomos os únicos deuses
que padecemos em Troia, forçados por Zeus a servirmos
a Laomedonte, o orgulhoso mortal, pelo prazo de um ano?
Como senhor nos tratou, prometendo pagar-nos salário.
Em torno à grande cidade dos Teucros construí as muralhas,

largas e belas de ver, que a tornassem, de fato, invencível,
sendo que tu, caro Febo, nos vales e bosques virentes
do Ida tratavas, cuidoso, de bois que se arrastam tardonhos.
Mas, quando as Horas alegres o termo, afinal, sinalaram
do nosso ajuste, abusando da força, o feroz Laomedonte
da humilde paga nos priva, chegando a ameaçar, ao tocar-nos,
que mãos e pés mandaria amarrar-nos com fortes atilhos
e nos faria vender como escravos, em ilhas longínquas.
Sim, chegou, mesmo, a ameaçar de cortar-nos com bronze as orelhas.
Com o coração pesaroso, dali nós partimos, irados
por não levarmos a paga, que o rei não cumprira a palavra.
E ora a seu povo te mostras benévolo, em vez de te aliares
com todos nós, para, alfim, alcançarmos que os Teucros pereçam
sem exceção, com seus filhos pequenos e as gratas esposas!”
Disse-lhe Apolo, em resposta, o senhor que de longe asseteia:
“Abalador, julgar-me-ias, por certo, privado de senso,
se eu contendesse contigo por causa dos homens, apenas,
que semelhantes às folhas das árvores, ora se expandem
cheios de viço e loções, pelos frutos da terra nutridos,
ora da vida privados, sem brilho nenhum emurchecem.
Da dura guerra abstenhamo-nos; que eles, apenas, combatam.”
Tendo assim dito, afastou-se, porque no imo peito sentia
acanhamento de vir a travar-se com o tio paterno.
A caçadora, porém, indignada contra ele se mostra,
Ártemis, deusa selvagem, que termos lhe assaca injuriosos:
“Foges, galhardo frecheiro, que ao longe asseteia, entregando
sem resistência nenhuma a vitória e a alta glória a Posido?
Néscio, por que esse arco inútil, então, sempre no ombro ostentares?
Não aconteça outra vez ter que ouvir-te, na casa paterna,
ante os demais, a jactar-te, tal como é costume fazeres,
que te atreveste a lutar corpo a corpo com o forte Posido.”

Isso disse ela; nenhuma resposta lhe deu Febo Apolo;
mas irritada mostrou-se a consorte de Zeus poderoso,
que com palavras violentas se vira para ela e lhe fala:
"Como te atreves, cachorra sem pejo, a enfrentar-me? Difícil,
muito difícil, ser-te-ia o vigor contrastar-me, conquanto
leves esse arco, que Zeus poderoso te pôs como leoa
entre as mulheres apenas, as quais a teu grado exterminas.
É mais seguro, de fato, correr ágeis gamos nos vales
e caçar feras do que defrontar-se com quem tem mais força.
Mas, se desejas provar o combate, dá logo começo.
Vindo medir-te comigo, verás quanto em força te excedo."
Com a mão esquerda, depois de falar, pelos pulsos a prende;
com a direita, depois, o arco e o belo carcás lhe arrebata
e vários golpes com eles, a rir, nas orelhas da deusa,
que procurava escapar, assestou. Espalharam-se as setas.
Ártemis foge, afinal, lagrimosa, qual tímida pomba
que, por gavião perseguida, se esconde em rochedo escavado,
pois seu destino não era perder, nesse instante, a existência:
desta arte a deusa fugiu, arco e aljava ali mesmo deixando.
Vira-se, então, para Leto, o brilhante e sagaz mensageiro:
"Leto, contigo não hei de lutar; arriscado é, sem dúvida,
forças medir com a esposa de Zeus que bulcões acumula.
Podes gabar-te à vontade, entre os deuses eternos do Olimpo,
de que impossível me foi antepor-me à tua força inconcussa."
Leto recolhe, enquanto Hermes falava, o arco e as setas brilhantes,
que nos remoinhos da poeira do campo espalhadas se achavam,
em seguimento da filha partindo, depois de reuni-las.
Esta ao Olimpo chegara, a morada de bronze de Zeus
fulminador, e, chorosa, assentou-se nos joelhos paternos.
O véu divino lhe treme no colo; com doce sorriso
ao peito Zeus a aconchega e lhe diz as aladas palavras:

“Qual das deidades urânias te fez esse dano, querida,
como se à vista de todos houvesses um mal praticado?”
A caçadora bulhenta, do rico diadema, lhe disse:
“Hera, de cândidos braços, a tua mulher, me fez isso,
a causadora, entre os deuses eternos, da feia Discórdia.”
Enquanto os deuses no Olimpo conceitos, desta arte, trocavam,
para o recinto sagrado de Troia dirige-se Apolo.
Muito cuidado lhe davam os muros bem-feitos, receoso
de que, apesar do Destino, os Aqueus nesse dia os tomassem.
Os outros deuses eternos voltaram, então, para o Olimpo,
uns exultantes por causa da glória alcançada, outros tristes,
e se assentaram à volta de Zeus poderoso. O Pelida
no morticínio dos Teucros e seus corredores prossegue.
Como de incêndio de grande cidade, que os deuses atearam
em sua cólera, o fumo se eleva até o éter vastíssimo,
a todos grandes trabalhos, a muitos a ruína levando:
causa o Pelida, desta arte, aos Troianos fadigas e danos.
Do alto da torre que os deuses haviam construído percebe
o velho Príamo ao forte Pelida e, com ele, a fugirem,
em confusão, os Troianos, sem ânimo algum para nada.
Geme, sentido, o monarca, e, baixando, apressado, até os muros,
ordens expressas aos guardas gloriosos, desta arte, transmite:
“Escancarai bem as portas e firmes ficai, té que todos
os fugitivos aos muros se acolham, que Aquiles monstruoso
lhes vem no encalço. Receio chegado o momento funesto.
Mas logo que eles respirem, nos muros, alfim refugiados,
sem perder tempo fechai novamente as mui sólidas folhas,
pois tenho medo que esse homem funesto nos entre a cidade.”
As folhas, logo, escancaram, retiram os fortes ferrolhos,
luz para todos, assim, aprestando. Saltou Febo Apolo
para o exterior, com o fim de livrar os Troianos da ruína,

que em direção da cidade e das altas muralhas corriam,
atormentados por sede abrasante e cobertos de poeira.
Vem-lhes Aquiles no encalço com a lança terrível, que a cólera
o coração lhe oprimia, sequioso de obter alta glória.
E, porventura, os Acaios teriam o burgo escalado,
se Febo Apolo ao divino Agenor não tivesse animado,
filho do claro Antenor, vigoroso e de forma perfeita.
No íntimo, o deus ousadia lhe infunde, ficando-lhe ao lado,
para que as Parcas funestas pudessem do corpo afastar-lhe.
Perto da faia postando-se, em névoa mui densa se envolve.
Quando Agenor viu já perto ao Pelida eversor de cidades,
para, batendo-lhe forte o viril coração, indeciso.
Cheio de angústia, ao magnânimo peito falou deste modo:
"Pobre de mim! Se tentar escapar do Pelida possante
por onde correm os outros Troianos, sem tino e em desordem,
alcançar-me-á facilmente, matando-me sem resistência.
Que se daria, porém, se deixasse que Aquiles Peleio
os trucidasse e, em carreira veloz, me afastasse dos muros,
o plaino de Ílio a cortar, té que o bosque virente alcançasse
do Ida, onde fácil me fora esconder-me na espessa folhagem?
Retornaria para Ílio à tardinha, depois de banhado
e refrescado do suor na tranquila corrente do Xanto.
Mas para que, coração, entregares-te a tais pensamentos?
Se, pelo plaino a correr, me afastasse dos muros, a Aquiles
logo daria na vista, que presto viria alcançar-me.
Fora impossível, então, escapar do Destino e da Morte,
que aos homens todos Aquiles em força e valor sobre-excede.
Bem, e se diante dos muros de Troia sair a enfrentá-lo?
Ao corte de armas de bronze é seu corpo, também, vulnerável;
uma alma, apenas, possui; que também é mortal dizem todos;
mas Zeus potente, nascido de Crono, lhe dá glória excelsa."

Disposição, desse modo, adquiriu para ir contra o Pelida,
que o coração valoroso o incitava a combates e lutas.
Como a pantera, que sai do mais denso da selva ao encontro
de caçador varonil, sem que espanto, sequer, ou receio
o coração lhe revele, quando ouve o ladrar da matilha,
e se, adiantando-se aquele, de longe ou de perto a vulnera,
não esmorece do ardor combativo, conquanto ferida,
antes de vir a travar-se com ele e morrer ou matá-lo,
da mesma forma Agenor, de Antenor o preclaro rebento,
não repedava, disposto a lutar com o forte Pelida.
Diante do corpo sustendo o redondo pavês e apontando
para o adversário a hasta brônzea, com voz atroante lhe fala:
"Ínclito Aquiles, sem dúvida no íntimo afagas o sonho
de tomar hoje a cidade dos Teucros de vestes de bronze.
Tolo! Trabalhos, ainda, deveis padecer, incontáveis.
Dentro encontramo-nos muitos e fortes varões, que, lutando
por nossos pais, e as esposas, e os tenros filhinhos, havemos
de salvar Troia. Quem corre de encontro ao Destino funesto
é tu, guerreiro terrível, conquanto esforçado e valente."
Tendo isso dito, da mão vigorosa a hasta longa desfere,
que foi na perna de Aquiles bater, logo abaixo do joelho.
A dura greva de estanho, construída de pouco e mui bela,
soa terrível. A ponta de bronze resvala, no entanto,
sem perfurar o presente do deus que ao Pelida protege.
Por sua vez, contra o divo Agenor salta o forte Pelida;
mas Febo Apolo, o frecheiro, o impediu de alcançar alta glória:
arrebatando o Troiano, envolveu-o em espessa neblina,
e da batalha lutuosa deixou que saísse tranquilo.
Logo depois, enganando o Pelida, o separa dos Teucros:
sob as feições do divino Agenor, o frecheiro brilhante
pôs-se na frente de Aquiles que, presto, contra ele se atira.

E, enquanto Aquiles corria atrás dele, num campo de trigo,
em direção do Escamandro de leito revolto, mantendo
sempre o frecheiro pequena distância, que o claro Pelida
nunca a esperança perdesse de vir, finalmente, a alcançá-lo,
os demais Teucros, fugindo em tropel, aliviados, chegaram
aos muros sacros de Troia, que logo se encheu de guerreiros.
Fora da grande cidade ninguém a ficar se atrevia,
nem para entrar juntamente com os outros, nem para notícias
ter dos que haviam caído na luta. Feliz se julgava
só quem podia chegar, como fosse, a acolher-se nos muros.

CANTO XXII

A RETIRADA DE HEITOR

“Aquiles, percebendo a farsa de Apolo, que havia se disfarçado de Agenor, luta com Heitor. Este permanece do lado de fora dos muros de Troia, mesmo com os rogos da mãe e do pai. Ao chegar Aquiles, no entanto, Heitor foge com medo e os dois dão três voltas ao redor da cidade. Zeus pesa numa balança o destino dos heróis e a sorte de Heitor é lançada. Atena desce à Terra para ajudar Aquiles e enga- na Heitor se disfarçando como Deífobo. Batalha de Heitor e Aquiles, com a morte do primeiro. Aquiles, então, ultraja o corpo de Heitor e o leva para junto dos navios para sepultar Pátroclo. Os parentes de Heitor se desesperam.”

Todos os Teucros que haviam alcançado a cidade, fugindo
como ágeis gamos, da sede e do suor se refrescam, nos belos
e altos merlões recostados. Os fortes Aquivos, entanto,
com escudos pendentes dos ombros, aos muros chegavam.
Somente a Heitor o Destino funesto do lado de fora
das Portas Ceias deteve, bem perto das fortes muralhas.
Para o terrível Pelida, virando-se, diz Febo Apolo:
“Por que motivo, Pelida, te cansas, desta arte, em seguir-me,
sendo mortal, e eu eterno? Dar-se-á que não tenhas notado
que sou um deus imortal, para assim, furibundo, seguires-me?

Aos fugitivos Troianos, por certo, não dás importância,
pois aqui te achas, enquanto à cidade eles todos se acolhem.
Não te é possível matar-me, que em mim não tem força o Destino.”
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, indignado, em resposta:
“Asseteador, és o deus mais funesto! Por que me enganaste
para afastar-me dos muros altivos? Muitíssimos outros,
antes de a Troia chegarem, teriam mordido o chão duro.
De excelsa glória privaste-me; fácil te foi aos Troianos
dar proteção, pois receio não tens de um castigo futuro.
Pronta vingança tomara, se em mim estivesse fazê-lo.”
Para a cidade, depois, com soberba, partiu agilmente,
como o corcel habituado a ganhar altos prêmios, que o carro
pela planície arrebata galhardo, em carreira veloce:
os pés e os joelhos, assim, alternava, a correr, o Pelida.
Logo o avistaram os olhos de Príamo, o velho monarca,
quando ele o plaino cortava, brilhando-lhe as armas como o astro
que se distingue, no outono, no curso da noite divina,
pelo irradiante fulgor entre as outras estrelas brilhantes,
denominado Cachorro de Orião pelos homens terrenos;
brilho extraordinário possui, mas é indício de grandes desgraças,
pois para os míseros homens é causa constante de febres;
do mesmo modo lampeja no peito de Aquiles o bronze.
Príamo geme sentido, elevando para o alto as mãos ambas;
em desespero a cabeça percute e, a chamar pelo filho,
pede que aos muros se acolha. Das portas o herói não se arreda,
cheio de ardor, decidido a travar-se com o forte Pelida.
As mãos o velho estendendo-lhe, em tom lastimoso lhe fala:
“Vem, meu Heitor, não esperes a esse homem, sozinho, sem teres
quem te auxilie. É ele muito mais forte. Cairás a seus golpes
e, prematuro, ver-te-ás pelo Fado inditoso alcançado.
Cruel! Dedicassem-lhe os deuses a mesma afeição que lhe voto,

e logo abutres e cães, insepulto, comer o haveriam,
aliviando-me a dor excruciante que o peito me oprime.
De muitos filhos ilustres privou-me esse monstro, ou matando-os,
ou como escravos mandando vendê-los em ilhas distantes.
Hoje, ainda, embalde procuro a dois deles, o meigo Licáone
e Polidoro, nascidos de Laótoe, a ilustre princesa,
sem que consiga enxergá-los no meio dos outros Troianos.
Caso se encontrem com vida entre os Dânaos, serão resgatados
com muito bronze e muito ouro, pois temos reservas, que o velho
Altes a filha dileta dotou por maneira suntuosa.
Mas se a luz clara não veem, já tendo para o Hades baixado,
tanto maior minha dor e da mãe, que existência lhes demos,
que o sentimento do povo será passageiro, se ao menos
não sucumbires também, sob os golpes do fero Pelida.
Vem para dentro dos muros, meu filho, que possas os Teucros,
filhas e esposas salvar. Não te obstines, assim, em dar glória
inconfrontável a Aquiles, perdendo a existência querida.
Deste infeliz, pelo menos, apiada-te, que ainda conservo
o entendimento. Quer Zeus que no extremo da vida cansada
por modo triste pereça, depois de infortúnios sem conta:
mortos os filhos queridos, as filhas privadas do dia
da liberdade, violado o recinto sagrado dos tálamos,
os meus netinhos jogados ao solo durante a refrega,
e em servidão, pelos duros Aqueus arrastadas, as noras.
E quando, alfim, qualquer Dânao me houver da existência privado,
com bronze agudo ferindo-me, ou seta de longe atirada,
hão de arrastar-me ante os muros altivos os cães voradores,
que à minha mesa criei para guarda do belo palácio.
E quando o sangue me houverem bebido, agitados, hão de eles
pôr-se ante o pórtico. A um moço que tomba no campo da luta,
é decoroso jazer trespassado no solo fecundo;

belo de ver é ele sempre, apesar de sem vida encontrar-se.
Mas profanarem os cães as vergonhas, a cândida barba
e a veneranda cabeça de um velho que a vida perdesse,
é para os míseros homens, sem dúvida, o quadro mais triste.”
Queixa-se o velho, arrancando punhados de brancos cabelos,
sem que, com isso, o impecável Heitor demover conseguisse.
A velha mãe, por seu lado, também a chorar se lastima.
Dos seios murchos as vestes afasta e, mostrando-os ao filho,
a derramar quentes lágrimas, diz-lhe as palavras aladas:
“Filho querido, respeito e piedade a estes seios demonstra.
Lembra-te quando te punha a mamar para o choro acalmar-te.
Vem para dentro, meu filho, e aqui resguardado, defende-te
contra esse monstro; não podes, sozinho, com ele medir-te.
Se te matar, infeliz, não virei a chorar-te, no leito
em que jazeres, pimpolho querido de minhas entranhas,
nem tua esposa de dote copioso; mas, longe de todos,
junto das naus dos Aquivos, aos cães servirás de repasto.”
Ao filho caro, desta arte, suplicam, desfeitos em lágrimas,
os dois anciões, sem com isso o impecável Heitor demoverem,
que, fora, a Aquiles aguarda, o qual vinha, terrível, contra ele.
Como serpente, que de ervas malignas se nutre, ao viandante
sói esperar, enrascada na frente da cova, no monte,
e, em feroz cólera acesa, lhe deita terrível mirada:
o ínclito Heitor, com viril decisão, desse modo se achava,
desde que o escudo brilhante na torre saliente apoiara.
Cheio de angústia, ao magnânimo peito falou deste modo:
“Pobre de mim! Se as muralhas e as portas entrar novamente
Polidamante será o primeiro a cobrir-me de opróbrio,
por me haver dado o conselho, na noite funesta em que Aquiles
para os combates voltou, de levar para dentro os Troianos.
Não me deixei persuadir, fora muito melhor que o fizesse!

Ora que muitos morreram por causa de minha imprudência,
quanta vergonha dos homens, das Teucras de peplos compridos
eu sentiria, se alguém, por malícia, de mim afirmasse:
‘Fiado no próprio valor, foi a causa da ruína do exército.’
Isso dirão, certamente. Será preferível, agora,
ou retornar para o burgo, depois de matar o Pelida,
ou, frente aos muros, a vida perder por maneira gloriosa.
Que se daria, entretanto, se o escudo abaulado largasse
e o forte casco, encostando no muro a hasta longa de bronze,
para o impecável Aquiles, assim, desarmado, avançando,
e prometesse que Helena, bem como os objetos preciosos
que o divo Páris nas côncavas naus para Troia nos trouxe —
causa, que foi, inicial desta guerra funesta — aos Atridas
restituiria, e que aos fortes Aqueus, outrossim, mandaria
distribuir os tesouros que Troia sagrada ainda encerra,
pós ter obtido dos graves anciões juramento solene
de que, sem nada ocultar, formariam dois lotes idênticos
das abundantes riquezas que dentro das casas se encontram?
Mas para que, coração, entregares-te a tais pensamentos?
Não deverei suplicar-lhe, que é certo não vir a apiedar-se,
nem demonstrar reverência; imolado seria, indefeso,
como se fosse mulher, mal me visse despido das armas.
Não é possível mantermos conversa a respeito das pedras
e dos carvalhos, no jeito de moças e guapos rapazes,
moças e guapos rapazes, em seus agradáveis colóquios.
Muito mais digno é avançar, decidido, sem perda de tempo,
para que logo se veja a quem Zeus glória imensa concede.”
Tais pensamentos no peito agitava, aguardando o Pelida,
que como Eniálio avançava. Ondulava-lhe o casco brilhante;
na mão direita segura a hasta horrenda de freixo do Pélio,
vivo fulgor irradiando a armadura de bronze que o cinge,

como de incêndio voraz, ou do Sol, quando se alça no Oriente.
Grande tremura apossou-se de Heitor, quando o viu mais de perto,
e, apavorado, das portas se afasta, a correr começando.
Vai-lhe no encalço o Pelida, confiado nos pés rapidíssimos.
Como no monte o gavião, a mais lestes de todas as aves,
mui facilmente se atira, a voar, contra tímida pomba,
que se lhe escapa de esguelha, e de perto a acomete, soltando
guinchos agudos, que o peito o concita a apanhar presa fácil:
do mesmo modo o Pelida, impetuoso, acomete, deitando
o ínclito Heitor a correr ao redor da muralha de Príamo.
Vão pela estrada, por fora dos muros, e o posto deixando
das sentinelas e a grande figueira que os ventos agitam,
os mananciais cristalinos passaram, que as duas nascentes
perenemente alimentam do Xanto de vórtices túrbidos:
de uma, água quente deflui, de onde denso vapor se levanta
continuamente, tal como se fogo vivaz a aquecesse,
enquanto da outra, até mesmo no ardor do verão, sempre escoa
água tão gélida quanto granizo ou cristais de alva neve.
Junto das fontes, cavados na pedra, mui belos e largos,
viam-se os tanques que outrora as esposas e as filhas dos Teucros
para lavar seus brilhantes vestidos usavam, no tempo
em que reinava, ainda, paz, anterior à chegada dos Dânaos.
O seguidor e o seguido, depressa os transpõem, na carreira.
Foge um notável guerreiro; um mais forte no encalço lhe segue,
sempre velozes, que não contendiam por vítimas inerme,
ou belo couro de boi, das carreiras o prêmio consueto:
em jogo estava a existência de Heitor domador de cavalos.
Como ginetes de sólidos cascos disparam velozes
em longa pista, em disputa de prêmios de grande valia,
trípode ou bela mulher, nas exéquias de um forte guerreiro:
do mesmo modo, três vezes, à volta dos muros de Príamo,

os contendores correram. Contemplam-nos todos os deuses,
para os quais Zeus se dirige, dizendo as palavras aladas:
“Que lastimoso espetác’lo! Um varão, que me é caro, meus olhos
veem perseguido ao redor das muralhas! O peito confrange-se-me
ante o destino de Heitor, o guerreiro que vítimas pingues
me ofereceu tantas vezes não só do Ida augusto e ventoso,
como da acrópole Teucra. Ora Aquiles divino o persegue
com pés velozes, em torno dos muros de Príamo ilustre.
Considerai, sempiternas deidades, o caso, e o conselho
que for mais justo tomai, se devemos salvá-lo da morte,
ou se, apesar de extremado, é forçoso que Aquiles o vença.”
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta:
“Pai, que desferes coriscos e nuvens cumula, que dizes?
Tens intenção de livrar novamente da morte funesta
o lutador que fadado a morrer já de há muito se encontra?
Seja, se o queres, conquanto nós outras jamais te aprovemos.”
Zeus, que bulcões acumula, lhe disse o seguinte, em resposta:
“Ó Tritogênia, acomoda-te. Quanto falei foi produto,
certo, da cólera; mas para ti quero ser mais sereno.
Sem mais delongas, procede de acordo com teu alvedrio.”
Essas palavras a Atena ainda mais excitada deixaram;
célere baixa, passando por cima dos cumes do Olimpo.
Segue no encalço de Heitor, entrementes, o divo Pelida.
Como o sabujo nos montes, por vales e costa, persegue
enho veloz, que fizera deixar o covil abrigado,
e, se este, trépido, logra esconder-se no meio de arbustos,
voa, sem pausa, para aí, procurando encontrá-lo de novo:
vai, desse modo, no encalço de Heitor o impecável Aquiles.
Sempre que o nobre guerreiro das Portas Dardânias tentava
aproximar-se, construídas por baixo de torres altivas,
certo de auxílio alcançar dos disparos que do alto fizessem,

força-o o Pelida a afastar-se, interpondo-se entre ele e a muralha
e em direção da planície, desta arte, a correr obrigando-o.
Como no sonho se dá, quando alguém corre atrás do inimigo,
sem conseguir alcançá-lo, nem este, tampouco, adiantar-se:
nem pode Heitor escapar, nem Aquiles a mão pôr-lhe em cima.
De que maneira das Parcas Heitor poderia esquivar-se,
se Febo Apolo pela última vez não o tivesse ajudado,
agilidade e inconteste vigor emprestando-lhe aos membros?
Com a cabeça o divino Pelida aos Acaios acena,
para que setas amargas ninguém disparasse no Teucro,
pois não queria perder a alta glória de ser o primeiro.
Mas, quando, após quatro voltas, as fontes de novo alcançaram,
da áurea balança tomando, Zeus pai, que bulcões acumula,
pôs sobre as conchas as Queres que a morte fatal determinam,
a do divino Pelida e a de Heitor domador de cavalos,
e pelo meio a librou: baixa o dia funesto de Heitor
para o negro Hades; Apolo, nessa hora, ao Troiano abandona.
A de olhos glaucos, Atena, de Aquiles, então, se aproxima;
pôs-se-lhe ao lado e lhe disse as seguintes palavras aladas:
“Ínclito Aquiles, dileto de Zeus, ora espero podermos
para os navios voltar, de alta glória os Acaios cobrindo,
pós imolarmos Heitor, muito embora incansável pareça.
Não poderá, por mais tempo, de nós escapar, ainda mesmo
que Febo Apolo se esforce, o frecheiro que ao longe asseteia,
e aos pés de Zeus poderoso se atire, abraçando-lhe os joelhos.
É conveniente que pares e alento recobres, enquanto
vou procurar convencê-lo a que lute, de frente, contigo.”
O coração satisfeito, ao conselho da deusa obedece
o alto Pelida, apoiando-se na hasta de ponta de bronze.
Dele afastando-se, Atena de Heitor varonil se aproxima,
tendo as feições de Deífobo e a voz poderosa tomado.

Pôs-se-lhe ao lado e lhe disse as seguintes palavras aladas:
“Mano, em terrível aperto te pôs o Pelida veloce,
a perseguir-te com rápidos pés ao redor das muralhas.
Vamos parar, porque juntos possamos, de frente, esperá-lo.”
Disse-lhe Heitor, em resposta, o guerreiro do casco ondulante:
“Se antes, Deífobo, me eras o irmão predileto, entre quantos
filhos nascemos de Príamo e de Hécabe, a mãe veneranda,
a partir de hoje mais no íntimo da alma hás de sempre ficar-me,
por te arriscares, assim, ao me veres em tanta apertura,
a abandonar a cidade onde os outros, a salvo, se ficam.”
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta:
“Mano, em verdade, não só nosso pai, como a mãe veneranda,
e os companheiros, com férvidas preces, instantes, pediram
que não saísse, tal era o pavor em que todos estavam.
A alma, porém, me excruciava o teu triste e funesto destino.
Vamos! lutemos de frente; não deves deixar por mais tempo
a hasta de bronze inativa. Que logo se veja se Aquiles,
pós da existência privar-nos, conduz para as naus nossas armas
ensanguentadas, ou se, de contrário, aos teus golpes sucumbe.”
Isso dizia e, astuciosa, se pôs logo a deusa a guiá-lo.
Quando, desta arte, um para o outro avançando, bem perto ficaram,
foi o primeiro a falar o guerreiro do casco ondulante:
“Não fugirei mais de ti, como o fiz até agora, Pelida,
dando três vezes a volta à cidade sagrada de Príamo,
sem ter coragem de o assalto aguardar. Ora o peito me leva
a acometer-te, e a privar-te da vida, ou a morrer por teu braço.
Antes, porém, de lutar, invoquemos os deuses eternos,
que testemunhas idôneas serão do que, firmes, jurarmos.
Se, porventura, Zeus grande me der a vitória, deixando
que da existência te prive, de ultrajes ao corpo me abstenho.
Pós a armadura brilhante dos membros tirar-te, Pelida,

para os Aqueus o cadáver entrego; prometo outro tanto.”
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, indignado, em resposta:
“Odiosíssimo Heitor, não me fales em pactos solenes.
Como é impossível entre homens e leões haver paz e confiança,
ou que carneiros e lobos revelem iguais sentimentos,
pois nutrem ódio implacável e danos meditam recíprocos,
não pode haver entre nós amizade nenhuma, nem pactos
ou juramentos solenes, até que um de nós caia morto
e, com seu sangue, a Ares forte sacie, o guerreiro incansável.
Deves de tua bravura habitual investir-se, que nunca
necessidade tão grande tiveste de ser valoroso,
não poderás escapar. Há de Atena fazer dentro em breve
que à minha lança sucumbas. O mal que aos Aquivos obraste
com tua lança homicida, ora deves, por junto, pagar-me.”
Tendo isso dito, atirou-lhe a hasta longa de sombra comprida.
Vendo-a, o impecável Heitor, abaixando-se, ao golpe se esquiva;
passa-lhe a lança de bronze por sobre a cabeça, indo ao longe,
no duro solo, encravar-se. Mas Palas Atena, tomando-a
às escondidas do herói, foi de novo entregá-la ao Pelida.
O ínclito Heitor, para Aquiles virando-se, diz o seguinte:
“Não acertaste, divino Pelida! Era falso dizeres
que Zeus te havia informado a respeito do fim que me espera.
És forjador mui sutil de enganosas palavras, apenas,
para que viesse a assustar-me, esquecido do ardor que me é próprio.
Não deverás, entretanto, cravar-me a hasta longa nas costas.
Mas, se algum deus o permite, atravessa-me o peito, de frente,
quando atacado te vires. Primeiro, porém, te resguarda
de minha lança, que anseio, até o cabo, enterrar-te no corpo.
Para os Troianos a guerra ficaria bem mais suportável,
se te finasses, por seres a todos terrível açoite.”
Tendo isso dito, atirou-lhe a hasta longa de sombra comprida,

que foi, certeira, no meio do escudo bater do Pelida.
Mas repulsada caiu, ao tocar no pavês. Indignado
fica o Troiano ao notar que frustrânea a hasta longa jogara.
Ao perceber que não tinha outra lança, aturdido se mostra,
e em altos gritos chamou pelo irmão de pavês reluzente,
para pedir-lhe mais uma; nenhures, porém, o percebe.
No coração tudo Heitor compreendeu, e a si próprio, então, disse:
"Pobre de mim! É bem certo que os deuses à morte me votam.
Tive a impressão de que o forte Deífobo estava ao meu lado,
mas na cidade se encontra; foi tudo por arte de Atena.
Inevitável, a morte funesta de mim se aproxima.
Há muito tempo, decerto, Zeus grande e seu filho frecheiro
determinaram que as coisas assim se passassem, pois eles,
sempre benévolos, soíam salvar-me; ora o Fado me alcança.
Que, pelo menos, obscuro não venha a morrer, inativo;
hei de fazer algo digno, que chegue ao porvir, exaltado."
Tendo isso dito, arrancou logo a espada de gume cortante,
que sempre ao lado lhe estava, pesada e de boa feitura.
E, concentrando-se, um pulo desfere, como águia altaneira,
que na planície se atira, através de bulcões adensados,
para prear lebre tímida, ou ovelha de lã reluzente:
como águia. Heitor arremete, a brandir o montante afiado.
Contra ele Aquiles investe, também, transbordante de cólera;
diante do peito mantém o brilhante pavês, protegendo-o,
de primorosa feitura; ondulava-lhe no alto da fronte
o elmo de quatro saliências, fazendo esvoaçar a plumagem
de ouro que Hefesto pusera na forte e brilhante cimeira.
Tal como Vésper, a mais resplendente de quantas estrelas
se alçam no céu, majestosas, no escuro da noite divina:
do mesmo modo fulgura a hasta longa de ponta aguçada
na mão de Aquiles, que a Heitor infligir fatal dano procura,

investigando no corpo donoso um lugar descoberto.
Todos os membros, porém, envolvidos se achavam na bela
e refulgente armadura espoliada de Pátroclo exímio.
Via-se, apenas, a parte em que do ombro separa a clavícula
o tenro colo, a garganta, onde o ataque é funesto para a alma.
Quando contra ele avançava, o Pelida, aí, lhe enterra a hasta longa,
atravessando-lhe a ponta de bronze o pescoço macio.
Deixa-lhe intacta a faringe, contudo, a arma longa de freixo,
para que a Heitor ainda fosse possível falar ao imigo.
Ei-lo que tomba na poeira; o Pelida exclamou exultante:
"Quando tiraste a armadura de Pátroclo, estulto, pensaste
que a salvo sempre estarias, por veres que longe me achava.
Mas vingador muito mais poderoso havia ele deixado
junto das naves recurvas, o mesmo que as forças dos joelhos
veio, nesta hora, solver-te. Os Aqueus hão de exéquias prestar-lhe,
mas o teu corpo será para os cães e os abutres jogado."
Sem forças, quase, responde-lhe Heitor, do penacho ondulante:
"Por teus joelhos, tua vida, por teus genitores, suplico
não consentires que, junto das naves, aos cães atirado
seja o meu corpo. Ouro e bronze abundante, em resgate, recebe,
quantos presentes meu pai te ofertar, minha mãe veneranda,
e restitui o cadáver, que possam, em casa, os Troianos
e suas jovens esposas, à pira funérea entregá-lo."
Com torvos olhos, Aquiles de rápidos pés lhe responde:
"Nem por meus joelhos, cachorro, por meus genitores supliques.
Se em meu furor fosse, agora, eu levado a fazer-te em pedaços
e crus os membros comer-te, em vingança do que me fizeste,
como é impossível dos cães voradores livrar-te a cabeça!
Ainda que aos pés me trouxessem dez vezes o preço ajustado,
ou vinte vezes, até, com promessa de novos presentes;
ainda que o velho Dardânida, Príamo, ordene que a peso

de ouro se compre o cadáver, não há de em tua casa chorar-te,
como desejas, a mãe veneranda a quem deves a vida,
mas como pasto serás para os cães e os abutres jogado.”
Já moribundo, responde-lhe Heitor, do penacho ondulante:
“Por conhecer-te, sabia que tudo seria assim mesmo.
O coração tens de ferro; impossível me fora dobrá-lo.
Que isso, porém, contra ti não provoque a vingança dos deuses,
quando tiveres de a vida perder, muito embora esforçado,
das Portas Ceias em frente, aos ataques de Páris e Apolo.”
Pós ter falado, cobriu-o com o manto de trevas a Morte,
e a alma, dos membros saindo, para o Hades baixou, lastimando
a mocidade e o vigor que perdia nessa hora funesta.
Para o cadáver voltando-se, Aquiles divino, então, fala:
“Morre, que me acho disposto a acolher o Destino funesto
logo que Zeus o quiser e as demais divindades eternas.”
A hasta de bronze, depois de falar, do cadáver arranca,
pondo-a de lado, e, também, a armadura sangrenta dos largos
ombros lhe tira. Acorreram, então, numerosos Aquivos
para admirar a imponência e a beleza do corpo de Heitor,
sem que nenhum de feri-lo deixasse, ao passar pelo corpo.
Muitos entre eles falavam, virando-se para os mais próximos:
“É, por sem dúvida, muito mais brando de ser apalpado,
do que no dia em que fogo lançou nos navios recurvos.”
Golpes seguidos lhe deram, trocando discursos como esse.
Logo que Aquiles, de rápidos pés, o espoliou da armadura,
foi para o meio dos Dânaos e disse as palavras aladas:
“Vós, conselheiros e guias dos povos Acaios, ouvi-me:
Já que os eternos deixaram que a vida ao varão arrancasse
que, só por si, mais trabalho nos deu do que todos os Teucros,
vamos os muros altivos de Troia assaltar, bem-armados,
para ficarmos sabendo do intento de seus moradores,

se a fortaleza pretendem deixar, uma vez morto o chefe,
ou se, apesar de privados de Heitor, resistência oferecem.
Mas para que, coração, entregares-te a tais pensamentos?
Acha-se o corpo de Pátroclo ao lado das naus, insepulto
e não chorado. Jamais, quanto tempo eu ficar entre os vivos
e agilidade nos joelhos tiver, poderei esquecê-lo.
Mesmo que no Hades aos mortos faleça a memória das coisas,
do companheiro querido, até ali, hei de sempre lembrar-me.
O hino cantai da vitória, mancebos Argivos, e às naves,
sem mais demora, tornemos, levando o cadáver do imigo.
Glória infinita alcançamos com termos a Heitor dado a morte,
que, como a um deus imortal, na cidade os Troianos honravam.”
Isso disse ele, disposto a infligir no cadáver ultrajes:
fura-lhe os fortes tendões, dos dois pés, do calcâneo aos maléolos,
por onde passa uma tira de couro de boi, muito forte,
que prende ao carro, deixando a cabeça tocar no chão duro.
Logo subiu para o assento e, tomando a armadura magnífica,
com chicotada os cavalos esperta, que partem velozes.
Poeira levanta o cadáver, de rojo no chão; os cabelos
bastos e escuros se esparzem; na terra, a cabeça que fora
tão majestosa se afunda, que Zeus ao imigo a entregara,
para que fosse ultrajada no próprio torrão de nascença.
Mancha-se a bela cabeça, desta arte, na poeira. Atirando
o branco véu para longe, os cabelos a mãe arrepela,
ao ver o filho extremado, rompendo em sentidos queixumes.
O velho pai, também, solta gemidos de dor, e os do povo,
por toda a grande cidade, a lamentos e prantos se entregam.
Té parecia, em tamanha tristeza, que Troia altanada
de seu fastígio ruíra, envolvida nas chamas vorazes.
Dificilmente os do povo podiam conter o monarca,
que, desvairado, queria sair pelas Portas Dardânias.

A rebolcar-se no esterco, fazia insistentes pedidos,
por entre fundos lamentos, chamando a um por um pelo nome:
"Por mais cuidado que, amigos, vos dê minha sorte, deixai-me
ir da cidade, sozinho, e buscar os navios dos Dânaos,
para que, súplice, a esse homem violento e funesto depreque.
É bem possível que a minha velhice respeito lhe inspire,
e que se apiade de mim. Como eu sou, é Peleu também velho,
que o pôs no mundo e o educou para exício dos homens de Troia.
Mais do que a todos, porém, me tem sido fautor de pesares.
A quantos filhos ilustres e jovens me trouxe ele a morte!
Mas, muito embora lhes chore o destino, nenhuma outra perda
tanto me dói como a que há de levar-me para o Hades depressa:
de Heitor a morte. Quem dera que houvesse morrido em meus braços!
Fora possível, então, de lamentos e dores saciarmo-nos,
a triste mãe que o gerou para um fado implacável, e eu próprio."
Os cidadãos os queixumes do velho monarca secundam.
Hécabe, então, deu início aos lamentos sentidos das Teucras:
"Filho querido, como hei de viver em tamanho infortúnio,
órfã de ti? Eras minha ventura e legítimo orgulho,
noites e dias na grande cidade; de Teucros e Teucras
o só conforto eras tu, como um deus, pelo povo, acatado.
Eras a máxima glória de todos, enquanto viveste.
Mas ora a Morte funesta e o Destino fatal te alcançaram."
Nada do fato, entretanto, sabia de Heitor a consorte,
porque nenhum mensageiro veraz lhe levara a notícia
de que ela havia ficado do lado de fora das portas.
Ela se achava nos quartos de dentro do belo palácio
a tecer manto purpúreo, muito amplo e de flores ornado.
Tinha dado ordem às criadas de tranças bem-feitas que trípode
grande no fogo pusessem, a fim de aprontar banho quente
para o marido, quando este voltasse do campo da luta.

Não pressentira a infeliz que bem longe do banho morrera,
pois pela mão do alto Aquiles Atena da vida o privara.
Eis que ouve gritos e tristes lamentos do lado da torre.
A lançadeira das mãos se lhe escapa; fraquearam-lhe os joelhos.
Vira-se, então, para as criadas de tranças venustas e fala:
"Duas de vós me acompanhem; vou ver o que passa lá fora.
De minha sogra ouço a voz; quase à boca parece saltar-me
o coração, sem que os joelhos pesados consigam levar-me.
Certo, infortúnio ameaça terrível aos filhos de Príamo.
Que essa palavra jamais as orelhas me alcance; mas temo
enormemente que Aquiles divino tivesse podido
longe dos muros a Heitor colocar e no plaino o alcançasse,
vindo a triunfar, desse modo, do ardor exicial que ora à perda
o conduziu, pois jamais quis ficar entre a turba sem nome,
mas, dos Troianos à frente, a ninguém em coragem cedia."
Como uma louca, depois de falar, do aposento se afasta,
o coração em tumulto, seguida por duas criadas.
A multidão atravessa, que junto dos muros se achava,
e, debruçando-se no alto da torre, arrastado percebe
diante dos muros paternos o esposo; os cavalos o levam,
sem piedade nenhuma, no rumo das naus dos Aquivos.
A esse espetác'lo cobriram-lhe os olhos as trevas da noite
e, abandonando-a a consciência, caiu para trás sem sentidos.
Longe da linda cabeça espalharam-se os belos ornatos,
a fina coifa, o toucado bem-feito, o brilhante diadema
e o próprio véu que a divina Afrodite lhe dera no dia
em que o impecável Heitor do palácio de Eecião a tirara,
na qualidade de esposa, a quem dote entregara magnífico.
As concunhadas a cercam e as belas irmãs do marido,
que, cuidadosas, a amparam, julgando que a vida perdesse.
Quando a consciência lhe volta, tornando-lhe o espírito ao peito,

pelas Troianas rodeada levanta sentidos queixumes:
"Pobre de mim, caro Heitor! Para o mesmo destino nascemos:
tu, no palácio de Príamo, dentro dos muros de Troia,
em Tebas, eu, junto à fralda do Placo, abundoso em florestas,
na bela casa de Eecião, o infeliz que me criou de pequena
para igual sorte que a sua. Antes nunca me houvesse gerado.
Baixas, agora, para o Hades escuro, nos reinos subtérreos,
e no palácio me deixas, viúva, e em tristezas sem conta
desamparada. Ainda infante é o filhinho, que os deuses nos deram
em nossa grande desdita. E ora, Heitor, que morreste, nem podes
ser-lhe baluarte algum dia, nem ele de amparo servir-te.
Ainda que escape da guerra lutuosa dos feros Aquivos,
só poderá de futuro esperar aflições e tormentos.
Defraudá-lo-ão dos haveres, mudando as balizas dos campos.
O dia cruel da orfandade os amigos afasta da criança.
Baixa a cabeça vai sempre, de pranto inundadas as faces;
pela miséria levado, procura do pai os amigos,
puxa a este o manto, a implorar; do outro a túnica fina sacode.
O mais piedoso, talvez, abalado, lhe dê um copinho,
que, se lhe chega até os lábios, não desce a molhar a garganta.
Menosprezando-o, o escorraçam dos gratos festins os meninos
a quem os pais ainda amparam, e o cobrem de graves insultos:
'Sai-te, importuno, teu pai não se assenta nos nossos banquetes!'
E para a mãe, triste e viúva, a chorar, voltará Astianacte
que, antigamente, nos joelhos do pai valoroso, somente
pingue medula comia e gordura macia de ovelhas,
e que, ao sentir-se cansado de tanto brincar, se entregava
ao doce sono, no leito de fofos colchões, tamaninho,
nos braços da ama, a irradiar alegria do rosto amorável.
Ora terá de sofrer muitas dores, que o pai lhe mataram,
pois de Astianacte os Troianos em toda a cidade o chamavam,

por seres tu, caro Heitor, o baluarte das Teucras muralhas.
Junto das naves recurvas, de todos os teus apartado,
os vermes hão de comer-te, depois de os cachorros saciados,
nu, como te achas, ao passo que mantos macios e finos
em profusão tens aqui, por mulheres zelosas tecidos.
Mas, já que neles não deves jazer, lançarei tudo ao fogo;
se não te podem servir de mortalha, obterás desse modo
glória sem-par junto aos homens de Troia e de suas esposas.”
Isso dizia, a chorar; ao redor, as mulheres gemiam.

CANTO XXIII

PRÊMIOS EM HONRA DE PÁTROCLO

“Aquiles e os guerreiros fazem honras ao corpo de Pátroclo e há um banquete em sua homenagem. À noite, a sombra de Pátroclo aparece a Aquiles. Pela manhã uma grande pira é preparada para o corpo do amigo e várias vítimas são sacrificadas junto. Doze jovens Troianos são imolados. Aquiles conclama aos Ventos para ajudar e o fogo queima durante a noite toda. No dia seguinte, as cinzas são colocadas numa urna de ouro e um túmulo é construído para Pátroclo. Iniciam-se os jogos em homenagem a Pátroclo. São feitas grandes disputas entre os Gregos em diversas modalidades pelos prêmios valiosos que Aquiles oferece.”

Todos, assim, na cidade gemiam. No entanto, os Aquivos,
logo que as naus alcançaram e a praia do vasto Helesponto,
se dispersaram, em busca dos barcos de proas recurvas,
com exceção dos Mirmídones fortes, que Aquiles reteve.
Aos companheiros valentes desta arte o Pelida se expressa:
“Caros e fiéis companheiros, Mirmídones fortes, dos coches
não desatemos, ainda, os cavalos de pés muito rápidos,
mas, como estamos, armados, à beira do morto fiquemos
para chorá-lo, prestando-lhe as honras funéreas devidas.

Logo, porém, que ficarmos saciados do choro funéreo,
os corredores soltemos, a fim de cuidarmos da ceia.”
Disse. Inicia o Pelida os lamentos; os mais o acompanham.
Três vezes fazem passar os cavalos à volta do morto.
Tétis lhes põe no imo peito vontade incontida de choro.
Molha-se a areia com as lágrimas; molham-se as armas dos homens,
tão sem rival é o herói, cuja perda, ali, todos choravam.
As servas mãos colocando no peito do amigo defunto,
lamentações principiou de fazer o divino Pelida:
“Ainda que no Hades escuro te encontres, alegra-te, Pátroclo,
pois vou cumprir tudo quanto afirmei que fazer haveria.
Trouxe arrastado o cadáver de Heitor, para aos cães atirá-lo,
e na fogueira sagrada pretendo imolar doze Teucros
dos de mais lúcida estirpe, por causa, tão só, de tua morte.”
Isso disse ele, passando a infligir no cadáver ultrajes,
que junto ao fúnebre leito de Pátroclo atira de bruços,
sobre o chão duro. Os Mirmídones, logo, das armas brilhantes
se despojaram, tirando do jugo os velozes cavalos.
Inumeráveis, ao lado se assentam da nave do Eácida,
que para todos um lauto banquete funéreo apresenta.
Muitas ovelhas e cabras balantes, bois alvos e pingues
se contorcem, ao serem com ferro cruel degolados,
muitos cevados de flórido largo e colmilhos recurvos,
que sobre a chama de Hefesto passavam a fim de os assarem.
Sangue abundante escorria ao redor do cadáver de Pátroclo.
Os chefes Dânaos, depois, para a tenda do Atrida Agamémnone
o ínclito Aquiles de rápidos pés conduziram, fazendo
por aliviar-lhe o desgosto da perda do amigo dileto.
Logo que a tenda alcançaram do grande senhor Agamémnone,
aos dois arautos de voz sonorosa instruções transmitiram
para que trípode grande nas chamas pusessem, no caso

de consentir o Pelida em limpar-se do sangue e da poeira.
Mas este, firme, recusa, jurando por modo solene:
“Nunca, por Zeus, que é o melhor e o mais forte dos deuses,
há de, contrário aos costumes, molhar-me a cabeça algum banho,
antes de a Pátroclo pôr na fogueira, erigir-lhe o sepulcro
e a cabeleira cortar, porque dor tão profunda como esta
o coração jamais há de angustiar-me, por mais que ainda viva.
Já que é de praxe, cuidemos, agora, do odioso banquete.
Mas, quando a aurora raiar, Agamémnone, de homens caudilho,
manda que lenha nos tragam e o mais de que um morto precisa
quando há de a viagem fazer para o reino das trevas espessas,
para que o fogo incansável depressa o consuma, tirando-o
de nossas vistas, e, assim, possam todos voltar para a lida.”
Isso disse ele; os demais, obedientes às ordens se mostram,
e, prontamente, depois de aprestado o repasto funéreo,
se banquetearam, ficando cada um com a porção respectiva.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
para dormir recolheram-se todos às tendas bem-feitas.
Deita-se o claro Pelida na praia do mar sonoroso,
em lugar limpo, onde as ondas espúmeas na areia se quebram,
a suspirar fundamente, cercado por muitos Mirmídones.
E quando o plácido sono o cerceou, aliviando-lhe as dores,
pois em extremo cansados os membros donosos sentia,
de perseguir o alto Heitor ao redor das muralhas de Troia,
aproximou-se-lhe o espectro do mísero Pátroclo, ao morto
em tudo igual, na estatura gigante, nos fúlgidos olhos
e no agradável da voz; iguais vestes, também, tinha o espectro.
Fica-lhe junto à cabeça e lhe diz as seguintes palavras:
“Dormes, Aquiles, o amigo esquecendo? Zeloso eras antes,
quando me achava com vida; ora, morto, de mim te descuidas.
Com toda a pressa sepulta-me, para que no Hades ingresse,

pois as imagens cansadas dos vivos, as almas, me enxotam,
não permitindo que o rio atravesse para a elas ajuntar-me.
Por isso, vago defronte das portas amplíssimas do Hades.
Dá-me tua mão; é chorando que o peço; não mais à tua frente
conseguirei retornar, quando o fogo me houver consumido,
nem será dado jamais, a de parte dos outros Mirmídones,
aconselharmo-nos tal como em vida soíamos, visto
já ter de mim se apossado o destino que eu trouxe do berço.
É teu destino, também, nobre Aquiles, semelho aos eternos,
junto às muralhas de Troia opulenta a existência perderes.
Ora desejo fazer-te um pedido, e bem sei que me atendes.
Não deixes serem mui longe dos meus os teus ossos depostos,
mas junto deles, que juntos crescemos em vosso palácio,
desde bem moço, ao levar-me de Opunte Menécio preclaro
para os domínios do velho Peleu, por motivo de triste
e involuntário homicídio, que a vida eu tirara do filho
de Anfidamante, por causa de rixa no jogo de dados.
Em seu palácio bem-feito Peleu valoroso acolheu-me
benignamente e educou-me, nomeando-me teu escudeiro.
Que nossas cinzas, por isso, numa urna somente se guardem,
a ânfora de ouro que Tétis te deu, tua mãe veneranda.”
Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, o seguinte, em resposta:
“Por que motivo vieste até aqui, mui querida cabeça,
e essa incumbência me dás, com tamanha minúcia? Hei de, certo,
desempenhar-me de tudo de acordo com teu pensamento.
Mas aproxima-te; embora por breves instantes, concede
ainda uma vez abraçar-te e de tristes lamentos saciarmo-nos.”
Pós ter falado, avançou, estendendo-lhe os braços, sem nada
ser-lhe possível tocar; com um sibilo, qual fumo, na terra
desaparece. Aturdido, levanta-se o nobre Pelida,
e, as mãos batendo uma na outra, com voz lamentosa profere:

“Ora a certeza adquiri de que no Hades, realmente, se encontram
almas e imagens dos vivos, privadas, contudo, de alento.
A alma do mísero Pátroclo, assaz parecida com ele,
toda essa noite, a gemer e a chorar, se manteve ao meu lado,
dando instruções minudentes de quanto fazer é preciso.”
Essas palavras em todos aumenta a vontade de choro.
E, quando a Aurora de dedos de rosa surgiu, veio achá-los
ainda em lamentos, à volta do morto. O potente Agamémnone
manda que saiam de todas as tendas guerreiros e mulos,
para que lenha carregassem. Chefiava-os o claro Meríones,
de Idomeneu, cabo insigne de Creta, o escudeiro dileto.
Seguem os mulos na frente; machados afiados os homens
levam e cordas de belo trançado, subindo e descendo
morros em vários sentidos, de viés recuando e cortando.
Quando, afinal, o Ida augusto alcançaram, de muitas nascentes,
a derrubar se põem logo carvalhos de copas altivas,
com as afiadas secures; cerceadas, as árvores tombam
estrepitosas. Em achas, depois, os Argivos as partem
e, presto, os mulos carregam, que atalhos, velozes, devoram
dentro da mata, sequiosos de a estrada alcançar na planície.
Os lenhadores robustos carregam, também, vários troncos,
pois desse modo o ordenara o Cretense notável, Meríones,
indo depô-los, por ordem, num alto, onde Aquiles ideara
a sepultura de Pátroclo e a sua erigir, imponente.
Pós terem todos a lenha infinita amontoado, assentaram-se,
na expectativa do que deveriam fazer. Manda Aquiles
que os valorosos Mirmídones, logo, de bronze se armassem
e que no jugo os cavalos de cascos robustos pusessem.
Presto levantam-se, as armas luzentes envergam, compondo
os combatentes e os fortes aurigas seus carros de guerra.
Estes a marcha iniciam, por nuvem de peões secundados,

inumeráveis; no meio, os amigos o corpo carregam,
pelas madeixas coberto que todos lhe haviam jogado.
O divo Aquiles, atrás, a cabeça donosa sustenta,
a suspirar. Desse modo para o Hades o amigo despede.
Quando o lugar alcançaram que Aquiles havia indicado
o belo esquife depõem, acervando-se lenha infinita.
O ínclito Aquiles, de rápidos pés, teve, então, outra ideia:
da grande pira afastando-se, corta seus louros cabelos
que, para ao rio Esperqueio ofertar, conservava crescidos,
e para o mar cor de vinho virando-se, mesto profere:
"Em vão, divino Esperqueio, meu pai fez o voto fervente
de que ao voltar para a terra de meu nascimento, eu teria
de em teu louvor os cabelos cortar e hecatombe sagrada
oferecer em tuas fontes, de ovelhas cinquenta, onde luco
possuis sagrado, no qual foi construído altar odoroso.
Essa, a vontade do ancião; tu, porém, não lhe ouviste o pedido.
E ora que Ftia não devo rever, vou cortar os cabelos
e oferecê-los a Pátroclo, para que os leve consigo."
A cabeleira, depois de falar, entre as mãos deposita
do companheiro, fazendo aumentar nos presentes o choro.
E entre lamentos viria encontrá-los o sol, já no ocaso,
se não houvesse a Agamémnone Aquiles divino falado:
"Filho de Atreu, tuas ordens são sempre acatadas por todos
os valorosos Aquivos; ordena que o choro interrompam
e que da pira se afastem; depois, aprontar manda a ceia.
Nós, que devemos cuidar mais de perto do morto, faremos
o que ainda resta; somente aqui fiquem os cabos do exército."
Ao escutar-lhe o pedido, Agamémnone, rei poderoso,
manda que os fortes Aqueus para as naves recurvas retornem,
permanecendo os amigos mais caros, que a lenha amontoam,
cem pés de lado, com ela, uma pira gigante construindo,

no alto da qual, consternados, o corpo do herói depuseram.
Inumeráveis ovelhas e bois que se arrastam tardonhos,
em frente à pira degolam e esfolam. Depois, o Pelida
toda a gordura tomando, com ela o cadáver recobre,
desde a cabeça até os pés, amontoando-lhe as carnes à volta.
Junto do leito funéreo, coloca, a seguir, duas ânforas,
de óleo e de mel, e, soltando suspiros profundos, atira
nas chamas quatro soberbos cavalos de colo altanado.
Dos nove cães que o monarca possuía, à sua mesa criados,
dois sacrifica o Pelida, atirando-os às chamas ardentes,
bem como doze mancebos de ilustre prosápia Troiana,
a bronze mortos, pois na alma a ação cruel realizar assentara.
A fúria esperta do fogo, afinal, para à larga saciar-se;
e pelo amigo a chamar muitas vezes, gemendo dizia:
"Ainda que no Hades escuro te encontres, alegra-te, Pátroclo,
pois já cumpri tudo quanto afirmei que fazer haveria:
doze mancebos de ilustre prosápia Troiana ora às chamas
conjuntamente contigo entreguei; mas de forma nenhuma
hei de o cadáver de Heitor dar às chamas; aos cães vou jogá-lo."
Mas, apesar das ameaças, do corpo de Heitor os cachorros
não se acercavam, que longe os mantinha, constante, Afrodite,
filha de Zeus, a qual o unge com óleo fragrante e divino
para não ser lacerado ao tirá-lo de rojo o Pelida.
Fez Febo Apolo, também, que do céu para a terra baixasse
nuvem cerúlea que logo por sobre o lugar se distende
onde o cadáver se achava, impedindo que o sol, desse modo,
lhe ressecasse a epiderme ao redor dos tendões e dos músculos.
Não arde, entanto, a fogueira onde o corpo de Pátroclo estava.
O ínclito Aquiles, de rápidos pés, teve, então, outra ideia:
da pira ingente alongando-se, instante aos dois ventos implora;
Zéfiro e Bóreas, aos quais prometeu ofertar belas vítimas.

E, libações reiterando com taça belíssima de ouro,
pede que acorram, a fim de que o fogo consuma os cadáveres
e logo a lenha abrasada se torne. Escutou-lhe o pedido
Íris de rápidos pés, que a mensagem levou logo aos ventos,
os quais na casa do incômodo Zéfiro, em lauto banquete,
juntos estavam. Na pétrea soleira deteve-se a deusa
de pés velozes. Assim que ante os olhos a viram, os ventos
se levantaram, pedindo que viesse ao seu lado sentar-se.
Íris, porém, do convite declina, falando desta arte:
"Não me é possível sentar-me, que aos lindes devo ir do oceano,
onde os Etíopes moram, que aos deuses estão neste instante
sacrificando hecatombe, da qual hei de ter uma parte.
Pede-vos, Zéfiro e Bóreas, Aquiles de pés muito rápidos,
que vades, já, violentos — promete-vos vítimas belas —,
a fim de a pira fazerdes arder em que Pátroclo se acha,
por quem não cessam de pranto verter os valentes Aquivos."
Pós haver dado o recado, se foi. Com imenso barulho
alçam-se os ventos, depressa, fazendo espalharem-se as nuvens.
Rapidamente o oceano perpassam; ao sopro estridente
ondas sobre ondas se elevam; alfim, Troia fértil alcançam,
à pira investem, fazendo que logo rompesse a alta chama.
A noite toda, desta arte, num sopro contínuo, os dois ventos
o fogo espertam; e, assim, toda a noite, o Pelida veloce
com dupla taça lavrada de uma áurea cratera retira
vinho espumoso, que ao solo derrama, irrigando o chão duro,
a alma do mísero Pátroclo sempre a invocar, pesaroso.
Tal como o ancião se lamenta, ao queimar o cadáver do filho
recém-casado, que os pais, ao morrer, desditoso deixara:
queixa-se Aquiles, assim, quando os ossos do amigo queimava,
a suspirar fundamente, arrastando-se em torno da pira.
Quando o astro belo surgiu, anunciando a chegada do dia,

e a crócea Aurora estendeu, a seguir, sobre as ondas o manto,
enlanguesceu a fogueira, cessando a violência das chamas.
Para suas casas, depressa, retornam, os ventos, por sobre
o mar da Trácia, que túmido se alça, gemendo contínuo.
O ínclito Aquiles, então, afastando-se um pouco da pira,
lasso, no solo deitou-se; envolveu-o, logo, o sono agradável.
Presto os caudilhos se reúnem, em torno do Atrida Agamémnone.
Mas o rumor que fizeram acorda o Pelida, que se alça
e, para os fortes Aquivos virando-se, diz o seguinte:
"Filho de Atreu, Agamémnone, e vós, dignos chefes Aquivos,
primeiramente, com vinho brilhante, apaguemos as brasas
que da fogueira ficaram no chão, para os ossos tirarmos
do ínclito Pátroclo, filho do claro Menécio, empregando
muita cautela em tudo isso. É bem fácil, aliás, orientarmo-nos,
pois depusemos-lhe o corpo no meio da pira, e a de parte,
sem distinção, na orla extrema, os dos homens e belos ginetes.
Em urna de ouro os ponhamos, com dupla gordura por cima,
té ser o tempo chegado em que eu deva também ir para o Hades.
Túmulo muito elevado não quero que seja construído,
mas até aqui, simplesmente; depois, poderão ampliá-lo,
alto e mais largo deixando-o os Aquivos que, após minha morte,
permanecerem nos negros navios de proas recurvas."
Isso disse ele; os demais obedientes às ordens se mostram.
Primeiramente, com vinho brilhante os vestígios apagam
do fogo ingente, que espessa camada de cinza formara;
os brancos ossos do amigo, a chorar, em seguida, recolhem,
em urna de ouro os colocam, cobrindo-os com muita gordura,
e a urna na tenda depõem, sobre a qual branco linho estenderam.
Traçam, depois, o contorno do túmulo à volta da pira,
os fundamentos afirmam e a terra escavada amontoam.
O monumento erigido, dispõem-se a sair; mas Aquiles

os Dânaos todos detém para os jogos, fazendo assentarem-se,
e manda vir dos navios os prêmios, caldeiras e trípodes,
mulos, cavalos e bois de cabeça robusta, bem como
servas formosas de porte elegante e, assim, ferro luzente.
Para a corrida de carros, primeiro, os magníficos prêmios
apresentou: bela escrava, muito hábil, e trípode grande
de vinte e duas medidas, com asas de linhas graciosas,
para o que à frente chegar; de seis anos uma égua destina
para o segundo, indomada, com feto de mulo no ventre;
um caldeirão que não fora levado, ainda, ao fogo, apresenta
para o terceiro, mui cândido e belo, de quatro medidas;
de ouro faz vir dois talentos, que ao quarto diz ser destinado;
uma urna de asas, jamais posta ao fogo, para o último apronta.
Alevantado, aos Aqueus valorosos, então, se dirige:
"Filho de Atreu, e vós outros Acaios de grevas bem-feitas,
estes os prêmios que para os aurigas prestantes destino.
Se em honra de outro guerreiro os Aquivos, agora, lutássemos,
a recompensa melhor para a tenda, decerto, eu levara,
pois bem sabeis quanto excelem no curso os formosos ginetes
de descendência divina que outrora Posido em lembrança
deu a meu pai; presenteou-mos Peleu, quando vim para Troia.
Esses fogosos cavalos não entram, porém, no concurso,
pois o prestígio excelente do auriga sem-par já perderam,
tão carinhoso, que, vezes sem conta, os banhava com água
límpida, azeite nas crinas passando-lhes, pós cada banho.
Choram-no, agora, com o peito angustiado, sentindo-lhe a falta;
e, sempre imóveis, as crinas no solo empoeirado derrubam.
Em todo o exército, pois, aprontai-vos, quem quer dos Aquivos
que nos cavalos confiar e nos carros de bela feitura."
Isso disse ele; os velozes aurigas depressa se reúnem.
Antes de todos, levanta-se Eumelo, senhor de guerreiros,

filho prezado de Admeto e muito hábil no curso de carros;
logo depois, o Tidida Diomedes, de forte estatura,
que pôs no jugo os cavalos de Trós, a Eneias tomados,
quando este herói por Apolo foi salvo na pugna terrível;
alça-se o Atrida de louros cabelos, o rei Menelau,
de diva estirpe, que uma égua e um cavalo atrelou em seu carro:
este, Podargo, era seu; Eta, ao forte Agamémnone havia
dado em lembrança Equepolo, o guerreiro de Anquises nascido,
para ficar dispensado de parte tomar na campanha
de Ílio ventosa, ficando a gozar de seus bens, pois Zeus grande
lhos concedera infinitos; morava na extensa Sicíone:
essa no jugo foi posta, de o páreo vencer impaciente.
Os corredores de pelos brilhantes aprestou, logo, Antíloco,
filho notável do velho Nestor, majestoso monarca
que de Neleu descendia. Os cavalos que o carro lhe tiram
eram da raça de Pilo. Achegou-se-lhe o pai para dar-lhe
orientação judiciosa, conquanto prudente ele fosse:
"Ainda que moço, meu filho, aprendeste de Zeus e Posido,
que te são muito afeiçoados, as regras da equestre corrida.
Não necessito, por isso, falar-te com muitas minúcias,
que em torno à meta voltear te é bem fácil. Contudo, são lerdos
teus dois cavalos, razão por que temo qualquer desventura.
Em recompensa, se os outros aurigas dispõem de parelha
mais desenvolta, a eles todos excedes em férteis recursos.
Deves, portanto, meu caro, valer-te de todos os meios
que te ditar o intelecto; a perder não me venhas o prêmio.
Na derrubada das árvores, mais vale o jeito que a força;
é a habilidade, somente, que em mar tempestuoso permite
ao timoneiro seu frágil batel conduzir com firmeza.
Com arte, assim, vence o auriga prudente os demais contendores.
O que nos seus corredores confia e no célere carro,

sem reflexão se permite dar voltas de um lado para outro;
vagam, por fim, pelo estádio, os cavalos; é inútil contê-los.
Mas quem dispõe de corcéis inferiores de tudo se vale:
firme na meta, contorna-a de perto, sem nunca esquecer-se
de, quando for necessário, afrouxar-lhes as rédeas de couro,
mas de contínuo os domina, a olhar sempre os que vão na dianteira.
Ouve um sinal de confiança, que, certo, não há de esquecer-te:
um tronco seco se eleva uma braça, ali, fora da terra,
ou de carvalho ou de pinho, que a chuva estragar não consegue,
por duas pedras mui alvas ladeado, no ponto preciso
onde se estreita o caminho, que daí para diante é mais amplo.
Provavelmente assinala o sepulcro de alguém morto há muito,
se não for marco de pista ali posto por homens de antanho.
Lá, pôs a meta o divino Pelida de pés muito rápidos.
Rente a esse tronco os cavalos e o carro habilmente dirige,
inclinação para a esquerda imprimindo no corpo, por cima
do parapeito trançado. O corcel da direita procura
estimulá-lo com gritos, soltando-lhe a rédea vistosa;
mas que o da esquerda perpasse tão perto da meta, que tenhas,
quase, a impressão de que o cubo bem-feito da roda na pedra
vai esbarrar. Mas evita, ainda mesmo de leve, tocá-la;
danificar poderias o carro e ferir os cavalos,
o que vergonha te fora e prazer aos demais causaria.
Sê, pois, prudente, meu filho, e com muita cautela procede.
Se conseguires, guiando os cavalos, passar essa meta,
não haverá quem te alcance e, ainda menos, consiga adiantar-se-te,
mesmo que Aríone, o forte cavalo de Adrasto, o levasse,
de rapidíssimo curso e de origem divina, ou os cavalos
de Laomedonte, os melhores, por certo, que em Troia se criaram.”
Pós haver dado conselhos preciosos ao filho dileto,
volta a sentar-se o Neleio Nestor entre os fortes Aquivos.

Os corredores, em quinto lugar pôs no jugo Meríones.
Todos nos carros se aprestam; as sortes são no elmo lançadas,
que o forte Aquiles agita. Primeiro a do claro Nestórida
salta, a de Antíloco; logo em seguida a de Eumelo possante;
vem em terceiro a do filho de Atreu, Menelau, chefe insigne,
a que se segue Meríones; o último a ser colocado
foi o Tidida Diomedes, de todos o mais competente.
Em seus lugares se põem; muito ao longe, no plaino, assinala-lhes
o forte Aquiles a meta final, onde pôs como guarda
o venerando Fenice, do velho Peleu companheiro,
para que tudo observasse e depois lhe contasse a verdade.
Todos a um tempo o chicote por sobre os cavalos elevam,
no dorso as rédeas lhes batem e em gritos ardentes prorrompem,
para animá-los; velozes, os brutos o plaino atravessam
das naus, depressa, afastando-se. A poeira que, então, levantavam
lhes sobe ao peito, qual nuvem escura ou procela terrível,
as crinas todas ondeando, desfeita, ao sopro do vento.
Os leves carros às vezes no solo fecundo tocavam,
outras, pulavam para o alto; no assento os aurigas se firmam,
o coração palpitante, com o fito na grata vitória.
Todos com gritos os fortes corcéis animar procuravam,
que pelo plaino se atiram, em meio de poeira infinita.
Quando os cavalos robustos no trecho final já se achavam,
em direção, novamente, das naus, revelou-se a perícia
dos condutores; velozes avançam; na frente se adiantam
as fortes éguas do herói Ferecíada, Eumelo possante;
os do Tidida Diomedes as seguem, da raça Troiana,
não distanciados, decerto; ao contrário, tão perto se achavam,
que pareciam querer para o assento subir de seu carro,
com o próprio fogo aquecendo as espáduas e o dorso de Eumelo,
visto que quase chegavam a nele encostar a cabeça.

E, porventura, o teria Diomedes passado, ou deixado
sem decisão a vitória, se Apolo, agastado contra ele,
não lhe tivesse arrancado das mãos o chicote brilhante.
Rasos de lágrimas, nadam-lhe os olhos, de dor incontida,
por ver que, mais desenvoltas, as éguas, agora, corriam,
e que os cavalos, privados de estímulo, atrás se ficavam.
Palas, entanto, percebe que Apolo frecheiro procura
embaraçar o Tidida; correndo para este, solícita,
nas mãos lhe entrega o chicote, vigor nos cavalos lhe insufla,
e, cheia de ira, se foi para o filho galhardo de Admeto
da luzidia parelha rompendo-lhe o jugo; dispersam-se
as duas éguas, saindo da estrada; o timão risca o solo;
tomba do carro o guerreiro, estirando-se ao lado da roda;
os cotovelos, a boca e os narizes lacera, e, por cima
das sobrancelhas, a fronte espaçosa; de lágrimas enchem-se-lhe
os belos olhos, ficando-lhe a voz sonorosa embargada.
Guia o Tidida os robustos cavalos, desviando-se um pouco,
e logo toma a dianteira, que Palas vigor infundira
nos corredores, a glória do triunfo para ele guardando.
O louro filho de Atreu, Menelau, vem-lhe o rastro seguindo.
Para animar os cavalos do pai, grita o forte Nestórida:
“Quanto possível, correi; esforçai-vos o mais que puderdes.
Já não vos digo que àqueles cavalos possais exceder-vos,
os corredores do claro Tidida, aos quais Palas Atena
deu ligeireza, pois guarda a vitória para o alto guerreiro:
mas alcançai, pelo menos, a bela parelha do Atrida,
pois vergonhoso seria se à meta chegasse primeiro
Era, que é fêmea, afinal. Por que causa tão lerdos, meus caros?
Ora vos quero dizer uma coisa, que vai realizar-se:
acabar-se-ão para vós do Neleio Nestor os cuidados,
que a bronze afiado vos há de privar da existência, se acaso

colocação inferior alcançarmos por vossa desídia.
Logo, esforçai-vos o mais que puderdes; correi sem descanso,
que farei tudo, também, para o Atrida passar onde a estrada
é mais estreita. Não hei de perder ocasião tão propícia.”
Isso disse ele; os cavalos, temendo as ameaças do dono,
mais velozmente algum tempo, correram. De pronto, apresenta-se
ao valoroso guerreiro o lugar onde a estrada apertava.
Feita por água de chuva que a terra, insistente, escavara,
em depressão do terreno, uma fossa profunda se via.
Aí Menelau procurava evitar qualquer choque, tenteando
seus corredores; mas, nisso, por fora da estrada o Nestórida
joga os robustos cavalos, a par colocando-se dele.
O louro Atrida, indignado, desta arte ao Nestórida increpa:
“Muito imprudente te mostras, Antíloco; os brutos refreia.
Não vês que é estreito o caminho? No largo terás franca a estrada.
A ambos, assim, prejudicas, fazendo que os carros se choquem.”
Mas, como surdo à advertência, o Nestórida os brutos excita
com mais ardor, chicoteando-os, a fim de ganharem terreno.
Quanto é de um disco o percurso que um moço, por cima dos ombros,
com galhardia, arremessa, o vigor juvenil ostentando,
tanto se adianta a parelha de Antíloco às éguas do Atrida,
que, voluntário, cessou de animá-las, receoso, em verdade,
de que na via apertada os cavalos pudessem chocar-se,
ocasionando tombarem os carros e em terra lançarem
os condutores, no afã de alcançar a tão grata vitória.
O louro Atrida, indignado, desta arte ao Nestórida increpa:
“Homem nenhum pode haver que em maldade se iguale contigo.
Vai-te, em má hora; foi erro pensarmos que de algo valias.
Mas não terás o alto prêmio, sem jura solene fazeres.”
Vira-se, então, para os seus corredores, e assim lhes fala:
“Desanimar não convém; não deixeis que vos entre o desgosto

no coração. Hão de os joelhos cansar-lhes e os pés mais depressa,
pela fadiga vencidos, que o viço da idade lhes falta.”
Isso disse ele; os cavalos, ouvindo o conselho do dono,
mais velozmente correram, ficando mais perto dos outros.
De onde se achavam sentados contemplam os chefes Aquivos
os corredores que avançam envoltos em nuvem de poeira.
Foi o primeiro a enxergar um cavalo o caudilho Cretense,
Idomeneu, que a de parte dos outros, num alto, se achava.
De um dos aurigas a voz conheceu, muito embora distante,
sobre haver visto um cavalo que à frente de todos corria:
de corpo e membros de pelos vermelhos, na fronte ostentava
marca muito alva e redonda, que a lua brilhante lembrava.
Pondo-se logo de pé, aos Argivos falou o seguinte:
“Vós, conselheiros e guias dos povos Acaios, ouvi-me.
Conhecedor de cavalos serei eu somente, ou vós todos?
Já na dianteira não se acham os mesmos cavalos; parece-me
que o condutor é, também, outro agora. Qualquer acidente
aconteceu, certo, às éguas que, adiante, no plaino, corriam.
Vi-as, primeiro, no instante em que a meta longínqua dobraram;
mas não consigo enxergá-las de novo, por mais que as procure,
por toda a extensa planície dos Teucros a vista estendendo.
Das mãos do auriga escaparam as rédeas? Não pôde ele os brutos
em torno à meta refrear, nem fazer com perícia a manobra?
Temo que ao solo haja sido atirado ao quebrar-se-lhe o carro,
e que em acesso de fúria se tenham as éguas perdido.
Mas levantai-vos, também, para ver; distinguir não consigo
mais o que passa; parece-me, entanto, que aquele da frente
é um dos caudilhos Argivos, varão prestimoso da Etólia,
o destemido Diomedes, do grande Tideu descendente.”
O velocíssimo Ajaz, descendente de Oileu, o repreende:
“Idomeneu, por que falas às tontas? As éguas velozes

em disparada na vasta planície ainda vêm na dianteira.
Dentre os Argivos guerreiros não és o mais moço, por certo,
nem se projeta de tua cabeça visão muito aguda,
pois sempre falas sem nexo. Não pode ser isso decente
diante de tantas pessoas a ti superiores sem dúvida.
Os corredores da frente ainda são os que há pouco se viam,
as fortes éguas de Eumelo, que as rédeas, galhardo, domina."
Muito indignado, lhe disse, em resposta, o caudilho Cretense:
"Mestre somente em picuinhas, Ajaz detrator, te revelas
em tudo o mais inferior aos Aquivos, por seres grosseiro.
Pois, nesse caso, uma trípode ou bela caldeira apostemos,
e como juiz fique o Atrida Agamémnone, para dizer-nos
quais os cavalos que à frente se encontram. Aprende à tua custa."
Isso disse ele; levanta-se o Oilíada cheio de cólera,
para, com termos violentos, lhe dar adequada resposta.
E, porventura, a contenda teria tomado outro aspecto,
se o próprio Aquiles não viesse apartá-los com termos suasórios:
"Idomeneu, caro Ajaz, é preciso pôr fim a esse diálogo.
Não ficam bem tais palavras, nem mesmo entre gente sem classe.
Se outros assim procedessem, vós próprios censura faríeis.
Ide sentar-vos em vossos lugares e olhai a corrida;
dentro de pouco, no anelo de o prêmio alcançar, hão de os brutos
aproximar-se de nós, quando, então, podereis, facilmente,
reconhecer qual na frente se encontra, qual vem na traseira."
Mal tinha Aquiles falado, e eis que surge o Tidida Diomedes,
sempre a vibrar do alto do ombro o chicote brilhante. Os cavalos
em disparada avançavam pelo último trecho da pista,
inumeráveis terrões a jogar no cocheiro habilíssimo,
enquanto o carro magnífico de ouro e de estanho enfeitado,
pela parelha de rápidos pés é trazido com tanta
velocidade, que apenas na poeira sutil imprimiam

as leves rodas a marca; a tal ponto corria a parelha!
Em meio à turba ao chegar, bruscamente estacou o Tidida.
Suor cai em bagas do colo e do peito dos dois corredores.
Com galhardia, então, pula Diomedes do carro brilhante
e prende ao jugo o chicote. O admirável Esténelo pronto
já se encontrava; sem perda de tempo dos prêmios se apossa,
e aos companheiros a trípode e a escrava graciosa entregando
para que à tenda as levassem, do jugo os cavalos desprende.
Chega em segundo lugar o Nestórida Antíloco; à frente
de Menelau ele viera, tão só por valer-se de astúcia.
Mas muito perto dos dele, trazia os cavalos o Atrida.
Quando da roda distante um corcel se mantém, quando o plaino
em disparada percorre, arrastando o senhor e a carruagem —
a extremidade dos pelos mais longos da cauda de leve
tocam na roda, porque mui pequena distância a separa
dos corredores velozes, que a extensa planície atravessam —
tanto o viril Menelau do Nestórida excelso distava.
A diferença, primeiro, era o espaço de um tiro de disco;
mas, graças à égua de brio sem-par de Agamémnone ilustre,
Era de crina vistosa, pudera de perto encalçá-lo.
E a superara, sem dúvida, excelsa vitória alcançando,
se ambos na pista, a correr, algum tempo ficassem ainda.
Ao louro Atrida seguia-se o claro Meríones, sócio
de Idomeneu, distanciado o que uma hasta num tiro percorre;
os seus cavalos de crinas vistosas, de fato, eram lerdos,
sobre ser ele pouco hábil em guiar a parelha na pista.
Chega por último o filho preclaro de Admeto, que, triste,
o belo carro arrastava, tocando na frente os cavalos.
Vendo-o, o divino Pelida de rápidos pés apiedou-se,
e, para os fortes Acaios virando-se, disse o seguinte:
“Vede! o melhor dos aurigas por último e a pé vem chegando.

Como de toda justiça, convém dar-lhe o prêmio segundo,
tocando ao filho do claro Tideu o penhor da vitória.”
À sugestão se mostraram concordes os chefes Aquivos.
E conferido lhe fora, portanto, o vistoso cavalo.
a não ter sido o protesto de Antíloco, o claro Nestórida,
que para Aquiles avança com o fim de impetrar-lhe justiça:
“Nunca hei de, Aquiles, perdoar-te, acaso, em ação transformares
essas palavras, que implicam perder eu o prêmio devido,
só por achares que Eumelo, com ser valoroso cocheiro,
deve a um desastre ficar sem cavalos nem carro. Rogasse
aos imortais e, por certo, teria evitado ser o último.
Se compassivo a esse ponto te mostras, por ser-te afeiçoado,
tens ouro e bronze bastante na tenda, robustos cavalos,
infinidade de ovelhas e escravas de baixa cintura.
Dessas riquezas, mais rico presente dar-lhe-ás quando o queiras,
ou neste instante ou depois, que hão de, certo, aplaudir-te os Aquivos.
Mas o animal não lhe cedo; se alguém desejar possuí-lo,
há de, primeiro, medir-se comigo e dos braços tirar-mo.”
Rindo-se, Aquiles de rápidos pés o protesto escutou-lhe,
compadecido de Antíloco, a quem afeição dedicava,
para o qual, logo, se vira, dizendo as palavras aladas:
“Vou realizar-te o desejo, Nestórida ilustre, mandando
de minha tenda trazer para Eumelo um presente magnífico.
Dou-lhe a couraça de bronze, que eu próprio tomei, em combate,
a Asteropeu, de orla ornada de estanho de brilho sem jaça.
Penso que ele há de apreciar, em seu justo valor, o presente.”
A Automedonte, o consócio dileto, instruções deu precisas
para ir à tenda buscá-la, ao que, presto, o guerreiro obedece.
Nas mãos de Eumelo a depõe, que, radiante, o presente recebe.
Alça-se, então, Menelau, demonstrando nos traços a cólera
que contra Antíloco o peito lhe incende. Nas mãos dá-lhe o cetro

um dos arautos prestantes, que a todos impetra silêncio,
pondo-se, então, a falar o guerreiro que um deus parecia:
“Não confirmaste, Nestórida, o nome de herói justo e sábio;
envergonhaste-me a fama e na estrada os meus claros cavalos
atrapalhaste, passando com os teus, que lhe são inferiores.
Vós, conselheiros e chefes dos fortes Aquivos, julgai-nos
imparcialmente a questão, sem mostrar preferência nenhuma,
para que os fortes Acaios não possam dizer em futuro
que Menelau por malícia tomou do Nestórida o prêmio,
a égua vistosa, e que, embora possuísse corcéis menos ágeis,
pôde vencer um guerreiro que em força e vigor o excedia.
Eu mesmo, aliás, vou julgar a questão, sem temer que me façam
os fortes Dânaos qualquer objeção, pois presumo ser justo.
Vamos, Antíloco, aluno de Zeus, aproxima-te e faze
como é de praxe: ante o carro e os cavalos te põe, segurando
na mão direita o chicote flexível que há pouco vibravas,
e, nos cavalos tocando, pelo alto Posido nos jura
que involuntário e sem dolo aos corcéis me trancaste o caminho.”
Disse-lhe Antíloco, o herói prudentíssimo, então, em resposta:
“Condescendência te peço, pois muito nos anos te cedo,
rei Menelau; és mais velho do que eu e bem mais valoroso.
Certo conheceres os moços e quão facilmente se excedem,
por serem de ânimo vivo, mas faltos do justo equilíbrio.
Sê, pois, paciente comigo; dar-te-ei, voluntário, o meu prêmio,
a égua vistosa. Ainda mais: se de quanto possuo quiseres
algo exigir-me, sem mores delongas, declaro-o, prefiro
a teu pedido ceder, caro aluno de Zeus, a saber-me
de teu afeto banido e perjuro ante os deuses eternos.”
Pós ter falado, a égua o filho do claro Nestor com presteza
nas mãos entrega do Atrida, cuja alma exultante se mostra.
Tal como o trigo que o orvalho umedece no tempo em que as searas

crescem viçosas e o campo se torna eriçado de espigas:
o coração, Menelau, deste modo, no seio te exulta.
Pondo-se, então, a falar, as aladas palavras profere:
“De mui bom grado, Nestórida, apraz-me ceder-te, fazendo
minha requesta cessar, pois que nunca leviano ou assomado
te revelaste; a razão te nublou hoje a idade, somente.
Os que te são superiores evita enganar, em futuro.
Não poderia nenhum outro Aqueu persuadir-me assim fácil;
mas considero que muitos trabalhos por mim suportaste,
junto do pai venerando e do irmão; sim, fadigas sem conta.
Cedo, por isso, à tua súplica; e, embora me outorgue o alto prêmio,
a égua te cedo. Assim aqui ficarão conhecendo
que coração implacável não tenho nem mesmo soberbo.”
Tendo-se assim expressado, a um dos sócios de Antíloco, Noémone,
a égua entregou, para si o caldeirão reluzente apartando.
O quarto prêmio a Meríones cabe, os dois áureos talentos,
que esse lugar obtivera; restava sem dono a uma de asas,
prêmio do quinto campeão; deu-a Aquiles ao velho Nelida,
que se encontrava entre os Dânaos; e ao dar-lhe, lhe disse o seguinte:
“Toma, Nestor venerando; conserva este prêmio valioso,
como lembrança do enterro de Pátroclo, e nunca mais hás de
entre os Aquivos revê-lo. Concedo-te, pois, este prêmio,
sem que o dispute; é teu; pois não podes entrar nos certames
do pugilato e da luta, dos dardos e, assim, da carreira,
pois a velhice inamável te agrava, excessiva, a postura.”
Ao receber o alto prêmio, o Neleio exultante se mostra,
e, principiando a falar, as palavras aladas profere:
“Quanto disseste, meu filho, é de acordo com a estrita verdade;
falham-me os membros, os pés ligeireza não mais se consentem,
nem as mãos tardas se movem, como antes, nas largas espáduas.
Se remoçado me visse e com todo o vigor, como quando

à sepultura, em Buprásio, fizeram baixar os Epeios
a Amarinceu, instituindo seus filhos os prêmios dos jogos!
Nenhum dos fortes Epeios, então, conseguiu igualar-se-me,
nem os de Pilo arenosa, nem mesmo os Etólios magnânimos.
De Énopo o filho, no cesto venci, o viril Clitomedes;
na luta a Anceu, de Pleurona, que ousou medir forças comigo;
Íficlo, o célere, foi na carreira por mim derrotado;
a Polidoro e a Fileu superei no jogar a hasta longa.
Só na corrida de carro puderam vencer-me os Actóridas.
Porque eram dois, conseguiram passar-me, esforçando-se o máximo,
pois desejosos estavam de obter os troféus mais valiosos.
Eram dois gêmeos; um deles somente da rédea cuidava,
com pulso firme, enquanto o outro vibrava o chicote brilhante.
Esse fui eu noutro tempo; ora cumpre deixar para os moços
gestas e glórias como essas, curvando-se à triste velhice
quem tantos louros colheu entre tantos heróis prestantíssimos.
Mas continua com os jogos em honra do sócio dileto.
Esta lembrança de bom coração, e exultante, a recebo,
pois testemunha a afeição que me votas e que não te esquece
a referência a que tenho direito no exército Aquivo.
Que em recompensa os eternos te deem quanto no íntimo almejas.”
Pós ter Aquiles ouvido até o fim do Nelida os encômios,
volta a cortar pela turba dos fortes guerreiros Argivos.
Do pugilato terrível os prêmios valiosos ostende:
mula de quase seis anos, difícil de ser amansada,
mas resistente e perfeita, amarrou do recinto no meio,
para o que viesse a perder, dupla taça mui bela destina.
Posto de pé, para os fortes Aquivos, então, se dirige:
“Filho de Atreu, e vós outros, Acaios de grevas bem-feitas,
dois dos mais fortes varões invitemos, agora, a que venham
por estes prêmios, lutar a pugilos. Quem for por Apolo

fornecido, uma vez que os Aqueus vitorioso o proclamem,
o resistente animal para a tenda, exultante, conduza;
a dupla copa há de ter quem ficar no certame vencido.”
A essas palavras levanta-se Epeio alto e forte, nascido
de Panopeu, que, no cesto, entre todos, campeava inconteste,
o qual da mula vistosa tomando, prorrompe confiante:
“Venha o que deve ficar com a copa de bela feitura,
pois não presumo que algum dos Aquivos pretenda levar-me
o resistente animal, que no cesto a ninguém cedo a palma.
Não é bastante dever confessar-me inferior nos combates?
Fora impossível brilhar por igual nos variados certames.
Ora pretendo dizer uma coisa que vai realizar-se:
vou moer-lhe, fácil, os ossos, deixar-lhe pisados os membros;
que os companheiros fiéis venham logo postar-se-lhe à volta,
para levá-lo, depois que ficar por meu punho prostrado.”
Isso disse ele; os presentes o ouviam calados e quedos.
Alça-se apenas Eurílalo, o herói de presença divina,
de Mecisteu descendente, o famoso e viril Talaiônida,
que certa vez foi a Tebas e a todos os filhos de Cadmo
nos jogos fúnebres de Édipo audaz e glorioso vencera.
Por almejar-lhe a vitória, Diomedes, lanceiro famoso,
com animosas palavras o brio nativo lhe exalta.
Passa-lhe o cinto, primeiro, provendo-o, depois, das correias
dos duros guantes, tiradas do couro de um boi das campinas.
Prontos os cintos, os dois contendores ingressam na liça;
em frente pondo-se um do outro, levantam os braços possantes,
e entrelaçando as mãos fortes, desferem-se golpes contínuos.
Os dentes rangem por modo terrível; de todos os membros
suor abundante destila. Eis que Epeio divino acomete
o contendor, que o marcava, atingindo-lhe o queixo: falsearam-lhe
os fortes membros, não mais conseguindo de pé conservar-se.

Como encrespando-se as ondas ao sopro de Bóreas, um peixe
pula entre as algas da praia, e o mar negro, de novo, o recolhe:
salta, desta arte, o ferido; mas logo o magnânimo Epeio
com braço rijo o levanta, entregando-o aos consócios solícitos,
que do recinto o retiram; os pés a arrastar no chão duro,
ei-lo a cuspir sangue vivo, pendendo-lhe ao lado a cabeça.
Em meio aos seus o fizeram sentar, dos sentidos privado,
e a dupla copa tomando, zeloso, ao lado lhe põem.
Para o terceiro certame o Pelida propôs novos prêmios,
que mostra aos Dânaos guerreiros, a luta penosa anunciando.
Ao vencedor oferece uma trípode, ao fogo adaptável,
em doze bois avaliada por todos os chefes presentes;
para o que fosse vencido, apresenta uma escrava donosa,
em quatro bois avaliada e entendida em trabalhos de preço.
Alevantado, aos Aqueus valorosos, então, se dirige:
"Quem desejar nesta luta mostrar o valor, apresente-se."
A essas palavras alteia-se Ajaz Telamônio o gigante,
pelo astucioso Odisseu secundado, fecundo em recursos.
Postos os cintos, os dois contendores ingressam na liça.
Os alentados guerreiros com braços robustos se enlaçam,
tal como vigas possantes que no alto da casa traveja
hábil artífice, amparo eficaz contra a força dos ventos.
Sob a pressão continuada e violenta dos braços, os dorsos
dos contendores estralam, banhados de suor abundante.
Roxas de sangue, equimoses extensas nos ombros se formam,
como nas costas; mas ambos prosseguem na luta, indefesos,
de conquistar desejosos a trípode ao fogo adaptável.
Nem conseguia Odisseu levantar o adversário e prostrá-lo,
nem este àquele, de força pasmosa nos membros dotado.
Quando impacientes já estavam os fortes Acaios grevados,
o grande Ajaz Telamônio as seguintes palavras profere:

“Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
ou me levanta ou a ti faça eu o mesmo, que a Zeus cumpre o resto.”
Pós ter falado, o soleva: da astúcia Odisseu não se esquece:
a perna prende de Ajaz com a sua na altura do joelho,
e o faz cair ressupino, enquanto ele por cima lhe fica.
A multidão circunstante admirava o espetác’lo, perplexa.
Por sua vez o divino Odisseu tenta erguer o adversário,
sem que o pudesse fazer, conseguindo somente abalá-lo.
Mas logo os joelhos lhe dobram; ao solo, de novo, caíram
juntos um do outro, enlaçados, ficando cobertos de poeira.
E, porventura, de pé novamente, outra vez lutariam,
se não houvesse interposto o Pelida, que aos dois se dirige:
“Basta de tanto apertarde-vos, dores tão fortes causando-vos;
de ambos é a grande vitória; iguais prêmios por certo vou dar-vos
ora deixai franca a liça para outros Aqueus contenderem.”
Obedeceram-lhe logo ao conselho os dois fortes guerreiros,
e, das escórias limpando-se, as belas camisas envergam.
Para a carreira veloz traz os prêmios, depois, o Pelida:
uma cratera de prata lavrada, trabalho finíssimo,
de seis medidas, que a todas as outras da terra excedia;
dos afamados peritos Sidônios era obra de preço.
Por traficantes Fenícios trazida, no porto a expuseram
por algum tempo, até ser ofertada ao magnânimo Toante.
Mais tarde a Pátroclo Euneu a entregou, de Jasão descendente,
para resgate do belo Licáone, filho de Príamo.
Ora o Pelida a oferece em memória do amigo dileto,
para o que mais velozmente corresse na justa a iniciar-se;
um boi soberbo o que viesse em segundo lugar obteria;
meio talento, só, de ouro, para o último, alfim, apresenta.
Alevantado, aos Aqueus valorosos, então, se dirige:
“Que se apresentem os que hão de extremar-se no rápido curso.”

O velocíssimo Ajaz, descendente de Oileu, se levanta,
mais o astucioso e divino Odisseu, e, por último, Antíloco,
filho do velho Nestor, o primeiro entre os moços Aquivos.
Postos em fila, por ordem, Aquiles a meta lhes mostra.
Logo a carreira iniciam, tomando a dianteira o ligeiro
filho de Oileu; secundava-o o divino Odisseu Laercíada.
Quanto distante do seio de velha mulher se conserva
a lançadeira, quando ela, habilmente, a maneja, passando-a
pela urdidura, de um lado para o outro, mui perto do seio,
tanto Odisseu das pegadas de Ajaz distanciado corria,
nelas pisando antes mesmo que a poeira agitada as cobrisse.
Tão perto, sempre, no encalço do Oilíada o herói se conserva,
que o hálito a nuca de Ajaz alcançava; os Aquivos, em gritos,
mais, ainda, o brio espicaçam do herói desejoso de glória.
Mas, quando próximo estava da parte final da carreira,
à de olhos glaucos, Atena, Odisseu do imo eleva uma súplica:
“Ouve-me, deusa, e auxilia-me; aos pés ligeireza me empresta!”
A fervorosa oração foi ouvida por Palas Atena;
leves lhe torna ela os membros, os braços e as pernas robustas.
E quando estavam no ponto de o prêmio alcançar cobiçado,
o ágil Ajaz, a correr, escorrega — trabalho de Atena —
no liso chão, onde esterco se via dos bois mugidores
que o divo Aquiles em honra do amigo dileto imolara:
ficam de estrume emboldreados a boca e o nariz do guerreiro.
Ganha a cratera o divino e sofrido Odisseu, porque tinha
sido o primeiro a chegar; leva Ajaz o boi forte dos campos.
Pondo-se junto do boi das campinas, do chifre lhe aferra,
e a cuspinhar a espurcícia, aos valentes Aqueus se dirige:
“A escorregar obrigou-me, sem dúvida, a mesma deidade
que, como mãe carinhosa, a Odisseu sempre ampara e auxilia.”
Com gargalhada do gozo respondem-lhe os caros consócios.

Toma o Nestórida Antíloco o prêmio de menos valia,
e, procurando sorrir, aos que o cercam de pronto acentua:
“Ainda que seja de todos sabido, meus caros, vos digo
que aos mais idosos os deuses costumam mostrar preferência.
O velocíssimo Ajaz é mais velho do que eu poucos anos,
mas à anterior geração Odisseu valoroso pertence.
Velho ainda fresco lhe chamo; a qualquer dos Acaios seria
muito difícil vencê-lo, a não ser o divino Pelida.”
O ínclito Aquiles, de rápidos pés, se alegrou sobremodo
com o elogio, e, em resposta, lhe disse as palavras aladas:
“Tuas palavras, Nestórida, não ficarão sem proveito,
pois de crescença terás, como prêmio, outro meio talento.”
O áureo talento lhe entrega; exultante, o guerreiro o recebe.
Traz, em seguida, o Pelida uma lança de sombra comprida,
um arco belo e um escudo, e no meio da liça os coloca
armas que Pátroclo havia a Sarpédone exímio tomado.
Alevantado, aos Aqueus valorosos, então, se dirige:
“Ora convido dois fortes guerreiros, dos mais destemidos,
devidamente arnesados e armados de bronze cortante,
a exp’rimentarem as forças à vista de todos os Dânaos.
O que em primeiro lugar conseguir vulnerar a epiderme
do opositor, através da couraça até o sangue anegrado,
receberá como prêmio esta espada de cravos de prata
de Asteropeu, conquistada por mim: é trabalho da Trácia.
Os dois campeões ficarão com as armas do claro Sarpédone,
e em minha tenda hão de ter, hoje mesmo, um banquete magnífico.”
A essas palavras eleva-se Ajaz Telamônio, o gigante,
e, logo após, o Tidida Diomedes, de forte estatura.
Quando os aprestos concluíram, cada um do seu lado, avançaram
cheios de ardor para o meio do campo os dois fortes guerreiros,
ambos com aspecto terrível; de todos o espanto se apossa.

Logo que os dois combatentes em frente se acharam um do outro,
arremeteram três vezes, tentando de perto ferir-se.
O Telamônio consegue furar a rodela do imigo,
sem que a epiderme lhe atinja, que a forte couraça o protege.
Busca o Tidida, também, com a ponta da lança luzente
por sobre o escudo redondo o pescoço atingir do guerreiro,
o que os Aquivos, cuidosos da vida de Ajaz, leva logo
a suspender o combate, iguais prêmios aos dois conferindo.
Mas o Pelida a Diomedes entrega a magnífica espada,
o telamão bem-lavrado e a bainha de bela feitura.
Globo grosseiro de ferro, depois, o Pelida apresenta;
com ele Eecião costumava do grande vigor dar a prova.
Mas, quando Aquiles, de rápidos pés, o privou da existência,
para os navios mandou que o levassem, entre outras riquezas.
Alevantado, aos Aqueus valorosos, então, se dirige:
"Que se apresentem, agora, os que a prova tentar desejarem.
Para cinco anos terá provisão suficiente de ferro
quem conquistar este globo; e se longe seus campos ficarem,
nunca há de ferro faltar-lhe, sem ver-se obrigado a incumbência
dar a um dos homens, colono ou pastor, de à cidade ir comprá-lo."
O varonil Polipetes, de pronto, a estas vozes se eleva,
logo seguido do forte Leonteu, semelhante a um dos deuses,
do Telamônio membrudo e de Epeio de origem divina.
Em fila todos se põem; voltear tenta Epeio divino
o globo férreo, o que a todos os Dânaos o riso provoca.
De Ares rebento, Leonteu, em segundo lugar o arremessa;
o grande Ajaz Telamônio, em terceiro lugar, do possante
braço o dispara, fazendo-o passar os sinais anteriores.
Mas o viril Polipetes, tomando do globo de ferro,
tão longe o atira quanto o hábil pastor, quando o laço dispara
e a revoltões o distende por cima da bela manada:

os circunstantes, dessa arte, ultrapassa, os quais, a uma, o aplaudiram.
Os companheiros do herói Polipetes, então adiantando-se,
para os navios recurvos o prêmio do rei carregaram.
Ferro violáceo, depois, o Pelida aos archeiros promete,
dez machadinhas de um corte e outras tantas bipenes brilhantes.
Manda, em seguida, que um mastro de nave anegrada se firme
longe, na areia, no topo do qual uma tímida pomba
ata a um cordel, por um pé, concitando os Aqueus a provarem
a pontaria: “Quem quer que a ferir chegue a tímida pomba,
pode levar para casa as bipenes de bela feitura;
quem no cordel, simplesmente, acertar, da ave o tiro falhando,
as machadinhas carregue, por ser menos hábil frecheiro.”
A essas palavras levanta-se a força de Teucro possante,
bem como o claro Meríones, sócio do chefe Cretense.
Postas as sortes num elmo de bronze, e agitando-o o Pelida,
salta a de Teucro em primeiro lugar. O guerreiro dispara
com decisão varonil, sem primeiro fazer a promessa
a Febo Apolo de tenros cordeiros no altar imolar-lhe.
O alvo, por isso, ambiciado falhou, que o frecheiro lho impede,
só conseguindo atingir o cordel junto ao pé da avezinha.
Foi seccionado o cordel pelo corte da seta amargosa.
Cai para o solo a porção do cordel presa ao mastro, librando-se
no éter a tímida pomba; os Acaios a rir dispararam.
Das mãos do Teucro Meríones o arco arrancou, apressado,
pois de antemão uma seta aprestara, enquanto ele atirava,
e a Febo Apolo, o frecheiro, promete, sem perda de tempo,
uma hecatombe de tenras ovelhas no altar imolar-lhe.
No alto, entre as nuvens, percebe a voltear a medrosa pombinha;
numa das voltas a atinge, no peito, sob a asa, acertando-lhe;
a flecha o corpo lhe passa, e, na volta do tiro certeiro,
se vem fincar ante os pés de Meríones. A ave, primeiro

pousa no topo do mastro da nave de proa anegrada,
deixa tombar a cabeça, estirando, sem força, as asas,
e, quando o espírito, rápido, os membros, por fim, lhe abandona,
longe do mastro caiu. Todos ficam tomados de espanto.
As dez bipenes Meríones, presto, levanta da arena;
as machadinhas mandou Teucro exímio levar para as naves.
Trouxe, depois, o Pelida uma lança de sombra comprida
e um caldeirão da valia de um boi, não usado e florido.
Os jogadores de dardo adiantam-se, então, para o centro,
o nobre filho de Atreu, Agamémnone, rei poderoso,
bem como o claro Meríones, sócio do chefe Cretense.
O divo Aquiles de rápidos pés deste modo lhe fala:
“Todos sabemos, Atrida, quanto és superior a nós outros,
em força bruta não só, mas também no arrojar a hasta longa.
Fica, por isso, com esta lembrança e a teu barco retorna,
que do valente Meríones há de ser a hasta de bronze
se me aceitares a ideia; eu, de mim, simplesmente a sugiro.”
De mui bom grado concorda Agamémnone, rei poderoso,
a hasta a Meríones forte cedendo. Ao arauto Taltíbio,
o próprio herói fez entrega do prêmio de grande beleza.

CANTO XXIV

O RESGATE DE HEITOR

“Aquiles, ainda muito triste com a morte do amigo, ultraja o corpo de Heitor todo dia, dando três voltas ao redor do túmulo de Pátroclo. Os deuses, principalmente Apolo, se indignam com tamanho ultraje e pedem a Zeus que o faça parar. Zeus, então, envia Tétis para acalmar Aquiles e Íris para dizer a Príamo que pague um resgate pelo corpo do seu filho. Príamo concorda e é conduzido por Hermes até a tenda de Aquiles, que o recebe muito bem, aceitando os presentes e devolvendo o corpo de Heitor. Aquiles concede onze dias de luto pela morte de Heitor. Tristeza das mulheres de Troia, Hécuba, Andrômaca e Helena. É feita uma fogueira no túmulo de Heitor.”

Findos os jogos, dispersam-se todos; os Dânaos guerreiros,
às suas naus recolhidos, cuidavam somente da ceia
e de ao repouso entregar-se. O Pelida, no entanto, chorava
o companheiro dileto, a virar-se de um lado para o outro,
sem pelo sono, que a todos domina, sentir-se vencido.
Lembra-lhe a força de Pátroclo, a ingente e provada coragem,
bem como os duros trabalhos que juntos haviam sofrido
nas cruas guerras dos homens e, assim, sobre as ondas revoltas.
Essas visões o levavam a pranto verter amaríssimo,

sem posição permanente encontrar: já de um lado, já de outro,
ou ressupino, ou de borco se deita. Por fim, levantando-se,
anda ao comprido na praia do mar. Porém logo que a Aurora
via raiar, refletindo-se na água e na areia nitente,
ao jugo atava os cavalos velozes, de origem divina,
atrás do carro o cadáver desnudo de Heitor amarrando.
E, após o corpo arrastar por três vezes à volta do túmulo
do ínclito Pátroclo, à tenda voltava a acolher-se, deixando-o
na branca areia, de bruços. Mas Febo, do herói apiedado,
ainda depois de sua morte, o cadáver ampara de todas
as ocasiões de estragar-se, cobrindo-o com a égide de ouro
para que no ato de ser arrastado não viesse a ferir-se.
Ao divo Heitor o Pelida, em sua fúria, desta arte, ultrajava.
Compadecidos, os deuses do Olimpo, à visão desse quadro,
a Hermes luzente pediram que fosse roubar o cadáver.
Todos concordes à ideia se mostram, exceto Hera augusta,
o abalador poderoso e a donzela de Zeus de olhos glaucos,
que continuavam como antes, a odiar Ílio sacra, o monarca
Príamo e o povo Troiano, por causa da ofensa de Páris,
que deu preferência, entre as deusas, na sua cabana,
à que promessa lhe fez, justamente, da infausta luxúria.
Quando a dozena manhã no horizonte raiou matutina,
para os eternos Apolo se vira e lhes diz o seguinte:
“Sois todos cruéis, destrutores eternos! Heitor, por acaso,
nunca vos fez sacrifícios de bois e de ovelhas vistosas?
E ora não tendes coragem, sequer, de salvar-lhe o cadáver,
para que a esposa o contemple, a mãe nobre e o
filhinho ainda infante, bem como Príamo e o povo Troiano, que logo
à fogueira o entregariam, prestando-lhe as honras funéreas devidas?
Ao invés disso, ao funesto Pelida amparais, tão somente,
tão destituído de humano sentir, sem razoáveis propósitos

no coração abrigar, como o leão, cujo instinto selvagem,
à força ingente associada e à indomável coragem, o leva
a devastar os rebanhos dos homens a fim de saciar-se.
Toda a piedade falece ao Pelida, falece-lhe o senso
da reverência, que é fonte de males e bens para os homens.
A todo instante acontece a mais íntima pena sofrer-se,
ao ver-se alguém pela morte privado de irmão ou de filho,
mas, afinal, tudo acaba: os lamentos, o choro sentido,
que coração resignado aos humanos as Moiras cederam.
Este, porém, pós a vida de Heitor extinguir, arrastado
ao derredor do sepulcro do amigo os cavalos o levam,
sem que esse ultraje indecente lhe traga nenhuma vantagem.
Guarde-se o herói, por maior que ele seja, dos deuses do Olimpo,
pois contra terra insensível, apenas, a fúria exercita.”
Hera, de cândidos braços, lhe disse, irritada, o seguinte:
“Pelo que vejo, frecheiro brilhante, com tuas palavras
queres que a Aquiles e Heitor iguais honras lhes sejam prestadas?
Amamentado por leite de simples mortal foi Heitor;
mas o alto Aquiles é filho de deusa imortal, que nutrida
foi e educada por mim, e a Peleu, como cônjuge, entregue,
o valoroso guerreiro que tanto os eternos prezavam.
Fostes presentes às núpcias, ó deuses! Entre eles te achavas
com tua lira também, sempre pérfido e mau companheiro.”
Zeus poderoso, que as nuvens cumula, lhe disse, em resposta:
“Hera, não fiques, assim, agastada, irritada com os deuses.
Certo, o Pelida mais honras merece que Heitor; porém este
era de todos os homens de Troia o mais caro aos eternos,
bem como a mim, pois que gratas ofertas me fez com frequência.
Em meus altares jamais seus condignos dons escassearam,
nem libações, nem perfumes, as honras, em suma, devidas.
Mas desistamos de o corpo roubar do impecável Troiano;

fora impossível fazê-lo às ocultas de Aquiles, que nunca
de lado dele a mãe sai, consolando-o de dia e de noite.
É preferível que a Tétis um deus vá chamar para ouvir-me
um ponderável conselho que leve a aceitar o Pelida
ricos presentes de Príamo, o corpo do filho entregando-lhe."
Íris, a deusa de pés de procela, sem mais, entre Samos
e Imbro rochosa nas ondas inquietas e escuras se atira
para levar o recado, fazendo gemer o mar fundo.
Cala no mar sonoro da mesma maneira que o chumbo
preso na ponta de um chifre de touro selvagem, que baixa
para levar aos peixinhos incautos a Morte enganosa.
Em uma gruta profunda achou Tétis rodeada de muitas
outras deidades marinhas, no meio das quais o destino
do filho amado chorava, o impecável herói que devia
longe da pátria morrer, nas planícies de Troia fecunda,
Íris, a deusa de rápidos pés, deste modo lhe fala:
"Tétis, levanta-te; Zeus poderoso deseja falar-te."
Disse-lhe a deusa de pés argentinos, então, em resposta:
"Por que motivo me chama Zeus máximo? Tenho vergonha
de aparecer ante as outras deidades, pois sofro em excesso.
Mas, ainda assim, compareço, que vão não será seu desejo."
Pós ter a deusa falado, depressa num manto se envolve,
de cor azul — mais escuro indumento não fora possível —
e, Íris à frente, de rápidos pés, se pôs logo em caminho.
Abrem-se as ondas do mar sonoroso ante as duas deidades.
Ao alcançarem o linde rochoso, para o alto subiram
e logo a Zeus poderoso encontraram, cercado por todos
os outros deuses beatos de eterna existência. Assentou-se
Tétis ao lado de Zeus, no lugar por Atena cedido.
Com expressões de carinho Hera augusta nas mãos uma copa
de ouro lhe entrega, que a deusa, depois de beber, lhe devolve.

O pai dos homens e deuses lhe disse as palavras aladas:
"Tétis divina, subiste até o Olimpo, apesar de angustiar-te
o coração indizível tristeza; sei tudo o que passa.
Mas, ainda assim, o motivo por que te chamei vou dizer-te:
Há nove dias os deuses discordes se encontram por causa
do ínclito Aquiles Pelida e do corpo de Heitor valoroso.
A Hermes luzente pediram que fosse roubar o cadáver;
mas defraudar não pretendo dessa honra o incansável Aquiles,
que teu respeito e amizade não quero perder no futuro.
Rapidamente ao exército baixa e teu filho aconselha.
Mostra-lhe quanto se encontram os deuses com ele agastados,
e eu mais que todos, por ser implacável, e junto das naves
ter o cadáver de Heitor, sem querer aceitar-lhe o resgate.
Vê se de alguma maneira me acata e o cadáver entrega,
Íris veloz mandarei com recado ao magnânimo Príamo,
para remir o cadáver do filho nas naves Acaias,
dádivas grandes levando, que o peito de Aquiles alegrem."
Tétis, de pés argentinos, de pronto lhe acata o conselho;
célere baixa, passando por cima dos cumes do Olimpo,
junto da tenda de Aquiles parando; ali foi encontrá-lo
a suspirar fundamente no meio dos caros consócios
que azafamados se achavam, nos gratos aprestos do almoço,
para o que haviam na tenda uma ovelha vistosa imolado.
Senta-se a mãe venerável bem junto do filho dileto,
e, pela mão o tomando, lhe diz as palavras aladas:
"Filho, até quando hás de, em meio de tantos suspiros e lágrimas,
o coração consumir, tão jejuno a esse ponto e tão vígil?
Grato proveito tiraras, se a amante afetuosa te unisses.
Não tens, também, muito tempo de vida, que já se aproxima
de ti o Fado implacável e a sombra da lívida Morte.
Ora me escuta, que venho da parte de Zeus com mensagem.

Diz o Tonante que se acham contigo irritados os deuses
e ele ainda mais do que os outros, por seres assim obstinado
e junto às naus o cadáver desnudo de Heitor conservares.
Vamos, entrega o cadáver e aceita resgate condigno.”
Disse-lhe Aquiles de rápidos pés, em resposta, o seguinte:
“Seja! Há de o corpo levar quem trouxer o resgate condigno,
se o próprio Olímpio se mostra bondoso e tal ordem me envia.”
A mãe e o filho, desta arte, se deixam ficar junto às naves
dos combatentes Argivos, trocando palavras aladas.
A Íris, entanto, Zeus grande apressou para Troia sagrada:
“Íris veloz, abandona depressa a alta sede do Olimpo,
e, pós a Troia chegares, exorta o magnânimo Príamo
a ir o cadáver do filho remir nos navios Acaios,
dádivas grandes levando, que o peito de Aquiles alegrem.
Que vá sozinho, porém, sem nenhum dos guerreiros Troianos;
leve somente um arauto bem velho, que possa guiar-lhe
os fortes mulos e o carro bem-feito e que o corpo do filho
morto pelo alto Pelida para Ílio, de novo, carregue.
Que nenhum medo da morte ou, sequer, de mau trato o preocupe,
pois lhe daremos o próprio Argicida por guia, o qual há de
acompanhá-lo até perto encontrar-se de Aquiles divino.
Dentro da tenda não só nenhum mal lhe fará o Pelida,
como há de opor-se a que os Dânaos alguma violência pratiquem,
pois imprudente não é, nem perverso ou de senso privado,
e há de acolher com justiça devida a quem for suplicar-lhe.”
Íris, a deusa de pés de procela, baixou do alto Olimpo,
chega à morada de Príamo, achando-a em lamentos imersa.
No pátio os filhos encontra do velho monarca, banhando
as belas vestes em lágrimas, todos à volta do velho.
Este, no manto envolvido, calado se achava, deixando
ver na cabeça e no tenro pescoço resquícios de esterco

que, a revolver-se no solo, ele próprio no corpo esfregara.
As belas filhas e as noras choravam por todo o palácio,
pela memória abaladas dos grandes e estrênuos guerreiros,
que dos Aquivos às mãos a existência ora haviam perdido.
A mensageira de Zeus, achegando-se a Príamo, fala-lhe
quase em sussurro, o que aos membros lhe infunde tremor incontido:
"Ânimo, filho de Dárdano, cumpre banir todo o medo,
não vim à tua presença anunciar nenhuma outra desgraça,
mas de teu bem cuidadosa, pois núncia de Zeus sou agora,
que compassivo e zeloso se mostra, conquanto distante.
Manda-te o Olímpio que vás resgatar o cadáver de Heitor,
dádivas grandes levando, que o peito de Aquiles alegrem.
Que vás sozinho, porém, sem nenhum dos guerreiros Troianos;
leva somente um arauto bem velho, e que o corpo do filho
morto pelo alto Pelida para Ílio, de novo, te traga.
Que nenhum medo da morte ou, sequer, de mau trato, te aflija,
pois o Argicida brilhante dar-te-á como guia, que te há de
acompanhar até perto ficares de Aquiles divino.
Dentro da tenda não só nenhum mal te fará o Pelida,
como há de opor-se a que os Dânaos alguma violência pratiquem,
pois imprudente não é, nem perverso, ou de senso privado,
e há de acolher com justiça devida a quem for suplicar-lhe."
Íris, a deusa veloz, pós falar, retornou para o Olimpo.
Príamo aos filhos ordena que um carro de mulos aprontem
e que sobre ele, amarrada, uma cesta bem grande disponham.
Mas ele próprio baixou, em seguida, até a câmara odora,
alta e de cedro, na qual abundantes riquezas possuía.
A Hécabe, a esposa, chamando, lhe diz as palavras aladas:
"Pobre mulher, ordenou-me da parte de Zeus núncio Olímpio
que fosse às naus dos Acaios remir o cadáver do filho,
dádivas grandes levando, que o peito de Aquiles alegrem.

Ora me fala sincera: que tal te parece tudo isso?
Resolução arrojada ora sinto abalar-me o imo peito
de ir aos navios recurvos e ao campo dos próprios Aquivos.”
Grita, espantada, a consorte, dizendo-lhe, então, em resposta:
“Pobre de mim! Onde o siso deixaste que tanto os estranhos
como teus próprios vassalos outrora soíam louvar-te?
Como pretendes ir só aos navios dos fortes Aquivos
e apresentar-te ante os olhos do monstro fautor do extermínio
de tantos filhos valentes? Tens férreas entranhas, decerto.
Se lhe caíres às mãos e ante os olhos, com vida, enxergar-te,
pérfido e cruel como ele é, não terá compaixão de teu fado,
nem reverente há de ser. Lastimemos o filho querido
em nossa casa, que a Moira terrível, ao seu nascimento,
lhe fiou destino cruel, ao ser ele por mim dado ao mundo,
o de saciar cães velozes distante dos pais amantíssimos,
junto desse homem perverso e violento. Pudeste enterrar-lhe
em pleno fígado os dentes em paga de quantos ultrajes
fez ao meu filho querido! Este a vida perdeu sem desdouro,
mas sempre firme, em defesa dos Teucros e suas esposas,
sem que nenhum pensamento abrigasse de medo ou de fuga.”
O velho Príamo, aos deuses semelho, lhe disse, em resposta:
“Não te anteponhas ao que hei assentado, nem de ave agoureira
queiras servir em meus paços, pois não poderás convencer-me.
Se de um qualquer dos mortais esse alvitre tivesse partido,
ou sacerdote, ou adivinho, ou entendido no voo dos pássaros,
de mentiroso eu o tachara, sem dar-lhe importância nenhuma.
Mas era a voz de uma deusa; ante os olhos a tive; debalde
não me terá procurado; obedeço. E ainda mesmo que esteja
pelo destino assentado que morra entre as naves Aquivas,
à minha sorte me entrego. Que Aquiles me mate, contanto
que o coração desafogue e a meu filho abraçar ainda possa.”

Pós ter falado, o Dardânida as arcas valiosas destampa,
de onde escolheu doze peplos dos mais finamente acabados,
e mantos simples em número igual, doze belos tapetes,
de alvos lençóis uma dúzia e outras tantas riquíssimas túnicas.
De ouro, depois, dez talentos maciços mandou que trouxessem,
um par de trípodes novas, mais quatro caldeiras luzentes
e uma belíssima copa que os Trácios lhe deram, quando ele
de embaixador o país visitara, presente valioso.
Nem isso o velho poupou, que o movia a ansiedade indizível
de resgatar o cadáver do filho. Com termos violentos
escorraçava os Troianos, que em grupos se achavam nos pórticos:
"Ide-vos, homens sem pejo! Não tendes em casa bastantes
lamentações, para virdes a dor, deste modo, agravar-me?
Os presumis que não basta o que Zeus me legou de amarguras,
com vir o filho a perder? Vós, também, haverás de senti-lo,
pois os Aquivos, agora, bem mais facilmente encontrando-se
morto meu filho, hão de a grata existência tirar dos Troianos.
Enquanto a mim, só desejo para o Hades baixar, sem que aos olhos
me surja o triste espetác'lo do incêndio e do saque de Troia."
Abre o caminho com o cetro, depois de falar; os Troianos
fogem da fúria do ancião, que prossegue a gritar pelos filhos,
Páris e Heleno insultando, bem como Agatão, o divino,
Pámone, Antífono e o herói de voz forte na guerra, Polites,
o próprio Hipótoo, e Deífobo, e Dio de presença admirável.
Os nove filhos o velho chamava, dando ordens, aos gritos:
"Sus, preguiçosos, vergonha dos pais! Quem me dera que todos,
em vez de Heitor, estivésseis sem vida ante as naus dos Aquivos!
Triste o meu fado! que em Troia espaçosa gerei tantos filhos
de comprovado valor, sem que um só me ficasse com vida,
Troilo, o impecável auriga, e assim Méstor de forma divina,
e o grande Heitor, entre os homens pequenos um nume glorioso,

que parecia ser filho de um deus, não de um homem terreno.
Ares matou-me esses filhos; ficaram-me apenas os fracos,
os mentirosos e os mestres nos ritmos das danças, que servem
só para o povo assaltar, rebatando-lhes ovelhas e cabras.
Vamos, mexei-vos! O carro aprestai-me, depressa, provendo-o
destes objetos, que, alfim, consigamos nos pôr a caminho.”
Atordoados com os gritos de Príamo, os filhos se apressam,
indo buscar a caleça de mulos, de rodas velozes
e de recente feitura; sobre ela uma cesta colocam.
Logo, do gancho apropriado, retiram o jugo dos mulos
umbilicado e mui belo, de buxo, de anéis adornado,
bem como o loro de cúbitos nove, que lhe era adaptado,
o qual na ponta do belo e polido timão ajeitaram,
em cuja argola a cavilha adaptaram, firmando-a com o loro,
que pelo umbigo passaram três vezes, em cruz, dos dois lados,
e, bem seguras as pontas, o nó por debaixo esconderam.
Feito isso tudo, trouxeram do tálamo os ricos presentes
para o resgate de Heitor, colocando-os no carro bem-feito.
Põem sob o jugo a parelha robusta de mulos galhardos
que os fortes Mísios haviam a Príamo, outrora, ofertado.
Para o monarca, depois, os cavalos trouxeram, que o próprio
rei venerando criara no estáb’lo de bela feitura.
Enquanto o carro e os cavalos aprestam no pórtico altivo
para o rei Príamo e o arauto, que graves cuidados volviam,
o coração angustiado, a consorte do rei se aproxima,
na mão direita trazendo áurea taça de vinho melífluo,
porque o marido, ao partir, reverência prestasse a Zeus grande.
Junto do carro parando, profere as palavras aladas:
“Toma! a Zeus liba, primeiro, implorando voltar conseguires
salvo das gentes imigas, se o peito, em verdade, te impele
a ir aos navios Aqueus, apesar de eu me opor a essa ideia.

Vamos, dirige teus votos ao Crônida Zeus poderoso,
que do Ida altivo domina as extensas planícies de Troia,
e lhe suplica mandar-te um sinal, a mais forte das aves,
e a que ele próprio prefira, de voo mais rápido. Venha
pela direita, que, tendo-a, de fato, ante os olhos, reflitas,
para, confiante, empreenderes a viagem às naus dos Aquivos.
Mas se o sinal não mandar Zeus potente, que ao longe discerne,
aconselhar-te não devo, jamais, a ir às naves recurvas
dos inimigos, por mais que te mostres propenso a fazê-lo.”
Disse-lhe Príamo, a um deus semelhante, em resposta, o seguinte:
“Não poderei, cara esposa, deixar de atender ao conselho;
bom, sempre, é a Zeus implorar, para ver se de nós se apiada.”
À despenseira, depois de falar, manda o ancião que lhe deite
água bem limpa nas mãos, sem tardança. Aproxima-se a serva,
como lhe fora ordenado, com o jarro e a bacia de estilo.
Pós ter lavado as mãos fracas, a copa da esposa recebe
e, colocado no meio do pátio, o bom vinho libado,
a vista volve para o alto, dizendo as seguintes palavras:
“Zeus pai, que no Ida demoras, senhor augustíssimo e máximo,
faze que eu possa encontrar em Aquiles afeto e piedade.
Manda-me, como sinal de tua parte, a mais forte das aves,
a que eu próprio prefiras, de voo mais rápido. Venha
pela direita, que, tendo-a, de fato, ante os olhos, reflita,
para, confiante, empreender a viagem à nau dos Aquivos.”
Isso disse ele, na súplica; Zeus o atendeu poderoso,
e, logo, uma águia lhe manda, perfeita entre todas as aves,
“fosca” de nome, por causa das penas, veloz caçadora.
Quanta é a largura de um grande portão de potentes ferrolhos,
que homem de muitos haveres no tálamo altivo construísse,
tanto ela as asas escuras estende, librando-se altiva.
Alça-se pela direita, por sobre a cidade; alegraram-se

quantos a viram, de júbilo o peito de todos enchendo-se.
Sem mais tardança, subiu para o assento polido o monarca,
pelo ruidoso vestíb'lo fazendo rodar a caleça.
Iam adiante dois mulos robustos, puxando o veículo
de quatro rodas; guiava-os Ideu cauteloso; os cavalos
Príamo, atrás, com o chicote, excitava sem pausa, que, logo,
atravessassem as ruas. Tal como se fosse o monarca
para morrer, os do povo com grandes lamentos o seguem.
Logo que do alto do burgo desceram e o plaino alcançaram,
os filhos todos de Príamo, e os genros de novo à cidade,
se recolheram. Não ficam, porém, a Zeus grande os dois vultos
despercebidos na vasta planície. Do velho apiedado,
vira-se o Crônida Zeus para o filho e lhe diz o seguinte:
"Hermes, por teres prazer especial em servir de companhia
para os mortais, sobre dares ouvidos àqueles que estimas,
serve de guia ao monarca Troiano até as naus dos Aquivos,
de forma tal que nenhum dos guerreiros Acaios o veja,
té que ele chegue, afinal, à presença de Aquiles Peleio."
Hermes, o lúcido guia, obediente se mostra ao mandado;
calça, sem mores delongas, as belas e firmes sandálias,
de ouro e divinas, que o levam por cima das águas marinhas,
como, também, pela terra infinita, qual sopro do vento;
a vara empunha encantada, com que faz dormir os que velam,
quando lhe apraz, ou consegue fazer despertar os que dormem.
Firme empunhando-a, o Argicida potente baixou do alto Olimpo.
Logo que o claro Helesponto alcançou e a planície de Troia,
sob a figura se adianta de um jovem de fina prosápia,
na mais atraente estação, quando o buço lhe aponta gracioso.
Quando os viandantes já haviam o túmulo de Ilo passado,
as alimárias robustas detêm, para a sede saciar-lhes.
Por sobre a terra, entrementes, baixara o sombrio crepúsculo.

Foi nesse instante que o arauto notou, já bem próximo, o vulto
de Hermes; virando-se, então, para Príamo, disse o seguinte:
“Príamo, atento! Ora cumpre valer-te de toda a prudência.
O vulto vejo de um homem; é certo fazer-nos em tiras.
Com os corredores velozes, no carro, fujamos depressa,
ou imploremos piedade, abraçando-lhe os fortes joelhos.”
Turva-se a mente do velho, invadindo-o pavor indizível;
nos membros curvos os pelos se eriçam; sem tino se mostra.
O Ajudador, entretanto, chegando-se para mais perto,
toma da mão do Dardânida e diz as palavras aladas:
“Para onde, pai, desse modo, na noite sagrada, diriges
mulos e fortes corcéis, quando os outros mortais já repousam?
Não tens, acaso, receio da fúria dos fortes Acaios,
teus figadais inimigos, que infensos e perto se encontram?
Se qualquer deles te visse, sozinho, com tantos tesouros
na noite escura, qual fora, revela-me, a tua conduta?
Moço não sendo, e seguido tão só por um velho ajudante,
nada farias se acaso assaltado na estrada te visses.
Enquanto a mim, não receies nenhuma violência; mais ainda:
defender-te-ei, se preciso, que vejo a meu pai em teu vulto.”
Príamo, o velho que um deus parecia, lhe disse, em resposta:
“Todas as tuas palavras, meu filho, a verdade refletem;
mas é patente que a mão sobre um dos deuses estende,
pois ensejaram que em tua pessoa me viesse ao encontro
tão oportuno viandante, de aspecto e presença admiráveis,
e, sobretudo, prudente e de pais bem-fadados oriundo.”
Disse-lhe, então, em resposta, o Argicida de aspecto brilhante:
“Tudo, realmente, bom velho, disseste de acordo com os fatos.
Vamos, agora me fala e responde conforme a verdade:
tens, porventura, a intenção de mandar tais e tantos objetos
para algum povo vizinho, que a salvo tos guarde, ou, quem sabe,

abandonais as sagradas muralhas de Troia, levados
pelo temor? Em verdade, um guerreiro extraordinário perdestes,
teu filho amado, que em nada ficava a dever aos Aquivos.”
Príamo, a um deus semelhante, lhe disse, em resposta, o seguinte:
“Dize-me, caro, quem és, e de que genitores descendes,
para falares-me, assim, do destino infeliz do meu filho.”
Disse-lhe, então, em resposta o Argicida de aspecto brilhante:
“Tentas-me, velho, fazendo perguntas acerca de Heitor.
Fica sabendo que inúmeras vezes o vi com estes olhos,
nas sanguinosas batalhas e quando chegou até as naves,
a dizimar os guerreiros Aquivos com o bronze agudíssimo.
Nós, inativos, pasmávamos, pois o Pelida, irritado
com o forte Atrida, proibira que parte nas lutas tomássemos.
Sou escudeiro de Aquiles; o mesmo navio nos trouxe;
entre os Mirmídones me acho; sou filho do claro Políctor,
de bens infindos e branca aparência, que a tua recorda.
Dos sete filhos que teve — os seis outros em casa ficaram —
eu, simplesmente, por sorte tocou-me partir para a guerra.
Ora das naves saí, para o plaino, que os fortes Aquivos
de olhos brilhantes, bem cedo, amanhã, vão lutar junto aos muros.
Por tanto tempo inativos, excita-os, agora o entusiasmo,
sem que os monarcas Acaios consigam conter-lhes o impulso.”
Príamo, a um deus semelhante, lhe disse, em resposta, o seguinte:
“Se és, em verdade, escudeiro de Aquiles, o claro Pelida,
informações verdadeiras, então, poderás fornecer-me
sobre o cadáver de Heitor, se ainda está junto às naves recurvas,
ou se o Pelida o atirou para os cães, feito em postas o corpo.”
Disse-lhe, então, o Argicida de aspecto brilhante, em resposta:
“Não lhe tocaram, meu velho, nem aves nem cães voradores;
ainda se encontra ante a nave de Aquiles, bem junto da tenda.
Já doze vezes seguidas, depois de ali estar, veio a Aurora;

nem se lhe alteram as carnes, porém, nem lhas comem os vermes,
que tão vorazes os corpos devoram no campo da luta.
Certo é que Aquiles o arrasta ao redor do sepulcro do amigo,
sem reverência nenhuma, mal surge a manhã no horizonte;
umas não o estraga, ainda assim. Ficarias pasmado se visses
como está rórido, ainda, o cadáver, e limpo de sangue;
mancha nenhuma aparece; fecharam-se todos os golpes
que recebeu, pois inúmeros Dânaos, à lança, o feriram.
Os deuses beatos, assim, de teu filho zelosos se mostram,
ainda depois de ser morto, pois era de todos querido."
Essas palavras alegram o ancião, que lhe diz o seguinte:
"Filho, é de toda vantagem levar aos eternos as dádivas
que lhes devemos. Heitor — se é que Heitor já viveu algum dia! —
nunca esquecido ficou pelos deuses que moram no Olimpo.
Por isso mesmo, sem dúvida, é que eles agora ainda o assistem.
De minhas mãos, ora, aceita esta copa, presente valioso,
e dá-me amparo; de guia me serve, com a ajuda dos deuses,
té que cheguemos à tenda de Aquiles, o forte guerreiro."
Disse-lhe, então, o Argicida de aspecto brilhante, em resposta:
"Tentas-me, velho, por veres que moço ainda sou; mas é inútil;
à revelia de Aquiles não posso aceitar nenhum brinde.
Não o temor, simplesmente, mas grande respeito me empece
de defraudá-lo; algum mal poderia, com isso, causar-me.
Pronto me sinto, porém, a guiar-te, até mesmo se fores
a Argo ilustre, por terra ou em navios de rápido curso,
sem que ninguém a ofender-te se atreva, estando eu como guia."
Ao dizer isso, o auxiliar poderoso saltou para o carro
e, decidido, tomando do açoite e das lúcidas rédeas,
brio nos mulos infunde, nos fortes e belos ginetes.
Logo que o fosso alcançaram e o muro que as naus protegiam,
viram que os guardas, à volta dos barcos, da ceia cuidavam.

Sono agradável o claro Argicida infundiu, neles todos,
e, pós abrir o portão, removendo os pesados ferrolhos,
para o interior leva Príamo e o carro com os ricos presentes.
Em pouco tempo alcançaram a tenda que os fortes Mirmídones
para o incansável Aquiles haviam construído com troncos
de altos abetos; coberta era toda com várias camadas
de veludosa tábua que haviam cortado nas várzeas.
Com paliçada bem-feita, espaçoso recinto os guerreiros
para o senhor construíram; uma tranca, somente, de abeto
a grande porta fechava; três homens as forças reuniam
para esse tronco gigante dali retirar, com trabalho —
homens comuns, pois Aquiles bastava sozinho para isso.
A porta abriu para o velho o correio de aspecto brilhante
e fez entrar os presentes de Aquiles de pés muito rápidos.
Logo, do carro saltando, falou para o rei venerando:
"Velho, um dos deuses de eterna existência te fez companhia,
Hermes; meu pai me enviou para auxílio prestar-te na estrada.
Mas devo agora voltar; não convém que me veja o Pelida;
pois, em verdade, seria motivo de cólera justa
que a um dos mortais, tão às claras, um deus afeição demonstrasse.
Entra sozinho e, abraçando-lhe os joelhos, suplica-lhe em nome
do próprio pai venerando, da mãe de venustos cabelos
e de Neoptólemo, o filho, que possas o peito abalar-lhe."
Hermes, depois de falar, retornou para a sede dos deuses;
Príamo salta depressa do carro, deixando ainda nele
o venerável Ideu, que ficou para guarda dos mulos
e dos cavalos. O velho penetra direto na tenda
onde o Pelida, a Zeus, caro, soía sentar-se, encontrando-o
dentro, sozinho, que os sócios à parte moravam, exceto
Automedonte galhardo e o ínclito Álcimo, de Ares aluno,
que, prestimosos, o servem. De cear acabara nessa hora,

sim, de comer e beber, mas ao lado ainda a mesa lhe estava.
Sem pelos outros ser visto, entra o grande monarca, e de Aquiles
aproximando-se, abraça-lhe os joelhos e beija as terríveis
mãos homicidas, que muitos dos filhos lhe haviam matado.
Como se dá quando algum criminoso eLivros da pátria
busca, vencido da angústia, refúgio em mansão opulenta
de potentado estrangeiro, deixando os presentes atônitos:
do mesmo modo o terrível Pelida se assombra ao ver Príamo.
Todos os mais se entreolharam, tomados de pasmo como ele.
Súplice, Príamo, então, começou de falar, e lhe disse:
"Lembra-te, Aquiles, igual a um dos deuses, teu pai venerável é
da mesma idade que a minha e, portanto, como eu, assim velho.
É bem possível que esteja cercado por fortes vizinhos,
cheio de angústia, sem ter quem lhe sirva de amparo e defesa;
mas, só de ouvir que estás vivo, alegria indizível lhe invade
o coração, dia a dia esperando poder ante os olhos
ter a figura do filho glorioso, de volta de Troia.
Muito mais triste é o meu fado, que, após tantos filhos ter tido,
de comprovado valor, nem um só na velhice me resta.
Vivos, cinquenta floriam no tempo em que os Dânaos chegaram;
da mesma mãe, dezenove guerreiros me foram brindados;
os outros todos diversas mulheres nos paços tiveram.
De muito dele as forças dos joelhos tirou Ares forte;
e o único herói que restava, dos muros amparo e de todos,
a combater pela pátria, não há muito tempo mataste,
o meu Heitor, cujo corpo aqui venho insistente pedir-te,
às naus Aquivas trazendo resgate de preço infinito.
Sê reverente aos eternos, Aquiles; de mim tem piedade;
pensa em teu pai, também velho; bem mais infeliz sou do que ele,
pois chego agora a fazer o que nunca mortal fez na terra:
beijo-te as mãos, estas mãos que a meus filhos a Morte levaram."

Grande saudade do pai no Pelida o discurso desperta;
toma das mãos do monarca, afastando-o de si com brandura.
Ambos choravam; o velho, lembrado de Heitor valoroso,
num soluçar convulsivo, de Aquiles aos pés enrolado,
que, ora o pai velho chorava, ora a perda do amigo dileto,
Pátroclo; o choro dos dois pela tenda bem-feita ressoava.
Logo que Aquiles divino saciado ficou de gemidos
e os membros todos e o peito sentiu libertados da angústia,
do belo trono se ergueu, pela mão toma o velho monarca,
da branca barba condoído, condoído da nívea cabeça,
e, começando a falar, lhe dirige as palavras aladas:
"Quanta amargura, infeliz, não suportas ao peito sofrido!
Como pudeste vir só aos navios dos fortes Aquivos
e apresentar-te entre os olhos de quem foi a causa da perda
de tantos filhos valentes? Tens férreas entranhas, decerto.
Vamos, assenta-te agora no trono; apesar de angustiados,
é conveniente deixar que as tristezas no peito se aplaquem.
Nada o homem lucra em deixar-se invadir pelo gélido pranto.
Sempre viver em tristeza, eis a sorte que os deuses eternos
de descuidada existência aos mortais infelizes dotaram.
Sobre os umbrais do palácio de Zeus dois tonéis se acham postos,
de suas dádivas; um, só de males; de bens o outro cheio.
Se, misturando-as, Zeus grande, senhor dos trovões, as derrama,
quem as recebe ora goza, ora males por sorte lhe tocam;
mas o que dele recolhe somente infortúnios, escárnio
vivo se torna; em extrema miséria, na terra divina,
é condenado a vagar, desprezado por homens e deuses.
Ao nascimento, também, de Peleu os eternos lhe deram
dons inefáveis; riquezas sem conta, dos homens a estima,
e o incontestado governo dos fortes guerreiros Mirmídones.
Mais: apesar de mortal, como esposa uma deusa lhe cedem.

Grande infortúnio, porém, concederam-lhe os deuses, negando-lhe
filhos que o mando pudessem herdar-lhe no belo palácio;
a mim somente gerou, destinado a morrer muito cedo.
Longe a pátria, não posso cercar de cuidados o velho,
pois me acho em Troia, causando-te, e aos filhos, desditas sem conta.
Tu, também, velho, já foste feliz, pelo que me contaram.
Quantos guerreiros existem de Lesbo, na sede de Mácar,
té para o norte da Frígia, nos lindes do vasto Helesponto,
já dominaste, abençoado com filhos e bens infindáveis.
Mas, desde o instante em que os deuses celestes tal praga te enviaram,
guerra, somente, e homicídios em torno dos muros te soam.
Vamos, suporta! Não deves à dor excruciante entregar-te.
Nada consegues chorando teu filho com tantos encômios;
não ressuscita, e, além disso, outro mal poderias causar-te."
Disse-lhe Príamo, a um deus semelhante, em resposta, o seguinte:
"Não me concites, Aquiles divino, a assentar-me, sabendo
que, não cuidado, meu filho se encontra na tenda; mas deixa-me
vê-lo, sem mores delongas. Recebe o valioso resgate
que te trouxemos e dele te goza, e que possas à terra
do nascimento voltar, uma vez que piedoso me foste
e me poupaste a existência, deixando que a luz eu contemple."
Com torvo olhar lhe responde o Pelida de pés muito rápidos:
"Não me provoques, ancião, que por própria vontade já me acho
determinado a atender-te. E a vontade de Zeus. Núncia dele,
Tétis, a filha do Velho do Mar, minha mãe, revelou-ma.
Não me escapou, também, Príamo, é inútil pensar-se o contrário,
que um dos eternos te trouxe até as rápidas naus dos Aquivos.
Homem nenhum, por mais jovem que fosse, ousaria esgueirar-se
no acampamento; impossível lhe fora esconder-se dos guardas,
ou remover facilmente os ferrolhos das portas bem-feitas.
Não venhas, pois, irritar-me ainda mais as angústias no peito:

não aconteça expulsar-te da tenda, conquanto aqui estejas
como pedinte, violando, desta arte, de Zeus os mandatos.”
Príamo a tudo obedece, de espanto indizível tomado.
Tal como um leão, para fora da tenda saltou o Pelida,
mas não sozinho, que dois servidores zelosos o seguem.
Automedonte e o ínclito Álcimo, os quais o Pelida prezava
mais do que a todos, depois de haver Pátroclo a vida perdido.
Tiram do jugo, do lado de fora, os cavalos e os mulos,
o velho arauto do rei para dentro da tenda conduzem,
fazem-no aí assentar-se, e do carro de rodas bem-feitas
todo o resgate do corpo de Heitor valoroso transportam.
Para envolver o cadáver apenas deixaram dois mantos
e uma belíssima túnica, a fim de ele poder ser levado.
Logo, ordenou às escravas que o corpo lavassem e ungissem,
mas em lugar apartado de Príamo, pois receava
que o coração angustiado do velho explodisse ante a vista
do filho amado, obrigando-o, quiçá, num transporte de cólera,
a dar-lhe a morte e frustrar, desse modo, de Zeus o mandato.
Logo que as servas o corpo lavaram e ungiram com óleo,
e em torno aos membros a túnica e o belo lençol dispuseram,
o próprio Aquiles o toma e o coloca no leito, que, junto
com os companheiros eleva e no carro veloz deposita.
Geme o Pelida, depois, pelo nome do amigo chamando:
“Pátroclo, não te aborreças comigo, se até no Hades negro
vieres, acaso, a saber que o cadáver de Heitor foi entregue
ao caro pai, pois resgate me deu não indigno, em verdade,
do qual terás a porção que com toda a justiça te cabe.”
Tendo isso dito, voltou para a tenda o Pelida divino,
indo sentar-se de novo no trono que, havia momentos,
abandonara, defronte de Príamo, a quem se dirige:
“Teu filho, velho, tal como o querias, já está resgatado:

jaz sobre o féretro. Podes revê-lo ao raiar da Aurora,
ou retirá-lo daqui; mas agora pensemos na ceia.
Pois de comer se lembrou até mesmo a de belos cabelos,
Níobe, quando perdeu no palácio seus doze rebentos,
seis filhas belas e moças, seis filhos no viço da idade.
A estes Apolo frecheiro matou com seus dardos, pois contra
Níobe estava agastado; as donzelas por Ártemis foram
mortas, que a Leto de tranças venustas a mãe se gabara
de tantos filhos ter tido, enquanto a outra só dois concebera,
os mesmos dois que, com serem tão poucos, aos doze mataram.
Por nove dias ficaram os mortos banhados em sangue,
sem sepultura, que em pedra Zeus Crônida o povo mudara.
Os próprios deuses urânios ao décimo dia os enterram.
Níobe, lassa de choro, afinal, de comer, foi lembrada.
Ora em penedo mudada se encontra, nos picos do Sípilo
de desolada aparência, onde as ninfas divinas descansam
pós as coreias graciosas em torno do belo Aqueloo;
aí, muito embora de pedra, o castigo dos deuses padece.
Nós, também, velho divino, pensemos agora na ceia,
que terás tempo de o filho chorar mais ao diante, após teres
para a cidade levado o cadáver; será longo o pranto.”
Ao dizer isso, levanta-se, e ovelha nitente degola;
os companheiros a esfolam e aprontam, de acordo com as regras;
logo, habilmente, a esquartejam, as postas enfiam no espeto,
assam-nas, todas, cuidosos, tirando-as depois da fogueira.
Automedonte, a seguir, de pão alvo traz lindas cestinhas,
que põe na mesa; afinal, toda a carne o Pelida reparte.
Todos as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado.
Príamo, o velho Dardânida, o vulto de Aquiles admira,
sua imponência e estatura, que um deus imortal parecia.

Não menor pasmo de Aquiles se apossa ante a vista de Príamo,
vendo-lhe a nobre aparência e escutando-lhe os graves conceitos.
Quando saciados ficaram de olhar um para o outro, perplexo,
rompe o silêncio o monarca que um deus imortal parecia:
"Mostra-me, aluno de Zeus, sem delongas, o leito, que eu possa
sob a coberta do sono agradável gozar de repouso,
pois não fechei, até agora, estes olhos, que vês, macerados,
desde que o filho dileto com bronze cruel me mataste.
Todo esse tempo em gemidos passei abatido, angustiado,
a rebolcar-me no esterco do pátio do nosso palácio.
Somente agora aceitei alimentos, deixando que o vinho
me umedecesse a garganta, depois de tão grande abstinência."
A essas palavras, Aquiles aos sócios ordena e às escravas
que sob o pórtico os leitos armassem, com belos estrados
de cor purpúrea forrado, coberto, também, com tapetes,
para, por último, os mantos velosos por cima assentarem.
Saem da sala as escravas, sustendo nas mãos os archotes,
e em pouco tempo, com todo o carinho, aprestaram dois leitos.
Vira-se Aquiles e diz para Príamo, em tom de galhofa:
"Dorme ali fora, querido velhinho, que aqui chegar pode,
inesperado, qualquer conselheiro do exército Aquivo,
para trocarmos ideias, tal como é direito de todos.
Se, por acaso, te vissem na noite veloz e divina,
logo a Agamémnone iriam contar, o pastor de guerreiros,
dificultando, com isso, o resgate assentado do corpo.
Vamos, agora me fala e responde conforme a verdade:
dize-me os dias que intentas gastar nas exéquias de Heitor,
para que aqui me conserve e retenha os demais combatentes."
Príamo, a um deus semelhante, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Se realizar me permites o enterro de Heitor valoroso,
ouve, divino Pelida, o que ao peito me fora mais grato.

Sabes que estamos cercados e quanto é distante a floresta,
onde é preciso ir por lenha; isso aos Teucros infunde receio.
Se nove dias no nosso palácio chorarmos o morto,
sepultá-lo-emos ao décimo, ao povo banquete aprestando,
para no onzeno erigir-lhe o sepulcro, tal como é de praxe.
No duodécimo, então, se é fatal, reinicie-se a luta."
O ínclito Aquiles, de rápidos pés, em resposta, lhe disse:
"Tudo será, velho Príamo, feito tal como o desejas;
suspenderei os combates durante esses dias que pedes."
A mão direita do velho tomando, no pulso coloca-lhe
a mão direita igualmente, porque lhe esfizesse o receio.
Aos brandos leitos se acolhem, na parte de fora, no pórtico,
o velho Príamo e o arauto que graves conceitos revolvem,
enquanto dentro da tenda bem-feita o Pelida ligeiro
ao lado foi repousar da Briseide de faces rosadas.
Todos os deuses e os homens que em carros combatem dormiam
a noite toda, no manto envolvidos do sono agradável.
Hermes, somente, o auxiliar poderoso, do sono não logra,
a revolver no imo peito a maneira mais fácil de a Príamo
às escondidas dos guardas livrar dos navios Acaios.
Pôs-se-lhe junto à cabeça e lhe diz as palavras aladas:
"Dormes, ancião, tão sem medo, no meio de gentes imigas,
sem refletires, apenas por ter-te poupado o Pelida?
Certo, obtiveste o cadáver, mas foi com resgate vultoso;
três vezes isso, porém, os teus últimos filhos teriam
que oferecer para a vida livrar-te, se acaso Agamémnone,
ou outro qualquer dos Acaios soubeste que aqui ora te achas."
O velho se enche de espanto, fazendo que Ideu despertasse.
Hermes no jugo lhes pôs os cavalos e os mulos robustos.
que o acampamento, sem serem notados, depressa transpõem.
E quando vau alcançaram no rio de bela corrente,

o divo Xanto revolto, que Zeus sempiterno gerara,
Hermes apeou-se, voltando, sem mais, para a sede do Olimpo.
O cróceo manto já abrira na terra a solícita Aurora.
Guiando os corcéis, à cidade chegaram, por entre gemidos,
prantos e dores; os mulos seguiam com o corpo. Notado
ninguém os tinha, nem Teucros nem Teucra de cinto elegante,
com exceção de Cassandra, tão bela quanto a áurea Afrodite,
que, da alta Pérgamo, o pai conhecera, de pé na carruagem,
junto do arauto que tem por ofício apregoar na cidade.
Viu o cadáver, também, sobre o leito que os mulos traziam.
Soam por toda a cidade seus gritos e tristes lamentos:
"Vinde, Troianos e Teucras, a Heitor contemplar, esse mesmo
que, quando vivo, folgáveis de ver, ao voltar dos combates,
por ser o gáudio de Troia, por ser para todos um ídolo."
Homem nenhum, nem mulher, ao clamor de Cassandra, deixou-se
dentro dos muros ficar; indizível angústia os oprime.
Dos portadores do corpo ao encontro saíram na porta.
Antes de todas, atiram-se ao carro do leito funéreo,
arrepelando os cabelos, a esposa querida e a mãe velha.
Chora, ao redor, todo o povo, enquanto elas o rosto lhe afagam.
E ficariam, talvez, todo o dia, até o Sol esconder-se
diante das portas de Troia, chorando de Heitor o destino,
se para os Teucros o rei não tivesse, do carro, falado:
"Desimpedi o caminho e deixai-me passar com os mulos;
posto o cadáver em casa, podeis saciar-vos de choro."
A essas palavras o povo se afasta, franqueando-lhe o passo.
Logo que a régia imponente alcançaram, no leito esculpido
foi colocado o cadáver; ao lado cantores se postam,
com o objetivo de entoar epicédios, a que dão começo
cheios de unção e tristeza, conforme aos queixumes das Teucras.
Dá logo início aos lamentos, no meio das Teucras, Andrômaca

de níveos braços, sustendo a cabeça de Heitor valoroso:
“Cedo da vida apartado, querido consorte, me deixas
viúva no belo palácio, com o filho ainda infante, a que demos
vida no nosso destino infeliz, sem que espere ainda vê-lo
na mocidade ingressar; há de Troia ruir antes disso,
que morto, agora, te encontras, amparo de nossa cidade,
das nobres Teucras o só defensor, de seus tenros filhinhos.
Dentre de pouco, serão todas elas, comigo, levadas
nas naus recurvas; e tu, caro filho, na mesma desdita
me seguirás, para seres forçado a trabalhos indignos
sob os maus-tratos de um amo perverso, se acaso não fores
do alto da torre atirado por um dos Aqueus — horrorosos! —
a quem Heitor, em combate, privado do pai haja, acaso,
de irmão ou filho extremado, pois muitos Acaios, decerto,
pela mão forte de Heitor o chão de Troia morderam.
Nunca foi brando teu pai nas funestas batalhas dos homens.
Por isso, todos na grande cidade o destino lhe choram.
Dor indizível, Heitor, a teus pais venerandos causaste;
mas, muito mais do que a todos, a mim sofrimentos couberam.
Não te foi dado, no leito de morte, estender-me as mãos ternas,
nem me disseste, ao morrer, algum sábio e prudente conselho
que, noite e dia a chorar, na memória dorida eu trouxeste.”
A esses queixumes, as Teucras o pranto sentido redobram.
Os seus lamentos, então, principia a externar a mãe velha:
“Ao coração, caro Heitor, sempre o filho mais grato me foste.
Os próprios deuses, enquanto viveste, afeição te votaram,
e ora de ti não se esquecem, conquanto no fado da Morte.
Meus outros filhos, Aquiles de rápidos pés costumava,
quando os prendia, vender do outro lado do mar infrutuoso,
em Imbro, ou Samo, ou no porto de Lemno, de espessa caligem.
A ti, depois de matar-me com o bronze afiado, arrastou-te

vezes sem conta ao redor do sepulcro do sócio dileto
morto por ti, sem poder, nem, por isso, outra vez dar-lhe vida.
Tão incorrupto, parece que neste momento morreste!
Bem te assemelhas àqueles, que Apolo, o deus do arco de prata,
com os seus raios benignos assalta, e a quem tira a existência.”
Essas palavras em todos suscitam queixumes infindos.
Alça os lamentos Helena, em terceiro lugar, desse modo:
“Eras-me, Heitor, dos cunhados o que eu sobre todos prezava,
desde que Páris, o divo Alexandre, para Ílio me trouxe,
na qualidade de esposa. Oxalá morta eu fosse antes disso!
Já são passados vinte anos, em cursos do sol regulares,
desde que vim para cá, afastada da terra nativa.
De ti, contudo, jamais um só termo grosseiro me veio;
antes, se alguém me assacava motejo, sarcasmo aqui dentro,
fosse cunhado, ou cunhada, ou consorte elegante daqueles,
ou minha sogra — que o sogro me foi sempre pai carinhoso —,
a irritação lhes calmavas com termos de muita brandura,
com teus discursos afáveis e o gênio de extrema bondade.
O coração angustiado, por isso, teu fado e o meu choro,
pois não encontro na vasta cidade dos fortes Troianos
quem me demonstre afeição, pois repulsa por mim todos sentem.”
A multidão infinita redobra, a essas vozes, o pranto.
Vira-se, então, para todos o rei e lhes diz o seguinte:
“Para a cidade, Troianos, agora, trazei muita lenha,
sem de emboscada temer-vos por parte dos Dânaos, que Aquiles,
ao despedir-me das naves recurvas, solene me disse
que não teríamos luta, sem que doze auroras raiassem.”
Fortes parelhas de bois e de mulos aos carros atrelam
e, sem demora, se reúnem, defronte dos muros de Troia.
Por nove dias é lenha infinita à cidade trazida;
e quando, ao décimo, a Aurora surgiu com seus dedos de rosa,

por entre lágrimas levam o corpo de Heitor valoroso,
sobre a fogueira o colocam e a chama incansável acendem.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
em torno à pira de Heitor vai-se o povo de Troia reunindo.
Quando ao chamado acudiram e todos se acharam reunidos
vinho brilhante lançaram nas brasas, com o fim de apagá-las,
té onde a força do fogo chegara. Os irmãos, em seguida,
e os companheiros de Heitor recolheram-lhe os cândidos ossos,
sempre a chorar, pelas faces correndo-lhes pranto amaríssimo,
e em urna de ouro, de rico lavor, os depõem, cuidadosos,
a qual envolvem em mantos purpúreos, de fino tecido,
para a levarem, por fim, ao cavado sepulcro. Sobre este,
blocos de pedra, ajustados, colocam, e o túmulo, à pressa,
com muita terra, levantam, postando-lhe ao pé sentinelas,
para surpresa evitarem dos Dânaos de grevas bem-feitas.
Logo que o túmulo pronto ficou, para o burgo retornam,
onde, reunidos, celebram solene banquete funéreo
dentro da régia de Príamo, o rei pelos numes nutrido.
Os funerais estes foram de Heitor, domador de cavalos.

APÊNDICE

Este apêndice contém os principais nomes [3] mencionados na *Ilíada*, apresentando um pequeno resumo do seu mito e pelo menos uma remissão ao seu aparecimento na obra, com o(s) número(s) do(s) canto(s) seguido(s) do(s) número(s) do(s) verso(s). Também estão presentes termos não usuais em português, usados por Homero. No entanto, não se trata de um índice remissivo completo.

Afrodite: deusa do amor, identificada em Roma como Vênus. Há dois nascimentos para ela. Em um deles, ela é filha do pênis de **Zeus**, castrado por **Crono**, que, caindo no **Oceano**, formou uma espuma de onde ela emergiu. Assim ela foi para Chipre, sendo adornada pelas **Horas** e levada ao mundo dos Imortais. Em outro, ela é filha de Zeus com Dione. É muito famoso o relato de Platão, no *Banquete*, que a partir desse duplo nascimento diz que existem realmente duas Afrodites e dois Eros (Amor) correspondentes a cada uma delas: um divino e celestial (Urano) e outro do povo (Pandêmia), do amor popular. Na *Odisseia*, aparece o mito da traição de Hefesto por Afrodite e Ares (ver II, 820; III, 54; IV, 10; V, 131, 312; IX, 389; XIV, 188, 193, 224; XIX, 282; XX, 40, 105, 209; e XXI, 416).

Agamémnone: o rei por excelência, governou Micenas, e na *Ilíada* é dele o comando supremo dos gregos na guerra contra Troia. Também diz-se rei da

Lacedemônia ou de Argos. Filho de Atreu e Aérope, é chamado, como seu irmão Menelau, de atrida, que quer dizer “filho de Atreu” (ver, por exemplo, **Crônida**). Às vezes diz-se também ser descendente de Pélops e de Tântalo. O início da Guerra de Troia foi o seguinte: como vários pretendentes apareceram para casar com Helena, todos fizeram um juramento, em que aquele que fosse escolhido seria defendido caso Helena fosse raptada. Menelau foi escolhido, e após o rapto de Helena por Páris, Menelau foi pedir ajuda a seu irmão, Agamémnone, e este lembrou o juramento a todos os aqueus. Este foi, então, declarado chefe maior da expedição.

Casado com Clitemnestra, irmã de Helena, foi traído por ela junto com Egisto, que foi morto em sua volta de Troia (ver os versos da *Odisseia,* Canto III). Ele é pai também do famoso Orestes, que o vinga, matando Egisto. Na *Ilíada* ele é um dos personagens mais importantes, já que toda a história se desenrola desde uma desavença que tem com Aquiles, o peleio (filho de Peleu) (ver I, 24, 122; II, 6, 107, 441; IV, 368; IX, 62, 114; XI, 91, 251; XIV, 83; e XIX, 76).

Ágora: em grego, quer dizer praça pública, e é onde o povo se reúne para resolver assuntos políticos (ver I, 54; II, 95; e IX, 11).

Ajaz: também chamado de Ajax, há dois na *Ilíada*:

1. Ajaz, comandante dos lócrios, é filho de Oileu, chamado de Ajaz Menor, para diferenciá-lo de Ajaz telamônio, filho de Telamão. Ele está presente em todas as grandes batalhas da *Ilíada,* sendo considerado muito arrogante e ímpio. Comete sacrilégios perante Atena, com perda de grande parte dos navios gregos, inclusive o dele, mas Posido o salva (ver II, 527; X, 169; XIII, 66, 695, 701; XIV, 442; XVII, 256; e XXIII, 473, 483, 754, 789)

2. Ajaz telamônio, isto é, filho de Telamão, é um dos heróis mais importantes na Guerra de Troia, junto com Diomedes e Odisseu. Reina sobre Salamina e é considerado o segundo em força, depois de Aquiles. Foi Héracles, vestido com sua pele de leão, quem o trouxe de Telamão para lutar em Troia. Calmo e controlado, andava sempre pesadamente armado com um escudo feito com sete camadas de couro e a oitava de bronze. Ele luta diversas vezes com Heitor em combate singular, e várias vezes leva vantagem.

Depois da morte de Aquiles, uma disputa é travada para saber quem ficaria

com a armadura do grande herói. Odisseu ganha e Ajaz trama uma vingança. Atena lhe infunde loucura e ele mata um rebanho de ovelhas. Quando desperta de sua loucura, se mata, e do seu sangue, que penetra na terra, nasce um jacinto, cuja flor tem as primeiras letras do seu nome: A e I. Uma versão afirma que depois do naufrágio de Odisseu, a armadura de Aquiles vai até Troia e para em cima do túmulo de Ajaz. Os atenienses ofereciam sacrifícios a ele todo ano. Na tomada de Troia, ele quis castigar Helena pelo seu adultério, mas os filhos de Atreu a protegeram (ver II, 527; VII, 206; IX, 169; XI, 544; XV, 419; XVI, 102; e XVII, 128, 278).

Ambrosia: a palavra quer dizer "imortal" (*an+brosios*) e às vezes é um alimento sólido, em oposição ao líquido néctar que torna os deuses imortais. Mas também é chamado de alimento dos cavalos. É também o nome de um óleo perfumado que os deuses usam e que serve também para conservar um cadáver. Apolo o usa com Sarpédone e Afrodite, com Heitor (ver XIV, 170; e XIX, 38).

Andrômaca: filha de Eecião (ou Etion), rei de Tebas, na Mísia, cuja cidade foi saqueada por Aquiles antes do nono ano da Guerra de Troia. Esposa de Heitor, perdeu seus sete irmãos e seu pai no ataque de Aquiles. Teve de Heitor um único filho, Astianacte (ou Astíanax). Depois da queda de Troia, como escrava, foi para as mãos de Neoptólemo, filho de Aquiles (ver VI, 374; e XXIV, 722).

Apolo: um dos deuses mais importantes do panteão heleno. É primeiramente o deus da adivinhação, das artes e da música (as Musas dependiam diretamente dele). É também o deus-arqueiro e podia matar muitos homens e destruir cidades com suas setas em forma de pragas. É também o patrono dos médicos. Estudiosos dizem ser ele um deus vindo do Oriente. É chamado de Febo, o Brilhante, por ser o deus-Sol. É filho de Zeus e Leto (ou Latona) e irmão gêmeo de Ártemis, também flecheira. Zeus lhe dá uma lira e um carro guiado por cisnes. É o deus do oráculo mais famoso da Grécia, do templo de Delfos, em cujo portal se vê escrito "Conhece-te a Ti Mesmo". Lá ele mata a serpente Píton que protegia o templo. Todo ano havia festejos para Apolo, tanto em Delfos quanto em Atenas (ver I, 14, 36; IV, 507; V, 344; XV, 360; XVI, 703, 715, 788; XVII, 71; XX, 443; XXI, 596; e XXIII, 188).

Aqueus ou **aquivos** ou **acaios**: ver Dânaos (ver I, 2, 42, 71, 162; e III, 167, 226).

Aquiles: filho de Tétis e Peleu (por isso chamado de pelida ou peleio, ver **Crônida**), este último sendo rei de Ftia, na Tessália. Tétis é filha de **Oceano**, e na tentativa de imortalizar seus filhos ela sempre os matava. No sétimo filho, entretanto, ela resolve banhá-lo no rio Stix, segurando-o pelos calcanhares, tornando-o, assim, invulnerável em todo o corpo, menos nessa parte. Em outras versões, às vezes aparece como sendo educado por Fenice ou pelo centauro Quirão, no alto do monte Pélio. Com Quirão, ele aprende a tocar lira e as histórias das antigas virtudes, como desprezo pelos bens terrenos, horror à mentira, um sentido de moderação, resistência a paixões e remorso. Também aprende medicina com Quirão, que é um grande médico. É o herói mais importante da Guerra de Troia e talvez um dos maiores de toda a Grécia. O tema principal da *Ilíada* é a sua briga com Agamémnone. Ele comanda uma frota de cinquenta navios tripulados pelos mirmídones. Antes de partir para Troia, sua mãe o adverte que, se fosse, morreria em breve, mas sua fama seria eterna, e se ficasse e não lutasse, teria uma vida calma e morreria de velhice. Aquiles escolhe a fama e a morte rápida.

Na versão dos poetas trágicos, a história de sua ida para Troia é a seguinte: seu pai, Peleu, tendo ouvido de um oráculo que seu filho iria morrer junto aos muros de Troia, disfarça-o em mulher e o esconde como uma das filhas de Licomedes, rei de Ciros. Lá é dito que ele se torna amante de Deidâmia, filha de Licomedes, e tem um filho, mas o Destino acaba por levar Aquiles para Troia, pois Odisseu ouve de um oráculo que Troia não seria conquistada se Aquiles não fosse junto, e termina por encontrá-lo.

Existem várias versões da sua morte, todas posteriores aos escritos homéricos. Uma delas diz que Aquiles se apaixona pela filha de Príamo, Polixena, e diz para este que trairia os gregos se pudesse se casar com ela. Príamo, então, arma uma emboscada para Aquiles e Páris o mata no local onde eles iriam selar o pacto. Outra diz que ao atacar os muros de Troia, depois da morte de Heitor, Apolo o adverte para não ir mais adiante, mas ele não o ouve, e o deus acaba por guiar uma flecha de Páris para o calcanhar de Aquiles, seu único ponto fraco (ver I, 1,

131; II, 685; IX, 434; XI, 830; XVI, 168; XVIII, 22, 181; XIX, 12, 75; XX, 160; XXI, 39, 137, 139, 182, 233, 324, 599; XXIII, 59, 128; e XXIV, 59).

Ares: o deus grego da guerra, equivalente ao deus romano Marte (note a importância que Junito de Souza Brandão dá para que não confundamos os deuses gregos com os deuses romanos: não são os mesmos deuses, apesar de podermos fazer analogias e comparações. Ver as Referências Bibliográficas). Filho de Zeus e Hera, como Apolo e Hermes, é da segunda geração dos Olímpicos. É um dos doze grandes deuses Olímpicos. Na Guerra de Troia, está basicamente ao lado dos troianos, mas tem pouca relação com a justiça de sua causa. Em guerra, ele é atendido por espíritos, especialmente Deimos e Fobos (Terror e Medo). Vivia na Trácia, lugar inóspito, de cavalos selvagens e das Amazonas, que se consideravam filhas de Ares. Mais bruto que inteligente, ele nem sempre é o vencedor nas guerras. Parece até que os gregos gostavam de vê-lo perdendo. No Canto V, na Aristia de Diomedes, ele é atingido por este com o auxílio da esperta Atena, que estava invisível com o elmo de Ares. No Canto VIII da *Odisseia*, Demódoco, aedo dos feácios, canta o episódio de sua traição com Afrodite (ver II, 110, 401, 842; e V, 29, 289).

Ártemis: é a irmã gêmea de Apolo, filha de **Zeus** e **Leto**. Sendo a mais velha, logo depois de nascer ajudou a mãe a dar à luz a seu irmão, e por isso resolveu nunca ter filhos: deusa sempre virgem, se interessava apenas pela caça. Da mesma forma que seu irmão, tem o arco como arma principal (ver V, 51, 53; VI, 205, 428; XVI, 183; XIX, 60; e XX, 39).

Asclépio: deus da medicina, filho de Apolo. Há muitas versões para seu nascimento. Um deles diz que Apolo amou Coronis, filha do rei da Tessália, Flégias, mas antes de seu filho nascer, Coronis amou Elato.

Pelo seu erro, Apolo a mata, mas retira o filho de seu ventre. Ele foi educado pelo centauro Quirão (ou Chiron) (ver IV, 194).

Atena: junto com Hera, na Guerra de Troia, ela está sempre ao lado dos gregos. Ajuda em vários momentos o grande herói Diomedes. Na *Odisseia*, é a deusa mais importante, guardiã incansável de Odisseu. É chamada “a de olhos glaucos” (azul-acinzentados) ou, às vezes, somente de Palas, como de Palas Atena. Sem mãe, nasceu da cabeça de Zeus. Este teria engolido a titânida Métis

(Prudência), por medo de a filha desta ser superior a ele, e tendo grande dor de cabeça, pediu a **Hefesto** que o ajudasse; este, abrindo sua cabeça, fez nascer Atena, já adulta, toda armada e pronta para a guerra. Por ela Zeus tem um amor todo especial: ela sempre acaba por conseguir tudo do seu pai. É tanto deusa da guerra quanto das artes e profissões. Sempre virgem, ama, no entanto, as ações viris de vários mortais, ajudando-os (Perseu, Jasão, Héracles, Diomedes). Seu animal simbólico é a coruja. Atena carrega em seu escudo a cabeça da górgona Medusa, que lhe foi ofertada por Perseu. Como Odisseu, ela é famosa não apenas por ser forte fisicamente, mas por ser astuta (ver I, 195; II, 166; IV, 86; V, 733, 845; VIII, 384; e XI, 437).

Atrida: ver **Crônida** (ver I, 7; e III, 347).

Aurora (em grego, **Éos**): muito conhecida pelo seu epíteto, "de dedos de rosa", esses dedos róseos abrem o portão do céu para a carruagem de Hélio, o Sol. É uma deusa antiga, da geração dos Titãs. Filha, como Hélio (Sol) e Selene (Lua), de Hipérion e Teia, ela é mãe dos ventos, Bóreas (Norte), Zéfiro (Oeste), Noto (Sul), da estrela da manhã Eosforus e das estrelas. Suas lendas consistem praticamente de suas intrigas. Uma delas aparece na *Odisseia*, quando ela rouba o jovem Clito por causa de sua beleza (ver XV, 250). No Canto XXII, 197, ela nasce de **Oceano** (ver XI, 1).

Beócia: é de um porto na Beócia, Áulis, que os gregos partiram para Troia. Assim se explica por eles serem os primeiros a serem contados no "Catálogo das Naus" e também o título do Canto II (ver I, 494).

Bóreas: também chamado de Aquilão, é o Vento Norte, frio e forte, normalmente maléfico. É filho de Ástreos e Éos (Astros e Aurora). Seu lugar de origem é a Trácia, região fria e ao Norte. Rapta Oreitia, filha de Erecteu, rei de Atenas, enquanto ela brincava na margem do rio Ilísio. Com ela teve dois filhos, Alais e Zetes, e duas filhas, Chione e Cleópatra. Tem estreita relação com os cavalos, é pai de vários e é frequentemente representado na forma equina (ver V, 524, 697; e IX, 5).

Calcante: vidente de Micenas, que interpreta o voo dos pássaros. Filho de Testor, é neto de Apolo e o dom da vidência lhe foi dado por este deus. É um dos maiores adivinhos da Grécia e grande conselheiro nas batalhas. É ele quem

sugere a ideia do cavalo de madeira para que os guerreiros entrem em Troia, quem diz que sem Aquiles Troia nunca seria tomada, e também quem interpreta a serpente comendo oito pássaros, dizendo que Troia seria apenas tomada depois do oitavo ano (ver I, 69; e II, 300).

Calipso: não aparece na *Ilíada*, mas é importante na *Odisseia*. Às vezes é chamada de ninfa e às vezes de deusa. É filha de Atlante (ou Atlas). Vivia na mítica Ilha de Ogígia, onde prendeu Odisseu durante sete anos, lhe oferecendo a imortalidade, se ele aceitasse tê-la como esposa. Mas é obrigada pelos deuses a ajudá-lo a voltar para casa. Algumas versões dizem que ela teve um filho de Odisseu.

Castor e **Polideuces (Pólux):** irmãos gêmeos, chamados Dióscuros, filhos de Zeus e Leda, irmãos de Helena e Clitemnestra (estas, casadas com os irmãos Menelau e Agamémnone). Na mesma noite em que Leda se deitou com Zeus, este na forma de cisne, ela também se deita com seu marido mortal, Tindareu, rei da Lacônia (Lacedemônia). Tem, assim, quatro gêmeos, sendo Polideuces (ou Polideuses) e Helena filhos de Zeus e Castor e Clitemnestra filhos de Tíndaro (ver III, 237).

Criseide: ver **Crises** (ver I, 310).

Crises: pai de Criseide, raptada por Agamémnone mas devolvida para o seu pai. No entanto, ela estava grávida, e seu filho, nomeado pelo avô Crises, tem uma parte na lenda de Orestes, seu irmão por parte de pai (ver I, 11).

Crônida: vários personagens nos textos homéricos são chamados pelo nome de seus pais. Assim, Aquiles é o peleio ou pélida (filho de Peleu), Peleu é o eácida (filho de Eaco, e às vezes o próprio Aquiles é dito ser eácida por ser neto de Eaco), Zeus é o Crônida (filho de Crono), Pisístrato é o Nestórida (filho de Nestor), os atridas são Menelau e Agamémnone (filhos de Atreu) etc. Normalmente as terminações em -ida e -ido indicam que se trata de um nome derivado do pai da personagem (ver I, 405, 539).

Crono: filho de Urano (Céu) e Gaia (Terra), castrou o pai, que escondia os filhos debaixo de Gaia, mas se tornou também um pai terrível: casando com sua irmã, Reia, devora-os todos assim que nascem. É pai dos Olímpicos e do caçula Zeus, que é o único que tem a coragem de iniciar a luta contra Crono, iniciando a

titanomaquia. De acordo com a etimologia, não se pode fazer, como levianamente se faz, uma relação direta com a palavra “tempo” (*Chrónos*: tempo; *Kronos*: deus), mas, arquetipicamente, sempre foi dito ser Crono o deus do tempo. É vencido por Zeus, que liberta seus irmãos de dentro de sua barriga (ver VIII, 479; e XIX, 204, 274).

Dânaos: em Homero, temos vários nomes para designar os gregos genericamente: dânaos, aqueus (ou aquivos ou acaios), argivos e helenos (ver I, 56, 97).

Deífobo: filho de Príamo e o irmão preferido de **Heitor**. Foi ele quem reconheceu Páris, seu irmão que havia sido criado longe de casa nos jogos dos funerais (ver **Páris**). Ele ganha a mão de Helena depois que Páris morre em uma competição com seu irmão, Heleno. Deífobo é morto por Menelau depois de Troia ter sido saqueada (ver XIII, 413).

Deméter: é a deusa da fertilidade da terra, pertencendo à geração dos Olímpicos. É filha de Crono e Reia e por isso irmã de Zeus, Deméter é a deusa do milho, dos grãos, diferente de Gaia, que é a Terra cosmológica. Sua filha, Perséfone, casa-se com Hades (ver II, 696; V, 500; e XIII, 322).

Demônio: esta palavra traduz normalmente a palavra *daímon*, em grego, que não tem conotação pejorativa ou necessariamente maléfica. Ela quer dizer “espírito” ou um ser que está entre os imortais e os seres humanos, um ser divino (ver III, 420; e V, 884).

Diomedes: um dos maiores guerreiros gregos, etólio, filho de Tideu (por isso chamado de tidida) com Deipile, uma das filhas de Adrasto. Foi também um dos pretendentes de Helena e é o companheiro usual de Odisseu nas aventuras até Troia. São os dois que matam Dolão, um espião troiano. De todos os retornos dos heróis da Guerra de Troia, o de Diomedes foi o mais fácil, mas logo em sua chegada os trabalhos começam novamente. Por ter ferido Afrodite em Troia, sua esposa o tinha traído e ele mal conseguia fugir das armadilhas que ela havia lhe preparado. Foge, então, para a corte do rei Dauno, onde outras aventuras acontecem por lá. Há menção de outro Diomedes na mitologia grega, rei da Trácia, filho de Ares (ver II, 563; IV, 365; V, 93; e X, 454).

Dioniso: filho de Zeus e de Sêmele, esta morre fulminada ainda não tendo

dado à luz o filho, pois quis ver Zeus em todo o seu esplendor. Zeus rapidamente pega seu filho, ainda no sexto mês, e o coloca em sua coxa, de onde nasce depois Dioniso. Desde o seu nascimento, ele viaja pelo mundo, e na Índia forma a sua corte: uma carruagem puxada por panteras e sátiros, silenos e outras divindades menores, como Príapo, que o segue em suas festas. É assim que ele chega a Atenas. Sua importância na Grécia é muito grande, apesar de estudiosos o considerarem um deus estrangeiro, especialmente por presidir aos rituais báquicos, o êxtase e o vinho (ver VI, 132, 136; e XIV, 325).

Discórdia (Éris): irmã e companheira de Ares. Na sua *Teogonia*, Hesíodo a coloca na geração dos deuses primordiais, filha da Noite. Ela deu à luz numerosos filhos, como Pens (Ponos), Esquecimento (Lete), Fome (Limos), Dor (Algos) e também a Juramento (Horcus). Hesíodo também fala que há duas deusas Discórdia, uma boa e outra maléfica (ver XI, 3).

Dodona: cidade do oráculo de Zeus (ver II, 750).

Dolão: filho único de Eumedes, era famoso por ser rápido na corrida. É encontrado como espião dos troianos por Diomedes e Odisseu, sendo morto por eles (ver X, 376).

Egisto: filho incestuoso de Tiestes (e por isso chamado tiestíada) e de sua filha Pelópia, é ele quem junto com a mulher de Agamémnone, Clitemnestra, mata o rei quando este volta da Guerra de Troia. Orestes, filho de Agamémnone, vinga a morte de seu pai matando tanto Egisto quanto sua mãe, Clitemnestra, e por isso as **Erínias** o atacam. Na *Ilíada*, não há nenhuma participação de Egisto.

Eneias: grande herói troiano, filho de Afrodite e de Anquises (ver II, 820; V, 272; e XIII, 459).

Erínias: deusas violentas, que os romanos identificavam com as Fúrias. Também eram conhecidas por “Eumênides”, que quer dizer “as Gentis”. Isto era apenas para que elas não se zangassem com quem quer que pronunciasse seu nome. Foram geradas pelas gotas de sangue que caíram em Gaia (Terra) quando da castração de Urano por Crono, fazendo parte, portanto, dos deuses mais velhos. São deusas primitivas, que não reconhecem a autoridade dos deuses mais jovens. Análogas às Parcas, ou Moiras, até Zeus tinha de respeitá-las. Sendo, no princípio, de número incerto, logo foram consideradas como três: Alecto,

Tisífone e Megera. Seres espirituais alados, com cabelos formados de cobras, carregavam tochas e chicotes. Eram as vingadoras dos crimes cometidos dentro da própria família, como de filhos que matam seus pais (ver IX, 454, 571; e XV, 204).

Euro: vento Leste, filho de Astreos e Éos (Aurora) (ver II, 145; e XVI, 765).

Fenice: filho de Amíntor, rei de Éleon, na Beócia, e de Hipodâmia (há outras versões para sua mãe). Amíntor tinha uma concubina, que tentou seduzir Fenice, mas em vão. Ela conta, então, a seu pai, que ele a violentou e Amíntor o cega. Fenice vai para Peleu, que o envia ao centauro Quirão que o cura. Peleu lhe entrega seu filho Aquiles e Fenice passa a acompanhá-lo como conselheiro (ver IX, 168).

Glauco: grande general troiano, filho de Hipóloco e primo de Sarpédone (ver VI, 119).

Hades: quer dizer tanto um local (o submundo) quanto o nome do deus. Irmão de Zeus, filho de Crono e Reia, ganha o reino do submundo (Hades e Tártaro) depois de os Olímpicos vencerem a guerra com os titãs (a titanomaquia); seu outro irmão, Posido, fica com os mares e Zeus com o céu. É o deus dos mortos, e para junto de Hades vão todos os mortos. Ganha dos ciclopes, seus aliados na titanomaquia, um elmo de invisibilidade, usado por outras divindades durante as guerras. Rapta a filha de Deméter, Perséfone, e com ela se casa. Sua mãe, desesperada, torna estéril toda a natureza depois de seu rapto, e Zeus obriga Perséfone a voltar. No entanto, ela já havia comido sementes de romã e por isso não podia mais voltar. Assim, passa com a mãe certa parte do ano e com o esposo a outra (alguns dizem que é dividido em seis e seis meses, outros, em três e nove), formando assim as estações do ano. Seu cão de três cabeças, Cérbero, é muito famoso (ver I, 3; III, 321; V, 646, 654, 845; VI, 284, 422; VIII, 16, 368; XV, 188, 191; XVI, 625; e XX, 294).

Harpias: palavra que quer dizer “as raptoras”, são filhas de Tauma (Espanto) e da oceânida Electra. São seres alados, às vezes mulheres, às vezes abutres, às vezes abutres com cabeça de mulher, pertencendo ao panteão pré-olímpico. Normalmente são consideradas como duas ou três: Aelo, Ocípite e Celeno. Elas carregam as almas dos mortos e são encontradas normalmente nos túmulos. Na

Ilíada, aparece a harpia Podarga, como mãe dos cavalos de Aquiles, Xantos e Balio (ver XVI, 150; e XIX, 400).

Hebe: é a personificação da juventude. Era encarregada de distribuir néctar aos deuses, preparar o banho de Ares e ajudar Hera a preparar sua carruagem. Ela dançava com as **Musas** e com as **Horas**. Depois que Héracles fez as pazes com Hera, e foi imortalizado, ele casa-se com Hebe (ver IV, 2; e V, 722, 905).

Helena: filha de Zeus e da mortal Leda, tendo Tindareu como seu pai humano. Ela era mulher de Menelau, foi raptada por Páris, filho do rei Príamo de Troia, ato que deu início à Guerra de Troia. Mulher de uma beleza extraordinária, tinha a capacidade de seduzir o homem que quisesse. Outra versão a faz filha de Nêmesis: esta, tentando fugir de Zeus, se transforma em pássaro, e Zeus se transforma em cisne. Segundo uma versão, a deusa, então, põe um ovo, que é entregue a Leda, de onde nasce Helena. Um dos temas de discussão muito famosos da Grécia clássica é sobre a culpa que Helena tem de ter sido raptada. Sobre isto, o sofista Górgias escreveu um tratado (ver II, 590; III, 121, 383; VI, 343; e XXIV, 760).

Hefesto: deus do fogo, filho de Zeus e Hera. Outra versão nos diz que Hera o teria criado por si mesma, em vingança de Atena, que foi criada por Zeus sozinho. Deus metalúrgico, é ele quem faz a famosa armadura de Aquiles, que aparece descrita na *Ilíada* (Canto XVIII). Ele é um deus coxo e muitas versões contam a sua história. A mais famosa é que Zeus brigava com Hera por causa de Héracles, e Hefesto tomou o partido de sua mãe. Zeus o atirou do alto do Olimpo. Ele caiu um dia inteiro, parando em Lemno, e foi ajudado pelos síntios (ver I, 571; XVIII, 462; e XXI, 381).

Heitor: filho mais velho de Príamo e Hécuba, é o maior guerreiro de Troia. Ele foge ao combate enquanto Aquiles está lutando entre os gregos, pois sabe que o seu destino é cair nas mãos de Aquiles. É casado com Andrômaca e dela tem um filho, que é ainda muito jovem quando Heitor morre. É profundamente amado entre os troianos, mais até do que Príamo. Dois deuses o ajudam muito durante a guerra, Ares e Apolo (ver I, 242; V, 590, 602; VI, 374; VII, 54, 263; XII, 453; XVI, 818; XXII, 136, 212; XXIII, 184; XXIV, 723, 761).

Heleno: filho de Príamo e de Hécuba, irmão gêmeo de Cassandra, ele

adquiriu o dom da profecia junto com ela, durante uma noite que passaram no templo de Apolo (ver VI, 76).

Hélio: quer dizer “Sol” em grego e é o deus que anda em um carro que nos aparece como o Sol, surgindo no Oriente, atravessando o céu, desaparecendo no Ocidente e então circundando a Terra pelo rio-deus Oceano em uma grande taça. É da geração dos Titãs e por isso mais velho que os Olímpicos. É filho de Hipérion (por isso chamado de Hiperiônio) e de Teia. É também irmão de Éos (Aurora) e Selene (Lua). Sua esposa era Perseis, uma das filhas de Oceano e de Tétis. Teve com ela vários filhos: Circe, a feiticeira, que aparece na *Odisseia*, Eetes, o rei de Coleis, Perseu, Pasífae etc. Este deus é conhecido como “aquele que tudo discerne e tudo vê” (ver III, 277).

Hera: a maior das deusas Olímpicas, é esposa-irmã muito ciumenta de Zeus, filha, portanto, dos titãs Crono e Reia. E famosa sua perseguição aos filhos bastardos do marido. Quatro são seus filhos: Hefesto, Ares, Eilütia e Hebe. Na *Ilíada*, ela é uma defensora fervorosa dos gregos contra os troianos. Isto se dá principalmente pelo episódio conhecido como “o pomo da discórdia”. Este fruto deveria ser entregue à mais bela entre Hera, Atena e Afrodite, e elas escolhem Páris para decidir. Cada deusa lhe oferece seu dom, e Páris acaba escolhendo Afrodite, que lhe oferece o amor da mulher mais bela (Helena). Causa, então, grande ódio nas outras duas deusas, que por isso se tornam inimigas de Troia. No rapto de Helena por Páris, Hera faz seu navio se afastar da rota de volta a Troia e os lança para a costa síria, em Sidon. Hera também protege Aquiles, já que foi ela quem cuidou de sua mãe, Tétis (ver I, 195, 400; II, 156; IV, 5; V, 392, 711; VIII, 198, 350, 444; XIV, 153; XV, 5, 78; XVI, 439; XVIII, 167; XIX, 97; XX, 33, 112, 309; XXI, 328, 369, 418, 512; e XXIV, 55).

Héracles: também conhecido pelo seu nome latino, Hércules, é talvez o herói mais importante da mitologia grega. Filho de Zeus e Alcmena, é muito famoso pelos doze trabalhos que Hera, a enciumada esposa de Zeus, o força a executar pelas ordens de seu primo, Euristeu (ver II, 653; V, 629; XIV, 253; XV, 26; XVIII, 117; e XIX, 99).

Hermes: o mensageiro dos deuses, filho de Zeus e Maia, a mais nova das Plêiades. Ao nascer, de forma precoce, rouba o rebanho de Apolo. No entanto,

Hermes inventa a lira, com o casco de uma tartaruga e suas tripas. Quando Apolo descobre o roubo, acaba se encantando pela lira e a troca pelos bois. Hermes também inventa a flauta e a troca com Apolo pelo caduceu e pelos dons da adivinhação. Hermes torna-se, assim, o intermediário dos outros deuses com Hades e Perséfone, já que ele conduz, com o caduceu, as almas para o Hades. É o deus "Psicopompo" (envia alma). É o deus das barganhas e dos enganos. Na *Odisseia* e na *Ilíada*, ele é também chamado de Argeifontes, que muitas vezes é traduzido por Mensageiro Brilhante, mas pode querer dizer "aquele que mata Argos", ou argicida (ver II, 104; V, 390; XVI, 184; XX, 35; XXI, 502; e XXIV, 333, 678).

Horas: são filhas de Zeus com Têmis, irmãs das Moiras. São, por um lado, as deusas da natureza, regendo o crescimento das plantas; por outro, são deusas da justiça, mantendo a estabilidade da sociedade. As Horas são três: Eunômia, Diké e Eiriné, nomes que querem dizer Disciplina, Justiça e Paz. São seguidoras de Afrodite, como as Graças, mas também aparecem no séquito de Dioniso (ver V, 750; e VIII, 394, 433).

Idomeneu: rei de Creta, filho de Deucalião e neto de Minos. Ele foi um dos pretendentes de Helena e luta ao lado dos gregos na Guerra de Troia (ver **Agamémnone**). É um dos grandes heróis, um dos nove líderes que se apresentam para enfrentar Heitor (ver I, 145; II, 645; XIII, 210; XVII, 258; e XXIII, 529).

Ílio: outro nome para *Troia* (ver I, 71).

Íris: filha de Taumas (Espanto) e Electra, e por isso descendente de Oceano e também irmã das Harpias. É a personificação do arco-íris e também da relação entre o céu e a terra, os deuses e os homens. Algumas vezes é dita a mulher do Vento Zéfiro e mãe de Eros. Ela, como Hermes, é a mensageira dos deuses para os homens (ver II, 786, 795; III, 121; V, 353; VIII, 399; XI, 186, 195; XVIII, 166, 202; XXIII, 199; e XXIV, 77, 95).

Laertes: pai de Odisseu, filho de Arcésio e Calcomedusa, e consequentemente da família de Deucalião pelo seu avô, Deion. Casou-se com Anticleia, filha de Autólico, mas esta foi casada anteriormente com Sísifo e por isso Odisseu é às vezes dito filho deste último. Conta-se que Laertes teve outra

filha com Anticleia, Ctimene, mas Odisseu é também considerado filho único de Laertes (ver II, 173).

Leto: titânida, filha de Coeus e Febe. Com Zeus, teve Apolo e Ártemis (ver XIV, 327; XX, 40; e XXI, 497).

Macáone: filho de Asclépio (por isso chamado de asclepíade) e irmão de Podalírio, também médico. Enquanto Podalírio era mais um clínico geral, Macáone era cirurgião. Sua mãe é Epione, filha de Mérope, mas há outras versões. Macáone foi também um dos pretendentes de Helena e por isso comandou uma frota a Troia. Logo sua arte na medicina se viu tão importante que acabou por excluir-se de toda luta. É famosa sua cura de Filoctetes, ferido por Héracles (ver IV, 193).

Menelau: rei de Esparta, capital da Lacônia (ou Lacedemônia), filho de Atreu (por isso chamado atrida) e Aérope; irmão de Agamémnone. Foi escolhido por Helena para se casar, mas sendo raptada por Páris, com a ajuda de Afrodite, deu-se o início da Guerra de Troia (ver **Agamémnone**). Como havia sido feito um juramento, em que todos defenderiam a honra do escolhido por Helena, todos os aqueus, ou gregos, entram na guerra, comandados por seu irmão Agamémnone que era rei da cidade mais poderosa, Micenas. Na *Odisseia*, ocorrendo dez anos depois da queda de Troia, aparecem juntos Menelau e Helena em seu palácio em Esparta (ver II, 408; III, 21, 206, 307, 449; IV, 7, 13, 95; XV, 540; e XVII, 246).

Moiras: também chamadas de Destino ou Parcas, personificando o destino individual. Na época de Homero, foram consideradas como uma única Moira, que nem os deuses podiam desobedecer, mas gradualmente se transformaram em três mulheres, que tecem o fio do destino. São chamadas de Atropos (Inflexível), Cloto (Fiandeira) e Láquesis (Sorteadora) e regulavam a vida dos homens. São filhas de Zeus e Têmis e irmãs das Horas (ver XVI, 849; e XVII, 422).

Morte: existem duas palavras em grego que são traduzidas por morte e remetem a duas divindades diferentes: *Ker* e *Thánatos*. *Tanatos* é filho da Noite (Nyx) e irmão do Sono (Hypnos) e não tem um mito próprio, sendo conhecidas suas desventuras com Héracles e com Sísifo. Já *Ker* (muitas vezes traduzida por negro Destino ou Parcas), ou no plural, Keres (Queres), são os destinos individuais de cada ser humano e guardam o tipo de morte que teremos. São

seres horripilantes, alados, negros, com longos dentes e unhas pontiagudas, rondando os heróis nas batalhas. São também filhas da Noite e por isso irmãs de Tanatos e Hypnos (ver XIV, 231; XVI, 454, 672, 682; e XVIII, 536).

Musas: na época de Homero, não há menção às *nove* Musas que aparecem em Hesíodo. Afirma-se que o único trecho em que elas aparecem como nove, no Canto XXIX da *Odisseia*, seja uma interpolação tardia. A palavra grega *musa* tem relação etimológica com *música*, sendo estas as deusas que inspiram o canto. Esta também tem relação com *mens* (do latim) e *mind* (do inglês), lembrando a importância da memória para a tradição oral. As Musas são filhas de Zeus com Mnemósine (Memória), a pedido dos deuses para que Zeus criasse divindades que os louvassem com o canto. São elas *Calíope* (Voz Harmoniosa), que preside à Poesia Épica, *Clio* (Célebre), à História, *Polímnia* (Muitos Cantos), à Retórica, *Euterpe* (Alegre), à Música, *Terpsícore* (Alegria da Dança), à Dança, *Erato* (Amável), à Lírica Coral, *Melpômene* (Canto), à Tragédia, *Talia* (Abundância), à Comédia, e *Urânia* (Celeste), à Astronomia. Há, como em todos os mitos, variantes dessas funções e ao seu número. Como se pode ver, elas presidem a todas as formas de manifestação espiritual (ver I, 604; e II, 484).

Nestor: rei de Pilo, filho de Neleu, casado com Eurídice (ou Anaxíbie). Ele é chamado neleio, por ser filho de Neleu, ora gerênio, por ter sido criado na cidade de Gerênia. Foi o único filho de Neleu que sobreviveu ao ataque de Héracles a Pilo, exatamente por estar ainda em Gerênia.

Depois disso, toma o trono de Pilo. Muito célebre na *Ilíada*, aparecendo como um velho prudente que dá importantes conselhos, na *Odisseia* ele ajuda Telêmaco em Pilo, lhe oferecendo um carro, e o filho, Pisístrato, como acompanhante para irem até Esparta, cidade de Menelau, na Lacônia. Ele é, assim, o arquétipo do senhor conselheiro, sábio (ver I, 248; II, 77, 336, 433; VII, 324; IX, 52; XIV, 1; e XXIII, 618).

Noite (Nyx): Filha do Caos e mãe de uma série de seres: Morus (Destino), Ceres, Hypnos (Sono), Sonho, Momus (Sarcasmo), Moiras, Filotes (Ternura), Geras (Velhice), Éris (Discórdia), Tanatos, Keres (Morte) etc. (ver XIV, 259, 261).

Noto: também chamado Áuster, é o Vento Sul, filho de Éos (Aurora) e de

Astreos. Ele raramente aparece como uma personagem, como seus irmãos Bóreas e Zéfiro (ver II, 145, 395).

Oceano: um rio-deus que circunda a Terra toda, chegando até o Hades. Odisseu, para chegar ao país dos mortos, segue até o fim de Oceano, chegando no país da noite, onde moram os cimérios (*Odisseia*, ver XI, 14). O mais velho dos Titãs, Oceano, é como Cronos, filho de Urano (Céu) e Gaia (Terra). Ele faz par com Tétis, o lado feminino do mar. Eles são os pais de todos os rios e na *Teogonia* de Hesíodo alguns deles aparecem: Nilo, Alfeu, Eridano, Strinon etc. Também com Tétis ele teve filhas, as oceânidas, deusas que tiveram diversos filhos com mortais e imortais. Elas personificam também os rios e as fontes. É famosa a passagem na *Ilíada* onde é dito que todas as coisas vieram do Oceano (ver I, 424; III, 5; e V, 6).

Odisseu: este é o seu nome grego; seu nome latino é Ulixes, muito conhecido em português como Ulisses. Junto de Héracles, é o mais famoso herói de toda a Antiguidade. Filho de Laertes e Anticleia, é muito chamado de laertíada. Outra versão o denomina filho de Sísifo, com quem Anticleia teve um relacionamento antes de Laertes. Nascido em Ítaca, casa-se com Penélope, prima de Helena, filha de Ícaro. A *Odisseia* é a história do retorno de Odisseu, depois da Guerra de Troia, para Ítaca. Depois de dez anos de guerra, ele ainda demora dez anos até chegar a Ítaca, e todo esse tempo Penélope o espera, apesar dos avanços dos pretendentes. Para apaziguá-los, ela diz que irá desposar um deles assim que terminar de tecer um tapete. No entanto, ela o tece de dia e de noite o desfaz. Ele é um grande guerreiro, um dos maiores da Guerra de Troia (ver I, 138; II, 259, 631; III, 191, 216; IV, 358; IX, 169, 676; X, 242; XI, 439; e XIV, 82).

Orestes: filho de Agamémnone e Clitemnestra, é o vingador da morte de seu pai, que foi traído por Egisto e pela própria esposa, Clitemnestra. Orestes mata tanto Egisto quanto sua mãe. É com Ésquilo que Orestes torna-se uma figura predominante, e não tanto nos épicos homéricos, onde nem parece haver menção a Orestes matando a própria mãe (ver IX, 142, 284).

Pândaro: filho de Licáone, é o general de uma tropa dos lícios enviada a Troia para ajudar Príamo. Vem da cidade de Zeleia. O próprio Apolo lhe ensinou a usar o arco. Foi morto por Diomedes (ver IV, 88).

Páris: o filho mais novo de Príamo e de Hécuba, também chamado *Alexandre*. Hécuba, no início do trabalho de parto, teve uma visão de que dava à luz uma tocha, que incendiava Troia. Sendo predito que seu filho arrasaria Troia, Príamo manda matá-lo. No entanto, sua mãe o leva ao monte Ida, onde é cuidado por pastores. Lá ele recebe o nome de Alexandre (o Protegido ou o Protetor). Quando mais velho, participa dos funerais de um filho de Príamo (dele mesmo), vence todos os jogos e é reconhecido por sua irmã, Cassandra.

Outra história famosa que dá início à Guerra de Troia é a seguinte: quando os deuses se encontraram para o casamento dos pais de Aquiles, Peleu e Tétis, Éris (a Discórdia) jogou uma maçã para as deusas Atena, Hera e Afrodite, dizendo: "Para a mais bela." Ninguém queria ser o juiz, e então Zeus manda Hermes enviar as três para o monte Ida, para que Páris o seja. Cada deusa lhe oferece um dom: Hera lhe diz que será rei de toda a Ásia, Atena lhe promete sabedoria e vitória sobre todas as guerras e Afrodite lhe oferece o amor de Helena de Esparta. Páris escolhe Afrodite.

Numa batalha, foi ferido por Filoctetes. Pediu que fosse levado até uma ninfa, da qual tinha sido amante, mas quando chegou, a ninfa que tinha o poder da cura não quis curar o homem que a abandonou. No momento em que se apiedou de Páris, já era tarde demais (ver III, 325, 437; VI, 280, 503; XII, 93; XIII, 490, 660; XV, 341; XXII, 360; e XXIV, 248).

Pátroclo: o maior amigo de Aquiles, o filho de Menetes. Por parte de pai, é originário da Lócria, mas quando jovem foi para a Tessália, para a corte de Peleu. Desde então foi criado junto com Aquiles, e com ele aprende medicina. É bem difundida a ideia de que entre os dois havia mais do que uma simples amizade. Os dois lutaram juntos também em outras batalhas. Pátroclo entra na Guerra de Troia com a armadura de Aquiles, para apenas afugentar os troianos, mas acaba sendo morto por Heitor. É assim que Aquiles renuncia à sua ira por Agamémnone e retorna à batalha. Na *Odisseia*, seus ossos são depositados na mesma urna que os de Aquiles (ver I, 337; IX, 190; XI, 644, 806; XV, 390; XVI, 581; XVII, 2; e XIX, 283).

Pelidas (ou pélidas): ver **Aquiles**.

Perséfone: filha de Deméter e Zeus, foi raptada por Hades e tornou-se sua

esposa e rainha dos mortos. Sua mãe, horrorizada com o rapto, força Zeus a pedir a devolução da filha, tornando toda a natureza estéril. No entanto, Perséfone já havia comido sementes de romã, e por isso não poderia mais viver fora do submundo. Assim, Perséfone passa parte do tempo com a mãe, havendo então a primavera e o verão, e parte do tempo com Hades, havendo o inverno e o outono. Em Roma, é identificada como Proserpina (ver IX, 457, 569).

Polidamante: vidente troiano, nasceu na mesma noite que Heitor e, como ele, tem força e habilidade nos conselhos. Filho de Panto e Frôntis, teve um filho chamado Leócrito (ver XVIII, 249).

Posido: Na *Odisseia,* é o maior inimigo de Odisseu, já que este cega seu filho, o ciclope Polifemo. Posido é irmão de Zeus, filho de Crono e Reia, o deus das águas, principalmente do mar. Na *Ilíada,* ele está ao lado dos gregos. É associado pelos romanos a Netuno, um antigo deus dos mares. É o deus dos terremotos e por isso é chamado de "o que faz estremecer a terra". Deus violento, passa aos seus filhos esta característica. Sua esposa é Anfitrite, uma nereida (filha de Nereu), ou oceânida (filha de Oceano), mas teve diversas amantes e vários filhos. Teve como uma de suas amantes Deméter, gerando o cavalo Areion. Gerou ainda os gigantes e os ciclopes (ver I, 400; VII, 445; VIII, 200, 440; XII, 17; XIII, 19, 43; XIV, 154; XX, 20; e XXI, 472).

Príamo: o filho mais novo de Laomedonte. Rei de Troia durante a guerra, mas já bastante idoso. Pai de Páris, que rapta Helena, e Heitor, o maior herói dos troianos, e também de muitos outros guerreiros valorosos. Da primeira mulher, Arisbe, teve um filho, Aéaco, mas é de sua segunda esposa, Hécuba, que teve os filhos mais famosos. Troia é muitas vezes chamada de Cidade dos Muros de Príamo (ver III, 146; VII, 366; XX, 278; XXI, 88; XXII, 25; e XXIV, 188, 673).

Quíron: ver **Quirão**.

Quirão (Quíron): o centauro mais famoso e sábio, filho de Crono e Filira, uma oceânida. Crono se relacionou com Filira na forma de um cavalo, por isso a forma de Quirão. Ele é famoso por ter educado grandes heróis gregos, como Aquiles, Asclépio, Jasão e até o deus Apolo. No massacre dos centauros, por Héracles, ele foi atingido por uma de suas flechas, e como o ferimento causado fosse incurável, ele se tornou eternamente ferido. Só mais tarde conseguiu se

transformar em mortal e morrer (ver IV, 219).

Sarpédone: grande guerreiro troiano que ajudou a invadir o acampamento grego. Foi morto por Pátroclo e houve grande luta ao redor do seu corpo. Diz-se ser irmão de Minos, filho de Zeus e Laodâmia (ver XVI, 678).

Sono: Hypnos é a personificação do sono. É filho da Noite e de Érebo e irmão gêmeo da Morte. É rara sua ocorrência fora de um conceito abstrato. Primeiramente é habitante de Lemno, mas posteriormente sua moradia ficava em algum lugar no Hades, ou na terra dos cimérios, segundo Ovídio, que relatou detalhadamente seu palácio, onde tudo dormia. Ele amou Endimião, a quem deu o poder de dormir com os olhos abertos, para que assim pudesse contemplar os olhos do amado (ver XIV, 231).

Tétis: existem duas deusas com este nome. Uma delas (Tethis), menos importante na *Ilíada*, é a mais antiga deusa do mar, filha de Urano e Gaia, a mais nova das titânidas. Ela é a personificação da fecundidade feminina do mar. Casou-se com Oceano e teve mais de três mil filhos. Foi ela quem cuidou de Hera na infância. A outra deusa (Tétis) é a mãe de Aquiles, uma das nereidas (filhas de Nereu, o Velho do Mar) e Dóris. Esta foi criada por Hera. Vários episódios são explicados pela afeição mútua entre Tétis e Hera. Foi Tétis quem cuidou de Hefesto quando este foi atirado do Olimpo por Zeus, invejoso do filho de Hera. Também ela rejeita a corte de Zeus em respeito a Hera. Outra versão diz que tanto Zeus quanto Posido a queriam, mas um oráculo disse que o filho de Tétis superaria o pai. Os dois, então, dizem que ela deveria apenas ter um filho com um mortal, e com Peleu ela dá à luz Aquiles (ver I, 413, 496; VI, 136; IX, 410; XVIII, 51, 369; XIX, 6; e XXIV, 74, 120).

Teucros: como “troas”, é apenas outra forma de chamar os troianos, o povo de Troia (ver II, 141).

Zéfiro: também chamado *Favônio,* é a personificação do Vento Oeste, filho de Astreos e Éos (Astros e Aurora). Como vingança do seu amor não correspondido por Jacinto, que amou Apolo, Zéfiro fez um dos discos que Apolo lançara se desviar e matar Jacinto. Foi o pai dos cavalos de Aquiles, Xantos e Balio. É um vento mais brando do que Bóreas (ver XXIII, 195).

Zeus: deus mais poderoso do Olimpo, é chamado por vários nomes:

“Amontoador de Nuvens”, “Lançador de Raios”, “Fulminador”, “Protetor dos Mendigos”, “O que Vê ao Longe”, “Portador da Égide” (às vezes traduzido apenas por “Poderoso”), o “Pai dos Deuses e dos Homens” etc. Da etimologia do seu nome veio a relação com a claridade do céu. Sendo filho do titã Crono, é também chamado de *Crônida*. Ele é o terceiro patriarca da linhagem dos deuses, sendo o primeiro Urano (Céu) e Crono o segundo. Este último, no tempo em que reinava, devorava todos os filhos ao nascerem. Ao nascer Zeus, Reia, sua esposa-irmã, ofereceu uma pedra a Crono no lugar deste seu filho caçula. Depois de crescido, Zeus recebeu de Métis (titânida “Prudência”) uma poção graças à qual Crono vomitava todos os seus irmãos engolidos. Junto com outros aliados, Zeus iniciou a titanomaquia (guerra com os Titãs), onde os Olímpicos foram os vencedores.

Depois da sua vitória, Zeus dividiu o Universo com seus dois irmãos: Posido ficou com o mar, Hades com o mundo subterrâneo e ele mesmo com o céu. Possui duas águias, que sobrevoam a Terra todo dia e lhe contam tudo o que se passa. É o deus da fertilidade e por isso tem inúmeras uniões, entre mortais e imortais, gerando assim diversos filhos. Zeus é o guardião dos estrangeiros e dos mendigos e punia severamente aqueles que não os respeitavam com as dádivas da hospitalidade (ver I, 503; II, 2, 102, 669; IV, 1; V, 265, 418, 869; VIII, 2, 236, 391, 438; IX, 172; XIII, 1; XIV, 293; XV, 4, 188, 220; XVI, 440, 644; XVII, 198, 498; XVIII, 361; XIX, 95, 340; XX, 4, 215; XXI, 190, 505; XXII, 167; e XXIV, 64, 103, 330, 526).

NOTAS

1 Esta edição primou por uma postura conservadora. Mantivemos o texto — narrativa e paratextos — tal como o grande tradutor Carlos Alberto Nunes o concebeu. Variam, portanto, os nomes ***Ulisses*** e ***Odisseu***, por exemplo, sendo este o nome grego; seu correspondente latino é ***Ulixes***, muito conhecido em português como ***Ulisses***. (N.E.)

2 Os resumos apresentados no início de cada canto são baseados em textos de Victor Berard, da edição da Les Belles Lettres, editora francesa, por sua vez adaptados dos textos de papiros da época alexandrina (séculos III e II a.C.). (N.E.)

3 Um dos problemas em relação aos nomes gregos é a forma de transliterá-los, isto é, escrevê-los em caracteres latinos. Assim, temos Posídon, Posido, Poseidon, como também Atlas e Atlante ou Agamenon, Agamenão e Agamémnone, entre outros. Aqui, neste apêndice, seguimos as escolhas do tradutor. (N.R.)

SOBRE O AUTOR

Homero é considerado o maior poeta da Grécia Antiga. Estima-se que tenha vivido entre os séculos IX e VIII a.C. Sua obra foi composta e transmitida oralmente, e, devido à falta de evidências, alguns estudiosos chegam até a duvidar de sua existência.

Atribui-se a Homero, tradicionalmente, a autoria das obras *Ilíada* e *Odisseia*, dois clássicos que reconstituem a civilização grega com incrível riqueza de detalhes.

Equipe editorial

Daniele Cajueiro
Ana Carla Sousa
Maria Cristina Antonio Jeronimo
Guilherme Bernardo
Adriana Torres
Mariana Elia
Mônica Surrage
Pedro Staite
Leandro Liporage
Maicon de Paula
Vinícius Louzada

Revisão

Eduardo Carneiro

Diagramação

Elza Maria da Silveira Ramos

Capa

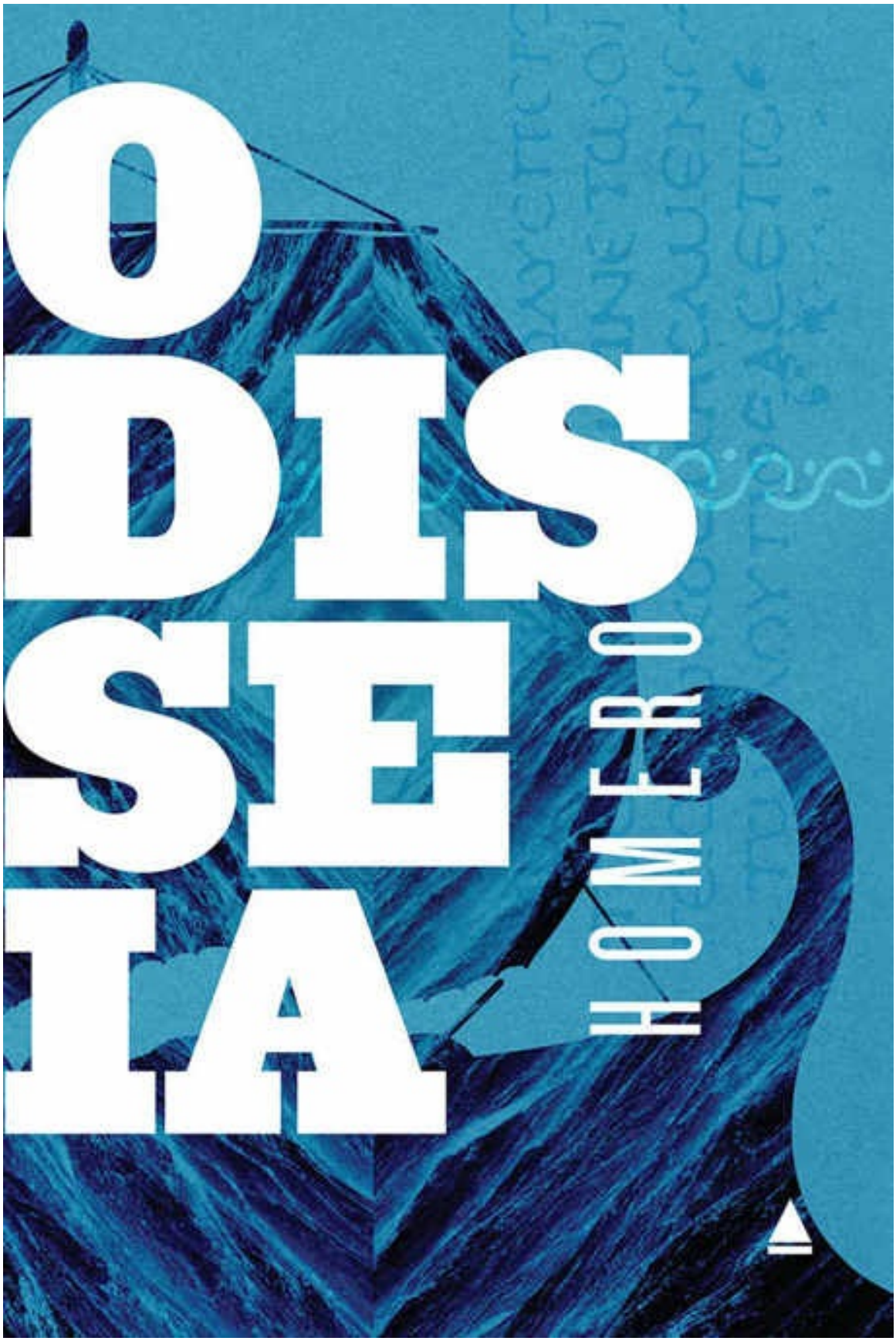
Maquinaria Studio

Imagens de capa e luva

iStock

Produção de ebook

Caio Fidry


O
DISSE
IA
HOMERO

ΕΛΛΗΝΙΚΗ ΔΗΜΟΚΡΑΤΙΑ
ΔΡΑΧΜΕΣ

O DISSEIA

HOMERO

Tradução de

CARLOS ALBERTO NUNES

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 — CEP 21042-235
Bonsucesso — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Homero
Odisseia / Homero ; tradução e prefácio Carlos Alberto Nunes. - [25. ed.] - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2015.
424 p. ; 23 cm.

Tradução de: Odýsseia
Inclui apêndice
ISBN 9788520924051

1. Poesia grega. I. Nunes, Carlos Alberto. II. Título.

14-18212

CDD 881
CDU 821.14’02-1

SUMÁRIO

Prefácio

Nota do Revisor

PRELÚDIO

Canto I: Assembleia dos Deuses, Conselhos de Atena a Telêmaco e Festa dos Pretendentes

PARTE I

A Viagem de Telêmaco

Canto II: A Assembleia em Ítaca e a Partida de Telêmaco

Canto III: Em Pilo

Canto IV: Na Lacônia e a Emboscada dos Pretendentes

PARTE II

Os Relatos na Casa de Alcínoo — Odisseu na Ilha de Calipso e na Feácia

Canto V: A Caverna de Calipso e a Balsa de Ulisses

Canto VI: Odisseu Chega à Feácia

Canto VII: Entrada de Odisseu na Casa de Alcínoo

Canto VIII: Recepção de Odisseu pelos Feácios

PARTE III

O Relato de Odisseu

Canto IX: Os Cíconos, os Lotófagos e o Ciclope

Canto X: Acerca de Éolo, os Lestrigões e Circe
Canto XI: Consultando os Mortos
Canto XII: As Sereias, Cila, Caribde e os Bois de Hélio
PARTE IV
O Retorno de Odisseu
Canto XIII: A Chegada a Ítaca
Canto XIV: Odisseu Chega à Casa de Eumeu
Canto XV: Telêmaco Chega à Casa de Eumeu
Canto XVI: Reconhecimento de Odisseu por Telêmaco
PARTE V
Odisseu no Palácio
Canto XVII: Na Cidade
Canto XVIII: A Luta de Iro e Odisseu
Canto XIX: Encontro de Penélope e Odisseu e a Lavagem dos Pés
Canto XX: Acerca da Morte dos Pretendentes
PARTE VI
A Vingança de Odisseu
Canto XXI: A Apresentação do Arco
Canto XXII: A Chacina dos Pretendentes
Canto XXIII: Penélope Reconhece Odisseu
Canto XXIV: Segunda Descida ao Hades e o Tratado de Paz
Notas
Apêndice
Sobre o Autor

PREFÁCIO

Não será mais do que a verificação de um fato afirmar que a *Odisseia* conta com maior número de leitores do que a *Ilíada*; direi melhor: de leitoras, tendo Bentley chegado mesmo a asseverar que a *Odisseia* fora escrita para mulheres, e a *llíada*, para homens. Samuel Butler foi além, com sua teoria engenhosa de que a *Odisseia* foi composta por Nausícaa, a filha graciosa de Alcínoo e de Arete, que nos é apresentada, ou que se teria apresentado no Canto VI do poema.

De qualquer forma, é incontestável a maior popularidade da *Odisseia*, o que decorre não só da natureza do assunto, como de sua própria estruturação. O traçado da *Ilíada* é complicado, sendo mais dificilmente apreendida a ideia fundamental, que empresta unidade ao poema. Tendo tomado como tema um episódio secundário, secundaríssimo, que dura apenas alguns dias numa campanha de dez anos, como seja a rixa entre os dois chefes Aquivos, por causa de uma escrava, conseguiu Homero, de fato, apresentar-nos em painéis gigantescos toda a Guerra de Troia, cujos acontecimentos nos são rememorados com habilidade nos primeiros cantos, ficando-nos, no fim da leitura do poema, que termina com a morte e os funerais de Heitor, a certeza da queda próxima do burgo.

O traçado da *Odisseia* é de mais fácil apreensão, e, digamos, artisticamente de melhor planejamento, pela disposição concêntrica, em que o próprio herói do

poema relata suas aventuras durante os dez anos de peregrinação, no empenho de retornar para a pátria, depois de conquistada, saqueada e destruída Troia, e de terem sido massacrados ou vendidos como escravos seus moradores.

Há mais: a narração da *Odisseia* prende com maior fascínio a atenção do leitor, que anseia por chegar logo ao fim, para saber "o que irá acontecer" com o herói da epopeia ou mesmo com as personagens secundárias. É puro romance, de enredo bem-arquitetado. Invadido o palácio de Odisseu [4] pelos fidalgos da redondeza, que lhe requestavam a esposa e lhe devoravam os haveres, enquanto Penélope não se decidisse a contrair segundas núpcias — o que nos é relatado desde o primeiro canto —, acompanhamos o herói com interesse crescente em todas as fases da execução de seu plano para vencer pela astúcia o inimigo numericamente superior, e, assim, voltar a entrar na posse de seus bens e a unir-se à esposa, de quem se separara havia vinte anos.

As qualidades que caracterizam o herói da *Odisseia* diferem essencialmente das de Aquiles, a figura central da *Ilíada*. Aquiles é o guerreiro jovem e arrebatado, que, por não saber dominar as paixões, causa a morte do amigo, de grande número de companheiros e precipita o desenrolar dos acontecimentos de que decorre o seu fim prematuro. O herói da *Odisseia*, pelo contrário, aparece-nos como homem maduro, de grande e variada experiência e com admirável domínio de si mesmo, diferindo, em tudo isso, tanto de Aquiles como do próprio Odisseu, que ficáramos conhecendo na *Ilíada*.

Mas, sob vários aspectos, os dois poemas se igualam, o que justificaria um estudo de conjunto da "poesia homérica", ou dos princípios estéticos de "Homero", por mais obscuras, falhas ou contraditórias que sejam as notícias que chegaram até nós, com relação ao autor presuntivo dos dois poemas imortais. Não é este o momento de voltarmos a tratar da famosa "questão homérica". Nestas conexões, importa apenas fazer ressaltar alguns aspectos mais interessantes da visão poética do autor, ou dos autores, da *Odisseia* e da *Ilíada*, que expliquem o milagre da vitalidade desses poemas, que em três milênios nada perderam de seu frescor original.

I

Seja qual for a ideia que fizermos do autor da *Ilíada* e da *Odisseia*, ressalta como traço fundamental de sua individualidade o entusiasmo com relação à importância da poesia e do valor da imaginação criadora. Homero sabia que os grandes heróis do passado só alcançam a imortalidade da fama por intermédio da poesia. Na *Ilíada*, Helena declara expressamente que todas as desgraças que lhe acompanhavam os passos, no jeito de miasma contagiante, o entrechoque de dois continentes, que iria culminar com a destruição de Troia e a morte de seus defensores, só tinham sido determinadas pelos deuses para que não faltasse para os vates excelsos.

Na *Odisseia*, são-nos apresentados dois vates: Fêmio, em Ítaca, e o cego Demódoco, na corte de Alcínoo, tendo sido admitido pela lenda, embora sem visos de probabilidade, que o poeta se retrata na figura deste último. Para distrair os pretendentes de Penélope, no palácio do herói ausente, Fêmio canta as proezas do próprio Ulisses, escolhendo sempre "os fatos mais recentes", ou seja, as condições mais novas, em que vinham narradas sob perspectiva diferente as aventuras do herói. Evidentemente, tratava-se de composições curtas, para serem recitadas à mesa, numa seriação de episódios que não correspondia com muito rigor à cronologia dos acontecimentos relatados. É o que vemos com bastante precisão no Canto VIII, quando Odisseu pede a Demódoco que passe a referir o episódio do Cavalo de pau, por meio do qual fora conquistada Troia, já que ele havia cantado os acontecimentos da grande guerra "como se o visses tu próprio, ou soubesses de alguém fidedigno". (VIII, 491)

A epopeia se encontrava, então, em fase de crescimento, de criação livre; só mais tarde é que os episódios insulados iriam ser agrupados em composições maiores, de que resultariam os dois únicos poemas que chegaram completos até nós: a *Ilíada* e a *Odisseia.* A própria linguagem desses poemas revela uma técnica de composição que implica tradição muito antiga, tendo demonstrado descobrimentos recentes da Arqueologia que muitos temas da *Ilíada* e da *Odisseia* remontam à denominada civilização egeia. "Caso consigas cantar isso tudo de acordo com os fatos", disse Odisseu a Demódoco, "logo darei

testemunho perante o universo dos homens que recebeste de um deus benfazejo a divina cantiga". (VIII, 496-8)

Outra particularidade comum aos dois poemas é a noção, inculcada com insistência por seus autores, de que os heróis decantados pertenciam a uma raça superior, que nem de longe poderia ser comparada à dos homens de seu tempo. Essa noção era também compartilhada por Hesíodo, para quem a humanidade de sua época se encontrava na quinta fase ou idade do mundo, que sofria um processo de entropismo irremediável, aberrante da ideia moderna de progresso. A condição primacial para a criação da epopeia é a consciência desse passado mítico, em que as personagens são vistas como envoltas num nimbo de heroísmo.

Mas nem por isso perde o poeta o senso das proporções, não deixando que a imaginação se desgarre, como em certas criações literárias mais do gosto oriental. O mundo de Homero é batido pelo sol. Na *Ilíada*, predominam as cenas de combate; mas o poeta se vale das miniaturas das comparações — quatro vezes mais numerosas do que na *Odisseia* — para levar-nos a espairecer a visão em cenas variadas, de caçadas, paisagens, ou de flagrantes de uma sociedade bastante diferençada, com suas festas campesinas, pleitos jurídicos, cortejos nupciais, e até mesmo problemas de natureza, digamos, proletária, tal como no símile impressionante em que se nos mostra uma pobre fiandeira, esgotada pelo trabalho e com salário de miséria, que mal chega para o seu sustento e dos filhinhos.

Na *Odisseia*, a Guerra de Troia já pertence ao passado, aos fatos consumados, constituindo apenas o fundo do quadro sobre que são projetados todos os episódios da narrativa. Terminada a campanha memorável, retornaram os chefes Aquivos para seus pagos, não sendo a *Odisseia* senão uma das muitas narrativas do "Retorno", os denominados *Nostoi*, que se propunham a contar o que acontecera especificadamente aos principais combatentes, na viagem de regresso. A história do retorno de Ulisses atraiu para si maior número de elementos, da lenda, do folclore, de diferentes origens, vindo, com o tempo, a formar um poema que, pela extensão e acabamento artístico, chegou a rivalizar com a *Ilíada.* Mas a ideia central da epopeia não fica prejudicada pela massa de

episódios secundários; pelo contrário: todas essas causas de retardamento fazem ressaltar ainda mais o propósito inalterável do herói de atingir a sua meta, ou seja, a reconquista do próprio palácio e da afeição da esposa.

Vemos, assim, que o tema da *Odisseia* é principalmente psicológico, ou interior, com o ponto culminante na cena do reconhecimento entre Odisseu e Penélope, de que nos são conhecidas duas variantes. Desesperada, quase, pelo tempo decorrido — vinte anos já haviam passado desde que o marido seguira para a campanha de Troia —, desorientada pelas sucessivas desilusões que lhe advinham das notícias falsamente lisonjeiras que conseguia obter, não correu Penélope de pronto ao encontro do guerreiro, quando este se deu a conhecer, em seu próprio palácio, após o morticínio dos pretendentes. Tinham sido muito profundos os abalos por que passara. Para sua alma, a um tempo descrente e confiante, fazia-se necessária prova mais convincente, que não a simples manifestação de força de que dera provas o mendigo, já no manejo do arco de Êurito, que só poderia ser encurvado por Odisseu, já na luta contra o bando de parasitos que no palácio se entregavam a toda sorte de excessos.

Assim, nunca perde de vista o poeta seu tema principal, por mais numerosas e maiores que sejam as digressões a que se permite em sua narrativa, desde o instante em que Odisseu reage contra o fascínio quase irresistível de Calipso, que lhe prometera a imortalidade, com a condição de que ele se esquecesse da esposa e do lar, até a cena final do reconhecimento, após a revelação de particularidades da feitura do leito, que só seu próprio dono estaria em condições de saber e que acabaram por dissipar definitivamente as desconfianças de Penélope. É tradição antiga que a primitiva *Odisseia* terminava no verso 296 do Canto XXIII, em que se conta como Ulisses e Penélope voltaram a unir-se em seu velho leito, depois de tão longa separação.

II

Outro traço característico do gênio artístico de Homero é a variedade dos tipos humanos que nos são apresentados nos dois poemas. Diferentemente do que

vemos em composições congêneres, em que os heróis são traçados segundo determinado esquema convencional, as figuras de Homero não somente se distinguem entre si por traços inconfundíveis, como são passíveis de modificação, de acordo com as solicitações do momento. Telêmaco se desenvolve às nossas vistas, passando de rapazola tímido e inexperiente a homem feito e, assim, capaz de intervir decisivamente no curso dos acontecimentos e de prestar mão forte ao pai, no instante crítico da luta contra os pretendentes.

Na *Ilíada*, apesar das desvantagens da situação, por tratar-se de uma epopeia guerreira, é tão grande quanto variada a galeria de figuras, que jamais se confundem em nossa imaginação, onde quer que sejam mencionadas: os dois Atridas, tão distintos pelo físico como pelas qualidades morais e pelo destino; Aquiles, herói arrebatado, que a uma velhice inglória preferiu a morte prematura no campo de batalha; Nestor de Pilo, sempre disposto a contar episódios de sua mocidade, com a garrulice dos velhos que não se incomodam de cacetear os ouvintes; o maciço e pouco inteligente Ajaz, tipo do sargentão simpático, o único dos guerreiros a que não ajudava uma deidade particular; Heitor, de tamanha nobreza de alma, que nos é apresentado nos ardores da luta e em rápidas mas inesquecíveis cenas no aconchego da família, ao lado da esposa e do filho; Páris, galã perfumado e pouco valoroso, predileto de Afrodite; o velho Príamo, que já perdera tantos filhos e que via aproximar-se, inevitável, a ruína de Troia; os guerreiros — como direi? — de segundo plano: Glauco, Sarpédone, comandantes dos lícios... nenhum, nenhum repete os traços de ninguém, sendo todos eles inconfundíveis e magistralmente individualizados.

Não é menos variada a galeria dos tipos femininos, apesar da desvantagem referida: Helena, Hécabe, Andrômaca se distinguem tanto entre si como das deusas, que na vida despreocupada do Olimpo revelam traços humanos, demasiadamente humanos: Hera, a esposa ciumenta, que não perde oportunidade de atordoar Zeus com suas invectivas; Afrodite, dona dos sorrisos, e preocupada em prestar auxílio a seus favoritos; Tétis, pesarosa pela morte iminente de Aquiles e resignada com o próprio destino, que a levara a não se casar com Zeus, para evitar a morte deste, cominada pelos fados, que lhe adviria de um filho

nascido desse consórcio...

Ainda faltaria enumerar os deuses e as figuras sem conta que se destacam das comparações: o lenhador na mata, quando abate um abeto que levara tantos anos para crescer; o carpinteiro que desdobra em tábuas e vigas o grosso tronco, graças aos conhecimentos que lhe ensinara Minerva; os caçadores com suas matilhas barulhentas, o pescador, os monarcas, os noivos, o volatim habilidoso, que conduz cavalos em disparada, saindo mulheres e homens a admirá-lo, enquanto ele salta, certeiro, de um cavalo para outro, que voam, rápidos, na estrada...

Na *Odisseia* não é menor nem menos variada a galeria das personagens, descendo a diferenciação até onde poderia ser desculpável certa uniformidade de traços, tal como na caracterização dos pretendentes e da famulagem. O todo jactancioso de Eurímaco não se confunde com a desfaçatez de Antínoo nem com os traços de nobreza de Anfínomo, digno, porventura, de escapar ao castigo geral dos pretendentes, se o orgulho ingênito não o tivesse impedido de receber conselhos de um mendigo, para que se retirasse, enquanto ainda era tempo, da sala dos festins que o vate Teoclímeno via cheio de espectros que baixavam prematuros para o Hades.

Por ser a *Odisseia* um romance cujo enredo se desenrola longe dos campos de batalha, nas cortes dos reis, no palácio do herói, na cabana do porqueiro de Eumeu, tem mais oportunidades o autor de apresentar-nos tipos de todas as classes sociais, assim na ação principal como nas narrativas indiretas. O porqueiro Eumeu, a quem o poeta revela carinho igual ao que dedicava a Menelau e a Pátroclo na *Ilíada*, falando dele quase sempre na segunda pessoa — deste-lhe, Eumeu, em resposta... — não somente se distingue do vaqueiro Filétio, apesar da profissão que os aproximava e da fidelidade ao senhor, em que se identificavam, como, ainda, de seus próprios companheiros de trabalho, no trato das porcadas, que iam sendo consumidas nos banquetes cotidianos a que no palácio se entregavam os pretendentes. Como irmãos, os dois filhos de Dólio se igualavam na deslealdade para com os amos e na maldade ingênita: o cabreiro Melântio, que agride o mendigo a pontapés em frente de seu próprio palácio, e sua irmã, a mal-agradecida Melanto, criada pela própria Penélope e que

desrespeitava a casa de sua senhora, conluiando-se com os pretendentes, com quem se misturava todas as noites. Penélope, Nausícaa, Arete não são menos individualizadas, para não falarmos em Calipso — tão nobre e resignada — e em Circe, tipo de cigana, a cujo feitiço os homens não podiam resistir. Seria um nunca acabar.

Na figura de Odisseu viam os gregos o retrato do herói ideal, até mesmo nos defeitos: astucioso, sofredor, resistente, rico em recursos de toda natureza, que o faziam triunfar das mais delicadas situações. Não admira, assim, que ao lado da *Ilíada*, a epopeia guerreira do povo helênico, subisse a *Odisseia* à categoria de poema nacional, primeiro de recitação obrigatória nos palácios e nas festas públicas, onde quer que a Hélade, politicamente subdividida em cidades sem conta, comemorasse as tradições comuns, e depois como texto de leitura, à guisa do livro moderno, que imprime cunho indelével nas mentes em formação. Homero criou a Grécia histórica, tendo sido então de influência tão profunda e duradoura como a Bíblia, Dante e Shakespeare em fases subsequentes da cultura ocidental. O verso 208 do Canto VI da *Ilíada*, na fala de Glauco, resume o ideal grego da educação individualista, do *agon*, na luta, em que o preceptor desperta no aluno o espírito de competição levada ao extremo, educando-o.

para ser sempre o primeiro e de todos os mais distinguir-me.

Na *Odisseia*, como na *Ilíada*, encontravam os gregos farta messe de sentenças e provérbios de aplicação universal, que fizeram de Homero o mestre incontestado também nesse setor. São versos, ou frações de versos, que, pelo próprio ritmo, se guardam facilmente de memória: atrai aos guerreiros o ferro (XVI, 294; XIX, 13); Sono demais prejudica (XV, 394); Não orna aos mendigos vergonha excessiva (XVII, 578); Quem tem coragem consegue levar a bom termo as empresas em que se mete (VII, 51-2)... sem que possamos deixar de citar o verso 48 do Canto III, a que Melanchton dava preferência irrestrita, o mais belo verso de Homero:

Todos os homens precisam da ajuda dos deuses eternos.

Por último, precisaria mencionar um traço do homem homérico, talvez o mais característico, comum aos dois poemas: a preocupação com a opinião da posteridade, sobre o que na sua curta existência fizessem ou deixassem de fazer. Atena-Mentor estimula Telêmaco a sair em busca de notícias do pai, com o exemplo do alto nome que Orestes alcançara entre os homens, para que ele também viesse a adquirir fama na memória dos pósteros. E assim em muitas outras passagens.

III

Sendo a *Odisseia* um romance de caráter eminentemente folclórico, uma espécie de bacia de convergência para onde afluíram elementos da mais variada origem, até mesmo contraditórios, de lendas e tradições de um povo de navegadores, que se cristalizaram em torno do nome de Odisseu, não admira que, apesar da vastidão do traçado ou por isso mesmo, se percebam pequenas falhas na concatenação das partes. A leitura do poema pode ser feita sem preocupações de análise, desfilando, então, ante nossa visão interior quadros de fascínio dificilmente comparável e de uma riqueza mítica sem rival. Circe, Calipso, os Argonautas, Cila e Caribde, Polifemo, as Sereias constituem outros tantos mitos ou episódios, que se incorporaram definitivamente ao patrimônio cultural de todos os povos, competindo a *Odisseia* em popularidade com as criações literárias de aceitação universal: o *Dom Quixote* e *As mil e uma noites.*

Algumas dessas irregularidades podem ser explicadas pela diferença do material de origem, no empenho de aproveitar o autor elementos do conto popular, que se traem por particularidades facilmente reconhecíveis. Outras, mais profundas, pressupõem a recompilação de textos preexistentes de epopeias menores, que foram incorporadas ao traçado mais amplo da *Odisseia*, nem sempre com muita felicidade. Não insistamos nesse particular. Um belo exemplo do primeiro caso nos é dado pelo episódio de Polifemo, o gigante de um só olho, que foi vencido pelo herói astucioso. O efeito do trocadilho com o nome dado

pelo herói pressupõe um povo de ciclopes, dos quais Polifemo fosse o chefe. Mas tudo o mais nesse episódio é relatado como se se tratasse de um único ser descomunal, tal como se dá em muitas variantes do conto popular, e conforme mui pormenorizadamente nos informa o poeta, com o sossego próprio do estilo épico. Na gruta em que Odisseu se propunha entrar, morava um gigante "solitário", que só cuidava de seus rebanhos "afastado de todos os outros, sem com nenhum conviver e ignorando os preceitos divinos". Como se isso não bastasse, logo após o poeta o compara ao pico de uma montanha "isolada", que de longe se destacava das outras (IX, 187-92). Igual esforço de adaptação do conto à epopeia, encontramo-lo na particularidade de afilar Odisseu a extremidade do tronco verde de oliveira que encontrara na caverna, e de aquecê-lo "quase no ponto de em chamas arder" (XI, 378-9), particularidade um tanto fora de jeito, em se tratando de um tronco de árvore, que com o simples preparo de uma das extremidades se transformava em arma excelente para o fim a que o herói visava. É que no conto popular o monstro não comia crus os companheiros do visitante, como o faz Polifemo com os companheiros de Ulisses, mas os assava ao espeto. Era esse espeto que o herói do conto aquecia ao rubro, para com ele furar o único olho do gigante. Na passagem para a epopeia foram conservadas certas minúcias que destoam do novo traçado.

IV

São próprias de um povo de navegadores essas lendas de monstros e seres descomunais que recebem com hostilidade os viajantes que por lá aparecem em busca de alimento ou com intuitos de pilhagem. Os gregos da idade heroica estavam abrindo para as navegações o Mediterrâneo, num movimento de expansão e de conquista, que se estendia para o poente. Observemos de passagem que é incompatível com a possibilidade dessas navegações de largo bordo a noção errônea de que os gregos só navegavam de dia, sem perderem a terra de vista. O horizonte geográfico da *Odisseia*, sob esse aspecto, é mais amplo do que o da *Ilíada*, que não vai além do Egito e da costa da Líbia, com

seus etíopes semilendários. A não ser assim, careceria de sentido o verso tão repetido, com que o poeta arremata a narração de determinadas aventuras, no chamado Apólogo de Alcínoo, ou seja, nos Cantos da narrativa de Odisseu.

Sem fazer pausa vogamos seis noites e dias seguidos.

[X, 80; XV, 476][5]

Mas por isso mesmo que a geografia de Homero se compunha de elementos heterogêneos, do mundo que lhe era familiar e do que ele sabia apenas por ouvir dizer. São confusas, por vezes, e contraditórias as referências que se nos deparam nos dois poemas, com relação a regiões distantes. Em nossa época de comunicações fáceis, com os recursos cartográficos de que dispomos, somos levados a subestimar a importância, para o homem antigo, das informações de viajantes e peregrinos sobre as regiões que demoram para fora dos horizontes conhecidos, e que não podiam deixar de revestir-se de exagero ou de tocar no fabuloso. Se em época de mais largas navegações e de sincretismo cultural Plutarco relegava para a zona fronteiriça do mundo conhecido “os desertos e pastos de feras, os gelos da Cítia e os pélagos congelados” (*Vida de Teseu, I*), não admira que, um milênio antes dele, Homero fosse impreciso nas referências ao que ficava para além do hábitat dos Aquivos. O que espanta é confirmar a ciência de hoje muitas de suas informações, e isso não somente no que se relaciona com os povos que por muito tempo foram tidos como fabulosos: os pigmeus da África, os hipomolgos da estepe russa, como também em referência a certas conotações que poderiam ser tomadas como simples ornamento da poesia: até hoje Tirinto se caracteriza pelos muros ciclópicos, Oloóssona pela cor branca e Troia pelos ventos que varrem suas ruínas milenárias. Mas para que insistir? O arqueólogo Chandler conseguiu localizar a cidade de Tisbe e descobrir-lhe as ruínas, graças aos bandos de pombas selvagens que ainda vivem nas suas imediações. Servira-lhe de ponto de partida a indicação do verso 502 do Canto II da *Ilíada:*

Copas, Eutrésis e Tisbe, onde pombas adejam ruidosas.

Só há um epíteto adequado para a visão poética de Homero: miraculosa. Contudo, não era possível ao poeta o dom da ubiquidade. Necessariamente tinha de ser falho o seu conhecimento das regiões distantes, o extremo norte, o poente longínquo, atribuindo ele, por vezes, erradamente, a umas localidades fenômenos privativos de outras. É o que se dá com a noção das noites e dos dias compridos, que ele atribuía, respectivamente, às regiões dos Lestrigões e dos Cimérios e concebia meio confusamente como localizadas para o norte. Detenhamo-nos primeiro nos versos 80-86 do Canto X da *Odisseia*, com referência aos Lestrigões:

Sem fazer pausa vogamos seis noites e dias seguidos,
mas no seguinte à cidade altanada nos fomos de Lamo,
na Lestrigônia, de portas distantes, nas quais é costume
o pastor que entra saudar em voz alta ao que sai; este o escuta.
Fora aí possível a um homem insone ganhar dois salários:
um, por levar para o pasto seus bois; outro, as brancas ovelhas;
tão perto estão, nessa altura, os caminhos do dia e da noite.

Essa passagem tem dado azo às mais variadas interpretações por parte dos comentadores. Para os antigos, a Lestrigônia se localizava na Magna Grécia. Tucídides (VI, 2) localizava na Sicília a cidade fundada por Lamo; Cícero (*Att., 2, 13*) era de parecer que ela devia ser procurada em Fórmia. Em nosso tempo, Rhys Carpenter (*Folk Tale, Fiction and Saga in the Homeric Epics*, California University Press, 1946, pág. 107) presume ter resolvido o problema da sede da Lestrigônia e o referente aos dois rebanhos que eram levados alternadamente para o pasto comum.

"Já foi encontrada há muito tempo a solução desse enigma simples. Até nos dias de hoje, durante os calores do verão, nas terras pantanosas em que os insetos constituem o desespero do gado, observa-se o costume de prender os bois durante a noite, ficando soltos os carneiros de lã espessa, que podem expor-se às picadas dos mosquitos e pastar tranquilamente. Mas durante o dia são recolhidos

e postos ao abrigo do sol, passando os bois a ocupar o pasto comum.”

A informação é de grande valor elucidativo, mas não leva em conta todos os elementos do problema. O ponto de partida da descrição de Homero é a particularidade do fenômeno dos dias longos, no extremo norte, de que tinha noção vaga, e que o levou à ideia do salário duplo, para quem pudesse passar sem dormir o curto trecho da noite, que deveria ser reservado para o descanso. A essa noção verdadeira se ligou a notícia do costume das populações de terras paludosas, de prenderem os bois durante a noite e soltarem as ovelhas, capazes de suportar a praga dos insetos, graças à proteção natural da lã. Mas, como de costume na miniatura das comparações, uma vez iniciada a descrição, desce o poeta a particularidades que só por maneira indireta se prendem ao ponto de partida. Daí a peculiaridade do fundo do quadro, da cidade murada, com todo o pitoresco sugerido pelo cruzamento dos pastores, na passagem em forma de corredor entre as duas portas da muralha.

Convenhamos, no entanto, em que não é de necessidade morar na Lestrigônia para que um indivíduo possa ganhar dois salários, no caso de passar sem dormir. Até mesmo em Lima do Peru, onde os caminhos do dia e da noite são equidistantes, ser-lhe-ia possível sair com os bois para o pasto, depois de recolher as ovelhas, e vice-versa. É uma questão de resistência.

Mas não ridicularizemos o poeta, que a informação é preciosa. A notícia desse costume das populações pastoris das regiões paludosas só poderia ter sido obtida depois da expansão jônica para o oeste do Mediterrâneo, com a navegação dos mares da Tunísia e da Espanha. Rhys Carpenter localiza na Sardenha, com seus baixos maleitosos, as populações pastoris, cujos costumes tanto impressionaram os navegadores jônicos; mas vai encontrar na ponta sul da Córsega o porto da Lestrigônia a que fora ter Ulisses, cercado de pedras íngremes, cuja descrição vem logo depois do trecho transcrito:

Fomos aí ter a magnífico porto, cercado ele todo
de pedras íngremes, que nuas se erguem por ambos os lados.
Dois promontórios, em frente postados um do outro, se encontram
logo na entrada, salientes...

Toda a descrição é muito bela, em doloroso contraste com a selvageria da população local, “os Lestrigões valorosos”, de triste memória para os sobreviventes da expedição. Goethe, também, já se ocupara com essa passagem, volvendo a atenção para outra particularidade da descrição, da cidade murada, que ele procurava explicar por analogia com o que lhe fora dado observar nas ruínas de Pesto, na Itália, de muralhas espessas, com duas portas fortificadas e comunicantes por um corredor, olhando uma delas para o interior da cidade, e a outra para o campo.

É nesse corredor que se cruzam, duas vezes por dia, os pastores com seus rebanhos. O pastor que entra costuma saudar ao que sai. Trata-se de um sinal convencional, a fim de evitar confusão à passagem das reses. “Saudar” não traduz bem o “epyei” do original, que indica uma espécie de cantiga por parte de um dos pastores, para orientar o que vem em direção oposta. “Este o escuta”, não ouve apenas, mas fica atento e toma suas precauções. Não se trata de um encontro casual, mas de prática estabelecida, porque, necessariamente, todos os dias os pastores se cruzam nessa passagem duas vezes, “tão perto estão, nessa altura, os caminhos do dia e da noite”. Ao nascer e ao pôr do sol os rebanhos se revezam no campo comum. Daí a curiosa observação do poeta grego, de que fora possível, a um homem que não dormisse, ganhar dois salários: por levar os bois para o pasto e, logo a seguir, as ovelhas. Para Goethe, os dois últimos versos constituem pleonasmo estilístico, para maior realce do pensamento anterior. Após essas explicações iniciais, apresenta-nos Goethe uma paráfrase de toda a passagem, que importa transcrever:

“Ao sétimo dia chegamos a Lamo, cidade fortificada dos Lestrigões, munida de portas duplas e distantes, que se comunicam por meio de uma passagem estreita. Nesse corredor o pastor que se recolhe com o rebanho dá um sinal por meio de gritos ou de assobio, que é ouvido pelo que vai sair, o qual toma suas precauções. Trata-se de prática estabelecida, para que os rebanhos não se atrapalhem nem padeçam dano no caminho estreito que liga as duas portas, pois é forçoso que se cruzem aí, duas vezes por dia, com seus rebanhos, visto se

revezarem no pasto comum, ao nascer e ao pôr do sol. Assim sendo, é inevitável que o pastor que volta para a cidade com as ovelhas encontre o que se prepara para sair com os bois. Por isso mesmo, seria possível a uma pessoa que não dormisse ganhar salário duplo, no caso de voltar para o pasto com um dos rebanhos, logo depois de recolher o outro." (*Versuch, eine Homerische dunkle Stelle zu erklären, 1787*)

É interessante observar que nessa paráfrase Goethe omitiu o último verso da transcrição. É que esse verso sugere questões que não se enquadram no esquematismo de sua explicação, baseada no fato concreto da passagem através da muralha de portas comunicantes, que ele presumia válida para o tempo de Homero. Não se trata, evidentemente, de uma tentativa de localização do mito ou de identificação arqueológica. Colônia dória, fundada por volta de 600, não podia ser Pesto o modelo da descrição homérica. Contudo, devemos aceitar que o poeta grego teve um ponto de apoio na realidade, pois as descrições da poesia não se formam do nada. A particularidade dos fenômenos dos dias longos, no extremo norte, o costume de se revezarem no pasto comum os pastores com seus rebanhos — prática desconhecida dos helenos e de que tinham notícia pelas relações dos viajantes — e a disposição da passagem através das muralhas das cidades que lhe teria sido dado observar em seu tempo, ou como ruína de época anterior: eis os elementos de procedência diferente, que concorreram para integrar essa passagem na imaginação do poeta. Em sua tentativa de interpretação do texto, insiste Goethe apenas em um desses elementos, em detrimento dos demais; o mesmo faz Rhys Carpenter, ficando, assim, sem explicação satisfatória o problema total.

Necessariamente, devia ser falho o conhecimento de Homero com relação às regiões do extremo norte. Não lhe era também desconhecido o fenômeno das noites longas, que ele imaginava uma noite sem fim. Daí a referência aos Cimérios, por ele localizados perto da entrada do Hades:

Nessa paragem se encontra a cidade dos homens Cimérios,
que se acham sempre envolvidos por nuvens e brumas espessas;
nunca foi dado alcançá-los os raios do Sol resplendente,

nem ao subir, ao vingar ele a estrada do céu estrelado,
nem quando baixa de novo, na volta do céu para a terra.
Noite nociva se estende sem pausa por sobre esses míseros.

[XI, 14-9]

Se aos Lestrigões Homero associou a noção dos dias compridos, aos Cimérios ligou a da noite sem fim. Ambas as informações são verdadeiras, mas se dissociaram na imaginação do poeta. Conquanto, acertadamente, relegasse esses fenômenos para o norte, localizou os Cimérios a noroeste, ao passo que a cidade fundada por Lamo foi deslocada para além do Mar Negro, no extremo nordeste. Aí é que deveríamos procurar Telépilos, de portas distantes, em que, duas vezes por dia, se cruzam os pastores. A exiguidade da noite sugeriu ao poeta a ideia do salário duplo, para quem pudesse passar sem dormir naquela penumbra fugaz.

V

Esse exemplo deve ensinar-nos a sermos cautelosos no afã de interpretar a geografia de Homero e de localizar os elementos lendários dos dois poemas. Nessas tentativas é inevitável a deslocação do cenário para as regiões mais disparadas, tanto mais que no próprio texto abundam as contradições. Antes de chegar ao palácio de Circe, queixa-se Odisseu de que não podia determinar os pontos em que o sol se levanta e se deita, particularidade mais do que estranhável na boca de um navegante do Mediterrâneo. É certo que o poeta se refere à “ilha” de Circe, e apresenta o episódio como fazendo parte das aventuras marítimas do herói. Mas o motivo é de antiga tradição continental. Tanto assim é, que, para melhor orientar-se, sobe Ulisses a um alto penedo, de onde divisa fumaça que saía “da terra de largos caminhos”. (X, 149)

Essa origem romanesca dos temas fundamentais da *Odisseia* explica a razão da penúria dos descobrimentos arqueológicos, com relação ao seu cenário, em contraste com a opulência dos achados que vêm confirmar os mitos integrantes da trama lendária da *Ilíada*. Infrutuosas foram as escavações de Dörpfeld em

Tiaki e Leucas, para achar o palácio de Odisseu, como baldadas ou contraditórias têm sido as tentativas de localização dos demais episódios desse poema. E a razão é muito simples, já apontada por Wilamowitz-Möllendorf e, mais recentemente, por Nilson: é que a *Ilíada* se funda em mitos conservados na tradição de cultos locais, ao passo que a *Odisseia* é um romance em que tem ampla participação a imaginação do poeta.

Mas é um romance genial, cujo fascínio só tem aumentado com os séculos, parecendo que o tempo não conta para sua duração. Como as Pirâmides, como a música de Beethoven, como o retrato da Mona Lisa, inclui-se a *Odisseia* entre as criações eternas, que só permitem uma única referência cronológica: a do milagre da origem. Mas, uma vez concretizadas — tal como as grandes cordilheiras que, num momento preciso, emergiram das águas — todas essas criações do homem passam a ser símbolos da duração eterna, outros tantos troféus da vitória sobre o tempo.

Carlos Alberto Nunes

NOTA DO REVISOR

A presente tradução da *Odisseia* feita por Carlos Alberto Nunes tem certas qualidades memoráveis. Em primeiro lugar, como já salienta Haroldo de Campos na introdução de sua própria tradução do primeiro canto da *Ilíada — A ira de Aquiles* [6] —, é notável o seu "fôlego", que traduziu as duas obras homéricas (a *Odisseia* e a *Ilíada*) para versos de 16 sílabas. Tal tipo de verso se trata de um equivalente ao hexâmetro (verso em seis pés) que o próprio Homero usou para compor suas epopeias em grego. A dificuldade em preservar, na versão para o português, todos os versos em 16 sílabas é enorme, especialmente se se tem em vista a fidelidade aos termos do original. Em segundo lugar, temos uma tradução com um linguajar clássico, utilizando um vocabulário rico e variado que aponta para usos da língua portuguesa nem sempre lembrados. Assim, a própria tradução por si mesma, por suas escolhas linguísticas, já traz um interesse todo especial para o apreciador da boa literatura.

Esses dois pontos tornam a tradução difícil de ser modificada ou aprimorada em qualquer aspecto. Mesmo assim, a presente edição vem com certos retoques à tradução. A ideia principal da revisão da tradução de C.A. Nunes foi trabalhar sobre falhas (naturais em uma versão para outra língua de um texto do grego arcaico de mais de 12 mil versos) e procurar corrigi-las respeitando tanto a métrica quanto o linguajar escolhidos pelo nosso tradutor. Para tanto, além da

óbvia utilização do texto grego original, foram utilizadas outras quatro traduções: para o próprio português feita pelos padres Dias Palmeira e Alves Correia, para o inglês feita por S. H. Butcher e A. Lang, para o espanhol feita por Maurício Croiset, e finalmente para o francês feita pelo renomado homerólogo Victor Berard.

Além da revisão da tradução, temos nesta edição outras características que enriquecem a obra. A partir de uma pesquisa baseada especialmente na edição da *Odisseia* de Victor Berard, apresentamos aqui a tradução dos resumos clássicos de cada canto. Tais resumos estão presentes nos papiros que nos chegaram dos editores da época alexandrina (séculos III e II a.C.). Foram esses editores tardios que cunharam tais resumos, e a sua tradução na presente edição mostra um pouco da história da obra homérica além de facilitar em muito a leitura e o manuseio da obra como um todo. Vale lembrar que Homero, [7] que viveu por volta do fim do século IX e início do VIII a.C, teve sua obra, inicialmente oral, fixada pela escrita por volta do século VI a.C. [8] A partir da mesma pesquisa, apresentamos também a tradução dos títulos clássicos de cada canto, também cunhados pelos editores alexandrinos.

Por fim, temos um apêndice onde mostramos os principais deuses e personagens de nossa *Odisseia* com um resumo de sua história e mais alguns remetimentos para as entradas desses personagens no corpo da obra. Com isso, acreditamos que a presente edição em muito auxilia tanto a estudiosos da literatura grega quanto a curiosos desta obra que é uma das pedras fundamentais da cultura ocidental.

Vale ainda ressaltar algumas características da nossa edição. A *Odisseia* na sua forma atual, segundo a maioria dos estudiosos, é um agrupado de poemas de várias épocas diferentes. Diz Victor Berard que os três poemas originais seriam: *A viagem de Telêmaco* (Cantos II — IV), *Os relatos na casa de Alcínoo* (Cantos V — XIII) e *A vingança de Odisseu* (Cantos XIV — XXIII), sendo organizados em um único poema muito posteriormente da criação original. Foram os mesmos alexandrinos, ainda antes de Cristo, que dividiram o todo do poema em 24 cantos, seguindo o número exato das letras gregas. Fazendo isso, diz Victor Berard, cortaram vários episódios em cantos separados. (Como exemplo, é quase

unânime a opinião de que *A vingança de Odisseu* começa no verso 185 do canto XIII e não no XIV como temos na divisão clássica.) Assim, o que nós temos em mãos é, além de uma obra do próprio Homero, uma obra produzida por séculos de publicações que alteraram a sua organização.

Os poemas originais tinham apenas a forma oral de expressão, e não a escrita como nos chegou o todo do poema. Dos três poemas originais, o mais antigo seria o intermediário, *Os relatos na casa de Alcínoo*, sendo o primeiro poema, *A viagem de Telêmaco*, uma obra posterior e o último, *A vingança de Odisseu*, o mais recente. No entanto, todos esses poemas, e especialmente o último, estão repletos de interpolações, isto é, trechos anexados posteriormente e ditos como originais. Para o vasto estudo destas interpolações, ver a edição de Victor Berard da *Les Belles lettres.*

Por motivo de clarificação do conteúdo da *Odisseia* e também apoiados em divisões antigas, separamos o todo do poema em seis partes, dividindo *Os relatos* em duas partes, *Odisseu na ilha de Calipso e na Peácia* e *O relato de Odisseu*, e o poema *A vingança de Odisseu* dividimos em três partes, O *retorno de Odisseu*, *Odisseu no palácio*, *A vingança de Odisseu.*

Marcus Reis Pinheiro [9]

Prelúdio

CANTO I

ASSEMBLEIA DOS DEUSES, CONSELHOS DE ATENA A TELÊMACO E FESTA DOS PRETENDENTES

"A *assembleia dos deuses* se reúne acerca do envio de Odisseu para Ítaca desde a ilha de Calipso. Então, Atena vai para Ítaca, se apresenta a Telêmaco, se fazendo semelhante a Mentes, rei dos Tófios.

Ocorre então uma conversa. *Atena aconselha Telêmaco* a ir procurar seu pai primeiro em Pilo, cidade de Nestor, depois em Esparta, cidade de Menelau. Ela parte dando sinais de que é deusa.

Acontece, entrementes, a *festa dos pretendentes.*" (Scholie M P V)1

Musa, reconta-me os feitos do herói astucioso que muito
peregrinou, dês que esfez as muralhas sagradas de Troia;
muitas cidades dos homens viajou, conheceu seus costumes,
como no mar padeceu sofrimentos inúmeros na alma,
para que a vida salvasse e de seus companheiros a volta.
Os companheiros, porém, não salvou, muito embora o tentasse,
pois pereceram por culpa das próprias ações insensatas.
Loucos! que as vacas sagradas do Sol hiperiônio comeram.
Ele, por isso, do dia feliz os privou do retorno.

Deusa nascida de Zeus, de algum ponto nos conta o que queiras.
Todos os que conseguiram fugir da precípite Morte
já se encontravam na pátria, da guerra e do mar, enfim, salvos,
menos um só, que, da esposa saudoso e do dia da volta,
a veneranda Calipso detinha na côncava gruta,
deusa entre as deusas, que ardia em desejos de o ter por marido.
Mas depois que, no transcurso do tempo, foi o ano chegado,
que os próprios deuses teceram, de a pátria alcançar finalmente,
Ítaca, nem mesmo assim conseguira fugir aos trabalhos,
té no regaço dos seus. Lastimavam-no todos os deuses,
com exceção de Posido, que em cólera ainda se inflama
contra o deiforme Odisseu, té que à pátria não fosse chegado.
Mas o deus, agora, se achava em visita aos longínquos Etíopes,
últimos homens, que vivem cindidos nos termos da terra,
uns, onde o Sol se levanta, outros, onde no ocaso se deita,
para que fosse presente à hecatombe de bois e de ovelhas.
Muito se alegra, presente ao convívio. Os mais deuses, no entanto,
já no palácio de Zeus Olímpico se achavam reunidos.
Foi o primeiro a falar o dos deuses autor e dos homens,
que se lembrou em sua alma de Egisto, de formas perfeitas,
que de Agamémnone o filho, o notável Orestes, matara.
Dessa ocorrência lembrado, voltou-se aos eternos e disse:
“Caso curioso, que os homens nos culpem dos males que sofrem!
Pois, dizem eles, de nós lhes vão todos os danos, conquanto
contra o Destino, por próprias loucuras, as dores provoquem,
bem como Egisto que, contra o Destino, à legítima esposa
do próprio Atrida se uniu, imolando-o no dia da volta,
certo do fim que o esperava sinistro, pois antes lhe enviamos
Hermes de tudo a avisar, o brilhante e certeiro vigia,
que nem se unisse à mulher, nem, tampouco, o marido matasse,
pois a vingança do filho de Atreu lhe viria de Orestes,

quando crescesse e saudades sentisse da terra nativa.
Hermes assim o avisou; mas Egisto não quis convencer-se
dos bons conselhos de então. Ora paga por junto os seus crimes.”
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta:
“Crônida, pai de nós todos, senhor poderoso e supremo!
Mui merecida é a desgraça que sobre o insensato caiu.
Possam, assim, perecer quantos outros tal coisa fizerem:
Mas por motivo do sábio Odisseu sinto o peito excruciado,
desse infeliz que, há bem tempo, distante dos seus vem sofrendo
preso numa ilha por ondas cercada, que é o umbigo do oceano,
arborizada e mui fresca, onde mora uma deusa preclara,
filha de Atlante, o de espírito mau, que os arcanos conhece
todos do mar, e que duas colunas muito altas defende,
sozinho, as quais entre a terra e o alto céu se levantam. Sua filha
vem procurando reter o infeliz, que, constante, se aflige,
sempre com termos melífluos e vozes de força suasória,
a enfeitiçá-lo, com o fim de que de Ítaca venha a esquecer-se.
Mas Odisseu se consome, só tendo um desejo: a fumaça
ver que se evola do solo da pátria, ou então morrer agora.
Não te comoves, Olímpico? Nunca Odisseu te foi caro
junto das naus dos Argivos na extensa planície de Troia,
oferecendo oblações? Por que, então, tanta cólera, Zeus?”
Disse-lhe, então, em resposta, Zeus grande que as nuvens cumula:
“Filha, por que tais palavras do encerro da boca soltaste?
Como do divo Odisseu é possível que venha a esquecer-me,
que se distingue de todos os homens e, mais do que todos,
fez sacrifícios aos deuses eternos, do céu moradores?
Mas de ter-lhe ódio não cessa Posido, que a terra sacode,
pelo motivo de haver o Ciclope privado da vista,
sim, Polifemo, a um deus semelhante, de força enormíssima,
entre os Ciclopes, gerado que foi pela ninfa Toosa,

filha de Forco, senhor do oceano que nunca dá frutos,
que numa gruta de forma escavada se uniu a Posido.
Por essa causa Posido, que a terra violento sacode,
quer, não matá-lo, mas tê-lo constante alongado da pátria.
Ora, uma vez que aqui estamos reunidos, tratemos de sua
volta e de como retorne. Contenha-se, entanto, Posido,
pois impossível ser-lhe-á dar ensanchas ao ódio, sozinho,
se se opuserem, concordes, os deuses eternos do Olimpo."
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Crônida, pai de nós todos, senhor poderoso e supremo!
Pois se assim é, e do agrado dos deuses bem-aventurados
que a seu palácio retorne Odisseu, o de grande inventiva,
Hermes, então, sem demora enviemos, o guia brilhante, à
ilha de Ogígia, porque, sem mais perda de tempo, anuncie
à veneranda Calipso de tranças bem-feitas, a nossa
resolução de mandar o prudente Odisseu para a pátria.
Enquanto a mim, irei logo para Ítaca, porque seu filho
possa incitar e inspirar-lhe a coragem precisa no peito,
para chamar ao congresso os Acaios de longos cabelos
e aos pretendentes dizer que se mudem, que todos os dias
muitas ovelhas abatem e bois que se arrastam tardonhos.
Quero mandá-lo até Esparta, e até Pilo de solo arenoso,
para da volta do pai alcançar fidedignas notícias,
como, também, conquistar entre os homens um nome preclaro."
Disse; e calçou, sem demora, nos pés as bonitas sandálias
de ouro e divinas, que por sobre as águas, sem mais, a conduzem,
como, também, pela terra infinita, qual sopro do vento;
pega da lança potente, munida de ponta de bronze,
grande, pesada e robusta, com que derrubar costumava
filas de heróis, ao zangar-se a nascida do pai poderoso.
Célere baixa, passando por cima dos cumes do Olimpo,

e ante o portal de Odisseu se detém, na cidade de Ítaca,
bem na soleira do pátio, nas mãos tendo a lança de bronze,
sob a figura de Mentes, que os Táfios comanda, estrangeiro.
Os pretendentes imediatamente percebe, que estavam
a jogar pedra, alegrando os espíritos, junto da porta,
todos sentados em couros de bois, que eles próprios mataram.
Servos atentos, assim como arautos, de todos cuidavam.
Estes, o vinho de jeito misturam nos copos, enquanto
outros esfregam nas mesas esponjas de inúmeros furos,
põem-nas logo de pé e os assados em postas retalham.
Viu-a primeiro que todos Telêmaco, a um deus semelhante,
que pesaroso se achava no meio dos moços soberbos,
vendo no espírito a imagem do pai valoroso, se acaso
logo viesse, a expulsar do seu próprio palácio os intrusos
e conquistar nome excelso, qual dono dos próprios haveres.
Ao revolver tais conceitos no meio dos moços, percebe
Palas Atena. Foi logo ao portal, no imo peito agastado,
porque o estrangeiro estivesse de pé. Aproxima-se dela,
a mão direita lhe aperta e, tirando-lhe a lança de bronze,
pondo-se logo a saudá-la, lhe diz as palavras aladas:
“Salve, estrangeiro! Entre nós hás de ter agasalho condigno.
Pós o apetite acalmares, dirás o de que necessitas.”
Tendo assim dito, adiantou-se, seguido por Palas Atena.
Quando chegaram à sala da casa de teto elevado,
vai logo a lança de bronze depor na hastaria polida,
que se encontrava encostada em uma alta coluna, onde lanças
inumeráveis do sábio Odisseu bem-dispostas estavam.
Uma poltrona de fino lavor lhe oferece, onde estende
pano de linho. Escabelo por baixo dos pés acomoda.
Simples cadeira lavrada puxou para si, afastada
dos pretendentes; não fosse o barulho turbar o estrangeiro,

nem lhe soubesse a comida, ao se ver entre aqueles soberbos,
como também sobre o pai inquiri-lo, que ausente se achava.
Água lustral lhes ministra a criada em gomil primoroso,
de ouro, deixando-a cair sobre as mãos em bacia de prata,
pondo diante dos dois, a seguir, uma mesa polida.
A despenseira zelosa aparece, que pão lhes reparte,
como, também, provisões abundantes, que dá prazerosa.
Vem, a seguir, o trinchante, trazendo nas mãos a travessa com muita
carne, e de todos ao lado áureos copos coloca.
Sem descuidar-se, um arauto escanção lhes renova o bom vinho.
Os pretendentes altivos já, nesse momento, avançavam;
sentam-se em ordem, assim nas cadeiras bem como nos tronos.
Fazem vir água; por cima das mãos os arautos a deitam.
Em canistréis transbordantes o pão é servido por servas;
té pelas bordas escravos as taças enchiam de vinho.
Todos as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
os pretendentes a outros prazeres inclinam as mentes,
canto com música e dança, ornamento de todo banquete.
Uma belíssima cítara traz logo o arauto e a coloca
na mão de Fêmio, que, contra a vontade, os festins alegrava.
Preludiando na cítara, ao canto dá aquele princípio.
À de olhos glaucos, Atena, Telêmaco disse o seguinte,
quase a falar-lhe no ouvido, porque ninguém mais o sentisse:
“Caro estrangeiro, não vais agastar-te com minhas palavras?
Estes aqui só se ocupam com canto e com música: apenas;
coisa bem fácil, porque só consomem alheia fazenda,
de quem a ossada, jazendo na praia, apodrece na chuva,
ou, porventura, é jogada no mar pelo embalo das ondas.
Mas, se de novo voltasse e, de súbito, em Ítaca o vissem,
todos, por certo, mais rápidos pés pediriam aos deuses,

do que viver em tamanha opulência de vestes e de ouro.
Mas, como disse, caiu sob um fado impiedoso, e esperança
já não me resta da volta, ainda mesmo que o afirme um dos muitos
dos moradores da terra. A manhã do retorno não surge.
Vamos! Agora me fala e responde conforme a verdade:
Qual o teu nome e o teu povo? teus pais? a cidade em que moras?
Em que navio chegaste e de como os seus homens puderam
pôr-te nesta ilha? Revela-me o nome de que se envaidecem,
pois não presumo que tenhas chegado por via terrestre.
"Conta-me tudo de acordo com os fatos, a fim de que o saiba,
se é a vez primeira que vens até cá, ou se acaso já foste
hóspede aqui de meu pai, porque muitos a casa nos vêm,
visto ser grande o convívio que sempre manteve com os homens."
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Sem o menor subterfúgio pretendo contar-te a verdade.
Mentes me chamo e me orgulho de ser descendente de Anquíalo
justo; dirijo o destino dos Táfios amantes do remo.
Eu, mais os sócios, aqui vimos ter, pelo mar cintilante,
ora no rumo de Témesa, de moradores de língua
que diferente nos soa. Por bronze pretendo dar ferro.
Perto do campo o navio deixei, bem distante das casas,
no porto Reitro, que fica na base do Neio selvoso.
Nossas famílias se orgulham da hospitalidade que entre elas
houve, de início. Pergunta-o ao velho guerreiro Laertes,
que, dizem todos, não mais a cidade procura e frequenta,
mas em trabalhos os dias consome no campo distante,
com uma velha criada, que, a ponto, lhe dá os alimentos,
como bebida, ao sentir o cansaço nos membros, quando anda
pelo montuoso terreno em que tem sua vinha plantada.
Mas me disseram que já se encontrava teu pai de retorno.
Por isso vim; certamente os eternos a volta lhe impedem.

Não, não morreu sobre a terra o divino Odisseu, mas ainda
vive e talvez ora se ache detido no largo oceano,
em qualquer ilha por ondas cercada, onde seres malvados
e sem polícia por força o retêm, muito contra a vontade.
Ora desejo prever-te o futuro, tal como os eternos
na alma mo dizem e como há de dar-se com toda a certeza,
conquanto insciente no voo dos pássaros e profecias.
Por muito tempo não há de ficar afastado da pátria,
mesmo que em volta dos membros tivesse cadeias de ferro.
Pensa na fuga, no modo exequível, por ser ardiloso.
Vamos, agora me fala e responde conforme a verdade:
Crescido assim, como estás, do valente Odisseu tu descendes?
Muito com ele pareces, nas belas feições, na cabeça,
pois com bastante frequência trocávamos sempre visitas,
antes que para as planícies de Troia embarcasse, aonde foram
em naus velozes, também, os Argivos mais nobres e fortes.
Desde esse tempo nem mais eu o vi, nem me viu Odisseu."
O ajuizado Telêmaco desta maneira lhe fala:
"Tudo direi, estrangeiro, de acordo com a pura verdade.
Diz minha mãe que sou dele, de fato, gerado; contudo,
eu próprio o ignoro; ninguém tem consciência da própria linhagem.
Bem preferira se de outra pessoa pudesse ser filho,
que, mais feliz, à velhice chegasse com suas riquezas.
Já que o desejas saber, dir-te-ei: venho, sim, do guerreiro
mais infeliz do que quantos partilham da vida terrena."
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse, em resposta, o seguinte:
"Não resolveram os deuses ficasse sem nome a linhagem
a que pertences, porque de Penélope foste gerado.
Mas vamos, ora me fala e responde conforme a verdade:
Qual é esta festa? Que gente? Até onde te importa isso tudo?
É casamento ou banquete? Pois não me parece de escote.

São, a meu ver, por demais arrogantes na festa que fazem
em tua casa. Qualquer indivíduo dotado de siso
se indignaria, ao se ver testemunha de tanta impudência.”
O ajuizado Telêmaco desta maneira lhe fala:
“Hóspede, visto que acerca de tudo interrogas e inquires,
de intemerata e opulenta ufanou-se esta casa no tempo
já decorrido, em que aquele varão se encontrava na pátria.
Ora outra coisa decretam os deuses, que males meditam,
que resolveram tirá-lo da vista de todos os homens.
Menos penoso seria saber que, de fato, morrera,
se sucumbisse entre os seus companheiros nos campos de Troia,
ou entre os braços de amigos, depois de acabada a campanha.
Túmulo os povos Aqueus com certeza haveriam fazer-lhe,
e, no porvir, a seu filho deixara renome perene.
Mas, desse modo, as Harpias sem fama nenhuma o arrastaram.
Dele já não há notícia, sumiu, só me havendo deixado
pranto e aflições. Mas não é só por ele que tanto me aflijo;
por mim também, pois a mim outros males os deuses reservam.
Quantos senhores dominam possantes nas ilhas de em torno,
não só em Samo, também em Dulíquio e em Zacinto selvosa,
ou mesmo em Ítaca o mando repartem, de chão pedregoso,
todos a mãe me requestam e os bens, sem cessar, dilapidam.
Ela, nem sabe, de vez, recusar essas núpcias odientas,
nem, de uma vez, aceitar. E, com isso, eles gastam sem pausa
minha fazenda. A mim próprio, por certo, bem cedo consomem.”
Palas Atena, indignada, lhe diz deste modo, em resposta:
“Vejo que falta mui grande ora tens do afastado Odisseu,
para que a mão vingadora baixasse sobre estes intrusos.
Fosse possível chegar hoje mesmo, de pé junto à porta,
de elmo e de escudo provido, e nas mãos duas lanças potentes,
e o visse, agora, tal como o encontrei na primeira visita

a nossa casa, conquanto a tão só beber e divertir-se,
de Éfire vindo, onde esteve qual hóspede de Ilo Mermérida!
Fora Odisseu até lá transportado por nave ligeira,
para buscar um veneno homicida de que precisava,
com o fim de untar suas flechas de bronze. Mas Ilo escusou-se
por tudo a dar-lho, porque tinha medo dos deuses eternos.
Meu pai, porém, lho cedeu, pois lhe tinha afeição extremada.
Oh! se o divino Odisseu, tal como é, entre os moços surgisse!
Todos na curta distância veriam as núpcias lugentes.
Mas isso tudo ainda se acha assentado nos joelhos dos deuses,
se de tornada virá para casa, a tirar a vingança,
ou se há de inulto ficar. Mas agora a pensar te aconselho
como consigas tocar do palácio esse bando de gente.
Vamos, escuta o que digo e reflete nas minhas palavras.
Logo amanhã chamarás à assembleia os heroicos Aquivos
e a todos eles expõe teu pensar, invocando os eternos.
Os pretendentes intima, depois, para que se dispersem.
Quanto a tua mãe, se, de fato, deseja casar novamente,
para o palácio retorne do pai, de poder não somenos,
que cuidará dessas núpcias, bem como do dote vultoso,
como costumam fazer sempre os pais com suas filhas queridas.
Ora um conselho sensato pretendo expender, se mo aceitas:
Nau aparelha, a melhor que encontrares, com vinte remeiros,
para notícias buscar de teu pai, que de há muito está ausente,
quer to refira um mortal, quer a voz que de Zeus se origina,
que, sobretudo entre os homens renome preexcelso concede.
Vai até Pilo, primeiro, e o divino Nestor interroga;
a Menelau, em seguida, o de louros cabelos, de Esparta,
o derradeiro a chegar dos Aqueus de couraça de bronze.
Caso te digam que ainda está vivo e que pensa na volta,
mesmo que muito te aflija, suporta a demora de um ano.

Mas, se te vier a notícia de que não mais vive, que é morto,
volta, a seguir, para a terra querida do teu nascimento,
um cenotáfio lhe erige, prestando-lhe as honras funéreas,
ricas, tal como convém, e a tua mãe depois dá um marido.
Logo que tudo hajas feito e a bom termo, de acordo, levado,
no íntimo da alma reflete, e no peito, também, valoroso,
como consigas matar, claramente ou por modo encoberto,
os pretendentes, no próprio palácio, que bem não te fica,
como criança, brincar; para tal, já passaste da idade.
Ou não soubeste da fama que Orestes divino entre os homens
veio a alcançar, por haver dado a Morte ao Tiestíada Egisto,
que, com traiçoeira artimanha, matara seu pai muito ilustre?
Tu, também, caro! Crescido te vejo e com bela aparência.
Sê corajoso, porque também possam vindoiros louvar-te.
Ora pretendo tornar para a nave ligeira, a ajuntar-me
aos companheiros, talvez agastados com minha demora.
Cuida tu próprio de tudo e medita nas minhas palavras.”
O ajuizado Telêmaco desta maneira lhe fala:
“Hóspede, tuas palavras são ditas com ânimo amigo,
como de pai para filho; jamais poderei esquecê-las.
Mas, muito embora desejes partir, fica um pouco, te peço,
que te banhes e possas dar largas ao peito querido,
para depois ao navio voltares, levando um presente,
muito valioso e bonito, que seja lembrança de minha
parte, tal como os amigos com os hóspedes fazem de grado.”
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse, em resposta, o seguinte:
“Não me demovas do intento, pois muito me importa ir embora.
Quanto ao presente, se tanto o desejas, que seja na volta,
quando de novo passar por aqui; levá-lo-ei para casa.
Por mais valioso que escolhas, terás outro igual conquistado.”
A de olhos glaucos, Atena, afastou-se ao dizer tais palavras.

Desapareceu como pássaro, tendo-lhe ao peito insuflado
força e coragem, fazendo-o ainda mais de Odisseu recordar-se
do que até então o fizera. Transborda-lhe o peito de espanto
ao refletir sobre o caso, pois que era um dos deuses notara.
Os pretendentes procura, a seguir, qual um deus na aparência.
Todos, em volta, escutavam silentes o aedo famoso,
que lhes cantava o retorno funesto que Palas Atena
houve por bem decretar ao voltarem de Troia os Aquivos.
Dos aposentos de cima escutou a cantiga divina
a virtuosa Penélope, filha de Icário. Resolve,
sem mais demora, baixar pelas longas escadas da casa,
mas não sozinha, que duas criadas ao lado a acompanham.
Quando a divina mulher o lugar alcançou onde estavam
os pretendentes, no umbral se deteve de bela feitura,
tendo as feições escondidas num véu de lavor admirável.
De cada lado lhe fica uma serva de espírito casto.
Lágrimas verte copiosas e ao divo cantor se dirige:
“Fêmio, canções diferentes tu sabes, que os homens encantam
gestas de heróis e de deuses, que os vates gloriosos propagam.
Dessas, lhe canta qualquer, e que todos te escutem silentes
vinho a beber. Não prossigas, porém, nessa história tão triste,
que o coração se me aperta no peito ao ouvir-te a cantiga,
o que acontece dês que a incomportável saudade me aflige,
pela querida cabeça, que sempre à memória me ocorre,
pelo varão, cuja fama em toda a Hélade e em Argos se estende.”
O ajuizado Telêmaco desta maneira lhe fala:
“Mãe, por que causa proíbes que o nobre cantor nos deleite
com o que à mente lhe vem? Não têm culpa, por certo, os cantores,
sim tem-na Zeus, é o culpado, que os dons distribui entre os homens
laboriosos por modo variável, tal como lhe agrada.
Não o censures por ter-nos cantado as desgraças dos Dânaos,

pois entre o povo recebem mais altos louvores os cantos
que para o ouvinte mais novos lhe soam, de fatos recentes.
Ânimo forte te cumpre ora ter para ouvi-lo sem mágoa.
Não foi somente Odisseu quem privado se viu do retorno,
mas também outros heróis pereceram nos plainos de Troia.
Para o teu quarto recolhe-te e cuida dos próprios lavores,
roca e tear, e às criadas solícitas ordens transmite
para que tudo executem, que aos homens importa a palavra,
mormente a mim, a quem cumpre assumir o comando da casa."
Cheia de espanto, Penélope aos seus aposentos retorna
pois lhe calaram no peito as sensatas palavras do filho.
Acompanhada das servas, subiu para os seus aposentos,
para chorar pelo caro marido, Odisseu, té que sono
muito tranquilo nos olhos lhe Palas Atena vertesse.
Os pretendentes na sala sombria levantam tumulto,
todos a arder em desejos de o leito poder compartir-lhe.
O ajuizado Telêmaco desta maneira lhes fala:
"De minha mãe pretendentes, soberbos e cheios de orgulho,
ora gozemos da festa; ninguém faça bulha importuna,
pois não há nada mais belo que um canto escutar delicioso,
tal como os deste cantor, que semelha na voz a um dos deuses.
Mas amanhã muito cedo, reunidos sereis todos na ágora,
para que eu possa anunciar, sem ambages, o que vos intimo:
abandonardes-me a casa por outros mais gratos convites
e dardes festas recíprocas, mas só com vossa fazenda.
Mas se julgardes melhor e mais cômodo assim continuardes
impunemente a gastar os haveres de um homem somente,
bem, prossegui! que implorar hei de aos deuses eternos do Olimpo.
Zeus me dará, porventura, alcançar a vingança almejada,
para que inultos venhais a morrer aqui dentro de casa."
Disse; os presentes, ouvindo-o, morderam os lábios com força,

maravilhados de como Telêmaco a todos falara.
Disse-lhe Antínoo, de Eupites nascido, em resposta, o seguinte:
“Foram teus mestres, por certo, Telêmaco, os deuses eternos,
que te ensinaram o orgulho e a falar desse modo grandíloquo.
Zeus não permita que venhas em Ítaca, de ondas cercada,
a governar, muito embora isso seja tua herança paterna.”
O ajuizado Telêmaco desta maneira lhe fala:
“Agastar-te-ei, porventura, com minhas palavras, Antínoo?
Fora de minha vontade reinar, se assim Zeus o deixasse.
Ou te parece ser isso entre os homens o pior dos destinos?
De forma alguma quem reina é infeliz, porque logo sua casa
muito opulenta se torna e ele próprio bem mais respeitado.
Mas dos Aqueus muitos príncipes há nos contornos desta ilha,
tanto da nova progênie, assim como de troncos mais velhos.
Que seja rei qualquer deles, que o divo Odisseu já está morto.
Eu, quanto a mim, me contento em mandar nesta casa, que é nossa,
e nas escravas, que o divo Odisseu como espólio nos trouxe.”
Disse-lhe Eurímaco, filho de Pólibo, então, em resposta:
“Isso, Telêmaco, se acha assentado nos joelhos dos Deuses,
quem há de em Ítaca, de ondas cercada, exercer o reinado.
Fica na posse de tua fazenda e dirige tua casa,
que, enquanto houver habitantes em Ítaca, não há de um homem
contra teu próprio querer expoliar-te exercendo violência.
Ora, meu caro, a respeito desse hóspede quero falar-te.
Donde nos veio tal homem? Que terra o envaidece de origem?
Progenitores quais tem, e a que pátria, também, se filia?
Trouxe-te, acaso, a notícia de estar o teu pai de tornada,
ou veio aqui simplesmente por causa do próprio interesse?
Rapidamente voltou, sem dar tempo a nenhum dos presentes
de conhecê-lo. No entanto, revela aparência mui nobre.”
O ajuizado Telêmaco desta maneira lhe fala:

“Não é possível, Eurímaco; morto foi ele ao retorno.
Já não dou crédito algum às pessoas que o dizem de volta,
como, também, não consulto os oráculos, quando, adivinho
por minha mãe convidado, é frequente, os expende na sala.
Trata-se de hóspede antigo de nossa família, de Tafo;
Mentes se chama e se orgulha de ser descendente de Anquíalo
justo; dirige o destino dos Táfios amantes do remo.”
Isso disse ele; mas na alma que é deusa imortal reconhece.
Voltam os mais a dançar no compasso do canto agradável,
a divertirem-se à espera de que fosse a noite chegada.
Quando o crepúsc’lo baixou, ainda o grato festim prosseguiu;
todos, então, se dispersam, em busca dos próprios palácios.
Sobe Telêmaco para o seu quarto no esplêndido pátio,
onde lhe haviam construído aposento em lugar bem aberto.
Vai para a cama, volvendo no peito cuidados diversos.
Iluminava-lhe os passos, com um facho na mão, Euricleia,
gênita de Opos, que filha se diz do guerreiro Pisénor,
que, há muito tempo, Laertes comprara com os próprios haveres,
na flor da idade; por ela ele deu vinte bois, esse o preço,
tendo-a em casa acatado tal como se esposa lhe fosse,
sem nunca haver compartido do leito; temia a consorte.
Essa, portanto, aclarava-lhe os passos, pois muito o estimava,
mais que qualquer das escravas, pois desde pequeno o criara.
Abre Telêmaco a porta do quarto de forte feitura,
senta-se logo no leito e, a seguir, despe a túnica fina
e para os braços a joga da velha de sábios conselhos.
Esta, tomando da túnica, dobra-a com todo o cuidado e a dependura
no gancho do lado do leito crivado.
Vem para fora e, a seguir, puxa a porta por meio da argola
toda de prata, esticando por fim a correia da tranca.
Por toda noite ali fica, envolvido num velo de ovelha,

a refletir no caminho a que Palas Atena o exortara.

Parte I
A Viagem de Telêmaco

CANTO II

A ASSEMBLEIA EM ÍTACA E A PARTIDA DE TELÊMACO

“Junto com a Aurora, Telêmaco, convocando para a assembleia os itacenses, pede aos pretendentes que saiam da casa, e solicita um navio para viajar a Pilo e a Esparta, que não consegue. Recebendo um navio de Noémone e as provisões de sua ama Euricleia, parte escondido da mãe.” (Scholie H M S)

Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
alça-se o filho do divo Odisseu de seu leito lavrado;
veste-se e no ombro, depois, deita a espada de gume cortante;
calça, a seguir, as formosas sandálias nos pés delicados
e sai do quarto, no aspecto semelho a um dos deuses eternos.
Manda aos arautos, de voz penetrante, que à praça convoquem,
para a assembleia, os Aquivos de soltos cabelos nos ombros.
Gritam, sem mora, o pregão; apressados aqueles concorrem.
Quando ao chamado acudiram e todos se achavam reunidos,
veio, também, para a praça, na mão tendo a lança de bronze,
mas só ele não ia; dois rápidos cães acompanham-lhe os passos.
Palas Atena lhe infunde nos ombros a graça divina,
de modo tal que os do povo o admiravam à sua passagem.

Senta-se logo no posto do pai; os antigos lho cedem.
Abre a assembleia, arengando aos presentes, Egípcio preclaro,
que, pela idade encurvado, possui o saber da experiência.
Um de seus filhos queridos com o divo Odisseu também fora
para Ílio fértil, nutriz de corcéis, em navio bojudo.
Ántifo, exímio lanceiro, que o fero Ciclope matara
na gruta côncava, dele fazendo o repasto postremo.
Três filhos mais lhe restavam: um deles, Eurínomo, vive
aos pretendentes em meio; os demais, nas lavouras do velho.
Nunca deixava, porém, de chorar pela Morte daquele.
Lágrimas, pois, a verter, por sua causa, arengando, assim fala:
"Ora, Itacentes, prestai atenção no que tenho a dizer-vos.
Não mais tivemos sessão, nem ninguém convocou a assembleia
dês que o divino Odisseu embarcou no navio bojudo.
Quem, desta vez, nos convoca? E que causa premente o compele,
quer seja um moço dos nossos, quer mesmo um dos homens mais velhos?
Nova terá recebido da vinda de exército imigo,
do que pretende falar-nos, por ser o primeiro que o soube?
Ou sobre a causa do povo tenciona, talvez, dizer algo?
Nobre parece-me ser e de méritos grandes. Pudesse
Zeus outorgar-lhe a obtenção do desígnio que volve na mente."
Disse; o presságio foi causa de muito alegrar-se Telêmaco.
Por muito tempo não fica sentado; deseja falar-lhes;
põe-se de pé, da assembleia no meio; na mão dá-lhe o cetro,
logo, Pisénor, o arauto, que sabe prudentes conselhos.
E dirigindo-se ao velho em primeiro lugar, lhe responde:
"Velho, distante não se acha o que dizes; em breve hás de vê-lo.
Eu convoquei a assembleia, pois mais que ninguém me ressinto.
Não recebi nova alguma da vinda de exército imigo,
do que pretenda falar-vos, por ser o primeiro que o soube,
nem sobre a causa do povo tenciono, também, dizer algo,

mas a respeito das duas desgraças que em casa me pesam.
Uma, consiste na Morte de meu pai ilustre, que outrora
paternalmente benigno reinou sobre vós, os presentes;
ora outra muito mais grave ocorreu, e que breve há de a casa
completamente arruinar-me e destruir toda a minha fazenda.
A seu mau grado se vê minha mãe assediada e forçada
por pretendentes que filhos se dizem dos nobres da terra,
aos quais repugna buscar a morada de Icário, pai dela,
a quem compete fixar os presentes por modo aprazível,
para entregá-la a quem bem lhe aprouver e lhe seja do agrado.
Mas, em vez disso, instalaram-se todos em nosso palácio,
cabras e bois sacrificam e ovelhas de velo vistoso,
banqueteando-se a rodo e gastando do rútilo vinho,
desmesurados; as reses minguam, porque não achamos
como Odisseu nenhum homem capaz de livrar-nos a casa
da maldição, porque tal não podemos e até no futuro
fracos seremos, por certo, e sem meios de a tal nos opormos,
ainda que, só os expulsara, se força nos membros tivesse.
Incomportável é isso que fazem, nem é decoroso
que minha casa se perca. Também deveríeis mostrar-vos
todos contrários a isso, acatando os vizinhos de em torno,
da redondeza habitantes. Temei o castigo dos deuses,
não façam eles mudança, indignados com tais malefícios.
Por Zeus Olímpico faço-vos este pedido, e por Têmis,
que as assembleias dos homens dissolve, assim como os reúne:
tantos abusos, amigos, detende, e sozinho deixai-me
com minha dor, a não ser que meu pai, Odisseu, o bondoso,
haja algum mal praticado aos Aquivos de grevas bem-feitas
para, em vingança, outros males agora intentardes fazer-me,
dessa maneira a atiçá-los. Mor lucro, por certo, eu tivera
se fosseis vós os que os bens e os rebanhos, assim, me pilhassem.

Sim, se meus bens devorásseis, indenização obteria,
pois com palavras iria através da cidade, a pedir-vos
e reclamá-lo de todos, até que pudesse reavê-los.
Ora com dor insanável o peito acabais de ferir-me.”
Isso disse ele, indignado; e, rompendo num pranto copioso,
o cetro atira no chão. Todo o povo de dor é tomado.
Quedos mantêm-se os presentes; ninguém a objetar se atrevia
às expressões de Telêmaco, com palavras muito duras.
Somente Antínoo lhe diz, em resposta, as seguintes palavras:
“Altiloquente Telêmaco e de ânimo altivo, que dizes,
que nos ofende e que a todos será qual labéu desonroso?
Os pretendentes não somos culpados, nós outros Aquivos;
culpa a tua mãe, por demais entendida em processos escusos.
Já se passaram três anos, e em breve mais um será feito,
desde que ilude o desejo que os nobres Acaios anima.
Sabe manter esperanças em todos e a todos promete,
bem como envia mensagens, mas outros desígnios medita.
No mais recôndito soube engendrar o seguinte artifício:
Tendo estendido no quarto uma tela sutil e assaz grande,
pôs-se a tecer. A seguir nos engana com estas palavras:
‘Jovens, porque já não vive Odisseu, me quereis como esposa.
Mas não insteis sobres as núpcias, conquanto vos veja impacientes,
té que termine este pano, não vá tanto fio estragar-se,
para mortalha de Laertes herói, quando a Moira funesta
da Morte assaz dolorosa o colher e fizer extinguir-se.
Que por qualquer das Aquivas jamais censurada me veja,
por enterrar sem mortalha quem soube viver na opulência.’
Dessa maneira falou, convencendo-nos o ânimo altivo.
Passa ela, então, a tecer uma tela mui grande, de dia:
à luz dos fachos, porém, pela noite destece o trabalho.
Três anos isso; com dolo consegue embair os Aquivos.

Mas quando o quarto chegou, das sazões no decurso do estilo,
fez-nos saber a artimanha uma serva de tudo inteirada.
Dessa maneira a apanhamos, que o belo tecido esfazia,
tendo-se visto obrigada a acabar o trabalho, por força.
Dos pretendentes, agora recebe a resposta, que na alma
possas o alcance pesar-lhe e os Aquivos de tudo se inteirem:
manda tua mãe do palácio sair e lhe dizer que case
com quem o pai ordenar e a quem ela afeição não recuse.
Se persistir, desse modo, a enganar por mais tempo os Aquivos,
muito orgulhosa dos dons com que Atena abrindou a mancheias,
não só de méritos de alma, senão de perícia em trabalhos,
como de astúcia, por modo qual nunca soubemos das outras
que em priscos tempos viveram, Aquivas de tranças bem-feitas,
Tiro, não só, mas Alcmena e Micena, do belo diadema,
que não suportam confronto com o senso da nobre Penélope.
Mas desta vez não pensou plano digno de ser elogiado,
pois os seus bens e riquezas serão sem cessar consumidos
por quanto tempo ficar nesse intento que os deuses celestes
no coração lhe inspiraram. Se fama, com isso, ela adquire,
tu, por teu lado, só perda consegues na muita fazenda.
Sim, não sairemos daqui para os nossos domínios, ou de outrem,
antes de vê-la casada com um dos Aqueus de sua escolha.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Não é possível, Antínoo, expulsar com violência de casa
quem me deu vida e educou. Noutras terras meu pai ora se acha.
É vivo ou morto? Difícil a Icário pagar me seria
o equivalente exigido, se eu próprio, por gosto, a expulsasse.
Males viria a sofrer de seu pai, como de divindades
outras, porque minha mãe chamaria as odientas Erínias,
se do palácio a tocasse; dos homens, também, a censura me alcançaria.
Portanto, recuso-me a dar-lhe tal ordem.

Se sois capazes, também, de sentir indignação por tais coisas,
abandonar-me o palácio por outros mais gratos banquetes,
alternadamente a hospedar-vos e à custa de vossa fazenda.
Mas, se julgardes melhor e mais cômodo assim continuardes
impunemente a gastar os haveres de um homem somente,
bem, prossegui, que implorar hei de aos deuses eternos do Olimpo.
Zeus me dará, porventura, alcançar a vingança almejada,
para que inultos venhais a morrer aqui dentro de casa.”
A essas palavras, Zeus grande, que ao longe discerne, lhe envia
águias a par deslizando do cimo elevado de um monte.
Ficam voando um momento, à mercê das correntes aéreas,
junto uma da outra, mantendo estendidas e firmes as asas.
Mas, quando da ágora ao meio chegaram, alfim, tumultuária,
eis que volteiam em círculo e batem as asas com força,
a contemplar as cabeças de todos com torvo presságio.
E ambas, então, arranhando-se o colo e a cabeça com as garras,
pela direita saíram, por sobre as casas e a cidade.
Todos ficaram tomados de pasmo ante a vista das aves,
dentro do peito a volver que futuro os sinais sugeriam.
Mas o guerreiro Haliterses Mastórida pôs-se a falar-lhes,
dentre os equevos o mais competente, sem dúvida, na arte
de conhecer os augúrios e ler pelo voo das aves.
Cheio de bons pensamentos, lhe diz, arengando, o seguinte:
“Ora, Itacenses, ouvi quanto passo prudente a dizer-vos.
Aos pretendentes com mais insistência darei este aviso.
Por cima deles já impende o perigo, porque muito tempo
não ficará Odisseu afastado daqui: já bem perto
ele se encontra, por certo, e maquina o extermínio de todos
e o cruel exício, que dele, também, há de vir para muitos
dos moradores desta ilha visível ao longe. Cuidemos,
pois, de refrear esse abuso, a não ser que eles próprios resolvam

não continuar, o que a todos de muita vantagem seria.
Não prognostico sem base nos fatos, mas bem experiente.
Todas as coisas que outrora afirmei, estou certo, se deram
sem discrepância, no ponto em que a Troia os Argivos se foram
e, juntamente, Odisseu, o guerreiro de mente fecunda.
Exp'rimentado em trabalhos, lhe disse, e com perda de todos
os companheiros, volvidos vinte anos e desconhecido,
regressaria ele a casa. Ora tudo, de acordo, se cumpre."
Disse-lhe Eurímaco, filho de Pólibo, então, em resposta:
"Velho, é melhor que interpretes oráculos para teus filhos!
Vai para casa, não sejam colhidos por males futuros.
Muito melhor do que tu interpreto os sinais destes fatos.
Aves sem-número voam debaixo do Sol luminoso,
mas não são todas fatídicas. Morto é Odisseu, com certeza,
longe daqui. Fora bom que com ele, também, perecesses,
pois te pouparas, agora, de vir arengar profecias
e de instigar mais Telêmaco, que já se encontra irritado.
Só tens em mira pilhar para casa proventos mui pingues.
Ora uma coisa te quero dizer, que, sem falta, se cumpre:
Se, novamente, a este moço, com tua experiência vetusta
e essa parlenda sem fim contra nós irritado puseres,
ele, em primeiro lugar, há de ter mais molesto gravame,
pois coisa alguma consegue tentando a nós todos opor-se.
Quanto a ti, velho, uma multa te impomos, porque no imo peito
tenhas com que remoer-te; ser-te-á dissabor permanente.
Mas a Telêmaco, em face de todos, darei um conselho:
Faça com que sua mãe se recolha à morada de Icário,
que cuidará de suas núpcias, bem como do dote opulento,
como costumam fazer sempre os pais com suas filhas queridas.
Mas, antes disso, não creio que possam abster-se os Aquivos
de pretensão trabalhosa, porque nada medo nos causa,

seja Telêmaco, embora nos fale com tanta eloquência,
sejam quaisquer vaticínios vazios, que não nos importam,
como esses, velho, que fazes; com isso mais ódios te aprestas.
Sua fazenda será consumida sem paga nenhuma
por quanto tempo julgar conveniente adiar essas núpcias.
Prolongaremos, portanto, teimosos, a nossa compita
por suas altas virtudes, sem que outras mulheres busquemos
de condição como a nossa, com o fim de escolhermos esposa."
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
"Isso é impossível, Eurímaco, e vós, pretendentes ilustres.
Novos pedidos não hei de fazer-vos nem volto a falar-vos,
pois que os Aquivos o sabem, assim como os deuses eternos.
Dai-me, porém, uma rápida nau, tripulada com vinte
homens, que cortem comigo, em diversos sentidos, as águas,
para que a Esparta me vá, como a Pilo de solo arenoso,
em busca de informações de meu pai, que, de há muito, está ausente,
quer mo refira um mortal, quer a voz que de Zeus se origina,
que, sobretudo entre os homens, renome preexcelso concede.
Caso me digam que ainda está vivo e que a volta medita,
mesmo que muito me aflija, suporto a demora de um ano;
mas se me vier a notícia de que não mais vive, que é morto,
volto, a seguir, para a terra querida do meu nascimento,
um cenotáfio lhe erijo e funéreas exéquias lhe apresto,
ricas, tal como convém. Casarei minha mãe depois disso."
Disse; e, depois de falar, assentou-se. Levanta-se, logo,
o venerável Mentor, do preclaro Odisseu companheiro,
que lhe entregara o palácio e a fazenda ao subir para a nave,
recomendando que todos respeito ao ancião demonstrassem.
Cheio de bons pensamentos lhe diz, arengando, o seguinte:
"Ora Itacentes, ouvi quanto na alma pretendo dizer-vos.
Que, doravante, nenhum rei cetrado jamais se revele

nobre, sensato e bondoso, nem cheio de retos desígnios
mas, ao contrário, só pense austerezas e viva maldades,
pois do divino Odisseu já ninguém dos do povo se lembra,
que sobre todos reinou como pai de bondade extremada.
Os pretendentes soberbos, não vou censurar, certamente,
pelas violências que fazem, produto de instintos malvados,
que eles as próprias cabeças arriscam pilhando a fazenda
do valoroso Odisseu, na ilusão de que a casa não volta.
Mas contra o resto do povo não posso deixar de indignar-me.
Com serdes muitos, ficais em silêncio, sentados, sem
verdes que aos pretendentes, por poucos, podíeis impor vosso freio."
Disse-lhe o filho de Evénor, Leócrito, então, em resposta:
"Louco e insensato Mentor, que pretendes com esse discurso?
Queres que a gente desta ilha nos venha refrear? Perigoso
lhe fora, embora em mor número, vir disputar-nos as festas.
Mesmo que o próprio Odisseu Itacense voltasse em pessoa
e os pretendentes viesse encontrar em sua casa, em banquetes,
caso pensasse consigo em tocá-los, sem mais, do palácio,
dificilmente haveria de a esposa saudosa alegrar-se:
sim, Morte indigna encontra aqui mesmo o guerreiro solerte,
se se medisse com muitos. Não foste oportuno em teus ditos.
Eia! Disperse-se o povo e procure cada um seu trabalho.
Quanto à viagem, incumbam-se disso Mentor e Haliterses,
que companheiros, há muito, se prezam de ser do pai dele.
Penso, porém, que não deve afastar-se desta ilha, onde quieto,
há de notícias obter, sem jamais realizar essa viagem."
Dessa maneira falou, dissolvendo, sem mais, a assembleia.
Tendo-se assim dispersado, procura cada um sua casa;
os pretendentes à casa do divo Odisseu se dirigem.
Foi, em seguida, Telêmaco, ao longo da praia marítima;
molha nas ondas espúmeas as mãos e dirige-se a Atena:

“Ouve-me, ó deus, que estiveste no nosso palácio
ontem, e me aconselhaste cruzar num navio o mar fosco,
em busca de informações de meu pai, que, de há muito, está ausente,
se vem de volta. Mas isso os Acaios procuram frustrar-me
e os pretendentes, mormente, malvados e de ânimo altivo.”
Dessa maneira suplica. Aproxima-se Palas Atena,
mui semelhante a Mentor, na figura exterior e na fala,
e, começando a falar, lhe dirige as palavras aladas:
“Para o futuro nem fraco, nem fútil serás, ó Telêmaco,
se de teu pai, em verdade, possuíres o ardor invencível.
Homem como ele é bem raro; não só nos discursos, nas obras!
Essa viagem, que intentas, nem vã há de ser nem frustrada.
Se não descendes, porém, nem do herói, nem da sábia Penélope,
não poderás realizar o projeto que no imo acalentas,
pois são contados os filhos que à altura dos pais chegar podem;
a maior parte é inferior; muito poucos conseguem passá-los.
Mas é evidente que fútil nem fraco hás de um dia mostrar-te,
porque do senso do astuto Odisseu não pareces privado.
Nutre a esperança, portanto, de dar bom recado da empresa.
Os pretendentes despreza, quer falem, quer teçam projetos,
os insensatos, porque nem são justos, nem obram com siso,
sim, pois ignoram em seus pensamentos que a Morte e o sombrio
Fado estão próximos, para que todos pereçam num dia.
Por muito tempo a viagem que intentas não há de atrasar-se,
pois companheiro fiel de teu pai encontrar em mim vieste:
aprestarei um navio veloz, indo eu próprio contigo.
Para tua casa retorna, mistura-te com os pretendentes.
Vasos bastantes apresta e, também, os demais mantimentos,
vinho nos odres, bem como a farinha, medula dos homens,
dentro de couros bem fortes, enquanto procuro no povo
quem, voluntário, nos siga. Navios possui numerosos

Ítaca, que pelo mar é cercada, entre novos e velhos.
Desses, pretendo escolher para ti o que for mais prestante,
e o lançaremos no vasto oceano, depois de esquipado.”
Palas Atena, nascida de Zeus, assim disse. Telêmaco
não se detém por mais tempo, pós ter-lhe escutado o conselho.
Para o palácio retorna, sentindo angustiar-se-lhe o peito.
Os pretendentes soberbos foi logo encontrar, que no pátio
couros tiravam de cabras e porcos assavam no fogo.
Rindo-se, Antínoo se foi para o lado onde estava Telêmaco,
toma-lhe a mão e, falando, lhe diz as seguintes palavras:
“Altiloquente Telêmaco, de ânimo altivo, não cuides
revolutear em teu peito ações más, ou sequer, pensamentos,
mas vem conosco comer e beber, tal como antes fazias.
Deixa ao cuidado dos nobres Aqueus arranjarem-te naves
e remadores seletos, a fim de que possas a Pilo
te transportar e notícias obter de Odisseu, como queres.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Não é possível, Antínoo, convosco ficar, arrogantes,
nesses banquetes, calado, e que alegre e tranquilo me mostre.
Ou já não basta me terem vastado a fazenda copiosa
os pretendentes, durante esse tempo em que eu era criança?
Ora que um homem já sou e que os ditos das outras pessoas
ouço e compreendo, no peito, também, sinto estuar-me a coragem.
Contra vós todos, por isso, hei de fado aprestar-vos funesto,
ou seja em Pilo arenosa, ou aqui mesmo, entre o povo desta ilha.
Já que é impossível obter remadores e barco, pois todos
mais conveniente julgais recusarmos, sabei que essa viagem
não ficará infrutuosa; em navio sairei alugado.”
Isso disse ele, tirando depressa sua mão da de Antínoo.
Os pretendentes, no entanto, preparam na casa o banquete,
enquanto alguns ironias e ditos pungentes lhe assacam.

Foi quando disse um qualquer desses moços de mente soberba:
"Oh! Com certeza Telêmaco pensa em matar-nos a todos,
quer vá buscar defensores em Pilo, de solo arenoso,
quer os conduza de Esparta. Empenhado em partir se revela.
A Éfira, certo, de férteis campinas chegar ele almeja,
para tentar adquirir qualquer droga de força homicida,
que nos misture no vinho, com o fim de que todos morramos."
Fala, também, por seu lado, outro moço de mente soberba:
"E quem nos diz que não venha a perder-se, também, na bojuda
nave, distante dos caros amigos, tal como o pai dele?
Se tal se desse, teríamos, por vossa vez, mais trabalhos.
Fora mister dividir os bens todos, exceto o palácio,
que lhe seria da mãe e daquele que esposo lhe fosse."
Isso diziam. À câmara paterna baixa, de teto
alto, e espaçosa, onde de ouro e bronze tesouros havia,
bem como vestes em arcas e óleo cheiroso em grã cópia,
jarras de vinho de antiga colheita, de gosto inefável,
tendo no bojo a divina bebida, extremada e sem liga,
enfileiradas ao longo do muro, Odisseu aguardando,
caso ao palácio voltasse, depois de trabalhos inúmeros.
Duplo ferrolho engenhoso ajustava os batentes da porta.
Sempre de guarda, ficava a intendente de dia e de noite,
bem vigilante e dotada de grande prudência, Euricleia,
gênita de Opos, que filho se diz do guerreiro Pisénor.
Chama-a Telêmaco ao quarto e lhe diz as seguintes palavras:
"Ora, mãezinha, nas ânforas vinho agradável derrama,
em qualidade, o primeiro depois do que tens sob tua guarda,
sempre a pensar no coitado, se acaso de novo voltasse
livre dos riscos da Morte, Odisseu de linhagem divina.
Enche-me doze e com rolhas prove todas elas a jeito;
vinte medidas, também, de farinha nas mós triturada,

que deitarás em um saco de couro mui bem-costurado.
Mas que ninguém mais o saiba. Em lugar concertado põe tudo;
eu mesmo, à noite, virei cá buscá-lo, no instante em que minha
mãe para o quarto subir, com tenção de no leito deitar-se,
para que a Esparta me vá, como a Pilo de solo arenoso,
ver se consigo notícias da volta de meu pai querido."
Isso disse ele; Euricleia é tomada de súbito pranto;
e, entre gemidos sentidos, lhe diz as palavras aladas:
"Mas, caro filho, que ideia foi essa que à mente te veio?
Como pretendes viajar pelo mundo tão grande, sozinho,
nosso consolo exclusivo? Morreu muito longe da pátria,
em terra desconhecida, Odisseu de linhagem divina.
Nem bem te apartes, decerto ciladas a ti serão feitas,
para que morras e possam depois repartir-te a fazenda.
Fica em tua casa, no meio do que te pertence; não corras
por longes terras, nem sofras trabalhos no mar infecundo."
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
"Mãe, não te aflijas, que tenho a assistência de um deus no que faço.
Quero, porém, que me jures que nada dirás à mãezinha
antes que sejam onze dias completos, ou mesmo doze dias,
salvo se der pela falta, ou souber por alguém dessa viagem,
para que o rosto formoso, com lágrimas não desfigure."
Disse; promete-o a anciã pela máxima jura dos deuses.
Tendo assim, pois, completado as palavras da fórmula sacra,
vai, sem demora, nas ânforas vinho deitar, saboroso,
mais a farinha num saco de couro mui bem-costurado.
Volta Telêmaco para o palácio e aos demais se mistura.
A de olhos glaucos, Atena, concebe outro plano engenhoso:
Sob as feições de Telêmaco toda a cidade percorre
e apropinquando-se a cada um dos moços, aviso lhes dava,
para que à noite se fossem reunir no navio bojudo.

Pede, depois, a Noémone, filho preclaro de Frônio,
queira emprestar-lhe o navio veloz; de bom grado ele o cede.
E, quando o Sol se deitou e as estradas a sombra cobria,
puxa o navio veloz para o mar e, em seguida, o apetrecha
com tudo que embarcação bem coberta levar costumava.
Põe-na na entrada do porto, onde a tripulação expedita
se reunira. Coragem em todos a deusa suscita.
A de olhos glaucos, Atena, concebe outro plano engenhoso:
Para o palácio do divo Odisseu dirigiu-se depressa,
onde lançou doce sono nas pálpebras dos pretendentes,
que, vacilantes e bêbados, soltam das mãos as crateras.
Foram-se todos dormir na cidade; ninguém mais consegue
continuar assentado, que o sono atingira já todos.
A de olhos glaucos, Atena, a Telêmaco fala, após tê-lo
feito sair de seu quarto de boa e formosa feitura,
mui semelhante a Mentor, na figura exterior e na fala:
"Teus companheiros, de grevas bem-feitas, estão já, Telêmaco,
com mãos nos remos, à espera, tão só, de que vás lhes dar ordens.
Vamos, portanto. Não fique atrasada, por isso, a viagem."
Palas Atena, depois que assim disse, se pôs a guiá-lo
rapidamente. As pegadas da deusa seguia Telêmaco.
Logo que foram chegados ao mar e, depois, ao navio,
os companheiros, de longos cabelos, encontram na praia.
Disse-lhes estas palavras o sacro poder de Telêmaco:
"Vamos, amigos! Só falta trazer as vitualhas que se acham
no átrio, apartadas. Não só minha mãe, mas as criadas o ignoram,
com exceção de uma apenas, a quem confiei todos os planos."
Isso dizendo, se pôs a guiá-los; os outros o seguem.
Tudo transportam, depois, para a nave de boa coberta,
tal como o filho querido do herói Odisseu o ordenara.
Sobe, depois, para a nave Telêmaco; Atena o guiava,

indo sentar-se na popa. A seu lado assentou-se Telêmaco.
Os companheiros, no entanto, depois de safar as amarras,
sobem, também, para bordo e se sentam nos bancos dos remos.
A de olhos glaucos, Atena, bom vento lhes deu para a viagem,
o forte Zéfiro, que ressoava no mar cor de vinho.
Ora estimula Telêmaco os seus companheiros e manda que mãos pusessem
na enxárcia; obedecem-lhe todos às ordens.
Eis que primeiro levantam o mastro de abeto e na enora
do travessão o colocam; depois, com estais o reforçam;
içam a cândida vela com driças de couro trançado.
Logo se enfuna no meio com o vento, e na frente do beque
da nau, que avança, ressoam ruidosas as ondas inquietas.
Corre veloz sobre as ondas, fazendo o caminho do estilo.
Tendo a manobra concluído na escura e mui célere nave,
logo levantam crateras repletas de vinho até a borda,
e libações oferecem a todos os deuses eternos,
principalmente à donzela nascida de Zeus, olhos glaucos.
Té que raiasse a manhã corre a nau, perfazendo o caminho.

CANTO III

EM PILO

“Telêmaco chega a Pilo junto com Atena na forma de Mentor e encontra os Pílios terminando um sacrifício de touros para Posido. Perguntando sobre seu pai, Nestor expõe alguns dos relatos de Troia.

Depois disso, Atena vai embora em forma de pássaro. Nestor oferece um sacrifício a ela e envia Telêmaco para Lacônia junto com seu filho Pisístrato.” (Scholie P S V)

E, quando o Sol se elevou, tendo o lago mui belo deixado,
em rumo à abóbada brônzea, para iluminar os eternos
deuses e os homens mortais, por sobre essa terra fecunda,
ei-los em Pilo, cidade do velho Neleu, de muralha
bem-construída. Na praia, uma oferenda de touros faziam,
negros, sem mácula, ao deus de cabelos escuros, Posido.
Nove fileiras de bancos havia, com homens quinhentos
em cada fila e na frente dos grupos, também, nove touros.
Chegam no ponto em que os Pílios aos deuses as coxas queimavam
pós das entranhas comerem; as cândidas velas da nave
baixam, cuidosos, e as dobram, saltando, depois, para terra.
Desce da nave Telêmaco; serve-lhe Atena de guia.

A de olhos glaucos, Atena, em primeiro lugar é quem fala:
“Deves, agora, Telêmaco, pôr a vergonha de lado,
pois empreendeste a viagem com o fim de saber, tão somente,
qual o destino que teve teu pai e em que terra se esconde.
Sem vacilar te dirige a Nestor, domador de cavalos,
porque saibamos que sábio conselho em seu peito se oculta.
Tu próprio deves pedir-lhe que fale conforme a verdade.
Como sensato varão, não dirá falsidade nenhuma.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“De que maneira, Mentor, me apresento, e como hei de falar-lhe?
Não sou versado em dizer bem-tecidos discursos, e tanto
mais que um mancebo se acanha ao falar com pessoa mais velha.”
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse, em resposta, o seguinte:
“Hás de encontrar em ti próprio, Telêmaco, alguns pensamentos;
outros serão por qualquer divindade inspirados, pois creio
que vieste ao mundo e cresceste não contra a vontade dos deuses.”
Palas Atena, depois que assim disse, se pôs a guiá-lo
rapidamente. As pegadas da deusa seguia Telêmaco.
Ei-los chegados ao ponto em que os Pílios estavam sentados,
onde encontraram Nestor com seus filhos. Em torno, os mais sócios
tratam da festa; uns as carnes espetam, do assado outros cuidam.
Logo que viram pessoas de fora, vieram reunidos;
trocam apertos de mão e os convidam, sem mais, a assentar-se.
Aproximou-se-lhes, presto, Pisístrato, o claro Nestórida,
que, pelas mãos os tomando, os invita, cortês, a assentar-se
em velos brandos, que estavam na areia da praia estendidos,
junto do irmão Trasimedes e ao lado também do pai dele.
Parte das vísceras dá-lhes; depois, tendo enchido de vinho
áurea cratera, dirige-se à filha de Zeus poderoso,
Palas Atena, e lhe diz as seguintes palavras aladas:
“Ora, estrangeiro, também, a Posido, monarca dos mares,

cujo banquete aqui vieste encontrar, no decurso da viagem.
Logo que tenhas orado e libado, de acordo com o uso,
passa, também, para o outro a cratera de vinho melífluo,
para que libe, pois penso que sabe cultuar os divinos.
Todos os homens precisam da ajuda dos deuses eternos.
Mas ainda é moço; regula, talvez, em idade, comigo;
Eis o motivo por que a áurea cratera te oferto primeiro."
Isso dizendo, lhe passa a cratera da doce bebida.
Palas se alegra por ver a prudência do justo guerreiro,
que a áurea cratera em primeiro lugar ofertado lhe havia,
e ao soberano Posido dirige seus votos ferventes:
"Ouve-me, ó deus, que circundas a terra, não queiras negar-nos
que se realizem os votos e súplicas, que ora fazemos.
Glória, em primeiro lugar, em Nestor e seus filhos derrama;
aos moradores de Pilo concede também recompensa
grata por esta hecatombe solene; e, por último, dá-nos,
enquanto a mim e a Telêmaco, irmos de volta na negra
nave, depois que tivermos concluído o objetivo da viagem."
Dessa maneira suplica, e ela própria realiza seus votos,
Passa a Telêmaco uma bela cratera com alça dupla,
para que o filho do claro Odisseu de igual modo libasse.
Logo que a carne por fora tostou, dos espetos a tiram,
cortam-na em postas e se banqueteiam esplendidamente.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
toma a palavra o Gerênio Nestor, condutor de cavalos:
"Ora que os hóspedes já se alegraram no nosso banquete,
é permitido fazer-lhes perguntas porque se nomeiem.
Ó estrangeiro, quem sois? Donde vindes nas úmidas vias?
É por algum interesse, ou à toa cruzais o mar vasto,
como piratas, que vagam sem rumo, arriscando suas vidas
enquanto vão conduzindo a desgraça a pessoas estranhas?"

O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta,
sem se tolher, pois Atena coragem lhe havia infundido,
para que acerca de seu pai ausente pergunta fizesse,
como também conquistasse entre os homens um nome preclaro:
"Filho do grande Neleu, ó Nestor, dos Aquivos orgulho!
já que perguntas a terra de origem, vou logo dizer-to.
De Ítaca viemos, que está edificada na base do Neio,
não por negócio do povo, mas, como o direi, no meu próprio.
Pus-me no rasto da fama sem par de meu pai, para novas
obter do divo e paciente Odisseu, que contigo, assim dizem,
tendo lutado com os homens de Troia, saqueou-lhes o burgo.
Temos notícias de como tombaram na Morte lutuosa
quantos em Troia lutaram, na guerra com seus defensores,
menos aquele, a que o filho de Crono deu fim ignorado,
pois ninguém sabe dizer, com que certeza, onde a vida perdesse,
quer fosse em terra, contra homens em luta, que imigos seriam,
quer sobre o mar agitado, nas ondas da deusa Anfitrite.
Venho, por isso, implorar aos teus joelhos, porque me refiras
sobre seu fim lastimável, quer tenhas a tudo assistido
com os próprios olhos, quer tenhas por outro vagante sabido
notícias dele, que a mãe concebeu como ser desditoso.
Nada atenues por pena, talvez, ou até mesmo respeito,
mas tudo conta sem falha, tal como tu próprio o observaste.
Eu te suplico, se acaso meu pai, Odisseu, de alta fama,
ou por palavras, ou obras, se desempenhou de promessa
feita na terra troiana, onde muito os Aqueus padecestes.
Ora te lembra de tudo, e me conta conforme a verdade."
Disse-lhe, então, o Gerênio Nestor, condutor de cavalos:
"Filho, uma vez que me lembras o que de trabalhos passamos
quando entre os povos Troianos os fortes guerreiros Aquivos,
quer percorrendo em navios o mar nebuloso, à procura

do que pilharmos, para onde quisesse levar-nos Aquiles,
quer combatendo em redor da cidade soberba de Príamo.
Sim, lá tombaram sem vida os heróis mais notáveis e fortes;
lá, sepultado, se encontra o mavórtico Ajaz; lá, o Pelida;
lá, também, Pátroclo, bom conselheiro, qual deus sempiterno,
como meu filho querido, que à força aliava a beleza,
o meu Antíloco, mestre na pugna e veloz na carreira.
Outros trabalhos, ainda, aturamos; e quem poderia
enumerar todos eles, dos homens mortais que hoje vivem?
Nem que cinco anos aqui demorasses, ou seis, porventura,
a perguntar que de dores sofreram os divos Acaios,
antes, cansado, à tua pátria, de novo, tornar escolheras.
Muitos trabalhos lhes demos durante noves anos, a braços
com numerosas insídias, alfim pelo Crônida esfeitas.
Mas, quanto à astúcia ninguém suportava confronto com ele,
que, na inventiva de ardis, sobre-estava a qualquer companheiro,
teu genitor, o divino Odisseu. Se, de fato, tu fores
dele oriundo; ao mirar-te, me sinto tomado de espanto.
Muito pareces com ele, na fala; ninguém suporia
que, por tal modo condigno, um rapaz conseguisse expressar-se.
Por todo o tempo em que lá demoramos, jamais dissentimos,
eu e o divino Odisseu, nos conselhos, assim como na ágora;
sempre, porém, com um só pensamento e conselhos prudentes,
dávamos nossa opinião aos Aqueus, só visando à vitória.
Mas, quando a excelsa cidade de Príamo, enfim, destruímos,
às naus subimos velozes; um deus dispersou os Aquivos.
Zeus planejou no mais íntimo triste regresso aos Acaios,
visto nem todos se terem mostrado sensatos e justos.
Disto proveio tocar à mor parte um destino funesto,
pela zizânia terrível que a filha do pai poderoso,
a de olhos glaucos, Atena, lançou entre fortes Atridas.

Estes resolvem reunir a assembleia-geral dos Acaios,
inoportunos e contra os costumes, depois do Sol posto.
E, quando os nobres Aquivos, pesados de vinho, chegaram,
tomam, então, a palavra, e o motivo do apelo apresentam.
Primeiramente, exortou Menelau os guerreiros Aquivos
a se lembrarem da volta e sulcarem das águas o dorso.
Mas Agamémnone o alvitre rejeita; deter pretendia
todos os homens, a fim de ofertar hecatombes sagradas,
para que a cólera grande de Atena pudesse aplacar-se.
Tolo! De fato, ignorava que lhe era impossível dobrá-la,
pois não se muda assim, prestes, a mente dos deuses eternos.
Dessa maneira ficaram, trocando palavras azedas.
Alçam-se, logo, os Aquivos ornados de grevas bem-feitas,
com indizível clamor, divididos, também, em dois grupos.
Por toda a noite ficamos volvendo propósitos graves,
desencontrados, pois Zeus preparava maiores desgraças.
Pela manhã arrastamos a nau para as ondas sagradas,
dentro metendo as riquezas e escravas de baixa cintura.
Mas a metade do povo resolve ficar ali mesmo
com Agamémnone, pastor do povo, de Atreu descendente.
“Nossa metade, embarcando-se, afasta-se logo; velozes
vogam, por ter um dos deuses o mar cor de vinho aplanado.
Mal aportamos em Tênedo, sacrificamos aos deuses
por nossa volta; mas Zeus inda não resolvera o retorno.
Que crueldade! De novo entre nós a discórdia suscita.
Uns, tendo à frente Odisseu, de prudentes e sábios conselhos,
fazem mudar a derrota da nave de pontas recurvas,
para fazerem, de novo, a vontade do Atrida Agamémnone.
Eu, por meu lado, e os navios velozes, que formam meu séquito,
logo, fugimos, por vermos que um deus meditava arruinar-nos;
foge o guerreiro Tidida, também, concitando a companhia.

O louro herói Menelau vem mais tarde reunir-se conosco,
na ilha de Lesbo, ao tratarmos da rota que urgia fazermos:
se pela ilha de Psira, por cima de Quio escabrosa,
tendo aquela outra à sinistra, se rumo seguindo diverso,
indo por baixo de Quio, a costear o Mimante ventoso.
Todos, então, suplicamos ao deus nos mandasse um presságio.
Deu-nos sinal, ordenando cortarmos o mar para Eubeia,
para que cedo pudéssemos todos fugir dos perigos.
Logo começa a soprar a viração; os navios apartam
rapidamente o caminho piscoso, até que, pela noite,
vão fundear em Geresto. De bois muitas coxas queimamos
ao deus Posido, por termos o pélago imenso medido.
Nas naus simétricas a Argos chegamos após quatro dias,
onde ficaram os sócios do forte Tidida, Diomedes,
o picador. Para Pilo voguei, sem deixar de ter nunca
vento propício, que um deus nos fazia soprar de contínuo.
“Dessa maneira, meu filho, voltei, sem ter outras notícias
quanto ao destino ulterior dos Acaios, quais mortos, quais vivos.
Mas quanto soube, depois que aqui vivo em o nosso palácio,
vou relatar-te, como é de justiça, sem falha nenhuma.
Dizem que os fortes Mirmídones sem contratempos chegaram,
sob o comando do filho preclaro do excelso Pelida,
como, também, Filocretes, filho notável de Peante.
Idomeneu para Creta, também, trouxe os sócios, sem perdas,
quantos da guerra escaparam; nenhum pelo mar foi tragado.
O que respeita ao Atrida, soubeste-lo, embora distantes,
de sua volta e do fim desditoso, que Egisto lhe urdiu.
Este, porém, já pagou ignominiosamente seu feito.
Nada melhor para o herói, quando morre, do que deixar filho
homem, também, pois aquele se vinga de Egisto assassino,
que, com traiçoeira artimanha, matara seu pai muito ilustre.

Tu, também, caro! Crescido te vejo e com bela aparência.
Sê corajoso, porque também possam vindouros louvar-te.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Filho do grande Neleu, ó Nestor, dos Aquivos orgulho,
sobejamente vingou-se, de fato, e os Acaios imensa
glória hão de dar-lhe, que há de chegar sem deslustre aos vindouros.
Oh, quem me dera que os deuses tal força, também, me outorgassem,
para que, enfim, conseguisse vingar a molesta protérvia
dos pretendentes soberbos que iníquas ações me maquinam.
Tanta ventura, porém, os eternos do Olimpo não deram
nem a meu pai nem a mim; ora cumpre sofrer com paciência.”
Disse-lhe, então, o Gerênio Nestor, condutor de cavalos:
“Filho, uma vez que mo lembras, por teres falado em tal coisa,
dos pretendentes contaram-me, de tua mãe, numerosos,
que, a teu mau grado, em tua casa praticam ações revoltantes.
Dize-me se te submetestes voluntariamente, ou se o povo
se mostra às claras infenso, atendendo de um deus às palavras?
Quem nos dirá que não volte e consiga infligir-lhes castigo,
quer venha só, quer seguido de todos os homens Aquivos?
Se a de olhos glaucos, Atena, quisesse também distinguir-te
como ao preclaro Odisseu distinguia entre todos, outrora,
nos vastos plainos de Troia, onde muito os Aqueus padecemos!
Nunca me foi tão patente a afeição das eternas deidades,
como ante a clara assistência que Palas, então, lhe dicava.
Caso quisesse dignar-se de amar-te e querer-te, em sua alma,
muitos, por certo, a lembrança das bodas perder haveriam.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Tal vaticínio, ó ancião, não presumo que venha a efetuar-se;
é por demais excessivo e me espanta; esperar não me atrevo
tal conjuntura, ainda mesmo que os deuses eternos o queiram.”
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse, em resposta, o seguinte:

“Mas que palavras, Telêmaco, deixas fugir dessa boca?
Mesmo de longe é mui fácil a um deus socorrer qualquer homem.
Sim, preferira sofrer em minha alma trabalhos sem conta,
mas para a pátria tornar e rever o meu dia de volta,
a me finar no meu próprio palácio, tal como Agamémnone,
que sucumbiu ante a fraude de sua mulher e de Egisto.
Mas para todos a Morte é uma só, nem conseguem os deuses,
indo ao mais caro dos homens, sequer defendê-lo, ao ser ele
pelo Destino exicial alcançado, da Moira funesta.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Não mais falemos, Mentor, disso agora, conquanto apreensivos.
Não é possível que volte; o que é certo é que os deuses eternos
o condenaram à Morte, entregando-o ao escuro Destino.
Ora desejo saber outra coisa e também informar-me,
junto a Nestor, que, em justiça e prudência, aos demais sobre-excede,
pois, dizem todos, que em três gerações já estendeu o seu mando.
Quando o contemplo, parece que vejo um dos deuses eternos.
Ora, Neleio Nestor, a verdade inconcussa me narra:
Como morreu Agamémnone, o Atrida de extensos domínios?
E Menelau, onde estava? Que dolos valeram a Egisto
para poder dar a Morte a um herói bem mais forte do que ele?
De Argos da Acaia se achava afastado, e talvez por estranhos
homens, errante, de forma que ousou desse modo matá-lo?”
Disse-lhe, então, o Gerênio Nestor, domador de cavalos:
“Toda a verdade, meu filho, do que se passou, vou contar-te.
Com muito tino aventaste como isso se deu realmente:
Se o louro herói Menelau, regressando das plagas troianas,
fosse chegado com tempo de Egisto alcançar ainda vivo,
não lhe teriam, por certo, coberto com terra o cadáver,
mas para as aves e os cães como pasto seria lançado,
longe dos muros jogado, sem que das Aquivas nenhum

pranto por ele vertesse; seu crime foi muito execrável.
Lá nos achávamos todos, às voltas com grandes trabalhos;
ele, folgado, bem no íntimo de Argos, nutriz de ginetes,
com muita lábia e insistência seduz a mulher de Agamémnone.
Ela, de fato, a princípio se nega à proposta impudente,
pois Clitemnestra divina era ornada de bons sentimentos.
Tinha a seu lado um cantor, a quem com muito empenho pedira
lhe defendesse a mulher, ao partir para Troia, Agamémnone.
Quando, porém, a vontade dos deuses a fez submeter-se,
ei-lo que faz conduzir o cantor para uma ilha deserta,
onde o deixou, como presa fatal e repasto das aves.
Para sua casa, depois, a levou, na vontade conformes.
Sobre os altares sagrados dos deuses queimou muitas coxas,
muitas of'rendas, também, suspendeu, de tecidos e de ouro,
por ter tal obra acabado, o que nunca em seu peito esperara.
"Já no retorno de Troia o caminho fazíamos juntos
eu mais o Atrida, que afeto recíproco nos afeiçoara.
Mas, quando ao Súnio chegamos, o cabo sagrado de Atenas,
Febo tirou do piloto do rei Menelau a existência;
apropinquando-se dele, com seus brandos raios armado,
quando na mão segurava inda o leme da nau corredora,
Frôntide, filho de Onétor, que a todos os homens vencia
no governar uma nau, té nas ondas e ventos revoltos.
Nesse lugar se deteve, apesar de ansiar pela volta,
para que o sócio ao sepulcro entregasse, com fúnebres honras.
Logo, porém, que partiu, a sulcar pelo mar cor de vinho
nas naus cavadas, que o monte escarpado Maleia atingira,
célere, eis que o tonante viagem terrível lhe apresta,
Zeus, derramando nas águas estrídulos ventos, e as ondas
intumescendo, quais monstros da altura de enormes montanhas.
Umas das naves, assim dispersadas, a Creta se lançam,

onde os Cidônios habitam, nas margens do Járdano ilustre.
Há, nessa altura, uma pedra talhada e mui lisa, nas ondas,
bem nos extremos de Górtina, a dentro do mar nebuloso.
Noto projeta na ponta da esquerda, do lado de Festo,
grande escarcéu; mas a força é quebrada na pedra pequena.
Para esse ponto vieram, a custo escapando da Morte,
todos os homens; as naus contra escolhos as ondas jogaram.
Cinco, porém, das restantes, de proa de cor anegrada,
pelas correntes e ventos se viram lançadas no Egito.
Por esse modo, reunia muito ouro e vitualhas sem conta,
a pervagar com suas naus por entre homens de estranha linguagem.
Nesse entrementes, Egisto na pátria o delito acabava:
Reina em Micenas, em ouro abundante, durante sete anos,
pós dar a Morte a Agamémnone e o povo forçar à obediência.
Mas no seguinte, por sua desgraça, retorna de Atenas
o ínclito Orestes, e a Egisto matou, o assassino do Atrida,
que, com traiçoeira artimanha, matara seu pai muito ilustre.
Tendo isso feito, aos Argivos apresta, em seguida, um banquete
pelas exéquias da mãe odiosa e de Egisto covarde.
No mesmo dia chegou Menelau, de voz forte na guerra,
tão opulento de bens quanto as naus comportavam de carga.
“Tu também, caro, não vagues mais tempo distante da pátria,
abandonando os haveres, além de em tua casa deixares
homens de tanta arrogância; não vá suceder que devorem
toda a fazenda, e a dividam, ficando-te a viagem frustrada.
Mas aconselho-te e exorto-te a ires à casa do Atrida,
que, há pouco tempo, voltou do comércio de terras estranhas,
donde jamais afagara esperança do dia da volta
quem, desse modo, se visse desviado por tais tempestades
num mar de tanta largura, que as aves, quiçá, não conseguem
atravessá-lo num ano, tão grande e terrível é ele.

Vai em tua nau procurá-lo, seguido de teus companheiros.
Se preferires a via terrestre, cavalos e carro
ao teu dispor aqui tens; poderão os meus filhos levar-te
ao louro Atrida, que mora na terra sagrada de Esparta.
Tu próprio deves pedir-lhe que fale conforme a verdade.
Como sensato varão, não dirá falsidade nenhuma."
Disse, no tempo em que o Sol se deitou, sucedendo-se as trevas.
A de olhos glaucos, Atena, lhe diz, em resposta, o seguinte:
"Tudo, ó ancião, que contaste, foi dito com senso e justiça.
Mas concluamos; as línguas cortai, misturai logo o vinho,
para cuidar de dormir, em seguida, depois de libarmos
ao deus Posido e às demais divindades; chegado é o momento.
A luz do Sol já baixou para o ocaso; ficar não devemos
por muito tempo na festa dos deuses, mas irmo-nos logo."
Esse o discurso da filha de Zeus; os demais lhe obedecem.
Fazem vir água e por cima das mãos os arautos a deitam;
té pelas bordas os moços os jarros encheram de vinho,
distribuindo por todos os copos as sacras primícias.
Tendo nas chamas as línguas lançado, de pé libam logo.
Isso, porém, terminado, e depois que à vontade beberam,
ambos, Atena e Telêmaco, em tudo a um dos deuses semelho,
manifestaram vontade de para o navio ir de volta.
Repreendeu-os Nestor, com palavras de amiga censura:
"Zeus nos defenda e, também, as demais divindades eternas,
de abandonardes-me a casa, com o fim de ao navio vos irdes,
como se eu fosse indivíduo privado de bens e de roupa,
sem ter em casa nem mantos, nem cópia de bons cobertores
em que pudesse dormir suavemente e, comigo, meus hóspedes.
Há no palácio, sem dúvida, mantos e belas cobertas.
O de Odisseu caro filho de jeito nenhum sobre as tábuas
pernoitará do navio, enquanto eu estiver ainda vivo,

ou no palácio meus filhos ficarem, depois, como donos,
e receberem quem vier visitá-los em nosso palácio.”
A de olhos glaucos, Atena, lhe diz, em resposta, o seguinte:
“Caro ancião, com prudência falaste; por certo Telêmaco
há de aceitar-te o conselho, por ser esse o alvitre mais justo.
Há de seguir-te, sem dúvida, ao belo palácio em que moras,
para dormir. Eu, porém, para a nau voltarei, de cor negra,
para que os sócios anime e lhes fale e proveja de tudo,
pois tenho orgulho de ser o mais velho no nosso navio.
Por amizade, os demais o acompanharam na viagem; são jovens;
com o generoso Telêmaco todos regulam na idade.
Junto da côncava nau de cor negra a dormir me proponho.
Mas amanhã partirei para a terra dos grandes Caucônios,
para cobrar uma dívida não de valor despiciendo,
nem muito nova. Mas este, uma vez que chegou à tua casa,
manda-o de carro, e que um filho o acompanhe; cavalos lhe cede,
dos mais velozes que tenhas no curso, e de força provados.”
Palas Atena, depois que assim disse, partiu-se depressa,
sob a figura de uma águia. Espantaram-se todos que a viram.
Fica admirado o ancião por ter visto com os olhos aquilo;
toma da mão de Telêmaco e diz-lhe as seguintes palavras:
“Caro, não creio que venhas a ser nem covarde, nem fraco,
pois, desse modo, com tão poucos anos, os deuses te seguem.
Vimos, por certo, um dos deuses que moram no Olimpo altanado,
a Tritogênia gloriosa, nascida de Zeus poderoso,
que distinguia a teu pai muito ilustre no exército Argivo.
Sê-nos propícia, rainha, concede-nos ínclita glória,
não só a mim, mas aos filhos, também, como à esposa pudica.
Hei de imolar-te vitela de um ano, de fronte espaçosa,
nunca domada por homem nenhum, nem vergada no jugo.
Em sacrifício ta ofereto, depois de dourar-lhe os dois chifres.”

Isso disse ele na súplica. A deusa o atendeu prontamente.
Guia os demais o Gerênio Nestor, condutor de cavalos,
filhos e genros, que, então, o acompanham ao belo palácio.
Logo que todos chegaram à casa do rei, opulenta,
sentam-se em ordem, assim nas cadeiras, bem como nos tronos.
Manda o Gerênio Nestor misturar na cratera para o hóspede
vinho de doce padar, que há onze anos estava guardado.
A despenseira abriu logo a vasilha, tirando-lhe a faixa.
Feita no copo a mistura e libado, o ancião venerável
ardentemente suplica à nascida de Zeus poderoso.
Isso, porém, terminado, e depois que à vontade beberam,
foram cuidar de dormir, cada um em sua própria morada,
Quanto a Telêmaco, o filho querido do ilustre Itacense,
torna-o a cargo o Gerênio Nestor, domador de cavalos.
Arma-lhe um leito lavrado, debaixo da sala sonora,
tendo ao seu lado Pisístrato, chefe pugnaz de guerreiros,
pois no palácio, dos filhos era este o que moço restava.
Ele, porém, se deitou no interior de sua alta morada,
onde a consorte partilha do leito e colchões, que ajeitara.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
prestes se ergueu o Gerênio Nestor, condutor de cavalos.
Tendo saído do quarto, se assenta nas pedras polidas
que se encontravam em frente da porta imponente, tão brancas
como brilhantes, porque de óleo untadas. Neleu ali mesmo
dantes sentar-se soía, qual deus imortal nos conselhos.
Mas, pela Parca apanhado, já havia descido para o Hades.
Ora, com o cetro na mão, se assentava Nestor, dos Aquivos
guarda seguro; rodeando-o, vieram juntar-se-lhe os filhos,
que, nesse tempo, do quarto saíam: Equéfrone, Areto,
e Trasimedes, a um deus semelhante, Perseu e Estratio.
Sexto e por último, veio ajuntar-se-lhes o alto Pisístrato.

Estes o divo Telêmaco trazem, que ao lado se assenta.
Diz-lhes, então, o Gerênio Nestor, condutor de cavalos:
"Sem mais delongas, meus filhos queridos, cumpri-me o desejo,
para que obsecre, primeiro que aos outros, o auxílio de Atena,
que no banquete opulento do deus claramente foi vista.
Vá um de vós escolher a vitela no campo; e que venha
logo; convém que o pastor maioral seja o próprio a trazê-la.
Outro dirija-se à nau de cor negra do grande Telêmaco,
para que seus companheiros nos traga, deixando dois deles.
Ordens transmita um terceiro ao ourives Laércio, chamando-o,
a fim de que nos prepare a vitela, dourando-lhe os chifres.
Quanto a vós outros, ficai reunidos; dizei às criadas
que, sem demora, preparem na casa opulenta o banquete
e tragam, logo, cadeiras e lenha, bem como água limpa."
Disse; apressados, então, lhe obedecem. Do campo a vitela
veio trazida; da nave ligeira e simétrica os sócios
chegam do grande Telêmaco; o ourives, também, logo veio,
tendo nas mãos utensílios de bronze, instrumentos do ofício
que exercitava: martelo, bigorna, e tenazes bem-feitas.
Com essas coisas trabalha. Baixou, também, Palas Atena,
para ao convite assistir. O Gerênio mandou que trouxessem
o ouro preciso, que o artífice, tendo-o mui bem-laminado,
põe da vitela nas aspas, a fim de que a deusa se alegre.
Trazem-na Equéfrone e o divo Estratio segura dos chifres.
Água lustral traz Areto, a seguir, em florida bacia,
vindo do quarto, e na esquerda açafate com as molas do estilo.
Para que o golpe pudesse ferir, Trasimedes guerreiro
põe-se de lado, apertando na mão um machado afiado;
vaso sustenta Perseu para o sangue; Nestor, o ginete,
dá, logo, início pela água lustral e o espalhar da farinha,
tendo lançado no fogo os cabelos e a Atena implorado.

Dessa maneira, concluída a oração e a farinha espalhada,
eis que a feriu, do lugar em que estava, o belaz Trasimedes, filho
do velho Nestor; e lhe corta os tendões e o pescoço
com a secure, que as forças lhe tira. O clamor de piedade
logo elevaram as filhas e noras e a esposa pudica
de Nestor, filha mais velha de Clímeno, Eurídice ilustre.
Eles, depois, a sustentam acima do solo espaçoso,
onde Pisístrato logo a degola, o senhor de guerreiros.
Quando saiu todo o sangue mui negro e, dos ossos, a vida,
sem dilação a esquartejam e tiram-lhe os ossos das coxas,
tudo de acordo com os ritos, em dupla camada os envolvem
da própria graxa, jogando por cima pedaços de carne.
Assa-os na lenha o ancião, tendo vinho por cima aspergido;
com garfos de cinco dentes, ao lado, os rapazes o ajudam.
Quando queimadas as coxas e as vísceras todas comidas,
logo o restante retalham e espetos enfiam nas postas
para as assar, segurando nas mãos os espetos agudos.
Mas Policasta formosa, entrementes, banhava a Telêmaco,
filha caçula do velho Nestor, de Neleu descendente.
Tendo-o lavado e, em seguida, esfregado com óleo de oliva,
deita-lhe em torno uma túnica e esplêndido manto por cima.
Ei-lo que sai da banheira, tal como um dos deuses eternos,
indo sentar-se de par com Nestor, o pastor desses povos.
Logo que a carne por fora tostou, dos espetos a tiram;
sentam-se para o banquete; varões diligentes à volta
deles não deixam de o vinho deitar nas douradas crateras.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
toma a palavra o Gerênio Nestor, condutor de cavalos:
“Meus caros filhos, trazei-me os cavalos de crina formosa
para atrelá-los no carro e seguir seu caminho Telêmaco.”
Isso disse ele; atenção lhe prestaram; cumprindo-lhe as ordens.

Rapidamente, atrelaram no carro os cavalos velozes.
Traz pão e vinho, e os coloca no carro mulher despenseira,
e outros manjares, que comem os reis de divina progênie.
Sobe Telêmaco, então, para o carro magnífico, ao lado
vindo o valente Pisístrato, filho do forte Nelida,
que, tendo ao carro subido, tomou logo as rédeas potentes.
Com chicotada os cavalos esperta, que partem velozes
pela planície, deixando a altanada cidade de Pilo.
O dia inteiro galopam e o jugo, incessantes, sacodem.
E, quando o Sol se deitou e as estradas a sombra cobria,
ei-los chegados a Feras, em frente ao palácio de Diocles,
filho de Ortíloco, que por Alfeu tinha sido gerado.
Lá pernoitaram, tendo ele of’recido hospedal tratamento.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
tendo atrelado os cavalos, ao carro enfeitado subiram
e para fora os guiaram da porta da sala sonora.
Com chicotada os cavalos esperta, que partem velozes
pela planície, trigo abundante, onde logo a viagem
levam a termo; tal era o vigor dos velozes cavalos.
E, quando o Sol se deitou e as estradas a sombra cobria.

CANTO IV

NA LACÔNIA E A EMBOSCADA DOS PRETENDENTES

“Telêmaco com Pisístrato, sendo recebido por Menelau, relata sobre os feitos dos pretendentes em Ítaca. Então, Menelau lhe conta sobre o retorno dos Helenos e da profecia de Proteu, pelo que soube da Morte de Agamémnone e da presença de Odisseu junto de Calipso.

Se forma um conselho dos pretendentes acerca do rapto de Telêmaco. Atena encoraja Penélope, descontente com a partida do filho, através de um sonho aparecendo semelhante à Iftima, irmã de Penélope.” (Scholie EM P Q V)

Ei-los chegados ao vale escavado de Lacedemônia,
té que a morada alançaram do rei Menelau glorioso,
indo encontrá-lo em palácio, no meio de seus agregados,
que celebravam as núpcias do filho e da filha impecável.
Era esta ao filho, enviada, de Aquiles, o rompe fileiras,
pois desde Troia lhe havia asselado a solene promessa
de como esposa lha dar. Ora os deuses as núpcias realizam.
Manda-a, por esse motivo, com carro e cavalos, agora,
para a cidade famosa, em que reina, de heroicos Mirmídones.
Mas para o filho, de Esparta fez vir a nascida de Aléctor,

o varonil Megapentes, que teve em idade madura
de uma das servas; que os deuses a Helena negaram mais filhos
desde que Hermíone, bela e amorável, lhe fora nascida,
que à áurea Afrodite era igual na esbelteza e nos traços perfeitos.
Banqueteavam-se, pois, no palácio de teto elevado
os agregados do rei Menelau glorioso e os vizinhos,
alegremente. Cantava entre todos o aedo divino,
ao som da cítara, ao tempo, também, em que dois saltadores,
cabriolavam, seguindo o compasso, no meio de todos.
Nesse entrementes, o nobre Telêmaco e o ilustre Nestórida
os corredores velozes defronte da porta refreiam.
Param; no meio da azáfama o nobre Eteoneu os viu logo,
o diligente criado do rei Menelau glorioso.
Volta, sem mais, para dar a notícia ao pastor de guerreiros.
Ao lado dele chegando, lhe disse as palavras aladas:
"Hóspedes novos, aluno de Zeus, Menelau, nos chegaram,
dois forasteiros; parecem ser filhos de Zeus poderoso.
Dize se devo tirar os cavalos velozes do carro,
ou enviá-los a alguém, que lhes faça amistosa acolhida."
Muito indignado lhe diz Menelau, o de louros cabelos:
"Ó Eteoneu, de Boétoo nascido, primeiro não eras
louco assim; ora, como criança, realmente, só dizes tolices.
Vezes sem conta nós dois nos sentamos à mesa de estranhos,
antes de virmos de volta, esperando que Zeus nos livrasse
de sofrimentos futuros. Então? Desatrela os cavalos
e os forasteiros convida a assentarem-se em nosso banquete."
Disse; Eteoneu, logo, a sala atravessa, a chamar pelo nome
dos diligentes escravos, porque fossem logo com ele.
Estes tiraram do jugo os corcéis, que suor estilavam,
e à manjedoura, depois, de cavalos, os levam e amarram,
onde deitaram mistura de espelta e de branca cevada.

Contra a parede de tons reluzentes encostam o carro
e os visitantes conduzem à régia divina do aluno
de Zeus potente, os quais ficam absortos perante o que viam,
pois um fulgor se espalhava semelho ao do Sol ou da Lua,
pela morada elevada do rei Menelau glorioso.
Mas, depois que na visão do espetáculo os olhos saciaram,
para banheiras polidas subiram, porque se banhassem,
onde zelosas escravas os lavam e esfregam com óleo,
mantos lanosos e túnicas sobre as espáduas lhes pondo.
Sentam-se ao lado do rei Menelau, em cadeiras lavradas.
Água lustral lhes ministra a criada, num jarro gracioso,
de ouro, deixando-a cair sobre as mãos em bacia de prata,
pondo diante dos dois, a seguir, uma mesa polida.
A despenseira zelosa aparece, que pão lhes reparte,
como, também, provisões abundantes, que dá prazenteira.
Vem, a seguir, o trinchante, trazendo nas mãos a travessa
com muita carne, e de todos ao lado áureos copos coloca.
Diz-lhes, saudando-os o rei Menelau, o de louros cabelos:
“Ora provai da comida e alegrai-vos. Depois que tiverdes
a refeição concluído, será minha a vez de inquirir-vos
quem sois vós outros, porque não se perde dos pais a ascendência.
De Zeus alunos, por certo, sois ambos, de reis descendentes,
que cetro empunham, pois vis não teriam tais filhos gerado.”
Disse; e um assado do lombo bem gordo, do boi, lhes presenta,
tendo levado nas mãos o pedaço melhor, que era dele.
Eles as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Tendo, assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
vira-se o moço Telêmaco e diz ao Nestórida ilustre,
quase a falar-lhe no ouvido, porque ninguém mais o sentisse:
“Caro Nestórida, amado do meu coração, olha um pouco
como as paredes da sala sonora rebrilham de bronze,

de ouro e de electro, também, de marfim e de prata luzente.
Lembra-me a vista do pátio, por dentro, de Zeus Olímpico.
Quanta riqueza indizível! O espanto de mim se apodera.”
O louro herói Menelau percebeu-lhe o sentido das vozes;
vira-se, então, para os dois, e lhes diz as palavras aladas:
“Meus caros filhos, com Zeus emular nenhum homem consegue,
que imperecíveis são suas riquezas e o belo palácio.
Quanto aos mortais, pode algum em riqueza medir-se comigo,
ou que o não faça; custou-me sofrer muita dor, errabundo,
quanto nas naus para aqui transportei, decorridos oito anos,
tendo vagado por Chipre e Fenícia, assim como no Egito.
Té aos Sidônios cheguei e aos Erembos, bem como aos Etíopes
e à própria Líbia, onde aos anhos os chifres mui cedo lhes nascem,
e por três vezes no curso de um ano as ovelhas dão cria.
Nesse lugar nenhum chefe, ou pastor, de penúria padece,
não só de queijo, de carne também e do leite agradável,
pois estão sempre as ovelhas no ponto de serem mungidas.
Mas enquanto eu por aquelas paragens reunia riquezas,
certo indivíduo, às escuras, privou-me do mano dileto,
por modo súbito, graças ao dolo da esposa funesta.
Esse o motivo de não alegrar-me com tanta opulência.
De vossos pais, porventura, o soubestes, quem quer que eles sejam,
pois não somente arrostei mil trabalhos; também vi perder-se
minha morada bem-feita e opulenta de todo o conforto.
Oh! Quem me dera viver com um terço dos bens no palácio,
contanto que vivos fossem os homens que outrora caíram
de Argos distantes, nutriz de corcéis, na planície de Troia.
Pois, em verdade, por todos expendo lamentos amargos,
muito amiúde sentado nas salas do nosso palácio,
ora alivio com lágrimas o coração, ora cesso
de derramá-las, que logo me farto do gélido choro.

Mas por nenhum me consumo, se bem que por todos me aflija,
como por um, que me faz odiar o repouso e a comida,
sempre que dele me lembro. Nenhum dos Aqueus sofreu tanto
como Odisseu suportou e sofreu; o futuro para ele
muitos trabalhos guardara, o que a mim aflições ocasiona
incomportáveis por tão longa ausência e porque ninguém sabe
se ainda se encontra com vida, ou se é morto; sua perda, por certo,
chora Laertes o velho, assim como a prudente Penélope,
como Telêmaco, que no palácio ainda infante deixara.”
Vivas saudades do pai despertaram-lhe aquelas palavras;
lágrimas correm-lhe a par para o chão, quando o ouviu nomeado.
Puxa com ambas as mãos para os olhos o manto purpúreo.
O louro filho de Atreu logo viu o que estava passando,
tendo ficado indeciso no peito ardoroso e no espírito,
se ainda convinha deixar que do pai ele próprio falasse,
ou se pergunta fizesse, primeiro, e de tudo inquirisse.
No coração e no espírito dessa maneira reflete.
Nesse momento, do tálamo odoro e elevado, tal como
Ártemis de fuso de ouro, vem vindo a amorável Helena.
Logo lhe Adrasta oferece poltrona de fino trabalho,
tendo-lhe Alcipe trazido tapete de velo macio;
Filo açafate de prata lhe traz, por Alcandra ofertado,
quando no Egito, a de Pólibo esposa, que em Tebas habita,
onde com muitas riquezas as casas se encontram pejadas.
A Menelau dera Pólibo um par de banheiras de prata,
trípodes duas e mais dez talentos, também, de ouro puro.
Por sua parte, a mulher fez presentes a Helena, mui belos:
de ouro uma roca, e um cestinho provido de rodas por baixo,
todo de prata; mas de ouro batido eram feitas as bordas.
Filo, a servente zelosa, o cestinho lhe traz, colocando-o,
logo, ao seu lado, repleto de fio torcido; por cima

põe uma roca, de lã carregada de cor de violeta.
Senta-se Helena em poltrona provida de um belo escabelo,
vira-se para o marido e de tudo procura informar-se:
"Ó Menelau, de Zeus grande discíp'lo, sabemos, acaso,
quem se gloriam de ser esses homens, que a casa nos chegam?
Minto, ou verdade enuncio? A falar me compele a vontade.
Não, não presumo ter visto jamais semelhança tão grande
entre quaisquer dos mortais — sou tomada de espanto indizível —
tanto com o filho do grande Odisseu este aqui se parece,
digo Telêmaco, que no palácio ainda infante deixara,
ele, o valente, no tempo em que vós, os Aquivos, lutastes
sob as muralhas de Troia por causa de minha insolência."
Disse-lhe, então, Menelau, em resposta, o de louros cabelos:
"Penso, ó mulher, de igual modo a respeito do que conjeturas.
Tinha esse mesmo feitio das mãos e dos pés, em verdade,
jeito de olhar, a cabeça e, por cima de tudo, os cabelos.
Quando falava a respeito do grande Odisseu, não faz muito,
a relembrar aflições e trabalhos, que tanto sofrera
por minha causa, dos cílios corria-lhe pranto copioso,
tendo, por isso, escondido no manto purpúreo a cabeça."
Disse-lhe o filho do velho Nestor, em resposta. Pisístrato:
"Ó Menelau, de Atreu filho e discíp'lo de Zeus, chefe de homens!
Este, realmente, é nascido daquele, conforme o disseste;
mas é dotado de grande prudência; pois sente vergonha
de, na primeira visita, aturdir-te com fúteis discursos,
pois tua voz nos ressoa qual fosse de um deus emanada.
Por isso tudo, o Gerênio Nestor, condutor de cavalos,
quis que eu, também, o seguisse; ansiava bastante por ver-te,
para pedir-te lhe desses auxílio, ou sequer uns conselhos.
Sempre que ausente o pai se acha, padece trabalhos o filho
na própria casa, por falta de algum defensor, que o proteja,

tal como agora Telêmaco; ausente se encontra o pai dele,
sem que no povo haja alguém que nos males de amparo lhe sirva.”
Disse-lhe, então, Menelau, em resposta, o de louros cabelos:
“Como! É, então, certo que a casa me veio de súbito o filho
do homem dileto que tantos trabalhos por mim tem sofrido?
Sempre a mim mesmo propus de maneira especial distingui-lo,
mais do que aos outros Argivos, se o Olímpico Zeus, de voz forte,
nos concedesse voltar pelas ondas nas céleres naves.
Destinar-lhe-ia uma bela cidade, das de Argos, com casa,
de Ítaca, sim, transferindo-o com o filho, os haveres e o povo,
pós haver feito evacuar uma só dentre as muitas cidades
da redondeza, entre quantas o mando supremo me acatam.
Perto dele estando, possível nos fora falar com frequência,
nada pudera cindir nosso afeto e o prazer do convívio,
té quando a nuvem escura da Morte a nós dois envolvesse.
Isso, talvez fosse causa da inveja da mesma deidade
que a ele somente, o infeliz, do regresso privou à sua pátria.”
Disse; invencível desejo de choro de todos se apossa.
Helena de Argos, nascida de Zeus, a chorar se pôs logo;
chora, também, Menelau, de Atreu filho, bem como Telêmaco;
nem foi possível manter olhos limpos o moço Nestórida,
pois evocou no seu ânimo o irrepreensível Antíloco,
a quem o filho admirável da Aurora brilhante matara.
Dele lembrando-se, diz as seguintes palavras aladas:
“Filho de Atreu, costumava Nestor, o ancião, elogiar-te
quando falava de ti, como de homem sensato entre todos,
em nossa casa, ao trocarmos ideias nos nossos colóquios.
Caso te seja possível, atende-me agora: não gosto
de ver tristezas à mesa; outra aurora, amanhã, matutina,
nos será dada; não julgo possível jamais de censura
quem se compraz em chorar por aqueles que as Moiras alcançam.

Somente uma honra podemos prestar aos mortais infelizes:
e essa é os cabelos cortarmos e o pranto deixarmos que corra.
No que me toca, morreu-me um irmão, que não era o mais fraco
entre os Argivos; por certo que o sabes, porque conhecê-lo
não me foi dado, nem vê-lo; mas dizem que os mais superava
não só no rápido curso, também nos combates de perto.”
Disse-lhe, então, Menelau, em resposta, o de louros cabelos:
“Tuas palavras, ó caro, parecem-me de homem sensato,
cujas ações ou discursos proviessem de idade provecta.
Falas com tanta prudência, qual filho do pai que tiveste.
A descendência de um homem é fácil de ser conhecida,
quando o haja Zeus distinguido, ao nascer e na escolha da esposa
como a ventura que teve Nestor no correr da existência,
envelhecendo no paço, com fresco e saudável aspecto,
de filhos sábios cercado, e experientes no jogo da lança.
Ora ponhamos o pranto de lado, a que tanto nos demos,
e repensemos no nosso banquete, deitando de novo
água nas mãos, porque para a conversa entre mim e Telêmaco
tempo amanhã há de haver para, a ponto, de tudo tratarmos.”
Disse; Asfalio, obediente, nas mãos lhe deitou água, logo,
o diligente criado do rei Menelau glorioso.
Todos as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Outro feliz parecer teve Helena, de Zeus oriunda:
deita uma droga no vaso do vinho de que se serviam,
que tira a cólera e a dor, assim como a lembrança dos males.
Quem quer que dela provasse, uma vez na cratera lançada,
não poderia chorar, pelo menos no prazo de um dia,
mesmo que o pai e a mãe cara privados da vida ali visse,
ainda que em sua presença, com o bronze-cruel, lhe matassem
o filho amado ou o irmão e que a tudo ele próprio assistisse.
Tão eficazes remédios a filha de Zeus possuía,

e salutares, presentes da esposa de Tão, Polidamna,
da terra egípcia, onde o solo frutífero gera abundantes
drogas, algumas benéficas, outras fatais nos efeitos.
Todos os homens são médicos lá, distinguindo-se muito,
pelo saber, dos demais, pois descendem da raça de Péone.
Tendo isso, pois, misturado e ordenado que os copos se enchessem,
volta de novo a falar e se exprime do modo seguinte:
"Ó Menelau, de Atreu filho, discíp'lo de Zeus, e vós outros,
filhos de ilustres varões! É verdade que Zeus distribui,
sem distinção, ora bens, ora males, pois tudo consegue.
Ora ao banquete entregai-vos, sentados em nosso palácio,
ledos e gárrulos. Quero contar-vos, também, algo alegre.
Não posso, é certo, lembrar-me de tudo, nem mesmo contar-vos
quanto o paciente Odisseu suportou de indizíveis trabalhos.
Um só direi, pelo forte guerreiro a bom termo levado
entre os de Troia, onde muitos reveses, Aqueus, padecestes.
Primeiramente, no corpo produz vergonhosas sevícias;
deita nos ombros uns trapos, tal como os escravos o fazem,
e na cidade inimiga, de ruas mui largas, se esgueira.
Tendo assim, pois, disfarçado sua própria presença na de outro,
qual um mendigo, diverso do que era na nau dos Acaios,
com tal aspecto desceu pelos muros de Troia. Não houve
quem descobrisse o disfarce, excetuando eu somente, que logo
lhe fiz diversas perguntas, que o herói astucioso rebate.
Quando, porém, lhe dei banho e esfreguei óleo fino no corpo,
tendo-o provido de roupa e jurado por modo solene
de só trair de Odisseu o segredo aos Troianos, somente
quando tivesse alcançado os navios velozes e as tendas,
somente então me contou todo o plano dos chefes Aquivos.
Muitos Troianos, depois, tendo morto com o bronze afiado,
foi-se de volta aos Argivos, levando notícias sem conta.

Rompem em altos lamentos as outras, Troianas; contudo,
muito exultei, porque o peito propenso a voltar se encontrava
para o meu lar, lastimando a loucura que por Afrodite
me fora dada, ao levar-me da pátria querida para Ílio,
abandonando a filhinha, o meu leito de núpcias e o esposo,
que nem é falto de dotes do espírito nem de beleza.”
Disse-lhe, então, Menelau, em resposta, o de louros cabelos:
“Tudo, ó mulher, referiste de acordo com a estrita verdade.
Já viajei longes terras, e heróis altanados vi muitos,
de pensamentos diversos e de decisiva vontade;
mas a ninguém me foi dado admirar com os olhos, que fosse
como Odisseu, revestido de tal coração paciente.
Pode o fortíssimo herói acabar a bom termo o trabalho
no interior do cavalo de pau, em que estávamos todos,
fortes Argivos, levando aos Troianos a Morte e o extermínio.
Aproximaste-te dele tu própria, talvez conduzida
por um demônio [10] que glória quisesse aprestar aos Troianos,
indo em teus passos Deífobo, a um deus imortal semelhante.
Por vezes três rodeaste e apalpaste o cavado refúgio,
com voz mui clara a chamar os melhores heróis pelos nomes,
tendo imitado na voz as esposas dos chefes Argivos.
Eu e o Tidida, bem como o divino Odisseu, que no meio
nos encontrávamos, logo teus gritos, bem claro, escutamos.
Ambos ficamos de pé, pelo impulso incontido levados,
ou de sair do cavalo, ou de dentro, assim mesmo, falar-te.
Mas Odisseu nos conteve e impediu-nos, embora impacientes.
Todos os filhos dos chefes Aqueus ali estavam calados;
somente Anticlo intentou responder-te, falando em voz alta;
mas Odisseu com as mãos poderosas a boca lhe tapa,
a sujigá-lo, sem pausa, salvando, desta arte, os Aquivos,
té que dali, para longe, te Palas Atena levasse.”

O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
"Ó Menelau, de Atreu filho, discíp'lo de Zeus, chefe de homens,
tanto pior! Tal virtude não pode livrá-lo da Morte,
nem que tivesse no peito a bater coração inquebrável.
Ora nos manda deitar, que no leito macio possamos
sob a coberta do sono agradável gozar do repouso."
Isso disse ele. Às criadas a de Argos Helena deu ordens
para que os leitos com belos colchões sob o pórtico armassem,
de cor purpúrea forrados, cobertos, também, com tapetes,
para, por último, os mantos velosos por cima deitar-lhes.
Tomam nas mãos um archote, indo, logo, da sala as criadas
para aprontar-lhes os leitos. Conduz um arauto as visitas.
Ambos ali se deitaram, no próprio vestíb'lo da casa,
tanto Telêmaco herói, como o muito notável Nestórida.
Deita-se o Atrida, porém, no interior de seu alto palácio,
e ao lado Helena, de peplo comprido, criatura divina.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
prestes do leito se ergueu Menelau, de voz forte na guerra.
Veste-se e do ombro, depois, deita a espada de gume cortante;
calça, a seguir, as formosas sandálias nos pés delicados,
e sai do quarto, qual deus imortal de presença imponente.
Senta-se ao pé de Telêmaco e diz-lhe as seguintes palavras:
"Qual o motivo, Telêmaco herói, de cursares o dorso
amplo do mar, até vires à Lacedemônia divina?
É caso público ou particular? A verdade nos conta."
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
"Ó Menelau, de Atreu filho, discíp'lo de Zeus, chefe de homens!
Vim para ver se de ti posso obter de meu pai qualquer nova.
Comem-me a casa; arruínam-me os campos de pingues lavouras;
cheio se encontra o palácio de intrusos imigos, que sempre
muitas ovelhas abatem e bois que se arrastam tardonhos,

de minha mãe pretendentes, soberbos e cheios de orgulho.
Por isso os joelhos te abraço, pedindo-te alguma notícia
sobre seu fim lastimável, quer tenhas a tudo assistido
com os próprios olhos, quer tenhas por outro vagante informes
sabido dele, que a mãe concebeu como ser desditoso.
Nada atenues, porém, nem por pena nem mesmo respeito
mas tudo conta sem falha, tal como tu próprio o observaste.
Eu to suplico, se acaso meu pai, Odisseu estremado,
ou por palavras ou obras, se desempenhou de promessa
feita na terra troiana, onde muito os Aqueus padecestes.
Ora te lembra de tudo, e me conta conforme a verdade.”
Muito indignado lhe diz Menelau, o de louros cabelos:
“Pois é possível que tais indivíduos, sem força nenhuma,
queiram deitar-se no leito de um homem como esse, tão forte!
Bem como quando, no espesso do bosque, onde um leão formidando
leito fizera, uma corça aí deixara seus ternos filhinhos,
para sair a pastar pelos cerros e vales ervosos;
mas o leão para o pouso retorna, passados momentos,
e, logo ali, ambos eles com Morte horrorosa extermina:
do mesmo modo Odisseu a eles todos dará Morte horrível.
Fosse do gosto de Zeus, e de Palas Atena, e de Apolo,
que aparecesse com a força que em Lesbo mostrou altanada,
quando se ergueu, resolvido a lutar contra Filomelida,
tendo-o lançado no chão, para gáudio dos chefes Aquivos!
Se aos pretendentes em meio Odisseu desse modo surgisse!
Todos, na curta existência, veriam as núpcias lugentes.
Quanto à pergunta de há pouco e ao que pedes, não penso em dizer-te
nada que possa afastar-se dos fatos, com o fim de enganar-te.
Mas o que o velho marinho infalível não quis ocultar-me
hei de contar-te sem nada esconder, nem usar subterfúgios.
“Junto do Egito detinham-me os deuses, conquanto impaciente,

por não lhes ter ofertado hecatombe com todos os ritos,
pois querem sempre lembrados dos homens os divos preceitos.
Ilha se encontra ali posta, no mar de bramidos possantes,
que tem o nome de Faro e se encontra defronte do Egito,
tanto distante de lá quanto sói navegar nau convexa
num dia todo, ao soprar-lhe nas velas monção sibilante.
Ancoradouro e bom porto ali se acha, onde as naus colhem água
de fonte clara e profunda, antes, sempre, de ao mar se fazerem.
Por vinte dias seguidos os deuses ali nos prenderam,
sem que do mar nos soprassem os ventos, que para os navios
servem de guia por sobre o extensíssimo dorso das águas.
E, porventura, as vitualhas e as forças, então, se esgotassem,
se divindade de mim não se houvesse apiedado e salvado,
a descendente do velho marinho, Proteu poderoso,
digo Idoteia, a quem pude no peito avivar a piedade.
Quando me achava sozinho e afastado dos outros, buscou-me,
pois pelos cantos dessa ilha eles sempre vagando se achavam,
com anzóis curvos pescando, que os ventres a fome apertava.
Aproximando-se, então, me dirige as seguintes palavras:
"'És por tal modo simplório, estrangeiro, e a tal ponto insensato,
ou voluntário descuidas, achando prazer nos trabalhos?
Há quanto tempo te encontras detido nesta ilha, sem nunca
meio adequado alvitrares, enquanto teus sócios definham?'
"Isso falou. Em resposta lhe disse as seguintes palavras:
'Vou sem rodeios dizer-to, quem quer que, entre as deusas, tu sejas.
Não voluntário me encontro nesta ilha, senão que presumo
ter ofendido os eternos, que moram no Olimpo altanado.
Ora revela-me tudo, que os deuses o sabem sem falha:
qual dos eternos me traz aqui preso e me impede o caminho,
e de que modo voltar, navegando o oceano piscoso.'
"Disse-me a deusa preclara, em resposta a essas minhas palavras:

‘Ó estrangeiro, expender-te pretendo a verdade inconcussa.
Vem o infalível marinho ancião diariamente a este ponto,
divo Proteu imortal, das paragens egípcias, que sabe
todos os fundos do mar e é vassalo do divo Posido.
A ser verdade o que dizem, sou filha gerada por ele.
Caso te fosse possível, postado em cilada, apanhá-lo,
revelar-te-ia, por certo, o roteiro e a extensão da viagem,
e de que modo voltar, navegando o oceano piscoso.
Fora isso tudo, o discíp’lo de Zeus, contar-te-á, caso queiras,
as ocorrências, ou boas ou más, que em tua casa se deram
dês que partiste para essa viagem tão longa e difícil.’
“Isso falou. Em resposta lhe disse as seguintes palavras:
‘Dize-me como a cilada arranjar para o velho divino,
porque eu não seja sentido nem visto, nem ele me escape.
É mui difícil aos homens lutar contra os deuses eternos.’
“Disse-me a deusa preclara, em resposta a essas minhas palavras:
‘Ó estrangeiro, expender-te pretendo a verdade inconcussa.
Sempre que o sol, no seu curso, do meio do céu se aproxima,
sai, nesse ponto, das ondas o velho marinho verídico,
ao sopro brando de Zéfiro, oculto na escura madria.
Logo que fora se vê, vai deitar-se sob gruta escavada;
dormem-lhe em torno, reunidas, depois que das ondas emergem,
focas, a prole da bela deidade do mar pardacento,
a trescalarem o odor penetrante dos salsos abismos.
Logo que a Aurora raiar, levar-te-ei para ali, porque em ordem
possas ficar de alcateia. De teus companheiros escolhe
três, dos melhores que tenhas nas naves de boa coberta.
Todas as tretas funestas pretendo contar-te do velho:
Logo de início, há de às focas revista passar e contá-las;
quando, porém, tiver todas em grupos de cinco contado,
deita-se entre elas, tal como o pastor entre o fato de ovelhas.

Logo que o velho, assim, virdes dormindo deitado na terra,
fique ao cuidado de todos do máximo esforço valer-se,
para ali mesmo detê-lo, conquanto procure escapar-vos.
Há de tentar transformar-se na forma de todos os seres
que sobre o solo rastejam, e em chamas ardentes e em água.
Com mais vigor sujigai-o, detendo-o com força crescente.
Quando, porém, ele próprio voltar a fazer-te perguntas
sob a figura em que o viste primeiro, a dormir sobre a areia,
cede no emprego da força, liberta o ancião, ó guerreiro,
e lhe pergunta qual deus contra ti se conserva indignado,
e como possas voltar, navegando o oceano piscoso.’
“Tendo isso dito, mergulha de novo no mar ondulante.
Eu, por meu lado, voltei para as naus, que se achavam na praia.
O coração me estuava no peito durante o percurso.
Logo que a margem do mar alcancei, onde estava o navio,
mando aprontar o jantar. Cai a Noite divina entrementes,
indo nós todos dormir pela praia, onde as ondas se quebram.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
pus-me a passear ao comprido da praia do mar de amplas vias,
ardentemente a implorar aos divinos. Escolho três sócios
dos da companhia, em quem mais nos perigos confiança depunha.
Nesse entrementes, afunda Idoteia no seio das águas;
trouxe de lá quatro peles de foca, no fundo colhidas,
todas tiradas de fresco, que o pai iludir pretendia.
Cava, em seguida, buracos ao longo da praia arenosa,
onde se fica a esperar; perto dela nós outros nos pomos;
faz-nos deitar, e nos cobre com peles em número certo.
Muito penoso nos era ficar de alcateia; terrível
e insuportável odor trescalavam as focas do oceano,
pois quem a par poderia deitar-se de um monstro marinho?
Ela, porém, nos salvou, concebendo remédio eficiente:

sob as narinas de todos ambrósia coloca, de aroma
muito agradável, que o cheiro terrível dos monstros anula.
O coração paciente, até vir a manhã lá ficamos.
“Eis que, reunidas, as focas das ondas emergem; por ordem
deitam-se, logo em seguida, ao comprido da praia sonora.
Ao meio-dia o ancião sai das ondas, achando os nutridos
corpos das focas; a todas revista e enumera por ordem,
a principiar por nós quatro entre os monstros, sem que suspeitasse
de que pudesse haver dolo. Por fim também ele deitou-se.
Foi quando em grita o assaltamos, cingindo-lhe o corpo com os braços.
Mas não se esquece o ancião de valer-se das artes dolosas:
Toma, de início, a figura de um leão bem provido de juba,
drago, depois, e pantera e, a seguir, javali portentoso,
água corrente e, por fim, o feitio de uma árvore excelsa.
Mais fortemente o agarramos, com ânimo firme e paciente.
Quando enfadado ficou o ancião, sabedor de artimanhas,
pôs-se, por fim, a falar-me, fazendo a seguinte pergunta:
“‘Dize-me, filho de Atreu, qual dos deuses te foi conselheiro,
para que, assim, me amarrasse por dolo? De que necessitas?’
“Isso disse ele. Em resposta lhe dei as seguintes palavras:
‘Velho, por que te esquivares com tantas perguntas? Bem sabes
que há muito tempo me encontro detido nesta ilha, sem meio
de sair dela; esmorece-me dentro do peito a coragem.
Ora revela-me tudo, que os deuses o sabem sem falha,
qual dos eternos me traz aqui preso e me impede o caminho,
e de que modo voltar, navegando o oceano piscoso.’
“Isso lhe disse; em resposta me torna as seguintes palavras:
‘Antes que houvesse nas naus embarcado, a Zeus grande que vibra
a égide e às mais divindades, devias ter feito holocaustos,
para que à pátria pudesses chegar pelo mar cor de vinho,
pois isto não te pertence, rever os amigos e a casa

bem-construída tornar, assim como a tua pátria querida,
sem que, primeiro, outra vez, te dirijas às águas do Egito,
no céu nascido, e hecatombes sagradas ali ofereças
às divindades eternas, que moram no céu espaçoso.
Só depois disso obterás realizar o caminho almejado.’
“Parte-se-me o coração, ao ouvi-lo dizer tais palavras,
pois me ordenava vogar, outra vez, pelo mar nebuloso,
para que o Egito alcançasse por longo e terrível caminho.
Mas, apesar de tudo isso, lhe dei a resposta seguinte:
‘Sem discrepância, ó ancião, cumprirei todos esses preceitos.
Mas, por agora, me fala e responde conforme a verdade,
se os Aqueus todos, incólumes, em seus navios voltaram,
quantos deixei, com Nestor, ao partirmos das plagas troianas,
ou se de Morte cruel pereceram a bordo das naves,
ou entre os braços de amigos, depois de acabada a campanha.’
“Isso lhe disse; em resposta me torna as seguintes palavras:
‘Por que perguntas, Atrida, tal coisa? Não te é vantajoso
ter de tudo isso ciência, e dos meus pensamentos. Não creio
que sem chorar demorasses se tudo saber conseguisses.
Muitos no mar se afundaram, com vida outros muitos ficaram.
Dos líderes dos Aqueus de couraça de bronze, morreram,
quando de volta, só dois — estiveste presente na guerra —
outro com vida ainda alhures se encontra no largo oceano.
Com seus navios de remos compridos Ajaz foi ao fundo.
Primeiramente, Posido o lançou nos rochedos de Gira,
pedra enormíssima, embora o deixasse escapar do naufrágio.
Mas, salvar-se-ia assim mesmo, e apesar de que Palas o odiava,
se não deixasse escapar termos feios e grande blasfêmia:
que, contra as próprias deidades, fugira do abismo das águas.
Ouve-lhe o grande impropério Posido de escuros cabelos;
sem mais demora, tomando o tridente nas mãos vigorosas,

lança-o com força na pedra de Gira, fendendo-a no meio:
firme uma parte ficou; outra parte caiu dentro da água,
sim, justamente onde Ajaz se assentava e dissera a blasfêmia;
a essa arrastou para o fundo revolto com grande procela.
Dessa maneira morreu, tendo as ondas salgadas bebido.
Té certo ponto Agamémnone pôde do Fado esquivar-se,
na nau convexa. Foi Hera divina que assim o salvara.
Mas, quando perto se achava do Cabo Maleia escarpado,
eis que procela terrível o apanha, obrigando-o a empregar-se
pelo domínio piscoso, a soltar sentidíssimas queixas.
Desse local em diante o regresso correu sem perigos,
por lhe soprarem os deuses monções, tendo à pátria chegado
junto da ponta do campo onde a casa Tiestes construíra.
Primeiramente; ora reina na casa o Tiestíada Egisto.
Com alegria pisou ele o solo da terra nativa;
beija-a e abraça-a; é sua pátria. Sobre ela derrama copiosas
e ardentes lágrimas, pelo prazer de a rever, de tornada.
Viu-o o vigia, do ponto em que estava escondido, postado
lá por Egisto traiçoeiro, que em paga promete entregar-lhe
dois belos áureos talentos. De guarda o ano todo ficara;
não lhe escapasse a chegada, lembrado da força impetuosa.
Ei-lo que o vai revelar no palácio ao pastor de guerreiros.
Quando isso soube, forjou, logo, Egisto malévolo plano;
vinte indivíduos escolhe no povo, dos mais audaciosos,
e os deixa ocultos, mandando aprontar noutra parte um banquete.
Por sua vez, com cavalos e carros, maldosos projetos
a ruminar, convidou Agamémnone, rei poderoso,
que, sem saber do fim próximo, leva e trucida, tal como
na manjedoura uma rês é abatida, durante o banquete.
Dos companheiros do Atrida nenhum escapar conseguiu,
nem dos de Egisto, que todos tombaram na casa, sem vida.’

“Parte-se-me o coração, ao ouvi-lo dizer tais palavras.
Caio de bruços na areia da praia, a chorar, sem vontade
nem de com vida ficar, nem de os raios do Sol ver ainda.
Mas, depois que me saciei de chorar e rolar pelo solo,
disse-me o ancião infalível marinho as seguintes palavras:
“‘Filho de Atreu, não prossigas, assim, nesse choro sem pausa,
pois que nenhum resultado tiramos com isso, mas trata
logo de ver como possas a pátria alcançar novamente.
Encontrá-lo-ás ainda vivo, talvez; ou quem sabe se Orestes
já o imolou; para o enterro é possível com tempo chegares.’
“Disse. Em meu peito se aquecem o viril coração novamente
e o ânimo, embora abatidos se achassem por tantos trabalhos.
Mais uma vez o interrogo e lhe digo as palavras aladas:
“‘Desses já sei o destino; nomeia-me, agora, o terceiro,
que inda com vida se encontra detido no largo oceano,
ou mesmo morto. Desejo-o saber, muito embora me aflija.’
“Isso lhe disse; em resposta me torna as seguintes palavras:
‘É o de Laertes rebento, que em Ítaca tem a morada.
Vi-o numa ilha afastada, a verter copiosíssimo pranto,
em o palácio da ninfa Calipso, que à força o tem preso,
sem que ele possa voltar para o caro torrão de nascença.
Faltam-lhe naves providas de remos, assim como sócios,
que pelo dorso do mar extensíssimo possam levá-lo.
Mas, quanto a ti, Menelau, descendente de Zeus, o Destino
não determina morreres em Argos, nutriz de cavalos;
para as campinas do Elísio, limite da terra, te enviam
os imortais, onde está Radamanto, de louros cabelos,
e onde a existência decorre feliz para todos os homens.
Lá não cai neve, nem longo é o inverno, nem chove o ano todo,
mas de contínuo o de Zéfiro sopro de ruído sonoro
manda o oceano, que os homens com branda bafagem refresque,

visto de Helena, marido tu seres e, assim, de Zeus genro.’
“Tendo isso dito, mergulha de novo no mar ondulante.
Volto de novo aos navios e aos sócios de formas divinas.
O coração me estuava no peito durante o percurso.
Logo que a margem do mar alcancei, onde estava o navio,
mando aprestar o jantar. Cai a Noite divina, entrementes,
indo nós todos dormir pela praia, onde as ondas se quebram.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
antes de tudo, arrastamos as naus para as ondas divinas;
mastros, depois, levantamos e velas nas naves simétricas.
Sobem, depois, os demais para bordo e se sentam nos bancos,
todos em ordem, batendo com os remos nas ondas grisalhas.
Volto de novo à corrente do Egito, do céu oriundo;
fiz ancorar e ali mesmo aprestei hecatombes completas.
Tendo assim, pois, aplacado dos deuses eternos a cólera,
um cenotáfio a Agamémnone ergui, para lhe dar eviterna
glória. Feito isso, embarcamos; os deuses eternos nos mandam
ventos ponteiros, que à pátria querida, sem mais, nos trouxeram.
“Peço-te agora que fiques por tempo mais longo aqui em casa
té que onze dias, ou mesmo mais um, resolvidos vejamos,
pois depois disso te mando levar com presentes magníficos:
dou-te carruagem de fino lavor, três cavalos e, ainda,
uma belíssima taça, com que libações ofereças
aos imortais diariamente, tornando-me sempre lembrado.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Não me detenhas, Atrida, por tempo mais longo, em tua casa.
Mesmo que um ano completo aceitasse ficar no palácio,
não sentiria saudades de casa ou dos que me geraram,
pois grandemente me enlevo em ouvir teus discursos e contos.
Mas os meus sócios já estão começando a ficar enfadados
na sacra Pilo, porque me deténs muito tempo em tua casa.

Quanto ao presente que a mim destinaste, que seja uma joia,
porque cavalos para Ítaca não levarei; para o gozo
próprio tos deixo aqui mesmo; em extensa planície dominas,
onde há abundância de trevo e, também, junça e trigo bastante,
bem como espelta e cevada, da branca, de espigas bonitas.
Pistas extensas não temos em Ítaca, ou mesmo bons prados;
pastos de cabra, isso sim, que as do poldro pastagens mais gratos.
Sabes que as ilhas situadas no mar não têm prados de jeito
para carruagens andar. Mais que todas é Ítaca imprópria."
A essas palavras sorriu Menelau, de voz forte na guerra.
Acariciou-o com a mão e, falando, lhe disse o seguinte:
"Que és de bom sangue, meu caro, se vê pelo modo que falas.
Outros presentes vou dar-te em lugar dos primeiros, que o posso.
De quantas coisas preciosas em casa se encontram guardadas,
quero ofertar-te a mais bela e de mais extremada valia.
Dou-te uma taça de fino trabalho e de linhas bem-feitas,
toda de prata, com bordas, porém, de ouro puro batidas,
obra de Hefesto, presente de Fédimo, ousado guerreiro,
rei dos Sidônios, no tempo em que estive em sua casa hospedado,
quando da viagem de volta. Essa, agora, desejo ofertar-te."
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos trocavam.
Para o palácio do divo monarca vêm vindo os convivas,
a conduzir as ovelhas e o vinho, que os homens reanimam;
pães as esposas, ornadas de véus preciosos, enviavam.
Azafamados assim no palácio cuidavam da festa.
Os pretendentes, em frente da casa do divo Odisseu,
se divertiam, no entanto, jogando venáb'los e discos,
no pavimento bem-feito, arrogantes, tal como eram sempre.
Senta-se Eurímaco, a um deus semelhante, de par com Antínoo,
dos pretendentes os chefes, mais fortes e belos que todos.
Aproximando-se deles Noémone, filho de Frônio,

e para Antínoo adiantando-se, faz-lhe a seguinte pergunta:
"Já saberemos, Antínoo, talvez, ou talvez o ignoremos,
quando regressa de Pilo de solo arenoso, Telêmaco?
Foi num navio que é meu, que ora falta me faz muito grande,
para que a Élide extensa atravesse, onde tenho doze éguas
com doze burros de mama, indomados, e bons para a carga.
Era meu plano trazer um dos tais, para ver se o domava."
Disse; admiraram-se os dois no mais íntimo, pois não pensavam,
que tivesse ido Telêmaco a Pilo; no campo o julgavam,
entre os rebanhos, talvez, ou na casa, quiçá, do porqueiro.
Disse-lhe Antínoo, nascido de Eupites, então em resposta:
"Ora me conta a verdade: em que dia embarcou e que moços
o acompanharam? São de Ítaca todos, ou foi com seus servos
e mercenários? De feito, podia assim ter procedido.
Dize-me tudo de acordo com os fatos, a fim de que o saiba:
se a teu mau grado e por força o navio levou de cor negra,
ou se lho deste por gosto, depois de pedir-te insistente."
Disse-lhe, então, em resposta, Noémone, filho de Frônio:
"Dei-lho de boa vontade. Quem doutra maneira faria,
se lho pedisse um varão de tal porte com o peito angustiado
como era o dele? Difícil seria negar-lhe tal coisa.
Quanto aos rapazes que o seguem, distinguem-se todos no povo
como os melhores. Levavam Mentor como chefe, segundo
pude notar, ou um dos deuses, que a ele demais se assemelha.
O que me espanta é ter visto o divino Mentor aqui mesmo
ontem bem cedo, depois de já haver para Pilo embarcado."
Para a morada do pai se retira, depois dessa fala.
No ânimo altivo ficaram os dois irritados com isso.
Os pretendentes suspendem os jogos e a eles se reúnem.
Diz-lhes Antínoo, nascido de Eupites, então, em resposta,
mui pesaroso; escurece-lhe o peito rancor indomável,

a extravasar-se. Lampejam-lhe os olhos quais chamas ardentes:
"Vede a que empresa audaciosa Telêmaco pôde dar cabo
com essa viagem! Pensávamos todos que não na faria.
Contra a vontade de tantos, consegue o rapaz escapar-nos,
pôde aprontar um navio e escolher companheiros capazes.
Isso é o princípio do mal que há de vir. Quem me dera que Zeus,
antes de a idade viril alcançar, o privasse da força!
Dai-me uma nave ligeira com vinte rapazes prestantes,
para cilada aprestarmos-lhe à volta da viagem, à espera
bem na passagem que de Ítaca Samo escabrosa separa,
para que a viagem em busca do pai desastrosa lhe seja."
Isso falou. Os presentes aplaudem-no em peso, animando-o;
pondo-se todos de pé, para casa do herói se dirigem.
Por muito tempo não fica sem ser sabedora Penélope
dos pretendentes o plano que no íntimo, então, conceberam.
Disse-lho o arauto Medonte, que fora do pátio se achava,
quando exouvira a conjura que os moços maldosos tramavam.
Ei-lo que vai pela casa anunciar isso tudo a Penélope.
Mal a soleira pisou, lhe dirige a palavra a rainha:
"Os pretendentes ilustres, arauto, por que te enviaram?
Foi, porventura, com o fim de que as servas do divo Odisseu
parem com todo o trabalho e lhes ponham, sem mais, o banquete?
Se requestado jamais me tivessem, nem mesmo aqui vindo!
Fosse, de fato, esta a vez derradeira que todos comessem!
Muito frequente aqui vindes; fazenda esbanjais, sem medida,
bens do sensato Telêmaco. De vossos pais, porventura,
nunca soubestes, no tempo em que ainda crianças seríeis,
como Odisseu costumava com eles aqui fazer sempre?
Nunca nenhuma injustiça a ninguém praticou, nem palavras
más para o povo, tal como costumam os divos monarcas,
que má vontade para uns patenteiam, para outros afeto.

Ele, ao contrário, jamais procedeu contra alguém com malícia,
bem diferente de vós, cuja indigna conduta e desejos
ficam patentes, ingratos que sois aos favores passados.”
Disse-lhe, então, em resposta, Medonte, de sábios conselhos:
“Fosse, ó rainha, esse mal o mais grave de quantos praticam!
Bem mais terrível, ainda, e, sem dúvida, mais doloroso,
os pretendentes maquinam, que Zeus há de obstar, com certeza,
pois planejaram com ferro aguçado matar a Telêmaco,
quando de volta estiver, porque à Pilo sagrada e à divina
Lacedemônia viajou, para novas do pai ver se alcança.”
Susta-se-lhe o coração, ao ouvi-lo; os joelhos fraquejam.
Por muito tempo ficou sem poder enunciar coisa alguma;
lágrimas enchem-lhe os olhos e a voz se lhe embarga sonora.
Só muito tempo depois conseguiu perguntar o seguinte:
“Dize-me, arauto, o motivo de ter o meu filho viajado.
Necessidade não tinha de entrar nos navios velozes,
de homens carruagens, que cortam a imensa amplitude das águas;
foi para que o próprio nome se afunde no olvido dos homens?”
Disse-lhe, então, em resposta, Medonte, de sábios conselhos:
“Eu mesmo ignoro qual deus o incitou, ou se a própria coragem
o compeliu a viajar até Pilo, à procura de novas
do pai querido, se se acha de volta, ou qual fim ele teve.”
Tendo assim dito, ao palácio do herói Odisseu ele volta.
Incomportável angústia a envolveu, sem que força tivesse
de na cadeira assentar-se, das muitas que havia na casa;
mas na soleira do quarto bem-feito de chofre atirou-se,
a se queixar grandemente. Ao redor, as criadas gemiam,
todas, quer fossem de idade, quer moças, que em casa se achavam.
Por entre muitos suspiros, Penélope, alfim, lhes disse isto:
“Caras, ouvi-me os queixumes! O Olímpico mais infortúnios
me propinou do que as quantas nasceram comigo e cresceram.

Cedo meu nobre marido perdi, de coragem leonina,
que era entre os Dânaos notável por grandes e raras virtudes,
e cuja fama atingia toda a Hélade até o centro de Argos.
As tempestades, agora, me o filho arrebatam de casa,
sem glória alguma e sem que eu de sua ida informada estivesse.
Empedernidas sois todas! Ninguém se lembrou no seu peito
de despertar-me da cama, conquanto de tudo cientes,
quando meu filho subiu para o escuro navio bojudo.
Caso eu tivesse sabido da viagem que então meditava,
tê-lo-ia feito ficar, muito embora viajar desejasse,
ou no palácio era força que então me deixasse sem vida.
Uma qualquer dentre vós vá chamar o meu velho criado
Dólio, presente que foi de meu pai, quando vim para casa,
que ora se ocupa do trato do nosso pomar variado.
Corra depressa a contar a Laertes o que ora se passa.
Este, talvez, qualquer plano conceba no peito, saindo
para queixar-se aos do povo, que intentam privar da existência
seu descendente e do nobre Odisseu, semelhante aos eternos.”
A ama querida, Euricleia, lhe disse o seguinte em resposta:
“Filha querida, com bronze aguçado me fere aqui mesmo,
ou no palácio me deixa; não posso ocultar-te o ocorrido.
Fui sabedora de tudo e lhe aviei tudo o que ele me disse,
pão e aprazível bebida. Tomou-me, porém, grande jura
de coisa alguma contar-te antes que doze dias corressem,
ou que sua falta sentisses, por novas ouvir que se fora,
a fim de que não fanasses com lágrimas teu belo rosto.
Cuida, porém, de banhar-te e de roupa vestir muito limpa,
para o aposento de cima dirige-te com as criadas,
faze tuas preces a Atena, que é filha de Zeus poderoso,
e tem poder de em futuro salvá-lo do negro Destino,
mas não aflijas o velho que tão abatido se encontra,

pois não presumo que os deuses bem-aventurados odeiem
a descendência de Arcésio. Alguém há de ficar, com certeza,
para mandar na alta casa e nos agros extensos e pingues.”
Tais argumentos fizeram-lhe o choro parar e os gemidos.
Vai logo banho tomar, roupa limpa vestiu, sem demora,
e para o quarto de cima se foi juntamente com as servas.
Em canistrel põe as molas e a Palas Atena suplica:
“Ouve-me, filha indomável do deus que a grande égide empunha!
Se em algum tempo o solerte Odisseu em seu próprio palácio,
em honra tua, queimou pingues coxas de bois e de ovelhas,
disso recorda-te agora e não deixes perder-se meu filho;
dos pretendentes o livra, maldosos e cheios de orgulho.”
Tendo isso dito, ululou. Foi ouvida sua prece por Palas.
Os pretendentes na sala sombria levantam tumulto.
Foi quando disse um qualquer desses moços de mente soberba:
“A requestada Penélope, certo, nas bodas se afana,
sem suspeitar que fadamos seu filho ao Destino inamável.”
Isso disse ele, porque não sabia do que se passava.
Foi quando Antínoo, tomando a palavra, falou o seguinte:
“Sois todos loucos! Deixai de arrogantes discursos agora,
sem exceção; não vá alguém anunciar isso tudo lá dentro;
mas, sem dizermos palavra, saiamos daqui, bem depressa,
para pôr mãos ao projeto, que todos no peito formamos.”
Tendo isso dito, vinte homens escolhe, dos mais audaciosos,
e para a célere nau se dirige, na beira da praia.
Primeiramente, arrastaram-na para o mar largo; após isso,
fixam o mastro na nau de cor negra e, a seguir, neste, a vela,
tendo aos toletes os remos prendido com estropos de couro,
tudo de acordo com regras, e a cândida vela desprendem.
Põem-lhes as armas a bordo os criados de espírito altivo.
No fundo mar ancoraram, depois, para a terra saltando,

onde cuidaram da ceia, esperando que a tarde chegasse.
Por esse tempo se achava deitada a prudente Penélope
nos aposentos de cima, a enjeitar alimento e bebida,
só preocupada em pensar se da Morte seu filho escapava,
ou se devia cair pela mão dos soberbos imigos.
Tal como o leão, que se encontra indeciso no meio de gente,
cheio de medo, ao sentir que lhe apertam o cerco doloso:
vê-se Penélope, assim, té que o sono agradável lhe chega.
Dorme assim, pois, reclinada, que o sono descanso lhe infunde.
A de olhos glaucos, Atena, concebe outro plano engenhoso:
forma uma imagem de sonho, mulher parecendo na forma
e com feições da nascida de Icário magnânimo, Iftima,
que com Eumelo é casada, morando eles ambos em Feras.
Essa visão ao palácio do divo Odisseu manda logo,
porque consolo levasse à tristeza da aflita Penélope
e conseguisse pôr termo aos soluços e ao pranto copioso.
Pela correia do fecho na câmara entrar pôde logo;
paira-lhe sobre a cabeça e lhe diz as seguintes palavras:
"Dormes, Penélope, com o coração por tal modo angustiado?
Não te consentem os deuses, que vivem feliz existência,
tanto chorar e afligir-te; ao teu filho ainda está destinado
vir de tornada, porquanto ele em nada ofendeu aos eternos."
Disse-lhe, então, em resposta Penélope muito sensata,
Dês da soleira do sono, imergida em torpor muito suave:
"Mana querida, a que vens até aqui? Pois não é teu costume
vir visitar-me, em virtude da grande distância em que moras.
Mandas-me, agora, que cesse de vez com suspiros e dores,
tão numerosas, que o espírito e o peito atormentam sem pausa?
Cedo meu nobre marido perdi, de coragem leonina,
que era entre os Dânaos notável por grandes e raras virtudes,
e cuja fama atingia toda a Hélade até o centro de Argos.

Ora meu filho querido partiu no navio bojudo,
ainda criança, ignorando os trabalhos e arengas nas praças.
Por seu destino me aflijo ainda mais que por causa do esposo.
Tremo por ele e me inquieto; não vá acontecer-lhe algum dano,
quer em viagem, quer mesmo entre as gentes onde ora se encontra.
Muitos malvados contra ele planejam insídias sem conta,
com intenção de matá-lo antes que ele reveja o palácio.”
O pouco claro fantasma de Iftima lhe disse, em resposta:
“Ânimo! Cessa de tanto afligir com receios o peito.
Serve-lhe de companhia a que todos os homens desejam
ter ao seu lado qual deusa assistente — por ser poderosa —
Palas Atena, que se compadece do teu sofrimento.
Dela aqui venho o mandado, porque tudo, enfim, te contasse.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
“Se és uma deusa, de fato, e de um deus as palavras ouviste,
vamos, então me revela o destino infeliz daquele outro,
se ainda com vida se encontra e as delícias da luz ainda enxerga,
ou se é já morto, talvez, e na de Hades estância demora?”
O pouco claro fantasma de Iftima lhe disse, em resposta:
“Nada te posso dizer, com certeza, a respeito desse outro,
se é vivo ou morto; de nada nos serve falar aereamente.”
Tendo isso dito, esvaeceu-se o fantasma, qual sopro do vento,
pelo ferrolho da porta. A de Icário nascida desperta
logo do sono. Seu peito outra vez de alegria se aquece,
por lhe ter vindo no escuro da noite visão tão luzente.
Os pretendentes embarcam e as úmidas vias percorrem,
a cogitar no mais íntimo como matar a Telêmaco.
Bem na passagem do mar que separa de Samo escabrosa
Ítaca, encontra-se uma ilha de pouca extensão, pedregosa,
de nome Astéride. Porto aprazível, contudo, apresenta,
com dupla entrada. Os Aquivos aí de emboscada ficaram.

Parte II
Os Relatos na Casa de Alcínoo — Odisseu na Ilha de Calipso e na Feácia

CANTO V

A CAVERNA DE CALIPSO E A BALSA DE ULISSES

“Formando uma segunda assembleia dos deuses, Zeus envia Hermes para Calipso mandando libertar Odisseu. Ela faz o que é ordenado. No décimo oitavo dia, Posido o vê e, se irritando, desfaz a balsa. Mas Ino lhe entrega o seu véu com ordem de o devolver assim que chegar à terra. Depois de muito sofrimento, salvo, chega à terra dos Feácios.” (Scholie P Q V)

Alça-se a Aurora do leito onde estava o preclaro Titono,
para que a luz aos eternos levasse e aos mortais transitórios,
quando nos tronos os deuses se foram sentar, tendo ao meio
Zeus, cuja voz é atroante, de força e poder muito grandes.
Palas a todos contava do divo Odisseu os trabalhos,
dele lembrando-se, que ainda se achava na casa da ninfa:
“Zeus, nosso pai, e vós outros, ó deuses eternos e beatos,
que doravante nenhum rei cetrado jamais se revele
nobre, sensato e bondoso, nem cheio de retos desígnios,
mas, ao contrário, só pense austerezas e viva maldades,
pois entre o povo ninguém do divino Odisseu se recorda,
que sobre todos reinou como pai de bondade extremada.
Vive numa ilha jogado, a sofrer indizível martírio,

em o palácio da ninfa Calipso, que à força o tem preso,
sem que ele possa, por isso, voltar para a terra nativa.
Faltam-lhe naves providas de remos, assim como sócios
que pelo dorso do mar extensíssimo possam levá-lo.
Ora o projeto concebem de o filho querido matar-lhe,
quando de volta estiver, pois à Pilo sagrada e à divina
Lacedemônia viajou, porque novas do pai alcançasse."

Zeus, que bulcões acumula, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Filha, por que tais palavras de encerro da boca soltaste?
Não foste tu que, por própria deliberação, resolveste
que se vingasse Odisseu deles todos, ao vir de tornada?
Guia Telêmaco com teus conselhos — ser-te-á muito fácil
para que incólume possa voltar outra vez para a pátria
e os pretendentes retornem nas naus com os intuitos frustrados."

Disse; e, para Hermes voltando-se, o filho querido, lhe fala:
"Hermes — já estás habituado a servir-me nas minhas mensagens —
dize a Calipso, de tranças bem-feitas, nosso propósito
irrevogável de à pátria o divino Odisseu voltar logo.
Mas nenhum deus lhe fará companhia, ou qualquer dos humanos;
sim, em bem-feita jangada, depois de trabalhos pesados,
vá ter à Esquéria fecunda, ao raiar o vigésimo dia,
terra dos nobres Feácios, parentes chegados dos deuses,
que de mui boa vontade o honrarão qual se deus ele fosse,
e o levarão de tornada em navio até a pátria querida,
dando-lhe vestes em tanta abundância, bem como ouro e bronze,
como jamais Odisseu obteria do saco de Troia,
caso tivesse tornada feliz com sua parte da presa,
pois lhe reserva Destino rever os amigos, e a casa
de alto telhado voltar, assim como ao torrão de nascença."

O mensageiro brilhante, de pronto, ao mandato obedece.
Calça, sem perda de tempo, nos pés as bonitas sandálias

de ouro e divinas, que por sobre as águas, sem mais, o conduzem,
como, também, pela terra infinita, qual sopro do vento;
arma-se do caduceu com que os olhos dos homens encanta
como lhe apraz, ou consegue fazer despertar os que dormem.
Tendo-o seguro na mão, voa o forte e brilhante correio.
Paira por cima de Piéria, e desde o éter no oceano se atira,
a deslizar pelo dorso das ondas, tal como gaivota
quando nos seios terríveis do mar infecundo mergulha
para pescar e umedece nas ondas as asas robustas.
Hermes, por essa maneira, desliza por cima das ondas.
Mas, quando o ponto alcançou em que a ilha remota se achava,
deixa o domínio das ondas escuras e à terra se atira,
para que a gruta espaçosa atingisse onde a ninfa Calipso,
de belas tranças, morava. Encontrou-a, de fato, lá dentro.
Ardem no lar grandes chamas, que espalham ao longe, pela ilha,
de achas bem-feitas de cedro e de tuia o perfume agradável,
quando queimadas. Com voz inefável, dentro, ela cantava,
junto do tear passeando, em que tece com áurea naveta.
Luxuriante floresta se estende por fora da gruta,
com numerosos amieiros e choupos e odoros ciprestes,
onde seus ninhos as aves constroem, de extensos remígios,
como corujas, falcões e assim gralhas de língua comprida,
dessas do mar, que se aprazem nas lides da pesca marinha.
De crescimento admirável, a vinha os pimpolhos estende
da gruta côncava em torno, a vergar com o peso dos cachos.
Água mui clara promana de quatro nascentes vizinhas,
que juntas surdem, mas abrem caminhos por partes diversas.
Prados macios em torno se viam, com aipo e violeta,
cheios de viço. Até um deus imortal que ali viesse, por certo
se admiraria com tal espetáculo, na alma folgando.
Dessa maneira, admirado, ali esteve o brilhante correio.

Quando, porém, se saciou na visão do espetác'lo inefável,
sem mais demora dirige-se à gruta espaçosa. Calipso,
deusa entre as deusas, o identificou, quando o viu diante dela.
Reconhecerem-se é fácil a todos os deuses do Olimpo,
mesmo que tenham construído as moradas em pontos distantes.
Dentro da gruta não foi encontrar Odisseu de alma grande,
que, como sempre, a chorar, se encontrava sentado na praia,
a alma desfeita em suspiros sentidos, e prantos, e dores.
Lágrimas, pois, a verter, contemplava o infecundo oceano.
A Hermes, entanto, dirige a palavra a divina Calipso,
ao convidá-lo a assentar-se num lúcido e esplêndido trono:
"Qual o motivo de aqui vires ter, deus do caduceu de ouro,
que tanto estimo e venero? És estranho por estas paragens.
Fala o que queres, que o peito me manda acatar-te o desejo,
se for, de fato, exequível e em mim estiver realizá-lo.
Antes, porém, me acompanha, que dons hospitais te ofereça."
Tendo isso dito, apresenta-lhe a deusa uma mesa pequena
cheia de ambrósia, e mistura-lhe o néctar vermelho a contento.
Come à vontade, e assim bebe, o correio, o divo Argeifontes.
Tendo concluído o repasto e do peito os desejos saciado,
vira-se, então, para a deusa e lhe diz as seguintes palavras:
"Deusa, perguntas a um deus a razão de sua vinda. Vou logo,
por tal motivo, a verdade dizer-te, uma vez que o desejas.
Vim até aqui contra minha vontade, por Zeus sou mandado;
pois quem, por gosto, atravessa tão grande extensão do mar salso
e o infindo espaço? Não vemos por perto nenhuma cidade,
onde hecatombes perfeitas os homens aos deuses ofertem.
Mas é impossível, até para um deus, esquivar-se à vontade,
ou procurar infringir os desígnios de Zeus poderoso.
Diz ele achar-se nesta ilha o varão mais sofrido de quantos
outros heróis na cidade de Troia indefesos lutaram

por anos nove, e no décimo, alfim, conseguiram derruí-la.
Mas, na viagem de volta, ofenderam a Palas Atena,
que ondas furiosas contra eles soltou e, assim, ventos funestos.
Todos os seus companheiros valentes aí pereceram;
só, ele aqui veio ter, pelas ondas e ventos jogado.
Ora deseja que o mandes de volta o mais cedo possível.
Não é dos Fados que morra distante dos que lhe são caros,
pois lhe reserva o Destino rever os amigos, e a casa
de alto telhado voltar, assim como ao torrão de nascença.”
Treme Calipso, preclara entre as deusas, ouvindo tal coisa;
põe-se, em seguida, a falar, e lhe diz as palavras aladas:
“Duros sois todos os deuses e mais invejosos que os homens,
que vos zangais, quando, acaso, uma deusa se acolhe no leito
de homem mortal e resolve esposar quem na terra lhe agrade,
tal como a Aurora, de dedos de rosa, que o Orião foi juntar-se.
Todos ficastes zangados, ó deuses de vida tranquila!
té que na Ortígia achegou-se-lhe a deusa do trono dourado,
Ártemis, para privá-lo da vida com raios suaves.
Do mesmo modo Deméter, de tranças bem-feitas, cedendo
ao próprio impulso, se uniu a Jasão em amplexo amoroso,
num campo arado três vezes. De tudo Zeus soube sem custo;
priva-o da vida, atirando sobre ele o seu raio brilhante.
Ora me tendes inveja por ter um mortal ao meu lado.
Foi ele salvo por mim, quando veio, sozinho, na quilha
de seu navio veloz abraçado, que Zeus atingira
longe, no mar cor de vinho, fendendo-o com o raio brilhante.
Todos os seus companheiros valentes aí pereceram,
só, ele aqui veio ter, pelas ondas e ventos jogado.
Dei-lhe hospital agasalho e o provi de alimento; mais, ainda:
fiz-lhe a promessa de eterno torná-lo e das cãs sempre livre.
Mas, visto ser impossível a um deus esquivar-se à vontade,

ou procurar infringir os desígnios de Zeus poderoso,
que parta, então, visto Zeus o ordenar e incitar a fazê-lo,
por sobre o mar infecundo. Mas nada farei para o embarque;
faltam-me naves providas de remos, assim como sócios
que pelo dorso do mar extensíssimo possam levá-lo;
sim, de bom grado, conselhos darei, sem velar coisa alguma,
para que possa, sem nada sofrer, retornar para a pátria."
Disse-lhe, então, em resposta, o correio de aspecto brilhante:
"Deixa-o partir e na cólera pensa do filho de Crono,
para evitar que se zangue e te advenha, daí, sofrimento."
Tendo isso dito, retira-se o poderoso Argeifontes.
A nobre ninfa Calipso procura Odisseu de alma grande,
logo depois de sabida a mensagem que Zeus lhe mandara.
Foi encontrá-lo assentado na praia. Corria-lhe a doce
vida num pranto contínuo, que os olhos jamais se enxugavam,
a suspirar pela volta, que a ninfa não mais lhe era grata.
Era bem certo que à noite, forçado, dormia na gruta,
participando, entediado, do leito da ninfa ardorosa.
Mas todo o dia passava nos altos rochedos da praia,
a alma desfeita em suspiros sentidos, e prantos, e dores.
Lágrimas, pois, a verter, contemplava o infecundo oceano.
Tendo-se a ele chegado, lhe disse a preclara das deusas:
"Basta, infeliz, de chorar. Não consumas, assim, a existência;
sinto-me, agora, inclinada a deixar-te partir novamente.
Vamos! Apresta uma grande jangada, lavrando com bronze
troncos bem grossos. Estrado, depois, elevado lhe fixa,
para que possa levar-te através do brumoso oceano.
Água, e alimentos, e vinho vermelho hei de eu mesma trazer-te,
em grande cópia, que possam livrar-te da fome na viagem.
Vestes dar-te-ei; hei de ventos ponteiros mandar-te, igualmente,
a fim que possas voltar para a pátria sem mais sofrimentos,

caso o consintam os deuses que moram no céu estrelado,
que no pensar, não somente, nas próprias ações me superam.”
Estremeceu o divino e paciente Odisseu a tais vozes;
pôs-se, em seguida, a falar, e lhe disse as palavras aladas:
“Outros desígnios, ó deusa, meditas, que não meu retorno,
quando me ordenas cruzar em jangada o infinito das águas
cheio de grandes perigos, que os próprios navios velozes
jamais conseguem vencer, sem que Zeus lhes envie bons ventos.
Nunca entrarei em jangada, se for contra tua vontade,
a menos que te resolvas, ó deusa, a fazer juramento
de que não tens intenção de outros males, agora, causar-me.”
Isso disse ele. Calipso sorriu-se, a divina entre as deusas;
acariciou-o com a mão e, falando, lhe disse o seguinte:
“És, em verdade, um manhoso, que nunca vãmente excogita!
Cheio de astúcia refletes e sabes dizer o que pensas.
Pois tome a Terra ciência, bem como o Céu vasto de cima e
a água do Estige, que se precipita — esta é a jura mais alta
e mais terrível de todos os deuses bem-aventurados —
de que não tenho intenção de outros males, agora, causar-te.
Mas o que penso e proponho fazeres é como se eu própria
me propusesse, se acaso me visse em igual conjuntura.
Equitativa é minha alma e à justiça inclinada; no peito
não se me aninha um espírito férreo, senão compassivo.”
Tendo isso a deusa preclara enunciado, se pôs a guiá-lo
rapidamente. Odisseu segue os passos da deusa donosa.
Ambos, Calipso e o mortal, logo à côncava gruta chegaram,
indo sentar-se Odisseu na poltrona em que há pouco estivera
Hermes. A ninfa Calipso lhe serve variados manjares,
de que comer e beber, de que os homens mortais se alimentam.
Logo em seguida defronte do divo Odisseu foi sentar-se;
Néctar e ambrósia na frente dos dois as criadas puseram.

Ambos as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
pôs-se a falar, em seguida, Calipso preclara e divina:
"Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
é, então, verdade que queres voltar para a pátria querida,
sem mais delongas? Pois parte feliz, apesar do que sinto.
Mas se pudesses saber o que o Fado te tem reservado
de sofrimentos, primeiro que alcances a terra nativa,
escolherias comigo ficar e guardar esta casa,
como tornar-te imortal, apesar das saudades que sentes
longe da esposa, por causa de quem de contínuo suspiras.
Mas me envaideço de em nada inferior ser à tua consorte,
nem nas feições nem no porte, que aos seres mortais não compete
vir disputar com os eternos na forma perfeita e na altura."
Disse-lhe o muito solerte Odisseu o seguinte, em resposta:
"Lusa potente, não queiras com isso agastar-te; conheço
perfeitamente que a minha querida e prudente Penélope
é de menor aparência e feições menos belas que as tuas.
Ela é uma simples mortal; tu, eterna, a velhice não temes.
Mas, apesar de tudo isso, consumo-me todos os dias
para que à pátria retorne e reveja o meu dia da volta.
Mesmo que em meio do mar cor de vinho algum deus me atingisse,
meu coração resistente isso tudo, decerto, sofrera.
Já suportei muitas dores, passei numerosos trabalhos,
tanto no mar que na guerra; que venham, por isso, mais esses."
Disse, no tempo em que o Sol se deitou, vindo a noite em seguida.
Para o interior ambos eles se foram da gruta escavada;
dão-se aos deleites do amor, e bem juntos um do outro se ficam.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
sem mais demora, Odisseu veste a túnica e o manto veloso.
Ela, Calipso, se adorna com peplo bem grande e luzente,

belo de ver e mui fino, que aperta no corpo com um cinto
de ouro e lavrado; por último, o véu na cabeça coloca.
Passa a pensar na maneira de como Odisseu retornasse.
Dá-lhe uma grande bipene de bronze, de fácil manejo,
com duplo bordo cortante, na qual ajustara um mui belo
cabo tirado de pau de oliveira e bem fixo no furo.
Dá-lhe, depois, uma enxó bem-lavrada, e lhe serve de guia
ao ponto da ilha postremo, onde espessa floresta crescera,
com muitos choupos e amieiros e abetos, que o céu atingiam,
todos sem seiva e já secos, que leves no mar o levassem.
Tendo-lhe o ponto mostrado em que as árvores grandes cresciam,
para o palácio retorna a preclara e divina Calipso.
Troncos derruba Odisseu; facilmente o trabalho arremata.
Vinte, por tudo, abateu, e com o bronze dos galhos os limpa;
mui habilmente os lavrou, as distâncias tomando com fio.
Trados lhe trouxe, entrementes, a deusa preclara Calipso.
Todos, com eles, furou, ajustando, depois, uns aos outros,
encavilhando-os de jeito e travessas metendo a martelo.
Quanto experiente armador, que constrói um navio de carga,
largo e espaçoso, lhe tira a medida da parte do fundo:
tanto em largura a jangada media do herói astucioso.
Põe-lhe, depois, um jirau, sustentando-o com vigas bastantes,
para, por fim, concluir a armadura com troncos ao longo.
Mastro, também, levantou, adaptando-lhe no alto uma verga.
Leme aprontou e ajustou-lhe, porque fosse fácil guiá-la.
Para das ondas ficar protegida, em redor reforçou-a
com bem-trançados cipós, pondo o lastro com muita madeira.
Pano de linho lhe trouxe, entretanto, a divina Calipso,
para que a vela aprestasse. Com arte soube ele cortá-la,
nela prendendo, por fim, as adriças, escotas e braços.
Com alavanca a jangada arrastou para as ondas sagradas.

No quarto dia o trabalho ficou concluído a contento,
e no seguinte a divina Calipso mandou que se fosse
da ilha, depois de o banhar e prover de vestidos odoros.
Pôs na jangada dois odres, um de água, bem grande, e um de vinho
de cor escura. Num saco de couro depôs, de igual modo,
muitos manjares de fino sabor e variada feitura.
Fez que soprasse, em seguida, um bom vento propício e agradável,
ao qual as velas o divo Odisseu satisfeito desfralda.
Sempre sentado, o timão dirigia com arte e destreza,
sem ter as pálpebras nunca de sono pesadas, as Plêiades
a contemplar e o Boeiro, que tarde costuma deitar-se,
bem como a Ursa, também pelo nome de Carro chamada,
que gira sempre num ponto e não deixa de a Orião ter em vista,
e que entre todas é a única que não se banha no Oceano,
pois fora expressa recomendação da divina Calipso
que ele tivesse à sinistra este signo durante o percurso.
Dessa maneira singrou pelo dorso no mar dezessete
dias; mas no outro surgiram os montes escuros da terra
onde os Feácios demoram, bem próximo donde ele estava,
que parecia um escudo deixado no oceano brumoso.
Eis que Posido, de volta dos homens Etíopes, o enxerga,
dos altos montes dos povos Solimos. De pronto o percebe,
que pelo mar navegava. Ainda mais se exaspera com isso;
move indignado a cabeça e a si próprio dirige a palavra:
“Oh! Por sem dúvida os deuses por modo diverso acordaram
sobre Odisseu, quando estive em visita entre as gentes Etíopes.
Vejo-o bem perto da terra Feácia, onde é força que escape
do laço extremo do Fado que sobre ele pesa sinistro.
Penso, porém, que ainda posso causar-lhe outra série de males.”
Tendo isso dito, congloba os bulcões, deixa o mar agitado
com o tridente. Suscita, depois, tempestade violenta

dos ventos todos e em nuvens envolve cinzentas a terra
conjuntamente com o mar. Baixa a Noite do céu entrementes.
Euro mais Noto se chocam, e Zéfiro desagradável,
bem como Bóreas, que do éter provém, portador de ondas grandes.
O coração de Odisseu se abalou, fraquejaram-lhe os joelhos.
Vendo-se em tanta aflição, ao magnânimo espírito fala:
"Quão infeliz! Ai de mim! Que me falta passar de mais grave?
Pois bem receio que a deusa tivesse a verdade anunciado,
quando falou dos trabalhos que na água eu passar deveria
antes de a pátria alcançar. Ora tudo, de acordo, se cumpre.
Com quantas nuvens esconde ora o céu Zeus Olímpico! As ondas
como levanta, também, suscitando furiosos remoinhos
dos ventos todos! É força que a Morte imatura me colha.
Três, quatro vezes felizes os Dânaos que lá na planície
da grande Troia morreram, por simples amor aos Atridas!
Bem preferira cumprir o Destino e morrer ali mesmo,
naquele dia em que os Teucros, visando-me lanças aêneas
inumeráveis jogavam, em torno do morto Pelida.
Honras funéreas teria e aos Aqueus minha fama espalharam.
Ora é razão que pereça por modo assim mísero e escuro."
Disse, no ponto em que uma onda mui grande se lança, de cima,
terrivelmente, contra ele, abalando-lhe os paus da jangada,
para atirá-lo bem longe, obrigando-o a soltar, desse modo,
das mãos o leme. Partiu-se-lhe o mastro no meio, forçado
por turbilhão tempestuoso de ventos num vórtice unidos.
Longe nas ondas é a vela jogada com a verga ainda presa.
Por muito tempo Odisseu submergido ficou, sem que do ímpeto
da onda pudesse livrar-se e surdir novamente à flor da água,
pois lhe pesavam as vestes que a ninfa Calipso lhe dera,
té que, por fim, veio à tona, expelindo da boca a salgada
água amargosa, que em fio lhe escorre, também, da cabeça.

Não se esqueceu da jangada, conquanto se achasse extenuado;
mas, pelas ondas abrindo caminho, agarrou-se-lhe presto,
sobe e se assenta no meio, escapando, com isso, da Morte.
Ei-la jogada de um lado para outro por ondas enormes.
Tal como Bóreas, soprando na vasta planície, os espinhos
leva do cardo, que em número grande entre si se amontoam:
dessa maneira, no pélago os ventos a atiram sem rumo,
ora por Noto lançada até Bóreas, que adiante a levasse,
ora deixada por Euro ao capricho da sanha de Zéfiro.
Mas Leucoteia o avistou, a nascida de Cadmo com o nome
de Ino, de pés bem-moldados, que voz de mortal já possuíra,
e ora nas ondas do mar participa das honras dos deuses.
Vendo Odisseu padecer à mercê da corrente, apiedou-se;
qual mergulhão que surdisse das águas, à tona ela emerge,
na bem-trançada jangada se assenta e o consola desta arte:
"Qual o motivo de estar contra ti tão zangado o que os muros
térreos sacode e que tanto te oprime com males sem conta?
Não poderá aniquilar-te, apesar de que muito o deseje.
Presta atenção ao que digo, não creio que o senso te falte:
despe essas vestes e deixa a jangada ao sabor, tão somente,
dos próprios ventos; a nado, depois, vê se à terra feácia
podes chegar, onde o Fado te apresta encontrar salvamento.
Toma este véu imortal e o traspassa por baixo do peito.
Dessa maneira não temas nenhum sofrimento nem Morte.
Mas, depois que com tuas mãos alcançar conseguires a terra,
tira-o de novo e nas ondas escuras do mar o projeta,
longe da praia, mantendo em tudo isso teu rosto virado."
Essas palavras, o véu entregando-lhe, a deusa lhe disse,
para, em seguida, atirar-se de novo nas ondas marinhas,
qual mergulhão. Pelas ondas escuras foi logo escondida.
Mas fica em dúvida ainda Odisseu, o guerreiro solerte;

vendo-se em tanta aflição, ao magnânimo espírito fala:
“Pobre de mim, tenho muito receio de que outra cilada
queira um dos deuses fazer-me, mandando que largue a jangada.
De forma alguma dar-lhe-ei atenção, pois mui longe dos olhos
vejo o lugar em que disse haveria encontrar salvamento.
Antes farei doutro modo, que mais vantajoso parece:
por quanto tempo no engaste ficarem as tábuas seguras,
continuarei na jangada, a sofrer até o fim os trabalhos;
mas, depois que pelas ondas divinas for toda desfeita,
hei de nadar, pois não sei de outro plano de mais eficiência.”
No coração e no espírito dessa maneira reflete.
Fez surgir logo Posido, que a terra sacode, uma vaga
cheia de grandes perigos, que se arca e sobre ele desaba.
Bem como vento impetuoso, que monte de palha desmancha,
para levá-lo em remoinho de um lado para outro desfeito:
dessa maneira o mar forte os pranchões espalhou. Odisseu
monta num deles, tal como se fosse cavalo de pista.
Despe-se logo das roupas que a ninfa Calipso lhe dera,
para que o véu imortal, apressado, no peito cingisse.
Prono se lança no meio das ondas, os braços abrindo
para nadar. Viu-o o deus que os pilares da terra sacode;
move, zangado, a cabeça, e consigo comenta o seguinte:
“Voga, desta arte, no mar, continuando a sofrer tantos males,
té que consigas chegar a indivíduos de Zeus descendentes.
Mas, quero crer que nunca hás de queixar-te por falta de dores.”
Tendo isso dito, os cavalos de crina formosa fustiga
e se dirige para Egas, lugar de sua bela morada.
Palas, a filha de Zeus, outro plano engenhoso concebe:
faz ela própria obstruir os caminhos de todos os ventos,
tendo ordenado a eles todos que fossem dormir sossegados.
Somente Bóreas ligeiro deixou, porque as ondas abrisse,

té que aos Feácios, amantes do remo, chegasse o guerreiro
filho de Zeus, e da Morte e do negro Destino escapasse.
Dessa maneira flutuou duas noites e dias nas ondas
encapeladas, a ver muitas vezes a Morte ante os olhos.
Mas, quando a Aurora, de tranças bem-feitas, mais um fez que viesse,
eis que de súbito o vento se aplaca e tranquila se estende
a calmaria. Com vista aguçada distingue o guerreiro,
do alto de uma onda maior, que bem perto já a terra se achava.
Bem como filhos que à vista do pai muito alegres se mostram,
que por doença jazera a sofrer muitas dores atrozes,
por longo tempo abatido, que nume funesto persegue,
alegremente se vê pelos deuses liberto das dores:
dessa maneira Odisseu se alegrou, quando viu terra e matas,
pondo-se ansioso a nadar, porque a terra com os pés alcançasse.
Mas, ao chegar a distância de grito, somente, da praia,
bem claro ouviu o barulho do mar ao quebrar-se nas pedras;
ondas enormes troavam de encontro à aridez do terreno,
com fragor grande, espalhando-se em tudo alva espuma salgada.
Portos, enseadas e abrigos em parte nenhuma se viam,
mas promontórios talhados na pedra, alcantis e rochedos.
O coração de Odisseu se abalou, fraquejaram-lhe os joelhos.
Vendo-se em tanta aflição, ao magnânimo espírito fala:
“Pobre de mim! Já que Zeus me concede ver terra tão perto,
sem que o pensasse, e consigo vencer a voragem do abismo,
não vejo meio nenhum de livrar-me do mar pardacento.
Tudo é cercado de pedras a prumo, e em redor vêm quebrar-se
ondas ruidosas, que molham as rochas erguidas e nuas.
A água é profunda demais, sem que ponto ofereça onde eu possa
firmar os pés para, alfim, conseguir escapar dos perigos.
Muito receio que uma onda me apanhe ao tentar sair da água
e contra as pedras me atire. Será todo o esforço baldado.

Mas, se, nadando, costear ainda um pouco, até ver se é possível
porto abrigado encontrar, ou lugar de viável aclive,
temo que mais uma vez a voragem das ondas me trague,
e para o oceano piscoso me arraste por entre gemidos,
ou que demônio potente do mar contra mim um dos monstros
faça atirar-se, dos muitos que a ilustre Anfitrite alimenta.
Sei quanto se acha zangado comigo o que a terra sacode.”
No coração e no espírito dessa maneira reflete.
Eis que uma vaga maior o lançou contra os duros recifes;
e lacerara, sem dúvida, a pele, ou quebrara ali os ossos,
se a de olhos glaucos, Atena, o expediente não lhe sugerisse
de contra a rocha atirar-se, abarcando-a com as mãos resistentes,
onde gemendo ficou, até que a vaga potente passasse.
Dessa maneira escapou; mas, ao vir, novamente, em refluxo,
fere-o com força, atirando-o bem longe, no meio das ondas.
Bem como o polvo, quando é do escond’rijo com força arrancado,
traz nas ventosas um número grande de pedras pequenas:
dessa maneira nas pedras a pele das mãos do guerreiro
se lacerou, ficando ele coberto pela onda gigante.
E, contra o próprio Destino, teria o infeliz perecido,
se inspiração não lhe desse a donzela de Zeus de olhos glaucos.
Tendo emergido das ondas, que se iam quebrar contra a terra,
nada ao comprido da costa, a espiar para ver se podia
porto abrigado encontrar, ou terreno de viável aclive.
À embocadura, porém, ao chegar de uma bela corrente
o nadador, o lugar pareceu-lhe o mais próprio de todos,
por não ter pedras e estar resguardado da fúria dos ventos.
Reconheceu que era um rio, e a seguinte oração lhe dirige:
“Quem quer que sejas, atende-me, ó deus a quem muitos invocam!
Venho fugindo do mar, das ameaças do divo Posido.
São veneráveis, até para os deuses eternos, os homens,

quando errabundos suplicam, tal como eu agora, que chego
à tua corrente, depois de sofrer, e teus joelhos enlaço.
Tem compaixão, que eu também necessito de amparo nesta hora.”
Disse; a corrente ele susta de pronto, detendo suas ondas;
junto do herói fez as águas tornarem-se calmas, salvando-o
na embocadura do rio. Extenuado de tanta labuta
nas ondas bravas, vergaram-lhe as pernas e os braços robustos.
Intumescera-lhe a pele do corpo; da boca e narinas
água abundante escorria; no solo prostrou-se, sem fala,
quase de todo privado de fôlego pelo cansaço.
Quando lhe vieram de novo os sentidos e a vida preciosa,
o véu sagrado, que a deusa lhe dera, desprende depressa,
para lançá-lo, em seguida, no rio que ao mar se dirige.
Uma onda grande o levou na corrente, de modo que logo
Ino nas mãos o recebe. Afinal, libertado do rio,
entra um juncal e se deita, beijando o terreno fecundo.
Vendo-se em tanta aflição, ao magnânimo espírito fala:
“Quão infeliz, ai de mim! Que me falta passar de mais grave?
Se toda a noite afanosa passar aqui perto do rio,
temo que a geada funesta e, também, a umidade do orvalho,
pós o desmaio, consigam vencer este pouco de vida.
Do rio cedo começa a soprar vento frio e cortante.
Mas, se subir o barranco e me for para a mata sombrosa,
para dormir entre os ramos espessos, se o frio e o cansaço
me abandonarem e o sono agradável de mim apossar-se,
temo que venha também a ser presa e repasto das feras.”
Como tais coisas pensasse, afinal pareceu-lhe prudente
ir para a mata. Encontrou-a, de fato, não longe do rio,
em parte em torno visível. Debaixo duma árvore pôs-se,
dupla, porém, tendo só uma raiz: zambujeiro e oliveira.
Não conseguia vará-las o vento que traz umidade,

nem com seus raios brilhantes o Sol o local clareava,
nem mesmo a chuva até lá penetrava, por tal modo unidas
e entrelaçadas cresceram as árvores onde o guerreiro
fora acolher-se. Arranjou, muito às pressas, com as mãos uma cama
larga, pois tanta abundância de folhas havia no solo,
que de coberta chegara, talvez, para dois ou três homens,
quando no inverno, por mais rigoroso que entrado ele fosse.
Vendo-a formada, o paciente e preclaro Odisseu alegrou-se
e, bem no meio deitando-se, cobre-se todo com folhas.
Tal como alguém, quando esconde um tição sob a cinza anegrada,
na ponta extrema do campo, onde mora sem gente por perto
para não ter que ir buscar noutra parte a semente do fogo:
dessa maneira Odisseu se escondeu entre as folhas. Atena
deita-lhe sono nos olhos, porque libertado se visse,
com o cerrar-se das pálpebras, logo dos graves trabalhos.

CANTO VI

ODISSEU CHEGA À FEÁCIA

“Atena aparece em sonho para Nausícaa, filha de Alcínoo, e manda-a ir lavar suas roupas no rio, pois seu casamento está próximo. Ela faz o que é pedido. Depois, ela brinca com suas servas. Odisseu ouvindo-as, acorda. Pedindo a Nausícaa, recebe alimento e vestimentas, seguindo-a, então, até a cidade.” (Scholie P Q V)

Dessa maneira o divino e sofrido Odisseu repousava,
pelo cansaço vencido e também pelo sono. Mas Palas
se dirigiu para a terra e cidade dos homens Feácios,
que em tempos idos moravam nas vastas planícies da Hipéria,
junto dos homens Ciclopes, soberbos acima de todos,
que lhes os bens depredavam por serem de muito mais força.
Desse lugar conduziu-os Nausítoo de forma divina
para o terreno da Esquéria, afastado dos homens industres.
Fez circundar a cidade com muros, construir belas casas,
bem como templos aos deuses. O campo entre o povo divide.
Mas, pela Parca apanhado, já havia descido para o Hades;
era de Alcínoo o poder, que dos deuses obtinha conselhos.
A de olhos glaucos, Atena, dirige-se para sua casa,

a refletir como a volta do herói Odisseu aprestasse.
Já pelo quarto de bela feitura penetra, onde encontra
uma donzela a dormir, parecendo, no aspecto gracioso,
deusa imortal: é Nausícaa, de Alcínoo magnânimo filha.
Junto duas servas dormiam, das Graças irmãs favoritas,
de cada lado da porta brilhante, que estava fechada.
Voa, qual sopro do vento, até o leito em que estava a donzela,
fica-lhe junto à cabeça e lhe diz as seguintes palavras
sob a aparência da filha do célebre nauta Dimante,
que a mesma idade contava e Nausícaa entre as mais distinguia.
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse, sob essa aparência:
"Como, Nausícaa, tua mãe te gerou descuidada a tal ponto?
Sem nenhum trato abandonas, assim, teus vestidos brilhantes?
Próximo é o dia de teu casamento, em que é força te ornares
com belas roupas; estas, também, ofertares ao cortejo.
Disso virá receberes do povo os mais altos encômios
e sobremodo alegrar-se teu pai e a consorte pudica.
Eia! Apressemo-nos logo a lavar, mal que a Aurora desponte.
Quero ir contigo a ajudar-te, a fim que possas tudo depressa
determinar, porque inupta não hás de ficar muito tempo.
Já requestada por moços distintos amiúde tens sido
entre os Feácios, a que por nobreza de origem pertences.
Vamos! Exorta teu pai, antes mesmo que a Aurora apareça,
porque te apreste a carruagem e as mulas de cascos possantes
para que os cintos e peplos e as belas cobertas te levem.
Muito mais próprio é que vás desse modo, que a pé pela estrada.
Os lavadoiros se encontram mui longe daqui da cidade."
A de olhos glaucos, Atena, afastou-se ao falar tais palavras,
e retornou para o Olimpo, onde a sede, é sabido, se encontra,
sempre tranquila, dos deuses. Por ventos jamais é abalada,
nem por tormentas de chuva ou por neve; escampado, infinito,

o éter por cima se estende, impregnado de luz irradiante.
Todos os dias ali passam ledos os deuses beatos,
para onde Atena retorna, depois de falar à donzela.
Logo que a Aurora de trono dourado surgiu no horizonte,
do sono a jovem desperta. Admirou-se Nausícaa do sonho,
e aos genitores resolve contá-lo; à procura vai deles.
Ambos despertos já estavam na sala interior do palácio.
Junto do lar a mãe fiava, por servas prestantes cercada,
lã cor de púrpura; ao pai a donzela encontrou justamente
quando a soleira transpunha da porta para ir ao conselho
dos altos príncipes Feácios, que o haviam, de pouco, chamado.
Ao pai querido achegando-se, diz-lhe as seguintes palavras:
"Caro paizinho, seria possível o carro aprestares,
alto e de rodas bem-feitas, a fim de que as roupas luzentes
possa levar para o rio, que sujas bastante se encontram?
Fica-te muito mais próprio, com vestes bem limpas no corpo,
entre os primeiros sentares-te, quando reunido o conselho.
Meus cinco manos diletos também no palácio demoram:
dois, já casados; os outros restantes, no viço da idade.
Estes, só querem vestir-se com roupa lavada de pouco,
sempre que vão para os bailes. É a mim que está afeto isso tudo."
Disse, evitando, desta arte, por pejo, falar em noivado
ao pai querido, que tudo compreende e lhe diz, em resposta:
"Nem te recuso essas mulas, ó filha, nem nada que peças.
Vai que os criados o carro bonito irão logo aprontar-te,
alto e de rodas bem-feitas, provido, também, de capota."
Tendo isso dito, deu ordens aos servos, que logo obedecem.
Do lado externo da casa aprontaram o carro de mulas,
de boas rodas, e as mulas puseram no jugo e atrelaram.
Sai dum dos quartos a serva trazendo os brilhantes vestidos,
para depô-los em ordem, na caixa do carro polido,

enquanto a mãe num cabaz gulodices gostosas dispunha,
das mais variadas, além de manjares, enchendo de vinho
odre de pele de cabra; a donzela subiu para o carro.
Fez que levasse, também, óleo líquido num frasco de ouro
para com as servas ungir-se, depois que do banho saíssem.
Toma das rédeas brilhantes Nausícaa e, também, do chicote,
para que as mulas pudesse espertar, que arrancaram ruidosas,
a galopar velozmente, levando a donzela e os vestidos,
mas não sozinha, que a pé outras servas ao lado a seguiam.
Quando chegaram, por fim, ao lindíssimo curso do rio —
lá se encontravam as fontes perenes, com água bastante,
bela de ver e capaz de branquear até a roupa mais suja —
foi nessa altura que as mulas tiraram do jugo do carro
e as impeliram, depois, para a margem do rio revolto,
a fim de a grama gostosa pastarem. Do carro, no entanto,
tomam as roupas nos braços e as levam para a água profunda,
calcam-nas logo nos tanques, porfiando em perícia elas todas.
Logo que as peças lavaram, limpando-as de todas as nódoas,
em fila ao longo da praia estenderam-nas, por onde os seixos
são pelas ondas lavados, que vêm contra a costa quebrar-se.
Banho, depois, tomam todas, passando óleo puro no corpo,
para, em seguida, almoçar junto à margem do rio elevada,
onde ficaram à espera que o Sol toda a roupa secasse.
Quando se acharam, porém, satisfeitas, Nausícaa e suas servas
de si lançaram os véus, entregando-se ao jogo da bola.
Guia Nausícaa, de braços bonitos, as outras na dança.
Ártemis dessa maneira costuma vagar pelos montes,
quer no Taígeto longo, quer mesmo no próprio Erimanto,
a deleitar-se na caça de cervos ou céleres gamos.
Ninfas agrestes a seguem, as filhas de Zeus poderoso,
a divertirem-se; no íntimo Leto também rejubila,

e entre as demais sobressai, destacando-se a fronte e a cabeça;
fácil será conhecê-la, conquanto as demais sejam belas:
do mesmo modo salienta-se a casta donzela entre as servas.
Quando, porém, já pensava em voltar para casa de novo
e pôr as mulas no carro e dobrar as esplêndidas roupas,
a de olhos glaucos, Atena, concebe outro plano engenhoso
para Odisseu acordar e ver logo a formosa donzela,
que deveria levá-lo à cidade dos homens Feácios.
Joga a princesa para uma das suas criadas a bola,
sem que, porém, acertasse, indo a bola cair na corrente.
Todas em grita prorrompem; desperta o divino guerreiro,
senta-se e logo no espírito e no coração excogita:
"Pobre de mim! A que terra cheguei? Quais os homens que a habitam?
São, porventura, selvagens violentos, que as leis desconheçam,
ou de estrangeiros amigos, e afeitos ao culto dos deuses?
Como de moças, soou-me aos ouvidos um grito estridente,
provavelmente de ninfas, que moram nos picos dos montes,
pelas nascentes dos rios, ou mesmo nos prados ervosos.
Eis-me, por certo, chegado ao convívio de gentes que falam.
Vamos! Eu próprio hei de logo a verdade saber com meus olhos."
Tendo isso dito, saiu de entre os ramos o divo guerreiro;
quebra com mãos poderosas um galho da espessa floresta,
cheio de folhas vivazes, a fim de esconder as vergonhas.
Como leão montanhês avançou, que, na força confiado,
marcha, sem que possam ventos nem chuva detê-lo; cintilas
lançam-lhe os olhos; no rasto se atira de bois e de ovelhas,
ou mesmo corças silvestres; a fome a avançar o compele
contra rebanhos e, até, a exp'rimentar-se em curral bem fechado:
dessa maneira Odisseu se resolve a avançar para as moças
de belas tranças, pesar de estar nu; era força fazê-lo.
Desfigurado aparece-lhes pela salsugem marinha.

Elas, com susto, correram de um lado para outro, até a margem.
Somente a filha de Alcínoo ficou, pois lhe Atena infundira
grande coragem no peito, tirando-lhe o medo dos membros.
Ante Odisseu se detém, enquanto ele reflete, indeciso,
se, suplicante, os joelhos da bela menina abarcasse,
ou, como estava, de longe a implorasse com termos melífluos,
para mostrar-lhe a cidade e, também, qualquer roupa ceder-lhe.
Tendo assim, pois, refletido, afinal pareceu-lhe mais certo
de onde se achava, de longe, afetuosa linguagem falar-lhe,
não fosse a jovem zangar-se, ao querer abraçar-lhe os joelhos.
Por isso tudo, dá início ao discurso afetuoso e pensado:
"Os joelhos ora te abraço, senhora; és mortal ou divina?
Se uma das deusas tu fores, daquelas que o céu vasto habitam,
é a Ártemis, principalmente, de Zeus poderoso nascida,
que te comparo, na forma elegante e elevada estatura.
Mas, se pertences à raça dos homens que vivem na terra,
julgo três vezes feliz ser teu pai e sua nobre consorte,
três vezes, sim, teus irmãos. Quanto deve no peito estuar-lhes
o coração, por tua causa, movido de pura alegria,
ao contemplarem nos bailes criatura de tanta esbelteza!
Mas, sobre todos, feliz no mais íntimo aquele que a casa
vier a levar-te depois que exceler-se nos dotes da noiva,
pois os meus olhos jamais contemplaram tão nobre vergôntea
entre quaisquer dos mortais; reverente me deixa tua vista.
Uma só vez coisa igual contemplei: junto às aras de Apolo,
na ilha de Dela, rebento viçoso de esbelta palmeira.
Fora, também, até lá, acompanhado de séquito grande,
numa viagem que fonte de acerbo sofrer me seria.
Da mesma forma fiquei muito tempo enlevado em mirá-la,
pois uma planta como essa jamais pela terra nascera.
Dessa maneira te admiro, mulher, extasiado, mas temo

ir abraçar-te os joelhos, conquanto por males premido.
Ontem, após vinte dias, salvei-me do mar cor de vinho.
Todo esse tempo, trouxeram-me as ondas e as atras procelas
desde a ilha Ogígia. Afinal, arrojou-me um demônio a estas plagas,
para sofrer, porventura, mais dores. Não creio que estejam
para acabar-se, que os deuses, por certo, outros males me aprestam.
Por isso tudo, senhora, te imploro piedade; primeiro
que a ninguém mais te suplico na angústia, porque não conheço
dos habitantes nenhum, que demoram por estas paragens.
Mostra onde fica a cidade e um pedaço de pano me cede
para cobrir-me, se acaso o trouxeste envolvendo tua roupa.
Deem-te os deuses obter quantos bens no mais íntimo almejas,
casa e marido, assim como com ele viver em concórdia
sem semelhante, pois nada é mais grato, nem mais de almejar-se,
do que marido e mulher governarem, acordes, a casa,
em comunhão de vontades. Com isso os imigos se irritam,
mas os amigos exultam; ao máximo os dois rejubilam."
Diz-lhe Nausícaa, de cândidos braços, então, em resposta:
"Não me parece que sejas estulto nem mau, estrangeiro.
O próprio Olímpico Zeus dá variados presentes aos homens,
a todos eles, os bons e os ruins, como o peito lhe pede.
Deu-te, também, a tua parte; ora cumpre sofrer com paciência.
Visto, porém, teres vindo à cidade e país que habitamos,
necessitado de roupa não hás de ficar por mais tempo,
nem do restante que os pobres costumam pedir aos estranhos.
Hei de mostrar-te a cidade e dizer qual o nome do povo.
São os Feácios os que na cidade e na terra demoram.
Enquanto a mim, sou nascida de Alcínoo, de peito magnânimo,
que entre os Feácios impera e detém o governo e o comando."
Disse; e às escravas de tranças bem-feitas ordena, em seguida:
"Ora detende-vos, servas. Fugis só à vista de um homem?

Ou presumis que ele vem para nós com malévolo intento?
Nunca nasceu nenhum homem, que espere alcançar longa vida,
nem há de haver, que chegasse aos Feácios e à terra em que moram,
para algum dano causar-lhes, pois todos são caros aos deuses.
Nós a de parte moramos de todos, no mar cheio de ondas,
últimos seres humanos, sem termos contato com outros.
Este, porém, que nos chega, é estrangeiro infeliz e vagante, de quem
nos cumpre cuidar. Vêm de Zeus poderoso os mendigos
e os estrangeiros; embora pequenas, são gratas as dádivas.
Ora, criadas, ao hóspede dai alimento e bebida,
e ide banhá-lo no rio, em lugar protegido dos ventos."
A essas palavras as servas detêm-se e entre si se encorajam.
Para lugar abrigado, no rio, Odisseu conduziram,
como Nausícaa o ordenara, de Alcínoo magnânimo filha.
Para vestir-se puseram-lhe ao lado uma túnica e um manto,
e um frasco de ouro no qual óleo havia, com que se esfregasse,
e na corrente do rio o invitaram, depois, a banhar-se.
Mas o divino Odisseu às criadas falou deste modo:
"Ora afastai-vos um pouco, que eu mesmo a salsugem marinha
quero dos ombros tirar e esfregar-me, em seguida, com óleo,
pois o meu corpo, há bem tempo, carece de tantos desvelos.
É-me impossível banhar-me na vossa presença; envergonho-me
de desnudar-me na frente de moças de tranças bem-feitas."
Disse; afastaram-se as servas e foram contá-lo à donzela.
Lava-se, entanto, Odisseu na corrente, tirando da pele
toda a salsugem deposta no dorso e nas largas espáduas,
e dos cabelos a espuma empastada do mar infecundo.
Quando acabou de banhar-se e esfregar todo o corpo com óleo,
na roupa envolve-se que lhe a donzela pudica cedera.
Fê-lo ficar a nascida de Zeus, de olhos glaucos, Atena
muito mais digno de ver e mais forte, caindo-lhe os cachos

em caracóis, da cabeça, tal como os da flor do jacinto.
Do mesmo modo que artista perito derrama na prata
lâminas de ouro, discíp'lo que fora de Hefesto e de Palas
em variados misteres, e faz admiráveis trabalhos:
Palas, assim, na cabeça e nos ombros infunde-lhe graça.
Este, afastando-se, foi assentar-se na praia marinha,
resplandecente de graça e beleza. Admirou-o a donzela,
e dirigindo-se às servas de tranças bem-feitas lhes disse:
"Ora atendei ao que digo, criadas de cândidos braços.
Não é, decerto, contrário à vontade dos deuses, que habitam
o vasto Olimpo, ter vindo este herói aos deiformes Feácios.
Logo a princípio, em verdade, indivíduo vulgar pareceu-me;
mas vejo-o agora tal como um dos deuses, que moram no Olimpo.
Se me coubesse por sorte alcançar um marido como este
e lhe agradasse ficar aqui mesmo e entre nós ter morada!
Ora, criadas, ao hóspede dai alimento e bebida."
Obedientes, as servas fizeram como ela ordenara,
pondo bebida e alimentos ao lado do nobre guerreiro.
Com avidez o divino e sofrido varão come e bebe,
pois muitos dias havia que estava em jejum doloroso.
Outro artifício concebe Nausícaa de cândidos braços:
manda dobrar toda a roupa e depô-la no carro bem-feito,
fez que no jugo pusessem as mulas robustas, e sobe,
por sua vez, concitando Odisseu da maneira seguinte:
"Hóspede, agora me segue à cidade; desejo mostrar-te
onde reside meu pai valoroso. Verás lá reunidos
em sua casa os mais nobres senhores do povo Feácio.
Desta maneira procede; insensato não creio que sejas:
enquanto apenas cortamos por campos lavrados por homens,
segue de perto as donzelas e as mulas robustas e o carro,
com passo rápido; eu própria hei de à frente o caminho mostrar-te.

Alcançaremos depois a cidade e seus muros altivos;
ancoradouro aprazível em cada um dos lados ostenta;
é pouco larga a passagem entre eles; no seco se encontram
as naus simétricas, tendo cada uma um tendal ajustado.
A ágora vê-se, também, junto ao templo de linhas perfeitas
do deus Posido, construída com blocos cravados no solo.
Só com os pertences das naves escuras os homens se ocupam,
cordas e todo o velame, e também de falcar belos remos,
pois os Feácios, de fato, não cuidam de aljavas nem de arcos,
mas só de mastros e remos e naves de linhas simétricas;
isso para eles é festa, e vogar pelo mar pardacento.
Quero evitar comentários do povo; não vá censurar-me,
com ironia, um qualquer; insolentes não faltam na terra.
Pode bem ser que encontremos um desses, que diga, maldoso:
‘Quem será esse estrangeiro, que segue a Nausícaa, tão belo
e de tal porte? Onde o achou? Com certeza o escolheu para esposo.
É, porventura, transviado varão, que ela traz de um navio,
desses de terras longínguas, pois perto de nós ninguém mora,
ou qualquer deus que baixasse do Olimpo, atendendo a seus rogos,
a quem constante suplica; ora sempre ao seu lado vai tê-lo.
Foi bem melhor que ela própria quisesse buscar o consorte
em terra estranha, uma vez que despreza os rapazes Feácios.
Muitos a têm pretendido, entre os filhos mais nobres da terra.’
Isto, sem dúvida alguma, dirão, para minha vergonha.
Mas eu, também, censurara donzela que assim procedesse,
que à revelia dos que lhe são caros, dos pais ainda vivos,
aparecesse entre os homens, sem ter ainda as núpcias firmado.
Ora, estrangeiro, concede-me toda a atenção, porque possas
logo alcançar de meu pai companheiros, que à pátria te levem.
Perto da estrada hás de ver o magnífico bosque de Atena,
de negros álamos, onde há uma fonte; é cercado de um prado.

Nesse lugar tem meu pai um florido jardim, seu terreno,
que da cidade se encontra a distância somente de grito.
Senta-te e espera, até vires que tempo tivemos bastante
de penetrar na cidade e alcançar de meu pai o palácio.
Mas, logo que presumires que a casa tenhamos chegado,
podes, então, dirigir-te à cidade dos homens Feácios,
onde te cumpre indagar da morada de Alcínoo guerreiro.
Ela é mui fácil de ser conhecida; até ingênua criança
te indicará, pois nenhuma das casas dos outros Feácios
tem semelhança com essa em que mora o magnânimo Alcínoo.
Logo porém, que tiveres entrado na casa e no pátio,
corta através dos salões, porque o posto alcançar logo possas
de minha mãe, que se encontra sentada à lareira, fiando
lã cor de púrpura ao brilho do fogo, espetác'lo admirável.
Tem por encosto a coluna; por trás as criadas se encontram.
Junto a essa mesma coluna se vê de meu pai a poltrona,
onde costuma sentar-se, qual deus, a libar com bom vinho.
Não te detenhas aí, mas procura abraçar os joelhos
de nossa mãe, porque possas rever o teu dia da volta
sem mais demora, ainda mesmo que te aches mui longe da pátria.
Caso te escute e em seu peito propícia se mostre à tua sorte,
podes a esp'rança afagar de rever os amigos, e a casa
bem-construída voltar, assim como ao torrão de nascença."
Tendo assim dito, espertou com o brilhante chicote a parelha
de fortes mulas, que céleres deixam o curso do rio,
a percorrer o caminho, ora a trote, ora a passos medidos.
Mui cautelosa, as dirige Nausícaa, estalando o chicote,
para que as servas, bem como Odisseu, para trás não ficassem.
Punha-se o sol, quando todos o célebre bosque alcançaram
à deusa Atena sagrado, onde o divo Odisseu se deteve,
que logo faz suas preces à filha de Zeus poderoso:

“Ouve-me agora, ó donzela invencível, de Zeus proveniente!
Dá-me atenção, já que dantes embalde te envicei meus gemidos,
quando me fez naufragar o deus forte, que sacode a terra.
Faze que os Feácios de mim se apiedem e amigos se mostrem.”
Dessa maneira suplica Odisseu. Ouve-o Palas Atena,
mas não se atreve a visível ficar, porque ao tio paterno
teme, em verdade, o qual sempre e veemente se mostra indignado
contra o deiforme Odisseu, té que à pátria não fosse chegado.

CANTO VII

ENTRADA DE ODISSEU NA CASA DE ALCÍNOO

“Atena se faz presente para Odisseu e mostra-lhe a casa de Alcínoo. Odisseu, se aproximando, se lança aos joelhos de Arete, e pede para ela enviá-lo de volta à sua pátria. Alcínoo concorda, o coloca ao seu lado e lhe oferece comida. Arete reconhece as roupas e lhe pergunta de onde as conseguiu. Odisseu então lhes conta os acontecimentos desde a ilha de Calipso, seu naufrágio, sua chegada e que, pedindo, recebeu de Nausícaa as roupas.” (Scholie H V)

Dessa maneira o divino e sofrido Odisseu implorava.
Para a cidade a donzela levaram as mulas robustas.
Mas, quando em frente Nausícaa chegou do palácio paterno,
fê-las parar no portal. Os irmãos rodearam-na logo,
aos imortais semelhantes, e as mulas tiraram do carro,
indo, depois, toda a roupa levar para dentro da casa.
Para o seu quarto ela, então, se encaminha, onde lume lhe acende
Eurimedusa, nascida em Apira, sua velha servente,
que, havia muito, trouxeram da pátria os navios simétricos,
e para Alcínoo escolhida ficou como prêmio condigno,
pois comandava os Feácios, qual deus acatado entre o povo.
Fora por ela criada na casa a amorável Nausícaa.

Ora a lareira acendeu e aprestou o repasto da noite.
Para a cidade, no entanto, Odisseu se dirige, cercado
de bruma espessa, que Palas derrama, do herói cuidadosa,
não o encontrasse em caminho nenhum dos Feácios magnânimos,
que, porventura, o insultasse, ou quisesse saber quem ele era.
Mas, quando quase no ponto se achava da amena cidade,
a de olhos glaucos, Atena, ao encontro lhe veio na forma
de uma donzela, que um cântaro de água nos ombros trazia.
Ante o divino Odisseu se detém. Este aí lhe pergunta:
"Minha menina, não queres mostrar-me onde fica o palácio
do rei Alcínoo, que a todas as gentes da terra comanda?
Sou estrangeiro, provado em trabalhos infindos e grandes;
venho de terras longínquas, motivo por que desconheço
quem na cidade demora e que povo o país todo habita."
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Hóspede amigo, é mui fácil mostrar-te o palácio que buscas.
Fica bem perto da casa em que mora meu pai de alta fama.
Segue calado, que eu própria hei à frente o caminho indicar-te;
não te detenhas a olhar a ninguém, nem lhe faças perguntas.
Os moradores daqui não recebem nenhum forasteiro
de boa mente, nem dão acolhida aos que vêm de outras terras.
Sempre confiados nas céleres naus, atravessam velozes
o mar imenso. O que a terra sacode lhes deu tal ofício.
São-lhes as naus mais ligeiras que as asas e que o pensamento."
Palas Atena, depois que isso disse, se pôs a guiá-lo,
rapidamente; ele, empós, as pegadas da deusa seguia,
sem que os Feácios, amantes do remo, o tivessem sentido,
quando através da cidade e do povo passou. Isso impede
Palas, de tranças bem-feitas, a deusa potente, que névoa
prodigiosa lhe lança em redor, porque muito o estimava.
Vê, admirado, Odisseu as simétricas naves, os portos,

a ágora das reuniões dos heróis e os compridos, os altos
muros, providos de estacas, à vista espetác'lo soberbo.
Quando chegaram, porém, ao palácio admirável de Alcínoo,
a de olhos glaucos, Atena, lhe disse as seguintes palavras:
"Hóspede amigo, chegamos à casa que, há pouco, pedias
se te mostrasse. Num lauto festim hás de ver os regentes,
de Zeus discípulos. Vai para dentro, não mostres receio.
Quem tem coragem consegue levar a bom termo as empresas
em que se mete, ainda mesmo que venha de terra estrangeira.
Primeiramente, hás de a dona da casa encontrar na ampla sala.
Tem ela o nome de Arete; do mesmo casal ela veio
que o rei Alcínoo gerou, pois, de fato, Nausítoo primeiro
foi por Posido gerado, o que os muros da terra sacode,
e Peribeia, a mais linda entre todas as outras mulheres,
de Eurimedonte a caçula, dotado de espírito grande,
que entre os Gigantes altivos reinou nas idades passadas.
Mas ele mesmo a si próprio destruiu, com seu povo descrente.
Tendo-se à filha formosa ligado, Posido deu vida
ao dos Feácios regente, Nausítoo, de espírito grande.
De Rexenor e de Alcínoo, por último, o pai foi Nausítoo.
Sem descendente varão, por Apolo foi morto o primeiro,
recém-casado, deixando somente uma filha na casa,
de nome Arete, que Alcínoo, por fim, recebeu como esposa,
e com tão grande respeito a cercando, qual nunca na terra
se viu mulher, entre todas que as casas dos homens governam.
Dessa maneira foi ela estimada e ainda agora o está sendo
pelos seus filhos queridos e mais por Alcínoo, assim como
por todo o povo, que tal como deusa imortal a venera,
quando atravessa a cidade, e a festeja com ledos saudares.
É que, em verdade, tem muito bom senso: dirime as contendas
das que lhe são afeiçoadas e os próprios litígios dos homens.

Caso te escute e em seu peito propícia se mostre à tua sorte,
podes a esp’rança afagar de rever os amigos, e a casa
bem-construída voltar, assim como ao torrão de nascença.”
A de olhos glaucos, Atena, afastou-se ao dizer tais palavras,
por sobre o mar infecundo. Partindo da Esquéria amorável
Maratona se foi e a de estradas mui largas, Atenas,
ao de Erecteu bem-construído palácio. Odisseu, entrementes,
chega à morada esplendente de Alcínoo; detém-se volvendo
mil conjeturas, primeiro que a brônzea soleira passasse,
pois se espalhava um fulgor semelhante ao do Sol ou da Lua
pela morada de teto elevado de Alcínoo magnânimo.
De ambos os lados, cobertos de bronze, estendiam-se muros
desde a fachada até o fundo, encimados por friso azulado.
Portas com lâminas de ouro o palácio fechavam por dentro,
com seus batentes de prata apoiados em brônzea soleira.
Era de prata a arquitrave, porém era o anel todo de ouro.
De ouro e de prata, de cada um dos lados, dois cães se encontravam,
obra de Hefesto, que os tinha com arte extremada acabado,
para que a casa guardassem de Alcínoo, de peito magnânimo,
pois não se achavam sujeitos ao tempo, nem velhos ficavam.
Lá se encontravam poltronas postadas ao longo dos muros,
desde a fachada até ao fundo, em fileiras; por cima das mesmas
panos havia de fino lavor, das mulheres trabalho.
Tinham os chefes Feácios ali por costume sentar-se
para comer e beber; os banquetes duravam todo o ano.
De ouro se viam crianças em cima de altares bem-feitos,
sempre de pé, nas mãozinhas sustendo brilhantes archotes,
a iluminar toda a noite o palácio, durante os banquetes.
Eram cinquenta as escravas, que, ao todo, se achavam na casa;
delas, algumas os grãos alourados no moinho trituram;
outras, sentadas em filas, quais folhas de choupo altanado,

tecem no tear finas telas, ou fios no fuso preparam.
Da tecedura do linho bem-feito óleo líquido estila.
Do mesmo modo que os homens Feácios a todos se extremam
no governar os navios velozes no mar, as mulheres
sabem tecer com perícia, pois Palas Atena lhes dera
mente elevada e perícia em trabalhos de bela feitura.
Fora do pátio se encontra um jardim, logo ao lado da porta,
de quatro jeiras, cingido de todos os lados por sebes.
Árvores grandes se criam aí dentro, com viço admirável.
Veem-se pereiras, romeiras, macieiras, de frutos esplêndidos,
mais oliveiras viçosas e figos mui doces ao gosto.
Nelas jamais faltam frutos, nem nunca tais frutos se estragam;
já no verão, já no inverno, durante o correr do ano todo
Zéfiro faz que uns madurem, enquanto crescendo vão outros.
Seguem-se a peras mais peras; maçãs a maçãs substituem;
vêm depois da uva outras uvas, ao figo outros figos sucedem.
Para o monarca plantaram, também, uma vinha viçosa;
cachos alguns em lugares apricos e planos são postos
para secarem ao sol; outros são vindimados e, destes,
pouco pisados. Na parte anterior dessa vinha se encontram
cepas que flores desprendem; as uvas por trás já se coram.
Na parte extrema desse horto se encontram canteiros bem-feitos
de variados legumes, que verdes estão o ano todo.
Veem-se, também, duas fontes; por todo o jardim uma delas
é distribuída; outra passa por baixo da porta do pátio,
para o palácio elevado, onde o povo sói dela servir-se.
Estes os dons admiráveis, que os deuses a Alcínoo fizeram.
Para, a admirar o divino e sofrido Odisseu quanto via.
Mas, depois que se saciara na vista daquele espetáculo,
rapidamente atravessa o limiar e na casa penetra.
Os conselheiros e chefes do povo Feácio achou dentro,

que, com suas taças, libavam ao certeiro Argeifontes,
o que faziam por último, antes de vir-lhes o sono.
Corta através do palácio o divino e sofrido guerreiro,
na névoa espessa escondido, que Atena lhe em torno deitara,
té não ser junto de Arete e do rei dos Feácios, Alcínoo.
Corre a atirar-se Odisseu aos joelhos de Arete, e os abraça
no próprio instante em que a névoa envolvente de todo se espalha.
Os circunstantes quedaram silentes, ao verem um homem
dentro da casa; entreolharam-se todos. O herói lhe suplica:
"Filha do herói Rexenor, semelhante a um dos deuses, Arete!
Pós ter passado trabalhos sem conta, de ti me aproximo,
de teu esposo e dos outros convivas. Os deuses lhes deem
vida feliz, e que deixe cada um para os filhos tesouros,
que no palácio ajuntaram, bem como honrarias do povo.
Dai-me, porém, uma escolta, que à pátria, depressa, me leve,
pois sofrimentos suporto, há bem tempo, distante de casa."
Tendo isso dito, sentar-se foi ele à lareira, na cinza,
junto do fogo. As pessoas presentes ficaram caladas.
Mas, decorrido algum tempo, falou Equeneu valoroso,
que se prezava de ser o mais velho dos homens Feácios,
de muita e antiga experiência, e extremado em dizer bons discursos.
Cheio de bons pensamentos, diz ele, arengando, o seguinte:
"Ó rei Alcínoo, não julgo decente, nem belo, deixarmos
que um estrangeiro se sente no chão e na cinza, à lareira.
Os circunstantes aguardam somente que dês tu o exemplo.
Vamos! Levanta o estrangeiro e o conduze a sentar-se em poltrona
cheia de ornatos de prata; em seguida, aos arautos dá ordens
para que o vinho misturem, e todos a Zeus ofertemos,
fulminador, que acompanha em seus passos os nobres pedintes.
A despenseira repasto lhe apreste do que há no palácio."
Mal tais palavras ouviu, a de Alcínoo sagrada potência

toma a Odisseu pela mão, o prudente e solerte guerreiro,
fê-lo sair da lareira e num trono esplendente assentar-se,
donde mandou que seu filho saísse, o viril Laodamante,
que se encontrava a seu lado, e entre todos os mais distinguia.
Água lustral lhe ministra uma serva em gomil primoroso
de ouro, deixando-a cair sobre as mãos em bacia de prata,
pondo-lhe, em frente, depois, uma mesa de aspecto polido.
A despenseira zelosa aparece, que pão lhe reparte,
como, também, provisões abundantes lhe dá prazerosa.
Come à vontade, e assim bebe, o divino e sofrido guerreiro.
Vira-se, então, para o arauto a de Alcínoo sagrada potência:
"Ora, Pontónoo, mistura nas taças o vinho, e aos presentes,
sem exceção, distribui, porque votos a Zeus dirijamos,
fulminador, que acompanha em seus passos os nobres pedintes."
Disse; Pontónoo obedece, a melíflua bebida mistura,
distribuindo por todos os copos as sacras primícias.
Isso, porém, terminado e depois que à vontade libaram,
disse aos presentes Alcínoo, arengando, as seguintes palavras:
"Ora escutai-me, Feácios, que sois conselheiros e guias,
quanto vos digo e no peito me ordena falar-vos o espírito.
Já terminamos o nosso banquete, ide agora deitar-vos.
Mas amanhã, quando os nobres anciões estiverem reunidos,
receberemos em nosso palácio o estrangeiro e faremos
o sacrifício das vítimas sacras; depois decidamos
como aprestar-lhe o retorno, sem dores nem muitos trabalhos,
tendo Feácios por guia, até a terra natal o levarmos,
sem mais demora, ainda mesmo que se ache mui longe da pátria.
Possa livrar-se, até lá, de sofrer qualquer dor ou trabalhos,
antes de a terra nativa pisar. Uma vez lá chegado,
veja-se a braços com quanto o Destino e as molestas fiandeiras
desde o princípio teceram, ao ser pela mãe dado à vida.

Mas, se se trata de um deus que do céu tenha, acaso, descido,
é porque, então, os eternos de novo projeto se ocupam,
pois eles têm o costume de vir até nós, em pessoa,
quando hecatombes perfeitas nos nossos banquetes lhes damos,
parte tomando nos nossos convites, ao lado de todos.
Quando, também, um dos nossos na estrada, sozinho, os encontra,
de forma alguma lhe fogem, tão só por parentes lhes sermos,
como, igualmente, os Ciclopes e as tribos dos feros Gigantes.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Outros cuidados, Alcínoo, resolve no peito. De fato,
não me assemelho a nenhum dos eternos, que moram no Olimpo,
nem nas feições, nem na altura; sou simples mortal transitório,
tal como os homens que estais habituados a ver, experientes
no sofrimento; com esses, em dores, presumo igualar-me.
Sim, porventura maiores trabalhos pudera narrar-vos,
quanto sofri por desígnio de todos os deuses eternos.
Ora deixai-me comer, apesar da aflição em que me acho.
Nada se pode encontrar de mais cínico do que um molesto
ventre, de cuja existência é impossível jamais esquecer-nos,
por mais cansados que, acaso, estejamos e mais angustiados,
tal como agora se encontra minha alma. Vede: ele não cessa
de concitar-me a comer e beber, obrigando-me tudo
quanto hei sofrido esquecer, porque possa somente saciar-se.
Logo que a Aurora desponte, no entanto, a fazer apressai-vos
que a este infeliz seja dado pisar o país de nascença,
pós tantas dores. Termine-se ali minha vida, após isso,
depois de ver os meus bens, as escravas e a casa imponente.”
Isso falou. Os presentes aplaudem-no em peso, concordes
em repatriar o estrangeiro, porque tão razoável falara.
Isso, porém, terminado e depois que à vontade beberam,
foram deitar-se os convivas, cada um procurando sua casa.

Mas o divino e sofrido Odisseu continuou na ampla sala,
junto de Arete sentado e de Alcínoo, que um deus parecia.
Vêm as criadas e tiram a mesa servida na festa.
Foi a primeira a falar a de cândidos braços, Arete,
pois, reparando nos belos vestidos, no manto e na túnica,
viu serem eles os mesmos que com suas servas tecera.
E, começando a falar, lhe dirige as palavras aladas:
"Quero, estrangeiro, primeiro que todos, fazer-te perguntas:
Qual o teu nome? De onde és? Quem te deu essas roupas que trazes?
Não nos disseste que vieste até aqui, pelo mar sempre a nado?"
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
"Mui delicado, ó rainha, seria contar-te sem falhas
todos os males, que a mim propinaram os deuses eternos.
Mas a informar-te de tudo o que queres saber me disponho.
Muito distante, no mar, vê-se uma ilha, que Ogígia se chama,
onde demora a ardilosa Calipso, de tranças bem-feitas,
filha de Atlante. É uma deusa terrível, com quem convivência
não tem criatura nenhuma, nem mesmo nenhum dos eternos.
Somente a mim, o infeliz, um demônio até lá conduziu-me
no meu navio veloz abraçado, que Zeus atingira
longe, no mar cor de vinho, fendendo-o com o raio brilhante.
Todos os meus companheiros valentes aí pereceram;
eu, no entretanto, abraçando-me à quilha da nave simétrica,
por nove dias vaguei; mas, na noite do décimo, os deuses
à ilha de Ogígia me fazem chegar, onde mora Calipso,
de belas tranças, a deusa funesta, que, sempre bondosa,
alimentou-me e acolheu-me e me disse, com muitos afagos,
que me faria imortal e liberto das cãs para eterno.
O coração no imo peito, porém, jamais pôde abalar-me.
Por um setênio contínuo ali estive detido, com lágrimas
sempre a banhar os vestidos eternos, que a deusa me dera.

Mas, depois que, no transcurso do tempo, chegou o oitavo ano,
ela incitou-me, ordenando seguir, sem delongas, de viagem
ou por desígnio de Zeus, ou porque se mudasse ela própria.
Numa jangada bem-feita deixou-me partir, tendo posto
nela bom vinho e alimento; com roupa divina vestiu-me.
Fez que soprasse, em seguida, um bom vento, propício e agradável.
Dias singrei dezessete no dorso do mar, desse modo;
mas, no seguinte, desta ilha surgiram os montes escuros.
Já o coração se alegrava no peito do triste coitado;
tinha porém de passar muitos outros reveses, sem conta,
que de Posido me vinham, que os muros da terra sacode.
Desencadeou ventos fortes, que a viagem de todo impediram;
o mar imenso agitou, sem que as ondas, sequer, permitissem
que da jangada pudesse valer-me na minha desdita,
pois a procela a desfez. Vi-me, pois, a avançar obrigado,
sempre nadando, através da voragem, até que à paragem
em que habitais me lançaram os ventos e as ondas marinhas.
Para alcançar terra firme, forçaram-me as ondas violentas
contra uns imanos rochedos, na costa de aspecto tristonho.
Retrocedendo, porém, novamente nadei, até ver-me
na foz de um rio, onde quis parecer-me lugar apropriado,
por ser sem pedra nenhuma e abrigado da força dos ventos.
Quase sem vida caí sobre o solo ao baixar a divina
Noite. Depois afastei-me do rio, do céu oriundo,
para ir dormir sobre um monte de folhas, que eu próprio ajeitara,
entre uns arbustos; um deus me infundiu profundíssimo sono.
Nesse lugar, entre as folhas, dormi, apesar do cansaço,
toda essa noite e a seguinte manhã, té a metade do dia.
O doce sono de mim se apartou, quando o Sol se deitava.
Foi nesse instante que vi sobre a praia a brincar as criadas
de tua filha, que entre elas estava qual deusa inefável.

Aproximei-me e falei-lhe; mostrou ser dotada de juízo,
como jamais esperara que jovem por essa maneira
me respondesse, que os moços estúrdios são sempre e insensatos.
Deu-me à vontade alimentos e vinhos de rútilo aspecto;
fez-me no rio banhar e, por fim, me brindou com estas roupas.
Eis a verdade de tudo, apesar da aflição que me oprime."
Disse-lhe Alcínoo, depois, em resposta, as seguintes palavras:
"Hóspede, ao menos num ponto, razoável não foi minha filha,
em não te haver, juntamente com as servas, trazido ao palácio,
visto ter sido a primeira pessoa de quem te acercaste."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
"Não repreendas, guerreiro, tua filha por esse motivo.
Ela, de fato, me disse que viesse com suas escravas;
mas eu não quis, por vergonha e, também, por achar-me receoso
de que pudesses ficar irritado, ao nos veres sozinhos.
São mui propensos à cólera os homens nascidos da terra."
Disse-lhe Alcínoo, depois, em resposta, as seguintes palavras:
"Não é costume, estrangeiro, exaltar-se, sem causa, no peito,
meu coração. Preferível é ser moderado nas coisas.
Fosse do gosto de Zeus, e de Palas Atena, e de Apolo,
que, desse modo, qual és, compartindo de meus pensamentos,
como mulher minha filha escolhesses e fosses chamado
meu genro aqui. Um palácio dar-te-ia, bem como riquezas,
se, de bom grado, ficasses, pois contra a vontade os Feácios
não te detêm. Tal conduta seria por Zeus condenada.
Sobre a tua volta, fixei-lhe o momento, porque bem o anotes:
para amanhã; pois, enquanto dormires um sono profundo,
hão de cortar o mar brando os meus homens, a fim de levar-te
à tua pátria e ao palácio, ou onde quer que te seja agradável,
mesmo que esteja situada mais longe que a terra de Eubeia,
que é a mais distante de todas, segundo o referem dos nossos

quantos a viram, no tempo em que foram levar Radamanto
para que a Tício visita fizesse, o nascido de Geia.
Mas conseguiram chegar até lá, sem cansados ficarem,
no mesmo dia, e fazer o percurso até aqui, de retorno.
Por experiência hás de ver quanto os nossos navios são ótimos
e hábeis os moços no ofício de as ondas cortar com seus remos."
Disse. Com isso o divino e sofrido Odisseu alegrou-se
e a suplicar começou de dizer as seguintes palavras:
"Possa, ó Zeus pai, realidade tornar-se isso tudo que Alcínoo
me prometeu! Que na terra fecunda de trigo sua glória
seja infinita, e que eu chegue a alcançar meu país de nascença!"
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos diziam.
Foi quando Arete, de cândidos braços, mandou às criadas
que sob o pórtico o leito lhe armassem, com bons travesseiros,
de cor purpúrea forrado e coberto, também, com tapetes,
para, por último, os mantos velosos por cima assentarem.
Elas saíram da sala, sustendo nas mãos os archotes.
Ao acabarem de o leito bem forte aprontar, foram todas
té onde se achava Odisseu, e por esta maneira o invitaram:
"Vai, estrangeiro, deitar-te, que pronto já se acha o teu leito."
Por esse modo falaram; mui grato lhe foi o descanso.
Dessa maneira dormia o divino e sofrido guerreiro
num leito belo e entalhado, debaixo da sala sonora.
Deita-se Alcínoo, também, no interior do seu alto palácio, onde a consorte
comparte do leito e colchões que ajeitara.

CANTO VIII

RECEPÇÃO DE ODISSEU PELOS FEÁCIOS

“Faz-se uma assembleia dos Feácios acerca do estrangeiro e um navio é preparado para enviar Odisseu. Os nobres Feácios jantam na casa de Alcínoo. Depois disso, os Feácios e Odisseu competem com o disco. Então, Demódoco canta primeiro acerca do *Adultério de Ares e de Afrodite*, depois acerca da entrada do *Cavalo de Madeira.* Odisseu chora e Alcínoo pergunta por que ele chora, quem ele é e de onde vem.” (Scholie H V)

Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
prestes do leito se ergueu o poder consagrado de Alcínoo
e, juntamente, o divo Odisseu, eversor de cidades,
a quem servia de guia o poder consagrado de Alcínoo
para o conselho, na praça, que perto das naus construíra.
Todos se foram sentar nos assentos de pedra polida,
bem juntos. Palas Atena, no entanto, percorre a cidade
sob a exterior aparência do arauto de Alcínoo sensato,
determinada em mandar o divino Odisseu para casa.
E, apresentando-se a todos, dizia-lhe estas palavras:
“Ide, Feácios, que sois conselheiros e guias do povo,
ide ao conselho, na praça, porque conheçais o estrangeiro,

hóspede novo de Alcínoo prudente, depois de jogado
no vasto mar, sem destino. Parece um dos deuses eternos.”
Essas palavras em todos o ardor e o desejo excitavam.
Logo se encheram os bancos da praça de gente, que vinha
de toda parte. Forçoso lhes era admirar, espantados,
o filho astuto de Laertes, porque pelas largas espáduas
graça divina derrama-lhe Atena e por sobre a cabeça,
forte e mais alto deixando-o que um homem, de bela aparência,
para que fosse possível tornar-se estimado de todos,
considerado e temido, e também vencedor nos certames
múltiplos, quando os Feácios quisessem medir-se com ele.
Logo que se reuniram e juntos os viu na assembleia,
disse aos presentes Alcínoo, arengando, as seguintes palavras:
“Ora escutai-me, Feácios, que sois conselheiros e guias,
quanto vos digo e no peito me ordena falar-vos o espírito.
Este estrangeiro que vedes — ignoro-lhe o nome — buscou-me,
ou do nascente errabundo, ou dos homens que ficam no ocaso.
Súplice pede que à pátria o enviemos por modo seguro.
Como de nosso costume, aprestemos-lhe logo a partida.
Nunca pedinte nenhum, tendo vindo ao palácio em que habito,
dele magoado sairá, por lhe havermos negado retorno.
Eia! Nau negra lancemos, sem mora, à corrente divina,
nova e sem uso. Cinquenta e mais dois marinheiros se escolham
entre os da classe do povo; os melhores e mais comprovados.
Logo que os remos fixados tiverdes em todos os bancos,
vinde de novo. Depois preparai, sem demora, o banquete
dentro da minha morada, que a todos contente ofereço.
Isso aos rapazes inculco; mas vós, ó cetrados regentes,
todos deveis reunir-vos no belo palácio em que habito,
para que o hóspede seja por modo condigno acolhido.
Não se recuse ninguém. Mandai vir o divino Demódoco,

o aedo que obteve os deuses poder deleitar-se com a música,
como lhe pede o furor, que no peito a cantar o estimula.”
Tendo isso dito, se ergueu; os cetrados regentes o imitam,
sem exceção; ao divino cantor foi buscar logo o arauto.
Tal como fora ordenado, cinquenta e mais dois escolheram
moços do povo, que a areia do mar infecundo já pisam.
Logo que foram chegados ao mar e ao navio, puxaram
para bem longe da praia, em mar fundo, essa nau de cor negra.
Mastro lhe fixam; depois, neste, a vela, cuidando, em seguida,
de nos toletes os remos prender com estropos de couro,
tudo de acordo com as regras, e a cândida vela desprendem.
Longe da praia ancoraram; depois, sem demora, de novo
para o palácio esplendente se foram, de Alcínoo sensato.
Pórticos, salas e pátios de gente infinita se encheram,
velhos alguns, outros moços, que muitos ao paço afluíram.
Ordens tiveram do rei de matar doze nédios carneiros,
oito cevados de dentes recurvos e dois bois tardonhos.
Ledos lhes tiram os couros e o grato banquete adereçam.
Já pelo arauto trazido o cantor divinal se aproxima,
que tanto a Musa distingue, e a quem males e bens concedera:
tira-lhe a vista dos olhos, mas cantos sublimes lhe inspira.
Junto de uma alta coluna, em cadeira de enfeites de prata
fê-lo Pontónoo sentar-se, no meio dos ledos convivas.
Prende-lhe o arauto o sonoro instrumento num gancho, que estava
por sobre a sua cabeça, e lhe ensina aonde a mão levantasse
para alcançá-lo. Coloca-lhe ao lado uma mesa e uma cesta,
perto uma jarra com vinho, porque ele à vontade bebesse.
Todos as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
a Musa logo o incitou a falar sobre os feitos dos homens, gestas
de heróis, cuja fama o alto céu, nesse tempo, atingira,

a dissensão entre Aquiles Pelida e Odisseu, tão falada,
quando no lauto banquete dos deuses os dois se avieram
com feios e ásperos ditos. Alegra-se no íntimo o chefe
de homens, o Atrida Agamémnone, ao ver que os melhores brigavam
entre os Aquivos, que assim profetado lhe fora por Febo
no templo sacro de Pito, ao transpor-lhe a soleira de pedra
para a consulta. Este o ponto inicial das desgraças que sobre
Dânaos e Teucros rolaram, segundo de Zeus o decreto.
  Isso narrava o famoso cantor. Odisseu, entrementes,
com as mãos fortes o manto de púrpura para a cabeça
puxa, encobrindo-a com o fim de esconder as feições majestosas.
Envergonhava-se, sim, de que o vissem chorar os Feácios.
Sempre, porém, que o divino cantor a canção terminava,
ei-lo que o rosto de novo descobre, enxugando-lhe as lágrimas,
e a taça em punho, adornada com alças, aos deuses oferta.
Mas, se de novo retorna à canção, aplaudido e animado
pelos mais nobres Feácios, a quem seu cantar comprazia,
volta Odisseu a gemer, escondendo outra vez a cabeça.
Dos convidados nenhum percebera que pranto vertia,
com exceção só de Alcínoo, que atento notara o ocorrido,
pois se encontrava ao seu lado e lhe ouvia os gemidos do peito.
Logo a seguir os Feácios, amantes do remo, concita:
  “Ora escutai-me, Feácios, que sois conselheiros e guias;
já temos todos saciado a vontade nos dons do banquete,
como, também, nas canções, que acompanham os lautos repastos.
Ora saiamos da sala e passemos às provas atléticas,
para que possa o nosso hóspede, quando entre os seus encontrar-se,
de volta à pátria, contar como em todos os jogos primamos,
no pugilato e na luta, no salto e no rápido curso.”
  Diz e levanta-se; em massa os cetrados regentes o imitam.
Foi pelo arauto num gancho prendido o instrumento sonoro;

toma o cantor pela mão e o conduz para fora da sala,
a percorrer o caminho, que todos os outros faziam
dos mais notáveis Feácios, com o fim de admirar as disputas.
Ei-los que vão para a praça, de povo infinito seguidos.
Moços se aprestam em número imenso, de nobre prosápia.
Alça-se Acrôneo, seguido do forte Nauteu e de Ocíalo,
mais Elatreu, Eretmeu e Primneu; depois deste Anquíalo,
Anabesíneo, Ponteu, depois desses Prooreu, o ágil Tóone
e o guapo Anfíalo, filho do grande Políneo Tectônida.
Alça-se Euríalo, filho de Náubolo, herói de presença
como a do deus Ares forte e que, após o viril Laodamante,
entre os Feácios primava na forma exterior impecável.
Três belos filhos de Alcínoo, de forma perfeita, se adiantam:
Hálio, Clitôneo, que a um deus se assemelha, e o viril Laodamante.
Pés, em primeiro lugar, exp'rimentam em rápidos cursos.
Partem do ponto fixado e à carreira dão logo começo;
rapidamente prosseguem, do solo a poeira se eleva.
Prima entre todos no rápido curso o perfeito Clitôneo.
Quanto consegue uma junta de mulas arar sem deter-se
um sulco apenas, aos mais se avantaja e da meta aproxima-se.
Logo depois se exp'rimentam nas lutas, que dores produzem.
Conquanto fortes, se viram vencidos os mais por Euríalo;
salta mais longe que todos os outros rapazes Anfíalo;
mas Elatreu vence a todos, com longe jogar o seu disco.
No pugilato, o viril Laodamante, de Alcínoo nascido.
Mas, depois que deleitaram com os jogos seus nobres espíritos,
diz Laodamante, o viril descendente de Alcínoo, o seguinte:
"Vamos, amigos, pergunte-se agora ao estrangeiro se sabe
ou se aprendeu qualquer jogo. Seu todo não mostra ser fraco.
Vede quão fortes as coxas e as pernas e, mais ainda, os braços;
vede-lhe o forte pescoço, são mostras de força. Nem mesmo

lhe falta o viço dos anos, senão que os trabalhos o abatem.
Sim, não conheço mais duro trabalho, que a luta nas ondas;
prostra qualquer que até então se prezasse de forte e robusto.”
Disse-lhe Euríalo, então, em resposta as seguintes palavras:
“Sim, Laodamante, estas tuas palavras são muito oportunas.
Chama-o tu mesmo; aproxima-te e faze o convite adequado.”
Logo que ouviu tal conselho, avançou para o meio do campo
o que de Alcínoo nascera, e a Odisseu deste modo interpela:
“Hóspede pai, exp’rimenta, também, vir medir-te conosco
se qualquer jogo aprendeste; é forçoso que algum também saibas,
que maior glória não há para um homem, enquanto está vivo,
do que nas lutas das mãos ou dos pés sair sempre galhardo.
Vamos! dissipa as tristezas do peito e abalança-te à prova.
Por muito tempo não tens que esperar o retorno, que a nave
já está provida e no mar, e escolhidos os teus companheiros.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Qual, Laodamante, o motivo de assim me atirares remoques?
De preferência a desporto, meu peito dá abrigo a tristezas,
que hei tantos males e tanto infortúnio contínuo sofrido.
Ora me encontro no vosso congresso, a esperar que me enviem
de volta à pátria, a implorar o regente e, com ele, o seu povo.”
Lança-lhe Euríalo a réplica, então, da seguinte maneira:
“Hóspede não te assemelhas a um homem que entenda de jogos,
como é costume entre as gentes, que folgam no seu exercício,
mas ao que folga viajar em galeras, de bancos providas,
chefe de chusmas, que vive a mercar, tão somente, nos barcos,
só tendo em mente o seu lucro e o que possa trazer de tornada,
ganho com fraude. De fato, não tens aparência de atleta.”
Com torvo aspecto lhe disse Odisseu, o guerreiro solerte:
“Não te expressaste com senso; assemelhas-te a homem protervo.
Bem se depreende que os deuses não cedem a todos os homens

dons primorosos, ou seja na forma, no engenho, ou eloquência.
Este, na forma exterior, pode ser de aparência somenos,
mas recompensam-no os deuses com o dom da palavra; os que o veem
sentem prazer indizível, pois ele, com gesto seguro,
sempre se expressa modesto e se exalta da turba indistinta.
Se pelas ruas passeia, honrarias divinas recolhe.
Aos imortais outros são, na aparência exterior, semelhantes,
mas são privados seus ditos da graça, que os torna aceitáveis,
tal como tu; na aparência sem mácula; doutra maneira
nem mesmo um deus te gerara; mas frívolo tens o intelecto.
Eis que fizeste abalar-me no peito com teus ditos fúteis
o coração; inexperto não sou, como inculcas maligno,
em nenhum jogo. Ufanava-me, é certo, de ser dos primeiros,
quando confiava no viço da idade e na força do braço.
Hoje, os trabalhos e as dores me abatem, que muito hei sofrido,
tanto nas lutas dos homens, bem como nas ondas penosas.
Seja, porém! Apesar do sofrer que refiro, desejo
exp’rimentar-me; tua fala mordaz conseguiu decidir-me.”
Disse; e assim mesmo vestido com o manto, tomou dum dos discos,
bem mais espesso e maior, e de peso excedente ao dos outros
quantos folgavam jogar os Feácios amantes do remo.
Fê-lo girar à sua volta e soltou-o da mão poderosa.
Zune o projétil; admiram-se todos no campo dos jogos,
esses Feácios amantes do remo e famosos nos mares,
ante a violência do tiro, pois todas as marcas dos outros
ultrapassou, ao soltar-se do punho. Sob forma de um homem,
Palas Atena coloca o sinal e, falando, lhe disse:
“Hóspede, até mesmo um cego o sinal acertar poderia
só com o tato, porque não se encontra no meio dos outros,
mas muito à frente. Coragem, portanto, que, aqui, já venceste.
Tanto, os Feácios não jogam; jamais poderão superar-te.”

Disse; alegrou-se o divino Odisseu, sofredor de trabalhos,
ao perceber que nos jogos alguém se encontrava ao seu lado.
E, para os Feácios voltando-se, diz, aliviado, o seguinte:
"Vamos, rapazes! Tão longe acertai, pois em breve pretendo
com outro lanço alcançar esse ponto, ou, quiçá, outro adiante.
Quanto aos demais exercícios, quem quer que se atreva a compita,
venha medir-se comigo, já que me irritastes sobejo.
No pugilato, ou na luta, ou nos pés, a nenhum me recuso;
lanço o meu repto a qualquer, excetuando o viril Laodamante.
Hóspede sou em sua casa; quem quer com o amigo medir-se?
Somente um tolo, por certo, e privado de vez do bom senso,
fora da pátria, como eu neste instante, ousará pôr-se em luta
com quem o hospeda, a si mesmo se expondo a funesto perigo.
Quanto aos demais, não recuso ninguém, nem lhe lanço desprezo;
sim, conhecê-los desejo e, também, face a face prová-los.
Não sou bisonho em nenhum desses jogos, que os homens aprovam;
sei manejar, como poucos, o arco lavrado e brunido;
posso acertar em qualquer, que se encontre nas filas cerradas
dos inimigos, embora ao meu lado, também, muitos outros
dos companheiros atirem. Primeiro que todos o atinjo.
Só Filoctetes podia gabar-se de no arco exceder-me,
quando os Aquivos seus arcos usavam nas plagas de Troia.
Forte e prestante me prezo de ser muito mais do que quantos
nos dias de hoje se arrastam no solo e de pão se alimentam.
Quanto aos heróis primitivos, não quero medir-me com eles,
nem o grande Êurito, nado na Ecália, nem mesmo o forte Héracles,
que se mediram no tiro até mesmo com os deuses eternos.
Êurito, o grande, porém, morreu cedo; não viu a velhice
em sua casa, que Apolo, indignado, o privou da existência,
pois lhe lançara, insensato, um cartel para a prova do tiro.
Quanto ao remesso da lança, ultrapasso a baliza do archeiro.

Temo, somente, que possam no curso vencer-me os Feácios;
terrivelmente me sinto abatido das ondas infindas,
visto faltar-me constante o exercício na nave em que estive
todo esse tempo; cansados e frouxos os músculos sinto.”
Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram;
somente Alcínoo lhe disse, em respostas, as seguintes palavras:
“Hóspede, as tuas palavras em nada nos causam desgosto.
Queres mostrar-nos, sem dúvida, qual o valor que te é próprio,
mui justamente zangado por veres que alguém te magoa
nos nossos jogos. Ninguém, que costume falar com prudência,
o teu falar, estrangeiro, tachar poderia de nulo.
Ora atenção me concede que possas as minhas palavras
a outros heróis transmitir, quando em casa estiveres de novo
banqueteando-te ao lado da esposa querida e dos filhos,
e te lembrares de nossos primores, de tudo o que viste,
tal como Zeus cultivar nos permite de tempos avitos.
No pugilato não nos distinguimos, nem mesmo na luta,
mas na carreira veloz e em navios de rápido curso.
Sempre prezamos o toque da cítara, a dança e os banquetes,
vestes poder variar, banhos quentes e leito macio.
Eia, Feácios, que vos distinguis no compasso das danças,
dai logo início a elas todas, que o hóspede aos seus anuncie,
quando à sua pátria voltar, a que ponto aos demais superamos,
não só no remo, senão na carreira, na dança e no canto.
Tragam, também, sem demora a Demódoco sua harpa sonora,
que, porventura, se encontra num canto qualquer do palácio.”
Tais as palavras de Alcínoo deiforme. Entrementes, o arauto
corre a buscar no interior do palácio o cavado instrumento.
Nove juízes preclaros, também, se levantam agora,
entre os do povo, que tudo dispõem segundo os preceitos.
Plano o terreno da dança deixaram o livre do povo.

Já pelo arauto trazido, chegava o instrumento canoro,
para o cantor; a seguir, até o meio Demódoco avança;
cercam-no jovens em flor, sabedores dos passos da dança.
Batem com os pés sobre solo divino. Odisseu admirava
no coração bem-formado as pancadas dos pés, bem-ritmadas.
Toma o cantor do instrumento e começa a cantar os amores
de Ares, o deus poderoso, e Afrodite do belo diadema,
e como dentro da casa de Hefesto consegue a ela unir-se
às escondidas. Presentes lhe dá, té que o leito enxovalha
do soberano. Mas Hélio foi pronto em trazer a notícia,
pois tudo vira de longe e os amores dos dois presenciara.
Logo que soube a notícia pungente, atirou-se o ferreiro
para a oficina, a volver dentro da alma um conceito sinistro.
Põe sobre o cepo a bigorna tamanha, e cadeias apresta
tão infrangíveis quão fortes, a fim de que os dois fossem presos.
Mal concluiu a armadilha, lembrado colérico de Ares,
foi para o quarto, onde armado se achava o seu leito querido;
põe as cadeias em círc'lo, a apanhar a armação por completo,
outras, também, penduradas do teto e a cair para o solo,
tal como teia de aranha, que nunca ninguém percebesse,
nem mesmo os deuses beatos, com tanto artifício as urdira.
Logo que a rede invisível à volta do leito distende,
finge que vai para Lemno, cidade de bela estrutura,
que mais prezava entre quantas na face da terra existiam.
Mas não vigiava debalde a deidade que traz rédeas de ouro,
Ares, ao ver que já Hefesto, o ferreiro famoso, saíra.
Cheio de ardor, para unir-se à Citereia de bela coroa,
logo procura a morada de Hefesto, o notável ferreiro.
Ela chegara de pouco da casa do pai, o fortíssimo
Cronida, e sentada se achava, quando Ares entrou no quarto.
Com gracioso meneio lhe toma da mão e lhe fala:

“Vamos, querida, ao prazer inefável do leito entregar-nos.
Não se acha em casa o ferreiro; a estas horas se encontra a caminho
do povo Síntio de língua travada, que em Lemno demora.”
Isso falou. De bom grado resolve subir para o leito,
onde ambos, logo, se foram deitar; mas, de súbito, a rede
artificiosa os colheu, por Hefesto astucioso aprestada,
sem que pudessem mover um só membro, ou, sequer, levantar-se.
Força lhes foi concordar que era inútil tentar a fugida.
Eis que lhes surge na frente a figura do coxo notável,
já de retorno da estrada, que a Lemno não tinha chegado.
Hélio de guarda ficara por ele, e contara o ocorrido.
Aproximou-se de casa, a sentir grande angústia no peito;
fica de pé na soleira e, de cólera cheio, rebenta
num grande grito, espantoso, que todos os deuses ouviram:
“Zeus pai! E vós, ó bem-aventuradas deidades eternas,
vinde assistir a espetác’lo que, sobre risível e indigno,
é insuportável. A filha de Zeus, Afrodite, não cessa
de desonrar-me com Ares nocivo, por ver sou coxo.
A Ares nocivo ela tem afeição, por ser belo e bem-feito;
eu, nasci coxo e malfeito; mas culpa não tenho de tanto;
sim, meus dois pais; melhor fora se nunca me houvessem gerado.
Vede esses dois, como dormem, nos laços do amor abraçados,
tendo ao meu leito subido, espetáculo aos olhos odioso.
Mas quero crer que não hão de jazer por mais tempo na cama,
mesmo que se amem muitíssimo; em breve não mais terão gosto
de repousar. Com cadeias e astúcia detidos os tenho,
té que seu pai me devolva os presentes que eu dei, como dote,
quanto paguei pela compra da filha de olhar impudente,
que se, de fato, é bonita, carece, realmente, de pejo.”
Disse; os mais deuses afluíram à casa de sólio de bronze.
Veio Posido que a terra sacode; depois chegou Hermes,

o que traz sorte; e Apolo certeiro, que as setas remessa.
Só se abstiveram as deusas mimosas, que pejo sentiram.
Eis que ao vestíbulo os deuses já chegam, dadores de prendas.
Ao contemplar o artifício, que Hefesto astucioso forjara,
em gargalhada atroante romperam os deuses beatos.
Entanto, um deles aos outros se inclina, e maldoso profere:
"Vício nenhum produz bem; ao veloz vencer pode o moroso;
tal como Hefesto que, embora claudique, alcançou facilmente
Ares, que todos os deuses do Olimpo ultrapassa no curso.
Coxo, de fato, mas hábil; a multa vai o outro pagar-lhe."
Dessa maneira, em colóquio, entre si tais conceitos diziam.
Disse para Hermes Apolo, nascido Zeus, o seguinte:
"Hermes, ó filho de Zeus, mensageiro e dador de presentes,
desejarias sentir-te enleado nas fortes cadeias,
tendo ao teu lado, deitada no leito, a divina Afrodite?"
Dando-lhe logo a resposta, retruca-lhe o guia brilhante:
"Ó rei Apolo, que longe remessas as setas, prouvera
que tal se desse, com três vezes mais desses elos em torno,
e os deuses todos e as deusas à volta estivésseis olhando,
contanto que me deitasse no leito com a áurea Afrodite."
Num cascalhar de risadas os deuses eternos rebentam.
Entre eles todos, somente Posido não ria, pedindo
ao fabro Hefesto notável que de Ares os elos tirasse.
E, começando a falar, lhe dirige as palavras aladas:
"Solta-o; prometo, na frente dos deuses, que a soma devida
paga terás dentro em breve, conforme o desejas e é justo."
Disse-lhe, então, em resposta, o deus coxo e notável artista:
"Ó deus Posido, que a terra sacodes, não mandes tal coisa!
Fraca demais é a palavra, se um grande a um pequeno se empenha.
Como é possível que eu venha a obrigar-te perante os mais deuses,
uma vez que Ares consiga da multa e dos elos livrar-se?"

Disse-lhe, entanto, Posido, que a terra, violento, sacode:
"Mesmo que do ônus da dívida, Hefesto, possa Ares livrar-se,
por não pagá-la, prometo que eu mesmo por ela respondo."
Disse-lhe, então, em resposta, o deus coxo de braços possantes:
"Não fica bem recusar-me a aceitar o penhor, que apresentas."
Tendo isso dito, soltou as cadeias a força de Hefesto.
Logo que os dois se sentiram libertos dos fortes liames,
eis que de pé se puseram. Na rota de Trácia atirou-se
Ares, ao passo que a Chipre Afrodite, dos risos amante,
foi, onde em Pafo se encontram seus bosques e altar rescendente.
Logo depois de a banharem e ungirem as Graças com óleo
sacro e perene, tal como se evola do corpo dos deuses,
ricos vestidos lhe vestem, que a vista de todos encanta.
Dessa maneira cantava o notável aedo. Em sua alma
muito folgava Odisseu ao ouvi-lo cantar, assim como
todos os nautas Feácios, que os remos compridos manejam.
Manda o monarca que Alio e o viril Laodamante sozinhos
fossem bailar, pois ninguém poderia com eles medir-se.
Braços estendem sem mora, e da bola bonita e purpúrea
pegam, que Pólibo, o sábio para eles com arte fizera.
Lança-a um dos dois contra as nuvens escuras, enquanto, inclinando-se
bem para trás, consegue o outro apanhá-la ainda em cima, num salto,
antes de haver, de retorno, tocado com os pés no chão duro.
Tendo assim, pois comprovado a perícia no lanço da bola,
passam, então, a bailar sobre a terra fecunda, trocando
vezes sem conta de posto. Rapazes batiam compasso
dentro do campo dos jogos, atroando com os baques a terra.
Vira-se, então, o divino Odisseu para Alcínoo e lhe fala:
"Ó rei Alcínoo, entre todos ilustre e ornamento do povo!
Vangloriaste-te certo, de serdes na dança os mais hábeis.
Eis que o provaste sobejo; pasmado contemplo isso tudo."

Disse; alegrou-se, com isso, o sagrado poder do alto Alcínoo;
Volta-se para os Feácios, amigos do remo, e lhes fala:
"Ora escutai-me, Feácios, que sois conselheiros e guias;
muito sensato parece-me ser o estrangeiro, que vedes.
Como do estilo, os presentes da hospitalidade aprestemos.
Doze regentes ilustres aqui participam do mando,
chefes de tribos; o número treze por mim é perfeito.
Cada um de vós traga um manto bem limpo, assim como uma túnica,
de ouro um talento, também, do mais puro e prezado entre todos,
para que um monte façamos, e o ilustre estrangeiro nos braços
tudo receba, e contente depois ao banquete nos siga.
Reconcilie-se Euríalo logo, com termos corteses
e com presentes, porque não falou como impõe a justiça."
Isso disse ele. Aplaudiram-no todos os chefes, mandando
logo os arautos buscar os objetos aqui nomeados.
Mas, nisso, Euríalo toma a palavra e lhe diz, por seu lado:
"Ó rei Alcínoo, entre todos ilustre e ornamento do povo!
Reconciliar-me com o hóspede quero eu também, atendendo-te.
Dou-lhe esta espada, que é toda de bronze, com punho de prata,
e com bainha de puro marfim, entalhada a capricho,
há pouco tempo; ser-lhe-á, com certeza, presente de preço."
Disse; e nas mãos de Odisseu pôs a espada de cravos de prata
ao tempo em que lhe dizia as seguintes palavras aladas:
"Hóspede pai, sê feliz! Se algum dito insensato me ouviste,
grave e ofensivo, que seja desfeito no sopro dos ventos.
Deem-te os deuses rever a tua pátria, assim como a consorte,
pois sofrimentos, há muito, suportas, distante de casa."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o solerte guerreiro:
"Eu te saúdo, também, nobre amigo; que os deuses te deem
bens sem medida, e que falta jamais possas ter desta espada
para o futuro, que acabas de dar-me num gesto amigável."

Disse, e pendura dos ombros a espada com cravos de prata.
Punha-se o Sol nesse tempo; os presentes em barda afluíam,
quanto os ilustres arautos trouxeram de dentro da casa,
que pelos filhos notáveis de Alcínoo vão sendo amontoados
onde sua mãe veneranda se achava. Eram dádivas grandes.
Eis que aos demais já conduz o sagrado poder do alto Alcínoo
para o interior, assentando-se todos nos tronos excelsos.
Vira-se, então, para a esposa o sagrado poder do alto Alcínoo:
"Dá-me, ó querida, uma caixa, a mais rica e melhor que possuíres.
Dentro coloca tu própria um bom manto lavado e uma túnica.
Ponham, depois, a caldeira no fogo, porque água aqueçamos,
para que, ao vir do banheiro, contemple o estrangeiro os presentes
de que os magnânimos Feácios houveram por bem cumulá-lo,
e também folgue na mesa e as cantigas do aedo aprecie.
Por minha parte, esta copa lhe oferto, de entalhe finíssimo
e toda de ouro, que o faça em seus dias de mim recordar-se,
sempre que a Zeus ele em casa libar e às deidades eternas."
Isso disse ele. Às criadas Arete ordenou em seguida
pôr, sem nenhuma detença, no fogo uma trípode grande.
Põem, de fato, a chaleira de banho nas brasas ardentes,
enchem-na de água até a boca, queimando ao redor muita lenha;
lambem as chamas o bojo da trípode; aquece-se o líquido.
Nesse entrementes Arete trazia de dentro do quarto,
para o estrangeiro, um baú; nele pôs os presentes valiosos,
de ouro e indumentos, as dádivas todas dos nobres Feácios.
Pôs, também, dentro, uma túnica e, junto com esta, um bom manto.
Para Odisseu ela, então, as palavras aladas dirige:
"Nota tu próprio o feitio da tampa e lhe passa um bom laço,
de forma tal que ninguém no caminho te lese, ainda mesmo
que durmas sono agradável, de novo, no escuro navio."
Tendo Odisseu, sofredor de trabalhos, ouvido o que disse,

exp’rimentou logo a tampa da caixa e laçada passou-lhe
mui complicada, que outrora aprendera com Circe divina.
A despenseira, no mesmo momento, a subir o convida
para banhar-se. Of’receu-se-lhe, então, o espetác’lo inefável
do banho quente, que, havia há muito, não tinha provado,
dês que deixara Calipso, de belos cabelos. Lá mesmo
trato mimoso tivera, tal como se fosse um dos deuses.
Logo que as servas o banho lhe deram e o ungiram com óleo
e lhe puseram nos ombros um manto de lã sobre a túnica,
foi Odisseu para o meio dos homens, que vinho bebiam.
Junto do umbral de feitura mui sólida estava Nausícaa,
a predileta dos deuses, que forma perfeita lhe deram.
Ao contemplar o guerreiro Odisseu, admirou-se bastante
e, para ele voltada, lhe disse as palavras aladas:
“Salve, estrangeiro! Ao te vires de novo na pátria querida,
lembra-te sempre de mim, a quem deves primeiro a hospedagem.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o solerte guerreiro:
“Filha de Alcínoo, o guerreiro de espírito grande, Nausícaa:
se Zeus, o de Hera marido, dotado de voz retumbante,
me conceder o retorno, podendo eu rever meu palácio,
diariamente hei de ter-te presente na minha memória
como se deusa tu fosses, que a vida me deste, ó donzela!”
Disse, e no trono assentou-se, que ao lado de Alcínoo se achava.
Postas arautos já cortam, assim como o vinho misturam.
Por outro arauto trazido, o divino cantor já chegava,
que tanto o povo acatava, Demódoco. Fazem-no logo,
junto de uma alta coluna assentar-se, no meio dos hóspedes.
Vira-se, então, o astucioso Odisseu para o arauto, ali perto;
corta um pedaço do lombo de porco de dentes recurvos
com bem gordura e, a seguir, um maior para si põe de parte:
“Leva esta posta, ó rapaz, a Demódoco, para que coma;

conquanto aflito, desejo, também, homenagem prestar-lhe.
Todos os homens que vivem no dorso da terra, os cantores
sabem cultuar e os veneram, por verem que as Musas os prezam
como a discípulos. Todos a casta dos bardos prezamos.”
Isso disse ele ao arauto, que a posta nas mãos logo entrega
do herói Demódoco. Muito com isso o cantor fica alegre.
Todos as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
vira-se para Demódoco o astuto Odisseu e lhe fala:
“Mais do que a todos os outros mortais, te venero, ó Demódoco!
Foste discíp’lo das Musas, as filhas de Zeus, ou de Apolo?
Tão verazmente cantaste as desgraças dos homens Aquivos,
quanto fizeram, trabalhos vencidos, e o mais que sofreram,
como se o visses tu próprio, ou soubesses de alguém fidedigno.
Ora começa de novo, e o cavalo de pau nos invoca,
que por Epeio foi feito com a ajuda de Palas Atena,
esse, que o divo Odisseu com astúcia pôs dentro de Troia,
cheio de heróis destemidos, que os muros sagrados saquearam.
Caso consigas cantar isso tudo de acordo com os fatos,
logo darei testemunho perante o universo dos homens
que recebeste de um deus benfazejo a divina cantiga.”
Disse. O cantor, por um deus inspirado, dá logo começo,
tendo tomado do ponto em que, entrados nas naus bem cobertas,
velas desfraldam, depois de nas tendas o fogo lançarem,
no tempo em que muitos se achavam na praça de Troia
junto do mais famoso Odisseu, e escondidos no bojo
desse cavalo, que os próprios Troianos à acrópole tiram.
Ei-lo na praça; a redor se cruzavam diversas propostas,
desencontradas. Mas três agradaram, por fim, no conselho:
ou desfazer o cavado madeiro com bronze impiedoso,
ou conduzi-lo para o alto da rocha e no abismo atirá-lo,

ou, qual imagem propícia, esperar que os divinos placasse,
tal como logo depois decidiram que assim fosse feito,
pois o Destino assentara que fosse assolada a cidade,
quando abrigasse o possante cavalo, que tinha no bojo
fortes Aquivos, que a Morte e o extermínio aos Troianos levaram.
Diz, a seguir, como a saco a cidade os Aqueus logo põem,
quando saíram da cava emboscada do bojo do monstro;
vão por caminhos diversos pilhar a cidade soberba,
indo Odisseu, que com Ares compete no aspecto, ajudado
por Menelau, procurar o palácio onde mora Deífobo.
Disse, também, como ali num combate mui grande vencera
um contendor, pela ajuda que teve de Atena magnânima.
Isso narrava o famoso cantor. Odisseu, entrementes,
liquefazia-se em lágrimas, tendo banhadas as faces,
como mulher abraçada no corpo do caro marido
que sucumbisse a lutar junto aos muros e seus moradores,
a defendê-la e a seus filhos da sorte do dia impiedoso.
Vê que se agita em finais convulsões e que o termo está próximo;
grita, estridente, e se atira sobre ele; mas já os inimigos
vêm por detrás e a golpeiam com lanças nos ombros e espaldas,
e como escrava a carregam, porque sofrimentos padeça.
Fanam-se as faces da mísera em tanto sofrer incontido:
lágrimas comovedoras, também, Odisseu derramava.
Dos convidados nenhum lhe observou a fluência das lágrimas,
com exceção só de Alcínoo, que atento notara o ocorrido,
pois se encontrava ao seu lado e lhe ouvia os gemidos do peito.
Logo a seguir os Feácios, amantes do remo, concita:
“Vós, conselheiros e guias do povo Feácio, escutai-me!
Ora Demódoco faça calar o instrumento sonoro.
Nem para todos, que estamos à mesa, é prazer escutá-lo.
Desde que a cear começamos e o divo cantor, seu relato,

não tem cessado este nosso conviva de dar aos soluços
larga expansão. Grande dor, certamente, angustia-lhe o peito.
Pare, portanto, o cantor, porque alegres fiquemos nós todos,
sem exceção, o estrangeiro e os de casa; que assim é mais certo.
Foi por sua causa, somente, que a festa e as canções promovemos,
os gratos dons e o retorno, o que damos por pura amizade.
Um peregrino mendigo a um irmão equivale, por certo,
para quem quer que no peito a centelha conserve do espírito.
Mas não procures agora esquivar-te com frases ambíguas
ao perguntar-lhe o que intento; é mais belo que assim me respondas.
Dize teu nome, e de como o teu pai e tua mãe te nomeiam
na tua pátria, assim como os vizinhos, que em volta demoram.
Não há ninguém desprovido de nome na face da terra,
desde que nasce, quer seja de nobre prosápia, ou do povo.
Sim, desde início se afanam na escolha do nome seus pais.
Quero, também, que me digas a terra, a cidade e teu povo,
para que a nau te conduza, mercê do seu próprio intelecto,
pois os navios dos homens Feácios diferem dos outros.
De timoneiro não têm precisão, nem de leme tampouco,
mas compreendem dos homens o espírito e, assim, seus desígnios
onde as cidades se encontram, bem como as campinas mui férteis
dos homens todos, cortando velozes a fúria dos mares,
mesmo que nuvens ou densa neblina os envolva. Não, nunca
riscos terão de correr, quer prejuízos, quer mesmo naufrágios.
Ainda me lembro de ter de Nausítoo, meu pai, escutado
que contra nós agastado seria Posido, por causa
de condução concedermos a todos, sem riscos corrermos.
Disse que um dia faria afundar na caligem do ponto
nau benfeitora dos homens Feácios, ao vir de tornada,
e que a cidade seria cercada por altas montanhas.
Nesse teor disse o velho. Mas se a profecia se cumpre

certa, ou se deixa de ser realizada, do deus, só, depende.
Vamos! Agora nos fala e responde conforme a verdade.
Aonde atirado tu foste e a que terras, vagando, chegaste,
seus habitantes, e assim as cidades de boas moradas,
como, também, se eram broncos selvagens e às leis sempre infensos,
ou, porventura, se amigos de estranhos e aos deuses submissos.
Conta, também, o motivo de tanto afligir-te o imo peito
ao escutares desgraças de Troia, dos Dânaos e Argivos.
Obra dos deuses foi tudo, que aos homens a ruína teceram,
para que nunca aos vindoiros faltasse matéria de canto.
Dar-se-á que te haja na Guerra de Troia morrido um parente
de grande mérito, genro, talvez, ou, talvez mesmo, sogro,
os que mais caros nos são logo após aos afins pelo sangue?
Ou mesmo algum companheiro, com quem te afeiçoasses, de muito
merecimento? Porque não julgamos de menos valia
que ao próprio irmão, ao amigo dotado de espírito cauto.”

Parte III
O Relato de Odisseu

CANTO IX

OS CÍCONOS, OS LOTÓFAGOS E O CICLOPE

“Este canto contém o início do grande *Relato*: como zarpou Odisseu de Ítaca primeiro chegando à terra dos Cíconos, e pilharam a cidade, junto ao mar, chamada Ismaro. Passaram então por Maleia, extremidade da Lacônia, onde um forte vento levou-os para além de um grande pélago e chegam à terra dos Lotófagos. Depois chegam ao Ciclope. A grande parte da tropa permanece junto à Ilha... mas o Ciclope que foi cego, Polifemo, come seis dos doze que o acompanharam.” (Scolie H Q ... E P)

Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Ó rei Alcínoo, entre todos ilustre e ornamento do povo!
É delicioso, de fato, podermos ouvir tão sublime
e inolvidável cantor, cuja voz se assemelha à dos deuses.
Sim, digo mesmo que a nada se pode aspirar de mais alto
que ver a paz entre o povo e a alegria no rosto de todos,
e, no interior do palácio, os convivas sentados em ordem,
todos o aedo a escutar, tendo mesas na frente, repletas
de pão e carne, no tempo em que o vinho nas grandes crateras
deita o escanção, para os copos de todos encher até as bordas:
eis o que a mim se afigura a mais bela e inefável ventura.

Mas ora estás inclinado a fazer-me perguntas acerca
de meus suspiros e dores, a fim de ainda mais lastimar-me.
Qual há de ser o primeiro, qual o último que hei de contar-te
dos sofrimentos, se tantos os deuses celestes me deram?
Pelo meu nome princípio darei, que a saber venhais todos
como me chamo e porque hóspede vosso ainda seja, conquanto
venha da Morte a escapar e por mais que me encontre distante.
Sou de Laertes o filho, Odisseu, conhecido entre os homens
por toda a sorte de astúcias; bater foi no céu minha glória.
Ítaca, ao longe visível, é minha morada, onde o monte
Nérito se alça imponente, coroado de frondes; em torno,
ilhas em número grande se encontram, bem perto umas de outras,
Samo não só, mas Dulíquio, também, e a selvosa Zacinto.
Ela é a mais baixa e se encontra nas ondas num ponto longínquo,
do lado escuro; as demais, para o lado do Sol e da Aurora.
Áspera, sim, mas nutriz admirável de moços; mais doce
vista jamais me foi dado admirar do que a terra nativa.
Bem me deteve em sua côncava gruta a preclara Calipso,
deusa entre as deusas, que ardia em desejos de que eu a esposasse.
Circe, também, procurou me reter no interior de sua casa,
a deusa Eeia, astuciosa, intentando fazer-se-me esposa.
O coração no imo peito, porém, jamais pôde abalar-me.
Nada tão doce, sem dúvida, pode existir, como a pátria
e os próprios pais, muito embora moremos num rico palácio,
longe, em país estrangeiro, distante dos que nos geraram.
Seja, se o queres! Dir-te-ei do regresso que fiz, trabalhoso,
dado por Zeus, quando a costa de Troia deixei, de retorno.
“De Ílio levaram-me os ventos à terra habitada por Cíconos,
onde a cidade de Ismaro saqueei e matei os seus homens;
mas da cidade as mulheres e o grande tesouro amontoado
foi dividido, porque nenhum homem sem lote ficasse.

É bem verdade que aos outros propus que com pés mui velozes
logo fugíssemos, mas os estultos não me obedeceram.
Vinho gostoso e abundante beberam, ovelhas sem conta
sacrificaram na praia, e assim bois que se arrastam tardonhos.
Nesse entrementes, os Cíconos pedem socorro a outros Cíconos
circunvizinhos, porém de mais força e bem mais numerosos.
Na terra firme habitavam; de carro eles todos lutavam
com os imigos, ou mesmo de pé, se assim fosse preciso.
Ei-los que chegam, bem cedo, abundantes quais folhas e flores
da primavera. Então Zeus sobre nós, infelizes, um fado
triste, mui triste mandou, porque novos trabalhos sofrêssemos.
Firmes ao lado das céleres naus of'receram combate
e se feriram reciprocamente com as lanças de bronze.
Enquanto o dia sagrado crescia e a manhã não cessara,
foi-nos possível contê-las, pesar do seu número grande.
Mas, quando o Sol se inclinou, já no tempo em que os bois vão ser soltos,
levam os Cíconos grande vantagem, fugindo os Aquivos.
De cada nau pereceram seis homens de grevas bem-feitas;
todos os mais escapamos da Morte e do triste Destino.
"O coração apertado, vogamos dali para diante,
ledos por termos da Morte escapado, com perdas dos sócios.
Não se afastaram, porém, do lugar meus navios simétricos,
sem pelo nome chamarmos três vezes a cada coitado
dos companheiros, que mortos ficaram na terra dos Cíconos.
Sobre os navios lançou o poderoso, que as nuvens reúne,
Zeus, tempestade violenta, fazendo que as nuvens cobrissem
a terra e o mar juntamente. Do céu baixa a noite, entrementes.
Eis nossas naus a correrem sem rumo, com as proas submersas;
três, quatro vezes, as velas os ventos furiosos as rasgam,
o que nos faz amainá-las, receosos de mores desditas,
e as próprias naus, com bem pressa, remamos no rumo da terra.

Por duas noites e dias contínuos ali demoramos,
com o peito apresso não só por fadigas, também pelas dores.
Mas, quando a Aurora, de belos cabelos, nos trouxe o outro dia,
logo elevamos os mastros, as cândidas velas soltamos
e nos sentamos. As naus os pilotos e os ventos dirigem.
Ao ninho pátria, talvez sem mais dores houvesse eu chegado;
mas, ao querer contornar o Maleia, arrastou-me a corrente,
bem como Bóreas, do que resultou de Citera afastar-me.
"Por nove dias dali me levaram os ventos funestos,
por sobre o oceano piscoso; somente no décimo à terra
nos foi possível descer dos Lotófagos que comem flores.
Nessa paragem descemos, a fim de fazermos aguada.
A refeição junto às naves velozes os sócios fizeram.
Mas, tendo assim, a vontade da fome e da sede saciado,
sócios escolho e os envio, com o fim de notícias obterem,
sobre que gente aí morava, e se vive de pão, como todos,
tendo escolhido dois homens e o arauto, o terceiro, por sócio.
Ei-los que vão, sem demora, e se mesclam aos homens Lotófagos.
Esses Lotófagos não empreenderam fazer nenhum dano
aos nossos homens, mas logo fizeram que loto comessem.
Quem quer que viesse a provar uma vez desse fruto gostoso
nunca a resposta haveria trazer, nem de novo empegar-se;
desejaria, isso sim, morar sempre com os homens Lotófagos,
a comer loto somente, esquecido, de vez, do retorno.
Mas, apesar de suas lágrimas, trouxe-os à força, de novo,
para as naus côncavas, onde os atei sob os bancos dos remos,
tendo, em seguida, ordenado aos queridos consócios de viagem
que para as céleres naves, sem perda de tempo, subissem.
Não fosse a alguém esquecer o retorno por causa do loto.
Sobem, por isso, os demais para bordo e se sentam nos bancos,
todos em ordem, batendo com os remos nas ondas grisalhas.

"O coração apertado, vogamos daí para diante.
Fomos, depois, apartar ao país dos soberbos Ciclopes,
destituídos de leis, que, confiados nos deuses eternos,
não só não cuidam de os campos lavrar, como não plantam nada.
Tudo lhes nasce espontâneo, sem uso de arado e sementes,
trigo e cevada, bem como videiras, que vinho produzem,
de cor vermelha; na chuva de Zeus vem a vida dos frutos.
Leis desconhecem, bem como os concílios nas ágoras públicas.
Vivem agrestes, somente nos cimos das altas montanhas,
em grutas côncavas, tendo cada um sobre os filhos e a esposa
plenos direitos, sem que dos demais o destino lhe importe.
"Nota-se uma ilha pequena, que fora do porto se estende,
nem mui distante nem perto da terra dos homens Ciclopes,
muito sombreada, onde cabras se encontram em número infindo,
todas selvagens, que os passos dos homens jamais afugentam.
Nunca, também, caçadores aí chegam, que pelas florestas
sofrem trabalhos sem conta, ao pisarem os cimos dos montes.
Grandes armentos, também, não se encontram, nem campos arados,
mas diariamente produz, sem que seja lavrada ou semeada
e erma de gentes; só nutre balantes rebanhos de cabras.
Entre os Ciclopes não se acham navios de frente vermelha,
nem carpinteiros capazes, que saibam construir segundo a arte
naves cobertas, como essas que trocas variadas permitem
pelas cidades dos homens, tal como é costume entre todas
as demais gentes, que em naves o dorso do mar atravessam.
A ilha teriam deixado, sem dúvida, mais habitável,
pois não é ruim, mas capaz de gerar toda sorte de frutos.
Nela se veem, junto à margem do mar pardacento, macios
e úmidos prados. É certo que a vinha constante daria.
Para a lavoura há baixada; no tempo oportuno colhera-se
ótima safra, por ser o terreno, todo ele, mui fértil.

Porto de boa ancoragem of’rece, onde as naus não precisam
de lançar âncoras, nem de firmar os calabres em terra.
Mas, uma vez aí chegados, os nautas ficar poderiam
por quanto tempo quisessem, ou até lhes soprar um bom vento.
Água mui límpida flui da porção mais interna do porto,
vinda de gruta que se acha cercada por álamos negros.
A esse lugar viemos ter, por um deus, certamente, guiados
na escuridão, que fazia, de noite, em que nada se via,
pois densa névoa baixara em redor dos navios; a lua
não nos brilhava no céu, envolvida se achando por nuvens.
A ilha não foi percebida por homem nenhum dos navios,
nem mesmo as ondas enormes, que vinham quebrar-se na costa,
antes de haverem as naves de boa coberta apartado.
Mas, uma vez aí chegados, as velas, sem mais, amainamos
das naves todas, e à praia sonora do mar nos passamos,
onde, a dormir, aguardamos que a Aurora divina surgisse.
“Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
a percorrer a ilha toda pusemo-nos cheios de espanto.
Ninfas, as filhas de Zeus poderoso, tocaram montes as
cabras, que a nossa campanha pudessem servir de repasto.
Rapidamente das naves tiramos as lanças compridas
e arcos recurvos; e, tendo disposto em três grupos os sócios,
logo atiramos; um deus concedeu-nos caçada abundante.
Doze navios, ao todo, seguiam-me; a cada um tocaram
nove das cabras montesas; a mim, porém, dez foram dadas.
Dessa maneira, portanto, e até o Sol no ocidente deitar-se,
nos detivemos sentados, comendo e bebendo à vontade.
O vinho tinto, de fato, ainda não se acabara nas naves,
mas provisão ainda havia; pois muito nas ânforas tinham
todos guardado, ao tocarmos os muros sagrados dos Cíconos.
Perto dali observamos a terra dos homens Ciclopes

e percebemos suas vozes, bem como os balidos das cabras.
Logo que o Sol se acolheu e o crepúsculo baixou sobre a terra,
fomo-nos todos deitar pela praia, onde as ondas se quebram.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
faço reunir a assembleia, e aos presentes arengo desta arte:
"'Vós, companheiros queridos de viagem, ficai aqui todos,
que eu, no navio em que vim, juntamente com meus companheiros,
vou ver se obtenho notícias da gente que mora ali perto,
se, porventura, selvagens violentos, que leis desconheçam,
se de outras terras e amigos, e afeitos ao culto dos deuses.'
"Isso lhes disse, e subi para a nau, tendo aos sócios mandado
que se embarcassem, também, e as amarras de trás desprendessem.
Sobem, por isso, os demais para bordo e se sentam nos bancos,
todos em ordem, batendo com os remos nas ondas grisalhas.
Em pouco tempo chegamos à terra, que estava bem próxima,
onde, no extremo, uma gruta avistamos, do mar muito perto,
ampla e elevada, sombreada por muitos loureiros; inúmeras
cabras e ovelhas balavam, em torno das quais se elevava
muro composto todo ele de pedras fincadas no solo
e altos pinheiros e grossos carvalhos de copas altivas.
Era essa a casa de um monstro gigante, que ali, solitário,
só dos rebanhos cuidava, afastado de todos os outros,
sem com nenhum conviver e ignorando os preceitos divinos.
Era ele um monstro espantoso deveras, que aspecto não tinha
de homem que vive de pão, mas de um pico, coberto de selvas,
de alta montanha que, longe, das mais se destaca, isolada.
"Dei, nesse passo, instruções aos queridos consócios de viagem,
para que ali me esperassem, guardando o navio veloce;
e, tendo doze escolhido dos mais corajosos, nos fomos,
odre levando comigo de vinho de gosto agradável,
de cor escura, que Maro me dera, o nascido de Evanto,

e sacerdote de Apolo, dos muros de Ismaro padroeiro,
pelo motivo de o haver acatado e poupado, bem como
a esposa e filhos. Morava num bosque sombreado por árvores,
de Febo Apolo. Magníficos brindes, então, me deu ele:
de ouro talentos me deu, sete ao todo, mui bem trabalhados,
uma cratera de prata maciça, bem como doze ânforas,
de alças ornadas e cheias de vinho gostoso e sem mescla:
era bebida divina; ninguém tinha disso notícia
lá no palácio, entre todos os servos e servas da casa,
com exceção de uma só despenseira, ele próprio e a consorte.
Quando queriam beber desse vinho melífluo e vermelho,
era a medida deitar uma taça bem cheia do mesmo
em vinte de água. Do vaso evolava-se aroma inefável,
coisa divina. Custava a qualquer não poder saboreá-lo.
Odre bem grande aprontei desse vinho e um surrão com vitualhas,
pois me dizia uma voz no imo peito valente que iria
ver-me defronte de um homem dotado de força excessiva,
bronco selvagem, ignaro das leis e do senso do justo.
“Em pouco tempo chegamos à gruta, mas não o encontramos
dentro; levara a pascer pelo prado suas pingues ovelhas.
Dentro da gruta, tomados de espanto, admirávamos tudo.
Os secadouros de queijo se achavam repletos; cabritos
e anhos no estáb’lo apertavam-se, todos mui bem-segregados:
os que nasceram primeiro, os de idade mediana e, por último,
os recém-nados. Das muitas vasilhas o soro escorria,
tarros, não só, mas gamelas bem-feitas, nas quais ordenhara.
Meus companheiros, então, me pediram voltássemos logo
com uma boa porção desses queijos; depois cuidaríamos,
sem perder tempo, de às naves velozes levar alguns anhos
e cabritinhos, e as ondas salgadas cursar, em seguida.
Mas não me quis convencer — e bem mais vantajoso me fora!

pois desejava encontrá-lo e provar hospital gasalhado.
Mas para os sócios sua vista haveria tornar-se funesta.
“Lume acendemos e aos deuses oferta de queijo fizemos,
do qual comemos depois; dentro do antro a esperá-lo ficamos.
De apascentar o rebanho voltou, carregando nos ombros
de lenha um feixe grandíssimo, para a feitura da ceia,
o qual lançou para dentro da gruta com bulha tão grande
que, apavorados, recuamos para o ângulo extremo da mesma.
Para o interior da caverna espaçosa compele o rebanho,
que pretendia ordenhar, mas deixando do lado de fora
todos os machos, carneiros e bodes, num pátio cercado.
Descomunal pedra agarra e levanta, deitando-a na entrada,
para de porta servir, que do solo incapazes seriam
de remover vinte e dois carros sólidos de quatro rodas;
tal era o peso da pedra, que à entrada ele pôs da caverna!
Logo depois se assentou, porque ovelhas e cabras mungisse,
como de praxe, deixando cada uma com o filho de mama.
Faz que, depois, a metade do cândido leite talhasse,
e o recolheu, comprimindo-o, nuns cestos tecidos com vime;
a outra metade em vasilha guardou, porque sempre pudesse
dele beber e, mais tarde, servisse, também, como ceia.
Tendo concluído todo esse trabalho, acendeu logo o lume.
Vendo que ali nos achávamos, disse-nos, presto, o seguinte:
“‘Ó estrangeiros, quem sois? De onde vindes por úmidas vias?
É por algum interesse, ou à toa cruzais o mar vasto
como piratas, que vagam sem rumo, com risco da vida,
enquanto vão conduzindo a desgraça a pessoas estranhas?’
“Disse. A essas vozes partiu-se-nos o coração no imo peito,
ante o ribombo da voz e ante, ainda, a figura do monstro.
Mas, apesar disso tudo, lhe disse, em resposta, o seguinte:
“‘Somos Aqueus, que da terra dos Troas nos vemos jogados,

por toda sorte de ventos, no abismo infinito das ondas.
Na rota estamos da pátria; mas, outros caminhos sulcando,
vimos aqui; foi, talvez, o desígnio de Zeus poderoso.
É nosso orgulho contarmo-nos entre os do Atrida Agmémnone,
de cuja glória sem par toda a terra se encontra impregnada,
tal foi a grande cidade por ele destruída, bem como
povos sem conta. Ora viemos à tua presença, e te abraço
súplice os joelhos, pedindo que dons hospedais nos concedas,
ou qualquer coisa, tal como é costume aos estranhos fazer-se.
Aos deuses todos respeita, meu caro, pois somos pedintes;
o próprio Zeus é quem vinga e protege os mendigos e estranhos,
Zeus protetor, que acompanha em seus passos os nobres pedintes.’
“Isso lhe disse; ele, logo, me torna com ânimo duro:
‘És bem simplório, estrangeiro, ou de longes paragens chegado,
para exortares-me, assim, a que os deuses acate e os evite.
Nós, os Ciclopes, não temos receio de Zeus poderoso,
nem dos mais deuses beatos, pois somos mais fortes que todos.
Pelo respeito de Zeus, tão somente, não te pouparia,
nem a teus sócios, se a tanto meu peito não fosse inclinado.
Ora me conta onde se acha ancorada tua nave bem-feita,
para que o saiba, se perto, ou num ponto distante da terra.’
“Bem compreendi qual seu plano, pois muito sabido me julgo
por tal motivo, com frase engenhosa, lhe disse, em resposta:
“‘Foi por Posido, que a terra sacode, destruída a mui rápida
nave em que eu vinha, de encontro aos rochedos da terra em que habitas
num promontório atirado, que foi, pelos ventos marinhos.
Eu e os meus sócios fugir conseguimos da Morte Precípite.’
“Disse-lhe; o monstro nenhuma palavra me deu em resposta;
mas, levantando-se, as mãos estendeu para meus companheiros
e, segurando dois deles, ao solo, quais dois cachorrinhos,
os atirou; derramaram-se os miolos na terra, molhando-a.

Ceia com eles prepara, depois de cortar-lhes os membros,
e os devorou como leão montanhês, sem deixar coisa alguma,
músculos, vísceras e ossos providos de gordo tutano.
Nós, prorrompendo em soluços, a Zeus elevamos os braços,
diante daquele espetác'lo; o desânimo a todos invade.
Quando o Ciclope acabou de entupir a monstruosa barriga
com carne humana e, por cima, bebeu leite níveo sem mescla,
dentro da côncava gruta deitou-se, no meio das reses.
Nesse momento ocorreu-me no peito magnânimo a ideia
de aproximar-me do monstro e sacar do meu gládio cortante,
para enterrar-lho no peito, onde o fígado se acha encoberto,
logo que o houvesse apalpado. Mas outras razões me tolheram.
Morte haveríamos todos ali pavorosa, decerto,
pois da alta entrada da gruta jamais remover poderíamos
por nossas mãos esse bloco maciço, que o monstro pusera.
Entre suspiros, portanto, aguardamos a Aurora divina.
"Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
lume acendeu na caverna e ordenhou todo o pingue rebanho,
como de praxe, deixando cada uma com o filho de mama.
Tendo assim, pois, com presteza concluído todo esse trabalho,
dois, novamente, apanhou, e o repasto aprestou com seus corpos.
Tendo almoçado, afastou facilmente o penhasco da porta,
e para fora tocou todo o pingue rebanho; após isso,
torna a repô-lo no mesmo lugar, qual a tampa na aljava.
Com assobios levou para os montes o gordo rebanho
o monstro de olho redondo; eu, fiquei com meus planos sinistros
de como dele vingar-me e obter glória, se Atena me ouvisse.
Té que, afinal, tomei um, entre os vários alvitres pensados:
junto da cerca se achava o bordão do Ciclope, do tronco
de uma oliveira ainda verde, que ali a secar fora posto,
para depois ser usado. Ao olhá-lo julgávamos fosse

mastro de negro navio tocado por vinte remeiros,
barco mui largo de carga, que o abismo marinho atravessa.
De tal grandeza e grossura aquela árvore a todos surgia.
Aproximando-me dele, cortei um pedaço da altura
de uma braçada e o passei para os sócios, a quem logo ensino
como o polirem. Depois de isso feito, agucei uma ponta
e, por deixá-lo em bom ponto queimado, o meti entre as brasas.
Logo depois o tirei e o escondi com cuidado no esterco,
que se encontrava amontoado por toda a extensão da caverna.
Aos companheiros, depois, ordenei que por sorte tirassem
quem com coragem se achava de alçar esse mastro comigo
e no olho dele enterrar, quando o sono o colhesse agradável.
"Foram por sorte escolhidos os mesmos que eu próprio haveria
de designar, quatro ao todo, entre os quais me incluí como quinto.
Com seu rebanho veloso voltou, pela tarde, do pasto,
e as reses todas tocou para dentro da gruta espaçosa,
sem que deixasse uma só para fora do pátio cercado,
ou por suspeita qualquer, ou por tê-lo avisado um dos deuses.
Descomunal pedra agarra e a levanta, deitando-a na entrada.
Logo depois se assentou, porque ovelhas e cabras mungisse,
como de praxe, deixando cada uma com o filho de mama.
Tendo assim, pois, com presteza, concluído todo esse trabalho,
dois de nós outros, ainda, tomou para novo repasto.
Aproximando-me, então, do Ciclope, começo a falar-lhe
e lhe ofereço a vasilha, que enchera de vinho vermelho:
"'Toma, Ciclope, exp'rimenta este vinho, uma vez que comeste
carne de gente; hás de ver que bebida se achava no bojo
das nossas naus. Trouxe-a a fim de libar-te, que tenhas piedade
e nos reenvies. Tua fúria, porém, é, de fato, indizível.
Quem, insensato, há de vir até aqui procurar-te, dos muitos
homens, se tão em contrário aos costumes conosco operaste?'

“Disse-lhe; o vinho aceitou, e o bebeu revelando tão grande
gosto por essa bebida que logo pediu nova dose:
“‘Dá-me outra vez; sê bondoso; revela-me logo o teu nome,
para que possa ofertar-te um presente que muito te alegre.
As terras férteis dos homens Ciclopes também nos produzem
vinhos em cachos vermelhos, que a chuva de Zeus faz ter viço.
Este, porém, tem sabor de mistura de néctar e ambrósia.’
“Disse; de novo lhe pus outra dose do rútilo vinho.
Três vezes mais lhe of’reci; por três vezes bebeu o demente.
Mas, quando vi que a bebida alterara a razão do Ciclope,
para ele, então, me voltando, palavras melífluas lhe disse:
“‘Pois bem, Ciclope, perguntas-me o nome famoso? Dizer-to
vou; mas a ti cumpre dar-me o presente a que há pouco aludiste.
Ei-lo: Ninguém é o meu nome; Ninguém costumavam chamar-me
não só meus pais, como os mais companheiros que vivem comigo.’
“Isso lhe disse; ele, logo, me torna com ânimo duro:
‘Pois de Ninguém farei o último almoço, depois da companha;
todos os outros primeiro; esse o grande presente aludido.’
“Disse e caiu para trás ressupino, estendendo-se ao longo
com o cachaço monstruoso encurvado; domou-o logo o sono
que tudo vence; da goela saía-lhe vinho e pedaços
de carne humana. Embriagado expelia no vômito as postas.
Foi quando o pau, que eu cortara, enfiei bem no meio da cinza,
para aquecê-lo. Coragem procuro incutir com palavras
nos companheiros; não fosse algum deles recuar só de medo.
Mas, quando o pau de oliveira, apesar de ser verde, se achava
quase no ponto de em chamas arder, e ficara brilhante,
rapidamente do fogo o tirei; ao redor se postaram
meus companheiros; coragem nos deu qualquer grande demônio.
Eles, então, levantaram o pau, cuja ponta afilada
no olho do monstro empurraram; por trás, apoiando-me nele,

fi-lo girar, como fura com trado uma viga de nave
o carpinteiro, enquanto outros, em cima, as correias manobram
de ambos os lados; o trado não cessa de à roda mover-se:
dessa maneira virávamos todos o pau incendiado
no olho redondo, escorrendo-lhe à volta fervente sangueira.
A irradiação da pupila incendiada destruiu toda a pálpebra
e a sobrancelha; as raízes, à ação do calor, rechinaram.
Do mesmo modo que um grande machado, ou um machado pequeno,
em água fria mergulha o bronzista, entre grandes chiados —
esse o remédio com que se costuma dar têmpera ao ferro —
dessa maneira rechia no pau de oliveira o olho grande.
Solta o gigante urro enorme, que atroa a profunda caverna.
Apavorados recuamos. Depois, arrancou do próprio olho
o pau vermelho do sangue, que dele abundante escorria,
e longe o atira, a agitar as mãos ambas com gesto de louco.
Em altos brados, então, chama os outros Ciclopes, que em grutas
da redondeza habitavam, nos cimos por ventos batidos.
Estes lhe ouviram os gritos, correndo de todos os lados.
Postos em roda da furna, perguntam de que se queixava:
"'Ó Polifemo, que coisa te faz soltar gritos tão grandes
na noite santa, o que tanto a nós todos o sono perturba?
Mau grado teu, porventura, algum homem te pilha o rebanho?
Mata-te alguém, ou com uso de força ou por meio de astúcia?'
"De dentro mesmo da furna lhes diz Polifemo fortíssimo:
'Dolosamente Ninguém quer matar-me; sem uso de força.'
"Eles, então, em resposta, as aladas palavras disseram:
'Se ninguém, pois, te forçou, e te encontras aí dentro sozinho,
meio não há de evitar as doenças que Zeus nos envia.
Pede, portanto, socorro a Posido, teu pai poderoso.'
"Isso disseram e foram-se logo dali. Ri-me no íntimo,
por ver que o ardil excelente do nome alcançara o objetivo.

Nisso o Ciclope, a gemer e entre dores atrozes torcendo-se,
foi apalpando com as mãos e da entrada o penhasco retira;
mas ali mesmo assentou-se, com braços e mãos estendidos,
a fim de ver se apanhava qualquer que entre as reses fugisse;
tão grande néscio julgava, de fato, em seu peito, que eu fosse.
Eu, no entanto, pensava comigo no modo mais viável
de como fosse possível livrar a mim próprio da Morte
e aos companheiros. Pensei toda sorte de astúcias e enganos,
por se tratar da existência e iminente perigo ameaçar-nos.
Té que, afinal, decidi-me entre os vários alvitres pensados.
Entre o rebanho uns carneiros havia lanzudos e pingues,
belos de ver e alentados, com lã de violáceos matizes.
Sem fazer bulha e calado amarrei-os com vime tecido
em que dormia o Ciclope monstruoso, de ateus pensamentos,
em grupos sempre de três; o do meio levava um dos sócios,
os outros dois caminhavam de lado, servindo de amparo:
logo, eram três os carneiros, que um homem, desta arte, levavam.
Eu — um carneiro mais forte que todos ali se encontrava — esse agarrei
pelo dorso, e na lã da barriga escondi-me,
onde fiquei, tendo o velo abundante com as mãos aferrado,
sempre na mesma postura, encurvado e com muita paciência.
Entre suspiros, ansiosos, a Aurora divina aguardamos.
“Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
para as pastagens os machos correram; porém as ovelhas,
por não se acharem mungidas, balavam à volta do estábulo,
com tetas mui retesadas. O dono, entre dores terríveis
atormentado, apalpava o costado das reses, com o fito
de ver se estavam direitas. O louco não tinha suspeita
de que meus sócios se achassem atados nos peitos lanzudos.
Por derradeiro avançou para a porta o carneiro possante,
muito pesado de lã, de meu corpo e de minhas astúcias.

Disse-lhe, então, Polifemo, passando-lhe a mão pelo dorso:
"'Por que motivo, querido carneiro, da gruta por último
vens desta vez? Não costumas ficar para trás do rebanho,
mas, sempre à frente, pastar as florinhas da relva, marchando
com passos largos; ao rio eras sempre a chegar o primeiro,
sempre o primeiro marchavas, também, para o estáb'lo, de volta
todas as tardes. Agora, porém, vens por último. Certo
o olho lastimas do dono, cegado por esse malvado
com outros vis companheiros, depois de o tontearem com vinho,
esse Ninguém que, ainda o espero, há de a Morte colher sem demora.
Ah! Se pensasse como eu, e de voz, também, fosse dotado,
para dizeres-me onde ele se esconde, evitando o meu braço,
atirá-lo-ia, sem dúvida, contra o chão duro, que os miolos
lhe escorreriam por todos os lados. Então suportara
mais aliviado a desgraça que o pífio Ninguém me ocasiona.'
"Tendo isso dito, o carneiro soltou para o lado da porta.
Quando já estávamos longe bastante da gruta e do pátio,
me libertei do carneiro; depois fiz o mesmo aos meus sócios.
Rápido o gordo rebanho de pernas delgadas tocamos,
e nos voltamos, por vezes, até alcançarmos as naves.
Os companheiros diletos, alegres nos viram de volta,
salvos da Morte; mas choram por causa da perda dos outros.
Mas não deixei que chorassem, fazendo sinais a eles todos
com as sobrancelhas, que as reses de velo bonito levassem
para os navios velozes e pelo mar salso nos fôssemos.
Sobem, por isso, os demais para bordo e se sentam nos bancos,
todos em ordem, batendo com os remos nas ondas grisalhas.
Tanto que a salvo me achei, a distância, somente, de grito,
para o Ciclope virei-me e lhe disse as palavras mordazes:
"'Não deverias, ó Ciclope, ter comido de um fraco
os companheiros na côncava gruta, abusando da força.

Teus atos ímpios, ó monstro! haveriam de um dia voltar-se
contra ti mesmo, por teres o arrojo de em casa teus hóspedes —
monstro! — comer. Zeus, assim te castiga, por isso, e os mais deuses.’
“Isso lhe disse; enraivado ficou mais ainda o Ciclope.
O cimo pega de grande montanha e, arrancando-o atirou-o
do nosso lado, o qual veio cair junto à proa anegrada,
perto; bem pouco faltou porque a ponta do leme apanhasse.
Diante do baque da pedra o mar todo agitado empolou-se
e, refluente de cima, levaram as ondas a nave
da parte funda outra vez, obrigando-a a chegar para a praia.
Mas eu, tomando nas mãos uma vara bastante comprida,
longe da praia a impeli, tendo aos sócios dado ordens, depressa,
por uns sinais com a cabeça, que todos com força remassem,
para fugir do perigo; inclinados aos remos se afincam.
Quando percurso dobrado já havíamos feito nas ondas,
volto outra vez a falar ao Ciclope; ao redor os meus sócios
com termos brandos procuram por toda maneira impedir-mo:
“‘Louco! por que provocar um selvagem feroz tal como esse,
que há pouco ao mar um penhasco atirou, e o navio, de novo,
nos arrastou para a praia, onde a Morte encontrar presumimos?
Se nos ouvisse falar, por acaso, ou tua voz percebesse,
no mesmo instante atirara-nos áspera rocha, e esmagara
nossas cabeças e as vigas da nau; tão possante é o seu tiro.’
“Isso disseram, sem que convencessem meu peito magnânimo.
Por tal motivo, com termos mordazes lhe disse de novo:
“‘Ouve, Ciclope! Se um dia, qualquer dos mortais inquirir-te
sobre a razão vergonhosa de estares com o olho vazado,
dize ter sido o potente Odisseu, eversor de cidades,
que de Laertes é filho e que em Ítaca tem a morada.’
“Isso lhe disse; e gemendo me torna ele, então, em resposta:
“‘Ai, em verdade atingiu-me veraz predição, muito antiga!

Antigamente aqui havia adivinho muito bom e grande,
Télemo, de Êurimo filho, excelente em fazer vaticínios,
que entre os Ciclopes chegou à velhice prevendo o futuro.
Ele, de fato, predisse que havia de dar-se tudo isto:
que pelas mãos de Odisseu eu seria privado da vista.
Mas sempre fui de pensar que indivíduo de bela estatura
fora o que viesse aqui ter, revestido de força gigante;
e eis que da vista me priva um sujeito pequeno e sem força,
um coisa-alguma, depois de me haver pelo vinho domado.
Vem até aqui, Odisseu, porque dons hospitais te ofereça
e ao deus Posido suplique que faça alcançares a pátria.
Sou dele filho, que muito se orgulha de pai me ter sido.
Ele, somente, me pode curar, se o quiser, nenhum outro,
tanto entre os homens mortais, como até entre os deuses beatos.’
“Isso falou; em resposta lhe disse as seguintes palavras:
‘Fosse a mim dada a certeza de o alento e a existência tirar-te,
e de mandar-te, também, para o de Hades escuro palácio,
como não pode curar-te Posido, que a terra sacode!’
“A essas palavras o monstro a Posido a implorar se pôs logo,
para o alto céu tacho nado de estrelas as mãos levantando:
“‘Ouve-me, ó deus de cabelos escuros, que a terra sacode,
se sou teu filho, em verdade, e te orgulhas de pai me ter sido,
dá que não possa voltar Odisseu, eversor de cidades,
que de Laertes é filho e que em Ítaca tem a morada.
Mas, se é do Fado que deva rever os amigos, e a casa
bem-construída voltar, assim como ao torrão de nascença,
que, miserável, o faça e mui tarde, perdidos os sócios,
em um navio estrangeiro, e aflições vá encontrar no palácio.’
“Dessa maneira implorou. Atendeu-o o de escuros cabelos.
Pega o Ciclope, depois, doutra pedra bem mais volumosa
e, tendo-a feito girar, atirou-a com ímpeto grande,

que para trás foi cair do navio de proa anegrada,
perto, bem pouco faltou porque a ponta do leme colhesse.
Diante do baque da pedra o mar todo agitado empolou-se;
a onda o navio empurrou, obrigando-o a chegar para a praia.
“Quando àquela ilha chegamos em que se encontravam reunidas
as demais naves de boas cobertas, os sócios achamos
todos sentados, chorando, sem tréguas, o nosso retorno.
Logo que aí fomos ter, arrastamos a nau para o seco,
onde saltamos, depois, para a praia do mar sonorosa.
O do Ciclope rebanho, tirado do bojo da nave,
foi dividido, porque nenhum homem sem lote ficasse.
Mas, na partilha das reses, os sócios de grevas bem-feitas
deram-me a mais o carneiro, que logo imolei junto à praia
a Zeus, o filho de Crono, que em todos os deuses domina,
tendo-lhe as coxas queimado. Mas Zeus recusou o sacrifício:
antes pensou de que modo pudesse destruir os navios
todos, de boas cobertas, e os meus companheiros diletos.
“Dessa maneira, portanto, até o Sol no ocidente deitar-se,
nós estivemos sentados, comendo e bebendo à vontade.
Logo que o Sol se acolheu e o crepúsculo à terra deitou-se,
fomo-nos todos deitar pela praia onde as ondas se quebram.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
os companheiros tratei de exortar, instruções transmitindo
para embarcarem, também, e as amarras de trás desprenderem.
Sobem, por isso, os demais para bordo, e nos bancos se sentam,
todos em ordem, batendo com os remos nas ondas grisalhas.
O coração apertado, vogamos dali para diante,
ledos por termos da Morte escapado, com perda dos sócios.

CANTO X

ACERCA DE ÉOLO, OS LESTRIGÕES E CIRCE

“Odisseu narra sobre Éolo, o guardião dos ventos. Este o presenteia com os ventos dentro de uma sacola de couro (menos Zéfiro que os ajuda a navegar). Quando Odisseu dorme, os companheiros abrem a sacola (julgando que era ouro) e eles retornam para Éolo; sobre como chegam para os Lestrigões e onze navios perdem. Também, tudo o que sofrem na casa de Circe: os seus companheiros transformados em porcos e feitos novamente homens. Odisseu escapa dela com a erva Molu que Hermes lhe dá, mas permanecem lá por um ano.” (Scholie Q)

“Desembarcamos, depois, na ilha eólia; aqui se ergue o palácio
de Éolo,[11] de Hípotes filho, dos deuses eternos amigo,
numa ilha móvel, que à volta se encontra cercada por muro
de aço infrangível; para o alto se eleva o rochedo escarpado.
Vindos à luz no palácio, seus filhos, ao todo, eram doze,
de um sexo seis, e seis do outro, já agora no viço da idade.
Na qualidade de esposas as filhas aos moços entrega.
Sempre eles todos à mesa se sentam, do pai sempre ao lado
e da prudente consorte; iguarias sem conta lhes servem.
Cheiro na casa se expande, e o barulho, de dia, até o pátio

é percebido; de noite, porém, junto às castas esposas
dormem em leitos de entalhe finíssimo e moles tapetes.
Lá fomos ter, à cidade e ao magnífico paço em que moram.
Grata hospedagem me deu por um mês, inquirindo de tudo,
de Ílio, das naus dos Argivos e a volta dos chefes Acaios.
Todos os fatos em ordem lhe disse, conforme a verdade.
Quando, porém, lhe pedi e exortei que de novo o retorno
nos concedesse, mostrou-se disposto e aprestou-nos a volta.
Um odre deu-me de couro, tirado de um boi de nove anos,
dentro do qual encerrou o caminho dos ventos uivantes,
pois guarda ele era dos ventos, que Zeus poderoso o nomeara para
acalmá-los, ou para excitá-los, conforme entendesse.
Dentro da côncava nau amarrou-o com fio de prata
muito brilhante, porque nada os ventos soprar conseguissem.
O hálito, apenas, de Zéfiro deixa ventar-nos ponteiro,
para que a nave e a nós todos levasse; mas foi tudo inútil,
pois, por loucura dos outros, caímos num grande infortúnio.
"Por nove dias e noites vogamos, sem pausa fazermos,
e já no décimo os campos se viam da terra nativa
em tão pequena distância, que os fogos mui bem distinguíamos.
Foi quando o sono agradável, enfim, me colheu, de extenuado.
Continuamente as escotas da nau dirigia, sem dá-las
a outro qualquer, porque a pátria alcançar sem demora pudéssemos.
Vários colóquios o tempo tomavam aos meus companheiros;
todos pensavam ser ouro ou ser prata o que no odre levava,
que Éolo magnânimo, o de Hípotes filho, me havia ofertado.
Uns para os outros voltando-se, tais comentários faziam:
"'É de admirar que ele sempre se faça estimado e acatado
em qualquer terra e cidade, por todos os seus moradores.
Coisas preciosas e belas vai ele de Troia levando,
do saco, ao passo que nós, tal como ele, o caminho fizemos

e, mãos vazias, nos vemos de volta outra vez para casa.
Ora lhe deu como prova de grande amizade este mimo
Éolo. Eia! Vejamos depressa o que leva aqui dentro,
quanto ouro e prata se esconde no bojo desse odre de couro.’
“Isso disseram; e tendo vencido o conselho funesto,
logo o odre abriram, fazendo que todos os ventos saíssem:
um turbilhão tempestuoso os levou para o ponto profundo,
longe da pátria, chorando. Foi nesse momento preciso
que despertei, tendo ao peito magnânimo, ali, consultado
se mais valia atirar-me da nau, perecendo nas ondas,
se padecer em silêncio, e com vida ficar assim mesmo.
Sim, suportei e deixei-me ficar, com o rosto encoberto,
dentro da nave; a terrível procela de novo levou-nos
para a ilha eólia, por entre os gemidos dos sócios de viagem.
“Nessa paragem descemos a fim de fazermos aguada;
a refeição junto às naves velozes os sócios tomaram.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
um companheiro e um arauto, somente, escolhendo, subimos
mais uma vez para a de Éolo casa admirável; o velho
fomos à mesa encontrar com os filhos e a cara consorte.
Tendo chegado à soleira da porta, sentamo-nos todos
junto do umbral. Espantaram-se no íntimo e logo disseram:
“‘Como voltaste, Odisseu? Qual averso demônio te trouxe?
Não te reenviamos provido de jeito que, enfim, reencontrasses
a terra pátria, o teu lar e, assim, tudo o que te é mais querido?’
“Isso disseram; com peito angustiado lhes volvo, em resposta:
‘Culpa tiveram os meus companheiros e mais um funesto
sono; auxiliai-me de novo, meus caros, que tendes os meios.’
“Dessa maneira lhes disse, com termos afáveis e brandos.
Todos ficaram silentes; apenas o pai respondeu-me:
“‘Fora, depressa, desta ilha! O mais vil dos mortais és, decerto,

pois não me é lícito aqui receber nem enviar para a pátria
um indivíduo que os deuses beatos desta arte hostilizam.
Vai-te! Tua volta demonstra a que ponto és por eles odiado.’
“Disse, e expulsou-me da casa, apesar dos meus fundos gemidos.
“O coração apertado, vogamos dali para diante.
Desanimados ficamos no rude trabalho dos remos,
por culpa nossa; perdida a esperança da volta ali tínhamos.
Sem fazer pausa vogamos seis noites e dias seguidos,
mas no seguinte à cidade altanada nos fomos de Lamo,
na Lestrigônia, de portas distantes, nas quais é costume
o pastor que entra saudar em voz alta ao que sai; este o escuta.
Fora aí possível a um homem insone ganhar dois salários:
um, por levar para o pasto seus bois; outro, as brancas ovelhas;
tão perto estão, nessa altura, os caminhos do dia e da noite. [12]
Fomos aí ter a magnífico porto, cercado ele todo
de pedras íngremes, que nuas se erguem por ambos os lados.
Dois promontórios, em frente postados um do outro, se encontram
logo na entrada, salientes, que o passo, desta arte, angustiam.
Os companheiros as naves recurvas aí dentro meteram
e na porção mais interna do côncavo porto as ataram,
perto umas de outras, pois ondas jamais nesse porto se formam,
muitas nem poucas, mas sempre em bonança o mar claro se estende.
Minha nau negra, somente, deixei para o lado de fora,
numa das pontas extremas, prendendo na pedra as amarras
e, logo após, me postei de atalaia num ponto mais alto.
Campos arados por bois não se viam, nem de homens trabalhos,
mas simplesmente observamos o fumo que a terra desprende.
Sócios escolho e os envio, com o fim de notícias obterem,
que qualidade de gente que vive de pão ali havia,
tendo escolhido dois homens e o arauto, o terceiro, por sócio.
“Desembarcados se foram, trilhando vereda por onde

para a cidade é levada das altas montanhas a lenha.
Perto uma moça encontraram, trazendo vasilha para água,
filha de Antífates dos Lestrigões, de presença aprazível,
que, justamente, descia até à fonte de Artácia, de límpido
curso e aonde o povo soía baixar para de água prover-se.
A ela chegados, falaram-lhe e, logo, pergunta fizeram:
qual era o nome do rei do lugar e em que povo mandava.
No mesmo instante mostrou-lhes a casa do pai, mui bonita.
Logo que entraram na esplêndida casa e a mulher do monarca
viram, da altura de um monte, ficaram transidos de medo.
O nobre Antífates fez ela logo que da ágora viesse,
que lhe era esposo e que a todos exício maquina terrível:
sem mais demora, de um deles segura e o devora no almoço.
Os outros dois escaparam fugindo e aos navios chegaram.
Pela cidade ecoou logo o alarma, acorrendo a essas vozes
os Lestrigões vigorosos, surgidos de todas as partes,
inumeráveis, que mais pareciam gigantes, não homens.
Pedras, que excedem à força dos homens, jogaram-nos do alto.
Subitamente medonho barulho se eleva nas naves,
dos companheiros que morrem e tábuas das naves que estralam.
Tal como a peixes os fisgam e ao triste banquete os conduzem.
Enquanto os sócios matavam, desta arte, no porto profundo,
eu, arrancando da espada cortante, que ao lado pendia,
logo as amarras cortei do meu barco de proa anegrada
e muito à pressa dei ordens aos meus companheiros, dizendo
que a toda força remassem, por ver se da Morte escapávamos.
E eles, reunidos, as ondas feriram, com medo da Morte.
Alegremente fugi no meu barco das pedras a pique,
para o mar alto; os demais ali mesmo partidos ficaram.
“O coração apertado, vogamos dali para diante,
ledos por termos da Morte escapado, com perda dos sócios.

Fomos, depois, aportar à ilha Eeia, onde tinha morada
Circe, de tranças bem-feitas, canora e terrível deidade,
que era de Eets irmã, feiticeiro de espírito escuro,
pois ambos foram nascidos do Sol que os mortais ilumina,
quando com Persa se unira, que foi pelo Oceano gerada.
Lá, sem dizermos palavras, guiamos a nau para a margem,
dentro do porto; por certo um dos deuses de guia serviu-nos.
Tendo aí saltado, ficamos dois dias e noites seguidas,
com o peito apresso não só por fadigas, também pelas dores.
Mas, quando a Aurora de tranças bem-feitas nos trouxe o outro dia
pego de lança, bem como da espada de gume cortante,
e logo a um monte subi, junto à nave, e me pus de atalaia,
caso pudesse encontrar traços de homens e ouvir-lhes a fala.
Dessa maneira, ficando a observar de um penedo escarpado,
vi que da terra de largos caminhos saía fumaça;
vinha a casa de Circe, por entre a espessura das matas.
No coração a pensar, duvidoso, me pus longo tempo,
se preferível me fora ir saber qual a causa do fumo.
Tendo assim, pois, refletido, achei ser muito mais acertado
ir novamente até a praia do mar e ao navio ligeiro
dar de comer à campanha e alguns homens mandar como inculcas.
Mas, quando perto já estava das naus de traçado recurvo,
teve um dos deuses de mim compaixão, por me ver tão sozinho,
e um cervo grande, de pontas altivas, me pôs ante os olhos,
que das pastagens da mata baixava até a margem do rio,
para beber; o calor excessivo do Sol o oprimia.
A esse que vinha da mata atingi bem no meio da espinha,
tendo-lhe o corpo passado a aênea lança de ponta certeira.
Dando um gemido, na poeira caiu e exalou logo a vida.
Nele subindo e afirmando-me, a lança arranquei resistente
do ferimento, deitando-a, depois, ao seu lado no solo,

onde a deixei e, tirando cipós suficientes e vimes,
fiz uma braça de corda, torcida mui bem dos dois lados,
com a qual pude amarrar o formoso animal pelas pernas.
Pondo-o nas costas, então, carreguei-o até a nau de cor negra,
sempre na lança apoiado, pois fora impossível nos ombros
com a outra mão sustentá-la; tão grande era o corpo da fera.
Ante o navio chegado, joguei-o no chão procurando
estimular a campanha por meio de termos melífluos:
"'Caros, enquanto não vier o momento fatal, para a casa
de Hades jamais baixaremos, pesar dos trabalhos e dores.
Eia! que enquanto tivermos a bordo comida e bebida,
só de comer nos lembremos, sem sermos da fome vencidos.'
"Isso lhes disse; e eles todos, sem mais, o conselho seguiram;
o rosto logo descobrem, à praia do mar infecundo
saltam e o veado contemplam, de cujo tamanho se admiram.
Mas, depois que na visão do espetáculo os olhos saciaram,
molham nas ondas as mãos e o banquete admirável aprestam.
"Dessa maneira, portanto, até o Sol no ocidente deitar-se,
permanecemos sentados, comendo e bebendo à vontade.
Logo que o Sol se escondeu e o crepúsculo baixou sobre a terra,
fomo-nos todos deitar pela praia onde as ondas se quebram.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
fiz convocar a assembleia e a eles todos falei deste modo:
"'Ora me ouvi, companheiros, pesar dos trabalhos sofridos.
Caros, é certo ignorarmos o poente onde se acha, ou o nascente,
como onde o sol, que ilumina os mortais, sob a terra se esconde,
e onde se eleva de novo. Conselho tomemos depressa
sobre se temos remédio, conquanto isso julgue impossível.
Vi duma rocha escarpada, onde a espiar eu havia subido,
que nos achamos numa ilha, que o mar infinito circunda.
Jaz, em verdade, com pouco relevo; mas viram meus olhos

fumo elevar-se do meio, por entre a espessura das matas.’
“Isso lhes disse; eles todos, ficaram tomados de medo,
por se lembrarem de Antífates, o Lestrigão pavoroso,
e da violência do imano Ciclope, que os sócios comera.
Altos gemidos elevam, seguidos de pranto copioso;
mas não lhes vinha nenhuma vantagem de tantos lamentos.
Os companheiros de grevas bem-feitas contei e em dois grupos
os dividi, tendo a cada um dos grupos um chefe elegido,
sendo um eu próprio, e outro Eurílоco, a um deus semelhante no aspecto.
No mesmo instante tiramos à sorte, num elmo de bronze,
tendo saltado o sinal que pusera o magnânimo Eurílоco.
Sem perder tempo se pôs a caminho com vinte e dois sócios.
Todos choravam, e ali nos deixaram, também, lacrimosos.
Num vale foram achar a morada de Circe, construída
toda com pedras polidas, num sítio ao redor abrigado.
Por perto viam-se lobos monteses e leões imponentes
que ela encantara ao lhes dar a beber umas drogas funestas.
Contra os estranhos nenhuma das feras saltou; ao invés disso,
todas, imbeles, a cauda comprida, festivas agitam.
Do mesmo modo que um cão, quando o dono vem vindo da mesa
bate com a cauda, saudando-o, a esperar que lhe dê qualquer naco:
assim também festejaram os leões imponentes e os lobos
meus companheiros, que, à vista das feras, recuam medrosos.
Ante o vestíb’lo da deusa de tranças bem-feitas pararam,
e Circe ouviram, que dentro cantava com voz amorável
e no seu ritmo tecia uma tela imortal, como as deusas
fina e graciosa costumam fazer, de brilhante textura.
Primeiramente falou-lhes Polites, o condutor de homens,
que me era o mais delicado e querido de todos os sócios:
“‘Caros amigos, lá dentro alguém tece, meneando-se ao canto,
num grande tear, de tal forma que, à volta, o chão todo ressoa;

é talvez, deusa ou mulher; em voz alta chamemos depressa.’
“Isso disse ele; os demais para dentro em voz alta chamaram.
Sem se fazer esperar, veio Circe e o portão lhes franqueia,
belo e brilhante; os estultos, então para dentro a seguiram,
com exceção só de Eurílоco, por suspeitar de algum dolo.
Ela os levou para dentro e of’receu-lhes cadeiras e tronos,
e misturou-lhes, depois, louro mel, queijo e branca farinha
em vinho Pirâmnio; à bebida, assim feita, em seguida mistura
droga funesta, que logo da pátria os fizesse esquecidos.
Tendo-lhes dado a mistura, e depois que eles todos beberam,
com uma vara os tocou e, sem mais, os meteu na pocilga.
Tinham de porcos, realmente, a cabeça, o grunhido, a figura
e as cerdas grossas; mas ainda, a consciência anterior conservavam.
Dessa maneira os prendeu, apesar dos lamentos, lançando-lhes
Circe bolotas, azinhas e frutos que dá o pilriteiro,
para comerem, quais porcos que soem no chão rebolcar-se.
“Mas quanto a Eurílоco, logo voltou para a nau de cor negra,
porque notícia dos outros levasse e do triste sucesso.
Mas, apesar de o querer, não podia emitir voz alguma,
tanta era a dor que sentia no peito; dos olhos as lágrimas
se derramavam; o espírito embalde tentava expandir-se.
Mas quando todos, movidos de espanto, perguntas fizemos,
disse-nos, sem mais rodeios, da Morte inditosa dos sócios:
“‘Como o ordenaste, ó glorioso Odisseu, fomos pela floresta,
onde num vale encontramos um belo palácio, construído
todo com pedras polidas, num sítio ao redor abrigado.
Dentro se achava no tear meneando-se alguém que cantava,
ou fosse deusa ou mulher; eles, logo, em voz alta a chamaram.
Sem se fazer esperar, ela veio e o portão lhes franqueia,
belo e brilhante; os estultos, então, para dentro a seguiram,
com exceção só de mim, por ter tido suspeita de dolo.

Todos os outros sumiram, sem que um só deles voltasse.
Por muito tempo deixei-me ficar de atalaia ali mesmo.’
“Isso disse ele; passei logo a espada de cravos de prata,
grande e de bronze, por volta dos ombros, e de arco muni-me.
Tendo isso feito, ordenei-lhe mostrasse o caminho seguido.
Mas os joelhos com ambas as mãos abraçou-me, implorante,
e, entre gemidos sentidos, me diz as palavras aladas:
“‘Contra vontade discíp’lo de Zeus, arrastar-me não queiras.
Tenho certeza que nunca hei de ver-te outra vez, e que os sócios
não mais contigo hão de vir. É mais certo fugirmos com estes
sem mais demora; talvez escapar consigamos da Morte.’
“Isso disse ele; em resposta lhe digo as seguintes palavras:
‘Fica-te, Eurílоco, neste lugar em que te achas, sozinho,
junto da célebre nau de cor negra, comendo e bebendo;
mas, quanto a mim, seguirei, porque força incontida me obriga.’
“Tendo isso dito, da nave afastei-me e da praia marinha.
Mas, quando estava no vale sagrado e do grande palácio
me aproximava, de Circe que todas as plantas conhece,
Hermes me veio encontrar, o imortal que o bastão de ouro leva —
antes de a casa chegar — na figura de um moço radiante
a quem o buço começa a apontar na sazão mais graciosa.
Da mão me toma e, falando, me disse as seguintes palavras:
“‘Por onde vais, infeliz, através destes montes, sozinho,
do sítio ignaro? Na casa de Circe se encontram teus sócios,
sob a figura de porcos, trancados em boas pocilgas.
Vais até lá com tenção de trazê-los? Não creio, entretanto,
que de lá voltes, mas hás de ficar onde os outros se encontram.
Quero, porém, proteger-te e livrar-te do mal iminente.
Toma esta droga de muita eficácia e o palácio de Circe
entra, porque há de livrar-te a cabeça do dia funesto.
Vou revelar-te os ardis perniciosos usados por Circe:

há de bebida of’recer-te e veneno te pôr na comida.
Mas impossível ser-lhe-á enfeitiçar-te, que a droga excelente
que ora te entrego desfaz esse influxo. Atende ao que segue:
Logo que Circe com sua varinha tocar-te no corpo,
saca depressa da espada cortante, que ao lado te pende,
e contra a deusa arremete, mostrando intenção de matá-la.
Ela, com medo, há de, então, implorar-te que ao leito a acompanhes.
De forma alguma te negues subir para o leito da deusa,
para que os sócios te queira livrar e tratar-te benigna.
O juramento dos deuses, porém, exigir deves dela,
de que nenhuma outra insídia, de fato, planeja em teu dano;
não aconteça fazer-te vileza ao te ver desarmado.’
“Tendo isso dito, arrancou o correio de lúcido aspecto
da terra a planta e ma deu, explicando-me suas virtudes.
Tinha a raiz de cor negra, mas branca era a flor, como leite.
Móli chamavam-lhe os deuses; difícil aos homens seria,
de vida curta, arrancá-la; mas tudo os eternos conseguem.
“Hermes, depois de isso feito, partiu para o Olimpo elevado,
pela ilha de árvores cheia; eu, me fui para a casa de Circe.
O coração, nesse instante, batia-me forte no peito.
Diante da porta da deusa de tranças bem-feitas detive-me,
de onde, depois, em voz alta, chamei, tendo a deusa me ouvido.
Sem se fazer esperar o portão veio Circe franquear-me,
belo e brilhante; as pegadas segui-lhe, apesar de apreensivo.
Lá, convidou-me a sentar-me em cadeira com cravos de prata,
de fino entalhe, e por baixo dos pés colocou-me escabelo.
Num copo de ouro mexeu a mistura, que a mim destinava
e, com maldosos intuitos, juntou-lhe uma droga funesta,
dando-me logo a beber, o que fiz, sem ficar encantado.
Bate-me, então, com a varinha, dizendo as seguintes palavras:
‘Para o chiqueiro vai logo deitar-te com teus companheiros.’

Mas, arrancando da espada cortante, que ao lado pendia,
contra ela avanço, mostrando no gesto intenção de matá-la.
Circe com gritos agudos correu a abraçar-me os joelhos
e, com sentidos lamentos, me diz as palavras aladas:
"'Qual o teu povo e o teu nome? teus pais? a cidade em que moras?
Muito me admira que tenhas bebido e do encanto escapado,
pois, até hoje, ninguém resistiu ao poder desta droga,
inda que aos lábios, acaso, só tenha de leve chegado.
Trazes no peito, porém, coração resistente aos feitiços.
És, porventura, Odisseu, o solerte, de quem me disse Hermes,
o guia de áureo bastão, muitas vezes, que aqui chegaria,
quando de volta de Troia, em navio veloz de cor negra?
Ora repõe na bainha essa espada, e ambos nós, depois disso,
para o meu leito subamos, porque ambos, no amor enlaçados
dessa maneira, no leito tenhamos confiança recíproca.'
"Isso disse ela; em resposta lhe torno as seguintes palavras:
'Ó Circe, como me pedes que seja bondoso contigo,
se os companheiros em porcos mudaste em teu próprio palácio?
Ora me tens aqui preso com plano insidioso, e me mandas
que à tua câmara suba e partilhe contigo do leito,
para que possas fazer-me vileza ao me veres sem armas.
Não, jamais hei de mostrar-me disposto a subir ao teu leito,
a menos que te disponhas, ó deusa, a fazer uma jura
de que nenhuma outra insídia planejas, de fato, em meu dano.'
"Isso lhe disse; ela, logo, jurou como eu tinha pedido.
Tendo ela, pois, completado as palavras da fórmula sacra,
fui para o leito de Circe, de fino e belíssimo entalhe.
"Azafamadas, então, no palácio cuidavam da festa
quatro criadas, que sempre na casa de tudo se ocupam.
São elas todas oriundas de fontes e bosques sagrados
e de sagradas correntes, que as águas ao mar vão levando.

Uma, por cima dos tronos coloca bonitos tapetes
de cor de púrpura, ao tempo em que pano distende por baixo;
outra vem logo depois e coloca na frente dos tronos
mesas de prata e, sobre estas, enfim, de ouro puro açafates;
uma terceira em cratera de prata mistura melífluo
vinho gostoso e o reparte, depois, pelos cálices de ouro;
água é trazida, por fim, pela quarta, que, para aquecê-la,
por sob a trípode grande, expedita, acendeu vivo fogo.
Quando no vaso de fúlgido bronze a fervura começa,
faz-me subir na banheira e com água da trípode grande
em agradável mistura me banha a cabeça e as espáduas,
té que o cansaço, que as forças consome, dos membros me saia.
Pós esse banho, com óleo brilhante solícita ungiu-me,
pôs-me nos ombros, por cima da túnica, um manto lanoso,
para o salão me levou, onde trono de prata me oferta,
de fino entalhe, e escabelo por baixo dos pés me coloca.
Água lustral ministrava a criada em gomil primoroso
de ouro, deixando-a cair sobre as mãos em bacia de prata,
pondo diante de mim, a seguir, uma mesa polida.
A despenseira zelosa aparece, que pão logo serve,
como, também, provisões abundantes, que dá prazenteira.
Circe mandou que comesse; nenhuma vontade eu sentia,
pois noutras coisas pensava, prevendo mais sérios perigos.
Logo que Circe me viu, sem que a mão para os pratos levasse
das iguarias, e entregue a uma dor incontida e profunda,
aproximou-se de mim e me disse as palavras aladas:
“‘Por que motivo, Odisseu, aí te deixas ficar, qual um mudo,
sem da comida provar, nem do vinho, e a gastar a tua alma?
Tens, porventura, suspeita de novo artifício? Não fica
bem tal receio, pois sabes que fiz uma jura solene.’
“Isso disse ela; em resposta lhe torno as seguintes palavras:

‘Circe, haverá quem se julgue dotado de espírito justo,
e que se atreva, em verdade, a tocar em comida ou bebida
antes de os sócios haver libertado e de os ter sob os olhos?
Mas se desejas com boa vontade que eu coma e assim beba,
os companheiros queridos liberta e mos põe ante a vista.’
“Dessa maneira lhe disse; atravessa, então, Circe o palácio,
com a varinha na mão, para abrir o portão do chiqueiro,
e os companheiros tirou, quais javardos de mais de nove anos.
Põe todos eles em ordem, enquanto ela corre a fileira
a friccioná-los com droga diversa da que antes usara.
Logo dos ombros as cerdas caíram, tais como nasceram
por eficácia da droga que a deusa potente lhes dera.
Voltam de novo a ser homens, porém de conspecto mais jovem,
com mais bonita aparência e estatura maior de ser vista.
Reconheceram-me e vieram as mãos apertar-me depressa.
Lágrimas todos, saudosos, vertiam; à volta o palácio
alto ecoava, a tal ponto que a deusa, também comoveu-se,
e, para mim se chegando, me disse as seguintes palavras:
‘Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
ora te apressa até a praia do mar e ao navio ligeiro,
e, antes de mais, cuida logo em trazer para terra o navio;
vossos tesouros, depois, com as armas, nas grutas coloca
e novamente retorna, trazendo os teus fiéis companheiros.’
“Dessa maneira falou, convencendo-me o peito magnânimo.
Para o navio veloz dirigi-me, na praia marinha,
onde encontrei junto ao barco recurvo os queridos amigos
a derramar quentes lágrimas entre suspiros magoados.
Como apartadas novilhas, a volta das vacas à espera,
quando estas chegam, trazidas do pasto, depois de saciadas,
saltam-lhes todas em torno, sem que possam cordas retê-las,
e com mugidos contínuos ao encontro das mães vêm correndo:

os companheiros, assim, sobre mim se atiraram, chorando,
quando ante os olhos me viram, pois no íntimo todos sentiam
como se à pátria tivessem chegado ou à cidade nativa,
Ítaca rude, que a todos havia gerado e nutrido.
E com sentidos lamentos, aladas palavras disseram:
"'Tanta alegria, discíp'lo de Zeus, tua volta nos causa,
tal como se a Ítaca houvéssemos ido, a cidade nativa;
mas conta logo o extermínio fatal dos demais companheiros.'
"Isso disseram; com termos afáveis e brandos lhes torno:
'Antes de nada, cuidemos de a terra trazer o navio;
nossos tesouros, depois, como as armas, nas grutas ponhamos,
para que seja possível seguirdes-me todos, depressa,
a fim de verdes os sócios no sacro palácio de Circe,
como em fartura se encontram comendo e bebendo à vontade.'
"Isso lhes disse; depressa eles todos as ordens cumpriram;
somente Euríloco tenta reter os demais companheiros,
que, para todos voltando-se, aladas palavras profere:
"'Pobres de nós, aonde vamos? Por que procurar a desgraça,
indo de grado ao palácio de Circe? Ela a todos, sem falta,
há de mudar nossa forma, em cevados, ou leões, feros lobos,
para que à força fiquemos de guarda a seu grande palácio,
do mesmo modo que fez o Ciclope, ao pisarem-lhe a furna,
por Odisseu audacioso levados, os nossos amigos.
Por culpa deste, somente, eles todos ali pereceram.'
"Isso disse ele; no peito senti um desejo veemente
de a longa espada arrancar que eu trazia na coxa robusta
e decepar-lhe a cabeça, fazendo-a rolar pelo solo,
posto me fosse parente chegado. Mas meus companheiros
com termos brandos procuram por toda maneira impedir-me:
"'Filho de Zeus, se te apraz, este aqui deixaremos, sozinho.
Fique ele junto da célere nau, porque assim no-la guarde.

Mas a nós outros conduze até o sacro palácio de Circe.’
“Tendo isso dito, afastamo-nos todos da nave e da praia;
o próprio Euríloco não quis ficar junto a côncava nave,
mas nos seguiu, por temer, em verdade, a terrível ameaça.
“Circe, entrementes, tratava dos mais no interior do palácio;
banho lhes deu, cuidadosa, óleo pingue no corpo lhes passa
e sobre os ombros lhes pôs mantos finos de lã sobre as túnicas.
Fomos a todos achar banqueteando-se alegres na sala.
Quando se viram reunidos e o rosto uns dos outros olharam,
em grande choro prorrompem, ouvido por todos na casa.
Circe preclara de mim se aproxima e me diz o seguinte:
“‘Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
dai fim a tantos lamentos, pois eu, também, sou sabedora
de quanta dor indizível sofrestes no oceano piscoso
e quanto em terra indivíduos hostis vos causaram prejuízo.
Ora cuidai de tomar alimento e beber vinho rútilo,
té que no peito a coragem de novo tenhais adquirido,
como éreis todos no tempo em que a terra nativa deixastes,
Ítaca rude. Ora todos estais abatidos e fracos,
sempre a pensar nos trabalhos passados em viagem, sem nunca
vos alegrardes, porque muitas dores já tendes sofrido.’
“Dessa forma falou, convencendo-nos o peito magnânimo.
Lá nos deixamos ficar pelo prazo de um ano completo,
todos os dias à mesa, comendo e bebendo à vontade.
Mas, depois de o ano completo e de as Horas, [13] de novo, voltarem,
ao se acabarem os meses, e os dias, por fim, se alongarem,
os companheiros queridos, então, a mim vieram, dizendo:
“‘Homem terrível, já é tempo de a pátria no peito avivares,
se te reserva o Destino, de fato, salvar-te e chegares
à casa de alto telhado, assim como ao país de nascença.’
“Por esse modo falaram, vencendo-me o peito magnânimo.

Dessa maneira, portanto, até o Sol no ocidente deitar-se,
nos conservamos sentados, comendo e bebendo à vontade.
Logo que o Sol se acolheu e o crepúsculo baixou sobre a terra,
foram-se todos, então, repousar pelas salas sombrias.
Eu, porém, logo subi para o leito admirável de Circe
e supliquei-lhe abraçando-lhe os joelhos; a deusa atendeu-me.
A ela voltando-me, então, lhe dirijo as palavras aladas:
"'Ó Circe, cumpre-me, agora, a promessa que há tempos fizeste
de me reenviar para casa, que o peito partir já me ordena.
Os companheiros, também, o desejam, que muito me afligem
com seus lamentos, à volta de mim, quando te achas ausente.'
"Disse-me a deusa preclara, em resposta a essas minhas palavras:
'Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
contra vontade, por certo, não mais ficareis aqui em casa;
mas é preciso que empreendas, primeiro, outra viagem e que entres
a casa lúgubre de Hades e da pavorosa Perséfone,
para que possas consulta fazer ao tebano Tirésias,
cego adivinho, cuja alma os sentidos mantém ainda intactos.
A ele, somente, Perséfone deu conservar o intelecto
mesmo depois de ser morto; as mais almas esvoaçam quais sombras.'
"Parte-se-me o coração ao ouvi-la dizer tais conceitos.
Caio de bruços por cima do leito, a chorar, sem vontade
nem de com vida ficar, nem de ver outra vez o Sol claro.
Mas, depois que me saciei de chorar e rolar pelo solo,
viro-me, então, para a deusa e lhe digo as seguintes palavras:
"'Ó Circe, quem poderá nessa viagem servir-nos de guia?
A Hades ninguém conseguiu até agora chegar em nau negra.'
"Disse-me a deusa preclara, em resposta a essas minhas palavras:
'Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
não te preocupes por falta de guia na célere nave.
Quando erigires o mastro e soltares a cândida vela,

senta-te; o sopro de Bóreas a nave há de, então, conduzir-te.
Quando, porém, teu navio tiver o Oceano cortado,
e de Perséfone o bosque alcançares, no ponto mais baixo —
álamos altos se veem, dos salgueiros os frutos se perdem —
do vorticoso Oceano detém nessa altura tua nave,
e para o de Hades escuro palácio, sem mais, te dirige.
Joga suas águas ali, no Aqueronte, o Piriflegetonte,
como o Cocito, também, que não é mais que um braço do Estige. [14]
Onde eles dois se reúnem ruidosos existe uma rocha.
A esse lugar, herói, chega-te, tal como agora te exorto,
e um fosso cava, que tenha de todos os lados um côvado.
À sua volta farás libações para todos os mortos:
primeiramente, de mel misturado; depois, de bom vinho;
de água a terceira e, por cima de tudo, farinha derrama.
Férvidos votos promete às cabeças exangues dos mortos,
de que hás de em Ítaca, em casa, uma vaca imolar-lhes estéril,
a de melhor aparência, queimando preciosos objetos,
e que a Tirésias, também, ofertar hás de um belo carneiro,
negro, sem mancha, o que em vossos rebanhos a todos exceda.
Mas, depois que suplicado tiveres ao coro dos mortos,
deves, então, um carneiro matar e uma ovelha bem negra,
pondo-os virados para o Érebo; mas nesse instante teu rosto
deves torcer para o curso do rio; verás, nesse passo,
que muitas almas afluem, de seres da vida privados.
Os companheiros exorta, depois, e lhes manda que as reses,
que se acham mortas no chão, pelo bronze cruel abatidas,
queimem, depois de esfolá-las, e os votos aos deuses dirijam,
Hades, o deus poderoso, e a terrível e horrenda Perséfone.
Tu, porém, saca de junto da coxa teu gládio cortante,
senta-te e espera; não deixes que as pálidas sombras dos mortos
no sangue toquem, sem teres, primeiro, a Tirésias falado.

Logo há de a sombra te vir do adivinho, o pastor de guerreiros,
que há de o roteiro apontar-te e a extensão do caminho a fazeres
para voltares à pátria, cursando o oceano piscoso.’
“Disse, no tempo em que a Aurora surgiu no seu trono dourado.
Pôs-me nos ombros a deusa uma túnica e um manto por cima.
Ela, no entanto, se adorna com peplo bem grande e luzente,
belo de ver e mui fino, que aperta no corpo com um cinto
de ouro lavrado; por último o véu na cabeça coloca.
Por todo o grande palácio, então, fui exortar os amigos
e, a cada um deles chegando-me, em termos melífluos lhes falo:
“‘Ora, deixai de dormir, de entregar-vos ao sono agradável.
Vamos, que é tempo; já Circe potente ordenou que partíssemos.’
“Disse-lhes; logo ficaram convictos nos peitos magnânimos.
Mas nem dali consegui os companheiros tirar sem prejuízo.
Certo Elpenor entre os sócios havia, o mais moço, nem muito
forte na guerra, nem mesmo dotado de todo o juízo.
Esse, afastado dos mais companheiros, nos paços de Circe,
fora dormir ao ar fresco, a cabeça pesada de vinho.
Mas, ao ouvir a conversa e o barulho que os sócios faziam,
subitamente tentou levantar-se, esquecendo-se na alma
de utilizar-se da escada por onde voltar deveria.
Cai do terraço, direito, por esse motivo; a juntura
se lhe partiu do pescoço, baixando para o Hades o espírito.
Quando eles todos reunidos estavam, lhes disse o seguinte:
“‘Imaginais, certamente, que a casa e que à pátria querida
ides de volta; mas outro caminho ora Circe me ordena,
à casa lúgubre de Hades e da pavorosa Perséfone,
para que possa consulta fazer ao tebano Tirésias.’
“O coração se lhes parte, querido, a essas minhas palavras;
no chão se assentam gemendo e os cabelos da frente arrancando.
Mas não lhes vinha nenhuma vantagem de tantos lamentos.

“Quando, porém, rumo à praia e ao navio veloz caminhávamos,
a derramar quentes lágrimas, entre suspiros magoados,
Circe já havia aí chegado e, no barco pintado de preto,
tinha amarrado um carneiro e também uma ovelha bem negra.
Fácil, de nós se furtou. Quem consegue enxergar um dos deuses,
a seu mau grado, quando ele se move de um ponto para outro?

CANTO XI

CONSULTANDO OS MORTOS

“Odisseu narra como, pelo conselho de Circe, descem para o Hades. Ouve do adivinho Tirésias o modo de salvar a si próprio e aos companheiros. Ele vê no Hades heróis e heroínas, a própria mãe, alguns da campanha de Troia e também alguns criminosos.” (Scholie P V)

“Quando chegamos à beira do mar e ao navio ligeiro,
antes de tudo, arrastando-o, o metemos nas ondas divinas;
mastro, depois, levantamos, e velas no negro navio,
e ambas as reses pusemos a bordo; em seguida subimos,
a derramar quentes lágrimas, entre suspiros magoados.
Por trás de nosso navio de proa anegrada mandou-nos
Circe, de tranças bem-feitas, canora e terrível deidade,
vento propício, que as velas enfuna, excelente companha.
Dos apetrechos, então, do navio, sem falha cuidamos,
e nos sentamos na nave, que o vento e o piloto dirigem.
O dia inteiro, com vela enfunada, no mar navegamos;
e, quando o Sol se deitou e as estradas a sombra cobria,
eis-nos chegados ao termo do Oceano de funda corrente.
Nessa paragem se encontra a cidade dos homens Cimérios,

que se acham sempre envolvidos por nuvens e brumas espessas;
nunca foi dado alcançá-los os raios do Sol resplendente,
nem ao subir, ao vingar ele a estrada do céu estrelado,
nem quando baixa de novo, na volta do céu para a terra.
Noite nociva se estende sem pausa por sobre esses míseros.
Nessa paragem puxamos a nau para a margem, tirando
de dentro as reses, e ao longo nos fomos do curso do Oceano, [15]
té sermos todos chegados ao ponto indicado por Circe.
"Por Perimedes e Euríloco as vítimas foram sustidas;
e eu, arrancando da espada cortante de junto da coxa,
um fosso abri, que de todos os lados um côvado mede,
e libações, à sua volta, fizemos a todos os mortos:
primeiramente, de mel misturado; depois, de bom vinho;
de água a terceira, espalhando farinha por cima de tudo.
Férvidos votos alcei às cabeças exangues dos mortos,
de, quando em Ítaca, em casa, uma vaca imolar-lhes estéril,
a de melhor aparência, queimando preciosos objetos,
e que a Tirésias, à parte, um carneiro, também, mataria,
negro sem mancha, o que em nossos rebanhos os mais excelesse.
Tendo assim, pois, dirigido meus votos ao coro dos mortos,
tomo as duas reses e em cima do fosso as mantenho cortando-lhes
logo o pescoço. Escorreu sangue negro. Em tropel afluíram,
do Érebo escuro provindas, as almas de inúmeros mortos,
moços e moças, e velhos em males há muito experientes,
e virgens tenras, há pouco, somente, do mal sabedoras.
Muitos guerreiros afluem, por lanças de bronze feridos
em duros prélios, que manchas de sangue nas armas ostendem.
Inumeráveis, à volta do fosso, com grande alarido
correm de todos os lados; o pálido Medo me tolhe.
Os companheiros, depois, exortei, ordenando que as reses,
que estavam mortas no chão, pelo bronze cruel abatidas,

logo queimassem, depois de esfolá-las e rogos ter feito
a Hades, o deus poderoso, e à terrível e horrenda Perséfone.
Eu, porém, saco de junto da coxa meu gládio cortante,
e me sentei, não deixando que as pálidas sombras dos mortos
se aproximassem do sangue antes de eu me entender com Tirésias.
"A alma do sócio Elpenor achegou-se-nos antes de todas,
que ainda não fora inumado na terra de largos caminhos,
pois no palácio de Circe insepulto o cadáver deixáramos
e sem os prantos do estilo; outras dores urgiam prementes.
Lágrimas verto à sua vista, sentindo apertar-se-me o peito;
e, para ele voltando-me, aladas palavras lhe digo:
"'Como vieste, Elpenor, ter às trevas espessas de baixo?
A pé chegaste primeiro do que eu em navio ligeiro.'
"Isso lhe disse; e ele, então, suspirando, me torna, em resposta:
'Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
prejudicou-me um demônio nocivo e a abundância de vinho.
Ao encontrar-me na casa de Circe deitado, esqueceu-me
utilizar-me da escada por onde voltar deveria;
e, em consequência, caí do terraço, direito: a juntura
se me partiu do pescoço, baixando para o Hades o espírito.
Pelos ausentes te peço, por quantos na pátria ficaram,
por tua esposa e teu pai, que te criou, de pequeno, cuidoso,
e por Telêmaco, o filho dileto, que em casa deixaste:
tenho certeza que ao ires de volta do de Hades palácio,
na ilha de Eeia, hás de a nave bem-feita aproar novamente.
Peço-te, ó chefe, te lembres de mim quando ali tu chegares.
Sem sepultura e sem prantos não deixes ficar o meu corpo
quando partires, que a cólera, então, chamarás dos eternos;
mas na fogueira me deita com todas as armas que tenho,
e monumento me eleva na beira do mar pardacento,
para que chegue aos vindouros o nome de um ser desditoso.

Feito isso tudo, por último, finca no túmulo o remo
com que eu, em vida, remava sentado com meus companheiros.’
“Isso me disse; em resposta lhe torno as seguintes palavras:
‘Tudo, infeliz, será feito e cumprido conforme o desejas.’
“Dessa maneira ficamos trocando sentidas palavras,
ambos sentados; a espada mantinha por cima do sangue;
a alma do sócio, do lado contrário, exprimia queixumes.
De minha mãe, falecida de pouco, a alma veio, após isso,
filha de Autólico, de ânimo grande, por nome Anticleia,
que, ainda com vida, deixara ao seguir para Troia sagrada.
Lágrimas verto sentidas, ao vê-la entre as sombras dos mortos.
Mas, apesar da vontade de ouvi-la, não quis que do sangue
se aproximasse, sem que eu com Tirésias falasse primeiro.
“A alma chegou, afinal, do Tebano adivinho Tirésias,
com cetro de ouro na mão; conheceu-me e me disse o seguinte:
“‘Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
por que motivo, infeliz, a luz clara do Sol desprezaste
e vieste aqui ver os mortos e a triste região em que habitam?
Mas, para o lado do fosso retira-te e a espada recolhe,
para que eu possa do sangue provar e dizer-te a verdade.’
“Disse; afastando-me, a espada de cravos de prata de novo
pus na bainha. Depois que do sangue anegrado provara,
vira-se o grande vidente e me diz as seguintes palavras:
‘Andas em busca do doce regresso, Odisseu preclaríssimo,
mas há de um deus agravar-te o retorno; não creio que escapes
do que sacode os pilares da terra, pois sempre irritado
contra ti se acha, por teres o filho querido cegado.
Mas, apesar dos trabalhos, à pátria hás de ir ter estremada,
se conseguires refrear a cobiça e a dos teus companheiros,
quando chegar teu navio, de sólida e bela feitura,
à ilha Trinácria, fugindo da sanha das ondas violentas,

onde hás de ver nas pastagens as vacas e pingues ovelhas
de Hélio que tudo discerne e que todas as coisas escuta.
Se nenhum mal lhes fizerdes, cuidando somente da volta,
posto que muitos trabalhos tenhais, ainda haveis de ver Ítaca;
mas se as lesardes, então, desde já te anuncio a ruína
dos companheiros, bem como da nave; conquanto te salves,
hás de voltar muito tarde, com perda de todos os sócios,
em nave estranha, indo em casa encontrar infinitos trabalhos,
homens de grande soberba, que todos os bens te devoram,
e que tua esposa divina pretendem ganhar com presentes.
Mas, lá chegado, sem dúvida a todos darás o castigo.
Quando, porém, no interior do palácio tiveres matado
os pretendentes, com bronze afiado, ou de frente ou por dolo,
põe-te de novo a caminho, com um remo de fácil manejo,
té te encontrares no meio de seres que o mar nunca viram,
que por costume não tenham com sal temperar a comida
e desconheçam navios dotados de proas vermelhas,
bem como remos de fácil manejo, que às naus servem de asas.
Dar-te-ei um bem visível sinal que não deves deixar passar
logo que outro homem no mesmo caminho que o teu encontrares,
e te disser que uma pá de espalhar grãos de trigo carregas,
crava, então, nesse lugar o teu remo de fácil manejo,
e sacrifícios esplêndidos logo oferece a Posido,
primeiramente um carneiro, depois um novilho e um cachaço.
Volta, depois, para casa e oferece hecatombes sagradas
às divindades eternas, que moram no céu espaçoso,
a todas elas, por ordem. Distante do mar há de a Morte
te surpreender por maneira mui doce e suave, ao te vires
enfraquecido em velhice opulenta e deixares um povo
completamente feliz. Eis que toda a verdade te disse.’
“Isso disse ele; em resposta lhe torno as seguintes palavras:

‘Foram, sem dúvida, os deuses, Tirésias, que assim decretaram.
Vamos! Agora me fala e responde conforme a verdade.
De minha mãe a alma vejo, que a vida deixou, não faz muito;
acha-se junto do sangue sentada, não diz coisa alguma,
nem tem coragem de olhar para o filho; com ele não fala.
Dize, senhor, como pode ela vir a saber que eu sou ele?’
“Isso lhe disse; em resposta me torna as seguintes palavras:
‘Fácil resposta vou dar-te e na mente, sem custo, imprimir-te.
Quantas, das almas dos mortos, que ali se aglomeram, deixares
aproximar-se do sangue, dir-te-ão a verdade inconcussa;
mas as demais recuarão, as que não permitires fazê-lo.’
“Tendo isso dito, se foi para o de Hades palácio de novo
a alma do vate Tirésias, depois de anunciar a verdade.
No mesmo ponto fiquei, até vir minha mãe para perto,
o negro sangue beber. Conheceu-me no mesmo momento,
e, com sentidos queixumes, me diz as palavras aladas:
“‘Como vieste, meu filho, até as trevas espessas de baixo,
ainda com vida? É difícil aos vivos olhar estes quadros.
Há, de permeio, cachoeiras enormes e rios violentos,
a começar pelo Oceano, que nunca jamais ninguém pôde
a vau transpor, mas somente provido de nau bem-construída.
Ora, depois de vagar muito tempo com teus companheiros,
vieste de Troia até aqui? Às paragens ainda não foste
de Ítaca, nem te avistaste em teus paços com tua consorte?’
“Isso me disse; em resposta lhe torno as seguintes palavras:
‘Foi, minha mãe, necessário descer até ao de Hades palácio,
para consulta fazer ao Tebano adivinho Tirésias.
Ainda ao país dos Aqueus não fui ter, nem à pátria querida,
mas sem cessar hei vagado, sofrendo aflições incontáveis
desde o momento em que o Atrida preclaro segui como sócio
para guerrear os Troianos em Ílio, de belos cavalos.

Vamos! Agora me fala e responde conforme a verdade:
Como domou-te o destino, inflingindo-te Morte implacável?
Foi demorada doença? A ti veio, talvez, a frecheira,
Ártemis, que te privasse da vida com dardos suaves?
Do pai me conta e do filho, que em casa, ao partir, me ficaram,
se as regalias do mando ambos eles desfrutam, ou se outrem
as usurpou, por julgar que não hei de rever o palácio?
O pensamento e a vontade, também, me revela da esposa,
se junto ao filho ainda se acha e conserva os haveres intactos,
se o mais insigne dos chefes Aqueus a tomou por consorte?'
"Disse-me, então, minha mãe veneranda a essas minhas palavras:
'O coração paciente, em verdade, tua esposa ainda se acha
onde a deixaste, em tua casa. Aflição permanente a consome
todas as noites e dias, sem nunca pôr termo ao seu pranto.
Ainda ninguém do comando real se apossou, mas Telêmaco
todos os bens te administra tranquilo, e frequenta os banquetes,
tal como cumpre a pessoa que sói distribuir a justiça.
É convidado por muitos. No campo teu pai ainda se acha,
sem baixar nunca à cidade. Jamais dorme em leito macio,
por não ter mantos em casa, nem cópia de bons cobertores.
Dorme, de inverno, na casa onde os servos encontram repouso,
na cinza, junto à lareira, com roupa andrajosa por cima.
Mas, quando chega o verão e a estação luxuriante de frutos,
pelo montuoso terreno em que tem sua vinha plantada
no chão a cama prepera, formada de folhas caídas.
Acabrunhado ali fica, sentindo a tristeza indizível
de tua ausência. Sobre ele carrega a velhice funesta.
Esse o motivo, também, de me ver pelo Fado colhida.
Não me matou no interior do palácio a frecheira veloce,
que, com seus dardos suaves, da vida, afinal, me privasse;
nem foi, tampouco, doença que sói produzir nos humanos

definhamento terrível, e a força dos membros apaga;
mas os cuidados, ilustre Odisseu, por tua causa, e a saudade,
como a ternura que a mim dedicavas, tiraram-me a vida.’
“Profundamente abalado deixaram-me suas palavras;
e, desejoso de o espírito ao peito apertar com ternura,
arremeti por três vezes, levando-me o peito a abraçá-la;
por outras tantas dos braços fugiu-me, qual sombra fugace,
ou mesmo sonho, deixando-me dor mais acerba no espírito.
Volto-me, então, e lhe digo as seguintes palavras aladas:
‘Mãe, por que evitas o abraço em que tanto desejo estreitar-se?
Não poderíamos nós, até mesmo aqui no Hades, os braços
entrelaçar e atenuar, desse modo, a tristeza indizível?
Ou, porventura, Perséfone ilustre, um fantasma ilusório
somente a mim deixou vir, porque dores mais fundas sentisse?’
“Disse-me, então, minha mãe veneranda a essas minhas palavras:
‘Pobre de mim, caro filho, dos homens o mais desgraçado!
Não, não te engana Perséfone, a filha de Zeus poderoso:
esse o destino fatal dos mortais, quando a vida se acaba,
pois os tendões de prender já deixaram as carnes e os ossos.
Tudo foi presa da força indomável das chamas ardentes
logo que o espírito vivo a ossatura deixou alvacenta.
A alma, depois de evolar-se, esvoaça qual sombra de sonho.
Mas cuida logo de à luz retornar; grava na alma isso tudo,
para que possas, depois do retorno, à tua esposa contá-lo.’
“Dessa maneira, em colóquios, estávamos. Outras mulheres
se aproximaram, enviadas a nós pela ilustre Perséfone,
filhas e esposas preclaras de heróis da mais nobre linhagem.
Todas da negra sangueira agrupadas em roda ficaram.
Considerei de que modo a cada uma falar conseguisse;
té que, afinal, tomei um, entre os vários alvitres pensados.
A longa espada arrancando do lado da coxa robusta,

não consenti que da negra sangueira elas todas provassem
ao mesmo tempo, mas uma após outra, contando-me, logo,
de que linhagem provinham, conforme inquiria curioso.
"Tiro, de nobre progênie, em primeiro lugar se apresenta,
que disse ser descendente do herói Salmoneu primoroso
e com Creteu desposada, que de Éolo grande nascera.
Do sacro rio Enipeu ela viu-se tomada de amores,
o mais bonito de quantos no dorso da terra deslizam;
donde o prazer de passear pela margem do rio brilhante.
Mas o que a terra sacode, tomando-lhe a externa aparência,
veio deitar-se-lhe ao lado, na foz vorticosa do rio.
Onda purpúrea, encurvada, sobre eles, em forma de monte,
alça-se em torno, ocultando assim o deus e a donzela terrena.
Fê-la dormir, e dos flancos o cinto de virgem desprende.
Quando o trabalho amoroso concluiu, o que a terra sacode
toma-lhe a mão e, falando, lhe diz as seguintes palavras:
"'Deve alegrar-te, mulher, esse amor; quando os anos correrem,
filhos terás, muitos filhos, notáveis, que os leitos dos deuses
não são estéreis. Tu, pois, deles cuida e os provê de alimentos.
Ora a tua casa retorna e meu nome a ninguém pronuncia,
pois sou Posido, de escuros cabelos, que a terra sacode.'
"Tendo isso dito, mergulha de novo no mar ondulante.
Grávida tendo ficado, foi mãe de Neleu e de Pélias,
que, como servos robustos de Zeus poderoso, cresceram.
Pélias em Iolco de extensas planícies o mando exercia,
rico em rebanhos; mas o outro, no chão arenoso de Pilo.
Outros filhos como esposa imperial de Creteu pôs no mundo:
Ésone, o claro Ferete e o ginete valente Amitáone.
"Logo depois desta, Antíopa eu vi, pelo Asopo gerada,
que se gloriava de ter tido Zeus, como amante, nos braços,
de quem nasceram depois Zeto e Anfião, dois robustos rebentos,

os que a alta Tebas fundaram, de sete portões e altas torres,
pois sem baluartes, de fato, de todo lhes era impossível
na vasta Tebas morar, apesar de ambos serem valentes.
“Veio, depois desta, Alcmena, que de Anfitrião era esposa,
de Héracles mãe, mui valente guerreiro de peito leonino,
logo depois de deitar-se nos braços de Zeus poderoso.
Vi, também, Mégara, filha notável de Creonte orgulhoso,
que se casou com o herói Anfitriônio, [16] jamais subjugado.
Vi, depois dela, a mãe de Édipo, a bela rainha Epicasta,
a quem o filho, assassino do pai, por esposa tomara.
Nesse atrocíssimo crime a mãe dele insciente foi cúmplice.
Em breve os deuses, porém, aos mortais o ocorrido contaram.
Ele, trabalhos bastantes em Tebas sofreu primorosa,
quando dominava os Cadmeios, pelos desígnios dos deuses.
Ela, tomada de dor indizível, em trave elevada
corda sinistra passou e desceu para o do Hades palácio
de solidíssimas portas. Ao filho legou sofrimentos
inumeráveis, que Erínias maternas a ponto executam.
“Vi, também, Clóride, a bela, que o forte Neleu desposara
tão só por sua esbelteza, pagando-lhe dote estupendo;
era a mais moça das filhas de Anfíono, o Iásida ilustre,
que na cidade dos Mínios, Orcómeno, outrora reinara.
Foi entre os Pílios rainha e gerou nobilíssimos filhos,
Crômio, Nestor e, também, Periclímeno, de gênio altivo,
e a forte Pero, que a todos os homens encanto causava.
Foi requestada por muitos vizinhos, mas só pretendia
dá-la Neleu ao que as vacas tardonhas, de fronte espaçosa,
fosse capaz de tirar da força de Íficlo
mui árdua empresa. Somente asselou de trazê-las um vate
irrepreensível; mas foi por desígnio dos deuses obstado,
pois os pastores do campo o prenderam com duras cadeias.

Quando, porém, decorridos já eram os meses e os dias
e, o ano todo vencido, de novo as sazões retornaram,
a força de Íficlo, alfim, dos pesados grilhões o liberta,
pois lhe contara os orác'los, cumprindo de Zeus os desígnios.
"Leda, em seguida, de mim se aproxima, a consorte de Tíndaro,
do qual gerou dois rebentos dotados de espírito ousado,
o domador de cavalos, Castor, e o viril Polideuces.
Ambos, com vida, no seio da terra fecunda se encontram,
e, mesmo embaixo da terra, por Zeus distinguidos, mudança
fazem de sítio alternada, passando com os vivos um dia,
e outro com os mortos; iguais honrarias que os deuses recebem.
"Veio, depois, a consorte de Aloeu, Ifimédia chamada,
que se orgulhava de haver sido a amada do divo Posido,
de quem dois filhos gerou, mas dotados de curta existência,
Oto divino e Efialto, cercado da auréola da fama.
Homens tão grandes a terra fecunda jamais produzira,
nem tão formosos como esses, se o célebre Orião excetuarmos,
pois nove côvados tinham de largo ao contarem nove anos,
e nove braças de altura, também, nessa idade atingiram.
Aos imortais do alto Olimpo até mesmo a ameaçar se atreveram
de deflagrar entre todos a fúria da guerra impetuosa.
Imaginaram pôr o Ossa por cima do Olimpo e, naquele,
o monte Pélio frondoso, porque fosse o céu escalado,
o que teriam cumprido se a idade viril alcançassem.
Mas o nascido de Zeus e de Leto, de belos cabelos,
a ambos destruiu, antes mesmo que as faces tivessem cobertas
de uma abundante penugem, quando eram imberbes ainda.
"Fedra, também, se apresenta, com Prócris e a bela Ariadna,
filha de Minos, de mente funesta, que outrora de Creta
levar Teseu pretendeu para o monte sagrado de Atenas,
sem que conseguisse; em Dia, [17] envolvida por água, primeiro

Ártemis a fez morrer, sendo ela acusada por Dioniso.
“Mera e Climena, também, se apresentam, e a odiosa Erifila,
que o ouro aceitou cobiçado, por troca do esposo dileto.
Fora impossível de todas falar ou, sequer, nomeá-las,
que muitas eram, esposas e filhas de nobres guerreiros.
A Noite eterna primeiro de ao termo chegar haveria.
Hora é, porém, de dormir, ou na nave com meus companheiros,
ou mesmo aqui. Vós, permita-me o Olimpo, aprestai meu retorno.”
Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram,
como se encanto sentissem no interno da sala sombria.
Foi a primeira a falar a de cândidos braços, Arete:
“Ora, Feácios, dizei-me do vosso pensar sobre este homem,
quanto à estatura e aparência e, também, à finura do espírito.
Ele é meu hóspede, certo; mas vós partilhais todos da honra.
Não vos mostreis apressados de à pátria enviá-lo, nem parcos
em cumulá-lo de dons, porque nada possui. Por vontade
dos imortais tendes todos em casa abundantes haveres.”
Fala também Equeneu para os outros, o experto guerreiro
que se prezava de ser o mais velho dos homens Feácios:
“Caros, em nada se afasta do nosso pensar e conselho
quanto nos disse a sensata rainha. Deveis atendê-la.
Mas só de Alcínoo, presente, depende a exação e a palavra.”
Disse-lhe Alcínoo, falando, em resposta, as seguintes palavras:
“Tudo será executado conforme o dissemos, enquanto
eu vivo for e reinar nos Feácios, amantes do remo.
Que se resigne o estrangeiro a ficar, muito embora saudoso,
té amanhecer, entre nós, porque sobre os presentes eu possa
providenciar. Quanto à volta, é cuidado que a todos compete,
mormente a mim, que no povo o comando e governo exercito.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Ó rei Alcínoo, entre todos ilustre e ornamento do povo!

Se por um ano mandasses que aqui a esperar me pusesse,
té me aprestares a volta, bem como admiráveis presentes,
mui satisfeito o atendera, porque vantajoso seria
que de mãos cheias pudesse voltar ao país de nascença.
Mais estimado hei de ser e acolhido com mais reverência
por quantos homens em Ítaca à minha chegada assistirem.”
Disse-lhe Alcínoo, falando, em resposta, as seguintes palavras:
“Não tens o aspecto, Odisseu, quanto mais todos nós te admiramos,
de mentiroso ou embusteiro, do jeito de tantas pessoas
que a negra terra alimenta e espalhadas se encontram no mundo,
a urdir mentiras acerca de fatos jamais presenciados.
Tu, porém, sabes dar forma admirável aos teus pensamentos.
Como um cantor eloquente disseste-nos a narrativa
dos sofrimentos do exército Argivo; que teus, também, foram.
Vamos! Agora me fala e responde conforme a verdade,
se viste, acaso, qualquer dos excelsos amigos, que outrora
a Ílio viajaram contigo, onde acerbo destino encontraram?
Muito comprida é a noite hoje, infinita; ainda é cedo, por certo,
para dormir no palácio. Ora os feitos nos conta admiráveis.
Consentiria em ficar até vir-nos a aurora divina,
se suportasses, aqui no salão, teus trabalhos contar-nos.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu o guerreiro solerte:
“Ó rei Alcínoo, entre todos ilustre e ornamento do povo!
Há tempo para repouso e, também, para grandes discursos.
Mas, se realmente escutar-me desejas, opor-me não posso
ao que me pedes, e assunto mais grave ora passo a contar-te:
quantas misérias os meus companheiros diletos sofreram,
quantos puderam fugir da lutuosa campanha dos Teucros,
para, afinal, serem vítimas duma mulher perniciosa.
Logo depois que Perséfone casta espalhou para os lados
todas as almas, com que conversava, das tenras mulheres,

a alma do Atrida Agamémnone veio postar-se mais perto,
cheia de dor, tendo à volta reunidas as dos companheiros,
que no palácio de Egisto ao Destino cruel sucumbiram.
Reconheceu-me no instante em que o sangue bebeu, de cor negra;
altos gemidos eleva, seguidos de pranto copioso,
e para mim tende as mãos, de nas minhas pegar desejoso.
Mas já o havia deixado o consueto vigor de outros tempos,
tal como sempre nos membros flexíveis possuir demonstrara.
Lágrimas verto à sua vista, sentindo apertar-se-me o peito,
e, para ele voltando-me, digo as seguintes palavras:
"'Ó nobre Atrida, Agamémnone, insigne pastor de guerreiros
de que maneira te pôde domar o implacável Destino?
Em tua nau conseguiu, porventura, Posido destruir-te,
desencadeando procela terrível e ventos furiosos?
Ou foi à mão de inimigos, em terra, que a vida perdeste,
quando intentavas levar-lhes os bois e rebanhos seletos?
Ou por mulheres lutando, em conquista de alguma cidade?'
"Isso lhe disse; em resposta me torna as seguintes palavras:
'Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
nem me privou da existência Posido, no barco ligeiro,
por açular tempestade terrível e ventos furiosos,
nem, quando em terra saltasse, caí pela mão de inimigos.
Não; minha Morte e o destino fatal por Egisto me vieram.
Com minha esposa funesta matou-me, depois de chamar-me
para um banquete em sua casa, qual boi que se abate no talho.
Dessa maneira morri, vergonhosa. Também, ao meu lado,
meus companheiros tombaram, quais porcos de dentes recurvos,
quando na casa de um homem de grande influência ou riqueza
há casamento, ou festim por escote, ou banquete opulento.
Já te encontraste presente à matança de muitos guerreiros,
quer em combate insulado, quer mesmo em batalha terrível;

mas ante aquele espetác’lo terias sentido piedade,
quando nos visses no meio dos copos e mesas repletas,
pelo salão a jazer, e no soalho a sangueira escorrendo.
Mas a impressão mais terrível me veio dos gritos da vítima
de Clitemnestra, Cassandra, [18] que a infame e perjura imolava
perto de mim. Quis a mão levantar, donde estava; caiu-me
para o chão duro; ferido em extremo me achava. Afastou-se
a desbriada, sem ter nem pensado sequer em cerrar-me
a boca e os olhos, no instante em que ao de Hades palácio eu baixava.
De mais cinismo e abjeção não existe do que uma consorte
que semelhantes ações no mais íntimo da alma concebe,
tal como aquela que o crime, no peito, planeou monstruoso
de assassinar o marido legítimo. Sempre pensara
que minha volta ao palácio seria bem-vinda aos meus filhos
e aos servos todos da casa. Lançou sua infame conduta
sobre ela própria vergonha indelével e em quantas mulheres
em qualquer tempo nasceram, té mesmo as de espírito justo.’
“Isso me disse; em resposta lhe torno as seguintes palavras:
‘Oh! por sem dúvida Zeus, que vê ao longe, infligiu graves penas
na descendência de Atreu, pelos atos de suas mulheres,
desde o começo. Por causa de Helena bastantes morreram;
de Clitemnestra, em tua ausência, te veio traição indizível.’
“Isso lhe disse; em resposta me torna as seguintes palavras:
‘Nunca te mostres benévolo para tua própria consorte,
como, também, não lhes contes os teus pensamentos completos,
mas uma parte revela e outra deixa que oculta lhe seja.
Mas não terás de morrer, Odisseu, pela mão de tua esposa,
pois alimenta no espírito justos e honestos desígnios
a descendente de Icário guerreiro, a prudente Penélope.
Era ainda jovem no tempo em que os dois para a guerra partimos,
e no palácio a deixamos com o filho de mama nos braços,

que, porventura, é feliz e frequenta a assembleia dos homens.
Cheio de orgulho há de o pai contemplá-lo, ao se ver de regresso,
e o pai dileto há de o filho abraçar, por sua vez, como é de uso.
Mas minha esposa não quis que meus olhos à vista do filho
se saciassem, pois, antes de o ver, me privou da existência.
Ora no espírito grava as palavras que passo a dizer-te:
Às escondidas farás apartar o navio na pátria,
jamais às claras, porque não podemos confiar nas mulheres.
Vamos! Agora me fala e responde conforme a verdade,
se de meu filho tiveste notícia: ainda vivo se encontra?
Foi, porventura, até Pilo de solo arenoso, ou até Orcómeno,
ou visitou Menelau nas planícies extensas de Esparta?
Porquanto Orestes ilustre na terra ainda se acha com vida.’
“Isso disse ele; em resposta lhe torno as seguintes palavras:
‘Por que perguntas, Atrida, isso tudo? Não sei responder-te
se é vivo ou morto; de nada nos serve falar aereamente.’
“Dessa maneira ficamos trocando sentidas palavras,
cheios de dor incontida e a verter copiosíssimo pranto.
Mas nesse instante achegou-se-nos a alma de Aquiles Peleio,
mais a de Pátroclo, como a do herói impecável Antíloco,
com a de Ajaz, que, em finura de traços e farta estatura,
era o mais belo dos Dânaos, depois do impecável Aquiles.
Reconheceu-me a alma logo de Aquiles, de pés muito rápidos,
e, com sentidos queixumes, me diz as palavras aladas:
“‘Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
que nova empresa, infeliz, mais ousada que as outras concebes?
Como até o Hades ousaste baixar, onde os mortos se encontram,
de consciências privados, quais vãos simulacros dos homens?’
“Isso me disse; em resposta lhe torno as seguintes palavras:
‘Ó nobre filho do Eácida, Aquiles, primeiro entre os Dânaos!
Vim, por me ser necessário pedir um conselho a Tirésias

sobre a maneira de em Ítaca alpestre chegar de tornada.
Ainda ao país dos Aqueus não fui ter, nem à pátria querida;
sim, continuo a vagar e sofrer. Mas ninguém, nobre Aquiles,
é tão feliz como tu, no passado e nos tempos vindouros.
Enquanto vivo, os Argivos te honrávamos, qual se um deus fosses;
ora que te achas no meio dos mortos, sobre eles exerces
mando inconteste. Não podes queixar-te da Morte, ó Pelida!'
"Isso lhe disse; ele, logo, me volve as seguintes palavras:
'Ora não venhas, solerte Odisseu, consolar-me da Morte,
pois preferira viver empregado em trabalhos do campo
sob um senhor sem recursos, ou mesmo de parcos haveres,
a dominar deste modo nos mortos aqui consumidos.
É preferível me dares notícias do meu filho ilustre.
Sempre nos prélios avança ele à frente, ou atrás ele fica?
Quero, também, que me digas do nobre Peleu, se é que o sabes,
se ainda se encontra entre os fortes Mirmídones, de honras cercado.
Na Hélade e em Fitia, talvez, lhe recusam o apreço devido,
por ter as pernas e os braços tolhidos por causa da idade?
Se, como seu defensor, a luz bela do Sol ainda eu visse,
do mesmo modo que outrora nas vastas planícies de Troia
num grande povo a matar, em defesa dos fortes Argivos.
Fosse possível voltar um instante a meu pai, desse modo,
certo haveria fazer respeitadas as mãos invencíveis
a todos quantos lhe fazem violência e das honras o privam.'
"Isso me disse; em resposta lhe torno as seguintes palavras:
'Sobre o notável Peleu não te posso dizer coisa alguma;
mas no que tem relação com teu filho querido Neoptólemo,
hei de a verdade contar-te, sem falhas, conforme mo pedes.
Foi, justamente por mim, conduzido na côncava nave
desde a ilha Esciro, onde estava, aos Acaios de grevas bem-feitas.
Quando em redor da cidade de Troia assembleia formávamos,

era ele sempre o primeiro a falar por maneira adequada.
Éramos, eu e Nestor, os dois únicos que a ele vencíamos.
Quando, porém, na baixada troiana, com bronze lutamos,
nunca ficava no meio da turba, ou nas filas dos outros,
mas avançava na frente, em coragem vencendo a nós todos.
Muitos guerreiros imigos matou nas terríveis batalhas.
Fora impossível de todos falar, ou, sequer, nomeá-los,
que foram mortos por ele, em defesa dos chefes Argivos.
Mas, como soube com bronze privar da existência o alto Eurípilo,
filho de Teléfo, e como ao redor muitos sócios caíam,
homens Ceteios, por dons feitos a uma mulher, tão somente!
Nunca vi homem tão belo, se o divo Memnão nós excluirmos.
Quando os melhores Argivos no ventre ficamos da máquina,
que por Epeu tinha sido construída, a mim tudo confiaram,
tanto fechar como abrir o escond'rijo seguro onde estávamos.
Os comandantes e bons conselheiros dos Dânaos tremura
nos membros todos mostravam e cheios os olhos de lágrimas;
mas em nenhuma ocasião a Neoptólemo vi com meus olhos
pálida a cute, nem mesmo, sequer, orvalhada de lágrimas
a rósea face. Ao contrário, pedia-me sempre, insistente,
lhe permitisse sair; e, a empunhar sempre o gládio e a pesada
lança de bronze, planeava fazer grande estrago nos Teucros.
Mas, quando a excelsa cidade de Príamo, enfim, destruímos,
para o navio subiu com sua parte do espólio e o presente,
sem que nenhuma ferida tivesse, por bronze afiado,
quer corpo a corpo, quer mesmo de longe, tal como na guerra
sempre acontece, pois de Ares a fúria escolher nunca soube.'
"Dessa maneira lhe disse; a alma, então, do veloz neto de Éaco
a grandes passos se foi pelos campos macios de asfódelos,
muito contente por ver o seu filho exaltado a esse ponto.
"As outras almas, porém, das pessoas que a Morte colhera,

permaneceram tristonhas, contando seu próprio infortúnio.
A alma, somente, de Ajaz, afastada ficou das dos outros,
o Telamônio, agastado por causa da grande vitória
que eu obtivera sobre ele, ao lutarmos ao lado das naves
pela armadura de Aquiles, que a mãe venerada trouxera.
Eram juízes os filhos dos Troas e Palas Atena.
Ah! Quem me dera que nunca tivesse alcançado esse prêmio,
pois foi essa arma o motivo de a terra cobrir tal cabeça
como a de Ajaz, que, nos feitos guerreiros e nobre presença,
era dos Dânaos o mais distinguido, depois do Pelida.
Para ele, então, me voltando, palavras melífluas lhe disse:
"'Ó Telamônio impecável, Ajaz, até mesmo entre os mortos
não te dispões a abrandar tal rancor, por motivo das armas
prejudiciais, que aos Argivos os deuses em mal converteram?
Causa elas foram de haver perecido um baluarte como eras
para os Aqueus. Quanto à nobre cabeça de Aquiles Peleio,
profundamente sentimos tua Morte. Mas culpa nenhuma
cabe a ninguém, só a Zeus, que, contrário aos Aquivos lanceiros,
os alvejou com sua cólera, impondo-te fado inditoso.
Mas, aproxima-te, herói, porque minhas palavras escutes,
e o meu relato; refreia o desdém nesse peito magnânimo.'
"Isso lhe disse; mas, sem responder-me palavra, afastou-se
com as demais sombras dos mortos, de novo para o Érebo escuro.
Mas, muito embora zangado, ter-me-ia falado, ou eu com ele.
Nesse momento nasceu-me no peito o desejo incontido
de ver também outras almas dos mortos, que ali se encontravam.
"Minos, realmente, ali vi, filho ilustre de Zeus poderoso,
com cetro de ouro na mão, assentado, e entre os mortos justiça
a distribuir; em redor eles todos, em pé e sentados
seus casos contam no de Hades palácio de amplíssimas portas.
"Vi depois destes, também, a figura de Orião gigantesco,

que pelo prado de asfódelos feras num ponto reunia,
que anteriormente ele próprio nos montes desertos caçara
com uso, apenas, de clava, toda ela de bronze inquebrável.
“Vi, também, Tício, nascido da Terra de glória perene,
que nove jeiras tomava do solo, onde estava estendido;
ao lado seus dois abutres vorazes laceram-lhe o fígado
pelas membranas rasgadas, sem que ele afastá-los consiga.
Leto, a consorte impecável de Zeus, violar tentou ele
no Panopeu, de ridentes campinas, quando ia até Pilo.
“Vi, também, Tântalo, e o modo por que ele, com pena indizível,
num lago estava metido, com água a bater-lhe no queixo.
Sede sofria; mas era impossível jamais minorá-la,
pois quantas vezes o velho tentava beber e abaixava-se,
era toda a água absorvida, escoando-se; negro surgia-lhe
dos pés à volta o terreno, que sempre um demônio secava.
Árvores altas com frutos vergavam-lhe sobre a cabeça;
eram pereiras, romeiras, macieiras de frutos opimos
mais oliveiras viçosas e figos de gosto agradável.
Mas, quantas vezes o velho tentava com a mão alcançá-las,
o vento forte as tocava para o alto, até as nuvens sombrias.
“Vi, também, Sísifo, e o modo por que ele, com pena indizível,
com as mãos ambas tentava arrastar uma pedra enormíssima.
Firma os dois pés no chão duro, com ambas as mãos esforçando-se
para levar para cima o penedo; mas quando pensava
que já vencera o alto monte, com força outra vez retornava.
Dessa maneira, até o plano, rolava o penhasco impudente.
Ele de novo a empurrá-lo começa, suor escorrendo-lhe
dos membros todos, enquanto a cabeça de poeira se cobre.
“Héracles vi, depois deles, dotado de força enormíssima,
isto é, somente sua sombra; ele próprio entre os deuses eternos
frui mil delícias, tendo Hebe a seu lado, de pés bem-torneados,

filha de Zeus potentíssimo e de Hera, a das áureas sandálias.
Em torno dele se via o alarido dos mortos, qual de aves
que se dispersam com susto; ele, à noite de trevas semelho,
o arco desnudo na mão e, na corda, uma seta disposta,
olha terrível em volta, com gesto de pronto disparo.
Um talabarte potente trazia cingido no peito,
de ouro todo ele, no qual trabalhadas figuras se viam,
ursos e porcos selvagens e leões de mirada terrível,
lutas, combates, e Mortes; e prélios que os homens destroem.
Nunca fizera outro igual, nem lhe fora possível tal coisa,
o próprio artista que com tanto engenho essa peça aprontara.
Reconheceu-me no mesmo momento, ao me ter sob os olhos,
e, entre gemidos sentidos, profere as palavras aladas:
"'Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
mísero! Certo também um destino funesto te coube,
tal como a mim me tocou, quando aos raios do Sol eu sofria.
Conquanto filho do Crônida, Zeus poderoso, trabalhos
inumeráveis sofri. Por um homem que me era somenos
fui subjugado, o qual muitos trabalhos me impôs, infamantes.
De certa vez me mandou até aqui, porque o cão lhe levasse,
pois não supunha que houvesse trabalho mais grave do que esse.
Mas consegui subjugá-lo e arrastá-lo do de Hades palácio.
A de olhos glaucos, Atena, com Hermes, de guia serviram-me.'
"Tendo isso dito, se foi para o de Hades palácio de novo.
Permaneci, porém, firme, esperando, até ver se ainda vinham
mais outras sombras, de heróis falecidos nos tempos remotos.
Vira, sem dúvida, os priscos varões, que encontrar desejava,
filhos gloriosos dos deuses, Teseu e Pirítoo, por certo;
mas nesse instante afluiu grande número de almas de mortos,
com tal tumulto, que o pálido Medo de mim se apodera,
de que pudesse a cabeça de Górgona, o monstro terrível,

nesse momento mandar-me de Perséfone ilustre desde o Hades.
No mesmo instante subi para a nau e dei ordens aos sócios
que se embarcassem, também, e as amarras de trás desprendessem.
Sobem, por isso, os demais, para bordo, e se sentam nos bancos.
A onda levava o navio através da corrente do Oceano,
primeiramente com remos, depois por bons ventos tocado.

CANTO XII

AS SEREIAS, CILA, CARIBDE E OS BOIS DE HÉLIO

“Odisseu relata como ocorre o retorno desde o Hades até a ilha de Circe. Também como eles navegam pelas Sereias, pelas Pedras Planetas, por Cila e Caribde. Conta, também, da perda do próprio navio e dos amigos depois do roubo dos Bois de Hélio; e como sozinho sobre uma balsa chega à ilha de Calipso.” (Scholie P Q V).

“Quando o navio saiu da corrente do rio Oceano,
foi no seu curso, até as ondas do mar, de caminhos mui vastos,
e à ilha Eeia, onde se acham os coros e a casa da Aurora,
que cedo nasce, bem como o lugar donde o Sol se levanta.
“Logo que aí fomos ter, arrastamos a nau para o seco,
desembarcamos na praia sonora do mar depois disso,
onde, a dormir, aguardamos que a Aurora divina surgisse.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
os companheiros eu próprio enviei para a casa de Circe,
a fim de o corpo trazerem de lá, de Elpenor falecido.
Rapidamente madeira cortamos nos pontos mais altos,
e o sepultamos chorosos, por entre suspiros magoados.
Logo que o corpo queimamos e as armas, que foram do morto,

todos um túmulo alçamos, ornado de uma alta coluna,
onde, em seguida, fincamos o remo de fácil manejo.
“Meticulosos fizemos tudo isso; mas do Hades a volta
despercebida por Circe não fora, que logo se apronta
e para nós se dirige, seguida de suas criadas,
com pão e carne variada e de bom vinho vermelho brilhante.
Chega-se a deusa preclara até nós e nos diz o seguinte:
“‘Míseros, que conseguistes com vida chegar até o Hades!
Sois duas vezes mortais; os demais, uma vez simplesmente.
Ora, cuidai de tomar alimento e beber vinho rútilo
neste lugar, todo o dia; mas quando surgir-nos a Aurora,
ide-vos, que hei de apontar o caminho a seguir e mostrar-vos
o necessário, porque não venhais a sofrer mais trabalhos
tanto no mar como em terra, por causa de enganos nocivos.’
“Dessa maneira falou, convencendo-me o peito magnânimo.
Por esse modo, portanto, até o Sol no ocidente deitar-se,
nós estivemos sentados, comendo e bebendo à vontade.
Logo que o Sol se acolheu, sobre a terra deitando-se as trevas,
foram-se todos deitar junto aos cabos de trás do navio.
Ela, porém, pela mão me tomando, apartado dos sócios,
fez-me sentar ao seu lado, inquirindo-me acerca de tudo.
Todos os fatos, em ordem, contei-lhe, conforme a verdade.
Circe divina, depois que falei, tais palavras me disse:
“‘Logo já está realizado isso tudo; atenção ora presta
ao que te passo a dizer: aliás, há de um deus recordar-to.
Primeiramente, hás de ir ter às Sereias, que todos os homens
que se aproximam dali, com encantos prender têm por hábito.
Quem quer que, por ignorância, vá ter às Sereias, e o canto
delas ouvir, nunca mais a mulher nem os tenros filhinhos
hão de saudá-lo contentes, por não mais voltar para casa.
Enfeitiçado será pela voz das Sereias maviosas.

Elas se encontram num prado; ao redor se lhe veem muitos ossos
de corpos de homens desfeitos, nos quais se engrouvinha a epiderme.
Passa de largo, mas tapa os ouvidos de todos os sócios
com cera doce amolgada, porque nenhum deles o canto possa escutar.
Mas tu próprio, se ouvi-las quiseres, é força
que pés e mão no navio ligeiro te amarrem os sócios,
em torno ao mastro, de pé, com possantes calabres seguro,
para que possas as duas sereias ouvir com deleite.
Se lhes pedires, porém, ou ordenares, que os cabos te soltem,
devem mais forte amarras à volta do corpo apertar-te.
"'Quando passado tiverem, a força de remo, esse ponto,
não te direi, com palavras nenhumas ao caso adequadas,
qual deverás escolher dos caminhos; em teu próprio peito
tens de conselho tomar; descrever-te ambos eles vou logo.
"'Pedras a pique se elevam de um lado; na base das mesmas
ondas enormes atira Anfitrite de cor azulada:
"Rochas que batem" é como lhes chamam os deuses beatos.
Ave nenhuma consegue passar essas pedras, nem mesmo
as pombas tímidas, quando levar vão ambrósia a Zeus grande.
Sempre uma delas aí fica nas pedras de lisa estrutura;
outra, porém, manda o pai porque o número logo se preencha.
Mas não consegue fugir desse ponto nenhuma das naves,
pois pelas ondas do mar e procelas de fogo terrível
são arrastadas as tábuas dos barcos e os corpos dos homens.
Uma, somente, das naves velozes passar conseguiu,
Argo, que todos celebram nos cantos, de volta de Eetes.
Essa, também, contra o imano penedo seria lançada,
se Hera, por ser afeiçoada a Jasão, não servisse de guia.
"'Dois alcantis mais adiante se veem, um dos quais até as nuvens
a ponta aguda dirige, por nuvens escuras cercada.
Estas jamais se desfazem, nem nunca por volta do pico

a claridade se espalha no tempo do outono e do estio.
Nenhum mortal poderia escalá-lo ou sobre ele manter-se,
té mesmo se vinte mãos, vinte pés também ele tivesse.
Tão lisa é a rocha de ver, que parece ter sido lavrada.
No meio dela se encontra uma gruta de aspecto sombrio,
para o ocidente voltada e para o Érebo. A côncava nave
deves, ó claro Odisseu, dirigir justamente a esse ponto.
Nem mesmo um homem robusto pudera da nave escavada
a funda gruta alcançar, se com o arco disparo fizesse.
Cila demora ali dentro, onde faz um terrível barulho.
Sim, em verdade seu grito semelha-se ao de um cachorrinho
nado de pouco; é, porém, um flagelo terrível; não houve
quem se gloriasse de vê-la, ainda mesmo que um deus a encontrasse.
De doze pés é dotada, disformes bastante eles todos,
com seis compridos pescoços, também terminando eles todos
por uma horrenda cabeça, com tríplice fila de dentes,
fortes e em número grande, onde a lúgubre Morte se aninha.
Acha-se até meio corpo escondida na côncava gruta,
mas para fora do báratro horrível estende as cabeças.
Sói, desse ponto, pescar, ao redor espiando do escolho,
lobos do mar ou delfins ou, mais ainda, se o acaso lhe enseja,
monstro maior, dos milhares que nutre a sonora Anfitrite.
Não poderá vangloriar-se nenhum marinheiro de incólume
ter por ali navegado, pois ela arrebata com cada
uma das goelas um homem das naves de proa anegrada.
"'Hás de avistar o outro escolho, Odisseu, bem mais baixo do que este
e perto dele; puderas o estreito vingar com a seta.
Uma figueira aí se encontra plantada, de muita folhagem;
por baixo dela Caribde divina a água negra reabsorve.
Isso faz ela três vezes ao dia e, outras tantas, a expele
por modo horrível. Se ali fores ter no momento em que aspira,

nem o que a terra sacode livrar-te do mal poderia.
É preferível passares por perto do escolho de Cila,
rapidamente, porque te será muito mais vantajoso
somente seis companheiros perder do que toda a companha.’
“Isso disse ela; em resposta lhe volto as seguintes palavras:
‘Deusa, lealmente me instrui a respeito do que ora te peço:
se, por acaso, escapar da funesta Caribde, seria
fácil a Cila atacar e empecer que me roube os amigos?’
“Disse-me a deusa preclara, em resposta a essas minhas palavras:
‘Ó temerário! ainda aqui fantasias com feitos guerreiros
e outros trabalhos? Não queres ceder nem aos deuses eternos?
Cila não é ser mortal, mas um monstro de muita maldade,
duro e terrível selvagem, que nunca vencer se consegue;
não há defesa possível; fugir ainda é o mais vantajoso.
Se resolveres, armado, deter-te algum tempo na pedra,
temo que mais uma vez ela ponha as cabeças de fora
contra os teus homens e número igual de guerreiros te pilhe.
É preferível passares por ela e Crateis invocares,
a mãe de Cila, que só para dano dos homens a teve.
Ela fará que tal monstro se abstenha de ofensa fazer-te.
“‘À ilha Trinácria, depois, chegarás, onde as vacas inúmeras
de Hélio no pasto hás de ver, assim como as ovelhas robustas,
sete manadas de vacas e sete ovelhas bonitas,
tendo cada uma cinquenta cabeças; jamais reproduzem,
mas, também, nunca perecem. São deusas as suas pastoras,
ninfas ornadas de tranças bem-feitas, Faetusa e Lampécia,
ambas nascidas de Neera divina e do Sol Hiperiônio.
Logo que à luz ambas vieram e a mãe as criou veneranda,
à ilha as levou a Trinácria, que à parte se encontra das outras,
para cuidar das ovelhas do pai e das vacas tardonhas.
Se todas elas deixardes ilesas, pensando na volta,

a Ítaca haveis de chegar, apesar dos trabalhos da viagem;
mas, se lesardes alguma, anuncio-te a ruína dos sócios
e do navio; conquanto tu próprio te salves, mui tarde
e miserável à pátria hás de ir ter, sem nenhum companheiro.’
“Disse, no tempo em que a Aurora surgiu no seu trono dourado.
Para o interior, novamente, voltou da ilha a deusa preclara.
No mesmo instante subi para a nau e dei ordens aos sócios
que se embarcassem, também, e as amarras de trás desprendessem.
Sobem, por isso, os demais para bordo e se sentam nos bancos,
todos em ordem, batendo com os remos nas ondas grisalhas.
Por trás do nosso navio de proa anegrada mandou-nos
bom companheiro, benéfico vento, que as velas enfuna,
Circe de tranças bem-feitas, canora e terrível deidade.
Dos apetrechos da nau, em seguida, sem falha cuidamos,
e nos sentamos na nave, que o vento e o piloto dirigem.
O coração apertado, dirijo-me aos sócios de viagem:
“‘Caros amigos, não basta que um só, ou que dois, fiquem cientes
do que respeita ao destino que Circe preclara me disse.
Não; quero tudo contar-vos, porque procuremos a Morte
conscientemente, ou possamos fugir do Destino funesto.
Manda, em primeiro lugar, que as divinas Sereias, dotadas
de voz maviosa, evitemos e o prado florido em que se acham.
Somente a mim concedeu que as ouvisse; mas peço a vós todos
que me amarreis com bem fortes calabres, porque permaneça
junto do mastro, de pé, com possantes amarras seguro.
Se, por acaso, pedir ou ordenar que as amarras me soltem,
mais fortes cordas, em torno do corpo, deveis apertar-me.’
“Aos companheiros, desta arte, contei as minúcias do caso,
à ilha, entrementes, a nau bem-construída chegara depressa,
onde as Sereias demoram, que um vento propício a impelia.
Eis que de súbito o vento se acalma e tranquila se estende

a calmaria, que as ondas fizera aplacar um demônio.
Pondo-se logo de pé, os companheiros a vela amainaram
e a depuseram na côncava nave; depois, assentados,
fazem que as ondas espumem aos golpes dos remos de abeto.
Uma rodela de cera cortei com meu bronze afiado,
em pedacinhos, e pus-me a amassá-los nos dedos possantes.
Amoleceu logo a cera, por causa da força empregada
e do calor grande de Hélio, o senhor Hiperiônio esplendente.
Sem exceção, depois disso, tapei os ouvidos dos sócios;
as mãos e os pés, por sua vez, me amarram na célere nave,
em torno ao mastro, de pé, com possantes calabres seguro.
Sentam-se logo, batendo com o remo nas ondas grisalhas.
Mas, ao chegar à distância somente de grito da praia,
com toda a força a remar, não passou nosso barco ligeiro
despercebido às Sereias, de perto, que entoam sonoras:
"'Vem para perto, famoso Odisseu, dos Aquivos orgulho,
traz para cá teu navio, que possas o canto escutar-nos.
Em nenhum tempo ninguém por aqui navegou em nau negra,
sem nossa voz inefável ouvir, qual dos lábios nos soa.
Bem mais instruído prossegue, depois de se haver deleitado.
Todas as coisas sabemos, que em Troia de vastas campinas,
pela vontade dos deuses, Troianos e Argivos sofreram,
como, também, quanto passa no dorso da terra fecunda.'
"Dessa maneira cantavam, belíssima. Mui desejoso
de as escutar, fiz sinal com os olhos aos sócios que as cordas
me relaxassem; mas eles remaram bem mais ardorosos.
Alçam-se, então, Perimedes e Euríloco e deitam-me logo
novos calabres, e os laços e as voltas mais firmes apertam.
Mas, quando essa ilha, na viagem, deixamos ficar bem distante,
sem mais ouvirmos a voz das Sereias e o canto mavioso,
meus companheiros queridos tiraram depressa do ouvido

a cera ali por mim posta e dos laços, por fim, me livraram.
“Mal nós havíamos a ilha deixado, através do nevoeiro,
ondas enormes percebo, seguidas de grande estampido.
Apavoram-se os sócios, e os remos, largados, caíram
para a corrente, ruidosos; imóvel ficou logo a nave,
pois ninguém mais, dentro dela, com a força do remo a impelia.
Por toda a nave correndo, me pus a exortar os amigos,
e, a cada um deles chegando-me, em termos melífluos lhes falo:
“‘Temos sobeja experiência, meus caros, de todo infortúnio;
este será, por acaso, maior do que quando o Ciclope
na gruta côncava a todos prendeu, de sua força valendo-se?
Por meu conselho e coragem, no entanto, dali conseguimos
nos libertar, como penso sois todos do caso lembrados.
Ânimo, pois, e obediência prestai ora às minhas palavras.
Vós, remadores, nos bancos sentados, as ondas profundas
com vossos remos batei, para vermos se Zeus nos concede
deste perigo fugir e da Morte escapar impendiosa.
Enquanto a ti, meu piloto, transmito-te esta ordem; no espírito
guarda-a, por teres o mando do leme da côncava nave.
Vai dirigindo o navio por fora daquela onda grande
e do vapor, para o lado do escolho; que não aconteça,
a teu mau grado, ser ele levado, com risco de todos.’
“Isso lhes disse; eles todos, depressa, o conselho seguiram.
“Do inevitável perigo de Cila não disse palavra,
para que os sócios, tomados de medo, das mãos não deixassem
os remos todos cair e no fundo da nau se escondessem.
Por minha parte, esqueceu-me o conselho penoso que Circe
me havia dado, ao dizer que era inútil vestir minhas armas,
pois, envergando a armadura magnífica e um par de compridas
lanças na mão, fui postar-me no teto da proa da nave,
pela certeza de ser o primeiro a enfrentar-me com Cila,

a moradora da pedra, no ponto em que viesse ofender-nos.
Em parte alguma, porém, pude vê-la; doíam-me os olhos
do grande esforço empregado, de espiar o brumoso rochedo.
"Cheios de angústia, portanto, iniciamos a estreita passagem,
por termos Cila de um lado e Caribde divina do oposto,
que a água salgada do mar por maneira terrível chupava.
Ao expeli-la, era como caldeira nas chamas vivazes,
a revolvê-la com grande barulho. Para o alto era a espuma
dos dois escolhos jogada, voltando a cair sobre os picos,
porque, quando a água salgada do mar deste modo absorvia,
aparecia ela toda por dentro revolta; à sua volta
a pedra soava terrível e o fundo anegrado se via
da cor da areia. Apodera-se o medo de todos os sócios.
Enquanto o olhar para ali dirigíamos, cheios de espanto,
seis companheiros do fundo da côncava nave arrancou-me
Cila, entre todos os mais distinguidos em força e no braço.
Quando a cabeça de novo volvi para a célere nave
e para os sócios, por cima de mim percebi que agitavam
as mãos e os pés, a chamar por meu nome com voz angustiosa,
o que fizeram pela última vez na premência em que estavam.
Qual pescador que com vara comprida, postado na ponta
do promontório, enganoso alimento aos peixinhos atira,
preso num chifre de boi não domado, nas ondas imerso,
e para a margem, depois, palpitante, fisgado o projeta:
dessa maneira a agitarem-se, à rocha eles foram levados.
Cila os comeu ali mesmo, na entrada da gruta, entre gritos;
eles as mãos me estendiam, na luta horrorosa em que estavam.
Foi esse o quadro mais triste de todos que viram meus olhos,
em quanto tenho sofrido a explorar as estradas marinhas.
"Tendo aos imanos rochedos de Cila e Caribde fugido,
à ilha agradável do deus fomos ter sem nenhuma delonga.

Vacas de fronte espaçosa, belíssimas, nela se viam,
e numerosos rebanhos de ovelhas do excelso Hiperiônio.
Dentro da nave de escuro costado ainda estávamos todos,
quando, do encerro do pasto, o mugido das vacas ouvimos,
bem como o tenro balido dos anhos. No instante me ocorrem
as profecias do cego adivinho, o Tebano Tirésias,
e Circe Eeia, quando ambos disseram com muita insistência
porque evitássemos a ilha do deus que dos homens é amigo.
O coração apertado, falei aos meus sócios de viagem:
"'Ora me ouvi, companheiros, pesar dos trabalhos sofridos.
Vou revelar-vos orác'los do sábio adivinho Tirésias
e Circe Eeia, quando ambos disseram com muita insistência
porque evitássemos a ilha do deus que dos homens é amigo.
A mais terrível desgraça disseram que aqui nos aguarda;
urge, por isso, afastar dela a nave de casco anegrado.'
"Isso lhes disse; eles todos sentiram faltar a coragem.
Disse-me Euríloco, então, as palavras terríveis seguintes:
"'És bem cruel, Odisseu! Força tens sem confronto, e cansaço
jamais conheces; teus membros são tesos, parece, de ferro.
Muito alquebrados se encontram, por causa da luta e a vigília,
os companheiros, e queres proibir que saltemos à terra
na ilha batida por ondas, a fim de repasto aprontarmos,
e ordens transmites que sigam desta arte, na noite iminente,
da ilha jogados, sulcando o infinito das ondas brumosas?
São perniciosos os ventos da noite e conduzem ruína
para os navios. Da Morte cruel de que modo escaparmos,
se tempestade de súbito viesse a cair sobre as ondas,
ou produzida por Noto ou por Zéfiro forte, vezeiros
em desfazer os navios, pesar dos desígnios dos deuses?
A Noite escura convém que nós todos agora acatemos,
e, junto à célere nave, na praia, aprontemos a ceia,

para amanhã, novamente embarcados, cruzarmos as ondas.’
“Esse o discurso de Euríloco; os outros aplausos lhe deram.
Força me foi convencer que um demônio intentava arruinar-nos.
A eles virando-me, então, lhes dirijo as aladas palavras:
“‘Tendes mais força do que eu, por achar-me, nesta hora, sozinho.
Mas juramento solene desejo que todos me prestem
que, se encontrarmos manada de vacas, ou grande rebanho,
na ilha, de ovelhas, nenhum, por ação temerária, a uma delas
há de privar da existência; havereis de comer, tão somente,
das iguarias de Circe imortal. Que isso, só, nos contente.’
“Isso lhes disse; eles logo juraram conforme o ordenara.
Tendo eles, pois, completado as palavras da fórmula sacra,
a nau bem-feita ancoramos no fundo recurvo do porto,
perto de uma água agradável; depois, para terra saltando,
os companheiros a ceia aprontaram com mãos de peritos.
Quando já haviam saciado a vontade da fome e da sede,
dos companheiros queridos lembrados, em pranto romperam,
que Cila havia tirado de dentro da côncava nave.
Sono lhes veio agradável, no tempo em que assim se carpiam;
mas, no terceiro período da noite, ao caírem já os astros,
vento terrível lançou o poderoso, que as nuvens reúne,
Zeus, tempestade violenta, fazendo que as nuvens cobrissem
a terra e o mar juntamente; do céu baixa a noite, entretanto.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
para uma gruta profunda levamos a nave e ancoramos
onde se viam terreiros de danças e assentos das ninfas.
Faço reunir a assembleia e aos presentes arengo desta arte:
‘Caros amigos! Na nave ainda temos comida e bebida;
cumpre pouparmos as vacas, não vá suceder-nos desgraça.
De divindade terrível são todas, e as nédias ovelhas,
de Hélio, que tudo discerne e que todas as coisas escuta.’

“Dessa maneira falei, convencendo-lhes o ânimo altivo.
Noto soprou pelo curso de um mês, incessante; dos outros
ventos nenhum nos soprava, a não ser Euro e Noto, somente.
Eles, enquanto ainda tínhamos vinho vermelho e alimentos,
nada aos rebanhos fizeram, por terem amor à existência.
Quando, porém, se acabou tudo quanto se achava na nave,
a percorrer a ilha toda se viram forçados, em busca
de algumas aves e peixes, munidos de anzóis retorcidos,
ou do que achassem, que o estômago a todos a fome afligia.
Em certo dia pela ilha me pus a vagar, porque aos deuses
fosse rezar e pedir propiciasse o retorno algum deles.
Indo pela ilha, portanto, e ao me ver apartado dos sócios,
as mãos lavei num lugar abrigado dos ventos furiosos,
e aos deuses todos meus votos alcei, moradores do Olimpo.
“Logo fizeram às pálpebras sono agradável baixar-me.
Um mau conselho, porém, dava Eurílocо aos outros consócios:
‘Ora me ouvi, companheiros, apesar dos trabalhos sofridos.
Todas as Mortes odiosas são sempre, aos mortais, infelizes;
nada, porém, mais terrível que à fome acabar a existência.
Ânimo! De Hélio tomemos as reses mais belas e pingues
e sacrifício aprestemos aos deuses eternos do Olimpo.
E se nos for concedido voltar ao torrão de nascença,
a Ítaca, um templo suntuoso ergueremos ao Sol Hiperiônio,
Hélio radiante, que cheio será de tesouros magníficos.
Se pela Morte das vacas de cornos erectos zangar-se
e destroçar-nos a nave, ficando os mais deuses de acordo,
de qualquer jeito prefiro morrer uma vez só, nas ondas,
a me extinguir lentamente, de fome, nesta ilha deserta.’
“Esse o discurso de Eurílocо; os outros aplausos lhe deram.
As vacas de Hélio mais pingues, então, sem demora tomaram,
que andavam perto; não longe das naves de proa anegrada,

no pasto as reses brilhantes se achavam, de fronte espaçosa.
Em torno delas se postam; aos deuses eternos suplicam,
e as tenras folhas cortaram de um alto e frondoso carvalho,
pois no navio de boa coberta não tinham cevada.
Feita a oração, degolaram as reses e os couros tiraram,
as coxas logo cortaram e em dupla camada envolveram
da própria graxa, jogando por cima pedaços de músculos.
Visto não terem mais vinho, que sobre o holocausto jogassem,
as libações foram feitas com água e queimadas as vísceras.
Quando queimadas as coxas e as vísceras todas comidas,
logo o restante retalham e espetos enfiam nas postas.
"Sai-me das pálpebras, nesse entrementes, o sono agradável;
para o navio veloz dirigi-me, na beira da praia.
Mas, quando perto estava a nau de traçado recurvo,
por um bom cheiro de carne queimada me vi envolvido.
A lastimar-me bradei, dirigindo-me aos deuses eternos:
"'Zeus poderoso e vós outros, ó deuses eternos e beatos!
Foi para minha desgraça que sono cruel me mandastes.
Na minha ausência os meus sócios um crime monstruoso fizeram.'
"Não tardou muito e Lampécia, de manto comprido, a notícia
a Hélio Hiperiônio levou, de que tínhamos reses matado.
E ele, colérico, vira-se, então, para os deuses eternos:
"'Zeus poderoso e vós outros, ó deuses eternos e beatos!
Os companheiros puni de Odisseu, de Laertes nascido,
por terem sido audaciosos, matando-me as vacas, o enlevo
dos olhos meus, quando vou a caminho do céu estrelado
e quando à terra, de volta do céu, vou descendo de novo.
Se não tiverem castigo adequado ao prejuízo das vacas,
para o Hades hei de baixar; quero a luz conduzir para os mortos.'
"Disse-lhe, então, em resposta, Zeus grande que as nuvens cumula:
'Hélio, contém-te! Prossegue levando às eternas deidades

a tua luz, e aos mortais que se nutrem da terra fecunda,
pois muito em breve em fasquias farei o navio ligeiro,
longe do mar cor de vinho, fendendo-o com o raio brilhante.’
“Tudo isso soube depois por Calipso, de tranças bem-feitas,
que me informou ter sabido por Hermes, o guia brilhante.
“Logo que a praia do mar alcancei e o navio ligeiro,
aproximei-me, increpando cada um de per si; mas remédio
nenhum pudera ser feito, que as vacas bem mortas se achavam.
A eles, em breve, mostraram os deuses sinais prodigiosos:
movem-se as peles; a carne no espeto soltava gemidos,
quer ainda crua ou tostada, com voz semelhante à das vacas.
“Os companheiros queridos, durante seis dias a fio,
se banquetearam com as vacas do Sol, escolhendo as melhores.
Mas, quando o sétimo dia, afinal, nos mandou Zeus cronida,
eis que de súbito o vento cessou de soprar tempestuoso.
Mais uma vez embarcados, o mastro da nave erigimos,
a vela nívea soltamos e ao mar nos fizemos extenso.
Quando, portanto, já tínhamos a ilha deixado e nenhuma
terra se via, senão mar somente e o céu vasto por cima,
fez Zeus, o filho de Crono, surgir uma nuvem sombria,
por sobre a côncava nave, que as ondas escuras fez logo.
“Por muito tempo não pôde correr o navio, que Zéfiro
logo baixou a ulular, desmanchando em violenta procela.
Ambas as cordas da frente do mastro o remoinho do vento
faz em pedaços; o mastro para trás e a cordoalha
toda no fundo da nave, indo a ponta do mastro, na popa,
bem na cabeça bater do piloto, quebrando-lhe os ossos
todos a um tempo; o piloto saltou da coberta na forma
de um acrobata, deixando-lhe os ossos o espírito ardente.
Um raio Zeus poderoso lançou sobre a nave, estrondando;
pela violência do raio as junturas tremeram, enchendo-se

ela de cheiro de enxofre; da nau foram todos lançados.
Tal como gralhas marinhas à volta do casco anegrado,
eram levados nas ondas; o deus os privou do retorno.
Por toda a nave andava eu a correr té que a força das águas
os flancos solta da quilha, que as ondas, sozinha, levaram;
o próprio mastro da enora é arrancado, levando na ponta
preso um calabre com tiras de couro de boi fabricado.
Ambas as peças, o mastro e a carena, amarrei com o calabre;
sento-me em cima, deixando que os ventos funestos me levem.
"Zéfiro cessa, por fim, de soprar, qual tormenta furiosa,
mas sobrevém logo Noto, causando-me desassossego,
pois me forçou novamente a passar por Caribde funesta.
Dessa maneira vaguei toda a noite; ao raiar o Sol belo,
vi-me de novo no escolho de Cila e da seva Caribde.
Esta na fase de as ondas do mar absorver se encontrava;
mas, dando um salto, agarrei-me no tronco da grande figueira,
qual um morcego, bem firme abraçado, sem ter nenhum ponto
em que me fosse possível firmar-me, ou subir mais um pouco,
pois as raízes no fundo se achavam e os galhos muito altos,
grossos e longos, que sombra faziam na seva Caribde.
Firme, aguardei com paciência que o mastro e a carena de novo
ela expelisse; afinal vieram ambos depois de demora
interminável, no tempo em que o juiz se levanta da praça
para ir cear, pós haver dirimido bastantes contendas. [19]
Só nessa quadra os madeiros surgiram do lado de fora.
Do alto deixei-me cair, as mãos ambas e os pés desprendendo,
com grande estrondo no estreito, bem junto do mastro e da quilha.
Neles sentando-me logo, servi-me das mãos como remos.
O pai dos homens e deuses não quis que outra vez me avistasse
Cila; ser-me-ia impossível fugir da precípite Morte.
"Por nove dias vaguei; mas, na noite do décimo, os deuses

à ilha de Ogígia me fazem chegar, onde mora Calipso
de belas tranças, a deusa terrível. Amado por ela
fui e tratado. Porém para que repetir-te isso tudo?
Ontem já tive ocasião, no palácio, de tudo narrar-te
e a tua nobre consorte. É-me odioso, realmente, de novo
ter de contar o que já ficou dito com toda a clareza.”

Parte IV
O Retorno de Odisseu

CANTO XIII

A CHEGADA A ÍTACA

“Os Feácios deixam Odisseu dormindo na terra de Ítaca junto com seus presentes. Por um lado, Posido transforma o navio deles em pedra, por outro Atena aconselha Odisseu perto da costa sobre a Morte dos pretendentes. Ela esconde as suas coisas em uma caverna e transforma Odisseu em um velho.” (Scholie P Q V).

Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram,
como que presos por mágico influxo na sala sombria.
Disse-lhe Alcínoo, depois, em resposta as seguintes palavras:
“Ora que a brônzea soleira, Odisseu, alcançaste da minha casa
de teto elevado, não creio que a errar continues
longe da pátria, sem rumo, depois de sofrer tantos males.
Mas a cada um dos presentes desejo insistir num convite,
a quantos têm por costume provar do meu vinho brilhante,
em sinal de honra, e escutar as canções do cantor inspirado.
Já no interior duma caixa polida se encontram depostas
as roupas do hóspede todas, bem como o ouro fino lavrado
e os mais presentes, que os chefes Feácios para ele trouxeram.
Cada um de nós lhe ofereça, também, uma trípode grande

e uma caldeira. Do povo, depois, nas reuniões, obteremos
o equivalente, que a um só fora excesso dar tantos presentes.”
Isso disse ele; aos presentes foi grata a proposta de Alcínoo.
Foram depois repousar, procurando cada um sua casa.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
o duro bronze, apressado, cada um conduziu para a nave.
A azafamar-se no barco, a sagrada potência de Alcínoo
tudo recebe, arrumando por baixo dos bancos; não fosse
aos remadores servir de empecilho durante o percurso.
Para o banquete, na casa de Alcínoo depois retornaram.
Um touro havia o de Alcínoo sagrado poder imolado
a Zeus potente, que as nuvens circundam, nascido de Crono.
Logo que as coxas queimaram, ao lauto banquete se entregaram,
cheios de gáudio. No meio cantava o divino Demódoco,
que pelo povo era muito acatado. Odisseu, no entretanto,
jamais cessava de os olhos volver para o Sol resplendente,
a suspirar pelo acaso; anelava voltar para a pátria.
Do mesmo modo que a ceia deseja indivíduo que o dia
todo no arado passou, com seus bois, a puxá-lo no alqueive,
e alegremente contempla a descida do Sol para o ocaso,
pois já deseja comer — ao andar sente os joelhos fraquearem:
dessa maneira a Odisseu o declínio do Sol era grato.
Sem mais delonga aos Feácios, amantes do remo, se vira,
especialmente visando a pessoa de Alcínoo, e lhe fala:
“Ó rei Alcínoo, entre todos ilustre e ornamento do povo!
Salve! mandai-me seguro de volta, depois de libardes,
pois realizado já está tudo quanto meu peito anelava:
os companheiros e os gratos presentes, que os deuses celestes
hão de abençoar, consentindo que fiel me apareça a consorte
ao meu retorno, e também com saúde as pessoas de casa.
Vós, que ficais, oxalá sejais sempre motivo de gáudio

para as esposas e os filhos. Que os deuses vos deem a mãos-cheias
felicidades e que jamais venha algum mal sobre o povo.”
Isso disse ele; os presentes o aplaudem, pedindo que fosse
reconduzido o estrangeiro, que tão nobremente falara.
Vira-se, então, para o arauto a sagrada potência de Alcínoo:
“Vamos, Pontónoo, mistura no vaso a bebida e aos presentes
a distribui no salão, que a Zeus pai suplicar todos possam,
porque depois o estrangeiro mandemos de volta à sua pátria.”
Isso disse ele; Pontónoo a agradável bebida mistura
e, como de uso, a cada um se achegando, a divide; aos beatos
deuses eternos libraram, que moram no Olimpo vastíssimo,
cada um do assento em que estava. O divino Odisseu levantou-se
e foi a Arete of’recer uma taça com alças ornada;
e, começando a falar, lhe dirige as palavras aladas:
“Vive, ó rainha, feliz para sempre, até que venha a Morte,
na mais extrema velhice, que a todos os homens atinge.
Vou de retorno; tu, aqui, no palácio, prossegue contente
com o rei Alcínoo e teus filhos, bem como com todo teu povo.”
Tendo isso dito, o divino Odisseu a soleira atravessa.
A sacra força de Alcínoo mandou que um arauto lhe fosse
em companhia até a praia do mar e ao navio ligeiro.
Várias criadas, também, manda Arete, que a ponto o seguissem;
uma levava consigo uma túnica e um manto bem limpo;
logo após esta, a segunda carrega o baú reforçado;
uma terceira, por fim, vinho tinto e alimentos levava.
Logo que foram chegados ao mar e ao navio ligeiro,
os companheiros ilustres na côncava nave apressaram-se
a recolher os presentes, bem como a bebida e alimentos.
Para Odisseu uma colcha e uma tela de linho estenderam
sobre a coberta de trás, a fim que, sossegado, dormisse,
na popa. Sobe Odisseu para bordo e silente se deita.

Os companheiros se sentam, cada um no seu banco de remo,
todos em ordem, e amarra desatam da pedra furada.
E, quando o corpo esticaram, ferindo com os remos as ondas,
sono invencível baixou sobre os cílios do grande guerreiro,
muito suave e profundo, qual cópia perfeita da Morte.
Do mesmo modo que quatro veementes cavalos num jugo
partem velozes no campo, excitados por golpes de látego,
e, o corpo todo empinado, depressa o caminho percorrem:
dessa maneira o navio ergue a popa, fazendo que as ondas
grandes atrás se agitassem, ferventes, no mar sonoroso.
Com segurança assim voa; nem mesmo o falcão, certamente,
a mais ligeira das aves, pudera alcançá-lo no voo.
As ondas, pois, apartava o navio veloz, que as sulcava
e conduzia o varão, de saber semelhante ao dos deuses,
o qual, realmente, sofrera trabalhos sem conta no espírito,
nas guerras cruas dos homens e em luta com as ondas marinhas,
mas que ora estava a dormir calmamente, esquecido de tudo.
Quando se alçou no horizonte a mais lúcida estrela, que sempre
com sua luz anuncia a chegada da Aurora solícita,
aproximava-se da ilha o navio, que o mar percorria.
Na terra de Ítaca encontra-se um porto ao ancião dedicado,
Forco, deidade do mar; promontórios, em cada um dos lados,
a pique se erguem e para o interior gradualmente descaem.
Servem de amparo eles dois contra as ondas, que os ventos levantam
do lado externo; e, assim, dentro, sem uso de amarras, as naves
de boas toldas ancoram, depois de concluído o percurso.
No ponto extremo do porto frondosa oliveira se alteia,
junto da qual uma gruta se afunda, sombrosa e agradável.
É dedicada esta às ninfas por todos chamadas de Náiades.
Ânforas grandes se veem no interior e crateras, de pedra,
dentro das quais as abelhas as suas colmeias fabricam,

bem como teares compridos, de pedra, também, onde as ninfas
tecem seus mantos tingidos com púrpura, espanto dos olhos.
Fonte perene aí borbulha; é provida de duas saídas:
uma do lado do norte, acessível aos homens, somente;
a que se encontra no sul é dos deuses; nenhum dos humanos
dela se serve; é caminho somente dos deuses eternos.
Conhecedores do sítio, os Feácios aí aportaram.
A nave lestes, com a força em que vinha, avançou para o seco,
quase metade; tal era a violência dos bons remadores.
Estes, à terra saltando, do barco provido de bancos
ato contínuo a Odisseu levantaram da côncava nave,
junto com a colcha brilhante e a coberta tecida de linho,
e o depuseram, assim como estava, a dormir, sobre a areia.
Desembarcaram, depois, os objetos, que os nobres Feácios,
graças a Atena magnânima, ao vir, ofertado lhe haviam.
Junto do trono da grande oliveira eles tudo amontoaram,
fora da estrada, porque não se desse que algum transeunte,
antes que o herói despertasse, pudesse roubar-lhe o tesouro.
Voltam, depois, para casa. Esquecido, porém, não ficara
o deus Posido, que a terra sacode, de suas ameaças
contra o divino Odisseu, os desígnios de Zeus ele sonda:
“Zeus Pai, daqui para diante não mais entre os deuses eternos
ser poderei acatado, uma vez que os mortais não me prezam.
Falo dos Feácios, conquanto de mim todos eles descendam.
Sempre julguei que Odisseu ao palácio voltar poderia
depois de muito sofrer. Nunca quis do retorno privá-lo,
desde que vi que lhe tinhas com o gesto asselado a promessa.
Adormecido o trouxeram no barco veloz, pelas ondas,
e o depuseram em Ítaca, rico de bens infinitos,
dando-lhe vestes em tanta abundância, bem como ouro e bronze,
como jamais Odisseu obteria do saco de Troia,

caso tivesse tornado feliz com sua parte da presa.”
Disse-lhe, então, em resposta, Zeus grande que as nuvens cumula:
“Abalador poderoso da terra, que ditos são esses?
Não te desprezam os deuses, pois coisa difícil seria
a um dos mais velhos e fortes dos deuses causar uma ofensa.
Mas, se qualquer dos mortais, mui confiado na audácia e na força,
não te venera, tens sempre o infalível poder de vingar-te.
Obra conforme o desejas e como tua alma te ordena.”
Disse-lhe, entanto, Posido, que a terra sacode, o seguinte:
“Anuviador, já teria tomado a vingança que dizes,
se não temesse tua cólera e não evitasse espertá-la.
Ora pretendo fazer soçobrar o navio bem-feito
dos marinheiros Feácios, à volta, nas ondas brumosas,
para que cessem, de vez que, de aos mortais aprestar o retorno.
Quero, também, envolver a cidade com uma alta montanha.”
Disse-lhe, então, em resposta, Zeus grande que as nuvens cumula:
“Caro, em meu peito reflito ser este o conselho mais certo:
Quando estiver todo o povo reunido e avistar da cidade
a nau, de volta, não longe da costa em rochedo a transmuda
de forma igual à da nave, que todos se admirem de vê-lo.
Cuida, também, de cercar-lhes os muros com alta montanha.”
Logo que ouviu tais palavras, Posido, que a terra sacode,
foi para a Esquéria, a cidade onde os nobres Feácios demoram.
Lá se postou. Já avançava mui célere a nau sulcadora,
a aproximar-se da praia: achegou-se-lhe, entanto, Posido,
e a transformou numa pedra, de fundas raízes dotada,
com simples toque de mão. Afastou-se dali depois disso.
Uns para os outros palavras aladas, então, pronunciaram
os Feácios marinheiros, famosos nos remos compridos.
Muitos dentre eles falavam, virando-se para o mais próximo:
“Ai! Quem teria fixado no mar nossa nau corredora,

quando tornava de viagem? Já estava toda ela visível.”
Isso diziam, sem que nenhum ainda soubesse o ocorrido.
Disse aos presentes Alcínoo, arengando, as seguintes palavras:
“Ai! Em verdade atingiu-nos vetusto e veraz vaticínio,
pois me contava meu pai que Posido se achava agastado
com todos nós, por incólume volta aprestarmos aos homens.
Disse que um dia, ao voltar de viagem magnífica nave
dos marinheiros Feácios, nas ondas do mar nebuloso,
despedaçada seria e a cidade com montes cercada.
O velho assim me contou, e eis que tudo se cumpre de acordo.
Ora devemos, submissos, fazer como passo a dizer-vos:
A nenhum homem que, acaso, vier ter a esta nossa cidade
facilitemos a volta. A Posido, também, doze touros
dos mais valiosos matemos, que possa de nós apiedar-se
e não nos cerque a cidade, ocultando-a com uma alta montanha.”
Cheios de espanto, a tais vozes, os bois eles logo trouxeram.
Dessa maneira suplicam ao deus poderoso Posido
os conselheiros e guias ilustres do povo Feácio,
todos postados à volta do altar. Odisseu, entrementes,
na cara pátria acordou. Mas não pôde saber onde estava.
Longa demais fora a ausência. Além disso, de Zeus a donzela,
Palas Atena, cuidosa, o envolvera de névoa, porque ele
reconhecido não fosse e a consorte o não visse e os amigos,
antes que a deusa o orientasse de tudo e vingança completa
dos pretendentes tirasse por todas as suas ofensas.
Ao próprio rei, por tudo isso, outro aspecto essas coisas tomaram,
longos caminhos de acesso difícil e portos seguros,
bem como as pedras a pique e as ramagens viçosas das árvores.
Súbito se ergue de um salto e o terreno da pátria contempla.
Solta, em seguida, um lamento, e, batendo com a mão espalmada
na coxa, disse as seguintes palavras por entre suspiros:

“Pobre de mim! A que terra cheguei? Quais os homens que a habitam?
São, porventura, selvagens violentos, que leis desconheçam,
ou de estrangeiros amigos e afeitos ao culto dos deuses?
Para onde devo levar tais riquezas? E eu próprio para onde
devo seguir? Pudesse eu ter ficado entre os homens Feácios,
sim, lá na Esquéria; teria encontrado outro rei poderoso;
que me acolhera benigno e em seguida o retorno aprestara.
Ora não sei onde pôr isto tudo; esconder aqui mesmo
tanta riqueza não quero, com medo de alguém poder vê-la.
Não procederam conforme a justiça e a prudência o prescrevem
os conselheiros e guias ilustres dos homens Feácios,
ao me trazerem para outro país. Prometeram, realmente,
que à costa de Ítaca haviam levar-me. Eis que nada cumpriram.
Zeus há de dar-lhes a paga, ele que é protetor dos pedintes,
e que vê todos os homens e as faltas de todos castiga.
Mas todos estes objetos pretendo contar, porque veja
se porventura nenhum conduziram no barco escavado.”
Passa a contar logo as trípodes belas e os vasos bem-feitos
e o ouro, também, como as vestes tecidas de pano vistoso.
Não deu por falta de nada. Lastima, contudo, estar longe
da terra pátria, arrastando-se ao longo da praia marinha,
a suspirar incessante. Aproxima-se Atena nessa hora,
sob a figura de um moço, que ovelhas no pasto guardasse,
mui delicado e mimoso, tal como os de reis descendentes.
Traz sobre os ombros um manto bem-feito e bastante folgado,
nos pés brilhantes sandálias; na mão, um venábulo curto.
Muito Odisseu se alegrou quando a viu; e, para ela avançando,
logo começa a falar e lhe diz as palavras aladas:
“Caro, por seres da terra a primeira pessoa que encontro,
eu te saúdo. Oxalá não me venhas com ânimo adverso,
mas salva-me estas riquezas e a mim juntamente. Aproximo-me

súplice e abraço-te os joelhos, tal como a um dos deuses faria.
Para que o saiba, responde-me certo ao que vou perguntar-te:
Qual é esta terra? este povo? que espécie de gente aqui mora?
É qualquer ilha visível ao longe, ou de algum continente
de solo fértil a ponta, que avança no mar, deste modo?”
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta:
“És bem simplório, estrangeiro, ou de longes paragens chegado,
por perguntares o nome da terra em que te achas. Incógnita
nem muito obscura não é, pois seu nome é de todos sabido,
quantos demoram do lado em que o Sol do nascente se eleva,
e quantos vivem nas bandas opostas, no ocaso brumoso.
Para cavalos é imprópria, realmente, de chão pedregoso;
mas não é estéril de todo, apesar de não ser muito extensa.
Em quantidade admirável o trigo aqui nasce e videiras,
que alimentadas são sempre por chuva abundante e umidade.
Cabras e bois aqui encontram bons pastos; também muitas matas
nela vicejam, bem como nascentes, que correm todo o ano.
O nome de Ítaca, ó amigo, por isso chegou até Troia,
que, todos dizem, pompeia mui longe dos povos Aquivos.”
Disse; alegrou-se o divino Odisseu, sofredor de trabalhos,
a comprazer-se na terra nativa, segundo a nomeara
a de olhos glaucos, Atena, a donzela de Zeus poderoso,
e, começando a falar, lhe dirige as palavras aladas,
mas sem contar a verdade, narrando uma história inventada,
pois de contínuo astucioso ardis revolvia no peito:
“De Ítaca ouvi muitas vezes falar, nas campinas de Creta
lá, muito longe, além-mar. Ora vim aqui ter em pessoa,
com todas estas riquezas. Deixei outro tanto a meus filhos.
Por ter a Orsíloco morto, o veloz e dileto rebento
de Idomeneu, fui forçado a fugir. Ele a todos os homens
laboriosos em Creta vencia nos pés muito rápidos.

Quis despojar-me de tudo que trouxe do espólio de Troia,
pela conquista do que tanto na alma trabalhos sofrera,
não só na guerra dos homens, mais, ainda, nas lutas com as vagas,
sob o pretexto de que não quisera servir ao pai dele
lá no país dos Troianos, onde era eu, também, um dos chefes.
Com minha espada de bronze o feri, quando vinha do campo,
tendo-me ao lado da estrada escondido, com um companheiro.
Visto fazer noite escura, que o céu encobria, não fomos
reconhecidos. A vida tirei-lhe sem ser observado.
Logo depois de o haver morto por meio do bronze afiado,
fui ter à nave de uns nobres Fenícios, aos quais fiz a súplica,
tendo-lhes dado primeiro uma parte apreciável do episódio,
de me levarem a Pilo no barco de casco anegrado,
ou me deixaram na Élide santa, dos homens epeios.
Mas certamente a violência do vento os levou, dessas costas,
a seu mau grado, que dolo nenhum contra mim conceberam,
té que, depois de vagarmos, aqui viemos ter já de noite
e para o porto remamos com grande trabalho. Da ceia
nenhum de nós se lembrou, muito embora com fome estivéssemos:
sim, do navio saltando, deitamo-nos todos na praia.
Por me encontrar cansadíssimo, sono agradável venceu-me;
e eles, as minhas riquezas tirando da côncava nave,
as depuseram na areia, bem perto do ponto em que eu estava.
Logo depois embarcaram, viajando no rumo, decerto,
da populosa Sidão, entregando-me aos meus dissabores.”
A de olhos glaucos, Atena, sorrindo, ao lhe ouvir tais palavras,
acariciou-o com a mão. De mulher assumira a aparência,
bela, e de grande estatura, entendida em lavores de preço.
E, começando a falar, lhe dirige as palavras aladas:
“Simulador sem defeitos seria quem te superasse
em qualquer sorte de astúcia, ainda mesmo que fosse um dos deuses.

Ó astucioso e matreiro incansável, nem mesmo na pátria
resolverás pôr à margem, de vez, esta sorte de embustes
e de artimanhas falazes, que tanto condizem com tua alma?
Bem; mas deixemos de lado essas coisas, porque ambos na astúcia
somos peritos. No meio dos homens salientas-te sempre
pelos discursos e planos; no círc'lo dos deuses sou célebre
por minha astúcia e saber. Desconheces, acaso, até agora,
Palas Atena, a donzela de Zeus poderoso, que sempre
ao lado teu se encontrou, protegendo-te em todos os lances?
Fui eu, também, quem te fez estimado dos homens Feácios.
Ora de novo aqui vim, porque plano combine contigo
e esses objetos esconda, que os Feácios ilustres te deram
por meu conselho e assistência, ao saíres de lá para a pátria.
Quero, também, revelar-te os trabalhos que o Fado te apresta
no teu palácio bem-feito. Contém-te e suporta isso tudo.
A homem nenhum, nem mulher, enuncies nenhuma palavra
sobre tua volta, depois de errar tanto, mas sofre calado
os infortúnios sem conta, bem como a violência dos homens."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
"Deusa, a um mortal, que te encontre, é difícil poder conhecer-te
mesmo que seja experiente, pois todas as formas assumes.
Sei com certeza, e o confesso, que outrora me foste propícia,
quando nas plagas de Troia os guerreiros Aquivos lutaram.
Mas dês que as altas e fortes muralhas destruímos de Príamo,
nossos navios tomamos e um deus dispersou os Aquivos,
não mais, donzela de Zeus, ante os olhos te tive, nem soube
que à minha nave subisses a fim de trabalhos poupares-me.
Pelo contrário, andei sempre vagante, abrigando no peito
o coração lacerado, até ser pelos deuses liberto,
e me animares na terra fecunda dos homens Feácios
com teus discursos, levando-me aos muros em que eles habitam,

Em nome, agora, do pai te suplico; não creio, de fato,
que a Ítaca, ao longe visível, houvesse chegado, em verdade,
mas a país diferente, e que toda essa história de há pouco,
que me contaste, era burla com que a alma pretendes lograr-me.
Dize-me: é certo encontrar-me no solo querido da pátria?”
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse, em resposta, o seguinte:
“Sempre há de ter em teu peito acolhida uma tal desconfiança!
Mas, entre tantos perigos, não posso deixar de amparar-te,
por seres muito piedoso e de astúcia e prudência dotado.
Outro qualquer, que voltasse de viagem longínqua, haveria
de ir impaciente ao palácio, a rever a mulher e os filhinhos.
Mas não te agrada perguntas fazer a ninguém sobre nada,
antes de haveres a esposa provado, que, entanto, se encontra
em teu palácio ainda agora, num luto profundo submersa,
noites e dias, e sempre a verter copiosíssimo pranto.
Eu, porém, nunca deixei de confiar em tua vinda; sabia
na alma haverias voltar, pós a perda de todos os sócios.
Mas sempre tive receio, confesso-o, de opor-me a Posido,
tio paterno, que imenso rancor abrigava no peito,
cheio de raiva, por teres o filho querido cegado.
Ítaca vou revelar-te ora mesmo, porque te convenças.
Não reconheces o porto de Forco, do velho marinho,
na extremidade do qual oliveira frondosa se encontra?
Ao lado dela uma gruta se vê, de sombreado agradável,
que às ninfas é dedicada, também conhecidas por Náiades.
Esta mesma é a gruta, vastíssima, em que tinhas por hábito
sacrificar hecatombes perfeitas às ninfas divinas.
O monte Nérito, enfim, tens ali, recoberto de matas.”
Ao dizer isso, desfez o nevoeiro; o país patenteia-se-lhe.
Mui comovido, o divino e sofrido Odisseu reconhece
alegremente a paisagem, beijando o chão pátrio fecundo.

Súplice eleva as mãos ambas, às ninfas, desta arte, implorando:
“Náiades ninfas, donzelas de Zeus, não pensei que tornasse
a vos rever nunca mais. Ora votos benignos de novo
vos endereço e, como antes, havemos de dons ofertar-vos,
se consentir a bondosa filha de Zeus, a espoliadora,
que eu continue com vida e prospere meu filho querido.”
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta:
“Ânimo agora! Não deves o peito angustiar com tais coisas.
Mas sem demora cuidemos de pôr isto tudo no fundo
da gruta sacra, porque sem prejuízo o tesouro conserves.
Plano, depois, combinemos, que tudo nos saia a contento.”
Tendo isso dito, avançou para dentro da escura caverna,
a procurar dentro dela recantos, enquanto o guerreiro
as coisas todas trazia, de bronze infrangível e de ouro,
bem como as vestes valiosas, presente dos Feácios ilustres.
Tendo guardado o tesouro, dispôs uma pedra na entrada
a de olhos glaucos, Atena, a donzela de Zeus poderoso.
Junto do tronco da grande oliveira, depois, se assentaram,
onde ambos eles a Morte dos moços altivos tramaram.
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse as seguintes palavras:
“Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
ora convém refletir de que modo mais fácil consigas
os pretendentes punir, que há três anos te a casa dominam
e tua esposa divina cortejam com dádivas grandes.
Cheia, porém, de tristeza ela espera, ainda agora, tua volta.
Vai com promessas e mais com recados mantendo a esperança
a cada um deles; mas na alma concebe intenções diferentes.”
Disse-lhe, então, em resposta Odisseu, o guerreiro solerte:
“Pobre de mim! Por sem dúvida a sorte do Atrida Agamémnone
no meu palácio me estava guardada e o destino funesto,
se não me houvesses, ó deusa, informado de toda a verdade.

Ora vejamos um meio de como possamos matá-los.
Fica ao meu lado e no peito me inflama audaciosa coragem,
como no tempo em que os muros brilhantes de Troia destruímos.
Se desse modo coragem me deres, ó gázea donzela,
té com trezentos guerreiros seria capaz de medir-me
deusa admirável, se sempre benigna ao meu lado estiveres."
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse, em resposta, o seguinte:
"Hei de assistir-te, sem dúvida, sem que me saias da vista,
quando levarmos a cabo esta empresa. Nessa hora, estou certa,
há de o chão duro ficar pelos miolos e o sangue manchado
dos pretendentes guerreiros, que os bens no palácio te pilham.
Ora tenciono deixar-te dos homens irreconhecível,
com te enrugar a epiderme macia nos membros flexíveis
e da cabeça fazer que se extingam os louros cabelos.
Roupa andrajosa dar-te-ei, que te faça hediondo aos olhares,
e alterarei de tal forma, turvando-os, teus olhos tão belos,
que aos pretendentes reunidos pareças de aspecto mesquinho,
bem como ao filho e à mulher, que, ao partires, em casa deixaste.
Cuida, em primeiro lugar, de encontrar-te com o divo porqueiro,
guarda das varas de suínos, que sempre te foi afeiçoado
e tem afeto a teu filho, assim como à prudente Penélope.
Hás de encontrá-lo sentado no meio dos porcos que pastam
junto da Pedra do Corvo, não longe da fonte Aretusa
onde água turva eles bebem, comendo bolotas gostosas
em profusão, alimento adequado a deixá-los bem gordos.
Fica-te lá, junto dele sentado e de tudo se informa,
enquanto a Esparta me vou, de formosas mulheres ornada,
para chamar, ó Odisseu, o teu filho querido Telêmaco,
que foi visita fazer, nas campinas de Lacedemônia,
a Menelau, para obter de ti novas, se acaso vivesses."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:

“Mas, se sabias de tudo, por que não lhe deste notícias?
É para que ele, talvez, também venha a sofrer errabundo
pelo mar vasto e infrutuoso, enquanto outros os bens lhe devoram?”
A de olhos glaucos, Atenas, lhe disse, em resposta, o seguinte:
“Não seja causa ele, agora, de teres o espírito inquieto,
pois companheira lhe fui, porque nome sem-par alcançasse
com essa viagem. Trabalhos não sofre por lá, mas tranquilo
se acha na casa do Atrida, onde tem abundância de tudo.
É bem verdade que uns moços o aguardam em nave anegrada,
para matá-lo, quando ele estiver em caminho da pátria.
Não me preocupa, porém, nada disso; sorver há de a terra
os pretendentes, primeiro, que todos os bens te devoram.”
Com a varinha, ao dizer tais palavras, Atena tocou-lhe;
logo lhe enruga a epiderme macia nos membros flexíveis
e sem os louros cabelos deixou-lhe a cabeça; por volta
dos membros todos a pele de um velho lançou-lhe, engelhada,
e amorteceu-lhe os dois olhos, que dantes tão belos brilhavam.
Lança-lhe, então, sobre os ombros um velho gabão e uma túnica,
cheios de furos e imundos, com manchas de aspecto anegrado,
e revestiu-o com um couro rapado de corça ligeira.
Deu-lhe um bordão para viagem e, ainda, um surrão muito gasto,
quase imprestável, pendente do corpo por velha correia.
Feito isso tudo, apartam-se os dois, indo Palas Atena
para a Lacônia, onde o filho dileto do herói se encontrava.

CANTO XIV

ODISSEU CHEGA À CASA DE EUMEU

“Odisseu recebe a hospitalidade no campo do seu porqueiro Eumeu. Ele lhe conta o muito que sofreu e anuncia o retorno de Odisseu.” (Scholie P)

O porto deixa Odisseu, escabroso caminho tomando,
para um terreno montuoso e com matas, a fim de encontrar-se
com o divino porqueiro, a conselho de Atena, dos servos
o mais zeloso de quantos o divo Odisseu possuía.
Foi encontrá-lo sentado no pátio da casa, que se acha
por uma sebe cercada, em local muito bem-resguardado,
grande e bonito de ver, circular; pelo próprio porqueiro
foi, para os porcos, construído, depois de partir o monarca,
sem que a senhora o soubesse e pergunta fazer a Laertes,
para o que pedra, cuidoso, amontoou, recobrindo-a de espinhos.
Por fora, em toda a extensão, assentou numerosas estacas
mui resistentes, falcadas de galhos de negro carvalho.
Dentro dessa área cercada fez doze pocilgas, bem perto
umas das outras, as camas dos porcos. Em cada uma delas
porcas cinquenta fechadas se achavam, que rojam no solo.
Prenhes estavam. Do lado de fora os cachaços dormiam,

em menor número, que os pretendentes divinos faziam
diminuir, imolando-os. Devia o porqueiro mandar-lhes
todos os dias o mais bem-cevado e alentado dos porcos.
Eram, contudo, trezentos os porcos e mais seis dezenas.
Quatro mastins ali sempre se achavam, quais feras, criados
pelo porqueiro divino, dos outros pastores o chefe.
Umas sandálias estava nessa hora a cortar, modelando-as
num belo couro de boi, para os pés. Dos demais tratadores
três se encontravam dispersos no pasto, com varas de porcos;
quanto ao restante, se vira forçado a mandar à cidade,
aos pretendentes soberbos, a fim de levar-lhes um porco,
para que fosse imolado e o apetite de todos saciasse.
Subitamente foi visto Odisseu pelos cães ladradores.
Com grande bulha contra ele se atiram; o herói, de prudente,
no chão sentou-se, deixando das mãos escapar o cajado.
Quase que foi ofendido, ali dentro dos próprios domínios;
mas o porqueiro correu velozmente, os mastins enxotando
pelo terreiro, deixando que o couro das mãos lhe escapasse.
Com grandes berros os cães espalhou para todos os lados,
a apedrejá-los; depois para o próprio senhor se dirige:
“Pouco faltou, ó ancião, para seres depressa rasgado,
pelos meus cães, o que a mim causaria indelével opróbrio.
Já suficientes motivos de pranto os eternos me deram.
A suspirar pelo divo senhor aqui sempre me encontro,
sem fazer mais do que porcos cevar para os outros comerem,
ao passo que ele, talvez, desejoso de à fome dar pasto,
erra por outros países de gente e de língua diversa,
se é que se encontra com vida e a luz bela do Sol ainda enxerga.
Ora, meu velho, me segue à choupana, que lá, pós haveres
vinho bebido à vontade e alimento em porção que quiseres,
me contarás de onde vens e os trabalhos que tens suportado.”

Tendo isso dito, o divino porqueiro o levou para dentro
e o fez sentar-se, depois de espalhar pelo chão ramos secos,
sobre os quais pele de cabra montesa estendeu, grande e espessa,
onde ele próprio soía dormir. Odisseu alegrou-se
por ver-se assim recebido; e, para ele virando-se, disse:
"Hóspede, Zeus te conceda, e as demais sempiternas deidades,
tudo o que na alma desejas, por teres assim me acolhido."
Deste-lhe, Eumeu, em resposta as seguintes palavras aladas:
"Menosprezar não costumo nenhum estrangeiro, ainda mesmo
em pior estado que tu. Todos eles por Zeus são mandados,
os indigentes e os hóspedes. Pouco, realmente, podemos
te oferecer, mas de grado o fazemos. É sorte dos servos
sempre viver em receio, mormente se os moços o mando
têm no palácio, que os deuses àquele o retorno negaram,
que afetuoso me fora, por certo, e me dera presentes,
onde morar, bens diversos e esposa, de forma perfeita,
tal como é de uso os senhores bondosos fazerem-no aos servos,
que se afadigam na lida, e o trabalho faz Zeus que prospere,
bem como tem prosperado este agora, de que me incumbiram.
Muito me dera o senhor, se a velhice aqui mesmo alcançasse.
Mas pereceu. Melhor fora que a raça de Helena sumisse
completamente, que o exício causou de tão grandes guerreiros.
Ele, também, por amor de Agamémnone foi para Troia,
rica de potros, a fim de lutar contra os Teucros pugnazes."
Tendo isso dito, apertou logo o cinto por cima da túnica
e dirigiu-se à pocilga, onde muitos leitões se encontravam.
Dois retirou logo e os trouxe e, expedito, sem mais, os imola,
passa-os no fogo, retalha-os e as postas enfia no espeto.
Logo que assada se achou toda a carne, a Odisseu presentou-a
no próprio espeto, ainda quente, e com branca farinha a polvilha.
Num copo de hera, depois, misturou vinho tinto agradável,

e em frente dele assentou-se, exortando-o ao manjar, com dizer-lhe:
“Come, estrangeiro, este magro leitão, alimento dos servos,
que aos pretendentes estão reservados os porcos mais gordos.
Loucos! Não veem nada adiante dos olhos, nem sentem piedade.
Aos deuses beatos, porém, não agradam as obras iníquas,
sim a justiça veneram e os atos corretos dos homens.
Os próprios homens imigos e maus, que na terra dos outros
bois arrecadam, pilhando, ao lhes dar Zeus ensejo para isso,
e com navios repletos à pátria, de novo, retornam,
têm, também, grande receio de ser castigados por isso.
Estes, por certo, o souberam por meio de orác’lo divino
da triste sorte do ausente, pois nunca a cuidar se resolvem
com retidão do noivado, ou voltar para casa, mas ficam
tranquilamente a gastar-lhe os haveres, sem nada pouparem.
Todas as noites e dias, oriundos de Zeus poderoso,
não uma vítima só, porém duas, até, sacrificam
e bebem vinho, insolentes, e as ânforas todas esgotam.
Eram-lhe infindos os bens, com efeito. Outro herói nenhum teve
tantos haveres, quer fosse aqui em Ítaca, ou mesmo na terra
do continente, anegrada. Riqueza como essa nem vinte
homens juntar poderiam. Vou tudo por miúdo contar-te.
No continente eram doze as manadas de bois e de ovelhas,
varas de porcos em número igual e rebanhos de cabras,
que eram cuidadas por gente de fora, os seus próprios pastores.
Onze rebanhos, ao todo, aqui na ilha, de cabras, se encontram,
nestes extremos, vigiadas por homens de inteira confiança,
que diariamente uma rês obrigados se veem a levar-lhes,
e a que estiver mais cevada e bonita entre todas as cabras.
Enquanto a mim, tenho a guarda e defesa de todos os porcos,
e diariamente o mais pingue preciso escolher e mandar-lhes.”
Disse; Odisseu, entrementes, comia e bebia à vontade,

avidamente e em silêncio, a pensar só na ruína dos outros.
Quando acabou de comer, tendo o espírito, assim, restaurado,
enche de vinho a vasilha o porqueiro e lhe entrega, por onde
ele beber costumava. Odisseu a aceitou satisfeito
e, começando a falar, lhe dirige as palavras aladas:
"Caro, revela-me o nome de quem te comprou com dinheiro,
homem de tantos haveres, conforme tu próprio o afirmaste.
Dizes que a Morte encontrou em vingança do Atrida Agamémnone.
Conta-me; é muito possível que alhures já o tenha encontrado.
Zeus, certamente, e os mais deuses eternos e beatos conhecem
se posso dele notícias te dar, pois hei muito viajado."
Disse-lhe, então, em resposta, o porqueiro, pastor de outros homens:
"Velho, nenhum dos vagantes que vêm aqui ter com notícias
pôde até agora a confiança alcançar da mulher e do filho.
Essas pessoas errantes, que vivem do auxílio dos outros,
sabem somente mentir, jamais querem dizer a verdade,
pois quantos a Ítaca tem conduzido o destino errabundo,
vão logo à nossa rainha e se põem a contar só mentiras.
Ela os recebe benigna, e zelosa se informa de tudo,
entre soluços sentidos correndo-lhe as lágrimas sempre,
tal como é de uso às mulheres, a quem morreu longe o consorte.
Tu, também, velho, haverias de logo inventar uma história,
se presenteado tu fosses com vestes, um manto e uma túnica.
A ele, decerto, a estas horas os rápidos cães e os abutres
já lhe arrancaram dos ossos a pele, depois de ser morto,
ou pelos peixes do mar foi comido; seus ossos, agora,
na orla da praia se encontram, por monte de areia envolvidos.
Dessa maneira morreu, tendo a todos os seus ensejado
preocupações, mas a mim mais que a todos, pois nunca hei de um novo
tão caridoso senhor alcançar, onde quer que me encontre,
mesmo que à casa paterna de novo voltasse, onde, há muito,

deixei os pais e onde a luz vi primeiro e por eles fui criado.
Tanto por eles jamais chorarei, muito embora deseje
tê-los de novo ante os olhos, na terra do meu nascimento.
Mas pelo ausente Odisseu me consomem saudades infindas.
A ele, estrangeiro, conquanto distante, não julgo decente
só pelo nome chamar, pela grande afeição que me tinha,
mas ‘venerando senhor’ muito embora não se ache presente.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu o divino e sofrido:
“Caro, pois que tanto teimas e negas que possa ele um dia
vir para casa, de volta, por teres o espírito incrédulo,
não me limito somente a dizer-te, mas juro-te, ainda,
que o teu senhor voltará. Hás de dar-me por isso as alvíssaras,
logo depois de sua volta, ao entrar no palácio de novo,
vestes bem-feitas, com que me cobrir, uma túnica e um manto.
Mas até lá não aceito, apesar de que muito precise,
pois, tanto como aos escuros portões do Hades, sinto entranhável
ódio a quem cede à miséria exterior e inverdades espalha.
Que Zeus o saiba primeiro entre os deuses, e a mesa hospedeira,
bem como o lar de Odisseu impecável, onde ora me encontro;
tudo haverá de se dar, isso tudo, tal como o reafirmo:
ainda no curso deste ano há de vir Odisseu de retorno;
antes de a lua apagar-se e ficar novamente redonda,
há de voltar para casa e vingança tomar das pessoas
que no palácio lhe a esposa ultrajaram e o filho impecável.”
Deste-lhe, Eumeu, em resposta, as seguintes palavras aladas:
“Nem terei nada a pagar-te, meu velho, por esta notícia,
nem Odisseu voltará para casa. Mas bebe tranquilo.
De outros assuntos, agora, tratemos; não quero a lembrança
disso espertar em minha alma, pois sinto angustiar-se-me o peito
sempre que alguém do meu muito prezado senhor diz o nome.
Ora deixemos de lado essas juras. Pudesse, realmente,

vir Odisseu de retorno, tal como o desejo e Penélope,
bem como o velho Laertes e o filho divino, Telêmaco!
Por esse filho do herói Odisseu sinto angústia infinita,
que, pela graça dos deuses, cresceu qual vergôntea mimosa.
Sempre julguei que haveria de ser entre os homens em nada
ao pai querido inferior, de estatura e beleza admiráveis.
Mas certamente algum deus imortal transtornou-lhe o intelecto,
ou qualquer homem, pois foi até Pilo, à procura de novas
do pai querido. No entanto lhe espreitam a viagem de volta
os pretendentes ilustres, porque despareça sem glória
do solo de Ítaca a raça de Arcésio, de forma divina.
Mas entreguemo-lo ao próprio destino, quer seja apanhado,
quer fugir possa, estendendo sobre ele a mão Zeus poderoso.
Ora, meu velho, de teus sofrimentos também me relata;
fala-me sem subterfúgio, que quero saber a verdade.
Qual o teu povo e o teu nome? teus pais? a cidade em que moras?
Em que navio chegaste e de como os seus homens puderam
pôr-te nesta ilha? Revela-me o nome de que se envaidecem,
pois não presumo que tenhas chegado por via terrestre.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Sem o menor subterfúgio pretendo contar-te a verdade.
Se ambos, à farta, tivéssemos dentro de casa comida
e vinho doce, à vontade, durante um período mui longo,
e regularmo-nos calmos e os outros do mais se ocupassem,
mui facilmente pudera ficar o ano todo a contar-te
dos sofrimentos passados, sem nunca chegar até o cabo
de tudo quanto meu peito sofreu por vontade dos deuses.
“Quanto à linhagem, me orgulho de vir da vastíssima Creta,
de homem de ricos haveres, a quem muitos outros nasceram
filhos legítimos, todos criados no próprio palácio
pela mulher; eu nasci de uma escrava por ele comprada.

Mas a mim tinha afeição, qual se filho legítimo eu fosse,
o herói Castor, filho de Hílace, de quem me orgulha ser filho,
que, qual um deus, pelo povo de Creta era honrado e estimado,
graças à sua riqueza e em virtude dos filhos ilustres.
Mas as deidades da Morte o levaram, por fim, para a casa
de Hades, e a herança deixada foi posta, a seguir, em partilha
pelos seus filhos altivos, que tudo por sorte dividem.
Pouco, mui pouco, me coube; contudo, uma casa me deram.
Logo depois esposei uma filha de pais abastados,
pelo meu mérito apenas; inepto, realmente, não era,
nem imprestável na guerra. Porém já se foi isso tudo.
Creio que só pelo exame da palha ainda podes um juízo
do que era a espiga fazer, pois sofri infortúnios sem conta.
Ares e Atenas coragem me deram, bem como a violência
de hostes romper. Onde quer que escolhesse guerreiros de nome
para os postar em cilada e aos imigos levar a ruína,
nunca meu peito valente abrigou o pensamento da Morte,
mas era sempre o primeiro a avançar para a luta, atingindo
com minha lança o adversário de pés do que os meus mais morosos.
Fui assim, pois, nos combates. Às lides do campo era infenso
e aos afazeres da casa, onde filhos ilustres se criam,
sim muito mais inclinado às galeras providas de remos,
guerras, e pugnas, e dardos bem-feitos, assim como flechas,
coisas de luto elas todas, que aos outros tristezas propinam,
mas para mim dão prazer, que presente de um deus é esse gosto
pois em variados trabalhos os homens encontram deleite.
“Inda antes de irem os filhos dos homens Aqueus para Troia,
já vezes nove chefiara guerreiros e céleres naves
contra outros povos, de longe, fazendo abundante colheita.
Ricos presentes do espólio sabia escolher, outras peças
sempre depois me tocavam, trazendo-me ao lar a abundância,

e cada vez mais temido e acatado entre os homens de Creta.
Mas, quando Zeus, que vê longe, mandou contra nós a funesta
expedição, que foi causa da Morte de muitos guerreiros,
a Idomeneu, juntamente comigo, tocou a incumbência
de governar umas naus para Troia. Pretexto não tive
para escusar-me, que, então, conquistara ruim fama no povo.
Lá, por nove anos, lutamos os filhos dos povos Aquivos;
mas no dezeno, depois de destruirmos os muros de Príamo,
viemos de volta. Um dos deuses o exército Acaio dispersa.
"Contra mim, pobre infeliz, Zeus prudente enviou outros males.
Um mês, somente, fiquei deleitando-me ao lado dos filhos,
da que esposei, quando virgem, pois logo depois de algum tempo
me manda o peito viajar outra vez, para o Egito distante.
Bem-aprestados navios armei e escolhi a companha.
Em pouco tempo reuni todos eles em nove navios.
Meus companheiros diletos durante seis dias seguidos
deram-se aos lautos banquetes, enquanto eu cuidava das vítimas,
que oferecessem aos deuses, e às festas, depois, lhes servissem.
No último dia, embarcados, partimos de Creta muito ampla,
e navegamos ao sopro de Bóreas galhardo e benigno,
mui facilmente, qual rio a descer. Dano algum nos navios
se assinalou; nós, incólumes todos e livres de enjoo,
viagens fizemos nos barcos que o vento e os pilotos dirigem.
Ao quinto dia chegamos à bela corrente do Egito,
em cujo seio ordenei que ancorassem as naves recurvas.
Aos companheiros diletos dei logo instruções apropriadas,
para que junto das naves ficassem, de guarda a elas todas,
e distribuí logo espias, mandando que aos postos se fossem.
Os orgulhosos, porém, pela própria cobiça levados,
os belos campos dos homens egípcios puseram-se logo
a devastar, carregando as mulheres e tenras crianças,

e a Morte a dar aos varões. Logo o alarma chegou à cidade.
Os moradores os gritos ouviram, e em massa acorreram,
ao romper da alva, apinhando-se o vale de peões e cavalos
e do fulgor de aêneas armas. Nos meus companheiros o Crônida
fulminador o desânimo inspira, ninguém se atrevendo
a resistir, que por todos os lados a Morte ameaçava.
Muitos dos nossos ali foram mortos por bronze afiado;
outros, com vida apanhados, porque como escravos vivessem.
O próprio Zeus, entretanto, me fez conceber uma ideia.
Bem melhor fora que a Morte ali mesmo no Egito me viesse
e meu destino eu cumprisse, que dores sem conta ainda tive.
No mesmo instante arranquei da cabeça o elmo caro e bem-feito,
bem como o escudo dos ombros, jogando das mãos a hasta longa,
e aproximei-me do carro em que o rei se encontrava; abracei-o
pelos joelhos, beijando-o; salvou-me ele, então, protegendo-me.
Fez-me subir para o carro e ao palácio, entre prantos, levou-me.
Muitos guerreiros, é certo, investiram com lanças de freixo,
para matar-me, que estavam, realmente, demais indignados;
mas foram todos eles detidos, que Zeus, certo amparo
dos estrangeiros, temia, que pune as ações impiedosas.
“Sete anos lá demorei, a reunir infinitas riquezas,
no meio dos moradores do Egito, que tudo me davam.
Mas, no volver das sazões, quando o curso da oitava chegara,
apresentou-se um Fenício, sabido em toda arte de embustes,
enganador, que já tinha entre os homens maldades causado.
Com grande lábia soube ele suadir-me a que fôssemos juntos
para a Fenícia, onde casa possuía com muitos haveres.
Em sua casa fiquei pelo curso completo de um ano.
Quando, porém, no decurso de um ano, já os meses e os dias
tinham passado, e de novo as sazões costumadas voltaram,
em uma nau sulcadora me fez embarcar para a Líbia,

sob o pretexto enganoso de a carga a levar ajudá-lo;
mas intentava vender-me por lá, para obter muito lucro.
Fui obrigado a segui-lo, conquanto tivesse suspeitas.
Ia o navio levado por Bóreas galhardo e propício,
no mar acima de Creta; mas Zeus concebeu-lhe a ruína.
Quando a paragem de Creta deixamos e não mais se via
terra nenhuma, senão mar somente e o céu vasto por cima,
fez o de Crono nascido surgir uma nuvem sombria
por sobre a côncava nave, que as ondas escuras deixava.
Zeus a um só tempo troveja e um relâmpago expede ao navio;
este girou sobre si, quando foi pelo raio atingido;
cheiro de enxofre se espalha; no mar foram todos lançados.
Tal como gralhas em torno da nave de casco anegrado,
eram das ondas levados; um deus os privou do retorno.
O próprio Zeus, apesar de eu também me encontrar nesse transe,
um grande mastro da nave de casco de cor anegrada
pôs-me nas mãos, para que dos perigos fugir conseguisse.
Nele abraçado, deixei-me levar pelos ventos funestos.
"Por nove dias vaguei; mas, à noite do décimo, escura,
uma onda grande atirou-me na terra dos homens Tesprotos,
cujo monarca, Fidão valoroso, me acolhe benigno,
sem pagamento, que pela umidade e cansaço vencido
fui por seu filho encontrado, que ao régio palácio me leva
no próprio braço amparado, até os paços do pai alcançarmos,
onde uma túnica e um manto me deu porque o corpo eu cobrisse.
Aí tive novas seguras do herói Odisseu, pois falou-me
Fidão que o havia hospedado e tratado, ao voltar para a pátria,
e me mostrou quanto havia Odisseu de riquezas reunido,
bem-trabalhados objetos de ferro, e ouro e bronze abundantes,
que enriquecer poderiam a dez gerações sucessivas;
tal era a cópia de bens, que se achava do rei no palácio.

Acrescentou que a Dodona viajara Odisseu, para o oráculo
de Zeus ouvir no divino carvalho de cimo altanado,
sobre a maneira melhor, pois ausente se achava há bem tempo,
de a Ítaca fértil voltar: claramente ou por modo encoberto.
Fez-me ele próprio uma jura solene, ao libar no palácio,
que já se achava lançado o navio e nos postos os homens,
que para a terra da pátria o deviam levar de retorno.
"Mas, antes disso, mandou-me de volta, que, acaso, uma nave
para Dulíquo, de trigo abundante, partiu com Tesprotos.
A esses tinha ele ordenado com muito carinho levarem-me
ao rei Acasto; ocorreu-lhes, porém, uma ideia funesta
a meu respeito, porque na miséria mais negra afundasse.
E, quando a nau sulcadora já estava mui longe de terra,
foi maquinado por eles fazerem-me escravo ali mesmo.
Tiram-me logo do corpo os vestidos, um manto e uma túnica,
e vis andrajos lançaram-me em cima, assim como este manto
cheio de furos, conforme tu próprio ante os olhos contemplas.
Aos campos de Ítaca, ao longe visível, à tarde chegaram.
Eles, então, me amarraram no barco de boa coberta
com uma corda torcida e bem-feita. Depois para terra
todos saltaram, ceando apressados na praia marinha.
Mas desataram-me as cordas as próprias deidades eternas,
mui facilmente. Envolvendo a cabeça naqueles farrapos,
escorreguei pelo leme polido e, nas ondas o peito
tendo afundado, nadei, como remos dos braços valendo-me,
sempre a avançar, té ser longe do mar e daqueles imigos.
Vim para terra, onde mancha se encontra da mata florida;
lá, agachado, me escondo. Eles todos com muitos lamentos
correm de um lado para outro. Por fim, pareceu-lhes mais útil
não prosseguir nas pesquisas, e, assim, se fizeram de volta
para a nau côncava. Os deuses eternos deixaram-me inviso

mui facilmente, alfim, alcançar a morada
de um varão sábio, pois, certo, é do fado que eu viva mais tempo.”
Deste-lhe, Eumeu, em resposta, as seguintes palavras aladas:
“Ah, mísero hóspede, muito, em verdade, abalaste-me o peito,
com teu relato de quanto sofreste e vagaste errabundo!
Só uma coisa não foste sincero; é invenção, certamente,
o que a Odisseu se refere. Por que, sendo tu desse modo,
mentes sem ser necessário? Melhor do que tu, tenho ciência
quanto ao retorno do caro senhor, que por todos os deuses
era ele odiado, porque não morreu entre os Teucros guerreiros,
nem dos amigos nos braços, depois de concluída a campanha.
Todos os povos Aqueus lhe dariam, sem dúvida, um túmulo
e, no porvir, a seu filho renome perene deixara.
Mas, desse modo, as Harpias sem fama nenhuma o arrastaram.
Junto dos porcos, aqui passo a vida, afastado. À cidade
quase não vou, a não ser que a prudente Penélope o mande
expressamente, ao lhe ter qualquer nova de alhures chegado.
Todos, então, em redor assentados, perguntas lhe fazem,
tanto os que a longa demora do rei sentem muito, de fato,
como os que folgam com isso e os haveres, impunes, lhe pilham.
Enquanto a mim, não me agrada estar sempre a fazer tais perguntas,
desde que fui ludibriado por certo indivíduo da Etólia,
que, por motivo de crime de Morte, errabundo, viajava
e veio, enfim, ao meu pouso, onde teve hospital gasalhado.
Disse que em Creta o avistara a arranjar os navios, em casa
de Idomeneu, pela força dos ventos assaz avariados,
e me afirmou que haveria voltar no verão ou no outono,
com grande cópia de bens e os divinos consócios de viagem.
Tu, também, mísero velho, uma vez que um demônio te trouxe,
não me procures burlar com mentiras, nem de outra maneira,
pois isso nada influirá para dar-te benigno agasalho;

por compaixão, e receio de Zeus protetor é que o faço.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Tens, em verdade, no peito um espírito assaz desconfiado,
pois nem com meu juramento consigo, sequer, abalar-te.
Ora façamos um pacto, e que sejam a tudo, lá em cima,
os próprios deuses presentes, que moram no Olimpo altanado.
Se regressar ao palácio teu nobre senhor, de verdade,
hás de me dar outra roupa, uma túnica e um manto, e mandar-me
para Dulíquio, onde sempre desejo acabar os meus dias.
Mas, se ao contrário de tudo o que eu disse não vier de retorno,
podes mandar-me jogar, pelos servos, de cima das pedras,
para que nunca mendigo nenhum se aventure a enganar-te.”
Disse-lhe, então, o divino porqueiro o seguinte, em resposta:
“Extraordinário conceito, ó estrangeiro, e bom nome haveria
de conquistar, em verdade, entre os homens de agora e os vindouros,
se, desse modo, depois de te haver recebido e hospedado,
me resolvesse a matar-te, privando-te da alma dileta.
Muito sincero seriam meus rogos ao filho de Crono!
Mas é chegado o momento da ceia; se agora nos viessem
os companheiros depressa, porque sem demora ceássemos!”
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos diziam.
Mas nesse tempo já vinham de volta os porqueiros e os porcos,
que nas pocilgas fecharam, porque do repouso gozassem.
Altos grunhidos soltaram os porcos que estavam de fora.
Aos companheiros virando-se, diz o divino porqueiro:
“O melhor porco trazei-me, que o possa imolar ao meu hóspede
de longes terras. Teremos, também, nossa parte, que muito
nos afanamos no trato dos porcos de dentes recurvos.
Outros impunes devoram o esforço do nosso trabalho.”
Tendo isso dito, rachou logo lenha com bronze cortante.
Eles, então, lhe trouxeram cevado bem gordo de cinco

anos, que junto à lareira puseram. Não deixa o porqueiro
de se lembrar dos eternos, pois era de espírito justo.
Deu logo início, lançando no fogo alguns pelos da fronte
do porco de alvos colmilhos, e a todos os deuses implora,
para que a casa pudesse voltar Odisseu astucioso.
Toma de um pau de carvalho, que havia apartado, e desfere
golpe mortal; os demais o sangraram, levaram-no ao fogo,
e logo em postas o fazem; pedaços de carne o porqueiro
dos membros todos envolve em camada de espessa gordura,
branca farinha polvilha e nas chamas, depois, tudo atira.
Logo o restante retalham e espetos enfiam nas postas,
e cuidadosos as tostam, tirando-as, depois, dos espetos,
pondo-as num monte, no centro da mesa. O porqueiro levanta-se
para fazer a partilha; de espírito justo era ornado.
Em sete partes iguais dividiu toda a carne existente;
às ninfas uma reserva e para Hermes, o filho de Maia,
a quem dirige orações; as demais entre os homens divide.
O dorso inteiro do porco de dentes recurvos destina
para Odisseu, o que fez que o senhor se alegrasse no espírito.
Disse-lhe, então, Odisseu, o guerreiro solerte, o seguinte:
“Possas, Eumeu, ser tão caro a Zeus pai como a mim és agora,
pois apesar do que sou me distingues por essa maneira.”
Deste-lhe, Eumeu, em resposta, as seguintes palavras aladas:
“Come, infeliz mais que todos, e alegra-te apenas com isso
posto em tua frente, que Zeus umas coisas concede, outras nega,
tal como na alma lhe apraz, pois que pode fazer quanto queira.”
Disse, e as primícias no fogo sagrou para os deuses eternos;
liba com rútilo vinho e nas mãos vai depor a cratera
do vastador Odisseu, retornando de novo a assentar-se.
Pão distribuiu para todos Mesáulio, que pelo porqueiro
fora adquirido na ausência do rei, com seus próprios recursos,

sem que a senhora o ajudasse na compra, nem Laertes, o velho.
Fora comprado dos Táfios; pagara-o com os próprios haveres.
Todos as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Tendo assim, pois, saciado a vontade da sede e da fome,
o pão Mesáulio da mesa tirou, levantando-se os outros
para dormir, todos fartos, que o estavam, de pão e de carne.
Noite sem lua, entrementes, caiu, de incessante aguaceiro,
por Zeus enviado, soprando a umidade constante de Zéfiro:
Pôs-se a falar Odisseu, para ver se tentava o porqueiro
a despojar-se do manto, e lho dar, ou se a algum dos pastores
aconselhava fazê-lo, pois, tão serviçal se mostrara:
"Ora prestai-me atenção, caro Eumeu e demais companheiros,
quero fazer-vos um voto e contar uma história, que o vinho
perturbador a isso obriga, pois força até os homens sensatos
ora a cantar, ora a rir sem medida, e a dançar até mesmo,
ou pôr às claras segredos, que não revelar melhor fora.
Ora, uma vez principiado, não quero deixar de expandir-me.
Fosse eu da idade de outrora, e tivesse o vigor de outros tempos,
quando a emboscada saímos debaixo dos muros de Troia!
Tinha o comando Odisseu e o nascido de Atreu, Menelau;
como terceiro, eles próprios quiseram que mando eu tivesse.
Mas, ao chegarmos em frente à cidade de muros soberbos,
nos espalhamos por volta da rocha, num basto arvoredo,
por entre as canas de um pântano, embaixo das armas deitados.
Eis sobrevém noite fria, porque tinha Bóreas parado,
gélida, e a neve, incessante, caía qual lã floconosa,
e pouco a pouco os escudos ficaram cobertos de gelo.
Mantos e túnicas tinham levado os demais companheiros,
que descansavam tranquilos, por cima dos ombros o escudo.
Eu, simplesmente, ao partir, entregara aos meus sócios o manto,
por imprudência, porque não esperava sentir tanto frio;

fui após outros de escudo, somente, e com cinto brilhante.
No último terço da noite, porém, quando os astros caíam,
para Odisseu me virei, que se achava ao meu lado, e batendo-lhe
com o cotovelo, chamei-o; fui logo por ele atendido.
‘Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
dentro de pouco não mais entre os vivos serei, que este frio
há de matar-me; sem manto me encontro, que, certo, um demônio
me fez partir só de túnica. Nada, ora, pode salvar-me.’
Isso lhe disse; ele, logo, no espírito achou um recurso,
pois nos conselhos, tal como na guerra, era sempre o primeiro.
Com voz mui baixa falando, me disse as seguintes palavras:
‘Cala-te, pode escutar-te qualquer dos guerreiros Aquivos!’
No cotovelo apoiando-se, então, para os outros dirige-se:
‘Ora me ouvi, camaradas, que um sonho divino me veio.
Muito distante das naves estamos; vá alguém, sem demora,
interrogar ao Atrida Agamémnone, rei poderoso,
se lhe seria possível mandar dos navios mais gente.’
A essas palavras se ergueu logo Toante, de Andrêmone filho,
lépido, e o manto purpúreo de cima dos ombros retira,
pondo-se, logo, a correr para as naves. No manto enrolei-me
mui satisfeito, até a Aurora surgir no seu trono dourado.
Fosse eu da idade de então, e possuísse o vigor desse tempo!
Um dos porqueiros daqui me daria, sem dúvida, um manto,
por dupla causa, decerto: amizade e respeito a um grande homem;
mas nestes trapos imundos, por todos me vejo enxotado.”
Deste-lhe, Eumeu, em resposta as seguintes palavras aladas:
“Bem engendrada, realmente, meu velho, foi toda essa história;
inconveniente não tinha nenhuma palavra, ou excessiva.
Por isso tudo hás de ter, nesta casa, agasalhos e quanto
mais se costuma ofertar a mendigo, que a nós se dirija.
Mas, isso, agora. Amanhã vestirás novamente os andrajos,

pois não possuímos aqui muitas mudas de mantos e túnicas
para trocar; uma só, diariamente, cada um tem consigo.
Mas quando o filho do herói Odisseu retornar para casa,
há de fazer-te presente de vestes, um manto e uma túnica,
e mandar-te-á conduzir aonde o peito e o desejo te impelem.”
Tendo isso dito, levanta-se e junto do lume prepara
leito para ele, provendo-o com peles de cabras e ovelhas.
Nele Odisseu se deitou; põe-lhe um manto por cima o porqueiro,
grosso e bem grande, que para trocar sempre tinha guardado,
para vestir, quando o inverno demais rigoroso chegasse.
Dessa maneira deitou-se Odisseu; ao seu lado os rapazes
vieram, também, repousar. Não aprouve, porém, ao porqueiro
ter o seu leito ali mesmo e dormir muito longe dos porcos.
Por isso tudo, dispôs-se a sair. Odisseu alegrou-se
por ver o zelo com que ele cuidava dos bens, em sua ausência.
Lança primeiro nas fortes espáduas o gládio pontudo;
cobre-se logo com manto bem grosso, dos ventos abrigo,
toma uma pele de cabra de grande tamanho e bem gorda,
e um dardo agudo, por fim, contra cães e inimigos amparo.
Ei-lo que foi repousar onde os porcos de dentes recurvos
dormem, debaixo de côncava pedra, ao abrigo de Bóreas.

CANTO XV

TELÊMACO CHEGA À CASA DE EUMEU

“Atena diz a Telêmaco por um sonho que ele deve retornar a Ítaca. Depois de receber os presentes de Menelau, parte. Estando prestes a embarcar, leva para o barco Teoclímeno, adivinho de Argos que foge por um assassinato. Eumeu conta para Odisseu como os Fenícios o levaram da ilha de Síria e venderam-no para Laertes. O navio de Telêmaco aporta em Ítaca. Ele o envia para a cidade e vai para a casa de Eumeu.” (Scholie P Q)

Palas Atena, entrementes, a Esparta de vastas planícies
se dirigiu, porque o filho preclaro do herói astucioso
estimulasse a partir, do retorno fazendo-o lembrado.
Foi encontrar a Telêmaco junto do claro Nestórida
no átrio da casa bem-feita do rei Menelau glorioso.
Sono tranquilo, agradável, dormia o Nestórida egrégio.
Quanto a Telêmaco, insone se achava; do pai os cuidados
fazem que assim permaneça desperto na Noite divina.
A de olhos glaucos, Atena, aproxima-se e diz-lhe o seguinte:
“Não é prudente, Telêmaco, estares ausente de casa
por tanto tempo, deixando os teus bens e o palácio a indivíduos
de tal maneira insolentes. Não vá acontecer que te comam

tudo e teus bens distribuam, fazendo tu viagem debalde.
A Menelau, de voz forte na guerra, pedir ora deves
que te despeça, que possas tua mãe encontrar ainda em casa.
Aconselhada não só pelo pai, pelo irmão, de igual modo,
tem ela sido a casar com Eurímaco. Aos mais pretendentes
este supera nas dádivas, tendo-lhe o dote aumentado.
Que, a teu mau grado, não tirem de lá qualquer joia preciosa.
O coração das mulheres bem sabes como é constituído.
Quer que prospere somente o palácio do novo consorte;
nem do primeiro marido, que a Morte levou, nem dos filhos
dele provindos se lembra jamais, nem, tampouco, pergunta.
Por isso tudo, confia teus bens, ao voltares a casa,
a uma das servas, a que entre as demais a melhor te pareça,
té que te possam enviar uma digna consorte.
Ora pretendo um conselho te dar; guarda-o bem no imo peito.
Os pretendentes mais nobres te esperam de volta, em cilada,
bem na passagem do mar que separa de Samo rochosa
Ítaca, a fim de privar-te da vida, ao tornares à pátria.
Não te preocupe, porém, nada disso; primeiro há de a terra
os pretendentes sorver, que teus bens, insaciáveis, devoram.
Deves das ilhas a nau bem-construída desviar; passa ao largo.
Viaja somente de noite; um dos deuses monção favorável
há de mandar-te, o imortal que te guarda e te livra dos males.
Quando tiveres chegado à saliência mais próxima de Ítaca,
manda que teus companheiros o barco à cidade conduzam
e, antes de mais, te dirige à morada do velho porqueiro,
que tem a guarda dos porcos e sempre te foi afeiçoado.
Deves ali pernoitar e à cidade mandá-lo; que leve
de tua parte recado à prudente Penélope, acerca
de como a salvo chegaste da viagem, que a Pilo fizeste.”
Palas, depois de falar, retornou para o Olimpo muito amplo.

Ele, no entanto, ao Nestórida esperta do sono agradável,
com sacudi-lo com o pé, proferindo as seguintes palavras:
“Caro Pisístrato, sus! Os cavalos de cascos robustos
põe sob o jugo, no carro, porque concluamos a viagem.”
Disse-lhe o jovem Pisístrato, do velho Nestor descendente:
“Não é possível, Telêmaco, embora haja urgência, viajarmos
em noite assim tão escura. A manhã a surgir não demora.
É conveniente esperar, té que os brindes no carro deponha
o louro filho de Atreu, Menelau, valoroso lanceiro,
e nos reenvie, depois de dizer-nos palavras afáveis.
Quem recebeu nalgum tempo hospital agasalho, recorda-se
sempre do insigne varão que em sua casa o hospedou como amigo.”
Disse, no tempo em que a Aurora surgiu no seu trono dourado.
A ambos chegou-se, entrementes, o herói Menelau de voz forte,
que o leito havia deixado de Helena, de belos cabelos.
Logo que o filho dileto do herói Odisseu o percebe,
com pressa a túnica esplêndida pôs-se a vestir, atirando
o manto grande e bem-feito por cima dos ombros robustos.
Vai para a porta, depois, e chegando-se ao rei, lhe suplica
o herói Telêmaco, filho do divo Odisseu e astucioso:
“Ó Menelau, de Atreu filho e discípulo de Zeus, chefe de homens!
Manda-me, alfim, para a terra querida dos meus ascendentes,
pois o meu peito já pede voltar para casa de novo.”
Disse-lhe, então, Menelau, de voz forte na guerra, o seguinte:
“Por muito tempo, Telêmaco, não pretendia deter-te,
se tanto anseias voltar, pois eu próprio censuro a pessoa
que hóspede em casa recebe com mostras de amigo excessivas,
como o de hostil proceder. Tudo deve ser feito com regra. [20]
Certo, ambos são censuráveis, aquele que força a partida
de quem deseja ficar e o que impede a partida a visitas.
Cumpre agradar ao que chega, e deixá-lo partir, se o deseja.

É conveniente esperares té os brindes eu pôr no teu carro,
para que possas tu próprio admirá-los e eu diga às mulheres
que da despensa provida banquete na sala preparem.
Ambas as coisas alcança: honra e glória, e também, restaurar-se,
todo o que janta antes de ir pela terra de largos caminhos.
Mas, se pela Hélade queres passar de retorno e por Argos,
para que eu próprio te siga, farei preparar os cavalos.
Pelas cidades dos homens iremos; ninguém — é certeza —
há de deixar-nos partir sem nos dar um bonito presente,
ou seja trípode, ou seja caldeira construída de bronze,
ou taça de ouro maciço, ou parelha de mulas robustas.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Ó Menelau, de Atreu filho, discípulo de Zeus, chefe de homens!
Quero voltar para a casa dos meus ascendentes, pois guarda
lá não deixei, quando vim, que zelasse por minha fazenda.
Não aconteça eu morrer à procura do meu pai querido,
ou que me tirem do próprio palácio uma joia preciosa.”
Quando lhe ouviu tais palavras, o herói Menelau de voz forte
deu instruções logo à esposa, assim como às criadas presentes,
que da despensa provida banquete na sala aprestassem.
Veio ajuntar-se-lhes logo Eteoneu, de Boétoo nascido,
pois já bem cedo se alçara do leito, e que perto morava.
Logo ordenou Menelau, de voz forte, que lume acendesse
para fazer os assados, ao que ele, afanoso, obedece.
Mas ele próprio até a câmara odora baixou em seguida.
Não foi sozinho; seguiam-no Helena e, também, Megapentes.
Quando eles todos chegaram ao ponto em que as joias se achavam,
o louro Atrida uma taça apanhou, de alças duas ornada,
e a Megapentes mandou que levasse uma copa de prata.
Foi para junto das arcas Helena, pejada de roupa,
nas quais os mantos bordados se achavam, seu próprio trabalho.

Toma nos braços um desses Helena, a divina criatura,
o de maior dimensão e também mais bonito e enfeitado,
que como estrela brilhava e se achava por baixo de todos.
Pelo palácio, depois, todos juntos se foram, té serem
perto do moço Telêmaco, a quem Menelau se dirige:
"Queira Telêmaco, a volta, tal como no espírito anelas,
Zeus, de Hera esposo, de voz trovejante, fazer que realizes.
Das joias todas, que se acham guardadas aqui no palácio,
quis escolher para dar-te a que fosse mais bela e preciosa.
Dou-te uma copa, toda ela lavrada com grande capricho,
de pura prata; mas de ouro batido são feitas as orlas,
obra de Hefesto, presente de Fédimo, rei dos Sidônios,
quando me deu hospital agasalho no próprio palácio,
aonde, de volta, cheguei; ora quero essa mesma ofertar-te."
O louro Atrida assim disse, entregando-lhe o copo de duplas
alças, enquanto a cratera de prata brilhante trazia
o forte herói Megapentes, depondo-a na frente do jovem.
Veio, também, ajuntar-se Helena, de faces rosadas,
e lhe dirige a palavra, entregando-lhe o peplo bem-feito:
"De minha parte, também, caro filho, recebe esta dádiva,
feita por mim; que te sirva no dia do amável consórcio,
para adornares a esposa. Até lá, no palácio, a conserve
a mãe querida. Que possas voltar felizmente ao palácio
de bem-construída feitura, assim como ao país de nascença."
Com tais palavras, o peplo lhe entrega; ele, grato, o recebe.
Tudo, entrementes, Pisístrato herói recebia e na cesta
punha do carro, depois de folgar ante a vista dos mimos.
O louro herói Menelau para casa os levou depois disso.
Todos, então, se sentaram nos tronos, nas belas cadeiras.
Água lustral lhes ministra a criada, em gomil primoroso
de ouro, deixando-a cair sobre as mãos em bacia de prata,

pondo diante dos dois, a seguir, uma mesa polida.
A despenseira zelosa aparece, que pão lhes reparte,
como, também, provisões abundantes, que dá prazerosa.
Junto, o Boetoida os assados trinchava e aos presentes servia,
enquanto o filho do herói Menelau punha vinho nos copos.
Todos as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Tendo assim, pois, vontade da fome e da sede saciado,
foram o filho preclaro do Pílio Nestor e Telêmaco
pôr os cavalos no carro enfeitado, para onde subiram,
e para fora os guiaram da porta e da sala sonora.
Vinha trás deles o filho de Atreu, Menelau glorioso,
a sustentar na direita uma taça de vinho melífluo,
de ouro, porque não partissem sem terem libado primeiro.
Junto dos belos cavalos parando, brindou-os dizendo:
"Sede felizes, ó moços! Levai a Nestor, de homens chefe,
meus cumprimentos, que foi para mim como pai amorável,
quando nos muros de Troia os guerreiros Acaios lutamos."
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
"Com todo zelo, ó discíp'lo de Zeus, lhe diremos à volta
como o desejas. Pudesse eu, também, já de volta ao palácio
de Ítaca achar Odisseu de tornada, que, então, lhe contasse
como estou sendo tratado por ti com tais mostras de afeto
e como vou cumulado de belos e ricos presentes."
Isso disse ele; mas, súbito, uma ave à direita lhe surge,
águias de garras possantes, que leva, apanhando no pátio,
um grande ganso doméstico; seguem-se moços e moças
em altos gritos. Mas a águia, ao chegar para junto dos jovens,
alça-se pela direita, [21]na frente do carro. Alegraram-se
quantos a viram, e o peito de todos se encheu de alegria.
Logo Pisístrato, o filho do claro Nestor, o interpela:
"Ora nos dize discíp'lo de Zeus, Menelau, chefe de homens,

se se refere a nós dois o prodígio divino, ou a ti próprio.”
Isso disse ele; ficou a refletir Menelau amigo de Ares
sobre a resposta que mais adequada pudesse, então, dar-lhe.
Mas nisso Helena, de peplo bem-feito, tomou a palavra:
“Ora me ouvi, que eu, também, predizer-vos desejo, tal como
na alma os ternos mos dizem e como, estou certa, há de dar-se.
Do mesmo modo que esta águia, dos montes descida, onde, certo,
filhos e ninhos deixou, veio o ganso pilhar-nos em casa:
dessa maneira Odisseu, pós trabalhos e viagens sem conta,
há de voltar para casa e vingar-se. Talvez já se encontre
lá, de retorno, a pensar no castigo que vai dar a todos.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Zeus, de Hera esposo, de voz trovejante, esses votos realize!
Como se deusa tu fosses, na pátria haveria invocar-te.”
Tendo assim dito, os cavalos açoita; estes, rápidos, partem,
atravessando a cidade à procura das vastas planícies.
O dia inteiro galopam e o jugo, incessantes, sacodem;
e, quando o Sol se deitou e as estradas a sombra cobria,
ei-los chegados a Feras, em frente ao palácio de Diocles,
filho de Ortíloco, que por Alfeu tinha sido gerado.
Lá pernoitaram, e dele hospital tratamento tiveram.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
tendo atrelado os cavalos, ao carro enfeitado subiram
e para fora os guiaram da porta e da sala sonora.
Com chicotada os cavalos espertam, que partem velozes.
Em pouco tempo alcançam os muros soberbos de Pilo.
Ao filho fala do velho Nestor o mancebo Telêmaco:
“De que maneira, Nestórida, podes, depois de me ouvires
dar cumprimento aos meus votos? Orgulha-nos muito a amizade
que desde o tempo dos pais, a nós ambos, equevos, nos liga.
Nossa afeição, fora tudo, esta viagem fará mais estreita.

Deixa-me logo na nave, discíp'lo de Zeus, não prossigas,
para que o velho não queira deter-me, ainda mais, no palácio,
com grandes mostras de afeto, que anseio voltar para casa."
Isso disse ele; o Nestórida, então, refletia no peito
como haveria de dar cumprimento adequado à promessa.
Tendo assim, pois, refletido, assentou que seria mais certo
dar uma volta aos cavalos e a praia alcançar e o navio,
pondo os presentes magníficos dentro da popa do barco,
o ouro e os vestidos, que por Menelau tinham sido ofertados.
A estimulá-lo, depois, lhe dirige as palavras aladas:
"Ora te apressa a embarcar e convida os demais companheiros,
antes que eu possa ao palácio chegar e a meu pai anunciá-lo.
No coração e no espírito tenho perfeita consciência
de quão violento é de gênio. Não há de querer que navegues,
mas há de vir ele próprio buscar-te; sem ti, por certeza,
não voltará, que sua cólera, então muito grande seria."
Tendo isso dito, incitou os cavalos de crina bonita
para a cidade dos Pílios, chegando ao palácio depressa.
Ora estimula Telêmaco os seus companheiros e diz-lhes:
"Aparelhai, companheiros, a nave de casco anegrado,
e todos, logo, embarquemos, a fim de concluirmos a viagem."
Isso disse ele; os demais, obedientes, as ordens cumpriram.
Sobem, por isso, os demais para bordo e se sentam nos bancos.
Quando a isso tudo provia Telêmaco e a Atena efetuava
um sacrifício na proa, aproxima-se-lhe um estrangeiro,
vindo de longe, que de Argos fugira por causa de um crime.
Era adivinho e nascera do tronco daquele Melampo,
que em Pilo teve morada, região de rebanhos criadora,
um dos mais ricos dos Pílios, que em casa opulenta habitava.
Mas, depois disso, do próprio país se exilou, afastando-se
de sua pátria e do grande Neleu, varão claro entre os homens,

que lhe reteve, por força, durante o período de um ano,
muitos haveres. Melampo, entrementes, na casa de Fílaco
preso com fortes liames se achava a sofrer muitas dores,
tudo por causa da filha daquele e da grande cegueira,
que dentro da alma a terrível Erínia lhe havia lançado.
Mas ele pôde escapar, conseguindo levar para Pilo
os bois de Fílaco. Pelas ações de Neleu, vergonhosas,
toma vingança, depois, com levar para o irmão a donzela,
para o palácio, entregando-lha. Foi, depois disso, para Argos,
rica de potros, pois era do Fado que ali residisse
e viesse o mando a exercer sobre muitos guerreiros Argivos.
Lá tomou esposa e construiu um palácio de teto elevado,
onde se fez pai de dois filhos fortes: um, Mântio; outro, Antífates.
Teve o segundo um rebento, também, o magnânimo Oicleu;
este a Anfiarau, por sua vez, engendrou, condutor de guerreiros,
o predileto de Zeus poderoso e de Apolo, que afeto
muito extremado lhe tinham. Contudo, não viu a velhice;
em Tebas veio a morrer, pela dádiva feita à consorte.
Dois filhos com sua esposa Anfiarau teve: Alcmáone e Anfíloco.
Mântio dois filhos, também, veio a ter, Polifides e Clito.
Clito roubado se viu pela Aurora, de trono dourado,
tão só por causa de sua beleza; ficou entre os deuses.
A Polifides magnânimo fez Febo Apolo adivinho,
o mais notável de todos, depois de a Anfiarau ter matado.
Para Hiperésia, depois, se mudou, com seu pai desavindo,
onde fixou residência, o futuro aos mortais predizendo.
Filho era deste o que havia chegado, de nome Teoclímeno,
para onde estava Telêmaco. Foi a libar encontrá-lo
e a fazer preces ao lado da nave de casco anegrado.
Pôs-se, em seguida, a falar, e lhe disse as palavras aladas:
“Caro, porque te encontrei nesta parte a fazer sacrifício,

por ele próprio e as deidades te peço, e por tua cabeça,
como, também, pela vida de todos os sócios, que trazes,
que me respondas conforme a verdade, sem nada esconder-me:
qual o teu povo e teu nome? teus pais? a cidade em que moras?”
O ajuizado Telêmaco diz-lhe, em resposta, o seguinte:
“Sem o menor subterfúgio pretendo contar-te a verdade.
De Ítaca sou proveniente; meu pai Odisseu tem por nome,
se é que ainda vive; já deve ter tido destino funesto.
Por isso mesmo reuni os companheiros na nave anegrada,
para notícias buscar de meu pai, que se encontra distante.”
Disse-lhe o divo Teoclímeno, então, em resposta, o seguinte:
“Eu, também, me acho distante da pátria, por ter morto um homem
da minha estirpe, de muitos parentes e irmãos numerosos,
em Argos, rica de potros, senhor de prestígio entre Aquivos.
Para evitar o Destino funesto e a certeza da Morte,
deles fugi; é meu fado viver errabundo entre os homens.
Ora em teu barco me acolhe, porque fugitivo to peço,
para evitar que me matem, pois creio já me perseguem.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Já que o desejas, não te hei de expulsar do navio simétrico.
Segue-me; do melhor modo hás de ser acolhido na pátria.”
Tendo assim dito, das mãos lhe recebe a hasta longa de bronze
e foi depô-la na tolda da nave de pontas recurvas.
Logo depois ele próprio subiu para a nau sulcadora,
em cuja popa, a seu lado e com ele, mandou que Teoclímeno
viesse assentar-se, também. As amarras de trás desprenderam.
Ora estimula Telêmaco os seus companheiros, e manda
que mãos pusessem na enxárcia; obedecem-lhe todos às ordens.
Eis que primeiro levantam o mastro de abeto e na enora
do travessão o colocam; depois com estais o reforçam;
içam a cândida vela com driças de couro torcido.

A de olhos glaucos, Atena, bom vento lhes deu para a viagem,
que com violência pelo éter soprava, porque mais depressa
a água salgada do mar o navio ligeiro cortasse.
Passam por Cruno, por Cálcide, à margem de um rio famoso;
e, quando o Sol se deitou e as estradas a sombra cobria,
a nau por Feias passou, pelo sopro de Zeus impelida,
e pela Élide sacra, onde os fortes Epeios dominam.
Dessa paragem depressa guiou pelas ilhas rochosas,
a refletir na maneira de a Morte evitar insidiosa.
Por esse tempo Odisseu e o divino porqueiro tomavam
a refeição vesperal juntamente com os outros pastores.
Logo que tinham saciado a vontade da sede e da fome,
pôs-se a falar Odisseu, para ver se tentava o porqueiro
a revelar a afeição que lhe tinha, e a ficar o invitasse
com ele ali, na cabana, ou se ao povo mandava que fosse.
"Ora prestai-me atenção, caro Eumeu e demais companheiros.
É meu intento, mal surja a manhã dirigir-me à cidade,
para esmolar, porque aos sócios e a ti não me torne pesado.
Dá-me, por isso, um conselho e, também, um fiel companheiro
que me conduza até lá. Será força que, então, na cidade,
erre sozinho, à procura de pão ou de um trago de vinho.
Posso, ao chegar ao palácio do divo Odisseu, em verdade,
dar à prudente Penélope alguma notícia do esposo,
e aos pretendentes soberbos, da mesma maneira, achegar-me,
para que obtenha comida, pois têm mantimentos a rodo.
Com perfeição poderia servi-los no que me ordenassem.
Ora pretendo dizer-te outra coisa; atenção presta e escuta.
Se Hermes quiser, o correio brilhante, pois ele é que aos homens
graças concede, assim como renome aos trabalhos que empreendem,
nenhum mortal poderá competir em serviços comigo,
em pôr a lenha no fogo e paus secos rachar com perícia,

e bem assim preparar os assados, trinchar, servir vinho,
tal como aos ricos a gente mais simples fazer tem por hábito.”
Muito indignado disseste, porqueiro, em resposta, o seguinte:
“Hóspede, que pensamento foi esse, que à mente te veio?
Fazes empenho em andar ao encontro da própria ruína,
se a companhia, realmente, procuras dos moços soberbos,
cuja insolência e crueldade até ao alto céu férreo chegaram.
Não se parecem contigo os demais servidores da casa;
são todos jovens e vestem-se bem, com seus mantos e túnicas,
com cabeleiras tratadas e faces de flórido aspecto.
Tais são os moços, que os servem. As mesas polidas se encontram,
sempre repletas de carne e de pão, assim como de vinho.
Fica conosco; a ninguém podes ser, aqui em casa, molesto,
ou seja eu próprio, ou qualquer dos pastores, que moram comigo.
Mas, quando o filho do herói Odisseu retornar para casa,
há de fazer-te presente de vestes, um manto e uma túnica,
e mandar-te-á conduzir o peito e o desejo te impelem.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Possas, Eumeu, ser tão caro a Zeus pai como a mim és agora,
pois deste cabo a esse meu sofrimento de vida errabunda.
Nada há pior para os homens mortais do que errar sem destino.
O nosso ventre maldito nos força a trabalhos e dores,
quando acontece vagarmos, sofrendo aflições no estrangeiro.
Mas, uma vez que alvitraste esperar do senhor o retorno,
dá-me, então, logo notícias da mãe de Odisseu valoroso
e de seu pai, que deixou, ao partir, no limiar da velhice;
se ainda com vida se encontra e as delícias da luz ainda goza,
ou se demora, privado de vida, na de Hades estância?”
Disse-lhe, então, em resposta, o porqueiro, pastor de outros homens:
“Ora, estrangeiro, pretendo contar-te a verdade inconcussa.
Vivo ainda se acha Laertes; a Zeus diariamente suplica

que lhe retire dos membros a vida, na própria morada.
Sente excessiva saudade do filho, que ausente se encontra,
e da prudente consorte, que virgem tomou como esposa,
cujo traspasse lhe trouxe amarguras, levando-a à velhice.
Ela morreu lancinada de dor pela Morte do filho.
Fim horroroso. Oxalá que nenhum desse modo se extinga,
dos moradores desta ilha, a que eu preze, ou me tenha amizade.
Enquanto viva, se bem que imergida em contínuo desgosto,
era-me grato falar-lhe e perguntas fazer-lhe frequentes,
pois tinha sido por ela criado com Ctímena bela,
de longo peplo, sua filha mais moça, de porte elegante.
Juntos crescemos; a mim afeição quase igual dedicava.
Mas, depois de ambos a idade florida e auspiciosa atingimos,
foi para Samo, casada, valendo-lhe dote vultoso.
Enquanto a mim, deu-me belos vestidos, um manto e uma túnica,
em que pudesse envolver-me, assim como calçados bem justos
e me mandou para o campo, mostrando-me afeto crescente.
Ora me vejo privado de tudo, apesar de que os deuses
sempre têm feito luzir o trabalho a que me hei dedicado.
Dele me nutro e, ainda, posso hospedar veneráveis pessoas.
Mas da senhora é impossível obter o menor dito amável,
ou qualquer ato, depois que o infortúnio baixou sobre a casa,
com esses homens soberbos. Contudo, os criados precisam
sempre em contato ficar com a senhora, e inquirir sobre tudo,
como comer e beber junto dela, e levar para o campo
belos presentes, daqueles que alegram dos servos o peito.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Pobre de ti, caro Eumeu! Desde muito, pequeno, então, foste
da terra pátria e dos pais arrancado e vagaste sem rumo?
Vamos! Agora me fala e responde conforme a verdade,
se foi, realmente, destruída a cidade de largos caminhos

em que teu pai e a prudente consorte a morada construíram,
ou se, ao te achares sozinho, cuidando de bois e de ovelhas,
homens cruéis te raptaram nas naves e aqui te trouxeram,
para vender-te ao varão, que por ti lhes pagou alto preço.”
Disse-lhe, então, em resposta, o porqueiro pastor de outros homens:
“Hóspede, visto que acerca de tudo interrogas e inquires,
ouve-me, então, em silêncio, aí sentado onde estás, deliciando-te
a beber vinho; que as noites, agora, são muito compridas.
Para dormir, sobra tempo, depois de uma boa conversa.
Sono demais prejudica; não deves deitar-te mui cedo.
Dos outros todos presentes, a quem impelir a vontade
a repousar, que se deite; pela manhã, bem cedinho,
há de a porcada levar para os campos, depois de almoçado.
Nós, aqui dentro de casa, comendo e bebendo à vontade,
nos deleitemos, trazendo à memória trabalhos e dores
por que passamos, que o homem, realmente, se afaz ao infortúnio,
quando já o tenham curtido tormentos distantes da pátria.
Ora informar-te pretendo de quanto saber desejaste.
“Síria, talvez já nessa ilha falar tu tivesses ouvido;
mais para o norte de Ortígia se encontra, onde o Sol faz a volta. [22]
Mui populosa, realmente, não é, mas de solo fecundo,
bom para cabras e ovelhas, assim como vinhas e trigo.
O povo ali não se queixa de falta de nada, nem mesmo
dessas doenças terríveis, que os míseros homens atacam.
Mas, quando pelas cidades os homens mortais envelhecem,
Ártemis a eles, e Apolo, o deus do arco de prata, se chegam
e, com seus raios suaves, a vida dos membros lhes tiram.
Duas cidades se encontram, que tudo entre si dividiram;
sobre elas ambas meu pai tinha o mando supremo de chefe,
o filho de Órmeno, Ctésio, que um deus imortal parecia.
“Lá foram ter alguns homens Fenícios, mui célebres nautas,

grandes velhacos, que mil bugigangas no barco levavam.
Aconteceu ter meu pai uma escrava também da Fenícia,
bela e de grande estatura e entendida em trabalhos de preço,
que logo foi seduzida por esses Fenícios astutos.
Primeiramente, a um dos tais ela uniu-se, a lavar quando estava
junto da nave, em concúbito amoroso, que é como se pode
mais facilmente enganar as mulheres, ainda as mais sérias.
Pede, depois, que lhe diga o seu nome e em que terra nascera.
A de meu pai residência ela logo mostrou de alto teto.
"'Muito me orgulho por ter em Sidão, rica em bronze, nascido,
filha do claro Aribante, dos mais opulentos da terra;
mas fui raptada por homens de Tafo, terríveis corsários,
quando voltava do campo. A esta casa, depois, me trouxeram,
para vender-me ao varão, que por mim lhes pagou alto preço.'
"Disse-lhe, então, o indivíduo, que a tinha, às ocultas, possuído:
'Desejarias voltar para a pátria de novo, conosco,
porque tornasses a ver o palácio de teus pais queridos
e a eles também? Ainda vivem, com fama de grande opulência.'
"Disse, em resposta, a mulher, proferindo as seguintes palavras:
'Consentiria de muito bom gosto, se vós, marinheiros,
um juramento fizésseis de à pátria, sem dano, levar-me.'
"Isso disse ela; os demais o juraram conforme pedira.
Tendo assim, pois, completado as palavras da fórmula sacra,
disse-lhes mais uma vez a mulher as seguintes palavras:
'Ora silêncio! Nenhum marinheiro me fale, ou procure,
se acontecer, por acaso, encontrar-se comigo na rua,
ou junto à fonte, porque no palácio ninguém possa ao velho
isso contar. É que, em duras cadeias, então, suspeitoso,
me prenderia, planeando, outrossim, de vós todos a ruína.
No coração guardai tudo e apressai logo o preço da carga.
Quando, porém, já tiverdes a nau carregado de tudo,

modo arranjai de mandar-me depressa um sinal ao palácio.
Hei de trazer algum ouro, se vier sob as mãos a apanhá-lo.
Em pagamento da viagem desejo vos dar outra coisa:
cuido, na casa, do filho pequeno do nobre regente,
inteligente e mui vivo, que nunca de mim se despega.
Hei de levá-lo comigo; há de dar-vos um lucro apreciável,
quando o venderdes, em terra de gente e de língua diversa.'
"Para o palácio bonito voltou, depois de isso ter dito.
Eles ficaram conosco durante o período de um ano,
a carregar o navio bojudo de artigos comprados.
Quando o navio já estava completo e a partida marcada,
um mensageiro mandaram, que à escrava o sinal transmitisse.
Apareceu no palácio paterno um sujeito astucioso,
para vender um colar de ouro puro e de electro alternados.
E, enquanto dentro da sala as escravas e a mãe veneranda
de mão em mão o passavam, mirando-o por todos os lados,
várias ofertas propondo, fez ele um sinal em silêncio
e para a côncava nave voltou, depois de isso ter feito.
Ela, tomando-me logo da mão, me levou para fora.
Mas, ao passar no vestíbulo, viu sobre a mesa alguns copos
dos comensais que ao redor de meu pai costumavam reunir-se
e tinham tido, nessa hora, à assembleia e conselho do povo.
Muito depressa ela toma três taças, metendo-as no seio,
para levá-las, seguida por mim com pueril inocência.
E, quando o Sol se deitou e as estradas a sombra cobria,
o belo porto atingimos, pois fomos com passo estugado,
onde se achava o navio veloz desses homens Fenícios.
Eles, depois de embarcados, as úmidas vias cortaram
conosco a bordo, impelidos por ventos que Zeus lhes mandara.
Sem fazer pausa vogamos seis dias e noites seguidos;
mas, quando o sétimo dia nos veio do filho de Crono,

Ártemis, deusa frecheira, matou a mulher de repente,
com atirá-la ao porão, qual se fosse gaivota marinha.
Para ser pasto das focas e peixes, ao mar foi seu corpo
logo jogado, ficando com muita aflição eu sozinho.
A Ítaca os ventos e as ondas, depois, o navio trouxeram,
onde Laertes, por fim, me comprou com seus próprios haveres.
Foi desse modo que esta ilha admirar consegui com meus olhos.”
Disse-lhe, então, em resposta, o divino e sofrido Odisseu:
“Meu caro Eumeu, tua história, de fato, abalou-me por dentro,
a narrativa de todas as dores, que na alma sofreste.
Mas é inegável que ao lado de males um bem te fez Zeus,
com te trazer ao palácio de um homem de bons sentimentos,
pós tantas dores, o qual te deu sempre comida e bebida
com muito afeto. Uma vida bem boa aqui levas, ao passo
que eu aqui vim, só depois de vagar por cidades sem conta.”
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos diziam.
Foram dormir, depois disso, não muito, mas bem pouco tempo,
pois logo a Aurora surgiu no áureo trono. — Amainaram as velas
os companheiros do jovem Telêmaco, e o mastro arrearam
rapidamente, levando com remos a nau para o porto.
A âncora logo deitaram, firmando por trás as amarras.
Desembarcaram na praia sonora do mar, depois disso,
onde a comida fizeram e o rútilo vinho aprestaram.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
o ajuizado Telêmaco pôs-se a falar a eles todos:
“Para a cidade levai o navio de casco anegrado,
que eu pretendo ir para o campo e encontrar-me com nossos pastores.
Só baixarei pela tarde, depois de ter visto as lavouras.
Mas amanhã, logo cedo, hei de dar-vos em paga da viagem
lauto banquete, com carne abundante e agradável bebida.”
Disse-lhe o divo Teoclímeno, então, em resposta, o seguinte:

“Para onde irei, caro filho? Em que casa devo ora abrigar-me,
entre as dos homens que em Ítaca rude o comando dividem?
Ou a tua mãe devo ir logo e ao palácio onde tem a morada?”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Em situação diferente, seria o primeiro a dizer-te
que à nossa casa te fosses, pois bons hospitais te daríamos.
Prejudicado, porém, ficarias, que longe me encontro,
nem te verá minha mãe que mui raro aparece, por causa
dos pretendentes, e passa a tecer todo o tempo lá em cima.
Mas vou nomear-te um dos chefes, com quem poderás entender-te;
falo de Eurímaco, o filho preclaro de Pólibo sábio,
que ora é acatado qual deus imortal entre o povo Itacense.
É da nobreza o primeiro e o que mais ambiciona casar-se
com minha mãe, para as honras obter que Odisseu desfrutava.
Mas Zeus somente, que no éter demora, é quem pode dizer-nos
que dia infausto, primeiro que as núpcias, virá a eles todos.”
Quando acabou de falar, um falcão elevou-se-lhe à destra,
o mensageiro de Apolo, veloz, que uma pomba nas garras
ia levando, a fazer com que as penas caíssem no solo,
entre o lugar de Telêmaco e a nave de casco anegrado.
Chama-o Teoclímeno, então, para longe dos mais companheiros,
toma-lhe a mão e, falando, lhe diz as seguintes palavras:
“Sem a vontade de um deus não te voou o falcão pela destra.
Vendo-o, de frente, atinei em como era de fausto presságio.
Mais dignidade não se acha em estirpe nenhuma desta ilha
do que na tua; vós todos sereis sempre os mais poderosos.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Oh, se realmente, estrangeiro, isso tudo algum dia se desse!
Em pouco tempo haverias de obter tais e tantos presentes
de minha parte, que a todos feliz pareceras, por certo.”
Disse; e virando-se para Pireu, seu fiel companheiro:

“Filho de Clício, Pireu, tu que sempre és o mais obediente
dos companheiros que foram comigo a essa viagem de Pilo,
ora o estrangeiro conduze e o recolhe em teu próprio palácio,
té que eu retorne, zelando por ele com todas as honras.”
Disse Pireu, em resposta, o lanceiro famoso, o seguinte:
“Ainda Telêmaco, que te demores no campo bastante,
hei de lhe dar hospital gasalhado, sem falta nenhuma.”
Tendo isso dito, subiu para a nave, aos demais ordenando
que nela entrassem, também, e as amarras de trás desprendessem.
Sobem, por isso, os demais para bordo e se sentam nos bancos.
Calça nos pés delicados Telêmaco as belas sandálias,
pega da lança potente, munida de ponta de bronze
de sobre a tolda da nave. Os demais as amarras soltaram
e, tendo a nave para o alto empurrado, à cidade se foram,
como o ordenara Telêmaco, o filho do divo Odisseu.
Os pés ligeiros, no entanto, o levaram até o pouso onde tinha
porcos em número grande, entre os quais o porqueiro preclaro,
cheio de afeto para o amo, também repousar costumava.

CANTO XVI

RECONHECIMENTO DE ODISSEU POR TELÊMACO

“Chegando à casa de Eumeu, Telêmaco o envia para avisar a sua mãe Penélope. Ele reconhece o pai pelo desejo de Atena e, com aquele, trama um plano contra os pretendentes. Os navios de Telêmaco e da sua emboscada chegam a Ítaca. Os pretendentes de novo pensam em atacar Telêmaco, mas são dissuadidos por Anfínomo. Eumeu, tendo dado notícias de Telêmaco, retorna ao campo.” (Scholie Q)

Pela manhã, na cabana, Odisseu e o divino porqueiro
a refeição preparavam, depois de a lareira acenderem
e de já haverem mandado sair os pastores com os porcos.
Nesse momento chegava Telêmaco; os cães ladradores
sem fazer bulha o saudaram. Notou-o o astucioso Odisseu
em como as caudas mexiam, ouvindo o barulho de passos.
Vira-se, então, para Eumeu e lhe diz as palavras aladas:
“Um dos pastores, Eumeu, até aqui certamente vem vindo,
ou conhecido qualquer, pois os cães, desta vez, não ladraram,
mas ledos movem as caudas; barulho de passos percebo.”
Ainda não tinha acabado, e eis que o filho querido lhe surge
ante o portal, dando um pulo de espanto, o porqueiro levanta-se

e das mãos solta as vasilhas, deixando-as cair, onde o vinho
rútilo estava a mexer. Do senhor, no entretanto, aproxima-se,
um beijo dá-lhe na fronte, assim como nos olhos brilhantes
e nas mãos ambas, enquanto lhe correm copiosas as lágrimas,
tal como um pai, transbordante de afeto, recebe o unigênito
que lhe nasceu na velhice e por quem muitas dores sofrera,
quando retorna, depois de dez anos, de terras longínquas:
do mesmo modo ao deiforme Telêmaco o divo porqueiro
beija, estreitando-o em abraços, tal como se à Morte escapara.
E com sentidos suspiros, lhe diz as palavras aladas:
"Luz de meus olhos, voltaste, Telêmaco? Nunca pensara
que ainda haveria de ver-te por teres a Pilo viajado.
Vem para dentro, meu filho, porque possa na alma alegrar-me
com teu conspecto, ao te ver de retorno de terras longínquas.
Não tens costume de vir até o campo, em visita aos pastores,
mas na cidade preferes ficar, tanto apraz a tua alma
dos pretendentes o bando funesto admirar a toda hora."
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
"Hei de fazê-lo, paizinho. Aqui venho por ti, tão somente,
para poder contemplar-te e notícias obter, a um só tempo,
de minha mãe, se ainda está no palácio, ou — quem sabe? — casou-se
com um desses moços. Sem dúvida o leito do herói Odisseu,
em vez de linho, está cheio de teias horríveis de aranha."
Disse-lhe, então, em resposta, o porqueiro, pastor de outros homens:
"O coração paciente, em verdade, tua mãe ainda se acha
onde a deixaste, em tua casa. Consome-a aflição indizível,
todos os dias e noites em pranto contínuo ela passa."
Tendo assim, pois, respondido, da mão a aênea lhe toma;
ele avançou para dentro, transpondo a soleira de pedra.
Ao penetrar no aposento, Odisseu o lugar quis ceder-lhe;
mas, do outro lado, o conteve Telêmaco e disse o seguinte:

“Fica-te aí mesmo, estrangeiro; haveremos de achar outro assento
dentro de nossa cabana; aqui está quem nos pode ser útil.”
Isso disse ele; seu pai foi de novo assentar-se. O porqueiro
verdes ramagens de novo amontoou, e uma pele por cima,
na qual o filho do divino Odisseu assentou-se, Telêmaco.
Pratos de assados, depois, o porqueiro oferece a eles ambos,
sobras da ceia que ali tinham feito eles todos na véspera,
e canistréis de alvo pão, mui solícito, encheu até as bordas.
Num copo de hera, depois, misturou vinho tinto agradável,
para, por fim, assentar-se defronte do divo Odisseu.
Todos as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,
para o divino porqueiro se vira Telêmaco e diz-lhe:
“Pai, como veio o estrangeiro até aqui? De que modo o puseram
os marinheiros em Ítaca? E como diziam chamar-se?
Pois não presumo que tenha chegado por via terrestre.”
Deste-lhe, Eumeu, em resposta as seguintes palavras aladas:
“Sem subterfúgios, meu filho, te vou relatar a verdade.
Quanto à linhagem, se orgulha de vir da vastíssima Creta;
diz ter viajado por muitas cidades dos homens terrenos,
sem rumo certo, que assim lhe um demônio teceu o destino.
Ora fugir conseguiu do navio de uns homens Tesprotos,
de onde à cabana me veio; por isso em tuas mãos o coloco;
faze o que for do teu gosto, que sob teu amparo se encontra.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Essas palavras, Eumeu, aflição me produzem profunda;
pois, de que modo acolher o estrangeiro no próprio palácio?
Ainda sou moço e não tenho confiança na força do braço,
para que possa de alguém defender-me, que venha insultar-me,
e minha mãe se acha agora indecisa, a lutar dentro da alma,
sobre se fica ao meu lado, a cuidar do palácio somente,

fiel sempre ao leito do esposo e acatando o murmúrio do povo,
ou se, consorte, acompanhe dos seus pretendentes Aquivos
o de mais nobre prosápia e que dote mais rico ofereça.
Mas, certamente, uma vez que o estrangeiro chegou à tua casa,
hei de lhe dar uma túnica e um manto e vestidos formosos,
bem como espada cortante e também, para os pés, as sandálias,
para, por último, enviá-lo aonde o peito e a vontade o impelirem.
Se te parece melhor, cuida dele e aqui mesmo o conserva,
que os alimentos, assim como a roupa, enviarei mais de espaço,
para que aos teus companheiros e a ti não se torne pesado.
Só não darei permissão para que se dirija ao palácio,
aos pretendentes em meio, que são por demais arrogantes;
não seja objeto de escárnio, o que a mim grande mágoa daria,
pois é difícil a um homem vencer, muito embora possante,
muitos imigos, que, alfim, todos eles em força o superam.”
Disse-lhe, então, em resposta o divino e sofrido Odisseu:
“Caro, eu também posso aqui dar a minha opinião nessas coisas.
Parte-se-me o coração, quando te ouço falar nos abusos
que os pretendentes, segundo o disseste, praticam maldosos,
mau grado teu, no palácio, apesar de tu seres o dono.
Dize-me se te submetes voluntariamente, ou se o povo
se mostra às claras infenso, atendendo de um deus às palavras?
Ou porventura tens queixa de irmãos, em quem todos confiam
tanto nas lutas, embora no meio de graves perigos?
Ah! se com essa coragem me visse na idade em que te achas,
ou se do grande Odisseu fosse eu filho, ou melhor, ele próprio,
quando voltar, que esperança ainda existe de que isso aconteça —
sem mais rodeios o digo: qualquer a cabeça me corte,
se contra todos aqueles não fosse levar a desgraça,
quando pisasse o palácio do divo e sofrido Odisseu.
E, mesmo que eles, por mais numerosos, ali nos vencessem,

preferiria, sem dúvida, ser derrubado na própria
casa e morrer, a ter sempre ante os olhos tais atos iníquos:
os forasteiros assim maltratados, mulheres e escravas
indignamente ultrajadas nas salas do belo palácio,
é o desperdício de vinho, assim como o gastar sem medida
dos alimentos, nas festas que dão sem motivo ou pretexto.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Sem subterfúgios pretendo, estrangeiro, a verdade contar-te:
Nem todo o povo, realmente, me odeia, nem contra mim se alça,
nem, outrossim, tenho queixa de irmãos, em quem todos confiam
tanto nas lutas, embora no meio de graves perigos,
pois sempre o Crônida fez que unigênita a estirpe nos fosse.
Único filho de Arcésio nasceu-nos Laertes, o velho,
que um filho teve somente, meu pai, Odisseu; este a vida
unicamente a mim deu, no palácio, sem disso alegrar-se.
Por essa causa, o palácio se encheu de milhares de imigos.
Quantos senhores dominam possantes nas ilhas de em torno,
não só em Samo, também em Dulíquio e em Zacinto selvosa,
ou mesmo em Ítaca o mando repartem, de chão pedregoso,
todos a mãe me requestam e os bens sem cessar dilapidam.
Ela, nem sabe, de vez, recusar essas núpcias odientas,
nem aceitá-las, de vez. E com isso eles gastam sem pausa
minha fazenda. A mim próprio, por certo, bem cedo consomem.
Mas isso ainda se acha sentado nos joelhos dos deuses.
Ora, paizinho, dirige-te logo à prudente Penélope,
para dizer-lhe que estou de saúde e voltei já de Pilo.
Eu, fico aqui; mas retorna à cabana depois de contares,
a ela somente, o ocorrido, e sem que dos Aqueus nenhum venha
a percebê-lo, que todos estão contra mim, conjurados.”
Deste-lhe, Eumeu, em resposta, as seguintes palavras aladas:
“Sei-o; compreendo-o; falaste a pessoa dotada de juízo.

Ora, porém, me responde e me fala conforme a verdade:
nessa ocasião passar devo também pelo pobre Laertes?
Ele, conquanto sofresse por causa do nobre Odisseu,
nunca deixou de vigiar os trabalhos, comendo e bebendo
entre os criados, em casa, conforme a seu próprio alvedrio.
Mas, desde o tempo em que a Pilo te foste na rápida nave,
muito mudou; é o que todos me dizem; não come nem bebe,
nem inspeciona os trabalhos, mas fica sentado a queixar-se,
entre suspiros e choro, mirrando-lhe a carne nos ossos."
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
"É doloroso. Contudo, apesar de sofrermos, deixemo-lo.
Que, se aos mortais fosse dado escolher o que bem lhes conviesse,
escolheríamos logo alcançar de meu pai o retorno.
Volta, depois do recado; não percas mais tempo em rodeios
pela campanha, à procura do velho; dirás à departe
a minha mãe que convém despachar com presteza e às ocultas
a despenseira. Esta, então, que a notícia a Laertes transmita."
Disse, e ao porqueiro ordenou que se fosse; este pega as sandálias
e, sob os pés amarrando-as, tomou da cidade o caminho.
Palas Atena advertiu que o porqueiro de casa saíra.
Aproximou-se, depois de ficar a mulher semelhante
bela e de grande estatura, e entendida em trabalhos de preço.
Pôs-se diante da porta, a Odisseu, tão somente, visível,
sem que Telêmaco, entanto, chegasse a notar-lhe a presença —
nem para todos os homens se mostram os deuses visíveis.
Mas Odisseu e os cachorros a viram; sem que estes ladrassem,
para o outro lado da casa se foram, ganindo com medo.
Com as sobrancelhas lhe fez um sinal; Odisseu, percebendo-o,
sai do aposento e procura o cercado comprido do pátio,
pondo-se em frente da deusa. Falou-lhe, então, Palas Atena:
"Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,

ora convém conversares o filho, sem nada ocultar-lhe,
como deveis combinar a maneira do exício dos moços
e dirigir-vos à muito famosa cidade. Por muito
tempo não hei de ficar afastada, que anseio por lutas.”
Palas Atena assim disse, tocando-o com a áurea varinha.
Um manto, então, bem-lavado e uma túnica pôs-lhe de jeito
sobre as espáduas, deixando-o maior e de aspecto mais moço.
Tonalidade morena adquiriu logo o rosto, alisando-se,
e barba em volta do mento surgiu, de cor negra azulada.
Tendo-o mudado desta arte, retira-se a deusa. O guerreiro
para o interior retornou da cabana; espantou-se Telêmaco
por presumir que era um deus, apartando dali, logo, a vista.
E, para ele virando-se, diz-lhe as palavras aladas:
“Bem diferente, estrangeiro, do que eras me surges agora;
outros vestidos envergas; o aspecto do corpo é diverso.
És, certamente, algum deus e demoras no Olimpo vastíssimo.
Sê-nos propício, porque sacrifícios condignos recebas
e áureos presentes de fino lavor. De nós todos te apiada.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu sofredor de trabalhos:
“Nenhum dos deuses eu sou; por que a um deus imortal me comparas?
Sou, sim, teu pai, por quem hás suspirado, saudoso, já tanto
e tantas dores sofrido, aguentando a violência de estranhos.”
Isso disse ele, indo o filho beijar. Pelo rosto lhe escorrem
lágrimas para o chão duro, que tanto, até ali, represara.
Mas, sem poder convencer-se de que era, realmente, o pai dele,
diz-lhe Telêmaco, então, em resposta, as seguintes palavras:
“Não és meu pai Odisseu; és, sem dúvida alguma, um demônio,
que ora me ilude, porque me lastime e suspire sem pausa.
Nenhum dos homens mortais poderia fazer isso tudo
com seus recursos somente, sem ter algum deus ao seu lado,
que facilmente, a seu grado, o deixasse mais moço ou mais velho.

Tinhas, há pouco, a figura de um velho de roupas mesquinhas;
ora assemelhas-te aos deuses, que moram no Olimpo vastíssimo.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o solerte guerreiro:
“Não é razoável, meu filho, que estando eu, agora, de volta,
tão grande espanto demonstres e assim te pareças alheado,
pois nenhum outro Odisseu poderás ter um dia ante os olhos.
Sou, sim, eu mesmo, que, após sofrimentos e viagens inúmeras,
vinte anos já decorridos, ao solo da pátria retorno.
Essas mudanças, que vês, são trabalhos de Atena guerreira,
que me transforma ao seu livre alvedrio, pois tudo consegue.
Ora me faz parecer um mendigo, ora muda de novo
minhas feições nas de um moço, que belos vestidos envergue.
É muito fácil aos deuses, que moram no Olimpo muito amplo,
os homens todos mortais exaltar, ou disformes deixá-los.”
Tendo assim dito, assentou-se de novo; Telêmaco, logo,
o nobre pai abraçou, desfazendo-se em pranto copioso.
Ambos sentiram desejo incontido de ao pranto se darem,
e prorromperam em choro ruidoso, como aves bulhentas,
a águia marinha ou os abutres de garras recurvas, privados
por camponeses dos filhos, que, implumes, voar não conseguem:
Pranto piedoso eles dois, desse modo, permitem que flua.
E, porventura, até o Sol esconder-se desta arte ficaram,
se não dissesse Telêmaco ao pai as aladas palavras:
“Ora me conta, meu pai, em que nave puderam trazer-te
os marinheiros para Ítaca? E como diziam chamar-se?
Pois não presumo que tenhas chegado por via terrestre.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, sofredor de trabalhos:
“Ora pretendo contar-te, meu filho, a verdade de tudo.
Fui pelos célebres nautas Feácios trazido, que os outros
homens também reconduzem, que às suas paragens arribam.
Numa nau célebre fui conduzido, a dormir, pelas ondas,

e eles em Ítaca me depuseram, com muitos presentes,
dando-me vestes em grande abundância, bem como ouro e bronze,
que, por alvitre dos deuses, nas grutas se encontram guardados.
Aconselhado, também, por Atena, cheguei até a pátria,
para podermos planear o extermínio dos nossos imigos.
Dos pretendentes o número certo ora passa a contar-me,
para que eu possa saber quantos são e que espécie de gente,
e, ponderando depois no impecável espírito, possa
deliberar se bastamos nós dois para dar-lhes combate,
sem que ninguém nos ajude, ou se importa pedirmos auxílio."
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
"Pai, sempre ouvi referências à fama excelente que tinhas,
como sabias a lança brandir e emitir bons conselhos.
Mas desta vez te excedeste; de mim o estupor se apodera,
pois como podem dois homens lutar contra tantos guerreiros?
Os pretendentes não formam somente uma década, ou duas;
são muito mais numerosos; vais logo saber o seu número.
Lá de Dulíquio nos vieram cinquenta e dois moços de fama,
os mais distintos, que seis outros homens, quais servos, trouxeram.
A esses seguiram-se mais vinte e quatro, que vieram de Samo;
vinte guerreiros Aqueus de Zacinto, depois, nos chegaram,
a que se uniram, também, doze de Ítaca, todos ilustres,
entre os quais se acha Medonte, o cantor inspirado e divino,
e mais dois servos com ele, que sabem trinchar os assados.
Se contra todos, portanto, investirmos, lá dentro de casa,
temo que amargas violências, então, padecer poderias.
Ora reflete, se o podes, na escolha de quem nos defenda
e dize o nome de alguém que nos queira ajudar de boamente."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o sofrido guerreiro:
"É o que te passo a dizer. Ora escuta e atenção me concede.
Dize-me se achas que a ajuda de Atena e de Zeus poderoso

nos é bastante, ou se devo pensar em amparo mais forte?”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“São, em verdade, excelentes os dois defensores, que dizes,
ainda que se achem sentados no meio das nuvens; imperam
sobre os mortais eles dois, assim como nos deuses eternos.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o sofrido guerreiro:
“Por muito tempo a ambos eles distantes de nós não teremos
na formidável batalha que se há de travar no palácio
entre esses moços e nós, até que Ares violento a decida.
Tu, porém, logo que a Aurora surgir no horizonte, dirige-te
para o palácio, de novo, e entre os moços soberbos te mete.
Para a cidade, depois, o porqueiro, amanhã, vai levar-me,
sob o disfarce de um velho pedinte, coberto de andrajos.
Se for por eles em casa insultado, suporte em teu peito
o coração, ainda mesmo que vil tratamento me deem
e pelos pés me arrastarem, jogando-me fora da porta,
ou me ferirem com dardos; suporta paciente tudo isso.
Deves, contudo, lhes dar uns conselhos em termos melífluos,
para que um fim ponham logo a tais coisas. Nenhum há de ouvidos
ao que disseres prestar, porque o dia fatal se aproxima.
Ora pretendo dizer-te outra coisa; no espírito o guarda.
Logo que Atena, de muitos conselhos, o peito inspirar-me,
com a cabeça um sinal te farei; nesse instante, depressa,
todas as armas de guerra recolhe, que se acham na sala,
e vai depô-las, sem perda de tempo, na câmara do alto,
sem faltar uma. E se, acaso, o motivo inquirirem curiosos
os pretendentes, com frases amigas a todos responde:
‘Pu-las bem longe do fogo, porque elas já não pareciam
as que, ao partir para Troia, o divino Odisseu nos deixara;
sujas estavam ficando por causa da ação da fumaça.
Outra objeção mais valiosa lançou-me no espírito o Crônida:

que pelo efeito do vinho discórdia, talvez, se formasse,
e que pudésseis ferir-vos, manchando, desta arte, os banquetes
e as pretensões com que viestes. Atrai aos guerreiros o ferro.’
Somente duas espadas e dois dos venábulos deixa
para nós dois, e outros tantos escudos de pele bovina,
que os sobracemos no ataque aos imigos. Então a eles todos
Zeus prudentíssimo e Palas Atena farão que desvairem.
Ora pretendo dizer-te outra coisa; no espírito o grava.
Se és do meu sangue e meu filho te orgulhas de ser, em verdade,
não venha nunca ninguém a saber que Odisseu está em casa.
Que o não perceba Laertes, nem mesmo o divino porqueiro,
nem um qualquer dos criados da casa, nem mesmo Penélope.
Os sentimentos das servas somente nós dois sondaremos.
Sim, poderemos, também, pôr à prova o sentir de alguns servos,
a fim de vermos qual nutre por nós amizade e respeito,
e os que de nós não se importam, mostrando por ti só desprezo.”
Disse-lhe o filho admirável, então, em resposta, o seguinte:
“Penso, meu pai, que vais ter ocasião de provar meu caráter,
pois a indolência jamais conseguiu dominar-me os sentidos.
Mas quero crer que essa ideia não pode trazer nenhum lucro
para nós dois; por tudo isso, te peço, reflete de novo.
Tempo precioso gastaras sondando uma a uma as pessoas
pelas lavouras, enquanto no próprio palácio as riquezas
os pretendentes soberbos devoram, sem nada pouparem.
Os sentimentos das servas provar aconselho, em verdade,
porque conheças as que te desprezam e as que não têm culpa.
Mas percorrer as cabanas dos servos, a fim de sondá-los,
não me parece prudente; depois cuidaríamos disso,
se o grande filho de Crono um sinal te mandar de confiança.”
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos diziam.
A Ítaca chega, entrementes, a nau de feitura mui forte,

que conduzira até Pilo Telêmaco e todos os sócios.
Logo depois que chegaram à parte profunda do porto,
a nau de casco anegrado até a praia depressa arrastaram.
Os aparelhos dali removeram criados altivos,
como, também, para a casa de Clício os preciosos presentes.
Mandam, então, um arauto à morada do divo Odisseu,
para que a nova pudesse levar à prudente Penélope,
de que Telêmaco estava no campo e que havia ordenado
que ao porto a nau conduzisse, porque não receasse no espírito
a grande e nobre senhora, e não desse mais largas ao pranto.
O mensageiro dos moços e o divo porqueiro encontraram-se
no mesmo escopo de dar à senhora mensagens idênticas.
Logo que dentro da casa chegaram do divo monarca,
disse, do meio das servas, o arauto as seguintes palavras:
“Teu caro filho, ó rainha, já está de retorno de Pilo.”
Mas para junto avançou de Penélope o divo porqueiro
e lhe deu conta de tudo o que o filho querido mandara.
Tendo assim, pois, realizado a missão de que fora incumbido,
para os seus porcos voltou, do palácio e do pátio afastando-se.
Os pretendentes ficaram confusos e de ânimo triste;
e, para fora saindo do muro elevado do pátio,
foram sentar-se no espaço que fica defronte da porta.
Dá logo início aos discursos Eurímaco, o filho de Pólibo:
“Com todo o acinte, meus caros, Telêmaco pôde a esta empresa
dar cumprimento: a viagem! Pensamos que nunca a fizesse.
Ora lancemos ao mar outra nau de cor negra, mais célere,
e marinheiros reunamos, que aos outros transmitam recado
para que venham de novo ao palácio, sem perda de tempo.”
Ainda não tinha acabado, e já Anfínomo, que se voltara,
a nau percebe, já dentro do porto profundo ancorada,
e os marinheiros de remos na mão e, ferradas, as velas.

Dando uma bela risada, se vira aos demais e lhes fala:
"Não lhes enviemos recado nenhum, que já dentro se encontram,
quer por um deus tenham sido avisados, quer mesmo hajam visto
a nau passar, que no curso veloz alcançar não puderam."
Disse; os demais, levantando-se, foram té a praia marinha,
aonde, mui lestes, a nave de casco anegrado puxaram.
Os aparelhos dali removeram criados altivos.
Foram, depois, todos juntos para a ágora, sem consentirem
que se sentasse ninguém mais com eles, nem moço nem velho.
Pôs-se, então, logo a falar-lhes Antínoo, o nascido de Eupites:
"Caso curioso! Os eternos salvaram este homem da Morte!
Dias seguidos espias pusemos nos cumes uivantes,
a revezarem-se sempre; porém, quando o Sol se deitava,
nunca passamos as noites em terra, senão sobre as ondas,
em nau veleira a vogar, a divina manhã esperando,
sempre em cilada, com firme intenção de prender a Telêmaco
para matá-lo. Um demônio, porém, o levou para casa.
Ora no modo pensemos de o exício funesto aprestar-lhe,
com pleno efeito; não vá suceder que Telêmaco escape.
Temo nos seja impossível a empresa, ficando ele vivo.
Já se distingue, em verdade, por dotes de grande prudência,
e o povo todo, sabeis, não se mostra amigável conosco.
Eia! Passemos à ação antes que ele convoque os Aquivos
para o congresso. Não há de ele, agora, mostrar desistência,
mas indignado dirá, levantando-se em meio de todos,
que Morte infame tentamos nós dar-lhe, porém não o achamos.
Se tal souberem, a empresa funesta não podem louvar-nos.
Que não nos causem prejuízo, chegando, quiçá, a expulsar-nos
de nossas terras, forçando-nos, pois, a emigrar para alhures.
Antecipemo-lo e, assim, o matemos no campo, bem longe,
ou no caminho. Seus bens, depois disso, e as riquezas teremos.

Fora mister dividir os bens todos, exceto o palácio,
que lhe seria da mãe e daquele que esposo lhe fosse.
Se, rejeitado, porém, meu conselho, julgais que Telêmaco
deva viver, continuando de posse da herança paterna,
com tal sentir os seus doces haveres deixemos intactos,
sem nos reunirmos aqui, mas procure cada um, de sua casa,
a mãe ganhar com presentes valiosos, que, então, se decida
por quem lhe der maior dote e o Destino lhe tenha indicado.”
Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram,
té quando Anfínomo, para falar, se levanta, arengando,
filho de Niso preclaro, que é filho de Areto potente.
Era ele o chefe dos homens que vieram da verde Dulíquio,
rica de trigo, e entre todos, por causa de afáveis discursos,
era a Penélope grato; possuía nobreza de espírito.
Cheio de bons pensamentos lhes diz, arengando, o seguinte:
“Caros amigos, não sou de opinião que devamos a Morte
dar a Telêmaco, pois bem terrível empresa é pôr termo
à descendência de um rei. Consultemos, primeiro, os eternos.
Se aprobativa nos vier a palavra de Zeus pelo oráculo,
eu próprio, então, cuidarei de matá-lo, incitando a isso os outros.
Mas abrir mão do projeto aconselho, se os deuses o impugnam.”
Esse o discurso de Anfínomo; a todos aprouve o que disse.
Para o palácio do grande Odisseu, então, logo, se foram,
onde, em polidas cadeiras, por ordem, depois, se sentaram.
Outro projeto engenhoso concebe a prudente Penélope,
de aos pretendentes soberbos visita fazer ela própria.
No próprio quarto soubera que o filho intentavam matar-lhe,
pois pelo arauto Medonte de tudo fora ela informada.
Com suas servas resolve descer para a sala espaçosa.
Dos pretendentes ao meio ao chegar a divina senhora,
fica de pé, encostada no umbral de feitura mui sólida,

tendo as feições escondidas num véu de lavor admirável,
e para Antínoo se vira, dizendo-lhe em tom de censura:
“És um fautor de maldades, Antínoo insolente. Que leva
o povo todo desta ilha a dizer que superas os outros
em sisudez e eloquência? Estás longe de ser o que afirmam.
Por que motivo, insensato, desejas a Morte a Telêmaco?
Os suplicantes desprezas, embora por Zeus eles sejam
sempre amparados? É ignóbil urdir malvadezas aos outros.
Já te esqueceste que outrora teu pai veio aqui refugiar-se,
pelo receio do povo, que muito se achava irritado,
por haver ele seguido os piratas de Táfio, fazendo
mal aos Tesprotos, que sempre conosco amizade tiveram?
Sim, desejavam matá-lo, arrancar-lhe do peito as entranhas
e devorar-lhe os haveres copiosos, que tanto apreciava.
Mas Odisseu os deteve, apesar de irritados se acharem.
Em paga disso, devoras-lhe a casa, pretendes-lhe a esposa,
queres o filho matar-me e me causas desgostos sem conta.
Ora te imponho a esse abuso pôr fim e sofrear os rapazes.”
Disse-lhe Eurímaco, o filho de Pólibo, então, em resposta:
“Filha de Icário guerreiro, Penélope muito sensata,
fica tranquila; não seja isso causa de tua alma afligir-se.
Homem nenhum já viveu, nem nascer poderá algum dia
que chegue a ponto de ousar pôr as mãos em teu filho Telêmaco
enquanto eu vivo estiver e da vista gozar sobre a terra.
Isto, realmente, te afirmo, esperando que venha a cumprir-se:
o negro sangue de tal indivíduo correrá depressa
na minha lança. De fato, Odisseu, eversor de cidades,
me colocou nos joelhos e deu-me nas mãos muitas vezes
postas de assados, assim como vinho provar me fazia.
Outro, por isso, de mim não merece tão íntimo afeto,
como Telêmaco. Incito-o a não ter medo à Morte que ameaçam

os pretendentes; fugir é impossível, se os deuses a enviam.”
Isso disse ele, animando-a, conquanto seu fim maquinasse.
Ela, porém, para o esplêndido quarto subiu, sem demora,
onde se pôs a chorar pelo esposo, até vir-lhe nos olhos
a de olhos glaucos, Atena, influir-lhe agradável descanso.
Para onde estava Odisseu e Telêmaco, o divo porqueiro,
já pela tarde, voltava. Um cevado de um ano os dois tinham
sacrificado, e o repasto da noite ora, a ponto, aprestavam.
Para Odisseu achegando-se, o filho de Laertes, Atena
com a varinha lhe toca, mudando-lhe o aspecto de novo,
com vis andrajos por cima do corpo; não fosse o porqueiro
reconhecê-lo, se o visse de frente, e à prudente Penélope
logo levar a notícia, incapaz de guardar o segredo.
Foi o primeiro a falar-lhe Telêmaco, desta maneira:
“Já estás de volta, divino porqueiro? Que dizem lá fora?
Os pretendentes ilustres, acaso, já estão na cidade,
ou na emboscada ainda se acham, à espreita que à pátria eu retorne?”
Deste-lhe, Eumeu, em resposta, as seguintes palavras aladas:
“A esse respeito perguntas não fiz a nenhuma pessoa,
quando me vi na cidade. Meu peito pedia, somente,
vir para casa depressa, depois de a mensagem ter dado.
Mas encontrou-se comigo, da parte de teus companheiros
o mensageiro veloz, que a tua mãe deu primeiro a notícia.
Sei de outra coisa, também, pois meus olhos ao fato assistiram.
Quando voltava, e num ponto me achei sobranceiro à cidade,
no monte de Hermes, vi célere nave que à boca baixava
do nosso porto; repleta se achava de moços guerreiros,
com muitas lanças de pontas agudas, e escudos brilhantes.
Os pretendentes presumo que fossem, porém nada afirmo.”
Isso disse ele; sorriu o sagrado poder de Telêmaco,
e para o pai lança os olhos, sem ser por Eumeu percebido.

Logo que todo o trabalho concluíram e a ceia aprestaram,
servem-se, sem que ninguém de sua parte privado ficasse.
Tendo assim, pois, a vontade da sede e da fome saciado,
foram dormir e gozar as delícias do sono agradável.

Parte V
Odisseu no Palácio

CANTO XVII

NA CIDADE

“Telêmaco vai para a cidade e conta para sua mãe, Penélope, um resumo de sua viagem. Depois Odisseu, conduzido por Eumeu, chega desde o campo para Ítaca onde os pretendentes estão bebendo. [... Melantios, um pastor, o encontra no caminho e insulta Odisseu que não reage. ...] O Poeta relata como um cão reconhece o seu senhor. Eumeu volta para o campo e Odisseu permanece na cidade.” (Scholie Q [P V])

Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
belas sandálias em ambos os pés delicados amarra
prestes Telêmaco, o filho querido do divo Odisseu;
toma da lança potente, que bem se adaptava ao manejo,
e, indo a se pôr a caminho, se vira ao porqueiro e lhe fala:
“Para a cidade, velhinho, vou logo, porque possa ver-me
minha mãezinha, que estou receoso de que ela, desfeita,
em triste pranto e em lutuoso gemer, continue penando,
enquanto os olhos em mim não puser. Deixo-te ora estas ordens:
Deves levar à cidade o estrangeiro infeliz; que procure
lá mendigar o sustento; dar-lhe-á, quem quiser auxiliá-lo,
pão e algum trago de vinho; sozinho aguentar não consigo

todos os homens, conquanto isso na alma me doa bastante.
Mas, se o estrangeiro ficar ofendido com minhas palavras,
tanto pior lhe será; eu, de mim, falo sempre a verdade.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu sofredor de trabalhos:
“Mas, caro amigo, eu também não desejo por cá demorar-me.
É preferível pedir na cidade a vagar pelos campos
a mendigar o sustento; dar-me-á, quem quiser auxiliar-me.
Já tenho idade bastante, não posso ficar na malhada,
a obedecer aos mandados e gestos de todos os homens.
Segue, que este homem será, como há pouco tu mesmo o ordenaste,
meu condutor, mal o fogo aquecer-me e o Sol for mais para o alto.
Tenho uns andrajos somente; receio que o frio me vença
pela manhã: a cidade, o dissestes, é muito distante.”
Disse. Partindo, Telêmaco, então, o amplo pátio atravessa
a passos largos, pensando na ruína dos moços soberbos.
Quando, afinal, ao palácio chegou, de mui sólidas bases,
foi logo a lança depor, encostando-a numa alta coluna;
entra, em seguida, depois de transpor a soleira de pedra.
Dentro de casa, a primeira a enxergá-lo foi a ama Euricleia,
que, justamente, as cadeiras lavradas cobria com peles.
Sem que pudesse conter-se, para ele, chorando, se adianta;
cercam-no as outras criadas do muito prudente guerreiro,
o rosto e os membros lhe beijam, com mostras de grande alegria.
Nesse momento, seu quarto deixava a prudente Penélope,
que a Ártemis é semelhante, ou a Afrodite, no porte e esbelteza.
Vai para o filho querido, nos braços o aperta, chorosa,
cobre-lhe o rosto de beijos, assim como os olhos brilhantes,
e, entre suspiros, lhe diz as seguintes palavras aladas:
“Luz, doce luz, já voltaste, Telêmaco? Nunca pensara
que ainda haveria de ver-te, por teres a Pilo viajado,
contra meu gosto e às ocultas, em busca de novas paternas.

Ora me conta a verdade de tudo que acaso soubeste.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Mãe, deixa agora as tristezas; não queiras no peito excitar-me
o coração, pois de fim desditoso escapei, não faz muito.
Cuida, porém, de banhar-te e de roupa vestir muito limpa,
para o aposento de cima dirige-te com as criadas
e aos deuses todos promete fazer hecatombes perfeitas,
se Zeus nos der realizar, até o fim, a vingança devida.
A ágora, entanto, me vou, porque possa chamar o estrangeiro,
que veio junto comigo de Pilo, na viagem de volta.
Junto o mandei com meus sócios, semelhos aos deuses eternos,
tendo pedido a Pireu que à sua casa o levasse e acolhesse
té que eu voltasse, zelando por ele com todas as honras.”
Isso disse ele; ela fica sem nada poder responder-lhe.
Logo cuidou de banhar-se e de roupa vestir muito limpa,
e aos deuses todos promete fazer hecatombes perfeitas,
se Zeus lhe desse levar até o fim a vingança devida.
Já pela sala, com pressa, Telêmaco havia cortado,
de lança em punho, não só, mas seguido por dois cães velozes.
Palas Atena lhe infunde nos ombros a graça divina
de modo tal, que os do povo o admiravam à sua passagem.
Os pretendentes altivos reuniram-se logo, cercando-o
com exteriores afáveis, porém maquinando-lhe a ruína.
Trata Telêmaco, entanto, de desviar-se da turba compacta,
indo sentar-se com Ântifo, o claro Mentor e Heliterses,
que todos eram amigos do pai desde o tempo da infância.
No meio deles sentou-se, que logo de tudo inquiriram.
A eles, no entanto, se chega Pireu, o lanceiro famoso,
que ia para a ágora e mais o estrangeiro. Não fica Telêmaco
do hóspede por muito muito afastado; aproxima-se dele.
Antes de todos, tomando a palavra, Pireu lhe assegura:

“À minha casa, Telêmaco, manda depressa as criadas,
porque os presentes, que o rei Menelau te ofertou, eu entregue.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“É ainda incerto, Pireu, qual o fim que há de ter isso tudo,
se os pretendentes soberbos puderem matar-me às ocultas,
dentro do próprio palácio e os haveres paternos pilhar-me,
é preferível que fiques com tudo, a que os outros o gozem.
Se aos pretendentes, porém, a ruína aprestar e o extermínio,
quero que, alegre, me dês a alegria de a casa levar-mo.”
Tendo isso dito, guiou para casa o infeliz estrangeiro.
Logo que os dois a mansão alcançaram de bela feitura,
sobre as cadeiras e tronos os mantos bem-feitos deixaram,
e em bem-polidas banheiras entraram, porque se banhassem.
Logo que as servas os tinham banhado e esfregado com óleo
e, sobre os ombros, as túnicas belas e os mantos deitado,
saem, então, da banheira, indo logo sentar-se nos tronos.
Água lustral lhes ministra uma serva, em gomil primoroso
de ouro, deixando-a cair sobre as mãos em bacia de prata,
pondo diante dos dois, a seguir, uma mesa polida.
A despenseira zelosa aparece, que pão lhes reparte,
como, também, provisões abundantes, que dá prazerosa.
Junto à coluna da sala, defronte dos dois, assentou-se,
bem recostada, Penélope, fiando lã fina e macia.
Todos as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Tendo assim, pois, saciado a vontade da sede e da fome,
desta maneira começa a falar a sensata Penélope:
“Ora já estou resolvida, Telêmaco, a ir para cima
e no meu leito deitar-me, a que tenho confiado suspiros
e que contínuo umedeço de lágrimas, dês que Odisseu
com os Atridas para Ílio se foi. Não te dás ao trabalho,
antes que venham os moços aqui no palácio reunir-se,

de me dizer claramente o que acerca do pai tu soubeste?”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Mãe, vou contar-te, afinal, a verdade de tudo o que soube.
Fomos a Pilo e ao palácio do velho Nestor, chefe de homens.
Benignamente acolheu-me na casa de teto elevado,
e como pai me tratou, que revela incontida alegria,
quando de terras longínquas o filho retorna. Como ele,
os filhos, todos preclaros, também de carinho me encheram.
Sobre Odisseu, morto ou vivo, me disse, porém, não ter tido
de homem nenhum sobre a terra até então nem sinal nem notícia.
Mas forneceu-me cavalos e em carro mui forte mandou-me
para o famoso lanceiro nascido de Atreu, Menelau.
Lá pude Helena admirar, por quem tanto os Troianos e Aquivos
digladiaram, que tudo se deu por desígnio dos deuses.
Interrogou-me, depois, Menelau, de voz forte na guerra,
pelo motivo que a mim conduzira à divina Lacônia.
Toda a verdade lhe disse, de quanto, realmente, se dera.
Vira-se, então, para mim, e me disse o seguinte, em resposta:
‘Pois é possível que tais indivíduos, sem força nenhuma,
queiram deitar-se no leito de um homem como este, tão forte!
Bem como quando, no espesso do bosque, onde um leão formidando
leito fizera, uma corça aí deixara seus tenros filhinhos,
para sair a pastar pelos cerros e pastos ervosos;
mas o leão para o pouso retorna, passados momentos
e, logo ali, a eles ambos com Morte horrorosa extermina:
do mesmo modo, Odisseu a eles todos dará Morte horrível.
Fosse do gosto de Zeus, e de Palas Atena, e de Apolo,
que aparecesse com a força que em Lesbo mostrou altanada,
quando se ergueu, resolvido a lutar contra Filomelida,
tendo-o lançado no chão, para gáudio dos chefes Aquivos!
Se aos pretendentes em meio Odisseu desse modo surgisse!

Todos, na curta existência, veriam as núpcias lugentes.
Quanto à pergunta de há pouco e ao que pedes, não penso em dizer-te
nada que possa afastar-se dos fatos, com o fim de enganar-te.
Mas, do que o velho marinho infalível não quis ocultar-me,
hei de contar-te sem nada esconder, nem usar subterfúgios.
Disse que o vira numa ilha, a sofrer indizíveis saudades
em o palácio da ninfa Calipso, que à força o tem preso,
sem que ele possa voltar para a terra do seu nascimento.
Faltam-lhe naves providas de remos, assim como sócios,
que pelo dorso do mar extensíssimo possam levá-lo.'
Dessa maneira o lanceiro falou, Menelau, de Atreu filho.
Feito isso tudo, voltei. Favorável monção me enviaram
os imortais, que depressa de novo me trouxe até à pátria."
Mui comovida Penélope, ouvindo-o falar, se revela.
Vira-se, então, para os dois o deiforme Teoclímeno e fala:
"Ó digna esposa do herói Odisseu, de Laertes nascido!
Ele não sabe de tudo; ora presta atenção ao meu dito,
que profecia farei verdadeira, sem nada ocultar-te.
Que Zeus o saiba primeiro entre os deuses, e a mesa hospedeira
bem como o lar de Odisseu impecável, em que ora penetro:
digo que o herói já se encontra no solo da terra nativa,
nele sentado ou vagueando, a observar estes atos iníquos
e a cogitar no mais íntimo como vingar-se de todos.
Quando me achava na nave de boa coberta, esse augúrio
interpretei pelo voo das aves, contando-o a Telêmaco."
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
"Oh, se realmente, estrangeiro, esse voto viesse a cumprir-se!
Em pouco tempo haverias de obter tão preciosos presentes,
de minha parte, que a todos feliz pareceras, por certo."
Dessa maneira, em colóquio, entre si tais conceitos trocavam.
Os pretendentes, em frente da casa do divo Odisseu,

no pavimento bem-feito, estadeando a arrogância de sempre,
se divertiam, entanto, no jogo de discos e lanças.
Por ocasião do repasto, ao chegarem trazidas do campo
as reses todas, por seus condutores, tal como era de uso,
aos pretendentes Medonte falou, porque dentre os arautos
era o que mais agradava e que sempre assistia aos banquetes:
“Moços, já que todos vós deleitastes nos jogos o espírito,
para o palácio ora vinde, porque preparemos a ceia,
pois não é coisa somenos fazer refeição na hora certa.”
Disse; eles todos, o invite aceitando, se ergueram e o seguiram.
Logo que à casa chegaram de sólida e bela feitura,
sobre as cadeiras e tronos os mantos custosos deixaram,
sacrificaram seletos carneiros e cabras luzidas,
bem como pingues cevados e intacta vitela do aprisco,
para o festim prepararem. — Já nesse entrementes, do campo
para a cidade dispunham-se a ir Odisseu e o porqueiro.
Foi o primeiro a falar o porqueiro, pastor de outros homens:
“Hóspede, visto à cidade quereres chegar ainda hoje,
tal como há pouco entre nós meu senhor o deixou combinado —
preferiria hospedar-te aqui mesmo, a guardar os chiqueiros;
mas sempre acato suas ordens e o temo; não seja em futuro
repreendido, que sempre são graves os ralhos dos amos —
vamos, então, que o percurso do dia já vai adiantado,
e daqui a pouco, ao crepúsculo, fará novamente mais frio.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Sei-o, compreendo-o; falaste a pessoa dotada de juízo.
Vamos, então; servir-me-ás, até lá, no caminho, de guia.
Mas caso tenhas um pau bem-lavrado, mo dês, é o que peço,
para apoiar-me; tu próprio disseste que a estrada é mui lisa.”
Tendo isso dito, lançou sobre os ombros o alforje mesquinho,
cheio de furos, pendente do corpo por velha correia.

Deu-lhe o bordão, a que tanto anelava, o divino porqueiro.
Foram-se os dois; os pastores e os cães como guarda ficaram
dos currais todos. Eumeu conduzia, desta arte, seu amo
desfigurado num velho pedinte de mísero aspecto,
num pau firmado, que à volta do corpo uns andrajos vestia.
Quando o caminho rochoso ambos eles haviam vencido,
junto à cidade o local alcançaram de límpida fonte,
bem-construída, aonde o povo costuma descer e servir-se.
Foi ela feita por Ítaco, Nérito e mais por Políctor.
Um bosque de álamos pretos, que de água se nutrem, se achava
por toda a volta disposto; água límpida e fresca escorria
do alto das pedras, em cima das quais um altar fora erguido,
aonde os passeantes às ninfas seus votos trazer têm por hábito.
Por essa altura alcançou-o o filho de Dólio, Melântio,
que conduzia umas cabras, de todo o rebanho as mais gordas,
para o banquete dos hóspedes; seguem-no mais dois pastores.
Ao vê-los, pôs-se Melântio a dizer-lhes pungentes doestos,
de tal violência e sarcasmo, que o peito abalou de Odisseu:
"Vejam que coisa curiosa! Um vadio a puxar um como ele.
É, pois, verdade que um deus sempre ajunta os que são semelhantes.
Para onde vais conduzindo esse imundo, ó porqueiro indecente,
esse mendigo nojento, que vive a estragar os banquetes?
Pelas ombreiras das portas só sabe esfregar as espáduas,
a pedinchar uns mendrugos; não quer nem bacias nem gládios.
Se tu mo desses, porque me servisse de guarda à malhada,
para limpar os currais e trazer aos cabritos ervanços,
somente à custa de soro far-lhe-ia engrossar as cadeiras.
Mas visto ter aprendido somente a viver na preguiça,
há de enjeitar o trabalho; prefere vagar por aí tudo
a pedinchar, com que possa entupir esse ventre insaciável.
Ora pretendo dizer-te outra coisa, que vai ser cumprida:

se ele tenciona ficar no palácio do divo Odisseu,
há de sentir escabelos voarem-lhe em torno à cabeça,
que os pretendentes lhe atirem, quebrando-lhe os ossos das costas.”
Disse; e ao passar perto dele, o insensato na coxa atirou-lhe
um grande coice, sem que conseguisse desviá-lo da estrada.
Inabalável ficou, refletindo Odisseu, no imo peito,
se se lançasse contra ele, a pauladas, da vida o privasse,
ou se o jogasse no solo, fazendo saltar-lhe a cabeça.
Mas resistiu a tudo isso e conteve-se. O divo porqueiro
fixa e repreende Melântio. Depois, as mãos eleva, e suplica:
“Ninfas das fontes, donzelas de Zeus! se Odisseu algum dia
em honra vossa queimou coxas pingues de cabras e ovelhas,
em graxa espessa envolvidas, cumpri-me, ora, o voto, que faço:
Ah, se aquele homem voltasse, até aqui por um deus conduzido,
dispersaria, sem dúvida, todo esse orgulho, insensato,
com quem te mostras inchado, a passear insolente a cidade,
enquanto põem a perder maus pastores os nossos rebanhos.”
Disse-lhe, então, o de cabras pastor, em resposta, Melântio:
“Que coisa disse esse cão, que só pensa conceitos maldosos?
Hei de levá-lo algum dia em navio de boa coberta
para bem longe desta ilha e vendê-lo por muito dinheiro.
Se no interior do palácio, hoje mesmo, ferisse a Telêmaco
o deus Apolo, ou morresse nas mãos dos ilustres Aquivos,
como é certeza estar morto Odisseu, sem que à pátria mais volte!”
Tendo isso dito, a eles ambos deixou, que seguiam de passo;
e, prosseguindo com pressa, o palácio alcançou do seu amo.
Dos pretendentes no meio foi logo tratar de sentar-se,
em frente a Eurímaco, que era o que mais lhe mostrava amizade.
Os servidores trouxeram-lhe logo porções dos assados;
a despenseira zelosa aparece, que pão lhe reparte.
Aproximava-se, entanto, Odisseu e o divino porqueiro;

param defronte da casa, que sons agradáveis os cercam
de sonoroso instrumento, pois Fêmio cantava no meio
dos pretendentes. Pegando na mão do porqueiro, assim fala:
"Esta é, sem dúvida, Eumeu, a morada do divo Odisseu.
Reconhecê-la é mui fácil, té mesmo no meio das outras:
quartos a quartos se seguem, e o pátio é, todo ele, cercado
de muros altos e ameias; as portas são bem-trabalhadas
com dois batentes; ninguém poderia por força arrombá-las.
Vejo que dentro da casa a banquete opulento se entregam
homens alguns, porque sinto de assados o cheiro e ouço música,
a companhia que os deuses a todos as festas concedem."
Deste-lhe, Eumeu, em resposta, as seguintes palavras aladas:
"Mui facilmente o atinaste; demonstras, assim, que és arguto.
Mas é mister refletir de que modo convém procedermos:
ou vai primeiro e penetra o palácio de boa feitura,
e aos pretendentes mistura-te, enquanto aqui fico à tua espera,
ou fica aqui, se o preferes, que eu entro primeiro na sala.
Mas não demores; não vá suceder aqui fora te vejam
e com palavras te expulsem. Convém refletires sobre isso."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu sofredor de trabalhos:
"Sei-o, compreendo-o; falaste a pessoa dotada de juízo.
Vai tu na frente, que eu fico aqui mesmo, do lado de fora,
pois já me encontro habituado a pancada levar pelo corpo.
Sou tolerante de espírito; muito já tenho sofrido
no mar furioso e na guerra; que venha portanto mais isso.
Só não se pode fazer é que o ventre funesto se cale,
que para os homens tem sido fautor de tão grandes reveses,
e por amor do qual se armam navios de sólidas traves,
para levar pelo mar infecundo a desgraça aos imigos."
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos trocavam.
Um cão, que ali se encontrava, a cabeça e as orelhas levanta,

Argos, que pelo paciente Odisseu tinha sido criado,
sem que, contudo, pudesse alegrar-se com ele, pois, antes,
para Ílio sacra partira. Os rapazes levavam-no à caça
de corças céleres, cabras selvagens e lebres velozes.
Mas, pela ausência do dono, ora estava largado de todo,
sobre uma rima de estrume de bois e de mulos, que fora
em frente à porta amontoado, até ser pelos servos levado
para servir como adubo aos terrenos do divo Odisseu.
De carrapatos coberto ali estava aninhado o cão Argos.
Ao perceber Odisseu, que passava, entretanto, ao pé dele,
a cauda agita de leve, abaixando também as orelhas,
sem que possível lhe fosse avançar ao encontro do dono.
Este uma lágrima logo enxugou, disfarçando a mirada,
para que Eumeu não o notasse, dizendo-lhe logo em seguida:
"Que belo cão, caro Eumeu, neste monte de estrume se fina!
Forma admirável, de fato, possui; mas ignoro uma coisa:
se era veloz na carreira, com ser de exterior tão perfeito,
ou se somente era cão de banquetes, como esses que os homens
soem criar para gáudio exclusivo dos próprios senhores."
Deste-lhe, Eumeu, em resposta, as seguintes palavras aladas:
"Foi este cão de um senhor que morreu muito longe da pátria.
Ah, tivesse ele a esbelteza de outrora e correr conseguisse
como o fazia, ao partir para Troia Odisseu valoroso,
e, certo, espanto sentiras, ao vê-lo tão ágil e forte.
Caça nenhuma podia fugir-lhe no espesso das matas,
quando se achava a segui-la, que certo era o rasto encontrar-lhe.
Ora ele está bem doente e, ainda mal, o amo longe da pátria
já faleceu; indolentes criadas do pobre não curam.
Aos servos, quando não têm a orientá-los a voz de seus amos,
não mais desejos lhes vêm de fazer o que a todos compete.
Zeus poderoso, de fato, retira a metade do mérito

do homem, a quem chega o dia em que passa a viver como escravo.”
Tendo isso dito, avançou para dentro da casa bem-feita,
e aos pretendentes direito se foi, que na sala se achavam.
Pelo destino da Morte sinistra foi Argos colhido,
quando revira Odisseu, decorridos vinte anos de ausência.
Foi o primeiro a enxergar o porqueiro o deiforme Telêmaco,
quando ele a sala cortava; sinal lhe fez muito expressivo,
para que viesse sentar-se ali perto. Ele, olhando à sua volta,
toma a cadeira na qual se assentava o trinchante nas festas
dos pretendentes, ao lhes distribuir carne assada abundante.
Toma-a, e levando-a até junto da mesa onde estava Telêmaco,
defronte dele se assenta. Chegou-se-lhe o arauto, trazendo
sua porção dos assados e um pão, que da cesta tirara.
Entra na sala, depois do porqueiro, o divino Odisseu,
desfigurado num velho pedinte de mísero aspecto,
num pau firmado; cobrindo-lhe o corpo uns andrajos trazia.
Sobre a soleira de freixo da porta de dentro assentando-se,
no umbral o corpo encostou, de cipreste, que o artífice, outrora,
com muito engenho lavrara, tomando as medidas com fio.
Chama Telêmaco a Eumeu para perto e lhe diz, entregando-lhe
um pão inteiro, depois de o tirar da belíssima cesta
e tanto assado quanto ele nas mãos segurar conseguira:
“Leva isto tudo para o hóspede, caro, e lhe dize que pode
os pretendentes, depois, procurar, para esmola pedir-lhes,
pois a vergonha é ruim companheira de quem necessita.”
Isso disse ele; o porqueiro fez logo tal como o ordenara;
chega-se para onde estava Odisseu e lhe diz o seguinte:
“Isto te foi por Telêmaco enviado, que disse poderes
os pretendentes, depois, procurar para esmola pedir-lhes,
pois a vergonha é ruim companheira de quem necessita.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:

“Zeus soberano permita que seja entre os homens Telêmaco
o mais feliz, e que tudo se cumpra, que na alma concebe.”
Tendo isso dito, com ambas as mãos o presente recolhe
e em frente aos pés o coloca, por cima da imunda mochila.
Pôs-se a comer, pelo tempo em que o aedo na sala cantava.
Quando acabou de comer, o cantor pôs remate à cantiga.
Os pretendentes faziam barulho na sala; acercando-se
Palas Atena do divo Odisseu, de Laertes nascido,
lhe fez nascer a vontade de pão mendigar aos presentes,
para saber quais os justos e quais se mostravam malvados.
Não tencionava, porém, nenhum deles livrar do extermínio.
Pela direita, foi logo pedir aos presentes esmola,
como se fora seu hábito, a todos a mão estendendo.
Os pretendentes lhe davam, com pena, estranhando, entretanto,
e perguntando uns aos outros quem era o mendigo e sua origem.
Mas o pastor de rebanhos de cabras, Melântio, lhes disse:
“Vós, pretendentes da muita afamada rainha, escutai-me!
Vou revelar-vos quem seja o estrangeiro; já o vi antes disto.
Foi o porqueiro, sem dúvida alguma, que o trouxe a esta casa.
Não sei ao certo, porém, de que estirpe ele possa orgulhar-se.”
Disse; virando-se, Antínoo desta arte increpou o porqueiro:
“Qual o motivo, famoso porqueiro, de aqui nos trazeres
este mendigo? Não vês que já temos bastantes pedintes,
corja importuna e indecente, que vive a estragar-nos as festas?
Não te parece bastante essa gente, que os bens do teu amo
vive a comer, no palácio e, por isso, mais esse trouxeste?”
Deste-lhe, Eumeu, em resposta as seguintes palavras aladas:
“Conquanto sejas, Antínoo, fidalgo, cortês não falaste;
pois quem teria prazer em chamar alguém de outras paragens,
a menos que se tratasse de um desses que aos povos são úteis,
áugures, ou carpinteiros, ou médicos para os doentes,

ou mesmo aedos divinos, que a todos deleitam com música?
Por toda a terra extensíssima os homens somente a estes chamam.
Quem quer que um pobre convide, ver-se-á, no final, arruinado.
Dos pretendentes és tu quem demonstra maior ojeriza
com relação aos criados; mormente comigo; mas isso
pouco me importa, uma vez que a prudente Penélope esteja
viva na casa, assim como Telêmaco, aos deuses semelho."
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
"Cala-te, Eumeu, não te alongues, assim, em respostas a Antínoo,
pois ele tem por costume irritar-nos com ditos pungentes
e concitar os demais a fazerem da mesma maneira."
Vira-se, então, para Antínoo e lhe diz as palavras aladas:
"Como se fosses, Antínoo, meu pai, ora fazes comigo,
pois para fora de casa me exortas a pôr o estrangeiro,
com termos ásperos. Mas que a tal coisa um dos deuses se opunha.
Dá-lhe também, não me oponho, uma esmola; ao contrário, aconselho-te
a isso fazer; não receies zangar minha mãe, nisto ao menos,
nem a qualquer dos criados da casa do divo Odisseu.
Tal pensamento, porém, nunca achou no teu peito guarida,
pois gostas mais de comer do que dar qualquer coisa aos estranhos."
Vira-se Antínoo, no entanto, e lhe diz o seguinte, em resposta:
"Altiloquente Telêmaco, de ânimo altivo, que dizes?
Se os pretendentes como eu lhe fizessem as mesmas esmolas,
por uns três meses, ao menos, distante da casa ficara."
Disse, e mostrou-lhe o escabelo, que estava debaixo da mesa,
no qual os pés delicados pousava durante os banquetes.
Os outros todos esmola lhe deram, enchendo-lhe o alforje
de pão e carne. Odisseu a voltar já se achava disposto
para a soleira e comer as esmolas dos chefes Aquivos.
Para defronte de Antínoo e lhe diz as seguintes palavras:
"Dá-me, também, caro amigo; não creio que o pior te reveles,

mas o melhor dos Aquivos, pois tens de um monarca a aparência.
Cumpre-te dar-me um pedaço de pão bem maior do que os outros,
para que possa elogiar-te por toda a extensão da ampla terra.
Olha: também já morei, entre os homens, em casa opulenta,
muito feliz, onde esmola a qualquer peregrino, então, dava,
sem perguntar quem ele era e a que fora, até ali, esmolando.
Muitas escravas possuía, bem como abundantes riquezas,
dessas que fazem os homens ditosos, com nome de ricos.
Mas a desgraça enviou-me Zeus Crônida — qui-lo desta arte —,
pois fez nascer-me a vontade de andar com piratas errantes
lá pelo Egito, num longo caminho, porque perecesse,
em cujo seio ordenei que ancorassem as naves recurvas.
Aos companheiros diletos, então, instruções dei precisas,
para que junto das naves ficassem, de guarda a elas todas,
e distribuí logo espias, mandando que aos postos se fossem.
Os orgulhosos, porém, pela própria cobiça levados,
os belos campos dos homens egípcios puseram-se logo
a devastar, carregando as mulheres e tenras crianças,
e a Morte a dar aos varões. Logo o alarma chegou à cidade.
Os moradores os gritos ouviram e em massa acorreram,
ao romper da alva, apinhando-se o vale de peões e cavalos
entre o fulgor de aêneas armas. Nos meus companheiros o Crônida
fulminador o desânimo inspira, ninguém se atrevendo
a resistir, que por todos os lados a Morte ameaçava.
Muitos dos nossos ali foram mortos por bronze cortante;
outros, com vida apanhados, porque como escravos vivessem.
Eu, para Chipre levado me vi por um alto estrangeiro,
Dmétor, o filho de Iaso, que ali dominava potente.
Foi dessa terra que vim para aqui, pós inúmeros males.”
Vira-se Antínoo para ele e lhe diz o seguinte, em resposta:
“Qual o demônio que aos nossos festins enviou essa praga?

Fica aí no meio da sala, bem longe da mesa em que me acho,
que não te caiba por dádiva o Egito amargoso, nem Chipre,
pela arrogância e insolência que mostras esmola pedindo.
Chegas-te a todos e pedes, e todos te dão sem medida.
Moderação ninguém sabe mostrar, nem tem pena de nada,
quando se trata de dar o que é de outrem, de que se disponha.”
Ao retirar-se, lhe disse, em resposta, o solerte Odisseu:
“Muito curioso! Não casas o espírito à bela aparência!
Nem mesmo sal tu darias se alguém to pedisse em tua casa,
visto te achares na mesa de estranho, sem teres coragem
de dar-me pão, muito embora disponhas de muitos manjares.”
Essas palavras fizeram que Antínoo ainda mais se irritasse;
com torvo aspecto lhe disse, em seguida, as palavras aladas:
“Creio que ao menos da sala não hás de sair, neste instante,
sem um castigo qualquer, por me teres, desta arte, insultado.”
Tendo isso dito, atirou-lhe o escabelo bem no alto da espádua
no ombro direito. Odisseu ficou firme, qual duro penhasco,
sem que a pancada, que Antínoo lhe dera, o deixasse abalado.
Mas, abaixando a cabeça, pensava sinistros desígnios.
Para a soleira voltando, assentou-se de novo; a mochila
pôs sobre o solo e, virando-se aos moços, lhes diz em seguida:
“Ora me ouvi, pretendentes da muito afamada rainha!
Quero dizer-vos o que a alma no peito me obriga a expressar-me.
Não constitui sofrimento, em verdade, nem dor para o espírito,
um indivíduo sentir-se ferido em defesa dos bens
que lhe são próprios, ou bois, se lhos roubam, ou brancas ovelhas.
Ora, porém, fui ferido por causa do ventre funesto,
que para os homens tem sido fautor de tão grandes desgraças.
Mas se as Erínias e os deuses protegem, realmente, os mendigos,
antes das núpcias de Antínoo há de ser pela Morte atingido.”
Vira-se Antínoo, nascido de Eupites, e diz o seguinte:

“Come calado, estrangeiro, sentado, ou procura outro pouso,
se não desejas que os moços te arrastem por uma das pernas,
ou pelo braço, através do salão, e em pedaços te façam.”
Isso disse ele; os demais se mostraram bastante indignados.
Fala, também, por sua vez, outro moço de mente soberba:
“Não te aprovamos, Antínoo, o mendigo infeliz machucares.
Homem funesto! E se fosse um dos deuses do céu, por acaso?
Os próprios deuses, tomando as feições de um viajor estrangeiro,
sob os mais vários aspectos percorrem cidades e campos,
para observarem de perto a impiedade ou justiça dos homens.”
Isso diziam; Antínoo, porém, atenção não lhes dava.
Muito abalado sentiu-se Telêmaco no imo do peito,
ante a pancada; mas lágrima alguma dos olhos saiu-lhe;
sim, abaixando a cabeça, pensava sinistros desígnios.
Quando a sensata Penélope ouviu relatar que na sala
tinham batido num homem, falou para as servas e disse:
“Se o próprio Apolo, famoso frecheiro, também te ferisse!”
Disse-lhe Eurínoma, então, despenseira, o seguinte, em resposta:
“Se as maldições que lançamos, de fato, surtissem efeito!
Deles nenhum chegaria com vida à manhã radiosa.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
“Ama, realmente detesto a eles todos, porque são maldosos;
mas quanto a Antínoo, é quem mais se assemelha ao Destino sinistro.
Um infeliz estrangeiro vagava na casa, pedindo
aos circunstantes esmola, que a própria indigência o forçava.
Todos os outros, o alforje lhe encheram com muitas esmolas;
ele, tão só, lhe atirou o escabelo na espádua direita.”
Dessa maneira falava, no meio das suas criadas,
no próprio quarto; o divino Odisseu, entrementes, comia.
Chama, depois, o divino porqueiro e lhe diz o seguinte:
“Ao estrangeiro vai já, divo Eumeu, e lhe ordena que venha

ter onde estou, que desejo saudá-lo e fazer-lhe perguntas,
sobre se algures notícias lhe deram respeito a Odisseu,
ou se a ele próprio encontrou, pois parece-me muito viajado.”
Deste-lhe, Eumeu, em resposta, as seguintes palavras aladas:
“Se os Aqueus todos, rainha, ficassem por fim em silêncio!
O coração poderia encantar-te, se viesses a ouvi-lo.
Tive-o três noites, três dias o tive na minha cabana,
aonde primeiro chegou, ao fugir do navio em que estava,
mas pouco tempo lhe foi para a história contar dos seus males.
Do mesmo modo que a gente se embebe no aedo inspirado,
que os doces versos recebe dos deuses e aos homens transmite,
sem que ninguém jamais possa furtar-se ao prazer de escutá-lo,
dessa maneira fiquei fascinado, lá em casa, por ele.
Disse ser hóspede antigo do divo Odisseu, e que tinha
em Creta toda a família, onde Minos o mando exercita.
Foi dessa terra que veio até aqui, pós infindos tormentos,
de um ponto a outro atirado. Diz ele que o divo Odisseu
perto se encontra, na terra fecunda dos homens Tesprotos,
vivo, e que traz para a pátria grã cópia de objetos preciosos.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
“Vai, vai chamá-lo e trazê-lo até aqui, pois desejo falar-lhe.
Que se divirtam os outros, sentados em frente da porta,
ou mesmo dentro da sala, porque são de espírito alegre.
Suas riquezas intactas se encontram nos próprios palácios,
vinho agradável e pão, que os criados consomem folgados.
Todos os dias, no entanto, eles vêm reunir-se aqui em casa,
cabras e bois sacrificam, bem como as mais pingues ovelhas,
banqueteando-se a rodo, gastando do rútilo vinho,
desmesurados, e dando, assim, cabo de nossas manadas,
só porque falta a amparar-nos da ruína um segundo Odisseu.
Fosse possível voltar Odisseu, outra vez, para a pátria!

Junto com o filho, sem dúvida, disso tomara vingança.”
Ao dizer isso, Telêmaco um espirro soltou muito forte,
que em toda a casa ecoou. Riu-se, então, a prudente Penélope
vira-se para o porqueiro e lhe diz as palavras aladas:
“Vai, por favor, e me traze o estrangeiro; que venha falar-me.
Não escutaste meu filho espirrar, quando há pouco eu falava? [23]
Isso é sinal que da Morte nenhum, sim, nenhum pretendente
há de fugir, atingindo a eles todos o negro Destino.
Ora desejo outra coisa dizer-te, no espírito o grava:
Se colher provas de ser verdadeiro o relato do velho,
hei de lhe dar outras vestes, um manto e uma túnica nova.”
Isso disse ela; o porqueiro cumpriu-lhe de pronto o mandado;
foi aonde o pobre se achava, e lhe disse as palavras aladas:
“Hóspede pai, a prudente Penélope manda chamar-te,
mãe de Telêmaco, pois, apesar de haver muito sofrido,
o coração a incitou a pedir-te notícias do esposo.
Se colher provas de ser verdadeiro o que lhe relatares,
há de te dar uma túnica e um manto, de que mais precisas
neste momento. A comida obterás esmolando entre o povo,
para saciares a fome; dar-te-á quem bondoso mostrar-se.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu sofredor de trabalhos:
“Fácil ser-me-ia contar, caro Eumeu, a verdade inconcussa
à mui discreta e prudente Penélope, filha de Icário.
Sobre Odisseu muito sei, pois sofremos igual infortúnio;
mas grande medo me infunde a caterva dos ruins pretendentes,
cuja arrogância e violência até mesmo o céu férreo atingiram.
Há pouco ainda aquele homem, quando eu pela sala passava
sem fazer nada de mau, me feriu, produzindo-me dores,
e nem Telêmaco nem qualquer outro de talo impediram.
Por isso tudo a Penélope avisa que fique no quarto,
té quando o Sol se esconder, apesar da impaciência que mostra.

Pode, depois, inquirir-me a respeito da volta do esposo,
mas há de ser junto ao fogo, por causa dos trapos que visto;
sabe-lo bem; foi a ti que, primeiro, implorei uma ajuda.”
Logo que ouviu tais palavras, o divo porqueiro afastou-se.
Nem bem transpunha a soleira, falou-lhe a prudente Penélope:
“Não o trouxeste, porqueiro? Que pensa, então, esse mendigo?
Tem ele, acaso, receio de alguém, ou, talvez, se envergonha
por qualquer coisa? Não orna aos mendigos vergonha excessiva.”
Deste-lhe, Eumeu, em resposta, as seguintes palavras aladas:
“Não, ele fala acertado; qualquer outro tanto faria,
para evitar a arrogância dos moços de mente soberba.
Diz que convém aguardar té que o Sol no horizonte se esconda.
Muito melhor, ó rainha, é também para ti, certamente,
interrogares sozinha o estrangeiro e a resposta lhe ouvires.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito prudente:
“Não me parece insensato o estrangeiro, que tudo conhece;
pois em nenhuma outra terra entre os homens mortais poder-se-ia
gente como esta encontrar, insolente e capaz de tais coisas.”
Dessa maneira falava; o divino porqueiro procura
os pretendentes de novo, uma vez a missão concluída.
Volta-se para Telêmaco e diz as palavras aladas,
quase a falar-lhe no ouvido, porque ninguém mais o sentisse:
“Caro, convém que me vá para os porcos e o mais, a guardá-los,
a minha e a tua fazenda; tu cuida do que há no palácio,
mas, em primeiro lugar, de ti próprio, evitando prudente
todo perigo, que muitos Aqueus têm maldosos intuitos.
Que os aniquile Zeus pai antes de eles nocivos nos serem.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Pai, há de ser desse modo; mas ceia primeiro, antes de ires.
Volta amanhã, novamente, e conduze-nos vítimas belas.
Fica o restante ao meu cargo e dos deuses eternos do Olimpo.”

Isso disse ele; o porqueiro sentou na bela cadeira.
Logo que teve saciada a vontade da fome e da sede,
foi para os porcos de novo, do pátio e da sala afastando-se,
cheia de moços, os quais com cantigas e danças alegres
se divertiam. A tarde, entrementes, já vinha baixando.

CANTO XVIII

A LUTA DE IRO E ODISSEU

“Ocorre a luta entre Iro e Odisseu, e Penélope desce para junto dos pretendentes e reprova Telêmaco acerca do tratamento com o estrangeiro. Recebe, então, os presentes dos pretendentes. Odisseu coloca à prova as serventes.” (Scholie H PQ)

Um conhecido mendigo chegou, que por toda a cidade
de Ítaca esmola implorava, famoso por causa do ventre,
pois, insaciável, comia e bebia. Nem força ele tinha,
nem brio algum, apesar do seu todo e da grande estatura.
O nome teve de Arneu, à nascença, que a mãe veneranda
tal lho pusera; mas Iro chamavam-lhe todos os moços,
pelos recados que dava, se alguém de tal coisa o incumbia. [24]
Quando chegou, quis tocar Odisseu de seu próprio palácio,
e, com insultos pesados, lhe disse as palavras aladas:
“Sai do vestíbulo, velho, se não pelos pés eu te arrasto;
pois ainda não percebeste que todos estão a piscar-me,
para que venha expulsar-te? Contudo, envergonho-me disso.
Vamos, depressa! Evitemos discórdias, ou mesmo lutarmos.”
Com torvo aspecto lhe disse Odisseu o seguinte, em resposta:

“Homem valente, nenhum mal te fiz, nem te disse doestos,
nem tenho inveja de ti, muito embora te deem bastante.
Ambos cabemos aqui na soleira; não deves inveja
ter do que aos outros pertence; pareces-me ser um mendigo
tal como eu sou; a opulência é presente somente dos deuses.
Mas não levantes a mão para mim, pois desta arte me irritas;
que, não obstante ser velho, ainda posso deixar-te sangrando
o peito e os lábios. Sossego, amanhã, gozarias, decerto,
pois não terias vontade de vir outra vez, me parece,
à residência do divo Odisseu, de Laertes nascido.”
Iro mendigo, colérico, disse-lhe, então, em resposta:
“Ouçam o modo expedito por que este glutão faz discursos!
Velha padeira é tal qual, mas vou dar-lhe resposta condigna
com umas fortes punhadas, fazendo que os dentes lhe saltem
do queixo ao solo, tal como se faz com marrã devastadora.
Cinge-te logo, porque todos possam ver nossa peleja.
Mas, como podes brigar com pessoa de menos idade?”
Dessa maneira, defronte da porta elevada, eles ambos
sobre a soleira polida trocaram doestos pesados.
A sacra força de Antínoo observou o que aí se passava,
e aos companheiros virando-se, disse-lhes entre risadas:
“Nunca tivemos, amigos, até hoje, uma coisa como esta.
Divertimento impagável um deus a esta casa nos trouxe:
Iro e o mendigo que veio de fora se encontram a ponto
de se pegarem; façamos depressa com que se engalfinhem.”
Isso disse ele; os demais ficam logo de pé, às risadas,
e se postaram à volta dos dois maltrapilhos mendigos.
Diz-lhes Antínoo, gerado de Eupites, depois, o seguinte:
“Vós, pretendentes ilustres, ouvi quanto passo a dizer-vos.
Os buchos todos das cabras se encontram no fogo, repletos
de unto e de sangue, porque para a ceia nos sirvam mais tarde.

O lutador que, vencendo, se mostre mais forte e valente,
pode adiantar-se e escolher à vontade um qualquer dos estômagos,
sendo, também, admitido a comer entre nós, doravante,
sem que nenhum outro pobre aqui venha pedir-nos esmola.”
Esse o discurso de Antínoo; aos demais agradou a proposta.
Com muita astúcia falou-lhes, então, Odisseu astucioso:
“Caros amigos, não vejo maneira de um velho alquebrado
pelo infortúnio brigar com um mais moço. Contudo, este ventre,
causa de males, me leva a deixar-me vencer sob os golpes.
Mas juramento solene desejo que todos me façam:
que ninguém venha bater-me com braços robustos por causa
de Iro, ajudando-o com dolo e fazendo que, alfim, me domine.”
Disse; os demais juramentos fizeram, conforme o pedira.
Tendo assim, pois, completado as palavras da fórmula sacra,
vira-se o sacro poder de Telêmaco e diz o seguinte:
“Hóspede, caso o teu peito e a coragem viril te levarem
a defender-te desse homem, nenhum dos Aquivos receies,
pois brigaria com muitos quem quer que em teu corpo tocasse.
Sou nesta casa o hospedeiro e estou certo de que tenho o apoio
do herói Antínoo e de Eurímaco, príncipes de ânimo justo.”
Isso disse ele; os demais concordaram. Odisseu, entretanto,
com seus andrajos compôs-se, dobrando-os na cinta. Aparecem-lhe
as coxas belas e fortes, espáduas potentes e largas,
e o peito e os braços, também, robustíssimos. Palas Atena,
que para perto lhe viera, aumentou do herói a estatura.
Os pretendentes soberbos ficaram tomados de espanto.
Muitos, entre eles, falavam, virando-se para o mais próximo:
“Iro será, dentro em pouco, Não Iro, por livre vontade.
Vejam que coxas o velho deixou dos farrapos surgir!”
Isso entre si comentavam; perturba-se de Iro a presença;
mas, apesar do temor, os escravos o cingem por força,

aos empurrões, a tremerem-lhe todas as carnes dos membros.
E descompondo-o, dizia-lhe Antínoo as seguintes palavras:
"Antes tivesses morrido, ó poltrão, ou não fosses nascido!
Tanto receio demonstras e tremes na frente deste homem,
um pobre velho, já quase vencido por tanto infortúnio!
Ora pretendo dizer-te outra coisa, que vai ser cumprida:
se esse estrangeiro sair vencedor, e mais forte mostrar-se,
à terra firme te mando, em navio de casco anegrado,
para o rei Équeto, peste de todos os homens terrenos,
que há de cortar-te com bronze o nariz e as orelhas,
e os genitais arrancar-te, atirando-os, sangrentos, aos cães."
Disse; um tremor mais violento mostrou-se nos membros do mísero.
Foi até o meio, empurrado; os combatentes as mãos levantam.
Nesse momento o prudente e sofrido Odisseu considera
sobre se fora melhor derrubá-lo, matando-o ali mesmo,
ou se convinha prostrá-lo, somente, com murros mais brandos.
Tendo assim, pois, refletido, afinal pareceu-lhe mais certo
dar com prudência, porque não tivessem suspeita os Aquivos.
Postos em guarda, Iro ataca a Odisseu, pela espádua direita,
mas o adversário o feriu logo abaixo da orelha, na nuca,
que fez os ossos ranger, arrancando-lhe sangue da boca.
Com urro grande caiu sobre o solo, a baterem-lhe os dentes
e a estrebuchar ali mesmo. A assistência de moços ilustres
ria a morrer, a agitar muito os braços. O herói, entretanto,
Iro agarrou pelos pés, arrastando-o através do vestíbulo,
indo deixá-lo na porta de fora, onde o fez encostar-se
junto à parede; depois entre as mãos enfiou-lhe o cajado.
Tendo isso feito, lhe disse as seguintes palavras aladas:
"A defender-te dos cães e dos porcos aí fica sentado,
mas não pretendas mandar outra vez nos mendigos e estranhos,
tu, coisa à toa, que não te suceda maior infortúnio."

Como remate, lançou-lhe nos ombros o mísero alforje,
cheio de furos, pendente do corpo por velha correia.
Para a soleira a sentar-se voltou. Novamente reentraram
os pretendentes, a rir satisfeitos, saudando-o desta arte:
"Hóspede, Zeus te conceda e as demais sempiternas deidades,
o que no espírito almejas e o peito anelar de mais grato,
por teres feito com que este glutão insaciável deixasse
de mendigar entre nós. Mandá-lo-emos deixar no outro lado,
para o rei Équeto, peste de todos os homens terrenos."
Esse presságio alegrou sobremodo o divino Odisseu.
Um grande estômago põe logo Antínoo ao seu lado, repleto
de sangue e muita gordura, no tempo, também, em que Anfínomo
tira dois pães do açafate e na frente do herói os coloca.
Com áurea taça, depois, a saudá-lo, lhe diz o seguinte:
"Hóspede pai, salve! Venhas a ser outra vez no futuro
muito feliz; que até agora tens tido somente desgraças."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
"Muito sensato pareces-me, Anfínomo, ser, em verdade,
filho de um pai como o teu, cujos méritos ouço apregoados,
Niso, nascido em Dulíquio, de grande nobreza e opulência
Dizem que dele nasceste; pareces, realmente, ajuizado.
Por isso tudo uma coisa te quero dizer, dá-me ouvidos.
Entre as criaturas, que vivem da terra e no solo rastejam,
nada se pode encontrar de mais mísero que os próprios homens,
pois ninguém julga possível, jamais, que lhe venha a desgraça,
enquanto os deuses favores concedem e as pernas lhes movem.
Mas, quando os deuses beatos as tristes desgraças enviam,
ainda que muito lhes custe, com ar de paciente as suportam.
Vário é o feitio da mente dos homens que vivem na terra,
tal como os dias, que o pai dos mortais e dos deuses lhes manda.
Eu, também, tive por sorte viver, entre os homens, contente,

mas pratiquei muitos atos injustos, pois era violento,
muito confiado na força, no pai e nos manos queridos.
Ante esse exemplo ninguém deve injusto ou impiedoso mostrar-se;
goze calado os favores que os deuses beatos lhe deram.
Os pretendentes, agora, aqui vejo mostrarem-se iníquos,
a consumirem sem regra a fazenda, e insultando a consorte
do homem que, julgo, não mais do país de nascença há de achar-se
por muito tempo afastado. Está perto. Que um deus te acompanhe
com segurança até casa, sem que te aconteça encontrá-lo,
quando ele vier de regresso ao querido país de nascença,
pois sem derrame de sangue não creio que seja a contenda
dos pretendentes e dele, ao se ver sob o teto elevado.”
Disse isso, aos deuses libando, e bebeu o dulcíssimo vinho,
indo entregar a cratera ao preclaro pastor de guerreiros.
O coração angustiado, foi este através do palácio,
a sacudir a cabeça, que já pressentia a desgraça.
Mas do extermínio não foge, que Atena ali mesmo o deteve,
para que a mão de Telêmaco e a lança de bronze o domassem.
Foi novamente sentar-se no trono, que, há pouco, deixara.
No coração da prudente Penélope, filha de Icário,
a de olhos glaucos, Atena, desperta o desejo incontido
de aos pretendentes mostrar-se, porque lhes ficassem mais vivas
as esperanças do peito, fazendo crescer, desse modo,
a grande estima do filho querido e do amado consorte.
Rindo-se contra vontade, a falar começou desta forma:
“Tenho desejos, Eurínoma, tal como nunca até agora,
de aos pretendentes me expor, apesar de todo o ódio que sinto.
Quero um conselho a meu filho, também, ministrar, vantajoso,
que não converse com tanta frequência esses moços soberbos,
que usam de frases amáveis, mas cuidam, por trás, de perdê-lo.”
Disse-lhe Eurínoma, a fiel despenseira, o seguinte, em resposta:

“Filha querida, é, realmente, acertado esse teu pensamento.
Vai, sem demora, a teu filho falar, sem que nada lhe ocultes;
mas lava o corpo primeiro, e nas faces esfrega óleo fino;
não apareças com rosto, desta arte, banhado de lágrimas.
Nada há pior, em verdade, que ao choro, sem pausa, entregar-se.
O teu menino já está bem crescido, na idade em que sempre
foi teu desejo admirá-lo, conforme aos eternos pedias.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
“Não me aconselhes, Eurínoma, embora com real interesse,
a tomar banho, primeiro, e no rosto esfregar óleo fino,
pois o esplendor da beleza que tive, os eternos do Olimpo
me destruíram, dês que ele subiu para as naves recurvas.
Que venha Autónoe, depressa, seguida da fiel Hipodâmia,
para que possam ficar esse tempo ao meu lado, na sala,
pois tenho muita vergonha de aos homens, sozinha, mostrar-me.”
A despenseira saiu pela casa, ao lhe ouvir tais palavras,
para o recado às mulheres levar e dizer-lhes que viessem.
A de olhos glaucos, Atena, concebe outro plano engenhoso:
sono agradável resolve mandar sobre a filha de Icário,
que, reclinando-se, logo dormiu, relaxados os membros,
no próprio assento em que estava. Entrementes a deusa preclara
dons imortais lhe infundiu, que a admirassem os moços Aquivos.
Passa, primeiro, no rosto impecável a essência divina
com que costuma lavar-se a deidade que mora em Citera,
quando desejo lhe vem de baixar para o coro das Graças.
Fê-la, depois, parecer mais esbelta, de altura mais nobre
e de mais brilho na cute, que o próprio marfim trabalhado.
Tendo isso a deusa preclara concluído, voltou para o Olimpo.
As duas servas, de braços desnudos, à sala chegaram,
a conversar em voz alta, fazendo que o sono se fosse.
Disse Penélope, ao tempo em que as mãos sobre o rosto passava:

“Um agradável torpor acalmar, por instantes, me veio.
Se Ártemis, deusa preclara, me enviasse tão suave extermínio
neste momento, porque tanta agrura não mais suportasse,
a consumir a existência em saudade do caro marido,
que era o melhor dos Aqueus e de toda virtude exornado!”
Dos aposentos de cima desceu, depois de isso ter dito,
mas não sozinha, que duas criadas a seguem de perto.
Dos pretendentes em meio ao chegar a divina senhora,
fica de pé, encostada no umbral de feitura mui sólida,
tendo as feições escondidas num véu de lavor admirável.
De cada lado lhe fica uma serva de espírito casto.
Dos pretendentes os joelhos vergavam, de amor inebriados,
todos a arder em desejos de o leito poder compartir-lhe.
Vira-se para Telêmaco, o filho querido, e lhe fala:
“Não mais tens firme, Telêmaco, o espírito dentro do peito.
Quando eras ainda criança, mais tino possuías, decerto.
Ora que a idade viril atingisse e já estás mais crescido,
por modo tal que, se gente de fora te visse tão belo
e de tal porte, julgara que de homem ditoso nasceste,
já não demonstras possuir reflexão nem justiça no peito.
Que coisa horrível acaba de dar-se aqui dentro da sala,
pois consentiste que um hóspede fosse a esse ponto ofendido.
Que pensarão, quando ouvirem que um hóspede aqui no palácio,
aonde se viera acolher, foi tratado por modo tão baixo?
Não resultara entre os homens vergonha e desonra colheres?”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Mãe, de que modo ofender-me, por ver que te mostras zangada?
Sei distinguir, entretanto, e avaliar as ações dentro da alma,
as que são boas e más, pois agora já não sou criança.
Mas é impossível em tudo acertar com prudência e equidade,
pois estes homens assaz me assediam de todos os lados

com pensamentos ruins, sem que eu tenha quem possa amparar-me.
A luta entre Iro e o estrangeiro, contudo, não teve o remate
que os pretendentes queriam; mostrou-se este muito mais forte.
Fosse do gosto de Zeus, e de Palas Atena, e de Apolo,
que os pretendentes, desta arte, se vissem vencidos agora,
com a cabeça pendente, sem força, uns lá fora, no pátio,
outros nas salas de dentro, e impotentes os membros ficassem,
como com Iro se deu, que na porta do pátio se encontra,
a sacudir a cabeça do modo que os bêbedos fazem,
sem se poder afirmar, nem voltar para casa de novo,
como teria desejo, a tal ponto fraquejam-lhe os membros.”
Dessa maneira eles dois entre si tais conceitos trocavam.
Vira-se Eurímaco para Penélope e diz o seguinte:
“Muito sensata Penélope, filha de Icário guerreiro,
se os Aqueus todos, que moram na Argólida Iásia, te vissem,
mais pretendentes terias, sem dúvida, aqui no palácio,
desde bem cedo, em banquetes, que as outras mulheres superas
não só na altura e esbelteza, senão na equidade do espírito.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
“Essas vantagens, Eurímaco, a forma do corpo e a beleza,
mas desfizeram os deuses no instante em que os homens Aquivos
com meu esposo Odisseu para Troia, em navio, partiram.
Mas, se ele viesse de novo e pudesse amparar-me cuidoso,
muito melhor me seria e mais fama, também, me coubera.
Ora aflições me acabrunham; demônio funesto me oprime.
Quando o momento chegou de afastar-se da pátria querida,
a mão direita Odisseu me tomou e me disse o seguinte:
‘Não me parece, mulher, que os Aquivos de grevas bem-feitas
possam de Troia voltar sem nenhuma lesão padecerem,
pois dizem todos que os homens Troianos são grandes guerreiros,
hábeis no jogo da lança e, também, no disparo das flechas

e no guiar os cavalos velozes, a causa precípua
do resultado feliz em qualquer indecisa batalha.
Por isso tudo, não sei se um dos deuses a vida me ampara,
ou se cairei lá por Troia. Da casa, portanto, te incumbe.
Toma, aqui dentro, incessante cuidado de meus pais idosos,
como até agora, ou melhor, pois me vou para longe da pátria.
Mas quando o filho, que temos, à idade viril for chegado,
casa com quem desejares, e deixa, de vez, o palácio.’
Isso disse ele, ao partir; ora tudo está a ponto de dar-se.
Já chega a noite que as núpcias odientas terão de aprestar-se,
triste de mim, a quem Zeus poderoso privou de ventura.
Mas uma nova aflição sinto agora, que o peito me oprime.
Antigamente, o costume era bem diferente do de hoje,
quando diversos a filha anelavam de um rico fidalgo,
uma mulher de nobreza, e em compita entre si a pleiteavam:
gordas ovelhas e bois eles próprios levar costumavam
para os parentes da noiva. Ofertavam, enfim, muitos mimos,
mas não gastavam impunes, desta arte, os haveres dos outros.”
Isso disse ela; alegrou-se Odisseu, sofredor de trabalhos,
por ver a esposa empregar lisonjeiras palavras, visando
deles ganhar uns presentes; mas outros desígnios guardava.
Disse-lhe Antínoo, nascido de Eupites, então, em resposta:
“Muito sensata Penélope, filha do Icário guerreiro,
ora te cumpre aceitar os presentes que os moços Aquivos
te oferecerem, que não fica bem recusar uma dádiva.
Pois não sairemos daqui, para os nossos domínios ou de outrem,
antes de ver-te casada com um dos Aqueus, o mais nobre.”
Esse o discurso de Antínoo, que a todos os outros agrada.
Cada um mandou seu arauto buscar o presente escolhido.
Um grande manto e bonito o de Antínoo traz logo consigo,
de colorido variado, com doze alfinetes ao todo,

de ouro maciço, munidos de estojos recurvos bem-feitos.
Um colar de ouro o de Eurímaco traz, de lavor admirável,
que como o Sol resplendia e era todo incrustado de electro.
De Euridamante os dois servos um par de pingentes lhe trazem,
de muita graça e esplendor, com três pérolas como cerejas.
Do filho nobre do chefe Políctor, Pisandro, o criado
traz gargantilha, uma joia de muito valor e trabalho.
Os outros chefes Aquivos valiosos presentes trouxeram.
Foi para os quartos de cima, em seguida, a divina senhora,
acompanhada das servas, que os belos presentes levavam.
Voltam os mais a dançar ao compasso do canto agradável,
a divertirem-se à espera de que fosse a noite chegada.
Quando, porém, veio a noite, estando eles, desta arte, em deleites
cuidam, sem perda de tempo, de pôr três braseiros na sala,
para aquecer e alumiar, circundando-os de lenha bem seca,
de há muito tempo, e, de há pouco, já em parte cortada com bronze,
com maravalha no meio. Alternadas a chama atiçavam
várias criadas do muito paciente Odisseu. Para algumas
destas se vira o divino Odisseu, de Zeus filho, e lhes fala:
“Servas do divo Odisseu, o senhor que há bem tempo está ausente,
para o palácio voltai, onde se acha a pudica senhora,
e procurai distraí-la, torcendo-lhe os fios no fuso,
ou penteando-lhe a lã, junto dela, pacientes, sentadas,
que eu cuidarei desta parte: de luz arranjar para todos,
pois, muito embora resolvam a Aurora esperar, de áureo trono,
não me fará diferença, que estou habituado aos trabalhos.”
Isso disse ele; as criadas puseram-se a rir, entreolhando-se;
mas, descortês, lhe responde Melanto, de rosto agradável,
filha de Dólio, mas pela prudente Penélope criada
como se filha lhe fosse, amimada com muitos presentes.
Não participa, contudo, da grande aflição de Penélope,

pois se tornara de Eurímaco amante, em conúbio amoroso.
Esta, portanto, a Odisseu insultou com palavras grosseiras:
“Hóspede mísero, quer parecer-me que o senso perdeste;
pois, em vez de ires dormir para a forja ou num público abrigo,
ficas aqui, a falar desse modo, sem nexo, na frente
de tantos homens, sem teres vergonha de tudo o que fazes.
Provavelmente tens vinho demais na cachola ou, quem sabe,
falas desta arte, sem nexo, por seres assim de nascença.
Ou devaneias por teres vencido aquele outro mendigo?
Toma cuidado, que alguém mais valente do que Iro não venha
para amassar-te a cabeça por todos os lados, com murros,
e do palácio jogar-te, com sangue a escorrer pelo corpo.”
Com torvo aspecto lhe disse, em resposta, Odisseu astucioso:
“Vou já contar, cadelinha, a Telêmaco tudo o que acabas
de me dizer, porque venha ele próprio cortar-te em pedaços.”
Muito assustadas as servas ficaram com essas palavras;
foram-se pelo palácio, sentindo que as pernas tremiam
de puro medo, pensando que tinha falado a verdade.
Junto, porém, dos braseiros foi ele postar-se, tranquilo,
para atiçá-los e tudo observar. Outros planos, no entanto,
na alma afagava, que cedo teriam de ser realizados.
Palas Atena, porém, não deixou que cessassem de todo
os pretendentes de injúrias lançar-lhe, que mais fundamente
o coração de Odisseu, de Laertes nascido, sofresse.
Vira-se Eurímaco, filho de Pólibo, aos outros e fala,
vituperando Odisseu, porque o riso aos demais provocasse:
“Ora me ouvi, pretendentes da muito afamada rainha,
quero dizer-vos o que a alma no peito a falar me concita.
Sem o concurso de um deus até aqui este pobre não veio,
pois me parece que o brilho dos fachos da própria cabeça
se lhe irradia; de fato, cabelo não tem, nem um fio.”

Disse; depois dirigiu-se a Odisseu, eversor de cidades:
"Se eu te quisesse, estrangeiro, aceitaras servir-me de criado,
bem para dentro, no campo — terias um lucro seguro —
a reparar os cercados, ou mesmo a plantar grandes árvores?
Nesse lugar, alimento copioso de mim obterias,
bem como roupa com que te vestisses, e fortes calçados.
Mas, visto teres somente aprendido a viver na preguiça,
hás de enjeitar o trabalho; preferes andar por aí tudo
a pedinchar com que possas encher esse ventre insaciável."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
"Se ambos, Eurímaco, aposta firmássemos para uma ceifa
na primavera, que é o tempo em que os dias mais longos se tornam,
dentro do campo de feno, estando eu com uma foice recurva
e tu com outra na mão, a apostarmos no rude trabalho,
ambos sem nada comer até a noite — e que o feno abundasse! —
ou se, em vez disso, uma junta de bois, dos melhores, nos fosse
dado guiar, corpulentos e fartos, de pelo brilhante,
da mesma idade e igual força, de nunca dobrada pujança,
em quatro jeiras de campo, e os torrões aos arados cedessem,
certo haverias de ver como um sulco direito eu traçara.
Ou, caso o filho de Crono mandasse, hoje mesmo, uma guerra
de qualquer parte, e um escudo eu tivesse, assim como duas lanças,
e um capacete de bronze, que às fontes bem justo me fosse,
certo haverias de ver como à frente de todos brigara,
sem que tivesses vontade de, assim, criticar o meu ventre.
Mas és de todo arrogante e no peito tens ânimo duro.
Provavelmente, presumes ser algo elevado e potente,
por conviveres com poucos que são desprovidos de força.
Se retornasse Odisseu, novamente, ao país de nascença,
esta abertura da porta, apesar de tão larga ser ela,
ainda pequena seria, ao fugires daqui para fora."

Disse; mais forte no peito de Eurímaco a cólera estua;
com torvo aspecto se vira e lhe diz as palavras aladas:
“Ah, miserável! Vou dar-te a resposta ao que dizes na frente
de tantos homens, sem teres vergonha de tudo o que fazes.
Provavelmente, tens vinho demais na cachola, ou, quem sabe,
falas desta arte, sem nexo, por seres assim de nascença.
Ou devaneias por teres vencido aquele outro mendigo?”
Ao dizer isso, atirou-lhe o escabelo; Odisseu, porém, logo
se desviou, abraçando-se aos joelhos de Anfínomo, o chefe
dos Duliquienses, com medo. Foi dar no escanção o escabelo
no braço destro, bem no alto, indo à terra, estrondando, a vasilha,
e o homem, gemendo, também, ressupino no meio da poeira.
Os pretendentes na sala sombria levantam tumulto;
uns para os outros palavras aladas, então, pronunciaram:
“Fora melhor que o estrangeiro errabundo tivesse morrido
antes de vir; não teria tão grande desordem causado.
Ora os mendigos nos fazem brigar; a alegria perdemos,
que costumávamos ter nos festins, dês que o ruim prevalece.”
Disse-lhes estas palavras o sacro poder de Telêmaco:
“Sois todos loucos, demônios? Não mais escondeis no imo peito
esses efeitos da mesa. Algum deus vos agita, por certo.
Já que comestes à farta, ide agora dormir à vontade,
se concordais, que eu, por mim, não expulso ninguém do palácio.”
Isso disse ele; os presentes morderam os lábios com força,
maravilhados de como Telêmaco a todos falara.
Vira-se, Anfínomo, então para os mais e, arengando, lhes fala,
o filho ilustre de Niso Arecíada, chefe notável:
“Caros amigos, ninguém, ante um dito tão bem-ponderado,
pode indignado mostrar-se e antepor-se com frases violentas.
Não deveis, pois, continuar a tratar desse modo o estrangeiro,
ou qualquer servo que more na casa do divo Odisseu.

Pela direita comece o escanção logo o vinho a servir-nos,
para libarmos e, após, irmos todos dormir, retornando.
Quanto ao mendigo, aqui dentro da sala ficar o deixemos;
já que lhe veio bater ao palácio, agasalhe-o Telêmaco.”
Isso disse ele; aos demais agradou tão sensato discurso.
Múlio, nas taças, então, para todos o vinho prepara,
servo, que era, de Anfínomo, e arauto nascido em Dulíquio.
Aproximando-se, as taças de todos enchia. Aos eternos
deuses libaram, bebendo depois o dulcíssimo vinho.
Isso, porém, terminado, e depois que à vontade beberam,
foram cuidar de dormir, procurando cada um seu palácio.

CANTO XIX

ENCONTRO DE PENÉLOPE E ODISSEU E A LAVAGEM DOS PÉS

“Com Telêmaco, Odisseu retira as armas. Diz à Penélope que é de Creta. A sua cicatriz é reconhecida por Euricleia quando esta lavava os seus pés. De passagem, o Poeta conta como no Parnaso, quando Odisseu caçava, foi ferido por um javali.” (Scholie P Q V)

Fica sozinho na sala Odisseu, sofredor de trabalhos,
a meditar, por influxo de Atena, no exício dos moços.
Súbito, para Telêmaco diz as palavras aladas:
“É necessário, Telêmaco, as armas levar para dentro,
sem faltar uma. E se, acaso, o motivo inquirirem curiosos
os pretendentes, com frases amigas assim lhes responde:
‘Pu-las bem longe do fogo, porque elas já não pareciam
as que, ao partir para Troia, o divino Odisseu nos deixara;
sujas estavam ficando, por causa da ação da fumaça.
Outra objeção mais valiosa lançou-me no espírito o Crônida:
que, pelo efeito do vinho, discórdia talvez se formasse
e que pudésseis ferir-vos, manchando, desta arte, os banquetes
e as pretensões com que viestes. Atrai aos guerreiros o ferro.’”

Do pai querido, Telêmaco, alegre, ao conselho obedece;
a ama Euricleia chamou, dando logo instruções a respeito:
"Nos aposentos, mãezinha, as mulheres detém desde agora,
pois de meu pai vou as armas na câmara pôr bem depressa.
Belas são todas, e se acham largadas e expostas ao fumo,
desde quando ele partiu, tendo eu muito menino ficado.
Ora pretendo guardá-las bem longe da ação da fumaça."
A ama querida, Euricleia, lhe disse, em resposta, o seguinte:
"Se fosse o dia chegado, meu filho, de teres juízo,
para cuidares da casa, assim como de toda a fazenda!
Mas, qual das servas te deve seguir, porque o facho te leve,
se não consentes que saiam? Qualquer poderia alumiar-te."
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
"Este estrangeiro me ajuda; inativo viver não consinto
quem do meu pão se alimenta, ainda mesmo que venha de longe."
Isso disse ele; nenhuma palavra ela, então, lhe replica,
indo fechar logo a porta da sala de boa feitura.
Sem mais demora eles dois, Odisseu e o brilhante Telêmaco,
para o interior transportaram os elmos e escudos boleados,
bem como as lanças pontudas. À frente dos dois avançava
Palas Atena com áurea candeia de luz inefável.
Com isso admirado, se vira Telêmaco e o pai interpela:
"Coisa realmente espantosa, meu pai, tenho agora ante os olhos,
pois, em verdade, as paredes da sala e os belíssimos nichos,
bem como as vigas de abeto e as colunas em que se sustentam,
brilham-me diante dos olhos, tal como se o fogo as queimasse.
Provavelmente um dos deuses do Olimpo se encontra aqui dentro."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
"Cala-te e guarda o que pensas; nenhuma pergunta me faças.
Este é o costume dos deuses, que moram no Olimpo muito amplo.
Vai, porém, logo deitar-te; desejo ficar por mais tempo,

para que as servas vigie e tua mãe ainda mais estimule,
que, na aflição em que se acha, há de muitas perguntas fazer-me.”
Isso disse ele; Telêmaco foi através da ampla sala,
iluminados os passos, a fim de ao seu quarto acolher-se,
onde soía dormir, quando o sono agradável lhe vinha.
Lá se deitou, aguardando que a Aurora divina chegasse.
Fica sozinho na sala Odisseu, sofredor de trabalhos,
a refletir, por influxo de Atena, no exício dos moços.
Desce, entrementes, do quarto de cima a sensata Penélope,
a Ártemis mui semelhante e a Afrodite, no porte e esbelteza.
Junto do fogo a poltrona torneada já haviam deixado,
em que ela sempre ficava, de prata e marfim, que há bem tempo
o fabro Icmálio construía, assim como o escabelo bem-feito,
para que os pés repousasse, de velo macio provido.
Nessa poltrona assentou-se a prudente e sensata Penélope.
Dos aposentos as servas vieram, de braços desnudos,
que recolheram o pão abundante, as mesas e os copos
todos, nos quais esses homens soberbos haviam bebido.
O fogo lançam, depois, para o chão, dos braseiros, que encheram
logo de muito mais lenha, porque alumiasse e aquecesse.
Para Odisseu novamente se vira Melanto e o censura:
“Té mesmo à noite, estrangeiro, pretendes mostrar-te importuno
e dar mil voltas na casa a espreitar o que as servas praticam?
Basta de tanto comer, miserável; procura a saída,
ou pela porta te jogo, atirando-te às costas esta acha.”
Com torvo aspecto lhe diz o divino e sofrido Odisseu:
“Por que motivo, demônia, embirraste comigo e me ofendes?
Por estar sujo, talvez, e vestir estes trapos imundos,
e pedinchar entre o povo? O Destino me força a fazê-lo.
Os vagabundos e os pobres têm todos a mesma aparência.
Pois eu, também, já morei entre os homens em casa opulenta,

muito feliz, onde esmola a qualquer peregrino, então, dava,
sem perguntar quem ele era e a que fora, esmolando, até a casa.
Muitas escravas possuía, bem como abundantes riquezas,
dessas que fazem os homens ditosos, com fama de ricos.
Mas a desgraça enviou-me Zeus Crônida — qui-lo desta arte.
Não te aconteça, mulher, todo o brilho lastimes,
quando perdido, que tanto te exalta entre as outras agora.
Que a indignação da senhora a cair sobre ti não venha hoje,
ou não retorne Odisseu, que ainda é lícito, certo, esperar-se.
Mesmo, porém, que já tenha morrido e não mais torne à pátria,
pela vontade de Apolo, deixou-nos um filho do porte
do seu Telêmaco, a quem o ruim proceder não escapa
de serva alguma da casa, uma vez que já está bem crescido.”
Pela sensata Penélope foi escutado o que disse.
Vira-se então, para a serva e, desta arte, a repreende indignada:
“Desvergonhada cadela, esse teu proceder indecente
não me escapou; empenhaste, com isso, tua própria cabeça.
Bem o sabias, por teres de mim pessoalmente escutado,
que desejava falar no meu quarto com esse estrangeiro
sobre o meu caro consorte, por quem tanto tenho sofrido.”
E à despenseira virando-se, Eurínoma, diz o seguinte:
“Uma cadeira nos traze aqui, Eurínoma, e a cobre com velo,
para que possa o estrangeiro assentar-se e escutar o que digo,
e responder-me, que muitas perguntas pretendo fazer-lhe.”
Isso disse ela, apressando-se a escrava a trazer a cadeira
bem-torneada, por cima da qual estendeu um bom velo.
Veio, então, nela assentar-se Odisseu, sofredor de trabalhos.
Dá logo início ao discurso a sensata e prudente Penélope:
“Ora pretendo fazer-te, estrangeiro, umas tantas perguntas.
Qual o teu povo e o teu nome, teus pais, a cidade em que moras?”
Disse-lhe, então, em resposta, o prudente e sofrido Odisseu:

“Nobre mulher, nenhum homem te pode lançar qualquer pecha,
em toda a terra, por ter atingido tua glória o céu vasto,
como se fora de rei sem defeitos e aos deuses temente,
que sobre muitos e fortes vassalos domínio tivesse
e distribuísse a justiça. O chão negro produz-lhe abundante
trigo e cevada, vergadas de frutos as árvores grandes;
constantemente, lhe dá peixe o mar, as ovelhas dão cria,
pelo governo excelente, feliz encontrando-se o povo.
Por isso mesmo, em tua casa interrogas-me acerca de tudo,
mas não me faças perguntas respeito a meus pais, minha pátria,
para que não me renoves as dores que o peito me oprimem,
com recordá-las. Sou muito infeliz, e não fica decente
em casa alheia me pôr a chorar e contar muitas dores,
pois causa enfado viver sempre a gente a falar em desgraças.
Não aconteça que as servas me façam censura, ou tu própria,
por presumir que a embriaguez é que os olhos me inunda de lágrimas.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
“Hóspede, tantas vantagens, a forma do corpo e a beleza,
mas desfizeram os deuses no instante em que os homens Aquivos
como meu esposo Odisseu para Troia, em navio, partiram.
Mas, se ele viesse de novo e pudesse amparar-me, cuidoso,
muito melhor seria e mais fama, também, me coubera.
Ora aflições me acabrunham; demônio funesto me oprime.
Quantos senhores dominam possantes nas ilhas de em torno,
não só em Samo, também em Dulíquio e Zacinto selvosa,
ou mesmo em Ítaca, ao longe visível, o mando repartem,
querem que à força me case, e meus bens, sem cessar, dilapidam.
Esse o motivo de não me importar com mendigos e estranhos,
nem com arautos, que sempre se ocupam nas lides do povo.
Sinto, porém, de Odisseu infinita saudade no peito.
O casamento eles todos exigem; com dolo me escuso.

Primeiramente, um tear construir inspirou-me um dos deuses.
Tendo estendido no quarto uma tela sutil e assaz grande,
pus-me a tecer, enganando-os, depois, com fingidas palavras:
‘Jovens, porque já não vive Odisseu, me quereis como esposa.
Mas não insteis sobre as núpcias, conquanto vos veja impacientes,
té que termine este pano, não vá tanto fio estragar-se,
para a mortalha de Laertes herói, quando a Moira funesta
da Morte assaz dolorosa o colher e fizer extinguir-se.
Que por Aquiva nenhuma jamais censurada me veja
por enterrar sem mortalha quem soube viver na opulência.’
Dessa maneira falei, convencendo-lhes o ânimo altivo.
Passo, depois, a tecer nova tela mui grande, de dia;
à luz dos fachos, porém, pela noite desteço o trabalho.
Três anos isso; como dolo consigo embair os Acaios.
Mas quando o quarto chegou, das sazões no decurso do estilo,
ao se acabarem os meses, e os dias, por fim, se alongarem,
por intermédio das criadas, cachorras sem pingo de medo,
fui surpreendida por eles, que muitas censuras me fazem,
tendo-me visto obrigada a acabar o trabalho, por força.
Ora não mais posso às núpcias fugir, nem achar nenhum outro
plano que ao caso me sirva. Meus pais, sem cessar, me compelem
a que me case; meu filho se mostra indignado ante o gasto
de seus haveres, por isso que é já mui capaz da gerência
da própria casa, que Zeus abençoe com próspera fama.
Ora revela-me a tua ascendência, e que origem tem ela,
pois de um carvalho famoso não vens, nem das pedras, por certo.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Ó venerável esposa do herói Odisseu Laercíada,
não desististe, pois não, de saber de que gente provenho?
Vou revelar-te, conquanto isso sirva de acréscimo às dores
que me acabrunham, o que sempre se dá quando, longe da pátria,

um forasteiro, como eu, tanto tempo se encontra vagando
pelas cidades dos homens mortais, a passar infortúnios.
Mas, afinal, o que tanto desejas saber vou contar-te.
“Creta é uma terra que se acha no meio do mar cor de vinho,
bela e fecunda, cercada por ondas. Inúmeros homens,
quase infinitos, lá moram, formando noventa cidades,
com grande mescla de línguas. Acaios ali são contados,
os verdadeiros Cretenses de espírito grande, Cidônios,
Dórios de três gerações diferentes, e os divos Pelasgos.
Entre as cidades se nota a de Cnosso, a opulenta, onde Minos,
o confidente de Zeus, o comando exerceu por nove anos,
Minos, o pai de meu pai Deucalião, de magnânimo peito,
que a Idomeneu, grande príncipe, teve, também, como filho.
Este, porém, nos navios bojudos se foi para Troia
com os Atridas. O nome famoso puseram-me de Étone,
sou o mais novo; forte era esse Idomeneu, e do que eu mais idoso.
Foi lá que eu vi a Odisseu, e lhe dei hospital agasalho,
pois a violência do vento o forçara a chegar até Creta,
quando dobrava o Maleia, na rota das plagas de Troia.
O seu navio fez ele no Amnio ancorar, bem na gruta
das Ilitiias, um porto arriscado, ao fugir da tormenta.
De Idomeneu procurou saber logo, à cidade subindo,
pois sustentava ser-lhe hóspede amigo e por ele acatado.
Mas já se haviam passado dez dias, ou mesmo outro ainda,
dês que ele fora em navios recurvos na rota de Troia.
Em minha casa Odisseu acolhi e hospital agasalho
lhe dei com todo o carinho, pois tínhamos casa mui farta.
Para os demais companheiros do herói, que formavam seu séquito,
vinho brilhante e cevada angariei facilmente entre o povo,
bem como bois para o corte, porque lhes saciasse o apetite.
Por doze dias os divos Acaios ali demoraram,

que o vento Bóreas violento os prendia, tão forte, que em terra
mal se podia de pé resistir; um demônio o açulava.
Mas no seguinte acalmou; logo todos ao mar se fizeram.”
Muita inverdade dizia, com mostras de fatos verídicos.
Ouve-o Penélope; a flux pelo rosto lhe escorrem as lágrimas.
Tal como a cândida neve reunida, por Euro desfaz-se
pelas cumeadas dos montes, tocada do sopro de Zéfiro,
e, derretendo-se, aumenta, de pronto, a corrente dos rios:
dessa maneira esfazia-se em choro seu belo semblante,
pelo marido que ao lado lhe estava. Odisseu, em verdade,
muito sentia por ver a mulher, desse modo, chorando.
Mas conseguiu manter firmes os olhos nas pálpebras firmes,
como se fosse de chifre ou de ferro, a emoção escondendo.
Quando Penélope, alfim, de gemer e chorar ficou lassa,
vira-se para o mendigo outra vez e lhe diz o seguinte:
“Ora pretendo, estrangeiro, fazer uma prova contigo:
se em teu palácio, realmente, com seus companheiros divinos,
a meu esposo hospedaste, conforme te ouvi ainda há pouco,
dize-me, então, qual a roupa que tinha vestida no corpo?
Qual era a sua aparência e a dos homens que foram com ele?”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“É bem difícil, mulher, acertar com minúcias, agora,
pós tanto tempo de ausência, pois são decorridos vinte anos
dês que de Creta partiu, tendo a pátria querida deixado.
Vou descrever-te, contudo, tal como o figuro no espírito.
Manto purpúreo, de lã, envergava o divino Odisseu,
muito amplo e cômodo, preso por áureo colchete vistoso,
de duplo encaixe, com joia admirável na parte da frente:
um cão sustinha nas patas da frente uma corça listrada,
que estrebuchava. Ante o grupo nós todos sentíamos pasmo:
como, sendo ouro, podia o mastim prear a corça e esganá-la?

E como a corça tentava fugir, a espernear tanto e tanto?
Vi que vestia, também, uma túnica muito brilhante,
que parecia a porção mais de fora e sutil da cebola,
tão delicado era o todo, assim como do Sol alto brilho.
Muitas mulheres, ali, se juntaram, louvando o trabalho.
Ora outra coisa te vou relatar; guarda-a bem no imo peito:
Não sei se quando partiu já levava Odisseu essa roupa,
ou se lha deu qualquer sócio ao se achar no navio veloce,
ou mesmo algum dos seus hóspedes, pois Odisseu possuía
muitos amigos; bem raros Aqueus se igualavam com ele.
De minha parte uma espada de bronze lhe dei, mais um grande
manto, bonito e purpúreo, e uma túnica toda franjada,
tendo-o levado ao navio, cercado do apreço devido.
Acompanhava-o, também, um arauto de poucos mais anos
do que Odisseu, de quem vou relatar-te a exterior aparência.
Era encurvado, de cute queimada e os cabelos bem crespos,
e tinha o nome de Euríbates. Mais que a qualquer dos consócios
lhe consagrava Odisseu afeição, por lhe ser dedicado."
Isso disse ele. Penélope sente aflição mais pungente
à indicação, que lhe ouvira, de tantos sinais verdadeiros.
Quando cansou de gemer e chorar, a saudosa consorte,
vira-se para o mendigo e lhe diz as seguintes palavras:
"Té no momento presente, estrangeiro, aqui em casa excitaste
só compaixão; mas agora serás, como amigo, estimado.
Esses vestidos, que dizes, presentes de mim foram todos,
e, mais, na câmara, eu mesma os dobrei e lhes pus a fivela
como ornamento. Jamais poderei recebê-lo de novo,
quando voltar para casa e ao querido país de nascença.
Sim, seu destino funesto o levou no navio escavado
para essa Troia infeliz, cujo nome dizer não consigo."
Disse-lhe, então, em resposta Odisseu, o guerreiro solerte:

“Ó venerável esposa do herói Odisseu Laercíada,
não mais se nuble teu belo semblante, nem tanto te aflijas
por teu marido, conquanto não possa censura fazer-te.
Toda mulher chora a perda, em verdade, do esposo legítimo
de menor fama, de quem teve filhos em laço afetivo.
Mas Odisseu, dizem todos, um deus imortal parecia.
Cessa, porém, de chorar, e concede atenção ao que digo.
Hei de falar-te conforme a verdade, sem nada esconder-te.
Já tive, certo, notícia da volta do herói Odisseu,
que se acha perto, na terra fecunda dos homens Tesprotos,
ainda com vida, e conduz para casa preciosos tesouros,
que em toda parte angariou. Mas a nau de costado escavado
e os companheiros queridos, perdeu-os no mar cor de vinho,
ao se afastar da Trinácria. Indignado contra eles se achava
Zeus e o Hiperiônio, [25] por terem deste último as vacas matado.
Todos a Morte encontraram no meio das ondas furiosas.
Ele, porém, preso à quilha, jogado se viu contra a praia
da região dos Feácios, que são descendentes dos deuses.
Estes o honraram de jeito, qual fosse ele próprio um dos deuses,
e o cumularam com muitos presentes, dispostos, ainda,
a repatriá-lo sem dano. Há bem tempo pudera Odisseu
já ter voltado; mas no imo do peito julgou preferível
por muitas terras viajar, angariando riquezas sem conta,
de tal maneira ultrapassa Odisseu na inventiva de astúcias
os homens todos; nenhum dos mortais rivaliza com ele.
O rei Fidão, dos valentes Tesprotos, foi quem me disse isso;
fez ele próprio uma jura solerte, ao libar no palácio,
que já se achava lançado o navio e nos postos os homens,
que para a terra da pátria o deviam levar de retorno.
Mas, antes disso, mandou-me de volta que, acaso, uma nave
para Dulíquio, de trigo abundante, partiu com Tesprotos.

Lá me mostrou quanto havia Odisseu de riquezas reunido,
que opulentar poderiam té dez gerações sucessivas;
tal era a cópia de bens, que do rei no palácio se achavam.
Disse, também, que a Dodona ele fora com o fim de o conselho
de Zeus ouvir no divino carvalho de cimo elevado,
sobre a maneira melhor, pois ausente se achava há bem tempo,
de como à pátria voltar: claramente ou por modo encoberto.
Por isso tudo te afirmo que vive e que está de retorno,
já muito perto; não há de ficar por mais tempo afastado
da cara pátria, nem, logo, dos seus. Ouve jura solene:
Que Zeus o saiba primeiro, o melhor e o mais forte dos deuses,
bem como o lar de Odisseu impecável, a que ora hei chegado,
como haverá de se dar isso tudo, do modo que o digo:
ainda no curso deste ano há de vir Odisseu de retorno,
antes de a lua apagar-se e ficar novamente redonda."
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
"Oh, se realmente, estrangeiro, isso tudo chegasse a cumprir-se!
Em pouco tempo haverias de obter tão preciosos presentes,
minha amizade, que quantos te vissem, feliz te julgassem.
Meu coração, porém, sente o que se há de passar, em verdade:
Nem Odisseu voltará para casa, nem tu para a pátria
conseguirás companheiros, porque não se encontra aqui chefe
como Odisseu foi outrora entre os homens — se o foi nalgum tempo! —
quando podia acolher os amigos e dar-lhes escolta.
Mas ide, servas, lavar o estrangeiro e um bom leito aprestai-lhe,
com bons colchões e cobertas, assim como mantos brilhantes,
para que possa, aquecido, esperar pela vinda da Aurora.
E, logo pela manhã, dai-lhe um banho, esfregando-o com óleo,
para que possa almoçar, lado a lado do caro Telêmaco,
dentro da sala sentado. E ai de quem pretender ofendê-lo,
ou procurar ameaçá-lo! Não mais obterá coisa alguma,

por mais que queira, ou por muito irritado que venha a mostrar-se.
Pois de que modo, estrangeiro, puderas saber que supero
todas as outras mulheres, em juízo não só, em prudência,
se te deixasse tão sujo e rasgado, desta arte, na sala
para almoçar? É bem curta, sem dúvida, a vida dos homens.
Quem é grosseiro e com os outros somente asperezas pratica,
imprecações só recolhe de todos os homens terrenos,
enquanto vivo; depois que se fina, maldizem-no todos.
Mas, quem se mostra benigno e só sabe espalhar benefícios,
os estrangeiros a fama excelente por longe lhe exaltam
entre os mortais, sendo muitos os homens que nobre lhe chamam.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Ó veneranda consorte do nobre Odisseu Laercíada!
Os cobertores macios e as colchas de brilho agradável
ódio despertam em mim, dês que os montes de Creta nevosos
abandonei, com subir a um navio de remos compridos.
Deixa-me a noite passar como sempre costumo, acordado,
pois já fiquei muitas delas deitado num mísero catre,
sem fazer mais que esperar pela Aurora de trono dourado.
Nem é possível, tampouco, que os pés em lavar eu consinta,
como ordenaste. Nenhuma mulher há de neles tocar-me,
de todas essas criadas, que servem aqui no palácio,
a menos que se encontrasse uma velha, bem velha e zelosa,
que muito na alma já tenha sofrido torturas das minhas.
A essa não faço nenhuma objeção de nos pés vir tocar-me.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
“Caro estrangeiro, ninguém, como tu, demonstrou tanto senso,
de quantos hóspedes vêm a esta casa, de longes paragens.
Todas as tuas palavras revelam prudência e cordura.
Sim, tenho em casa uma velha dotada de espírito justo,
que serviu de ama a Odisseu, o infeliz, e o criou dedicada,

desde o momento do parto, ao lho pôr a mãe dele nos braços.
Ela, conquanto mui fraca, há de os pés, cuidadosa, lavar-te.
Vamos, prudente Euricleia, levanta-te e os pés lava presto
de quem a idade atingiu de teu amo. Odisseu, atualmente,
as mãos assim há de ter, esta forma de pés, porventura,
pois na desgraça, de fato, os mortais envelhecem depressa."
Disse Penélope. O rosto cobriu com as mãos logo a velha;
e a derramar quentes lágrimas, entre suspiros se exprime:
"Pobre de mim, filho, pois sou incapaz! Em verdade Zeus Crônida
mais do que os outros te odeia, apesar de piedoso tu seres.
Sim, entre todos os homens, ninguém tantas coxas a Zeus
fulminador of'receu e hecatombes de reses seletas,
como o fizeste, com súplicas, para que a ti fosse dado
a sã velhice atingir e educar o teu filho preclaro.
A ti, somente, em vez disso, privou-te do dia da volta.
Provavelmente, ele se acha, também, num palácio distante,
muito opulento, e as escravas da casa lhe atiram remoques,
como fizeram contigo, estrangeiro, ainda há pouco, estas pestes.
Para fugir à vergonha e evitar os insultos, recusas
que os pés te lavem; mas eu de boamente obedeço ao mandado
da nobre filha de Icário, a prudente e sensata Penélope.
Em atenção a Penélope, bem como a ti, me disponho
a os pés lavar-te, porque me abalaste com teus sofrimentos
o coração. Mas atente, antes disso, ao que vou relatar-te:
A este palácio têm vindo bastantes mendigos de longe,
mas nunca vi semelhança tão grande como essa que mostras
com Odisseu, não somente no corpo, nos pés e na fala."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
"Velha, realmente, isso mesmo as pessoas que juntos nos viam
nos afirmavam, pasmados de tão singular parecença,
tal como agora tu própria o observaste com muita justeza."

Isso disse ele; a bacia brilhante ela, logo, segura,
na qual os pés costumavam lavar, e deitou bastante água
fria, ajuntando, em seguida, água quente. Odisseu, entretanto,
longe do lar se assentou, procurando ficar mais na sombra,
pois receou que Euricleia, ao tocar-lhe na perna, pudesse
a cicatriz conhecer e, assim, tudo ficar descoberto.
Aproximando-se dele, a ama pôs-se a lavá-lo; mas logo
a marca viu, conhecendo-a, que um porco-do-mato causara,
quando ele a Autólico e aos filhos outrora visita fizera,
lá no Parnaso. Era o pai de sua mãe, conhecido entre os homens
pelos perjúrios e roubos, a que Hermes atreito o fizera,
Hermes, a quem sacrifícios mui gratos fazia de coxas
de cordeirinhos e cabras. O deus, mui de grado, o amparava.
Quando uma vez veio Autólico à terra fecunda do Neio,
Ítaca, tinha, de pouco, à sua filha uma criança nascido.
Do avô nos braços, a velha Euricleia, depois que cearam,
pôs o pimpolho, dizendo as seguintes palavras aladas:
"O nome, Autólico, deves tu próprio encontrar, que há de dar-se
ao filho caro da filha, o qual tanto, ansioso, esperavas."
Vira-se Autólico, então, e lhe diz o seguinte, em resposta:
"Filha querida e meu genro, ora o nome, que digo, lhe ponde.
Vim até aqui despertando inimigos por todo o caminho,
homens não só, mas mulheres, na terra de solo fecundo.
Ora Odisseu lhe chamai, 'que tem ódio', [26] há de ter esse nome.
E, adolescente, ao fazer-nos visita ao palácio materno,
junto do monte Parnaso, onde muitas riquezas conservo,
hei de lhe dar parte delas, que alegre de nós se despeça."
Por causa, pois, dos presentes, visita Odisseu lhe fizera.
Foi por Autólico e os filhos, com grande alegria, saudado,
muitos apertos de mão e palavras de pura amizade.
A avó materna, também, Anfiteia, abraçou a Odisseu

e lhe depôs muitos beijos na testa e nos olhos brilhantes.
Foi por Autólico, então, ordenado a seus filhos ilustres
que a refeição preparassem, o que, obedientes, fizeram.
Um boi de quase cinco anos, do campo, depressa trouxeram,
que, sem mais perda de tempo, esfolaram, cortando-o em pedaços.
As postas, pois, assim feitas, com arte no espeto puseram
e as distribuíram, depois de tostadas com muito cuidado.
Dessa maneira, portanto, até o Sol no ocidente deitar-se,
banquetearam-se todos, à larga, sem falta sentirem.
Logo que o Sol se acolheu e o crepúsculo à terra estendeu-se,
foram deitar-se, gozando o agradável presente do sono.
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,
os filhos todos de Autólico foram caçar, juntamente
com o divino Odisseu. Barulhenta matilha levavam.
O pico logo atingiram do monte Parnaso, coberto
de mata espessa, e as gargantas batidas por ventos uivantes.
Nesse entrementes o Sol se elevara do Oceano profundo,
de curso plácido, e a terra alumiava com luz irradiante.
Os caçadores a mata alcançaram; os cães os precedem,
todos no rastro da caça. Por último os filhos seguiam
do grande Autólico, sócios do divo Odisseu, que agitava,
não muito longe da inquieta matilha, um venábulo grande.
Um javali vigoroso se achava na mata escondido,
onde nos úmidos ventos o sopro atingir não podia,
nem com seus raios brilhantes o Solo local clareava,
nem mesmo a chuva até lá penetrava, por tal modo unidos
eram os galhos, e tantas as folhas, em montes, no solo.
Ao javali já chegara o barulho dos passos dos homens
e da matilha. Avançando, então, logo, do fundo da mata,
com cerdas muito eriçadas, lançando faúlhas dos olhos,
veio postar-se bem perto de todos. O herói Odisseu

foi o primeiro a saltar, na mão forte brandindo o venábulo,
mui desejoso de a fera matar. Mas, num salto de lado,
o javali foi mordê-lo por cima do joelho, onde lanho
fundo na carne lhe fez, que, no entanto, não foi até o osso.
Mas Odisseu o atingiu bem no meio da espádua direita,
indo sair do outro lado o pontudo e brilhante venábulo.
Dando um gemido, caiu sobre a poeira, onde a vida o abandona.
Os caros filhos de Autólico vieram cercá-lo, afanados,
e do divino Odisseu, o impecável herói, a ferida
com bem perícia amarraram, fazendo que o sangue parasse
com esconjuros, levando-o, depois, para a casa de Autólico.
Foi por Autólico e os filhos queridos ali bem-tratado,
té que sarasse de todo. Depois, com presentes magníficos
alegremente o enviaram de volta ao país de nascença,
Ítaca, ao longe visível; o pai e a pudica senhora
o receberam contentes, de tudo inquirindo e do modo
como cicatriz e desastre se deram. Ele fez descrição
do javali de recurvos colmilhos, de quanto ocorrera
quando caçava no monte Parnaso com os filhos de Autólico.
A cicatriz de Odisseu, Euricleia, ao tocá-la, no banho,
reconheceu, o que fez que soltasse das mãos logo a perna.
Esta bateu na bacia, fazendo que o bronze ressoasse
e se inclinasse de lado, jogando toda a água no solo.
Dor e alegria, a um só tempo, abalavam-lhe o peito; de lágrimas
os olhos se enchem, sem que conseguisse emitir a voz forte.
Toca no queixo do divo Odisseu e lhe diz o seguinte:
“És Odisseu, caro filho, não tenho mais dúvida: nunca
fora possível sabê-lo, sem que em meu senhor eu tocasse.”
Isso disse ela, virando-se para onde estava Penélope,
de revelar desejosa que o esposo se achava ali dentro.
Esta, porém, não na via, nem mesmo atenção lhe prestava,

que tinha sido por Palas desviada. Odisseu, entrementes,
a mão direita lançou-lhe à garganta, apertando com força;
com a sinistra a puxou para perto e lhe disse o seguinte:
“Mãe, queres ver-me perdido? Tu própria me criaste nos peitos,
quando pequeno. Ora volto, depois de trabalhos sem conta
e de vinte anos passados, de novo ao país de nascença.
Mas, uma vez que um dos deuses te fez conhecer-me no espírito,
cala-te, e que ninguém mais, no palácio, a saber isso venha.
Vou revelar-te, com toda a clareza, o que vai ser cumprido:
Se os pretendentes ilustres me der um dos deuses que eu mate,
não pouparei nem a ti, muito embora me tenhas criado,
quando chegar o momento de as servas matar no palácio.”
Disse-lhe, então, Euricleia sensata, em resposta, o seguinte:
“Filho, por que tais palavras deixaste escapar dessa boca?
Bem sabes quanto em meu peito a vontade é inquebrável e forte.
Como se fosse de pedra e de ferro hei de firme mostrar-me.
Ora outra coisa te vou relatar, guarda-a bem no imo peito.
Se os pretendentes ilustres um deus permitir que sucumbam,
a relação hei de dar-te de todas as servas da casa,
porque conheças as que te desprezam e as que não têm culpa.”
Disse-lhe, então, em resposta Odisseu, o guerreiro solerte:
“Mãe, para que nomeá-las tu própria? Não é necessário.
Eu mesmo quero de tudo inteirar-me e observar a elas todas.
Ora convém silenciar e mostrar confiança nos deuses.”
Isso disse ele. Euricleia atravessa de novo a ampla sala
para mais água buscar, por se ter derramado a primeira.
Logo depois de lavado e de ungido com óleo mui fino,
para mais perto do fogo Odisseu puxa o assento de novo;
vem aquecer-se, depois de esconder nos andrajos a marca.
Põe-se a falar novamente a sensata Penélope, e disse:
“Poucas perguntas, ainda, desejo fazer-te, estrangeiro,

pois dentro em breve o momento é chegado do grato descanso,
para quem possa dormir, ainda mesmo que tenha desgostos.
Dor infinita um demônio me fez que coubesse por sorte,
pois passo os dias, conquanto me aprazam lamentos e dores,
a ver os próprios trabalhos e as servas de perto vigiando.
Mas, quando a noite nos chega, em que todos ao sono se entregam,
vou para o leito, onde em barda assaltada me vejo por graves
tribulações, que me afligem o peito, forçando-me ao pranto.
Do mesmo modo que Aédona, a filha de Pandareu, quando
a primavera nos chega, entre a copa folhuda das árvores
pálida põe-se a cantar, modulando suaves queixumes,
um canto triste e variado, que muda, constante, de ritmo,
a se carpir pelo filho que teve de Zeto potente,
Ítilo caro, que a bronze matara, do senso privada:
do mesmo modo meu peito flutua entre opostos desígnios,
o de ficar junto ao filho, a zelar pelos bens, que possuímos,
minha fazenda, as escravas da casa e o palácio magnífico,
fiel sempre ao leito do esposo e acatando o conceito do povo,
e o de seguir, como esposa, o mais nobre dos moços Aquivos,
que me pretendem, aquele que dons mais preciosos trouxer-me.
Sim, pois enquanto meu filho era criança e de mente indecisa,
não me deixava casar nem sair do palácio do esposo;
ora, porém, que está grande e alcançou o pleno viço da idade,
é ele que pede insistente que deixe, de vez, o palácio,
para poupar-lhe a fazenda, que os moços Aquivos devoram.
Mas presta, agora, atenção a este sonho e interpreta-lhe o senso.
Duas dezenas de gansos aqui no palácio criamos,
que da água o trigo retiram, dileto espetác’lo a meus olhos.
Vi que descia dos montes uma águia de bico recurvo,
que a todos eles quebrou o pescoço, matando-os. Num monte
mortos ficaram, na casa, enquanto a águia para o éter retorna.

Pus-me, no sonho, a gemer e a chorar; as mulheres aquivas,
de belas tranças ornadas, à volta de mim se postavam,
pois me afligia bastante, por ver os meus gansos sem vida.
A águia, porém, retornando, na trave mais alta se assenta,
donde, com voz de mortal, procurava a aflição acalmar-me:
'Fica tranquila, Penélope, filha de Icário famoso;
antecipada verdade foi tudo, não sonho ilusório:
os pretendentes, aqui, são os gansos; eu próprio, fui a águia,
mas ora sou teu marido, que a casa de novo retorna,
para aprestar a eles todos um mísero e triste destino.'
Isso disse a águia, no tempo em que o sono se foi agradável.
Olho de novo ao redor do palácio, onde os gansos revejo,
que pelos tanques o trigo bicavam, tal como era de uso."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
"Nobre senhora, nenhuma razão se me antolha de o sonho
interpretar por maneira diversa, uma vez que Odisseu
disse o que se há de cumprir: a total destruição já ameaça
aos pretendentes, sem que nenhum fuja ao Destino funesto."
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
"Inexplicáveis, de fato, estrangeiro, são todos os sonhos,
faltos de senso, sem que se realize o que aos homens predizem.
Duas espécies de portas existem, dos sonhos falazes:
uma é de chifre composta; de puro marfim a segunda.
Os sonhos, pois, que nos vêm através do marfim trabalhado,
são aparência enganosa e nos falam de coisas vazias;
mas os que vêm através dos batentes de chifre polido,
para os que os veem, verdade anunciam de coisas futuras.
Mas não presumo que o sonho terrível me tenha chegado
por esta porta; demais agradável me fora e a meu filho.
Ora outra coisa te quero dizer, guarda-a bem no imo peito:
Já se aproxima a manhã detestável que há de expulsar-me

deste palácio. Por isso resolvo propor um certame,
das machadinhas, tal como fazer Odisseu costumava:
punha-as em fila, no jeito de estacas de nau, doze ao todo.
Ele, de longe, através dos anéis atirava uma flecha.
Aos pretendentes, agora, pretendo propor esse jogo.
Quem conseguir facilmente passar no arco a corda, encurvando-o,
e remessar, logo após, pelos doze orifícios a seta,
a esse estou pronta a seguir como esposa, deixando o palácio
do meu primeiro marido, tão belo e com tantas riquezas,
que na memória hei de ter sempre vivo, até mesmo nos sonhos.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Ó veneranda consorte do divo Odisseu Laercíada!
Não te demores mais tempo em propor esse jogo aqui em casa,
pois o solerte Odisseu há de vir ao palácio em pessoa,
antes de os moços neste arco poderem tocar trabalhado;
ele há de a corda passar-lhe e mandar pelo ferro uma seta.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
“Caro estrangeiro, quisesses ficar ao meu lado na sala,
a deleitar-me, jamais baixaria a meus olhos o sono.
Mas é impossível aos homens ficar desse modo, acordados
por muito tempo, que os deuses eternos aos homens terrenos
ordem puseram em tudo, na terra de solo fecundo.
Ora já estou resolvida a voltar para o quarto de cima,
e no meu leito deitar-me, que tantos suspiros ouviu-me
e que umedeço, contínuo, com lágrimas, dês que Odisseu
foi para a Troia infeliz, cujo nome dizer não consigo.
Vou repousar. Tu, também, cuida logo de um leito aprestar-te,
sobre o chão duro o prepara, ou consente que as servas o aprestem.”
Para o aposento esplendente, depois de falar, subiu logo,
mas não sozinha, que duas criadas ao lado a acompanham.
Na companhia das servas subiu para os quartos de cima,

para chorar pelo caro marido, Odisseu, té que sono
muito tranquilo nos olhos lhe Palas Atena vertesse.

CANTO XX

ACERCA DA MORTE DOS PRETENDENTES

“Odisseu, primeiro pensando em matar as serventes que se uniram aos pretendentes, muda de opinião. Então, conversa com Eumeu e Filécio. Enquanto isso, os pretendentes se reúnem.” (Scholie P Q V)

Fez no vestíbulo o leito Odisseu, sofredor de trabalhos;
por baixo pôs uma pele de boi, não curtida, cobrindo-a
com muitas peles de ovelhas, que os moços Aqueus imolaram.
Um manto Eurínoma deita por cima do herói em repouso.
Dos pretendentes a ruína Odisseu meditava no espírito,
sem pregar olhos. Da sala as criadas vêm vindo, as que, havia
muito, soíam unir-se aos Aqueus de conduta insolente,
por entre muitas risadas, trocando conceitos jocosos.
O coração no imo peito Odisseu acalmar não podia,
a revolver vários planos, em dúvida, dentro do espírito,
se se lançasse sobre elas, e a todas a Morte aprestasse,
ou se deixasse que aos moços soberbos nesta última noite
se misturassem. No peito ladrava-lhe em saltos contínuos
o coração, como faz a cachorra que à roda dos filhos
salta furiosa, ladrando, ao sentir gente estranha que chega:

o coração, deste modo, bramia, ante aquela vileza.
Bate, indignado, no peito e a si próprio, desta arte, se exprime:
"Sê, coração, paciente, pois vida mais baixa e mesquinha
já suportaste, ao comer o Ciclope, de força invencível,
os companheiros queridos. Mas tudo aguentaste, até seres
por meus ardis libertado da furna, ao pensarmos na Morte."
Ao coração, desse modo, advertia, no peito querido.
Obedecido foi logo com grande e paciente constância.
Mas Odisseu se atirava de um lado para o outro do leito.
Do mesmo modo que alguém sobre as chamas um bucho revira,
cheio de sangue e gordura, sem pausa, de um lado para o outro,
só desejando que assado a contento, depressa, ele fique;
por esse modo Odisseu se virava, a seus planos entregue,
de como fosse possível vencer a esses moços soberbos,
conquanto um só contra muitos. Atena ao pé dele se posta,
tendo baixado do céu pós tomar de mulher a aparência.
Fica-lhe junto à cabeça e lhe diz as seguintes palavras:
"Ainda acordado te encontras, varão mais que todos sofrido?
Não é tua casa esta aqui? Nela tens a consorte e o filhinho,
de viço tal, como todos quiseram lhes fossem os filhos."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
"São razoáveis, ó deusa, estas tuas palavras de agora.
Um pensamento, porém, sem cessar no meu peito revolvo:
De que maneira me seja possível vencer a estes todos,
sendo eu um só, se eles sempre, aqui dentro, reunidos se encontram?
Ainda mais grave cuidado, do que esse, me aflige incessante:
Mesmo que os mate, por tua vontade e de Zeus poderoso,
como salvar-me, depois? Nesse ponto, te peço, reflete."
A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Desanimado! Qualquer confiaria num ser menos forte,
homem mortal, que carece de tantos prudentes conselhos.

Eu, no entretanto, sou deusa, que sempre procuro amparar-te
nos sofrimentos. Resolvo falar-te com toda a clareza:
Ainda que à volta tivéssemos mais de cinquenta cortes
de homens mortais, desejosos de a vida com ferro extinguir-nos,
conseguirias tirar-lhes os bois e as ovelhas vistosas.
Ora convém que repouses; passar toda a noite acordado
é grave incômodo. Breve serás libertado dos males."
Palas Atena assim disse; e, depois de lançar-lhe nas pálpebras
o doce sono, voltou para o Olimpo sagrado, de novo.
Enquanto o sono, que os membros relaxa, o prendia, aliviando-lhe
o coração dos cuidados, a esposa acordou afanosa,
e se sentou sobre o leito macio, entregando-se ao pranto.
O coração pós ter ela com lágrimas quentes saciado,
a Ártemis, principalmente, à divina mulher se dirige:
"Ártemis casta, nascida de Zeus, oxalá me jogasses
um dos teus dardos no peito, que viesse deixar-me sem vida
neste momento, ou pudesse envolver-me a procela, mais tarde,
e me levasse por sobre os caminhos de aspecto brumoso
para lançar-me, depois, pela foz do refluente Oceano,
do mesmo modo que as filhas do herói Pandareu carregaram.
Os deuses tinham matado seus pais, no palácio, deixando-as
órfãs; a deusa Afrodite preclara, porém, sustentou-as
com doce mel, queijo e vinho de gosto agradável e suave.
De Ártemis casta obtiveram o porte elegante; beleza
Hera lhes deu, e prudência, bem mais do que às outras mulheres;
a arte de belos trabalhos com Palas Atena aprenderam.
Mas, quando foi para o Olimpo vastíssimo a deusa Afrodite,
para pedir que as donzelas florido consórcio obtivessem
de Zeus potente, que os raios atira — ele tudo conhece,
quanto ao destino propício dos homens e ao Fado funesto —
numa procela as Harpias as jovens de casa roubaram

e, como escravas, as foram levar às terríveis Erínias.
Dessa maneira fizessem comigo os que moram no Olimpo.
Se Ártemis, deusa de tranças bem-feitas, ferir-me ora viesse,
e para a terra medonha me fosse, onde visse a Odisseu,
antes de a mente alegrar de qualquer indivíduo mesquinho!
Mais toleráveis, de fato, são sempre as desgraças, se a gente
em sofrimentos os dias consome, mas pode de noite
sono agradável colher, que a memória de tudo suprime,
não só dos males, também dos prazeres, ao vir sobre as pálpebras.
A mim, porém, um demônio funesto maus sonhos envia.
Hoje ao meu lado dormiu indivíduo a Odisseu semelhante,
tal como quando partiu com o exército. Alegre ficou-me
o coração, por pensar que não fosse ilusão, mas verdade."
Disse, no tempo em que a Aurora surgiu no seu trono dourado.
Ouve-lhe a voz lacrimosa Odisseu, sofredor de trabalhos;
preocupado ficou, parecendo-lhe na alma que fora
reconhecido por ela, que junto à cabeça se achava.
O manto e os velos, então, recolheu, sobre os quais repousara;
numa cadeira os depôs, no salão; mas a pele bovina,
junto da porta; e elevando as mãos ambas, a Zeus se dirige:
"Zeus pai, se foi por vontade que alfim me trouxeste por terra
e pelas úmidas vias, depois de sofrer tantos males,
dá que aqui dentro de casa alguém diga, acordado, palavras
de fausto agouro, e que fora me venha um sinal de tua parte."
Isso disse ele, implorando; Zeus sábio acatou-lhe o pedido.
Fez trovejar na mesma hora do Olimpo escampado e brilhante,
do alto das nuvens. Com isso alegrou-se o divino Odisseu.
Uma das servas que perto moíam lhe disse o presságio,
dentro de casa, onde estavam os moinhos do príncipe de homens.
Doze mulheres, ao todo, ali sempre se achavam na faina,
a moer trigo e cevada, o alimento que aos homens dá força.

Todas já estavam dormindo, depois de acabada a tarefa;
uma somente, por ser a mais fraca, ainda estava na lida.
Esta, parando o moinho, o presságio ao senhor disse logo:
"Zeus pai, que tens sobre os deuses e os homens completo domínio
há pouco enviaste um trovão estrondoso do Olimpo estrelado,
sem que haja nuvem nenhuma; parece um sinal de tua parte.
Cumpre o pedido, também, que te faz uma escrava sem sorte:
Que os pretendentes soberbos pela última vez, neste dia,
gozem na casa do herói Odisseu do mui grato banquete.
Eles, que fazem me dobrem os joelhos, na luta afanosa,
a preparar-lhes o pão, pela vez derradeira se alegrem."
Isso disse ela; o divino Odisseu com o augúrio alegrou-se
e com o trovão, crendo tudo propício ao punir dos culpados.
Quando no belo palácio do herói Odisseu reunidas
as demais servas, o fogo incansável no lar acenderam.
Salta do leito Telêmaco, a um deus semelhante na forma:
veste-se e ajeita, depois, no ombro a espada de gume cortante;
calça, a seguir, as formosas sandálias nos pés delicados;
pega da lança potente, munida de ponta de bronze
e, na soleira da porta parando, a Euricleia pergunta:
"Cara mãezinha, hospedaste o estrangeiro aqui dentro de casa
com cama e mesa, ou o deixaste ficar sem nenhum tratamento?
Pois minha mãe, tão sensata no mais, tal defeito apresenta:
sem reflexão, a qualquer indivíduo inferior dá agasalho,
mas do palácio repele pessoas de nobre conduta."
A ama Euricleia prudente lhe disse o seguinte, em resposta:
"Filho, não faças censura a tua mãe, que está isenta de culpa.
O hóspede esteve sentado, a beber quanto vinho lhe aprouve,
sem que faltasse comida, conforme ele próprio lhe disse.
Quando, porém, desejou recolher-se e gozar do repouso,
ela mandou que as criadas o leito para ele aprestassem.

Ele, no entanto, qual ser habituado às desditas da sorte,
não quis no leito dormir, com mui fofos colchões preparado,
mas em um couro de boi, não curtido, forrado com velos,
foi repousar no vestíbulo; nós o cobrimos com manto.”
Disse; Telêmaco, então, pela sala cortou apressado,
de lança em punho, não só, mas seguido por dois cães velozes,
para o conselho dos chefes Aquivos, de grevas bem-feitas.
As outras servas esperta a divina mulher, Euricleia,
gênita de Opos, que filho se diz do guerreiro Pisénor:
“Vamos, à faina! Varrei-me depressa e a contento o palácio
e o borrifai. Sobre os tronos bem-feitos, depois, os tapetes
ponde de púrpura e esponja esfregai sobre as mesas polidas,
sem exceção de nenhuma, e as crateras limpai-me e os bem-feitos
copos ornados com alças. Vós outras, sem perda de tempo,
ide buscar água à fonte e de lá retornai com bem pressa,
que os pretendentes costumam ficar pouco tempo lá fora.
Hoje mais cedo virão; para todos é dia de festa.” [27]
Disse; as criadas ouviram-lhe as ordens e foram cumpri-las;
umas, num grupo de vinte, baixaram té a fonte sombreada;
outras ficaram na casa, a cuidar, diligentes, de tudo.
Chegam, no entanto, os criados dos homens Aquivos, que, logo,
lenha, muito hábeis, se põem a rachar. As mulheres retornam,
nesse momento, da fonte, seguidas, também, do porqueiro,
que três cevados trazia, os melhores de toda a porcada.
Foi logo pô-los no belo cercado, a pastarem tranquilos,
e, com palavras afáveis, saudando a Odisseu, o interpela:
“Caro estrangeiro, os Aquivos tiveram por ti mais respeito,
ou te desprezam ainda, aqui dentro, tal como o faziam?”
Disse-lhe, então, em reposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Se os deuses todos, Eumeu, os ultrajes sem conta punissem,
que os tais aqui me têm feito, pensando somente maldades

na casa alheia, sem que demonstrassem vergonha nenhuma!”
Dessa maneira, em colóquio eles dois tais conceitos diziam.
A eles Melântio, de cabras pastor, no entretanto, se chega,
que conduzia uma delas, de todo o rebanho as mais gordas,
para o banquete dos moços; dois outros pastores o seguem.
Logo que as cabras ligou sob o pórtico mui retumbante,
vira-se para Odisseu e lhe diz as palavras mordazes:
“Ainda, estrangeiro, te encontras aqui, molestando esta gente
com teus pedidos? Por que não te vás de uma vez a outras partes?
Penso, porém, que nós dois só faremos caminhos diversos,
quando provares meu braço, pois é contra as regras que pedes.
Em outras partes, decerto, há banquetes dos homens Acaios.”
Disse; palavra nenhuma retruca Odisseu, o solerte;
mas, abaixando a cabeça, pensava sinistros desígnios.
Logo depois vem Filécio, de gentes pastor, o terceiro,
que aos pretendentes lhes traz uma vaca ainda nova e umas cabras.
Os marinheiros os tinham para aí transportado nos barcos,
tal como sempre faziam com quantos com eles viajavam.
Foi, por sua vez, sob o pórtico mui retumbante prendê-las
com bem firmeza e, ao porqueiro virando-se, fez-lhe a pergunta:
“Dize-me, caro porqueiro, quem seja o estrangeiro que há pouco
à nossa casa chegou? Qual a estirpe de que ele se ufana?
Onde se encontra a família e em que parte o país de nascença?
Triste infeliz! Tem o aspecto, realmente, de rei poderoso.
Os próprios deuses aviltam os homens que viajam sem rumo,
quando desgraças lhes tecem, ainda que reis eles sejam.”
Disse; chegando-se para Odisseu, lhe estende a mão destra;
e, começando a falar, lhe dirige as palavras aladas:
“Hóspede pai, sê bem-vindo! Que, ao menos, se tornes ditoso
para o futuro, pois tantas desgraças, agora, te oprimem.
Zeus pai, nenhum dos eternos te pode vencer em crueldade!

Pouco te importam os homens, conquanto de ti venham todos,
quando entre dores cruéis se debatem, em males sem conta.
Veio-me o suor ao te ver, derramaram-me lágrima os olhos,
por me lembrar de Odisseu, pois receio andar ele a estas horas
com uns andrajos como esses, vagueando entre os homens distantes,
se é que se encontra com vida e a luz bela do Sol ainda enxerga.
Mas se já a vida perdeu, se baixou para o de Hades palácio,
pobre de mim, por ficar sem o grande Odisseu, que na terra
dos Cefalenses me pôs, desde cedo, a vigiar-lhe as manadas,
tão acrescidas e nédias agora; ninguém poderia
ver prosperar deste jeito os bovinos de fronte espaçosa.
Hoje estrangeiros me ordenam que as reses eu próprio lhes traga,
para comerem, sem dar importância ao herdeiro da casa
e sem temor da vingança dos deuses; desejam, somente,
ver repartidos os bens do senhor que, há tempo, está ausente.
O coração, já bem vezes, volveu estas mesmas ideias
dentro do peito; mas fora ação má, pois que o filho ainda vive,
ir para povo diverso, levando comigo seu gado,
para o estrangeiro. Mas muito pior é ficar aqui mesmo
a guardar bois para gente de fora e sofrer vitupério.
Se isso não fora, há bem tempo teria fugido para outro
rei poderoso, que já insuportável a vida aqui sinto.
Mas sempre penso que aquele infeliz possa vir novamente
e os pretendentes expulse, de vez, do interior do palácio.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Não tens o aspecto de tolo, boieiro, nem de homem sem préstimo.
Eu próprio o vejo; tens a alma dotada de muita prudência.
Vou revelar-te o seguinte, o que faço com jura solene:
Que Zeus o saiba primeiro entre os deuses e a mesa hospedeira,
bem como o lar de Odisseu impecável, aonde ora hei chegado;
breve, ainda estando tu aqui, Odisseu retornar há de a casa.

Caso desejes, verás com teus olhos o quadro da Morte
dos pretendentes, que, sabes, se fazem senhores da casa.”
Disse-lhe, então, o vaqueiro em resposta as seguintes palavras:
“Fosse do gosto de Zeus realizar, estrangeiro, teu voto!
Logo haverias de ver que vigor nestes punhos conservo.”
Aos deuses todos Eumeu, também, votos ardentes dirige,
para que a casa pudesse voltar Odisseu, o solerte.
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos diziam.
Os pretendentes a Morte e o destino do jovem Telêmaco
juntos tramavam. Uma ave, porém, pela esquerda lhes veio,
águia altaneira, que tímida pomba nas garras trazia.
Vira-se Anfínomo aos outros e diz, arengando, o seguinte:
“Não poderemos, amigos, levar a bom termo essa ideia,
de dar a Morte a Telêmaco. Vamos tratar dos banquetes.”
Esse o discurso de Anfínomo; a todos aprouve o que disse.
Foram, depois, para dentro da casa do divo Odisseu
e depuseram por sobre as cadeiras e os tronos os mantos.
Grandes ovelhas e cabras bem gordas, então, imolaram,
porcos cevados, também, e uma vaca das grandes manadas.
Postas no fogo as entranhas, dividem-nas; vinho nos vasos
é misturado; o porqueiro, depois, nas crateras o serve.
Em canistréis primorosos Filécio, pastor de outros homens,
pão distribui; vinho serve o cabreiro Melântio aos presentes.
Todas as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.
Nisso Telêmaco fez que Odisseu se assentasse, astucioso,
dentro da sala magnífica, junto à soleira de pedra,
onde pusera uma mesa pequena e um banquinho estragado.
Deu-lhe, também, uma parte das vísceras, vinho lhe deita
no copo de ouro, dizendo-lhe, alfim, as seguintes palavras:
“Senta-te, agora, entre os homens e bebe o teu vinho conosco;
não sofrerás mais nenhuma agressão nem grosseiros insultos

dos pretendentes, porque este palácio não é casa pública,
mas de Odisseu simplesmente, de quem, por herança, me veio.
Vós, pois, senhores, tratai de evitar as injúrias e os atos
de prepotência; convém que não surja discórdia e contenda.”
Disse; os presentes, ouvindo-o, morderam os lábios com força,
maravilhados de como Telêmaco a todos falara.
Vira-se Antínoo, nascido de Eupites, aos mais e lhes fala:
“A observação de Telêmaco, príncipes, força é aceitarmos,
se bem que dura; falou-nos, realmente, com muita arrogância.
Infelizmente Zeus quis desse modo; senão, já o teríamos
feito calar aqui dentro, conquanto orador primoroso.”
Isso disse ele; nenhuma atenção lhe concede Telêmaco.
Pela cidade os arautos já vinham trazendo as sagradas
vítimas para a hecatombe; os Aquivos de belos cabelos
foram reunir-se no bosque sombreado de Apolo frecheiro.
Os pretendentes, depois de tirados do fogo os assados,
os retalharam em postas e o lauto banquete iniciaram.
Para Odisseu os criados trouxeram, também, uma parte
como os demais receberam, que assim lhes havia, insistente,
dito Telêmaco, o filho do divo Odisseu astucioso.
Palas Atena, porém, não deixou que de novos insultos
os pretendentes pudessem abster-se, porque mais a fundo
a dor no peito invadisse do herói Odisseu Laercíada.
Entre eles, pois, se encontrava um varão de grosseiros princípios,
da ilha de Samo provindo, chamado de nome Ctesipo.
Em demasia confiado na muita riqueza paterna,
solicitava a mulher de Odisseu, por estar ausente.
Aos pretendentes soberbos virado, desta arte se exprime:
“Vós, pretendentes ilustres, ouvi-me o que passo a dizer-vos.
Uma porção como a nossa, tal como convém, já foi dada
ao estrangeiro. Não fora correto nem justo lesarmos

quem quer que esteja hospedado na casa do moço Telêmaco.
Dons hospitais lhe desejo ofertar, para que ele, mais tarde,
dê um presente ao que o banho prepara, ou a qualquer outro servo
dos que na casa do divo Odisseu afanosos se encontram.”
Um pé de boi, depois disso, com braço robusto lhe joga,
que da canastra tirara. Odisseu conseguiu desviar-se
mui facilmente, inclinando a cabeça. Um sorriso sardônico [28]
no imo conteve. O projétil foi dar na parede bem-feita.
Muito indignado, Telêmaco vira-se para Ctesipo:
“Foi-te melhor, bem melhor, em verdade, Ctesipo, não teres
no hóspede, agora, acertado. Ele pôde desviar-se do golpe;
a não ser isso, com lança pontuda tirara-te a vida,
e, em vez de teu casamento, teu pai cuidaria do enterro.
Que ninguém faça, portanto, nenhuma insolência aqui dentro,
pois já me encontro capaz de observar as ações e entendê-las,
todas, as boas e más, pois agora já não sou criança.
Força nos é, todavia, deixar que façais isso tudo.
Sacrificais meus carneiros; o vinho bebeis sem medida
e o pão gastais; é impossível, a um só, contra tantos opor-se.
Ora cessai de uma vez de ofender-me com tantos ultrajes.
Mas, se quereis, em verdade, matar-me com bronze afiado,
quase vos digo que me é preferível e mais vantajoso
vir a morrer, a ter sempre ante os olhos tais cenas iníquas,
serem meus hóspedes desta maneira espancados, as servas
obscenamente tratadas por vós, neste belo palácio.”
Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram;
fala Agelau, finalmente, nascido do herói Adamastor:
“Caros amigos, ninguém ante um dito tão bem-ponderado,
pode indignado mostrar-se e explodir em fraseados violentos.
Não deveis, pois, continuar a tratar desse modo o estrangeiro,
ou a qualquer servo que more na casa do divo Odisseu.

Ora desejo a Telêmaco e à mãe dirigir um conselho
com bons propósitos: a ambos será, porventura, agradável.
Enquanto, dentro do peito, podíeis nutrir a esperança
de que o prudente Odisseu retornasse algum dia, de Troia,
não poderia ninguém censurar-vos, nem por entreterdes
os pretendentes aqui, pois bem mais vantajoso seria
se novamente voltasse Odisseu a pisar o palácio.
Mas hoje é claro e evidente que a volta para ele é impossível.
Ora a tua mãe deves dar um conselho, ficando-lhe ao lado,
de que despose o mais nobre e que dons mais valiosos levar-lhe,
para que possas a herança paterna, comendo e bebendo,
administrar satisfeito, enquanto ela outra casa dirige."
O ajuizado Telêmaco disse-lhe então, em resposta:
"Por Zeus potente, Agelau, e por quanto meu pai há sofrido,
que já morreu longe de Ítaca, ou ainda se encontra errabundo,
a minha mãe nunca fiz objeções; sempre a exorto, ao contrário,
a que se case com quem lhe aprouver; muitos dons ofertei-lhe.
Mas tenho escrúpulos, sim, de expulsá-la daqui do palácio
com frases ásperas. Nunca permitam tal coisa os eternos."
Inextinguível risada faz Palas Atena que todos
os presentes soltassem, turvando-lhes o uso da mente.
Em convulsões estorciam-se, rindo com rostos estranhos.
Carne ainda crua e sangrenta comiam; os olhos de lágrimas
cheios ficaram, subindo-lhes do íntimo tristes presságios.
Vira-se, então, para todos o divo Teoclímeno, e fala:
"De que doença, infelizes, agora sofreis? Envolvidos
por noite escura vos vejo as cabeças, os rostos e os joelhos;
altos gemidos ressoam, dos rostos as lágrimas correm;
sangue destila dos nichos bem-feitos, das altas paredes,
e de fantasmas o pátio está cheio, até o próprio vestíbulo,
que para as trevas já baixaram, para o Érebo. O Sol apagou-se

já no alto céu, difundindo-se em tudo tristonho negrume.”
Suas palavras somente risadas em todos despertam.
Pôs-se a falar logo Eurímaco assim, descendente de Pólibo:
“Doido, por certo, é o estrangeiro, que veio de terras distantes.
Vamos, rapazes; mostrai-lhe, depressa, o caminho da porta,
para que à praça se vá, já que noite isto aqui lhe parece.”
Disse-lhe o divo Teoclímeno, então, em resposta, o seguinte:
“Não te pedi que me desses, Eurímaco, auxílio nem guia,
que olhos possuo perfeitos, ouvidos e pernas robustas,
bem como espírito são, bem desperto no peito sadio.
Com eles todos irei para fora, que vejo a desgraça
aproximar-se de vós, sem que possa nenhum evitá-la
dos pretendentes que se acham na casa do divo Odisseu,
a maltratar toda a gente, tramando somente violências.”
Tendo isso dito, o palácio deixou de feitura magnífica
e foi Pireu procurar, que de grado o recebe e agasalha.
Os pretendentes puseram-se a olhar, provocando a Telêmaco
com seus discursos ineptos, a rir, insensatos, dos hóspedes.
Disse um qualquer desses moços de mente soberba o seguinte:
“Hóspedes como esses teus ninguém teve até agora, Telêmaco.
É um metediço errabundo este aqui, sem destino sabido,
de vinho e pão indigente, sem ter dos trabalhos dos homens
conhecimento nem força; é tão só peso inútil na terra.
O outro, porém, nos saiu sabedor primoroso de oráculos.
Ora me segue o conselho, hás de ter mais proveito com isso:
lança esses hóspedes logo em navio provido de remos,
e os manda para a Sicília; hás de ter, certamente, bom lucro.”
Isso disse ele; nenhuma atenção lhe concede Telêmaco,
mas para o pai volve os olhos, calado, a esperar o momento
de contra os moços soberbos com mãos vigorosas lançar-se.
Da sala oposta, porém, recostada num trono mui belo,

a que nascera de Icário, a prudente e sensata Penélope,
toda a conversa escutava, que os moços na sala diziam.
Eles, no entanto, gozavam do lauto e agradável banquete,
por entre risos, que reses inúmeras tinham matado.
Ceia nenhuma, porém, mais infausta seria do que essa.
Que lhes estava aprestando uma deusa e um varão vigoroso,
pois que eles todos, primeiro, infamantes ações praticaram.

Parte VI
A Vingança de Odisseu

CANTO XXI

A APRESENTAÇÃO DO ARCO

“Penélope apresenta o arco aos pretendentes. Odisseu, sendo reconhecido pelos seus serventes, combina com eles a Morte dos pretendentes. Os pretendentes não conseguem envergar o arco e Odisseu triunfa sobre todos.” (Scholie Q)

A de olhos glaucos, Atena, no entanto, desperta no peito
da que nascera de Icário, a prudente e sensata Penélope,
aos pretendentes propor o certame dos ferros e do arco,
que ao morticínio, na sala do herói, o começo daria.
Sobe, por esse motivo, a alta escada do cômodo próprio,
e na mão gorda tomou, logo, a chave bem-feita e recurva,
toda de bronze; porém de marfim era o cabo lavrado.
Em companhia das servas desceu apressada, em seguida,
ao quarto externo onde estavam guardados os bens do monarca,
mui trabalhados objetos de ferro, e ouro e bronze abundantes.
o arco flexível, também, lá se achava e o carcás para as flechas,
cheio de dardos, fautores constantes de muitos gemidos,
que, certa vez, na Lacônia, em lembrança, obtivera de um hóspede,
Ífito, de Êurito filho, que um deus imortal parecia.
Fora em Messena, na casa de Ortíloco muito prudente, [29]

que se encontraram. De fato, Odisseu aí fora com o fito
de reclamar uma dívida em que todo o povo era parte,
pois uns Messênios haviam levado trezentas ovelhas
de Ítaca, e mais seus pastores, em barcos providos de remos.
Por essa causa, Odisseu, apesar de mui jovem, fizera
todo o percurso, a mandado do pai e demais conselheiros.
Ífito viera, também, reclamar uns cavalos, pois doze
éguas lhe haviam levado, com potros robustos, de mama.
Estas, depois, foram causa de que triste Morte sofresse,
quando foi ter ao palácio do filho do Crônida Zeus,
Héracles forte, de peito leonino, habituado a violências,
e que no próprio palácio o matou, apesar de ser hóspede.
Ímpio! Nem teve respeito aos eternos, nem mesmo à hospedeira
mesa que o tinha acolhido. Depois desse crime, os cavalos
houve por bem conservar, como coisa de seu patrimônio.
A procurá-los, Odisseu o encontrou, tendo-lhe o arco ofertado,
que antes usara o grande Êurito, aos deuses semelho. Este, ao filho
na casa de alto telhado o deixara, ao findar a existência.
Deu-lhe Odisseu uma espada cortante e uma lança mui forte,
elo inicial de hospital afeição; mas, reunidos à mesa
um do outro, nunca estiveram, que o filho de Zeus o matara,
a Ífito, de Êurito filho, que um deus imortal parecia.
O arco, porém, o divino Odisseu não levou para a guerra,
quando partiu, rumo a Troia, no barco de casco anegrado.
Do hóspede e amigo mui caro, lembrança, deixara-o guardado
no alto palácio. Nas terras da pátria, somente o empregara.
Quando a divina mulher alcançou esse quarto postremo,
no limiar de carvalho encostou-se, que, destro, lavrara
um fabro, havia bem tempo, tomando as distâncias com fio.
Neste, as ombreiras firmou, depois disso, e as magníficas portas.
Da fechadura a correia Penélope, então, soltou prestes

e introduziu logo a chave, fazendo correr o ferrolho
com jeito e força adequados. Igual ao mugido de um touro,
quando no prado a pastar, ressoaram as folhas da porta,
que, prontamente, cederam, mal foram das chaves tocadas.
Para o alto estrado Penélope, então, se dirige, onde estavam
as arcas todas, nas quais os vestidos odoros se achavam.
Desse lugar, levantada, do gancho o arco, logo, retira
e o belo estojo, também, que o envolvia, brilhante e bem-feito.
Sobre os joelhos queridos depôs, ali mesmo sentada,
o arco do rei, que, esfazendo-se em pranto, tirara da caixa.
Quando já estava cansada de tanto chorar e carpir-se,
sobe de novo ao salão, para junto dos moços ilustres,
o arco flexível levando nas mãos e o carcás para as flechas,
cheio de dardos, fautores constantes de muitos gemidos.
Seguem-na algumas criadas, levando uma caixa onde havia
ferro bastante, e assim bronze, do jogo do rei os pertences.
Dos pretendentes no meio, ao chegar a divina senhora,
fica de pé, encostada no umbral de feitura mui sólida,
tendo as feições escondidas num véu de lavor admirável.
De cada lado lhe fica uma serva de espírito casto.
Aos pretendentes, sem mais, se dirige e lhes diz o seguinte:
“Vós, pretendentes ilustres, ouvi quanto passo a dizer-vos:
O meu palácio invadistes, comendo e bebendo sem regra,
por estar longe o senhor há bem tempo. Nenhuma desculpa
para essa vossa conduta até agora aduzir conseguistes
fora o dizerdes que esposa queríeis que eu de um a ser viesse.
Ânimo, pois, pretendentes, que um pleito ora passo a propor-vos.
Ora apresento-vos o arco do grande e divino Odisseu.
Quem conseguir, facilmente, passar nele a corda, encurvando-o,
e remessar, logo após, pelos doze orifícios, a seta,
a esse estou pronta a seguir como esposa, deixando o palácio

do meu primeiro marido, tão belo e com tantas riquezas,
que na memória hei de ter sempre vivo, até mesmo nos sonhos.”
Tendo isso dito, deu ordens a Eumeu, o divino porqueiro,
que fosse logo entregar o arco e os ferros escuros aos moços.
Obedecendo-lhe o porqueiro, a chorar, indo pô-lo no chão;
chora o vaqueiro, também, ao ver o arco do rei, de onde estava.
Áspero, Antínoo os increpa, dizendo-lhes estas palavras:
“Ó camponeses incultos, com mente a tal ponto estreitada,
por que motivo, insensatos, chorais desse modo, abalando
o coração da senhora? Ela causas decerto tem muitas
para entregar-se à tristeza, que o esposo querido morreu-lhe.
Continuai a comer sossegados; ou então retirai-vos;
ide chorar para fora, deixando o arco ali mesmo onde se acha,
aos pretendentes inócuo brinquedo, porque não presumo
que possa alguém facilmente dobrar o arco bem-trabalhado.
Em todos estes varões que aqui estão não se encontra um somente
que se compare a Odisseu, pois eu próprio ante os olhos o tive,
e me recordo mui bem, muito embora criança, então, fosse.”
Isso disse ele, conquanto abrigasse no peito a esperança
de conseguir armar o arco e jogar pelos ferros a seta.
Mas haveria de ser o primeiro a provar um dos dardos
que disparasse Odisseu impecável, que ali, na ampla sala,
tanto insultara, excitando contra ele os demais companheiros.
Vira-se, então, para todos o sacro poder de Telêmaco:
“Pobre de mim! Por sem dúvida Zeus me privou do bom senso.
Diz minha mãe mui prezada, conquanto bastante prudente,
que a outro varão seguirá, retirando-se deste palácio.
Rio-me, entanto, com ânimo estulto e só penso em folguedos.
Sus, pretendentes, que o prêmio do jogo se encontra visível,
uma mulher como em terra da Acaia outra igual não se encontra,
nem mesmo em Pilo sagrada, tampouco em Micenas, na Argólida,

na terra firme anegrada, ou nesta ilha, visível ao longe.
Vós o sabeis. Mas por que minha mãe elogiar a esse ponto?
Nada, portanto, de escusas inúteis para o arco deixardes,
sem procurardes armá-lo; desejo isso ver, sem demora.
Exp’rimentar-me, também, quero muito na prova desse arco.
Se conseguir encurvá-lo e passar pelos furos o dardo,
nunca terei o desgosto de ver minha mãe veneranda
com outro esposo sair desta casa, deixando-me, embora
já bem capaz de juntar-me aos belíssimos jogos paternos.”
Isso disse ele; e, ficando de pé, tirou logo dos ombros
o belo manto de púrpura, assim como a espada cortante.
Primeiramente, num sulco comprido os machados alinha,
que para todos abriu bem direito, por meio de um fio,
e à volta a terra pisou. Todos ficam tomados de espanto,
por ver o modo como ele os dispunha, sem nunca os ter visto.
Sobre a soleira, depois, se coloca, e com o arco se mede.
Por vezes três o agitou, procurando fazer que vergasse;
por outras tantas faltou-lhe o vigor, muito embora esperasse
a corda no arco passar e uma seta atirar pelos furos.
E, porventura, puxando com força, na quarta o fizera,
se não lhe desse Odisseu um sinal, refreando-lhe a ardência.
Vira-se, então, para os outros o sacro poder de Telêmaco:
“Pobre de mim! Ou me vejo fadado a não ter nunca força,
ou, por ser moço, não tenho no braço o vigor necessário,
para de alguém defender-me, que ofensa, primeiro, me faça.
Vamos, porém. Todos vós, que mais fortes do que eu sois, decerto,
a prova do arco fazei, dando fim, desse modo, à contenda.”
Tendo isso dito, foi o arco depor sobre o solo, bem longe,
junto dos lisos e bem-ajustados batentes da porta,
e a veloz flecha no anel apoiou, de bonita feitura,
indo, depois, para o trono, que, havia inda pouco, deixara.

Vira-se Antínoo aos presentes, o filho de Eupites, e fala:
“Ora convém levantar-vos; por ordem, porém, começando
pela direita, tal como o escanção deita o vinho nos copos.”
Esse o discurso de Antínoo; aos presentes aprouve o que disse.
O filho de Ênopo, Liodes, avança primeiro de todos,
dos pretendentes o arúspice, que se sentava na ponta,
junto da bela cratera. A ele, apenas, as práticas ímpias
eram odiosas, mostrando-se sempre indignado com todos.
Foi este, pois, o primeiro a tomar o arco e a flecha aguçada.
Sobre o limiar se postou, procurando vergar o forte arco,
sem que o pudesse; primeiro cansaram-lhe as mãos delicadas,
sem exercício nenhum. Para os outros virando-se disse:
“Caros amigos, não posso vergá-lo; outro herói que o retome.
Da alma e da vida privar há de a muitos senhores este arco;
mas, em verdade, é melhor virmos todos a ter Morte crua,
a continuarmos vivendo sem termos o escopo alcançado
desta ansiedade, que todos os dias nos põe aqui juntos.
Muitos dos moços, ainda, no peito a esperança alimentam
de se casar com Penélope, a esposa do herói Odisseu.
Mas quem este arco quiser manejar, há de achar conveniente
ir procurar outra Acaia de manto bem-feito e ofertar-lhe
mimos valiosos. Penélope, entanto, entre os moços escolha
o que mais ricos presentes lhe der e o Destino apontar-lhe.”
Tendo isso dito, foi o arco depor sobre o solo, bem longe,
junto dos lisos e bem-ajustados batentes da porta,
e a veloz flecha no anel apoiou, de bonita feitura,
indo, depois, para o trono, que, havia inda pouco, deixara.
Vira-se Antínoo para ele e lhe diz as seguintes palavras:
“Liodes, por que tal palavra escapar dessa boca deixaste
grave e molesta, que, ouvindo-a, me sinto tomado de cólera?
Da alma e existência privar há de a muitos senhores este arco,

como o disseste, somente por não conseguires armá-lo?
Não te gerou, certamente, tua mãe veneranda com força
para vergares este arco e jogar conseguires as flechas;
mas pretendentes ilustres não faltam, que em breve o consigam.”
Isso disse ele; e ao cabreiro Melântio, em seguida, deu ordem:
“Vamos, Melântio, um bom fogo nos faze aqui dentro da sala,
uma cadeira, das grandes, põe junto e, sobre esta, uma pele,
e lá de dentro nos traze uma grande rodela de sebo,
para que todos os moços, depois de aquecermos e untarmos
o arco, possamos prová-lo, acabando, desta arte, a contenda.”
Isso disse ele; Melântio acendeu logo o fogo incansável;
uma cadeira, das grandes, pôs junto e, sobre esta, uma pele;
trouxe, depois, lá de dentro, uma grande rodela de sebo.
O arco os rapazes aquecem; porém não conseguem vergá-lo,
que, para tanto, lhes falta, decerto, o vigor necessário.
Somente a vez aguardavam Eurímaco e Antínoo deiforme,
dos pretendentes os chefes que aos mais em nobreza excediam.
Nesse momento o porqueiro do divo Odisseu e o vaqueiro
conjuntamente saíram da casa de teto elevado.
Vem, depois eles, seguindo-os, o divo e o sofrido Odisseu.
Quando, porém, para fora já estavam da porta, no pátio,
aproximando-se deles, com termos melífluos lhes disse:
“Caros porqueiro e vaqueiro, de encontro, talvez, à prudência,
quero uma coisa dizer-vos. O peito a falar me convida.
De que maneira estaríeis dispostos a ver a Odisseu,
se, de repente, de algures um deus para casa o trouxesse?
Aos pretendentes ajuda daríeis, ou ao divo Odisseu?
Vamos, falai-me conforme vos dita a afeição no imo peito.”
Disse Filécio, o vaqueiro, em resposta, as seguintes palavras:
“Se Zeus potente quisesse o pedido, que faço, escutar-me!
Caso aquele homem voltasse, de novo um demônio o trouxesse,

cedo haverias de ver que o vigor nestas mãos ainda tenho.”
Aos deuses todos Eumeu, de igual modo, também se dirige,
para que a casa voltasse de novo Odisseu, o prudente.
Quando este obteve certeza de que ambos falavam sincero,
mais uma vez lhes dirige a palavra, por esta maneira:
“Já no palácio me encontro, em pessoa. Depois de vinte anos
e de sofrer muitas dores, à pátria retorno de novo.
Unicamente vós dois, entre os mais servidores, desejo
tínheis de que eu regressasse; pois nunca dos outros eu soube
que suplicassem, pedindo que em casa de novo me visse.
Mas a vós dois vou contar tudo o que hei de fazer em verdade.
Se os pretendentes ilustres um deus permitir que eu subjugue,
uma mulher a cada um darei logo, bem como riquezas
e moradia bem-feita, aqui junto da minha; após isso,
ambos sereis companheiros e irmãos de meu filho Telêmaco.
Vêde-me aqui! Vou mostrar-vos, agora, um sinal evidente,
porque possais conhecer-me, de fato, e ter plena confiança:
a cicatriz que ficou dos colmilhos de um grande javardo,
quando caçava no monte Parnaso com os filhos de Autólico.”
Isso disse ele, afastando de cima da marca os andrajos.
Quando os dois homens a viram e plena certeza obtiveram,
sobre o prudente Odisseu se lançaram, chorando em voz alta,
a acariciá-lo, exultantes, beijando-lhe os ombros e a testa.
De igual maneira Odisseu lhes beijava a cabeça e as mãos ambas.
E ficariam, talvez, a chorar até o Sol esconder-se,
se os não tivesse contido Odisseu, com o falar-lhes desta arte:
“Ora cessai de gemer e chorar. Pode alguém vir da sala
e surpreender-nos, voltando, depois, a contar tudo aos outros.
Um depois do outro reentremos, portanto, não todos a um tempo,
eu, em primeiro lugar; depois vós. O sinal será este:
Os pretendentes ilustres não hão de querer, certamente,

que a mim, também, entregueis o arco e as flechas, se acaso pedi-los.
Mas tu, divino porqueiro, atravessa o recinto e me entrega
o arco, sem falta, nas mãos. Depois disso, as criadas avisa
que fechem todas as portas bem-feitas, de seus aposentos.
Se alguma delas ouvir, porventura, gemidos e gritos
dentro da sala em que os homens se encontram, não venha até a porta,
para saber o que passa; prossiga tranquila na faina.
A ti, Filécio divino, a incumbência confio de a porta
ires do pátio fechar com ferrolho, amarrando-o bem firme."
Tendo isso dito, voltou para dentro da casa elevada,
indo, depois, para o trono, que, havia inda pouco, deixara.
Logo depois os criados do divo Odisseu reingressaram.
O arco, entrementes, Eurímaco toma nas mãos, pressuroso,
pondo-o a aquecer várias vezes no lume da chama. Contudo,
não pôde armá-lo, gemendo sentindo no peito altanado.
Muito indignado, afinal, começou a falar deste modo:
"Que sentimento, em verdade, me abate, por mim e por todos!
Não tanto as núpcias lastimo, conquanto bastante me aflija,
pois muitas outras mulheres acaias existem nesta ilha
de Ítaca, ao longe visível, e em outras cidades, ainda,
como por sermos nós todos de tão pouca força, em confronto
com o deiforme Odisseu, que incapazes de armar fomos todos
o arco, vergonha que aos pósteros há de chegar, certamente."
Disse-lhe Antínoo, de Eupites nascido, o seguinte, em resposta:
"Tu próprio o sabes, Eurímaco, que isso não há de passar-se.
Em todo o povo hoje é o dia da festa sagrada de Apolo.
Quem poderia, portanto, cuidar de armar o arco? Larguemo-lo
e descansemos. Mas quanto aos machados, proponho que fiquem
onde se encontram; não creio que alguém possa vir retirá-los
da casa de alto telhado do herói Odisseu Laercíada.
Vamos! Comece o escanção a deitar as primícias nos copos,

para que todos libemos, deixando o certame de parte.
Mas amanhã logo cedo ordenai ao cabreiro Melântio
que faça vir umas cabras, de todo o rebanho as mais gordas,
para que as coxas a Apolo of’reçamos, o archeiro famoso,
e o arco provemos, depois, dando fim, desse modo, ao certame.”
Esse o discurso de Antínoo; aos presentes foi grato o que disse.
Fazem vir água e por cima das mãos os arautos a deitam.
Té pelas bordas escravos as taças enchiam de vinho,
distribuindo por todos os copos as sacras primícias.
Quando eles todos haviam libado e bebido à vontade,
astutamente se vira o solerte Odisseu e lhes fala:
“Ora me ouvi, pretendentes da muito afamada rainha,
quero dizer-vos o que a alma no peito me obriga a falar-vos.
Mas falo a Eurímaco e a Antínoo deiforme com mais insistência,
pois o conselho deste último foi mui sensato e oportuno.
O arco, por hoje, deixai, consagrando-vos ora aos eternos,
que a divindade, amanhã, a quem bem lhe aprouver dará forças.
A arma, porém, bem-lavrada, cedei-me, que os braços e a força
entre vós outros eu possa provar, para ver se nos membros
ágeis ainda possuo o consueto vigor de outros tempos,
ou se esta vida errabunda e os maus-tratos já tudo destruíram.”
Isso disse ele; mas todos levantam veementes protestos,
pelo receio de que ele pudesse vencer o certame.
E descompondo-o, as seguintes palavras Antínoo lhe atira:
“Vil estrangeiro, estás louco, privado, de todo, do juízo?
Pois não basta comer entre tantas pessoas ilustres,
sem te escassear coisa alguma, podendo escutar, além disso,
todas as nossas conversas? Nenhum estrangeiro ou mendigo
tem a vantagem de ouvir os discursos que aqui pronunciamos.
Foi, certo, o vinho melífluo que assim te fez mal, como a todos
quantos o bebem com muita avidez, sem medida nenhuma.

Com vinho Eurício, o Centauro excelente, se viu transformado,
quando se achava na casa do grande Pirítoo, em visita
aos fortes Lápitas; mas logo o vinho lhe turva o intelecto;
fez desatinos sem conta, embriagado, por todo o palácio.
Por essa causa, os heróis, indignados, contra ele se atiram,
e, pelo pátio arrastando-o, o nariz e as orelhas lhe cortam
com duro bronze. Ele, pois, perturbado, desta arte, no espírito,
se foi dali padecendo o castigo da própria cegueira.
Esse o princípio da luta entre os homens e os grandes Centauros;
mas ele próprio a desgraça chamou, por estar embriagado.
Do mesmo modo te digo que muito sofrer haverias
se o arco chegasse a armar, que ninguém te seria benévolo
em nosso povo; mas logo em navio de casco anegrado
para o rei Équeto, peste de todos os homens terrenos,
te enviaríamos, donde jamais escaparas. Calado,
bebe, portanto; com gente mais moça não queiras medir-te.”
Disse-lhe, então, em resposta Penélope, muito prudente:
“Não justo, Antínoo, de fato, ou sequer decoroso é ultrajares
o hóspede que se acolheu ao palácio do moço Telêmaco.
Temes, talvez, que o estrangeiro, confiando na força e nos braços,
caso chegasse a encurvar o grande arco do herói, finalmente,
para sua casa me queira levar e fazer-se-me esposo?
Dificilmente ele próprio tal sonho no peito alimenta.
Por essa causa, portanto, ninguém a alegria perturbe
destes banquetes, aqui no palácio, que fora injurioso.”
Disse-lhe Eurímaco, filho de Pólibo, então, em resposta:
“Muito sensata Penélope, filha de Icário guerreiro!
Não presumimos, de fato, que possa levar-te; é impossível.
Mas envergonha-nos quanto as mulheres e os homens comentem,
pois pode algum dos Acaios, de baixo sentir, externar-se:
‘Homens mui fracos, realmente, a mulher de Odisseu cobiçavam,

pois se esforçaram embalde por o arco vergar trabalhado.
Mas um mendigo qualquer, que à cidade, errabundo, chegara,
mui facilmente o vergou, conseguindo passar os machados.’
Isso dirão, certamente, o que o opróbrio será para todos.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
“Não é possível, Eurímaco, que entre os do povo desfrutem
belo conceito os senhores que os bens, deste modo, devastam
de um varão nobre. Por que ter vergonha de tais comentários?
Ora, o estrangeiro é de grande estatura e de membros robustos,
e se envaidece de ter como pai um varão da nobreza.
O arco polido entregai-lhe; vejamos como isto termina.
Quero dizer-vos, porém, outra coisa, que vai ser cumprida:
Se conseguir encurvá-lo e lhe der Febo Apolo essa glória,
vestes bem-feitas dar-lhe-ei, uma túnica e um manto, por cima,
mais um venáb’lo com que se defenda dos cães e dos homens,
de duplo gume uma espada e sandálias, que os pés lhe protejam
e mandá-lo-ei conduzir aonde o peito e o desejo o impelirem.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“Mãe, mais do que eu nenhum destes Aquivos se arroga o direito
de dar este arco, ou negá-lo, a quem quer que me apraza fazê-lo.
Nem quantos têm o governo no solo escabroso desta ilha,
nem pelas ilhas mais próximas, de Élide, rica de pastos,
me poderiam forçar a vontade, se, acaso, quisesse
do arco presente fazer ao estrangeiro, ordenando que o leve.
Para o teu quarto recolhe-te, e cuida dos próprios lavores,
roca e tear, assim como às criadas transmite tuas ordens,
para que tudo executem, que este arco só aos homens importa,
mormente a mim, a quem cumpre assumir o comando da casa.”
Cheia de espanto voltou para os seus aposentos, de novo,
pois lhe calaram no peito as sensatas palavras do filho.
Acompanhada das servas aos quartos de cima foi logo,

para chorar pelo caro marido Odisseu, té que sono
muito tranquilo nos olhos lhe Palas Atena vertesse.
Do arco recurvo o divino porqueiro pegou, entretanto.
Os pretendentes, porém, prorromperam num grande alarido.
Disse-lhe, então, indignado, um dos moços de mente soberba:
"Ó vagabundo, porqueiro infeliz, aonde vais conduzindo
o arco recurvo? Entre os porcos, em breve, distante dos homens,
hão de comer-te os cachorros criados por ti, caso Apolo
e os demais deuses eternos e beatos nos forem propícios."
Isso disse ele; o porqueiro ali mesmo, no chão, largou o arco,
cheio de susto por causa dos gritos de todos na sala.
Mas, ameaçando-o, Telêmaco, donde se achava, lhe grita:
"Velho, leva o arco! Não queiras a todos mostrar-te obediente.
Caso contrário, apesar de mais moço, te expulso a pedradas
para os teus campos, porque sou dotado de muito mais força.
Fosse eu dotado, igualmente, de muito mais força que todos
os pretendentes soberbos, que aqui no palácio se encontram!
Em pouco tempo, de modo tristíssimo, certo, os mandara
de nossa casa, por causa dos atos iníquos que fazem."
Isso disse ele; no entanto, risada gostosa soltaram
os pretendentes, a fúria acalmando que todos sentiam
contra Telêmaco. A sala o porqueiro de novo atravessa.
O arco levou para o sábio Odisseu, entre as mãos lhe depondo.
Chama, depois, para fora a Euricleia, e lhe diz o seguinte:
"Muito prudente Euricleia, Telêmaco manda que feches
todas as portas bem-feitas dos quartos das outras mulheres.
Se alguma delas ouvir, porventura, gemidos e gritos
dentro da sala em que os homens se encontram, não venha até a porta,
para saber o que se passa; prossiga tranquila na faina."
Isso disse ele, Euricleia em resposta então nada lhe disse,
mas foi fechar logo as portas das salas bem-feitas da casa.

Sem fazer bulha Filécio, também, pela porta saiu
e foi fechar logo as portas bem-feitas do pátio cercado.
Junto do pórtico havia um calabre de forte papiro,
de nau recurva; com este amarrou-as bem firme, e, voltando,
foi novamente sentar-se no trono, que, há pouco, deixara,
donde avistava a Odisseu, que nas mãos já se achava com o arco
a exp'rimentá-lo prudente, virando-o de todos os lados,
pelo receio de haver a carcoma corroído a madeira.
Muitos dentre eles falavam, virando-se para o mais próximo:
"De arcos entende, sem dúvida, e sabe a primor manejá-los,
ou, porventura, como este há de em casa outro igual ter deixado.
Não quererá fazer outro do mesmo feitio? Ora vede
como esse pobre, que tanto sofreu, o remira a esse ponto."
Foi quando disse um qualquer desses moços de mente soberba:
"Possa ele, em todos os atos da vida, encontrar sorte idêntica
à que vai ter, ao tentar, desta vez, armar o arco recurvo!"
Os pretendentes assim comentavam. No entanto Odisseu,
quando já havia o grande arco apalpado por todos os lados —,
como cantor primoroso que sabe o manejo da cítara,
mui facilmente consegue passar na cravelha uma corda
feita de tripa torcida, depois de a firmar dos dois lados:
do mesmo modo Odisseu o grande arco vergou facilmente.
Na mão direita tomando-o, fez logo experiência da corda,
que um belo som produziu, qual se fosse o cantar da andorinha.
Os pretendentes ficaram tomados de susto, fugindo-lhes
do rosto o sangue. Mandou logo Zeus um terrível rimbombo.
Muito se alegra com isso o divino e sofrido Odisseu,
pois Zeus, nascido de Crono astucioso, um sinal lhe mandara.
Toma depressa de um dardo veloz, que se achava isolado,
junto da mesa; os demais, que os Acaios provar deveriam
dentro de pouco, ainda estavam guardados na aljava escavada.

Sobre o arco, então, apoiando-a, puxou logo as barbas e a corda,
de onde se achava sentado, no banco, e com vista segura
fez o disparo da flecha, que pelos machados perpassa,
sem falha alguma. Através dos anéis e da porta evolou-se
o dardo brônzeo. Virando-se, então, se dirige a Telêmaco:
"O hóspede aqui recolhido, Telêmaco, não te envergonha,
porque, para o arco vergar, não somente não fiz grande esforço,
como na meta acertei; inda força nos membros conservo.
Não sou, por certo, o que os moços julgavam, com tanto desprezo.
Mas o momento é chegado de a ceia aprestar aos Aquivos,
enquanto há luz. De outro modo, depois, a folguedos se entreguem,
cítara, danças e canto, os enfeites de todo banquete."
Tendo isso dito, piscou-lhe; cingiu logo a espada cortante
o caro filho do divo Odisseu, o divino Telêmaco,
que a lança firma na mão, vindo ao lado do pai colocar-se,
junto do trono em que estava, vestido de bronze brilhante.

CANTO XXII

A CHACINA DOS PRETENDENTES

“Odisseu completa a Morte dos pretendentes com a presença de Atena. Então, Telêmaco e os serventes castigam as serventes e Melôntio.” (Scholie P V)

Logo o astucioso Odisseu se despiu dos andrajos imundos, e
o grande umbral alcançou de um só pulo, tendo o arco seguro
e o carcás cheio de flechas velozes, que aos pés esparrama
rapidamente. Virando-se, então, para os moços, lhes fala:
“Eis, finalmente, acabado sem dano esse inócuo brinquedo.
Ora outra mira procuro, a que nunca mortal até agora
fez pontaria, se a glória do acerto me der Febo Apolo.”
Tendo assim dito, apontou para Antínoo um dos dardos amargos,
no próprio instante em que aquele intentava elevar uma taça
de ouro, com alças ornada, que já entre as mãos sustentava,
para que o vinho bebesse, sem ter a suspeita da Morte
no coração. Quem pensara que em meio de tantos convivas
um homem só, por mais forte que fosse, tivesse coragem
de lhe aprestar um destino terrível e Morte funesta?
Tendo o alvo, pois, bem-marcado, Odisseu o atingiu na garganta,
atravessando-lhe a ponta da flecha o pescoço macio.

Do lado oposto inclinou-se o ferido, deixando que a taça
se lhe escapasse das mãos. Do nariz escorreu logo um jorro
de negro sangue. Batendo com o pé, joga a mesa, violento,
longe de si, derramando no solo os manjares variados.
A carne e o pão se estragaram. Ao verem um homem caído,
os pretendentes, em grande tumulto, dos tronos saltaram
em que se achavam, tomados de medo, a correr pela sala
e a procurar alguma arma nos muros de bela feitura.
Nem forte lança, porém, nem escudo nos muros havia.
Para Odisseu se virando, o increparam em termos violentos:
"É tua própria ruína, estrangeiro, ferires este homem.
Nunca farás outro jogo, que o exício funesto está perto.
A Morte acabas de dar ao varão de mais nobre prosápia
de Ítaca. Vais, pois, servir aqui mesmo de pasto aos abutres."
Isso gritavam, julgando eles todos que a Morte ele dera,
sem o querer, ao varão. Não pensavam, estultos, que a ruína,
inevitável, já estava também impendente sobre eles.
Com torvo aspecto lhes disse Odisseu, o guerreiro solerte:
"Cães, não pensáveis, decerto, que um dia voltar eu pudesse
lá da planície de Troia, e por isso meus bens arruináveis,
às minhas servas fazíeis violências sem conta, aqui dentro,
e pretendíeis-me a esposa, apesar de que eu vivo estivesse,
sem terdes medo dos deuses eternos que moram no Olimpo
nem da vingança dos homens, que um dia pudesse alcançar-vos.
Sobre vós todos, agora, já impendem as malhas da Morte."
A essas palavras, o pálido medo dos moços se apossa,
os quais de todos os lados por onde fugir procuravam.
Somente Eurímaco pôde dizer-lhe, em resposta, o seguinte:
"Se és, em verdade, o Itacense Odisseu, e de volta aqui te achas,
falas com toda razão dos abusos que os moços Aquivos
em teu palácio e no campo fizeram por todo esse tempo.

Mas o culpado de tudo já se acha estendido no solo,
sem vida: Antínoo. Ele foi quem deu azo a tamanhos abusos
não tanto pelo desejo de a esposa poder conquistar-te,
mas com mais grave intenção que anulou o alto filho de Crono.
Sim, desejava reinar sobre o povo Itacense, nesta ilha
bem-construída e matar de emboscada a teu filho Telêmaco.
Ora o castigo o atingiu. É preciso que poupes tua gente.
Com os bens públicos logo haveremos de paga ofertar-te
por quanto foi no palácio comido e bebido sem regra.
Cada um, depois, te daremos o preço de vinte novilhas,
mais ouro e bronze bastante, até vires que se acha acalmado
teu coração. Antes disso ninguém teu rancor maldiria."
Com torvo aspecto lhe diz Odisseu, o guerreiro solerte:
"Ainda que desses, Eurímaco, toda a riqueza paterna
que ora desfrutas, e quanto a isso tudo juntar conseguisses,
a minha mão não deixaria, por certo, de a Morte aprestar-vos,
antes que todos os moços houvésseis as culpas expiado.
Ora só tendes à escolha, ante vós, ou lutar, defendendo-vos,
ou conseguir, pela fuga, da Parca e da Morte livrar-vos.
Mas não presumo que possa um sequer escapar do extermínio."
A essas palavras lhe foge a coragem, os joelhos fraquejam.
Vira-se Eurímaco, então, para os outros e diz novamente:
"A mão terrível deste homem não vai, certamente, deter-se,
caros amigos, mas o arco bem-feito e o carcás tendo firmes,
disparará da soleira polida, até ter conseguido
exterminar a nós todos. Pensemos, portanto, na luta.
Desembainhemos os gládios; que as mesas nos sirvam de escudo
contra seus dardos letais. Depois disso, contra ele avancemos
todos reunidos, té ver se o expulsamos da entrada e da porta.
Pela cidade, depois, sem demora, lance o alarma.
O último dardo, sem dúvida, este homem já deve ter jogado."

Tendo isso dito, arrancou logo a espada de junto da coxa,
de bronze agudo e dois gumes, então, contra o herói atirando-se,
com um grande urro. No mesmo momento o divino Odisseu
lhe disparou uma flecha no peito, bem junto ao mamilo,
que foi cravar-se no fígado. Eurímaco a espada empunhada
deixa cair, indo, então, oscilante, bater contra a mesa,
sob a qual tomba, encurvado, fazendo rolar pela terra
a taça dupla e os manjares. A fronte bateu contra o solo;
na luta extrema da Morte, de encontro à cadeira os pés ambos,
nas convulsões, percutiam, cobrindo-lhe os olhos as trevas.
Tendo arrancado da espada cortante, também, salta Anfínomo
contra o glorioso Odisseu, para ver se podia afastá-lo,
de qualquer jeito, da porta. Porém, mais ligeiro, Telêmaco
antecipou-se, por trás atirando-lhe a lança de bronze,
entre as espáduas, de forma que a ponta no peito saiu.
Cai, estrondando, batendo de cheio com a fronte no solo.
Salta Telêmaco, então, para trás, tendo a lança deixado
presa no corpo de Anfínomo; teve receio, realmente,
que algum dos moços Aquivos à espada o ferisse, no instante
de a lança forte arrancar, ou que, estando inclinado, o golpeasse.
Corre, por isso, para onde se achava seu pai mui dileto;
e, perto dele chegando, lhe diz as palavras aladas:
"Já já, meu pai, vou trazer-te um escudo, duas lanças e um elmo
todo de bronze, que possa ajustar-se mui bem às tuas fontes.
À minha volta armar-me-ei, e outras armas ao caro porqueiro
hei de arranjar e ao vaqueiro. É melhor que estejamos armados."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
"Traze-mas, que poucos dardos me restam, com que defender-me.
Temo que, sendo um somente, me possam tirar da soleira."
Isso disse ele; Telêmaco, então, a Odisseu obediente,
foi para a câmara em que se encontravam as armas valiosas,

de onde tirou quatro escudos, bem como oito lanças e quatro
elmos de bronze, adornados com tufos de crina ondulante,
e para junto do pai levou logo isso tudo consigo.
Primeiramente, porém, revestiu todo o corpo com bronze.
As armaduras bem-feitas também os dois servos vestiram
e ao lado foram se pôr do prudente e ardiloso Odisseu,
que, enquanto pôde dispor de alguns dardos com que defender-se,
os pretendentes visava e feria, no próprio palácio,
sem descansar; eles iam caindo, por cima uns dos outros.
Quando, porém, se esgotaram os dardos do nobre frecheiro,
o arco pôs ele de lado, indo junto de um poste deixá-lo,
bem-apoiado de encontro à parede brilhante da sala.
De quatro peles de boi, um escudo nos ombros enverga,
e sobre a régia cabeça o elmo pôs, de lavor primoroso,
com cola equina; o penacho ondulava de modo terrível.
Toma, por fim, duas lanças bem fortes, com ponta de bronze.
Na bem-construída parede se via pequena passagem,
cujo limiar muito acima do soalho da sala ficava,
que a um corredor dava acesso, fechado com sólidas portas.
Manda Odisseu ao divino porqueiro que ali se postasse,
para guardá-la. Saída exclusiva, realmente, era aquela.
Vira-se, então, Agelau para todos os outros, dizendo:
“Caso um de nós conseguisse galgar essa estreita passagem
e fosse auxílio pedir entre o povo e fazer grande alarma,
o último dardo, sem dúvida, esse homem, em breve, atirara.”
Disse-lhe, então, o de cabras pastor em resposta, Melântio:
“Isso é impossível, divino Agelau, que mui próxima se acha
a bela porta do pátio, e pequena demais é a passagem.
Um homem só, denodado, pudera deter a nós todos.
Tende coragem, que estou resolvido a trazer-vos da câmara
armas com que vos armeis, que, estou certo, não foi noutra parte

que as colocaram o grande Odisseu e seu filho preclaro.”
Tendo assim dito, Melântio, de cabras pastor, esgueirou-se
para o aposento de cima, por uma das frestas da sala,
onde escolheu doze escudos e assim igual número de hastas
e elmos de bronze, também, com penachos equinos ornados.
Aos pretendentes, depois, retornou, entregando-lhes tudo.
Teve Odisseu grande abalo, fraqueando-lhe as pernas e o peito,
ao perceber que eles todos se armavam e que longas lanças
nas mãos sustinham. Difícil empresa, realmente, o aguardava.
Vira-se para Telêmaco e diz-lhe as palavras aladas:
“Penso, Telêmaco, que uma das servas da casa, ou Melântio,
desencadeou contra nós uma luta iminente e funesta.”
O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
“O erro, meu pai, vem de mim; ninguém mais desse fato tem culpa,
pois esqueci-me de a sólida porta fechar, em verdade,
desse aposento. Mais hábil do que eu o espião revelou-se.
Mas vai, Eumeu, bem depressa, fechar o aposento de cima,
e ver se alguma das servas de quanto se deu foi a causa
ou, como tenho suspeitas, Melântio, o nascido de Dólio.”
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos diziam.
Para o aposento, outra vez, o cabreiro Melântio subiu,
com a intenção de mais armas trazer. Percebeu-o o porqueiro;
chega-se para Odisseu e lhe diz, apressado, o seguinte:
“Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso,
como o pensávamos, esse indivíduo funesto, Melântio,
volta a subir para a câmara. Dize-me, então, sem rodeios,
se devo logo matá-lo, no caso de vir a vencê-lo,
ou se o conduzo até aqui, porque possa expiar os excessos
inumeráveis, que ousou cometer no teu próprio palácio.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Os pretendentes ilustres bastamos, eu próprio e Telêmaco,

para os conter aqui dentro, apesar de investirem furiosos.
Ide ambos vós e amarrai-o de pés e de mãos para as costas,
e no aposento o lançai, sem deixar de fechar bem a porta.
Mas, antes disso, passai-lhe no corpo uma corda torcida,
para poderdes içá-lo à coluna, até a trave mais alta,
porque lá fique a penar muito tempo indizíveis tormentos."
Isso disse ele; atenção lhes prestaram, cumprindo-lhe as ordens.
Entraram no quarto em que estava Melântio, sem que este o sentisse,
pois se encontrava à procura, nos cantos, de mais armaduras.
Ambos, então, se postaram ao lado de fora da porta.
Nisso Melântio, de cabras pastor, aparece na ombreira;
numa das mãos vem um elmo trazendo de quatro saliências,
noutra um grandíssimo escudo, estragado, com manchas de mofo
o mesmo que, quando jovem, Laertes heróis carregara.
Fora ali posto de lado, por ter descosidos os couros.
Pelos cabelos os dois o aferraram e ao solo o jogaram,
para o interior arrastando-o apesar da aflição que mostrava.
Com laço excruciante, depois, pés e mãos lhe apertaram,
e para trás o vergaram, tal como lhes fora ordenado
pelo divino e sofrido Odisseu, de Laertes nascido.
Tendo assim feito, passaram-lhe à volta do corpo uma corda
e para uma alta coluna o puxaram, bem perto das traves,
enquanto Eumeu lhe atirava remoques pungentes, dizendo:
"Por toda a noite, Melântio, terás que ficar de vigília,
nessa caminha macia deitado, tal como o mereces.
Penso que a Aurora, de trono dourado, que nasce do Oceano,
há de encontrar-te acordado, pois tens por costume, nessa hora,
aos pretendentes as cabras trazer para seus rega-bofes."
Dessa maneira o deixaram, em laços funestos atado;
e ambos, as armas vestindo e fechando a magnífica porta,
para Odisseu retornaram, o herói prudentíssimo e astuto.

De muito ardor revestidos ali se postaram, na porta,
quatro somente; na sala, guerreiros galhardos inúmeros.
Palas Atena, a donzela de Zeus, veio ter aonde estavam,
mui semelhante a Mentor, na figura exterior e na fala.
Muito se alegra Odisseu à sua vista, e lhe diz o seguinte:
"Deste perigo me livra, Mentor; sê lembrado do amigo
que benefícios sem conta te fez; somos ambos equevos."
Disse, conquanto soubesse tratar-se de Atena guerreira.
Os pretendentes gritavam, também, do outro lado da sala.
Fala, primeiro, Agelau, que do herói Damastor era filho:
"Que esse discurso labioso, Mentor, de Odisseu, não te faça
aos pretendentes contrários, nem mova o teu brio em prol dele,
pois estou certo que se há de cumprir o que temos em mente.
Logo que os dois tenham sido vencidos por nós, pai e filho,
tu, também, hás de ser morto, por causa do que ora pretendes
dentro da sala fazer. Pagarás com a própria cabeça.
Quando, porém, nosso bronze te houver da existência privado,
misturaremos os bens que possuis dentro e fora de casa
com os do herói Odisseu, sem deixar que seus filhos residam
no bem-construído palácio, sem, inda, deixar que tuas filhas
e a nobre esposa passeiem, libertas, a nossa cidade."
Isso disse ele; mas Palas Atena, ainda mais indignada,
vira-se para Odisseu, increpando-o com termos violentos:
"Já não existe em teu peito, Odisseu, a coragem e a força
com que, por mais de nove anos, por causa de Helena de braços
níveos e estirpe fidalga, incessante enfrentaste os Troianos.
Inumeráveis varões na refrega terrível mataste;
por teu conselho caiu a cidade imponente de Príamo.
Por que motivo, uma vez que defendes a casa e os haveres,
diante de inimigos te sentes receoso de forte mostrar-te?
Vamos, amigo, aproxima-te mais; vê de perto o que faço,

para que possas saber como o claro Mentor, filho de Álcimo,
em frente a teus inimigos as boas ações retribui.”
Disse, mas sem resolver que a vitória a seu lado ficasse,
pois desejava, primeiro, provar o vigor e a coragem
do astucioso Odisseu e do filho preclaro, Telêmaco.
Foi assentar-se, depois, numa trave da sala enfumada,
sob a figura exterior de andorinha que ali repousasse.
O filho de Damastor, Agelau, dava aos outros coragem,
que eram: Eurínomo, mais Demoptólemo e Pólibo ilustre,
Anfimedonte e Pisandro, nascido do claro Políctor,
dos pretendentes os mais distinguidos, por nobre coragem,
de quantos ali com vida, lutavam, tentando salvar-se.
Inumeráveis, as flechas aos mais trespassado já haviam.
Vira-se, então, Agelau para todos os outros, dizendo:
“Em breve, amigos, este homem as mãos sustará, de cansado.
Vede: Mentor já se foi, muito embora falasse arrogante;
eles, sozinhos ficaram, guardando a soleira da porta.
Não arrojeis, por tudo isso a um só tempo, vós todos, as lanças.
Primeiramente, disparem só seis, para ver se Zeus Crônida
a glória excelsa nos dá de ferir Odisseu, o solerte.
Não vos importem os mais, uma vez que esse seja vencido.”
Disse; eles todos, então, dispararam, tal como o ordenara,
cheios de ardor. Mas Atena frustrou-lhes os golpes violentos.
Uma das lanças, realmente, foi dar num pilar do aposento
de belo aspecto; encravar-se outra foi na mui sólida porta;
do freixo de outra a aênea ponta pesada enterrou-se no muro.
Quando eles quatro se tinham livrado dos tiros dos moços,
vira-se o divo e paciente Odisseu para os sócios e fala:
“Ora chegou nossa vez, companheiros, vos digo, de as lanças
nos pretendentes jogar, que somente um desejo demonstram:
o de privar-nos da vida, coroando, desta arte, os seus crimes.”

Disse; eles todos as lanças agudas, então, dispararam,
com vista firme. Odisseu, em verdade, matou a Demoptólemo;
foi por Telêmaco Euríades morto; o porqueiro, após isso,
a Élato prostra; Pisandro caiu pela mão do vaqueiro.
Por esse modo, eles todos morderam o solo infinito.
Os pretendentes, então, para o fundo da sala recuaram;
os outros quatro, de um pulo, arrancaram dos corpos as lanças.
Os pretendentes, de novo, atiraram os dardos pontudos,
cheios de ardor. Mas Atena frustrou-lhes os golpes violentos.
Uma das lanças, realmente, foi dar num pilar do aposento
de belo aspecto; encravar-se outra foi na mui sólida porta;
do freixo de outra a aênea ponta pesada enterrou-se no muro.
Anfimedonte feriu a Telêmaco perto do pulso,
muito de leve, arranhando-lhe o bronze somente a epiderme.
Pode Ctesipo ferir o porqueiro por cima do escudo,
no ombro, com a lança comprida, que, voando, foi dar contra o solo.
Mais uma vez os que estavam à volta do astuto Odisseu
em meio à turba dos moços jogaram as lanças pontudas:
a Euridamante feriu Odisseu, eversor de cidades;
a Anfimedonte, Telêmaco; a Pólibo, o divo porqueiro;
o zelador das manadas feriu, por sua vez, a Ctesipo
em pleno peito, certeiro, a quem disse o seguinte, gloriando-se:
“Ó filho de Politerses, trocista de marca! Não voltes
a pronunciar tais bazófias, levado por tua estultícia.
Deixa a palavra aos eternos, que em tudo nos são superiores.
A recompensa aí tens daquele osso que deste ao divino
e paciente Odisseu, quando esmola pedia na sala.”
Dizia o homem dos bois de chifres tortos. Odisseu, então,
ao filho de Damastor alcançou com a lança comprida;
e, por seu turno, Telêmaco a lança enterrou em Leócrito,
filho de Evénor, no flanco, indo o bronze sair do outro lado.

Tomba o ferido de bruços, batendo com a testa no solo.
Palas Atena, no entanto, levanta até o alto do teto
a égide exterminadora, causando terror nos espíritos.
Por toda a sala os guerreiros corriam, quais bois da manada,
quando os inquietos moscardos os seguem, picando-os sem pausa,
na primavera, no tempo em que os dias mais longos se tornam.
Bem como corvos de garras compridas e bicos recurvos,
dos altos montes provindos, sobre aves inermes se abatem,
que, espavoridas, se atiram das nuvens à vasta planície,
nada às coitadas valendo enfrentá-los, nem deles desviar-se,
que eles as matam, preando-as; a caça aos campônios alegra;
aos pretendentes, desta arte, eles quatro na sala investiam,
à destra e à esquerda a ferir. Só se ouviam gemidos e gritos;
crânios partidos rolavam e o sangue o chão todo inundava.
Corre Liodes, os joelhos abraça do herói Odisseu
e, suplicando, lhe diz as seguintes palavras aladas:
"Os teus joelhos abraço, Odisseu, tem piedade e respeito!
Juro que nunca, em tua casa, ultrajei a qualquer das mulheres,
nem com palavras, nem atos; tentei dissuadir, ao contrário,
os pretendentes, que tantos abusos aqui praticavam.
Não me quiseram, porém, atender, sem do mal desistirem.
Por esses atos iníquos o triste Destino os alcança.
Só fui arúspice [30]entre eles, sem ser solidário nas obras,
e hei de morrer, pois as boas ações já não são retribuídas."
Com torvo aspecto lhe disse Odisseu, o guerreiro solerte:
"Se eras arúspice entre eles, tal como, orgulhoso, o afirmaste,
hás de ter tido, aqui dentro, ocasião de fazer teus pedidos
para que a meta do doce retorno me fosse afastada
e te seguisse a consorte querida, gerando-te filhos.
Não poderás, por tudo isso, escapar do funesto Destino."
Disse; e, com mão vigorosa, da espada tomou, que se achava

sobre o chão duro. Tombara da mão de Agelau, quando a Morte
o surpreendera. Com ela no meio da nuca o derruba.
Ainda a falar, a cabeça rolou para o meio da poeira.
Fêmio, de Térpio nascido, que à força cantava no meio
dos pretendentes, escapar conseguiu da negra Morte,
pois se encontrava de pé, no postigo, nas mãos conservando
o sonoroso instrumento, indeciso do plano a ser feito:
se, retirando-se, iria acolher-se ao altar bem-construído
de Zeus potente, do lar protetor, onde coxas inúmeras
de bois haviam queimado Laertes e o divo Odisseu,
ou se deste último, súplice, se iria lançar aos joelhos.
Tendo assim, pois, refletido, afinal pareceu-lhe mais certo
ir abraçar os joelhos do divo Odisseu Laercíada.
Deixa, portanto, ficar o cavado instrumento no solo,
entre a cratera e a cadeira enfeitada com cravos de prata;
para Odisseu, depois, corre, passando-lhe os braços nos joelhos
e, suplicando, lhe diz as seguintes palavras aladas:
“Os teus joelhos abraço, Odisseu; tem piedade e respeito!
Arrependido virás a ficar se matares a um vate,
cujas canções sempre foram dedicadas aos deuses e aos homens.
Fiz-me por mim, tão somente, que um deus em minha alma ditou-me
muitas canções. Dá que possa cantar junto à tua pessoa
como ante um deus; não procures, portanto, privar-me da vida.
O caro filho te pode atestar, teu prezado Telêmaco,
como não era por próprio alvedrio, ou interesse, que estava
no teu palácio, a cantar para os moços, depois dos banquetes.
Eles, porém, eram muitos e fortes; trouxeram-me à força.”
Isso disse ele; escutou-o o sagrado poder de Telêmaco;
chega-se para Odisseu e lhe diz, apressado, o seguinte:
“Para! É inocente, meu pai! Que o teu bronze afiado o não fira.
Vamos salvar, igualmente, ao arauto Medonte, que sempre

me foi solícito em casa, no tempo em que eu ainda era criança,
a menos que já matado o haja o divo porqueiro ou Filécio,
ou que, no assalto aqui dentro, por ti já se encontre prostrado.”
Essas palavras do moço as ouviu o discreto Medonte,
pois se encontrava escondido debaixo de um trono, e enrolado
em uma pele de boi não curtida, fugindo da Morte.
De sob o trono levanta-se logo e da pele se espoja,
corre para onde se achava Telêmaco, abraça-lhe os joelhos
e, suplicando-lhe, lhe diz as seguintes palavras aladas:
“Eis-me, meu caro, detém-te e aconselha a teu pai que te imite.
Que de sua força não use, atirando-me o bronze afiado,
no seu rancor contra os moços que os bens no palácio esbanjaram
e que com tanta estultícia respeito nenhum te mostravam.”
Entre sorrisos lhe disse o divino e experiente Odisseu:
“Ânimo, visto te haver este aqui protegido e amparado,
para que o saibas no espírito e possas contar aos teus sócios
quanto às ações reprováveis as boas em tudo superam.
Mas, juntamente com o vate fecundo, abandona esta sala
onde a matança campeia, e te senta lá fora, no pátio,
para que possa fazer aqui dentro o que a mim só compete.”
A essas palavras os dois, sem demora, o aposento deixaram
e perto foram sentar-se do altar do potente Zeus Crônida,
sempre a espiar, desconfiados, receosos, que o estavam, da Morte.
Pôs-se, também, Odisseu a espiar pela sala sonora
se vivo alguém se encontrava, escapando, assim, da negra Morte.
Mas entre grande sangueira e no pó viu a todos caídos,
sem exceção, como peixes, que às praias ameiras recurvas
os pescadores do mar espumoso tirar têm por hábito
em redes feitas de malhas; ali desejosos de às ondas
salsas voltar, ficam todos jogados, em montes, na areia,
té que o Sol venha, ardoroso, privá-los a todos da vida:

uns sobre os outros jogados, os moços assim se encontravam.
Vira-se para Telêmaco o astuto Odisseu e lhe fala:
“À ama Euricleia, Telêmaco, dize que venha falar-me,
para que possa instruções transmitir-lhe de quanto resolvo.”
Isso disse ele; Telêmaco, então, a Odisseu obediente,
bate na porta, chamando em voz alta a prudente Euricleia:
“Velha mãezinha, levanta-te, já que no nosso palácio
sempre tiveste a função de vigiar o serviço das servas.
Vem, que te chama meu pai, pois deseja instruções transmitir-te.”
Isso disse ele; Euricleia nenhuma resposta apresenta;
a porta abriu do aposento, de sólida e bela feitura,
e pôs-se logo a caminho, seguindo de perto a Telêmaco.
Foi encontrar o solerte Odisseu entre os corpos sem vida,
todo manchado de sangue e de poeira, no jeito de forte
leão que se afasta, depois de comer uma rês da manada
ensanguentado está todo na frente; por ambos os lados
sangue dos queixos lhe escorre, espetáculo horrível de ver-se:
os pés e as mãos de Odisseu, desse modo, manchados, se achavam.
Quando Euricleia enxergou tantos corpos sem vida e a sangueira,
pôs-se a gritar de alegria, por ver tal empresa acabada.
Mas Odisseu a conteve, refreando-lhe a grande impaciência.
Vira-se logo e lhe diz as seguintes palavras aladas:
“Goza calada, velhinha; a essa grata expansão não te entregues,
pois é impiedade mostrar alegria ante um corpo sem vida.
Estes tombaram por obra dos deuses e próprios delitos;
não respeitavam nenhum dos mortais que da terra se nutrem,
tanto plebeu como nobre, que viesse a eles ter, por acaso.
Por esses atos iníquos domou-os o triste Destino.
Ora me faze um relato completo das servas da casa
que me negaram respeito, assim como das outras sem culpa.”
A ama Euricleia lhe disse, em resposta, as seguintes palavras:

“Ora pretendo dizer-te a verdade inconcussa, meu filho.
Dentro do próprio palácio cinquenta mulheres possuis,
todas serventes, a quem ensinamos os próprios lavores,
a cardar lã e a sofrer com paciência os trabalhos de escrava.
Doze, somente, dentre essas, a estrada do vício empreenderam,
sem que me tenham respeito, nem mesmo à prudente Penélope.
Somente há pouco Telêmaco à idade viril há chegado,
sem que sua mãe permitisse dar ordens a criada nenhuma.
Ora convém consentires que suba até o quarto magnífico,
para advertir tua esposa, a quem sono enviou um dos deuses.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Não na despertes ainda, mas traze, primeiro com pressa,
as impudentes criadas, que iníquas ações praticaram.”
Isso disse ele; Euricleia atravessa de novo a ampla sala,
para dizer às criadas que viessem, sem perda de tempo.
Chama Odisseu a Telêmaco, ao divo porqueiro e ao vaqueiro,
e lhes dirige, em seguida, as seguintes palavras aladas:
“Todos os corpos daqui retirai, com auxílio das servas,
que deverão, depois disso, passar as esponjas de furos
e água bastante nos tronos bem-feitos e mesas polidas.
Quando, porém, a casa tiverdes, desta arte, arrumado,
deste aposento, de bela feitura, levai as criadas
e entre a rotunda as postai e o cercado excelente do pátio,
e com espadas compridas feri-as, até que a elas todas
a alma arranqueis, porque possam tirar da memória a Afrodite,
que aos pretendentes as fez misturar-se em conúbio amoroso.”
Todas as servas vieram, um grupo, tal como o ordenara,
por entre grandes lamentos e pranto incessante e copioso.
Primeiramente, os cadáveres todos ali removeram,
que depuseram no pátio bem-feito, por baixo do pórtico,
uns sobre os outros. O próprio Odisseu o trabalho ordenara

e o dirigia, fazendo-as, assim, carregar os defuntos.
Os tronos todos, depois, bem-torneados, e as mesas polidas,
com bastante água lavaram e esponjas de furos inúmeros,
enquanto o próprio Telêmaco, o divo porqueiro e o vaqueiro
o pavimento da sala raspavam, passando-lhe enxada.
Toda a espurcícia as criadas jogavam do lado de fora.
Quando eles, pois, o aposento já haviam limpado e arrumado,
para o exterior do palácio bem-feito as criadas levaram,
e entre a rotunda as puseram e a cerca excelente do pátio,
num passo estreito, de onde era impossível, de todo, escaparem.
Vira-se, entanto, Telêmaco aos outros e diz o seguinte:
"Morte excelente não quero que tenha nenhuma das servas
que tanto opróbrio lançaram na minha cabeça e de minha
mãe, e a quem tanto aprazia com os moços soberbos deitar-se."
Disse; e tomando de um cabo de nave de proa anegrada,
numa coluna o amarrou, retesando-o bem no alto da torre,
para que os pés delas todas no solo tocar não pudessem.
Do mesmo modo que tordos de longos remígios, [31] ou pombas
que o pouso buscam ansiosas, às vezes em rede se enlaçam,
posta entre os ramos adrede, e descanso horroroso assim acham:
dessa maneira as cabeças de todas em fila ficaram,
com cordas pelo pescoço, porque mais depressa morressem.
Por pouco tempo, não muito, batendo com os pés, estrebucham.
Trazem, depois, para o pátio a Melântio, através do postigo
cortam-lhe, logo, com bronze cruel o nariz e as orelhas,
os genitais lhe arrancaram, aos cães atirando-os sangrentos,
e as mãos e os pés, afinal, lhe cortaram, com ânimo duro.
Quando acabaram de os braços e as pernas lavar, retornaram
para o palácio do herói, que o trabalho já estava concluído.
Vira-se para Euricleia Odisseu e lhe diz o seguinte:
"Traz-me enxofre, que os males expurga, e também umas brasas,

porque o aposento defume. Depois vai dizer a Penélope
que em companhia de suas criadas aqui venha logo.
Que se apresentem, também, a esta sala as restantes criadas.”
A ama Euricleia lhe disse, em resposta, as seguintes palavras:
“Tuas palavras, meu filho, são ditas com muita prudência.
Ora convém que te traga vestidos, um manto e uma túnica,
porque não vistas nos ombros possantes uns trapos imundos,
dentro do próprio palácio. Há de ser reparado, por certo.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Lume, em primeiro lugar, quero ver nesta sala acendido.”
Isso disse ele; Euricleia nenhuma objeção lhe apresenta,
e foi buscar logo as brasas e o enxofre. Odisseu o aposento,
os demais quartos e o pátio defuma, depois, cuidadoso.
A velha foi pela casa bem-feita do herói Odisseu,
para dizer às criadas que viessem, sem perda de tempo.
Todas as servas dos quartos saíram, com fachos acesos;
chegaram-se para o divino Odisseu e o saudaram, festivas,
a testa e os ombros lhe beijam, com mostras de grande alegria,
e as mãos, que prendem nas suas. Suave desejo a ele veio
de soluçar e gemer, porque a todas conhece no espírito.

CANTO XXIII

PENÉLOPE RECONHECE ODISSEU

“A mensagem de Euricleia para Penélope sobre Odisseu e sobre a Morte dos pretendentes. Penélope reconhece Odisseu. Resumo de suas aventuras.” (Scholie P Q V)

Cheia de júbilo a velha correu para os quartos de cima,
para dizer à senhora que o esposo já em casa se achava.
Rapidamente os joelhos se movem, os pés saltitavam.
Fica-lhe junto à cabeça e lhe diz as seguintes palavras:
“Filha querida, Penélope, acorda, porque com teus próprios
olhos ver possas aquilo por que há tantos dias ansiavas.
Já no palácio se encontra Odisseu, ainda que haja tardado.
Os pretendentes ilustre matou, que teus bens consumiam
e a própria casa, e a teu filho por modo insolente tratavam.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope, muito sensata:
“Ama querida, do juízo privaram-te os deuses, que podem
o entendimento turvar a quem quer que mais senso possua,
e o uso emprestar da razão a quem dela se mostre privado.
Ora te fazem turvado, Euricleia, o juízo tão lúcido.
Zombas de mim, desse modo, conquanto aflições me consumam?

Com tais histórias sem nexo me vens despertar do agradável
sono, que as pálpebras caras havia fechado e envolvido.
Nunca dormi por maneira tão calma, depois que Odisseu
foi para a Troia infeliz, cujo nome dizer não consigo.
Vai para baixo, de novo, e te encerra no quarto bem-feito;
se outra qualquer das criadas, de quantas possuo, me viesse
dar semelhante notícia e de sono agradável tirar-me,
não ficaria só nisso; fá-la-ia voltar para o quarto
com o castigo adequado; protege-te a idade avançada."
A ama fiel, Euricleia, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Filha querida, não quero zombar; em verdade, Odisseu
já no palácio se encontra, tal como o acabei de dizer-te.
Era o estrangeiro, a quem tantos insultos na sala atiravam.
Só por Telêmaco era a verdade sabida, há bem tempo;
mas com bastante prudência ocultava do pai os desígnios,
para que fosse possível vingar-se dos homens soberbos."
Isso disse ela; Penélope, então, salta, alegre, do leito
e foi a velha abraçar, marejando-lhe, súbito, as lágrimas.
Logo se pôs a falar-lhe as seguintes palavras aladas:
"Sinceramente, mãezinha, me conta a verdade, te peço,
se ele, de fato, já se acha aqui dentro, tal como o afirmaste.
De que maneira pôde ele vencer esses moços soberbos,
sendo um somente, se os outros, aqui, sempre em grupos andavam?"
A ama fiel, Euricleia, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Não me contaram, nem vi coisa alguma; os gemidos, apenas,
dos moribundos ouvíamos, pois nos achávamos todas
com muito medo nos quartos bem-feitos, de portas trancadas,
té que teu filho Telêmaco, alfim, me chamou para a sala,
visto que o pai o incumbira de dar-me, a esse tempo, o recado.
Fui encontrar Odisseu, que se achava entre os corpos feridos
dos pretendentes, de pé, que à sua volta o chão duro cobriam,

uns sobre os outros. Também te seria agradável vê-lo
todo manchado de sangue e de poeira, qual leão façanhoso.
Ora os cadáveres se acham num monte, na porta do pátio.
Tendo depois Odisseu acendido uma grande fogueira,
fez defumar o ambiente bem-feito. Chamar-te mandou-me.
Segue-me, pois, para que ambos possais percorrer o caminho
dos sentimentos alegres, que muito já tendes sofrido.
Ora já se acha, afinal, realizado esse voto ardoroso.
Vivo, Odisseu retornou para o lar e encontrou-te com vida
e ao caro filho; e aos que tantos abusos aqui cometeram,
aos pretendentes, no próprio palácio puniu, finalmente."
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
"Ama querida, não deves mostrar-te em excesso exultante.
Bem sabes quanta alegria sua volta causara a nós todos,
mormente a mim, sua esposa, e a Telêmaco, o filho querido.
Mas é impossível que seja verdade o que há pouco disseste.
Os pretendentes ilustre matou-os algum dos eternos,
que se indignaram com tantos abusos e ações impiedosas.
Não respeitavam nenhum dos mortais, que da terra se nutrem,
tanto plebeu como nobre, que viesse a eles ter, por acaso.
Ora morreram por causa dos próprios abusos. Mas longe
da terra acaia Odisseu a esperança perdeu e a existência."
A ama fiel, Euricleia, lhe disse o seguinte, em resposta:
"Filha, por que tais palavras do encerro da boca soltaste?
Teu caro esposo já se acha no lar, e repetes que nunca
mais há de vir! Tens no peito um espírito assaz desconfiado.
Ora te vou revelar um sinal, em verdade, infalível:
a cicatriz da dentada que outrora lhe deu um javardo.
Na hora em que o estava lavando, notei-a, e quis logo contar-te;
mas Odisseu, que é dotado de grande prudência, impediu-me
de te dizer qualquer coisa a respeito, tapando-me a boca.

Segue-me, pois, sem demora, que a vida em penhor te ofereço;
mísera Morte dar-me-ás, caso esteja a contar-te inverdades.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
“Ama querida, difícil ser-te-á perscrutar os desígnios
dos imortais, ainda mesmo que sejas dotada de argúcia.
Mas vamos ter com meu filho, apesar de tudo isso; que eu veja
dos pretendentes os corpos e quem deu a Morte a eles todos.”
Disse; e do quarto de cima desceu, revolvendo no espírito
se deveria de longe falar ao querido marido,
ou se lhe iria beijar a cabeça e nas mãos entregar-se-lhe.
Mas, quando a porta transpôs e na sala bem-feita encontrou-se,
foi se sentar junto ao fogo; defronte do herói Odisseu,
no muro oposto. Ele estava sentado de encontro à coluna,
com o olhar fixo no chão, esperando que a nobre consorte
lhe dirigisse a palavra no mesmo momento em que o visse.
Sem dizer nada ficou muito tempo, confusa no espírito.
Reconhecê-lo queria, se o via bem fixo, de frente;
mas estranhava outras vezes, por causa da roupa andrajosa.
Aborrecido, Telêmaco pôs-se a increpá-la, dizendo:
“Sem coração! Não és mãe! Sentimento cruel tens no peito.
Por que motivo te afastas, assim, de meu pai e ao seu lado
não vens sentar-te, fazendo perguntas e ouvindo-lhe a fala?
Nenhuma esposa ficara insensível desta arte, sentada
longe do caro marido, que, após anos vinte de ausência
e de trabalhos, voltasse, afinal, para a terra nativa.
Tens coração no imo peito, em verdade, mais duro que a pedra.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
“Estupefacta, meu filho, realmente, se encontra minha alma,
sem que consiga palavra dizer-lhe, ou fazer-lhe perguntas,
nem mesmo olhá-lo de frente. Mas se ele é Odisseu, que, de fato,
ora regressa, possível, decerto, há de ser a nós ambos

reconhecermo-nos logo, pois temos sinais eloquentes,
de nós sabidos, e a todas as outras pessoas estranhos.”
Riu-se o divino e astucioso Odisseu, ao ouvir-lhe tal coisa;
vira-se para Telêmaco e diz as palavra aladas:
“Seja, Telêmaco! Ponha-me à prova tua mãe no palácio;
dentro de pouco, e por modo seguro, há de, enfim, convencer-se.
Ora me encontro com estes vestidos imundos; por isso
ela me mostra desprezo e me diz que eu sou outra pessoa.
Mas reflitamos no modo de tudo acabar a contento,
pois quando alguém mata um homem, somente, do povo, ainda mesmo,
que pouca gente tivesse deixado, capaz de vingá-lo,
vê-se forçado a fugir e deixar os parentes e a pátria.
Os sustentáculos desta cidade, em vez disso, matamos,
de Ítaca os moços mais nobres. Reflete, te peço, a respeito.”
O ajuizado Telêmaco disse o seguinte, em resposta:
“Isso, meu pai, tem que ser resolvido por ti, que entre os homens,
dizem-no todos, o mais astucioso de ser tens a fama,
sem que mortal sobre a terra contigo se atreva a medir-se.
Com todo o ardor te estaremos ao lado; não creio que enquanto
força nos membros tivermos, nos falte a coragem precisa.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Vou, nesse caso, aventar o que julgo ser mais conveniente:
Primeiramente, lavai-vos; após, envergai limpas túnicas,
e às servas todas da casa também ordenai que se vistam.
Tome, depois, o divino cantor o sonoro instrumento,
para que todos o sigam nos passos alegres da dança,
porque os vizinhos presumam, ou mesmo qualquer transeunte
que lá de fora escutar, que se trata de bodas festivas.
Não aconteça espalhar-se a notícia, no povo, da Morte
dos pretendentes, sem que já tenhamos saído e alcançado
nosso domínio sombreado; [32] uma vez lá chegados, veremos

o que de mais pertinente nos pode inspirar Zeus Olímpico.”
Isso disse ele; atenção lhe prestaram, cumprindo-lhe as ordens.
Primeiramente, lavaram-se e roupas decentes vestiram;
as servas todas, também, se enfeitaram; o aedo divino
toma, depois, do escavado instrumento, fazendo que em todos
eles o gosto nascesse da dança ritmada e do canto.
A grande casa ressoava à batida dos pés cadenciosos
dos dançadores e assim das mulheres de belas cinturas.
Muitos que o ouviam, do lado de fora, desta arte falavam:
“Oh! Certamente a rainha aceitou desposar um dos moços.
Mísera! Não teve força de a casa do esposo legítimo
com mais constância guardar, té que viesse, afinal, de tornada.”
Isso diziam, sem que suspeitassem do que se passava.
Nesse entrementes, Eurínoma, a fiel despenseira, na própria
casa banhou a Odisseu, óleo fino no corpo passou-lhe,
pondo-lhe sobre as espáduas a túnica e um manto bem-feito.
Palas lhe deita por sobre a cabeça abundante beleza,
deixa-o mais digno de ver e mais forte, caindo-lhe os cachos,
em caracóis, da cabeça, semelhos à flor do jacinto.
Do mesmo modo que artista perito derrama na prata
lâminas de ouro, discíp’lo, que fora, de Hefesto e de Palas
em variados misteres, e faz admiráveis trabalhos:
Palas, assim, na cabeça e nos ombros infunde-lhes graça.
Sai da banheira, na forma exterior parecendo um dos deuses,
indo sentar-se de novo no trono inda há pouco deixado
defronte à cara consorte, a quem diz as seguintes palavras:
“Incompreensível mulher! Mais que às outras, realmente, os eternos
deuses, que moram no Olimpo, de pedra fizeram-te o peito.
Nenhuma esposa ficara insensível, desta arte, sentada
longe do caro marido que, após anos vinte de ausência
e de trabalhos, voltasse, para a terra nativa.

Ama, prepara-me o leito, onde possa dormir, muito embora
me deite só. Coração ela tem, em verdade, de ferro.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
“Homem estranho! Não sinto desprezo, nem sou orgulhosa,
nem em excesso te admiro, pois bem sei que traços tu tinhas
antes de te ires desta ilha em navios de remos compridos.
Mas, enfim, seja! Euricleia, prepara-lhe o sólido leito
fora do quarto de bela feitura construído por ele.
A cama, pois, lhe prepara do lado de fora e a recobre
com boas peles e mantos e colcha de linha esplendente.”
Isso disse ela, com o fim de provar o marido. Odisseu
muito indignado se vira e responde à consorte prudente:
“Essa palavras, mulher, me excruciam, realmente, o imo peito.
Quem pôde o leito tirar do lugar? Mui difícil se-lo-ia
para qualquer dos mortais, embora hábil. Só mesmo um dos deuses
conseguiria, sem grande trabalho, mudá-lo de sítio.
Mas nenhum homem que vive da terra, conquanto mui forte,
o poderia abalar facilmente; um sinal tinha outrora,
particular, esse leito bem-feito, que eu próprio construíra.
Uma oliveira de espessa folhagem no pátio crescera;
como coluna era o tronco maciço depois de florido.
À volta dele elevei minha câmara, até vê-la pronta,
toda de filas de pedras e um teto bem-feito por cima.
Sólidas portas lhe pus, trabalhadas com muito carinho.
Só depois disso cortei a folhagem da grande oliveira,
e o tronco todo lavrei, desde baixo, alisando-o com bronze,
muito habilmente, tomando as medidas de tudo com fio,
para em um pé transformá-lo, da cama, furando-o com trado.
Desse começo construí toda a cama, até vê-la concluída,
pondo-lhe vários enfeites de prata, marfim e ouro puro,
e distendendo umas tiras de couro, de brilho purpúreo.

Eis o sinal que me apraz revelar-te. No entanto, ora ignoro
se ainda está firme o meu leito no mesmo lugar, ou se acaso,
tendo cortado bem cerce a oliveira, dali o removeram."
Isso disse ele; abalou-se-lhe o peito, fraquearam-lhe os joelhos,
reconhecendo o sinal que Odisseu, tão preciso, dissera.
Logo para ele, direita, correu, lacrimosa, e, passando-lhe
os braços pelo pescoço, beijou-lhe a cabeça e lhe disse:
"Não te enraiveças comigo, Odisseu, visto seres dos homens
o mais sensato. Infortúnios bastantes os deuses nos deram,
não consentindo que, juntos, viver aqui sempre pudéssemos
e a juventude gozar, té não ser a velhice chegada.
Não fiques, pois, agastado, nem faças nenhuma censura
por não te haver, no primeiro momento, corrido a abraçar-te.
O coração no imo peito se achava em constante receio
de que pudesse alguém vir enganar-me com ditos falazes,
pois muitos homens, realmente, meditam maldosos desígnios.
A própria Helena da Argólida, filha de Zeus poderoso,
jamais ao leito de um homem de fora teria subido,
se, porventura, pudesse saber que os Aqueus belicosos
para o palácio de novo a trariam, à terra nativa.
Um deus, sem dúvida, a fez praticar tal ação vergonhosa,
sem que tivesse, realmente, no espírito a culpa funesta
premeditado, que a origem nos foi de tão grande infortúnio.
Ora, porém, que mostraste saber o sinal evidente
do nosso leito, que nunca mortal jamais teve ante os olhos,
a não ser nós e uma serva somente, entre todas as fâmulas,
a filha de Áctor, que, ao vir para aqui, por meu pai me foi dada,
e nos guardou sempre as portas do tálamo forte e bem-feito,
o coração convenceste-me, embora receoso estivesse."
Essas palavras no herói despertaram o pranto incontido;
e a soluçar apertava nos braços a esposa querida.

Tal como a vista da terra distante é agradável aos náufragos,
quando, em mar alto, o navio de boa feitura Posido
faz soçobrar, sob o impulso dos ventos e de ondas furiosas;
poucos conseguem chegar até o firme, nadando nas ondas
de cor escura, com os membros cobertos de espessa salsugem,
e ledos pisam a praia, enfim tendo da Morte escapado;
do mesmo modo a Penélope a vista do esposo era cara,
sem que pudesse dos cândidos braços, enfim, desprendê-lo.
E nesse estado viria encontrá-los a Aurora fulgente,
se a de olhos glaucos, Atena, outro ardil não tivesse pensado:
fez com que a Noite, já perto do termo, mais longa ficasse,
não consentido que a Aurora saísse do Oceano e jungisse
os corredores velozes, que trazem a luz para os homens,
Lampo e Faetonte, os corcéis ardorosos que Aurora conduzem.
Para a consorte se vira o solerte Odisseu e lhe fala:
"Ainda, mulher, não chegamos à meta das nossas desditas,
sim me reserva o futuro acabar uma empresa indizível,
longa e difícil, que a mim, só, compete levar a bom termo.
A alma do vate Tirésias desta arte me fez vaticínios
quando no de Hades palácio a pisar eu me vi obrigado,
para que dele instruções obtivesse a respeito da volta.
Mas para o leito subamos, mulher, finalmente, que juntos
no doce sono possamos fruir agradável repouso."
Disse-lhe, então, em resposta Penélope muito sensata:
"A qualquer hora que o queiras, teu leito acharás preparado,
visto ter sido a vontade dos deuses eternos trazer-te
para tua casa bem-feita e o querido país de nascença.
Mas, uma vez que falaste no assunto, que um deus te pôs na alma,
esse trabalho me conta, porque, se é forçoso que tenha
de conhecê-lo, será preferível saber tudo logo."
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:

“Louca! Por que ora a falar me compeles, com tanta insistência?
Seja; dispondo-me a tudo dizer-te, sem nada ocultar-te.
Mas em teu peito não hás de alegrar-te. Eu, também, não me alegro.
Disse-me o vate Tirésias que fosse por muitas cidades
de homens mortais, carregando um dos remos de fácil manejo,
té ser chegado ao país de umas gentes que o mar nunca viram,
que os alimentos com sal temperar por costume não tenham
e desconheçam navios dotados de proas vermelhas,
bem como remos de fácil manejo, que às naus servem de asas.
Deu-me um sinal de confiança, que a ti contarei, certamente:
Logo que outro homem eu vir a vagar pelo mesmo caminho,
e me disser que uma pá de espalhar grão de trigo carrego,
devo cravar, nesse ponto, o meu remo de fácil manejo,
e sacrifícios esplêndidos logo fazer a Posido,
primeiramente um carneiro, depois um novilho e um cachaço,
e para casa, depois, retornar e ofertar hecatombes
às divindades eternas, que moram no céu espaçoso,
a todas elas, por ordem. Distante do mar há de a Morte
me surpreender, por maneira mui doce e suave, ao achar-me
enfraquecido, em velhice opulenta, e meu povo encontrar-se
completamente feliz. Isso tudo me foi revelado.”
Disse-lhe, então, em resposta, Penélope muito sensata:
“Se uma velhice assim calma, de fato, te foi prometida,
é de esperar que consigas vencer todos esses trabalhos.”
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos trocavam.
A ama, entrementes, e Eurínoma, à luz dos archotes, o leito
lhes prepararam, provido de roupas macias e brancas.
Quando, zelosas, já haviam o sólido leito aprestado,
para o palácio Euricleia voltou, porque, enfim, repousasse,
enquanto Eurínoma, a fiel camareira, servia de guia
com um archote na mão, té chegarem ao tálamo odoro.

Volta, depois de os deixar no aposento. Os esposos, no entanto,
alegremente o lugar alcançaram do seu velho leito.
Por esse tempo Telêmaco, o divo porqueiro e o vaqueiro,
bem como as servas, fizeram cessar os compassos da dança,
indo, depois, repousar pelo grande palácio sombrio.
Os dois esposos, no entanto, aos prazeres do amor se entregaram
e aos inefáveis encantos de longo e agradável colóquio. [33]
Narra Penélope quanto sofrera durante esse tempo,
vendo as ações no palácio, do bando funesto de moços,
que por sua causa, diziam, manadas e pingues rebanhos
lhe consumiam, e vinho melífluo, que, a rodo, estragavam.
Por sua vez, o divino Odisseu lhe narrou, também, quantas
dores aos homens causara e os trabalhos que havia sofrido,
sem omitir coisa alguma. Penélope o ouvia enlevada,
sem que pudesse dormir, enquanto ele até o fim não contara.
Fala, primeiro, dos Cíconos e como pôde vencê-los; [34]
narra, depois, como foi ao fecundo país dos Latófagos
e o que fizera o Ciclope, e de como vingar conseguira
os companheiros queridos, que o monstro impiedoso comera.
De Éolo disse, depois, e de como o acolheu generoso
e o reenviou; mas o Fado já havia fixado que à pátria
não retornasse, senão que se viu, novamente, arrastado
por tempestade violenta pelo piscoso mar, a gemer.
Dos Lestrigões de Telépilos disse, depois, que destruíram
os companheiros ilustres, providos de grevas bem-feitas,
todos; somente Odisseu escapar conseguiu na nau negra.
Fez um relato, também, dos ardis e artifícios de Circe
e como pôde alcançar em navio provido de remos
a casa lôbrega de Hades, a fim de fazer a consulta
à alma do vate Tirésias; ali encontrou-se com os sócios
e a própria mãe, que o gerara e educara com muito carinho.

Disse, também, como ouvira as Sereias de voz fascinante
e como às Planctas chegara e aos rochedos de Cila e Caribde,
dos quais, ileso, ninguém até então escapar conseguira.
Mais: como os sócios as vacas diletas do Sol imolaram,
e como Zeus poderoso lançou sobre a nave ligeira
um raio ardente, destruindo-lhe os nobres consócios de viagem;
ele, somente, escapar conseguiu do destino funesto.
Disse, também, da ilha Ogígia e da ninfa preclara Calipso,
que desejava retê-lo, querendo fazer-se-lhe esposa,
na gruta côncava, e como o nutrira, afirmando, insistente,
que o deixaria imortal e liberto das cãs para sempre.
O coração, no imo peito, porém, jamais pôde abalar-lhe.
Conta, depois, os trabalhos que teve até aos homens Feácios,
que lhe fizeram tais honras, cordiais, qual se um deus ele fosse,
e o conduziram daí, num navio, até a pátria querida,
tendo-lhe bronze e ouro dado, abundante, e esplendentes vestidos.
A última história foi essa, que o sono, que os membros relaxa,
lhe sobreveio, apagando-lhe da alma aflições e cuidados.
A de olhos glaucos, Atena, concebe outro plano engenhoso.
Quando em sua alma julgou que Odisseu já se havia saciado
bastantemente do leito da esposa e do sono agradável,
fez com que a Aurora, de dedos de rosa, saísse do Oceano,
para que aos homens à luz conduzisse. Odisseu levantou-se
logo do leito macio, dizendo à consorte o seguinte:
“Ambos, querida, já temos passado por muitos trabalhos;
tu, no palácio, a chorar pelo meu tão difícil regresso,
ao passo que eu, por Zeus grande e outros deuses eternos, me achava
a consumir de saudade, retido distante da pátria.
Ora que já nos unimos de novo no leito querido,
cuida dos bens, aqui dentro de casa, que deles sou dono.
Enquanto às reses que os moços soberbos a rodo estragaram,

hei de repô-las, pilhando rebanhos. Os próprios Aquivos
hão de mas dar, té ficarem completos os nossos estábulos.
Ora pretendo visita fazer aos meus campos umbrosos,
porque reveja meu pai, que por mim tanto tem padecido.
A ti, mulher, aconselho, apesar da prudência que mostras —
por ser fatal que, mal surja a luz nova, se espalhe a notícia
dos pretendentes, que dentro de casa, sem vida, se encontram —
vai para os quartos de cima, seguida de tuas criadas
e permanece ali, queda; a ninguém endereças perguntas.”
Tendo assim dito, nos ombros vestiu a armadura esplendente,
foi despertar a Telêmaco, ao divo porqueiro e ao vaqueiro,
e disse a todos que logo tomassem as armas de guerra.
Estes, sem perda de tempo, com bronze luzido se armaram
e para fora saíram da porta, seguindo a Odisseu.
Já se espalhava a luz nova na terra; mas Palas Atena
rapidamente os tirou da cidade, envolvidos em sombra. [35]

CANTO XXIV

SEGUNDA DESCIDA AO HADES E O TRATADO DE PAZ

“Hermes guia as almas dos pretendentes ao Hades e se preparam para a segunda descida ao país dos mortos. Odisseu é reconhecido por seu pai Laertes. Ocorre uma revolta dos itacenses acerca da Morte dos pretendentes, mas Atena mantém a ordem.” (Scholie P V)

Hermes Cilênio chamou, no entretanto, reunindo-as, as almas
dos pretendentes. O deus empunhava a belíssima vara
de ouro, encantada, que aos olhos dos homens faz vir logo o sono,
quando lhe apraz, ou consegue fazer despertar os que dormem.
A vara, pois, agitava; zumbindo, seguiam-na as almas.
Como morcegos que pendem do fundo de gruta sagrada,
voam, fazendo chiado, se um deles, acaso, da rocha
cai, desprendendo-se de onde se achava seguro no cacho;
da mesma forma, zumbindo, esvoaçavam as almas, seguindo
ao salvador, o deus Hermes, por vias de lôbrego aspecto.
Pela corrente do Oceano perpassam, as pedras de Leucas [36]
e as claras portas do Sol, assim como os Domínios do Sonho,
té que, afinal, alcançaram o prado coberto de asfódelos,

onde se achavam reunidas as almas, imagens dos mortos.
A alma de Aquiles Peleio em primeiro lugar encontraram,
mais a de Pátroclo, e assim a do grande e impecável Antíloco,
bem como a sombra de Ajaz, o maior, em beleza e estatura,
dos Dânaos todos, depois do Pelida de forma perfeita.
Enquanto estavam reunidas à volta da sombra de Aquiles,
aproximou-se-lhes a alma do filho de Atreu, Agamémnone,
cheia de dor, pelas almas cercadas de quantos haviam
no alto palácio de Egisto morrido e cumprido o destino.
A alma de Aquiles Pelida em primeiro lugar o interpela:
"Filho de Atreu, Agamémnone, críamos todos que a Zeus
fulminador sempre havias de ser o mais caro dos homens,
por teres tido o comando de tantos guerreiros valentes
nos vastos plainos dos Troas, que muitos trabalhos nos deram.
Precocemente, no entanto, devias tombar sob as malhas
da triste Moira, a que os homens jamais poderão eximir-se.
Como te fora melhor, se na posse das honras que tinhas
lá no país dos Troianos, a Morte, afinal, encontrasses!
Todos os povos Aqueus te dariam, sem dúvida, um túmulo,
e no porvir a teu filho deixaras renome perene.
Mas o destino te havia guardado a mais triste das Mortes."
A alma do Atrida Agamémnone disse o seguinte, em resposta:
"Afortunado Pelida, que aos deuses eternos semelhas,
pois longe de Argos morreste, na Tróada, enquanto à tua volta
os nobres filhos de Aqueus e Troianos a Morte encontravam,
em luta acesa por ti, que na poeira jazias envolto,
numa grande área, esquecido de todo de guiar teus cavalos.
Por todo o dia lutamos, e, acaso, jamais cessaríamos
de combater, se não fosse a tormenta que Zeus quis mandar-nos.
Quando, afinal, conseguimos tirar-te do campo, no leito
te depusemos da nave, e lavamos o corpo bem-feito,

com água tépida, ungindo-te. Os Dânaos, de todos os lados,
as cabeleiras cortavam, em pranto desfeitos, copioso.
Surge do mar tua mãe, juntamente com as ninfas eternas,
ao ter notícia do fato. Clamor sobre as ondas se espalha,
grande e terrível, que medo infundiu nos guerreiros Aquivos.
E eles, talvez, se teriam nas côncavas refugiado,
se os não houvesse detido o varão de vetusta experiência,
o velho Pílio, Nestor, que primava em conselhos prudentes.
Cheio de bons pensamentos lhes diz, arengando, o seguinte:
‘Firmes, Argivos, ficai! Não fujais, valorosos Acaios!
É a mãe de Aquiles que surge das ondas, seguida das ninfas
do mar piscoso; vem ver o cadáver do filho querido.’
A essas palavras o medo fugiu dos Aquivos magnânimos
e em torno a ti se agruparam as filhas do velho marinho,
que te vestiram, por entre gemidos, com roupas divinas.
As nove Musas, então, todas elas, o treno alternaram,
com voz canora. Nenhum dos guerreiros Argivos sem lágrimas
ver poderias, que a todos o coro sagrado abalara.
Noites e dias seguidos, até dezessete, choraram-te
os deuses todos eternos e os homens de vida fugace;
mas no dia seguinte entregamos-te às chamas, matando à tua volta
muitas ovelhas vistosas e reses de marcha tardonha.
Foste, desta arte, queimado com roupas divinas e óleo
em abundância, e mel doce. Os guerreiros Acaios corriam
com suas armas à volta da pira em que a arder te encontravas,
em carro e a pé. Grande estrépito, então, até o céu elevou-se.
E, quando as chamas de Hefesto já haviam teu corpo destruído,
teus ossos brancos, Aquiles, ao vir a manhã, depusemos
em vinho puro e óleo fino; que uma ânfora de ouro deixara
Tétis, tua mãe, de Dioniso valioso presente, nos disse,
e obra imortal e famosa de Hefesto, o notável artífice.

Teus ossos brancos, Aquiles ilustre nessa ânfora se acham,
junto com os ossos de Pátroclo, o filho do grande Menécio.
À parte estão os de Antíloco, o sócio que mais estimavas
entre os Argivos, depois de haver Pátroclo a Morte encontrado.
De proporções admiráveis e linha impecável, sobre eles
um monumento erigimos, os sacros Argivos lanceiros,
numa saliência da costa, que o vasto Helesponto domina,
porque de grande distância ficasse visível aos homens,
tanto aos que vivem nesta época, como aos dos tempos vindoiros.
Logo tua mãe dos eternos obteve magníficos prêmios,
que pôs no meio da liça dos nobres guerreiros Acaios.
Às festas fúnebres, certo, de muitos heróis já assististe,
por ocasião do traspasso de um rei, quando os moços guerreiros
se cingem, lestos, e se armam, dispostos a entrar no certame;
mas certamente terias espanto colhido em tua alma,
se visses todos os jogos que Tétis, a deusa marinha
de pés de prata, dispôs; sempre foste querido dos deuses.
Não se apagou com tua Morte o teu nome; porém para sempre
entre os mortais hás de fruir, grande Aquiles, renome glorioso.
Qual a alegria, no entanto, de haver eu a guerra concluído?
Zeus me aprestou triste Morte, ao me achar novamente na pátria
às mãos de Egisto guerreiro e de minha funesta consorte.”
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conselhos trocavam.
A eles, no entanto, se chega o correio brilhante, que as almas
dos pretendentes levava, que o grande Odisseu tinha morto.
Muito espantados, os dois ao encontro das almas saíram.
A alma do Atrida Agamémnone ao filho do herói Melaneu,
Anfimedonte notável, no próprio momento conhece,
pois já estivera hospedado em sua casa, na própria ilha de Ítaca.
Foi a primeira a falar a grande alma do Atrida Agamémnone:
“Anfimedonte, que causa às regiões tenebrosas vos trouxe,

todos varões escolhidos e equevos? Ninguém poderia
de uma cidade melhor escolher os guerreiros mais nobres.
O deus Posido, talvez, vos matou nos navios velozes,
com suscitar contra vós ondas grandes e ventos furiosos?
Ou foi às mãos de inimigos, em terra, que a vida perdestes,
quando intentáveis levar-lhes os bois e rebanhos formosos?
Ou por mulheres lutando e em conquista de alguma cidade?
Dá-me resposta direita, pois hóspede teu me declaro.
Não te recordas de quando desci até vosso palácio,
com Menelau glorioso, a exortar o prudente Odisseu
a nos seguir para Troia em navios de boa coberta?
Um mês inteiro estivemos sulcando o mar vasto e profundo,
para, afinal, a Odisseu convencer, o eversor de cidades.”
A sombra, então, do guerreiro lhe disse o seguinte, em resposta:
“Filho de Atreu, gloriosíssimo, chefe de heróis, Agamémnone,
lembro-me, sim, de tudo isso, discíp’lo de Zeus, que disseste.
Vou relatar-te, sem nada omitir nem falsear a verdade,
o triste fim que devia levar-nos à Morte funesta.
Todos a nobre consorte do ausente Odisseu pretendíamos,
sem que ela as núpcias odientas por sim ou por não decidisse;
sim, meditava no modo de ao negro Destino entregar-nos.
No mais recôndito soube engendrar o seguinte artifício:
Tendo estendido no quarto uma tela sutil e assaz grande,
pôs-se a tecer. A seguir nos engana com estas palavras:
‘Jovens, porque já não vive Odisseu me quereis como esposa.
Mas não insteis sobre as núpcias, conquanto vos veja impacientes,
té que termine este pano, não vá se estragar tanto fio,
para mortalha de Laertes herói, quando a Moira funesta
da Morte assaz dolorosa o colher e fizer extinguir-se.
Que por qualquer das Acaias jamais censurada me veja
por enterrar sem mortalha quem soube viver na opulência.’

Dessa maneira falou, convencendo-nos o ânimo altivo.
Passa ela, então, a tecer uma tela mui fina, de dia;
à luz dos fachos, porém, pela noite destece o trabalho.
Três anos isso; com dolo consegue embair os Aquivos.
Mas quando o quarto chegou, das sazões no decurso do estilo,
ao se acabarem os meses, e os dias, por fim, se alongarem,
fez-nos saber da artimanha uma serva, de tudo inteirada.
Dessa maneira a apanhamos, que o belo tecido esfazia,
tendo-se visto obrigada a acabar o trabalho, por força.
Quando Penélope, alfim, nos mostrou essa tela admirável,
limpa, depois de lavada, com brilho do Sol ou da Lua,
eis que nos trouxe de algures funesto demônio a Odisseu,
na parte mais afastada, onde tem o porqueiro a cabana.
Aí, também, foi ter o filho querido do divo Odisseu,
que retornara de viagem de Pilo, de solo arenoso.
Dos pretendentes a Morte eles ambos, ali, combinaram.
Voltam, depois, para a bela cidade, tendo ido Telêmaco
antes do pai, pois o divo Odisseu se atrasou por vontade.
Trá-lo o divino porqueiro, com roupa andrajosa vestido,
desfigurado num velho pedinte de mísero aspecto,
num pau firmado, que à volta do corpo uns andrajos vestia.
Nenhum de nós foi capaz de saber quem ele era, ali tendo
aparecido de súbito, nem mesmo os velhos da terra.
Muitos insultos, então, lhe atiramos, e, até mesmo, golpes.
Por algum tempo, no próprio palácio, ele tudo suporta,
o coração paciente, pancadas e ditos molestos.
Quando, porém, Zeus potente lhe fez despertar a vontade,
as belas armas dali retirou com o filho Telêmaco,
e foi depô-las na câmara, cujo ferrolho atravessa.
Com refalsada malícia à consorte, depois, ele ordena
que a prova do arco e dos ferros aos moços, então, propusesse,

o que a nós todos seria o começo do fim desditoso.
A corda do arco potente ninguém conseguiu deixar tesa,
pois todos nós carecíamos, sim, do vigor necessário.
Quando, porém, foi ter o arco ao poder de Odisseu ardiloso,
todos gritamos com termos violentos e grande algazarra,
que não lho dessem, conquanto o pedisse com muita eloquência.
Mas por Telêmaco assim foi mandado, que a tanto o incitara.
Por esse modo o arco teve entre as mãos Odisseu ardiloso
e, facilmente vergando-o, passou pelos ferros o dardo.
Pondo-se, então, na soleira da porta, a seus pés logo as flechas
com torvo olhar espalhou, dando Morte à grandeza de Antínoo.
Desse lugar, aos demais pretendentes os dardos dispara
com pontaria certeira; nós todos aos montes caíamos.
Era evidente que um deus a seu lado se achava, a ajudá-lo,
pois pela sala, levadas, assim, por idêntica fúria,
à destra e à sestra matavam. Gemidos terríveis se ouviam,
crânios fendidos rolavam no chão, de sangueira encharcados.
Eis como todos morremos, Atrida. Até agora se encontram
abandonados, sem trato nenhum, nossos corpos no pátio,
pois pelos nossos palácios o ignoram parentes e amigos,
que das feridas teriam, sem dúvida, o sangue lavado,
sobre inumar-nos os corpos, com prantos, tal como é de praxe.”
Disse-lhe, então, em resposta, a grande alma do Atrida Agamémnone:
“És venturoso, ó solerte Odisseu, de Laertes nascido,
por teres tido uma esposa dotada de tanta virtude!
Que coração bem-formado possuía a prudente Penélope,
filha de Icário, que nunca esqueceu ao legítimo esposo!
A fama dessas virtudes jamais há de ser esquecida,
pois em louvor da prudente Penélope os deuses, por certo,
hão de inspirar aos mortais inefáveis e eternas cantigas.
Não concebeu, como a filha de Tíndaro, ações reprováveis,

para matar o marido, o que odiosas canções, certamente,
há de fazer entre os homens surgir, e lançar nas mulheres
mancha indelével, em todas, até nas que forem virtuosas.”
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos trocavam,
nas profundezas da terra, onde o de Hades palácio se encontra. [37]
Tendo deixado a cidade, Odisseu e os três outros o campo
bem-cultivado alcançaram, de Laertes, que há muito o adquirira
para si próprio, depois de sofrer infinitas canseiras.
Sua morada ali fora construída, cercada por tendas,
onde os escravos, que à lida atendiam, comer costumavam
e repousar, pós haverem suas ordens a ponto cumprido.
Uma mulher Siciliana, naquela soidão, muito idosa,
do velho Laertes cuidava e da casa, com todo desvelo.
Vira-se, então, Odisseu para os servos e o filho, e lhes fala:
“Para o interior do edifício bem-feito ide logo, tratando
de preparar o jantar, imolando o mais gordo cevado,
que, por meu lado, desejo meu pai pôr à prova, sondando
se ele consegue saber quem sou eu, ao me ter ante os olhos,
ou se por causa de ausência tão longa não pode fazê-lo.”
Tendo isso dito, entregou logo aos servos suas armas de guerra.
Estes, então, penetraram na casa de campo: Odisseu
pelo variado pomar se dirige, do pai à procura,
sem que pudesse, nas alas, achar um qualquer dos criados,
o próprio Dólio ou seus filhos, pois todos haviam saído
para cortar espinheiros, as plantas, assim, protegendo,
com sebes fortes; o velho servia a eles todos de guia.
Foi, pois, o pai encontrar no pomar bem-plantado, sozinho,
a mondar ervas em volta de uma árvore; estava vestido
com roupas velhas e sujas, e em torno das pernas polainas
de couro grosso de boi, proteção natural contra espinhos,
e nas mãos luvas, também, por defesa. De pele de cabra

traz, afinal, um barrete, que mais lhe acentuava a miséria.
Quando o divino e sofrido Odisseu o avistou desse modo,
pela velhice alquebrado, sentiu confranger-se-lhe o peito.
Posta-se, então, a chorar junto ao tronco de uma alta pereira.
Fica no espírito e no coração, a seguir, indeciso,
sobre se iria abraçá-lo e beijá-lo ali mesmo, contando-lhe
tudo, e de como voltara ao querido país de nascença,
ou se primeiro faria perguntas, sondando-lhe o espírito.
Tendo assim, pois, refletido, afinal pareceu-lhe mais certo
exp'rimentá-lo, de início, fazendo astuciosas perguntas.
Com tal propósito avança o divino Odisseu para o velho,
que se encontrava abaixado, a cavar ao redor de um arbusto.
Disse-lhe o filho famoso, chegando-se para mais perto:
"Vejo, meu velho, que tens muito jeito para essa labuta
de pomareiro, pois tudo está feito com senso e capricho,
sem que as pereiras e as vides, os pés de oliveira, as figueiras
e as plantações de legumes pereçam por falta de trato.
Ora outra coisa te vou perguntar, sem, com isso, ofender-te.
Não tens contigo o cuidado preciso, que, além da velhice
que te acabrunha, andas sujo e vestido por modo indecente.
Não há de ser por preguiça que assim te maltrata o teu amo,
pois não se nota, na altura e no aspecto, que tens natureza
de vil escravo; antes mostras possuir majestade de chefe.
Ora, aos senhores compete, depois de banhado e almoçado,
em bons colchões repousar. Esse é o jus da velhice pacata.
Vamos, agora me fala e responde conforme a verdade:
Como se chama o teu amo? De quem é o pomar que cultivas?
Narra-me tudo de acordo com os fatos, a fim de que saiba
se já me encontro, conforme presumo, no solo fecundo
de Ítaca, tal como há pouco me disse um transeunte na estrada,
pouco inteligente o homem, que nem até o fim pôde ouvir-me,

nem dar resposta condigna às perguntas que fiz a respeito
de um velho amigo, se, acaso, ainda se acha no meio dos vivos,
ou se já a vida perdeu, tendo ao de Hades palácio descido.
Ora pergunta te quero fazer; atenção me concede.
Na terra pátria, há bem tempo, a um guerreiro hospedei, que chegara
a meu palácio. Jamais acolhi sob o teto de casa
uma pessoa que tanto nos fosse bem-vinda e agradável.
Apresentava-se ufano por ser de família itacense;
filho, segundo contava, de Laertes, de Arcésio nascido.
Em minha casa o acolhi e lhe dei hospital gasalhado
com todo o afeto e carinho, pois tínhamos casa mui farta;
soube fazer-lhe presentes magníficos, tal como é de uso.
De ouro talentos lhe dei, sete ao todo, mui bem-trabalhados,
uma cratera de prata, com flores lavradas em torno,
doze tapetes, também, doze mantos de lã, muito simples,
túnicas doze, de linho, e outros tantos vestidos de cima,
sem mencionar quatro escravas, mui destras em todo trabalho,
por ele próprio escolhidas, de muito agradável presença.”
A derramar muitas lágrimas, disse-lhe o pai, em resposta:
“Caro estrangeiro, chegaste, realmente, ao lugar aludido,
mas dominado se encontra por seres de extrema arrogância.
Em pura perda o hospedaste e lhe deste tão belos presentes.
Se, porventura, nesta ilha o tivesses achado com vida,
só te deixara partir pós te haver carinhoso hospedado
e feito brindes magníficos, pois o acolheste primeiro.
Vamos, agora me fala e responde conforme a verdade:
Há quanto tempo se deu que em teu belo palácio hospedasses
a esse infeliz estrangeiro, meu filho — se o foi nalgum dia! —
Pobre, que longe do solo nativo e dos caros amigos
serve de pasto, no mar, para os peixes, ou presa tornou-se
na terra firme, de cães e de abutres, sem que nós pudéssemos

o pai e a mãe, que o geramos, chorá-lo depois de vestido.
Nem mesmo a esposa, de dote copioso, a sensata Penélope,
pôde chorar pelo caro marido no leito funéreo,
tal como é de uso fazer aos que morrem, cerrando-lhe as pálpebras.
Ora me fala de acordo com os fatos, a fim de que o saiba:
Qual o teu povo e o teu nome? teus pais? a cidade em que moras?
Onde se encontra o navio em que vieste com teus companheiros
de semelhança divina? Ou chegaste em navio estrangeiro,
como mercante, que, após te deixar, prosseguisse a derrota?”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Sem o menor subterfúgio pretendo contar-te a verdade.
Sou da cidade de Alibas e um belo palácio possuo.
Venho do grande Afidante, nascido do rei Polipémone,
e pelo nome de Epérito sou conhecido. Um demônio
me jogou longe da terra Sicana, bem contra a vontade.
Longe das casas ficou meu navio, mas perto dos campos.
Quanto ao que queres saber de Odisseu, já são feitos cinco anos
dês que de lá se partiu e deixou minha pátria querida.
Triste! No entanto os presságios lhe foram propícios, pois aves
pela direita voaram. Contente lhe dei os emboras,
e ele, também, mui contente se foi. Ambos nós esperávamos
reciprocar a hospedagem bem como presentes valiosos.”
Disse; uma nuvem sombria de dor a Laertes cobriu;
e, tendo terra anegrada tomado nas mãos, derramou-a
na veneranda cabeça, a soltar incessantes gemidos.
Mui comovido ficou Odisseu, e um prurido de choro
pelo nariz lhe subiu, quando o pai o percebeu nesse estado.
Corre para ele, a abraçá-lo, e, beijando-o, lhe diz o seguinte:
“Eu sou, de fato, meu pai, a pessoa a que há pouco aludiste,
que, decorridos vinte anos, à terra nativa retorno.
Não continues, portanto, a chorar e a gemer desse modo,

que ora te vou relatar com a urgência que o caso nos pede:
Os pretendentes já se acham sem vida no nosso palácio,
pois o castigo tiveram de suas ações criminosas.”
Disse-lhe o velho Laertes, então, em resposta, o seguinte:
“Se és Odisseu, em verdade, meu filho, que a casa retornas,
mostra-me, então, um sinal evidente, porque me convença.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Primeiramente, examina com teus próprios olhos a marca
que me ficou da dentada de um grande javardo, no tempo
em que o Parnaso viajei, por teu próprio mandado e o materno,
para que Autólico, o avô, visitasse e obtivesse os presentes
que, quando em Ítaca esteve, ele próprio acenou que daria.
Posso apontar-te, também, no teu belo pomar as fruteiras
que, certa vez, me ofertaste. Pedia-te todas as coisas,
pois muito criança então era, ao passearmos pelo horto variado,
em meio às árvores. Tu me dizias os nomes de todas.
Treze pereiras, então, com mais dez macieiras me deste,
e mais quarenta figueiras. Disseste, também, que darias
renques de cepas cinquenta, que frutos todo o ano produzem —
uvas de todas as castas, por isso, pendentes se veem —
quando as sazões de Zeus grande oportunas sobre elas baixassem.”
Ao ouvir essas palavras fraquearam os joelhos do velho,
reconhecendo os sinais evidentes que o filho apontara.
Lança-lhe os braços à volta do corpo cansado; o paciente
e divinal Odisseu o achegou, quase exânime, ao peito.
Mas logo que, novamente, os sentidos e as forças voltaram,
solta do peito, em resposta, as seguintes palavras aladas:
“Deuses eternos, Zeus pai, ainda existem no Olimpo muito amplo,
se os pretendentes, de fato, pagaram seus atos iníquos.
Mas tenho imenso receio de que os Itacenses nos venham
acometer, sem demora, e que a todas as outras cidades

dos Cefalênios despachem correios, que a nova transmitam.”
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
“Ânimo! Que isso não seja motivo de o peito afligir-te.
Vamos, porém, para a casa que ao pé do pomar foi construída,
aonde mandei que Telêmaco, o divo porqueiro e o vaqueiro
se dirigissem, porque sem demora comida aprestassem.”
Encaminharam-se, entanto, eles dois para a bela morada;
e no momento em que entraram na casa de boa feitura,
foram achar a Telêmaco, o divo porqueiro e o vaqueiro,
que muita carne picavam e o vinho aprestavam brilhante.
Dentro de casa, entrementes, a anciã Siciliana banhava
o velho Laertes magnânimo e o ungia com óleo finíssimo,
num belo manto envolvendo-o depois. A donzela de Zeus [38]
aproximou-se e vigor insuflou no pastor de guerreiros,
forte e mais alto do que antes e digno de ver o deixando.
Findo isso tudo, saiu da banheira. Odisseu admirou-se
por ver que aos deuses eternos na forma exterior semelhava.
E, para ele voltando-se, disse as palavras aladas:
“Pai, certamente um dos deuses eternos, que moram no Olimpo,
mais majestoso e maior, e de aspecto mais belo deixou-te.”
Vira-se o velho e prudente Laertes e diz o seguinte:
“Ó Zeus, e Palas, e Apolo! Se forte me visse, tal como
fui, quando a bela cidade de Nérico, bem-construída
na terra firme, tomei, comandando os heróis Cefalênios!
Se ontem me visse assim forte, na sala do nosso palácio,
e sobre os ombros tivesse a armadura e pudesse medir-me
com os pretendentes, também, muitos joelhos teria, por certo,
feito dobrar, o que à tua alma prazer inefável daria.”
Dessa maneira, em colóquio, eles dois tais conceitos trocavam.
Quando já haviam concluído o trabalho e aprontado a comida,
todos, por ordem, sentaram nos bancos e belas cadeiras.

E quando as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas,
o velho Dólia chegou, juntamente com os filhos queridos.
Vinham cansados da lida do campo, que fora chamá-los
a velha mãe Siciliana, que a todos havia criado,
e que de Dólio cuidava zelosa, à velhice chegado.
Quando a Odisseu enxergaram e plena certeza obtiveram,
cheios de espanto ficaram, de pé; Odisseu porém logo
ao velho Dólio se vira, afetuoso, e lhe diz o seguinte:
"Vem, também, velho, comer; põe de lado essa tua surpresa,
pois todos nós nos achamos há muito aqui dentro, com fome,
e tão somente esperávamos que retornásseis do campo."
Isso disse ele; mas Dólio, de braços abertos, acorre
para Odisseu, pela mão segurando-o; beijou-o no carpo
e, para ele voltando-se, disse as palavras aladas:
"Eis que voltaste, afinal, caro amigo, tal como nós todos,
sem esperanças, pedíamos. Foi, certo, um deus que te trouxe.
Salve! Que os deuses saúde te deem e muita alegria.
Ora me fala sincero e responde ao que vou perguntar-te:
Já teve alguma notícia a sensata e prudente Penélope
de tua vinda, ou convém que, depressa, um correio lhe enviemos?"
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:
"Velho, já sabe de tudo. Por que te ocupares com isso?"
Numa cadeira polida assentou-se depois, logo, o velho
Dólio; seus filhos preclaros o herói de igual modo cercaram
e alegremente o saudaram, beijando-lhe as mãos, indo logo
todos sentar-se, por ordem, ao lado de Dólio prudente.
A refeição, desse modo, eles todos na sala tomaram.
Pela cidade, entrementes, veloz corre o boato, falando
do miserável destino e da Morte horrorosa dos moços.
Os cidadãos acorriam de todos os lados, à nova,
com grandes gritos, em frente da casa do herói apinhados.

Cada um seu morto levou, para o frio sepulcro entregá-lo.
Quanto aos cadáveres de outras cidades, em barcos velozes
foram depostos, porque pescadores dali os transportassem.
Cheios de dor, então, foram para a ágora todos reunir-se.
Quando ao chamado acudiram e todos se achavam reunidos,
o velho Eupites, então, se elevou, porque a todos falasse.
Acabrunhava-o imensa aflição pela Morte do filho,
o herói Antínoo, o primeiro a tombar pela mão de Odisseu.
Lágrimas, pois, a verter por sua causa, arengando, assim fala:
"É grande o crime deste homem, meus caros, e a todos atinge.
Primeiramente, em seus barcos levou-nos os homens mais fortes;
mas todos eles, assim como os barcos, lançou à ruína.
Dos Cefalênios, agora, ao voltar, mais distintos nos priva.
Vamos contra ele! Frustremos-lhes o plano de a Pilo passar-se,
ou ainda para a Élide santa, onde os fortes Epeios dominam.
Sus! Sem demora! Senão grande infâmia cairá em nós todos.
Sim, vitupério haveremos colher entre as gentes vindouras,
se não vingarmos a Morte de tantos parentes e filhos.
Gozo nenhum na existência eu pudera encontrar doravante,
mas preferia perdê-la e entre os mortos, depressa, encontrar-me.
Vamos, sem perda de tempo, antes que eles o mar atravessem."
Isso disse ele, a chorar; os Aqueus consternados ficaram.
Deixam, no entanto, o palácio do forte Odisseu, nesse instante,
o divo aedo e Medonte que, então, despertavam do sono.
Param no meio dos outros, que ficam tomados de espanto.
Fala, então, logo, aos presentes Medonte de sábios conselhos:
"Quanto vos digo, Itacenses, ouvi. Não foi sem a vontade
dos deuses todos eternos que pôde Odisseu fazer isso,
pois um dos deuses eu vi de imortal aparência, que junto
se pôs do grande Odisseu, semelhante a Mentor na aparência.
Esse habitante do Olimpo umas vezes surgia-lhe à frente,

a estimulá-lo, animoso, outras vezes corria, ameaçando
os pretendentes, que aos montes, por cima uns dos outros, caíam.”
A essas palavras o pálido medo de todos se apossa.
Fala-lhes logo em seguida Halisterses, o filho de Mástor,
que tinha ciência das coisas passadas e, assim, das futuras.
Cheio de bons pensamentos lhes diz, arengando, o seguinte:
“Ora atenção concedei, Itacenses, ao que vou dizer-vos.
Por vossos crimes, amigos, agora tudo isso acontece.
Não me quisestes ouvir e a Mentor, condutor de guerreiros,
quando vos demos conselho de pôr termo aos atos iníquos
de vossos filhos soberbos, que tantos delitos fizeram,
a devoraram os bens, ultrajando, insensatos, a esposa
de um grande herói, que jamais voltaria, segundo pensavam.
Ora fazei como digo; segui meus conselhos prudentes:
Não prossigamos; ninguém sobre si chame a sorte funesta.”
Isso disse ele; com grande tumulto alguns homens se alçaram
mais da metade; os restantes ficaram reunidos na praça.
A esses não fora agradável o que lhes dissera o adivinho;
mas, por Eupites movidos, as armas buscar foram logo.
Quando já tinham o fúlgido bronze no corpo vestido,
foram reunir-se no lado de fora da grande cidade.
O velho Eupites, por própria estultícia, aos demais comandava,
pois presumia que iria vingar o traspasse do filho;
mas o Destino lá mesmo o aguardava: não mais voltaria.
A de olhos glaucos, Atena, a Zeus Crônida disse entrementes:
“Crônida, pai de nós todos, senhor poderoso e supremo!
Dize-me, que ora to peço: que tens no imo peito guardado?
O prélio horrível desejas e a fera batalha, que sejam
efetuados, ou queres que a paz entre os grupos se firme?”
Disse-lhe, então, em resposta, Zeus grande, que as nuvens cumula:
“Filha, por que essa pergunta me fazes e assim me interrogas?

Não foste tu que, por própria deliberação, resolveste
que, ao retornar, Odisseu deles todos vingança tomasse?
Faze o que bem te aprouver; vou dizer-te o que julgo mais certo.
Já que o divino Odisseu conseguiu dos intrusos vingar-se,
forme-se um pacto entre todos, e seja ele o rei para sempre.
Vamos, entanto, fazer que se esqueçam da Morte dos filhos
e dos irmãos e que voltem de novo à amizade primeira,
para, em perene concórdia e abundância, viverem reunidos."
Isso disse ele, excitando ainda mais os desejos de Atena.
Célere baixa, passando por cima dos cumes do Olimpo.
Quando nos gratos manjares já haviam saciado o apetite,
vira-se o divo e astucioso Odisseu para os outros e fala:
"Saia alguém, logo a espiar se os imigos já perto se encontram."
Disse; um dos filhos do Dólio saiu, como fora ordenado;
mas na soleira parou, pois já todos estavam visíveis.
Vira-se para Odisseu e as aladas palavras profere:
"Perto já vejo os imigos; armemo-nos todos depressa."
Rapidamente, a essas vozes, alçaram-se e as armas vestiram;
quatro, ao redor de Odisseu; seis os filhos de Dólio preclaro.
As armaduras Laertes e Dólio também envergaram;
eram guerreiros à força, apesar de bem velhos já serem.
Quando já haviam o fúlgido bronze nos membros vestido,
a porta abriram e, à testa Odisseu, para fora avançaram.
Palas Atena aproxima-se, entanto, a donzela de Zeus
mui semelhante a Mentor, na figura exterior e na fala.
À sua vista alegrou-se o divino e sofrido Odisseu;
vira-se, então, para o filho querido, Telêmaco, e diz-lhe:
"Ora que te achas no ponto de a luta encetar, caro filho,
onde se afirmam os grandes heróis, deves sempre lembrar-te
de não lançar ignomínia na raça dos teus, que até agora
em toda a terra por força e coragem sem-par se ilustraram."

O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
"Caso o desejes, meu pai, hás de ver que com minha coragem
não mancharei nossa raça, conforme tu próprio o disseste."
Disse; exultante Laertes o ouviu, prorrompendo em seguida:
"Deuses amados, que dia feliz, de suprema alegria!
O filho e o neto contendem, por ver qual é o mais valoroso!"
A de olhos glaucos, Atena, aproxima-se e diz o seguinte:
"Filho de Arcésio, o mais caro de todos os meus companheiros,
à de olhos glaucos, Atena, dirige teus votos e a Zeus,
brande tua lança sombria e, sem perda de tempo, a arremessa."
Palas Atena lhe infunde vigor, ao dizer tais palavras;
e ele, fazendo seus votos à filha de Zeus poderoso,
súbito a lança de sombra comprida brandiu, remessando-a,
que foi bater em Eupites, bem no elmo de faces de bronze.
Este não pôde contê-la, indo a ponta sair do outro lado.
Com grande estrondo caiu, ressoando-lhe em torno a armadura.
Contra os primeiros jogaram-se o divo Odisseu e Telêmaco,
a golpeá-los com lanças pontudas e espadas cortantes.
E do retorno e da vida a eles todos teriam privado,
se a de olhos glaucos, Atena, donzela de Zeus poderoso,
não se tivesse interposto, gritando, a suster todo o povo:
"Ponde, Itacenses, um fim a essa horrível e inglória matança,
e separai-vos, sem perda de sangue, o mais presto possível!"
Isso disse ela; de todos o pálido medo se apossa.
Cheios de grande pavor, então, eles as armas deixaram
das mãos cair, quando ouviram a voz ressoante da deusa.
Para a cidade fugiram visando a salvar a existência.
Mas o divino Odisseu, por maneira terrível gritando,
a persegui-los se atira, como águia de voo altaneiro.
Nesse momento Zeus Crônida um raio atirou fumegante,
que foi cair bem ao pé da donzela de Zeus poderoso.

A de olhos glaucos, Atena, então disse a Odisseu valoroso:
“Filho de Laertes, de origem divina, engenhoso Odisseu,
põe logo termo a essa guerra funesta. Não seja isso causa
de se irritar contra ti Zeus potente, nascido de Crono.”
Alegremente, Odisseu ao conselho de Atena obedece.
Pacto de paz permanente firmou entre os grupos imigos
a de olhos glaucos, Atena, a donzela de Zeus poderoso,
mui semelhante a Mentor, na figura exterior e na fala.

NOTAS

4 Esta edição primou por uma postura conservadora. Mantivemos o texto — narrativa e paratextos — tal como o grande tradutor Carlos Alberto Nunes o concebeu. Variam, portanto, os nomes ***Ulisses*** e ***Odisseu***, por exemplo, sendo este o nome grego; seu correspondente latino é ***Ulixes***, muito conhecido em português como ***Ulisses***. (N.E.)

5 Essas são as identificações dos papiros nos quais estão os resumos apresentados no início de cada canto conforme Victor Berard, na edição da *Les Belles Lettres.* Cada letra se refere a um papiro.

6 Homero. ***Ilíada: a ira de Aquiles***. Tradução de Haroldo de Campos e Trajano Vieira. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

7 Existe grande discussão se teria havido apenas um autor dos escritos homéricos, colocando até em dúvida a existência de tal homem. Esta é a chamada "Questão homérica". Veja a apresentação de C.A. Nunes na ***Ilíada***. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

8 Confira em Brandão, J.D. ***Mitologia grega***. Petrópolis: Vozes. 1991. vol. I, p. 116.

9 Professor de filosofia e de língua e literatura gregas.

10 Esta palavra em grego, daímon, não tem sentido pejorativo, necessariamente; indica apenas um espírito, um ser divino, normalmente entre os deuses e os homens. Cf. Demônio no apêndice de nomes. (N.R.)

11 Éolo em grego quer dizer “mutável, aquele que muda”. Daí ser ele o rei dos ventos.

12 No poema de Parmênides, filósofo do séc. IV a.C., aparece a mesma expressão (caminho do dia e da noite) indicando ser usual a expressão para falar do movimento do nascer e morrer do sol.

13 As Horas são as deusas das estações. Ver apêndice.

14 Estes são os rios que atravessam o Hades. Cf. Hades no apêndice.

15 Oceano é um rio que circunda toda a terra. Cf. Oceano apêndice.

16 Anfitriônio diz “filho de Anfitrião”.

17 Ilha pequena ao norte de Creta.

18 Filha de Príamo.

19 Diz Victor Berard que estes versos foram introduzidos posteriormente, já que no tempo de Homero não havia democracia e portanto “o juiz *não* se levanta da praça para ir cear”. (N.R.)

20 Eustáquio observa que este passo deu origem ao “nada em excesso”, *medèn ágan* (em grego) da cultura helênica.

21 O lado direito é sinal de sorte entre os gregos. (N.R.)

22 O solstício.

23 O espirro era considerado um sinal de acordo do interlocutor, vindo de um deus invisível.

24 “Iron” em grego, está relacionado com Íris, a deusa do arco-íris, mensageira dos deuses, filha de “Taumas”, o Espanto.

25 Hélio Hiperiônio, ver apêndice.

26 “Odisseu” vem do verbo “odussomai”, que diz “ter ódio”.

27 Trata-se da “numênia”, em honra de Apolo. Ocorria no primeiro dia do mês ou da lua. (N.R.)

28 É um riso que demonstra superioridade. Tal palavra provém de uma planta que dizem produzir careta ao ser ingerida. (N.R.)

29 O próprio Telêmaco esteve na Lacônia (Lacedônia) na casa do filho de Ortíloco, Diocles.

30 É aquele que prediz o destino através de presságios.

31 Ave de asas longas.

32 Trata-se da floresta na terra de Odisseu. (N.R.)

33 Muitos comentadores dizem que aqui termina a Odisseia original. Cf. a edição da *Les Belles Lettres* traduzida por Victor Berard. (N.R.)

34 Victor Berard nos diz que estes versos, 310-343, são um resumo provavelmente usado nas escolas gregas e posteriormente adicionados à *Odisseia* original. (N.R.)

35 Victor Berard aponta a continuação desse verso no v. 205 XXIV. O nome dado pelos antigos a essa parte em diante, v. 205-548, foi “A Paz”, já a próxima parte, v. 1-204 XXIV, foi “Segunda Descida ao País dos Mortos”. (N.R.)

36 Isso quer dizer As Pedras Brancas. (N.R.)

37 Aqui termina a interpolação chamada desde os antigos por “Segunda Descida aos Mortos”. Então, o relato retoma o trecho denominado “O Tratado de Paz” ou “Na Casa de Laertes”. (N.R.)

38 É de Atena que está se falando aqui.

39 Um dos problemas em relação aos nomes gregos é a forma de transliterá-los,

isto é, escrevê-los com caracteres latinos. Assim, temos Posídon, Posido, Poseidon, como também Atlas e Atlante, Agamenon e Agamêmnone, entre outros. Aqui neste apêndice seguimos as escolhas do tradutor. (N.R.)

APÊNDICE

Este apêndice contém os principais nomes [39] da *Odisseia* apresentando um pequeno resumo de seu mito e pelo menos uma remissão ao seu aparecimento na obra, com o número do canto seguido do número do verso ou versos. Também estão presentes termos não usuais em português usados por Homero. No entanto, não é um índice remissivo completo.

Aédona: Esta palavra (“aedon” em grego) quer dizer “rouxinol”. Filha de Pandareu, foi mulher do tebano Zeto. Como ela só tinha um filho e sua cunhada, Níobe, tinha muitos, ela desejou matar o seu sobrinho mais velho, Amaleus, enquanto dormia, mas acabou por matar seu próprio filho, Ítilo. Em sua dor, ela pede aos deuses que tenham piedade dela e a transformem em um rouxinol (ver XIX, 518).

Afrodite: Deusa do amor, identificada em Roma pela deusa Vênus. Há dois nascimentos para ela. Em um deles, ela é filha do pênis de Zeus castrado por Crono, que caindo no mar forma uma espuma de onde ela emerge; em outro, ela é filha de Zeus com Dione. Ao emergir do mar, ela vai para Chipre, sendo adornada pelas Horas e levada ao mundo dos imortais. É muito famoso o relato de Platão no *Banquete* que a partir deste duplo nascimento diz que existem realmente duas Afrodites e dois Eros (amor) correspondentes a cada uma delas:

um divino e celestial (Urano) e outro do povo (Pandêmia), do amor popular. Na *Odisseia*, aparece o mito da traição de Hefesto por Afrodite e Ares. Em XVIII 193 ela é chamada de “a deidade que mora em Citera” e é dito que ela passa certo óleo ao baixar para o coro das Graças (ver IV, 261; e VIII, 267).

Agamémnone: O rei, por excelência, comanda Micenas, e na *Ilíada* é dele o comando supremo dos gregos na guerra contra Troia. Filho de Atreu e Aérope, é chamado, como seu irmão Menelau, de Atrida, que quer dizer “filho de Atreu”. Casado com Clitemnestra, irmã de Helena, é traído por esta junto com Egisto que matam-no em sua volta de Troia (ver os versos da Odisseia III, 248 ss.). Na *Ilíada*, ele é um dos personagens mais importantes, já que toda a história se desenrola desde uma desavença que tem com Aquiles, o Peleio (filho de Peleu) (ver I, 30; III, 156, 234; IV, 512; VIII, 78; XI, 387; e XIII, 383).

Ágora: Em grego quer dizer praça pública e é onde o povo se reúne para resolver os assuntos políticos (ver I, 372; II, 150; III, 127; e XVI, 361).

Ajaz: Também chamado de Ajax, é um dos heróis mais importantes na Guerra de Troia, junto com Odisseu. Depois da morte de Aquiles, uma disputa se trava para saber quem ficaria com a armadura do grande herói. Odisseu ganhando, Ajaz trama uma vingança. Atena lhe infunde loucura e ele mata um rebanho de ovelhas. Quando desperta de sua loucura, se mata e do seu sangue que penetra na terra nasce a planta jacinto, cuja flor tem as primeiras letras do seu nome: A I. Uma vertente afirma que depois do naufrágio de Odisseu, a armadura de Aquiles vai até Troia e para em cima do túmulo de Ajaz. (Na *Ilíada* aparecem dois homens de nome Ajaz) (ver III, 109; IV, 499; e XI, 469).

Alcínoo: Filho de Nausítoo, rei da Feácia, é quem recebe com alegria a vinda do estrangeiro Odisseu. É a ele que Odisseu relata suas aventuras, formando a parte central da *Odisseia.* Tinha cinco filhos e uma filha, Nausícaa e é esta que primeiro vê Odisseu na praia da Feácia (ver VI, 12, 299; e VII, 55).

Antífates: Rei dos Lestrigões, na região onde o dia e a noite são bem curtos. Este povo mata quase todos os companheiros de Odisseu (ver X, 106, 114, 199).

Antínoo: Filho de Eupites, é um dos chefes dos pretendentes de Penélope, junto com Eurímaco, filho de Polibo, e Anfínomo. Este último é o mais moderado deles e os dissuade de matar Telêmaco. Antínoo, por oposição, é o

mais violento e egoísta (ver I, 383; II, 84, 130, 310; IV, 628; e XVI, 363).

Apolo: Um dos deuses mais importantes no panteão heleno. É primeiramente o deus da adivinhação, das artes e da música (as Musas dependiam diretamente dele). É também o deus arqueiro e podia matar muitos homens e cidades com suas setas na forma de pragas. É também o patrono dos médicos. É protetor dos pastores, apesar de ser amigo dos lobos. Estudiosos dizem ser ele um deus vindo do oriente. É chamado de Febo, o brilhante, por ser o deus sol, apesar de essa relação com o sol ser tardia, já que na *Odisseia* temos o deus Hélio, que é o deus Sol. Filho de Zeus e Leto (ou Latona) e irmão gêmeo de Ártemis, também flecheira. É o deus do oráculo mais famoso da Grécia, Delfos, em cujo portal se vê escrito: “Conhece-te a ti mesmo.” (ver IV, 341; VI, 162; VII, 64, 311; VIII, 227; XVII, 494; e XIX, 86).

Aqueus ou **Aquivos** ou **Acaios:** Ver *Dânaos* (ver I, 239, 286 e 394; I, 327; II, 7 e 72; I, 90 e II, 265).

Aquiles: Filho de Tétis e Peleu (por isso chamado de Pélida ou Peleio), o rei da Tessalia. Tétis é filha de Oceano e na tentativa de imortalizar os seus filhos ela sempre os matava. No sétimo filho, entretanto, ela resolve banhá-lo no rio Stix segurando-o pelos calcanhares, tornando, assim, Aquiles invulnerável em todo o corpo, menos nessa parte. É educado pelo centauro Chiron. É o herói mais importante da Guerra de Troia e talvez um dos maiores de toda a Grécia. O tema principal da *Ilíada* é a sua briga com Agamêmnone (ver III, 106; IV, 5; e VIII, 75).

Argos: Cão criado por Odisseu e que o reconhece e logo depois morre (ver XVII, 292).

Ares: O deus grego da guerra, equivalente a Marte em Roma. Filho de Zeus e Hera, assim como Apolo e Hermes, é da segunda geração dos Olímpicos. É um dos 12 grandes deuses Olímpicos. Na Guerra de Troia está basicamente ao lado dos Troianos, mas tem pouca relação com a justiça de sua causa. Em guerra, ele é atendido por espíritos, especialmente Deimos e Fobos (Medo e Terror). Vivia na Trácia, lugar inóspito, de cavalos selvagens e das Amazonas que se consideravam filhas de Ares. Mais bruto que inteligente, ele nem sempre é o vencedor nas guerras. Parece até que os gregos gostavam de vê-lo perdendo. Em

uma famosa luta, ele é atingido por Diomedes com o auxílio da esperta Atena que estava invisível com o elmo de Hades. No canto VIII, Demódoco, aedo dos Feácios, canta o episódio de sua traição com Afrodite (ver VIII, 116, 267, 286; XI, 537; e XIV, 216).

Argivos: Ver *Dânaos* (ver I, 61, 211; e VIII, 578).

Ariadne: Aparece apenas uma vez na consulta aos mortos, é filha de Minos e de Pasífae. É ela que ajuda a Teseu com um novelo de lã para que ele não se perca no labirinto do minotauro (ver XI, 321).

Ártemis: É a irmã gêmea de Apolo, seus pais sendo Zeus e Leto. Sendo a mais velha, logo depois de nascer ajudou a mãe a dar à luz seu irmão, e por isso resolveu nunca ter filhos: deusa virgem, se interessa apenas pela caça. Como seu irmão, tem o arco como arma principal (ver IV, 122; V, 124; VI, 102, 151; e XI, 173, 325).

Atena: É a deusa mais importante da *Odisseia*, guardiã incansável de Odisseu. É chamada "a de olhos glaucos (azul-cinza)" e de Palas. Sem mãe, nasce da cabeça de Zeus. Zeus teria engolido a titânida Métis (Prudência) por medo da filha desta ser superior a ele, e, tendo grande dor de cabeça, pediu a Hefesto que o ajudasse. Este abrindo sua cabeça, nasce Atena, já adulta, toda armada e pronta para a guerra. Por ela, Zeus tem um amor todo especial: sempre acaba por conseguir tudo do pai. É tanto deusa da guerra quanto das artes e profissões. Sempre virgem, ama, no entanto, as ações viris de vários mortais, ajudando-os (Perseu, Jasão, Héracles, Diomedes). Na Guerra de Troia, é a protetora principal dos gregos. Seu animal simbólico é a coruja. Atena carrega em seu escudo a cabeça da górgona Medusa que lhe foi ofertada por Perseu. Assim como Odisseu, ela é famosa por ser astuta e não apenas forte fisicamente (ver I, 44, 80, 119; II, 12, 116, 261; III, 12, 29, 218; IV, 289, 341, 752; V, 5, 427, 491; VI, 13, 139, 322; VII, 19, 311; VIII, 7, 493, 520; IX, 317; XI, 547; e XIII, 121, 221, 252, 371).

Atlante: Titã, filho de Jápeto e da oceaníada Climene, é ele que segura as duas pilastras que suportam os céus (ver I, 52; e VII, 246).

Atrida: Ver *Crônida.*

Aurora: (Em grego "Éos") Muito conhecida pelo seu epíteto, "de dedos de

rosa”, esses dedos róseos abrem o portão do céu para a carruagem de Hélio, o deus sol. É uma deusa antiga, da geração dos Titãs. Filha, como Hélio e Selene (Lua), de Hipérion e Teia, ela é mãe dos ventos, Bóreas (Norte), Zéfiro (Oeste), Noto (Sul), da estrela da manhã, Eosforus, e das Estrelas. Suas lendas consistem praticamente de suas intrigas. Uma delas aparece aqui quando esta rouba o jovem Clito por causa de sua beleza (XV, 250). Em XXII 197 ela nasce de Oceano (ver II, 1; III, 404, 491; e IV, 188, 306).

Autólico: Pai da mãe de Odisseu (Anticleia), casado com Anfiteia, que sendo filho de Hermes sabia roubar e mentir e nunca foi pego em seus numerosos roubos. Em um deles, rouba o elmo de Amintor e dá a Aquiles que o usa em sua expedição noturna com Diomedes contra Troia. É na terra deste avô que Odisseu é mordido por um javali formando assim a tão famosa cicatriz que o faz ser reconhecido (ver XIX, 394).

Bóreas: Também chamado de Aquilão, é o vento Norte, frio e forte, normalmente maléfico. Filho de Astreos e Éos (Astros e Aurora). Seu lugar de origem é na Trácia, região fria e ao norte. Rapta Oreitia, filha de Erecteu, rei de Atenas, enquanto ela brincava na borda do rio Ilísius. Com ela teve dois filhos, Alais e Zetes, e duas filhas, Chione e Cleópatra. Tem estreita relação com os cavalos, é pai de vários e é frequentemente representado na forma equina (ver V, 296; IX, 81; X, 507; e XIV, 475).

Calipso: Às vezes chamada de ninfa e às vezes de deusa, é filha de Atlante (ou Atlas). Vivia na mítica ilha Ogígia, onde prende Odisseu durante sete anos lhe oferecendo a imortalidade, se ele aceitasse tê-la como esposa. Mas é obrigada pelos deuses a ajudá-lo a voltar para casa. Algumas vertentes dizem que ela teve um filho de Odisseu (ver I, 14, 86; e IV, 557).

Caribde: Filha de Gaia e de Posido, mora em uma pedra perto de Messena, no estreito entre a Itália e a Sicília. Enquanto ela estava na terra, comeu umas ovelhas de Gerion que Héracles trazia e foi castigada por Zeus com um raio que a jogou no mar. Três vezes por dia ela engolia toda água ao seu redor, incluindo qualquer pavio, e depois expelia (ver XII, 104, 235, 260).

Castor e **Poluceuses (Pólux):** Irmãos gêmeos chamados Dioscuri, filhos de Zeus e Leda, irmãos de Helena e Clitemnestra (estas últimas casadas com os

irmãos Menelau e Agamêmnone). Na mesma noite em que Leda deitou com Zeus na forma de cisne, ela também deita com seu marido mortal, Tíndaro, rei da Lacônia (Lacedemônia). Tem assim os quatro irmãos gêmeos, sendo o par Poluceuses e Helena filhos de Zeus e Castor e Clitemnestra filhos de Tíndaro (ver XI, 300; e XIV, 204).

Ciclope: Os Ciclopes (olho redondo) eram gigantes que tinham apenas um olho no meio da testa. Hesíodo os faz filhos de Urano e Gaia (Céu e Terra). Seriam três: Arges, Steropes e Brontes. Tendo sido aprisionados no Tártaro pelo seu pai, Zeus é quem os liberta tornando-os aliados na Titanomaquia (luta com os Titãs). Já Homero os faz pastores gigantes, morando em grutas de uma ilha que alguns identificam como a Sicília. São brutos e inospitaleiros. Ver *Polifemo* (ver I, 69; II, 19; VI, 5; e VII, 206).

Cíconos: Povo que na *Ilíada* é aliado aos Troianos. Na *Odisseia*, sua cidade, Ismaro, é pilhada por Odisseu que salva apenas um sacerdote de Apolo que lhe dá em troca um vinho maravilhoso, usado para fazer Polifemo, o Ciclope, dormir. No entanto, os companheiros não ouvem Odisseu que lhes adverte de fugirem logo que terminam a pilhagem e são atacados por outros Cíconos (ver IX, 39, 59, 165).

Cila: Filha de Crateis e Forcis, é um terrível monstro marinho que mora em uma gruta na costa da Itália. Ela tinha a forma de uma mulher e ao redor de seu corpo crescia um anel com seis cabeças de cachorros. Todos que passavam por perto eram devorados pelas cabeças dos cachorros. Uma das tradições diz que ela foi transformada nesse monstro pela feiticeira Circe, enciumada do amor de Glauco por Cila (ver XII, 85, 118, 223).

Circe: Feiticeira muito famosa, raramente chamada de deusa, mora na ilha de Eeia. Filha de Hélio, o deus Sol, e de Persa, uma oceânida (filha de Oceano), irmã de Eets, rei da Calquida. Muito poderosa em fazer drogas e poções, transformava os homens em animais. Sua casa era rodeada de leões e lobos, todos dóceis, frutos de sua magia. Quase transforma todos os amigos de Odisseu em porcos, mas Hermes o ensina a vencer a bruxa e ela o auxilia no seu longo retorno. É ela quem transforma a bela jovem Cila em um monstro marinho por inveja do amor que Glauco sente pela jovem (ver VIII, 448; IX, 31; e X, 136,

210).

Crônida: Vários personagens nos textos homéricos são chamados pelo nome de seus pais. Assim, Aquiles é o Peleio ou Pélida (filho de Peleu), Zeus é o Crônida (filho de Crono), Pisístrato é Nestórida (filho de Nestor), os Atridas são Menelau e Agamêmnone (filhos de Atreu), Peleu é o Eacida (filho de Éaco) etc. Normalmente as terminações em -ida e -ido indicam que se trata de um nome derivado do pai do personagem (ver I, 45, 81; e III, 119).

Crono: Filho de Urano (Céu) e Gaia (Terra), castra o pai que escondia os filhos debaixo de Gaia, mas se torna também um pai terrível: devora-os todos. De acordo com a etimologia, não se pode fazer uma relação direta com a palavra tempo (Chronos — Tempo — Kronos — Deus), mas arquetipicamente sempre foi dito ser o deus do tempo. É vencido pelo filho caçula, Zeus, que liberta seus irmãos de dentro de sua barriga (ver III, 88; e V, 146).

Dânaos: Em Homero temos vários nomes para designar os gregos genericamente: Dânaos, Aqueus (ou Aquivos ou Acaios), Argivos e Helenos (ver I, 350; IV, 725; e V 306).

Deméter: Só aparece uma vez na *Odisseia*, ela é a deusa da fertilidade da terra, pertencendo à geração dos Olímpicos. Filha de Crono e Reia e por isso irmã de Zeus, Deméter é a deusa do milho, dos grãos, diferente de Gaia que é a terra cosmológica. Sua famosa filha, Perséfone casa-se com Hades (ver V, 125).

Demódoco: É o mais famoso aedo (cantor) da casa de Alcínoo na Feácia. É ele que canta as desventuras dos homens na Guerra de Troia e que faz Odisseu chorar e ser flagrado por Alcínoo. Ele foi amado pelas Musas que o tiraram a visão, mas em troca lhe deram o poder de comover o coração dos homens com suas canções (ver VIII, 43, 254, 472).

Demônio: Esta palavra traduz normalmente a palavra “daimon” em grego que não tem conotação pejorativa. Ela quer dizer “espírito” ou ser que está entre os mortais e os humanos, um ser divino (ver XVI, 370).

Dioniso: Victor Berard afirma que este deus ainda não participava do panteão heleno na época de Homero, e realmente seu nome apenas aparece em XXIV 74, canto que é considerado como um todo uma interpolação tardia. Filho de Zeus e de Sêmele, esta morre ainda não tendo dado à luz o filho pois quis ver Zeus em

todo seu esplendor. Zeus rapidamente pega seu filho ainda no sexto mês e o coloca em sua coxa, de onde nasce depois Dioniso. Sua importância na Grécia é muito grande, especialmente por presidir os rituais báquicos, o êxtase e o vinho (ver XXIV, 74).

Dodona: Cidade do oráculo de Zeus (ver XIX, 296).

Egisto: Filho incestuoso de Tiestes (e por isso chamado Tiestíada) e de sua filha Pelópia, é ele que, junto com a mulher de Agamêmnone, Clitemnestra, mata o rei quando este volta da Guerra de Troia. Orestes, filho de Agamêmnone, vinga a morte de seu pai matando tanto Egisto quanto sua mãe, Clitemnestra, e por isso as Eríneas o atacam (ver I, 29; III, 194; e IV, 520).

Éolo: Filho de Hípotes, e rei da ilha flutuante Eólia. Sendo muito estimado por Zeus, este lhe dá o controle dos ventos. Ele tinha os ventos aprisionados em uma gruta e os soltava quando desejava ou quando os deuses queriam. Casado com Ciane, filha de Liparos, tem seis filhos e seis filhas. Recebe hospitaleiramente Odisseu e lhe dá os ventos necessários para voltar para casa, mas os marinheiros os soltam e não conseguem regressar imediatamente (ver X, 2, 44; XI, 237; e XXIII, 314).

Erínias: Deusas violentas, que os romanos identificavam com as Fúrias. Também eram conhecidas por “Eumênides” que quer dizer “as gentis”. Isso era apenas para que elas não se zangassem com quem quer que pronunciasse seu nome. Foram geradas pelas gotas de sangue que caíram em Gaia (Terra) quando da castração de Urano por Crono, fazendo parte portanto dos mais velhos deuses. São deusas primitivas que não reconhecem a autoridade dos deuses mais jovens. Análogas às Parcas ou Moiras, até Zeus tinha que respeitá-las. Sendo no princípio de número incerto, logo foram consideradas como três: Alecto, Tisífone e Megera. Seres espirituais alados, com cabelos de cobras, carregavam tochas e chicotes. Eram as vingadoras dos crimes cometidos dentro da própria família, como de filhos que matam pais (ver II, 135; XI, 280; e XVII, 475).

Étone: Nome que Odisseu dá a si mesmo quando disfarçado em velho (ver XIX, 183).

Eumeu: Filho de Ctésio que reinou na ilha de Sirius na Cíclades, Eumeu foi escolhido para tomar conta de uma jovem menina quando ainda criança. É um

dos personagens principais nas últimas partes do poema quando Odisseu, já de volta a Ítaca, tenta se vingar dos pretendentes (ver XIV, 165, 440; e XV, 307).

Euricleia: Filha de Opos, comprada por Laertes, pai de Odisseu, viu nascer e criou Telêmaco. É a criada principal e mais fiel à família. Ela é a única que reconhece Odisseu pela cicatriz ao lavar-lhe os pés (ver I, 428; II, 346, 361; IV, 742; XVII, 31; e XIX, 467).

Euríbates: Arauto que Odisseu leva para Troia (ver XIX, 247).

Eurínoma: Despenseira de Penélope (ver XVIII, 164).

Eurício: É um dos centauros que rapta a noiva de Pirítoo, iniciando assim a guerra entre homens e centauros (ver XXI, 295).

Euro: Vento Leste (ver V, 295; e XII, 326).

Feácios: Povo de marinheiros, são descendentes de Feax que os liderou fugindo dos Ciclopes da Hipéria. É nesse povo que Odisseu relata suas aventuras e sob o seu rei, Alcínoo é muito bem-recebido. Os Argonautas também embarcaram em sua ilha e foi junto aos Feácios que Jasão se casa com Medeia (ver V, 35, 280; VI, 55; e VII, 39).

Fêmio: Aedo (cantor) da casa de Odisseu (ver I, 154, 337; e XVII, 262).

Filécio: Assim como Eumeu é o chefe dos porqueiros e Melântio é o chefe dos pastores, Filécio é o chefe dos vaqueiros de Odisseu. Ele, como Eumeu, mas diferente de Melântio, é fiel a Odisseu e luta ao seu lado contra os pretendentes (ver XX, 185).

Forco: Deus marinho pertencente à linhagem mais antiga dos deuses, é filho de Ponto (Mar) e Gaia (Terra), irmão de Nereu, Taumas (Espanto) e pai das Górgonas. É também considerado pai de Cila (ver I, 72; e XIII, 97, 345).

Hades: Quer dizer tanto um local (o submundo) quanto o nome do deus. Irmão de Zeus, filho de Crono e Reia, ganha o reino do submundo (Hades e Tártaro) depois de os Olímpicos vencerem a guerra com os titãs (a Titanomaquia), seu outro irmão, Posido, ficando com os mares e Zeus com o céu. É o deus dos mortos. Ganha dos Ciclopes, seus aliados na Titanomaquia, um elmo de invisibilidade, usado por outras divindades durante guerras. Rapta a filha de Deméter, Perséfone, e com ela se casa. Sua mãe, desesperada, torna estéril toda a natureza depois de seu rapto e Zeus obriga Perséfone a voltar. No

entanto, ela já havia comido sementes de romã e por isso não podia mais voltar. Assim, passa com a mãe certa parte do ano e com o esposo a outra (alguns dizem que é dividido em seis e seis meses, outros em três e nove) formando assim as estações do ano. Seu cachorro de três cabeças Cérbero é muito famoso (ver III, 410; IV, 834; VI, 11; IX, 524; e X, 175).

Harpias: Palavra que quer dizer 'as raptoras', são filhas de Taumas (Espanto) e a oceânida Electra. São seres alados, às vezes mulheres às vezes pássaros, pertencem ao panteão pré-olímpico. Normalmente são consideradas como duas ou três: Aello, Ocypete e Celaeno. Elas carregam as almas dos mortos e são encontradas normalmente em túmulos (ver I, 241; e XIV, 371).

Helena: Filha de Zeus e Leda e mulher de Menelau, é raptada por Páris, filho do rei Príamo de Troia, ato que deu início à Guerra de Troia. Mulher de uma beleza extraordinária, tinha a capacidade de seduzir o homem que quisesse. Outra vertente a faz filha de Nêmesis: esta, tentando fugir dos avanços de Zeus, se transforma em pássaro e Zeus se transforma em cisne. A deusa então põe um ovo que é entregue a Leda, donde nasce Helena. Um dos temas de discussão muito famosos da Grécia clássica é sobre a culpa que Helena tem de ter sido raptada. Sobre isso, o sofista Górgias escreve um tratado. Em XXIII 218 vemos Penélope defendendo a filha de Zeus (ver IV, 12, 122, 136, 219; XI, 438; e XIV, 68).

Hélio: Quer dizer "sol" em grego e é o deus que anda em uma carruagem que nos aparece como o sol, surgindo no oriente, atravessando o céu, desaparecendo no ocidente, e então circundava a terra pelo rio-deus Oceano em uma grande taça. É da geração dos Titãs e por isso mais velho que os Olímpicos, filho de Hipérion (por isso chamado de hiperiônio) e de Teia, irmão de Éos (Aurora) e Selene (Lua). Sua esposa era Perseis, uma das filhas de Oceano e de Tetis. Teve com ela vários filhos: Circe, a feiticeira que aparece aqui na *Odisseia*, Eetes, o rei de Colcis, Perseus, Pasifae etc. Esse deus é conhecido por "aquele que tudo discerne e tudo escuta" (ver VIII, 270, 302; XI, 109; e XII, 128).

Hefesto: Deus do fogo, filho de Zeus e Hera. Outra vertente nos diz que Hera o teria criado por si mesma em vingança de Atena que foi criada por Zeus sozinho. Deus metalúrgico, é ele quem faz a famosa armadura de Aquiles que

aparece descrita na *Ilíada.* Ele era um deus coxo e muitas vertentes contam a sua história. A mais famosa é que Zeus brigava com Hera por causa de Héracles, e Hefesto tomou o lado de sua mãe. Zeus o atira do alto do Olimpo. Ele cai um dia inteiro parando em Lemnos e foi ajudado pelos Sintios (ver IV, 617; VI, 233; e VII, 92).

Hera: A maior das deusas olímpicas, é esposa-irmã muito ciumenta de Zeus, filha portanto dos titãs Crono e Reia. É famosa sua perseguição aos filhos bastardos do marido. Quatro são seus filhos: Hefesto, Ares, Eilitia e Hebe (ver IV, 513; VIII, 465; e XV, 180).

Héracles: Também conhecido pelo seu nome latino, Hércules, é talvez o herói mais importante da mitologia grega. Filho de Zeus e Alcmena, é muito famoso pelos 12 trabalhos que Hera, a enciumada esposa de Zeus, o força a executar através das ordens de seu primo, Euristeu (ver VIII, 224; XI, 267, 601).

Hermes: É o mensageiro dos deuses, filho de Zeus e Maia, a mais nova das Pleiades. Ao nascer, de forma precoce, rouba os touros de Apolo. No entanto, Hermes inventa a lira com o casco de uma tartaruga e suas tripas. Quando Apolo descobre o roubo, acaba se encantando pela lira e a troca pelos bois. Hermes também inventa a flauta e troca com Apolo pelo caduceu e pelos dons da adivinhação. Hermes se torna, assim, o intermediário dos outros deuses com Hades e Perséfone, já que ele conduz, com o caduceu, as almas para o Hades, sendo o deus psicopompo (envia-alma). É o deus das barganhas e enganos. Aqui na *Odisseia* ele é também chamado de Argeifontes, que muitas vezes é traduzido por mensageiro brilhante, mas pode querer dizer “aquele que mata Argos”. Em XXIV 1 ele ganha o epíteto de “Cilênio”, isto é, aquele que vem do monte de Cilena. No entanto, Victor Berard diz que, na época de Homero, Hermes ainda não tinha esse epíteto e portanto toda, essa segunda descida ao país dos mortos seria uma interpolação tardia (ver I, 38, 42, 84; V, 28, 54, 196; VIII, 322; X, 277, 307; e XI, 626).

Horas: São filhas de Zeus com Têmis, irmãs das Moiras. São, por um lado, as deusas da natureza, regendo o crescimento das plantas; por outro, são deusas da justiça, mantendo a estabilidade da sociedade. As Horas são três: Eunomia, Dike e Eirene, palavras que querem dizer, disciplina, justiça e paz. São seguidoras de

Afrodite, como as Graças, mas também aparecem no séquito de Dioniso (ver X, 469).

Icário: Filho de Perieres mas também, em outras versões, filho de Oebalus. Ele e seu irmão, Tíndaro, tinham um meio-irmão chamado Hipocon que os expulsa de Esparta até que Héracles o mata e Tíndaro retorna e reassume o poder. Em algumas versões, Icário volta para Esparta, se casa com uma Naiade e tem cinco filhos, um dos quais é Penélope, que é oferecida a Odisseu como prêmio por uma corrida (ver I, 329; e XVII, 562).

Idomeneu: Rei de Creta, filho de Deucalião e neto de Minos. Sendo um dos pretendentes de Helena e cumprindo ao juramento de defendê-la, caso não fosse escolhido, vai para Troia e é um dos guerreiros principais. Um dos nove combatentes que se dispõem a lutar contra Heitor, maior herói dos Troianos, em combate singular. É um dos heróis que entram em Troia no cavalo de madeira e um dos juízes sobre o destino da armadura de Aquiles. Odisseu disfarçado de velho diz que matou o seu filho, Orsíloco (ver III, 191; XIII, 260; e XIV, 237, 383).

Ífito: Grande arqueiro, é quem dá o arco que recebera de seu pai Êurito (e este de Apolo) para Odisseu, que em troca lhe dá uma espada e uma lança. Esta troca ocorre em Messena (ver XXI, 14).

Ílio: Sinônimo para Troia (ver II, 18; IV, 262; e X, 15).

Ino: Também chamada de Leucoteia (a deusa branca) é filha de Cadmo e Harmonia e aqui na *Odisseia* é ela que ajuda Odisseu a fugir da furiosa tempestade enviada por Posido e alcançar a Feácia. Ela foi casada com Atamas, rei de Orcomene. Com ele teve dois filhos. Sua irmã, Semele, tendo deitado com Zeus, deu à luz Dioniso, mas desejou ver Zeus em sua forma pura e foi morta. Ino tomou conta de Dioniso e, para o proteger da ira de Hera, disfarçou-o de mulher, mas mesmo assim foi castigada. Hera fez com que Atamas matasse seus dois filhos (ver V, 334, 462).

Iro: Mendigo arrogante com o qual Odisseu luta no seu próprio palácio (ver XVIII, 6).

Juramento: Existem várias formas de se fazer um juramento na *Odisseia*, como o que Calipso faz para Odisseu em V 178. Mas o mais comum parece ser o

seguinte: “Que Zeus o saiba primeiro entre os deuses e a mesa hospedeira...” como em (ver XX, 230).

Laertes: Pai de Odisseu, filho de Arcésio e Calcomedusa, e consequentemente da família de Deucalião pelo seu avô Deion. Casou-se com Anticleia, filha de Autólico, mas esta foi casada anteriormente com Sísifo e por isso Odisseu é às vezes dito filho deste último. É ele que mata Eupites, o pai de Antínoo, o pior dos pretendentes. Dizem que Laertes teve uma outra filha com Anticleia, Ctimene, mas Odisseu é também considerado filho único de Laertes (ver I, 188, 430; II, 99; IV, 111; e XIV, 9).

Lampécia: Ela e Faetusa são ninfas filhas de Hélio e Naera. São pastoras que guardam o gado de Hélio que foi comido pelos companheiros de Odisseu causando sua ruína. Estas são as ninfas que contam a Hélio o sacrilégio (ver XII, 132, 374).

Lestrigões: Povo gigante e canibal que produz a maior perda no exército de Odisseu; todos os navios são destruídos menos o seu próprio. Sua cidade parece ser ao norte da África (ver X, 106, 119).

Leto: Titânida, filha de Coeus e Febe, unida a Zeus foi mãe de Apolo e Ártemis (ver XI, 580).

Lotófagos: (Come-Planta) Povo que come uma certa planta que produz perda de memória. Eles recebem muito bem aos companheiros de Odisseu e os incentivam a ficar com eles e esquecer o *retorno à pátria.* Odisseu tem que forçar os companheiros a continuar o caminho (ver IX, 84, 91, 96).

Medonte: É o arauto dos pretendentes. Ele conta para Penélope sobre o complô dos pretendentes para matar Telêmaco (ver IV, 677; e XVI, 412).

Melântio: Pastor que insulta Odisseu quando ele chega a Ítaca acompanhado de Eumeu (ver XVII, 212).

Menelau: Rei de Esparta, capital da Lacônia ou Lacedemônia, filho de Atreu (por isso chamado Atrida) e Aérope, irmão de Agamémnone. Foi escolhido por Helena para se casar, mas sendo esta raptada por Páris com a ajuda de Afrodite, deu-se o início a Guerra de Troia. Como havia sido feito um juramento que todos defenderiam a honra do escolhido por Helena, todos os Aqueus ou gregos entram na guerra comandados por seu irmão Agamémnone que era rei da cidade

mais poderosa, Micenas. Na *Odisseia*, ocorrendo dez anos depois da queda de Troia, aparecem juntos Menelau e Helena em seu palácio em Esparta. Menelau conta a Telêmaco tudo o que soube de seu pai Odisseu através do deus Proteu (ver I, 285; III, 141, 249, 279; e IV, 2, 203, 217).

Mentor: Filho de Álcimo, é o grande protetor dos interesses de Odisseu quando este vai para Troia. Atena se disfarça nele em vários momentos, mas especialmente quando acompanha Telêmaco ao ajudar Odisseu na luta com os pretendentes. Mentor junto com Ântifo e Haliterses são os idosos amigos de Odisseu que têm palavra na ágora de Ítaca (ver II, 225, 401; e XVII, 68).

Moira: Também chamadas de Destino ou Parcas, personificam o destino individual. Na época de Homero é considerada como uma única Moira que nem os deuses podem desobedecer, mas vão gradualmente se transformando em três mulheres que tecem o fio do destino. São chamadas de Átropo (Inflexível), Cloto (Fiandeira) e Laquesis (Sorteadora) e regulavam o tamanho da vida do homem. São filhas de Zeus e Têmis e irmãs das Horas (ver II, 99; III, 238; e IV, 196).

Morte: Existem duas palavras em grego que são traduzidas aqui na *Odisseia* por morte e que remetem a duas divindades diferentes: “Ker” e “Thánatos”. Como elas não têm papel relevante e não atuam como os outros deuses, não se perde muito com essa tradução. No entanto, elas têm grande importância na *Ilíada*. “Thánatos” é filho de Noite (Nyx) e irmão de Sono (Hypnos) e não tem um mito próprio, sendo conhecidas suas desventuras com Héracles e com Sísifo. Já “Ker” (muitas vezes traduzido por negro Destino) ou no plural “Keres” são os destinos individuais de cada ser humano e guardam o tipo de morte que teremos. São seres horripilantes, alados, negros, com longos dentes e unhas pontudas, rondam os heróis na batalha enquanto estes lutam. São também filhos da Noite e por isso irmãs de “Thánatos” e “Hypnos” (ver I, 11; IV, 789; e V, 326, 387).

Musa: Na época de Homero não há menção às nove musas que aparecem em Hesíodo; afirma-se que o único trecho em que elas aparecerem como nove, no canto XXIV 60, seja uma interpolação tardia. A palavra grega, Musa, tem relação etimológica com música, sendo estas as deusas que inspiram o canto. Também tem relação com *mens* do latim e do *mind* do inglês, lembrando da importância da memória para a tradição oral. As Musas são filhas de Zeus com

Mnemosine (Memória), a pedido dos deuses para que Zeus criasse divindades que os louvasse com o canto. São elas, *Calíope* (voz harmoniosa), que preside à poesia épica; *Clio* (célebre), à história; *Polímnia* (muitos cantos), à retórica; *Euterpe* (alegre), à música; *Terpsícore* (alegria da dança), à dança; *Érato* (amável), à lírica coral; *Melpômene* (canto), à tragédia; *Talia* (abundância), à comédia; *Urânia* (celeste), à astronomia. Há, como em todos os mitos, variantes a essas funções e ao seu número. Como se pode ver, elas presidem a todas as formas de manifestação espiritual (ver I, 1; VIII, 63, 73, 480, 488; e XXIV, 60).

Naus Simétricas: Esta expressão ressalta que os navios dos gregos tinham igual número de remos em ambos os lados (ver III, 180; e VI, 265).

Nausícaa: Filha de Alcínoo, rei da ilha Feácia, é a primeira que vê Odisseu quando ele chega à ilha. Esta lhe dá roupas e indica o modo de entrar em seu palácio e conseguir os favores de seu pai. Ela é oferecida a Odisseu em casamento, mas Odisseu prefere voltar para Penélope (ver VI, 17, 186; VII, 3; e VIII, 464).

Nestor: Rei de Pilo, filho de Neleu, casado com Eurídice (ou Anaxibie). Ele é chamado ora Neleio, por ser filho de Neleu, e ora Gerênio, por ter sido criado na cidade de Gerenia. Foi o único filho de Neleu que sobrevive ao ataque de Héracles a Pilo exatamente por estar ainda em Gerenia. Depois disso, toma o trono de Pilo. Muito célebre na *Ilíada* aparecendo como um velho prudente que dá importantes conselhos, aqui na *Odisseia*, ele ajuda a Telêmaco lhe oferecendo um carro e o filho, Pisístrato, como acompanhante para irem até a cidade de Menelau, Esparta, na Lacônia (ver I, 284; III, 17, 57, 202, 210, 345; IV, 161, 488; XI, 286, 512; XV, 48; e XVII, 109).

Noémone: Itacense que empresta um navio para Telêmaco ir procurar seu pai (ver II, 386; e IV, 630, 648).

Noite: (Nyx) Filha de Caos e mãe de uma série de seres: Morus (Destino), Ceres, Hypnos (Sono), Sonhos, Momus (Sarcasmo), Moiras, Filotes (Ternura), Geras (Velhice), Eris (Discórida), “Thánatos”, “Keres” etc (ver IV, 574; V, 294; XV, 8; e XXIII, 243).

Noto: Também chamado Áuster, é o vento Sul (ver V, 295; e XII, 325).

Oceano: Um rio-deus que circunda a terra toda, chegando até o Hades.

Odisseu, para chegar ao país dos mortos, segue até o fim de Oceano chegando no país da noite, onde moram os Cimérios (XI 14). O mais velho dos Titãs, filho de Urano (Céu) e Gaia (Terra). Ele faz par com Tetis, o lado feminino do mar. Eles são os pais de todos os rios e, na *Teogonia* de Hesíodo, alguns deles aparecem: Nilo, Alfeu, Eridanus, Strinon etc. Também com Tetis ele teve filhas, as oceânidas, deusas que tiveram diversos filhos com mortais e imortais. Elas personificam também os rios e as fontes (ver I, 50; II, 295; IV, 498, 552, 568; XI, 21; e XIX, 433).

Orestes: Filho de Agamêmnone e de Clitemnestra, é o vingador da morte de seu pai, que foi traído por Egisto e pela própria esposa, Clitemnestra. Orestes mata tanto Egisto quanto sua mãe. É com Ésquilo que Orestes se torna uma figura predominante e não tanto nos épicos homéricos onde nem parece haver menção a Orestes matando a própria mãe (ver I, 30; e IV, 546).

Pandareu: Filho de Merops, vários mitos obscuros são atribuídos a ele. Uma das vertentes diz que ele teria roubado o cão que tomou conta de Zeus quando criança e que depois da vitória sobre os Titãs foi confiado a guardar o santuário de Zeus em Creta. Depois de algumas confusões, Zeus consegue matar ele e sua mulher, Harmothoe, quando estes tentavam fugir. Suas filhas, órfãs, foram raptadas pelas Harpias e entregues às Eríneas como aqui na *Odisseia* é explicado. Também na *Odisseia* ele aparece como pai de Aedona (ver XIX, 518; e XX, 66).

Pátroclo: Maior amigo de Aquiles, é por ele que o herói volta para a Guerra de Troia. Aqui na *Odisseia* seus ossos estão na mesma ânfora que os de Aquiles (ver III, 110; XI, 468; e XXIV, 77).

Pélida: Ver *Aquiles.*

Penélope: Mulher de Odisseu que espera vinte anos sua volta da Guerra de Troia em meio aos pedidos dos pretendentes. Para os ludibriar ela diz que só escolherá um deles após tecer uma mortalha para Laertes, pai de Odisseu, e durante o dia ela tecia, mas durante a noite desfazia a parte que havia feito. Filha de Icário e de Periboea, uma Naiade. Por seu pai ela era nativa de Esparta, mas Icário foi levado pelo seu meio-irmão Hipocon e se refugiou em Aetólia na corte do rei Tesius. Em uma versão, o casamento deles se deu pois ela era o prêmio de

uma corrida que Odisseu ganha (ver I, 223, 329; V, 216; XI, 444; e XIV, 172).

Perséfone: Filha de Deméter e Zeus, é raptada por Hades e se torna sua esposa e rainha dos mortos. Sua mãe, horrorizada com o rapto, força Zeus a pedir a devolução da filha, pois torna toda a natureza estéril. No entanto, Perséfone já havia comido sementes de romã e por isso não poderia mais viver fora do submundo. Assim, Perséfone passa parte do tempo com a mãe, havendo então a primavera e o verão, e parte do tempo com Hades, havendo o inverno e outono. Em Roma é identificada com Prosérpina (ver X, 494, 509; e XI, 213, 385, 635).

Pisístrato: Filho de Nestor, por isso chamado Nestórida, acompanha Telêmaco até Esparta, cidade do rei Menelau. Heródoto (V 65) nos diz que o famoso tirano de Atenas recebeu este mesmo nome por sua família se considerar descendente de Neleu, pai de Nestor (ver III, 400, 482; e XV, 46, 131).

Polifemo: Ciclope filho de Posido e da ninfa Toosa. Aprisiona Odisseu e alguns de seus companheiros em sua gruta e come seis deles. Odisseu consegue fugir cegando-o e escondendo-se embaixo de uma ovelha e também por enganar o Ciclope dizendo que seu nome era “Ninguém” (outis). O Ciclope, ao chamar por ajuda dizendo que “Ninguém” o cegara, não é correspondido. É por causa disso que Posido se torna seu inimigo e atrasa em muito seu retorno a Ítaca. Polifemo já esperava esse acontecimento, pois o adivinho Télemo (IX 509) o havia predito que um humano chamado Odisseu o cegaria (ver IX, 407, 446).

Posido: Aqui na *Odisseia* é o maior inimigo de Odisseu, já que este cega seu filho, o Ciclope Polifemo. Posido é irmão de Zeus, filho de Crono e Reia, e é o deus das águas, especialmente do mar. É associado pelos romanos a Netuno, um antigo deus dos mares. É o deus dos terremotos e por isso é chamado de “o que sacode a terra”. Deus violento, passa aos seus filhos essa característica. Sua esposa é Anfitritie, uma Nereida (filha de Nereu) ou Oceanida (filha de Oceano), mas teve diversas amantes e vários filhos. Teve como uma de suas amantes Demeter, gerando o cavalo Areion. Gerou ainda gigantes e os ciclopes (ver III, 6, 54, 179, 334; IV, 500; e V, 282).

Príamo: O mais novo filho de Laomedonte, ele é o rei de Troia durante a guerra, mas já é bastante idoso. Pai de Páris que rapta Helena e de Heitor, o

maior herói do Troianos. Troia é muitas vezes chamadas de cidade dos muros de Príamo (ver III, 107, 130; XI, 533; e XIII, 316).

Proteu: Deus ancião marinho, filho de Posido que tem o dom da profecia, mas como forma de fugir de seus questionadores se transforma em vários outros seres. É o guardião das focas. Traído pela sua filha, Idoteia, é vencido por Menelau e conta a este o modo de ele retornar para casa e certos fatos que Menelau desconhecia. Da mesma forma, Aristeu, que havia ofendido Orfeu e as Ninfas, e portanto suas abelhas morriam, capturou Proteu enquanto este se banhava ao sol de meio-dia com suas focas, e obrigou que este revelasse o teor da ofensa, o modo de se remediar e salvar suas abelhas (ver IV, 365, 385).

Sereias: Alguns dizem que são filhas da musa Melpomene e do deus-rio Acheolo. Originalmente, são seres meio humanas meio aves, e não peixes como hoje em dia, e com um canto que enfeitiça os homens. Às vezes consideradas três, às vezes quatro, formando um trio ou um quarteto musical. São associadas à Perséfone e pediram suas asas quando sua amiga foi raptada por Hades, para procurá-la pelo mundo (ver XII, 39, 158, 167).

Sísifo: Pela etimologia quer dizer duplamente sábio. Antigo rei de Corinto, filho de Éolo. Famoso por ser muito esperto e pouco escrupuloso, suas lendas são sempre sobre algum truque seu. Tendo traído Zeus, este manda a Morte (Tanatos) capturá-lo. Sísifo engana a morte duas vezes, mas acaba sendo enviado para punição que vemos aqui na *Odisseia* (ver XI, 593). Também na *Ilíada* (ver VI, 154).

Tântalo: Filho de Zeus e Pluto (filha de Crono), muito rico e amado pelos deuses — era muito bem-vindo em suas festas. Existem várias vertentes para a terrível punição que ele aparece recebendo aqui na *Odisseia* e uma delas é a seguinte: querendo testar se os deuses eram mesmo oniscientes, ele mata o próprio filho e o entrega em um banquete (ver XI, 582).

Teoclímeno: Um adivinho filho de Polífides e descendente de Melampo. Foge com Telêmaco de Argos, sua cidade natal, por causa de um assassinato. Profetiza para Telêmaco quando eles desembarcam em Ítaca (ver XV, 256, 271, 508; e XVII, 151).

Teucros: Assim como “Troas”, é apenas outra forma de chamar os Troianos, o

povo de Troia (ver V, 309; VIII, 82; e XI, 382).

Tirésias: Famoso adivinho, filho da ninfa Cariclo. Existem várias vertentes de sua infância e do modo que recebe o dom da adivinhação. Uma delas diz que Atena o cega por tê-la visto nua, mas que pelo pedido de Cariclo, Atena lhe dá o dom da adivinhação. Outra história diz que, vendo duas cobras acasalando e separando-as, é transformado em mulher. Alguns anos mais tarde, andando pelo mesmo local, vê novamente duas serpentes acasalando e as separa de novo e volta a ser homem. Sua sorte se tornou famosa e um dia, Zeus e Hera, discutindo sobre quem sentia maior prazer no ato sexual, resolveram perguntar a Tirésias, já que ele havia experimentado os dois sexos. Sem hesitar, Tirésias diz que se o prazer sexual fosse divido em dez partes, a mulher ficaria com nove e o homem com uma. Hera, furiosa ao ver seu segredo desvendado, cega-o e Zeus em compensação o dá o dom da adivinhação. Aqui na *Odisseia*, Odisseu vai até o Hades lhe perguntar o modo de regressar à Ítaca (ver X, 492, 524; XI, 32, 50, 89, 139; e XXIII, 251).

Zéfiro: Também chamado Favônio, é a personificação do vento Oeste, filho de Astreos e Éos (Astros e Aurora). Como vingança de seu amor não correspondido por Jacinto que amou Apolo, Zéfiro fez um dos discos que Apolo lançara se desviar e matar Jacinto. Pai dos cavalos Xantos e Balios. É um vento mais brando e doce do que Bóreas (ver II, 421; IV, 402, 567; V, 295; VII, 119; e XIV, 458).

Zeus: Deus mais poderoso no Olimpo, é chamado por vários nomes: amontoador de nuvens, lança raios, fulminador, protetor dos mendigos, que vê ao longe, portador da égide (às vezes traduzido apenas por “poderoso”), o pai dos deuses e dos homens etc. Da etimologia do seu nome vem a relação com a claridade do céu. Sendo filho do titã Crono, é também chamado de Crônida. Ele é o terceiro patriarca da linhagem dos deuses, sendo o primeiro Urano (céu), e Crono o segundo. Este último, no tempo em que reinava, comia todos os filhos ao nascerem. Ao nascer Zeus, Reia, sua esposa-irmã, oferece uma pedra a Crono no lugar desse seu filho caçula. Depois de crescido, Zeus recebe de Métis (titânida “Prudência”) uma poção graças a qual Crono vomita todos seus irmãos engolidos. Junto com outros aliados, Zeus inicia a titanomaquia (guerra com os

Titãs), onde os Olímpicos são os vencedores.

Depois da vitória, Zeus dividiu o universo com seus dois irmãos: Posido fica com o mar, Hades com o mundo subterrâneo e ele mesmo com os céus. Possui duas águias que sobrevoam toda a terra todo dia e lhe contam tudo o que se passa no mundo. É o deus da fertilidade e por isso tem inúmeras uniões entre mortais e imortais, gerando assim diversos filhos. Zeus é o guardião dos estrangeiros e dos mendigos e punia severamente aqueles que não os respeitavam com as dádivas da hospitalidade (ver I, 10, 348; II, 34, 144, 216; III, 41, 132, 289; IV, 27, 341, 472, 561; V, 303; VI, 188, 207; VII, 311; VIII, 82, 306, 334; XI, 436; XII, 371; XIII, 127, 153; XVI, 260, 298; e XVII, 60).

SOBRE O AUTOR

Homero é considerado o maior poeta da Grécia Antiga. Estima-se que tenha vivido entre os séculos IX e VIII a.C. Sua obra foi composta e transmitida oralmente, e, devido à falta de evidências, alguns estudiosos chegam até a duvidar de sua existência.

Atribui-se a Homero, tradicionalmente, a autoria das obras *Ilíada* e *Odisseia*, dois clássicos que reconstituem a civilização grega com incrível riqueza de detalhes.

Equipe editorial

Daniele Cajueiro
Ana Carla Sousa
Maria Cristina Antonio Jeronimo
Guilherme Bernardo
Adriana Torres
Mariana Elia
Mônica Surrage
Pedro Staite
Leandro Liporage
Maicon de Paula
Vinícius Louzada

Revisão

Isabel Newlands

Diagramação

Elza Maria da Silveira Ramos

Capa

Maquinaria Studio

Imagens de capa e luva

iStock

Produção de ebook

Caio Fidry